O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.

Ferreira.

N. 1.º

JANEIRO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma Loja se faz a subscripção a 4000 reis por semestre.

INTRODUCÇÃO.

HE huma verdade, conhecida ainda pelos menos instruidos, que sem a prodigiosa invenção das letras, haverião sido muito lentos os progressos nas Sciencias, e nas Artes. Por ellas o Europeu transmitte ao seu antipoda as suas descobertas, e as mais doces sensações da nossa alma, os nossos mesmos suspiros (para fallar com Pope) vôão do pólo á India. Os homens de todos os Seculos são contemporaneos; e o sabio no seu gabinete instrue-se ainda hoje com os Archimedes e Appolonios; recrea-se com os Homeros e Anacreontes; consulta os Thucidides e os Livios; admira a eloquencia dos Demosthenes e Ciceros; e ligando eras interrompidas por longas series de calamidades, salta atravez das irrupções dos Barbaros, vôa a despeito das injurias do tempo, e prende remotissimos anneis da cadêa não interrompida dos erros do entendimento, e dos crimes do coração humano.

Mas instruidos pela physica de que os raios do Sol, que dispersos aquecem apenas os corpos duros, juntos em hum fóco derretem os mais densos metaes, os sabios se proposerão a communicar-se reciprocamente suas luzes, para que da união d'ellas resultasse aquelle in-

tenso calor, que vencesse a frieza da priguiça, e a dureza da ignorancia. As suas primeiras Obras abrirão o caminho a outras mais perfeitas. Debalde a inveja aguçou o dente; elles, á maneira dos Estoicos, forão insensiveis aos seus golpes, até que a morte levantou aquella unica barreira, que aquelle monstro jamais salta, saciando a sua hydropica sede nos vivos, como sentio, e cantou Ovidio. Elles desprezavão altamente as calumnias e improperios d'quelles homens, a quem com tanta propriedade se podem applicar as palavras de Cicero *natus abdomini suo, non laudi atque gloriæ.*

Estas pequenas Sociedades derão o berço ás grandes Academias, cuja utilidade está illustremente estampada em cada pagina das suas Memorias, e cujos Membros, fitos os olhos na posteridade, menoscabarão a fortuna.

Como porém se conseguirião estes grandes resultados, se o primeiro, que se abalançou a aquella empreza, descorçoasse com satiras importunas, ou sarcasmos insulsos? Aluido o alicerce, que deveria sustentar hum grande edificio, a ignorancia occuparia todo o terreno, e ufana imporía pezadas leis aos seus vassallos. Arredemos os olhos deste quadro medonho, e apanhemos o nosso discurso.

Convencido de que apodrecião no esquecimento Obras assaz recomendaveis, e noticias de sobra interessantes, sem que huma mão habil colligisse, e ordenasse aquelles dispersos mem-

bros, e formasse hum todo digno da attenção publica, doendo-me de que não acordasse a emulação á vista de tantos modelos das nações cultas, como se a posição physica retardasse a luz a chegar ao nosso horizonte; cego á insufficiencia de minhas forças, mas desperto ao brado da Patria; eu não hesitei hum momento em emprehender aquillo, que todos os Litteratos, primeiro que eu, havião pensado, e de que (infelizmente) abrirão mão, atterrados com os embaraços, que circunstancias melindrosas tornavão quasi insuperaveis. Era preciso hum homem, que não tendo que arriscar hum nome conseguido á custa de preciosas descobertas, ou de Obras de mão de Mestre, tivesse em pouca monta, assim applausos, como censuras; que expondo-se, como parapeito, aos tiros da maledicencia, salvasse os sabios escritores, que cooperassem com as suas luzes para o seu desempenho. Este homem appareceu; a inveja o apontou com o dedo, e ficou logo alvo da murmuração dos ociosos.

Não he este o lugar destinado para pezar as razões allegadas contra a minha empreza: depois de haver enchido a minha tarefa (se tanto podem as minhas forças) eu me vingarei de reflexões estereis, que havendo estorvado muitas Obras, nunca poderão produzir huma só. Nada ha mais facil do que no silencio do Gabinete, nos braços da ociosidade, censurar as alhêas Obras. Poucos conhecimentos

bastão para este fim. Os primeiros rudimentos da Grammatica põe huns ao alcance de condemnarem a linguagem, que (ainda mal!) desconhecem; e pode ser que huma ligeira lição de Romances seja muitas vezes a unica licença, que tem para censurar hum espirito espinhoso. Longe de mim consumir o meu tempo, e cansar a paciencia dos meus leitores, com a consideração, nem mesmo com a lembrança de similhantes censuras. Eu seria muito feliz, se homens de outra estofa não desconfiassem do exito. A difficuldade do desempenho, a mingoa de meios, a aspereza das circunstancias, ainda que alias motivos de indulgencia, dão nos olhos de homens previdentes, mais attentos, e mais reflexivos do que eu. Mas cedão huma vez á seria reflexão de d'Alembert: não se deve examinar se a Obra está bem feita, mas se era possivel faze-la melhor. Pensem maduramente que todas as cousas humanas começão por bem pequenas, e chegão depois á hum estado de grandeza e de esplendor. Da pequena semente se géra huma copada arvore, se mão dextra a regra, e Deus lhe dá o incremento.

Mas talvez tenho esperdiçado expressões? Não he provavel que algum sabio, nem mesmo erudito, se abata ao ponto de engrossar o partido, que costumão levantar obras desta natureza. Huma feliz experiencia me tem mostrado que elles se prestão de bom grado ao con-

vite, que lhes fiz no meu Prospecto; muitos até declarados Protectores deste Jornal, tem com todas as veras fomentado o seu augmento e esplendor, e seus nomes recommendaveis entre os literattos da nação honrão já este primeiro numero. Eu não perderei esta occasião de testemunhar o meu reconhecimento a tão serios desvelos, reservando para outro lugar huma mais particular menção.

Tenho a satisfação de que ninguem se persuadirá que o dezejo do lucro guiou a minha penna. Ha muitas cousas mais appreciaveis que o ouro, e estas, só estas, desafião a minha ambição; para a quelles porém, que forem de opposto sentimento, transcreverei as expressões de *Tito Livio*–*Operæ pretium est audire qui omnia præ divitiis humana spernunt, neque honori magno locum, neque virtuti putant esse, nisi ubi effuse affluant opes.*

Este primeiro numero não satisfaz ainda a todas as vistas do Prospecto, nem era possivel que satisfizesse pelas augustias do tempo. Nem por isso portanto enganamos a espectação dos leitores, pois a collecção de todos os numeros constitue o Jornal, e não só hum delles. Recebemos promessas, e honrosas expressões de Pessoas da 1.ª Ordem, que segurão a sua distincta co-operação; e portanto em vez de se julgar do merecimento da Obra por este N.º, como muitos aguardão, por ventura já dispostos a censura-lo desapiadadamente,

deve esperar-se que, melhorando successivamente, toque o grão de perfeição, que só do tempo póde esperar, não empecendo aos meus votos a minha insufficiencia huma vez que Sabios não se tem negado a honrar este periodico.

Tenho curado de misturar noticias nacionaes com estrangeiras, preferindo as primeiras. Algumas Obras que era impossivel caberem nos limites de hum Jornal, forão divididas pelos N.os seguintes. Deste genero hei dado algumas que são da mais decidida utilidade; vindo desta arte a abranger neste periodico escritos, que lhe escapavão pela sua extensão.

ARTES.

Memoria sobre o emprego do assucar combinado com a polvora, extrahida do Repertorio das Artes, Manufacturas, e Agricultura.

FRederico Alberto Winsor descobrio hum methodo de empregar assucar bruto e refinado na composição de varios artigos de mercadorias, em grande consumo, nas quaes até alli não se empregava; a maneira em que isto se consegue he a seguinte:

Havendo em cem partes de assucar sessenta e quatro de oxigenio, vinte e oito de hydrogenio, e só oito de carbonico, he claro que depois do nitro, este sal possue as qualidades mais inflammaveis e explosivas, excepto o oxigenado muriato de potaça. Por tanto se o assucar, quer em bruto, quer refinado, se secar com muito cuidado, e se reduzir a pó fino, em tres ou quatro horas de trituração, e depois se misturar com os ingredientes ordinarios de que se faz a polvora, na proporção de 25 partes em cada cem, ou proximamente, achar-se-ha igual á força das qualidades de polvora, que produz a mistura dos bem conhecidos ingredientes de salitre, enxofre, e carvão. Como a bondade da polvora depende principal-

mente da exacta trituração por dez ou quatorze horas, deve adoptar-se o mesmo principio de trituração com a mistura de assucar bem seco, na proporção de 25 partes em cem, ou proximamente. Como o assucar he sugeito a chupar humidade como o salitre, deve haver todo o cuidado em seca-lo, e guarda-lo bem arrolhado. Ou, se se misturar tres quartos de polvora, e se triturar bem com hum quarto de assucar bem seco, a inflamação e explosão será a mesma que se fossem as quatro partes de polvora. Nos fogos de artificio póde entrar o assucar de metade a hum terço na mistura da polvora, ou dos ingredientes de que se compõe os fogos; e por este meio este artigo de publico e particular divertimento, se póde fazer mais barato, e ao mesmo tempo augmentar o geral consumo do assucār. O assucar póde entrar em todas as combustões, em certas proporcões.

(*Repertory of Arts*, &c. n.º 125)

Novo methodo para refinar assucar por Luiz Honoré Henry Germain Constant, premiado a 27 de Fevereiro de 1812.

PReparo primeiro o carvão de madeira, lavando-o com agoa, que o limpe de algumas impurezas, que se suppõe ser de qualidade fu-

mosa e oleosa, e então o faço em pó grosso com pouca agoa por meio de hum moinho, ou qualquer outro, e depois môo muito sutilmente, acrescentando-lhe consideravel quantidade de agoa, por meio de hum moinho de mostarda, ou outra maquina, ou apparato conhecido para moer ou levigar; e neste estado de pó fino lavo bem o carvão, e extraho, detono, ou separo a maior parte da agoa, filtrando, ou coando, ou de outra sorte; e formo o dito carvão quanto á consistencia em massas de qualquer tamanho para guardar, mas com preferencia de tres palmos de diametro; e seco-o ao sol, ou por huma temperatura moderada, depois do que guardo para uso, em barris, ou outras quaesquer vasilhas; e em segundo lugar para clarificar ou refinar assucar mascavado, ou barrento, ou molle, encho o taxo de sufficiente quantidade de agoa, ou de agoa, que contenha assucar, e aquecendo-o a hum grão consideravel, ajunto o assucar, que pertendo clarificar ou refinar, tendo cuidado de meche-lo, ou sacodir para que não se queime no fundo do taxo; e apenas o assucar assim accrescentado está intéiramente derretido, examino a gravidade especifica da solução pelo instrumento chamado hydrometro, ou por outros meios bem conhecidos; e por huma completa addição de mais assucar, ou de mais agoa, segundo he mister, levo a solução á aquella gravidade especifica, que se deve ou póde melhor

ajustar á operação de clarificar ou refinar, como depois se explicará e declarará; e a fim de determinar mais pronta e exactamente, e declarar as gravidades especificas das ditas soluções de assucar, como de tempos em tempos o fiz, construo, uso, e emprego hum hydrometro feito com preferencia de vidro com hum globo, tendo a parte carregada para baixo, e para cima hum tubo cylindrico; e faço o dito tubo de tantas divisões ou gráos, que admitta quarenta divisões iguaes, ou gráos, que alli se marcão, de grandeza tal, a cerca dos intervallos, ou partes do tubo, entre cada divisão, ou gráo, e a divisão ou gráo seguinte, e immediatamente contiguo ou adjacente, que cada hum dos ditos intervallos ou partes seja respectivamente igual em volume a hum 226 avos do volume de toda a parte mergulhada do dito hydrometro, quando está em agoa pura, e ajusto de sorte o seu contrapezo, e faço de tal maneira o numero das ditas divisões ou gráos, que o superior traço ou signal de divisão seja numerado O, e coincida com a superficie da agoa pura, quando nella se metter o instrumento; e que o traço seguinte ao inferior ao dito seja numerado 1, e coincida similhantemente com a superficie de hum fluido mais pezado do que a agoa; e o seguinte inferior tenha o numero 2, e os outros regularmente 3, 4, 5, 6, &c. até 40; e declaro que, por quanto são bem sabidos os principios

e methodo de constituir hydrometros, ou instrumentos de fluctuação, e as fórmas e relações das partes destes são susceptiveis de grande variação, descrevi o hydrometro, de que faço uso, não por me persuadir que elle he, ou póde ser o unico instrumento, que se póde empregar no meu referido methodo, mas porque eu o prefiro, e as minhas descripções aqui dadas, quanto á expressão das gravidades especificas, são accommodadas ao mesmo instrumento, e por tanto julgo desnecessario dar mais particulares instrucções a cerca do mesmo; e alem disto, quando clarifico ou refino assucares molles de baixa qualidade, faço ferver a calda até a grossura da gravidade especifica de 28 gráos do meu hydrometro, e no caso de assucar de boa qualidade, levo a calda a 30 gráos: e quando o assucar he branco, a 32 gráos. E declaro que a utilidade e vantagem de regular a gravidade especifica das caldas, como fica dito, provem das considerações, que no caso da calda ser muito grossa ou pezada, a clarificação por meio da preparação de carvão, como havemos exposto, seria menos efficaz; e se a calda fosse muito delgada ou leve, seria necessario evaporar por mais tempo, e esta continuação de evaporação faria mais ou menos damno á cor e belleza do assucar clarificado; depois, logo que está feita a calda, e levada á competente gravidade especifica, como fica dito, accrescento ao fluido em fervu-

ra huma quantidade de carvão preparado e pul-
verisado, como está explicado, até a quanti-
dade de 5 a 10 libras de carvão por cada cem
de assucar, que se tenha dissolvido em agoa
no taxo; e eu tenho cuidado em empregar maior
quantidade de carvão para os assucares baixos
do que para os melhores; e neste particular o
operador não póde deixar de acertar, bem que
a sua prudencia e conhecimento a respeito das
quantidades de carvão preparado, que se devem
empregar com as differentes qualidades de as-
sucar, necessariamente se aperfeiçoará com a
pratica, e não he possivel, escrevendo huma ins-
trucção, apontar todas as pequenas variações no
processo, como a pratica indicará. Feito isto,
eu mecho, e misturo bem o dito carvão, e
a calda, e depois deixo-o descançar por pouco tem-
po, e então esperto o fogo para fazer ferver
a calda o mais breve possivel, e para que quan-
do esta houver subido pela ebullição, e chega-
do quasi ao ponto de ferver por fora, eu dei-
te (como nas refinações ordinarias) clara de
ovo, ou qualquer outra materia albuginosa, e
misture bem, e mecha com força, depois do
que faço subir outra vez a calda pela ebulli-
ção, para que a materia albuginosa coalhada
se levante em fórma de espuma, trazendo com
sigo o carvão e as impurezas do assucar; e
então deixo tudo em descanço, em hum calor
muito brando; e logo que o carvão tem che-
gado á superficie, eu escumo, e quando não

resta mais carvão, filtro a calda; e logo que
quantidade de mascavado, ou outro assucar
molle, que se pertende clarificar, houver si-
o tratada como fica dito, ajunto todo o car-
ão, que obtive da escuma, e ajunto-lhe hu-
na sufficiente quantidade de agoa, para o fa-
er aquecer bem, mechendo-o continuamente,
para que se não pegue, ou queime no fundo,
depois de haver subido pela fervura, tiro o
ogo, e ponho o carvão sobre o filtro para
separar a calda fraca; e depois de bem sepa-
rada esta, lavo o carvão em agoa pura, que
e pôs a ferver no taxo, e faço uso desta
goa nas seguintes soluções, e clarificações de
ssucares.

Declaro mais que caso seja inconveniente
or alguma causa, ou circumstancia, lavar o
arvão immediatamente depois de filtrado, el-
não haverá mudança pela fermentação, ou
de outra maneira, no espaço de hum mez,
guardando-o tanto tempo. Como parte da mi-
nha dita invenção ou methodo, construi, e uso
de huma fornalha para aquentar, ferver e eva-
porar a calda, na qual não só emprego por-
tas e registros na grade, chaminé, e cinzeiro,
como se usa em outras obras, para regular,
affrouxar, ou apagar o fogo; mas tambem em
particular, e como huma parte privativa e im-
portante da minha dita invenção, construo e
uso de huma chapa de metal, ou de outra qual-
quer materia, que póde escorregar, ou mo-

ver-se para dentro e para fora do fogão, ou aliás mudar-se quanto á aquella situação movendo-se sobre corrediças, ou rollos, ou rodas, ou outros similhantes esteios, ou sobre hum gonzo ou eixo, de maneira que a mesma chapa, quando for mister, se ponha entre o fundo do taxo e o fogo, ou a lenha que arde, e suspenda immediatamente, ou estorve o effeito do calor sobre o que se contém no dito taxo, e similhantemente por hum movimento contrario, ou differente, possa a arbitrio ser affastado, ou restituido á primeira posição, e immediatamente deixe o fogo, ou a materia, que arde, exercer a sua acção contra o fundo do dito taxo, e sobre o que elle contém.

A principal vantagem, que resulta da dita invenção que consiste no uso das ditas reformas em fornalhas, he o seguinte: a saber, que como, não obstante o cuidado e attenção, que se póde empregar em separar o carvão, escumando e filtrando, como se tem dito, huma pequena porção de carvão em particulas muito miudas se torna todavia perceptivel na seguinte evaporação da calda clarificada, que se levanta á superficie; por tanto logo que eu sinto que tem subido tudo, modero a acção do fogo por meio das portas, ou registros, e da chapa acima mencionada; e depois que a calda estiver tranquilla, e continuar assim alguns minutos, escumo o dito carvão, e qualquer outra impureza, que possa ter escapado pelo filtro.

Igualmente que como, secando os assucares, ou na subsequente refinação, ou branqueação, barrando ou de outra sorte, as caldas que correm, infallivelmente hão de ficar nos potes hum tempo consideravel, e se acha que tem lugar certo grão de fermentação, ou mudança espontanea n'aquelle intervallo de tempo, por meio do qual se gera huma espuma branca consideravelmente acida, e de hum cheiro desagradavel, que não se póde sufficiente, e efficazmente separar na evaporação ordinaria; por tanto no dito methodo, apenas acontece a primeira fervura, por meio da qual sobe á superficie a dita materia acida branca, e desagradavel, modero o fogo, o que produz o effeito sobredito, e deixo que a composição fique tranquilla hum ou dois minutos, e então escumo toda a dita materia branca e desagradavel, e quaesquer impurezas, se as ha, que appareção na superficie da calda; e por este meio se livra a calda de mostrar mais sinaes de effervescencia, e a gran do assucar se torna mais bella, e o assucar se torna mais fino, e muito mais claro, delicado, e de gosto mais agradavel do que quando se refina ao modo ordinario; e porque no processo ordinario de evaporar caldas, se achou expedito e necessario quando o fluido se levanta subitamente, de maneira que corre perigo a calda que ferve, lançar-lhe hum pedaço de manteiga ou de gracha, que tem o effeito de moderar a fervura,

porém faz mal á cristalização, e tambem ao sabor e cheiro dos assucares; no meu methodo eu evito inteiramente o dito inconveniente, e modero a fervura, quando he necessario, pelas portas ou registros, e mais particularmente pela chapa que acima descrevi; e em terceiro lugar a respeito de refinar os assucares em caras, ou pães, em vez do antigo methodo de barrar, eu consigo e fórmo o mesmo, coando gradualmente a calda purificada fria pelos ditos assucares, a fim de clarificar a calda côrada, ou melasso, que occupa os intersticios entre os cristaes do assucar na primeira formação; e declaro que importa muito que a calda de que se faz uso para coar, seja da conveniente força, ou gravidade especifica, porque huma calda de grande fortaleza, ou gravidade especifica, não correria com a melhor vantagem, e huma calda de pouca força, ou gravidade especifica, dissolveria huma parte dos mesmos cristaes, e por tanto faria cavidades na massa do assucar, pelas quaes cahiria principalmente a calda, e o assucar não só tomaria huma configuração incerta e irregular, mas igualmente lhe seria impossivel conseguir o grão de purificação, que se quer. Para os assucares brancos a calda fria para coar deve ter huma consistencia de 38 grãos, e se o assucar tiver a gran apertada, a calda deve ser de consistencia de 37 grãos e hum quarto, a 37 grãos e meio; mas se o assucar for le-

ve e de gran aberta, deve empregar-se a calda de 38 grãos. E quando os pães de assucar se devem refinar, ou branquear, a parte superior do pão chamada vulgarmente a ponta, deve tirar-se com huma faca, ou outro instrumento proprio, até que o assucar pareça firme e solido, e então a mesma se volta decima para baixo dentro, e ao longo de sua forma, e depois de huma hora, ou mais, ou menos, segundo a qualidade do assucar, sacudo, ou bato o mesmo sobre o pão para separar o pão da sua forma, e fexo a abertura que está na ponta da forma com hum pedaço, ou rolho de trapo; e depois torno a pôr o pão (na sua forma) com a ponta para baixo tão direito quanto he possivel, e por este meio deixo a calda (que naturalmente nelle se inclue) tornar á ponta do pão, e depois accrescento huma competente quantidade da mesma calda branda purificada, que tenho cuidado de ter mais ou menos em quantidade, e ainda em pureza, segundo a natureza do pão de assucar que se quer refinar; quer dizer; se o assucar for já muito fino, accrescento só huma pequena quantidade da calda mais branda, mas se o assucar for mais amarello, emprego maior quantidade de calda, que póde ser de inferior qualidade, como logo se expõe; e no fim de 24 ou 28 horas, segundo o assucar era dantes mais ou menos fino, tiro o rolho de trapo, e deixo correr a calda amarella, ou es-

cura, ao mesmo tempo que lhe substituo a calda branca, e desta sorte o assucar ou fica perfeitamente fino, ou muito melhorado, segundo a qualidade do assucar, e meios que se empregárão.

Declaro mais, que pelo meu methodo se póde branquear ou refinar todos os assucares sem precisão de volta-los ou agita-los, ou metter-lhes hum rolho, como se tem ensinado; mas que neste caso ha risco de manchas e irregularidades de cor nos ditos pães de assucar perto da ponta, que póde antecedentemente ter sido de cor escura; e tambem que o escoamento da primeira calda póde fazer o pão poroso, e fazer que a calda branca passe promtamente pelas maiores passagens, ou póros, em vez de encher o seu officio de levar diante de si a calda amarella, e refinar competentemente o assucar, como se pertendia fazer. E mais, que eu emprego e applico a calda, de que se fez já uso na purificação por coa dos assucares brancos de boa qualidade para purificar similhantemente os pedaços ou massas de assucar obtidos da primeira vez pelas caldas purificadas por meio do carvão preparado no taxo, como acima se ensinou.

E mais que eu faço uso e applico as caldas, que se empregarão em purificar por coa assucares reaes, ou de superior qualidade, para purificar da mesma sorte assucares communs muito bons; e que as caldas obtidas desta ul-

tima mencionada coa, se pódem da mesma sorte empregar em tres operações, e depois sem mais preparação se póde ferver para manufacturar em massas. E finalmente que, no acto ou operação de filtrar as caldas acima referidas, e que se pertendem formar, acho muito conveniente sustentar o filtro, sobre, ou dentro de hum cesto, feito de proposito de conveniente grandeza e figura para este fim, e ponho o filtro assim sustentado sobre certas grades, ou esteios fixados atravez de huma propria gamela ou canoa, que tem hum cano e torneira na parte inferior para extremar os primeiros sahidos (que são menos claros) dos subsequentes sahidos claros, e voltando outra vez os primeiros sahidos ao filtro, como se costuma fazer em operações desta, ou de similhante natureza.

AGRICULTURA.

Memoria sobre a cultura dos algodoeiros, por Manoel Arruda da Camara, Doutor em Medicina pela Universidade de Montpellier, da Academia das Sciencias da mesma Cidade, Correspondente da Sociedade de Agricultura de Pariz, e da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e Naturalista empregado no Serviço de S. M. Fidelissima na Capitania de Paranambuc.
Anno de 1797.

CAPITULO I.

Da antiguidade do uso do algodão, e da vantagem, que tem resultado a Portugal, e a Paranambuc, da sua cultura.

HE huma especie de mania, que allucina os escriptores menos Filosofos, o quererem attribuir á sciencia ou á arte de que tratão huma antiguidade, que dáte quasi com o do primeiro homem. Se he certo, como devemos crer, que Adão teve sciencia infusa, pouco menos idosas são quasi todas as artes, que elle; mas o pouco progresso, que ellas tem tido, mostra que as suas origens não remontão tão alto: Adão seria muito sabio, mas seus filhos tem sido muito nescios; porque, ou nada apprenderão daquelle primeiro Pai, ou, se ap-

prenderão, depressa se deixarão esquecer; tanto assim que para descobrirmos as origens de algumas artes, he necessario desandar-mos os longos caminhos, que tem corrido os Seculos, e procurarmos, apalpando pela obscuridade dos tempos, alguns mal distinctos vestigios, dando aos seus primeiros inventores honras, e louvores quasi Divinos: as sciencias são como estes grandes rios, que conduzem soberbamente immensa quantidade de agoa: navegue quem quizer por elles acima buscando a sua origem, chegará a ficar em secco sem saber verdadeiramente aonde nascem; pois abrindo-se pouco a pouco em pequenos e insignificantes regatos, vem estes a acabar em humidades tão diminutas, que nem cobrem a arêa sobre que correm.

A necessidade e o acaso, são as duas principaes mäys ou fontes, donde nascem as sciencias e as artes: as necessidades crescem, e se multiplicão á proporção que se civilisão os póvos; nos homens, que vivem rusticamente, perto, para assim dizer, de huma vida selvagem, as suas necessidades não se estendem a muito: assim as mais antigas artes e sciencias devem ser aquellas que interessassem a existencia e o commodo, tal qual podião ter os primeiros homens, vivendo frugalmente, formando quando muito pequenos arrayaes, de costumes simples, como elles mesmos, sahidos ha pouco das mãos da Natureza.

Pelo que a Agricultura dos alimentos, a

Medicina, a Cirurgia, que interessavão immediatamente a sua saude, e a sua existencia, deverião occupar o primeiro lugar na ordem dos tempos; a invenção de tecer panos creio que deve ser muito posterior, não só a estas, mas ainda a outras artes de primeira necessidade; porque os primeiros descendentes de Adão, habitando hum paiz e clima benigno, as injurias do tempo não erão assás fortes para os obrigarem com tanta presteza a inventarem vestiduras (1).

(1) O pudor, que hoje nos parece tão natural em hum e outro sexo, não podia decidir o homem a inventar, nem dar o minimo passo para a invenção da arte de tecer; porque a maior parte do povo selvagem, que vive nos bosques do Brasil em hum estado bem vizinho ao natural, anda inteiramente nua: eu vi na Aldea de S. Gonçalo na minha viagem do Piauhi, cento e sessenta indios, Gamelas de nação, desentranhados ha pouco daquelles vastos matos, andarem inteiramente nús, e tão despejados, que se apresentavão assim mesmo á maior publicidade, tanto mulheres, como homens. Se aponto só os 160 indios, não he porque deste pequeno numero queira fazer huma regra tão geral, mas porque só estes são os que eu vi, e os que os immensos bosques do poente nos encombrem são infinitos, que como aquelles andão todos nús.

Seja como for, hum discurso bem simples nos póde persuadir que o algodão foi a primeira substancia do reino vegetal, de que os homens se servirão para fabricar os seus primeiros panos; porque a natureza já a produz apta para se poder fiar, como todo o mundo sabe, o que não acontece a respeito do linho e da seda, as quaes exigem longas e peniveis preparações, antes de se pôrem no estado de se fiar; o que só huma longa serie de tempos, experiencias, e casualidades poderião ensinar.

Bem se vê que este discurso não prova de facto, e só faz ver huma probabilidade, pela qual podia ser o algodão empregado, primeiro que toda outra qualquer substancia, nas vestiduras. Eu tenho procurado pela obscuridade dos seculos passados, a ver se acho a epoca em que principiou o uso do algodão, e o mais a que tenho chegado he descobrir que, muito antes de Moyses, se elle vestia, e que já naquelle tempo se fabricavão tão primorosos panos de algodão, brilhando tanto a arte, que os Principes fazião delles mimo precioso: para prova disto, basta deitarmos hum golpe de vista para a historia, que o mesmo Moyses nos conta de José; ahi vemos, que os presentes que Farahó lhe fez, quando interpretrou os seus sonhos misteriosos, entregando-lhe as rédeas do governo do Egypto, e fazendo-o subir na sua carruagem, foi hum anel de pedras pre-

ciosas, e huma tunica ou vestido de pano de algodão. (1)

Para finalmente formarmos hum juizo a respeito de quanto he antigo o uso do algodão, basta reflectirmos, que os mais antigos povos traficavão com elle desde muito antes de Pythagoras: os Phenicios e os Gregos, não só hião beber as sciencias e as artes á sua fonte, quero dizer, na India, mas tambem hião lá comprar fazendas de algodão, para virem depois revender pelo resto do mundo então sabido. Naquelle tempo a arte já tinha tocado hum gráo superior de perfeição nessas remotas paragens; mas ¿ que seculos deverião correr antes

---

(1) *Donavit illum stola byssina.* Genes. Ainda que tomavão *byssus* em diversas accepções; porque humas vezes chamavão *byssus* hum genero de planta parasitica, que Lineo arranja na classe *criptogamia*, bem affine com a *conferva*; outras vezes entendião pela seda, outras pelo algodão. Com tudo se devemos dar credito ao que Polux e Filostrate nos dizem do *byssus* do Egypto, não podemos deixar de crer que era de algodão o vestido que Farahó deu a José: porque dizem elles que se chama *byssus* a hum arbusto, que cresce no Egypto, que produz capsulas, as quaes abrindo-se lanção de si huma substancia lanosa, que se fiava, e de que se fabricavão panos.

que lá chegasse, como acconteceu a muitas outras artes, que nos parecem faceis!

A nossa mestra a necessidade, já acordou a Iglanterra, e as mais Nações civilisadas da Europa, e dentro destes tres ultimos seculos, lhes tem ensinado a rivalisar com a India, na arte de tecer panos de algodão, e tem cortado em parte aquelle rio de dinheiro, que corria continuadamente para o Oriente. Portugal mesmo, ainda atordoado do veneno da ignorancia, que lhe communicou Hespanha, no tempo da nossa infeliz sujeição a esse Reino, tem eregido fabricas, que trabalhavão á competencia, e que se vão aperfeiçoando cada vez mais.

Depois dos solidos estabelecimentos da Europa neste genero, de diversas partes do Mundo concorrerão algodões a fornecerem ás suas fabricas a materia prima. Da Asia forão Smyrna, Chypre, Alexandria, Acre, Surrate, Sião; da America as que fornecião algodão erão Surinam, Martinica, Cayena, Guadalupe, Cartagena: Maranhão antigamente não deitava algodão algum para a Europa, e só o cultivavão para gasto do paiz, que era tão pobre, que o fio, que seus habitantes fiavão do algodão, era a moeda Provincial, servindo-se della para comprar o que precisavão, de sorte que até nos açougues a carne era comprada a troco de novellos de fio: até que o Illustrissimo Senhor General Telles animou os agricultores, obri-

gando a Companhia a fiar de muitos escravatura, ferramentas &c., e desde então principiou o Maranhão a enriquecer e augmentar.

Paranambuc nesse tempo ainda não pensava, que este genero seria capaz de vivificar o seu porto, e procurar-lhe huma subsistencia igual á do assucar, que então o disvelava. Na Paraiba foi onde primeiro sonharão em mandar algodão para Portugal; mas o estimulo da ambição não picava muito os animos amortecidos e encolhidos debaixo da pobreza, a cultivarem-no com a energía, de que erão capazes: a noticia do grande lucro, que podia dar o algodão a quem o cultivasse, foi penetrando pouco a pouco os matos, e dispertando os agricultores. Nos annos de 1777 até 1781 animarão-se os povos de huma nova força; então he que se virão os interiores dos sertões mais habitados e cultivados; e tem de tal modo fomentado a cultura e o negocio do algodão, que admira: e para se ter huma idéa a esse respeito, vou pôr á vista huma taboa, Synoptica, não só do algodão, que de Paranambuc tem sahido desde 1786 até 1796, mas ainda dos mais generos, por onde he facil calcular o proveito que delle tem resultado ao agricultor, aos negociantes que com elle tráficão, e á nossa Soberana.

Ainda que a primeira porção de algodão que de Paranambuc se mandou para Portugal, foi em 1778, com tudo, o numero das arrobas desde então até 1781 foi muito diminuto, e desse anno por diante, he que se foi augmentando mais consideravelmente este genero.

Daqui se vê quanto he importante a cultura do algodão em Paranambuc, pois o grande lucro, que promette, impelle a todos ao trabalho, tirando-os da ociosidade; dá valor ás terras que dantes o não tinhão, com summo proveito do proprietario; anima o negociante ao mais vivo trafego, fazendo mais importante o nosso porto, e mais frequentado o de Lisboa pelos estrangeiros, que dão todo o consumo; os donos de navios tem avultado lucro nos seus fretes; pois que tem chegado a 1$200 por cada arroba; S. Magestade mesmo percebe direitos, que não são de despresar-se.

Até aqui tenho fallado do uso, que tem este genero no commercio para as fabricas de panos; agora tocarei de passagem noutros usos, que se podem estender muito, tanto na economia, como no uso medicinal.

As sementes do algodoeiro são compostas de huma fécula de mucilagem e de hum óleo, como tenho verificado muitas vezes por via de analyse: a dóze de azeite que tenho extrahido dos caroços do algodão, tem differido muito, de sorte que huma experiencia nunca condiz inteiramente com outra; porém tenho verificado que se aproxima mais á rasão de 8 : 1, ou $\frac{1}{8}$.

A qualidade deste óleo he excellente para

luzes, porque dá huma luz muito clara, e não he tão sujeito a fumar e a fazer murrão; mas as experiencias, que tenho feito, he tendo o trabalho de descascar os caroços hum por hum, e pizando unicamente a amendoa, o que he impraticavel em grande; e a maior difficuldade, que me parece ter para a execução do trabalho em grande, he serem as cascas ou pelles destes caroços elasticas, pelo que antes se amassão debaixo do estilo ou mão de pilão, do que quebrão; e para adquirirem a fragilidade sufficiente, he necessario levarem hum sol extraordinario, o que faz esta pratica difficil e quasi superflua em hum paiz como o nosso, onde temos grãos ou pevides muito mais convenientes do que esta para a fabricação do azeite. (1)

---

(1) Temos na verdade outras sementes de que com mais facilidade se póde extrahir azeite, como as do carrapato *Ricinus palma Christi Lin.*, andiroba *corrupto vocabulo* gendiroba *Fevilea cordifolia*, e desta fructa se extrahe o azeite com tanta facilidade, que basta deitar-lhe agoa fria depois de pizada, e sem hir ao fogo todo se appresenta na superficie; e delle tenho feito bom sabão para os usos domesticos, fazendo unicamente a lixivia, ou decoada caustica por meio da cal virgem, cujo annuncio já fiz a hum dos editores do *Palladio Portuguez*, e muitas pessoas já usão delle

A casca do arbusto, que nos dá algodão, he filamentosa, e contém linho, bem como todas as plantas malvaceas, a cuja familia natural pertence; pelo que bem podia servir ao menos para cordas, para estopa, &c.; porém

---

por minha insinuação, e espero que se vá vulgarisando cada vez mais. Temos outro óleo, que se extrahe com facilidade da fructa de hum arbusto chamado vulgarmente *batiputá*, que ainda não tive occasião de reduzir ao systema de Lineo, por não o ver florente: além disto temos duas especies de mandobim *Arrachis hypogea* Lin.: que dão muito azeite bom até para a meza. O azeite de coco *cocus nucifera*, e de outras especies de palmeiras como o *catolé*, *baba-de-boy*, *buriti*, an? *Mauricia* Lin. O pichi-y, que por ser genero novo lhe dei o nome de meu mestre *Chaptalia Pichi-y*, *Palladio Portuguez*, de cuja polpa se extrahe azeite comivel e muito saboroso, delicias dos habitantes do sertão; da amendoa do caroço extrahi excellente sebo. O azeite de gergilim *Sesamum Orientale* tambem he excellente, e esta semente rende muito. O oleo da *Oiticisca*, que entra na classe *Octandria*, mas ainda não está descripto o genero, e nem eu o descrevi por estar a flor imperfeita. Não fallo em outros muitos fructos, de que se póde extrahir oleo, como a castanha do cajú *Anacardium Occidentale*, o jucá não descripto &c.,

tambem no nosso paiz não temos necessidade, e nem devemos applicar esta casca a estes usos por duas rasões: I. porque extrahida que seja a casca deste arbusto, elle morre, e não nos dá o lucro para que principalmente o cultivamos; II. porque o linho que dá não he tão forte como o do *Caruhá*, *Caraguatá* (1), *Caraguatá guassú*, ou piteira (2), *embira branca*, *embira vermelha*, *jangada*, *mororó de espinho*, *barriguda*, *macabiba*, *araticuns*, *carnahubas*, *ticuns*, *carrapixo guaxumus*, &c., das quaes plantas a maior parte n o foi ainda descripta por botanico algum, e que deverião merecer ao Ministerio huma indagação a respeito das suas tenacidades e mais qualidades proprias para cordoaria, e eu não vejo trabalho feito neste genero, que nos ponha debaixo dos olhos huma taboa synoptica, para que pela comparação nos possamos desenganar de termos o gosto e a conveniencia de usarmos na nossa marinha dos linhos que o nosso paiz nos offerece naturalmente com tanta abundancia, de prefe-

---

e sobre este objecto estou preparando huma dissertação, que falta pouco para lhe dar a ultima mão.

(1) Em quanto a mim este *Caraguata* não he o *Filandria utriculata*, nem outros deste genero como vulgarmente se crê; mas he huma especie do genero *Bromelia*.

(2) Agave Americana.

rencia ao canhamo (1): eu ao menos nas duas dissertações que leio na collecção da Academia, não vejo nenhuma que tenha preenchido dignamente, e como deve ser, este objecto; huma que trata da *guaxuma*, nem ao menos nos diz de que genero he esta planta, nem nos dá meios systematicos de a conhecer: a segunda ommitio as principaes plantas, que julgo se aproximão mais á satisfação do nosso interesse. Eu não tenho até agora podido occupar-me inteiramente deste objecto; porque as occupações tendentes á minha subsistencia me divertião destas indagações, ainda que proprias do meu genio; mas agora que tenho a honra de ser empregado no serviço de S. Magestade na indagação dos productos de Historia natural do meu paiz, não deixarei de lançar mão deste artigo com brevidade, pois o acho de muita importancia, e o tratarei conforme permittirem as minhas poucas forças.

Hum quarto uso do algodoeiro que ha no nosso paiz, principalmente nas partes remotas, he o medicinal. A necessidade tem ensinado aos nossos rusticos, a virtude vulneraria, que possue o calix e as folhas desta planta; elles pizão qualquer destas partes, e espremem o succo sobre as suas feridas, e obtem hum prompto effeito deste medicamento: eu não tenho visto esta pratica, mas tenho-me

---

(1) *Canabis Sativum* Lin.

visto na precizão de usar delle em muitas occasiões, e em feridas muito consideraveis, e estou tão persuadido desta virtude do algodoeiro, que ainda na concurrencia de outros vulnerarios, prefiro sempre este. Eu attribuo esta virtude a hum balsamo, que contém, tanto as capsulas, como o calix e folhas, em pequenos foliculos espalhados na superficie destas partes, o que dá a vista de pequenos pontos denegridos; bem como o oleo essencial da laranja e do limão, que he igualmente contido em pequenos foliculos na superficie da casca. Eu tenho obtido algumas porções desta substancia, raspando e expremendo com a lamina de huma faca a superficie da capsula. O cheiro e a propriedade de se dissolver no espirito de vinho me dizem, que se póde arranjar no numero das rezinas cheirosas, ou balsamos.

(Continuar-se-há.)

Memoria sobre a plantação e fabrico do Urucú. por B,*

MR. Leblond cultivador em Cayenna, entre outros serviços que prestou á agricultura, deo-se á cultura e fabrico do urucú, do que tirou grande partido; sobre este artigo apresentou as suas observações ao Instituto de França, e sendo encarregado de as examinar Mrs.

Desfontaines, de Jussieu, Cels, e Vauquelin, todos convierão da sua utilidade: á amizade de Mr. Leblond devi a comunicação deste seu trabalho; e he o suco da sua memoria e conversação a este respeito que vou dar ao publico convencido de que póde ser util ao meu paiz.

PRIMEIRA PARTE.

Cultura do Urucuzeiro.

O Urucuzeiro he a *Bixa Oreliana* de Lineo, e da familia das Tilliaceas: florece em ramilhetes de cor vermelha desmaiada, e ás flores succedem capsulas cobertas de pontas moles, e assás semelhantes ao ouriço das castanhas; são verdes ao principio, e passão gradualmente á carmezim, cor que tem quando estão maduras: e conhece-se que o estão, quando apertadas estalão; he então o momento da colheita, pois que mais tarde abrem-se por si, e as chuvas causão perda da materia colorante.

As lagartas não atacão o urucuzeiro, as chuvas e humidade lhe são favoraveis; o seu maior inimigo he o grande calor.

Esta arvore he indigena d' America meridional, e entre os tropicos e paizes quentes da mesma; e huma vez que se suba a quinhentas toezas do nivel do mar, senão encontra; assim buscar-se-hião em vão em Pamplona,

Santa Fé, Quito &c. &c. O uso que os Indios fazem do urucú pintando o corpo, deo a idéa de o empregar na tinturaria; a cubiça fez com que o pizassem, macerassem, e fermentassem, para augmentar o pezo, mas a venda lhe não correspondeo, e a diminuição do preço fez esmorecer a cultura, de modo que nas Ilhas do vento ex gr. apenas resta a lembrança de o haverem cultivado. Os habitantes porém da Guyana franceza reduzidos só á cultura das terras que senão innudavão, por necessidade continuarão com o urucú, mas cahio de preço, e a cultura foi desprezada, todavia tornarão-a a abraçar, e se exportarão desde 1790 até 1792 de 237 á 372 milheiro: e finalmente aproveitarão para esta cultura os pantanos esgotados.

Esta planta vem igualmente bem de semente e de estaca, se as primeiras retardão mais a colheita, em contraposição as arvores são melhores; e durão mais, fórmão-se viveiros, e chegando as plantas á altura de 10 polegadas, são boas de transplantar; os viveiros devem ser bem limpos, e renovados para poderem suprir ás faltas da plantação.

Segundo a qualidade da terra he que se deve marcar a distancia das arvores; esta deve ser tal que os ramos se não cruzem afim de que o ar e a luz circulem livremente, e a inflorecencia de todos os ramos se facilite; 22 pés he a distancia, que em geral se póde mar-

car nas boas terras, pois que seus ramos occupão o espaço de 20 pés, nas terras altas e más apenas occupão de 8 á 9 pés. Aos quinze mezes florece, e seis mezes depois dá a primeira colheita, que se póde avaliar em 250 libras por quadrado de 50 toezas, e nos 6 mezes seguintes dá ainda 250 libras; no anno seguinte apenas dá 200 libras, e depois murcha e morre. Nas boas terras altas, sobe á 15 pés, e mais alto subiria, se quando chega á 4 ou 5, se decotasse, então ramaria por baixo, o que seria vantajoso. Em taes terras exige a distancia de 18 á 20 pés de planta á planta, e dura de 6 á 8 annos, começando a produzir aos 18 mezes; e cada quadrado chega a dar até 2 mil libras por anno, quando tem dois annos he huma planta completa, mas desde o 5.° começa a diminuir de producto. Este porém nas terras baixas he mais vantajoso, e só para o 7.° anno he que começa a diminuir; aos 20 mezes dão até 3 mil libras por quadrado, e aos dez annos inda dão metade.

A plantação d'urucuzeiros deve ser o mais bem alinhada que o terreno permitir, bastava a boa vista para isto se não desprezar, com effeito dificilmente se encontrão arvores mais lindas, ou estejão em flor, ou em fructo, o bello carmesim deste contrasta admiravelmente com o verde claro das folhas; de mais, alinhando as arvores, dá-se com certeza a distancia devida de pé á pé, os trabalhos da limpa

e colheita são mais faceis ; sabe-se que entre duas arvores separadas de 18 á 20 pés são precizas tres pessoas para a largura da rua , e que 33 arvores dão a tarefa ordinaria de cem toezas.

Os urucuzeiros exigem cuidados e limpeza mormente nos dois primeiros annos ; deve-se evitar nas limpas o ferir-lhes as raizes em quanto são novos : convem chegar-lhes terra ao pé , e afastar deste a herva provinda das limpas , por que fermentando o queimaria. He uzo constante derrubar as primeiras flores , a fim de dar a arvore tempo de crescer e fortificar. Se vierão de semente , não se deve deixar senão o pé mais vigorozo , quando tiver chegado a altura de 9 ou 10 polegadas ; he máo o methodo de deixar dois. Deve haver o maior cuidado em substituir , com plantas do viveiro as que morrem. A tarefa de hum negro he de 100 até 120 toezas e huma de largo , segundo a dificuldade do trabalho.

Durante as grandes chuvas a herva crece muito , limpar então á enchada he por a terra em torrões ; convem nessas ocaziões fazer a limpa com o alfange , ou foice , o que além de abreviar o trabalho , não volvendo a terra , impede as enchorradas de levar-lhes o humus , e sucos necessarios ás plantas ; esta tarefa he de 150 toezas por pessoa. Sendo mui farta de medula esta planta , as parasitas , mormente o Agarico ou Visgo , a perseguem , e he raro que havendo descuido , não esteja perdido hum tabo-

leiro , chegando á idade de 2 annos ; he pois de summa importancia extirpa-las. Todavia outro inconveniente há então nas boas terras , e he que a planta vem a ter seiva exuberante , e sendo os ramos nimiamente quebradiços , na limpa das parasitas os negros quebrão muitos , o que augmentando mais o excesso da seiva dá origem a infinidade de rebentões e ramos ladrões , que fazem mal ao producto da arvore. Obvia-se porém este inconveniente com o decote repetido duas vezes por anno , cada hum imediatamente depois de cada colheita. No decote devem-se abater os ramos mal dispostos , aquelles que estão mui proximos huns dos outros , os secos , ou que tem a casca destruida , e mormente os ladrões , que mui bem se distinguem , por serem direitos , ou verticaes , recentes , e mais verdes do que os outros : tirão-se com a mão em quanto novos , ou com a podoa , se estão já fortes : he mister grande cuidado nesta operação , e he bom não faze-la por tarefa.

SEGUNDA PARTE.

Colheita e fabrico do Urucú.

OIto cestos , tendo cada hum capacidade para hum barril de farinha , he a tarefa por dia quando a colheita he abundante , e estando as arvores menos carregadas , então a tarefa he de seis cestos , e de 3 quando o estão ainda me-

nos. 8 destes cestos de urucú descascado devem produzir' hum barril de semente: resta depois o rabisco, que se faz por dias.

Grande vigilancia he preciza para que os negros a fim de acabarem cedo a tarefa, não deixem as arvores pouco carregadas, colhão frutos verdes, e quebrem os ramos com seus ganchos: para evitar isto não se consentirão mais de dois negros em cada linha d'arvores, hum á direita outro á esquerda, e que todos marchem do mesmo lado, a fim de que não escapem á vista do feitor. Colhido o urucú, transporta-se para a manufactura, onde se verificão as tarefas.

Descaroça-se o urucú, abrindo-se a capsula; com o polegar, e o index apanha-se a pelicula a que estão pegadas as sementes; e estas facilmente se despegão: as negras e muleques são mais aptos para esta operação, que de ordinario he o passatempo dos serões.

Depois de separadas as sementes, pilão-se, e 17 negros devem dar por dia hum milheiro ou 30 barris, muitos lavradores quizerão empregar moendas, ou cilindros postos horizontalmente para este trabalho, mas, ou fosse falta de precizão na execução das maquinas, ou outra qualquer razão, não alcançarão o fim dezejado, e nem tambem servirão ás mós de moinho, e continuarão com os pilões, trabalho longo e muito pezado. Arranjão-se debaixo de hum alpendre, que tenha agoa perto, coberto de palha e aberto dos lados, as canoas e utensilios ne-

cessarios á manipulação do urucú, e tambem hum pilão, diversas canoas, huma para macerar, outra na qual se depõe o reziduo á proporção que se tira do maceradoiro, outra em que se precipita o urucú, e he a maior, devendo ter de 8 a 10 vezes mais capacidade do que o maceradoiro, estabelece-se no mesmo lugar hum forno com caldeira, e são mais precisas varias celhas, cuias, pás, e peneiras. O pilão deve ser de grandeza accomodada ao trabalho, que se tem que fazer, e de madeira rija, e quanto ás chamadas mãos do pilão, são d'ordinario de 4 ½ pés de longo, 3 polegadas de diametro, e as duas extremidades bem boleadas. O maceradoiro recebe a semente ao sahir do pilão, dilue-se em agoa, que a cobre a penas, onde fica até ser espremido, e espera-se para esta operação o tempo de chuva, quando os negros não podem ser empregados em outros serviços, vindo assim a estar em maceração muitas vezes até mezes, o que he muito mal entendido. Os negros em roda do maceradoiro, fazem com as mãos bolas de urucú e as lanção nas peneiras, e destas são levadas para a canoa de descarga, onde são cobertas de folhas de bananeira; ficão alguns dias assim até soffrerem hum principio de fermentação, então he de novo pizado, e levado ao maceradoiro, e estas operações, que se repetem 4 a 5 vezes, em lugar de melhorar, damnifica a qualidade do urucú: mas augmenta-lhe o pezo, e o lavrador goza do seu engano.

Não restando mais semente no maceradoiro, a agoa estando em consistencia de massa liquida, he levada á canoa, onde deve precipitar, sendo passada por peneiras finas, que dem passagem á corpos estranhos; as peneiras de pano não são boas, pois que com o raspar para ajudar a passagem, rompem-se. O urucú nesta canoa fica a depor por espaço de 15 dias no Estio, e o dobro, e mesmo mais, no tempo das chuvas.

Depois de precipitado o urucú, leva-se a sua agoa para o maceradoiro, e tem-se notado que ella o precipita em hum terço menos de tempo do que a agoa ordinaria, sem que mesmo se possa suspeitar que seja devido á fermentação que se desenvolve na tina, e que he mais prompta no tempo seco do que no chuvoso e frio. Esta fermentação dá origem a hum acido, que neutraliza o alkali, (1) que abandona o urucú, e o deixa precipitar; ella he retardada, ou accelerada por circunstancias que os lavradores não sabem apreciar, e por mais que digão, não posso convir que a levem ao ponto de putrefacção a que chega: com effeito isso deve deteriorar a qualidade do producto, o que só bastava para obstar á ella, quando não fosse de mais o cheiro insuportavel que se desenvolve, e causa molestias analogas ás que atacão aos limpadores das cloacas.

(1) Este alkali foi descoberto por Mr. Vauquelin.

Huma vez precipitado o urucú, póde ser cozido, e conhece-se pela agoa que tem perdido a sua cor avermelhada. Leva-se pois o urucú para a caldeira, e faz-se evaporar, e á medida que a agoa se consome, lanção-lhe nova, hum ou dous homens continuamente raspão o fundo e lados da caldeira com pás de ferro e cabos de pao; e acaba a operação logo que se não vê mais a agoa ferver, e que por entre a maca já espessa, escapão apenas algumas bolhas. Tira-se então o fogo e deixa-se arrefecer: esta cocção dá ao urucú huma consistencia, que não tem o que he obtido pela lavagem.

Tendo arrefecido, he posto em caixas de sete á oito polegadas de altura, expoem-se estas caixas ao ar livre, mas á sombra, pois que o sol lhe daria huma cor negra; nesse estado se deixa secar até o ponto em que, enterrando-se-lhe os dedos, se suspenda huma massa de 15 arrateis pouco mais ou menos. Este he o estado em que os lavradores da Guyana levão o urucú ao mercado, e dentro de cestos bem forrados de folhas, pezando cada cesto 70 arrateis, que he a carga de hum negro.

Para embarricar o urucú, poem-se duas grandes folhas em cruz, e sobre ellas huma maça de 12 libras em fórma de pão, do diametro da barrica: cobre-se com outras duas folhas, e poem-se assim no fundo da barrica, acamão-se deste modo 3 ou 4 pães sobre os

quaes se applica huma taboa com hum pezo de 50 libras, e do mesmo modo se continua até encher a barrica, que deve pezar de 840 á 360 libras; isto feito, tapa-se.

Passando o pezo das folhas a mais de 6 por cento, he fraude, mas esta tem hido a ponto até de se acharem mesmo pedras nos barris. Porém a peor das fraudes he deixa-los vazios, e enche-los depois com agoa.

Havião em Cayena pessoas nomeadas pelo Governo para o exame do urucú; e a pratica era tomar huma onça em hum guardanapo, ensopa-lo, e espreme-lo em hum copo até descarregar toda a cor; pezava-se então o residuo, e se passava de 45 grãos, o urucú podia ser refugado; e decidião do mordente esfregando-o na unha que ensaboavão, e lavavão depois; senão deixava marca avermelhada podia ser refugado igualmente. Tal he a pratica seguida na manipulação do urucú, e a descrevi para que melhor se notem os seus defeitos, os quaes passamos a relevar.

Mr. Leblond apresentou o seu trabalho em Pariz á Mrs. Fourcroy e Vauquelin, e das experiencias feitas com sementes levadas de Cayena, desses dous celebres Chimicos nascerão novas luzes, e concluirão que, em vez de pilar o urucú, melhor seria depois de descascado po-lo á macerar até inchar á ponto de poder-se esmagar entre os dedos, para mais facilmente se separar a materia colorante.

Em vez de poupar a agoa, conviria que ella cobrisse a semente na altura de 4 á 5 polegadas a fim de dar ao urucú todo o espaço necessario para melhor separar, e dar mais fluidez para ser pencirado Os negros farião quarto, e mecherião, e esfregarião as sementes entre as mãos; esta operação continuaria até que por ensaio feito á parte, se conhecesse, ajuntando-se nova agoa, que havia deixado toda a materia colorante. Depois levar-se-hia esta agoa para a tina, aonde deve precipitar, sendo ahi passada pela peneira, e a semente depois de peneirada e lavada repetidas vezes, seria lançada fóra.

Sendo mister desembaraçar as tinas da grande quantidade d'agoa empregada em separar o urucú, e consequentemente faze-lo precipitar, propomos o vinagre (1), acido de que se póde obter a quantidade que se quizer. Segundo o methodo de Chaptal (2) o vinagre lançado na tina precipitante, antes, ou depois de vazar a

---

(1) Esta proposição he para accelerar o trabalho, o que se póde dispensar querendo-se ir mais lentamente.

(2) Processo sumammente facil para o que se pódem empregar muitos vegetaes taes quaes o arrôs, milho, cannas d'assucar, batatas, inhames, quiabos, &c. ajuntando sómente em huma barrica d'agoa, huma porção de sumo de limão ou d'ananás, &c. Vid. Chimica de Chaptal.

agoa carregada de urucú, produziria o effeito desejado.

Conhecer-se-hia que havia acido sufficiente pelo ensaio da mistura em hum copo de vidro; estando assás faturado, ver-se-hão as parcelas do urucú separadas nadarem; em caso contrario ajuntar-se-hia mais vinagre; e estar-se-hia seguro de que todo o urucú precipitaria de hum dia para outro.

Em vez de cuias e baldes, seria melhor vazar a agoa por catimploras, ou por furos praticados em diversas alturas da tina, cujas rolhas se tirarião na altura que a agoa sobrenadasse ao precipitado: o urucú seria então levado á caldeira para evaporar toda a agoa, e não porque tenha necessidade de ser cozido; ou mesmo poder-se-hia livra-lo de toda a agoa por meio dos coadoiros de pano, como se faz ao anil.

Segundo os melhores tintureiros francezes ha urucú tal, que preciza ser empregado em 3 partes mais do que o bom para dar a mesma cor. Ora esta perda de materia colorante de hum para tres parece devida á fermentação putrida muito prolongada que soffre, como acontece com o anil, quando fermenta em demazia; inconveniente á que se obstaria pelo nosso methodo, no qual não ha fermentação alguma, e com effeito o que he precizo he separar a materia colorante da semente, na qual ella se acha formada.

Segundo os Tintureiros o urucú de lavagem dá hum lustro vivissimo ás sedas; e linda

cor, e para se obter o mesmo com o urucú do comercio, serião precisas 4 vezes mais; e que 5 partes de sementes, taes quaes as arvores as produzem, dão pela lavagem ao menos huma parte do urucú sem manipulação alguma, mas vale tambem quatro vezes mais do que o do comercio, e tem a vantagem do menor volume, e exige menos preparos para ser empregado.

Ora, se pelo outro methodo se obtem em urucú metade do pezo das sementes (o que he sem duvida exagerado) 5 mil libras de sementes dão 2500 d'urucú ordinario, e pela lavagem, e sem pilar darião mil; porém estas contendo 4 vezes mais materia colorante, e valendo 4 vezes mais, temos que muito, mais vantajozo he o extrahir o urucú só pela lavagem.

Vemos do exposto 1.º que pelo methodo novo o lavrador, além do grande beneficio, poderia dobrar a sua plantação com o mesmo numero de braços; que o Mercador tendo hum volume 4 vezes menor ganharia tambem, e que o Tintureiro não seria enganado, e teria menos trabalho empregando esta cor.

Mr. Decurel filho, Tintureiro de Paris assegura que huma libra de urucú do commercio faz o mesmo effeito que 4 onças do preparado como indicamos.

O Ex.mo Antonio de Araujo, que se esmera todo no que pode ser de utilidade á este paiz, em Novembro de 1809, vindo de Santa Cruz, trouxe huma porção de sementes do uru-

cú, e o seu genio prescrutador da Natureza não descançou sem que debaixo da sua direcção e no seu laboratorio visse José Caetano de Barros fazer ensaios sobre essa producção, dos quaes eis o resultado.

Principiou o processo no dia 6 de Dezembro ás 5 horas da tarde. Pezou 3 onças de urucú pizado, e o lançou em 5 onças de agoa commum, passadas duas oras o liquido tomou a consistencia de pasta hum tanto rija; lançou-lhe mais 5 onças d'agoa: no dia 7 á tarde appareceu na superficie bastante espuma, e cheiro analogo ao do leite pouco fermentado. No dia 9 o mesmo cheiro, e huma crusta fina e branca. No dia 11 nova crusta e cheiro mais forte. Nos dias 12 e 13 desenvolveo-se fetido insupportavel. No dia 14 já não era tanto. No dia 15 passou a agoa para outro vazo, e sobre o bagaço (depois de pizado de novo) lançou nova agoa, e duas horas depois a tirou, e separou, lançando-lhe nova agoa. No dia 17 notou nas 3 superficies pellicula amarelada, e menor cheiro e assim ficou até o dia 22, em que ajuntou as 3 porções d'agoa livre do bagaço, e a levou ao fogo, onde esteve emquanto apparecerão espumas, as quaes tirava á proporção que subião á superficie, evaporou depois estes á fogo brando até o ponto de ficarem em huma massa analoga á do pão, tirou-a do fogo, e lançou-a sobre huma meza, onde ficou em estado de se lhe dá

a forma que se quizesse = o total erão 3 onças.

	onç	oit	gr
Pezava a massa	. . . .	7 . . .	58
o bagaço	2	. . . . .	8
	2	7	66

No mesmo laboratorio trata-se de levar avante os ensaios sobre o urucú, bem como se tem feito sobre outros artigos summamente interessantes como a porcelana, destilação de differentes licores, &c.

Seria do maior interesse que tão digno dezejo de conhecer as producções do mais rico dos paizes se propague, e que não deixemos ignorados, e nos privemos a nós e ao resto do mundo das vantagens e riquezas de que somos possuidores.

HYDROGRAPHIA.

Methodo, que se seguio no trabalho Hydrographico da Planta do Porto do Rio de Janeiro, levantada por Ordem do Serenissimo Senhor Infante Almirante General, em o anno de 1810.

1.°

A baze das operações foi tomada na face do S. da Ilha do Governador, contando-se da Ponta do Galião para E. té ao Campo de São Bento, onde termina; esta baze he de 7200, 09

pez Inglezes, ou 10000 palmos, grandeza a mais satisfatoria para o progresso do trabalho, por quanto os seus extremos com o ponto que immediatamente se offerece a determinar formão hum triangulo equilatero proximamente; a operação da medição foi executada pelo Capitão de Fragata Manoel Ignacio de Sam-Payo, e os mais Officiaes então empregados, com o maior escrupulo, e exactidão, servindo-se para isto de tres instrumentos differentes, a saber a cadeia de 100 pez Inglezes, outra dita de 100 palmos, e o Escantilhão, medida Portugueza de duas braças, os rezultados desta tripla medição forão proximamente os mesmos, sendo porém o medio o que se deduzio da medida pelo escantilhão, o qual se adoptou. Da combinação dos resultados destas differentes medidas, se deduzio mui exactamente a razão do pé Portuguez ao Inglez, o que melhor se vê na Arithmetica de Biot, modernamente traduzida pelo Major do Real Corpo de Engenheiros Francisco Cordeiro da Silva Torres.

2.º

Seguia-se aqui o mappa incluzo dos triangulos, que rezolvidos determinaráõ os differentes Pontos; o qual daremos em outra occasião.

3.º

As margens, como se vê na Planta, são de

tres especies distinctas, a saber arenozas, pantanozas, ou pedregozas, as partes tranzitaveis, como praias d'area &c. forão contornadas com a plancheta, orientando-se sempre este instrumento por pontos bem calculados; as outras impraticaveis ao uzo dos instrumentos, que vem a ser os lugares pantanozos, e pedregozos, determinárão-se do modo seguinte. Collocavão-se dois observadores, cada hum com hum theodolito, em dois differentes lugares, que formassem com qualquer ponto, que se tomasse no espaço, cujo contorno se dezejava, hum angulo entre 60° e 120° (1), ao mesmo tempo outro observador hia axaminar o dito espaço, que se pertendia contornar; e nelle escolhia tantos pontos, quantos fossem precizos para que, unindo-se por meio de huma linha, desse exactamente a configuração do terreno; em cada hum destes pontos escolhidos, fazia hum signal, que era observado por ambos os theodolitos differentemente collocados, ficando pelo cruzamento destas duplas observações determinados os ditos pontos, e pela união delles contornado com huma exacção satis-

(1) Quando se determina hum ponto por meio do cruzamento de observações, deve-se procurar que ellas se não cruzem em angulo muito agudo, ou muito obtuzo, porque em ambos os casos o ponto de contacto das linhas fica muito incerto.

factoria o espaço, que se pertendia. Este methodo concilia a exacção, e a brevidade, pois que repetidas observações, que fiz, a este respeito, me derão a conhecer que, uzando delle em 3 horas se contornava o espaço de huma legoa, quando por meio da plancheta no mesmo tempo se não adianta $\frac{1}{3}$, por quão habil seja o empregado, occupando aliás o mesmo numero de cooperantes.

As sondas forão analogamente determinadas pelo cruzamento de observações simultaneas, feitas com dois theodolitos differentemente collocados, referirão-se todas ao baixa-mar d'agoas vivas, para cujo fim se tinha cravado verticalmente n'huma praia huma vara metricamente graduada; durante o trabalho da sonda se observava na dita vara, o grão de altura d'agoa acima do baixa mar, e por este modo se diminuia a cada huma das sondas, a correspondente correção, quando succedia não serem feitas mesmo na crise do baixa mar.

4.°

Observações, e Calculos, que derão a conhecer o Estabelecimento do Porto.

Em o dia 17 de Abril de 1810, marcando o Relogio $11^h\ 43'\ 8''$ se observou com o Theodolito a alt. do ☉ $53°\ 8'$; Erro do Instr. $1'\ 30''$ subt.

Angulo Horario

Alt. Obsv. ☉	53°08'00''		
Erro do Instm.	— 1 30		
	53 06 30		
Sem-di. do ☉	+ 16 00		
	53 22 30		
Ref. — Parl.	34		
A. V. do cen. ☉	53 21 56		
Dist. Polar.	100 22 35	art. sen.	0,0071623
Lat.	22 54 12	ar. sen.	0,0356618
Soma	176 38 43		
½ Soma	88 19 21	cos.	8,4665497
½ Soma — Alt.	34 54 24	sen.	9,7581098
		Soma.	18,2674956
	7 49 13	½ Soma.	9,1337478

Com outra observação semelhante, que se fez neste mesmo dia, se deduzio o erro medio do Relogio $0^h\ 44'\ 57''$

		h ′ ″
Ang. Hor.	15 38 26 =	1 02 34
		12 00 00
Hora Verdadeira.		10 57 26
Hora do Relogio.		11 43 08
Adiantamento do Relogio.		45 42

No mesmo dia 17 se observárão as seguintes alturas correspondentes da maré ás horas marcadas.

	Antes do Preamar h ′ ″	Depois do Preamar h ′ ″
1.ª	0 40 00	4 14 30
2.ª	0 53 00	3 47 50
3.ª	1 26 30	3 33 00
4.ª	1 50 30	3 18 00

	h ′ ″	Alt. med. h ′ ″		° ′ ″
1.as	0 40 00 / 4 14 30	2 27 15	D. d. Long. do ☉ a da ☾	152 45 00
				h ′ ″
2.as	0 53 00 / 3 47 50	2 20 25	Correc.	+ 45 00
3.as	1 26 30 / 3 33 00	2 29 45	H. da p. ☾ p. mer. inf.	10 21 00
			soma.	11 06 00
4.as	1 50 30 / 3 18 00	2 34 15	H. do Preamar.	13 42 58
		9 51 00	Est. d. Porto.	2 36 58

	h ′ ″		° ′ ″
H. do Preamar Pelo Relogio.	2 27 55		
Erro do Rel.	− 0 44 57	Par. horiz. da Lua	
H. V. do Preamar.	1 42 58		00 57 00

Semelhantemente se calculou o Estabelescimento do Porto para os dias 18, 19, 20, e 21 do mesmo mez, cujos resultados forão os seguintes:

	Abril.	h ′ ″	
Dias em que se fizerão as Obsv.	17	2 36 03	Estabeles.
	18	2 39 35,5	
	19	2 28 26	
	20	2 32 41	
	21	2 29 45	
	soma.	12 46 30,5	
Estabeles. medio de todos.		2 33 18,1	

Estas Observações forão feitas na occazião da Lua cheia, que succedeo no dia 19. No dia 3 de Maio, dia da Lua nova se fizerão novos calculos, e se obtiverão os seguintes resultados.

	Maio	h ′ ″	
Dias em que se fizerão as Obsv.	3	2 28 06	Estabelesci.
	4	2 38 35	
	soma.	5 06 41	

Estabecimento medio.	2 33 20,5
D.° pel. Ob. na L. ch.	2 33 18,2
soma.	5 06 38,6
Estabel. adopt.	2 33 19,3

	h ′ ″
Hora observada, e correcta do Preia-mar no dia do Plenilunio.	2 48 26
Dita no dia do Novilunio	2 49 06

Rumo a que demora a Lua na occazião do Estabelesci. 38° 19′ 30″. NO, SE

Todas as observações d' Alturas do Sol, forão feitas com os theodolitos nivelados como Quadrantes, com a cautella de se lhes determinar o erro.

As observações da maré forão executadas, cravando verticalmente proximo da praia, huma vara graduada, e observando com a maior attenção sobre a dita vara, as alturas d' agoa correspondentes, antes e depois do Preia mar, e não muito affastadas delle; vindo deste modo a ser a hora do preamar observada a media de todas as correspondentes, em tudo conforme ao methodo, que para este fim expõe Mr. Biot no seu moderno tratado de Astronomia Fizica. Estas operações forão executadas em praias muito abrigadas, e assás proximas da Barra, para que o seu rezultado se possa tomar como na mesma Barra, onde a grande oscilação das agoas, parece fazer inpraticaveis similhantes observações, muito principalmente

sem os instrumentos proprios para esse fim como tubos de vidro &c.

N. B. Por algumas observações, que modernamente tenho feito, vim no conhecimento da alteração que tem acontecido em alguns dos canaes estreitos deste Porto, por exemplo o canal, que vem da ponta do Trem ao morro de S. Bento, tem profundado desde que se levantou a Planta até o prezente, dois palmos, ao mesmo tempo que emcima do baixo que limita o dito canal, se encontra menos 1 ½ d'agoa; por huma serie de observações similhantes se póde com muita aproximação calcular o estado dos canaes, e baixios, que os formão daqui a hum certo espaço de tempo, e taes observações serião muito proveitozas, pois por ellas se conheceria o que se devia emprehender para accelerar, ou impedir a influencia das correntes, que motivão as mudanças de estado dos ditos canaes, conforme esta mudança fosse, ou não proveitoza á belleza do Porto.

D. J. B.

MEDICINA.

No anno de 1798 se propoz por Acordo da Camara desta Cidade a varios Medicos, hum Programma que tinha por objecto os quesitos seguintes.

PERGUNTA-SE

1.° QUaes são as molestias Endemicas da Cidade do Rio de Janeiro, e quaes as Epidemicas.

2.° Se he huma das principaes causas das primeiras, e do máo successo das segundas, o clima nimiamente humido e quente.

3.° Se são causas da humidade 1.° a summa baixeza do pavimento da Cidade relativamente ao mar e bahia, que a cerca pelos tres lados de Lest-Sueste, Nordeste, e Nor-Nordeste, de sorte que apenas se eleva do nivel das agoas das marés cheias de 5 a 11 palmos desde as praias até á maior distancia dellas no campo de Santa Anna, distante do mar 700 braças; 2.° a pouca expedição, que tem as agoas das chuvas copiosissimas, principalmente de verão, e enxugadas então quasi só a força do grande calor do sol, mas em muitas partes sempre estagnadas; 3.° a pouca circulação do ar pelas ruas da Cidade e interior dos edificios.

4.° Se são causas do calor 1.° o impedimento, que fazem á entrada dos quotidianos ventos matutinos ou terraes, que soprão da parte do Nordeste, Norte, e Noroeste, os morros, que correm de S. Bento até S. Diogo, na direcção de Lest-Nordeste, e á dos vespertinos, ou virações mais fortes que os primeiros, constantes da parte do Sueste, Sul, e Sudoeste, os morros do Castello, Santo Antonio, e Fernando Dias parallelos aos outros, de sorte, que fica a Cidade situada entre as duas cordas dos ditos morros, e inteiramente ao abrigo dos ventos; 2.° a direcção das ruas ao Nordeste e Sudoeste de sorte que todas as casas são banhadas do Sol inteiramente de manhã e de tarde.

5.° Se são causas das mesmas doenças, 1.° as immundicies, que se conservão dentro da Cidade, 2.° as agoas estagnadas nos seus arrabaldes, como em Mataporcos e Catete, pela baixeza do mesmo terreno.

9.° Quanto deverá ser elevado o pavimento da Cidade, e os edificios para remediar aquella humidade, e haver sahida para as immundicies.

7.° Quaes são as outras causas moraes e dieteticas das ditas doenças.

Resposta, que deu o Doutor Manoel Joaquim Marreiros, aos quesitos precedentes.

HAvendo de tratar-se sobre as doenças de qualquer Paiz; he de necessidade o recorrer ao exame das cousas chamadas não naturaes, para descobrir as causas.

O Rio de Janeiro, situado quasi debaixo do Tropico de Capricornio, e proximo a escapar á Zona Torrida, occupa lugar na extremidade de huma vastissima planicie, que representando o fundo de huma bacia, he circulada por huma cadeia de serras empinadas, manànciaes de copiosissimas agoas, as quaes, apezar de caudalosos rios, que as conduzem ao braço do mar, intromettido em fórma de huma bahia, em muitas partes estagnão, pela pouca inclinação do terreno, todo baixo a respeito do nivel do mar, evaporando-se lentamente por falta do movimento do ar: este degenera da sua pureza impregnado de agoa, hydrogenio, e inflammavel, proveniente dos charcos e da mesma terra em geral, que apresentando a superficie torrada, occulta a superabundante humidade a poucas polegadas de profundidade, dispõe os corpos para as acrimonias particulares, matrizes de erisipelas, impigens, sarnas, edemas chronicos, e da doença vulgarmente chamada Mal de São Lazaro, de febres remittentes ordinariamente nervosas: de innumeraveis indisposições de entranhas, principalmente bofe, e figado; do que provém numerosas tisicas, e os vulgarmente denominados tuberculos, que consistem essencialmente em huma obstrucção do figado, interessando por consenso o bofe.

Todas estas enfermidades eu as reputo indemicas, como abaixo responderei, pelas singularidades que as accompanhão, pois em todas mais, ou menos, se póde mostrar alguma differença a respeito das discripções traçadas segundo as observações feitas em outros Paizes, além de apparecerem em todos os tempos do anno, nos quaes indifferentemente se encontrão as ditas remittentes nervosas, erisipelas, catharros &c.; ainda que tudo mais enfurecido nos mezes quentes e humidos, isto he de Outubro até Março. A respeito do ar, nota-se aqui, que ordinariamente influem muito pouco nas enfermidades as mudanças de estações, porque estas se confundem, e nunca se podem dizer fixamente estabelecidas: existe porém huma continua variação de temperatura athmospherica, desorte que em poucas horas sobe, e desce o Thermometro oito, ou dez gráos, e não abaixando de sessenta no mais intenso frio: daqui se póde inferir quanto padecerão os corpos por transpirações repercutidas, espasmos suscitados por huma perpetua mudança de estado, e rotura de equilibrio da economia animal, regulando-nos pela segunda parte do

App. 1.º da Secc. 3.a de Hip. = ,, *Tempes-*
,, *tatum anni mutationes potissimum morbos pa-*
,, *riunt, et in ipsis anni tempestatibus magnæ*
,, *mutationes, aut frigoris, aut caloris, alia-*
,, *que pro ratione ad hunc modum.* Esta origem de enfermidades inevitavel só se poderia emendar, ou para melhor dizer só viria a ser illudida, oppondo-se-lhe huma bem acertada educação physica, por meio do qual os corpos della zombassem. A esta causa universal de insalubridade se aggregão muitas mais particulares, proprias a aggravar o defeito da athmosphéra, como 1.ª a direcção de algumas ruas dispostas a estorvar que transitem livremente pelas casas de tarde a viração, e de manhã o terral, unicos correctivos do vicio do ar; 2.ª a mal entendida construcção de casas com pequena frente, e grande fundo, propria a diminuir os pontos de contracto de ar externo com o interno; e sendo assim 3.ª o terreno naturalmente humido sobre que assentão as ditas casas, feito de peior condição pelas muitas agoas çujas indiscretamente lançadas nas chamadas areas das casas, ás quaes não obstante serem descobertas, mal chega algum raio do sol perpendicular, e menos alguma particula do ar livre: 4.ª o desaceio das praças proveniente dos despejos, cujos effluvios voltão para a Cidade envoltos com os ventos, e os podem fazer pestiferos: as Igrejas loucamente recheadas de cadaveres por huma indiscreta devoção: a

valla, o cano, a cadeia, os esterquilinios vagos, em fim tantos depositos de immundices que ha bastante motivo a suscitar-se huma interessante questão = a saber, porque da reunião de tantas e tão poderosas causas de corrupção, esta se não levanta em hum grão eminente? E assim seria a meu ver, se não fosse correcta pela saudavel exhalação dos grandes matos vizinhos á Cidade, que são huma officina de ar vital, conforme as recentes observações feitas sobre os vegetaes; donde se deve concluir a importancia da conservação e propagação de arvoredos dentro e nas visinhanças das povoações taes como o Rio de Janeiro.

Não he menos attendivel no exame das enfermidades o artigo da dieta, em que se adoptão erros enormissimos: enfraquecidos os corpos, e arruinados pela influencia do ar viciado, acabão de o ser pelos mal escolhidos alimentos, entre os quaes mostra a experiencia, que he muito nocivo o uso do peixe, facillimo a corromper-se, e das misturas estimulantes, com que pertendem excitar a voracidade, e o appetite desvanecido pela debilidade natural: daqui resulta novo fermento para gerar acrimonias, que unidas á frouxidão predominante, produzem, ou doenças agudas de pessimo caracter, ou mais ordinariamente desafião a força da vida a promover a sua expulsão por meio de erisipelas, e de todo o

genero de erupções agudas, ou chronicas conforme a idiocrasia do sugeito. A falta de emprego para numerosos individuos de ambos os sexos, mais principalmente feminino, tambem aggrava todas as causas, estragando a constituição phisica, e moral. Depois deste pequeno numero de previas ponderações, passo a responder em breve ao primeiro quesito.

Que segundo a mais estreita definição de doenças endemicas, não achamos no Rio de Janeiro doença, que se não encontre em outros paizes debaixo de differentes climas, e diversas temperaturas, muito principalmente nos que se achão em circunstancias iguaes ás deste: mas he certo que algumas enfermidades, vulgares em outras partes, aqui relusem com symptomas particulares no modo da invasão, duração e maneira de terminar, desorte que estas mesmas quasi se podem reputar endemicas em sentido rigoroso, e consistem principalmente em febres remittentes, inchações chronicas, sendo algumas de genero particular, a que eu daria o nome de crescimento vicioso, ou engrossamento sobrenatural de fibras: em ataques de peito, de que provém a tisica rapidissimamente confirmada, concluindo-se os doentes sem que passem pelos estados ordinarios em outros paizes, ou passando-os sempre atropelladamente: em embaraços de Figado promptissimo a occupar-se, e que neste estado, interessando com celeridade o bofe, produz frequen-

temente a doença conhecida pelo Povo com o insignificante nome de tuberculo, quasi sempre irremediavel, sendo aqui perceptivel o intimo consenso das duas entranhas, bofe e figado, pois que os tisicos acabáo a sua rapida carreira sempre obstructos do figado, e os tuberculosos tambem perecem em breve espaço com grandes suffocações; e por fim concluo, que as doenças endemicas se confundem com as epidemicas, até as mesmas bexigas, que reinão em todas as estações e quasi nunca cessão. Ao segundo quesito respondo affirmando o que nelle se contém. – Ao Terceiro – Que se verifica quanto nelle se propoem, devendo considerar-se da maior importancia que o centro e as partes adjacentes sejão gradualmente mais elevadas, que as extremidades: rasão porque em muitas partes deverá ser o terreno rebaixado por lhes não competir tanta altura a respeito de outras mais centraes. = Ao quarto satisfaço dizendo que sim a tudo, e só accrescento que, não podendo evitar-se o damno, que provém de ficar a Cidade abafada pelas montanhas destas, comtudo se póde tirar algum partido fazendo que sejão cobertas de arvoredo, o qual mostra a experiencia quanto ahi prospera. Para se decidir o que toca ao sexto era necessario hum escrupuloso nivelamento. Para satisfazer ao septimo, nas ponderações preliminares apontei algumas causas dieteticas, que me parecem mais generi-

cas. Sendo inutil a indagação dos males, quando se não applicão os remedios, eu me adianto a propor alguns, os quaes eu faço consistir, pelo que pertence ao Physico, — 1.º exteriormente em elevar, e abaixar o terreno nos diversos lugares, como for conveniente para evitar o estagno das agoas: interiormente, em examinar, se as casas se achão com os seus canos desembaraçados para a expedição das agoas da chuva, admoestando os habitantes (vista a impossibilidade de coacção a este respeito) para que não lancem outras impuras nas suas pequenas areas, pelo damno, que lhes resulta de semelhante desatino. 2.º Em providenciar ao despejo da Cidade, desorte que se evite a fazer-se ao longo das praias, donde não havendo sahida pela fraca acção da maré em taes sitios se exhala o mais pestifero cheiro, que todos experimentão, e menos nos diversos esterquilinios, que a miseria e indolencia continuamente fabricão. Esta desordem he remediavel por meios dispendiosos, pois seria crueldade empregar a força sem facilitar o recurso. Já tem sido lembrado o arbitrio das barcas, que recebendo os despejos por pontes as mais extensas, que possivel for, na hora da vazante, sejão conduzidas a reboque até fóra da Barra, onde por valvulas se desonerem: este meio he dispendioso, pois requer ao menos a construcção de dez barcas, e de embarcações para o reboque, concertos, pagamentos de dez negros

para o serviço de cada huma com seus Guardiaens: o Publico podia concorrer pagando os proprietarios dos edificios conforme as braças da sua testada: este pezo se suavisaria com outra commodidade imaginavel, a saber, os negros alugados para o serviço das barcas, nas horas vagas dirigidos pelos seus Guardiaens, dever-se-hião empregar em conduzir huma tina de despejo de cada casa indisctinctamente nos districtos certos por destribuição: os pobres desta sorte por hum pequeno augmento do aluguel das casas, virião a desfrutar huma commodidade que lhes custa muito mais na roda do anno: os mesmos negros poderião fazer o despejo quotidiano da cadeia, cujo cano devia ser entulhado: da mesma sorte a respeito dos Hospitaes. Não deve esquecer a reforma e concerto da valla e cano, desorte que deixem de ser hum deposito infernal de immundicie. Pelo que pertence ao Moral, ganhar-se-hia muito em huma Policia exacta em conservar occupados os individuos de ambos os sexos, acautellando que se não demorem dentro da Cidade numerosas familias, que gemem debaixo da maior indignidade, apinhoadas em pequenas casas, onde comem mal, dormem peior, e respirão pessimamente em huma atmosphera pouco menos que sepulchral, dando-se-lhes destino, que os obrigasse ao trabalho campestre; até as mesmas mulheres ficarião de melhor fortuna, e a Cidade mais descarregada.

LITERATURA.

ODE.

A' partida de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, de Portugal para o Brazil, feita em Paris aos 5 (a) de Janeiro de 1808, e recitada em prezença dos Bons Portuguezes alli existentes

*Por B.****

Novus ab integro sæculorum nascitur ordo.
Virg.

O Sceptro dos Bourbons em mãos alheias
(He certo, oh Póvos, eu deliro ou sonho?)
O Mundo faz tremer, baquear Thronos,
E Novos Thronos ergue?

Marengo o nome teu lança no olvido,
Oh Patria dos Catões, Patria dos Fabios,
E tu, Germania, de teu lustre baixas
D' Austerlitz nos campos?

No Templo da Memoria, oh Frederico,
O certamen de Yena ao de Rosbach
Com que magoa comparas? quanto pejo
Friedland te cauza, oh Pedro?

(a) Dia, em que se annunciou em Paris a partida de S. A. R. e de Sua Augusta Familia.

Batavo creador, Batavo livre,
A terra, que formaste, a Liberdade
Deixas roubar, e affoitas vellas tuas
Amedrenta Neptuno?

Que! D'Hespanha os Leões em ferros gemem?
Britannico Leopardo, que!.. vacillas?
Póvos, quem s'opporá da França avara
A's Aguias destructoras?

Ronca a trombeta o som da guerra; eis partem
Guerreiros batalhões, oh Lusitania,
Teus filhos Marte horrendo, sim teus filhos
Vai-te arrancar do seio:

Os campos tala... oh Ceos, sustei seu braço,
Meus Irmãos afastai ao golpe infausto;
Oh Ceo, salvai o Principe Adorado,
A Mãi, a Espoza, os Filhos!!

Omnipotente Deos, se o voto escutas
Dos humildes mortaes, ampara, ampara
Dos Portuguezes Reis a Prole Augusta,
A Prole, que tu amas!!

Do meu Principe o amor onde me arrasta?..
Onde.. o amor da Patria?.. como.. eu tremo!
Sou Portuguez e tremo!.. hum braço invicto
Portugal não protege?

No Portuguez Monarcha, oh França, encara
Dos Braganças o Tronco; vê que os Castros
Albuquerques, Menezes nunca morrem;
Nunca morrem Pachecos.

Os braços, que dois Mundos vassallarão,
Erguendo as Nobres, vencedoras Quinas,
Para dos Gallos destroçar cohortes
Só do signal dependem.

O tambor, a trombeta guerra estrugem,
Echo ao longe rebomba guerra, guerra;
Portuguezes ás Armas, eia ás Armas:
E ás Armas correm todos:

O antigo brio, os feitos portentozos,
As passadas proezas se recordão;
D'este os Almeidas, dos Pereiras outro
O Espirito endeôza:

Da Paz ao ocio o ferro acostumado
Do Sol os raios já buido insulta;
A' vencer ou morrer promptos estamos
Dizem; e o imigo tarda.

Eis João Se mostra, e no semblante Augusto
A Regia Magestade Resplandece;
Dos Inclitos Avós o brilho herdado,
Toda a Bondade Ostenta;

O vosso amor, Meus Filhos, reconheço,
Diz, Reconheço o brio Lusitano,
Sei que na vossa frente da Victoria
Colhera honrozos Loiros;

Mas da Victoria ao carro segue o lucto,
A mais virente palma em sangue he tinta;
Não he Pai de seu Povo, he seu Verdugo
O Rei, que Marte adora:

Manda o Decreto, do que os Mundos rege,
Que hum novo, hum grande Imperio se levante,
Manda que Portuguez seja o Monarcha,
E Portuguez o Imperio:

Deos me confia a empreza glorioza,
Cumpre seguir seu mando.. orsús as quilhas
O Seio de Neptuno despedacem;
O Brazil nos espera.

Levando o Pai, e o Filho Eneas deixa
Ilion abrazada; alheias plagas
Vai profugo buscar; a cara Espoza
Por entre as chammas perde:

Mas João, cedendo ao Ceo, partindo nota
No Mar, na Terra tremolar as quinas;
São seus os bellos climas, que demanda,
Os Povos, que O aguardão:

Seus Parentes, e amigos O acompanhão,
Ficão alguns, que o Estado Seu defendão;
A mui Prezada Mãi, a Espoza o Seguem,
E os muito amados Filhos.

As Tagides gentís c'o eburneo collo
Parar da veloz nave o curso tentão;
Mas, oh tristes, . . galerno favoravel
Infuna as pandas vellas:

Quem ao Ceo levará nosso renome?
Se nos Deixas, oh Principe . . . (pranteão)
Mas não . . . com sabias leis do novo Mundo
Sempre Honrarás o Tejo.

Aos ais das Ninfas, ao arfar das quilhas,
Arrogante Neptuno alça o Tridente,
Investe com as Náos, e diz bramando —
Novos Gamas m'insultão!

Novos Gamas . . . que vejo! . . ah desfaleço . .
De Portugal os Reis nos meus Estados! . .
Acabei de reinar . . . eis do destino
Executado o mando.

Os seus arcanos descortino todos!
Oh que futuro egregio! . . e que esta gente
Em menos cabo meu . . . tremei Europa . . .
Nasce a Gloria d'America;

Do Amazonas ao Prata em toda a pompa
A Natureza brilha: he lá que a frente
O novo Imperio alteia, e suas bazes
São peitos Portuguezes:

D'alma terra a charrua o seio sulca,
E a independencia brota: annosos bosques,
Que as nuvens topetavão, já nos portos
Undivagos fluctuão.

Da Europa foragidas as Sciencias,
As bellas Artes carinhozo abrigo,
Tem junto ao Paternal, ditozo Throno,
Que em pago aformozeão.

Para tão alta empreza o Ceo te escolhe,
Oh Mimozo do Ceo, Principe Amado;
Se a empreza he grande, o premio he sem limites,
Dos Ceos o mando cumpre:

Do maior Fasto á par, que á Historia offrece,
Aos seculos por vir hade ir teu Nome;
Falle em teu Nome a Historia, qual da Fama
Hoje a Trompa resôa.

Do Dezembargador Antonio Ribeiro dos Santos a Francisco de Borja Garção Stockler.

O D E.

NEM sempre pelos montes
Vaga em rapido curso a clara Cynthia
Apoz as bravas feras;
O infesto dardo em alvas mãos brandindo.

Nem sempre o fatal arco
Atéza Apollo Agyieu: Vulcano
Na abrazada officina
Nem sempre escudos forja, e peitos d'aço:

Nem sempre o filho cego
Da formosa Acidalia a guerra accende,
D'aljava disparando
Já de odio, já de amor travessa frecha.

Tu nunca dás descanço
Aos severos estudos: de continuo
Lidas com Locke e Newton,
E a physica e moral Natura sondas.

Porém Socrates sabio
Não era assim: co'os moços, que ensinava,
Como se fosse hum delles,
Corria em ledos jogos prazenteiro.

Panthoides sizudo
Co'os molles sons da Lyra temperava
As cousas mais severas,
Dando tregoa folgada a seus trabalhos:

E Scipião depondo
O grão tedio dos publicos negocios,
As candidas conchinhas
Na recurvada praia procurava.

Deixa por algum tempo
O celeste compasso d'Urania.
Não cures, douto Stockler,
Saber mais do que basta em curta vida.

Dá-te ao prazer das Musas,
Dá-te á Lyra, que está teus sons pedindo;
Ou canta amor, ou feitos
De tanto Luso Heroe na paz, na guerra.

Aquelle, a quem Apollo
Revelou os segredos da harmonia,
Não de austeras Sciencias,
Mas só das Musas, nome eterno espera.

ODE

Ao Illustrissimo Antonio Ribeiro dos Santos, em resposta á antecedente, por Francisco de Borja Garção Stockler.

QUem, illustre Ribeiro, quando feres
Com destra mão a cithara sonora,
Poderá resistir de teus accentos
Ao magico prestigio?

Hum vate não es só, que pelas Musas
Docemente inspirado, ao som da Lyra
Armonicos conceitos modulando,
Os homens arrebatas.

Es novo Apollo, que de luz immensa
A frente coroada, desferindo
Do arco invicto abrazadoras setas
Estro sublime excitas.

Ah! que eu já sinto no gelado seio
Atear-se de novo a viva chamma,
Que d'Agyeo formoso o raio puro
N'elle outr'ora accendera.

Flamma divina o espirito allumia:
Suave sopro de halito celeste
A cinza afasta, que abafado tinha
O fatidico lume.

Já sobre as azas nitidas librado,
Novo Cisne Dirceo ufano sulco
A ignota região, onde fulgentes
Immensos Soes scintillão.

Mas ah! que a mente pavida vacilla,
Pasma, esmurece: o rumo não acerta,
Por onde o vôo audaz aos Ceos dirija,
E apar de ti me eleve

Vejo-te, . . . sim . . . he certo: não me engana
Fantastica illusão, douto Ribeiro,
Acima das estrellas entre os genios,
Que a humana raça illustrão.

A tua voz distingo, que sonora
Pelo espaço sem termo se diffunde,
E nos orbes, que doura o roxo Phebo,
Armonica ressôa.

Mas que vale escutar teu doce canto,
Ver teu semblante ledo e radioso,
Sobre os astros erguido, se me offusca
A viva luz, que espalhas?

Mais facil he marcar eterno giro
Aos luminosos globos, que tu pizas,
Descobrir suas leis, e sujeita-las
A calculo preciso.

Ou decompor com transparente prisma
Do loiro sol a coma rutilante
Nas cores naturaes, com que formosa.
Iris no ar se ostenta.

Seguir de Newton o attrevido vôo
Ousarão novos filhos d'Urania;
E seu rasto trilhando collocar-se
Apar d'elle poderão.

Vos, sabio de La Grange, Euler profundo,
D'Alembert perspicaz, subtil Bernoulli,
Preclaro de Laplace, émulos dignos
Sois do immortal Britanno.

Mas o Cisne Beocio abrindo as azas,
Tão alto se elevou no claro Olimpo,
Que assento singular ainda occupa
Junto aos Deoses Supremos.

ODE PINDARICA.

Ao grande Affonso de Albuquerque, Governador da India. Por Antonio Diniz da Cruz.

STROPHE I.ª

AO trez vezes e quatro triunfante
De barbaras phalanges,
Ao grão terror do Ganges,
Sobre as ondas do már Leão possante,
Hoje, celeste lira, levaremos
O som eterno dos Thebanos hymnos
Que em deposito temos
Só para coroar varões divinos;
D'eterna fama pois o plectro cerque
O nome grande do inclito Albuquerque.

ANTISTROPHE I.ª

Quem mais palmas cortou em campo armado,
O' Tejo, ás tuas c'roas?
A' fama, com que voas,
Quem mais azas lhe deu, quem maior brado?
Sua terrivel chamejante espada,
Dos Imperios senhora, e da victoria,
Deixou eternizada
Com immensos tropheos a tua gloria:
Ella faz que inda corrás orgulhoso
De teres dado a lei ao Reino undoso.

EPODO 1.º

Em nobre sangue dos Avós guerreiros,
Valor não degenera:
Pomba imbelle real aguia não gera
Nem pavidos cordeiros
Na Libia ardente a coroada fera.

STROPHE 2.ª

Do famoso Diniz o bravo alento,
Com que campêa ousado,
Se vio regenerado
De Affonso no magnanimo ardimento,
Do grande Vasco a sanguinosa furia,
Com que no dia da espantosa guerra,
D' Iberia eterna injuria,
Cerrados batalhões rompe e aterra,
Mostrou seu braço, quando n'alta Goa
Nuvem de estragos sobre os Mouros troa.

ANTISTROPHE 2.ª

Tão firme não resiste no alto cume
De rustica montanha;
Carvalho annoso á sanha
De Boreas, que abate-lo em vão presume,
Como segando scintillantes louros
Dentro no illustre rio o varão forte
Rebate os feros Mouros,
Da fome vencedor, do tempo, e morte,

Em quanto o mar talando o vento insano,
Lhe cerra as portas do Indico Oceano.

EPODO 2.º

Talvez a grão Cidade ferozmente
Com sigo blazonava,
Sem ver que á sua frente o Heroe forjava
A c'roa d'Oriente,
De ter quebrado o jugo, que a honrava.

STROPHE 3.ª

Quando nos ares fuzilar alçada,
Relampago da morte,
Do Portuguez Mavorte,
Vio d' improviso a cortadora espada.
Nuvem, que rasga sobre a calva fronte
Do frio Erminio o grão furor, que inflamma
O ensifero Orionte,
De chuva tanta copia não derrama,
Como em seus campos o feroz guerreiro
De sangue espalha lugubre chuveiro.

ANTISTROPHE 3.ª

Mas já tascando os freios de diamante
Com sonorós nitridos,
Meus brutos insofridos
Me incitão á carreira fulgurante.
Soltemos, Clio, pois as redeas de ouro,

E pelo ermo do Ceo ceruleo espaço,
D' Azopo o verde louro
A ornar levemos o triunfante braço,
Que aurea victoria na Aurea Chersoneso
Os cisnes chama do gentil Permeso.

EPODO 3.º

De Thetis Oriental no fundo seio
Tu, Malaca opulenta,
Do bravo Luso a indomita tormenta
Olhas sem receio,
Que o distante perigo o orgulho augmenta.

STROPHE 4.ª

,, Se Affonso arando as humidas campinas
,, Quizer, ousado e bravo,
,, Punir o grande agravo,
,, Por mim (dizias) feito ás Lusas Quinas;
,, Meu braço dardejando a lança ardente,
,, Meu braço, que do horror da morte armado,
,, Em campo frente a frente,
,, De Sião derribou o augusto fado,
,, Lavará em seu sangue o fero ultrage,
,, Que o Gama á India fez na grão passage

ANTISTROPHE 4.ª

Inda fallavas, quando o mar fervendo
Sob as guerreiras faias,

Conduz ás tuas praias
De grão furor armado o Heroe tremendo,
Ja sobre a fulva arêa, formidavel,
A planta imprime, e sopezando a lança,
De sangue insaciavel,
Contra ti denodado se abalança:
De sua ira ante a face, o rosto adusto
Da mortal cor te tinge a mão do susto.

EPODO 4.º

Em vão intentas no perigo horrivel
Escapar á ruina;
Que o raio assolador, que o heroe fulmina,
Quanto encontra, terrivel
Talha, assola, desfaz, prostra, extermina.

STROPHE 5.ª

Por não ver de seu Sceptro a flor prostrada,
Oh! quanto a rouxa aurora
O carro seu demora
Do Ganges na ribeira prateada!
Quantas em fim, guiando o novo dia,
Da arrogante cidade no regaço
Vio, cheia de agonia,
Crueis mortes vibrar o invicto braço
E ao ver o grande estrago, oh quanto, oh quanto
O mar enriqueceo de fino pranto!

ANTISTROPHE 5.ª

Se a Lira as immortaes azas battendo
Em mil rodeios voa,
E na brilhante c'roa,
Os louros vai sem ordem entretecendo,
Segura rompe o vôo scintilante,
Que o grão vigor das pennas lhe alimenta,
Nume grande e possante,
Que eterna fama dos heroes sustenta:
Nume, que só aos sabios resplendece,
E em densa nevoa ao vulgo se escurece.

EPODO 5.º

Sobre as agoas do mar Siciliano
Em cem galés ligeiras
Soltando ufano as barbaras bandeiras,
O furor Africano
Do Lacio escala as prosperas ribeiras.

STROPHE 6.ª

Mas o povo de Marte impaciente
Do Punico ardimento,
Com denodado alento
Nos reinos entra do humido tridente,
Tão seguras as Reaes Aguias Latinas
Ao novo voo as pennas sacodirão,
Que as ondas cristallinas
Cruzar seus campos com horror as virão.

E o Tibre desde então entrou ufano
O sceptro a prometter-se do Oceano.

ANTISTROPHE 6.ª

Africa em tanto, oh quanto audaz nutria
Soberba confiança!
Ebria d'esperança,
Que triunfadoras palmas não cingia!
Facil a seu valor julga arrogante
O Romano vencer nas ondas rude:
Mas em peito constante
Que prodigios não obra alta virtude!
Tu, Mila, o viste com horrendo estrago
Pizar o orgulho da feroz Carthago!

EPODO 6.º

Roma, que ás nuvens cheia de vaidade
Subir vê sua gloria
Em marmore entalhada a gran memoria
Consagra á eternidade
Dos despojos ornada da victoria.

STROPHE 7.ª

Assim dos filhos seus o nome exalta,
E nutre, que conhece
Que aos Ceos o valor cresce,
Quando seu resplendor o premio esmalta.
Mas quantos a insultar os bravos ventos

Com mais razão ufana levantára
Pomposos monumentos ,
Se d'Affonso em seu seio o sol raiara !
Quantos pelos tropheos , que a forte espada
Em Gerum alcançou da infida armada !

ANTISTROPHE 7.ª

Aguia soberba , a quem no campo ethereo
O espirito alentado
Deo sobre o povo alado
Das vagas aves merecido imperio ,
De bancas pombas sobre a banda espessa
Táo rapida por entre as nuvens turvas
Não cahe , não se arremessa ;
Brandindo o curvo bico , as garras curvas ,
Como entre a immensa armada o Varão forte
Frexando o arco , da espantosa morte.

EPODO 7.º

Ao triste aspecto do funesto damno ,
Que a terra e o mar cobria ,
Depoem Ormuz a barbara ousadia ,
E ao jugo Lusitano
A cerviz dobra em fim pallida e fria.

STROPHE 8.ª

De novas frechas te arma , oh Lira amada ,
E os voos remontando ,

Vamos acompanhando
O grande heroe pela triunfante estrada.
Canta como primeiro entrou ousado
Do Rouxo Mar a indomita garganta ,
E de seu nome o brado
Suez , Meca , Gidá , Medina espanta.
Como . . . Mas tua voz treme e desmaia ?
Alento cobra , que he distante a praia

ANTISTROPHE 8.ª

Trovão , que brama , e chammas mil arroja ,
Ardendo o vio Curiate
Vio-o a rica Mascate ,
Brava , Lamo , Orfacão , Queixome , e Hoja.
Soar o sabe , que a seus pés prostrado
A vida salva , e Calayate astuto ,
O Persa pharetrado ,
A quem a guerra off'rece por tributo :
Mas , ó divina Lira , o panno ferra ,
Que he o mar infinito , á terra , á terra.

EPODO 8.º

Sublime heroe , em vão Neptuno irado
Roubou á tua gloria
Os soberbos padrões d'alta victoria ,
Que meu plectro sagrado
Hoje a grava nos bronzes da memoria.

EPIGRAMMA.

Essa feliz abelha, que imprudente
Tua boca mordeu tão cruelmente,
He digna de perdão, Lilia formosa,
Pois ao vê-la julgou que era huma rosa.

LIRA INEDITA

de T. A. Gonzaga, Author da celebre Marilia de Dirceo.

Tu, formosa Marilia, já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas
Do turvo ribeirão, em que nasceste,
Deixa, Marilia, agora
Estas lavradas Serras;
Anda affoita romper os grossos mares;
Anda encher de alegria estranhas terras;
Ah! que por ti suspirão
Os meus saudosos lares.

Não corres, como Sappho, sem ventura
Em seguimento d'hum cruel ingrato,
Que não cede aos encantos da ternura:
Segues hum genio amante,
Que a perder-te morreria.
Quebra os grilhões do sangue, vem, ó bella:
Tu já foste no Sul a minha guia,
Ah! deves ser no Norte
Tambem a minha estrella.

Verás o Deos Neptuno socegado
Aplanar co' o tridente as crespas agoas;
Ficar como dormindo o mar salgado;
Verás, verás da alheta
Soprar o brando vento;
Mover-se o leme, desrinzar-se o linho
Seguirem os Delfins o movimento,
Que leva na carreira
O empavezado pinho.

Verás como o Leão na proa arfando,
Converte em branca espuma as negras ondas,
E as talha, e corta com murmurio brando;
Verás, verás, Marilia,
Da janella dourada,
Que huma comprida estrada representa
A lympha cristallina, que pizada
Pela proa, que foge,
Em borbotões rebenta.

Brutos peixes verás de corpo immenso
Tornar ao torto anzol depois de o terem
Pela rasgada boca ao ar suspenso.
Os pequenos peixinhos,
Quaes passaros voarem:
De toninhas verás o mar coalhado,
Ora surgirem, ora mergulharem,
Fingindo ao longe as ondas,
Que forma o vento irado.

Verás que o grande monstro te apresenta

Hum repucho formado com as agoas,
Que ao ar espalha com robusta venta.
Verás em fim, Marilia,
As nuvens levantadas,
Humas de cor azul, ou mais escuras,
Outras da cor de roza, ou prateadas,
Fazerem no horizonte
Mil diversas figuras.

Mal chegares á foz do claro Tejo,
Apenas elle vir o teu semblante,
Dará no leme do baixel hum bejo,
Eu lhe direi vaidoso,
Não trago, não, comigo,
Nem pedras de valor, nem montes d'oiro,
Roubei as aureas minas, e consigo
Trazer para os teus cofres
Este maior thesouro.

Maximas, Pensamentos, e Reflexões Moraes.

Por hum Brazileiro.

Quelque decouverte, que l' on ait fait dans le payz de l' amour propre, il y reste encore bien de terres inconnues

De La Rochefoucauld.

AGrada mais ao nosso amor proprio a companhia, que nos diverte, que a Sociedade que nos instrue.

Ordinariamente tratamos com indifferença aquellas pessoas, de quem não esperamos bem, nem receamos mal.

Sobeja-nos tanto a paciencia para tolerar os males alheios, quanto nos falta para supportar os proprios.

Ha huns, que affectão de muito occupados, para que os creão de muito prestimo.

Condemnamos muitas vezes a nossa memoria para justificarmos a nossa conducta.

Os pobres taxão a esmola, quando pedem por emprestimo.

Os annos mudão as nossas opiniões, como alterão a nossa physionomia.

Os homens nos parecerão sempre injustos, em quanto o forem as pretenções do nosso amor proprio.

A causticidade dos velhos provem de que

elles reflectem, e ja não gozão; a amenidade dos moços de que gozão, e não reflectem.

O homem prudente se humilha pela experiencia, como as espigas se curvão por maduras.

A ventura do homem immoral se assemelha a huma bella madrugada, que dá principio a hum dia procelloso e desabrido.

Não damos de ordinario maior extensão á nossa beneficencia, do que julgamos convir ao nosso interesse.

A alegria do pobre, ainda que menos duravel, he sempre mais intensa que a do rico.

He mais facil perdoar os damnos do nosso interesse, que os agravos do nosso amor proprio.

Folgamos com os erros alheios, como se elles justificasem os nossos.

O amor abranda os Heroes, como o fogo derrete os metaes.

Ha certos passatempos e prazeres illicitos, que censuramos nos outros, mais por inveja do que por virtude.

Somos tão varios nas nossas opiniões, quanto são varias as circunstancias, em que nos achamos.

Os homens de ordinario se humilhão para se elevarem, como as aves se agachão para melhor voarem.

Affectando por hum falso pundonor saber

o que ignoramos, deixamos de aprender o que não sabemos.

Ha homens tão vaidosos da sua sciencia, que presumem que os outros não podem ignorar menos, nem saber mais do que elles.

A Sabedoria humana bem ponderada vale sempre menos do que custa.

Somos enganados mais vezes pelo nosso amor proprio do que pelos homens.

He tão facil o prometter, e tão difficil o comprir, que ha bem poucas pessoas, que se achem desobrigadas das suas promessas.

Os bens, de que gozamos, sempre exercem menos a nossa razão, do que os males que sofremos.

Desprezamos ordinariamente as opiniões alheias, quando se não conformão com as nossas.

(*Continuar-se-ha*).

Senhor Redactor.

EM huma questão grammatical que se moveo em huma Sociedade Litteraria, em que eu me achava, perguntou-se-me o que era *Syllaba*. Respondi na maneira seguinte:

Chama-se *Syllaba* o concurso de qualquer *vogal* ou *diphthongo* com a sua *figurativa* e consoantes que se seguem até á figurativa de

outra vogal ou diphthongo em huma mesma palavra simples.

Diphthongo chama-se o concurso de huma vogal de meio tom com outra de tom inteiro;

Exemplos	*Contrastes*
Pàe	Esvâéce
Ràiva	Rainha
Páo	Càhôs
Pàulo	Pâûl
Làcteâ	Sopéâ
Péixe	Thrêìcio
Déos } Céo }	Endêôsar
Méu	Mêùdo
Còpiâ	Copiâ
Sorrio }	Rìô
Pròprio }	Aproprìô
Taboâ	Lisbóâ
Sóes	Côêlho
Cóiro	Dôìa
Aguâ	Pùâ

Chama-se *Figurativa* a muda que precede huma vogal, ou só ou com huma liquida.

As mudas ou são simples [b, c, d, f, ch, g, j, k, m, p, q, s, t, v, x, z]; ou compostas [bs, cs, et, cz, dj, ps, pt, sb, sc, sch, sd, sf, sg, sk, sp, sm, sn, sq, st.]

Como estas definições poderão ser uteis; ou por exactas ou por fazerem despertar em alguem a lembrança de outras melhores, tomo

a liberdade de lhas dirigir, para que lhes queira dar hum lugar no seu Periodico, se julgar que não são indignas dessa honra.

Sou com toda a estimação
Seu muito attento venerador.

S. P. F.

Correspondencia.

AInda que ninguem aborreça mais do que eu a distinção pertendida de paizes, e o insulso brazão de que tão justamente zombava o sabio Luciano, todavia não posso deixar de confeçar que he necessario ser insensivel para não se interessar em dar gloria ao lugar, a que se deve o berço e a educação, e que fórma sempre as mais doces prisões ao nosso coração. Este amor da patria, longe de ser criminoso, he mais hum estimulo que nos incita, segundo o verso de Horacio,

Lucem redde tuæ, dux bone, patriæ.

Penetrado destes sentimentos, eu não posso escusar-me ao generoso convite, que me faz hum patricio meu, tão benemerito pelos seus conhecimentos, e pelo emprego que delles faz; para inserir neste periodico huma circunstancia, que de certo não he indifferente á nossa Patria,

A sua Carta o fará melhor sentir, e por isso a transcrevemos.

S.r ...

Em fim tirei do cahos, em que se achava, a Ode, que a v. prometti, e que tenho a honra de enviar; se bem que por si nada valha, da-lhe realce o assumpto que canto; e acho certo picante (e que dezejo mesmo que v. o faça sentir no seu Jornal) em que fosse a Bahia o lugar primeiro, que S. A. R. Honrou com a Sua Presença, e que o primeiro Jornal feito no Rio de Janeiro o seja por hum Bahiano, e que nelle se imprimão versos feitos em Pariz por outro Bahiano, e em memoria do fasto, que mais felicita o Brazil: o acaso, que envolve a Bahia, e seus filhos neste caso, parece-me digno de nota. Para quanto for cooperar para bem da sua empreza, e executar as suas ordens, está prompto. etc.

Rio de Janeiro 21 de Dezembro de 1812.

D. B. B.

Estou bem longe de persuadir-me que esta sincera expansão de hum coração amante da sua patria, offenderá a alguem, ou marcará espirito de parcialidade, nem que a este se attribua a preferencia, que lhe damos, devida á grandeza do sugeito, e não a attenção topica.

HISTORIA.

Extracto da viagem, que fez ao sertão de Benguella no anno de 1785 por ordem do Governardor e Capitão General do Reino de Angola, o Bacharel Joaquim José da Silva, enviado á aquelle Reino como Naturalista, e depois Secretario do Governo.

De Loanda para *Benguella.*

NO primeiro de Junho, quinto dia de viagem, avistámos o Rio *Quanza*, hum dos mais importantes das Possesões de *Portugal* nesta Costa, assim pelas Mercadorias que por elle se transportão commodamente para *Calumbo*, *Massangano*, *Muxima*, e todos os outros Presidios, que estão nas suas margens, como pelas que se espalhão por quasi todo o sertão de *Angolla*, e pelo commercio da *Quissama* e *Libôlo*, ferteis em optimos Escravos.

He este Rio povoado todo de *Cavallos Marinhos*, de grandeza consideravel, não menos que dos peixes chamados *Mulheres* (e que disso não tem semelhança alguma, como mostrarei): nem são menos ferteis as suas margens em todos os fructos deste Continente, e dão-se nellas muito bem alguns da Europa e Brasil. O gado he excellente, se exceptuar-mos o Vacum, de que vi muito pouco, e o Cavallar, que em nenhuma parte destes Reinos se encontra. Não he comtudo desprezivel o risco,

em que se poem as Embarcações á entrada deste Rio, cheio de cachopos, que, principalmente no tempo de *Calema*, ou, o que he o mesmo, quando o mar está mais agitado, tem dado fim a muitas com graves perdas de seus donos.

No septimo dia, pelo fim da tarde, fundiamos em *Novo Redondo*, que estará 6 legoas para o S. de *Benguella a Velha*: e adverti que desde o Morro de *Benguella a Velha* até *Novo Redondo*, e ainda por diante, faz a Costa para dentro huma grande Bahia com pouca differença de grossura. E havendo-nos fundeado apartados de terra por se nos acabar a viração: ao dia seguinte nos chegamos para ella com o terral, e nos seguramos a dous ferros.

He o *Novo Redondo* huma terra grossa e alta, e que faz parte da sobredita Bahia; e he alli o mar tão bravo por causa de espraiar desde huma boa legoa, que não tem até agora permittido outro modo de desembarque que huma especie de Jangada, a que os da terra chamão *Bimbas*, fabricadas de huma especie de madeiros muito leves, toscos e sem genero algum de lavor, que os negros, atando com cordas huns aos outros, conduzem até onde os esperão as Embarcações pequenas dos Navios, que não podem chegar a terra; mas estas Bimbas deixão muitas partes por onde entra a agoa, pela sua má construcção; e as maretas são mui grandes, sempre se molhão os que nellas se embarcão, e se não tomão cautela

cahem muitas vezes ao mar; sendo por isso mais commodos os transportes de madrugada, que he quando a calema he menor.

O terreno deste Presidio he todo de barro, e bom para *Olarias*, e lhe fica a pequena povoação de brancos em o mais alto delle, e emparelhado com outro, em que está fundado o Forte, que he de madeira e terra da mesma qualidade, fabricado ao uso dos negros, mais para o N O. Os naturaes da terra são bem feitos, e vencem, como nas outras partes, soldo os que se empregão nas obras Reaes, e estes são todos Vassallos de dous Sôvas os mais vizinhos e principaes daquelle territorio. O mais vizinho, e que está no mesmo Presidio hum pouco para o S E, chama-se *Quissalla*; e o outro fica hum pouco para E, e mais para dentro, e chama-se *N. Gunza Acabollo*, ou *o Sôva do Palmar*, o qual chamão assim por hir ter alli hum palmar, que está nas margens de hum Rio (do mesmo nome deste Sôva a quem pertence) que se estende pelo espaço de boas 5 legoas; donde extrahem os seus Vassallos extraordinaria quantidade de azeite para o seu uso domestico e diario. A corrente deste Rio he de E até desembocar no mar pelo caminho de N O, ainda que esta Bahia entra mais pela terra; fica por isso comprehendido por dous pontos notaveis, que são duas pontas de terra mais altas e grossas, das quaes huma fica ao S O, e se chama a *Ca-*

beça da Baléa, e a outra está ao N ¼ N E. Os negros aqui fabricão as suas casas de barro e madeira, redondas, e as cobrem de folhas de palmeira; não lhe fazem janellas, antes as portas por onde entrão para ellas são tão pequenas e baixas, que hum homem curvando todo o corpo, acha difficuldade em entrar por ellas: o que justamente praticão todos os habitantes deste Continente, cuja architetura ainda não chega a deparar-lhes o modo de fazerem portas, com que se defendão das feras, que muitas vezes fazem nelles preza dentro das suas mesmas casas. Estes de *Novo Redondo* são de bom natural, e de humor alegre; deixão crescer, e concertão os seus cabellos com azeite de palma, e pós de varias cores, que fazem, moendo diversas madeiras, e os entranção, ornando-os de pennas, missangas, e fazendo delles varias figuras, para elles mui vistosas e curiosas, e para nós hediondas: sendo mais insuportavel o cheiro de hum negro destes, e dos de todo o sertão, que o de hum bóde! Quando porém começava eu a tomar mais amplo conhecimento deste paiz, não o consentirão as continuadas febres, proprias deste sertão, que vou ainda hoje padecendo, e são muitas a causa de não fazer mais progressos neste estudo. E depois de causa de oito dias demora neste porto, nos fizemos á véla para *Benguella*, que delle para o sul poderá distar cousa de 2¼ legoas.

POLITICA.

Calculo sobre a perda de dinheiro do Reino, offerecido ao Senhor Rei D. JOAM QUINTO de eterna gloria, por Alexandre de Gusmão, Seu Secretario do Estado, Fielmente copiado do seu original authographo.

SENHOR.

O Dinheiro he o sangue das Monarchias, e extrahido do corpo dellas, enfraquecem da mesma sorte que acontece aos corpos humanos, quando se lhes tira o sangue. A este modo de fraqueza se vai reduzindo Portugal, pois que tanto se trabalha em extrahir-lhe a moeda, quanto elle caminha para a pobreza, e por consequencia para a ruina.

As causas motoras deste damno tem muitos e diversos principios, mas obrão todas de conformidade para a extracção da moeda do Reino; e como a pouca que nelle entra, não suppre á muita que delle sahe, continuamente se vai empobrecendo com perda irreparavel para seus habitantes, que sentem este damno, sem lhes poder applicar remedio.

Para mostrar as origens das mesmas causas, e como ellas produzem aquelle damno, precisava de huma carta de seguro, que V. M. ma póde conceder; por isso me explicarei de sorte, com bem magoa de meu

coração, que não diga todas as verdades, ainda que não fique completo este meu discurso, contentando-me com fazer-me entender.

Os Povos, Senhor, para viverem em todas as Terras do Reino, necessitão fornecer-se huns aos outros de generos e manufacturas, que todos hão mister para o sustento e trato da vida; o que sempre executão pelo meio sabido do commercio; e como os generos e manufacturas dos Povos, sejão nacionaes ou estrangeiros, não podem expor-se em todas as partes, com a facilidade com que transportão o dinheiro, que igualmente representa os mesmos generos e manufacturas, por isso se estabeleceu a moeda.

Assim pois continúa o commercio, fazendo-se de generos, supprindo-se estes e aquelles com o dinheiro, quando os não ha igualmente de ambas as partes, para fazer-se a balança do commercio, nos generos e manufacturas, de que huns e outros necessitão.

Supprida esta balança com dinheiro, he innegavelmente certo, que se ha de extrahir do Reino, que assim o der, para aquelle ou aquelles que delle receberem. Assim nos acontece em Portugal, de que certamente resulta fazermos commercio passivo, que he o peior de todos; porque pagamos sempre com dinheiro a balança dos generos e manufacturas que não temos, e de que muito necessitamos.

Não seria o nosso commercio passivo, se

mettessem no Reino annualmente tanta quantidade de moeda, como delle se lhe extrahe, para pagar-mos os generos e manufacturas que necessitamos comprar a dinheiro, afim de supprir-mos a referida balança do nosso commercio com os estrangeiros; porque em tal caso, era commercio sem utilidade nem prejuiso, que vinha a ser reciproco, e nem enriquecia, nem empobrecia o Reino.

Assim commerciavamos nos tempos, em que fomos senhores dos generos e manufacturas da Asia, que vinhão pelo Cabo da Boa Esperança; e tambem ha cousa de meio seculo para cá, em quanto vinha muito ouro das Minas, e valião os generos da America; mas agora que vem cada vez menos, e os generos abaterão na estimação e valor, pelos que correm no commercio, produzidos em outras Colonias novas, necessariamente havemos de fazer hum commercio, como mostrarei na fórma seguinte.

Supponha-mos por hum calculo prudente, que neste Reino existem actualmente, circulando em seu commercio, cem milhões em moeda sobre o fundo dos quaes se acredita e abona todo o commercio, que fazemos com os nacionaes e estrangeiros; se deste fundo se tirassem todos os annos dez milhões para supprir-mos a balança do commercio; e mettessemos actualmente no Reino igual quantia, não receberia o Reino perda na massa total da sua

riqueza, pois que existia sempre o mesmo fundo.

Não poderiamos reputar como perda da Caixa nacional aquella moeda, que assim davamos por aquelles generos e manufacturas, se a tinhamos das nossas minas com a mesma facilidade, com que as nações estrangeiras poderáõ ter os mesmos generos e manufacturas, de que a maior parte se corrompem, e consomem em pouco tempo, e o resto de tudo isto que he fabricado de metaes, tambem chega a consumir-se, posto que prolongue mais a sua duração.

Tambem havião os prejuizos de perder o Reino na povoação a gente, que mandasse occupar nas minas, visto que na America não he propria para as suas administrações e trabalhos, e não bastão sómente os negros da Africa, porque he preciso quem os conduza e obrigue ao trabalho com a economia, isto além da falta de emprego para a gente do Reino, quando a industria está em decadencia dentro no mesmo Reino.

Mas tornando ao forte do discurso; he impossivel supprirmos com a moeda, que entra no Reino, a muita, que sahe para fóra delle; de que resulta evidentemente hir-se diminuindo todos os dias o nosso supposto fundo dos referidos cem milhões. Isto succede assim, porque cada vez vem menos ouro das minas, e se augmenta mais a extracção

do dinheiro do Reino: por isso deixando outras cousas em que não posso fallar, he evidentemente certo, que aquella diminuição do rendimento das minas, e esta maior extracção da moeda, correm de conformidade para a sua pobreza.

Segue-se de todo o referido, que dentro de vinte annos, segundo a mais prudente calculação, ha de perder o Reino a maior parte da moeda que agora possue. Esta conta he infallivel, porque augmenta cada vez mais a sua exportação, o que tudo redunda em perda do considerado e supposto fundo; de que tudo he evidente prova a falta de dinheiro que sentimos na Capital do Reino; porque sendo o nosso commercio passivo, por fazer-mos a maior parte em generos e manufacturas dos estrangeiros, que pagamos a dinheiro; he preciso que este se dispenda e passe pela Capital, em rasão de estar situada junto ao porto geral do nosso commercio com os estrangeiros; e se nesta Capital se experimenta falta de dinheiro, sendo senhora da maior parte delle, ainda que seja sómente como commissaria, segue-se por consequencia que he cada vez maior a extracção do mesmo.

E sendo a abundancia, a circulação do mesmo dinheiro, os que dão valor aos generos, diminuindo-se a soma existente da moeda daquelle supposto e calculado fundo, que anda na massa total do Reino, diminue por

esta causa o valor dos generos, de que se segue tambem ser preciso mais dinheiro para supprirmos a balança do nosso commercio.

Isto he indubitavelmente certo, e tão claro como a luz do dia; porque se a perda do dinheiro, que se extrahe, monta annualmente a quatro milhões de soma, que recebe para o mencionado e supposto fundo de cem milhões, ninguem póde negar a diminuição do mesmo fundo, e tambem he certo, que podem calcular em quinhentos mil crusados annuaes a perda que sentimos no rebatimento do valor dos nossos generos, de que vem a chegar a perda a quatro milhões e meio; e ainda que isto pareça supposto, parece que será muito certo. De tudo vimos a concluir, que sendo o nosso fundo de cem milhões, e continuando o mesmo estado do commercio, com interesse totalmente passivo, para os Povos do nosso Reino, pela perda de quatro milhões e meio annuaes, extrahidos deste mesmo fundo, como não podemos duvidar, parece que vem a acontecer em vinte annos, extinguir-se a maior parte, ou tres partes do ditos cem milhões de fundo, pouco mais ou menos.

E como seja do Ministerio dos Soberanos procurar pela conservação e felicidade dos Povos, que se confiarão no seu governo, supplicão os Portuguezes, fieis Vassallos de V. M., com a maior submissão e respeito, diante do Real Trono, que V. M. seja servido:

Que se augmente a Nobreza bem entendida.

Que diminua o Luxo, com alguma lei sumptuaria.

Que se augmente a Agricultura, fazendo-se as Estradas, e cortando-se as Ribeiras para navegar e regar.

Que se estabeleção Fabricas, augmentando-se por toda a parte a Industria.

E que finalmente se favoreça o commercio, dentro e fóra do Reino, sem o qual não póde haver Estado rico, poderoso, nem florente.

Desta fórma, Senhor, he que o Reino precisa de Providencias, as quaes V. M. lhe póde applicar pelo meio da Sua Alta Comprehensão e do seu Poder, pois ninguem como V. M. tem os meios para estes fins; já que Deos permittio por Sua incomprehensivel Bondade (como Protector de todos os Reinos) que V. M. possua os referidos meios, quaes são, o ser Senhor das minas do ouro, de excellentes terrenos, e fieis Vassallos. Com justa rasão espera o Reino, que V. M. lhe procure quanto mais cedo as felicidades de que elle póde gozar debaixo do seu Poderoso Governo.

V. M. se dignará ponderar tudo com a Sua Alta Comprehensão, e applicar-lhe o remedio, que for servido.

A Real Pessoa de V. M. guarde Deos muito annos, como todos havemos mister.

TRATADO DE PAZ

Entre S. M. o Rei da Suecia, e S. M. o Rei do Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda.

EM nome da Santissima e Indivisivel Trindade. Sua Magestade o Rei da Suecia, e Sua Magestade o Rei do Reino Unido da Gran Bretanha e Irianda, igualmente animados do dezejo de restabelecer as antigas relações de amizade e boa harmonia entre as duas Coroas, e os seus respectivos Estados, nomearão, para este effeito, a saber, Sua Magestade o Rei da Suecia, o *Sieur Laurent*, Barão de Engerstrom etc., e o *Sieur Gustavo*, Barão de Wettersdet, etc., e o Principe Regente, em nome e da parte de Sua Magestade o Rei do Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda, a Edward Thornton, Escudeiro, os quaes Plenipotenciarios, depois de haverem trocado os seus respectivos poderes, constituidos em plena e devida fórma, concordarão nos seguintes artigos:

Art. I. Haverá entre Suas Magestades o Rei da Suecia, e o Rei dos Estados Unidos da Gran Bretanha e Irlanda, seus herdeiros e Successores, e entre os seus vassallos, Reinos, e Estados respectivamente, huma firme, verdadeira, e inviolavel Paz, e huma sincera e perfeita união, e amizade; de tal sorte que

desde este momento se considera como inteiramente cessante e destruido qualquer motivo de dissensão, que possa haver subsistido entre elles.

II. As relações de Amizade, e Commercio entre os dois paizes serão restabelecidas no mesmo pé, em que estavão no primeiro de Janeiro de 1781; e todos os Tratados e Convenções subsistentes entre os dois Estados n'quella epoca, serão considerados como renovados, e confirmados, e são pelo presente Tratado accordemente renovados e confirmados.

III. Se em resentimento da presente pacificação, e do restabelecimento da boa harmonia entre os dois paizes, qualquer Potencia fizer guerra á Suecia, Sua Magestade o Rei do Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda se obriga a tomar medidas, de mãos dadas com Sua Magestade o Rei da Suecia, para a segurança e independencia dos seus Estados.

IV. O presente tratado será ratificado pelas duas partes contractantes, e as ratificações trocadas dentro de seis semanas, ou mais cedo, se for possivel.

Em fé do que, nós abaixo assignados, em virtude de nossos plenos poderes, assignamos o presente tratado, e nelle fizemos pregar os nossos sellos.

Dado em Orebro a 18 de Junho de 1812.

(*Assignados*) Barão de Engerstrom,
Barão de Wotlersdet,
Edward Thornton.

Tratado de Amizade, União e Alliança entre a Hespanha e a Russia.

SUA Magestade Catholica D. Fernando VII., Rei de Hespanha e das Indias, e Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, igualmente animados pelo desejo de restabelecer e fortificar as antigas relações, que tem existido entre Suas Monarchias, nomearão para este effeito; a saber, da parte de S. M. Catholica, e em seu nome a Regencia das Hespanhas, a D. Francisco de Zea Bermudes; e S. M. o Imperador de todas as Russias ao Senhor Conde Nicoláo de Romanzoff, seu Conselheiro do Imperio, etc., os quaes depois de terem trocado seus plenos poderes, e achados em boa e devida fórma, concordarão no seguinte.

Art. I. Haverá entre S. M. Rei da Hespanha e Indias, e S. M. o Imperador de todas as Russias, seus herdeiros e successores, e entre suas Monarchias, não só amizade, mas tambem sincera união e alliança.

II. As duas Altas Potencias contratantes, em consequencia deste ajuste, reservão entenderem-se sem demora sobre as estipulações desta alliança, e concertar entre si tudo o que póde ter connexão com os seus interesses reciprocos, e com a firme intenção em que se achão de fazer huma guerra vigorosa ao Imperador dos Francezes, seu inimigo commum;

e promettem desde já vigiar e concorrer sinceramente para tudo o que póssa ser vantajoso a huma ou outra parte.

III. S. M. Imperador das Russias reconhece por legitimas as Cortes geraes e extraordinarias, reunidas actualmente em Cadis; como tambem a Constituição que estas decretarão e sanccionarão.

IV. As relações do Commercio serão restabelecidas desde agora, e favorecidas reciprocamente: com tudo as duas Altas Partes Contratantes procurarão meios de lhe dar maior extensão.

V. O presente tratado será ratificado, e as ratificações serão trocadas em S. Petersburg no termo de tres mezes, contados desde o dia da assignatura, ou antes, se poder ser.

Na fé do que nós abaixo assignados, em virtude de nossos plenos poderes, assignámos o presente tratado com o sello das nossas armas. Feito em Welsky-Lonky a 20 de Julho de 1812. — Francisco de Zea Bermudes. — O Conde Nicolao de Romanzoff.

ESTADO POLITICO DA EUROPA.

DEpois que a Discordia sacodio o facho fatal, e saltarão por toda a parte faiscas, que tem incendiado, abrazado, e consumido Monarchias inteiras, depois que huma ambição desenfreada não conhece limites aos seus iniquos dezejos; a face do mundo muda quasi diariamente, e o espirito cança em seguir estes terremotos politicos, mais destruidores do que os physicos. O Cometa detestavel que ora se chega a hum, ora a outro globo, sempre deslocando, perturbando sempre, ainda apparece, e os effeitos da sua terrivel influencia são bem visiveis. O Leitor o terá sentido muitas vezes, e hoje terá a mortificação de lançar comigo hum breve golpe de vista sobre o estado actual politico das differentes potencias. Começaremos por Portugal, e seguiremos a ordem thorographica. Parece que esta nação era a barreira marcada pela Providencia ás rapinas dos novos Godos. Sacodido huma vez o jugo nos campos de Vimeiro, do sangue dos bravos Portuguezes, que rubricou a sua felicidade, nascerão milhares de soldados, animados do espirito dos antigos Conquistadores da Africa e da Asia, e dos descobridores da America. O Bussaco foi a prova do ensaio, e mostrou aos veteranos de Marengo, que não mentem as paginas da Historia, prenhes de

elogios ao valor e aos talentos guerreiros dos Portuguezes, desde o tempo da antiga Lusitania. Huma serie de victorias, hum tecido de prudentes combinações, huma cadêa de planos acertados, scellarão a nossa independencia; e nos poserão em estado de acodir-mos aos nossos visinhos opprimidos com o pezo d'aquelles iniquos invasores. Elles nos chamarão, qual outr'ora ao bravo Affonso, e a Scena do Salado se renovou em Albuera, Barroza, Salamanca, Burgos, e em quasi todos os lugares da Hespanha. O melhor dos Marechaes prova a disciplina e a intrepidez das tropas, que se reputavão bisonhas, e o soldado Portuguez apparece em toda a sua gloria. Abafarei as ternas expansões do meu coração, que de bom grado se espraiava em recordar aquelles versos do nosso insigne Poeta,

> Quão doce he o louvor e ajusta gloria
> Dos proprios feitos quando são soados!

Hum Governo providente, activo, recto, todo embebido no desempenho da ardua empreza, em que a nação está interessada, executando fiel e zeloso as Sabias Ordens de S. A. R., a illustre co-operação da nossa antiga alliada, e a nobre divisa dos Portuguezas. = Vencer ou morrer, = abonão as minhas esperanças de que os Godos, não só purguem a Hespanha da sua presença; mas

não achando segurança nos Pyrineos, tremão de ver no seu proprio paiz as devastadoras calamidades, que elles trouxerão á Peninsula, afora aquellas desenvolturas, aquelles horriveis attentados, parto da sua barbaridade, e ferocidade.

A liberdade, desprendendo as molas do patriotismo, vemos cada vez novas provas de enthusiasmo, e de acisado arrojo. O espirito dos Romanos se propaga, e a nação conta chefes experimentados, depositos das suas experanças. Mina, Ballesteros, Cruz e outros muitos, assustão as divisões Francezas, e em frequentes acções os tem combatido, e destroçado. Unidos aos corpos Portuguezes e Inglezes, elles se tem mostrado rivaes e companheiros. Está reservado nos arcanos da Providencia o termo de tantas fadigas, mas folga o entendimento de ver Cadis, empenho do ardiloso Soult, abandonada, Sevilha, sua Praça d'armas, desamparada, Astorga, e muitas outras praças restituidas, a Capital da Hespanha recebendo as leis promulgadas em nome do seu verdadeiro Monarca, e entre as mais vivas demonstrações de jubilo applaudindo ao momento, em que as suas algemas se quebrarão, e o seu horizonte ficou desabafado da negra nuvem, que o encobria, Valhadolid, Salamanca, outras muitas Cidades, despejadas d'aquelles barbaros, que marcarão cada instante da sua residencia por hum novo insulto, hum

mais feio attentado. Não está porventura longe o momento, que deve ser o ultimo da oppressão. E em quanto anciosamente o esperamos, vejamos o fóco de tantas explosões horrendas; corramos os olhos pela França.

Pezadas contribuições, duros impostos sobre povo, que não goza as commodidades do Commercio exterior, que dá alma e vigor ao interior, a agricultura enferma, e falta de braços, as mãis vendo arrancar do seio os filhos para nunca mais os verem, casas desertas, familias desamparadas, e os males inevitaveis em huma guerra, e guerra de conquista, são cores bem negras, mas que eu não carrego de sobra; traço apenas hum esboço. Os homens, as riquezas, os recursos, toda a França, está fóra da França, como tão eloquentemente dizia Sertorio em Corneille.

Rome n'est plus dans Rome, elle est toute ou je suis.

Se ajuntarmos a isto a sensação assustadora, que haverão feito na França as perdas repetidas na Peninsula, e no Norte, conhecidas por todos apezar do extravagante Decreto de Seu Imperador, que só fia do Monitor as suas noticias, não seremos exagerados em dizer que falta apenas o impulso para aquella horrivel oscillação, á qual se seguirá o descanço daquelle desgraçado Paiz. Ainda mais huma batalha, outra derrota mais, ou ainda mesmo huma victoria; e se o brio de não receber cadêas, se o nobre sentimento de preferir a morte á

escravidão, não entibiar, que ha de ser do Imperador dos Francezes?

Embora em Pariz os espectaculos, e divertimentos intentem adormentar a propria miseria, este opio applicado com esperteza pelo seu Despota pode faze-los por momentos insensiveis, mas não podem curar os seus dizeres. São perfumes e aromas, que embalsamão huma atmosfera corrupta, e empregnada de matadores miasmas.

A Allemanha, que hum dia antes parecia huma Cidade guarnecida de fortes torres, a Allemanha, escola militar da nobreza de toda a Europa, a Allemanha, patria dos Schaumbergs, dos Laudons, e dos Dauns, he hoje escrava! O tyranno dividio os Principes para melhor destrui-los! Creou novos Thronos. Os soberbos circulos do Imperio virão novas coroas pezarem sobre cabeças fracas, e ineptas. Westphalia, Baviera, e Wirtemberg, são colonias da França, presididas pelos satellites, que girão de continuo em torno d'aquelle Despota, que a seu sabor os eclipsa, ou lhes empresta huma luz baça e ephemera. A Prussia deixou de existir, hum Rei dethronizado entrega o Governo a hum Ministro, sempre Secretario de Bonaparte, que lhe prostituio o nome do grande Sully, applicando-o, não ao amigo do seu Rei, mas do seu Usurpador. Os seus soldados estão à disposição deste; levados ou arrastados ao Norte, morrem victimas da

ambição, para escaparem à dor de verem prezos os seus parentes, confiscados os seus bens, proscritos os seus nomes. Barbaridade inaudita! O systema da escravidão, que tanto se tem combatido neste seculo, reina despoticamente em paizes civilisados! Singular contradição do espirito humano!

A Austria, murchos os seus louros, abatidas as suas Aguias, concede ao Corso usurpador huma Princeza, e com ella o direito de dispor de suas desnaturalizadas tropas, indignas do nome, que as cerca. Ella se esquece dos motivos politicos, que a fazião considerar como inimiga da França, e abriga no seu seio o aspide, que a morde e devora.

Não mencionarei os estados mais pequenos. Incapazes de arrostrar por si sós o Despota do Continente, divididas em facções, elles não figurão senão na lista dos escravos de Bonaparte.

Este Imperador havia combinado ha longo tempo a conquista da Russia. Elle não fazia misterio de seus intentos e preparativos: no anno de 1806 seu proprio Irmão o declarou na Bahia com esta expressão romanesca — Se meu Irmão tornar a calçar as botas, não as descalça senão em Petersburg. — Era preciso porém hum pretexto. Quando faltão elles à ambição? A partilha da Polonia, tocava o coração *muito justo e muito sensivel* de Bonaparte. Os seus sentimentos philantropicos

erão muito offendidos pela sujeição involuntaria de huma Nação, elle quer, não restitui-la á liberdade, mas arrancando á Russia huma porção, entrega-la nas mãos de hum novo Despota, da familia, e da servidão Napoleonica; em quanto as outras ficão na sua mesma situação. Humanidade semelhante á aquella tantas vezes manifesta no Coração mais barbaro!

Por mais que politicamente se examine o motivo da guerra da Russia, a imaginação mais atilada tropeça a cada passo. Não he possivel acertar com outra causa, salvo a ambição. Mas he huma singularidade bem notavel e bem honrosa para a Russia, que aquella nação, que combinada fez sempre estereis esforços, na celebre campanha da Italia, debaixo do immortal Swarow, batteu constantemente os Francezes, e modernamente tem gloriosamente resistido ao maior empenho do flagello da Europa. Eu confeço que nunca li sem admiração os esforços verdadeiramente prodigiosos, que huma nação, quasi surprehendida, tem feito para se livrar de hum mal, que rebentou primeiro que ameaçasse: a posteridade fará justiça aos sentimentos patrioticos e generosos desta bellicosa nação, pugnando affincadamente pela sua independencia.

A Suecia tem procedido de huma maneira a mais equivoca. Os Politicos mais sagazes se vêm perplexos ao pronunciar sobre os seus sentimentos. Amigo da Russia, parece apromptar huma expedição, a qual jámais se effeitua. Procrastinando successivamente, o seu auxilio tem sido nullo, nenhum damno tem causado aos Francezes. Seria bem de presumir que elle aguarda a decisão da grande contenda do Norte, para tomar o partido, donde possa colher interesse. A conferencia com o Imperador da Russia nada andiantou apparentemente, e o systema de Bernadotte persiste. O Tratado com a Inglaterra parece huma prova, que fixa a opinião. Mas eu tenho visto tantas vezes Tratados capciosos, e muito mais depois que o Tiranno do Continente fez hum jogo das cousas mais sagradas até alli, que me parece muito acertado, desconfiar ainda no meio de tantas promessas;

Timeo Danaos, etiam dona ferentes.

Quando me recordo de que este General foi elevado por Bonaparte ao throno, quando meditava invadir a Russia, e lhe preparava portanto hum inimigo poderoso, eu creio ter assás motivos de duvidar qual he o seu intento. Todavia he temerario arriscar conjecturas em materia tão delicada, sobre a qual se tem successivamente desdito os periodicos mais acreditados. Eu aponto simplices reflexões em falta de factos decisivos, dos quaes só depende a minha opinião.

A Dinamarca faz preparativos extraordina-

rios, em tanto que recusa unir-se aos Inglezes e Suecos. Qual deve ser pois o seu partido? Alistar-se entre os Escravos de Bonaparte? A sua ilha pode receber todo o damno da parte dos Inglezes, a Norwega facilmente será conquista da Suecia. Declarar-se contra aquelle Despota? Cessará de possuir o Holstein, Oldenburg, e outros territorios na Allemanha, e talvez a esperança da Pomerania. O que se manifesta bem he que a Suecia e a Dinamarca se observão mutuamente: parece que os occupão interesses oppostos.

A Turquia com grandes preparativos assusta a Austria, e por ventura medita hum golpe: continua as suas negociações com a Russia sobre os limites na Asia. Os Francezes entretanto não se esquecem de semear a zizania, que n'aquelle paiz tanto produz, mas os seus esforços parecem inuteis. A Porta se recêa sempre da Austria, e como descançará, quando a vê ligada a hum Monarca poderoso, cuja ambição desmedida excede á do Macedonio?

Tal o esboço da Europa, que ligeiramente traçamos. O tempo nos falta (e não sobrão as forças) para corrermos os olhos pelas outras potencias do mundo, e vermos as revoluções, que nellas tem gerado o espirito de vertigem, que da Europa se estendeu a todo o Orbe. Funesto contagião quasi não ha paiz que tenha poupado! O meu espirito descança quando, lançando os olhos ao Brazil, vejo abraçadas

a justiça e a paz, respeito as Sciencias estendendo o seu imperio, e reconheço que nascem para este vastissimo continente os tempos de Saturno.

Obras publicadas no Rio de Janeiro no presente mez de Janeiro.

TRatado Elementar de Mechanica por Mr. Francœur, por Ordem de S. A. R., traduzido em Portuguez, e augmentado de doutrinas extrahidas das Obras de Prony, Bossut, Marie, &c.: para uso dos Alumnos da Real Academia Militar desta Corte; por José Saturnino da Costa Pereira, Cavalheiro na Ordem de Christo, Bacharel Formado em Mathematica, Capitão do Real Corpo de Engenheiros, e Lente do 3.° anno da mesma Acadamia. 4.ª Parte, Hydrodynamica.

O merecimento da Mechanica de Francœur he geralmente reconhecido, e huma Traducção desta obra he huma grande acquisição para nós. Porém o Traductor a fez ainda mais recomendavel, ajuntando á aquelles principios quanto julgou conveniente extrahir das Obras de melhor nota, como as que aponta no titulo, e de outras, que não menciona, entre as quaes tem o primeiro lugar a Mechanica Celeste de Laplace. Desta sorte preparou aos seus Discipulo hum Compendio rico de conhecimentos, e

muito proporcionado á duração do anno lectivo, como o tem já mostrado a experiencia.

Tratado Elementar de Physica por R—J. Hauy, traduzido para uso da Academia Militar.

Pronunciar o nome do Author he fazer o elogio da Obra. Por isso foi escolhida para o ensino da mencionada Academia. Nós nos lisonjeamos de ver quasi diariamente apparecerem novas Obras, quer traduzidas, quer compiladas para uso dos Alumnos, vindo desta arte a propagar-se mais facilmente as luzes, e fugirem diante dellas os males, que a ignorancia produz. Este fim encheu o Tratado, acodindo opportunamente com as suas fadigas a dar ao prelo aquella excellente Obra, que elle deve explicar aos seus Alumnos no presente anno.

COMMERCIO.

Mappa das Embarcações Portuguezas que entrarão em Gibraltar no anno de 1811, e suas importações, e exportações, extrahido de Documentos Officiaes.

PORTUGAL.

Portos.	N. de Emb.	Generos importados.	Ditos exportados.
Lisboa	31.	tabaco, mel, assucar, algodão, campecho, cacao, manteiga, chocolate, sal, aduelas, madeira, tijolo, taboado, salsa.	vinho, agoardente, arroz, esparto, farinha, azeite, bacalhau.
Porto	3.	taboado, algodão.	farinha; azeite, oleo, agoardente, vinho, milho.
Figueira	3.	taboado, louça, sebola.	vinho.
S. Mart.º	2.	madeira.	azeite, e vinho.
Caminha	1.	taboado, sebola.	
Cezimbra	2.	lastro	bois para Cadis.
Setubal	5.	madeira, fruta, sal, e sebola.	sal, vinho, e agoardente.
Ericeira	39.	madeira, pipas.	vinho e azeite, milho, ferro, trigo.
Aveiro	1.	taboado	vinho, azeite.
Algarve	203.	pescado, fruta, sal, lenha, telha, tijolo, gorpelhas, madeira, pipas, bezerros.	bacalhao, enxofre, cera, amendoa, farinha, arroz, biscouto, ferro, linho, vinho, vinagre, trigo, milho, papel, esparto, taboado, azeite, vaqueta.

HESPANHA.

Portos.	Emb.	Importações.	Exportações.
Cadis	16.	esteiras, capachos, chá, lenha, tabaco, cidra,	arroz, farinha, biscouto, farinha de pao, azeite, vinho,
Algeciras	2.	azeite, sabão, vinho.	azeite.
Ilha de Lião	1.	lastro	
Iviça	1.	vinho	a mesma carga.
Maiorca	1.	vinho	a mesma carga.
Portos da Costa d'Africa	14.	fruta, carneiros sabão, cera, goma, pipas, bois, couros, tijolo, e telha,	ferro, caffé, pimenta, assucar, vinho.
Ilha da Madeira.	2.	vinho, manteiga, ganga, e chá.	lastro.

BRAZIL.

Bahia	19.	tabaco, couros,	vinho, roupa,

		sola, assucar, mel, tabaco de rolo e em pó, algodão, cebo, pao amarello.	tabaco, azeite, sola, sal, papel, alhos.

N. B. Hum dos precedentes foi do Rio de Janeiro carregar á Bahia.

Resumo dos navios entrados.

1 navio; 7 galeras; 17 bergantins; 2 sumacas; 4 escunas; 26 hiates: 150 cahiques; 3 barcas; 75 rascas; 8 faluchos; 26 calões; 20 lanchas; 9 botes. Total 348.

INDICE.

HISTORIA.

POLITICA.

COMMERCIO.

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.

Ferreira.

N. 2.º

FEVEREIRO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma Loja se faz a subscripção a 4000 reis por semestre.

MATHEMATICA.

PROBLEMA.

Entre todos os Solidos de igual superficie, achar o que tem o maximo volume.

SEjão x, y, z as tres coordenadas de hum ponto, tomado na superficie do Solido, referidas a tres planos perpendiculares entre si: por este ponto, e por outro infinitamente proximo, concebão-se dous planos parallelos entre si, e no plano dos x, z: fação-se cortar estes dous planos por tres outros parallelos entre si ao plano dos y, z, e infinitamente proximos, e passe o primeiro destes pelo ponto, cujas coordenadas são x, y, z.

Se chamar-mos x', y', z'; x'', y'', z''; as coordenadas consecutivas, resultaráõ, suppondo o corpo cortado pelo plano dos x, y, tres parallelepipedos elementares, de que serão expressões

$$zdxdy, \quad z'dx'dy', \quad z''dx''dy'';$$

ou, por causa dos planos parallelos ao dos x, z,

$$zdxdy, \quad z'dx'dy', \quad z''dx''dy''.$$

Se forem ds, ds', ds'', os elementos consecutivos da curva, que resulta das intersecções de hum dos planos parallelos ao dos x, z; $d\sigma$,

$d\sigma'$, $d\sigma''$, os que resultão das intersecções, dos planos parallelos ao dos y, z; $dsd\sigma$, $ds'd\sigma'$, $ds''d\sigma''$, serão as porções da superficie do solido, que fexão os parallelepipedos $zdxdy$, $z'dx'dy$, $dz''dx''dy$; ou, por causa dos planos parallelos ao plano dos x, z,

$$dsd\sigma,\ ds'd\sigma,\ ds''d\sigma.$$

Isto posto, fazendo variar estes elementos solidos parallelamente no plano do x, y, e dentro dos limites $dx + dx' + dx''$, e dy; teremos pela condição de *maximo*

$$\delta(zdxdy + z'dx'dy + z''dx''dy) = 0:$$

a condição de ser a superficie constante dá

$$\delta(dsd\sigma + ds'd\sigma + ds''d\sigma) = 0:$$

finalmente, os limites da variação no sentido dos x, dão

$$\delta(dx + dx' + dx'') = 0.$$

Estas equações, pelas considerações feitas tornão

$$z\delta dx + z'\delta dx' + z''\delta dx'' = 0,$$
$$\delta ds + \delta ds' + \delta ds'' = 0,$$
$$\delta dx + \delta dx' + \delta dx'' = 0,$$

que, por abreviar, escreveremos deste modo, $\Sigma z\delta dx = 0$, $\Sigma\delta ds = 0$, $\Sigma\delta dx = 0$.

Sendo $ds^2 = dx^2 + dz^2$, teremos

$\delta ds = \frac{dx}{ds}\delta dx = r\delta dx$, pondo $\frac{dx}{ds} = r$; as tres

equações serão

$$\Sigma z\delta dx = 0 \ldots (1)$$
$$\Sigma r\delta dx = 0 \ldots (2)$$
$$\Sigma \delta dx = 0 \ldots (3)$$

o coefficiente de $\delta dx''$ em (3) he 1, e em (1) he z''; logo multiplicando (1) por z'', (1) por 1, diminuindo huma equação da outra teremos

$$z'\Sigma\delta dx - \Sigma z\delta dx = 0 \ldots (4),$$

resultado, em que o coefficiente de $\delta dx''$ deve ser identicamente nullo.

O coefficiente de $\delta dx''$ em (2) he r'', e em (3) he (1), e operando semelhantemente, será

$$r''\Sigma\delta dx - \Sigma r\delta dx = 0 \ldots (5).$$

he logo nullo o coefficiente de $\delta dx''$ nas equações (4) e (5). O termo $\delta dx'$ está em (4), multiplicado por $z'' - z' = dz'$; e em (5) por $r'' - r' = dr''$; logo, multiplicando (4) por dr', (5) por dz', e fazendo a subtracção, teremos

$$dr'(z''\Sigma\delta dx - \Sigma z\delta dx)$$
$$- dz'(r''\Sigma\delta dx - \Sigma r\delta dx) = 0:$$

equação, em que são nullos os coefficientes de $\delta dx''$, e $\delta dx'$; e em que por consequencia tambem deve ser o de δdx; virá pois

$$dr'(z'' - z) - dz'(r'' - r) = 0,$$

ou

$$dr'(dz' + dz) - dz'(dr' + dr) = 0;$$

e reduzindo

$$dr'dz - dz'dr = 0,$$

e

$$\frac{dr'}{dz'} - \frac{dr}{dz} = 0$$

isto he

$$d\left(\frac{dr}{dz}\right) = 0.$$

Esta equação dará, pela integração, a figura do solido, que buscamos: e temos successivamente

$$\frac{dr}{dz} = a, \quad r = az + b;$$

sendo a, e b duas constantes arbitrarias.

Repondo o valor de r, depois de haver quadrado a ultima equação, será

$$\frac{dx^2}{dx^2 + dz^2} = (az + b)^2,$$

e

$$dx^2 [1 - (az + b)^2] = dz^2 (az + b)^2,$$

donde se tira

$$dx = \frac{\pm dz(az + b)}{\sqrt{[1 - (az + b)^2]}},$$

cujo integral he

$$x + c = \pm \frac{1}{a} [1 - (az + b)^2]^{\frac{1}{2}},$$

e finalmente

$$(x + c')^2 = a'^2 - (z + b')^2;$$

equação, que pertence ao circulo; e mostra que qualquer secção feita parallelamente ao plano dos x, z he hum circulo; e como a pozição deste plano he arbitraria, segue-se que qualquer secção feita no corpo he circulo; e por consequencia he este corpo huma esfera.

Se procurassemos entre todos os solidos de igual volume, aquelle que tem a maxima superficie, fazendo considerações em tudo analogas ao caso, que acabamos de tratar, seriamos conduzidos ás mesmas equações (1), (2), (3), e em consequencia, tambem o solido, que goza desta ultima propriedade, he a Esfera.

José Saturnino da Costa Pereira.

CHIMICA.

Extracto de duas Cartas de M. Scheweiger a J. C. Delamethrie, sobre o Galvanismo.

Do Jornal de Physica.

DEzejaveis huma miuda descripção do meu apparato para produzir galvanismo por meio do fogo. A minha bateria he composta de hum conductor solido, e hum liquido.

m *n* *m* *n* *m*

A B A B A B

A e B são dois pequenos vasos de cobre, prezos alternadamente pelas ataduras *m* humidecidas com agoa salgada, e pelos arames de latão *n*. Estes vasos estão todos cheios de acido sulfurico fraco. Haverá certo numero delles; eu emprego quatorze, e cada hum descança em huma tripeça.

Debaixo de cada vaso A, ponho huma candêa accesa, em quanto os vasos B estão frios, ou por si mesmo, ou pondo-os em hum banho refrigerante.

Quando os vasos A contém acido sulfurico fraco, e são aquecidos pela luz, obrão como o zinco nas batarias ordinarias, desenvolve-se o galvanismo, oxydão-se as extremidades dos arames de metal; e ha hum desenvolvimento de gaz; mas apenas se tirão, ou apagão as luzes, cessão os effeitos galvanicos. Logo he o calor, quem põe em acção o fluido galvanico.

O arame de metal, que serve para communicação entre os vasos, não deve ser de platína, nem de ouro, mas de chumbo, ou cobre.

Esta bateria produz os mesmos effeitos, que a de *Volta.*

Eu construi outra bateria com vidro e louça, da mesma sorte que Wilkinson construio a sua de madeira; porém esta supporta sómente o calor da agoa fervendo.

Este novo methodo de produzir galvanismo pelo fogo nos dá novos meios de proseguir experiencias galvanicas. Até agora empregava-se só o methodo humido; e hoje se póde usar do methodo seco.

O galvanismo parece ter grande influencia sobre os sulfatos metallicos.

Na sua segunda Carta M. Scheweiger continua assim:

A minha bateria será principalmente destinada para temperaturas mais elevadas do que a da agoa fervendo.

Consegui combinar enxofre com os metaes por hum processo galvanico, como havião indicado as experiencias do engenhoso M. Jaeger, que oxyda os metaes com huma cha-

pa de zinco polido, e papel molhado. Já disse que estas experiencias confirmarão a minha conclusão, mas era ainda necessario repeti-las. Com effeito repeti-as; e para vossa satisfação vos communicarei as suas particularidades.

A primeira, e mais perfeita experiencia, he aquella, em que eu ajunto por meio de algum grude, que não seja conductor de electricidade, huma bacia de cobre, e outra de ferro, cada huma das quaes tenha as extremidades levantadas só por tres lados, de maneira que as duas bacias pareção hum só vaso. Eu puz estes vasos sobre carvões accesos, e lancei sobre elles algum enxofre, que se derreteu, e inflamou de quando em quando. Durante este tempo prendi aos musculos e nervos de huma rãa, preparada para este intento, compridos arames de latão, que eu soldei ás duas bacias. Ao principio percebi só duas convulsões, nas quaes não me fiei. Todavia tive a satisfação de perceber, quando acabou a experiencia, que toda a bacia de ferro estava transformada em hum sulfato tão perfeito, que o mesmo pó, que resultava daquelles sulfatos, não era attrahido pelo iman, que sustenta 18 a 20 libras. Estas peças tomarão hum polido bonito, e pelo contacto do zinco se tornarão tão notaveis excitadores da acção galvanica, que excederão a prata, mas cederão a preferencia ao carvão oxygenado (*thermo-oxydado*).

Não pude conseguir, aquecendo simplesmente chapas de ferro com enxofre, hum ferro sulphurado, igualmente perfeito, e em pedaços de conveniente grandeza para as baterias galvanicas.

Eu repeti estas experiencias ha pouco, da maneira seguinte. Fiz cortar algumas pequenas chapas, de perto de quatro pollegadas quadradas, de huma chapa de ferro estanhado, e poli-las por hum lado até apparecer o ferro. Fiz estas chapas dobradas, ajuntando-as com grude, em hum pequeno vaso de barro cozido. Aqueci primeiro este vaso sobre o fogo, e então puz minio nos espaços entre as chapas; e porque não tinha porção bastante, enchi-as de sulfato de antimonio, (fallo de sulfato de antimonio não preparado) e augmentei o fogo até derreter o sulfato. Prendi alguns arames de latão aos nervos e musculos de huma rãa *acordada do sono do inverno*, e por consequencia mais pronta a excitar. Puz hum destes arames polares em huma infusão de sulfato metallico a hum dos polos da bateria, e a outra foi posta em contacto com o outro polo. Então observei convulsões fortissimas.

Desta-arte temos baterias galvanicas construidas sem agoa; e não será difficil faze-las mais perfeitas.

Methodo imaginado, e praticado no Laboratorio Chimico do Excellentissimo Antonio de Araujo de Azevedo, nesta Cidade do Rio de Janeiro, para a extracção do Oleo de Mamona. (Ricinus communis, Lin.)

AS utilidades do oleo de mamona, tanto em Medicina, como em uso domestico, são geralmente conhecidas: o modo de o extrahir, que se pratica no Brazil, he vicioso, principalmente por dois motivos; o primeiro porque costumão sujeitar a mamona á torrefacção, que atacando a parte mucilaginosa produz hum pessimo cheiro, e gosto empireumatico; isto prova a impureza do oleo, e daqui se ha de seguir alguma alteração na sua qualidade primitiva; o segundo he por lhe não tirarem a epiderme, a qual ficando carbonizada contribue para a impureza, além de ser reconhecido que nella existe virtude emetica. Para se evitarem tão graves inconvenientes, executou José Caetano de Barros no sobredito Laboratorio o processo seguinte, que nós publicamos com muito prazer para instrucção do publico sobre este interessante objecto.

Pizou-se huma porção de mamona, depois de descascada e limpa da epiderme, e desta massa bem pizada se tomarão duas libras; o liquido, que della resultou pela expressão, se guardou em huma manga de vidro; este li-

quido não era outra cousa senão huma porção de oleo combinado com mucilagem na parte inferior, e outra menos inquinada na parte superior, lançou-se a massa, em doze libras d'agoa; fez-se-lhe fogo brando, augmentando-o depois pouco e pouco até a ebullição, e agitando-se sempre o liquido; coou-se com huma forte expressão da massa, na qual se deitarão depois tres libras d'agoa fervente, o que se juntou ao primeiro liquido já exprimido: lembrou que a fermentação era o unico meio que havia para destruir a parte mucilaginoza sem destruir a virtude purgante. Estava a decocção no estado de emulção; passadas cinco horas, pouco mais ou menos, notou-se que principiava a fermentação, isto he, hum pequeno movimento no liquido, e se hia amontoando na superficie huma massa floscosa, discorrendo-se que esta não seria senão o oleo, que por mais leve procurava a parte superior, o que talvez obstasse á fermentação, por se oppor ao contacto do ar, mudou-se tudo para hum vaso de folha de flandres, que tinha huma grande superficie; no dia seguinte continuou a fermentação já mais sensivel, exhalando hum cheiro saponaceo; no terceiro e quarto dia notou-se o mesmo; e no quinto já não havia movimento sensivel, e se desenvolvia hum cheiro putrido muito forte e desagradavel; via-se na superficie abundante oleo, já livre de mucilagem, porém ainda parte delle estava em fórma de espuma

floscoza; foi-se passando para hum funil todo o liquido, e deste modo se separou o mais puro existente na parte superior do impuro na inferior: julgando-se que pondo outra vez este ultimo no mesmo vazo de lata se poderia obter puro pela acção, que obrasse o liquido fermentado, se deixou no mesmo vazo pelo decurso de oito dias, no fim dos quaes vendo que existia sem mudança se resolveo a po-lo ao fogo, e por este meio se obteve o oleo livre do corpo, com que se achava combinado; este passou a ter huma côr alambreada, e com cheiro empireumatico; o primeiro, como não soffreo acção do fogo, ficou quasi inodoro e de côr verde.

Esta operação, que póde ainda ser executada com mais economia, produzirá mais cincoenta por cento, pouco mais ou menos em pezo d'oleo, e deve-se usar da prensa para a expressão, e com facilidade se achará meio de limpar com muita presteza da epiderme a mamona; cuidando-se sempre em a colher em tempo conveniente, e no estado de maturação. O oleo da primeira sorte, que tem resultado deste methodo, foi applicado com aprovação, e bom effeito, por alguns Medicos desta Cidade, evitando aos doentes o cheiro e gosto nauseativo proveniente de epireuma: o da segunda sorte póde servir para uso commum.

*Noções sobre a cultura, e fabrico do Anil, e Analize desta materia colorante, e do Pastel, publicadas por B.****

PRIMEIRA PARTE.

Cultura do Anil.

O Anil ou Indigo fecula precipitada, reduzida a massa solida, seca, leve, quebradiça, de côr azul carregado, de grande uso na Tinturaria, Pintura, lavagem, e outros trabalhos de diversas manufacturas, he produzida pela planta chamada Anil, Indigo-Fera da familia das Leguminosas.

Ha muitas especies de Anil, Mr. de Cossigny (1) faz menção de 14 na Ilha de França, e Mr. Brulley (2) de 20, outros authores igualmente fallão de grande numero d'ellas (3) e as descrevem: nós porém, deixando descripções botanicas aqui fóra do seu lugar, reservando-as para hum maior trabalho, que sobre esta materia temos feito, (4) dize-

(1) Ensaio sobre a fabricação do Anil, 1 vol. in 4.°, impresso na Ilha de França, Obra de Mr. de Cossigny.

(2) Memoria de Mr. Brulley, impressa nas do Lyceo das Artes de Paris.

(3) Vid. o Parfait Indigotier &c.

(4) Traduzimos, e quanto coube nas

mos, que o Indigo-fera he indigena d'America, e que se cultiva com vantagem no Continente d'America Meridional, nas Antilhas, Ilha de França, Bengalla, Tava, Guatimala,

---

nossas forças, enriquecemos das observações e experiencias, que depois apparecerão, a Obra de Mr. de Cossigny sobre o Anil, e em quanto a não publicamos aconselhamo-la aos Fabricantes, que a poderem haver, e para que tenhão do seu merecimento alguma idéa transcrevemos aqui a carta, que a seu respeito me escreveo o Autor. =

Paris 27 de Agosto de 1808,

O Vosso ardente dezejo de ser util á vossa Patria, meu caro B.***, me transporta aos meus annos de vigor: procurei o = *Essai sur la fabrique de l'indigo* = e apenas ha em Paris disponivel o que trouxe comigo da Ilha de França, onde o imprimi, eu vo-lo offereço. Quanto a seu merecimento, vossas luzes o descobrirão, se o houver, e não quadra a seu autor o pronunciar á esse respeito; só digo que a Academia Real das Sciencias de Paris, á vista da conta dada por Mrs. Macquer e Lemonnier lhe deu a sua aprovação em 1781: Que a Sociedade Literaria das Artes de Batavia, segundo a relação feita por Mr. Hooymann, a aprovou tambem no mesmo anno. A

sendo estes ultimos os mais estimados na Europa. (5)

Para que a sementeira seja boa devem-se colher as sementes do anil antes da perfeita madureza, de outro modo são de difficil germinação, e he vantajoso, antes de semea-las, po-las em agoa por algumas horas, e procurar que a sementeira se faça, quando a terra estiver regada de chuvas.

Sociedade Asiatica de Calcutta, em attenção á obra, honrou seu autor com o titulo de seu membro; Em Calcutta se imprimio em Inglez o seu extracto, que foi reimpresso depois em Londres. A companhia Ingleza das Indias Orientaes confessou dever em grande parte á esta obra o complemento dos dezejos, que tinha de multiplicar o fabrico do anil em Bengala, no Bahar, e Agra.

Assim creio fazer hum mimo ao Brazil (onde o anil he tão mal fabricado) fazendo-lhe chegar esta obra pela mão daquelle, que se fez cargo de colher, e levar-lhe quanto lhe póde ser de utilidade. Feliz o vosso Paiz, se ha nos vossos compatriotas huma porção do patriotismo que . . . &c. &c. &c.

Vosso . . . *C. de Cossigny.*

(5) Mr. de Pons diz que o anil da Terra-Firme he o mais rico e melhor, e que basta piza-lo, e deixa-lo infundir em agoa para se obter a melhor fecula.

A sementeira em raios, ou sulcos pouco profundos, he o que lhe quadra, consome-se he verdade, muita semente, mas fica-se bem pago, e toda a abundancia de sementes empregada he necessaria, pois que muita parte d'ellas aborta.

Para brevidade deste trabalho imaginou-se huma especie d'ancinho, ou grade (6), que traça ao mesmo tempo diversos regos, e Mr. de Cossigny, addicionou á esta machina hum semeador, o que abrevia ainda mais o trabalho em questão.

A terra compacta lhe convém tão pouco quanto vem bem em terra solta, razão porque se não devem poupar as lavras nas destinadas para esta plantação; as terras velhas bem lavradas, e estrumadas dão excellente anil.

Além das lavras, e estrumes, esta planta pede limpas, regas e outros cuidados; assim pois deve-se-lhe dar huma lavra a cada corte, excepto quando a terra estando muito seca, se não esperarem chuvas.

As urinas, e as cinzas, são os estrumes, que mais lhe quadrão, por isso os Indios fazem pastar rebanhos de carneiros no terreno, que deve ser semeado d'anil.

Quando foi queimado, ou crestado por qualquer cauza, atacado pelos insectos, ou derribado por furações, &c., cumpre para di-

(6) Vid. Art. de l'Ingotier por Mr. de B. R.

minuir a perda, corta-lo logo, e que seja na altura de duas á tres polegadas da terra; e se estiver já adiantada em idade, de modo que prometa alguma fecula, bom será trabalha-la.

Tres cortes por anno he o ordinario na Ilha de França; e Cossigny me assegurou que alli plantando em sua fazenda o Anil dito Franco, as suas socas durarão tres annos, e que aos 22 mezes de germinado já lhe havia dado sete cortes. Em todos os casos cumpre para reanimar a sua vegetação, cortar as socas o mais rente da terra possivel: sem esta precaução, muitos pés morrem, e muitos dos que resistem, crescem lentamente, e dão folhas escaças, e pobres de fecula.

O Anil quer calor e huma pouca de humidade. As grandes chuvas e trovoadas lhe são nocivas. Germina em todas as quadras, com tanto que seja regado; sou pois de parecer que as sementeiras se fação em Março ou Abril ao cahir d'alguma chuva, então ha menos calor he verdade, mas ha librinas, que continuão nos mezes de Junho e Julho, e se bem que a planta vai crescendo lentamente, no mez de Setembro se póde fazer o primeiro corte, e estando então a planta vigoroza póde resistir ás grandes trovoadas, e chuvas de Dezembro, Janeiro &c. e póde-se fazer o segundo corte em Novembro, ou principios de Dezembro, ficando o terceiro para o tempo dos maiores calores.

A esterilidade do solo, a influencia da estação, os cortes prematuros ou tardios, o esgotamento de forças occasionado por muitos cortes, a velhice das astes, são as principaes causas para o pouco producto da fecula.

Segunda Parte.

Fabrico do Anil.

SAber-se-ha com admiração sem duvida, que havendo hum Seculo que se fabrica o anil, a sua manipulação consiste ainda em aproximações tão incertas, que o melhor fabricante erra, ou perde 10, 15, e 20 tinas de 100, que entreprehende; ora se o proprietario, seguindo hum processo certo, estivesse seguro de não perder o fructo de seus trabalhos e despezas, todos ganharião, elle, as artes, as manufacturas, e o Commercio: neste caso nos poem os trabalhos de varios Colonos distinctos, mormente Mr. Nazon, a quem sabias observações e longa experiencia ensinarão o meio de não perder huma só tina de quantas se emprehendem nas fabricas de anil.

Para se obter esta materia colorante, corta-se a planta, quando está madura. O corte prematuro, ou tardio, causa pouco producto. O momento favoravel he o em que a planta está carregada de flores, e algumas já em fructo, que a mor parte das folhas se achem

no seu maior crescimento, e que esfregadas nas mãos dem certa especie de estalo, que lhe he proprio, bem como que desenvolva esse cheiro, que repugna, e cuja actividade he relativa ao estado de madureza. O signal, que guia aos Indios, he o amarelecer das folhas inferiores, que então cahem. He para admirar a perplexidade, ou inadvertencia de quantos authores tenho lido á este respeito. Mr. de Beauvais Raseau (7) diz que, o momento favoravel he quando a planta chega a tres pés d'alto, signal que nada val; e ajunta que então a flor lança cheiro notavel; e lembra mais o estalo das folhas, como fica dito; Mr. Monnereau diz ainda menos.

A foice he o instrumento, que se emprega nos cortes, e bom será que estes se fação ás 7 horas da manhã, ou ás 5 da tarde no Estio, e ás 8 da manhã e ás 4 da tarde no Inverno. Carrega-se a ceifa em cestos, e limpa-se bem da terra e mais corpos, que a inquinão; tira-se o mais, que se póde, de linho, e põe-se no maceradouro, de modo que não fique muito calcada, nem mui froxa, e que a agoa lhe sobre-nade na altura de polegada, á polegada e meia.

O maceradouro he hum tanque de alvenaria, que tem commummente 12 pés, e que se deve fazer muito mais largo, do que profundo: para que a maceração chegue ao pon-

---

(7) Arte de l'Indigotier.

to devido são precizos 15, 30, e mesmo 36 horas, mais ou menos, segundo a temperatura da athmosphera, a qualidade da planta, a natureza do solo, que a produzio, e da agoa, em que se macera.

Huma das maiores difficuldades deste fabrico, he o conhecer-se o grão de fermentação, em que se deve parar. Entre todos os indicios, que se tem julgado decidirem este ponto, desprezando a maior parte d'elles como insufficientes, diremos os em que mais confiamos: o primeiro he quando as espumas, que se havião levantado, começão a abaixar, e tomão huma côr azul misturada de cobre, este sinal anuncia que o ponto não está longe, todavia he ás vezes enganador. Outro consiste em receber pela torneira huma pouca d'agoa da tina, em huma taça de prata, observar se a fecula tende a precipitar-se; e mais seguro ainda he observar com cuidado se, durante 5 ou 6 minutos, se fórma huma areola ou circulo de fecula nos lados da taça, e se este de verde ao principio passa depois á azul. Em quanto a maceração não está no ponto dezejado, esse circulo dificilmente se desprende, mas por fim precipita-se, e concentra no fundo da taça, buscando sempre o centro, a agoa he limpida então, e corada d'amarelo. Os olhos observadores do fabricante, e a ajuda destes indicios reunidos dão certeza.

Mas como a maceração ou fermentação

não he simultanea em todas as partes da tina ou cuva, convém fazer os exames com a agoa do fundo, do meio, e da superficie, e ter-se em vista 1.º que val mais pecar por falta do que por excesso de fermentação, 2.º que conforme he a qualidade da herva, e influencia do tempo, assim mais rapidos são os grãos de fermentação, pedindo as hervas mais pobres de fecula huma fermentação menos adiantada do que as outras.

De experiencias reiteradas Mr. de Cossigny concluio que para se fazer a fermentação igual em todas as partes da tina, e melhor era lançar-se no fundo huma dissolução alkalina, ou sumo de limão, e na parte superior huma porção d'agoa d'anil, que se julgasse em bom ponto de fermentação, e cobrir o maceradoiro com esteirões, afim de manter huma temperatura sempre igual.

Chegado o anil ao grão conveniente de fermentação, passa-se a agoa para outro tanque, ou tina, colocada abaixo da primeira, e esta he o chamado batedoiro por servir de bater-se n'ella a agoa ainda carregada de fecula.

Deve-se antes agitar o liquido do que batelo, para que a fecula se separe melhor; esta operação, que costumão fazer a braços, recomenda hum sarilho com longas pás atravessadas em fórma de cruz, o qual movido pela manivela, fará o effeito dezejado.

O excesso no bater enegrece o anil,

misturando de novo a fecula com a agoa da qual se não separa mais, e então, em vez d'anil, tem-se huma agoa turva: o bater pouco diminue o producto. Para parar-se pois com ella convenientemente, cumpre examinar o seu effeito; toma-se de tempos a tempos huma porção do extracto, e lançado em hum vazo de porcelana, ou prata, vendo-se que o precipitado he prompto, e a agoa clara, deve-se cessar de bater.

Reconhecido que a fecula está sufficientemente reunida, passa-se a agoa para terceira tina mais pequena, tendo deixado repouzar a fecula azul-indigo, que se precipita no fundo, por espaço de 7 a 8 horas, vazando-se o liquido carregado da fecula azul-celeste, que se não separa; a côr do liquido então he relativa á porção, que contém de fecula azul-celeste, he verde-azeitona, quando aquella abunda, amarelada quando a porção he pequena.

Se a batedura não reune o grão do anil, o extracto com novas hervas soffrerá segunda fermentação, e bater-se-há de novo, mas então devem-se fazer estas operações com a tina coberta, e as duas fermentações não serão levadas tanto ávante, como o he de ordinario. Convém que antes de carregar o tanque de alvenaria com as folhas, dois dias antes se tenha enchido d'agoa, afim de que não embeba, e diminuindo a agoa, causa inconveniente á operação.

Pecando a operação por excesso, ou falta de fermentação, ou batedura, Mr. de Cossigny lança-lhe hum precipitante, e assenta que o melhor he huma dissolução de cinzas com cal, e decocção de folhas de uva de rato, ou tronco de bananeira, ou mesmo d'assucar, ou ferrugem de chaminé. E para o anil que sahe de côr desmaiada, aviva esta, lançando-lhe huma porção de acido mineral qualquer, diluido em bastante agoa; e lava depois a fecula em agoa pura e quente: o acido sulfurico he o que aviva mais a cor do anil. Assim, querendo-se aproveitar o anil de má côr, repetir-se-hão as lavagens em agoa quente, passando-o deste para agoa acidula, e feito isto duas vezes, dar-se-lhe-ha outra lavagem em huma dissolução alkalina, e em fim outra em agoa fervendo.

Depois da operação da batedura, segue-se a da filtração, para a qual logo que a fecula está deposta ou precipitada, esgota-se a agoa e tira-se o deposito com promptidão, pondo-se em sacos de pano grosso, deixa-se então esgotar a parte aquosa, lança-se depois a fecula sobre mezas, ou taboleiros para secar; e lavão-se os sacos em huma celha para aproveitar o anil, que lhes ficou pegado.

Amaça-se o anil nos taboleiros, ou secadoiros, afim de mais facilmente secar, e tornar a massa mais compacta e espessa, corta-se em quadradinhos, espalha-se no taboleiro, e seca-se á sombra, o que apezar de ser mais

longo, he melhor do que ao sol, que he mais prompto. Desta operação depende muito a friabilidade e fragilidade do anil. Se se emprega a estufa, he preciso alimentar durante a noite hum calor de 40 á 45 gráos do thermometro de Reaumur, diminuindo-o durante o dia, e arejando-o de tempos á tempos.

Logo que o anil está seco, he posto em caixas para correr no commercio, e como insectos he que o atacão, bom será esfregar as caixas com enxofre, alho, ou assafetida.

Tive occazião de trabalhar sobre folhas secas d'anil, empregando as precauções acima referidas, e do que vi, e me afiançou Mr. de Cossigny, velho colono da Ilha de França, a quem devi a mais sincera amizade, e muitos favores, o testemunho dos colonos com quem buscava sempre tratar nas minhas viagens, asseguráo o bom exito deste fabrico, seguindo-se o nosso methodo; e melhor ainda fallão em seu abono mais de 1500 tanques, ou tinas, assim trabalhadas nas differentes partes da Ilha de S. Domingos; outro grande numero dellas fabricado em a Ilha de França; &c.

Resulta igualmente das experiencias e observações, que por este methodo cada terço *d'arpent*, ou seiscentos e sessenta e oito pés, pouco mais ou menos, de terreno cultivado em bom anil dará (deduzidas as despezas) hum lucro de 160 mil reis, mas sendo o anil máo então póde até mesmo perder o fabricante, e

com effeito nenhuma mercadoria soffre maiores differenças de preço: o anil do Brazil, por exemplo, apresenta huma differença de 200 á 400 por cento em menos, em concorrencia com o da America Hespanhola, &c.

A grande differença nos preços induz á fraude, e Mr. Puegh de Ruão mostrou as differentes substancias, com que he falsificado; os Mercadores chegão até a refundir o anil na Europa, e illudem as provas, juntando-lhes gomas, rezinas, esphalto amido, carvão de terra, e outras substancias bituminosas, que na prova pela conbustão deixão em residuo hum carvão, bem como a fecula pura.

Seja-me licito lamentar a decadencia ou inteira aniquilação das nossas fabricas d'anil: em quanto os Francezes se esforção em arremedar nas suas manufaturas e tinturarias o anil com a fecula de outras plantas, vendo-se privados de Colonias e de commercio do exterior, nós abandonamos a planta, que produz o anil em maior abundancia e melhor, a tal ponto que já se não vem fabricas desse genero, que havião nas Capitanias de Pernambuco &c., e mormente na do Rio de Janeiro.

Se da diminuição do preço no mercado vem a sua quéda, não he esse o caminho, que se segue, mas sim o de trabalhar afim de rivalizar com os outros; não he perdendo-se o animo que se vem a cabo das emprezas: embora a França, e os Paizes por ella tiranizados,

busquem imitar com o suco das uvas, com a beterrave &c. o assucar da canna, esta planta he a que dá em mór porção o assucar, e, não podendo ser cultivada nos climas frios, ha de sempre o assucar ser hum genero privativo dos climas quentes. Embora com diversos amargos tentem imitar o caffé, não he caffé o que tomão, e esta producção nunca ha de ser dos seus paizes, o mesmo digo da quina, &c. e em fim do Anil.

Processo empregado em Java (8).

Cortado o anil, he posto em pequenos molhos, e lava-se para limpa-lo da terra e mais substancias estranhas. São depois levados á vazos de cobre contendo 6 á 7 canadas d'agoa, ferve-se tudo em fornos como os de cozinha; tomando a agoa côr esverdinhada, he lançada em vazos de barro, que podem conter de 60 á 70 canadas, bate-se até que se fórme escuma na superficie, e esta pareça azulada, deixa-se então precipitar, tira-se a fecula, e seca-se. O anil sahe excellente, mas se a Companhia o fizesse fabricar sem ser por *corvéa*, ou trabalho sem salario, as despezas hirião a seis vezes mais, do que o preço da mercadoria.

(8) Dado por Mr. Le Chenault, botanico da expedição do Capitão Baudin.

Processo dos Indios.

Os Indios secão a planta ao sol, batem-a, depois separão as folhas, e metem-as em jarras bem tapadas, expõe-as de novo ao sol, reduzem-as a pó, e guardão-o. Este depois he lançado em vasos com agoa, e ao cabo de 3 horas o liquido deve apparecer verde na superficie, e o pó cor de cobre. Mechem tudo, filtrão, e deixão depor, ajuntão a com a da primeira jarra, lanção nova agoa, mechem durante duas horas, coão de novo, e repetem isto tres vezes, deitão depois o sedimento fora; e por espaço de tres dias batem duas horas de noite, e duas de dia, o extracto contido nas jarras.

Para conhecerem o grão de batedura lanção huma porção do extracto em dissolução de greda; ficando a côr verde, continuão a bater, se negra ou azul, parão, ajuntão a dita dissolução ao extracto, e 3 ou 4 horas depois esvazião a jarra; estendem a fecula, que se precipitou, em pannos bem tezos; e quando o anil se separa facilmente amação-o em tigelas, e por fim, sobre hum chão de terra batida poem huma camada d'arêa ou cinza, estendem-lhe sobre hum panno, espalhão-lhe o anil em bolos, e desde que na sua superficie aparece huma substancia esbranquiçada, que anuncia secura, he exposto durante 36 ou 48 horas á sombra, e depois ao sol: outros o

secáo em panno estendido sobre grades de páo posto sobre fogo mui lento.

Outros methodos differentes de fabricar o anil existem, mas achamos escuzado amontoa-los, quando demos o que nos parece preferivel a todos os que conhecemos.

Terceira Parte.

Natureza do Anil e do Pastel.

PArece que o anil existe em varios vegetaes, (9) e que da falta de exame depende o não haver-se encontrado. Se está no suco expremido, expor-se-ha este ao ar, durante alguns dias, e evaporar-se-ha em huma capsula de porcelana, aparecerá hum depozito azul ou esverdinhado, e este lançado em hum corpo quente, assegurará a sua existencia, exalando logo hum fumo purpurio; ou dissolvendo-

(9) A galeiga officinalis, segundo Lineo, dá hum bello azul; a scabiosa Succisa, da qual na Suecia se extrae huma fecula azul tratando-a como o Pastel. He de presumir que os vegetaes, que dão verde, solidos ou fixos, segundo o testemunho de muitos viajantes, contenhão além do anil huma materia colorante amarella, que se fixa, ao mesmo tempo que elle, sobre os pannos. — *Vid. Encyclopedia art. Pastel.*

se em acido sulfurico concentrado, ver-se-ha se o azul he permanente.

Se o anil está misturado com fecula verde, como no pastel, será precizo esgotar o vegetal pela agoa, e trata-lo depois pelo alcohol fervendo, estas primeiras lixivias conteráõ só fecula verde e pouco anil, as seguintes conteráõ mais anil, a juntar-se-lhe-ha alcohol, expor-se-ha a hum calor brando: assim se disolverá toda a fecula verde, e o anil ficará no fundo do vaso.

O anil he huma das substancias mais uteis, e mais vezes empregada na tinturia: as suas propriedades, como principio colorante, erão ha muito tempo conhecidas (10) mas faltava ser examinada com aquella escrupuloza attenção, que he dada á chimica moderna: faltavão sobre o estado da parte colorante do anil noções exa-

(10) Foi pelo meio do seculo XVI que se empregou o anil nas tinturarias da Europa, e parece que os Hollandezes forão os primeiros, que della se servirão: com tudo os Gregos e Romanos o conhecerão, se Bancroft merece credito; segundo o qual a substancia que Plinio chama Indicum, e que foi trazida da India, não póde ser senão o anil: tinhão-o porém no tempo deste Naturalista, por huma exsudação ou escumas de certas cannas misturadas com o limo da terra; e Dioscorides o tomou por huma pedra.

ceas, bem como a explicação de hum fenomeno, que se apresenta, quando he exposta ao fogo, que se bem tivesse merecido a attenção da chimica, e em particular de Mr. Vauquelin, só ultimamente Mr. Chevreuil, debaixo das vistas daquelle celebre Mestre, e no seu laboratorio em Paris, explicou a causa do fenomeno.

O objecto das experiencias feitas por Mr. Chevreuil era conhecer a causa do bello fumo perpureo, que ao calor se desenvolve do anil; tentou-se portanto a analise daquella substancia; eis a marcha, que se seguio:

A destilação do anil a hum calor graduado deo:

1.° Agoa, contendo carbonato d'amoniaco.

2.° Enxofre, unido provavelmente ao hydrogeneo oleoso.

3.° Hum oleo espesso misturado com carbonato d'amoniaco.

4.° Sulfuro-hydrogenado, e prussiato de amoniaco.

5.° Huma substancia purpurea cristallizada em pequenos cristaes, formando penacho na parte superior da retorta.

6.° Hum carvão volumoso azotado, que deo prussiato, sendo calcinado com a potasse.

7.° Gazes que se desprezarão.

A esta primeira operação succedeo a analyse, pela via humida, tratando-se o anil successivamente pelo alcohol, pela agoa, e pelo

alcohol, e aquecido com o acido muriatico fraco, &c. eis o resultado.

Pela agoa	Amoniaco Anil desoxidado Materia verde Extractivo amarelado Goma	18
Pelo alcohol	Materia verde Resina vermelha Anil	30
Pelo acido muriatico.	Resina vermelha	6
	Carbonatico de cal	2
	Oxide vermelha de ferro Alumina	2
	Silicia	3
	Anil puro	45
		100

O anil empregado era de Guatimala, e o especifico, por isso mesmo que talvez não haja substancia, que varie tanto na sua composição quanto esta: e devemo-nos tambem ligar mais á quantidade do que á qualidade de cada producto. Mr. Chevreuil notou que em geral todo o anil, que contém mais amoniaco, contém maior quantidade de indigo ao minimo d'oxidação, e mais materia verde do que os

outros ; e que foi o anil de Java que apresentou esta substancia no seu maior estado de pureza. A materia verde não he anil, comporta-se bem differentemente com os alkalis, acidos, e alcohol ; mas huma substancia com a qual parece ter analogia : he esta materia verde, que espontaneamente se desenvolve no interior de certos lenhos, e que os córa de hum azul esverdenhado : huma e outra se desenvolvem nos alkalis e se precipitão em floscos verdes pelos acidos ; ambas communicão côr purpurea ao alcohol, mas neste caso observa-se que a agoa turva hum tanto a dissolução da materia verde do lenho, o que anuncia que he pouco ou nada soluvel n'ella.

Os corpos estranhos, que acompanhão o anil, e que a analize separou, sendo expostos ao calor não dão fumo purpureo, o qual se desenvolve com tanta maior intensidade quanto o anil he mais puro.

O fumo purpureo será o resultado de huma decomposição do anil pelo fogo ? Não, a experiencia mostra que he o mesmo anil, que se volatiliza sem decomposição ; porque a materia purpurea cristalizada em penachos obtida pela distilação do anil, e que não he senão o fumo purpureo condensado em cristaes, he este ultimo no estado puro, como reconhecer-se póde sugeitando esta materia á acção do acido sulfurico concentrado, e lançando-a sobre hum corpo quente, no primeiro caso se dissolve no aci-

do, e lhe dá hum excellente azul ; no segundo volatiliza-se de novo em fumo purpureo. He por tanto evidente que o anil he volatil e susceptivel de cristalizar, que se cristaliza pelas vias seca e humida ; que, sendo puro, he purpureo e não azul, e que quanto mais unidas são as moleculas, tanto mais intensa he a côr, e que se lhe dá a sua côr primitiva, triturando-o com corpos brancos, taes quaes a alumina, goma, ou amido &c., não he o anil a substancia azul unica, que condensadas as suas moleculas pareça purpurea, o azul de Prussico ex. gr. (que não contém grande quantidade d'alumina) apresenta esse aspecto.

Cumpre observar que a acção do calor opera bem differentemente no anil ; se he exposto imediatamente em pequena porção á calor vivo, volatiliza-se quasi sem deixar residuo, mas se se aquece brandamente em retorta, huma porção se decompõe, e outra se volatiliza sem decompozição.

Ve-se pois que o processo para purificar o anil he fundado em serem as materias estranhas, que o acompanhão, susceptiveis de decompor-se á huma temperatura mais baixa do que a preciza para separar os elementos deste composto, e que se reconhece que o anil he puro pela côr azul, que dá ao alcohol, quando he fervido com elle.

Não creio que o anil purificado dê aos estofos mais bella côr do que o do commer-

cio; porque, o que se faz quando se tinge he dissolver o anil nos alkalis desoxigenando-o, e precipitando-se depois sobre o pano, tornando-lhe a dar o oxigenio, que havia perdido: ora nesta operação o anil não he verdadeiramente purificado, as materias, que o acompanhão, não tendo o poder de separa-lo dos alkalis, absorvendo o oxigenio, ficão em dissolução, e supondo mesmo que o anil levasse comsigo algumas materias estranhas, he provavel que a simples lavagem podesse livrar os panos dellas.

Mas não levemos muito avante este raciocinio, pois que delle poder-se-hia seguir que para a tinturaria todo o anil he igualmente bom, o que a pratica desmente. Donde vem pois as differenças, que se observão empregando-se especies diversas de anil? julgo, a pesar da falta de experiencias, pode-lo attribuir á duas causas, ou duas conjecturas: 1. he devida á quantidade de materias estranhas relativamente á do anil (11), e não á sua natu-

(11) A variação, que se observa na quantidade de materias, estranhas unidas de ordinario ao anil, he devida em geral á fraude, que se comete no commercio, ou no fabrico. Sabe-se hoje que os Anileiros introduzem sempre materias heterogeneas na preparação do anil, e que os Mercadores misturão as diversas especies de anil, tudo por causa da grande desproporção dos preços.

reza como corpo colorante suceptivel de unir-se ao tecido com a côr azul: 2. ao anil no seu minimo, porque parece ter escapado á oxidação; no trabalho empregado jámais póde formar huma tão bella côr com os pannos como o que foi saturado de oxigenio.

As experiencias sobre o Anil levarão Mr. Chevreuil a fazer outras sobre o Pastel. Esta substancia he conhecida desde a mais alta antiguidade (12), e antes do Anil fazia as suas vezes nas operações da Tinturaria, conhecido debaixo de muitos nomes, como ex. gr. Guede, Vociede, Isatis, &c.

O Processo o mais geralmente seguido na sua preparação consiste em esmagar ou moer a planta em hum moinho, como os de azeite, depois de a haver bem lavado. Logo que está reduzida á pasta, põe-se em monte, em sitio coberto, e bem arejado, onde se deixa fermentar por espaço de doze, ou quinze dias, havendo o cuidado de tapar a pasta, reunindo as fendas, que se formão, sem essa precaução, entrarião insectos, e estragarião a substancia. Depois de haver fermentado sufficiente-

(12) Os Gregos o chamarão Isatis, os Gallos, e os Germanos chamavão-o Glastum, que queria dizer vidro, de donde veio depois o termo vitrum impregado por Cezar e Pomponio Melas para designar esta planta. Plinio o chamou Glastum.

mente, dá-se-lhe a fórma de bolos oblongos, e secos podem ser empregados na tinturaria; vale mais porém emprega-los só ao cabo de alguns annos, pois que o Pastel de boa qualidade, augmenta de força no espaço de 8, e mesmo 10 annos.

Na Alemanha fabricou-se o Pastel por hum processo analogo ao porque se fabrica o anil: esta operação não offerecia outra vantagem mais do que despojar o Pastel das partes lenhozas, e da arêa: ganhar-se-hia em adopta-la, pois que, segundo a analyse de Mr. Chevreuil, estas materias entrão na compozição do Pastel em mais de metade; augmentar-se-hião, he verdade, as despezas da mão d'obra, mas o Pastel tambem augmentaria de preço em razão da vantagem, que o consumidor tiraria, recebendo debaixo do mesmo volume huma quantidade de materia colorante aomenos dupla, além do que sendo o Pastel purificado a mesma substancia que o anil, poderia provavelmente marchar a pár, ou entrar em concorrencia com elle. (13)

(13) Aqui não he o Chimico que falla, mas o Francez, que toma o tom, com que seu Governo illude á Nação, fazendo-a crer que do seu terreno póde extrahir quanto a natureza espalhou pela terra, como convidando, na dependencia em que pôs aos Povos, as relações que trazem comsigo as trocas mutuas dos generos. Estou que o Pastel póde imitar ao anil, mas logo que as fabricas entrão em concorrencia cahem as do Pastel sendo o anil mais rico de fecula e melhor.

O Pastel, que servio nestas experiencias, tinha sido preparado segundo o methodo ordinario. Tinha hum cheiro decidido de tabaco, e dissolvido notavão-se fragmentos de folhas, partes lenhozas e arêa.

Pela distilação deu:

1.º Agoa, que se tornava vermelha pelo tornesol, e que parecia dever a sua acidez á huma pequena quantidade de vinagre.

2.º Enxofre dissolvido em hum oleo.

3.º Carbonato d'ammoniaco, e hum atomo de prussiato.

4.º Oleo amarello, que se torna concreto, e escurece ao ar, com o cheiro de materias animaes destiladas.

5.º Carvão volumozo, que deu huma cinza assás alkalina.

6.º Gazes, que se desprezarão.

Analizadas pela via humida cem partes de Pastel derão :

Pela agoa	Enxofre Acido acetozo Extractivo Gomma Materia vegeto-animal Sulfato de cal Ferro Nitrato de potassa Muriato de potassa Acetato de potassa Acetato d'amoniaco	34
Pelo Alcohol	Cera Indigo ao maximo Indigo ao minimo Fecula verde	11
	Materias lenhozas Aréa.	55
		100

Digno de nota he que no curso desta analize o Pastel tratado pelo alcohol deu indigo ou anil em pequenas palhetas purpureas, pequenos grãos brancos, que se pegarão au fundo da retorta, e floscos da mesma natureza, que ficarão suspensos no liquido: este filtrado, virão-se os floscos tomar cor azul desde que

sofrerão o contacto do ar: os pequenos grãos brancos cristalinos, que tinhão ficado no fundo da retorta, corarão-se ao sol, aparecerão cristalizados, e reflectirão a cor purpurea brilhante do indigo sublimado.

O anil ou indigo está todo formado no Pastel pelo que vemos, pois que parece impossivel que a manipulação produzisse a materia corante, o que com ella se poderia produzir seria o acido acetico, o ammoniaco, e sobreoxidação do indigo, e para tirar toda a duvida fez-se a analize do Pastel seco, o qual havia só perdido a sua agoa de vegetação.

A agoa roubou-lhe o extractivo, a goma, a materia vegeto-animal, euxofre, sulfato de cal, e os acetatos de potassa, e amoniaco, e o muriato de potassa. Esta lavagem deferia da do Pastel do commercio em conter maior quantidade de muriato de potassa, e d'alkali livre volatil, o que restabelecia a cor azul do tornesol, avermelhada por hum acido; não continha nitro.

O alcohol extrahio da planta esgotada pela agoa, cera, indigo ao maximo, e fecula verde.

O residuo; que era lenhoso deu huma cinza hum tanto alkalina, composta de phosphato, de carbonato de cal, de magnesia, e silicia. Esta analize prova que o anil está todo formado no Pastel, e todo formado no indigo-fera, e está no seu minimo d'oxidação. Quando se moe a folha do anil, diz Mr. Berthollet

(14) o seu suco toma logo ao ar huma cor azul esverdinhada. Se depois de o haver moido, se extrahe o suco por infuzão, deixando esta dissolução ao ar, ella se turva, e precipita-se huma fecula azul esverdinhada, que conserva este matís, ou gradação verde, apezar das lavagens repetidas, e longa exposição ao ar.

Concluzão.

DOs factos precedentes concluimos:

1.º Que o anil está todo formado nos vegetaes, e está no seu minimo d'oxidação, ao menos pela maior parte; porque não he impossivel que haja huma porção saturada d'oxigenio: pertence á experiencias ulteriores o decidirem.

2.º Que o trabalho em grande, pelo qual se faz passar o anil (indigo-fera), tem por fim separar o anil ou indigo das substancias com as quaes está unido, combinando-o com o oxigenio.

3.º Que o anil deve ser caracterizado assim: composto immediato dos vegetaes; branco no seu minimo d'oxidação, e não corando então de azul o acido sulfurico: purpureo no seu maximo d'oxidação e corando então de azul o acido sulfurico: susceptivel de cristalizar em agulhas: volatil e que derrama hum fumo purpureo ao calor.

---

(14) Elementos de Tinturaria tom. 2.º pag. 41, segunda edição.

4.º E em fim, que he do nosso interesse se fazer renascer as plantações e fabricas do anil, e po-las em tal pé que o nosso possa sustentar a concurrencia no mercado, livrando-nos da vergonha e do desprezo, em que se tem quantos generos sahem das nossas fabricas Brazileiras, o que he tanto mais facil, quanto pecão, não na qualidade da materia primeira, mas dos mal entendidos e peior executados processos, e que felizmente sobre cada hum d'elles ha muitos escritos, que cada dia se hirão vulgarizando, e desarreigando a má rotina; as luzes espalhão-se no mundo para todos, cumpre aproveita-las.

Memoria sobre o Algodoeiro continuada do N.º 1.º pag. 34.

CAPITULO II.

Da Descripção do Algodoeiro.

DEpois de ter escripto a historia da antiguidade do algodoeiro, do seu uso, e da importancia da sua cultura, segue-se para a boa ordem, a descripção systematica do seu genero, das suas especies, e das suas variedades.

Descripção.

Classe - - - Monadelphia.
Ordem - - - Polyandria.
Genero - - - Gossypium

Cal. Perianeio, duplicado: o exterior he maior monophilo, partido em tres partes, e estas laciniadas. O interior he monophilo mais pequeno de feitio de huma chicara.
Corol. Cinco petalas, que pouco se abrem.
Estm. Filamentos muitos, curtos, nascidos da Corola com antheras em fórma de rins.
Pestil. Ovado, accuminado.
Pericarp. Ovado-accuminado (15) com tres regos ou quatro, que notão o numero das valvulas ou loculamentos; o calix interior rodêa a baze do fruto.
Sem. Muitas envolvidas em lã.

Especies.

I. Herbaceo — Gossyp. as folhas de cinco lobos, o caule herbaceo.
II. Barbadense — Gossyp. as folhas de tres lobos, na parte inferior com tres glandulas.
III. Arboreo — Gossyp. as folhas palmadas

(15) Observ. O pericarpo do algodoeiro da Asia he inteiramente redondo ou esferico; o da America ao contrario he sempre ovado-accuminado; pelo que não se deve notar como certo o dizer Lineo *Gener. plant.* que o pericarpio do algodoeiro he redondo, porque a fructificação, que foi objecto da sua analyze, era da Asia.

com os lobos lanceolados, o caule fruticoso.
IV. Hirsuto — Gossyp. as folhas 3-5 lobadas, agudas, o caule muito ramoso.

Variedades.

Estas são as quatro especies distinctas e conhecidas; mas ha muitas variedades, que tem provindo, segundo creio, do clima, da differença do terreno, e da cultura.

I. Ha o *algodoeiro bravo*, que os Francezes chamão *Cotonier marron, xilon sylvestre*; elle cresce da mesma altura do domestico ou do manso: as suas folhas são trilobadas, as flores são inteiramente como as do algodoeiro manso, com a differença sómente de serem pequenas; o fructo tambem he mais pequeno; a lã curta e aspera; as sementes pequenas e muito adherentes.

II. Algodoeiro bravo com folhas de cinco lobos, as sementes mui desunidas e separadas humas das outras.

III. *Algodão macaco*, que os Francezes chamão, verdadeiro algodoeiro de Sião, *cotonier de Sian franc*, xilon sativum filo croceo: os galhos são prostrados, a lã he de côr de ganga, e ainda mais fechada, macia e fina; estimada para certas obras pela sua côr natural.

IV. Ha outra variedade de algodoeiro

bravo, com o fruto maior, e a lã da mesma côr de ganga: tanto esta, como a variedade chamada de *macaco*, não póde servir para xitas, nem outras obras, que levem tinta; porque esta côr parda he tão adherente, que resiste á operação do branquecimento, e nem aceita outra côr artificial, sem se lhe tirar aquella natural.

V. *Algodoeiro da India*, este he o nome que neste paiz dão ao algodoeiro, que vou descrever agora: elle tem a mesma fórma do algodoeiro manso arboreo, com as folhas sómente hum tanto pilosas, mais macias ao tocar a planta, os fructos e flores mais pequenos; as sementes pouco adherentes; a lã muito fina, muito macia, e preferida ao outro para se fiar, o fio he mais fino, mais delicado; serve no paiz só para fiar linhas; deste não cultivão para o commercio, e sómente para o gasto do paiz.

VI. *Algodão de Maranhão*, assim o chamão aqui; mas talvez que em Maranhão o não haja; a sua arvore he algum tanto maior do que o algodoeiro ordinario, as folhas maiores, mais bem nutridas, o capucho maior duas vezes que o outro; as sementes são até o numero 17 em cada capucho, ao mesmo tempo que as do algodoeiro ordinario são só 7; a lã he mais rendosa, de sorte que 3 arrobas deste algodão em caroço, rendem huma de lã; sendo necessarias 4 arrobas do ordinario para dar huma de lã: o anno passado de 1796 he que

se principiou a cultivar este algodão, e ainda há muito pouco.

VII. A que os Naturalistas Francezes chamão *Contonier blanc de Siam*, differe mui pouco do que nós chamamos algodão da India, a unica differença consiste nas sementes; porque este as tem desunidas, e aquelle as tem muito adherentes.

Outras variedades podia contar; mas as suas differenças são tão tenues, que quasi não merecem distinção: a cor das flores, amarellas, brancas, &c. não deve caracterisar variedades, nem especies em vegetal algum, mormente no algodoeiro, pois que as deste são amarellas no primeiro dia que abrem, no segundo mudão a cor para vermelho, e vai fechando cada vez mais a cor até cahir.

Habitação.

O Paiz proprio do algodoeiro he debaixo dos tropicos, ou nas partes mais vezinhas. A Asia foi onde primeiro se fez uso desta planta, e tanto lá como na America, ella cresce naturalmente, sem a minima cultura; logo ella he natural destes dous paizes.

Inuteis serão sempre os projectos de alguns Europeos, de naturalizarem esta planta no seu paiz: Rosier supõe ser possivel cultivar-se vantajosamente esta planta na Provença e Languedoc; mas quanto se engana elle,

e outros da mesma opinião! La só vi cultivar nos jardins o algodoeiro herbaceo, e apenas frutificava, vinha o inverno, e o destruia totalmente, e ás vezes nem chegava a sazonar o seu fructo; e nem jámais elle poderá servir ahi senão para satisfazer á curiosidade dos Botanicos. A natureza concedeu a cada paiz, ou a cada clima, seus privilegios exclusivos, e que sempre gozarão a pezar de todo o esforço da arte.

Os que pensão que esta planta se póde naturalizar em Europa, bem se podião desenganar, se lessem a Memoria de Mr. Quatremere, lida na Academia das Sciencias de Paris: nella faz ver o seu author, que pela differença dos climas degenera pouco a pouco, passando do estado de arvore elevada ao de herva rasteira, e de frutifera a infrutifera. Elle diz, e na verdade se verifica, que esta degeneração tem lugar tanto na Asia, como na America, caminhando do Meiodia ao Septentrião. No antigo mundo degenera á proporção que se caminha de Sião para Surrate, Agra, Alexandria, Acre, Chypre, Smirna, Tessalonica. No novo mundo observa-se a mesma differença, caminhando de Maranhão, Cayena, Surinão, Carthagena, Martinica, Guadalupe, S. Domingos, Carolina, &c. Em quanto a mim, até posso affirmar que o de Maranhão já degenera muito do de Paranambuco.

CAPITULO III.

Da terra mais propria, ou mais conveniente para a cultura dos algodoeiros.

FAltão as chuvas, murchão as plantas e não medrão, principia-se a desbotar o tapete verde, que cobre a nudez da terra: chove, reverdece tudo, vigora-se a vegetação, crescem as plantas. Nas margens dos rios sempre estão verdes, e alegres; ha muitas que vegetão excellentemente só com agoa, como são as bulbosas, chegando a brotar fructos; o que claramente tem mostrado as bellas experiencias, que fizerão muitos sabios Fisicos (16); os mesmos nos tem mostrado, que a terra nada contribue por si ao nutrimento dos vegetaes, isto he, que a terra nada dava de sua propria substancia; e de tal modo tem produzido as suas provas, fundadas nas experiencias, que não deixão lugar de duvida.

Poder-se-ha por ventura, partindo destes principios, affirmar, que havendo agoa, toda a terra he propria e apta igualmente para a vegetação de qualquer planta que seja? Não poderemos certamente tirar esta consequencia, sem hirmos contra a observação quotidiana; porque vemos que tal terra nutre e cria excellentemente huma planta, e que mata e en-

(16) Duhamel, Galvi, Wan-hel-mont &c.

fraquece outra; o velame v. g. *Broteria purgans* (17), as mangabeiras e outras, não pódem vegetar bem na terra de vargem, propria para canas de assucar, *Sacarum officinarum*: ha plantas habitadoras das praias, ou maritimas, como flor de cristal *Salsoda kali*, a escamonea *Convolvulus scamonea*, o Pancracio *Pancratium maritimum*. Outras são proprias da agoa doce, como a herva cavalinha *Equisetum*, os golfoens *Nymphæa alba*, e *lutea* &c. Outras de terras areentas, como as piteiras, *Agave Americana*, os coqueiros *Cocus nucifera*, e em geral as plantas carnosas. Outras de terras argilosas, como a cana de assucar, *Sacarum officinarum*; outras de terras calcareas, como a alfavaca de cobra, *Parietaria*, e em geral as plantas nitrosas, que contém nitro; outras finalmente das terras marnosas.

A rasão deste phenomeno só póde conhecer o Quimico, que indaga as propriedades dos corpos por meio de analyses e syntheses. He certo que as unicas substancias, que entrão no nutrimento da planta, são a agoa e o ar (18), mas he necessario quem distribua estes nutrimentos aos vegetaes; para esse fim destinou a natureza a mesma terra; pelo que

(17) Esta he huma planta cuja raiz he purgativa, e que não tendo sido descripta por Lineo, a descrevi, e lhe dei o nome generico do meu amigo o illustre Botanico Felis Avellar Brotero.

(18) A agoa sendo absorvida, e entrando no corpo do vegetal, decompoem-se em *hydrogeneo* e *oxigeneo*; e o ar sendo do mesmo modo absorvido, e circulado nos seus vasos, he igualmente decomposto em *oxigeneo azoto*, *ou baze do gaz mefitico*, *e em acido carbonico*, o qual ainda he composto de *oxigeneo*, *carbonio* e *calorico*. Estes quatro principios unicamente elaborados, e combinados diversamente, conforme as diferentes qualidades de vasos, que compoem o vegetal, formão todas quantas substancias produz o reino vegetal, como oleos, resinas, gomas, balsamos, mucilagens, emulções ou leite dos vegetaes, partes colorantes, feculas, amidos, carvão, assucar, acidos vegetaes, saes neutros; e eu penso que até os mesmos metaes, e o enxofre, que se achão nas plantas, não devem ser senão compostos de alguns destes principios; pelo que acho possivel, não só a transmutação, como tambem a factura dos metaes; se os Quimicos tivessem seguido exactamente a marcha da natureza nesta operação, terião sem duvida achado esta pedra philosophal; mas nem tem atinado com a verdadeira vereda, que guia a esta descoberta tão importante, e talvez mesmo que nunca atinem; pois póde ser que seja esta huma das cousas, que a natureza tenha encerradas no seu Sacrario para jámais serem vistas.

ella serve não só de alicerce para a planta se ter em pé, mas tambem de dispenseira, permitta-se-me esta expressão: he evidente, que sendo de differentes naturezas as terras, ou, servindo-me da mesma metafora, sendo de differentes naturezas as dispenseiras, humas serão mais liberaes que outras na distribuição do mantimento, ou nutrimento dos vegetaes; na verdade, huma indagação hum tanto mais profunda sobre as propriedades das terras, nos póde fazer ver esta verdade: a terra areenta tem a propriedade de deixar passar a travez dos seus poros toda a agoa, que lhe cahe em-cima com a maior facilidade; a argilosa pelo contrario a retem tenazmente em si, e não a demitte senão pouco a pouco; logo nas terras areentas só vegetaráõ bem todas aquellas plantas, que não tiverem necessidade de muita agoa para viverem; na argilosa porém só poderaõ viver e nutrir-se bem, as que necessitarem de muita agoa para vegetarem, e he evidente, que aquelles vegetaes, que viverem bem nas terras areentas, morrão nas argilosas, ou ao menos minorem de vigor, e *vice versa.*

Por este modo tão simples obriga a natureza os vegetaes a habitarem em diversos lugares, sem poderem mudar as suas habitações proprias, e consignadas debaixo de pena de morte em si, ou na sua descendencia.

Não se exemptão desta lei geral os Algodoeiros, que em razão de vegetal, devem

ter a sua habitação destinada pela natureza; esta he a que me proponho assignar fundado na experiencia.

Lendo as Obras dos Naturalistas, que falão do Algodoeiro, vejo que se enganárão a respeito do terreno mais apto para a melhor producção deste genero de planta tão importante; e meditando profundamente na causa disto, não posso deixar de suppor que escreverão por noticias de viajantes, e homens que não tratão *ex professo* desta cultura.

Todos, que tenho lido, dizem, que o Algodoeiro produz melhor nos terrenos arenosos e aridos, e que não durão mais de tres annos; ao mesmo tempo, que nem a terra arenosa convem ao Algodoeiro, nem a sua idade deve limitar-se só a tres annos. Se na Ilha de S. Domingos, e outras paragens sitas na mesma latitude, o Algodoeiro não chega á idade mais avançada, ou he por ser plantado em terreno improprio, tal como o arenoso, ou porque a inclemencia do Clima lhe encurta a vida. Nesta Provincia de Paranambuc, onde cultivo este genero, ha veia de terra em que o Algodoeiro vive 10 12 annos, e mais, frutificando sempre com o maior proveito do agricultor: eu os tenho desta idade pouco mais ou menos. Não conheço paiz algum, onde o Algodão chegue a estes annos; logo a qualidade deste terreno deve-se considerar como a mais propria para esta cultura. Tenho obser-

vado, que as partes, que melhor produzem o Algodoeiro, constão de huma mistura de barro (argila), e terra arenosa, a qual sem esta mistura nunca convem á vegetação do Algodoeiro: alguns agricultores escolhem a terra de barro (argila) vermelho, mas esta côr não deve servir de signal certo para julgar da sua bondade; pois que a côr vermelha he devida a hum pouco de *oxido vermelho* de ferro; o essencial he, que predomine o barro, ou argila, seja esta colorada ou não.

Distinguem-se tres qualidades de terreno, em que se costuma plantar Algodoeiros. 1.º *Vargem*, 2.º *Catinga*; 3.º *Arisco*. Chamão vargem as planicies, que bordão os rios, e ribeiros; logra tambem o nome de vargem, huma planicie sem lombo algum, ainda que não seja retalhada de rio; mas as primeiras são com razão preferiveis a estas pela sua melhor producção. Catinga, em todo o rigor do termo, entende-se por hum terreno cheio ou cuberto de huma especie de *Cassia*, não descripta ainda por Lineo, a que eu tenho dado o nome de *moscata*; mas, *lato modo*, tambem se chama catinga hum terreno cuberto de outro qualquer arbusto baixo, como he o marmeleiro, velame *Broterea velame*, e tem-se generalisado tanto este nome, que até chamão hoje catinga em algumas partes, tudo o que não he vargem, inda que seja cuberto de mata virgem: as catingas desta natureza

são preferiveis á todas as outras para a cultura do Algodão, e pouco inferiores ás vargens; mas catinga de marmeleiro (19), e as outras, só servem aos que não tem outra qualidade de terreno, em que plantem; porque, os Algodoeiros plantados ahi, não costumão produzir mais de tres annos, e ainda assim não pagão dignamente os disvelos do agricultor.

Arisco, como o nome o está indicando, chamão aquelle terreno quasi inteiramente arenoso, ou seja coberto de mato, ou calvo; este dos tres he o peior.

Em tudo he preferida a vargem, porque além de outras bondades, conserva a frescura por muito tempo, ainda depois de acabadas as chuvas, qualidade que não tem os outros terrenos; porque os altos, ainda que sejão de barro, dessecão logo, por serem mais açoutados dos ventos, e porque as agoas de pressa se escoão: os ariscos, porque sendo de terra arenosa, deixão filtrar-se a agoa á travez dos seus póros sem o minimo embaraço, e recebem com a maior facilidade o calor dos raios do sol.

Com tudo, he util aos que cultivão com fabrica grande, plantarem nos altos e nas vargens; porque os Algodoeiros plantados no alto, chegão ao ponto de sua maturação pri-

---

(19) Esta planta tambem he huma especie de *Broterea*, a que os Europeos chamão *marmeleiro*, pela apparencia de sua folha.

meiro que os da vargem, cujo fructo he sempre mais tardio, em razão da frescura do mesmo terreno, e por isso tem o agricultor tempo de o colher, em quanto este se poem no estado de madureza.

Continuar-se-ha.

MEDICINA.

Resposta que deu o Doutor Bernardino Antonio Gomes ao Programma da Camara desta Cidade, que vem no N.º 1.º pag. 58.

1.º SEgundo a observação de quasi dous annos, que conto de residencia no Rio de Janeiro, tenho por molestias endemicas desta Cidade, Sarna, Herisipellas, Empigens, Boubas, Morféa, Elephantiasis, Formigueiro, o Bicho dos pés, Edemas de pernas, Hydrocele, Sarcocele, Lombrigas, Ernias, Leuchorrea, Dysmnorréa, Hemorroides, Dispepsia, Varios affectos convulsivos, Hepatites, e differentes sortes de febres intermittentes e remittentes.

Não se observa no Rio de Janeiro o que na Costa d'Africa chamão carneiradas, isto he, certas molestias epidemicas, que gração regularmente em certos tempos do anno, mas as febres intermittentes, e remittentes, allás en-

demicas, frequentemente se encontrão assaz epidemicas, principalmente na estação chuvosa, ou de Verão. Demais vê-se aqui, como em todas as partes do mundo, epidemias esporadicas, ou extraordinarias, tal foi a das Bexigas podres do anno passado, que foi fatal a milhares de Crianças. Tambem me persuado que as revoluções, ou affecções paraliticas reinão ás vezes aqui epidemicamente: no mesmo anno passado, antes da epidemia bexigosa, houverão muitas destas molestias. Do que acabo de referir, e da raridade com que aqui se encontrão doenças verdadeiramente inflammatorias, creio poder asseverar em geral, que as molestias tanto endemicas, como epidemicas desta Cidade, são doenças de atonia, e que por consequencia se deve classar na ordem das suas causas tudo o que tende a enervar a constituição fisica dos habitantes, e a produzir os miasmas, que hoje se reconhecem por causas das febres intermittentes e remittentes, e em geral das epidemicas.

2.º Segue-se daqui que o clima quente e humido desta Cidade deve considerar-se como huma das principaes causas das mencionadas molestias: nada he mais capaz de enervar a constituição humana, e nada favorece mais a putrefacção das substancias animaes e vegetaes, e em consequencia a origem dos miasmas referidos.

3.º Segue-se mais que se devem ter por

causas, ainda que mais remotas, as que fazem a humidade do clima.

Logo devemos contar entre ellas, 1.° e principalmente a pouca elevação de 5 a 11 palmos do pavimento da Cidade sobre o nivel das agoas do mar, isto só bastava para fazer o ar humido: em tão pouca profundidade o calor do Sol extrahe da agoa, e faz subir á athmosfera, huma grande copia de vapores, como mostrão sobejamente as Observações de *Pringle nos Paizes-baixos*: 2.° A planicie da Cidade: he tambem visivel, que desta sorte não ha escoante, ou esguto, para as agoas da chuva, e que portanto tem estas de secar-se maiormente pela evaporação que exala o Sol: 3.° A proximidade dos morros mencionados na consulta: estes dão escoante ás agoas da chuva para se hirem accumular no plano da Cidade: estes absorvem muita humidade, a qual pelo tempo adiante calando-os, vem manifestar-se junto á baze, tornando humidas mesmo em tempo seco as habitações visinhas, como manifestamente se vê na rua da Ajuda e casas proximas ao Castello; este ultimo defende o accesso dos ventos, que dispersarião os vapores, que eleva o Sol, e concorrerião muito para secar as agoas: 4.° Os lugares da Cidade e suburbios apaulados ou alagadiços; estes são hum manancial perene de vapores, e, o que ainda he peior de miasmas febrigeros. 5.° O calor absoluto, ou o que mostra o Thermome-

tro no Rio de Janeiro, não he tão grande como parece, pois communmente não passa muito de 80° no Thermometro de Farenheit nos grandes calores do Verão: he todavia maior do que se observa em outros Paizes de menos Latitude: este excesso de calor, a desagradavel sensação, que produz, e os seus perniciosos effeitos, provém da estagnação do ar; e esta he produzida pelas duas series de morros parallelos e contiguos á Cidade, que a privão pela sua posição em grande parte do refrigerio e beneficas influencias dos ventos, que aqui reinão quotidianamente: e eis-aqui notavelmente os morros sendo a causa das molestias da Cidade por concorrerem para o calor do clima: destes porém o mais nocivo he o do Castello, porque he o que obsta mais á viração do mar, vento o mais constante, o mais forte e o mais saudavel: 6.° Além das causas Topograficas mencionadas ha outras menos notaveis, mas não menos perniciosas.

Taes são: 1.° A immudicie: esta não só he damnosa, corrompendo immediatamente o ar, mas porque serve de fermento para aprodecerem as substancias incorruptas. Quanto não he de temer esta causa em hum paiz quente e humido, sendo ella tão extensa? Quasi toda a praia desta Cidade da banda da bahia, he por falta de caes extremamente immunda: huma semelhante immundicie he, segundo observa *Lind*, a causa das doenças de muitos dos pai-

zes quentes: as ruas da Valla, e Cano são ingratas aos passageiros pelo vapor, que exhalão, e as suas casas dão huma bem pouco grata habitação pela copia de importunos mosquitos, indicio certo, segundo nota o mesmo *Lind*, da deterioridade do ar: consta-me que n'hum anno, que se alimparão os aqueductos destas ruas houve apoz da abertura huma terrivel epidemia: ha muitos lugares na Cidade de despejo publico; que são outros tantos focos de vapores veneficos: taes são os principios das ladeiras do Castello, da banda da Ajuda, e da rua de S. José, junto aos arcos da Carioca, entre a rua da Ajuda e a da Carioca, junto a S. Francisco de Paula, e valla do campo da Lampadoza &c. Não se deve aqui postergar a immundicie domestica originada da escravatura; todos querem ter muitos escravos, e ás vezes em huma bem pequena casa, onde mal cabe a familia do Senhor; ha familias de escravos, que portanto vivem amontoados n'hum pequeno quarto ou loja: qual será o ar destes pequenos aposentos respirado por muitas pessoas por natureza, e condição immundas? 2.º As agoas estagnadas e lugares alagadiços: hoje todos concordão a froxo, que estes são em todo o mundo o manancial das febres intermittentes e remittentes. Ora no Rio de Janeiro, apezar do muito que se tem melhorado o Paiz, ainda subsistem no interior e suburbios, muitos lugares desta natureza, taes são o espaço, que fica entre Mata-Caval-

los, Campo da Lampadoza; junto ao jogo da Bolla, Mangal de S. Diogo &c. &c. 3.º O grande numero de casas abarracadas ou terreas: nestas o ar he menos ventilado, mais humido, e mais doentio, como fazem ver as Observações de *Pringle* nos Paizes-Baixos.

7.º Do que acabo de ponderar emana por consequencia, que quanto mais elevado fosse, ou se tornasse o pavimento da Cidade e dos edificios, sendo o mais o mesmo, tanto mais seco e mais saudavel seria o ar. Não seria bem facil este melhoramento ordenando a Camara que todos os edificios, que se reedificassem, ou construissem de novo, tivessem o pavimento dous ou tres palmos superior ao da Cidade, e que se demolisse parte de hum e de outro morro?

8.º Fóra as causas ponderadas, que modificando o ar cooperão para as doenças do Rio, creio divisar tambem algumas na mesma dieta, e costumes de seus habitantes. Eu não posso deixar tambem de olhar como causa remota de alguma das doenças do Rio o nimio uso de certos alimentos do Paiz, que tornão inertes as primeiras vias, enchendo-as de muita saburra mucceza, taes são as Bananas, o Aipim, os Carás, as differentes especies de Batatas, as differentes Farinhas de Mandioca, o Arroz, as differentes sortes de Fejão &c.; o Matte, e o Chá, hoje tão familiares aos do Rio de Janeiro, he tão damnoso, como o de-

veria ser em hum Paiz quente e humido huma bebida aquosa, e tepida: a carne seca, e peixe seco, principal alimento dos pretos, deixará de concorrer para as molestias cutaneas, que são triviaes entre elles? A quietação extrema, a que se dio principalmente as mulheres desta Cidade, he summamente conducente para as suas molestias; o exercicio he depois do alimento o principal esteio da saude, e daqui vem que, tudo o mais igual, os que fazem mais exercicio são os que gozão melhor saude; mas nem a razão, nem o exemplo tem sido bastantes para se determinarem a resistir á lisongeira inercia, que induz o clima, que tem fortificado o habito, e que he cevada pelos commodos da vida, que lhes grangeia o suor dos escravos. A prostituição, consequencia indeffectivel do ocio e da riquiza adquirida sem trabalho, e fomentada pelo exemplo familiar dos escravos, que quasi não conhecem outra lei, que os estimulos da Natureza, a prostituição, digo, que he maior no Brazil, que na Europa, damnifica incomparavelmente mais a saude na quelle Paiz que neste. Os excessos, que na Europa mal merecerião este nome, enervão no Rio de Janeiro de huma fórma mais peremptoria: se a isto acrescentar, que o mal venereo he trivialmente o fructo do commercio amoroso, e que no Rio adquire frequentemente hum caracter escrofuloso ou escorbutico, quanto não he de esperar desta causa sobre

a origem e máo exito das molestias do Paiz? Não deve tambem ser omitido entre as causas de debilidade, e em consequencia das doenças do Rio o uso geral e quotidiano dos banhos tepidos: que haverá mais opposto á hygienne em hum Paiz, onde ha tantas causas de langor, como tenho mostrado, onde a transpiração por effeito da froxidão dos vasos exhalantes he profusa sobre maneira, e onde o calor incita e procura n'agoa fria o seu antidoto? Eu não produzirei em prova alguns factos particulares observados nesta Cidade: remetto os que hesitarem para os sadios pescadores, que com o trabalho e o frio se eximem das doenças do Paiz; e citarei *James Sims*, que exercia a Medicina n'hum Paiz alagadiço, onde as Erisipellas erão epidemicas todos os annos: nota este Author que o banho frio era hum dos meios mais efficazes de precaver as reincidencias desta molestia.

Rio de Janeiro 2 de Janeiro de 1799.

Bernardino Antonio Gomes, Medico da Armada.

LITERATURA.

EPICEDIO.

*A' Morte da Illustrissima e Excellentissima D. Henriqueta Julia de Menezes, Duqueza de Alafoens, Offerecido em Paris ao Illustrissimo e Excellentissimo Marquez de Marialva seu Irmão. Por B.****

Qu'elle obscure indigence echappe à ses bienfaits?
Dieu seul n'ignore pas les heureux qu'elle a faits.
DeLille l'hom. des champs.

ENtre os homens ilhado triste geme
O virtuoso, em quanto o máo s'engolfa
Nos dotes da fortuna.

Mil mortes cada dia a Parca entorna
Na taça da indigencia, e ao Justo a entrega
Que trago á trago a esgota.

Onde habitas, ó Paz, prazer escasso
Se ao homem se aprezenta, traz com sigo
O anti-gosto da dor.

Tu, que as esferas pelo espaço moves,
Do Mundo Eterno Artifice; os humanos
Só pára a dor formaste?

Do bem mais do que assomos não veremos?
Compõe a essencia nossa o mal, em sorte
O pranto só nos coube?

Fraudolento Sofista, que inventaste
Hum nada eterno, encara ao desgraçado
E o que lhes dás responde!

Eia c'o teu sistema o vicio atêa,
Do bem goza arremedos, goza em quanto
Não te somes no olvido.

De que valem da terra vãos fantasmas?
Passão, qual fumo, com a morte, e o Justo
Da gloria a palma empunha.

Alma eterna dos mundos, Deos Eterno,
Será vicio a virtude? para o crime
Na terra dons espalhas?

Não, não, mais puros bens aos bons aguardão
E tormentos aos máos, Deos justiceiro
Compensa, pune hum dia.

Ficais em deploravel orfandade,
Vós, da miseria victimas, se o Justo
O mundo desampara.

Qual Iris, da bonança precursora,
O nauta alegra, ao misero consola
Co'a mão, e face amiga.

e

O Ceo compadecido ao desditozo
Manda benigna mão, mas invejoza
Logo lha rouba a morte:

Qual candida açucena, que embalsama
O ar vizinho, e em breve murcha pende,
Deixando-nos saudades.

D'alma pura ciozo o Ceo parece:
Qual relampago brilha, e vai juntar-se
Da luz na eterea fonte.

Do Eterno emanação, cumpre que volva
Ao Eterno, que deixe a prizão terrea,
D'ella indigna morada.

Imagens da bondade, Entes Celestes,
Tambem sofreis? tambem derramais pranto,
Em quanto honraes a terra?

Para exemplo dos bons, e dar em rosto
Aos máos, dos Ceos baixastes, dissabores
De vós fugir devião.

Que! tambem choras, Henriqueta? e as dores
Teu coração magoão, sanctuario
Da Divinal bondade!

Viste acabar os Pais, de Lysia ornato,
E o mimo de Hymineo, do Espozo efigie
No tumulo precoce:

Barbara Cloto, que! não vacillaste?
Ah! só de tal pensar, o espirito froxo
Sinto, e o animo cahe.

Como! a honra dos Lusos, das Sciencias
Dos Sabios o honrador, teu digno Espozo,
A Parca não respeita?

Tu, que do mundo as luzes ajuntando,
Em Lysia as derramaste (1), lá do Empirio,
Os Luzos esclarece:

Com a virtuosa Espoza, Lysia, em lucto,
Pedem-te aos Ceos: por ti chorão do mundo
O Pobre, o Sabio, o Justo.

Secai devido pranto á Mãe sentida,
Vós, ó filhas mimozas, confortai-a,
Religião Sagrada.

Hum nome illustre acções illustres pede,
Pezo he que ao fraco opprime; Herculeos hombros
Sustenta-lo só pódem.

Dos teus, mui digna filha, Espoza digna,
No Templo da Memoria, a gloria augmentão
Tuas puras virtudes.

Grandes da terra, se em vós póde o exemplo,
N'ella o modello tendes da grandeza,
Imitai-a, ou correi-vos.

Em preço tem os titulos, riquezas,
Só porque meio são de pôr emenda
Aos erros da Fortuna.

Se no Grande a virtude he mais brilhante,
O vicio mais se afêa: o mundo inteiro
Suas acçoens contempla.

Quando ao Ceo não devesseis mais que o vulgo,
Mais deveis á Nação, pois seus costumes,
Mudando os vossos, mudão.

Mas he bella a grandeza em peito nobre:
Quantos podeis poupar males, ó Grandes!
Henriqueta vos diga.

Da Divina virtude mostra o encanto,
Faze que por si mesma seja honrada,
Amada, quanto a amaste.

Que no fazer o bem, o bem se encontra,
Diz-nos o coração, diz-nos o gosto,
O premio, que tiramos.

Das feras o aspecto terroriza,
E ha quem te encare, ó crime! horrido monstro,
Quem te siga, e não trema?

O crime combatei, e aos criminosos
C'o facho da razão, se podeis tanto,
Lhes dissipai as trevas.

Sirva o conselho, senão basta o exemplo!
Mas o que vejo!.. Lusitania!.. Hydras
Da Discordia, em teu seio! (2)

Triste Henriqueta, novos ais derramas!
Iniquo! quaes serão os teus tormentos,
Se o justo sofre tanto!..

Eis a Patria, nadando em fogo, em sangue,
Busca os seus, e do mar o immenso espaço
Para sempre a separa.

O espirito succumbe á dor tamanha,
Resistir já não póde, e perto a morte
Palido véo desdobra.

Ergue a foice fatal, encara-a... e treme,
Suspenso o golpe... pela vez primeira
Sente humidos os olhos.

Tres vezes tenta, vezes tres recúa...
Ah! do cruel Destino irrevocaveis
São os duros decretos.

Já do seu rosto lindo as rosas murchão,
Nos labios roxos o surrizo esfria,
Os membros já fraqueião.

,, Queridas filhas, diz, não vos deslumbrem
Nunca da terra os bens, crescão comvosco
As candidas virtudes;

,, Lembre-vos vossa Mãi . . . Irmãs queridas . .
Do mais doce hymeneo , gratos penhores
Ao vosso amor confio :

,, N'ellas com vosco viverei . . . Espozo ! . .
Espera . . . já c'o a tua vai minha alma
Para sempre juntar-se. . .

,, E tu , que o meu suspiro derradeiro
Devias recolher , tu , que os meus olhos
A' luz cerrar devias. . .

,, Onde estás! . . onde estás ! . . que fado adverso ,
Ceo! quem mo rouba ! . . quem de mim tão longe ,
Amigo ; Irmão , te esconde ! . . (3)

,, E hei de acabar sem ve-lo ? . . Deos piedoso ! . . ,,
Já co' a nevoa da morte os olhos baços
Volve aos Ceos resignada.

Vai do Celeste corpo a alma Celeste ,
Os vinculos rompendo brandamente ,
Qual os raios de Febo ,

Pouco a pouco o horizonte desdoirando ,
A abobada celeste á lua cede
Em tarde amena , e clara.

Morte ! . . de ferrea mão cahe ferreo golpe ,
Sóbe o espirito aos Ceos , aos Ceos já chega ,
Sua primeira patria.

Vinde , vinde quebrar sobre o meu peito
Sentidos ais , lamentos pezarosos ,
Vinde , clama o Infeliz.

Grandezas , honras , titulos , embora
Acabasseis , no feretro devieis ,
Tarde ou cedo , sumir-vos.

Belleza , alma dos olhos e do peito ,
Por dura lei do fado tambem pagas
Teu óbolo á Charonte !

Murche a belleza ainda em flor cortada ,
Caia a grandeza ! mas , ó Parca , espera ,
A virtude respeita.

Deixa a Mãi do infeliz ! ah ! se lha roubas ,
Na terra o que lhe resta ? . . da miseria ,
Que mão póde arranca-lo ?

Quem ha de as proprias roupas despojando ,
Vestir ao nú ? quem ha de ao orfãozinho
Dar caricias de Mãi ?

Da viuvez as lagrimas quem sabe ,
Lagrimas dando , serenar , quem ha de
Meiga os ais abafar-lhes ? (4)

E vós , a quem a doença , e longos annos
Tolhido os membros tem , quebrado as forças ,
Restos de humana fórma ; (5)

Esse Anjo caridozo, que a existencia
Aligeirar-vos no recinto vosso
Vinha, mais não vereis;

Santa Religião, quem teus altares
Com tão freventes preces, puros votos,
Fatigará devota?

Quem?.. mas debalde ao Ceo preces erguemos!..
Ás suas cinzas banhe terno pranto,
Que pranto só nos resta.

Magoada Lysia, triste luto veste,
Orfã te deixa a sorte, echo saudosa
Do infeliz os quexumes.

Desdobra pelos concavos rochedos,
Henriqueta? Henriqueta?... o ar repete,
Geme, aonde Henriqueta?...

Vós que a belleza, ó Tagides? confunde
Co' as Filhas suas, hoje nos pezares,
No pranto confundi-vos.

Ressoa, ó Lira! lugubres endeixas,
Mas não, celestes hymnos entoemos;
A virtude não morre.

Sómente dons caducos termo encontrão,
Parte do Eterno, a mente bem fazeja,
He qual o Todo eterna.

De louvor escudado ha de o seu nome
Passar de idade á idade, em quanto a terra
Pizarem desgraçados.

NOTAS.

(1) O Excellentissimo Duque d'Alafões voltando de suas viagens fundou a Academia Real das Sciencias de Lisboa.

(2) Allude-se á perfida entrada dos Francezes em Lisboa, e memoravel partida de S. A. R. para o Brazil.

(3) O Excellentissimo Marquez se achava em Paris mandado, como Embaixador Extraordinario, por S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor.

(4) A' reconhecida piedade da Excellentissima Duqueza d'Alafões nenhuma acção de caridade era penosa, e o que aqui se annuncia são factos.

(5) A Excellentissima Duqueza d'Alafões sustentava hum hospital de velhas incuraveis, e n'elle com suas proprias mãos hia exercer extremos de sua piedade.

Ao Illustrissimo Francisco de Borja Garçã Stockler, depois de ter lido, e admirado as su Poesias: pelo Dezembargador Antonio Ribeir dos Santos.

OU tu pertendas nos Olympios campos
Transpondo a meta na carreira ousada,
Correr parelhas com o Eolio vate
Em lyricas fadigas:

Ou já folgues co' a cithara doirada,
Qual o Teio cantor, brandos prazeres
Da Natureza e do Amor louvar, e as graças
Da candida Dione:

As nove Irmãs do Pataréo Apollo
Tantos brios te inspirão, no teu canto,
Que atraz deixas co' os sons harmoniosos
Os Argolicos cysnes:

Em teus versos gentis, divinos versos
Com maior energia os rasgos sólta
Huma alma nobre, hum coração sensivel,
A rica fantasia.

Teu estro he mais sublime: a vós mais doce:
O surriso de Venus he mais grato:
Amor he mais pudico: são mais bellas,
Mais meigas as tres graças.

DITHYRAMBO.

Quo me, Bacche, rapis, tui
Plenum? quæ nemora, aut quos agor in specus,
Velox mente novâ?

Hor. L. 3. Od. 19.

BAcho imberbe, Baccho ardente,
Porta-sono, prazer e alegria,
De nocturnos festejos o guia,
Que refrescas, aqueces a gente,
Frio e quente:
D'esse cume peregrino,
Que ao teu nome he consagrado,
Solta hum rio arrebatado,
Espumoso,
E cheiroso
De purpureo ou branco vinho,
Onde beba os teus furores,
E qual o trovão,
Que os montes abala,
Quando a nuvem prenhe
Rasgando-se estala,
Cante a Arcadia, e seus Pastores
D'este dia altos louvores.
D'Aganippe assaz na fonte
Já molhado tenho a boca:
Agoa pura
Não provóca
A cantar,
A bailar

E a saltar,
Como a lucida tintura
D'essa planta, que enroscada,
Trazes na mitrada
Cornigera frente.
Eia, eia, que o monte
De vinho se enche, se inunda, e se alaga.
Licor almo, e generoso!
Rubim puro, ambar desfeito!
Com que gloria, com que gozo,
Em ti banho a boca e peito!
Athés, Hyés,
Hyés, Athés.
Viva, viva o dia
De tanta alegria.
Oh! se eu podera
Em boca e lingoas
Todo tornarme,
Só por fartar-me
Deste elixir!
Então, Dioneu,
Na tenaz hera,
Ou no Idumeo
Cedro oloroso
Teu gordo vulto
Lavrara, erguera.
E por mais realçar os teus adornos
Na soberba ara
Os brancos cornos
Em puro ofir
Eu te curvara.

Doce elixir,
Que as almas purgas
De espectros tristes,
Que triste gera
A pallida, e voraz melancolia,
Vem neste dia
Dobrar da Arcadia
A pura alegria.
Oh! suave dia, dia venturoso,
Em que o teu mimoso
Coridão nasceo,
Oh! grão Bassareu
Athés, Hyés,
Hyés, Athés
Viva, viva o dia
De tanta alegria.
Dia, que os saltantes,
E capri-barbudos,
Corni-pedes satyros
Co' as ebrifestantes
Lascivas Bassarides,
De prazer saltando,
Pelas montanhas alegres cantárão;
E de quando em quando
Gritando,
Bramando,
Assim repetião
Saboé, Arcadia,
Arcadia, Evohé!
Já o teu Coridão nascido he
E que bella se derrama

D'alegria ardente chamma
Do Erimantho nas florestas !
Pelas bocas das cavernas
Em ecchos festivos sonoros respondem
Os montes soberbos de Arcadia famosa.
Aos golpes, que os ferem,
De liras suaves,
De timpanos graves,
De sistros agudos,
De crotalos duros.
Ah ! sim, caros pastores
Brilhe, brilhe a alegria,
C'roemo-nos de flores.
Cantemos suavemente o grande dia
Que á Arcadia nos traz tanta alegria.
Dia que trouxe
Rosado ao mundo
O bom Coridão,
Coridão, que jucundo
As antigas,
Esquecidas,
Mascaras carcomidas
Animoso tomando,
E entre o hirsuto capri-saltante coro
As vozes levantando,
O triste e feio bando
Dos multiformes vicios
Fez da Arcadia fugir com seus convicios.
Evohé, Saboé,
Saboé, Evohé.
Viva, ó pastores, viva o grande dia,

Que com sigo nos traz tanta alegria.
Eia, eia, pastores,
Cantemos, bebamos,
Bebamos, cantemos,
Tão ditoso dia.
Com esta ambrozia
Ledos festejemos
Atés, Hyés,
Hyés, Atés,
Viva, viva o dia
De tanta alegria.
Eis-me já nos nocturnos misterios
De corimbos, e flores coroado.
Nas mãos cerrando as grossas serpentes,
Eia já deixo dos troncos pendentes
As imagens sagradas,
E entre os copos de vinho espumando,
Eu, Coridão, seguro saltando,
Em teu louvor os odres entados
Sobre os prados hervosos deitados.
Evohé, Saboé,
Saboé, Evohé !
Viva, ó Pastores, viva o grande dia,
Que com sigo nos traz tanta alegria.
Ah ! venha hum capro lascivo, malvado,
Ao altar pelos cornos puxado,
E expie o sangue seu fervido, e quente,
Quantas já estragou vides co' o dente.
Thyrse-potente Yaccho,
Se a victima te he grata,
Que humilde te offereço,

Ah! por ella te peço,
Que jucundo, grato, placido
Risonho, meigo, e lepido,
Com o teu licor tepido
Doce, e não acido,
Nos conserves ao Menalo
Em Coridão
O seu brazão;
Que de louros croado,
Que cheio de alegria
Nascer mil vezes veja tão bom dia.

Diniz

ODE

Anacreontica.

Turva a chuva as claras fontes,
Que risonhas murmuravão,
E os ribeiros
Escumando cahem dos montes,
As campinas alagando,
Que pouco antes lisonjeiros
De mil flores esmaltavão,
Frescos zefiros voando.

Brama o Noto, e enfurecido,
Grossas chuvas envolvendo,
Em seu seio
Nos esconde o Sol luzido

Com estranha ligeireza,
Rompe a noite, e o manto feio
Sobre os campos estendendo,
Cobre os peitos de tristeza.

Bella Eralia, em quanto irado
Brama o pólo, o Ceo troveja
Nictyleu,
E de Chypre o Deos vendado
No teu peito e peito meu,
Da sua ira nos proteja,
Torne o tempo alegre e brando.

Entre as taças, que derramão
Hum suave e vivo fogo,
Os amores
Ardem mais, e mais se inflammão:
Ao enxame dos desejos,
Dos desejos brincadores,
Livre o campo deixão logo
Brandas iras, falsos pejos.

Eia pois, não te demores,
Vem, Eralia, entre meus braços:
N'elles croe
O prazer nossos amores.
Reine o gosto e alegria,
Pois ou vente, ou chova, ou troe,
Entre tão suaves laços
He rosado sempre o dia.

Diniz.

Soneto de Claudio Manoel da Costa.

NÃo vêz, Lise, brincar esse menino
Com aquella avezinha? Estende o braço;
Deixa-a fugir; mas apertando o laço,
A condemna outra vez ao seu destino.

Nessa mesma figura eu imagino
Tens minha liberdade; mas ao passo,
Que cuido que estou livre do embaraço,
Então me prende mais meu desatino.

Em hum continuo giro o pensamento
Tanto a precipitar-me se encaminha,
Que não vejo onde pare o meu tormento.

Mas fora menos mal esta ancia minha,
Se me faltasse a mim o entendimento,
Como falta a razão a essa avezinha.

Continuação das Maximas, Pensamentos, e Reflexoens Moraes, por hum Braziliero.

The proprer study of mankind is man.
Pope's Essay on Man.

QUeixão-se muitos de pouco dinheiro, outros de pouca fortuna, alguns de pouca memoria, nenhum de pouco juizo.

O hospede acanhado he hum dobrado incommodo para quem o hospeda.

Arguimos a vaidade alheia porque offende a nossa propria.

Nada aggrava mais a pobreza do que a mania de querer parecer rico.

Custa menos ao nosso amor proprio calumniar a fortuna do que accusar a nossa má conducta.

O nosso amor proprio se exalta mais na solidão e no retiro; a Sociedade o reprime pelas contradiçoens, que lhe oppõe, e pelas batalhas, que lhe apresenta.

Em os nossos revezes queremos antes passar por infelices do que por imprudentes, ou inhabeis.

Agrada-nos o homem sincero, porque nos poupa o trabalho de o estudarmos para conhece-lo.

O prazer da vingança he semelhante á alguns fructos, cuja polpa he doce na superficie, e azeda junto ao caroço.

A nossa imaginação gera fantásmas, que nos espantão em toda a nossa vida.

A intriga he hum labirinto, em que de ordinario se perde o proprio author.

Quando não podemos gozar a satisfação da vingança, perdoamos as offensas por merecer ao menos os louvores da virtude.

Perdoamos mais vezes aos nossos inimigos por fraqueza que por virtude.

Muitos se queixão da fortuna, que só se deverião queixar de si proprios.

Somos todos invejosos com a differença sómente do mais, ou menos.

Admiramo-nos do que he raro e singular, tanto no mal, como no bem.

O homem mao nunca he geralmente aborrecido de todos, porque necessariamente faz bem a alguns.

A conducta do avarento faz presumir que elle não crê na Providencia de Deus, nem confia na caridade dos homens.

O amor criou o Universo, que pelo amor se perpetúa.

O nosso amor proprio he muitas vezes contrario aos nossos interesses.

Ha rasgos de virtude, que provocão lagrimas de admiração; esta he tanto maior, quanto suppomos maiores os esforços e sacrificios, que custárão ás pessoas, que os produzirão.

O homem, que não he indulgente com os outros, ainda se não conhece a si proprio.

Ha pessoas moralmente sabias a seu pezar: as terriveis liçoens de huma experiencia dolorosa, as fizerão taes.

Podemos perdoar affoitamente aos nossos inimigos na certeza de que os seus mesmos vicios ou defeitos nos hão de vingar.

O lisonjeiro conta sempre com a aboação do nosso amor proprio.

Ha homens, que de repente crescem e avultão, como os cogumelos, pela corrupção.

O mentiroso só tem sobre o homem verídico a vantagem da invenção.

A lisonja, por maior que seja, acha sempre lugar na capacidade do nosso amor proprio.

O luxo, assim como o fogo, tanto brilha, quanto consome.

Desejamos que prosperem as pessoas, de cuja prosperidade esperamos participar por algum modo, e receamos a elevação daquelles, cujas intençoens não nos são favoraveis.

Ha muitos homens reputados infelizes na nossa opinião, que todavia são felizes ao seu modo, e segundo as suas ideas.

Enganamo-nos ordinariamente sobre a intensidade dos bens, que esperamos, como sobre a violencia dos males, que tememos.

As esperanças, quando se frustrão, aggravão mais os nossos infortunios.

A obstinação nas disputas he quasi sempre o effeito do nosso amor proprio: julgamo-nos humilhados, se nos confessamos convencidos.

(Continuar-se-ha)

Viagem ao Sertão de Benguella, continuada do N.º 2.º pag. 100.

PArti de *Benguella* para *Calundo*, sitio distante da Cidade ½ legoa, e que fica em hum teso pouco para E da mesma, onde me abarraquei pela noite do mesmo dia.

Parti de *Calundo* em huma segunda feira do mez de Agosto, marchando pelo Rumo de S S E até ás visinhanças do *N Dombe*, chamado pequeno, e que faz parte da Região do *N Dombe Grande*, ou *N Dombe de Quinzamba*, deixámos á mão esquerda hum grande cabeço de huma Serra, que nesta Provincia he a mais notavel, ficando-nos hum pouco ao S.; e havendo-a rodeado, chegando-nos mais para o S., atravessámos por este mesmo Rumo algumas montanhas de rochedos e saibro, tomámos outra vez o S S E até chegarmos a hum sitio, que está nas margens do N. do Rio *Maribombo*, nas fraldas de huma montanha, que chamão das *Bimbas*, e tem o sobredito sitio o mesmo nome, e ahi pernoitámos.

Ao dia seguinte ainda com escuro, subimos esta alta montanha e outras mais, quasi sempre pelo Rumo do S. e S O, até que descendo por huma dellas, fomos pelo fim da tarde alojar-nos na margem oriental do Rio *Cucutu*, que he o mesmo *Maribombo*, que quando vai cheio desemboca sempre hum pouco

a N N O de *Benguella*; ainda que quasi sempre muda de lugar. Mas quando he verão, nem huma gota de agoa se lhe vê, senão em algumas partes do *Dombe* por diante; e fazem os viajantes caminho por elle, apezar da immensa quantidade de arêa, que embaraça o andar, enterrando-se profundamente os pés. Não deixa com tudo neste tempo de dar agoa aos viajantes, que tirão das pequenas covas, feitas no seu leito com as mesmas mãos, agoa sufficiente para o que he necessario, deliciosissima: o que acontece com a maior parte dos rios deste Continente, que no verão sécão notavelmente. E assim tambem que os habitantes de *Benguella* bebem pela maior parte de *Cacimbas*, ou poços, que procurão praticar nas visinhanças do leito do *Marimbombo*, e outros cavando mesmo as suas arêas, tem por mais pura a agoa, que dellas recolhem. Em quanto ás duas Provincias, que fazem a Nação dos *Mundombes*, e que chamão *Dombe* ou *N Dombe*, (pronunciando como elles), estão situadas nas visinhanças do mar, e se estendem não menos que de hum pouco ainda ao N. de *Benguella*, até á Regencia de *d'Oilla*, comprehendendo por isso algumas 54 legoas de N. a S., isto he desde o Rio *Catumbela* até a *Angra do Negro*, bem conhecida pelos mareantes: ficando-lhe do Poente o mar, do Oriente os *Muquilengues*, ou *Quilengues*, e do S. a Regencia de *d'Oilla*, como direi ao

depois. Mas nem só os *Mundombes* occupão este espaço de terreno, porque quanto vai de *Aquilla* ou *Cabo Negro*, até o Rio, que chamão nos mappas os Geógraphos de *S. Francisco*, toda esta parte he occupada por hum povo muito barbaro, e perseguidor dos seus visinhos, chamado os *Muquandos*, que vivem vagabundos, do gado, que roubão aos *Muquilengues* e *Mundombes*, de carne humana, e das pilhagens, que fazem nos navios e navegantes, que naufragão naquella brava Costa, e são tambem anthropofagos. Porém o *N Dombe* pequeno, e que dissemos ficar ao N. do grande, comprehende *Benguella*, e do mesmo modo que o grande, ou da *Quinzamba*, he avassallado a S. Magestade. Os Sôvas mais principaes do pequeno *N Dombe* são o *Muiundi*, e *Peringue*.

Havendo pernoitado neste Rio *Cutucutu*, tive no dia seguinte, e em mais dous que alli nos demorámos, o gosto de ver maravilhosa variedade de *Granites*, *Porphyrios*, *Pedra Porco*, e outras pedras deste mesmo genero, em grandes rochedos, que estão pelo meio deste rio; das quaes muitas são descidas das montanhas visinhas, e que lhe estão sobranceiras.

Partimos na sexta feira, atravessando neste dia, e nos seguintes, estas e outras montanhas, mais altas duas vezes que as de *Cintra* e *Serra da Estrella* em *Portugal*; não me sendo possivel nem demorar-me, nem recolher

por estes incultos sertões nenhuma das optimas plantas e exquisitos animaes, que povoão em immenso numero aquellas Serras; onde encontrava a cada passo tropas tão grandes de *Zebras*, como se encontrão nos campos do Brasil as boiadas.

Neste ultimo dia (sabado) descançámos ao meio dia perto de hum braço de hum rio, que rega os *Quilengues*, do qual ao depois fallarei. E dahi a pouco encontrámos o rio que os nossos chamão de *Jangulla*, e os negros *Mepaya Jaya*, até que no domingo descançámos em huma das margens deste mesmo; marchando quasi sempre para o S.

Ao dia seguinte (segunda feira) subimos huma serra pelo mesmo rumo, cheia toda de grandes pedras, que estão em fórma de degráos atravessadas no caminho, e muito ingreme; a qual terá de extensão huma legoa. Subida esta, e havendo descido hum quasi nada, descançámos em hum *Quicanzo*, ou pequena povoação do Sôva *Jangulla*. Estes *Quicanzos* não são outra cousa mais que hum curral de boada, quadrado ou circular, cercado todo de pequenas choças, que fazem a habitação dos vassallos de qualquer Sôva; e estes são *Mucóvas* e outra gente ordinaria, a que preside hum *Quessingo* ou *Capitão Temunlla*, e todos pastores; e como taes guardão os gados nos ditos cêrcos, para poderem com maior facilidade acudir ao gado, no caso de ser atacado

por alguma fera ou ladrões, como costumão fazer huns aos outros todos os povos deste Continente. E são alguns destes tão destros nesta parte, que roubão ás vezes curraes inteiros, sem se lhe poder dar remedio; para o que se portão do modo seguinte. Nas horas em que estão seguros de que serão menos sentidos, batem repentinamente o gado; e se são sentidos, ainda podem perder parte da preza, e então se retirão, não sem algum destroço, que com as armas fazem nos da povoação. Mas se são sentidos estando já o gado fóra do curral, ou tendo-o já perto do mato, he impossivel então dar-se-lhe remedio; porque tocão huns taes apitos, e dão humas taes vozes, que determinão o gado a correr para elles com a maior velocidade, e a todo o galope.

Aqui não deixou de fazer-me especie o empenho com que hum lobo, havendo-lhe tirado das garras os negros da minha comitiva, hum bezerro, o tornou com tudo a levar para o mato, com a mesma infelicidade que primeiro, pois os meus *Quimbares* lho sacarão segunda vez, havendo-o perseguido com as suas armas; mas a tempo que já não puderão defender a vida ao pobre bezerro, que acharão já com os intestinos fóra, que fazem o primeiro e mais exquisito bocado destas feras.

Do Quicanzo Grande do Sôva Jangâlla e Quilengues.

POsemo-nos em marcha na quinta feira seguinte, até que, havendo feito cousa de boa legóa e meia, chegámos ao primeiro *Quicanzo* de *Quilumata*, outro *Sovado*, que fazem distar de Jangalla seis legoas, pelo Rumo quasi de O e de O N O, onde havendo descançado até depois do meio dia: tomámos o caminho de *Quilumata* pelo Rumo do S., e pelo meio da tarde nos abarracámos no *Quicanzo* do *Sova*.

Neste *Quicanzo* nos demorámos hum dia, precedido por huma das noites mais trabalhosas, que tenho passado; sendo tal a confiança com que hum *Leão* andou nas visinhanças da minha barraca, que nos parecia estar a todo o instante sobre ella; o que durou até pela manhã, em que havendo atacado hum dos curraes de gado da *Libata*, ferindo hum boi, foi presentido e affugentado pelos negros, que acodirão todos a ataca-lo.

E tendo no dia seguinte passado algumas *Libatas* deste mesmo *Sôva*, chegamos a *Lumbimbi*, outro Sôvado; e porque desd'aqui até *Quilengues* me não aconteceo ter lugar para exame de cousa alguma, assim pela necessaria pressa da marcha, como por outras causas não menores, e da minha falta de saude; acabarei esta minha primeira jornada por este

Sertão com dizer: que todos estes caminhos são fertil mina para a Historia Natural, não só pela diversidade de plantas e arvores, de que remetto e recolhi algumas, ou a maior parte, como pela de bellos rochedos e rios, dignos de serem conhecidos pela mais exacta Topographia, até á Povoação de *Quilengues*, de que darei agora noticia.

Chamão ordinariamente *Muquilengues*, não aos que habitão a terra de *Quilengues*; mas sim aos que estão na sua visinhança. E assim dão este nome aos de *Quilimata*, *Jangalla*, *Lumbimbi*, e *Socovalla*. Destes, *Quilumata* e *Lumbimbi* são do governo de *Benguella*; *Jangalla*, que fica entre o *Mirou* e *Sapa*, pertence com estes á jurisdicção de *Caconda*, *Socovalla* á de *Quilengues*. Pelo que pertence porém a este nome de *Quilengues*: conta-se que huma mulher principal e rica do Humbe, vendo-se senhora de muito gado, e não tendo na propria terra bastante campo, nem pastos sufficientes para elle, descera do Humbe, e fora caminho do Poente a *panguessar*, isto he, procurar lugar apto para a sua criação, e que hindo ter ao lugar, que chamamos *Quilengues*, se contentara dos excellentes campos, que por elle se estendem por dilatado espaço, e que alli se estabelecera com os da sua companhia e jurisdicção; provavelmente com a permissão do grande *Sôva* e *Sovêtas* de *Socovalla*, a quem pertencem as terras de *Quilen-*

gues; cujo nome lhe foi imposto por ser o mesmo, que tem a Provincia, que habitara a povoadora no *Humbe*.

Os limites, que tem os Quilengues (com differença de *Muquilengues*) são; pelo N e N O, *Jangalla* e *Quilumata*; pelo Sul, *Socovalla* e *Bembes*. De E. termina com a jurisdicção de *Caconda*, ficando da parte do Poente, hum pouco para o N. *Lumbimbi*. Governa esta terra hum Capitão Mór pago por S. M. Donde vem a ser *Lumbimbi* o *Sovado*, que está mais perto de *Quilengues* pela parte do N.

Bebem os Quilengues em hum rio, que rega esta terra, e atravessa quasi do S E a N O, com o nome de *Quihenge*: nasce nos montes, que dividem os *Bembes* dos *Quilengues*, passa ao *Lumbimbi*, onde toma este nome, e vai entrar no rio Cobroróro, nas terras de *Quilumata*, e vai desaguar no mar pela N *Dombe Grande*, ou da *Quinzamba*. De caminho farei notar, que este *Cobororo*, he o mesmo rio de *S. Francisco*, se attendermos aos mappas; mas *Gregorio José Mendes*, pratico nestas terras, diz que o *Cobororo*, he só diverso do de *S. Francisco*, ainda que o não prova, como pouco entendido nestas materias. Eu sou da primeira opinião, visto que os da terra tem por averiguado que o rio *Cobororo* nasce em *Caconda-Velha*, e he o mesmo que se passa, hindo de *Quilumata* para *Jangalla*, pelo Rumo de E.

Cheguei pois a *Quilenguer* em meio de Setembro do anno de 1785, com vinte dias de viagem. E porque neste sitio nos demorámos até Novembro, tive tempo de notar, perguntar, e saber muitas cousas pertencentes á Religião, Governo, Costumes, e Ritos destes barbaros, que em parte não deixão de ter alguma cousa de curioso, pela extravagancia, que mettem em quasi todos estes objectos nas suas Sociedades.

RELIGIÃO.

PElo que pertence ao conhecimento da Divindade, crem em geral estes homens em hum Ente, que tudo governa e póde, a quem chamão *Succo N-Jambi*, por corrupção do nome *N-Zambi* dos *Angorenses* seus visinhos: nem daqui passão a mais discursos sobre o seu *Succo*, nem delle se lembrão mais que para os seus juramentos, e então usão com mais frequencia da palavra N-Jambi, proferindo-a simplesmente sem accrescentar outra. Daqui vem, isto he, do pouco conhecimento da Divindade, causado de seu curto entendimento, que elles não tem nem Templo, nem Altar, nem outro algum culto publico de Deos: pois estes marões só se governão por superstição e fantasias, dando os menos entendidos credito ás palavras e gestos, com que os enganão os sagazes *Zambuladores*, ou

adivinhadores, que consultão nas suas duvidas; e os mais espertos, servindo-se delles para seus fins, como ao depois direi, ainda que bem certos e informados pela propria experiencia do caracter, sciencia divinatoria, e costumes dos seus *Zambuladores*. Em quanto ao conhecimento da vida eterna, não me consta que esta pobre gente tenha outro, que não seja o que tem os irracionaes.

E tornando ao Zambulador, esta he huma das personagens mais importantes das suas sociedades, de modo que nada se faz entre elles sem o seu conselho, attribuindo-lhe maravilhoso poder, já para descobrir delinquentes e outras cousas que ignorão, já para lhes dar bom tempo e estação para as novidades da lavoura, e já para fazer aquelle que lhe apraz, segundo lhes parece, impenetravel ao ferro e outros instrumentos mortiferos, &c. E como os que se applicão a estes exercicios, desfrutão ordinariamente grandes commodidades e emolumentos entre elles, são tantos os que exercitão o mesmo, como bem se deixa ver: e o que he de admirar he, que temendo, e abominando esta gente aos que chamão feiticeiros, de cujo conhecimento são incumbidos os *Zambuladores*, não abominão com tudo a estes, que na occupação e funcções das suas obrigações, são igualmente perniciosos barbaros.

GOVERNO.

O Sôva tem o supremo poder, e assim decide e dispõe das vidas e liberdade de seus vassallos, á que chamão *Moya* ou *Filhas*, á sua vontade, ou matando-os por suas proprias mãos, ou mandando-o fazer. O *Quessongo Grande* ou *Mor* tem o segundo lugar no governo do povo, e este he sobre os outros *Quissongos*, dos quaes tem cada hum a seu cargo huma das *Libatas*, são os *Interpretes* ou *Tendalas*, assistem ás embaixadas, dão as respostas dos Sôvas, e lhes repetem a materia das embaixadas. E ainda que elles neste sentido são a segunda pessoa, isto não tira que hajão nestes Estados personagens, não só mais respeitadas, mas com influxo sobre os negocios mais importantes. Taes são os *Quindures* ou Fidalgos, que tambem são chamados *Macotas*. Estes são, ou descendentes de antigos *Sôvas*, ou forão seus *Caley*, ou escravos mais antigos no *Lombe* ou Côrte, e que ficarão por isso gozando das mesmas honras.

Aos *Quindures* pertence a eleição dos novos Sôvas, e a consulta sobre as revoluções, que succedem no Estado, e como a taes os consulta o *Sôva*, que aliás trata a estes com summa delicadeza, pendendo ordinariamente a sua vida do amor ou aborrecimento, que estes lhe tem. E assim acontece frequentemente, que toda a vez que hum Sôva não governa

ao paladar destes, ou não procede bem ao seu modo, não tem duvida nenhuma em tirar-lhe a vida, para lhe fazerem succeder outro mais do seu gosto. E daqui he que o Sôva para sua conservação, ou deixa fazer a estes o que lhes parece, deixando-se governar por elles, ou introduz no *Lombe* quantidade de parentes seus para guardas da sua vida, com as honras e exercicio de *Quindures*.

Os *Caley* ou *Carey* são aquelles, que se empregão no serviço particular do Sôva: estes ou são escravos seus, comprados ou havidos em guerra, ou são tirados do povo para estas funcções. Entre elles o principal, goza de maiores distincções, e assiste continuamente ao lado do Sôva, como seu confidente; e assim elle he o unico que sabe os passos do Sôva, avisando a concubina, de que elle deve usar em cada huma das noites, dando-lhe parte dos que lhe querem fallar em qualquer negociação, e dando a estes as repostas do Sôva.

Logo que o Sôva toma posse do Estado, manda buscar para sua *Nana*, ou mulher principal, a que mais lhe agrada, ou de outro Sovado, ou do proprio, ou conservando a que tinha quando era particular. Esta goza de todas as honras do Sôva, e governa o Estado em auzencia deste. Além da *Nana*, entretem o Sôva quantas mulheres lhe parece, as quaes se tratão com distincções; com esta differença com tudo da *Nana*, que esta não a

póde lançar de si o Sôva, nem priva-la do lugar de *Nana*, podendo mudar as outras, e substitui-las, no caso de desgostar-se dellas, ou de commetterem infidelidade.

Daqui vem, que ainda commettendo a *Nana* adulterio, sem o consentimento do Sôva, elle a não póde castigar, mas sim ao adultero, do modo que lhe parece, ou sequestrando-lhe simplesmente os bens, ou tirando-lhe com elles a vida, ou liberdade, vendendo-o. Digo contra o consentimento do Sôva; porque chega a tanto a barbaridade desta gente, que he reputada melhor mulher aquella que mais enriquece ao Sôva ou marido, por meio da prostitüição, e que sabe captar adulteros mais ricos, e fazer assim maiores os lucros, dos maridos, sem exceptuar os mesmos brancos que se achão em sertões, a onde não chega a jurisdicção de *Cabo*, ou Capitão Mor algum Portuguez.

Continuar-se-há.

ARTES.

Memoria sobre hum Alambique existente no Laboratorio do Excellentissimo Antonio de Araujo, que contém as invenções mais modernas praticadas na Escossia, e ao qual se fizerão algumas adições para a sua perfeição por G. M.

SÃo notorias as fadigas, que os Escossezes empregárão para o melhoramento de distillaçoens, e tem sido objecto de geral admiração as vantagens, que alcançárão, tanto no que respeita á bondade das agoas ardentes, como á economia de as fabricar. Em consequencia de repetidas representações dos distilladores de Londres, que allegavão não poderem competir em baratêza das agoas ardentes com os distilladores de Escossia, o Governo Britannico as onerou com successivos e fortes direitos na entrada daquella Capital; mas, á proporção que os direitos se augmentárão, os Escocezes taes descobertas fizerão para a economia, e taes melhoramentos executárão nos seus alambiques, que conservárão sempre a superioridade nesta manufactura.

O Brazil he hum dos Paizes onde se póde tirar immensa utilidade, com o uso destes novos alambiques. Como já existe hum no Rio de Janeiro, observárão ocularmente algumas pessoas peritas, as vantagens que della

resultão: as mais importantes são a melhor qualidade das agoas ardentes sem máo cheiro, nem sabor de empyreuma; a rapidez das distillaçoens, a qual he superior ao que pódem distillar, em igual espaço de tempo, dous dos maiores alambiques antigos; donde se segue a economia de tempo, de máo de obra, e de combustiveis.

Devo dizer, que durante a minha residencia em Londres, tive a honra de receber huma carta do Excellentissimo Antonio de Araujo de Azevedo, em data de 11 de Outubro de 1810, encarregando-me de mandar construir hum destes alambiques, vulgarmente chamados Escocesses. Eu lho remetti, e vindo para esta Cidade, o colloquei por sua insinuação no seu Laboratorio Chimico, completando o maquinismo, que não tinha vindo de Londres, e fazendo alguns melhoramentos addicionaes, que me parecerão conducentes á facilidade e perfeição das distillações. Satisfazendo agora ás patrioticas vistas do Redactor deste Jornal, lhe offereço a seguinte descripção do alambique, com os desenhos, que fiz para se gravarem, e se facilitar a intelligencia do maquinismo. O petipé he de pés Inglezes, e o alambique calculado para conter dezoito a vinte almudes de liquido para se distillar.

ACDB (*fig. I.*) he o corpo do alambique, de huma fórma achatada, e o fundo algum tanto concavo, e feito de chapa de co-

bre, mais espessa do que até agora se usava, a fim de evitar a perda de calorico produzida pelo contacto do ar exterior, e por esta mesma razão se revestio o dito corpo do alambique, até a altura possivel, de parede de tijolo. EFG representa o capitel, cuja fórma se verá melhor na (*fig. II.*). I he hum carrete dentado de ferro, que põe em rotação a roda H do mesmo metal, a qual he quatro vezes menor em diametro, assim como em numero de dentes, do que a roda H, e portanto, quatro revoluções deste carrete, são iguaes a huma revolução da dita roda. Daqui resulta huma rotação suave no resto do maquinismo, que existe dentro do alambique. A roda H he encaixada no eixo perpendicular de ferro L, ao qual estão unidas as peças 1, 2, 4, 4, fixas em C na parte inferior do eixo; esta cruzeta tem a mesma curvatura que o fundo do alambique, e he pouco menor em diametro; mas na extremidade 5 he emendada, para se desatarraxar o pedaço até 4, e poder caber a cruzeta pela abertura do corpo do alambique, quando por algum motivo se quizer tirar fóra delle. Na parte inferior desta cruzeta ha humas cadeas suspensas com ganchos, e por meio dos parafusos 3, 3, 3, 3, 3, 3, se conservão sempre em certa altura, de maneira que tocão levemente no fundo do alambique.

Posto o maquinismo em rotação, as cadeas, agitando continuamente o liquido, não

deixão precipitar e demorar-se no fundo as materias crassas; evitando por este modo a sua carbonisação, ou torrefação, donde provém nas agoas ardentes o pessimo gosto, e cheiro empyreumatico. Outra vantagem resulta deste movimento, e vem a ser, as successivas superficies, que apresenta o liquido, o que accelera a evaporação da sua parte espirituosa: 2 (*fig.* II.), he hum leque, composto em fórma de ventilador, e de 8 folhas de cobre, unido ao mesmo eixo, e feito de maneira que na circumferencia das ditas folhas haja huma inclinação, que forme com o eixo hum angulo menor de 45.°, e assim deixão abertura entre elles para o vapor se escapar.

Posto o leque em rotação, seguem-se dous effeitos muito uteis; o 1.° consiste em se evitar a rapida sobida do liquido para o capitel, causada por excessiva ebullição; porque o movimento do leque destroe as bolhas da fervura, e o 2.° consiste em que o mesmo movimento impelle os vapores para sahirem mais depressa pela bicha, onde o refrigerante os condensa acelerando muito a sahida da agoa ardente.

He precizo recommendar á pessoa que manipular o carrete T., que dê a rotação ao maquinismo para a parte da inclinação das folhas do leque; pois sendo movido para a parte contraria, retardaria algum tanto a operação, e facilitaria subir a ebullição. Ao proprietario do alambique, ou a quem seus poderes tiver

compete advertir ao manipulador o lado, para onde hade voltar sempre a manivela. A razão deste effeito he a mesma a que succede no parafuso de Archimedes, que movido para hum lado, eleva a agoa, e movido para o outro, cessa de a elevar.

1 (*fig.* II.) he hum recipiente que neste alambique appliquei, para ter certeza de não cahir no liquido, que se destilla, alguma pinga de cebo, ou de outra materia oleosa, que existe na buxa N, como depois se dirá: o que póde succeder ao apertar a buxa, ou quando se concerte ou ponha de novo: qualquer porção daquella materia communicaria máo gosto ou máo cheiro ao espirito.

Neste alambique introduzi tambem hum manometro k, o qual recommendo que tenha hum braço comprido, que entra no liquido do alambique, e outro exterior da fórma que se vê na figura; he feito este manometro de hum tubo de ferro caldeado, no qual deito 1. L. ½ de mercurio, e dentro ponho sobre a superficie do mesmo mercurio, huma escala dividida em pollegadas, a qual me mostra nas suas divisões, a força do calorico dentro do alambique; porque a expansão do mercurio faz subir a escala no tubo exterior. Na mesma escala marco com hum risco bem claro o gráo de calorico, que pouco mais ou menos deve constantemente haver no alambique; logo que a escala sóbe

mais do que he preciso, se modera o fogo pelo modo facil, que se explicará na continuação desta memoria.

x he huma valvula muito exacta, que neste alambique igualmente appliquei, e serve para o encher por ella, poupando-se o grande trabalho de levantar o capitel a cada alambicada; esta valvula fecha-se por meio do peso z, e he da mesma construcção das valvulas de segurança, de que se usa nos engenhos de vapor.

q (*fig.* I.) he o manipulo, feito de maneira, que o manipulador póde leva-lo quasi em toda a roda do alambique; e de donde quer que se postar, movendo a manivela, porá em rotação o carrete I. Este está unido a huma peça, que he movel por meio da cruzeta r, que se denomina gônzo universal. Nas fabricas de distilação, onde houver agoa superior, se póde mover com ella, por meio de huma pequena roda, todo este maquinismo, poupando-se a occupação de individuo. O dito carrete anda em duas chumaceiras de metal s, s, moveis na carreta t, a qual está fixa na meza de ferro n, n.

A roda H tem a sua rotação e suspensão sobre a chumaceira de metal m (*fig.* I), a qual he atarrachada, e ajustada por hum e outro lado, com quatro parafusos, que são moveis na meza de ferro n, n, para que o eixo fique sempre no centro da buxa N, ain-

da mesmo quando esta se houver de fazer de novo. A buxa he feita de cordagem, e estôpa molhada em cebo derretido, ou em outra materia oleosa. A cordagem deve ser bem apertada contra o eixo dentro de huma caixa de metal, e igualmente apertadas, por huma tampa atarraxada na mesma caixa, para não deixar sahir o vapor.

p, p, o, o, o, o, são varões de ferro pregados ao capitel E F G para segurarem a meza n, n, por meio de parafusos: M torneira para despejar os residuos da distillação.

Continuar-se-há

Correspondencia.

ESperar-se-hia talvez que este artigo fosse muito extenso, todavia elle será muito breve. Tenho recebido algumas cartas anonymas, e outras de nomes suppostos; nem a humas, nem outras, me cansarei em responder. Eu o arei, quando apparecerem em seus verdadeiros iomes. Como porém algumas destas acompanhavão manuscriptos, affianço que elles serão nseridos nos numeros seguintes, não o tendo té agora sido por falta de lugar. Nos mesmos numeros serão igualmente transcritos, dois scritos dignos da attenção publica, hum, que

me remetteu da Bahia o meu amigo Fr. Archanjelo de Ancona, e outro que de S. Catharina me enviou o patriotico Silvestre José dos Passos. Ambos tratão de objectos assás interessantes, e por tanto não os omittirei, quando me for possivel. Espero que outros muitos não se escusem a hum trabalho, de que provém tanto interesse ao Publico, fornecendo-me outras obras, que elles sabem tão completamente compor.

Politica.

NO N.º precedente fiz depender o exito da campanha da constancia dos belligerantes contra o Usurpadôr do Continente, o successo justificou as minhas conjecturas; e eu tenho já tido a satisfação de annunciar ao Publico a completa derrota dos Francezes, segundo a sua propria confição. Mallograrão-se os projectos da ambição, e a causa justa triumphou. Destroçados, fugitivos, preza do inverno, da fome, e de todos os incommodos, que a estação póde fornecer, os Francezes já não fallão em Austerlitz, confeção a seu pezar a sua perda, e o seu Omnipotente só na fuga encontra a segurança.

A Peninsula entretanto offerece hum espectaculo de valor e da constancia, que enche

de gloria as tropas alliadas. Sendo estereis os esforços contra Burgos, já pelo rigor do inverno, já pelo esforço com que foi defendido, ou ainda (como querem os eloquentes Lord Wellesley e M. Canning) por falta de necessarios auxilios ao Duque da Victoria; unidos em huma massa muito consideravel, e superior (em numero, mas não em valor), os exercitos inimigos intentarão roubar ao vencedor de Aripiles a gloria, que tão briosamente alli ganhara. Mas o genio extraordinario, a singular prudencia do nosso Fabio *Fará ser van a braveza com que venhão.* Huma acertada retirada, sempre a coberto de divisões muito superiores, a feliz e opportuna juncção com o excellente Hill, a escolha de posições, o valor, com que se disputarão postos, pontos, &c., o sangue frio verdadeiramente admiravel, com que o Illustre Chefe dispõe prudentemente os seus planos entre eminentes perigos, todas estas qualidades não sómente salvarão o exercito alliado, mas offerecendo aos inimigos hum muro de aço nos peitos leaes dos Portuguezes, obrigarão a dispersarem-se, sem haver obtido outro resultado mais do que as perdas, que soffrerão em frequentes e renhidas acções. Se Lord Wellington (como diz seu Illustre Irmão) nunca he para mais admirar do que, quando cercado de difficuldades, tendo a decidir entre arriscados extremos, e apertado por forças muito superiores tem triumphado de todos os obstaculos e desenvol-

gido as suas eminentes qualidades; eu creio que he nesta epoca, que o seu nome ganha huma celebridade, que não póde ser attacada por algum espirito invejoso. E em quanto espero ulteriores noticias das suas excellentes combinações, ponho fim ás minhas imparciaes reflexões.

Obras publicadas nesta Corte no corrente mez de Fevereiro.

,, O Merecimento das Mulheres, por Mr. de Gouvé, traduzido por B.** ,,

He huma pequena peça, na qual o Poeta pertende vingar o bello sexo das accusaçoens de Juvenal e de Despreaux. Com huma ligeireza Franceza toca levemente os argumentos, que lhe parecem mais accommodados, e algumas vezes recorre a huma comparação, que nada prova. Sem hum pincel, como o dos dois Poetas que elle quiz combater, fez hum presente á melhor metade do homem, como elle diz, proprio do objecto. O Traductor, bem conhecido por suas luzes, e a quem este Jurnal he particularmente obrigado, empregou versos armoniosos e suaves, accrescentou alguns seus, e neste pequeno trabalho apparece a mão do Mestre.

,, Reflexoens militares sobre as campanhas dos Francezes em Portugal por João de Sou-

za Pacheco Leitão, Official do Corpo de Engenheiros. ,,

Esta Obra he dividida em duas partes; a primeira, a que dá o nome de Memoria Topographica, descreve as principaes operaçoens estrategicas, de que he susceptivel o Reino de Portugal relativamente ao seu attaque e defeza; a segunda he a Analyse da campanha de Massena em Portugal nos annos de 1810, e 1811.

Na primeira parte o Author prova que ,, a difficuldade que sempre houve de conquistar Portugal não previnha, nem de extraordinario valor de seus habitantes, comparado com o dos aggressores, igualmente aguerridos (o que presume a multidão, que ignora os segredos da guerra, e dahi vem o que se chama fanfarronada dominante da nação, pag. 3.), nem meramente das faltas dos Generaes, que attacavão, mas sim de circunstancias locaes &c. ,,

Para provar esta these *strategicamente*, considera as tres linhas de operaçoens, do Alentejo, da Beira, e das Provincias do Norte; avulta os embaraços, que em cada huma dellas encontraria o aggressor, e as manobras que teria a fazer o defensor. Depois destas reflexoens geraes, passa para a campanha actual, e começa por esta pergunta ,, he bem escolhido o ataque, e bem proporcionada a defesa? eu digo (acode elle) que ambas as cousas estão em proporção. ,, Conclue esta par-

to, apostrophando aos Portuguezes, a fim de anima-los pelo conhecimento das forças naturaes.

A Analyse da Campanha de Massena he fundada nos principios expostos na 1.ª parte. O Author protesta ,, empregar huma critica exacta e severa sobre o espirito dos acontecimentos, notando talvez erros, onde se dá louvor, e substituindo louvor, onde se notão erros: sem perdoar nem a hum nem a outro partido as suas faltas ,, &c.

Elle previne huma fortissima objecção contra o juizo feito a sangue frio, no silencio do Gabinete, e em muitos centos de legoas de distancia; elle conhece muito bem que *Tempelhof* e *Lloyd* erão officiaes dos exercitos, que combatterão em Leuthen, e que como taes não só forão testemunhas, mas tiverão parte n'aquella celebre batalha, e por isso emprega a prolepse seguinte ,, He verdade que para ajuizar rigorosamente dos acontecimentos he necessario estar ao facto de todos os accidentes tanto fisicos, como moraes, e ainda mesmo politicos, que directa ou indirectamente influem para resultados, que nos parecem sobrenaturaes: porém, se deduzirmos as causas pelos effeitos, não poderemos deixar de convir ,, &c.

Seguem-se importantes reflexoens sobre os exercitos inimigos e alliados, dignas da grande nomeada, que o Author conserva entre os

militares mais instruidos: elle desenvolve huma riqueza de conhecimentos estrategicos, fructo de huma seria e longa applicação.

Confesso a insufficiencia de meus conhecimentos para decidir de hum objecto tão grande em si mesmo, e tão delicado em suas consequencias, e para não ser julgado delirante, como o velho Parmenião, deixo aos modernos Annibaes o justo apreço de tão estrondosas façanhas.

Estado da athmosfera no mez de Fevereiro.

BAROMETRO.

Dia	*Pol.*	*Vint*	*Milh.*	*Dia*	*Pol.*	*vint.*	*Milh.*
1	29	18	44	14	29	17	84
2	29	18	42	15	29	18	29
3	29	18	.6	16	29	18	10
4	29	18	38	17	29	17	10
5	29	18	44	18	29	17	16
6	29	18	.4	19	29	17	12
7	29	18	24	20	20	17	12
8	29	19	.6	21	29	17	10
9	29	18	34	22	29	18	..
10	29	18	20	23	29	16	30
11	29	17	86	24	29	17	10
12	29	17	36	25	29	17	12
13	29	17	26				

THERMOMETRO.

Dias	*Gráos*	*Tempo*	*Dias*	*Graos*	*Tempo*
1	79	humido, trovoada chuva.	7	80	trovoda
2	80	medio	8	82	chuvoso
3	81	claro	9	82	dito
4	81	dito	10	78	dito
5	79	humido	11	76	dito
6	77	denso	12	76	dito
			13	81	claro

Dias	*Gráos*	*Tempo*	*Dias*	*Gráos*	*Tempo*
14	80	trovoada	21	82	dito
15	80	chuvoso	22	80	dito
16	77	dito	23	81	dito
17	77 ½	dito	24	84	dito
18	79	denso	25	84	denso trovoada, e chuva.
19	79	dito			
20	80 ½	claro			

INDICE.

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.

Ferreira.

N. 3.°

MARÇO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.° 34, por 800 reis. Na mesma Loja se faz a subscripção a 4000 reis por semestre.

MEDICINA.

Resposta, que ao Programma da Camara annunciado no N.º 1.º pag. 58., deu o Doutor Antonio Joaquim de Medeiros.

EU bem sei que as molestias não respeitão a idade, ao sexo, e ao lugar da habitação; para qualquer parte, que o homem vá, ahi o hão de cercar mil enfermidades até encontrar a morte,

Optima quæque dies miseris mortalibus ævi
Prima fugit: subeunt morbi, tristisque senectus,
Et labor, et duræ rapit inclementia mortis.
Virgilio.

Porem não he o mesmo habitar huma Cidade sujeita a enfermidades endemicas e a frequentes epidemicas, por causa da sua situação graphica, e má construcção dos edificios, que viver em huma Cidade bem organizada, ventilada dos ventos, e sem immundicia no interior. Os habitantes daquella, além de viverem huma idade menos avançada, são pela maior parte valetudinarios, pelo contrario os moradores desta são mais sadios, e robustos, e mais vividouros. As Cidades, que nós temos no interior do Paiz, confirmão esta minha asserção. Em S. Paulo, em Marianna, e Villa Rica encontra-se hum maior numera de ve-

lhos, que no Rio de Janeiro; e os filhos de serra acima são mais sadios e robustos que os nacionaes desta terra.

Qual será pois a causa de huma tão grande differença? Por ventura esta novidade depende das agoas, como vulgarmente se pensa? Ou he devida a outras causas mais particulares, e susceptiveis de remediar-se com o auxilio de huma mão poderoza? Este Programa he justamente o que faz o objecto desta memoria. Para não confundir as idéas, e proceder com ordem e clareza, eu hirei respondendo positivamente aos pontos da Proposta da Camara, marcando com numeros á margem para maior brevidade.

1.º As molestias, que mais vulgarmente costumão accontecer aos habitantes do Rio de Janeiro, e que por isso se chamão endemicas, são, as Erisipellas, as doenças de pelle, as Obstruçoens do Figado, em que, quasi sempre, interessa o Pulmão, conhecidas no Paiz debaixo do nome de Tuberculos; e finalmente as affecçoens Hemorroidaes. As Erisipellas, a ninguem, nem mesmo aos recemnascidos, como eu tenho observado, poupão. Rarissimas são as pessoas desta Cidade, que não soffrão insultos erisipellatosos; e por isso os naturaes do Paiz já não reputão enfermidade a Erisipella. Curão-se com os seus remedios domesticos sem o auxilio da arte: tão vulgar se tem feito esta doença! Mas a falta de

methodo curativo, e a pouca regularidade e dieta, que os enfermos tem nos seus insultos, derão origem a outra molestia, que ainda se faz mais sensivel aos que habitão este recinto da Cidade: fallo das inchaçoens das pernas e dos testiculos. He no Rio de Janeiro, que eu, não sem grande magoa dos meus compatriotas, vim observar até que ponto se póde distender o tecido cellular pela frouxidão das partes.

Ve-se logo que a Erisipella no Paiz he por todos os titulos temivel, tanto porque frequentes vezes termina pela gangrena e morte, como eu muitas vezes rapidamente tenho observado, como porque, quasi sempre deixa deformidades nas partes affectadas. As molestias de pelle hoje são tão vulgares no Paiz, que com razão podemos affirmar, que são endemicas. As sarnas, as empingens, o escorbuto, e mesmo a elephantiasis, raras vezes se deixão de encontrar nas casas de familias do Rio de Janeiro; principalmente as mulheres são mais sujeitas a affectar-se de enfermidades cutaneas e do escorbuto.

Os tuberculos do Paiz roubão muita gente no Rio de Janeiro. Póde asseverar-se que a terça parte do Povo perece de tuberculo. Eu tenho observado na minha pratica, que quando entrão a reluzir symptomas de liquido extravasado na cavidade do peito, os enfermos morrem a pezar de se pôrem em pra-

tica os mais heroicos medicamentos, que os celebres praticos apontão nos seus Annaes de Medicina.

As affecçoens hemorroidaes fazem hum grande estrago entre os habitantes do Rio de Janeiro. Os extraordinarios symptomas, que eu encontrava nos Practicos, quando estava na Universidade, sempre me parecerão fabulosos, em quanto mais de perto não os vim observar.

Não sei, que influencia tem o ar, ou os alimentos sobre os vasos hemorroidaes, que ainda os meninos experimentão o mal, que as hemorroidas causão na economia animal.

2.º Ao certo não se pódem determinar as molestias, que nas diversas estações do anno, e nos differentes annos reinão no Paiz. Os grandes practicos do Norte ficarião confundidos, se viessem ao Rio de Janeiro. Não sómente encontrarião invertidas as estações, e os morbos estacionarios, como acharião enfermidades extravagantes. Se eu não me visse obrigado a limitar o meu discurso ás perguntas, que o Senado pede, era boa occasião para eu traçar huma larga memoria sobre as diversas enfermidades, e o seu methodo curativo, que durante o meu exercicio Medico tenho observado nesta Capitania. Este trabalho ficará, para quando eu tiver mais pratica e mais commodidade. Agora, não devendo aberrar do meu objecto, direi sómente, que no Outomno, e Verão reinão as febres biliosas, as disente-

rias, e as bexigas. No Inverno e Primavera as defluxões, as febres catharraes, as hemoptizes, os rheumatismos e os estupores. Nas crianças appareceo o anno passado a cacoluxe, ou tosse convulsiva, pela primeira vez, desconhecida até agora no Brazil.

3.º A principal causa das molestias endemicas, e dos máos successos das epidemicas, sem duvida provém da influencia do clima sobre os nossos corpos. *Hypocrates* nos seus aphorismos, secção 3.a, já conheceo isto mesmo, quando nos patentea as diversas, e gravissimas enfermidades, que nascem das differentes combinaçoens da atmosphera. O Rio de Janeiro, huma das mais bellas Cidades da America Portugueza, e ainda de Portugal, tanto pela sua população, como pelo extraordinario commercio e riqueza, que maneja, se faz inhabitavel pelo pestifero ar, que respira o miseravel Povo, humido, e quente. Ainda em os mezes de Inverno, nunca o ar he frio e secco, antes sempre humido. Os antigos lembrarão-se de dizer que as molestias endemicas do Rio de Janeiro erão devidas á agua, que se bebe, o que he falso, pelas posteriores experiencias, que no tempo do Vice-Rey Vasconcellos se fizerão debaixo da direcção dos mais habeis Philosophos e Medicos.

Quaes serão pois as causas da humidade e da depravação do ar? São muitas, e as principaes vem annunciadas neste mesmo progra-

ma, ao qual eu me refiro. 1.º A summa baixeza do pavimento da Cidade relativamente á superficie do mar, que a cerca pelos tres lados de Lest-Sueste, Nordeste, e Nor-Nordeste. 2.º A pouca expedição, que tem as agoas da chuva extraordinarias no Estio, e enxugadas então á força do excessivo calor do Sol, mas em muitas partes da Cidade estagnadas, principalmente desde huma rua, chamada a Valla, para o Campo de Santa Anna. 3.º Finalmente a pouca circulação do ar pelos edificios e ruas da Cidade muito estreitas relativamente ao grande comprimento, que tem do mar para o campo, onde terminão: são as mais attendiveis causas da humidade e depravação do ar.

4.º Pelas experiencias Physicas sabemos, que, quando não ha circulação e expedição no ar, de maneira, que este não se renove por meio do ingresso de outro ar mais puro, e menos phlogisticado, ha de haver calor. Logo o embaraço, que fazem á entrada dos quotidianos ventos maritimos ou terraes, que soprão da parte do Nordeste, Norte, e Noroeste, os seis morros, que correm de São Bento até S. Diogo, na direcção de Lest-Nordeste, e á dos vespertinos, ou viraçoens, mais fortes que os primeiros, constantes da parte do Sueste, Sul, e Sudoeste, os morros do Castello, S. Antonio, e Fernando Dias parallelos aos primeiros de sorte, que fica a

Cidade sepultada entre montes, e ao abrigo dos ventos, juntamente com a direcção das ruas, que além de serem muito estreitas e compridas, o Sol penetra os edificios de manhã, e á tarde, fazem a Cidade pouco arejada dos ventos, abafadiça, endemica, epidemica, e incapaz de se poder viver nella. Está em problema, qual das Cidades he mais doentia, se o Rio de Janeiro, ou Angola. Muitos, que viverão nesta sempre sadios, vierão acabar os seus dias miseravelmente no Rio de Janeiro, cheios de mil enfermidades chronicas. A estas urgentissimas causas ainda accresce, 1.º a immundicia, que se encontra no interior da Cidade. 2.º As agoas estagnadas, que apodrecendo pelo grande calor exhalão os mais pestiferos vapores. Sómente os effluvios, que dimanão das agoas enxarcadas, que perennemente existem dentro da Cidade, os vapores, que lanção as immundicia amontoadas nos Largos, e Praças, e o grande fedor, que vem de huma grande Valla, que se abrio para dar escoante ás agoas, mas que serve para despejo dos moradores circumvisinhos, bastarião para fazer o Rio de Janeiro endemico, quanto mais concorrendo outra causa mais poderosa, que as primeiras. O ar humido e quente, que combinando-se com os effluvios das immundicias fica mais alterado, mais corrupto, mais degenerado, e mais capaz de produzir enfermidades.

Os Frades procurarão sitios mais elevados para fundar os seus Conventos. Os Jesuitas no morro mais arejado, e mais prejudicial á Cidade denominado o morro do Castello, ahi fizerão a sua habitação. Os Frades de Santo Antonio situarão-se em outro monte, que não he menos nocivo, que o primeiro. Os Monges Benedictinos fundarão o seu Mosteiro sobre outro morro parallelo ao do Castello, que não he tão prejudicial á Cidade como os dois primeiros. Os Carmelitas, não sei porque destino, ficarão em hum lugar plano e mais ao abrigo das viraçoens. Entretanto não se esquecerão do sitio mais bello, que tem a Cidade para construirem o seu Convento. Ficão em hum grande largo, junto ao Palacio. Por isso naquella Sociedade de homens não se observão tantas enfermidades chronicas, e vivem huma idade mais dilatada.

5.º As causas moraes e dieteticas influem assás para as molestias do Paiz. Os Antigos affirmão que as thisicas, hoje tão frequentes no Rio de Janeiro, rarissimas vezes se observavão, assim como as doenças de pelle. Ora, se nós cavarmos mais no fundo a origem destas enfermidades, acharemos, que quasi todas são complicadas com o vicio venereo. A opulencia desta respeitavel Cidade fez introduzir o luxo, e o luxo a depravação dos costumes, de maneira que dentro da Cidade não faltão casas publicas, onde a mocidade vai es-

tragar a sua saude, e corromper os costumes de huma boa educação, contrahindo novas enfermidades, e dando causas para outras tantas.

Accresce a vida sedentaria e debochada dos habitantes do Paiz: as mulheres vivem encarceradas dentro em caza, e não fazem o minimo exercicio. (a) Os homens, ainda os Europeos ficão preguiçosos, assim que se estabelecem nesta terra. Bem se vê logo, que o vicio celtico, os continuados deboches de comidas e bebidas, a que são muito entregues os habitantes do Paiz, e a vida frouxa sem algum exercicio, juntamente com as outras causas acima ponderadas, por certo hão de causar tantas enfermidades chronicas, que reinão nesta Cidade.

6.º Sobre os meios de obstar a estas causas. Huma das molestias endemicas, que quan-

---

(a) Devemos dizer em abono da verdade, que grande parte das causas, tanto physicas, como moraes, que este e os outros Medicos tem apontado, como origem das doenças do Rio de Janeiro, se tem desvanecido depois que esta Cidade tem a honra de ser a Corte do Nosso Augusto Soberano, e com muita especialidade as causas moraes; e se temos inserido neste Periodico estes tres pareceres, tem sido para mostrar o acerto das providencias, que se tem dado, e fomentar a esperança de que ellas consigão emendar os erros de huma situação morbifica. *Redactor.*

do reina no Paiz, rouba aó Estado milhares de habitantes he sem duvida a das bexigas. Quasi sempre se communica pelo contagio dos escravos recem trazidos da Africa. O anno passado foi o virus varioloso tão pestifero, que apezar das mais sabias vigilancias dos grandes Medicos, que temos nesta terra, e manejado o seu tratamento, segundo prescrevem os maiores practicos nas epidemias de bexigas, morrerão, fazendo o calculo muito favoravel, dois terços dos enfermos variolosos. E quanto não perdeo o Estado, não sómente com a diminuição da População, como da Agricultura? . . . He para lamentar a fadiga de hum pobre lavrador, que á custa de seu suor ajunta huma avultada somma de dinheiro, com que compra hum escravo para o ajudar, e passados dias o vê expirar de bexigas, por dolo e malicia do vendedor, que o enganou, dizendo, quando o ajustou, que já as tivera em pequeno na sua terra. Hum Hospital de Inoculação estabelecido com o mesmo regulamento, que o de Lisboa, que, além das pessoas inoculadas, fossem tambem os escravos obrigados com pena de serem confiscados, para a Fazenda Real os que dolosamente fossem vendidos antes da Inoculação, seria o meio mais seguro de se poupar ao Estado tantos milhares de habitantes, que morrem de bexigas. Quanto ás molestias endemicas, sómente a Mão Poderosa da Nossa Augusta Soberana,

poderia de huma vez arrancar as principaes causas das enfermidades endemicas do Rio de Janeiro. O calor, e humidade da atmosphera 1.° Ordenando, que se arrazasse o morro do Castello, e o de Santo Antonio, ficando por muita equidade sómente intacto o lugar do Convento. Por este meio se entulharião os charcos, e lugares baixos, que ficão da rua da Valla, para o Campo de S. Domingos, e o ar circularia mais facilmente pelo interior da Cidade, não havendo mais aquelles dois obstaculos, dando aos Habitantes mais bella viração, para equilibrar o excessivo calor, que faz nos mezes do Estio. Bem vejo, que se lançava por terra o Hospital Militar e alguns outros edificios insignificantes; porém Sua Magestade podia supprir esta falta, servindo se para accommodar a sua Tropa de hum soberbo Hospital, que a vaidade dos Irmãos Confrades de S. Antonio fez levantar para estar vasio e sem doentes. Talvez a nossa Imperante ficasse mais bem servida por ficar este hospital mais ao abrigo dos ventos, e mais perto da agoa e do açougue. 2.° Mandando, que se intime ao Povo por parte do Senado, que ninguem para o futuro construa cazas, sem que o engenheiro, que à Camara tiver convidado, tenha examinado o risco, e regulado a altura do pavimento. 3.° Que se consinta haver no interior da Cidade mais praças espaçosas para que o ar mais facilmente se torne

dephlegisticado, e ventile pelas ruas; e que estas á proporção sejão mais largas.

He preciso que da parte dos Almotaceis haja huma grande vigilancia, para que dentro da Cidade não consintão immundicias, principalmente nas praças publicas e nos lugares que ainda se achão devolutos sem cazas, onde os moradores visinhos fazem a diaria limpeza. 5.° He da primeira necessidade, que se dem as ultimas providencias, para se seccar, não sómente as agoas da chuva, que se achão reprezadas dentro da Cidade, e sem expedição para o mar, como as agoas estagnadas pelas grandes marés nos arrabaldes da Cidade. Por quanto, não sómente resultaria ao Povo a destruição de huma causa constante e poderosa das enfermidades do Paiz, como diz o grande Cullen a respeito dos lugares pantanosos, fermento de febres podres e intermittentes; senão que aproveitaria mais esse terreno inculto e sem valia, quer para as casas, quer para a lavoira: o Povo vai crescendo consideravelmente, e entretanto não tem a Cidade lugar para onde se estenda, que não seja pantanoso. Hum particular não póde com as despezas de huma propriedade de casas levantadas nestes sitios pelo grande aterro, que precisa fazer, o que não aconteceria, se o Publico, cujas forças são demasiadamente superiores ás dos particulares, tivesse de antemão feito enxugar, e aterrar

todos estes lugares. 6.° He da primeira importancia que o Senado desta Cidade tenha o maior cuidado sobre o gado que se mata. He impossivel, que multiplicados animaes prezos dentro de hum pequeno curral, expostos ao grande calor do Sol, privados inteiramente de comer e beber por espaço de sete dias, que no fim deste tempo não estejão quasi damnados. Por isso os habitantes fogem á carne, que não póde deixar de ser nociva á saude pelas razoens acima expendidas: procurão remediar este mal, alimentando-se do peixe, que ainda he mais prejudicial, não sómente pelo excessivo uso, que fazem delle, como porque em geral a comida do peixe predispõe aos que uzão delle, para serem atacados de enfermidades cutaneas e do escorbuto, segundo a opinião dos melhores Practicos. Hum pasto destinado para o gado, que se houvesse de matar aquelle mez, d'onde viessem diariamente para o curral do Açougue as cabeças, que servissem para o consumo do Povo, era a melhor providencia, que a Camara podia dar, para haver boa vaca no Rio de Janeiro, e talvez para livrar aos habitantes de algumas febres, que se gerão da carne inficionada, que se compra nos açougues publicos da Cidade. A empreza parecerá ardua, e difficultoza, porém nada he impossivel aos homens, principalmente quando são conduzidos por conselho sabio e prudente.

Rio de Janeiro 3 de Dezembro de 1798.

BOTANICA.

Achando-me prisioneiro de Guerra na Ilha de França em 1808, tratei de negociar, e effectuei, com aquelle Governo o meu resgate, e o de todos os nossos compatriotas, no numero de duzentos, que alli tambem se achavão na mesma desgraça, prospectando ao mesmo tempo roubar áquella Colonia, para enriquecer este Estado, parte das preciosidades, com as quaes Mrs. de Poivre, e Menonville, em 1770, tanto a tinhão illustrado: o projecto foi temerario, vistas as circunstancias em que me achava, e o resultado o mais feliz, pois que consegui substrahir do Jardim Real hum grande numero de arvores de especiaria, e de sementes exoticas, não sem muito trabalho, risco, e despezas, porém quando se trata de prosperar a Patria, preenchendo os Augustos, Magnanimos, e Providentes Sentimentos do Melhor dos Principes, tudo se arrosta.

Em Julho de 1809 entrei nesta Capital, e dei parte a S. A. R. da minha acquisição, e me foi ordenado, por Aviso da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, que as distribuisse dando huma porção á Real Junta do Commercio, e o restante ao Illustrissimo e Excellentissimo Tenente General Carlos Antonio Napion. A Real Junta do

Commercio, por Carta de 28 de Julho de 1812, me fez a honra de mandar participar que em Sessão de 9 de Setembro de 1809 tinha deliberado se me conferisse huma medalha de ouro em testemunho do meu zelo, e Patriotismo, acompanhada de huma Carta, em que no Real Nome do Principe Regente Nosso Senhor se me agradecesse hum tão importante serviço. E desejando eu saber o estado, e o progresso actual da minha acquisição, pedi ao sobredito Illustrissimo e Excellentissimo Tenente General me mandasse passar huma attestação do constante, o qual me fez a honra de mandar a relação, que junta remetto, e ignoro o estado das que entreguei á disposição da Real Junta do Commercio, como tambem o de algumas, que dei aos Illustrissimos e Excellentissimos Conde dos Arcos, e defunto Conde d'Anadia, ao Intendente da Marinha, e ao Doutor Arruda.

Tenho toda a certeza que V. não póde deixar de dar hum distincto lugar no seu Periodico á mencionada relação, omittindo-lhe as lisonjeiras expressoens, que a meu respeito expende o habil Author della, e incansavel Cultor das referidas Plantas.

Tambem julgo dever participar-lhe, para que conste, que pedindo eu ao meu particular amigo Rafael Bottado de Almeida, Senador de Macáo, me remettesse as sementes dos arbustos do Cha, elle me mandou o anno pro-

ximo passado hum grande numero dellas, as quaes distribuí, dando-as ao referido Illustrissimo e Excellentissimo Tenente General, ao Deputado da Real Junta do Commercio José Caetano Gomes, e a varios particulares; e, vi os dias passados em casa do Doutor Jacinto José da Silva Quintão tres pequenos arbustos provenientes das ditas sementes, que promettem prosperar, e ignoro se existem mais alguns em outra parte.

Devo de justiça mencionar o quanto contribuirão para o bom exito de huma tão interessante acquisicão para este Estado, as deligencias, segredo, e dinheiros do referido Rafael Bottado de Almeida, de Francisco João da Graça, Religiozo da 3.ª Ordem, e de Antonio José de Figueiredo, Cirurgião de embarque; os nomes destes tres bons Portuguezes são dignos de passarem á posteridade, não só pelo expendido, mas por outros muitos factos Patrioticos por elles praticados naquella Colonia durante a nossa prizão.

He com toda a consideração seu afectuoso e muito obrigado amigo

Rio de Janeiro em 4 de Março de 1813.

Luiz d'Abreu.

TEndo mandado informar sobre o requerimento incluso, do Chefe de Divisão Luiz de Abreu, o meu Ajudante e Vice-Inspector da Real Fabrica da polvora, João Gomes da Silveira, o mesmo me mandou a relação, que aqui vai junta, com a qual inteiramente me conformo. Rio de Janeiro em 20 de Agosto de 1812. — Carlos Antonio Napion.

Relação das Plantas exoticas e de especiarias, cultivadas no Real Jardim da Lagoa de Freitas, e transportadas da Ilha de França, pelo Chefe de Divisão Luiz d'Abreu.

4 *Moscadeiras.* Myristica Officinalis, Lin. — Existem duas, que crescem vigorosamente, e atingem já quasi a altura de hum homem: apresentão huma ligeira differença no habito externo da folhagem, talvez porque sejão de diverso sexo, o que seria muito a desejar para a sua fecundidade.

4 *Camphoreiras.* Laurus Camphora. Lin. — Salvarão-se duas, que tem crescido prodigiosamente, e tem já dezoito palmos de altura, e mais de vinte e cinco de roda. Tem-se prestado facilmente ao processo da mergulhia, pelo qual já ha mais de anno se separou huma linda arvoreta, que cresce vigorosissima; e agora espero

separar huma numerosa quantidade, já bem arraigadas. Daqui se vê a facilidade da sua propagação independentemente de sementes. Parece que estão no seu clima natalicio.

4 *Abacates.* Laurus Persia, Lin. — Salvarão-se tres, que estão muito frondosas, e de altura de dezeseis a dezoito palmos. Desta ha já doze mergulhias em estado de se separarem.

2 *Litchis.* Euphoria Litchi, Lin. — Vierão debaixo deste nome dous pequenos troncos, dos quaes sómente hum vingou: conheceu-se não ser o Litchi; mas ficou incognito até que floreceu, e reconheci ser o Mamei das Antilhas, *Mamea Americana* de Lin., a que os Francezes chamão Abricot de S. Domingos. Está carregado de flores e fructos; e ha trez mergulhias em estado de se separarem.

2 *Mangueiras.* Os dous pequenos troncos, que chegárão com este nome, ambos vingarão, mas ainda não florecerão, e delles hum tem alguma analogia com as Mangueiras; mas quando o seja, certamente he especie differente da ordinaria. He maravilhosa a facilidade, com que se arraigão as mergulhias, das quaes ha bastantes neste individuo. O outro he planta diversa, e parece ser huma especie de Annona, a que os Francezes chamão Co-

rosal; cujo fructo diz-se ser muito superior á fructa de Conde.

4 *Cravos da India.* Caryophillus aromaticus, Lin — Salvarão-se apenas dous, que crescem lentamente. He planta extremamente delicada, e parece que o clima lhe he pouco favoravel; pois que das sementes que chegarão, e huma numerosa quantidade de plantas, que desta remessa se repartirão para differentes partes, nada existe senão os dous, que se salvarão á custa de desvelos, e canceiras indiziveis.

3 *Caneleiras.* Laurus Cinnamomum, Lin. — Existe huma linda arvoreta, já de altura de hum homem.

10 *Toranjeiras.* Citrus Decumana, Lin. – Existem todas, e mais algumas que nascerão ao depois, e ao todo são 18.

Semente de Sagú, Saboeiras, Arvore de pão, Areca. Destas nenhuma nasceu, á excepção de huma formosa arvoreta de dezeseis palmos de alto, e huma mergulhia já arraigada. Está incognita por não ter florecido. Igualmente de outras quatro sementes, que me parecerão do genero Spondias –, existem quatro arvores, já de dezeseis a vinte palmos de alto; não florecerão, e por tanto não se conhecem.

Arvore de Carvão. Das sementes que se semeárão existem 170 pés; dos quaes huma grande parte já deu flores e fructos, o

por elles pude conhecer, que he a Mimosa Especiosa de Lin. –, que os Francezes, pelo seu prompto crescimento, elegancia do seu porte, verdor e persistencia da sua folhagem, cultivão na Ilha de França para ornamento dos jardins, e bordadura das álas; e dos ramos que decotão annualmente, fazem o carvão para a polvora, que alli fabricão; e lhe dão o nome de *Bois noir.* – As abelhas devorão ávidamente a casca dos troncos, dos quaes corre huma copiosa quantidade de goma, que ellas recolhem igualmente.

Tal he o numero, qualidade, e estado em que se achão as plantas que couberão em partilha ao jardim deste estabelecimento; e ignoro o destino de huma boa porção desta collecção, que se distribuio para differentes partes. Quanto ás que aqui se achão, o seu crescimento progressivo, e multiplicação já bem avançada por mergulhias, e ao depois por sementes, segurarão para sempre ao Estado do Brazil a possessão desta preciosa acquisição, conquistada sobre a vigilancia dos Francezes, pelo denodado zelo e patriotismo de hum prisioneiro Portuguez. O atrevimento de huma tal empreza, e em semelhantes circunstancias, constituem a *Luiz d'Abreu* benemerito da Patria; e o seu nome, rival ou superior na gloria aos *Poivres*, e *Menonvilles*, passará á posteridade, eternisado na duração des-

tas especies, que primeiro introduzira, e que perpetuadas pela successão de seus individuos, serão hum dia outros tantos monumentos, que conservarão indelevel a memoria deste feito, verdadeiramente digno da antiga gloria, valor e patriotismo Portuguez. Lagoa de Freitas 30 de Julho de 1812.

João Gomes da Silveira Mendonça.

Memoria sobre a abertura de huma estrada de communicação, entre a Capitania de Santa Catharina e a Villa de Lagens, e estabelecimento de huma Freguezia no Sertão da terra firme da mesma Capitania. Por Silvestre José dos Passos.

HA muito tempo que me accompanhão ardentes desejos de fallar sobre hum objecto, que muito me lisongea; e o não tenho feito, receando alguma mal entendida emulação, filha do egoismo, que he mais pernicioso no Corpo da Nação, do que a maligna epidemia: agora porém estimulado pelo convite do Redactor deste periodico, no seu prospecto, pondo de parte os meus escrupulos, tratarei succintamente o meu interessante assumpto, o qual se reduz a huma exposição sincera

e verdadeira dos meios de fazer prosperar esta importante Colonia, e conseguintemente o interesse do Estado.

São passados 24 annos que o Sertão da terra firme foi penetrado com huma estrada, a communicar-se com a Villa de Lagens, em cuja abertura dispendeo esta Camara 24 mil cruzados; e como daqui se originasse hum ramo de commercio entre esta Colonia e aquella Villa, tentou o Governador, que então era desta Capitania, José Pereira Pinto, estabelecer duas Freguezias; a I. no local denominado Quilombo-grande, e a II. na varzea e margem do rio Garcia.

A tempo que elle Governador tinha traçado o seu plano para a creação daquellas freguezias, e arranjo de seus habitantes, foi deposto do Governo; e por tanto se estagnou inteiramente aquelle ramo, e a communicação com aquella Villa, ficando a importante estrada inutil, em breve extincta, e aquella despesa infructifera.

Vendo-me eu opprimido com o pezo da minha familia, tomei o expediente de comprar certa porção de terra naquella estrada, e sitio, onde se tinha projectado a primeira freguezia, e ahi me acho estabelecido, cultivando mandioca, arrôs, e outros generos; criando gados em pastos agricultados, e abrindo nova estrada á minha custa, até aos primeiros moradores, que me ficão na sahida da

freguezia de S. José, para onde faço as minhas conducções, sem arrimo nem auxilio algum, mais que a minha industria e fracas forças. Ommittindo os avantajados passos, que hei dado em bem dos meus semelhantes, e proveito do Estado, direi sómente, que pertendendo animar a agricultura, e reduzir alguns habitadores para a minha vizinhança, cheguei a ponto, afim de suavisar-lhes esta habitação, de fazer conduzir para aqui alguns peixes de agoa doce, os quaes tem propagado em algumas pequenas lagôas; e neste rio denominado Moruhi. Porém nada disto tem bastado para se animarem, por lhes faltar o pasto espiritual, e muito mais os desalenta a falta da estrada, por onde lhes vinhão muitos meios para a sua manutenção; como fossem as transacções, que fazião com os tropeiros, dando a estes os seus effeitos pelo equivalente de seus gados, &c. Ora, sendo de summa importancia a povoação do Continente, já se vê de quanta utilidade será a abertura da estrada, e creação de huma freguezia. Intimamente convencido desta verdade, eu me abalanço a apontar os suaves e economicos meios, porque se podem conseguir estes dous interessantes fins.

Entre a Villa de Lagens, e a freguezia de S. José desta Capitania, ha huma distancia de 93 legoas, sendo as que vão da dita freguezia á Guarda, que se abandonou, denomi-

nada do Trombudo. Destas 16 legoas, são 7, que vão da mesma freguezia ao rio Garcia, cujo terreno está todo concedido por sesmarias; porém só cultivadas 3 ¾ legoas, que vão do meu estabelecimento até á dita freguezia; e 9 de terreno devoluto, que se segue do rio Garcia até ao Trombudo; e aqui faz esta Capitania o seu limite com a de S. Paulo. Para a reabertura destas 9 legoas de estrada, será pois necessario:

1.º Quarenta homens de serviço, que podem ser 10 escravos do contracto das balêas, 10 soldados dos addicionados ás madeiras do Almirantado, e 20 do Corpo das Ordenanças.

2.º Que o Armazem Real supra com 20 fouces, 20 machados, 15 enxadas, e 5 marmitas.

3.º Que a Real Fazenda assista com 120 alqueires de farinha, 10 ditos de feijão, e 4 ditos de sal; 8 medidas de agoa ardente, 25 novilhos tirados das Estancias Reaes do Rio Grande, cartuxame embalado para 20 armas, e 50$ reis de ajuda de custo para o Official encarregado desta diligencia.

Esta modica despeza será em breve recuperada com excesso, pelo imposto sobre o gado vacum e cavallar, que passar pelo registro, que se deve estabelecer; o qual, a exemplo dos mais, principiando por huma arrematação de pouca monta, virá pelo decurso dos tempos a chegar a grande rendimento.

Para a ereação da primeira freguezia he preciso:

1.º Que de cada huma das freguezias, Villa do Desterro, Necessidades, Lagoa, Ribeirão, Enseada de Brito, S. José, e S. Miguel, se tirem 5 casaes, (além dos casaes Hespanhoes, que por aqui se achão mendigando sem arrimo) dos mais necessitados de terrenos para a cultura; e que além destes se consintão todos os mais, que voluntariamente se quizerem alli estabelecer; prodigando-se em favor de todos, as Graças, e Magnanima Beneficencia de S. A. R., como seja, concedendo-se-lhes hum privilegio, que exima seus filhos da praça até a idade de vinte annos.

2.º Que S. A. R. conceda terrenos mais avantajados áquelles, que mais se distinguirem na lavoura.

3.º Que sejão distribuidas pelos novos habitantes as terras, que se achão concedidas, e não cultivadas por omissão e negligencia; e que estes colonos sejão igualmente assistidos de remedios para seus curativos, por tempo de hum anno.

4.º Que se construa a Igreja para o Culto Divino, de páo a pique, e coberta de palha, para os primeiros preludios, á exemplo das primeiras, que nesta Colonia se edificarão por ordem Regia; (ainda que neste lugar fiz eu telha para cobrir as casas da minha vivenda), e que os Sagrados Vasos e

Ornamentos se tirem das Parochias acima ditas, sem que para isso se faça a menor despeza, na conformidade do plano do Governador José Pereira Pinto.

5.º Que o Parocho seja pago pela Real Fazenda, cuja despesa será compensada pelos dizimos dos novos habitantes.

Para indicar agora outras vantagens, que resultão do restabelecimento daquella estrada, he necessario, que eu dê ao mesmo tempo huma idéa succinta de alguns campos e particularidades deste Sertão. Nelle se achão os campos chamados da Boa-Vista, aonde (tendo nisto pouca parte a industria) se crião mil rezes. Na visinhança destes campos houve huma Guarda desta Capitania, a qual foi por tres vezes atacada pelos Indios Bugres, e depois abandonada. Esta Guarda foi collocada no desembocadouro de hum desfiladeiro, que descobrirão bons e veteranos Sertanejos, tão escabroso e profundo, que as suas ingremes bordas, ou paredoens, excedem a mais de 50 covados de altura; o qual só póde ser penetrado por aquelle portão, fecho segurissimo daquella estrada. Ao Sul deste campo fica outro denominado os Pinheirinhos, aonde se crião 500 rezes; e outro que chamão o Bom retiro, onde se crião algumas mil. Este campo, que fica proximo á Guarda do Trombudo, he de Francisco Antonio Fernandes, desta Ilha, o qual estando ahi principiando estabele-

cimento e criação de gados, forão seus trabalhos inutilisados pelos Bugres. Além destes, ha outros campos, que ficão a S O do rio Cubatão, que me affirmão terem 2 ou 3 legoas de extensão. Destes e outros campos podem descer tropas de gado, com 4, 6, e 8 dias de viagem, para suprir as faltas, que actualmente se experimentão de gados vindos do Rio Grande.

Neste Sertão ha o cravo da India, de que remetto folhas e fruto; o qual se se cultivasse, poderia vir a ser hum interessante artigo de commercio. Igualmente se encontra nelle, outro genero, que aqui corre a 800 reis o alqueire, vindo de Parnaguá, á que os naturaes do paiz chamão Matte ou Congonha, e que em Monte Video, e Buenos Ayres se reputa a 5 e 6 mil reis a arroba.

Ha tambem neste Sertão algumas agoas, cuja analyse seria muito para desejar, e talvez de bastante utilidade: tal he a que eu observei em hum corrego na varzea dos Pinheiros, pela sua particularidade de morna; como tambem huns olhos ou nascentes, que sei de boa parte haver nas margens do rio Cubatão; donde mana agoa em hum tal grão de calor, que não póde suportar-se por muito tempo hum pé mergulhado no borbotão.

Finalmente, he de summa importancia o restabelecimento da estrada, para se penetrar este riquissimo Sertão, e fazer nelle exames

metallurgicos; e outras muitas indagações: com ella se obvião tambem as incursões e insultos dos Bugres, sendo certo, que só depois do seu abandono foi por elles debatida aquella Guarda, e acomettidos alguns habitantes do rio Tubarão, perecendo alguns ás mãos destes barbaros, e servindo estes factos de atterrar e affugentar outros Colonos. Ha poucos mezes, que nas vizinhanças de Hetapacoroya apparecerão estes Indios, e forão victimas da sua brutal crueldade hum homem, duas mulheres, e dous meninos.

Não posso deixar em silencio o abuso em que estão algumas pessoas, que imaginão não será util o restabelecimento da estrada, por ficar Missões tão proximo a Lagens, que com tres dias de viagem se avança aos primeiros povos; eu não duvido dessa pouca distancia; mas me persuado, que este mesmo motivo concorre para a sua reabertura; por quanto, de mutuamente se communicarem as povoações, lhe resultão innegaveis interesses.

He tambem esta estrada de muita importancia em tempo de guerra, pela necessidade que a Ilha tem da apoio da terra firme, sem o qual não poderá manter-se; como succedeo quando ella foi invadida pelos Hespanhoes. A defensão desta estrada já vimos ser mui facil, pelo seguro fecho de portão da Boa-Vista.

Esta Capitania não poderá prosperar, em

quanto se não ministrarem os soccorros necessarios, e distribuirem, segundo a Mente do Soberano, os terrenos concedidos, e não cultivados, ao grande numero de lavradores, que aqui se achão entretenidos, com 10, 20, e menos braças de terreno, e outros sem hum só palmo; e alguns carregados de filhos; nascendo os vicios e a discordia por effeitos da oppressão, em que vivem. Eu me não alargo a outros objectos, para que não pareça excessivo, deixando-os para serem tratados por outros mais noticiosos; e só me fica o pesar de me faltarem os termos proprios, e huma enunciação eloquente; porém eu não exijo mais do que a gloria de Patriota, e do Redactor as instrucções de que necessito; ficando elle na certeza, de que me não dispensarei de ser util ao Estado em occasião opportuna.

Silvestre José dos Passos.

Memoria sobre as novas fornalhas para cozer o assucar com o bagaço, inventadas pelo Doutor Manoel Jacinto de Almeida. Por Fr. Archangelo de Ancona, Missionario Apostolico.

HA já quatro annos, que alguns Senhores de Engenho principiárão a fazer uso das chamadas Novas Fornalhas, para o fabrico do assucar, inventadas pelo benemerito Dr. Manoel Jacinto de Almeida, existente na Villa da Caxoeira, que depois de quatorze annos de improbo trabalho, e continuadas experiencias, feitas por elle mesmo em o seu Engenho, perdendo nesse extenso decurso de tempo quasi todas as safras, conseguio finalmente aperfeiçoa-las, produzindo o intentado effeito, que he fazer ferver as caldeiras com a simples chamma do bagaço secco da mesma cana, com grande utilidade dos fabricantes de assucar. Não me consta porém, que a huma invenção como esta de incalculavel vantagem para todo o Brazil, tenha havido até agora quem fizesse, com a publica impressão, o elogio devido, e com a incontrastavel razão da experiencia afervorasse, e estimulasse em geral os Senhores de Engenho, á aproveitarem-se de huma utilidade tão grande. Mas, por lastima e infelicidade, he tal a ignorancia e a obstinação da maior parte delles, que

habituados a viver nas treyas mais espessas, ainda quando o sol está no seu zenith, fechão de proposito os olhos, para continuarem a gozar da triste escuridão em que nascerão. Sim, muitos, com grave injuria da rasão, dizem em ar Catonico e decisivo: „ Que já „ em outros tempos se tentárão inventos se„ melhantes; que estas innovaçoens são pe„ tas, e que nunca provárão bem; que por „ tanto elles querem continuar a fabricar o „ assucar como aprenderão: „ e com isto dão já por impossivel todo o augmento de perfeição, e melhoramento de qualquer machina. Outros porém, que eu julgo ainda mais cegos, convencidos pelo facto, sendo testemunhas do bom effeito, que produzião as novas fornalhas, tendo hido de proposito vê-las naquelles Engenhos, que actualmente se servião dellas, resolverão-se a manda-las fazer; como porém tiverão a desgraça de não conseguirem o bom effeito desejado, mandarão logo desmancha-las, e tornarão á antiga rotina, attribuindo erradamente a defeito essencial das fornalhas, o que era tão sómente defeito de construcção. Que miseria! Nem ao menos são capazes de fazer este obvio raciocinio: se o defeito he essencialmente inherente á invenção das fornalhas, então em parte nenhuma produzirão ellas o effeito promettido: mas, vendo-se que em varios Engenhos produzem constantemente de quatro annos a esta parte,

o effeito desejado, segue-se, que a falta he dos executores, e não das fornalhas.

Ao contrario, os que tiverão a sorte de ficarem as suas fornalhas bem fabricadas, são taes e tantas as vantagens, que utilisão por seu meio, que nunca cessão de prodigalisar com enthusiasmada alegria, os maiores elogios e agradecimentos, ao inventor dellas. Hum destes, que he o Ex-Corregedor Francisco Vicente Vianna, diz publicamente a todos: Que com estas novas fornalhas, que mandou fazer nos seus Engenhos, ganha, feitas as contas, seis a sete mil cruzados em cada anno; pois tal era a despesa, que se via obrigado a fazer em cada safra, para cozinhar o assucar com lenhas. Ora, nos tempos presentes, em que os assucares estão em huma baixa tão grande por falta de extracção, a diminuição de seis a sete mil cruzados, he já hum grande ganho, e á vista disto, os que teimosa e ignorantemente não querem servir-se dellas, não mostrão a mais irracional contumacia?

As utilidades pois das ditas fornalhas, que eu presenciei pessoalmente em hum Engenho, são as seguintes.

1.ª Fervem-se as caldeiras com o simples bagaço da cana, e isto no tempo breve de duas horas; emquanto com as fornalhas antigas, se precizava de seis e sete horas, não obstante a grande quantidade de lenhas grossas. Esta promptidão e brevidade, he causa de

muitas vezes descançarem os addidos ao fabrico, e estarem as fornalhas apagadas; por não chegar o Engenho a supprir com a calda necessaria e continuada.

2.ª Menor despesa e precisão de escravos; podendo ser dispensados, ou mais utilmente empregados na lavoura, aquelles que todo o anno devião ser empregados nos córtes das lenhas nas matas.

3.ª Necessidade nenhuma de bois pelo que respeita á conducção das lenhas. Isto produz grande lucro, pela multidão que destes animaes morria nas ditas conducçoens, em rasão dos máos caminhos.

4.ª Ficar livre da não pequena despesa dos carros para a conducção das mesmas lenhas, em que tanto se quebravão e perdião.

5.ª Passar sem a despesa das muitas ferramentas necessarias para os cortes.

6.ª A cessação do salario de hum feitor, destinado á dirigir os negros applicados nos cortes.

7.ª Ser sufficiente hum só negro para lançar o bagaço dentro da fornalha; em quanto nas antigas se precisava de tres ou quatro para empurrarem e introduzirem na fornalha os grossos troncos.

8.ª Não ficar sujeito o dito escravo ás molestias plethoricas, que de ordinario adquirem, os que estão empregados na manutenção do fogo de grandes fornalhas, e a razão

he, porque, ficando o conductor do ar poucas polegadas no interior da boca da fornalha, segue-se, que quando se esteja mesmo encostado a esta boca, se sentirá mais depressa fresco do que calor, e nas fornalhas antigas devia-se estar mui longe dellas, pelo grande abafamento, que produzião no ambiente exterior.

Estas são as principaes utilidades das novas fornalhas; mas, além destas, o mesmo Doutor Manoel Jacinto fez outros inventos, para diminuir e suavisar o trabalho dos fabricantes. Taes são:

1.° Purgar o assucar sem precisão da chamada Adagoada, que requeria não pouco tempo e trabalho, pois com o çumo de qualquer qualidade de hervas do campo, com tanto porém que sejão mucilaginosas, fica o assucar muito bem purgado.

2.° Bater horizontalmente o assucar depois de fervido. Para isso ideou elle hum cilindro, armado de quatro raios planos do comprimento, pouco mais ou menos, de quatro palmos sobre hum de largura, os quaes sahem em proporcionada distancia do centro do mesmo cilindro. Este está colocado sobre dois eixos polares, com hum manipulo fora de hum delles; e fazendo-se girar o cilindro horizontalmente, os quatro raios, ou espatulas, que fórmão os batedores, reduzem o assucar ao ponto preciso com o seu movimento

circular. Este trabalho póde ser executado até por hum rapaz de quatorze ou quinze annos. Ao contrario, com o uso antigo, havia mister de hum negro bem robusto, para poder levantar o colherão de cobre, e deixar cahir a calda de alto; o que prejudicava muito ao peito do trabalhador.

3.° Inventou de mais duas pequenas taboas, que postas verticalmente aos lados, direito e esquerdo, das moendas, por onde se espalhão as canas já fracturadas, mas que devem novamente passar pela moagem, a fim de serem bem espremidas, servem então de reparo para que se não espalhem; e ao mesmo tempo, com outra taboinha empurrando para dentro das moendas as ditas canas fracturadas, livra deste modo os trabalhadores de as impellirem com as mãos; o que frequentemente produzia o effeito lastimoso de ficar algum delles com as mãos e braços esmagados entre as moendas, de que vinhão a morrer, ou pelo menos a serem amputados.

Eis de quanto são devedores os fabricantes de assucar a este tão benemerito inventor, o qual continúa a fazer novas experiencias para novas descubertas. Mas, além destas utilidades, que eu chamo immediatas ao invento, seguem-se agora outras, que chamarei mediatas, e que vem a ser:

1.ª Que visto cozinhar-se o assucar com o bagaço da cana, aquelles Senhores de En-

genho, que por falta de matas erão obrigados a comprar as lenhas precisas, ficão agora livres dessa grande despesa.

2.ª Que todos aquelles Engenhos, que ha já annos, não fazião assucar, porque não tendo já matas, e estando longe das praias, se lhes impossibilitava até o comprar lenhas, pódem agora fazer novamente as suas plantaçoens, e reassumir o fabrico do assucar.

Este esboço, espero que será mui util ao povo Braziliense. Mas sobre tudo, deveria o Ministerio afervorar e estimular os homens de talento, a applicarem-se constantemente em beneficio do publico, premiando e remunerando o verdadeiro merecimento. Por isso disse sabiamente o erudito traductor das Obras Politicas e Economicas de *Edmund Burke* no seu Prefacio: „ Que a remuneração que „ se usa conceder a todos os eminentes ser„ vidores do Estado, he huma das principaes „ causas de se criarem em Inglaterra tantos „ homens de saber prodigioso, e de espirito „ duplicado dos Aristides, Fabricios, e Cin„ cinnatos, que tem honrado a Especie. „

Memoria sobre o Algodoeiro contiuada do N.º 2.º pag. 43.

CAPITULO IV.

Do clima, ou temperie do ar mais conveniente á vegetação do Algodoeiro.

AS regras, que até aqui tenho dado a respeito das qualidades do terreno, de nada aproveitarião, se não ajuntassemos tambem algumas reflexões sobre o clima, isto he, sobre a temperie da athmosfera mais convenienniente á cultura da nossa planta; pois que, se se plantarem Algodoeiros nas qualidades de terras, que no Cap. antecedente indiquei por melhores, sendo o clima ou temperie do ar desconvenientes, não póde dar lucro avultado.

Neste Paiz não se distinguem, como na Europa, as quatro Estações constantes, apenas se marcão duas, verão, e inverno. Chamão verão áquelle tempo, em que não chove, e inverno áquelle em que as chuvas são mais abundantes, ainda que não haja frio algum: mas além disto, eu distingo dous climas bem differentes, por causa da construcção fisica da superficie do terreno. Onde a superficie do terreno he cheia de multiplicadas serras, quer seja beira mar, ou não, ahi as chuvas são mais abundantes, principião mais cedo, acabão mais tarde, o ar he quente e humido, vêem-se

alagadiços, paues, rios perenes, fontes abundantissimas, e isto pelas rasões fisicas, que os Fisicos explicão: desta natureza he toda a borda do mar, principiando do Rio-Grande do Norte para o Sul da Paraiba, Goiana, Recife, Alagoas, Bahia, &c. Em toda esta extensão com largura de 10, 16, e 20 legoas, observa-se constantemente este clima chuvoso e humido; do mesmo modo do Siará para o Norte, e ainda no interior dos Sertões, onde o cordão da serra chamada Bruburema se multiplica, e encapela os seus inumeraveis cabeços, tal he *Ibiapâba*, *Carirí-Novo*, e todo o *Pihaubi*; porque a tal serra da Bruburema, que considero como espinhaço da terra de toda a Capitania de Paranambuc fórma hum cordão de muitos centos de legoas sem interrupção alguma: este clima que até aqui tenho descripto, chamão agreste.

Onde não ha esta multiplicidade de serras e os campos são mais espaçosos, as chuvas não são tantas, a temperie do ar he seca e quente, chamão mimoso. Este he o clima mais conveniente para a plantação do Algodoeiro; ahi cresce bem, produz abundantemente, com tanto que se escolha a terra, que inculquei por melhor no Cap. antecedente, alli finalmente, dura o Algodoeiro 10, 12, 14, e mais annos, havendo cuidado de o culttivar e tratar como adiante indicarei.

Não acontece assim no clima quente e

humido, que acima descrevi, a que chamão agreste; ahi os Algodoeiros adquirem huma constituição plethorica, crescem bem frondosos, as folhas mui grandes, de hum verde escuro, enchendo o agricultor pouco experto de experanças vans; porque não corresponde o fructo ao trabalho da cultura; por mais cuidados e desvelos, com que se tratem, jámais chegão a tocar aquella idade dos que se plantão em mimoso.

CAPITULO V.

Da melhor maneira de plantar os Algodoeiros.

Depois de bem limpo o terreno, que se intenta encher de algodeiros, operação que se faz neste paiz desde Setembro até fins de Novembro, segue-se planta-los: desta primeira operação já depende a futura felicidade do agricultor, pois que a distancia, em que fica o Algodoeiro hum do outro, influe sobre maneira na vegetação.

Não precisa ter grandes instrucções da Fisica dos vegetaes, para vir no conhecimento desta verdade; basta não fechar os olhos aos fenomenos, que a Natureza nos mostra á cada passo. Se cahem sobre a terra muitas sementes de qualquer vegetal amontoadas, ou apinhadas, e chegão a nascer; crescem sempre fanadas; porque o terreno, que apenas se-

ria sufficiente para nutrir huma só planta, se emprega em fazer vegetar muitas ao mesmo tempo; além de que o ar, que tambem serve por si, e pela agoa e humidade, que comsigo traz em dissolução, não póde circular livremente entre ellas.

Se a Natureza não tivesse prevenido esta desordem, brevemente se teria acabado a continuação da producção dos entes vegetativos. Ainda digo mais: que não duraria mais de tres vidas, logo depois da sua creação pelo Ente Supremo: porque, chegando os fructos ao ponto de sua maturação, e cahindo as sementes amontoadas ao pé da arvore, que as produzio, nascerião sim, mas como não são dotadas de livre movimento para poderem, bem como os animaes, hir ao longe procurar o seu nutrimento, depressa morrerião; porque de huma parte o pouco nutrimento, que o pequeno espaço de terra subministrasse a tantos, da outra parte a sombra da mesma mãi e delles mesmos, deverião forçosamente apressar-lhes a morte. Para obviar pois este inconveniente ¿ que meios não buscaria a Sabia Natureza? Aninhou as sementes de huns em polpa doce e saborosa, para que os animaes obrigados pela fome e aliciados pela gula, as tirassem do lugar do seu nascimento, e comendo por diversas partes a polpa, espalhassem ao mesmo tempo, ou semeassem a sua semente; a outras dotou de membranas

lateraes como as do til (Tilia Lin.), para com ellas poderem voar; a outras finalmente armou de farpas (*bidens*), e &c., para que pegando-se aos animaes que passassem, fossem depois cahir por diversas partes.

Pois se a Natureza tem procurado todos estes meios para semear e plantar em convenientes distancias as plantas ¿ porque rasão havemos despresar os dictames, que ella mesma nos está dando? Quanto se engana o agricultor preguiçoso, que, querendo aproveitar melhor o seu suor, planta maior numero de vegetaes, ou de Algodoeiros no terreno que alimpa, pensando, que quanto mais plantar mais colherá! He verdade que, em quanto as plantas são pequenas, tem vigor e vegetão livremente, lisongeando a esperança do agricultor; mas apenas começão a ficar mais frondosas, e espalhar seus ramos mais ao longe, tomando maior campo, huma á outra mutuamente se offendem; o seu tronco, faltando-lhe as circunstancias sobreditas, fica delgado sem substancia, e o seu fructo por consequencia deve ser pouco, correspondendo á mãi que o produz, como tambem deve ser de má qualidade. Além destes damnos palpaveis ainda á quem não experimentou, causa a plantação de Algodoeiros muito juntos outro muito maior damno, que he o de se não poder colher esse mesmo máo fructo; porque, engra-indo-se os ramos dos Algodoeiros huns com

os outros, obriga á pessoa, que o colhe, a andar curvado por baixo, cuja posição extraordinaria, além de fatigar, faz com que não sejão vistas as capsulas (maçans), que se achão sobre o seu teçume, o que causa huma grande perda. Eu já vi abandonarem Algodoáes carregados de fructos, não se atrevendo a continuarem a colheita, por terem sido plantados muito juntos

Se pelo contrario he plantado demasiadamente largo hum do outro, perde-se boa parte do terreno, que se preparou; o que tambem he perda consideravel para o agricultor. Para evitar pois estes dous inconvenientes, he necessario, que elle attenda á qualidade da terra, que cultiva; porque vegetando melhor os Algodoeiros em humas do que em outras, deve por consequencia variar a distancia, em que se planta. Eu tenho verificado, que nas vargens do lugar, em que cultivo os meus Algodoeiros, a distancia mais proporcionada he de 14 pés hum do outro; nas catingas de mata 8; nos ariscos, e nos lugares de agreste de 6 pés ou huma toeza, e que além disto, a melhor ordem, em que se póde plantar he em quincunce; pois que além de formosear o Algodoal, o feitor com poco trabalho põe debaixo da vista os escravos, que colhem, e que mondão: a mesma monda fica mais facil, sem fallar ainda em outras utilidades menores, que disto resultão.

Não posso deixar de fallar em hum abuso muito prejudicial, que se tem introduzido entre alguns agricultores de Algodões, e he o seguinte. Alguns agricultores conhecendo que o plantar os Algodoeiros muito distantes era prejudicial, porque se perdia o trabalho da preparação de huma boa parte do terreno; e que ao mesmo tempo havia igual ou maior prejuizo em planta-los muito juntos, pensárão que remediavão estes dous inconvenientes, e que ao mesmo tempo redundava em grande proveito seu, plantando os Algodoeiros no 1.º anno muito juntos, para no 2.º arrancarem huma fileira intermedia, tendo-lhe primeiramente colhido o fructo, para assim ficar mais campo aos que restão: eu tambem estive persuadido da vantagem deste methodo, porém repetidas experiencias me tem feito notar que o seu crescimento sempre he acanhado, maiormente devendo-se-lhe plantar pelos intervallos, legumes, como feijões, milho, e até mesmo mandioca; o que tudo deve plantar o agricultor do Algodão para fartura de sua casa, e nem estas plantações lhe damnificão o seu Algodoal; porque em pouco tempo se colhem: e ficão os Algodoeiros desafogados; mas isto deve entender-se sendo os Algodoeiros plantados na proporcionada distancia, que acima referí.

O unico instrumento agronomico que deve servir na plantação dos Algodoeiros he a

enchada, e quatro pessoas armadas deste instrumento, bastão para plantar o maior campo de Algodão; eu tenho simplesmente com este numero, em poucos dias, plantado o campo, que prepararão 50 trabalhadores em hum mez; e nem deve consentir maior numero quem não quizer introduzir ahi a confuzão e a desordem. Deve-se principiar por infincar estacas distantes, humas defronte das outras, naquella direcção que se quizer ás ruas dos Algodoeiros: de huma estaca á outra se estenda huma corda bastantemente comprida, e hajão tantas quantas são as enchadas; depois de estarem assim as cordas estendidas, devem principiar os das enchadas a abrirem as suas covas, que não devem ser mais profundas do que quatro pollegadas, hindo caminhando todos na direcção das cordas, cada hum guiando-se pela sua que escolheo; logo sobre os seus passos devem seguir outros tantos plantadores, ou semeadores, com huma vasilha, ou escodella, na mão cheia de semente de Algodoeiro, e á proporção que os das enchadas forem abrindo as covas, estes devem hir deitando os caroços, e cobrindo de terra com o pé, só quanta baste para cobrir sufficientemente; quando os das enchadas tiverem chegado ao fim das suas cordas que os guiavão, devem parar, e largando nesse lugar os seus intrumentos, devem voltar para traz, para arrancar cada huma estaca onde principiárão, e leva-la com a ponta da

corda que nella estava amarrada, para diante na mesma direcção em que vierão, e depois de pôrem as cordas na ordem e modo em que estavão, tornaráõ aos seus instrumentos, e continuaráõ o seu trabalho com este mesmo methodo: quem mette nos buracos a semente, communmente são negras, por isso he que mando sempre, aos que andão com as enchadas, mudar as estacas, porque estes são negros, por isso mais ligeiros que aquellas, qualidade que se requer, para este serviço não padecer demasiada demora. Muitos refusão plantar o seu Algodoal por corda, do modo que tenho dito, por não empregarem huns minutos de mais na mudança das estacas; mas eu tenho calculado que esta demora, no espaço do trabalho de oito dias, vem a redundar em hum dia demais. Há agricultores, que por isso refusão este methodo de plantar, porém estes são do numero daquelles, que por evitarem hum pequeno incommodo presente, se privão de tantos bens futuros; funestos effeitos da priguiça, maior causa do descommodo e da pobreza da vida.

Muitas pessoas costumão plantar os seus roçados, ainda antes de chover alguns dias; quando a chuva não tarda mais de quinze dias he bom, porque nasce a semente quasi no mesmo dia, e vão as plantas crescendo iguaes, o que não acontece quando se planta com chuva, ou estando já a terra molhada; o Al-

godoeiro gasta commummente de 6, 8 até 10 dias em nascer. Quando se planta em roçados novos, ou de mato virgem, e este tem sido bem queimado, não tem de ordinario necessidade da primeira monda; porque quando muito nasce huma especie de *convolvulus*, chamada vulgarmente *getirana*, a qual se deve arrancar á mão; porque a enchada muitas vezes não faz senão cortar rente da terra, o que não impede, que da raiz nasça nova vergontea, que estendendo depois por cima dos novos Algodoeiros, lhes dá tão apertados garrotes, que chegão a quebrar os galhos, deitando muitas vezes o mesmo tronco sobre a terra; e quando não ha este estrago, he para fazer ainda outro damno maior, que he, cobri-los com o seu folhiço, e priva-los das benignas influencias da luz e da atmosfera, vindo finalmente a morrer abafados deste herva inimiga; pelo que deve o agricultor pôr o maior cuidado em extirpar esta ruim casta dos seus roçados, logo desde que os planta, e quando encontre algum Algodoeiro já abafado com a *getirana*, deve procurar onde nasce o tronco para o arrancar, porque assim secão os galhos e folhas, ficando o Algodoeiro livre.

(Continuar-se-há)

Continuação da Viagem ao Sertão de Benguella, continuada do N.º 2.º pag. 86.

RITOS, E COSTUMES.

HUm dos principaes ritos, de que usão estes Sôvas versa com os *Zambuladores*, não só consultando-os sobre as suas duvidas particulares, mas sobre as que interessão o Estado. E assim, quando hum Sôva tem de fazer a guerra a algum outro povo, tem huma especie de *Zambuladores*, pelos quaes são as suas armas e os seus vassallos benzidos (para me explicar deste modo); usando de certas palavras, cruzes e sinaes, com diversas tintas, e saltos por cima do corpo, com cujas superstições se ficão reputando impenetraveis a toda a arma offensiva, e por consequencia, certos da retirada com vida, que elles ao depois, e sem a menor vergonha, cuidão em segurar com huma fugida mais apressada e veloz, que a dos cervos perseguidos pelo caçador.

Logo que morre Sôva, muitos dias antes que saiba o povo da sua morte, o tem os *Quindures* e mais principaes do *Lombe*, pendurado pelo pescoço com huma leve cordinha, até que ella rebente, ou caia o corpo no chão corrupto, e então passão a pentear-lhe a cabeça, e orna-la dos melhores adereços, que o Sôva possuia, e á vista desta sabe então o po-

vo da morte do Sôva. E com a mesma cabeça vão ter com aquelle, que foi eleito para lhe succeder no Estado, cuja eleição foi toda dos *Quindures*, e celebrada por todo o tempo, que passou desde o falecimento do Sôva, até que este foi patenteado ao povo, que se affirma da verdade á vista da cabeça do Sôva. E por esta mesma razão he que conduzem a cabeça tambem ao eleito, para lhe constar que o Sôva he morto, e a eleição legal. Donde se vê, que sendo a eleição ao arbitrio dos *Quindures*, não he sujeita á successão de parente algum, salvo se este he hum homem, cujo procedimento he approvado pelo povo, e se distingue do resto: o que ordinariamente se observa nos irmãos do Sôva morto, ou do seu antecessor, os quaes tem sempre o primeiro lugar como *Quindures*, que participão do sangue do Sôva; dos quaes muitos não tendo exercicio no *Lombe*, são levados de pastores e pobres lavradores ao lugar supremo. Em quanto ás qualidades, porque ordinariamente distinguem estes, nada pela maior parte agrada mais aos *Quindures*, que hum humor, que possa facilmente ser governado por elles, e incapaz de lhes hir á mão nos seus procedimentos.

Daqui he, que os filhos do Sôva não tem direito algum ao Sôvado, e são ainda excluidos do *Lombe*, vivendo como qualquer miseravel em vida abjecta, guardando gado, etc., cujo estado não deixa de lhes ser mais favo-

ravel, portando-se de modo que não dem o mais leve indicio de que aspirão ao Governo, o que lhes não custaria menos que a vida ou a liberdade; ainda que esta sempre a tragão arriscada, sendo livre ao Sôva vender os filhos, como a qualquer dos seus outros vassallos.

Eleito novo imperante, he trazido para o *Songo* ou *Senzalla*, onde o conservão occulto, até que se acabem os funeraes do Sôva fallecido, cuja função chamão *Intambi*, e que passa deste modo:

Depois de prantearem a sua morte, o que fazem pelo modo mais horrivel e barbaro, pegão na cabeça, e a guardão em huma especie de cesto, a que chamão *Ganga*, e deste modo a conservão, com as cabeças dos Sôvas passados, com toda a veneração, em huma casa, que por isso dá algum indicio de templo, que não tem estes barbaros; pois a estas casas he que concorrem os Sôvas e povo nas grandes afflicções, invocando os *Indelles* ou espiritos dos defuntos Sôvas: e estes *Indelles* pensão elles que tem influxo em todas as suas cousas, juntamente com o *Succo*, como ao depois direi. O corpo porém do Sôva vai a enterrar metido em o couro de hum boi, que o Sôva em sua vida mais estimasse, de cor negra e não de outra. E como já então está o corpo sem flexibilidade, o vão quebrando com algum páo ou ferro, para o reduzirem a menor volume, e o cozerem dentro do couro de boi; e assim

vai a enterrar, com insupportavel alarido, e tiros de espingardas, que por toda a parte vão disparando, até que he enterrado em huma sepultura, apar dos outros Sôvas seus antecessores, em lugar dedicado a este fim; que he huma cerca de páos dentro do *Lombe* ou Paço, que não deixa por isso de ser habitado.

Passão depois a celebrar o que mais propriamente chamão *Intambi*, que consiste em se ajuntarem todos os parentes do morto, em huma casa, accompanhando-os o resto do povo, e alli carpirem a sua ausencia com horriveis brados, com os quaes vão misturando mil louvores do defunto, dizendo que tivera muitas mulheres, muitos filhos, que era liberal, que tinha muito gado, e outras extravagancias deste jaêz. Sobre isto bebem os *Alos* ou *N-Burungas* e *Hellas*, que são duas especies de vinho, que, além de outros, fabricão e usão, muitas vezes á custa do juizo que perdem, sem exceptuar a chamada *geribita*, pela qual darão a vida se lha pedirem: nem se esquecem de hir comendo do gado, que para esta função trouxerão os parentes do morto, esmerando-se cada hum por se avantajar na quantidade de cabeças que podem, as quaes, com as que matão pertencentes ao mesmo, querem elles sirvão de prova da riqueza e abundancia do morto, e do brio e amor dos seus parentes; o que pertendem conste a todo o tempo deixando sobre a sua sepultura, dispostos em

hum monte, os cornos das rezes mortas, de cujo numero querem que todos collijão a sua grandeza.

A solemnidade da posse do novo Sôva, succede a estas funcções, que deixo referidas, com não menores barbaridades; entre as quaes tem para mim não pouca extravagancia a cerimonia, por meio da qual este toma hum nome, porque deve ser tratado depois de Sôva, além do que d'antes tinha. Junto todo o *Lombe* adiante do Sôva, e todo o povo, de modo que aquelle possa ser visto de todos, pega o mesmo Sôva em hum apito, e dá hum assobio para se lhe dar attenção; havida a qual, profere hum nome, como o que lhe deve ficar: o povo desaprova este nome, dizendo em altas vozes: *Obori!* ou *Puan!* que quer dizer não. Repete isto mesmo e com o mesmo successo; até que havendo tocado terceira vez o apito, e proferido terceiro nome, he este approvado pelo povo, e applaudido com palmadas, assobios, e grita horrivel. Acabado isto, cuida o Sôva em viver como tal; e vem a ser lizongeado e governado pelos seus, se quizer viver, sendo tal o excesso da lizonja, que nada diz, nem faz o Sôva, ainda nas suas acções mais ordinarias, que não seja pelos circunstantes recebido com o seu *Bá!* palavra de approvação: do mesmo modo, quando o Sôva espirra ou cospe, dão os circunstantes estalos com os dedos, a que

nós chamamos castanhetas, e o cuspo he recebido em hum vaso, para ser enterrado á noite com toda a cautella, para que os seus inimigos, se os tem, não lancem mão delle a fim de lhe fazerem feitiços.

Eisaqui pelo que pertence á coroação do Sôva e seu funeral; e antes que trate do enterramento e morte dos particulares, he precizo dar previamente noticia de algumas opiniões, que vogão entre esta gente, e entre tantas Nações inteiras.

Tem elles que nada succede neste mundo, que não seja por impulso dos *Indelles* ou *Sandes*, que são as almas dos seus defuntos; ou por maleficio dos feiticeiros, attribuindo a causas sobrenaturaes e necessarias os actos de mera liberdade. O seguinte prova, e explica bem o sobredito.

Logo que morre hum particular qualquer, depois de lhe fazerem o seu *Iniambi*, os parentes, conforme as suas posses, passão a averiguar quem foi a causa da morte daquelle parente, como tambem he estilo no *Loango*, e em outras partes desta corte: para o que, vão estes a consultar sobre a duvida o *Quizambula*, ou *Zambulador*, mas a outra terra distante, para ter a sua resposta todo o criterio de verdadeira; repetindo esta mesma diligencia em outras partes de jurisdicção alheia, havendo-se já a este tempo segurado daquelle, que, ou suspeitão, ou fingem suspeitar que

foi o assassino; e isto, ainda que o parente houvesse fallecido de qualquer enfermidade, queda, ou ferida na guerra, ou verdadeiramente assassinado; porque entre estes barbaros, todo o bem que lhes succede, lhes vem dos seus *Sandes* amigos; e todo o mal, ou dos seus *Sandes* inimigos, em cujo caso pagão os parentes dos *Sandes* contrarios, ou dos feiticeiros, e então o paga algum, que reputão se-lo, e o Quizambula dá por tal.

Conhecido por este modo o aggressor, levão-no á presença do Sôva, pedindo em altas vozes justiça, na qual procede o Sôva primeiramente mandando da sua parte *zambular* sobre o caso, enviando gente sua a hum só *Quizambula*; e logo com a confirmação deste, absolvendo, ou entregando o misero réo aos parentes do morto, para o matarem ou sequestrarem, ficando os seus bens repartidos entre os auctores daquelle caso, sem exceptuar a venda, que fazem da mesma pessoa do réo. E se alguma vez acontece deixarem-no em liberdade, valendo-lhe o ser velho e de nenhum valor, he para viver o misero sempre banido, e temido em todas as partes como feiticeiro. E desta tramoia se serve hum Sôva, para lançar mão dos bens de qualquer rico, ou da pessoa de qualquer, suspeita sobre o Estado; e daqui talvez he que procede o pouco amor ás riquezas entre esta pobre gente, em hum tal governo, e sujei-

tos a humas barbaras leis, que conduzem qualquer particular a perder a vida, liberdade e bens, sem lhe aproveitar para escapar a este triste destino a mais exacta observancia do justo e do licito. Ainda não pára aqui a barbaridade sobre este ponto.

Se os parentes de hum morto por qualquer modo, ou na paz ou na guerra, se descuidão das pias diligencias, que temos referidas; não tardão os seus Manes, ou *Sandes*, em os advertir e reprehender asperamente, porque deixão viver em paz o matador; o que fazem pela maior parte, por meio de horriveis sonhos, com que os incommodão, ameaçando-os nelles: e no caso de ser tambem morto o assassino, sem o castigo do seu delicto, vem por elle a paga-lo algum dos seus parentes, descobrindo os mesmos Sandes do morto, quem o tirara desta vida; e muitas vezes he hum particular accusado de hum homicidio commetido em outrem pelos *Sandes* da sua geração, e paga por elles, porque foi convencido deste *Mucano* (ou causa, pleito, crime, &c.,) pelas advinhaçoens dos *Quizambulas*.

O *Mucano* ou crime do adulterio, acarreta a quem he delle convencido, huma condemnação sobre seus bens, na quantia arbitraria ao offendido; o que chamão, fallando do rêo, *pagar o Cöy*, e com relação ao offendido, *comer o Cöy*; e isto quando aquelle he senhor

de bens, porque de outro modo, pagá com a liberdade, ficando escravo do seu contrario. Mas em geral, este trabalho acontece mais vezes a homens, que tem com que; assim por diligencia das adulteras e seus maridos, como porque hum pobre faz mais por conservar a arriscada liberdade, como o unico bem, que possue. Daqui vem, que reputão por feliz aquelle, que tem mulher muito desejada, como certo meio de enriquecer o marido.

Nesta mesma pena incorrem os que fazem algum insulto a outrem; ao que chamão vulgarmente *fazer quituchi*, ou commetter hum *quituchi* ou *Imbu*; ainda que esta palavra propriamente, significa a pena, ou condemnação procedida deste *mucano*.

Não he menos extravagante o que praticão entre si dous Sôvas, quando em alguma parte se chegão a avistar pela primeira vez, como por exemplo, no nosso campo, aonde são obrigados a concorrer todos os que são avassallados a Portugal. Portão-se deste modo. — Comprão huma vaca e a conduzem para o campo visinho ás suas casas ou *Inguias*; e tendo nella mão alguns dos seus, partem ao mesmo tempo cada hum, para onde está segura a rêz, levando cada hum diante de si o seu *Quessôngo*; os quaes ao mesmo tempo a ferem com as suas *zagayas*, e se retirão logo para dar lugar aos Sôvas de saltarem de partes oppostas até tres vezes por cima da rêz, e

fazendo ao mesmo tempo cada hum com a sua machadinha varios gestos de quem peleja; depois do que se retirão ambos para as suas habitaçoens respectivas, sem com tudo se falla-rem até o dia seguinte, em que se visitão e contrahem amizade, se lhes parece, sendo-lhes vedado o poderem communicar-se sem esta cerimonia. Em quanto á rêz, cada hum fica com a sua metade, para a comer com os seus. O contrario desta pratica he entre elles huma terrivel *Quicólla*, *Quïgira*, ou azár, prenúncio de infelicidades. Finalmente, para acabar com o que pertence a esta barbara cerimonia, di-rei: Que em lugar desta rêz, sacrificão mui-tos hum homem, que deve ser dos inimigos communs de ambos os Sôvas, e aprisionado para fazerem delle o mesmo que da rêz, com a execranda differença de lhe cortarem e guar-darem para as suas superstições aquellas par-tes, que o pudor e a honestidade mandão escon-der; suppondo-as excellentes antidotos contra a violencia das armas, por isso que forão do inimigo. Aqui se achão acampados em serviço deste exercito dous Sôvas, que não se fallão por aggravos, ou porque nunca se avistárão, esperando que lhes venha ás mãos algum capti-vo dos inimigos, para o sacrificarem á sua amizade. Mas se, depois de estarem dous en-tre si differentes, vem a fazer as pazes, basta a cerimonia da morte de huma rêz. Seria po-rém enfadonho a qualquer, abraçar nos limites

destes apontamentos tudo quanto ha que di-zer sobre este objecto; além de que basta dizer, que qualquer, que tiver sabido bem o que he superstição, e o que he fanatismo; e o excesso a que podem levar o homem igno-rante estas duas pestes do espirito humano; poderá abarcar com a imaginação, quão enfer-mos vivem estes miseros, se os considerar em gráo supremo empestados destes dous infernaes miasmas.

GUERRA.

DEsta materia só tocaremos, no modo, com que se portão os exercitos desta gente, manei-ra de dar e receber as suas batalhas, e das armas de que usão.

Em geral não tem estes povos o minimo conhecimento da disciplina militar: os seus corpos de guerra não tem ordem alguma, nem regularidade as suas batalhas. Attacão tumultuosa-mente, e quando achão maior resistencia, fo-gem como selvagens, mais velózes que as côrsas, para o que logo dão as costas ao inimigo. Para fugirem, lanção fóra de si tudo quanto lhes póde servir do menor embaraço, sem exceptuar os proprios arcos e frechas, nem ainda a pequena pelle, com que defendem a modestia. Eu vi alguns em seguimento de veados e outros animaes, emparelhar com elles, e por essa razão não poderem arremes-

sar-lhes os seus porrinhos, de que usão para offenderem, e defenderem-se do inimigo. E são tão destros nesta arma, que della se servem muitas vezes para fazerem fugir as mais temiveis féras, e ainda para colherem os fructos de altissimas arvores e palmeiras.

Não tem estas Naçoens lei alguma de guerra, que dê o menor indicio de policia: nem costumão entre si guardar aquella immunidade, que entre as outras Naçoens polidas se guarda ás pessoas dos Embaixadores; antes os que são incumbidos desta funcção, vão sempre arriscados a lhes tirarem as vidas, sendo o menos infeliz, aquelle que torna para o seu Sôva com as orelhas e o nariz cortados; signal certo de rompimento entre os dous respectivos potentados. Por essa razão talvez he que usão os Sôvas, que mandão huma Embaixada, enviar mais que hum dos vassallos, para terem noticia do triste destino, que tiverão as suas negociaçoens.

Em fim, concluirei a minha digressão, reflectindo, que a maior parte desta gente he antropofaga, e que dos captivos na guerra tirão as victimas, que sacrificão á gula e á superstição.

LITTERATURA.

ODE.

Que sinto, ó Deozes, que tranporte he este?
Arde-me o coração dentro do peito,
Hum subito furor me ataca a mente;
Ferve o sangue nas vêas;
Mil contrarias idéas
Me assaltão de tropel! . . . Razão sagrada,
Onde estás, ó Razão? . . não vales nada.

Ah! Rinaldi, Rinaldi! os meus transportes;
Minha ternura . . . amor . . Eu desvario! . .
Adeos, ó Liberdade, adeos, Prazeres,
Já para vós não vivo,
O Coração cativo,
Que entre ferros me pôs Rinaldi bella,
Nada quer, nada sente a não ser ella.

Crimine embora o mundo maldizente
A excessiva paixão, que me allucina,
A par de ti o mundo, que me importa?
Rinaldi he só quem vejo:
O que sente o dezejo
He só que os Ceos Sagrados me não dessem
Mil coraçoens, que em seu amor ardessem.

Hum vezuvio de amor me sobe ao rosto,
E em pranto pelos olhos me rebenta . . .
Correi, lagrimas ternas: desafogue
O incendio concentrado:
Nenhum mortal ouzado
Mo intente suffocar . . . Quem póde tanto?
Choro por ti, Rinaldi, he doce o pranto.

Ainda te vejo; a solta Fantazia
Sobre a scena, que illustras, te retrata.
Ceo, o teu Chefe de Obra não he este?
Venus do mar sahindo
Mostrou rosto tão lindo? . .
Esperas criar inda igual belleza?
Não; que o molde quebrou-o a natureza.

Não pódes tanto; as forças esgotaste.
Que são Venus, e as Graças a par della?
Deozes, morrei de amor, Deozas, servi-a;
Descei do sacro assento;
No estrellado apozento
Seja Rinaldi a Summa Divindade . . .
Não sou blasfemo; Amor mo persuade.

Lá move os pés, os coraçoens calcando.
Que airoso talhe! Que mimosos gestos!
Soltas as loiras ondeadas tranças . . .
Rinaldi, espera, espera,
Hum pouco a luz modera
D'esses dois soes de amor, dos olhos bellos
Se ver não queres arder tudo em zelos.

Que almas de gelo, coraçoens de rocha
Poderão resistir-te, ó Ninfa bella? . . .
Não, o Ceo não te fez para este ultraje:
Do mundo em qualquer parte
Todos hão de adorar-te:
Nasceste para d'elles ser Senhora:
He' divida, que paga quem te adora.

Venturoso mortal, tu que soubeste
Grangear de Rinaldi o amor e os mimos,
Quem não terá inveja á tua sorte?
Ditoso entre os seus braços,
Entre apertados laços,
As glorias desfructando . . . Amor, piedade,
Se a posse roubas, rouba-me a vontade.

Não, mortal, tu não sabes; não conheces
O valor do Thesoiro, que possues.
Bastoens, Coroas, Scetros, não são nada.
Vir-te hão inda ao sentido
Os bens, que tens perdido?
Só c'o a mão de Rinaldi, que alcançaste,
De quanto Amor dar póde em posse entraste.

Amigos, Patria, Pais, tudo te esqueça.
De Rinadi hum sorriso vale tudo . . .
Que valerão, ó Ceos, os seus favores? . .
Alguem duvidaria
Passar a Zona fria,
Hir na Libya habitar terra mesquinha,
Podendo-se dizer Rinaldi he minha?

Pais insensiveis, que immolais hum Filho
Nas áras do capricho, sem mais crime
Que o doce crime, a que ninguem fugira,
Deixai o orgulho insano;
Mostrai hum peito humano;
Se tendes o perdão por desacerto
Vêde Rinaldi, e o perdão vosso he certo.

E tu, Deoza das Graças, que outro nome
Não he proprio de ti, bella Rinaldi,
Que has de fazer dos coraçoens, que roubas?
Nenhum faças ditozo:
Ama só teu Esposo:
Que a amares outro . . . horriveis pensamentos!
São menores, Inferno, os teus tormentos.

DYTHIRAMBO.

EIS o sombrio, gelado inverno,
Com as mãos ambas das grossas nuvens
Fero dardeja,
Troveja,
Chammeja:
E Aquilão rigido
O corpo rorido,
Ajaezado de negras plumas,
Do pólo frigido
Guiando hum turbido
Esquadrão horrido
De ventos rispidos,

Attaca, fere, derriba, estronca
Os freixos, os juncos, as canas, os cedros.
Coridão, Coridão amigo,
Ah! contra elle busquemos abrigo.
Mas já te vejo, confuso, attonito,
Sordido, pallido, timido, lugubre,
A hirsuta cabeça coçando,
Perguntar-me com mil extremos,
Onde, Elpino, encontra-lo podemos?
Mackdowel experto,
Que no lenho concavo,
Vai rasgando impavido
Entre as ondas humidas
As campanhas tumidas
Do inconstante pelago,
Mostrar-to bem póde,
Pastor engraçado:
Pois nasceo na frigida,
Soberba, belligera,
Insula Britannica,
Da qual he indigena
O bom ponche rubido,
O ponche illustre, de alambres liquidos
Orvalho odorifero,
Que os gelos, que os ventos, que as nuvens,
Enveste, derrota, derriba, affugenta.
Ah! quantas vezes o povo orgulhoso
D' Eolo fero bramando horroroso,
Em rijas brizas sobre elle desfeito
Das negras vergas roubar-lhe intentou
O panno, que aos sopros fia dos zefiros!

Ah! quantas vezes do Reino espumante
Erguidas serras rolando arrogante
Do baixel fulminante
O costado
Espalmado
Lhe descoze com ellas!
Assustão-se os nautas, e a rouca celeuma
A's estrellas voa:
De tristes gemidos
O ar se povoa:
Porém elle impavido
Huma taça empunha deste almo licor,
E com ella dos ventos amansa o furor.
Eia pois, amigo,
Conforta-te, alegra-te,
E na meza optima,
Aonde cercado
De Febo, e das Musas,
Com a grande cithara
Do Cisne da Apulia,
Quando a doce voz levantas
O Parnaso todo encantas,
Com podim e ponche
Esta noite espera-me,
E me verás lepido
Com o copo gravido
Do bom licor tepido,
Afrontar impavido
Os furores do inverno engelhado.

Diniz.

ODE ANACREONTICA.

Suave avezinha,
Que d'Egle formosa
Arrojas ditosa
No pé o grilhão;
Tambem, como tu,
Eu sou seu cativo,
E como tu, vivo
Na sua prisão.

Mas ah! quão diff'rentes
Nos fez a ventura!
Egle te procura
Com extremos mil;
E a mim, que a procuro
Rendido e constante,
Esconde arrogante
Seu rosto gentil.

De teu terno canto
De longe chamada,
Vem leda, apressada
A ouvir tua voz.
E deste meu peito
Aos ternos gemidos
Lhes cerra os ouvidos,
E foge veloz.

No seio te affaga,
Te dá carinhosa
Mil beijos gostosa,
Mais doces que o mel.
E a mim, que a procuro,
Com baldões me trata,
Offende e maltrata
Esta alma fiel.

Ella te agradece
O teu doce canto,
Mas eu de meu pranto
Não hei galardão.
Suave avezinha,
Pois és tão ditoza,
Ah! canta gostoza
Na doce prisão.

Diniz.

Discurso sobre a Traducção.

TEnho tantas vezes apparecido ao Publico em qualidade de Traductor, e como tal sido exposto a censuras muitas vezes indiscretas, que julgo hoje do meu dever tratar das Traducções. Existe nesta Corte huma testemunha muito respeitavel da nota de *muito fiel*, que hum Sabio pôz á minha primeira traducção. Elle fez o meu elogio, quando intentou condemnar-me. Em algumas occasioens depois disto tenho feito algumas reflexoens sobre este objecto; ao que hum escritor moderno chama *Sermoens, que de nada servem.* Não querendo responder pessoalmente, desprezarei sarcasmos insulsos, e caminharei directamente ao meu alvo.

Chamo traducção *a copia, que se faz em huma lingua, de hum discurso, já pronunciado em outra.* Esta definição, que pertence a *M. Beauzée*, me parece exacta, e comprehende o germen do que tenho que dizer neste discurso.

1.º Ella mostra que se deve conhecer muito bem *huma lingua e outra*, e a materia do discurso pronunciado: 2.º o rigor com que se devem trasladar pensamentos, imagens, figuras, e até palavras.

1.º Quem duvidará que, para bem traduzir, não basta conhecer simplesmente as

Grammaticas das linguas, mas he necessario não deixar escapar a menor das suas bellezas, hum só idiotismo, huma só frase? Como se poderá aliás fazer huma copia perfeita e fiel? Esta circunstancia arrasta com sigo difficuldades consideraveis. As frazes de huma lingua não podem muitas vezes passar a outra, e cumpre substitui-las por outras equivalentes, por exemplo, huma methaphora por outra. Os genios das linguas, differentes como os semblantes das naçoens, não sofrem sempre huma simples substituição de palavras; he necessario escrever, como escrevêra o A. na lingua em que se traduz, e daqui vem huma infinidade de erros de linguagem. O que vulgarmente se chamão synonimos fórma outra difficuldade. Duas palavras desta denominação indicão pontos de vista ou accepçoens diversas, e não se poderá jámais tomar huma pela outra. Alguns Authores, aliás de merecimento, mas poucos cuidadosos da lingua materna, tem cahido neste defeito. Se eu quizesse aponta-los, largo campo se me offerecia, mas falta ainda á nossa lingua o Diccionario de Synonimos, e as minhas distinçoens pareceriáo arbitrarias. Todo o mundo conhece que a falta deste conhecimento fez dizer a hum estrangeiro em *Paris*, *boyaux* em vez de *entrailles*, e que affectando ignorar esta delicadeza o celebre Marquez de *Galli* chamou ao General *Massena*, *l'Enfant pourri de la victoire* em vez

de l'Enfant gaté, o que desafiou a colera daquelle Marechal.

Mas que direi eu, quando vejo que se arrojão a este trabalho muitos até sem o conhecimento da Grammatica da lingua materna? .. Em lugar do serio e laborioso estudo das linguas, tomão o arido empenho de pôr ás cegas palavras por palavras, ainda que a sua união não tenha lugar em vulgar? .. Porém eu accuso talvez os meus defeitos indirectamente.

Como porém cada arte, cada sciencia, e em geral cada objecto, tem seus termos proprios, quem poderá bem traduzir sem conhecimento do assumpto da Obra? Quem, por exemplo, em Geometria traduzisse *droite*, ou *right* &c. por *direita*, haveria bem traduzido? Eis-ahi por tanto o que faria quem não tivesse algumas luzes da Geometria. Todos os dias lemos frazes improprias geradas pela substituição de palavras soltas, que ligadas e prezas no discurso, nada dizem intelligivel. O leitor me poupará os exemplos, que achará a cada passo.

Destas consideraçoens nascem já bastantes difficuldades a este genero de escrita, e tambem não pequeno merecimento a quem o desempenhar dignamente. Huma traducção não he mais do que huma traducção, dizem alguns presumidos litteratos. He huma proposição evidente: todas as cousas não são mais do que são. Logo aquella definição negativa de huma

traducção nada quer dizer, isto se chama vontade de produzir *inania verba.*

He necessario perceber bem o sentido do A., conhecer a energia da linguagem que elle emprega, e trasladar o seu pensamento, sem detrimento da expressão, quanto o permittir a analogia das duas linguas, como vou provar.

Alguns, atterrados talvez com as difficuldades, que ficão ponderadas, imaginarão que era mais facil illudi-las, que vence-las; e portanto arrogarão a si a liberdade de vestirem de outras galas o retrato, que copião, quero dizer, pensão que huma vez trasladado o pensamento do Author, não importa que sejão outras as expressoens, e até diversa a combinação; não se lembrando que ficava desta arte perdida a fidelidade da copia, além de ser bem difficil empregar outras palavras sem detrimento do sentido. Para appoiarem este systema, filho da priguiça, se acolhem aos dois bem sabidos textos de Cicero e de Horacio. Analisemos pois estas passagens, e mostremos que estes grandes Mestres dizem o contrario do que elles pensão.

A passagem de Cicero he a seguinte ,, *Nec converti, ut Interpres, sed ut orator; sententiis iisdem, et earum formis tanquam figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis: in quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus omnium verborum, vim que servavi; non enim ea me annumerare lectori putavi, sed tan-*

tanquam appendere. ,, Eu não trasladei (as Oraçoens de *Demosthenes* e de *Eschines*), como Traductor, sim como orador; com os mesmos pensamentos, e com expressoens accomodadas ao genio da nossa lingua; nas quaes não julguei necessario pôr palavra por palavra, mas conservei o genero e força de todas ellas; porque não julguei dever dar conta ao leitor do numero das palavras, mas como do pezo.

Nestas palavras se encerrão (a meu ver) todos os preceitos da traducção, *ut interpres*: 1.º deve trasladar os pensamentos *sententiis iisdem*, empregar os mesmos tropos *figuris*, e até as mesmas palavras *verbis*. Se Cicero se affastou destes preceitos, he porque não foi hum Traductor, mas hum Orador *ut Orator*. Se parecer a alguem arbitraria esta explicação, outros muitos lugares o provão evidentemente. *Totidem fere verbis interpretatus sum* (De fin. XXX., 100) *fungar interpretis munere, ne quis me fingere putet* (Tusc.); *expressa ad verbum duxi*, &c. Em todos elles se vê recommendada huma escrupulosa fidelidade com as mesmas palavras, sem querer compôr, trasladando verbalmente.

Desvanece-se por tanto, ou antes condemna Cicero a liberdade, que se tem arrogado muitos traductores, fiados nesta passagem, ou na outra de Horacio ainda mais conhecida — *Nec verbum verbo curabis reddere fidus interpres.* He para notar que escritores, aliás de muito

merecimento, tenhão entendido por esta passagem que não devem ser fieis as Traducçoens. Candido Luzitano, litterato de grande nome, seguindo a Dacier, Sanadon, e outros Commentadores, he deste parecer. Outros porém, não menos instruidos, e por ventura mais sensatos, consultão o sentido obvio e litteral do Poeta.

Horacio não falla neste lugar da Traducção, mas sim da imitação: suppoem que o Poeta se propoem tratar hum assumpto já conhecido – *Publica materies privati juris erit* &c. v. 131., e então seria ridiculo roubar ao A., que primeiro a tratou, todos os pensamentos já conhecidos e trilhados – *Nec circa vilem* &c., empregar as mesmas palavras *verbum verbo*, &c. como faria hum fiel traductor. Tão longe está o acisado critico de condemnar as traducçoens fieis, que jámais separa estas duas qualidades. *Desprez* entendeo bem esta passagem, exprimindo-a nestes termos, *nec verbum verbo explicare studens*, ut *fidelis interpres*. E ella he tão decisiva, que he necessario fechar os olhos á luz para não entende-la.

He muito facil allegar exemplos. Virgilio tira muitos episodios, e comparaçoens de Homero, e Camoens de Virgilio; mas longe de se cingirem ás expressoens dos originaes, os aformoseão ainda mais. Os Commentadores se tem cansado em indicar estas imitaçoens, em Virgilio por exemplo á descida aos Infernos,

o escudo de Eneas, e outras muitas, são antes melhoradas que extrahidas; em Camoens o immortal episodio de Castro, a falla de Bacho, a comparação das formigas, e outras immensas bellezas são (para me expressar assim) refinaçoens do Epico Latino. Para que he fallar de Milton, e de Tasso? Se estes grandes genios, o 1.º imitador do Grego, e o 2.º do Latino, houvessem traduzido os seus modelos, serião tão condemnaveis, como o Traductor, que quizesse adiantar-se ao Original.

Horacio não he menos fecunda fonte de imitação. Os nossos Ferreira e Sá aproveitárão com muita felicidade as suas sentenças, e a filosofia, que respira nos seus versos, quasi exclusivamente: o immortal Garção herdou o seu genio sublime nas suas Odes &c. Boileau, e Pope entre os estrangeiros, e todos os Poetas de bom senso, são imitadores, *non ut fidus interpres*. Será talvez mais difficil traduzi-lo fielmente! Se Ovidio vive entre nós por huma Traducção, que he obra prima a meu ver, he porque alcançou a paciencia e erudição de hum dos maiores litteratos do nosso tempo. Eu admiro a Eneida de Barreto; mas não me attrevera a chamar-lhe Traducção. No mesmo caso, porém creio que com desigual merecimento, se acha a Jerusalem Libertada de Tasso, traduzida por Jacinto Freire de Andrade.

Não he meu intento condemnar os trabalhos destes dois distintos litteratos, ambos

classicos da nossa lingua. Eu faço infinitamente mais apreço das suas obras do que da traducção de hum Poeta em proza, por mais escrupulosa e fiel que ella seja. Os encantos da Poesia não podem copiar-se em huma lingua, que lhe he estranha. Para continuar com a minha comparação, o colorido do quadro perde-se, quando se traslada em proza huma peça; passará o esboço, e nada mais. He por isso que eu creio que a traducção de hum Poeta não se deve fazer como Traductor, mas como Poeta, cingindo-se quanto for possivel ao texto, mas sem perder de vista o rithmo, que faz huma parte essencial do seu original. D'aqui se seguiria que só hum Poeta traduziria outro. Embora. Se devemos dar credito ao nosso excellente *Filinto Elysio*, só hum Poeta he capaz de sentir as bellezas e o fino, para assim dizer, de outro; e porque, segundo Pope, *Quem o sente melhor, melhor o exprime*, este monopolio litterario não teria o inconveniente dos mercantis. A fidelidade se deve limitar nestes casos ás sentenças, e aos tropos e figuras, *sententiis et figuris*, e quanto ás palavras seguir-se o sentimento do celebre Huet, *quantum fieri possit*, como logo direi.

Para concluir este objecto, citarei as expressoens do illustre *Huet* no seu excellente Tratado *de Interpretatione*.

Optimum ergo illum esse dico interpretandi modum, cum auctoris sententiæ primum, deinde

ipsis etiam, si ita fert utriusque linguæ facultas, verbis arctissime adhæret interpres, et nativum postremo auctoris characterem, quoad ejus fieri potest, adumbrat; idque unum studet, ut nulla eum detractione imminutum, nullo additamento auctum, sed integrum, sui que omni ex parte simillimum, perquam fideliter exhibeat. . .

Universe ergo verbum de verbo exprimendum, et vocum etiam collocationem retinendam esse pronuncio, modo per linguæ, quâ utitur interpres, facultatem liceat.

Hoc itaque generale scitum esto, quod in omni interpretatione versatur, verbum verbo, si fieri possit, referendnm esse, nec vocum ordinem temere deserendum.

Esta clausula *si fieri possit* parece constituir huma das grandes difficuldades das traducçoens. He necessario conhecer exactamente o genio das duas linguas, possuir magistralmente a lingoa para que se traduz, para saber se corresponde huma expressão a outra, e quando isto não acontece, o que se deve substituir. Isto requer demais muito gosto, adquirido pela aturada lição dos classicos, e este será sempre hum escolho para quem aprende a lingua pelo commercio familiar de pessoas pouco instruidas, ou ainda muito ignorantes.

Aquelles, que tem arrogado a authoridade de traduzirem livremente, sem duvida contarão responder victoriosamente a esta Memo-

ria, que a pequena extensão deste periodico me obriga a limitar a este ligeiro esboço. Todavia ella me parece sufficiente não só para guiar os novos Traductores em execução da sua penosa tarefa, mas até para mostrar que o escarneo, que se faz de huma Traducção bem feita, nasce talvez da impossibilidade de fazer outro tanto.

Mes ecrits sont mauvais, les tiens valent-ils mieux?
Boileau.

Continuação das Maximas, Reflexoens, e Pensamentos Moraes de hum Brazileiro.

The writing in aphorisms hath many excellent virtues, whereto the writing in method doth not approach. *Bacon.*

HUm homem virtuoso e moral sem principios e sentimentos religiosos seria hum phenomeno singular. Pretendem alguns que os ha, como outros que existe a Phenix.

Os homens nos parecerião mais justos, ou menos injustos, se não exigissemos delles mais do que pódem, ou devem dar-nos.

Ha homens, que se tornão importunos, dezejando laboriosamente parecer cortezes.

Como a luz em huma masmorra faz visivel todo o seu horror, assim a sabedoria

manifesta ao homem todos os defeitos e imperfeiçoens da sua natureza.

A prudencia he o resultado da consciencia da nossa fraqueza: he hum receio reflexionado dos males futuros pela experiencia dos males preteritos.

He mais facil cumprir certos deveres, que buscar razoens para nos justificar-nos de o não ter feito.

Ordinariamente nos fingimos distrahidos, quando nos não convem parecer attentos.

Ha mais homens devotos, que virtuozos, porque custa menos a ser devoto, que virtuozo.

Os louvores, que damos, são amigos que grangeamos.

Muitos se abstem por acanhados do que outros fazem por virtuosos.

Os vicios e paixoens de huns homens são os elementos da ventura de outros.

Somos em geral demasiadamente promptos para a censura, e demasiadamente tardos para o louvor: o nosso amor proprio parece exaltar-se com a censura, que fazemos, e humilhar-se com o louvor, que damos.

O tempo, que não existe, he geralmente o que mais nos atormenta, ou nos recreia.

A maior dor nas dores, que soffremos, he conhecer que as merecemos.

Quasi sempre attribuimos revezes á fortuna, e bem raras vezes aos nossos desacertos.

Abstenhamo-nos de sondar profundamente o coração dos homens, senão queremos despreza-los, ou aborrece-los.

Ha pessoas, que ganhão muito em ser lidas, e perdem tudo em ser tratadas: escrevem com estudo, e vivem sem elle.

Naturalmente nos alegramos com a morte dos avarentos, como se foramos seus herdeiros, ou legatarios.

Capitulamos quasi sempre com os nossos males, quando os não podemos evitar ou remover.

Nunca perdemos de vista o nosso interesse, ainda mesmo quando nos confessamos desinteressados.

Louvamos encarecidamente o estado, sciencia, ou arte, que professamos, para justificarmos a nossa escolha, e honrarmos a nossa pessoa.

Querendo prevenir males, de ordinario contingentes, o homem prudente vive sempre em tortura, gozando menos do prezente do que do futuro.

Ha pessoas tão malignas, que sentem mais o bem alheio do que os males proprios.

Reflectindo cada hum sobre si mesmo, acha sempre com que humilhar o seu amor proprio, e com que satisfaze-lo e consola-lo.

Se fossemos sinceros em dizer o que sentimos e pensamos huns dos outros, em declarar os motivos e fins das nossas acçoens,

seriamos reciprocamente odiosos, e não poderiamos viver em Sociedade.

O Imperio da moda he tão soberano, que a mesma sabedoria se vê forçada a obedecer ás suas leis, apesar da instabilidade da sua legislação.

Quando moços, contamos tantos amigos, quantos conhecidos, porém quando maduros pela experiencia, não achamos hum homem, de cuja probidade fiemos a execução do nosso testamento.

A censura para não offender deve ser temperada com o louvor: a doçura deste suaviza a acrimonia daquella.

De ordinario fingimos despresar o que não podemos conseguir.

A razão do homem he como a luz do perylampo, intermittente, e irregular.

POLITICA.

Na Corte Carlton-House, 29 de Dezembro de 1812, estando S. A. R. o Principe Regente em Conselho.

SEndo conveniente prevenir as duvidas á cerca da continuação e effeitos da Ordem do Conselho de 19 de Agosto de 1807, relativa aos navios com bandeira de Mecklemburg,

Oldemburg, Papemburg, e Kniphausen, e da Ordem do Conselho de 25 de Novembro de 1807, relativa aos navios e cargas pertencentes á Prussia e á Lubec; appraz a Sua Alteza Real o Principe Regente, em nome e da parte do Rei, e por parecer do Conselho Privado de S. M. ordenar e declarar, e aqui se ordena e declara que as ditas duas Ordens de Conselho com as respectivas datas de 19 de Agosto de 1807, e 25 de Novembro de 1807, serão consideradas como nullas e de nenhum effeito; bem entendido com tudo que a presente Ordem não será de maneira alguma interpretada como affectando alguma questão pendente perante os Tribunaes relativamente a huma ou outra das ditas Ordens, sobre prezas feitas anteriormente á presente Ordem, que as ditas questoens serão julgadas, como se a presente Ordem de Declaração não houvesse sido promulgada.

E os Muito *Honorables* Lords Commissàrios da Thesouraria de S. M.; os Principaes Secretarios de Estado de S. M; os Lords Commissarios do Almirantado, bem como o Juiz do Supremo Conselho do Almirantado, e os Juizes do Conselho do Vice-Almirantado, tomarão as medidas necessarias para este effeito, no que lhes pertencer respectivamente. .

Chetwynd.

Na Sessão da Camara dos Communs de 7 de Dezembro, em que se tratou de premiar e remunerar o Marquez de Wellington, havendo Lord Castlereagh feito hum eloquente Discurso sobre os singulares merecimentos deste illustre Chefe, e *Sir F. Burdett* (segundo o costume) empenhado as suas forças em oppor-se á moção, Mr. Protheroe, Membro novo da Camara, fez hum breve Discurso, repetido entre applausos, e elogiado muito particularmente por Mr. Canning, que em summa he o seguinte:

Mr. Protheroe (a primeira vez que fallou na Camara) disse que elle não seguiria o Nobre Lord (Castlereagh) nem o Hon. Baronet (Burdett) nas suas exposiçoens militares; mas não podia deixar de dizer que julgava o Hon. Baronet réo de indiscrição em haver culpado falsamente o Marquez de Wellington: fez hum ataque onde não havia brecha. Se o Hon. Baronet houvesse considerado o assumpto com mais deliberação, teria visto que póde haver huma ardida avançada sem temeridade, e huma acertada retirada sem desdoiro. Elle pensava que a Camara annuiria de bom grado á Mensagem do Principe Regente. Ainda convinhão honras posthumas, e ainda se tributavão ao grande Lord Nelson, como hum estimulo para as acçoens navaes: mas com quanto maior satisfação seriamos nós repassados, se vissemos o Nelson do exercito, o homem, cujo nome, similhante a aquelle, virá a ser o commum appelativo de hum he-

roe, vivendo entre nós, e recolhendo as honras devidas a seus serviços, na munificencia, admiração e affecto dos seus compatriotas? Elle esperava que nenhuma má vontade se metteria a murmurar daquella munificencia, a diminuir aquelle admirador affecto. O Hon. Baronet fallou da miseria do paiz. Elle mesmo tinha larga occasião de conhece-la, sentia-a profundamente, e dezejava com toda a ancia allivia-la, tanto quanto aquelles que mais se espraiavão em lamenta-la: todavia elle pensava, ácerca daquellas miserias, que havia tempo para fallar dellas, e tempo para callar. E elle estava certo que os interesses commerciaes da Patria serião insultados, se a sua mingoa se antepozesse como hum obstaculo á presente remuneração. A economia, assim publica, como particular, era huma virtude necessaria e distincta, sem embargo ella não podia ser nem mais nobre, nem mais util, do que a generosidade opportuna.

Depois do geral applauso, Mr. Canning accrescentou que elle coincidia particularmente com o que havia dito hum novo Membro (Mr. Protheroe), que mostrou pela profundidade das suas observaçoens a acquisição, que nelle havia ganhado o novo Parlamento. Este excellente Orador accrescenta algumas reflexoens sobre a differença de sentimentos da Inglatera, tanto á cerca de sua segurança, como das proezas militares antes de Lord Wellington

começar a sua carreira na Peninsula. „ A Patria nunca entreteve a esperança de lançar os Francezes além do Tejo, ou do Douro. Não se tratava de defender o Tejo, mas o Tamisa. Fortificar nossas costas, e inundar o paiz, julgámos nós então como medidas militares para firmar a nossa segurança. Quão differente he agora a scena! As honras e recompensas conferidas a Lord Wellington, não sómente serão a remuneração devida em gratidão e justiça aos seus eminentes serviços, mas animarão as esperanças aos outros valentes Officiaes, que se estão formando sob os seus auspicios, e debaixo das suas vistas; e dos quaes a Patria póde esperar huma constante successão de distinctos Generaes. Se dever expirar a sua brilhante carreira, elles seguirão as suas pégadas, e como elles poderão briosamente aspirar á aquellas honras, e recompensas, com as quaes huma Patria agradecida renumere distinctos serviços.

Tratado de Paz entre a Inglaterra e a Russia.

EM nome da Santissima e Indivisivel Trindade, S. Magestade o Imperador de todas as Russias, e S. M. El-Rei do Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda, igualmente animados do desejo de restabelecer as antigas relaçoens de

amizade, e boa intelligencia, entre os dous Reinos respectivos, nomearão para este effeito, como seus Ministros Plenipotenciarios, a saber; S. Magestade o Imperador de todas as Russias, ao Senhor Pedro Suchtelen, Chefe da repartição da Engenharia, General, Membro do Conselho d'Estado, &c., e ao Senhor Paulo, Barão de Nicolai, Gentil-homem da Camara, &c.; e S. Alteza Real o Principe Regente em nome de S. Magestade El-Rei do Reino-Unido da Gran-Bretanha e d'Irlanda, Edwardo Thornton, Escudeiro, Plenipotenciario de S. Magestade Britanica junto ao Rei de Suecia.

Os ditos Plenipotenciarios, depois de haverem trocado seus planos poderes respectivos, em boa e devida fórma, convierão nos artigos seguintes:

I. Haverá entre S. Magestade o Imperador de todas as Russias, e S. Magestade El-Rei do Reino-Unido da Gran-Bretanha e Irlanda, seus herdeiros e successores, entre seus Reinos e Vassallos respectivos, huma paz solida, verdadeira, e inviolavel, e huma sincera, e perfeita união e amisade, de sorte que deste momento em diante, cessaráõ todos os motivos de desavenças, que podem ter existido entre elles.

II. As relaçoens de amisade, e de commercio entre os dous paizes, seráõ restabelecidas de parte a parte, sobre o pé das Naçoens mais favorecidas.

III. Se acaso, ressentindo-se do actual restabelecimento de paz e boa intelligencia entre os dous paizes, alguma, e qualquer Potencia, fizer a guerra á S. Magestade Imperial, ou á S. Magestade Britanica, os dous Soberanos contratantes obraráõ em apoio hum do outro, para a conservação e segurança de seus respectivos Reinos.

IV. As duas altas Partes Contratantes reservão a si de se entenderem, e fazerem, logo que for possivel os ajustes convenientes á cerca de tudo quanto póde dizer respeito aos seus interesses fortuitos, assim politicos como commerciaes.

V. O presente Tratado será ratificado pelas duas altas Partes contratantes, e as ratificaçoens seráõ trocadas no espaço de seis semanas, ou antes, se for possivel.

Em testemunho do que, nós temos assignado, e assignamos o presente, em virtude dos nossos plenos poderes, e lhe havemos applicado os nossos sinetes.

Feito em Orebro a 18 de Julho de 1812.

(Assignados) *Suchtelen.*
Paulo Barão de Nicolai.
Edward Thornton.

Depois de haver sufficientemente examinado os artigos do presente Tratado de paz, nós o temos approvado, e por estas presentes o con-

firmamos, e ratificamos solemnemente em todas as suas partes; promettendo da nossa parte Imperial, por nós, e por nossos successores, d'observar e executar inviolavelmente tudo quanto se acha mencionado e referido no dito Tratado de paz.

Em testemunho do que nós temos assignado por nossa mão esta ratificação Imperial, e lhe havermos feito applicar o Sello do nosso Imperio. (Assignado) *Alexandre*

(Referendado) *O Conde Romanzow.*

SICILIA.

Artigos estabelecidos em Parlamento, e apresentados ao Soberano para sua sancção.

Art. I. A Religião unica será a Catholica, Apostolica, Romana, com inteira exclusão de qualquer outra; o Rei professará a mesma, e se algum tempo professar qualquer outra, será *ipso facto* deposto do throno. – *Placet Regis Magistati.*

II. O poder Legislativo residirá exclusivamente no Parlamento. As leis terão vigor depois de sanccionadas por Sua Magestade. Todos os tributos, &c., impostos, de qualquer natureza, serão fixados pelo Parlamento só; e deveráõ tambem ser sanccionados por Sua Ma-

gestade. A fórma será *veto*, ou *placet*, tendo o Rei em seu poder admitti-los; ou engeita-los sem qual ficação.—*Placet Regis Magestati.*

III. O poder Executivo residirá na pessoa do Rei.—*Placet Regis Magestati.*

IV. O poder judiciario será distincto e independente dos poderes Executivo e Legislativo, e administrado por hum corpo de Juizes e Magistrados. Estes serão processados, punidos, e depostos dos seus lugares por sentença da Camara dos Pares, depois de haver passado pela Camara dos Communs, como determina a Constituição da Gran-Bretanha, e se explicará amplamente no artigo da Magistratura.—*Placet Regis Magestati.*

V. A pessoa do Rei será sempre sagrada e inviolavel.—*Placet Regis Magestati.*

VI. Os Ministros do Rei e outras pessoas empregadas no Governo, serão sujeitas ao exame, e syndicatura do Parlamento; e pelo mêsmo serão accusados, processados, e condemnados, ainda que sejão Reos de lesa Constituição, e da observancia das Leis, ou de alguns outros altos crimes, no exercicio de suas funçoens. —*Placet Regis Magestati.*

VII. O Parlamento será composto de duas Camaras, huma que se chamará os Communs ou Representantes do Povo, assim proprietarios como vassallos, sob as condiçoens e fórmas, que estebelecer o Parlamento, nos seus subsequentes actos sobre este artigo; a outra se-

rá chamada os Pares, será composta de todos os actuaes ecclesiasticos, e seus successores, e dos presentes possuidores de fundos, que tem agora assento e voto nos ramos ecclesiastico e militar, igualmente de outros, que daqui em diante forem nomeados por Sua Magestade, segundo as condiçoens e limitaçoens, que o Parlamento ha de fixar no artigo, em que se explicar este ponto. – *Placet Regis Magestati.*

VIII. Os Baroens terão, como Pares, hum só voto individualmente, deixando a multiplicidade de votos relativamente ao numero de sua população. O Chanceller do Reino apresentará huma lista dos actuaes Baroens, e Ecclesiasticos para ser inserida nos actos do Parlamento. – *Placet Regis Magestati.*

IX. O Rei gozará da prerogativa de convocar, prorogar, ou dissolver o Parlamento, segundo as fórmas e instituiçoens, que depois se estabelecerem. Todavia Sua Magestade será obrigado a convoca-lo todos os annos. – *Placet Regis Magestati.*

X. A nação, havendo de fixar os subsidios necessarios ao Estado, considerará do seu dever positivo fixar pela lista civil as sommas necessarias ao esplendor, independencia, e manutenção do Seu Augusto Soberano e Real Familia, com a mais generosa extensão, que permittir o actual estado das finanças do Reino, em consequencia da qual disposição, a nação tomará sobre si o manejo e administração dos

fundos nacionaes, incluidos todos aquelles, que até agora tem sido considerados como direitos fiscaes, e rendas de terras, que serão pagas ao Ministro da Fazenda, para os fins estabelecidos pelo Parlamento. Quanto ás pessoas, systema, e meios, porque os ditos fundos devem ser cobrados e dispostos, fica para fixar-se na explicação deste artigo. — *Vetat Regia Magestas.*

XI. Nenhum Siciliano será prezo, desterrado, e castigado de outra sorte, ou perturbado na posse dos seus direitos, ou propriedade, senão em conformidade do novo Codigo de Leis, que o Parlamento estabelecer, e por meio, ordens, e sentenças dos Magistrados ordinarios, naquellas formas, e com aquellas cautelas para a publica segurança, que o Parlamento assignar. Os Pares gozarão das mesmas fórmas judiciaes da Inglaterra, como depois se explicará. — *Placet Regis Magestati.*

XII. Com aquelle desinterese, que a classe militar tem sempre mostrado, votou e concluio – e o Parlamento estabeleceu – que será abolido o systema Feudal, e todas as terras serão possuidas na Sicilia como *allodiaes*, ou estados livres, conservando todavia a ordem de successão nas respectivas familias, que actualmente as possuem. Cessará igualmente a jurisdicção dos Baroens, e portanto os Baroens serão isentos de todos os onus, que até agora estavão sujeitos pelos ditos direitos feudaes. Abo-

lir-se-hão tambem as Investiduras, Relevos (*Rilevi*), Fintas á Coroa (*devoluzioni al Fisco*), e todos os outros onus quaesquer inherentes ao systema feudal, conservando com tudo cada familia os seus titulos e honras. — *Placet Regis Magestati.*

XIII. Concordão similhantemente em estabelecer que os direitos chamados *Angarici* (privilegios e isençoens de alcavalas) serão abolidos, logo que a communidade em geral, ou individual, sujeita a elles, indemnisar os actuaes proprietarios; calculando o capital, ou no emboiço de vinte annos do producto da taxa existente no periodo da liquidação; ou em falta disto, avaliando-o pelos livros das respectivas freguezias; bem entendido que os possuidores de terras de qualquer natureza, conservarão o mesmo poder e os mesmos direitos como dantes, em quanto respeita á cobrança de dividas, ou rendas, e isto da mesma maneira e fórma, com que até agora os tem gozado. (Sua Magestade reserva para si dar a Sua Real sancção ao artigo acima, quando houver recebido a necessaria informação a seu respeito.)

XIV. A Classe militar accorda igualmente á suggestão dos Communs, que todas as propostas relativas a subsidios, procedão exclusivamente da Camara dos Communs, e alli se concluão, e d'alli passem á dos Pares, onde sómente se approvarão, ou regeitarão, sem a menor alteração. Determina-se tambem que todas

as propostas respectivas a artigos de legislação e qualquer outro assumpto qualquer, se possão mover em qualquer das Camaras indifferentemente, deixando á outra o poder de engeita-la. — *Placet Regis Magestati.*

XV. Quanto aos outros principios, e disposiçoens da sobredita constituição Ingleza, o Parlamento declarará quaes se hão de admittir, quaes engeitar, e quaes modificar, segundo a differença de circunstancias das duas naçoens. Pelo que declara que de bom grado receberá quaesquer projectos que os seus Membros fizerem para a conveniente applicação da Constituição Ingleza ao Reino da Sicilia, a fim de escolher o que julgarem mais accommodado á gloria de Sua Magestade, e á felicidade do povo Siciliano. (Sua Magestade, quando lhe forem apresentados estes artigos, determinará quaes merecem a sua Real sancção.)

Os seguintes são os principaes dos 16 artigos do Tratado de Paz concluido entre a Russia e a Sublime Porta.

Art. IV. Conforme o primeiro artigo dos Preliminares, concorda-se que o rio Prulh desde a sua entrada na Moldavia, até a sua

união com o Danubio, e a margem esquerda do Danubio, desde essa união até á foz do Kili, e d'alli até o mar, formem os limites dos dois Imperios, sendo a foz do dito rio de uso commum. As pequenas ilhas, que antes da guerra erão deshabitadas, que jazem perto da margem esquerda do Danubio, ficaráõ inhabitadas; nem se poderá levantar fortificação alguma nas ditas ilhas.

Pela outra parte, a Porta Ottomana deixa á Russia todas as Provincias, Fortalezas Cidades, etc., que ficão sobre a margem esquerda do Pruth; e o meio canal deste rio será o limite entre os dois Imperios. As embarcações mercantis de ambas as nações poderáõ navegar toda a corrente do Danubio; mas os navios de guerra Russos não passaráõ da entrada do Pruth.

V. S. I. M. Russa, restitue á Porta Ottomana o territorio de Moldavia, na margem direita do Pruth, bem como a Vallachia maior e a menor. Os habitantes destas Provincias serão livres de todas as contribuições por espaço de dois annos, e estas se fixarão conforme os actuaes impostos da Moldavia.

VI. Os limites da parte da Asia se fixarão perfeitamente; como estava antes do rompimento da guerra.

XI. As tropas Russianas deixaráõ as Provincias, Fortalezas, e Cidades restituidas dentro de tres mezes da ratificação do Tratado;

e até expirar aquelle termo, serão como até aqui suppridas de todo o necessario.

XII. As duas Altas Potencias Contratantes promettem guardar os Tratados de Commercio em vigor.

XIII. A Porta Ottomana promette a sua mediação com a Potencia Persa para a restauração da Paz com a Russia.

XIV. Os actos de hostilidade, que se fizerem depois da ratificação, se considerarão como nullos.

XV. e XVI. Dizem respeito á ratificação deste Tratado de Paz.

STATISTICA.

Noticia da População, Commercio, e Agricultura da Capitania de Goyaz.

Esta Capitania contém 14 julgados, que são Villa-boa, Crixaz, Pilar, Trahiras, Meia Ponte, S. Luzia, S. Cruz, Desemboque, Cavalcante, S. Felis, Arraias, Conceição, Natividade, Carmo.

O primeiro he a capital; os setes seguintes são chamados do Sul, e os outros

do Norte. A repartição do Sul comprehendia, em 1808, 9350 fogos, e a do Norte 3172.

A sua população era a seguinte

	Brancos.		*Mulatos.*	
	Hom.	Mulh.	Hom.	Mulh.
Villa e termo	610	609	1208	1603
Os 7 julgados do S.	2328	2367	3837	4116
Ditos do N.	570	466	2323	2365
Soma	3508	3442	7368	8084

	Pretos.		*Cativos.*	
	Hom.	Mulh.	Hom.	Mulh.
Villa e termo	413	599	2637	1795
Os 7 julgados do S.	1649	2409	6237	3982
Ditos do N.	1146	1720	3220	2156
Soma	3208	4728	12094	7933

Total	Livres	Escravos	Total
Villa e termo	5042	4432	9474
Julgados do Sul	16706	10219	26925
Ditos do N.	8590	5376	13966
Soma	30338	20027	50365

No anno de 1809 se acha exactamente o mesmo numero de brancos e 20:057 escravos.

COMMERCIO.

Importação.

133	Almudes de Vinho
2696	Peças de pano de linho
1369	Ditas de lan
3396	Peças de algodão
1289	Covados de Seda
77	ar. de polvora
166 ½	ar. de Chumbo
4153	alqueires de sal
189	ar. de ferro
113	ditas de aço
163	Resmas de papel
30	ar. de bacalhau
31	caixas de louça
804	peças de ferragem
2648	chapeos
49	escravos
1327	bestas

Valor em dinheiro 137:109$414

Praças.

Rio de Janeiro	51:679$091
Bahia	46:545$369
S. Paulo	26:550$797
Pará	10:326$100
Rio de S. Francisco	2:008$057

AGRICULTURA.

Tabella Estatistica remettida ao Conselho Ultramarino em 1806.

Generos	*Quantidades*	*Valor total*
Algodão	3874 ar.	2:957$000
Assucar	6099	11:999$400
Fumo	1800	3:130$800
Couros	11622	4:070$700
Caffé	212 ar.	528$000
Tanados	1654	1:320$000
Trigo	214 al.	1:027$200
Agoa ardente	1575 alm.	3:981$600
Gado	15358	33:288$900
Marmeladas	200 ar.	960$000
Carnes de porco	3332 ar.	5:979$600
Arroz	5068 alq.	3:955$200
Oiro de lavras	87:290 oit.	104:748$000
Soma		177:946$400

O Governo de S. Catharina comprehende nove districtos, a saber.

Villa do Desterro, Ribeirão, Freguezia da Lagoa, N. S. das Necessidades, S. Miguel, S. José, Enseada e Garupapa, Laguna e Villa Nova, Rio de S. Francisco.

A sua população em 1810 era

Brancos		*Mulatos e Pretos*		*Escravos.*	
Hom.	Mulh.	Hom.	Mulh.	Hom.	Mulh.
11173	12507	293	358	4633	2570

Total da população 30339.

NAVEGAÇÃO.

Entrarão, 1 Galera, 28 Bergantins, 60 Sumacas, 2 Penques, 26 Lanchas, 8 Hyates. — Soma 126.

Sahirão, 1 Galera, 29 Berg., 56 Sum., 2 Penq. 24 Lan., 8 Hy. — Soma 118

Producçoens da Ilha de S. Catharina, comprehendendo as Villas de Laguna e Rio de São Francisco, seu consummo, e exportação em 1810.

Generos	*Produc.*	*Cons.*	*Export.*
Farinha	243659 alq.	172172	71487
Fejão	12212	5340	6872
Milho	5643	3941	1702
Favas	129	84	45
Trigo	3613	1820	1793
Cevada	27	16 ½	10 ½
Mendobim	488 ½	248 ½	240
Melado	8115 med.	708	7407

Generos	Produc.	Cons.	Export.
Gravatá	165 ar.	36	129
Peixe salgado	5245	1079	4166
Dito	11953 milh.	6914	5039
Betes de Imbê gr.	233 duz.	12	221
Ditas pequenas	341 ½	3 ½	338
Sebolas	113741 rest.	4529	109212
Alhos	14946	5292	9654

Avaliação da Producção	299954	cruzados
Consumo	170680	
Exportação	129274	

Noticias Estatisticas acerca da Capitania de S. Paulo em 1811, extrahidas do Mappa Official.

A Capitania de S. Paulo se divide em tres Commarcas, a saber I. Commarca da Cidade de S. Paulo, II. de Paranaguá, e III. de Ytú.

A Commarca de S. Paulo comprehende a Cidade deste nome, e 16 Villas, que são a de S. Vicente, Santos, Itanhaé, Mogy das Cruzes, Parnahiba, S. Sebastião, Ubatuba, Taubaté, Guaratinguitá, Jacarehy, Jundiahy, Pindamunhangaba, S. José, Alhibaia, Paraitinga, Cunha, Lorena, Nova Bragança, Villa da Princeza: das quaes a I, II, III, VI, VII, e ultima são maritimas.

Na Cidade ha 11 Freguezias, nas Villas de Alhibaia, e Itanhaé 2, em Mogy das Cruzes, e em Lorena 3, em Parnahiba 4, e em cada huma das outras 1; ao todo 39.

Na Commarca de Paranaguá se comprehendem 9 Villas, a saber, Coritiba, Paranaguá, Cananea, Iguape, Guaratuba, Lagos, Castro, Antonina, Villa Nova do Principe; a primeira e quarta com duas Freguezias, e as outras a 1, o que faz ao todo 11. As Villas II, III, IV, V, e VIII são maritimas.

A Commarca de Ytú contém 8 Villas, Ytú, Sorocaba, S. Carlos, Mogy Merim, Porto feliz, Itapeninga, Itapera, Apiahy: Mogy Merim tem 3 freguezias; Porto feliz, e Itapeninga 2, e as mais a huma, o que faz o numero de 12.

Resumo total, 1 Cidade, 36 Villas, 62 Freguezias.

A Cidade de S. Paulo contém 4017 fogos, 5298 brancos, e 6319 brancas; 377 pretos, e 485 pretas livres; 1967 pretos, e 1914 pretas cativas; 2394 mulatos, 3279 mulatas livres; 745 dos primeiros e 896 das segundas, cativos; o que faz ao todo huma população de 23764. No anno de 1811 nascerão 1301, morrerão 785; e houverão 233 cazamentos.

A Villa de Sorocaba tem a primazia em população; porque contém 1777 fogos, e 10181 moradores, dos quaes mais de dois terços são brancos, o que se verifica em bem poucas par-

tes, e nesta Capitania só nas Villas de Taubaté, e Mogy merim.

A Villa de Coritiba tambem he notavel, porque contém 9916 almas, a de Mogy merim 9045.

Para dar huma idéa resumida da população desta Capitania, consideraremos as tres Commarcas na ordem, em que as havemos descrito.

	Brancos	*Pretos*	*Mulatos*
S. Paulo.	30218	1098 l. 11375 c.	11297 l. 3204 c.
Paranaguá.	8904	449 l. 2344 c.	4143 l. 1136 c.
Ytú	11276	357 l. 5856 c.	5461 l. 902 c.

	Brancas	*Pretas*	*Mulatas*
S. Paulo.	33694	1162 l. 9063 c.	13894 l. 3439 c.
Paranaguá	9436	480 l. 2153 c.	4688 l. 1287 c.
Ytú.	12436	353 l. 3888 c.	5680 l. 915 c.

S. Paulo tem 19834 fogos
Paranaguá 5862

176

	Mulatos
Ytú	7431
Total	33127

Total da População.

Comarcas.	*Brancos* Homens	Mulheres
S. Paulo (1)	30218	33694
Paranaguá (2)	8904	9436
Ytu (3)	11276	12436
Total.	50398	55566

	Pretos Homens	Mulheres
	Livres	
(1)	1098	1162
(2)	449	480
(3)	357	353
Total	1904	1995
	Cativos	
(1)	11375	9063
(2)	2344	2153
(3)	5856	3888
	19575	15104

Mulatos

	Homens	Mulheres
	Livres	
(1)	11297	13894
(2)	4143	4688
(3)	5461	5680
	20901	24262
	Cativos	
(1)	3104	3439
(2)	1136	1207
(3)	902	915
	5142	5561

Resumo.

	Homens	Mulheres
	Livres	
Brancos	50398	55566
Pretos	1904	1995
Mulatos	20901	24262
Soma	73203	81823
	Cativos	
Pretos	19575	15104
Mulatos	5142	5561
	24717	20665

Total 97920 homens, 102488 mulheres, ou 200408 almas.

Nascimentos	8916
Mortandade	4498
Differença a favor da população	4418
Casamentos	2543

Noticia sobre a compra e remessa do marfim de Angola, extrahida de Documentos Officiaes.

HA tres sortes de marfim.

Marfim de lei he de 32 libras por diante, e paga-se a 260 reis a libra.

Marfim meão he de 16 a 31 ½, e he pago a 160 reis por libra.

Marfim miudo he de 1 libra a 15 ½, e he pago a 80 reis a libra.

Todo o marfim rachado perde o valor da sua classe, e desce á immediata.

Existião na Capital de S. Paulo de Assumpção, e na de S. Felippe de Benguella, no primeiro de Janeiro de 1810, segundo contas officiaes, que temos consultado.

1$395	Pont. de lei com	65$057½ lb.	16:914$950
653	ditas meão	15$583	2:493$280
1$446	ditas miudo	13$223½	1:057$880
2	ditas rachadas	17	$680
3$496		93$881 R.	20:466$790

N. B. As ditas 93$881 lib. de marfim que chegava em Lisboa ao preço de 800 reis por libra surtido, produzião 75:104$800 reis.

Importa a remessa do marfim desde 1772 até o fim de 1808 em 114:748$970 reis; que dão a remessa media 28:583$307.

MISCELLANEA.

Litteratura na Russia.

HUM esboço da Litteratura da Russia de 1801 a 1805, que ha pouco se publicou, nos informa que o numero de Obras publicadas dentro deste periodo de 5 annos he 1304; das quaes 756 são composições originaes, e 548 traducções. Estas são de originaes em Grego, Latim, Francez, Allemão, Inglez, Italiano, Sueco, Polaco, e Georgiano. O numero de Obras traduzidas do Francez he o mais consideravel; sóbe a 262; o das Allemás não passa de 198. De Theologia sahirão 213 obras; e de Philosophia só 22; novelas 210. Os authores Russos existentes são 349; e ha 742 obras anonymas.

(*Panorama.*)

Nova Ilha.

O Navio Camarthen da Hon. Companhia, na sua viage de Porto Luiz para Bombaim, no principio da monção, passando ao Sul de Sychelles, encontrou huma pequena ilha raza; que elle pensa nunca ter sido vista mais que huma vez antes delle (por hum capitão Inverarity), e não vem apontada em alguma carta ou roteiro, salvo hum ha pouco publicado. Ella he muito perigosa, porque fica a meio canal, tem arvores em cada extremidade juntas por hum banco de arêa, com arrebentação á roda até huma grande altura.

Esta ilha corre de NE-SO; he de 6 ou 7 milhas de comprido, e 1 ou 2 de largo; lat. 7° 7′ S. long. 53° 5′ E de Greenwich.

O fogacho sobre o Trident, ou Whiltle Rock, na bahia falsa, Cabo da Boa Esperança, desappareceo na tempestade de 10 de Junho.

Novo Pharol no Clyde (rio de Escossia). Glasgow 7 de Setembro.

Noticia aos Maritimos.

OS encarregados de executar hum Decreto (Acto) do Parlamento para a navegação do estreito e rio de Clyde mais segura e mais commoda, levantarão hum pharol na ponta de Toward, lugar baixo penhascoso, junto da entra-

da da Bahia de Rothesaes, da parte d'Oest do estreito; o qual começará a ser allumiado no primeiro de Novembro (de 1812). Entrando no Canal, elle demora a respeito do pharol de Cumray ao NNE ¼ E da agulha em 9½ milhas de distancia. Para distinguir o pharol de Toward do outro do estreito, elle he construido de sorte que se revolve horisontalmente, offerecendo alternadamente huma luz brilhante e escura, em todas as direcções, excepto da parte do NE, onde he totalmente escuro, para evitar ser visto dos rochedos chamados Captains Bridge's, da parte de Inellan, e o Gantock, de Denoon; de maneira que os navios, que navegarem ao longo da praia para o N. daquella luz, tendo cuidado de conserva-la á vista, evitarão todo o perigo d'quelles rochedos.

(*Panorama*).

NECROLOGIA.

A Philosophia natural perdeo hum illustre Professor em Mr. Guilherme Antonio de Luc, de idade de 85 annos, irmão do Author das ,, Indagações sobre a modificação da athmosfera. ,, Nos seus ultimos dias foi tão predominante a sua paixão pela Musica, que tinha hum piano ao lado do leito, no qual sua filha tocava grande parte do dia. Na noi-

te da sua morte, vendo a filha que elle adormecia, lhe perguntou " Toco mais? — Continua a tocar, respondeu elle, continua a tocar. — Dormio; para nunca mais acordar. Mr. Deluc examinou alguns paizes volcanicos, donde trouxe escolhidas amostras das suas producções, em que o seu Gabinete era o mais rico da Europa.

Morrerão em *Londres* no mez de Julho dois illustres Prelados da Igréja *Gallicana*, Mr. *Malide*, Bispo de *Montpellier*, e Mr. *Gain de Montagnac*, Bispo de *Tarbes*. Elles erão d'aquelles poucos Bispos respeitaveis, que persistirão fieis ao seu Deus, e ao seu Rei, e preferirão huma honrada indigencia a todas as riquezas e vaidades mundanas, que hum tyranno pode dar.

Heyne, celebre escritor classico, morreu em Goltingor, de 83 annos de idade: conservou até o fim todo o seu ardor litterario, e muitas pessoas tem cartas delle em Allemão e Latim, datadas na vespera da sua morte.

O Professor Weldnow, celebre Botanico, morreu em Berlin a 10 de Julho.

Mr. Pierre Petro-Perdriau, que foi Consul Geral da França no Levante, morreu em Pariz a 5 de Julho, de idade de 91 annos: a sua carreira diplomatica foi principalmente notavel pelo zelo de proteger a Religião Christã. Elle conseguio dos Turcos licença (cousa muito rara) para edificar huma Igreja em

Smyrna, e alcançou que o Pachá protegesse os Catholicos. O Papa Ganganelli lhe dirigio nesta occasião hum breve de parabens; com a insignia de huma das Ordens de Sua Santidade. Morreu de repente, escrevendo.

N. B. No N. 2.° pag. 7 linhas 9 em lugar de maxima lea-se minima.

Continuação do Estado da athmosfera.

Dia	Ther.	Bar.			Tempo
	Graos	Pol.	Vint.	Mil.	
26	80	29	17	18	trovoda e chuva
27	78	29	16	30	pezado e chuva
28	81	29	16	20	claro
		Março.			
1	82	29	17	6	claro
2	82		16	34	dito
3	83		17	34	
4	85		17	20	
5	89		17	12	
6	84		16	4	
7	85		16	14	
8	85		16	12	
9	82		16	12	chuvoso
10	76		18	20	dito
11	77		16	12	medio
12	81 ½		16	32	chuvoso
13	79		16	46	dito
14	76		16	34	dito
15	75		16	20	denso
16	77		16	34	dito
17	77		16	28	claro
18	77		17	8	dito
19	82		17	12	dito
20	81		17	10	chuvoso

Dia	Ther.	Bar.			Tempo
	Graos	Pol.	Vint.	Mil.	
21	77	29	16	16	claro
22	77		16	20	dito
23	80		8	17	trovoada
24	80		14	16	claro
25	77		14	16	dito
26	77		24	16	chuva
27	78		26	16 ½	dito

Obra publicada nesta Corte no presente mez.

Elogio Historico do Serenissimo Senhor D. PEDRO CARLOS DE BURBON E BRAGANÇA, Almirante General da Armada Real Portugueza. Composto e dedicado ao Principe N. S. o Senhor D. JOÃO, Principe Regente de Portugal e das Conquistas, por Joaquim da Nobrega Cão e Aboim, Prelado Patriarchal e Decano da Capella Real do Rio de Janeiro. Impresso na mesma *Capital da America.*

O objecto desta Obra faz o seu interesse. O A. narra algumas circunstancias da vida do Seu Heroe, como testemunha ocular, e a sua exposição he sincera. Accrescenta huma Elegia á morte do mesmo Senhor, longe do estilo de Tibullo e de Ovidio. Quanto á versificação, darei para exemplo este terceto.

Mas tu, dura etiqueta, tu condemnas
Quanto inspira a suave humanidade,
Sem alterar as condiçoens terrenas.

O merecimento Poetico desta Elegia, segundo posso ajuizar, he igual ao de huma Ode Pindarica, que o mesmo Poeta fez aos annos de S. A. R., impressa em Lisboa no anno de 1801, que tem por titulo *Jonio em Lisboa.* Como esta Obra anda entre as mãos de todos, escuso accrescentar cousa alguma ao conceito, que o Publico tem já formado dos talentos Poeticos do Author.

INDICE.

Medicina.

Botanica

Agricultura.

Historia.

Litteratura.

Politica.

STATISTICA.

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

N. 4.°

ABRIL.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.° 34, por 800 reis.

LITTERATURA

ODE

Remettida de Versailles á Paris por Francisco Manoel Nascimento (Filinto Elysio) á Domingos Borges de Barros.

Thebaida 14 de Agosto de 1810.

Quid nos? quibus te vita sit superstite
Jucunda, si contra gravis. Horat.

COM magoa ouvi que partes, caro Borges (1),
Deixas-me neste êrmos,
Saudoso, velho? e ameaçadora a Morte
Brande (não de mim longe!)
A luzidia fouce: agra a Pobreza
De feia catadura,
C'o as secas máos me aperta o peito anciado!
Em quanto o alivio tinha
De receber teus versos, tuas prozas,
De em cambio remetter-te
As minhas, socegava a séva fragua
De atribuladas penas,

A ii

(1) Mande-me alguma poezia descriptiva das terras de Cabral.

Com que o futuro me enegrece os dias.
Mas de ti quando ausente . . .
Afasta-te de mim, acerba idéa!
Vai Borges: brandos zephyros
Nas azas teu baixel continuos tomem,
E á Patria te confiem (2);
A' Patria que contente os braços te abre
Para te estreitar n'elles.
Verás o Pai, que te ama, e que respeitas,
Os Irmãos, os Amigos (3).
O tecto, o berço, onde com raio puro
Ati recem-nascido
Deu prima luz o sol. Quanto se prezão
Os bosques, onde infantes
Demos tenrinhos passos mal seguros!
Com que prazer não vemos,
Depois de largos annos de apartados,
Os que, na verde idade

---

(2) Sic te Diva potens Cypri
Sic fratres Helenæ, lucida sidera,
Ventorumque regat Pater
. . . .
Navis, quæ tibi creditum
Debes. . .

(3) Lembranças a Antonio d'Araujo, á Alexandre Gomes Ferrão, e a Paulo José de Mello, com quem me ligou d'amizade a Fama das suas virtudes, e a leitura de seus excellentes versos.

Com nosco erão no estudo, erão no jogo?
De tudo vás lograr-te
E eu, apezar da dôr de ver-te ausente,
Devoto aos Ceos t'o imploro.

*Epistola em resposta, remettida de Paris á Versailles, por B*** á Filinto Elysio.*

Paris 17 *de Agosto* 1810.

Determinei de assi nos separarmos,
Sem o despedimento costumado,
Que posto que he de amor uzança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.
Camoens Cant. IV. Oit. 93.

VEio-me c'o a razão o amor da Patria,
Aquella enobrecendo, este incitando
O estudo: vereda encontrar busco,
Que aos desejos, em que ardo, me encaminhe:
Nas plagas de Cabral, meu patrio ninho,
Tão louçã, quanto inculta, a natureza
Admiro absorto: aqui longevos bosques
Com verde espesso manto, insultão, quebrão
Do sol os raios; c'os erguidos cimos
Vão topetar co'as nuvens. Empinados
As curvas praias ornão, os pés dando
Aos abraços de Thetis, hospedosos,
Ferteis coqueiros, que no fructo off'recem
Ao lasso navegante o licor doce,

A saborosa pôlpa, o oleo, a taça,
E nas fibras do tronco a forte amarra.
Por entre luteas flores, verdes ramas,
Do potente casulo pende a felpa
Do niveo algodão; bem quaes d'Odino
Nas plagas, os carambanos alvejão.
No matizado prado ergue a coroa
O cheiroso ananás, qual Rei das fructas.
A quente especiaria aqui se encontra,
Os balsamos, o aroma, e a casca amiga
Da existencia do homem (1). Mais brilhantes,
Mais vivas cores patentêa Flora,
De mais formosos, variados fructos
Pomona aqui se arrêa: aqui de Ceres
São liberaes os dons. Mais longe encaro
O Gigante das agoas (2), dominando
Despota sobre os mares. Nestes climas
Prodiga em tudo a mão da natureza,
Té nos horrores seus grande se ostenta:
Porque junto a tão solidas riquezas
As fontes pôs d'esse oiro insultuoso,
D'esse empeço d'industria, esse, que incita
As sordidas paixoens, deslumbra Estados!..
D'esse... após quem o homem corre ancioso,
O curso aos rios muda, desmorona
Os montes; e insultada a madre terra
Mostra na esteril face a injuria sua.
Vingar de Ceres pertendi o insulto,

(1) Quina.
(2) Amazonas.

Deixando os patrios, em alheios climas
Luzes vim mendigar; e quando o esp'rito
Refocillar da lida me ordenava,
Deleitavão-me as Muzas: li teus versos,
Horacio em Luso metro ler cuidando,
A' mente e ao coração juntos fallarão.
Ah! quantas vezes pranteêi teus Fados?..
O Poetico Stadio tu me abriste,
Se hum dia, em brando ocio, hum verso digno
Correr da pena minha, a gloria he tua.
Rôxos os pulsos já da tirania
Com os ferros não sinto. Adeos, ó França!
Terra credora de melhores fados,
Ah! Quando quebrareis as vis cadêas
Que estranhas mãos ao colo te lançárão?..
Do fraudulento Oceano os perigos
Vou de novo arrostar: talvez que veja
O berço de Franklin... Ficas, Filinto...
E eu parto!.. Porque amor divide as terras!..
Qual liga as almas d'amizade o laço,
Porque os corpos tambem ligar não póde?..
Tal quer a natureza, e tal nos dicta
Na saudade, atracção, que o peito chama
Para ao do amigo, que está longe, unir-se.
Se os Ceos derem que hum dia a cara Patria
O mui querido Pai, e Amigos veja,
Com nosco viverás, Filinto amigo.
No certamen poetico teu verso
Nosso farol será: o Luso idioma
Hemos d'estudar n'elle: nós com tigo,
Relendo-o, vezes mil conversaremos.

E quando juntos, no amical banquete,
Nos copos espumar festivo Bacho,
Seu primeiro tinir será teu brinde.
Em tanto qual vai ser a sorte minha!
Alheias terras deixo, irei a alheias!..
Quando verei os bosques, *onde infante*
Dei os tenrinhos passos mal seguros!..
Corrêa, Marialva, Brito, Mello,
E os mais, que em triste exilio deixo! Quando!..
Quando!.. Filinto adeos! Lembre-te ás vezes
O mui saudoso caro Amigo Borges.

Lyra inedita de Gonzaga.

TU não verás, Marilia, cem cativos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou do cerco dos rios caudalosos,
Ou da mina da serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a grossa arêa,
E já brilharem os granitos de ouro
No fundo da batêa.

Não verás derribar os virgens mattos,
Queimar a capoeira ainda nova;
Servir de adubo á terra a fertil cinza,
Lançar os grãos na cova.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo,
Nem espremer nas endentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus Consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fastos da sabia mestra historia,
E os cantos da Poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella;
E eu, vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cançado processo.

Se encontrares louvando huma belleza,
Marilia, não invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

Epigrammas de Diniz.

I.

NÃO teme do martello o estrondo e o pezo
A bigorna, onde geme o ferro acceso:
Nem varão, que tenaz segue a virtude,
O insano murmurar do povo rude.

II.

Se os Poetas, segundo o teu juizo,
Todos huns loucos são, se não tem cizo:
Como não es Poeta, meu Filetas?
Mas ja sei: loucos são, e não patetas.

III.

Dizem, Bavio, que em velho dialecto
Fizeste a alguns Poetas hum Soneto:
Mas testemunhos são de homens preversos,
Que tu nunca soubeste fazer versos.

IV.

Hum Poeta o epitaphio engrandecia,
Que para os ossos seus composto havia;
E hum ouvinte lhe torna: está tão bello,
Que já em seu lugar tomara eu ve-lo.

SATIRA.

Est modus in rebus, sunt certi denique fines,
Quos ultra, citraque nequit consistere rectum.

Horat. Lib. I. Sat. I.

A Satira grosseira por qual caminho novo
Deixou os feios crimes, com que assustava o povo?
Baco enrolando a parra nos tempos da vindima,
De fezes tinto o rosto, dictou obscena rima.
Vio Thespis menos torpes os satyros violentos,
E da tragica scena lançou os fundamentos
Da plebe iniqua e rude já com melhor destino
A satira passou para o Paiz Latino,
Quando o feroz Lucilio co' braço levantado
Ferio grande e pequeno c'hum azurrague hervado:
Tão grande liberdade foi logo reprimida,
E sendo mais modesta, não foi menos temida.
O espelho, que não mente, mostrou a Roma
Horacio;
Fez Persio e Juvenal tremer depois o Lacio.
Veio Regnier, e veio Despreaux com arficios,
E fez que alguem se risse ao ver seus proprios
vicios;
E a nossa antiga gente julgou por impiedade
Zombar dos prejuizos, que reinão na Cidade,
Confundindo o libello, que as justas Leis
offende
Com a satira urbana, que os vicios reprehende.
Mas esse véo grosseiro, que as luzes encobria,

Rasgou-se, e deo lugar ao mais sereno dia.
Quanto se deve á Mão, que Rege o Sceptro
Augusto!
Cahio a estupidez, podemos rir sem susto,
Se a querem levantar os timidos sequazes,
Já sofre piparotes, e pulhas dos rapazes.
Animo agora, ó Muza, que as letras tem
Mecenas:
Não temos que invejar de Roma, nem d'Athenas.

No meio he que a virtude tem firme o seu lugar;
Quem vai pelos extremos não o dezeja achar.
Triste, cançado, e magro o sordido Avarento,
Harpagon, as moedas ajunta cento a cento.
Não fuma chaminé, na casa reina a fome.
Quem póde advinhar o que, ou quando come?
Conta-se que huma vez por festa do Natal
Comprou dez reis de nabos: ó epoca fatal!
Quebrou-se . . . ó dia triste, dia de graves
damnos! (annos.
Quebrou-se-me a panella, que tinha ha quarenta
O' nabos! ó desgraça! ó infeliz panella,
Que tão pouco duraste! ficou-me esta tigella,
Pondo-a sobre as brazas, rebenta: o estampido
Cobre de negras cinzas o velho espavorido;
E para maior magoa quiz inimigo o fado
Que de carvoens volantes fosse o calção tostado.
Depois de tantas perdas fez voto, e com razão,
De nunca mais gastar nem lenha, nem carvão.
De dia conta os sacos, de noite posto á vella,
Espreita, e de si mesmo receia, e se acautella.

Treme ao leve ruido do vento, que sussurrá,
Tem o seu deos guardado na chapeada burra.
He justo o que lhe agrada, e só lhe agrada o oiro,
Que adora, e que o faz pobre no meio do
thezoiro.
Mata a rabuje ao cão, e o mizeravel gato
Vive, porque em descuido pilha por sorte hum
rato.
Que usuras descaradas! que furtos, que rapina
Achou da vil trapaça na detestavel mina!
Ao triste devedor no Inverno desabrido
Despe insolente as filhas, quer tudo convertido
Em oiro n'hum leilão, passado a quem der mais;
Vê sem remorso o pranto, ouve sem pena
os ais.
Menos inexoravel em seus caprichos cegos,
Achilles vio morrer junto das Naus os Gregos.
Escravo da riqueza, miserrimo usurario,
Inda co'amorte á vista recusa o necessario.
Hum caldo de galinha restaura a natureza;
Hum caldo! ha neste mundo quem faça tal
despeza?
Moeda despendida ou tarde, ou nunca torna:
A tosse, que me afflige, curo com agoa morna,
E para a ter á mão achei hum facil meio,
Pois n'hum pequeno vidro a aquento aqui no
seio;
E sem carvão, nem lenha, nem outras invenções,
Dos Medicos me rio nas minhas defluxoens.
Harpagon, Harpagon, tropego, triste, e velho,
Contempla o teu estado, eu te apresento o
espelho.

Mas ah! que tu desmaias ao ver-te em tal figura,
Espectro descarnado n'huma caverna escura!
Já para respirar te faltão os polmoens:
Vigilias, frio, fome, cuidados, e afflicçoens
Nos braços te lançarão da morte enfurecida.
Responde que acção boa fizeste em toda a vida?
Que premio conseguiste por dias tão cançados?
Enchi aquella burra de dobras e cruzados.
O' que inuteis fadigas! que sordidos trabalhos
Para ter hum capote com mais de mil retalhos,
Capote de Arco Iris, gala de todo o anno,
Que nem tu mesmo sabes qual foi o antigo pano,
E o ventre, que escondido nos ossos mais trazeiros
Vio em longas dietas passar trinta Janeiros!
E que querias tu? que eu fosse hum dos casquilhos,
Que gasta o cabedal em chitas e polvilhos?
Ou prodigo glotão, que passa o dia inteiro
Rodeado de cópos, bebendo o seu dinheiro?
Que, sem lançar as contas ás minhas fracas rendas,
Juntasse os caçadores de ceias e merendas?
Não; essa boa gente comigo não faz vaza,
Eu gosto dos banquetes, mas não em minha casa.
Os lucros vão a menos, não ha ganhar vintem;
E aquillo que se poupa, he só o que se tem.
Por isso o novo herdeiro promette á boa fé
Gastar em carruagem quanto ajuntaste a pé.
Quem he este, que passa vaidozo em seu carrinho?
He do avaro Harpagon o prodigo sobrinho,

Que alegre vio morrer o sordido avarento,
De forças exhaurido por falta de alimento.
Co'as chaves abraçado o Tio inda expirava,
Quando elle grandes coisas na idéa já formava.
Eis hum palacio erguido, bordados reposteiros,
Que por argollas correm á voz dos Escudeiros.
Revestem-se as paredes de peregrinas cores,
Que sobre os ricos panos varião os lavores.
Seges, bestas, lacaios, que tem seus appellidos,
Que imitão a seu amo, fazendo-se atrevidos;
Ao sumptuozo, ao grande, o luxo, o fasto iguala;
Os teus quadros, ó Rubens, adornão esta sala,
Nest'outra, que moldura não tem cada painel,
Obra da sabia mão do illustre Rafael?
Que falta mais? amigos; e amigos que vem logo
Leva-lo ás assembleas, ao lupanar, e ao jogo.
Cheira a cozinha ao longe, tres Mestres occupados
Dispõe por arte as massas, os molhos, e os assados.
Tres Mestres! e são todos precizos nas funcçoens
Para darem os banquetes ao gosto das Naçoens;
Que fora grão dezar, e acção menos prezada,
Pôr ao sombrio Inglez a meza afrancezada.
Tudo o que he fino, e bom, aqui aos montes acho,
Como as coisas grosseiras nas vodas de Camacho.
Que faz destas mulheres tão grande ajuntamento,
Que me parecem pobres á porta de hum Convento?
Tudo he gente vadía, que tem algum direito
De arrecadar os roubos, que em casa se tem feito;

Encobrem-se huns aos outros, e furta o boleeiro,
Lacaio, comprador, mordomo, e cozinheiro.
De dia e noite o cercão cem mil aduladores,
Que dos seus desvarios celebrão os louvores.
Vós sois homem de bem lhe diz, sereno o rosto,
Panurgo, o adulador, tendes juizo, e gosto;
Quanto os seus bellos dons comvosco o Ceo re-
parte! (Marte,
Sois Alexandre, e Cezar; sois Hercules, e
Sois Adonis, Narcizo . . e que hei de dizer mais?
Sois homem sem segundo, que a todos assombrais.
Do vosso nome a gloria, e as inclitas acçoens
Celebra ao longe a fama por todas as Naçoens.
Prosegue, e quando o vê bem cheio de vaidade,
Expoem-lhe a sua triste, cruel necessidade;
E o ávido mancebo, que mais louvor dezeja,
De cem dobras a bolça magnanimo despeja;
Dobras por quem o Tio já macilento e fraco
Quiz antes ver a morte, que dezatar-lhe o saco.
Duvída que haja frio, ou tragadora fome;
Sem pezo, nem medida, tudo o que tem consome;
Que muita gente sabe vencer a sorte dura,
Mas perde as estribeiras no cume da ventura.
Esgotão-se os thesoiros, torna ao estado antigo,
Todos o desconhecem, não acha hum só amigo;
E os mesmos argonautas por mófa, e por
desdoiro
Celebrão a conquista do Velocino de oiro.
Ei-lo de porta em porta, que mendigar
pertende. (ai repende!
Que amargos fructos colhe, quem tarde se

Infeliz, que abatido em tão adversa sorte,
Até lhe faltão meios de abreviar amorte.
Huma corda deséja, mas o desejo he vão;
Porque huma corda custa metade de hum tostão.
De excessos e desgostos na esqualida presença
Se ajuntão os algozes da pallida doença. (real
Coberto em fim de opprobrio, com fome, e sem
Vai terminar seos dias á porta do hospital.
Lá ficão as Irmans, pobres na flor da idade,
Expostas aos perigos da vil necessidade; (pejo,
E Eulipo o barrigão sem fé, sem lei, sem
Soltando alegre as vellas no mar do seo dezejo!
Com dadivas, com rogos, e ainda com violen-
cia, *Coge C,ofar* será da misera innocencia.
E os vãos dissipadores da sua rica herança,
Tudo, e até os seos nomes apagão da lem-
brança,
E se alguem se recorda da prodiga loucura
He para as insultar na sua má ventura.
Que tristes consequencias, que funebre retrato
Mostra de seos costumes o prodigo insensato!

Creonte o atrabilario compoem de sorte o rosto
Que a todos enfastia com seo mortal desgosto,
Affecta o ser sincero, e em falta de razoens,
Mostra o seu desprazer no gesto e nas acções,
Encolhe o hombro ás vezes, e o modo seo
me ensina
Que ha rizo mais picante que a satira ferina.
Elle aborrece os homens, mas elles com cuidado
Da sua vista fogem, como de cão danado.

Sempre raivoso, e fero, não tem mais grato
estudo. (tudo.
Do que inventar os meios de pôr veneno em
Ao mesmo sexo amavel dirá, franzida a testa,
Que a triste velha he bruxa, que a moça he
pouco honesta. (devora ?
Quem ha que escape á bilis, que o seca, e que o
Se hum canta he porque canta, se hum chora
he porque chora.
Lidoro observa os astros: perde o seo tempo
em vão.
Ticio estuda Direito: será grande ladrão.
Com gosto á Medecina Biophilo se aplica:
Não vale contra a morte sciencia, nem botica.
Nicandro faz bons versos; he leve do miôlo.
Emilio não os faz: não tem que ver, he tôlo.
Tudo vos desagrada! e que dirão de vós,
Que tudo escureceis co'vosso genio atroz?
Ainda espero ver-vos com quatro bonifrates
Reger o mundo em seco na caza dos orates.
Lá da vossa loucura dando as mais certas
provas,
Veremos fecundar vossas idéas novas.
Em tanto Atalafron, que em tudo acha belleza,
Pertende ser distincto na graça e gentileza.
Tudo lhe causa gosto; que genio singular!
Até se põe a rir de ver os mais chorar.
Sempre mordendo os beiços, estuda com cuidado
Hum vagoroso andar, hum gesto adocicado.
Conhece das pomadas o autor, e nomes varios,
Que podem bem formar dois grossos diccionarios.

Polindo cada dia tres vezes as fivellas,
Cuida que todo o povo só poem os olhos nellas.
Este novo Nireo busca ao entrar na Igreja
Hum sitio descuberto, para que o mundo o veja.
Tem gosto, e para as modas dá novas eleiçoens:
Sempre aos amigos falla, contando-lhe os botoens.
Quanto ouve na assemblea depois por seo nos
vende,
Galra de pressa, e muito; mas elle nada entende.
E até quando conversa, vós o vereis em pé
Fazer passos de dança, rosnando hum *tri-olé.*
Se tem de responder primeiro entoará
O lindo retornelio: *la-ran-ta-rá-la-rá.*
Tartufo o jacobeo, que destro em novas manhas,
Sabe contos de velhas ordidos de patranhas,
Dos Santos o lugar crê que não he mui alto,
Pois co'as contas na mão lá quer chegar d'hum
salto,
Devoto beija o chão, fazendo mil tregeitos,
Os olhos põe no Ceo, bate com força os peitos.
Mas a inveja, a soberba, a intriga, e a ambição
São todas as virtudes, que tem no coração.
Para qualquer maldade hum destes se aparelha,
Lobo cerval coberto co' a lan da mansa ovelha;
Que vezes lhe não foi nas impias mãos achado
Fogo devorador, ou ferro ensanguentado!
Clitandro d'outra parte, moço de engenho fino,
He contra o jacobeo, mas faz-se libertino.
As mais santas verdades são fabula aos seos olhos,
Quiz evitar as pedras, cahio sobre os abrolhos.
Serve-se em todo o cazo do lume natural;

Nem sei se elle acredita, que tem alma immortal.
Mas longe o libertino, longe o devoto falso,
De riso menos digno, que de odio e cadafalço.
Para vicios oppostos são varios os caminhos:
Rufilo cheira a almiscar, Gorgonio a rapozinhos:
Deve de cheirar mal quem sempre cheira bem;
Fujamos dos extremos, tudo seus meios tem.

Mas quam poucos estimão o virtuoso meio!
De cabeças vazias o mundo está bem cheio!
Quem mais quer distinguir-se, não he quem
mais repouza;
Pois juizo entre loucos he perigosa cousa.
Nascido na Provincia, Ergasto ainda ignora
Os affectados modos, que o vão casquilho adora.
Doma hum feroz cavallo, e sabe posto em terra
Repulsar n'hum ataque todo o furor da guerra:
He justo, he moderado, mas vem servir de riso,
Porque sobre o espelho não sabe ser Narciso.
Ignoras, lhe diz hum, como se toma o chá...
Não tens este ar da Corte, diz outro d'acolá.
Já cresce dos topetes a turba louca e infame,
A quem o bom mancebo pergunta em seo vechame,
A risto, o Sabio Aristo, que altos heroes imita,
He Espartano forte, ou fraco Sybarista?
Elles tornão a rir, mas sem saber porque.
E o aldeão prudente, que afflicto, e só se vê,
Deixa a Cidade, e foge do luxo, e desconcerto,
Para viver honrado no seo feliz deserto.

M. J. S. A.

Grammatica Philosophica.

Senhor Redactor.

AS Definiçoens Grammaticaes, publicadas no primeiro numero do seu Jornal, moverão algumas pessoas a pedirem-me communicação do que eu tivesse por escrito sobre a Philosophia das Linguas: e posto que eu só lhes podesse mostrar ensaios imperfeitos, instarão-me para que os publicasse mesmo nesse estado.

Reflecti que, apezar da sua imperfeição, poderião ter a vantagem de excitar engenhos mais felizes a publicarem tambem, ainda mesmo por fragmentos, o resultado das suas meditaçoens sobre este tão vasto, quanto interessante assumpto; sendo certo que, á vista do pouco que sobre ella se tem escrito, só por este modo he que se póde esperar que com o tempo se venha a formar hum corpo de doutrina.

Este o motivo, por que remetto, para serem inseridas no seu Periodicos estas primeiras idéas elementares, se ellas lhe parecerem de alguma utilidade: e com este testemunho da sua approvação, irei remettendo successivamente o que em outro tempo apontei sobre estas materias; bem como as correçoens, que ulterior estudo, ou a critica dos bons julgadores, forem descobrindo.

(Vejão-se as Tabellas juntas.)

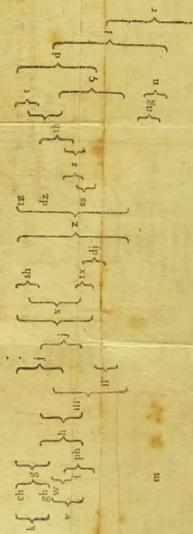
(Vejão-se as Tabellas juntas.)

(8) As Syllabas constão de
(1) Vogaes
(1) Simples
ou
(3) Diphthongos
sómente
ou
acompanhadas
de
(2) Consoantes
(6) figurativas
ou
tambem
(7) addicionaes
gutturaes
palatinas
maxillares
dentaes
labiaes
labio-dentaes
(5)
(2) simples
ou
(4) compostas
As Palavras devidem-se em
(9) Verbo
(10) activo
(11) transeunte
(12) intranseunte
(13) passivo
(14) neutro
(17) Nome
(15) Substantivo
(19) proprio
(18) appellativo
(16) Adjectivo
(20) Adverbio
(22) Preposição
de quantidade
de qualidade
absoluto.
relativo.
lugar
tempo
causa
razão
motivo
occasião
modo
instrumento
materia
effeito.
(21) Conjuncção
copulativa
additiva
illativa
causal
concessiva
condicional
restrictiva
distinctiva
adversativa
(23) Interjeição
por exclamação
interrogação
(24) de alegria
dor
indignação
compaixão
ternura
exhortação
invocação
chamamento
pergunta.

194

Systema dos principaes sons das Linguas Grega, Latina, Italiana, Portugueza, Hespanhola, Franceza, Ingleza, Hollandeza, e Alleman, dispostos conforme ás suas affinidades.

1. Vogaes

2. Consoantes

3. O concurso de qualquer das Vogaes simples pronunciadas com tom inteiro, e de outra pronunciada a meio tom; chama-se Diphthongo.

N. B. *Aos exemplos dos Diphthongos, que vem no primeiro Numero deste Jornal, a pag.* 94, *cumpre accrescentar os dos* Nasaes ã, ẽ, õ: Mãe; Capitães; Capitão; Grãos; Vintẽi; Vintẽis (*ou como se costuma escrever* Vintem; Vinteins) Dobrões, Dieu; Pion; Niais; Ouie; Mien: *em Francez*.

4. São compostas as seguintes combinaçoens de consoantes: bd, bl; br; cl; cm; cn; cr; cs; ct; cz; dn; dr; dz; fl; fr; gd; gl; gm; gn; gr; kl; km; kn; kr; ks; kt; kz; pf; pl; pn; pr; ps; pt; sd; sf; sg; sk; sl; sm; sn; sp; sq; st; sv; tl; tm; tn; tr; thl; thm; thn; thr; vl; vn (*que se pronuncião: phl, phn*) vr, *quer se pronuncie* vr; *quer como phr.*

5. São *gutturaes*: h; ch; gh; g; k—*palatinas*: ill; ÿ; ll; gn — *maxillares*: j; x; tx; dj sh; s; n; l; r; rr—*dentaes*: z; dz; tz; ss; th; ç; d; t—*labiaes*: b; p; m; w; ph — *labio-dentaes*: f; v.

6. Chama-se *Figurativa* de cada huma das vogaes de huma palavra simples a consoante, simples ou composta, que a precede immediatamente.

7. As consoantes, que se seguem até á figurativa da vogal seguinte, chamão-se *Addicionaes.*

8. Chama-se *Syllaba* cada huma das vogaes de huma palavra simples, com a sua figurativa e addicionaes (havendo-as).

9. As palavras, que affirmão, ou negão a existencia real, ou hypothetica do significado, em tempo determinado ou indeterminado; chama-se *Verbo.* Exemplos: *Firo, sou ferido; Durmo.*

10. Se o facto, que o verbo exprime, se considera como rasão de outro facto; chama-se o verbo *activo.*

11. E chama-se *transeunte*, se o effeito, de que esse facto he razão, se verifica em outro sujeito. Exemplo: *Cortei*.

12. Mas, se se verifica no mesmo sujeito; chama-se *intranseunte*. Exemplo: *Cubro-me*.

13. Porém, se o facto, que o verbo exprime, se considera, como effeito; chama se o verbo *passivo*. Exemplo: *Foi ferido*.

14. Quando se não considera, nem como razão, nem como effeito; mas como hum simples estado do sujeito; chama-se o verbo *neutro*. Exemplos: *Anda*; *Dormia*.

15. As palavras, de que se usa para designar o agente da significação de algum verbo; chamão-se *Substantivos*. Exemplos, *Homem*; *Corpo*; *Alma*; *Entendimento*; *Virtude*; *Vicio*; *Força*.

16. As palavras, que só servem a especialisar os Substantivos, chamão-se *Adjectivos*. Exemplos: *Grande*, *Honrado*, *Feliz*.

17. Tanto os Substantivos, como os Adjectivos, chamão-se *Nomes*.

18. Se os Substantivos denotão qualidades communs a muitos individuos, chamão-se *Appellativos*. Exemplos: *Animal*; *Ferro*.

19. Todos os outros se chamão *proprios*. Exemplos: *Pedro*, *Roma*.

20. As palavras, que se empregão para especialisar a significação de algum verbo, ou de algum Adjectivo; chamão-se *Adverbios*.

21. As que são unicamente destinadas a

estabelecerem a relação de differentes phrases, e tambem ás vezes as de differentes partes de huma mesma phrase entre si; chamão-se *Conjuncçoens*.

22. As que só se uzão para estabelecer a relação de algumas palavras de huma mesma phrase entre si; chamão-se *Preposiçoens*.

23. Aquellas, que, não significando nada, ou que alem da sua significação, exprimem só pelo tom com que se pronuncião, o sentimento da pessoa, que dellas se serve; chamão-se *Interjeiçoens*.

24. Se estas parecem suppor huma reposta, chamão-se *Interrogação*; senão, chamão-se *Exclamação*.

EXEMPLOS.

ã] L*am*. a] Demor*a*. à] Càro. â] Câno. a^{o}] *All*, *em Inglez*. ê] L*e*nto. e] F*e*liz. è] Fèro. é] Péro. e^{u}] P*eu*, *em Francez*. ĩ] Fim. i] Del*i*cioso. ì] Perdìdo. õ] B*om*. o] Ric*o*; P*o*seste. ò] Ròsa. ô] P*o*uca; M*o*rra. o] R*o*^{e}the, *em Allemão*. o^{u}] P*au*vre, *em Francez*. ũ] Alg*um*. u] Aguçar. ù] Agùdo.

i^{u}] Pr*u*de, *em Francez*. i^{ũ}] Déf*unt*. u^{o}] B*u*t, *em Inglez*. b] *Base*. ch] J*ch*, *em Allemão*. c] Garvanços, *em Hespanhol*. d] La*d*o. dj] Giallo, *em Italiano*; General, em Inglez. dz] Pazzo, *em Italiano*. f] *Face*. g] Figo.

gh] *Achter*, em Hollandez; *Baxo*, em Hespanhol. gn] *Ganho*. h] *Hidalgo*, em Hespanhol; *Haine*, *em Francez*. ill] *Vaillant*, *em Francez*. j] *Je*, *em Allemão*.

N. B. *Acha-se o* j *na Columna do i; porque a pronuncia daquella Consoante envolve esta vogal; e constitue a transição das consoantes para as vogaes.*

j] *Jarro*; *Gesso*. k] *Cabo*; *Quer*. l] *Lado*. ll] *Malha*. m] *Mar*. n] *Nada*. p] *Passo*.

N. B. *Acha-se o* p *na columna do* k, *porque apezar de não terem nenhuma affinidade de pronuncia, acontece que pela da escrita, muitas palavras que em sua origem se escrevião em* k *passarão a escrever-se com* p *(fallo das Linguas Grega e Latina) Exemplo* Lycos, Lupus &c. ph] *Vrow*, *em Hollandez*. r] Para. rr] Barra. s] *Esprit*, *em Francez*. sh] Espada. ss] Massa. t] *Tudo*. th] *Bath*, *em Inglez*. tx] *Faccia*, *em Italiano*. *Church*, *em Inglez*. tz] Zahn. V] *Vaso*. x] *Chave*; Caxa. *Shilling*, *em Inglez*. z] *Zelo*. w] *we*, *em Inglez*; Schwach, *em Allemão*.

N. B. *Acha-se* w *na mesma columna, que* Ch, Gh, e G; *porque muitas palavras, que no Dialecto Teutonico se escrevião com* w, *se escrevem no Latino com algumas daquellas gulturaes: Exemplos*: Willhelm = Guilherme; War = Guerra; Ware = Gare.

Do mesmo modo acontece que nos *ditos dois Dialectos* M *e* W *se convertem reciprocamente um no outro. Exemplos: Werth* = Merito; *With* = *Mit*. &c.

S. P. F.

ELOQUENCIA

Pratica de Alexandre de Gusmão, entrando na Academia Real de Historia Portugueza, em o dia 13 de Março de 1732.

Contra a sorte commum de todos os que entrão na carreira Litteraria, consigo a Corôa, antes de me haver legitimamente assignalado no Certame. A insigne honra de ser admittido ao vosso numero, que bastaria, depois de grandes producçoens, por unico premio aos varoens mais erúditos, me concede hoje a vossa benignidade, sem ter mais prova da minha sufficiencia, que a noticia de haver em mim huma summa veneração ás Letras, e hum desejo ardentissimo de vir a merecer nellas algum nome. Porém tanto teria de opportuna esta recomendação por me acceitardes discipulo vosso, quanto he ineficaz para alcançar o glorioso titulo de vosso Collega.

Em hum Congresso, por tantos principios illustre, ou se attenda á Magestade do Ins-

tituidor, ou á importancia do Instituto, ou ao merecimento dos que o compõe, parece que só devião ter lugar sujeitos da mais experimentada capacidade, de juizo clarissimo, de eloquencia e erudição mui conhecida. Taes homens se requerem para corresponder á esperança daquella mente sublime, que deu o ser a esta Academia, e lhe conserva o esplendor com influxos da sua soberana Protecção. Trata-se de escrever para a acceitação de hum Rei Sapientissimo, a cujo finissimo gosto, apurado ao crisol de hum continuo estudo, mal pódem agradar as obras, que não chegarem a tocar as raias da perfeição. Trata-se de dar cumprimento á magnifica idéa de hum Monarcha, que não contente de ter exaltado o seu Reino ao maior auge de gloria e de riqueza, em que se vio á muito tempo, não contente de haver resuscitado o respeito da Corôa da diminuição, que lhe tinhão causado as calamidades de mais de hum Seculo, para de todos os modos engrandecer o nome da Nação Portugueza, procura com a fundação deste Atheneo, resuscitar tambem as memorias da Patria da indigna escuridade, em que jazião até agora.

Quiz que vissem os seus vassallos em hum elegante painel dos successos de Portugal, quão formoso he o retrato da honra, quão amavel o semblante da virtude, para que, observando a esclarecida menção, que se

faz daquelles, que puzerão todo o cuidado em consegui-las, sintão accender no seu peito huma nobre inveja, e huma ambição insaciavel de imita-los, ou excede-los. Desta sorte abrio a sua paternal attenção aos vivos, e aos vindouros, a melhor escola, em que podião cultivar-se, bem ajuizando, que he a lição da Historia hum segundo seminario de heroes, e descobrindo á sua generosidade novo caminho para remunerar aos mortos os serviços, que fizerão á Monarchia, premiando-os com a eternidade da fama. Por meio desta Academia emprehendeu o seu religioso animo fazer patente ao mundo o muito, que obrou a antiga e exemplar devoção dos nossos Reis, em obsequio da Igreja, e augmento do Divino Culto; não tanto para que fique manifesta a vantajem, que nessa parte, como em muitas outras, leva aos seus predecessores, quanto para que se conheça que esta hereditaria piedade, foi, e ha de ser sempre, o mais prezado brazão de sua Augustissima Caza. Com o exercicio dos vossos escritos dispôz a sua Real ponderação aperfeiçoar, e avivar entre os seus subditos, o mais util de todos os estudos, que he o da composição das Historias, e esperamos ver-se tão bem logrado este fim, que possão os futuros Historiadores tratar dignamente o largo assumpto, que lhes darão para escrever as gloriosas acçoens do seu Reinado.

Sendo pois tão grande o projecto, e sen-

do tão difficil de satisfazer a expectação do elevado espirito, que concebeu ¿ de que engenho, de que doutrina não devem abundar, os que se elevarem para pôr em execução aquelles heroicos pensamentos? ¿ Quanta capacidade se requer para saber entre a variedade de objectos, com que a penna ha de encontrar nesta composição, separar o proveitoso do superfluo, o pio do supersticioso, o agradavel do insipido, e o certo do duvidoso? ¿ E que arte, que pureza, e que graça de dizer he necessaria, para depois daquelle exame, acertar em escrever o que se escolheu, com methodo e estilo correspondente á excellencia da materia? ¿ Quão judiciosos convem que sejão os escriptores, para divulgar as glorias da Patria sem immodestia, e para confessar tambem os desacertos com sinceridade, quando o principal idolo da Historia, que he a verdade, pedir este sacrificio? ¿ Quão perfeitos, e consummados, finalmente devem ser os homens, que se buscão para concorrer neste trabalho, com a flor dos talentos de Portugal, que aqui vejo congregados, capazes e proporcionados para tão ardua e relevante empreza, e por isso dignos de collegas mui diversos do que eu me considero? Entre varoens eminentes em todas as faculdades, como se achão nesta Assemblea, notavel felicidade seria conseguir huma entrada para ouvir, e aprender; mas he perigoso empenho ter hum exercicio, que traz consigo a necessidade de escrever, e ser ouvido.

Convenho em que não he facil encontrar sujeitos revestidos das qualidades, que se requerem para responder ás obrigaçoens, que acabo de ponderar; porém bastantes tinha esta Corte, a quem só huma desordenada vaidade me poderia impedir que reconhecesse por mais merecedores da occupação, com que me authorisaes. Eu os vejo, Senhores, com admiração que me haja preferido a elles o vosso favor, e he natural que elles me vejão neste lugar com grande duvida, de que possão as minhas producçoens desempenhar o credito da vossa escolha. Esta justa desconfiança da propria capacidade, tem maior razão para augmentar-se em mim, á vista da porção, que determinaes ao meu estudo; destinando-me a escrever em Latim, tudo quanto pertence á Lusitania Sacra Ultramarina. Como o primeiro fim do que obrarão os Portuguezes em todos os seus descobrimentos, foi de arvorar os Estandartes de Christo, e de fazer venerar a sua Santa Lei, aonde quer que elles podessem penetrar com as suas peregrinaçoens, entendendo que a continua conexão, que daqui resulta entre a Historia Ecclesiastica e a Secular daquelles Paizes, me obrigará a envolver na obra, para que fique menos imperfeita, tudo o que aconteceu até ao presente nas conquistas e povoaçoens, que fizerão além do mar os nossos naturaes. O que supposto, vem a tocar-me por distribuição a mais famosa parte da Historia,

não digo de Portugal, senão do mundo todo, pois se póde affirmar sem exageração, que não só este Reino, nem outra qualquer Região do mundo, vio desde o seu principio assumpto mais digno de immortal memoria.

Em quanto os nossos Antepassados combaterão com os Romanos, rechaçarão as Mouros, e disputarão o campo ás Potencias vizinhas, muito fizerão á proporção do seu poder, mas não adquirirão maior fama da que havião grangeado, em semelhantes guerras, algumas outras Naçoens; porém quando o animo Portuguez, não cabendo nos estreitos limites, que possuia na Hespanha, sahio a buscar fóra della theatro mais amplo ao seu valor, então foi, que levantando o esforço á medida das emprezas, e enchendo com o coração a immensidade do terreno, pareceo exceder com as suas acçoens as balizas da humana possibilidade. Então se distinguirão os Portuguezes entre todos os habitantes da Europa; não, invadindo, como outras Naçoens, Paizes mais cultos que os seus, e roubando a posse delles a quem justamente os governava, mas levando com zelo nunca visto a luz da Fé e das Leis a terras barbaras, e a gentes ferozes, que as não conhecião, ou as desprezavão. Para isto emprehenderão navegaçoens, que nem chegou a sonhar a extravagancia das mesmas fabulas, ou o furor dos mesmos Poetas; acometterão perigos, que a veneração de to-

dos os seculos, e o receio dos homens mais animosos, teve sempre por insuperaveis; e obrarão proezas, que escurecerão tudo quanto se tinha escrito dos mais famosos conquistadores.

E verdadeiramente; que comparação tem com estas expediçoens as de Alexandre, o qual, se venceo huma parte do Oriente, conduzio, para executar os seus intentos, hum poderosissimo exercito? ¿ Que semelhança tem com as dos Romanos, que em conseguir o Senhorio da Italia, poserão mais de quinhentos annos, e com a multidão de tropas, que depois disso tinhão á seu mando, gastarão ainda assim mais de duzentos para debellar os Reinos circumvizinhos? ¿ Que igualdade tem por fim as dos Povos do Norte, que inundando a Europa com nuvens de insectos, não chegarão com tudo a firmar o seu poder, senão depois de muitos seculos de resistencia? Quanto maior motivo de admiração se offerece a quem advertir que os nossos Nacionaes com pequeno numero de gente, como póde conjecturar-se da extensão deste Reino, em menos de cem annos, plantarão a Fé, estabelecendo a admiração, e introduzindo o uso da sua lingoa, em muito maior espaço de terra, do que comprehendem juntas as conquistas dos Macedonios, dos Romanos, e dos Septentrionaes! E talvez que continuasse ainda agora este maravilhoso Imperio os seus pro-

gressos, em lugar das perdas, que padeceu, se os impenetraveis juizos do Altisimo não houvessem privado por muitos annos da Soberania delle aos Monarchas Portuguezes, que com tanta vigilancia attendem á conservação daquelles Padroens da gloria, como estamos vendo no poderoso soccorro, que despacha para a India a providencia do Sabio Principe, que nos governa.

Por modesta que seja a narração, que fizer de tão rapidas conquistas a nossa Historia ultramarina, hum de dous conceitos será forçoso que formem os leitores; ou que a prudencia e a equidade do Dominio Portuguez fez receber sem repugancia a sua Lei em todas aquellas Regioens, suprindo o respeito do nome a limitação das forças; ou que as façanhas dos Portuguezes não tem exemplo nas de outra Nação. E seria ingrato á nossa Patria o mundo, se deixasse de reconhecer que deveu á ousadia Portugueza o sahir da prisão, em que viveu tantos mil annos, atado ao breve circuito de poucas terras, e até a costear pequenos mares. Deve-lhe, o que foi estimado pelos antigos sabios principio de toda a Sabedoria, isto he, o conhecimento de si mesmo, pois que sem os Portuguezes, ainda hoje ignoraria o mundo a sua verdadeira figura; ainda caminharião ás cegas os Filosofos, Geografos, e Astronomos, perdendo as suas meditaçoens em systemas vãos, por falta das lu-

zes, que depois dos nossos descobrimentos alcançarão, para melhor atinar com a verdade no conhecimento desta Maquina do Universo. Tantos segredos da Natureza penetrados, tantos problemas de Sciencias resolutos, tantas noticias aprendidas dos ultimos confins da terra, e tantas Artes aperfeiçoadas, ou achadas de novo por accasião da quellas viagens; a quem o devem os Europeos mais que ás fadigas e intrepidez dos nossos Maiores, que para tudo lhes abrio caminho e alhanou as difficuldades? Forão os Portuguezes os que annunciarão ao Genero humano que elle era duas vezes maior do que cuidava; forão os que derão parte que se achava habitado quasi tudo o que elle suppunha inhabitavel; forão finalmente os que ensinárão aos outros Povos do Europa a estender a navegação, até onde o Oceano estendesse as suas agoas; a augmentar o commercio por meios mais abundantes dos que se havião nunca praticado, e a dilatar o Dominio por causas mais legitimas, com intento pio, e merecedor dos auspicios do Ceo.

Eis-aqui, Senhores, quão largo campo me põe diante dos olhos o emprego que me dais. Mas ¿ *quid dignum tanto feret hic promissor hiatu?* Permitta a Divina Bondade, que possa o meu trabalho converter a fertilidade delle em proveitosa seára, antes do que degenere em inuteis abrolhos, malogrado pela minha impericia.

Grande sem duvida, desigual aos meus hombros he o encargo, pela gravidade da materia; mas ¿ para minha reverencia não he mais de temer pelo Antecessor, que tive nelle; e quem entraria sem temor a occupar hum lugar, que tão conhecidamente enchia entre vós o Senhor Antonio Rodrigues da Costa? ¿ Hum Varão ornado de todo o genero de erudição, dotado de grande madureza, solidez, e perspicacia; critico mui judicioso, possuidor da mais pura Latinidade; versado nas Letras gregas, e conhecimento de outras muitas linguas? ¿ Hum Varão em fim, a quem havião affinado o engenho, e adquirido a veneração universal os seus muitos annos, assidua e venturosamente empregados em utilidade da Patria? Por mais que me desvaneça o favor de ver-me escolhido por vós, mui louca presumpção seria a minha, se imaginasse poder substituir dignamente a falta de hum tal collega, de quem vos será sempre saudosa a lembrança, e mui difficilmente reparavel a perda. Quando me não inspirassem este sentimento as obras, que deixou mais completas, bastaria a lição de hum breve fragmento da Historia ultramarina, que delle vemos no I. tomo das Conferencias Academicas, para que perca a esperança de compor nunca cousa, que mereça a vossa approvação, á vista do que vos promettia aquelle elegantissimo Exordio.

Todas estas consideraçoens me trazem des-

maiado á vossa presença, reparando na pobresa do meu talento, e no muito a que me empenha a confiança, que vos dignasteis mostrar delle. Parece-me que, aggregado a hum corpo tão conspicuo, venho a fazer nelle o mesmo effeito, que fazem no diamante as fachas, e as manchas no Sol; e temo que não sirva a sublimidade do lugar, se não para deixar mais expostos á censura os meus defeitos. Se para mostrar a estimação devida ao beneficio, que de vós recebi, bastasse hum fidelissimo reconhecimento, este será tão inalteravel no meu conceito, quanto he sincera a confissão de não o haver merecido. Assim podessem as obras igualar a fineza do agradecimento! Mas a memoria sempre viva da benevolencia, com que me distinguis; o pejo de que haja de desmentir-se, e macular-se em mim, o costumado acerto das vossas eleiçoens; a communicação da vossa doutrina, o estimulo do vosso exemplo, e o deleite, que se sente nos estudos, quando com elles se póde fazer obsequio a hum Rei, que tanto nos anima, e a huma Patria que tanto nos honra, serão continuos despertadores á minha applicação, e daráõ azas ao meu rasteiro entendimento, para que procure elevar-se de sorte, que possa em alguma parte corresponder á vossa expectação.

Memoria Historica e Geographica da descoberta das Minas, Extrahida de Manuscritos de Claudio Manoel da Costa, Secretario do Governo daquella Capitania, que consultou muitos Documentos authenticos, existentes na Secretaria do Governo, e em outros Archivos.

OS naturaes da Cidade de S. Paulo, que tem merecido a hum grande numero de Geographos, antigos e modernos, a reputação de homens sem sujeição ao seu Soberano, e de faltos do conhecimento e respeito, que se deve prestar ás Suas Leys (1), são os que nesta America tem dado ao mundo as maiores provas de obediencia, fidelidade, e zelo, pelo seu Rey, e pela sua patria. A vigilancia, com que attendião pela armonia, e utilidade do seu paiz, os aconselhou, muito antes que a todo o Portugal, á fazer sahir das suas terras os Padres denominados da Companhia de Jezus (2); por sediciosos os poserão elles em hum total exterminio em o mez de Julho de 1640. E por effeito de huma caridade indiscreta de Fernão Dias Páes, forão depois resti-

(1) Lambert. Hist. Univ. t. 14. pg. 5. 53 e seg., Interesse das Naç. t. I. pg. 4., 102, Vaisete Geogr. pg. 216., &c.

(2) Vaisete pg. 217.

tuidos a S. Paulo em o anno de 1653, contra o voto commum.

Trabalharão incessantemente por augmentar os interesses da Fazenda Real, e se glorião de que fossem os Paulistas Carlos Pedrozo da Silveira, e Bartholomeu Boeno de Serqueira, os primeiros, que appresentassem as amostras do ouro das Minas Geraes, ao Governador do Rio de Janeiro Antonio de Sande, pelos annos de 1695.

Fallecendo o dito Sande, ficou com o Governo Sebastião de Castro Caldas, o qual remetteo a ElRey D. Pedro as amostras daquelle ouro, com carta datada no Rio de Janeiro, em 16 de Junho do mesmo anno de 1695.

Por este tempo foi S. M. servido despachar a Artur de Sá e Menezes por Governador e Capitão General do Rio de Janeiro; e por Carta Regia de 16 de Dezembro de 1696, lhe ordenou passasse aos descobrimentos das Minas do Sul, a executar o que se havia encarregado á Antonio Páes de Sande, praticando com os Paulistas benemeritos as mesmas honras, mercês de Habitos, e Foros de Fidalgos, conteudos na Real instrucção, que pela Secretaria de Estado se expedira ao dito Sande.

Buscando porém as cousas na sua origem, he certo que não póde averiguar-se qual fosse indubitavelmente o primeiro Paulista, que descobrio as Minas Geraes. He sem controver-

sia, que o primeiro objecto dos conquistadores de S. Paulo foi o captiveiro dos Indios, que elles substituião á falta dos escravos, que depois entrarão em grande copia das Costas de Africa (3). Desde o estabelecimento daquella povoação em 1554, dia da conversão de S. Paulo, donde deriva o nome, se deve presumir que giravão muitos dos conquistadores pelo centro do sertão, e atravessavão as Minas; sahindo em bandeiras, que assim chamavão as companhias, que para esta diligencia se armavão, e recolhendo-se depois com a preza, que facilmente podião segurar (4).

Dos sertoens penetrados era o mais notavel o da Casa da Casca, nome que se deo a huma Aldêa sobre as margens do Rio-doce, que desagoa na Capitania do Espirito Santo, e começa a formar-se no corrego do ouro preto, recebendo depois em si immensos ribeiros, e rios caudalosos. Destes Sertoens se recolhia na era de 1693 Antonio Rodrigues Arzão,

(3) A beneficio da liberdade se publicarão as providentissimas Leys de 30 de Julho de 1609, 10 de Setembro de 1611, e a novissima de 6 de Junho de 1755, a qual abolio e derogou toda a restricção, que havia ácerca dos quatro cazos, em que era licito o captiveiro dos Indios.

(4) Secr. do Cons. Ultramar. L. 1673 das cart. do Rio de Jan. f. 160—163.

natural da villa de Taboaté, com mais 50 homens da sua comitiva; e chegado que foi á Capitania do Espirito Santo, apresentou ao Capitão Mór Regente daquella Villa tres oitavas de ouro. A camara as recebeo com agrado, e lhe subministrou os viveres e vestiarias de que carecião, segundo as ordens que de ElRey tinha. Deste ouro se mandarão fazer duas memorias, huma que ficou ao dito Arzão, e outra que tomou para si o Capitão Mór.

A denunciação desta limitada porção foi, segundo a maior probabilidade, a primeira que se fez do ouro descoberto nas Minas Geraes; e a de Carlos Pedrozo da Silveira, de que se conserva memoria em S. Paulo, com rasão se suppoem posterior a ella.

Antonio Rodrigues Arzão não podendo ajuntar na Villa do Espirito Santo a gente, de que precisava, para segunda vez penetrar pelos sertoens, se passou ao Rio de Janeiro, e dahi para S. Paulo. Nesta Cidade, ferido gravemente dos trabalhos que passara, enfermou, e veio finalmente a morrer, deixando encarregado a Bartholomeo Boeno, seu cunhado, de continuar o descobrimento, de que havia apresentado mostras.

Era Bartholomeo Boeno dotado de bastante agilidade, e fortaleza de espirito; e como tinha perdido em jogos todo o seu cabedal, foi facil querer melhorar de fortuna, tomando sobre si com os filhos de alguns paren-

tes e amigos, a grande empreza a que havia dado principio Antonio Rodrigues Arzão. Guiados pelo roteiro, que lhes deixara o fallecido, sahirão da Villa de S. Paulo pelo anno de 1697. Romperão os matos, e servindo-lhes de norte os picos, e cabeços de algumas serras, que erão os faróes na penetração dos densissimos bosques, vierão finalmente estes generosos aventureiros a sahir sobre a Itaverava, serro que de Villa rica dista pouco mais de 8 legoas. Ahi plantarão meio alqueire de milho, e porque este sertão era mais esteril de caça, que o do rio das velhas, para este ultimo passou Bartholomeu Bueno a tropa, em quanto madurecia a pequena sementeira, de que esperava manter-se para continuar o descobrimento. No anno seguinte, que foi o de 1698, voltarão os referidos sertanejos a colher a sua plantação, e entrando na sua Itaverava, forão encontrados pelo Coronel Salvador Fernandes Furtado, pelo Capitão Mór Manoel Garcia Velho, e por outros, conquistadores tambem do gentio, e povoadores das Villas, que ficão a E. de S. Paulo. Já a este tempo os primeiros sertanejos trabalhavão com algum desembaraço, ajudados de hum grande numero de Indios, que havião captivado nos sertoens do Caeté, e Rio-doce, mas como lhes obstava a falta de experiencia e pericia necessaria, e não tinhão instrumentos de ferro para a labutação, contentavão-se com o pouco, que apenas podião apurar em

pequenos pratos de páo ou de estanho, servindo-lhes páos aguçados de cavar a terra, e de descobrir os pequenos cascalhos, ou formaçoens, em que se conserva, e cria o ouro. Quiz Miguel de Almeida, hum dos companheiros de Boeno, melhorar de armas, e propoz ao Coronel Furtado a troca de huma clavina, dando-lhe em retorno todo o ouro, que se achase nos da comitiva. Acceitou o Coronel a offerta, e dando-se busca, não se achou entre todos mais que doze oitavas de ouro. Recebeu-as o Coronel; e como Manoel Garcia Velho quizesse ter a vaidade de apparecer com todo aquelle ouro em S. Paulo, cometteu ao Coronel a venda de duas Indias Mãi e Filha por preço das doze oitavas. Conveio este no trato, e comprou as Indias; e despedidos os sertanejos huns dos outros, partio ufano para S. Paulo o Capitão Mór Manoel Garcia Velho. Entrando este na Villa de Taboaté, ahi o foi visitar Carlos Pedroso da Silveira, e porque lhe não faltava manha e engenho para se conciliar com os patricios, houve a si as doze oitavas de ouro: com ellas se passou ao Rio de Janeiro e apresentando-as ao Governador Sande, foi premiado com a patente de Capitão Mór de Taboaté. Conseguintemente o nomeou o mesmo Governador por Provedor dos quintos, concedendo-lhe a authoridade necessaria para estabelecer fundição na mesma Villa, por ser ella a povoação, onde desemboca-

vão primeiro os conquistadores. Por este modo se vê que, posto que o Arzão denunciasse primeiro que o Silveira o ouro das Minas Geraes, a sua morte impedio o progresso desta denunciação, e conseguio o Silveira a gloria de apresentar o ouro, que não descobrira. A denunciação feita pela interposta pessoa de Carlos Pedroso da Silveira, e o estabelecimento da Casa de fundição em Taboaté, forão os dous fortes estimulos, que animarão aos Paulistas a armar tropas, prevenir-se de alguma fabrica mais proporcionada ao uso de minerar e a desamparar a patria, rompendo os matos geraes da grande serra do Lobo, que divide a Capitania de S. Paulo, até penetrarem no mais recondito das Minas, menos já na conquista do gentio, que na deligencia do ouro.

O grande numero de concorrentes, que buscavão as Minas, e a emulação, que logo se accendeu entre os da Villa de S. Paulo, e os naturaes de Taboaté, fez que derramados por varias partes, buscassem cada hum novo descobrimento em que se estabelecesse; não se contentando os Paulistas de entrarem em parte nas repartiçoens, que denunciavão os de Taboaté, nem estes nas que denunciavão os Paulistas. Esta opposição, que tinha hum semblante de fanatismo, por serem todos da mesma patria, posto que de differentes districtos, veio finalmente a produzir a grande utilidade de se desentranharem cabalmente as Minas do ouro,

não se perdoando ao rio mais remoto ou caudaloso, nem á serra mais intratavel e aspera, se bem que o conhecimento do ouro nas montanhas e serras veio mais tarde que o dos rios, e de seus taboleiros, que são as margens planas que os bordão. Como porem seria summamente extensa huma relação individual de todos os nomes da multiplicidade dos que se glorião de descobridores, bem como dos rios, corregos, e serras, que por sua ordem se forão descobrindo; ainda que de tudo isto tenhamos huma veridica e sufficiente informação, contentar-nos-hemos de fazer ver ao leitor pelas datas dos tempos, quaes forão aquelles, que derão ao manifesto as mais ricas *faisqueiras*, em que hoje se achão creadas as Villas do Ouro preto, do Sabará, e a Cidade de Marianna; as Villas do Caeté, de S. João d'El-Rei, do Principe no Serro Frio, que fazem as cabeças das quatro Comarcas da Capitania de Minas Geraes.

Villa do Carmo, hoje Cidade de Marianna.

MAnoel Garcia, natural de Taboaté, foi o primeiro, que deu ao manifesto hum corrego, que faz barra no ribeirão do Campo, e he comprehendido no districto da Cidade de Marianna. Fez a repartição o Guarda Mór Garcia Rodrigues Velho, com assistencia do Escrivão

das datas Salvador Fernandes Furtado. João Lopes de Lima, natural de S. Paulo, descobrio pelo mesmo tempo o ribeirão chamado do Carmo, e o manifestou em 1700. Repartio-se; e porque as suas faisqueiras erão impraticaveis pela grande frialdade das agoas, despenhadeiros, e densissimos matos, que o bordavão, o que não permittia que se trabalhasse dentro delle mais de quatro horas por dia; além da grande penuria de mantimentos, que chegou o alqueire de milho a valer 30 e 40 oitavas, e 80 o de feijão, foi facil desampararem os mineiros por algum tempo a sua povoação, e só permaneceu nella o Coronel Salvador Fernandes Furtado. Dista este ribeirão da barra do Rio doce 16 a 18 legoas, e pela volta do rio se computão 30. Está situado em 20° 21' de latitude S. Foi creado em Villa em 8 de Abril de 1711, pelo Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

Ouro-preto, ou Villa rica.

O Ouro-preto, que comprehende em si varios ribeiros, e morros de differentes denominaçoens, como são Passa-dez, Bom-successo, Ouro-fino, ou Boeno, &c. teve por descobridores nos mesmos annos de 1699, 1700, 1701, a Antonio Dias, natural de Taboaté, ao Padre João de Faria Fialho, natural da Ilha de S. Sebastião, que viera por Capellão das tro-

pas de Taboaté, a Thomaz Lopes de Camargo, que se estabeleceo nas lavras, que depois vierão a ser de Pascoal da Silva, e a Francisco Boeno da Silva, ambos Paulistas. Destes tomarão nome alguns bairros de Villa Rica. Foi erecta em Villa pelo Governador Albuquerque em 8 de Julho de 1711. Está situada em 20° 24'

Sabará.

O Dilatadissimo sertão de Sabará Bussú foi penetrado muito antes de qualquer das Minas, por quanto os primeiros conquistadores demandavão o Rio das Velhas, cujas extensas campinas erão mais povoadas de gentio, e ferteis de caça; e as primeiras deligencias do ouro e pedrarias se fizerão ao N. de S. Paulo. Consta que o seu descobridor, ou denunciante de suas faisqueiras, fora o Tenente General Manoel de Borba Gato, natural de S. Paulo, no anno de 1700. Por inacção do Governador Antonio de Albuquerque, assistio á repartição o Governador Artur de Sá e Menezes. Passou a Villa em 17 de Julho de 1711. A sua situação he em 14° 25''

Caeté, Villa da Rainha.

ENtre o Sabará e o arraial S. Barbara se creou a Villa-nova da Rainha, conhecida ainda

pelo nome Brazilico de *Caeté*, que vale o mesmo que mato bravo sem mistura alguma de campo. Foi descobrimento do Sargento Mór Leonardo Nardes, Paulista, e de huns fulanos Guerras, naturaes da Villa de Santos. O Governador D. Braz da Silveira lhe deo o foral de Villa em 29 de Janeiro de 1714, em virtude da faculdade concedida ao seu antecessor Antonio de Albuquerque. Está situada em 19° 55′

Serro Frio, Villa do Principe.

ANtonio Soares, natural de S. Paulo, avançando maior salto que todos os outros, atravessou os sertoens ao N. de S. Paulo, e descobrio o grande serro chamado *do Frio*, que na lingua gentilica era tratado por Hyvituruy, por ser combatido de frigidissimos ventos, todo penhascoso e intratavel. Do seu descobridor se conserva o nome em huma das suas serras, que hoje se conhece pelo morro de Antonio Soares. Neste descobrimento se associou hum Antonio Rodrigues Arzão, descendente do primeiro Arzão, de quem já demos noticia. As grandes preciosidades deste continente em ouro, diamantes, e pedrarias de todo o genero, são bem conhecidas por toda a Europa. Nelle se estabeleceo o Real contrato dos diamantes, que tem devido aos Senhores Reis de Portugal a maior vigilancia e zelo, especial-

mente ao Senhor D. Pedro II. de saudosa memoria, que beneficiou, e honrou com muitos privilegios e regalias aos que se empregassem neste exercicio; encarregando aos Governadores do Estado do Brazil D. Francisco de Souza, e Salvador Corrêa de Sá, de promoverem por todos os modos os descobrimentos do ouro, pedrarias, e mais haveres, que promettia o largo Continente do Brazil, os quaes se esmerarão muito na sua commissão. A Capital denominada Villa do Principe foi creada por D. Braz da Silveira em 29 de Janeiro de 1714. Está situada em 14°, 17′

Rio das Mortes — Villas de S. João, e de S. José.

O Rio das Mortes, que os Paulistas e viandantes das mais partes atravessavão frequentemente nos primeiros tempos, por distar do Ouro-preto pouco mais de 5 dias de jornada ordinaria, foi descoberto por Thomé Portes de ElRey, natural de Taboaté, muitos annos depois do descobrimento das primeiras povoaçoens. Ahi se creou a Villa de S. João d'ElRey, ficando-lhe a E. a de S. José no lugar chamado a Ponta-do-morro, que foi descobrimento de João de Serqueira Affonço, natural de Taboaté. Forão creadas estas Villas pelo Governador D. Pedro de Almeida, em 19 de Janeiro de 1718. S. João está em 21° 20′, e S. José em 21°, 5′,

Além destes tão assignalados serviços, em que se vê a grande parte, que tiverão os Paulistas, o achado das esmeraldas he hum facto de muita consequencia para que o passemos em silencio.

Em 27 de Setembro de 1664 commetteo o Senhor Rei D. Affonso VI., a Agostinho Barbalho a empreza do descobrimento das esmeraldas, facilitando-lhe o fim deste negocio com huma carta, que escreveo o mesmo Senhor á Fernão Dias Paes, cujo zelo e capacidade já erão bem conhecidos na Corte; em que lhe ordenava que prestasse todo o soccorro necessario para a conclusão deste particular. Esta carta fez tanta impressão no espirito generoso de Fernão Dias, como se póde colligir da presteza, com que satisfez ás primeiras ordens, que nella se continhão.

Depois de passados alguns annos, tempo em que já estava no Throno o Senhor D. Pedro II.; sabendo Fernão Dias que com a morte de Agostinho Barbalho não tiverão effeito as ordens que trouxera, se quiz encarregar voluntariamente da execução dellas; escrevendo primeiro a Affonso Furtado de Mendonça, Governador, que era então daquelles Estados, e tinha a sua residencia na Bahia, e offerecendo-se-lhe para este fim com a sua pessoa, e com todos os seus bens. Mandou-lhe Affonso Furtado huma patente de primeiro chefe daquella empreza aos 30 de Abril de 1672, e nos principios de 1673 se pôz

Fernão Dias em marcha com varios parentes e amigos, demandando o sitio, em que Marcos de Azeredo fazia certo o descobrimento das esmeraldas; e sofrendo trabalhos e perigos infinitos, chegou á paragem chamada pelos naturaes *Anhonhecanhuva*, que quer dizer *agoa que se some*, e entre nós tem o nome de *sumidouro*. Aqui se deteve Fernão por espaço de quatro annos com pouca differença, e fez varias entradas no Sabará Bussû, que vale o mesmo que cousa felpuda, e he huma serra de altura desmarcada, que está visinha ao sumidouro, á qual chamão todos hoje comarca do Sabará. Nella achou diversas qualidades de pedras, que por falta de pessoa entendida nestas materias se lhes não sabia dar o valor, de que talvez erão dignas!

Da sua demora e soffrimentos nasceo a discordia entre muitos dos seus companheiros; que quasi todos conspirarão contra a sua vida, e por ultimo o deixarão só. Neste desamparo Fernão Dias não esmorece, antes cuida em apressar a sua derrota, com animo de se dirigir em direitura a *Hepabussú*, ou *Vepabussú*, que equivale a *Lago-grande*, e junto deste se suppunhão os socavoens das esmeraldas. Falto porém do necessario para continuar a sua expedição, escreve a sua mulher, e lhe ordena se lhe não recuse cousa alguma do que pede. Com effeito chegou o Postilhão, e trouxe comsigo o que Fernão pedia. Poze-

rão-se logo a caminho, e forão discorrendo por huma dilatada montanha, até que chegarão á *Tocumbira*, que quer dizer *papo de Tocano*; e deixando todo este passo avassallado, partirão para Itamirindiba, que propriamente significa *pedra pequenina e boliçosa*, e he hum rio muito fertil de peixe. Aqui pararão por algum tempo, e se prevenirão contra qualquer invasão do gentio; e ultimamente seguindo o rumo do N., depois de atravessarem grande parte dos incultos sertoens, chegarão a ver as agoas do Vepabussú. Aqui cuidou logo Fernão em expedir cem *bastardos* (especie de tropa ligeira) dos que trazia, a fim de explorarem o terreno, e ver se achavão alguma lingoa, que os informasse melhor do que buscavão. Não se frustrou esta diligencia; porque vendo os bastardos sobre o cume de huma montanha muita gente daquella, que podia dar noticia das pedras pertendidas, investirão com ella, e apenas segurarão hum, que sendo conduzido á presença de Fernão, mandou este que com toda a humanidade fosse tratado entre os seus. Era este hum moço robusto, e de animo seguro, e sendo inquirido, descobrio com effeito os socavoens de Marcos de Azeredo, junto a hum morro, que corre de N. ao S.

Sete annos trabalhou Fernão nesta empreza, rompendo muitas vezes com os seus, que o aconselhavão se retirasse para Itamirindiba, e

aguardasse por tempo mais oportuno para a conclusão do descobrimento; certificando-o de que os matos circumvisinhos a Vepabussú exalavão hum halito pestilento e mortifero. Finalmente mandou enforcar á vista de todos os seus soldados hum filho bastardo, que muito estimava, por lhe constar que conspirava contra a sua vida. Chegou com effeito a ver o que tanto desejava; porém fazendo-se na volta de S. Paulo, donde era natural, não quiz o Ceo que elle tivesse a gloria de apresentar ao seu Soberano o testemunho do seu zelo. Morreu junto ao Guaycuhy, que entre nós vale o mesmo que Rio das velhas.

Serie dos Governadores.

Os primeiros Governadores residião no Rio de Janeiro; e tinhão annexa a Capitania de S. Paulo ou S. Vicente, que comprehendia as Minas já descobertas, e as que para o futuro se descobrissem, como consta do Regimento de Valhadolid de 15 de Agosto de 1603, e Alvará de 8 de Agosto de 1618. Porém tomando a serie do primeiro, que entrou nas Minas (deixando alguns Governos interinos de ordem de El-Rei, ou sem ella), o primeiro destes que governarão esta Capitania separada ou collectivamente com as de S. Paulo e Rio de Janeiro, foi D. Rodrigo de Souza.

Falecendo Fernão Dias Paes, quando se

recolhia a enviar a El-Rei as mostras das esmeraldas, deixou a seu genro Manoel de Borba Gato, morador no Rio das Velhas, a polvora, chumbo, petrechos e ferramentas dasua labutação; para voltar ás Minas logo que recebesse as Reaes ordens. Pelos annos de 1688 subia D. Rodrigo accompanhado de alguns Paulistas, como forão Matheus Cardozo, Domingos do Prado, João Saraiva de Moraes, e varios outros, que tinhão pratica dos sertoens das Minas; e avezinhando-se ao Borba, no intento de passar aos socavoens das esmeraldas, lhe mandou pedir o soccorro que precisava de polvora, chumbo, e ferramentas. Repugnou o Borba, sob pretexto da espera, em que estava de seu sogro Dias; e querendo os que accompanhavão o Fidalgo hir violentamente despojar o Borba do que pedião, calmou D. Rodrigo este primeiro impeto, tomando sobre si a conclusão do negocio por meios mais arrasoados.

Desordenou a imprudencia de hum areago toda a felicidade do empenho; e ainda que sem mandado expresso do Borba, foi então morto D. Rodrigo por huns pagens ou bastardos, que vivião aggregados ao Borba; o qual se salvou engenhosamente, affectando a repentina chegada de Fernão Dias. Poserão-se logo em fugida os Paulistas da comitiva de D. Rodrigo, e forão elles os primeiros, que se entranharão pelo Rio de S. Francisco, povoarão, e encherão de gado as suas margens,

de que hoje se sustentão as Minas Geraes; e nem mais quizerão voltar para a patria, envergonhados do engano, em que havião cahido. O Borba temoroso das justiças, e que sobre a sua prizão fizesse El-Rey as maiores diligencias, metteo-se ao sertão do Rio-doce com alguns Indios domesticos da sua comitiva, e ahi viveo varios annos respeitado por Cacique; do modo que o permittia hum tal estado. Com tudo os remorsos o obrigarão a mandar dous Indios praticos a S. Paulo, para se informarem dos seus parentes sobre o estado do seo crime. Estes lhe facilitarão o accesso ao Governador Artur de Sá e Menezes, recentemente chegado áquella Capitania; o qual lhe fallou com affabilidade, e lhe prometteo o perdão em nome d'El-Rey, com tanto que elle fizesse certo o descobrimento do Rio das Velhas.

Bem se póde considerar o estado em que se achavão as Minas por este tempo, em que o despotismo, e a liberdade dos facinorosos punhão, e revogavão as Leis a seu arbitrio. O interesse regía as acçoens, e só se cuidava em amontoar riquezas, sem se attender á innocencia dos meios. A soberba, a lascivia, a ambição, e o atrevimento tinhão chegado ao ultimo ponto.

Aprestado o Borba, e soccorrido de muitos parentes e amigos, accompanhou a Artur de Sá, e chegando ao Rio das Velhas, deo ao manifesto este descobrimento; fazendo-se digno

pela riqueza de suas faisqueiras, de que o Governador o premiasse com a patente de Tenente General de huma das Praças do Rio de Janeiro.

Pouco tempo se demorou Artur de Sá no Rio das Velhas, lavrando o mais facil daquelles ribeiros; e se retirou outra vez para S. Paulo, substituindo huma especie de jurisdicção no civel e crime, ao Guarda Mór das repartiçoens das terras e datas mineraes Domingos da Silva Bueno, creado pelo mesmo Governador.

Com a ausencia de Artur de Sá tornarão as Minas á primeira desordem. As distancias das quatro Comarcas já penetradas, e cheias de grande numero de povoadores de differentes Capitanias, difficultavão as providencias de hum só homem, em quem ainda não acabavão de reconhecer os povos a jurisdicção, de que estava munido.

Por este tempo se começarão a suscitar os odios entre os filhos de S. Paulo, e os naturaes de Portugal, que elles denominavão *Buabas*. Dous Frades, cujos nomes e Religioens se calão por evitar o escandalo, fomentarão o calor desta desunião. Vivião elles na liberdade, que permittia o paiz, e a impulsos de huma desordenada ambição, atravessarão com tres arrobas de ouro, fumo, e cachaça, para venderem estes generos monopolisados pelo mais alto preço. Não parando aqui, pertenderão estender o monopolio ás carnes; e encontrando opposição nos Paulistas, resolve-

rão acabar com elles, expellindo-os de huma vez das Minas, que havião conquistado, e em que se achavão estabelecidos com as suas familias e fabricas. Hum destes Religiosos aconselhou que se fingissem ordens Regias, por meio das quaes, pretestando o interesse commum, se recolhessem todas as armas dos Paulistas a hum armazem publico, tratando-se de rebelde o que recusasse obedecer. Tomadas assim as armas, forão prezos os Paulistas mais poderosos, e de quem mais se temião, Domingos da Silva Rodrigues, e Bartholomeu Boeno Feijó. Com as prisoens destes se intimidarão os outros, accrescendo para os aterrar a noticia, que em breve circulou, ou falsa, ou verdadeira, de hum massacro, que lhes estava preparado para certo dia. Em consequencia fugirão a maior parte dos Paulistas; e ainda hoje conserva o nome de *Capão da Traição* hum sitio junto ao Rio das Mortes, aonde hum troço destes desgraçados, que procurava a sua patria, conduzido por Gabriel de Góes, sendo sorprendido por Bento do Almaral Coutinho, e deixando-se persuadir das rasoens deste malvado, acompanhadas do mais tremendo juramento; porque erão isentos da vil perfidia, os Paulistas entregarão as armas, e para logo forão todos assassinados, e roubados por Amaral, e seus sequazes.

Havião os rebelados revestido com o caracter de Governador a Manoel Nunes Vian-

na, homem ambicioso, e que ardia por governar; com tudo deve-se confessar que entre todos os levantados daquelle tempo era elle o de melhor indole. Não consta que commettese positivamente acção alguma damnosa ao proximo: desejava reger com equidade o desordenado corpo, que se lhe ajuntara; acolhia com afabilidade a huns e a outros; soccorria-os com seus cabedaes; apaziguava-os; compunha-os, e os serenava com bastante prudencia. Fizerão elles conselho, e determinou-se que por 8 ou 9 annos disfrutassem as Minas, não consentindo Governadores, nem justiças nellas, e sustentando-se como em Republica a seu arbitrio; e que depois, se não alcançassem perdão d'El-Rey, facilmente se passarião para as Indias de Hespanha. Nisto votarão com mais efficacia os desertores da Praça da Colonia, de que havia hum grande numero habitando nas Minas, e cujo principal Chefe era Antonio Francisco, que o Vianna havia nomeado Mestre de Campo, logo que se arrogou o Governo.

Succedendo huns a outros factos, e a discordia estando já no seu auge, tomarão-se as armas de parte a parte; e os Paulistas commandados por Amador Boeno, e desafiados por carta de Ambrozio Caldeira Brano, que mandava os rebellados, investirão a Fortaleza, que estes havião erigido, fronteira á Villa de S. João d'El-Rey. Durou o attaque

quatro dias, e quatro noites, ficando dos rebelados 80 mortos, e muitos feridos. Os Paulistas não tiverão mais de 8 mortos, e muito poucos forão os feridos; mas, não obstante, os sitiados ficarão vencedores. Desta sorte conseguirão os Europeos a expulsão e despejo dos Paulistas pelos annos de 1709, e 1710. Em 22 de Agosto de 1709 tinhão-se os Paulistas obrigado, por hum termo lavrado na Camara de S. Paulo, a marcharem com o seu Exercito, sómente para o fim de segurarem o Real Quinto nas Minas, e sometterem á paz e obediencia os vassallos de Portugal, que nellas se achavão postos em rebeldia; e em todo este tempo derão evidentes provas de que nem a vingança, nem a rebellião dirigião as suas acçoens; deixando passar livremente os Portuguezes, que hião de volta para o Rio de Janeiro: e até punindo severamente aquelles, que pertendião roubar, ou insultar os filhos de Portugal.

Atormentavão os ouvidos de D. Fernando Martins Mascarenhas os tumultos e desordem, em que estavão as Minas; e querendo este, que foi o terceiro Governador, hir pessoalmente socega-las, marchou para ellas do Rio de Janeiro em 1710. Chegou ao Rio das Mortes com o intento de passar ao Ouro preto, aonde residião principalmente os chefes dos levantados. Não consentio no obsequio de alguns Paulistas e Filhos de Portugal mais bem intencionados, que pertendião accompanha-lo,

por evitar assim maior ruido entre os sublevados; porém não cessarão aquelles de espalhar que D. Fernando trazia cargas de correntes, e outros aparelhos para punir os complices da conspiração contra os Paulistas.

Derramada esta voz pelas Geraes, se dispoz Manoel Nunes Vianna para tomar-lhe o passo; armando em tom de politica e cortejo, hum grande numero de homens de a cavallo, e distribuindo ordens por todos os districtos circumvizinhos ao Ouro preto, para que os moradores se apromptassem para huma diligencia, sob' pena de morte. Chegava D. Fernando ao Arraial das Congonhas, quando os que accompanhavão o Vianna, avistando de longe o Governador, clamarão = Viva o nosso Governador Manoel Nunes, e morra D. Fernando, se não quizer voltar para o Rio de Janeiro. = Querem alguns que Vianna entrasse violento nesta acção; mas he certo que elle pertendeo escusar-se do conceito de rebelde e sublevado, passando occultamente na noite seguinte a fallar com D. Fernando; e protestando-lhe estar prompto para entregar o Governo quanto a sua parte; de tudo lhe pedio huma attestação. Porém apezar disto o Governador assustado com a inesperada saudação dos rebeldes, pedio 8 dias para se retirar, os quaes lhe forão concedidos; e assim mesmo se não aproveitou do beneficio, porque sem muita demora deo as costas ás Minas, e vol-

tou para S. Paulo. Alli trabalhava com ancia em se reforçar com os Paulistas para vir sobre os levantados, fazendo a afronta commua; e meditando para o seu despique puxar tropas do Rio e Bahia, e juntos atacarem ao mesmo tempo, e por toda a parte as Minas.

Chegou ao Rio de Janeiro a Frota de Portugal, e nella veio render a D. Fernando, o Governador e Capitão General Antonio de Albuquerque. Sem perda de tempo se poz este em marcha para as Minas; e levando a resolução de entrar nellas disfarçado, buscou o arraial do Caeté, afim de ter huma entrevista com hum Sebastião Pereira de Aguilar, filho da Bahia, homem rico e poderoso, de conhecido valor e espirito, e que tinha então tomado sobre si atacar o Vianna, e a todos os seus parciaes, pelas injustiças e violencias, que praticavão, especialmente com os filhos do Brazil de qualquer Provincia, a quem se havia estendido o odio, conciliado contra os Paulistas. Consta que o dito Aguilar escrevera a S. Paulo ao Governador Mascarenhas, offerecendo-se-lhe para segurar o Governo, com o poder de muitas armas, e gentes, que tinha adquirido. Talvez foi este o motivo que obrigou ao Albuqueque a fazer a sua entrada por aquelle districto. Na passagem, que fez o Albuquerque pelos levantados, foi conhecido por Antonio Francisco, o Capitão José de Souza, que vinha na sua guarda; de cuja Com-

panhia fora soldado na Praça da Colonia o mesmo Antonio Francisco. Comprimentarão-se sem receio, e o Capitão lhe deo a noticia de haver já entrado nas Minas o Governador; persuadindo-o ao mesmo tempo com fortes razoens, de que o buscassem, e se lançassem a seus pés os chefes dos conjurados, se querião melhorar o semblante da sua causa.

A perturbação, em que se via o Governador Vianna, combatido já pela avultada parcialidade de Sebastião Pereira, já pelo susto do tremendo castigo, que vinha de insinuar o Capitão José de Souza, o obrigou, bem como a Antonio Francisco, e a muitos outros cabeças dos levantados a partirem sem demora para o Caeté. Ahi se achava o Governador, hospedado em casa de huns tres irmaons Mirandas Pereiras, talvez parentes ou amigos de Sebastião Pereira de Aguilar. Prostrarão-se os rebeldes aos pés de Albuquerque, desculpando os seus crimes do modo possivel: este os recebeo affavelmente; e não querendo usar do poder, de que vinha munido, segurou a todos o perdão, pela emenda, que dessem a conhecer para o futuro; capacitando ao Vianna, e a Antonio Francisco de que não convinha a sua assistencia nas Minas, a fim de melhor calmar o tumulto do povo. Retirarão-se os dous com este conselho para as Fazendas, que tinhão nos sertoens, e o povo socegou com a sua ausencia. Albuquerque proseguio na creação das

Villas, e estabelecimentos da Capitania. Que fadigas, que trabalhos não passaria o prudente General, para segurar o bom exito de huma tão escabrosa, como interessante empreza? Foi elle o primeiro, que soltou com ardimento as redeas do Governo; que pizou as Minas com o luzimento e firmeza correspondente ao caracter que o Rey lhe dera; que promulgou as Leys do Soberano, e fez respeitar o seu Nome neste Continente.

A Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho succedeo D. Braz Balthazar da Silveira, que tomou posse na Camara de S. Paulo em 1713, e passou para as Minas no fim de Setembro do mesmo anno. Foi o seu Governo bastantemente critico por encontrar a opposição dos povos na erecção das casas de Fundição. Subjugou heroicamente alguns levantamentos e sublevaçoens, principalmente em Pitangui, sendo o seu author Domingos Rodrigues do Prado. De Villa Rica foi ter a Marianna em 28 de Junho de 1720. Aqui lhe foi necessario prender huns, e castigar outros com a ultima pena; cujos procedimentos lhe grangearão nas Minas o nome de tirano; mas á sua constancia, e resolução deve Portugal a sujeição desta Capitania. O exemplar castigo conseguio aterrar os animos de hum povo tantas vezes rebelde, e segurou para sempre a Real authoridade. (5)

---

(5) Foi este Governador que presidio á

Durou o Governo do Conde de Assumar até ao anno de 1721, em que o substituio

---

divisão das Comarcas, que se effeituou em 6 de Abril de 1714, com assistencia do Sargento Mór Engenheiro Pedro Gomes Chaves, e do Capitão Mór Pedro Frazão de Brito; e em que assignarão todos os Procuradores das Villas. Então se assentou que a Comarca de Villa Rica ficasse dalli em diante separada da de Villa Real, hindo pela estrada de mato dentro pelo ribeiro, que desce da ponta de morro entre o sitio de Antonio Ferreira Pinto e de Antonio Correa Sardinha, e faz barra no ribeirão de S. Francisco, ficando a Igreja das Casas altas para a Villa do Carmo; e pela parte do Haubira faria a divisão o mais alto do morro della. Tudo o que pertence a agoas vertentes pela parte do S. tocou á Comarca de Villa Rica; e pela parte do N. á Comarca de Villa Real. O Ribeiro das Congonhas, junto do qual está hum sitio chamado Casa branca, serve de divisão entre as Comarcas de Villa Rica e de S. João d'El-Rey, tocando a Villa Rica tudo o que se comprehende até ella, vindo do dito ribeiro para as Minas Geraes. Do mesmo modo pertence á Comarca de S. João d'El-Rey tudo o que vai até á Villa do mesmo nome, a qual se divide com a Villa de Gorantiguitá pela serra da Martinqueira.

D. Lourenço de Almeida, que foi o primeiro Governador positivo de Minas; pois neste tempo se separou a Capitania de S. Paulo em Governo á parte, ficando os respectivos Generaes só com sujeição ao Vice Rey do Estado. Tomou posse D. Lourenço na Igreja Matriz de N. S. do Pilar do Ouro preto, com assistencia da Camara em 28 de Agosto de 1721.

A D. Lourenço succedeo o Conde das Galvêas André de Mello e Castro, que tomou posse em 10 de Setembro de 1732, na Igreja Matriz de N. S. da Encarnação, de Antonio Dias.

O Conde das Galvêas deo posse a Gomes Freire de Andrade em 26 de Março de 1735. Mediarão alguns Governos interinos, como foi o de Mendonça, Pina, e Mello, na hida que fez o dito Conde de Bobadella ao Rio de Janeiro em 15 de Março de 1736. Foi então outra vez levantado o preito da homenagem em 26 de Dezembro de 1737. Emquanto se deteve no Uraguai com a Real commissão do Tratado de limites, substituio-o seu Irmão José Antonio Freire de Andrade, que tambem depois foi Conde de Bobadella. Foi no tempo deste incansavel General, pelos annos de 1745, que se fez a divisão das Dioceses, repartindo-se o Bispado em tres Cathedraes, que são Rio de Janeiro, S. Paulo, e Minas; cujo primeiro Bispo, que se denómina de Marianna, foi Frei Manoel da Cruz, Religioso do

S. Bernardo. Então passou tambem o Ribeirão do Carmo a Cidade, por Ordem Regia de 23 de Abril do mesmo anno de 1745. Falledendo Gomes Freire de Andrade no Rio de Janeiro no primeiro de Janeiro de 1763, se praticou a via de successão no Illustrissimo Bispo D. Fr. Antonio do Desterro, e nos mais chamados para ella; até que em 28 de Dezembro do mesmo anno, entrou no Governo o General Luiz Diogo Lobo da Silva,

Este Governador, enchendo de merecimento os dias de seu Governo, deo a posse delle ao Excellentissimo Conde de Valladares, em 16 de Julho de 1768.

ARTES

Noticia acerca de varios carros de transporte, e particularmente do que os Francezes chamão Haquet, invenção do celebre Pascal.

*por B.****

MUito se tem trabalhado sobre a amelhoração dos carros; mas além das difficuldades que ha no aperfeiçoar esta maquina tão interessante, accresce que ella deve variar segundo o uso, a que se destina, e o país em que tem de servir; assim não ha país, que não tenha os seus carros particulares, melhores ou

peores, segundo os habitantes entendem melhor, ou peor os seus interesses.

Não nos propomos a dar hum tratado sobre os carros, mas sómente fazermos conhecidos dois, que julgamos do maior prestimo, todavia faremos menção de alguns dos que nos parecem mais bem entendidos, a fim de suscitarmos o dezejo de que se ponhão em pratica entre nós.

Ha carros de duas, de tres, e de quatro rodas, o seu comprimento, e largura, o eixo inteiro, ou separado para cada roda, e ser este fixo ou movel, o bem equilibrado da meza sobre o eixo, o tamanho, e largura das rodas, &c., tudo varia segundo o país, e emprego, a que he destinado.

O principio geral porém, sobre que se devem estribar-he, que sendo o centro da força de inercia, ou resistencia, no eixo, e o da força motrís no peito do cavallo, cabeça dos bois, &c. as rodas tenhão altura proporcional tal, e o eixo seja disposto de modo, que corresponda ao peito d'aquelle, ou á cabeça deste, &c. Note-se que o boi ao puchar abaixa a cabeça até po-la ao nivel do eixo, e que quanto mais baixas forem as rodas, tanto mais obrigado será o animal a abaixar o pescoço, e maior fadiga sofrerá, que, sendo muito altos, o inconvente opposto succederá, e que por tanto se deve buscar pór-se o eixo parallelo ao ponto, em que reside a força, que deve dar movimento á maquina.

Huma das principaes vantagens, que se deve buscar dar aos carros, he diminuir-lhes a fricção, ou atrito, o que se consegue, ou augmentando a circunferencia da roda, ou diminuindo o diametro do eixo; mas já vimos o inconveniente, que resulta de serem aquelles mui grandes, e de mais não convem então nos paizes montanhosos; fazendo-se o eixo muito mais delgado, diminuido o seu diametro, temos que, obrando as rodas como alavancas, tanto menor será o atrito, quanto maior for, em proporção do seu,, o diametro da roda, mas então o eixo com facilidade se quebra.

O carro de quatro rodas he preferivel nas descidas, pois que, offerecendo maior fricção, mais dificil he de despenhar-se, todavia nesse caso se podem pôr os de duas rodas, enraiando ambas, ou huma só, segundo for a descida mais ou menos ingreme, o que se faz atando-a ao eixo com huma corrente ou corda, obrigando-a a arrastar em vez de rolar; vindo sempre a ficar a vantagem do carro de duas rodas sobre o de quatro nas subidas.

De muitas e repetidas experiencias conclue-se que se deve preferir o eixo fixo, e simples, ao duplo e movel: e bem como a experiencia mostra que he mister o dobro da força, que se emprega em faze rrodar o carro, para o que o põe em movimento, ensina tambem que a falta de cuidado em trazer o eixo bem untado augmenta ¼ da resistencia.

Os Inglezes sentindo de quanta utilidade he a bem entendida construcção dos carros, e quanto da largura das caimbas depende a conservação das estradas; em 1754 ordenarão que roda alguma podesse ter menos de 5 polegadas de largura, dimensão prescrita ás caimbas das rodas d'aquelles carros, que no inverno carregassem 2400 libras, e no verão 3300, sendo de duas rodas: sendo porém de quatro, dá-se a mesma largura, mas para o pezo de 8900 libras no Inverno, e de 14900 no Verão: e nesta proporção derão segundo o pezo, a largura de 8, de 15, &c. polegadas ás caimbas, e em 1758 já lhes havia mostrado a experiencia a vantagem desta tarifa.

Em França, vendo-se que se sabia com que pezo póde o animal, admittio-se dar duas polegadas ás caimbas das rodas por cada cavallo que puchasse pelo carro; mas a medida, que parece poder-se geralmente adoptar para as caimbas dos carros, que servem nas Cidades, he a de seis polegadas. Cumpre tambem ordenar aos Calceteiros que nunca ponhão huma pedra grande ao pé de huma pequena, pois que nada ha menos conveniente á conservação das calçadas, e com effeito a razão mostra como a differença do tamanho da pedra sofrendo o mesmo pezo, deve ceder mais ou menos: podem separar as pedras grandes para huma rua, e as pequenas para outra.

Se bem que saia fóra da minha tarefa,

seja-me licito suplicar que acabe o mal entendido uzo de derrubar as arvores, e que se plantem as mais que se poder nas bordas das estradas, e mesmo nas novas povoaçoens e ruas, que felizmente (graças á Presença do Principe, que fecilita o Brazil,) se vão formando todos os dias: ha nada mais barbaro do que privar-nos da sombra em hum paiz, onde tão fortes são os ardores do Sol? Que comparação ha entre o constante calor, que sofremos, com o de alguns dias na America Septentrional, na Hollanda &c., e alli não ha rua, a que lindas alas d'arvores não aformosêem.

Mas passando ao nosso proposito, cumpre notar no uso dos carros que, residindo a mór força dos bois nas suas pontas, as cargas ou jugos devem ser prezos á ellas por corrêas, e os canzíz inclinados para diante, a broxa larga, e não, como praticamos, obrigando o boi a trabalhar com os encontros, e affogado. Na Champagne os canzis e broxa são formados por hum páo curvo, ficando o pescoço do boi como em tronco. Na Alsace as cangas são separadas para cada boi, e postos á testa do animal, e das extremidades d'ellas partem tirantes, que vem prender ao carro. Nas margens do Rheno as cangas são chatas, e assentão na testa dos bois sobre esteiroens; e assim varião segundo o paiz: mas seja qual for a sua fórma, o essencial he fazer com que prenda ás pontas dos bois.

Igualmente, segundo os paizes, varía o modo de prender os cavallos aos carros: são ou hum atrás do outro, ou dous e tres em parelhados &c., e bem como fallei das cangas, lembro para os cavallos os peitoraes, da fórma dos quaes acho escusado fazer a enumeração, pois os que julgo melhores são os feitos de sola, e estufados, formando como cochim; aos quaes se adoptão duas peças de páo, a que prendem os tirantes; abrangendo assim melhor o peito do cavallo, e os tirantes ficando mais afastados não ferem o animal; no Rio de Janeiro ha já huns, que se avizinhão dos que menciono, a que dão o nome de Inglezes.

Entre os melhores carros, que se tem inventado, merece attenção o de *Mr. Berthelot*; aperfeiçoado depois por *Mr. Bauer* (1) com a addição de novos eixos de ferro torneado, tão fortes que para sustentarem o pezo de 120 quintaes tem apenas huma polegada de diametro, quando a pratica he darem-se duas polegadas para o pezo de trinta quintaes. (2)

Em 1784 em Paris a Academia propôs hum premio para quem descobrisse o melhor carro, e *Mr. Boulard* o alcançou, inventando hum, que reune ao rolar bem a fortaleza, e o não estragar as calçadas; he de duas ro-

(1) Annales des Arts et Manufactures n.º 61 pag. 175.

(2) Mecanisme appliqué aux arts v. 2. pag. 76.

das de sete pés de alto, e o eixo tem só 18 linhas de diametro. (3)

Com os viajantes faz *Arthur Young* grandes elogios á carroça Irlandeza, que com hum só cavallo leva de 14 a 15 quintaes: suas rodas são de pequeno diametro, e cilindricas, e postas diferentemente de todas as outras; andão por baixo da caixa do carro, ficando assim a carroça menos larga, e mais livre de pegar-se; falta-lhe porém mais largura na periferia. (4)

A carroça inventada por *Arthur Young* (5) a de *Perronet*, a de *Fossombroni*, que he de tres rodas, duas de hum, e huma de outro lado, e que mereceo tanto na Italia, e varias outras, são credoras de toda a attenção, e que se fação conhecidas, afim de que tiremos dellas o partido, que podem dar.

Porém de todos os carros o mais bem entendido, e que mais attenção mereceo he o que passamos a mencionar. Foi dado ao celebre Filosofo *Pascal* o invento da quelle, que reune quanto se deseja. Os Francezes dão ao carro em questão o nome de Haquet, e nós em

---

(3) Journal de Phisique an. 1785, Part. 2. pag. 426.

(4) Annales des Arts et Manufactures n.° 68 pag. 15.

(5) Diccionario de Rozier v. 10. Art. Voitures.

honra do seu inventor, chamalo-hemos carro de *Pascal*. *Rosier* no artigo *carros* lamenta o pouco uzo, que delle fazem: tanto custa desarreigar máos habitos, e propogarem-se ainda as melhores descobertas; todavia hoje nas cidades da França he mui empregado e mórmente em Paris.

Convencido da utilidade, e vantagem, que sobre os mais carros tem o de *Pascal*, dirigi no Rio de Janeiro a factura de hum, que presentemente está em acção, e póde servir de modelo para quem desta maquina se quizer aproveitar.

Duas barras de madeira formão a meza, ou corpo do carro, a estas se unem dous varaes por duas cavilhas de ferro, que os deixa jogar livremente d'alto abaixo: huma barra de madeira, que prende as duas barras principaes, pousando sobre os varaes, sustenta a meza: assim posta forma hum corpo com os varaes, nestes dous extremos está atravessado hum sarilho, que serve para carregar e descarregar o carro: diversas travessas unem as duas barras principaes, formando com ellas a meza: as duas extremidades posteriores das barras principaes acabão em dous talhos, que servem para melhor se ajuntarem com o chão, quando se empina para ser carregado o carro, o qual estando nesta posição, e formando plano inclinado, o carreiro passa huma corda ao pezo, que tem de carregar, e esta preza ao sarilho, moven-

do este, e firmando os pés na roda do carro para estar mais firme, e poder melhor forcejar, vai levando com facilidade o pezo, que de si mesmo fás abaixar a meza do carro, e po-la na posição, que convém.

O eixo deste carro he fixo, e collocado de modo, em relação á meza, que esta guarde o mais perfeito equilibrio, de sorte que deixada á si mesma se conserve suspensa.

Gastar palavras em descripçoens, quando damos a que melhor falla aos olhos na estampa, que apresentamos, fora perder tempo.

Vê-se pois do exposto que, conservando-se a razão, que a experiencia ensina, que haja entre as rodas e o eixo, temos que o nosso carro rolará com a facilidade, que se requer; demais que em os outros o animal além do trabalho, que tem de puchar, perde muita força em carregar o pezo do carro, o que aqui felizmente se obvia, no equilibrio, que se lhe dá.

Que a bem entendida addição do sarilho, junta á do plano inclinado, que fórma o corpo do carro, e que de si mesmo se move, economiza força immensa; e com effeito hum homem póde carregar este carro de pezo tal, que 6, ou mais, não poderião carregar em outro.

Que não he mister desprender o animal; pois que com o jogo independente da meza com os varaes ficão prezos a estes sem sofrer o menor incommodo, em quanto se carrega ou descarrega, por isso que em ambas as opera-

çoens, empinada a meza, ou corpo do carro, esta fórma corpo separado dos varaes.

Ao descer das ladeiras enraia-se, como fica dito, huma ou ambas as rodas, afim de que augmentada a frição, senão despenhe, e ao subir, huma barra de madeira ferrada na ponta, e preza ao eixo por dous aneis de ferro; a qual anda suspendida por baixo da meza; se larga, e deixa arrastar, e no recuar do carro, fincando-se no chão, prohibe-o recuar, escorando-o.

Querendo-se servir de bois, ou por-se-há o animal entre os varaes, e então o jugo será prezo ás duas pontas dos varaes, ou, a querelos jungir do modo ordinario, das duas barras principaes do carro partirão dous barrotes, que se reunirão formando triangulo, de cujo vertice partirá o cabeçalho, e a este se prenderão os bois.

O carro assim disposto serve para o transporte de pipas, caixas d'assucar, rolos de tabaco, fardos &c.

Querendo accommoda-lo ao carreto de pedras arêa, lama &c., então faz-se a meza soalhada de taboas, e cercada de taipaes, tendo pela parte posterior porta, que se abra por corrediça, aldraba etc., neste caso suprime-se o sarilho, mas fica sempre a ventagem no descarregar, e assim disposto está no caso dos carros, a que os Francezes chamão *Tombereau*, e tendo de servir para condução de palha, er-

vas, canas etc., cerca-se de foeiros dos quatro lados, e estes prezos huns ao outros com ripas, formando grade, ou sómente foeiros, segundo o emprego, que se lhe quer dar; havendo porém em todo o caso o cuidado de fazer os furos para os foeiros, da parte de diante e de trás, obliquos, de maneira que se abrão inclinando para fóra, e dem lugar á maior carga, e para descarregar facilmente pratica-se huma porta, ou cancela na parte posterior. Este he o carro, a que chamão os Francezes *Guimbarde*.

Chamão *Camion* ao mesmo carro de Pascal, quando he de quatro rodas mui baixas, e que serve de carregar grandes pezos.

Vê-se como, sempre fundado no mesmo principio, Pascal varía o seu carro accommodando-o aos diversos usos, que se lhe houvesse de dar, mas, deixando as demais fórmas, vejamos a do que fizemos construir no rio de Janeiro.

A figura 1.ª representa o profil do carro em questão. AB he huma das barras, ou chedas, nas quaes engastão as travessas, ou chatas. DE hum dos dous varaes. F a extremidade da traveta *p*, dente, ou macho do varal. C huma das caixas do sarilho. *rs* barras ou braços do sarilho. *m* gato de ferro, que cinge a cavilha de ferro, que prende o varal ás chedas. KL chapas de ferro, que apertão as duas chedas. GH especie de chumaceira. *mn* gato de ferro das chumaceiras.

A figura 2.ª representa o plano do carro AB, *ab* chedas, cujas faces superiores são inclinadas. C gola, que recebe o pescoço do sarilho. DE, *de* varaes. F travessa adaptada á parte inferior dos varaes. *p* travessa dos varaes. Yy cavilha de ferro, que prende as travessas das chedas. *xxx* &c. travessas, ou chatas das chedas. MN sarilho. K*k*, L*l*, chapa de ferro que aperta as duas chedas. TV chapuzes, ou cubos, que servem de impedir á roda o tocar na meza do carro.

Tendo-se de conduzir mui grandes pezos, então o carro, que mais convem he o que representamos nas figuras 3.ª e 4.ª. A figura 3.ª offerece o seu profil. *ab* he o varal esquerdo *e* rolo, sobre que passa a cadêa, que suspende o pezo, que vai por baixo, e nunca por cima do carro. H chumaceira movel em toda a extenção do varal. CD alavanca, por baixo da qual passa a corrente. DTV corda, que suspende o pezo. *f* chapús. ST pezo, ou carga.

A figura 4.ª apresenta o plano do mesmo carro, ao qual se figura suspendido hum madeiro ST. AB, *ab* varaes. E*e* rolo. CD alavanca, que passa sobre a cadêa e por baixo do rolo. *g*, *h*, *k*, *l*, *m*, *o*, *p*, *q*, *r*, travessas ou chatas. *n* eixo. F*f* chapús.

Outro carro para a condução de pezos, bem entendido, e que merece attenção, vem anuncia-

do nos Annaes das Artes e Manufacturas. (6) Mas em quanto não temos estradas, as lamas apresentão grande dificuldade ás conduçoens; e com effeito são inconcebiveis as que tem o pobre lavrador que vencer no reconcavo da Bahia, e mórmente no termo de Santo Amaro da Purificação: por isso para o transporte no tempo chuvoso lembra-me que os Treneis deverião ser preferidos aos carros, e sei com summo gosto, que Alexandre Gomes Ferrão, Agricultor distincto, e que a bem d'Agricultura viajou grande parte da Europa, trazendo copia de luzes á nossa Patria, me precedeo, pondo os treneis em pratica, e provando a sua vantagem.

O Trenel he huma especie de carro sem rodas, e em fórma de naveta, que arrastra sobre duas barras de madeira curvas, e chapeadas de ferro; he o em que nos paizes do norte se viaja no tempo dos gelos.

Não obstante o que acabamos de dizer, convem que se ponhão os carros mencionados em acção, tanto nas cidades e povoaçoens, como nos paizes e districtos, onde não ha o inconveniente dos lamaçaes, e mesmo nestes podem servir no tempo seco. Sem haver quem abra o exemplo, vem a ser inuteis quantas memorias se escrévem, ainda que sejão de co-

(6) Vid. Ann. des Arts et Manuf. n.º 64 pag. 104; e tambem Encyclopedia, Art. Efourceau.

nhecida utilidade. Tanto póde o habito nos homens afincados á rotina! Todavia temos tantos lavradores distinctos, que he de esperar que as melhoraçoens em todos os generos facilmente se propaguem; e as que se fizerem á cerca dos carros devem convidar, pelas ventagens não equivocas, a que sejão logo abraçadas, e o carro de Pascal mostrando já em pratica a sua utilidade, espero que a minha lembrança seja proveitosa e seguida pelos meus compatriotas; a bem dos quaes consagrei, e consagrarei sempre os meus estudos e desvelos.

NECROLOGIA.

NA Gazeta de Lisboa de 4 de Janeiro veio annunciada a morte de hum benemerito guerreiro Portuguez, tão distincto por seus serviços, como por seus sofrimentos. Servir-me-hei das mesmas expressoens daquella Gazeta, que são as seguintes

O Illustrissimo *Francisco Teixeira Lobo*, natural de *Villa Real*, Tenente Coronel do Regimento de Cavallaria N.º 12. depois de se ter distinguido por muitas vezes, e batido no decurso desta Campanha com os nossos inimigos em differentes occasioens, com aguerrido valor, e honra, de que os papeis pú-

blicos já algumas vezes fizerão menção, foi aprisionado pelos nossos inimigos no dia 11 de Agosto do presente anno, na batalha de *Maclaxnda*, e conduzido ao Exercito *Francez*, hindo muitas vezes a pé, sofrendo muitas ignominias dos Soldados do Tyranno, cujas terriveis acçoens, sendo contrarias aos direitos da Guerra, e das Gentes (porém sempre por elles praticadas), apezar de muitos trabalhos, pôde aquelle honrado Official escapar-se dos Vandalos em *Alculia*, e foi buscar o azilo dos nossos fieis Alliados da *Gran-Bretanha* em *Alicante*, aonde roto, descalço, e cheio de miserias, se encontrou na Sala do General *Metland* com seu filho do mesmo nome, e Alferes do mesmo Regimento, que tinha hido com despachos, e passaportes do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de *Torres Vedras*, para tratar do resgate de seu Pai, que alli se encontrarão por casualidade, e acabando-se-lhe o dinheiro, que levava, pedio ao Excellentissimo General de *Alicante* algum dinheiro para tratar de seu Pai gravemente molestado, ao que respondeo o dito Excellentissimo General, que elle tinha ordem do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal General para lhe prestar todo o soccorro, de que carecesse, e lhe mandou dar duzentos duros; e fallecendo o dito Tenente Coronel no dia 15 de Outubro, foi enterrado em *Alicante* com toda a pompa, e grandeza Militar,

como se vê na Ordem do dia, que aqui se transcreve.

Ordem do Dia do Excellentissimo Senhor General Metland para o enterro do Senhor Tenente Coronel Lobo.

O Enterro do Senhor Tenente Coronel *Lobo*, do Serviço *Portuguez*, será ás 3 horas e meia da tarde. O General em Chefe espera, que todos os Senhores Officiaes *Inglezes* da Guarnição de *Alicante*, e aquelles da III. Brigada, que não estejão de Serviço, acompanharáõ o defunto até a sepultura, como hum signal de respeito á memoria de hum respeitavel, e veneravel Official no Serviço de hum verdadeiro, e intimo Alliado da Nação *Britanica*. A Partida de Tropa, que ha de acompanhar o Funeral, consistirá de hum Senhor Tenente Coronel, hum Major, tres Capitães, seis Subalternos, vinte e quatro Sargentos, seis Tambores, e trezentos Soldados; os Senhores Tenentes Coroneis *Hamilton*, *Blache*, *Holiombe*; e os Senhores Majores *Frasa*, *Baltandi*, *Williamson*, pegaráõ no caixão; os Musicos do Regimento N.º 81 assistiráõ a acompanhar o enterro; os Senhores Officiaes se ajuntaráõ em frente da Casa do fallecido, na rua da *Liorna* pelas tres horas da tarde, aonde o enterro será arranjado por hum Official do meu Estado Maior.

POLITICA.

Tratado de Alliança entre S. M. o Imperador e Rei e o Imperador de Austria.

SUA M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e S. M. o Imperador de Austria, dezejando perpetuar a amizade e harmonia, que existem entre elles, e concorrer pela intimidade e força da sua união, quer para manter a paz do Continente, quer para restabelecer a paz interior:

Considerando que nada seria mais proprio para produzir estes felices resultados do que a conclusão de hum tratado de alliança, que tivesse por fito a segurança dos seus Estados e possessoens, e a garantia dos principaes interesses de sua politica respectiva, nomearão para este effeito os seus Plenipotenciarios, a saber:

S. M. o Imperador dos Francezes a Mr. Hugues Bernard, Conde Maret, Duque de Bassano &c. &c.; e S. M. o Imperador da Austria, ao Principe Carlos de Schwartzenberg, Duque de Kruman, &c.

Os quaes, depois de haver trocado os seus plenos poderes respectivos, convierão nos artigos seguintes:

I. Haverá para sempre, amizade, união, sincera alliança entre S. M. o Imperador dos

Francezes, Rei de Italia, e S. M. o Imperador d'Austria, Rei de Hungria, &c. Em consequencia, as altas Potencias contratantes aplicarão a maior attenção em manter a boa intelligencia tão felizmente estabelecida entre si, seus Estados e vassallos respectivos, evitar quanto poder altera-la, e procurar em toda a occasião a sua mutua utilidade, honra, e interesse.

II. As altas partes contractantes se garantem reciprocamente a integridade dos seus territorios actuaes.

III. Em consequencia desta garantia reciproca, as duas altas partes contractantes trabalharáõ sempre de mãos dadas nas medidas, que lhes parecerem mais proprias para a paz; e caso que os Estados de huma ou outra sejão ameaçados de huma invasão, ellas empregaráõ os seus bons officios mais efficazes para a prevenir.

Mas como estes bons officios poderião não ter o effeito desejado, ellas se obrigão a soccorrerem-se mutuamente no caso, em que huma ou outra viesse a ser attacada, ou ameaçada.

IV. O soccorro estipulado pelo artigo precedente será composto de 30☉ homens, dos quaes 24☉ de infantaria, e 6☉ de cavallaria, constantemente conservados completos, e de hum trem de 60 peças de artilharia.

V. Este soccorro será fornecido á primeira requisição da parte attacada, ou ameaçada,

por-se-ha em marcha com a menor demora possivel; e, o mais tardar, antes do fim dos dois mezes, que se seguirem á exigencia, que se houver feito.

VI. As duas altas partes contractantes garantem a integridade do territorio da Porta Ottomana na Europa.

VII. Igualmente garantem, e reconhecem os principios de navegação dos neutros, quaes forão reconhecidos e consagrados pelo tratado Utrecht.

VIII. O presente tratado de alliança não se poderá publicar, nem communicar à algum Gabinete, senão de accordo entre as duas altas partes.

IX. Será ratificado, e as ratificaçoens serão trocadas em Vianna dentro de 15 dias, ou mais cedo, se possivel for.

Feito e assignado em París, a 18 de Março de 1812.

(Assignados.) O Duque de Bassano.
O Principe Carlos de Schwartzenberg.

Tratado de Alliança concluido a 24 de Fevereiro entre Sua Magestade o Rei de Prussia e Sua Magestade o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, &c., e ratificado em Berlim a 5 de Março de 1812.

SUA Magestade o Rei da Prussia, e S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Protector da Confederação do Rhim, Mediador da Confederação Suissa, etc., Querendo apertar mais estreitamente os laços, que os unem, nomearão para seus Plenipotenciarios, a saber: S. M. o Rei da Prussia a Mr. Frederico William Louis Barão de Krusemarch, Major General de S. M. o Rei da Prussia, Seu Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario a S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Cavalleiro da Grande Ordem da Aguia, e da do Merecimento.

S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Protector da Confederação do Rhim, Mediador da Confederação Suissa, a Mr. Hugues Bernard, Conde Maret, Duque de Bassano, Grande Aguia da Legião de Honra, Commendador da Ordem da Corôa de ferro, Grão Cruz da Ordem de S. Estevão de Hungria, S. Hubert de Baviera, e da Corôa de Saxonia, Cavalleiro da Ordem do Sol da Persia da 1.ª Ordem, Grão Cruz da Ordem da Fidelidade de Baden; hum dos Quarenta da

2.ª Classe do Instituto Imperial Francez, Seu Ministro dos Negocios Estrangeiros, os quaes depois de haverem communicado os seus respectivos plenos poderes, concordarão nos seguintes artigos:

Art. I. Haverá Alliança defensiva entre S. M. o Rei da Prussia, e S. M. o Imperador dos Francezes, Rei da Italia, seus herdeiros e successores, contra as potencias da Europa, com as quaes qualquer das partes Contractantes, tem agora, ou houver de ter guerra.

II. As duas Altas Potencias Contractantes garantem reciprocamente a integridade dos seus actuaes territorios.

III. No caso que a presente Alliança se ponha em effeito, e cada vez que aconteça similhante caso, as Potencias Contractantes fixarão as medidas, que for mister tomar, por huma convenção particular.

IV. Cada vez que a Inglaterra quiser attacar os direitos de Commercio, quer declarando bloqueadas as costas de huma, ou outra das Partes Contractantes, quer por alguma outra disposição contraria aos direitos maritimos consagrados pelo Tratado de Utrecht, todos os portos e costas das ditas Potencias serão igualmente interditas aos navios das naçoens neutras, que soffrerem ser violada a independencia da sua bandeira.

V. O presente tratado será ratificado, e

as ratificaçoens trocadas em Berlim; dentro do espaço de 10 dias, ou mais cedo, se possivel for.

Dado, e assignado em París a 24 de Fevereiro de 1812.

(Assignados) O Duque de Bassano.
O Barão Krusemark.

NÃO havendo recebido noticias modernas da Europa, nem podendo em consequencia adiantar cousa alguma ao que tenho dito nos Numeros precedentes, tenho todavia a satisfação de occupar-me neste de hum objecto muito interessante, que em vez de aterrar a humanidade, como as scenas sanguinarias da guerra, fazem o seu mais bello ornato, e concorrem directamente á sua felicidade. O augmento das luzes, procurado anciosamente por uteis instituiçoens, he o agradavel objecto, que do melhor grado tenho hoje que offerecer ao Publico.

A Academia Real Militar fez a sua publica abertura no dia 1 de Abril, em presença da Junta de Direcção, e de grande concurso do povo; abrirão-se pela primeira vez as Aulas de Astronomia, e Geodesia, de Tactica, de Physica, e brevemente a de Chimica. Por este modo a referida Academia, depois de dois annos de assiduo trabalho, of-

ferece á educação militar as seguintes doutrinas, explicadas pelos Professores, que mencionarei igualmente, para deste modo se avaliarem melhor os grandes beneficios, que trouxe ao Brasil a Augusta Presença de S. A. R. E se a moral se apura, á medida que se propagão os conhecimentos, e daquella depende a felicidade publica, eu estou certo que nenhum homem sensato se recusará ao fiel tributo de veneração, que eu tantas vezes hei offerecido em nome do meu Continente, assim de voz como por escrito.

Mathematica.

1.° anno. Arithmetica, Algebra, Geometria, e Trigonometria Plana.

Lente o Capitão Engenheiro Antonio José do Amaral.

Numero de Discipulos matriculados no presente anno 10.

2.ª Aula Desenho.

Lente o Capitão Engenheiro João José Ferreira de Souza.

2.° anno. Algebra superior, Complemento d'Algebra, Applicação d'Algebra á Geometria, Calculo Differencial e Integral.

Lente o Capitão Engenheiro André Pinto Duarte. Por seu impedimento rege actualmente a Cadeira o Lente Substituto Fr. Pedro de Santa Marianna.

Discipulos matriculados 15.

2.ª Aula, como no primeiro.

3.° anno. Mechanica.

Lente o Capitão Engenheiro José Saturnino da Costa Pereira.

Discipulos matriculados 12.

2.ª Aula, como no primeiro.

4.° anno. Trigonometria Esferica, Optica, Astronomia, e Geodesia.

Lente o Sargento Mór Engenheiro Manoel Ferreira de Araujo Guimaraens.

Discipulos matriculados 6.

2.ª Aula do mesmo, Physica.

Lente o Capitão Engenheiro Luiz Antonio Barradas.

5.° anno e 1.° militar. Strategia, Tactica, &c.,

Lente o Sargento Mór Engenheiro João de Souza Pacheco Leitão.

Discipulos matriculados 14.

2.ª Aula, Desenho Militar.

Lente o mesmo dos precedentes.

Chimica.

Lente o Doutor Gardiner.

Vemos por tanto applicando-se ás Sciencias 57 discipulos, pela maior parte Officiaes, que por este meio se habilitão a fazerem relevantes serviços ao Estado, e conservarem ao nome Portuguez aquella gloria inauferivel, que lhe provém do seu valor decidido, e não de

circunstancias algumas estranhas, como o provarão nos Seculos passados na Europa, na Africa, e sobre tudo na Asia, e ao presente na honrosa lida, que tão briosamente sustentão pela causa da sua liberdade contra os Vandalos dos nossos dias.

A este Regio Estabelecimento tenho a satisfação de ajuntar o utilissimo Plano de Prelecçoens Philosophicas de hum homem de conhecido saber, e da mais bem merecida reputação. He escusado pronunciar sobre a sua utilidade, quando sobra a sua mesma exposição. Além da manifesta necessidade das materias, que se vão explicar, brilha no Plano que se segue aquelle espirito de methodo que he só produzido por huma madura meditação sobre as materias, que tem já feito o objecto de hum serio e aturado estudo.

O Curso de Prelecçoens Philosophicas terá por objecto

1.º A Theórica do *Discurso* e da *Linguagem*: em que se exporáõ os Principios da *Logica*, da *Grammatica geral*, e da *Rethorica*.

2.º O Tratado das *Paixoens*: primeiramente consideradas como simples sensaçoens, e versando sobre materias de *Gosto*; donde se deduzirão as regras da *Esthética*, ou da Theorica da *Eloquencia*, da *Poesia*, e das *Bellas-Artes*: depois consideradas, como actos moraes, comprehendidos nas idéas de *Virtude* ou

de *Vicio*, darão lugar a desenvolverem-se as maximas da *Dicæosyna*, que abrangerá a *Ethica* e o *Direito Natural*.

3.º O *Systema do Mundo*: em que depois de se tratar das propriedades geraes dos Entes, ou da *Ontologia*, e da *Nomenclatura das Sciencias physicas e mathematicas*, se expenderão as noçoens elementares da *Cosmologia*: e destas se deduzirão as relaçoens dos Entes creados com o Creador, ou os Principios da *Theologia Natural*.

Além da Exposição de Theórica, haverá em cada huma das Prelecçoens lição e analyse de alguma Obra escolhida dos principaes Philosophos, Oradores e Poetas, assim antigos como modernos, sagrados e profanos.

No dia 26 do corrente recitou o Sabio Professor hum eloquente discurso sobre as materias acima enunciadas, onde brilharão os principios filosoficos, que o distinguem, e prorogou as suas Prelecçoens para o dia 18 de Maio.

STATISTICA.

Mappa dos Habitantes da Capitania da Paraiba do Norte em 1812 e 1811.

	1812 Hom.	1812 Mulh.	1811 Hom.	1811 Mulh.
Brancos	17833	18169	22560	22648
Indios	1567	1734	1707	1698
Pretos	3747	3776	4228	4198
Mulatos	17696	17652	23621	24114
	40843	41331	52116	52658
Cativos.				
Mulatos	1216	1291	7044	6679
Pretos	5872	4609	1900	2010
	7088	5900	8944	8689
Total Homens		47931	61060	61347
Mulheres		47231	61347	
Soma		95162	122407	
			95162	
			27245	

Capitania do Espirito Santo.

Livres		11$900	24$00
Captivos		12$100	
Engenhos de Assucar		60	126
de Agoardente		66	
Embarcaçoens	Sumacas	21	47
	Lanchas	26	

Producçoens.

Panos de algodão	12$ lib.
Algodão	12$
Agoardente	48$ can
Assucar	15$ lib.
Milho	12$ alq.
Feijão	17$600
Farinha	72$

COMMERCIO.

Producçoens da Ilha Grande, consumo, e exportação.

1811.

Generos.	Producç.	Consum.	Export.	Exist.
Assucar	3927 ar.	1700	1527	700
Caffé	18000	350	9650	8000
Anil	5		5	
Cacáo	15		15	
Algodão	112		112	
Arroz	9531 alq.	1400	8131	
Feijão	1889	1889		
Goma	8	8		
Milho	1024	1014		
Farinha	72000	72000		
Madeira	161 duz.		161	
Aguardente	1061 pip.	75	886	100
Peixe	62000 cent.	57600	4400	
Cal	400 mo.		400	
Couros	531	531		

Estes productos importão por huma avaliação media. 192 778 160

O consumo	103 042 760
A exportação	71 755 400
O existente	17 980 000
	192 778 160

Importação dos generos em 1810	166 319 360
Augmento	26 458 800

Noticia da Importação, e exportação das possessoens Portuguezas no porto de Liverpool nos mezes de Julho, Agosto, Setembro e Outubro de 1812, extrahida de Mappas officiaes.

Importação.

Generos.	Portos.	Quantidades.
Algodão	Lisboa	157 sacas
	Bahia	6151
	Pernamb.	10647
	Maranhão	11282
	Total	28237
Azeitonas	Porto	4 barris
Barrilha	Lisboa	805 ton. e 74 sur.
Brazil páo	Bahia	2 e 20 pedaços.
	Pernamb.	83 ton.
Cabel. de Camelo	Lisboa	23 cai.
Caffé	Rio	60 sac.
Cebo	Rio	292 marq.
	Bahia	74
	Total	366
Cebolas	Porto	406 caix.
Cortiça	Porto	25 5/6 ton.
	Faro	17 ½

	Total	43
Couros	Rio	20040
	Bahia	1148
	Total	21188
Fruta	Lisboa	606 caix.
	Porto	841
	Total	1447
Ipicacuanha	Pernamb.	2 caix.
Lan	Lisboa	2350 sac.
	Porto	77
	Total	2427
Pelles	Bahia	1 saco
Sarro de vinho	Porto	8 sac. e 66 a.
Sumagre	Porto	307 sacos
Tatagiba	Rio	270 $\frac{1}{2}$ ton. 2290 p.
	Bahia	274
	Pernamb.	98
	Total	842 t. 290 ped.
Vinho	Porto	348 $\frac{3}{4}$ pip.
	Madeira	26 $\frac{3}{4}$
	Lisboa	50
	Total	425 $\frac{1}{2}$

Exportação

Aço	Madeira	2 quintaes
Agoardente	Lisboa	1576 galoens
	Brazil	1518
Alcatrão	Brazil	27 q. e 67 bar.
Algodão	Lisboa	108832 peç.

	Porto	34514
	Madeira	142
	Brazil	127814
	Total	271302 lib.
Algodão tecido	Lisboa	6256
	Porto	13472
	Brazil	860
	Total	20588
Arame	Lisboa	10 q.
Arcos de ferro	Brazil	4600
Arcos de páo	Brazil	20000
Arenques	Madeira	50 bar.
Arreios	Lisboa	19 q.
	Porto	7
Arroz	Lisboa	5 $\frac{3}{4}$ q.
	Porto	1 $\frac{1}{2}$ ton.
Assucar	Lisboa	232 $\frac{1}{4}$ q.
Ataduras de lan	Lisboa	30 q.
	Porto	12
Batatas	Lisboa	500 bar.
	Porto	150
	Açores	200
	Brazil	1715 bux.
Barretes de lan	Lisboa	705 duz.
	Porto	120
	Brazil	1242
	Total	2067
Caparroza	Porto	10 q.
Carne	Lisboa	219 b.
Cartas de jogar	Brazil	2 caixas

Carvão	Lisboa	19 ch. 2 ton.
	Madeira	38
	Brazil	83 49
Caximbos	Lisboa	180 grozas
Chailes de alg.	Brazil	9 duz.
Chapeos	Lisboa	27 duz.
	Porto	19
	Madeira	48
	Brazil	1158
	Total	1252
Chapeos de sol	Lisboa	207 duz.
	Porto	55
	Brazil	911
	Total	1173
Chitas	Lisboa	89988 jard.
	Porto	29016
	Brazil	217760
	Total	336664
Chumbo	Lisboa	104 ½ q.
	Porto	18
	Brazil	327
	Total	449 ½
Cinzas	Lisboa	22 ¼ q.
Cobertores	Lisboa	1088
	Porto	72
	Brazil	1539
	Total	2699
Cobre em folha	Brazil	38 ¼ q.
manufact.	Porto	7
	Brazil	449 ½

Cordagem	Brazil	14 q.
Cordão de lan	Lisboa	4 q.
	Porto	9
Çapatos	Brazil	30 d.
Drogas	Lisboa	27 q.
	Porto	9
	Brazil	2
Estanho	Porto	10 q.
	Brazil	42 ¾
Farinha	Lisboa	1187 q.
	Porto	457
Fazenda de seda	Brazil	33 lb.
Ferragens	Lisboa	649 q.
	Porto	243
	Madeira	47
	Açores	5
	Brazil	746
	Total	1690
Ferro	Porto	27 q.
	Madeira	18
	Brazil	387
Arame	Porto	6
Fundido	Porto	188 ½
	Lisboa	57
	Madeira	26
	Brazil	268 ¼
Arcos	Lisboa	5 ton.
	Madeira	48
Barra	Porto	113 ¼
	Brazil	56

Pastas	Porto	30
	Brazil	0,1
Fitas	Lisboa	33 q.
	Porto	9
	Brazil	36
Folhas de lata	Porto	12 q.
	Brazil	38
Folhas de tabaco	Brazil	19867 lb.
Garrafas	Porto	10 groz.
Ladrilhos	Brazil	10000
Lan	Lisboa	6413 peç.
	Porto	21940
	Madeira	1031
	Açores	400
	Brazil	9074
	Total	38858
Lenços	Lisboa	2962 duz.
	Madeira	280
	Brazil	2938
	Total	6180
Lona	Lisboa	2658 varas.
Louça	Lisboa	249 gig.
	Porto	320
	Brazil	202
	Açores	181
	Madeira	15
	Total	967
Luvás	Lisboa	84 duz.
	Brazil	18
Manteiga	Brazil	2666 bar.

	Porto	105
Meia	Porto	187 peç.
	Brazil	64
Meias de algodão	Lisboa	706 duz.
	Brazil	1251
de lan.	Lisboa	464 d.
	Porto	120
Mialhar	Porto	3 q.
Munição	Porto	57 q.
Nastro	Lisboa	3638 duz.
	Porto	765
	Brazil	2384
	Total	6787
Oleo de balêa	Porto	6 ton.
de linhaça	Porto	420 gal.
	Brazil	206
Panellas de ferro	Brazil	400
Pano de linho	Lisboa	33659 jar.
	Porto	429
	Brazil	27682
	Madeira	6 peças
Papel	Lisboa	2353 lb.
	Brazil	13104
Papeis impressos	Brazil	20 q.
	Açores	3
Pip. ½ e ¼ em ado.	Açores	1523
Prezuntos	Lisboa	349 q.
	Madeira	3
	Brazil	23
Queijo	Lisboa	135 q.

	Porto	86
	Brazil	77
Renda de alg.	Brazil	216 peç.
de lan	Lisboa	90 mas.
Sal	Porto	4432 bux.
	Brazil	14610
Seda	Brazil	186 lb.
Serveja	Lisboa	184 bar.
	Porto	63
	Madeira	10
	Brazil	670
	Total	927
Suspensorios	Lisboa	66 duz.
	Brazil	507
Tabaco	Lisboa	11748 lb.
Tapetes	Lisboa	20
Tinta	Porto	318 q.
	Brazil	9
Toucinho	Lisboa	240 q.
Transad. de lan	Lisboa	44 q.
Verguinha	Porto	135 ton.
Vidro	Brazil	19 q.
	Açores	1
Vinho de Hesp.	Brazil	59 gal.

Em o N. 3. pag. 79, Pensamento 6 em lugar de — Muitos se abstem por acanhados do que outros fazem por virtuosos — lêa-se — Muitos se abstem por acanhados do que outros fogem por virtuosos. E pag. 80, Pensamento 7, em lugar de — Querendo prevenir males, de ordinario contingentes, o homem prudente vive sempre em tortura, gosando menos do presente do que do futuro — lêa-se — Querendo prevenir males, de ordinario contingentes, o homem prudente vive sempre em tortura, gosando menos do presente do que soffre no futuro.

Continuação do Estado da athmosfera.

Dia	Ther.	Bar.			Tempo
	Graos	Pol.	Vint.	Mil.	
28	79	29	16	16	chuvoso
29	77		16	18	denso
30	77		16	22	dito e chuvoso

Abril.

Dia	Ther.	Pol.	Vint.	Mil.	Tempo
1	75	29	16	24	denso
2	75		16	32	claro
3	76		16	24	dito
4	76 ½		16	16	
5	80		16	24	
6	76		16	22	chuvoso
7	74		16	36	claro
8	74 ½		16	40	dito
9	77		16	20	dito
10	76		16	12	
11	74		16	20	
12	74		17	42	chuvoso
13	74		17	40	claro
14	74		17	44	dito
15	74		15	18	dito
16	75		15	12	
17	74		15	22	
18	74		15	26	
19	74		15	30	
20	75		15	20	chuva

Dia	Ther.	Bar.			Tempo
	Graos	Pol.	Vint.	Mil.	
21	71	29	15	20	denso, e chuva
22	70		15	12	dito
23	71		15	14	dito
24	71		15	34	chuva
25	70		17	8	denso, e chuva.

INDICE.

LITTERATURA.

GRAMMATICA PHILOSOPHICA.

ELOQUENCIA.

HISTORIA.

ARTES.

NECROLOGIA.

POLITICA.

STATISTICA.

COMMERCIO.

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

N. 5.°

MAIO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.° 34, por 800 reis.

AGRICULTURA.

Memoria sobre o Café, sua historia, cultura, e amanhos.

*Por B.****

Et je crois, du Genie éprouvant le reveil,
Boire, dans chaque goutte, un rayon du soleil.

De Lille.

Primeira Parte.

Historia do Café.

O Café tem sido de tal maneira admittido no uso economico, que chega ao grão dos objectos da primeira necessidade; se bem que para o Lavrador, e o Negociante seja de pouca utilidade o saber porque revoluçoens, e caminhos passou esta producção antes de alcançar a voga, que hoje tem, não acho fóra de proposito misturar o util ao agradavel, satisfazendo á curiosidade sempre amiga da novidade, com o que com effeito ha na historia desta planta, tanto menos estudada quanto só aos que professão a Agricultura, e Agricultura dos paizes quentes, devem de preferencia pertencer taes indagaçoens.

O Cafezeiro (1) he natural da alta Ethiopia, diz *Reynal*, onde foi conhecido de tempo immemorial, e ainda cultivado com ventagem, *Lagrenie de Mézières* diz ser ahi o grão maior e verde, e de perfume igual ao que se começou a colher na Arabia nos fins do Seculo 15.º

Outros o dizem d'Arabia feliz, donde tomou o nome *Coffea Arabica*, e que não obstante esteve em uzo n'Africa, e Persia, antes que os Arabes o empregassem como bebida, uzo que ao seu paiz trouxe, no meio do Seculo 15.º, voltando da sua viagem á Persia, o Muphti *Aden* (2). Os amigos do maravilhoso pertendem que já era conhecido muito antes, e que he o *Nepenthe*, que *Helena* obteve de huma Egypcia, o qual he tão gabado por *Homero*, como proprio a calmar a colera, e afliçoens &c.

Maronite Fausta Niaronne citado no Diccionario de Trevoux, diz que o Café foi descoberto por certo Prior d'Arabia, a quem communicando hum cabreiro que suas cabras, comendo certa bage, saltavão toda a noite, examinou-a, e a deo a beber á seus monges, para que não dormissem no coro; ve-se quanto isto sabe á fabula, pois que não he crivel

---

(1) Brotero diz = Cafeeiro.

(2) Manuscrito Arabe da Bibliotheca Real de París N.º 944.

que o Prior tentasse huma experiencia em toda a communidade, e demais como a preparou? A virtude de causar insomnios se lhe attribuio muito tempo depois de conhecido.

Thevenot Herbert Guilherme Kuling, empregado na Companhia das Indias Orientaes, parece o primeiro que fez menção do Café em 1607, dizendo que os habitantes de *Socotora*, onde pela primeira vez o encontrou, fazem grande uzo de huma bebida negra chamada *coho* produzida de hum grão, que vem de *Meca*, que a bebem quente, e julgão boa para a cabeça e estomago.

Seja o que for, sabemos que da Cidade d'*Adem* se espalhou por toda a *Arabia*, e começou a ter credito em *Constantinopla* em 1554; que das bordas do mar vermelho passou á *Medina*, e *Meca*, e pelos Peregrinos á todo o Imperio Ottomano.

Mollach Chedely foi o primeiro, que fez uzo d'elle para combater huma letargia, que o privava de fazer as suas oraçoens nocturnas, e a seu exemplo o tomarão os que tinhão precisão de velar.

O Padre *Labat* teima em favor da descoberta feita pelas cabras, questão tão interessante quanto a de saber se o seo nome vem de *Cufa* ou *Cafa*, Cidade da Arabia feliz; se do nome Arabe *Ban* (grão de Café) ou do Grego *Bovy* (cevada molhada), e outras inuti-

lidades, em que se engolfão os ethimologistas (1).

Propagou-se o gosto do Café entre os Mahometanos; e os lugares, onde se vendia, começarão á ser infamados; a Policia, a Religião e Medicina lutarão, já para destruir o seu uzo, já para conserva-lo, e só em Meca houverão mais de 5 leis pro, e contra, dando essas alternativas lugar á rumores populares não de pequenas consèquencias, como o que em Meca em 1533 suscitou hum Pregador, em que houverão mortes, e donde nasceo hum scisma, que durou até o reinado de Amurath 3.º, o qual permittio se bebesse o Café em cazas particulares com as portas fexadas; pouco a pouco tornou-se a vender em publico, e vigiando a Policia sobre as desordens praticadas nos Botequins, estes vierão a ser o azilo dos ociosos, o lugar das novidades, das recitaçoens dos versos dos Poetas, e dos Sermoens dos *Mollachs.*

Semelhantes desordens houverão por causa do Café em Constantinopla. Mas o gosto por esta bebida triunfou, e os botequins forão em maior numero: o Grão Visir *Koproli* no meio do seculo 16, visitando-os incognito, achou que os devia mandar fexar, e o fez.

(1) Quem com mais individuação quizer saber o que á este respeito se tem dito veja *Sylvestre Dufour*, que escreveo em 1688, e Mr. *Ellis*, que escreveo em 1774.

Em 1554 no reinado de *Solimão o Grande* foi que o Café ganhou a maior voga em Constantinopla, e hum seculo depois (justamente quando alli se prohibião os botequins) he que estes começarão em Londres, e París, sendo o Café introduzido em Londres em 1652 por hum Mercador chamado *Eduardo*, que vinha do Levante. Mr. *Aublet* (1) quer que já no tempo de Luiz XIII se vendesse em París no *Petit-Chatelet* a decocção de Café com o nome de *Cahové* ou *Cahovet*: mas fosse ou não assim; o que he para admirar he que no tempo de *Carlos* II em Inglaterra a introdução do Café sofresse as mesmas difficuldades, que na Turquia nos reinados de *Amurath*, e *Mahomet* 4.º, e que, julgados seminarios de sedição os lugares onde elle se vendia, fosse prohibido em 1675.

Em 1669 *Solimão Aga*, passando hum anno em París fez á muita gente provar o Café, e o seu gosto se fez mais geral, se bem que já em 1644 *Pietro del Valle*, Veneziano o tinha levado á *Marseille.*

Pertendem que o primeiro Cafezeiro conhecido na Europa foi cultivado em *Dijon* em 1670; e, segundo *Boerhave*, foi hum Governador Hollandez o primeiro que, cultivando-o em Batavia em 1690, enviou hum pé á Amster-

(1) Historia das plantas da Guianna Franceza.

dam, do qual proviêrão todos os que ha hoje n'America Meridional: Mr. *de Resson*, Tenente General de Artilheria, foi o primeiro que fez vir hum pé de Café de Hollanda para París, porém morreo; e *Paneras*, Burgmestre d'Amsterdam, em 1714 fez presente de outro á *Luiz* XIV., o qual foi posto no jardim de *Marly*. Eis a sua historia em resumo (1).

Em 1716 as plantinhas vindas das sementes deste Cafezeiro forão confiadas á Mr. *Isembery*, Medico, a fim de as transportar para as Antilhas, porém morrendo pouco depois de sua chegada, a tentativa não teve o desejado exito. Estava reservada á Mr. *Declieux*, Official de Marinha, a gloria de dar ao Novo Mundo esta nova riqueza, e em 1720 por via do Dr. *Chirac* obteve hum pé de Café, filho do Cafezeiro em questão, e com elle se embarcou para a Martinica: deixemos fallar a Mr. *Declieux* dando o resumo de sua curiosa carta escrita a Mr. de Breton aos 22 de Fevereiro de 1774.

,, Depositario dessa para mim tão preciosa
,, planta, embarquei-me, a viagem foi longa,
,, e faltando a agoa, fui obrigado por mais de
,, hum mez a repartir a escaça porção, que
,, me cabia, com o Cafezeiro, no qual fundava
,, as minhas mais felices esperanças: elle estava

(1) Ellie, Breton, Cossigny, Rosier, Jussieu &c. &c.

,, tão fraco, que tinha apenas a grossura de
,, huma haste de craveiro; ao chegar plan-
,, tei-o, e bem que o tivesse debaixo dos
,, olhos, escapou por varias vezes de ser fur-
,, tado, de modo que lhe puz huma guarda
,, até que o fructo amadurecesse: colhi duas
,, libras de sementes, e reparti com quantos
,, se interessavão na prosperidade da planta:
,, foi abundante a primeira colheita, e com
,, a segunda podemos augmentar prodigiosa-
,, mente a sua cultura, e leva-la até S. *Do-*
,, *mingos*, *Guadalupe*, e Ilhas adjacen-
,, tes &c. &c. ,,

Em 1719 hum fugitivo Francez (1), havendo-se refugiado em *Surinam*, escreveo para *Cayenna* que, se o perdoassem, levaria comsigo sementes de Café, apezar das penas, que nisso incorria: feito o ajuste, trouxe sementes á Mr. *Albon*, Comissario da Marinha, e dellas vierão as plantaçoens de Café daquella Colonia.

Mr. *Elie* (2) quer que esse fosse o caminho, mas que em 1722 Mr. *Lemotte Aigron*, viajando em serviço por *Surinam* para aprender a cultivar o Café, obteve do dito fugitivo sementes, que este alcançou apezar da pena de morte, em que incorria (3), e diz que

(1) *Rozier*, *le Breton*.
(2) *Le Parfait Indigotier* pag. 124.
(3) Havia pena de morte em *Surinam* para quem levasse sementes de Café para fóra

em 1724, e 25, havião já mais de 60 mil pés provindos das ditas sementes.

Começarão pois com pequena differença a cultivar o Café, os *Hollandezes* em *Surinam*, os *Francezes* na *Martinica*, e em 1728 os *Inglezes* na *Jamaica*, sendo levado para esta Ilha o primeiro pé por *Nicoláo Laws*.

A companhia das Indias estabelecida em París enviou alguns pés de Café vindos de *Moka* em 1717 para a Ilha de *Bourbon*, e em 1720 restava hum só, que deo mais de 15000 sementes; e obstou á perda eminente. Mr. de Cossigny diz (1) que na *Ilha de Bourbon* ha hum arbusto indigena, cujo fructo he huma especie de Café, que foi o que deu lugar á transplantação do Café directamente de *Moka* para aquella Ilha, no que he conforme com o que se lê no volume da Academia Real das Sciencias de París, anno 1715.

Mr. de *Jussieu*, Patriarcha da Botanica, se explica assim (2). ,, A Europa deve esta planta aos cuidados dos Hollandezes, que de *Moka* a levarão para *Batavia*, e daqui para o Jardim Botanico d' *Amsterdam*; e a França a deve ao zelo do Tenente General de *Resson*, que

---

do Paiz sem ser fervida antes, ou em estado de germinar.

(1) *Lettre á* Mr. *Le Meunier sur le Caffé.*

(2) Memoria da Academia Real das Sciencias de París anno de 1715.

de Amsterdam trouxe hum pé para o Jardim Real, e a Mr. *Peneras* outro &c. Li em 1713 huma relação, que me enviou Mr. *Goudron*, Botanico de S. Malo, que a tinha recebido do Cirurgião Francez *Desnoyers*, chegado de *Zedia* lugar vizinho a *Moka*, mas tendo occazião de examinar o Cafezeiro, á essa má relação substituo esta outra lida em 1715, e estamos fóra das duvidas e erros dos Autores, se constitue hum genero particular como quizerão *Roi* e *Dale*, se tem relação com o *Fusain*, como pertenderão os que escreverão depois de *Rauvolf*, *Prosper*, *Alpino*, e os *Bauhins*, se he huma planta rasteira, segundo *Bernier* &c. ,,

Vejo que me pódem increpar de longo nas miudezas, que tenho referido sobre a historia do Café; mas com ellas pretendi mostrar o caso, que as mais naçoens fazem dos caminhos, porque passa huma produção, a que vem a dever parte da sua riqueza; e o cuidado que ha em conservar a memoria daquelles, que por seus desvelos derão á sua patria hum novo ramo de commercio; antes este defeito do que o desleixo nosso em deixar tudo ao esquecimento: perguntemos huns aos outros quem nos trouxe a cana de assucar, e em pouco tempo quem hoje a cana de *Taiti*, quem as plantas exoticas, que se cultivão na Lagoa de Freitas? (1) e ver-nos-hemos tão

---

(1) No Numero 3.º tenho satisfeito a es-

embaraçados como eu, quando indaguei, donde nos veio o Café, podendo apenas colligir que ao *Pará* nos veio por *Cayenna*, e que o primeiro Cafezeiro, que appareceo no Rio de Janeiro, o devemos a *Hopeman*, Hollandez de Nação, que se estabeleceo nesta Cidade. (1) Não sei porque gastamos tanto tempo, e paginas em saber quem commandou em tal batalha, quantos mortos se acharão no campo; e nenhum em trasmittir ao futuro os nomes daquelles, a quem devemos tal ou tal planta; por ventura interessa mais saber-se quem contribue para a destruição do que para a conservação da especie humana? Os Romanos ao menos, se conservavão os nomes de *Marte*, e de *Bellona*, com igual devoção reverenciavão os de *Ceres*, *Flora*, *Pomona*, &c.

Vimos os erros, que havião sobre a natureza do Cafezeiro, e foi Mr. de *Jussieu* o primeiro que deu a sua verdadeira descripção. Esta planta, diz elle, a que se póde chamar ,, *Jasminum Arabicum*, *Lauri folio*, *cujus semen apud nos Cofé dicitur* ,, a que *Linneo* chamou *Cofea Arabica*, e classificou na *Pentandria Monogyna* &c.

Continua a descripção, que julgo inutil, visto não haver hoje quem deixe de conhecer o Cafezeiro entre nós, e envio os curiosos, que a quizerem consultar, ás Memorias da Academia Real das Sciencias de París do anno já citado: bem como á outros Autores, que derão descripçoens de Cafezeiro (1). No mesmo tempo que Mr. de *Jussieu* descrevia o Cafezeiro, achava-se coincidir com *Commelin*, Professor de Botanica em Amsterdam, e cahio o erro em que estava *Rouvolf*, que pertendia que o que *Avicenna* chamou *Bunk*, e *Rheses* chamou *Bunca*, e a mór parte dos seus interpretes dizem ser huma raiz, que vinha d' *Arabia Feliz*, fosse o Café. Mui fastidioza, e inutil fora a enumeração dos nomes, que os viajantes tem dado á arvore do Café, e ao seu fructo;

---

ta pergunta, e se fosse esta a unica utilidade, que se tirasse deste Periodico, elle não poderia ser taxado de nenhuma importancia. Espero que o meu amigo B., que a 20 dias de viagem me enviou esta Memoria, estimará muito que eu tenha tirado do esquecimento hum tão relevante serviço. *Redact.*

(1) Devo esta nota á amizade do nosso illustre Botanico *José Corrêa da Serra.*

(1) Vid. *Hans Sloane*. Trans. Philos. n. 208 pag. 63. *Browne* Hist. Nat. da Jamaica — *Bon. Alpin.* de Plantis Egypt. Cap. 16 — Bon. vel. Bon. arbor. J. *Bauhin* 422 — C. *Bauhin* — Pinax Theat. Botanic. 428 — Rais. hist. Plant. t. 2. p. 1691. — Duglas — *Parkinson*. Theat. Bot. 1622. — *Boerhave* Ind. P. 2. pag. 217. — *Till.* Pis. 87. t. 32. — *Linneo* Spec. Plant. ed. 2. p. 245 — *Ellis*, 1774 &c.

além do que, mesmo quando isso de alguma coisa servisse, nem os interpretes dos Arabes, nem os Autores, convem entre si da sua verdadeira ethimologia, como o fez ver *Galand* no extracto de hum Manuscrito Arabe, que tratava do Café. Basta saber que a palavra *Café* ou *Coffe* em *Inglez* e *Hollandez*, traz a sua origem da *Caouhê*, nome que os Turcos dão á bebida, que preparão da semente em questão.

Cremos ter satisfeito assás aos que accusão de falta de fundo a quem, deixando inutilidades, viza direito ao util, á aquelles que desprezão os escritos, que não são recheados de erudição, e enfastiado tambem assás ao Lavrador, que grita — vamos á cultura, á cultura, e amanhos do Café. Deixemos pois aos cuidados daquelles o delucidarem se ás cabras, que despertarão a idéa do Prior do Mosteiro d'Arabia; se á piedade do Mufti mais devoto que o mais devoto Dervis, ou á qualquer outra circunstancia devemos a descoberta do Café. He tambem loucura o perder o tempo em querer ler por pequenas coisas nas trevas dos tempos, quanto, torno a dizer, digno de reprehensão o deixar no esquecimento os nomes daquelles, a quem devemos alguma descoberta util, e o enriquecer-nos de alguma nova producção vegetal.

Plantar huma arvore, e dar hum filho á sua Patria, são os maiores bens, que o Cidadão lhe póde prestar, diz Montesquieu, e não temo errar dizendo o mesmo com elle.

Alguns Autores pertendem que ha muitas especies de Café (1), e outros que as differenças vem meramente do solo, da cultura, e cuidados, que se lhes prestão (2). *Commerson* ex. gr. observou duas especies nos bosques da *Ilha de Bourbon*, e outra na *Ilha de França*, e Mr. de *Cossigny* diz o mesmo, e Mr. *Brulley*, Colono de S. Domingos, he tambem da opinião dos primeiros, na sua Memoria sobre a cultura e preparação do Café: nós porém limitando-nos a dár os meios de melhor cultivar, e preparar o Café, para que nos mercados dê o mais alto preço possivel, passamos a preencher quanto estiver em nós, a nossa tarefa.

LITTERATURA.

Discurso recitado em Presença de S. A. R., na Meza do Desembargo do Paço, pelo Desembargador Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira, Communicado por hum amigo do Autor.

Desprezar aggravos, e perdoar injurias, abraçar o delinquente, e restitui-lo á si mesmo, á sua familia, á Patria, e a todos os

---

(1) Geofroy.
(2) Le Breton.

direitos perdidos; aquelle que isto faz, Muito Alto, e Muito Poderoso Principe e Senhor Nosso, ou he hum Deos, ou quem o representa sobre a terra.

Desta verdade temos á vista o mais authentico testemunho. Neste dia, para sempre memoravel, a Igreja accompanhada do Estado, que a vio nascer no seu seio, arrastando lutos, e pranteando cantos funebres e dolorosos, apresenta ao povo Christão a scena mais pavorosa, e ao mesmo tempo a mais consoladora, que o mundo abalado em hum e outro pólo, tremulo e espavorido, devia ver huma vez só: a morte de Jezus Christo, e o seu glorioso triunfo, que recebeo ainda muito maior lustre da petição, digna certamente do mais prompto differimento, dirigida a seu Eterno Pai a favor daquelles mesmos, que dezejavão banhar-se no seu innocente sangue; sem duvida porque ignoravão o que fazião.

Neste mesmo dia Manda V. A. R., e com quanta razão! Que o primeiro Tribunal da Monarquia Portugueza, tão antigo, como ella mesma, ainda que debaixo de outra denominação, appareça ente o seu Throno Augusto; e cheio do maior, e mais devido respeito, dirija instantes supplicas em beneficio de victimas desgraçadas, e já entregues ao rigor das Leis; porque conduzidas unicamente, pela apparencia do bem, fraudarão os seus deveres, e só merecião a imparcial vingança da Justiça offendida.

A honra, que o mesmo Tribunal recebe da fiel execução de tão benigno preceito, e se diffunde por cada hum de seus membros em particular, he verdadeiramente inapreciavel: poucos a conhecem; muitos a invejão. Ah! e desfructarei eu ainda entre os meus amados Collegas a honra deste Dia junto ao Throno Regio! Esperão-me, já na cançada idade, os dezertos do Maranhão: asperos, rudes, e intrincados bosques, aonde, ó Santo Dever, quererás guiar meus passos. Mas que? Perdão, Senhor, a favor de criminosos humilhados, e não de soberbos orgulhosos, pede hoje pela minha fugitiva, e debil voz a Meza do Desembargo do Paço ao Melhor dos Soberanos, que nascido de Reis Justos, e Benignos, e costumados a tractar os seus vassallos, como se forão filhos naturaes, sabião com perfeição a arte de perdoar; e com ella tornarão illustre o nome Portuguez, e ditosa em outros climas a sua condição.

Desfructe agora tambem a inculta America igual fortuna, e quando nos Seculos vindouros muitos Principes, e grandes Potentados disputarem á porfia a honra de Netos, e Descendentes do primeiro Monarcha, que conduzido nos braços da inexoravel Providencia, veio felicitar o grande Paiz, que habitamos, reconheção: Que a gloria dos Conquistadores recebe dos estragos, que a accompanha, não pequenas sombras; que os Louros

salpicados de sangue derramado pelas Victorias, murchão; que as virtudes porém, tendentes a beneficiar a desvalida humanidade, não fenecem jámais. E cheios de hum nobre enthusiasmo, digão: O Mais Illustre, o Mais Justo, e o Mais Glorioso dos Soberanos, he aquelle, que ama os povos, e he amado delles: Aquelle, cujo caracter parece ter sido formado pelas candidas mãos da bemfeitora clemencia. E accrescentem por fim: Tal foi o Monarcha, de quem descendemos; as suas acçoens não receião a injuria dos tempos; e serão sempre dignas da nossa mais fiel imitação.

Grammatica Philosophica.

Memoria remettida de Macau ao Redactor da Gazeta desta Corte por Joaquim José Leite, Reitor do Real Collegio de S. José em 14 de Janeiro de 1813.

HE concorrer para a gloria da Nação, concorrer para afformosear seu idioma: conceito, em que facilmente tem cuidado os sabios escritores de todas as naçoens civilizadas. Quem isto escreve se levou deste motivo para indicar breve e claramente como com melhor acerto, e tino se poderão dar nomes á

infinidade de objectos novos, que naturalmente agora no Brazil se vão a ver, e sobre que se ha de escrever. Os Eruditos, ou empregados pelo Governo, ou de outra sorte, singularmente os que tiverem de tirar mappas, e por conseguinte nomear rios, montes, valles, arvores, animaes, &c., novas culturas, e manufacturas, que ou ainda não tem nomes e vocabulos, com que se nomêem, ou os tem barbaros, e improprios; se veráõ embaraçados; ou omittiráõ fazer á sua lingua hum estimavel beneficio, quando só pendia da sua penna.

Mas de que serviria dar-se a occazião e a vontade, se quem escreve, não se tendo antes lembrado de tal genero de applicação, se visse agora sem tempo, nem livros de algum soccorro? Precipitadamente se communicão estas abreviadas reflexoens, por dois fins: hum, não retardar os effeitos esperaveis: outro, que mais cedo, e com mais motivos appareça quem dê á materia toda a possivel luz, e extenção; de sorte que este papel já se não lea mais, e de todo esqueça. E qual será então o sentimento de quem aqui prezenta o que póde? A maior satisfação: pois será completo o seu dezejo, e empenho pela illustração de nossos Concidadãos com vantage do nosso entre outros já mui nobre, e muito mais então bellissimo idioma.

Advertencias sobre as boas palavras.

AS qualidades das boas palavras, creio, se pódem reduzir a tres: que sejão regulares; bellas; e significantes.

Regulares serão evitando anomalias, que são huns defeitos, ou erros, que a vulgar ignorancia introduzio, o que muito embaraça, e affeia as linguas. E quando alguns sabios, advertindo nisso, se tem querido oppôr, ou já he tarde para extinguir erros inveterados no uzo, ou se vem opprimidos pelos ignorantes, e prejudicados, de cuja parte está a vantagem do numero.

Evitem-se pois as anomalias de genero; nunca dando terminação feminina a nome masculino, ou pelo contrario. Por tanto não se dê mais terminação feminina a nome de animal macho, rio, monte, que são masculinos por significação. Irregularmente dizemos: ,, o Guadiana, o Tâmega, o Oéta, Etna, &c., não augmentemos mais tais irregularidades.

Quanto aos nomes de animaes: se evitem os epicenos, que são verdadeiras irregularidades; mas de sorte se dê nome ao macho, que fique natural declinação para o da femea: como succede em lobo, loba: pato, pata: ou pomba, pombo. E não irregularmente como: – boi, vaca: cavallo, egoa: ou ovelha, carneiro.

Como os mais dos nomes entre nós, ti-

rando além dos ditos masculinos, os de femea, femininos por significação, se governão pela terminação, isso religiozamente se observe. Não augmentemos por nossa eleição, ou ignorancia os catalogos das excepçoens. Não se oição mais as anomalias semelhantes a estas inveteradas no uzo: – o dia, o mappa, o clima, ou a enxó, a náu, &c.

As terminaçoens masculinas são em – o, el, r, i, u, im, om, um, tambem e.

As femininas são em a, am, ade, ice, é, em.

A terminação em *ão* melhor he evitala: porque he irregularissima, não só quanto ao genero, mas tambem quanto á declinação para plural. Já está a lingua demasiadamente della carregada, e não he ella appetecivel. Porém esta terminação, tão dificil para os estrangeiros, e que he escrita por alguns tambem assim *am*, deve ser considerada; pois tem equivocado muita gente, até da instruida. Tem-se entre nós dado dois sons ao *m*; o proprio, e como se dá a qualquer outra consoante quando fere vogal seguinte, como em *ma*, *me*, *mi* &c.: outro que alguns chamarão meio som, ou meio *m*, que tambem se supre com este sinal ˜ chamado til: e este som he o que se dá ao *m* quando se segue consoante, como em *campo*, *tempo*, *limpo*, &c.; e tambem quando a syllaba he final, como se vê em *fim*, *som*, *ejum*. Porém quando a syllaba final he *am*,

ou *em*, segundo alguns escrevem *amam*, *amem*, sente-se já outro som, que não he o mesmo, que em *campo*, *tempo*.

Mas a verdade he, que não vem de que o *m* admitta hum terceiro som, vem de que se não escreve o que se pronuncia. Pronuncia-se *am-o em-e*; *o*, e *e* finaes, mudos; e pertencendo o som do *m* para a vogal antecedente, como praticamos em *huma*. E os nossos Portuenses, por dialecto seo proprio, quando dizem *bom-a* por *boa*. E por tanto os que, como he mais usado, escrevem em tal cazo *ão* são os que acertão: e não os que repartem a duvida, como fazem alguns, que nos verbos escrevem *am*, e nos nomes *ão*: como se *verão* de *vêr*, e *verão*, estação do anno, soassem differentemente. Assim se escrevesse em vez de *tem*, *bem*, *lem*; *têe*, *bêe*, *lêe*. Se alguem disser que lhe parece ouvir aqui hum *i* final, e não *e*, responde-se que, assim como o som do *o* mudo se confunde com *u*, assim o de *e* mudo se confunde com *i*. E se se disser que mais se conformaria á escripta a pronuncia, escrevendo em taes casos esses *u*, e *i*; não serei eu quem o contradiga. Ha com tudo hum final em *am*, que segue regular na pronuncia, como em *manham*, *lam*; e he acertado o uso de muitos, que nestes casos escrevem sempre em vez do *m*, õ, o que tira o equivoco.

O caso porém he, creio, que *m*, meio som de huma letra, e que tambem o he de

outra; (pois tambem se dá ao *n*, como se vê em *canto*) são expressoens de quem não faz idéa do que profere, e outros tantos absurdos. Não he nem *m*, nem *n*, nada disso; mas hum som particular, hum som nazal; outra letra que se chame til embora, mas que se escreva sempre com a sua figura propria; e tudo ficará liquido: e até a escritura abreviada; sendo o *m* letra comprida, e muitas vezes repetida na nossa lingua. Até para os impressores será mais breve, havendo nas typografias além de *a*, *e*, *i*, *o*, *u*; tambem *ã*, *ẽ*, *ĩ*, *õ*, *ũ*: assim como para o latim tem os seus diphtongos *æ*, *œ*; e só terão de ajustar huma letra, onde antes ajustavão duas. Será então mais verdadeiro o nosso bem singular privilegio de escrevermos, como fallamos (ou só quasi nos faltarão dois caractéres para os sons de *nh*, *lh*, que nenhum parentesco tem com o som para que se aplicão.)

Do dito se entenderá que *limoens*, *opinioens*, não he senão *opiniões*, *limões*; ou se quizerem *limõis opiniõis*.

De mais, como os finaes nasaes são ingratos, cuide-se em diminuir os já introduzidos. Já hoje dizemos *tampo*, *frango*, *pente*; esquecidos os antigos *tampão*, *frangão*, *pentem*. E facilmente poderemos dizer *page*, *lavage*, *personage*, &c., mas he besta devastadora a ignorancia, que nos levou o nosso *rubi*: agora só ouvimos *rubim*. O Grande Ca-

moens bem vezes disse *mi*, que além de valer bem mais que *mim*: era mais regular dizermos *mi*, como dizemos, *ti*, *si*; mas náo o consentio a bruta ignorancia, que teve mais combatentes, do que Camoens, por si.

Bellas serão, senão excederem a trissylabas: não tiverem vogaes seguidas sem mediar consoante; o que póde produzir hiáto: este sempre se dá, quando se repete immediatamente huma mesma vogal: fóra disso bem vezes a successão immediata de certas vogaes, em vez de dureza, póde até produzir muita suavidade: disto havia muito no elegantissimo idioma Grego: taes são estas bellas palavras: *Dannae*, *Ilia*, *Leandro*, *Maleagro*, *Leucothoe*, *Actéon*: nem concurrencia de certas consoantes, que fazem difficil a pronuncia, como quando ao *s* se segue *r*: se se fugir a monotonia, evitando letras repetidas, singularmente vogaes, como em *batata*. Evite-se a terminação em *s* já demasiada, e que causa aspereza: e demais ficará mais conspicua a regularidade, sendo a distinctiva dos pluraes dos nossos nomes. A accentuação se julga melhor a de penultima, depois a da ultima, e inferior a de ante-penultima.

São estimadas, singularmente dos Poetas, e Oradores, as que no seu mesmo som parecem imitar o seu objecto. Em todas as linguas talvez se achão estas palavras imitativas, mui especialmente das vozes dos animaes: taes

entre nós são *latir*, *ladrar*, *uivo*, *silvo*, *zurrar*, *grasnar*, e tambem *trovão*, *tambor*, *estalar*, *fragor*. Para significar coisas asperas, fortes, e terriveis, abundem em consoantes, e de som aspero; como *contrastar*, *transtorno*, e das mesmas vogaes se busquem as de som mais aberto, e claro, ou já pelo contrario. Para coisas suaves, e de mimo abundem mais de vogaes, e de consoantes brandas, como em *animo*, *amado*, *bonina*, *menino*, &c. Com tudo, sem se desprezar esta qualidade, não convirá atter-se a ella táo escrupulozamente, que com isso se embarace o escriptor, que convem proceder racionavelmente livre.

Significantes serão no especial sentido, que aqui se dá a esta palavra, se significarem bem, e distinctamente o seu objecto. Sobre isto attenda-se que as palavras, que mais particularizão, mais signficão. Assim *loja*, significa mais que *casa*; pois que significa demais que he no andar da rua, e destinada a vender ao povo algum genero de coisas. *Botica* porém significa ainda mais, porque além de tudo aquillo, significa que o genero de coisas, que se vende, são medicinas. Qualidade precioza, que dá energia, e força, além da inestimavel brevidade. Oxalá não fossemos obrigados nas outras lojas a accrescentar palavras; v. g. de *Capelista*, de *ferragem*, de *mercador*, de *panos*, &c. O mesmo se entende com os verbos. Dizendo-se *trabalha* não se diz tanto co-

mo *cultiva* (em agricultura), e ainda mais diz *poda*, ou *empa*, pois que podar he *trabalhar*, e de mais *cultivar*, e de mais *podar*, que explica só tudo aquillo. Reflectindo nesta regra, conheceremos as palavras mais significantes; e veremos as de que necessitamos. Assim, quando dizemos *lavrar madeira*, podemos entender que nos falta palavra propria, pois que *lavrar* não compete em particular a esta acção. Não he porém assim quando dizemos *cepilhar*, palavra unicamente propria, e significante da sua acção, que a distingue ella só de toda outra. Nas linguas, quanto mais barbaras, e incultas, tanto menos se achão de taes palavras: e as poucas, que tem, lhes suprem para todas as coisas; o que não póde dar idéas bem distinctas dos objectos, e obriga a muitas circumlocuçoens, o que faz o estilo frouxo, e insipido, gastar mais papel, e, o que mais que tudo val, o tempo.

O vicio mais opposto a esta virtude he o equivoco, quando hum mesmo som designa differentes objectos, o que obriga a buscar outra, ou outras palavras, para distinguir hum. Neste vicio incorrerão singularmente os Europeos na America, onde todas as naçoens, não tanto com tudo a nossa, transplantarão os nomes de quantas Cidades, ou Provincias tinhão deixado nas suas patrias, e dando nomes dos animaes conhecidos a outros de differente especie, só por alguma leve similhança.

O mesmo succede, quando se appellidão objectos novos com adjectivos, como *Doce*, *Negro*, *Verde*, *Grande*, dados a rios, vindo assim a não se poderem designar sem duas palavras, e o que peior he, passando a tal nomenclatura viciosa para outro tal objecto em outro lugar, como no Brazil *Rio Grande do Sul*. Se os Poetas tivessem de celebrar este rio, como o tem feito com o Tejo, ou Danubio, pobres elles! E, se cada couza temos de nomear com duas, ou tres dicçoens, teremos de occupar dous volumes, sem dizer mais, nem tão bem, como se poderia em hum só.

Porém não creio sem remedio esses mesmos nomes mal postos, ainda que já celebres, como Rio de Janeiro. *Constantinopla* primeiro foi *Bysancio*; e mudou para peior, por honrar o nome de seu engrandecedor Constantino. Pernambuco seria Olinda, senão fosse talvez o odio á nação inimiga, que a quiz melhorar de nome; e em Lisboa se intimou ao publico a mudança de *Campo do Curral* para *Campo de S. Anna* só para ficar mais decente e habitavel para Nobres. Mas não julgo necessarios Decretos no ordinario. Façāo-se os Mappas logo, posto que não perfeitos já, sempre melhores que os até agora feitos, que para esta melhoria he impossivel não se ter, e poder haver materiaes; e nelles se nomeie só pelos nomes correctos, ou novos. Depois

assim se escreva, assim se imprima, &c. Ao principio terão esses objectos dois nomes, o velho, e o novo, e por fim só o novo vogará; sendo assim que os nossos Escriptores serão em diante mais cautos, e a Nação mais civilisada, como he de esperar.

Em Latim o nome do Rio de Janeiro adjectivado só se diz *Fluminensis*. Talvez poderia para ambas as linguas ficar o substantivo *Flumina*, ou *Flumia*, ou ainda *Fluma*, e em fim como os Portuguezes sempre gostarão, e com razão, de passar o *u* dos Latinos para *o*, melhor ficaria o bello nome *Floma*. Assim como agora huns sabios deverião preparar, e dirigir o novo Mappa com suas ratificaçoens Geograficas, ou huma Geografia Braziliense, o que tudo seria estimado, e buscado; outros lhes deverião ter promptos os nomes, para se porem para sempre; e por conseguinte, que levem a marca de bom senso.

Quanto mais se eliminarem equivocos, mais clara será a linguagem, e mais formosa, como mais regular. Evite-se o uso de *ch* em cujo lugar se escreva ou *x*, ou *k*, segundo o som que se quer: se o uso do *k* nos fosse mais familiar, nos livrariamos de equivocos, e irregularidades, qual em *fico*, *fique*. O uso tambem de *c* occasiona ficar a escrita frequentemente errada. Em fim, se devem accentuar sempre as palavras novas, especialmente polyssilabas, e escreverem-se com todas as letras bem formadas, e distinctas: o que oxalá praticassem sempre os escriprores com as menos vezes ouvidas no uso: e não se verião ainda pessoas instruidas, hesitando á leitura de taes palavras, ou equivocando-se copiando-as.

Depois das lembradas qualidades da boa palavra, e sobre o que entendo se póde accrescentar não pouco; talvez intimide a difficuldade de achar muitas dessas escolhidas palavras: mas propoem-se o optimo para ao menos se obter o bom; ou ainda o menos máo; e já seria algum fructo da nossa deligencia. Porém methodo temos de entre palavras sem numero se poderem escolher boas a milhares.

Continuar-se-há

ODE ANACREONTICA.

LEves auras, que voando
Entre as flores mansamente,
Sobre a limpida corrente
Deste arroio andais brincando,
Leves auras, por piedade,
Mitigai minha saudade.

Sussurrando lisongeiras,
Ide os olhos meus cerrando,
Hum tranquillo sono brando,
Me trazei, trazei ligeiras:
Leves auras, por piedade,
Mitigai minha saudade.

Póde ser que o gentil rosto
De Nerina em sonho veja,
E se amor faz que assim seja,
Qual será então meu gosto?
Leves auras, por piedade,
Mitigai minha saudade.

Então sua formosura,
Qual hum tempo já soía,
Em prazer, em alegria
Tornará minha amargura;
Leves auras, por piedade,
Mitigai minha saudade.

Seu suave rosto lindo
Nesta ausencia ver dezejo,
Fartai, auras, meu dezejo,
Seja embora, ou não, dormindo:
Leves auras, por piedade,
Mitigai minha saudade.

Auras leves, se benignas
Annuis ao que vos peço:
Vosso altar a ornar me offreço
De fragantes flores finas:
Leves auras, por piedade,
Mitigai minha saudade.

Diniz.

Outra do mesmo Author.

DE mil Nynfas na innocente,
E lustrosa companhia,
Passeava o outro dia
N'hum vergel fresco e virente,
Onde a Arte e Natureza
Competião na belleza.

Entre as varias lindas flores,
Que viçosas abrolhavão,
E a verdura marchetavão
Com as finas, varias cores,
Hum rosal crescendo vinha,
Que mil rosas em si tinha.

Hum botão entre ellas vejo,
Que na graça os mais vencia,
De o colher a fantasia
Me excitou logo o dezejo;
Para pô-lo no meu peito,
Vou corta-lo satisfeito.

Mas apenas lhe bolia,
De seu seio molle e brando,
Terno vulto vai voando,
Leve abelha parecia;
E era amor, que alli pousava
E em seu calis repousava.

Das gentis Nynfas voando
Pelo meio foi ligeiro,
Porém logo lisongeiro
Torna entre ellas, revoando.
Mas alli (caso estupendo!)
O tyranno foi crescendo.

De Marilia nos cabellos
Ora salta velozmente,
Ora vôa mansamente
De Micale aos olhos bellos:
De Nerina as faces toca,
E de Aglaura a linda boca.

De voar em fim cançado,
As purpureas azas fecha,
E cahir d'Egle se deixa
Em o seio delicado,
Onde embebe prestesmente
No arco eburneo a setta ardente.

E o farpão adamantino
A meu peito indireitando,
Foi comigo assim fallando:
Vê agora, triste Elpino,
Que castigo sente enorme
Quem desperta amor, que dorme.

Disse, e a setta despedindo
Me traspassa o coração.
Ai de mim! que deste então
Abrazar-me estou sentindo:
Cresce o mal, e não tem cura,
Pois de mim Egle não cura.

EPIGRAMMA.

QUando, Laurindo, sahes tão pentiado,
Tão nedio, tão gentil, e tão rosado;
Da matreira rapoza n'hum momento
Logo me vem o dito ao pensamento:
Oh! que bella cabeça, por Appollo!
Mas que prol! se não tem dentro miolo!

Outro.

TUdo Laurindo tens: trajas á Ingleza,
E a perna manca arrastas á Franceza:
Hes bonito, hes facundo, hes engraçado,
E em extremo das moças cobiçado.
Só huma leve falta em ti deviso.
Sabes de que, Laurindo? de juiso.

O mesmo.

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Manoel de Portugal e Castro, sobre a Traducção dos Ensayos Moraes, e Ensayo sobre a Critica d'Alexandre Pope, feita pelo Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde d'Aguiar, seu Tio. Em 29 de Julho de 1812.

ODE.

. . . . . . O juizo quero
De quem com juizo, e sem paixão me leia.

Ferreira.

ASsim da Gloria se franqueia o Templo,
Se cobre, e doura d'immortal renome,
Quem por clara Ascendencia
Já nasceo para Ella.

Assim se eleva, e durará viçoso,
Apar dos Evos, na longinqua Historia,
Como he viçoso o campo
Das Muzas, que enobrece.

Pope! Revives: Monumento egregio,
Que mais d'hum Povo te acquirisse os cultos,
Acabou d'erigir-te
D'hum sabio Conde o Genio.

Inglez brilhaste, e Portuguez agora
Brilhas nos trajos do Idioma Luso;
Perdes-te? não: he a mesma
Tua alma, e graça, e força.

Sóbra energia á Portugueza Lingua
Para em tudo versar-se: e ora em ti fulge
Tão pura, que nos lembra
Hum Adrade, hum Vieira.

Salve da Lingua Pays, da Patria Lumes!
Porém . . . . que vejo! . . . tresvalio? sonho?
Não sonho: he Nume: o gesto . . . .
Quem es? quem es? responde.

,, Sou de Lysia, quem vês, o affavel Genio,
,, Que sá justiça ao Merito fazendo,
,, Sento a par dos que salvas
,, O Traductor de Pope.

Nume! E não mais? . . não mais: raio no brilho,
Sumio-se aos olhos, como a luz do raio;
E n'alma absorta deixa
Não soluto embaraço.

Qual seja, Elmano! Eu to confio: he este:
Se tão digna Mulher cabendo ao Conde,
Como talvez Britania
Té hoje em si não vira:

Foi obra digna d'ocupar-lhe a Mente,
Sem que do justo transcendesse a meta,
Ter vertido de Pope
= A satira ás Mulheres. =

Fr. João da Costa Faria.

Vantagens da vida camprestre; em resposta á carta, em que de Lisboa se despedia, devendo partir para a Bahia, Paulo Joze de Mello (1), *escritas de Paris aos* 21 *de Maio* de 1806

por *B.****

Heureux qui vive en paix du lait de ses brebis,
De leur simples toison voit filer ses habits;
Qui soupire en repos l'ennui de la vieillesse
Aux lieux, oa pour l'amour soupira sa jeunesse.

Racan.

VEnturoso o mortal, que ausente vive
Do tumulto enfadonho das cidades,
Que de Flora e de Ceres dado ao culto,
Só nos campestres bens ventura encontra;
Claros e puros os seus dias correm,
Como a limpida linfa, que o sacia:
Da querida consorte os mimos goza,
E a cada lado seu, gostoso encara
Gentis porções de si, que hum dia alegres,
Doce lhe tornaráõ da idade o pezo.
Venturoso mortal, quanto te invejo? . . .
Quem dos campos conhece todo o encanto,
Tem da ventura no seu peito o germen.
Gostosa solidão, da paz morada!
Se os Ceos d'entre os humanos te roubassem,
Que restára na terra ás almas puras?
Livre do pezo, que aniquila as mentes,

He no teu seio que do genio as molas
Mostrão quanto vigor lhes deo natura.
As leis que a illustre Roma fez ditosa
Foi no teu seio que estudou Pompilio:
Vós, campos Mantuanos, vós dictasteis
A o sublime cantor, sublimes versos. (gens
Nos campos do Moudego, ou nos do Gan-
He que Appollo baixava a ter com tigo,
Camões, grande Camões, genio divino.
Murchão na frente dos Heroes os loiros,
Os Monarchas baqueão do alto solio,
Esbroão raios empinadas torres,
Grandezas, honras, titulos acabão;
Mas teu nome, Camões, teu nome illustre,
Qual as eras, eterno, he sempre novo.
A morte destruir não pode o Genio,
Porção sagrada, qu' emanou do Eterno.
Gostosa solidão da paz morada,
Teu silencio nas almas gera, arreiga
Os puros, virtuosos sentimentos.
As mentes opprimidas crimes gerão
Das cidades o ar a mente opprime,
E tu da liberdade as portas lhe abres. (novo,
De momento em momento hum quadro
Mandas rizonho captivar os olhos,
Do que o justo valor sabe empregar-lhe,
Se ha ventura no mundo, he só nos campos,
Que do bafo empestado das cidades
Os putridos miasmas não mancharão.
Almas perversas, corações dobrados,
Homens, que só de humano a forma tendes,

Entes, que ensovalhaes da Natureza
A melhor producção (onde inda existem
Para vos dar em rosto alguns, que o nome
Sabem desempenhar d'homem, d'amigo),
Dos Fados a despeito hei de fugir-nos.
Paulo, foge dos homens, foge amigo,
Vai no lindo Maré (2) gozar da vida:
Victima, como eu sou, tambem tens sido.
Basta já d'afiições, sim cumpre hum dia
Os males esquecendo, ser ditoso.
São vistas as demais, vista huma Corte,
Quanto por lá tens visto, cá verias,
Algumas addições demais acharas,
D'afidalgados Mydas a cohorte (3)
Fingindo antigos mal sabidos usos,
Na grandeza noveis: verias outros . . .
Mas isso val apena de deixar-se
Homens para ver homens? Nada, Amigo,
São tão poucos os bons por toda a parte,
Como por toda a parte os máos abundão.
Dizem París theatro de prazeres,
Que isolado se vive ao pé da Corte!
Se os theatros, se os bailes, se os concertos,
A ventura fazer de hum homem podem,
Este viva em París, será ditoso.
Isolado viver cercado d'homens?
Não posso combinar noções oppostas.
O velho habitador d'hum mundo velho,
Prazeres naturaes tendo esgotado,
Accommode á seus vicios seus prazeres;
Mas quem n'hum mundo novo origem teve,

Novos deleites no seu mundo encontre.
Viçosa a Naturéza nos circunda,
E velhos hemos ser, onde ella he nova?
Perdoa, ó sabia mestra, ó Mãi dos Entes.
Eternos sempre novos são teus dotes,
Mas sabe-os arredar das mãos ingratas,
Que o teu seio abraçar julgão baixeza:
Arem filhos ingratos terra ingrata.
Fugiste d'elles, e no Mundo novo
Novos homens buscar sabia quizeste,
Corramos a abraçar a mestra illustre,
Que morada firmou nas plagas nossas.
Lê, consulta, medita, attende, estuda
O livro, que a teus olhos patentêa;
Cumpre para attende-lo serio estudo.
Arando as terras, examina os sulcos,
Semêa, e da semente o curso espreita,
Como o germen rebenta, como cresce,
Que tempo, que terreno mais lhe quadra,
Se o fundo, ou flor da terra mais dezeja,
Se o norte lhe convém, se o sul, se o este;
Se linfa te pedir, busca rega-la,
Se o Sol lhe cresta a face, dá-lhe sombra,
No decóte, no enxerto attende á quadra,
Do tronco á consistencia, á cor das folhas
Quando a flor desabroxa, e em botão feixa,
Consulta: e da semente a madureza,
Antes que da colheita o curso incetes:
Diversas attenções pede o rebanho,
Dos novilhos escolhe o mais formoso,
O cordeiro o mais forte, e da progenie

O numero augmentar pertença á estes;
Qual os fructos melhores torna o enxerto,
Amelhora-se a Grei, cruzando as raças.
O filho inda novel desvelos pede,
Que cuidoso o Pastor deve prestar-lhe.
Limpeza no curral exijas sempre,
Onde abrigados os teus gados durmão.
De plantas nutritivas cobre os pastos,
As más extirpa. Vê Catão que falla
He do cultor o gado a mór riqueza:
Dos Bois os pastos separados sejão
Do pasto, em que outra grei sustento busque,
Ou primeiro que os mais o Boi só pasça.
Na tosquia a tesoura a pelle evite,
Nas castrações convem cuidado eximio;
Males proprios do clima, á especie proprios,
Devem ser estudados junto ao enfermo:
Na pratica vereis, mais que nos livros,
As normas principaes d'Agricultura.
Intrigas cortezãs de parte postas,
As Cortes desdenhado, e seus famasmas,
Como pode feliz passar os dias,
Quem de cuidados taes a mente occupa!
Ver novas gerações, melhores outras,
Tudo trabalho seu! que mais dezeja
E mais pode encantar as almas cultas?
De cazal em cazal seu nome passa,
Suas luzes espalhão-se com elle,
E a Patria enriquecendo, a si, e ao mundo,
Deixa nos corações saudoza fama.
População, Commercio, Artes, Sciencias,

Mudão, mudando de cultura as terras:
Dos Imperios a sorte está no arado,
Não consiste na lança a força d'elles.
Lagrimas banhão da victoria o carro,
Mesmo vencendo, s'enfraquece a Patria,
Lucto succede da victoria aos vivas,
O triunfo em segredo o Heroe prantêa.
Essa arte deixa, que natura enluta (4),
Essa arte abraça, que natura adorna.
Se a Patria te chamar, sê Cincinatus. (5)
Dos sulcos da charrua os bens rebentão,
Da charrua a rabiça os pulsos honrão, (quem.
Roma, (6) China, (7) Moravia, (8) alto o publi-
Tua arte, ó Lavrador! he nobre, he grande,
Dá riquezas, dá mais, dá bons costumes.
Eia hum arvore planta, hum filho educa,
E á Patria dado tens o mais que he dado. (9)
Gloria prazeres, paz, riqueza encontra
Quem das cortes fugindo, a enxada empunha.
Olvidem-se os desgostos, caro Paulo;
Vai cercado dos teus ser venturozo;
Espera o Borges: seus desvelos todos
São pela patria, pela patria sofre,
Em a patria servir sómente esfria
Cobarde coração, mente pequena.
Espera o Borges . . . que saudoso fica,
Que as mãos do pai beijar, do amigo as faces,
Em breve espaço partirá contente:
Das cidades mofando, e seus prazeres
Da paz e d'amizade no regaço,
Dias tranquillos passará com tigo,
Hum dia da ventura o rosto vendo.

Notas.

(1) Filho da Bahia, tão estimavel Poeta, quão habil Agricultor. A mais estreita amizade me priva o fazer o elogio das suas luzes, e de suas relevantes virtudes.

(2) Ilha do reconcavo da Bahia.

(3) Allude aos novos nobres criados por Bonaparte.

(4) Era então militar.

(5) Este Romano largou o arado para commandar o exercito, e servida a Patria, voltou para a lavoira.

(6) Sabe-se o apreço em que os Romanos tiverão a Agricultura. As festas de Ceres, Flora, Pomona, Vertumno &c. não erão senão homenagens á primeira das artes, e honrar aos que nella se illustravão.

(7) O Imperador da China todos os annos, por dever religioso e civil, desce do throno, e com suas mãos pega na rabiça do arado, lavra a terra, e premêa aos lavradores mais benemeritos.

(8) José II. na Moravia, para honrar os Lavradores, arou com suas proprias mãos huma jeira de terra.

(9) Esta idéa he tirada de Montesquieu que diz que o maior serviço, que o cidadão póde prestar, he plantar huma arvore, e dar hum filho á sua Patria.

Aos annos de SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE REGENTE Nosso Senhor.

SONETO

SAlve, ó dia feliz, que o sacro Jove
De mil virtudes tem abrilhantado,
Salve, dia immortal, dos Ceos mandado,
Tua existencia o nosso bem promove.

A' voz pod'rosa, que os destinos move,
Foste do negro cahos arrancado,
Para esmalte de Lysia a ti foi dado
Fazer que a idade de ouro se renove.

Aquelle, a quem doaste o Ser Sob'rano,
JOÃO, por quem a gloria em nós revive,
Dá novo lustre ao Throno Lusitano.

De vê-lo embora a Sorte hoje nos prive,
Q' hum Principe, qual Elle, justo e humano,
Impera em corações, e nelles vive.

Remettido de Lisboa por D. Mariana Antonia Pimentel Maldonado.

Satira aos Poetas, attribuida ao celebre Philologo Pedro José da Fonceca.

DE hum grande frenezim hoje enloquece
Quazi meia Lisboa, e vai lavrando
O mal, como em rebanho, que engafece.
Alça-se cada dia hum novo bando
De Poetas, e praga tão damninha
Vai os campos de Apollo desvastando.
Não fica planta, fructo, flor, ervinha
Sem ser abocanhada, maior damno
Nunca fez a lagarta em qualquer vinha.
Cada hum delles sem peijo, e muito ufano,
Mais versos n'um outeiro só vomita,
Do que fez Thomaz Pinto em todo hum anno.
Este daqui o impulha, estoutro grita;
Mas elle a cantilena leva avante;
Pois lhe basta, que hum só ,, bravo ,, repita.
Siga-os muito embora essa ignorante
Caterva, que em tropel ouvi-los vem
Com boca aberta, e pallido semblante.
Fação-lhes roda, mil vivas lhes dem,
Então mais, se he Romance, ou se he Soneto,
Que a taes bocas alfaces taes convém.
Com semelhantes couzas me não metto;
Mas não posso tragar, que elles persigão
Os que distinguem bem branco do preto.
Mil remoques Bernardos, que lhes digão,
O fugir delles, como de empestados,
He em vão para que elles os não sigão.
Pois, como sanguixugas, aferrados

Já mais deixão aos pobres miseraveis ,
Sem de sangue ficarem esgotados.
  Ah ! destinos crueis , ainda julgaveis
Por poucos nossos males , e catarros ,
Agudas febres , velhos intractaveis ?
  Presumidas mulheres , e masmarros
Com vãos flatos de doutos , faladores ,
Não bastavão assás sem taes galfarros ?
  Mas perguntai a hum destes parladores ,
Muito cheio de si por ter brindado
Com descanto a huns olhos matadores :
  Ou a aquel'outro c'o dedo apontado ,
Por haver vinte glozas repetido
A cèrto consoante endiabrado :
  Que Horacios , que Aristoteles tem lido ,
Que Virgilios , que Homeros , que famosos
Antigos exemplares remexido ?
  Vereis com que rizadas desdenhozos
Vos respondem (talvez com sentimento
De vossos crassos erros lastimosos)
  Nunca foi Gregos versos meu intento ,
Ou Latinos compôr ; nem a Poezia
Requer estudo ; mas veya e talento.
  E logo para prova vos enfia
Huma lenda de nomes , e apellidos ,
Em que furor sem letras só havia.
  Nomes só delle , e d'outros taes sabidos ,
Que quando a boca abrião nos outeiros ,
Sempre erão como Oraculos ouvidos.
  Oh gente a mais feliz ; pois que os primeiros
Sois que aprendeis por giria , que ainda vemos

O officio dar nas tendas dos barbeiros !
  Mas daqui que procede ? O que sabemos
A cada passo versos tão buçais ,
Que nem suando sangue os percebemos.
  Vós Œdypos , que enigmas dezatais ,
E vós , que os caracteres Nigromantes ,
E sybilinos versos decifrais ,
  Vinde , e vereis em quam breves instantes
Vos desfaço essa futil vaidade ,
Só com dez , ou quatorze consoantes.
  Aqui não ha segredo , nem verdade
Occulta ; ha só palavras campanudas ,
Que a cruel rima pucha sem piedade.
  Hum simples termo , que a este xadrez mudas ,
Já se tornão insulsas frioleiras
Couzas , que te apontavão por agudas.
  As expressoens do vulgo mais rasteiras
Vez travadas com outras na sentença ,
Que ferem as Estrellas derradeiras.
  Olha com que irmandade , e sem differença
Vão Odes , Elegias , Epigrammas ,
E tudo o mais , que caza sem dispensa.
  Mas se por ser Poeta assim te inflammas ,
Dize , bom homem , quem te fez deixar
Acrosticos , Enigmas , e Anagrammas ?
  Tambem tinha o Romance o seu lugar ,
Tambem de quando em quando a Outava o tinha ,
A Quintilha , o Elogio lapidar.
  Porém Eclogas ! Cuidas , que a Cabrinha ,
Que o Cajado , o Surrão , o Arrabil ,

Que o dizeres bofé, cá home, azinha:
Que o fallar Bieito, Braz, Gonçallo, Gil,
Que a vaca mança, a ovelha, e o pegureiro
Basta a formar o estilo pastoril?
Meu amigo, outro officio, o de gaiteiro
He alegre, senão vai-te á tabúa:
Não val mais conversar sempre ao soalheiro?
Ser poeta não he não couza commua,
He dom divino, que hum genio apoucado
Nunca póde alcançar, por mais que sua.
Mas este mesmo dom, sem ser guiado
Pelas regras da Arte, ao precipicio
Corre, como cavallo desbocado.
Que pensas tu, que a Arte o seu inicio
Teve em subtis caprixos? A razão
He sobre que se funda este edificio.
Oh, se não fora assim, hum charlatão,
Dentro em dous mezes, sem temor ousara
Talvez dar Epopeas á impressão.
O estrangeiro Dramma se mostrara
Com muito menor pejo, do que agora,
Se a atrevida ignorancia o estropiara.
E se muito bem fosse, então embora
Lucilio ao grande Horacio preferira,
E melhor que Virgilio Mevio fora.
O fallador Crispino repetira
Com boa acceitação seus versos frios,
E nem hum bocejara, outro dormira.
Porém cheios de lodo os grossos Rios
Correm, quando os ribeiros mansos, puros
Se derivão com doces murmurios.

Huns versos morrem logo, outros seguros
Do tempo, e da inveja, estimaçoens
Merecem aos secculos futuros.
Vedes nos Sás, Ferreiras, e Camoens;
Mas he que nestes houve a rija lima,
Que o gram Horacio inculca aos seus Pisoens.
Nestes doutrina, e arte igual se estima,
No conceito, e dicção igual nobreza:
Não parava o cuidado só na Rima.
Em o seu melhor Livro, a natureza,
Onde mil raras graças profundavão:
Não havia a corrente van presteza.
Assim grandes, pequenos respeitavão
O seu alto saber; as gentes rudes
Entre as serradas trevas se illustravão.
Elles tornão mais bellas as virtudes,
Elles fazem, que sempre te conheção,
Vicio torpe, por mais que as formas mudes.
Daqui vem que respeito, e amor mereção
Ante o Rey, e os Heroes, que os mais famozos
Se lastimem, que Homeros lhes faleção.
Os indomitos tigres, os raivozos
Leoens, que apôz de si mansos trazião,
Não são contos de velha fabulozos.
São os povos ferozes, que despião
Sua antiga bruteza, e a Ley brilhante
Da justiça, e razão n'alma imprimião.
Que generozo Isprito ham ver diante!
Bella imagem de feitos excellentes
Não aspira a que a Muza illustre o cante.

Dom raro, dom divino, que diffrentes
São hoje os teus effeitos! Que desprezo
Entre o vulgo profano hoje não sentes!
Não trato de hum tal vulgo, cujo pezo
De razoens não se estima, de outro fallo,
Mais ridiculo sim, porém mais tezo.

HISTORIA.

Viagem da Capitania de S. Paulo á Villa do Cuiabá.

EMbarcão os viajantes na Villa de Porto Feliz, situada 22 leguas a O. de S. Paulo, banhada pelo rio, a que os primeiros descobridores chamarão *Anhembi*, e hoje se diz *Tieté*, por corrupção de *Teté*, que quer dizer, rio de muitas agoas; e navegando por elle, agoas abaixo, vão desembocar no rio *Grande*, ou *Paranam*, que em si recebe o primeiro. Logo abaixo do porto do embarque, encontrão a caxoeira de *Acanguerucu*, como hum preludio das muitas, que este rio fórma, e que atrazão, e arriscão esta viagem. Contão-se 47 notaveis, além de muitas outras de menos consequencia; e entre todas se estremão as caxoeiras de *Avanhandava*, e de *Itapura*, que o rio fórma despenhando-se com formidavel ruido de altura de 10 braças; e para vencer estas famosas cata-

dupas, se várão as canoas em terra, e por ella se conduzem a tomar agoa abaixo destes degraos. As outras se passão a maior parte a meia carga, com grave perigo e dificuldade. De *Itapura* á boca deste rio, ou ao *Paranam*, gasta-se meio dia de viagem.

Chegados ao *Paranam*, proseguem os navegantes a sua derrota por elle abaixo, ao rumo do S., até á boca do rio *Pardo*, que tamtem desagoa no primeiro. Esta navegação do *Paranam* he mais suave, por ter sómente este rio huma catarata, a que denominão *Jupia*; porém a sua grande largura, estimada em meia legua, faz que em occasião de ventos, ella seja bastante arriscada, em razão da grande agitação, que delles recebem as suas agoas, causando a submersão das canoas, que nestes tempos se achão navegadas.

Deixando os viajantes o rio *Grande*, continuão a sua derrota pelo rio *Pardo*, agoa arriba, ao rumo de N. até aos confins de suas vertentes, em cuja viagem he commum gastarem-se dous mezes, mais ou menos, assim pela arrebatada corrente deste rio, como pelas suas muitas caxoeiras, entre as quaes se contão 32 assás notaveis; e destas hum bom numero preciza vencer-se conduzindo as canoas e cargas por terra. De todas he a mais notavel a que chamão do *Bulo*, salto muito maior que os do *Tieté*, e que se torna mais vistoso e pittoresco pela claresa, e transluzimento das

agoas do rio *Pardo.* Esta trabalhosa navegação conclue-se no lugar chamado *Sanguisuga*; e então se dá principio á passagem das canoas e cargas por terra para a Fazenda de *Camapoan*, distante 2 ½ leguas. Este transito por meio de campinas e de matos serrados, se effectua conduzindo as canoas em grandes carros de quatro rodas, de construcção apropriada para este mesmo fim, tirados por 6 e 7 juntas de bois, e as cargas em carros ordinarios, e ás costas de negros e de gentes alugadas. Este comboy he sempre escoltado por gente armada, sendo indispensavel esta cautela e toda a vigilancia para não cahir nas tramas do gentio *Caiapó*, que não cessa de fazer as suas correrias por estes sitios. Na Fazenda de *Camapoan*, estabelecida acinte para commodo dos viajantes, por ser a meio tempo da jornada ao *Cuiabá*, se refazem estes de viveres, e do necessario para proseguirem a vante.

Postas as canoas, e cargas em *Capamoan*, se lanção aquellas no rio do mesmo nome, cuja pequenez, e mingoa de agoas torna fadigosa a sua navegação, obrigando a diminuir as cargas de metade, e a que as canoas, chegando ao rio *Coxiim*, estabelecidos ranchos de folhas de palmeira, ahi deixem metade das fazendas com algumas pessoas de guarda, e voltem para conduzir a outra metade; em cuja diligencia empregão 20, e mais dias.

Findo este transporte, começão os viandantes a navegação do rio *Coxiim*, agoa abaixo, até ao rio *Taquari*, em que elle desemboca; cuja navegação, que não excede a 8 ou 10 dias, he bastantemente arriscada, não só por ser a corrente do *Coxiim* atalhada de troncos, em que as canoas empeçando, muitas vezes se perdem, mas pelas temerosas caxoeiras, que tem em toda a sua extensão, de difficil e arriscado vencimento. As mais notaveis são em numero de 17, e muitas destas se passão com gente dobrada e meia carga, e algumas descarregando de todo as canoas.

Chegando ao rio *Taquari*, continúa a navegação por elle abaixo, por espaço de 6 ou 7 dias, até que se chega ao lugar chamado *Pouzo-alegre*, onde se incorporão todas as canoas para proseguirem a sua derrota debaixo do commando de hum Cabo, que alli se elege para a governar e dirigir, e fazer as disposiçoens necessarias para resistirem a qualquer ataque do gentio *Paiaguá*, que vive embarcado. Para este effeito se armão em guerra tantas canoas quantas se julgão necessarias para a defensa das outras, e nellas se embarcão gentes praticas e de valor conhecido, providas de armas de fogo com as competentes muniçoens; e nesta ordem proseguem a sua viagem pelos pantanaes, ou planicies alagadas pelo *Taquari*, demandando ao Poente o Rio *Paraguai*; em cuja travessa gastão 15 e mais dias, pousando sempre em terras de matos, que se encontrão pelo meio destes paúes.

Terminada a navegação dos pantanaes, sahem os viajantes ao rio *Paraguai*, e por elle continuão a sua derrota, agoas arriba, hindo as canoas humas atrás das outras, debaixo das ordens do Cabo commandante, e da vigilancia dos Fragueiros, que vão nas canoas de guerra; as quaes tomão as barras dos sangradouros, que sahem dos pantanaes do *Paraguai*, afim de impedirem as emboscadas e assaltos que em semelhantes paragens costuma tentar o mesmo gentio *Paiaguá*, que aqui he mais frequente; e desta fórma se navega dous dias por este rio, até tomar a barra do rio dos *Porrudos*.

Chegadas as canoas a esta barra, deixão a navegação do *Paraguai*, e proseguem pelo rio dos *Porrudos*, agoas arriba, com a mesma ordem e cautelas, por ser elle tambem frequentado pelo gentio *Paiaguá*; e com 5 ou 6 dias de viagem tomão a barra do rio *Cuiabá*.

Proseguindo a sua derrota por este ultimo, na mesma fórma que nos dous antecedentes, por nelle tambem exercitar as suas piratarias o gentio *Paiaguá*, concluem finalmente a sua viagem com 15 dias de navegação por este rio, quando elle não vai de monte-á-monte, desembarcando no porto, que dista da Villa do *Cuiabá*, hum quarto de legoa mais ou menos. Esta Villa mui bem conhecida não carece de ser por nós descripta; lamentaremos sómente o triste estado deste rico

paiz, pelas incessantes perseguiçoens do gentio *Caiapó*, que continuamente ataca e mata habitantes e escravos pelos sitios e lavras, apezar das suas precauçoens; o que concorre incrivelmente para o atrazamento da industria e da agricultura.

Agora daremos algumas noçoens sobre as particularidades dos rios navegados, e natureza de suas margens, a fim de que o leitor forme huma idéa hum pouco mais ampla e adequada desta viagem.

O rio *Tietê*, que se diz ter 180 a 200 legoas de curso, tem a sua origem nas serranias da costa do mar, entre as Villas de *Santos* e *S. Sebastião*. As suas margens são compostas de frondosos e espessos matos, que produzem varias especies de frutas silvestres, e palmitos, de que se utilisão os navegantes. Entre as arvores fructiferas he digna de nota a que produz a fructa chamada Jataiz, que não sabemos classificar; mas cuja casca he de tal grossura, que os gentios e sertanejos della fabricão canoas, em que navegão. Do seu lenho, por ser mui sólido, e de muita duração, se servem os moradores com vantagem para a fabrica de seus Engenhos de assucar; e da rezina, que com profusão destilão as suas raizes, se utilisão os Indios para as suas luzes, e para varios enfeites, que usão trazer nas orelhas e beiços, preparando-a para este ultimo fim de maneira, que muito se assemelha ao verdadeiro alambre. Estes bosques são

todos povoados de grande quantidade de caças, e de innumeravel variedade de aves. O rio he tambem fertilissimo de optimos pescados, entre os quaes ha algumas especies de tal grandeza, que pezão depois de secos arroba e meia, e duas arrobas; por isso os habitantes das Villas de *Porto-Feliz*, de *Itú*, e de *Sorocaba* fazem expediçoens ao sertão de 6 e 7 dias de viagem para o fim de suas pescarias e salgas, que depois vendem ao povo. No espaço navegado, desaguão neste rio — O *Capivari*, na margem direita, dia e meio de viagem de *Porto-Feliz*, que terá 5 ou 6 braças de largura, e as suas cabeceiras ao rumo de N: — O *Sorocaba*, que passando pela Villa deste nome, desemboca duas leguas, mais ou menos, abaixo da barra do *Capivari*, na margem esquerda, com a largura de 8 braças; este rio dizem ter a sua origem nas serras da costa do mar, na altura da Villa da *Conceição de Itanhaen*: — O *Pirassicaba*, que desemboca na margem direita com a largura de 10 ou 12 braças, dois dias de viagem abaixo do *Sorocaba*: este tem as suas vertentes ao N. na entrada de *Goiaz*: — O *Jacarepipira*, 5 ou 6 dias de viagem abaixo da barra do antecedente, na margem direita, com a largura de 4 braças mais ou menos; e logo mais abaixo desemboca outro do mesmo nome; porém com o duplo da largura do primeiro: ambos estes rios parecem ter as suas vertentes ao N.

O rio *Grande*, ou *Paranam*, abunda igualmente em excellente peixe, e nas suas margens se encontrão do mesmo modo as frutas e abundancia de caças; accrescendo sómente os *Cervos*, que nas do *Tieté* se não encontrão. Durante o curso, que se discorre nesta viagem, desaguão no *Paranam* — O rio *Guacurii*, na margem direita, quasi defronte da barra do *Tieté*, com a largura de 10 braças; cujas vertentes se julgão ao Norte: — O *Agoapetuz*, abaixo da barra do *Tieté* hum dia de viagem, com a largura de 4 braças; o qual tem as suas vertentes a E. na estrada de *S. Paulo* para *Viamão*. O rio *Verde*, abaixo do *Agoapetuz* hum dia de viagem, na margem direita, com a largura de 10 braças, e as vertentes ao N. O rio *Orelha de Onça*, logo abaixo do Rio *Verde*, com pequena largura, e as vertentes ao mesmo rumo do precedente. O rio *Pardo*, meio dia de viagem abaixo do *Orelha de Onça*, com a largura de 10 braças.

O rio *Pardo*, além das particularidades já descriptas na derrota, tem a de serem as suas cristalinas agoas mui saborosas e sandaveis, pela virtude, que lhe communica a sarça parrilha, que crião as suas margens. Estas são como as dos precedentes, até ao primeiro salto do *Cuyurú*, menos na abundancia de frutas, que he compensada pelo mel das abelhas, em que abundão; porém deste salto para cima, ellas se compoem de deliciosas e exten-

sas campinas, povoadas de muita variedade de caças, entre as quaes se encontrão Veados brancos, perdizes, e codornizes, e tudo com profusão; o que convida e attrahe os viandantes a saltarem das canoas, para se divertirem e aproveitarem desta abundancia; mas o temor de cahir em alguma trama do indomito e ardiloso gentio *Caiapó*, priva a muitos do gozo deste util divertimento, e os que não pódem resistir a este incentivo, tem o cuidado de usar de todas as precauçoens possiveis para não perecerem ás mãos destes selvagens. Os rios, que desagão no rio *Pardo*, são = O *Nhandui-guassú*, com 6 braças de largura; o *Nhandui-meri*, hum pouco menos largo; e o *Sucurii* com 2 braças; os quaes todos desembocão na margem esquerda, e tem suas vertentes a O.

O pequeno rio *Camapoan*, que corre entre matos menos povoados de caça, he tambem menos fertil de pescados, pela pouquidade de suas agoas: as suas vertentes são a E.

O rio *Coxiim* corre entre ribeiras ferteis de caça; mas não se encontrão nellas as frutas silvestres, as suas agoas são excellentes e salutiferas; a sua largura he de 8 braças; as suas vertentes ficão ao SO. Este rio he navegado em toda a sua extensão pelo gentio *Cayapó*. Poucos rios desagoão no *Coxiim*, e só dous são conhecidos pelos nomes, que lhe poserão os primeiros descobridores, que vem a ser, o rio

da *Cilada*, da mesma grandeza do *Camapoan*, com as vertentes ao N, em que o gentio *Cayapó* tem a maior força de seus alojamentos; e o rio *Jaúrú*, maior duas vezes que o primeiro, e com as vertentes ao mesmo rumo.

O rio *Taquari* he ainda mais fertil de pescados que o *Coxiim*; as suas ribeiras compostas de matos, e de aprasiveis campinas, são todas povoadas da mesma variedade e abundancia de caças: nellas exercita tambem as suas correrias o gentio cavalleiro, denominado *Guaicuru*, que tem os seus alojamentos na altura do rio *Igatimi*, que desemboca no *Paranam*. Este rio *Taquari*, de 60 braças de largura, mais ou menos, tem as suas vertentes ao N, e corre para O: as suas agoas não são boas por trazerem muitas arêas. Nos pantanaes que elle fórma se crião muitas aves, entre cuja diversidade se notão as chamadas Anhupocas, da grandeza de huma perúa, que a natureza defendeu com huma ponta na cabeça, reputada antidoto de venenos, e duas nos encontros; fazendo-as ao mesmo tempo das mais formosas de todo o sertão: o seu canto, da meia noite para o dia, serve de relogio para o rendimento das sentinellas, que velão sobre o gentio *Payaguá*, mais frequente do *Paraguai* em diante. No *Tieté* ha tambem huma especie das mesmas aves, a que chamão Anhumas, as quaes só differem das primeiras em serem todas pretas.

O *Paraguai* tem mais de 60 braças de

largura; as vertentes a O, e a corrente para o S: por elle acima até o *Taurú* navegão os que vão para *Mato-Grosso*. As agoas deste rio são pessimas por quentes e cheias de arêas; mas nellas se cria grande fartura de pescados, entre os quaes se encontrão os chamados *Tesouras*; pequenos peixes bem conhecidos, que n'hum instante despedação tudo quanto cahe na agua. As suas beiradas tem a mesma variedade de caças, que as do precedente. Alguns com mais fundamento derivão o nome deste rio do gentio *Payaguá* que habita as suas ribeiras; outros querem que venha da Cidade de *Paraguai*, por perto da qual elle passa a encorporar-se com o *Paranam*; sendo mais provavel que fosse elle que emprestasse o seu nome á Cidade.

O *Cuiabá*, além de gozar das mesmas particularidades dos precedentes, pelo que respeita á caças e pescados, tem a de se encontrar logo acima da sua barra, dia e meio, ou dois dias de viagem, na sua margem esquerda, hum famoso bananal, do qual se utilisão com profusão os viandantes, e os Indios que vivem por estas paragens, sem que jámais se lhe reconheça desfalque sensivel. Além disso as suas campinas crião o arrôs com huma abundancia incrivel, e de melhor qualidade que o cultivado, por ser muito graúdo. Neste rio desaguão — o *Guaxu-grande*; o *Guaxu-pequeno*; e o *Carandá*, que manão dos pan-

tanaes, que ficão a E. Logo acima do *Carandá* desemboca o rio dos *Tutiz*, que tem as vertentes a O, na estrada que vai por terra do *Cuiabá* a *Mato-Grosso*. No interior destas ribeiras vivem muitos gentios *Bororos*, e *Pareciz*, dos quaes se servião os primeiros descobridores para a conquista das outras naçoens, por serem valorosos, e insignes brigadores.

Historia do Rio de Janeiro, Descobrimento, e primeira restauração deste Territorio.

As confusas, e mal seguras noçõens, que a nossa Corte havia acerca das terras e mares, que seguem da Bahia de Todos os Santos para o S. até ao rio da *Prata*; o incrivel ardor dos nossos grandes Reis no proseguimento das novas descobertas, que tanto illustrárão o nome Portuguez, dilatando o vasto campo dos conhecimentos humanos; este espirito indagador, que passando do immortal D. Henrique, parecia fazer parte da rica herança dos nossos Reinantes; agora na Pessoa do Senhor D. João III., o instigarão a esquipar huma Armada, cujo commando entregou a Martim Affonso de Souza, seu Conselheiro, ordenando-lhe que explorasse estas terras e mares, e estabelecesse huma Colonia no lugar, que para

isso achasse mais idóneo, em alguma das mesmas terras do S.

Partio a Armada em 1530, e chegando com prospera viagem pela altura de 23 gráos, avistando terra, mandou o Commandante coser-se com ella, e no primeiro de Janeiro de 1531 se divisou hum grande boqueirão, formado por altos penhascos, com huma grande lagem no meio, a qual dividindo as agoas, formava duas barras para o interior de huma dilatada bahia, entresemeada de muitas ilhas de differentes aspectos. Era este sitio chamado pelos naturaes, Nelheroy, e Martim Affonso o denominou Rio de Janeiro, pelo haver descoberto no mez deste nome. Fundeadas as embarcaçoens fóra da barra, metteu-se Martim Affonso em huma pequena lancha, e abordando terra, desembarcou junto ao Pão de Assucar, na praia que até certo tempo conservou o nome de porto de Martim Affonso de Souza, e depois praia vermelha. Explorado o terreno se retirou a seu bordo, despresando todas as commodidades deste bellissimo paiz, talvez por não expor a sua tropa e colonos ás contingencias de huma guerra perigosa com os Indios deste Continente; e daqui se ausentou, proseguindo em dar cumprimento ás Reas Ordens, na exploração da Costa.

Por toda a Europa se divulgou logo, que o Estado do Brazil não era menos rico, que dilatado; e com isto incitadas muitas Naçoens

estranhas, concorrerão a procurar nos seus portos saciar a sua cobiça. Entre todas estas, a Nação Franceza se houve com mais pertinacia, expedindo varias Náos dispersas para as Capitanias principaes deste Estado, procurando com ardilosa manha introduzir-se com os Indios habitadores destas Provincias, e colher as conveniencias, que lhes segurava o seu valor, e a cavillosa arte, com que fomentavão a inimisade dos naturaes para com nosco; e posto que nestas expediçõens recebessem não pequeno estrago dos nossos valentes Capitãens Pedro Lopes de Souza, Luiz de Mello da Silva, e Christovão Jaques, que lhes metterão muitas embarcaçõens a pique, e aprisionarão outras, todavia nunca desistirão de sua empreza, á que os estimulavão os dous poderosos moveis, o amor da gloria, e o das riquezas.

Em 1555 o Almirante de Coligny mandou ao Cavalheiro Nicoláo Durand de Villegagnon, natural de Provins na Basse-Brie, a estabelecer no Brazil huma Colonia de Calvinistas; o qual surgindo em Cabo-Frio pelos annos de 1556, ahi foi benevolamente agasalhado pelos Indios Tamoios, habitadores daquelle porto, os quaes, como tivessem violado a fé promettida aos Portuguezes, que habitavão a Villa de Santos, e Capitania de S. Vicente, (que nesse tempo tinhão o dominio de todas as nossas povoaçõens do S.) sob o especioso pretexto de recebidos aggravos, esti-

marão o soccorro, que liberal a fortuna lhes offerecia para ruina de seus imaginados contrarios. Villegagnon era muito astuto para deixar perder occasião tão favoravel aos seus intentos; e a fim de melhor se conciliar os animos dos Indios, lhes prometteu voltar breve com maiores forças, para vingar suas injurias com a oppressão de seus inimigos. Os Tamoios da sua parte, em signal da firme alliança, que em odio nosso estabelecião com os novos hospedes, lhes carregarão as embarcaçoens dos diversos generos do paiz, e principalmente de Páo-Brazil, muito estimado ja em toda a Europa.

Recolhido Villegagnon á sua patria, preparou com toda a brevidade maior apparato militar na esperança de realisar os seus ambiciosos e usurpadores planos; e tornando com igual fortuna a surgir segunda vez no mesmo porto, assegurou aos Indios huma amizade mais util e constante que a dos Portuguezes; de cujas armas promettia defende-los com todo o poder da Nação Franceza. Os Tamoios, firmes nos seus sentimentos de vingança derão prazme a estas promessas; e Villegagnon começou logo a fortificar em fórma a Ilha, a que deixou o seu nome, e varios lugares em torno desta enseada, com grande pasmo e expectação do gentio, o qual fiava a nossa total expulsão do Sul, da disciplina, e amizade do seu novo alliado.

Quatro annos havia que os Francezes dominavão esta porção de terra, confederados com os Tamoios, já algum tanto civilisados com o polido trato daquelles; e de tal modo infestavão huns e outros estes mares, e toda a costa, que foi preciso applicar maiores forças para atalhar os progressos, com que procuravão dilatar o seu dominio nesta Provincia. Avisando o Governador de S. Vicente ao Governador General do Estado Mem de Sá, sobre o critico estado das cousas, este fez logo sciente á nossa Corte de como os Francezes se achavão desde 1556 estabelecidos, e cavillosamente apossados da enseada do Rio de Janeiro; havendo grangeado a amizade dos Indios, que agora auxiliados por elles, discorrião por toda a costa, augmentando as suas hostilidades contra os Portuguezes. Estas noticias derão grande abalo ao nosso Ministerio, e sendo logo participadas a S. A. a Senhora D. Catharina, que pela menoridade de seu Neto o Senhor Rey D. Sebastião, regia o Reino, ella fez immediatamente expedir huma Armada, que dirigio ao Governador General Mem de Sá, ordenando-lhe que procurasse com todas as forças lançar fóra aquella ignominia do Nome Portuguez.

Em consequencia desta ordem se fez logo prestes o Governador General, e partio da Bahia de Todos os Santos a 16 de Janeiro de 1560, com huma Armada composta de 2

Nãos, e 8 ou 9 Navios; e avistando com feliz viagem a barra do Rio de Janeiro, expedio hum aviso para a Capitania de S. Vicente, donde em breve lhe veio hum Bergantim, guarnecido de artilheria e tropa. Reunindo essas forças, investio o Governador General com a barra, e a entrou felizmente no dia 21 de Fevereiro do mesmo anno. Entrando soube logo que pelo rio dentro se achava huma Não de Villegagnon, e a mandou sem demora tomar pela Galé Ezanza. Quando o Capitão-Mór, e os mais da Armada virão a Fortaleza, que ainda conservava o nome de Villegagnon, mais para gloria nossa, que honra sua, a muita artilheria que a guarnecia, a aspereza de sua situação, e a desporporção das nossas forças, prudentes receavão o seu acomettimento na incerteza do successo; pelo que requererão a Mem de Sá, que primeiro intimasse aos Francezes, que abandonassem a sua usurpação, o que sendo effeituado produzio sómente huma insultante e soberba resposta. Estimulados os animos insofridos dos Portuguezes, determinou o Governador General do Estado atacar os inimigos; e dirigindo-se áquella Ilha, penetrando com huma constancia inaudita por meio do excessivo fogo, que ella fulminava sobre as nossas embarcaçoens, conseguio finalmente ganhar terra, e estabelecer nella huma bateria de artilheria grossa, com a qual bateo a fortaleza por espaço de dous

dias, e duas noites; porém vendo o pouco effeito do seu fogo, que se perdia nos rochedos, que amparavão a fortaleza, animando a sua tropa, determinou assalta-la por todas as partes ao mesmo tempo a peito descoberto, em huma sexta feira 15 de Março. Ganhado assim o monte chamado das palmeiras, e animados os soldados com tão feliz successo, proseguirão com ardor na peleja, obrando nesta renhida acção prodigios do valor mais esforçado; até que o inimigo desesperando de contrastar a coragem Portugueza, tomou o partido de huma precipitada fuga, protegida das sombras da noite, salvando-se em canoas aquelles, que havião escapado á violencia do ferro, ou de voar com trinta dos seus camaradas pela explosão da casa da polvora, á qual o fogo se communicou, ou por descuido seu, ou por deligencia dos nossos. Os que restarão desta derrota, occultarão-se no interior do Sertão, deixando aos Portuguezes lograr as palmas de huma gloriosa victoria; porém estes passando á terra firme em seu alcance, lhes destruirão as suas fabricas, e lavouras, com que pertendião conservar-se isentos do dominio Portuguez. Ganhada a Ilha do Villagagnon, e desalojado o inimigo de toda esta grande enseada, se fizerão Acçoens de Graças ao Deos das Victorias; com a solemne Missa, a primeira que neste sitio se celebrou.

O Governador General pertendeu povoar,

e guarnecer de Portuguezes todos estes lugares; porém desistio deste intento, por não enfraquecer o Estado, dividindo as suas forças: e demolindo a fortaleza, fazendo recolher as armas, artilheria, e despojos do inimigo, velejou para a Capitania de S. Vicente, e depois de visitadas todas as nossas povoaçoens do Sul, voltou para a Bahia, onde foi recebido, juntamente com os seus soldados e mais pessoas desta expedição, em triunfo, entre vivas e acclamaçoens do povo.

Por carta datada de S. Vicente a 16 de Junho de 1560, que se conserva na Torre do Tombo, participou Mem de Sá á Serenissima Senhora D. Catharina, a feliz victoria que alcançára do orgulho Francez, e Tamoios do Rio de Janeiro, narrando-lhe as particularidades deste successo. Deste precioso monumento, que tanta honra faz á sua memoria, se colhe que os inimigos erão para cima de 1120, em cujo numero entravão coadjuvando 1000 Tamoios escolhidos, e tão bons espingardeiros como os Francezes, e que os nossos, não passando de 260, sómente 120 erão Portuguezes, e os mais erão gentios, pela maior parte desarmados, e com pouca vontade de pelejar: que a nossa perda foi diminuta em comparação da do inimigo; e que estes Calvinistas, professando hum odio inveterado aos Catholicos, costumavão da-los a comer aos Indios, cevando-se nestes horrores a crueldade de huns e outros; como pouco tempo antes havião praticado em S. Vicente. Terminaremos este começo da Historia do Rio de Janeiro transcrevendo fielmente dois artigos notaveis desta carta, que julgamos dever ao conhecimento do publico. „ Mr. de Villaganhão „ diz ella „ havia 8 ou 9 mezes que „ se partíra para França, com determinação „ de trazer gente e Náos para hir esperar as „ de V. A., que vem da India, e destruir, „ ou tomar todas estas Capitanias, e fazer-se „ hum grande Senhor. Pelo que parece muito „ do serviço de V. A. mandar povoar este Rio „ de Janeiro, para segurança de todo o Brazil, e dos outros muitos máos pensamentos; porque se os Francezes o tornão a povoar, hei medo que seja verdade o que „ Villaganhão dizia — que todo o poder de „ Hespanha, nem do Gram-Turco o poderá „ tomar. — Mem de Sá conclue dizendo.

„ Por outra via escrevi a V. A. do estado „ da terra, e do que foi no Peroaçú; o que „ peço agora a V. A. he, que me mande hir, „ porque já sou velho, e sei que não sou pa„ra esta terra. Devo muito, porque guerras „ não se querem com miseria, e perder-me„hei, se mais cá estiver. Nosso Senhor a vida „ e Estado de V. A. accrescente. „

Continuar-se-ha.

POLITICA.

Manifesto da America Septentrional contra a Gran Bretanha, trasladado da Gazeta de Philadelphia.

Ao Senado e Casa dos Representantes dos Estados Unidos.

EU communico ao Congresso certos documentos, que são a continuação daquelles, que já lhe forão apresentados, a cerca dos nossos negocios com a Gran Bretanha.

Sem recuar além da renovação da guerra em 1803, na qual a Gran Bretanha está empenhada, e ommittindo não reparadas injurias de menos monta, a conducta do seu Governo offerece huma serie de actos hostis aos Estados Unidos, como huma nação independente e neutra.

Os Crusadores Inglezes tem constantemente costumado insultar a bandeira Americana na grande estrada das naçoens, e roubar e levar pessoas, que navegão debaixo della; pondo em pratica, não hum direito belligerante, fundado sobre a lei das naçoens contra hum inimigo, mas sim hum privilegio municipal sobre vassallos Britannicos. A jurisdicção Ingleza se tem desta sorte estendido aos navios neutros em circunstancias, em que nenhuma lei póde ter vigor, salvo a lei das naçoens, e as leis do paiz, a que os navios pertencem; e assumio hum

desforço, que se os vassallos Inglezes fossem injustamente detidos, e só incommodados, he aquella substituição de força ao recurso do responsavel Soberano, que se comprehende na definição da guerra. Ainda que a preza dos vassallos Inglezes em taes casos se podesse considerar, como pertencendo ao exercicio de hum direito belligerante, as leis reconhecidas da guerra, que vedão que seja adjudicado artigo algum de propriedades aprezadas, sem hum regular processo perante o tribunal competente, exigiria imperiosamente o mais delicado exame, quando se trata dos sagrados direitos das pessoas. Em vez deste exame, similhantes direitos forão sujeitos á vontade de qualquer pequeno commandante.

Contra esta escandalosa enormidade, que a Gran Bretanha seria tão pronta em vingar, se fosse commettida contra ella, debalde os Estados Unidos tem esgotado queixas, e reclamaçoens. E para que não faltasse prova alguma das suas disposiçoens conciliatorias, e não restasse algum pretexto para a continuação daquella pratica, o Governo Inglez foi certificado formalmente de que os Estados Unidos estavão prontos a entrar em convençoens, taes que não podessem engeitar-se, se a restituição dos vassallos Britannicos fosse o real e unico objecto. A communicação não teve effeito.

Os Cruzadores Inglezes estão igualmente na

pratica de infringir os direitos e a paz das nossas costas. Investem e danão o nosso commercio de importação e exportação. A's mais insultantes pretençoens tem acrescentado os mais illegitimos procedimentos em nossas mesmas enseadas: e tem tido a impudencia de derramar o sangue Americano dentro do Sanctuario da nossa jurisdicção territorial. São mui bem conhecidos os principios e regras, que aquella nação põe em vigor, quando huma nação neutra se acchega ás suas costas contra navios armados dos belligerantes, e perturba o seu commercio. Todavia quando os Estados Unidos reclamavão castigo das maiores offensas commettidas pelos seus vassallos, o seu Governo concedia aos seus commandantes novos signaes de honra e confiança.

Sob pretendidos bloqueios, sem a presença de huma força proporcionada, e algumas vezes sem a possibilidade de a empregar, o nosso commercio tem sido saqueado em todos os mares; os grandes emporios do nosso paiz tem sido privados de seus legitimos mercados; e descarregou-se sobre a nossa agricultura e interesses maritimos hum golpe destructivo. Para aggravar mais estas medidas piraticas, ellas hão sido consideradas como em vigor desde as datas da sua notificação; accrescentando-se desta sorte hum effeito retrospectivo, como em outros casos importantes se ha feito, ás illegalidades da carreira, que havião

seguido. E para fazer mais assignalado o insulto, aquelles illusorios bloqueios se tem reiterado, e reforçado em presença de communicaçoens officiaes do Governo Britannico, declarando como verdadeira definição de hum legitimo bloqueio; " que portos particulares devem estar effectivamente cercados, e deve-se primeiro avisar aos navios para alli dirigidos que não entrem. "

Este procedimento, bem longe de affectar só vassallos Inglezes, sob o pretexto de procurar a estes, milhares de cidadãos Americanos, debaixo da salvaguarda da lei publica, e da sua bandeira nacional, tem sido arrancados da sua patria e de quanto lhes era mais grato; arrastados para bordo dos navios de guerra de huma nação estrangeira, e exposta, sob o rigor da sua disciplina, a serem desterrados para os climas mais remotos e mortiferos, arriscarem suas vidas combatendo pelos seus oppressores; e serem os melancolicos instrumentos de tomarem os de seus proprios irmãos.

Não contente com estes occasionaes expedientes para arruinar o nosso commercio neutro, o Gabinete da Gran Bretanha recorreu a final ao assolador systema do bloqueio, sob o nome de Ordens do Concelho, que forão moldadas, e dispostas, da maneira mais ajustada ás suas vistas politicas, ao seu ciume mercantil, ou á cobiça dos Cruzadores Inglezes.

A primeira resposta ás nossas representa-

çoens contra a complicada e transcendente in-
justiça desta innovação, foi que a Gran Bre-
tanha adoptava a seu pezar as Ordens, como
hum necessario desforço aos decretos do seu ini-
migo, que proclamavão hum bloqueio geral
das Ilhas Britannicas, ao tempo em que a
força naval daquelle inimigo não ousava sahir
dos seus portos. Lembrou-se-lhe debalde, que
os seus antecedentes bloqueios, não sustenta-
dos por huma força naval proporcionada effe-
ctivamente empregada, e continuada, erão
hum embaraço a esta desculpa; que edictos exe-
cutados contra milhoens dos nossos bens, não
podião ser vingança de edictos, que elles con-
fessavão impossiveis de executar; que a vin-
gança, para ser justa, devia cahir sobre a par-
te, que deu o exemplo criminoso, e não so-
bre o innocente, que nem ainda era culpavel
por haver a elle annuido.

Privada do delgado veo, que era a pro-
hibição do nosso commercio com o seu inimi-
go, por haver este da sua parte revogado a
prohibição do nosso commercio com a Gran
Bretanha, o seu Gabinete, em vez de huma
correspondente revogação, ou pratica suspen-
são das suas ordens, formalmente affirmou a
sua determinação de presistir contra os Esta-
dos Unidos até que se abrissem os mercados
de seu inimigo ás producçoens Britannicas;
impondo desta maneira a huma potencia neu-
tra a obrigação de exigir de hum Belligerante,

que por suas interiores ordens anime o com-
mercio de outro Belligerante; a despeito do
seu proprio costume com todas as naçoens
tanto em paz com em guerra; e atreiçoando
a sinceridade daquellas protestaçoens, que in-
duzião a crer que, havendo a seu pezar re-
corrido ás Ordens, aproveitaria soffregamente
huma occasião de pôr fim a ellas.

Abandonando ainda mais toda a attenção
aos direitos neutros dos Estados Unidos, e
para sua propria consistencia, o Governo
Britannico exige actualmente como hum pre-
cedente requisito á revogação das suas Ordens,
em quanto dizem respeito aos Estados Unidos,
que se observe formalidade na revogação dos
Decretos Francezes, de nenhuma sorte neces-
saria á sua terminação, e que não tem ex-
emplo na pratica da Inglaterra; e que a re-
govação Franceza, além de incluir aquella
porção de decretos, que tem effeito dentro
de huma jurisdicção territorial, bem como
aquella que está em vigor no alto mar contra
o commercio dos Estados Unidos, não fosse hu-
ma especial revogação a respeito dos Estados
Unidos, mas se estendesse a quaesquer outras
naçoens neutras, que com elles não tivessem
relaçoens, a quem pertencessem aquelles de-
cretos. E com hum insulto addicional são
convidados a huma formal negativa das con-
diçoens e pretençoens avançadas pelo Governo
Francez, peals quaes os Estados Unidos es-

tão tão longe de se fazerem responsaveis, que em officiaes explicaçoens, que se tem publicado, e em huma correspondencia do Ministro Americano em Londres com o Ministro Inglez dos Negocios Estrangeiros, similhante responsabilidade estava explicita e emphaticamente renunciada.

Na verdade tem-se feito sufficientemente certo, que o commercio dos Estados Unidos deve ser sacrificado, não como opposto aos direitos belligerantes da Gran Bretanha, não por suprir as precisoens dos seus inimigos, que ella mesma suppre; mas como opposto ao monopolio, que ella cobiça para o seu proprio commercio e navegação. Ella entra em huma guerra contra o legitimo commercio de hum amigo, para melhor se entregar a hum commercio com hum inimigo, commercio polluto pelas trapaças e perjurios, que são pela maior parte os unicos passaportes, com os quaes elle se faz.

Querendo tudo tentar, salvo os ultimos recursos das naçoens injuriadas, os Estados Unidos tem embaraçado a Gran Bretanha, debaixo de successivas modificações, os beneficios de huma livre communicação com o seu mercado, a perda dos quaes sem duvida sobrepujaria os proveitos provenientes das suas restricçoens ao nosso commercio com as outras naçoens. E para authorisar estas experiencias para a mais favoravel consideração, erão de tal sorte estribadas, que o seu adversario

ficava fóra do alcance de pratica-las. O seu Governo foi igualmente inflexivel a este desafio, como se quizesse fazer sacrificios de toda a casta, antes do que dar ouvidos aos brados da justiça, ou renunciar aos erros de huma falsa soberba. Pelo contrario as diligencias empregadas estavão tão longe de vencer o afferro do Gabinete Inglez aos seus injustos edictos, que elle se animou, dentro da competencia do ramo executivo do nosso Governo, a esperar que a revogação delles seria seguida de huma guerra entre os Estados Unidos e a França, se os edictos Francezes não fossem igualmente revogados. Ainda esta communicação não foi attendida, bem que ella pozesse em perpetuo silencio o pretexto de huma disposição nos Estados Unidos para assentir aquelles edictos, originalmente o unico pretêxto, que elles tinhão.

Se não existisse outra prova de huma predeterminação do Governo Inglez contra a revogação das suas ordens, ella se poderia achar na correspondencia do Ministro Plenipotenciario dos Estados Unidos em Londres, e o Secretario Inglez dos Negocios Estrangeiros, em 1810, sobre a questão se o bloqueio de Maio de 1806 se considerava em vigor, ou não. Havia certeza de que o Governo Francez, que tomava aquelle bloqueio por fundamento do seu Decreto de Berlim, queria, huma vez que elle fosse removido, revogar aquelle de-

creto; o qual sendo seguido por alternadas
revogaçoens de outros edictos offensivos, abo-
liria todo o systema de ambas as partes. Es-
ta lisonjeira opportunidade para encher hum
objecto tão importante aos Estados Unidos, e
que tantas vezes se havia confessado ser o de-
zejo de ambos os belligerantes, se fez conhe-
cer ao Governo Inglez. Como aquelle Go-
verno admitte que para a existencia de hum
bloqueio legitimo he necessaria a actual ap-
plicação de huma força sufficiente, e era no-
torio que, se tal força se applicou alguma vez,
a sua longa discontinuação tinha annullado o
bloqueio em questão, não podia haver objecção
attendivel, da parte da Gran Bretanha, a hu-
ma formal revogação delle; e nenhuma objec-
ção imaginavel a huma declaração do facto
que não existia o bloqueio. A declaração te-
ria sido conforme com os seus professados prin-
cipios de bloqueio, e authorisaria os Estados
Unidos a exigirem da França a corresponden-
te revogação dos seus decretos; ou conseguin-
do-a, no qual caso ficaria aberto o caminho
para huma revogação geral dos edictos belli-
gerantes; ou não a conseguindo: e neste ca-
so os Estados Unidos terião justificados moti-
vos para voltarem as suas medidas exclusiva-
mente contra a França. O Governo Inglez to-
davia, nem queria romper o bloqueio, nem
declarar a sua não existencia, nem permittir
que o Plenipotenciario Americano inferisse e

affirmasse a sua não existencia. Pelo contrario,
representando que o bloqueio se comprehendia
nas Ordens do conselho, os Estados Unidos fo-
rão obrigados a considera-lo como tal nos
seus subsequentes procedimentos.

Houve hum periodo, em que huma mu-
dança favoravel na politica do Gabinete Bri-
tannico se considerou justamente estabelecida.
O Ministro Plenipotenciario de S. M. Britan-
nica nesta Corte propôz hum ajuste das dif-
ferenças, que mais em particular artiscavão a
harmonia dos dois paizes. Acceitou-se a pro-
posta com huma prontidão e cordialidade cor-
respondente á invariavel profissão deste Gover-
no. Apparecia hum fundamento para huma
sincera e final reconciliação. Sem embargo,
em breve se desvaneceu o prospecto. O Go-
verno Britannico desaprovou todo este proce-
dimento, sem alguma explicação, que podes-
se então refrear a crença de que a desappro-
vação procedia de hum espirito de hostilidade
aos direitos commerciaes e á prosperidade dos
Estados Unidos. E desde então ficou provado
que no mesmo instante em que o Ministro pu-
blico manejava a linguagem da amizade, e ins-
pirava confiança na sinceridade da negociação,
de que estava encarregado, hum secreto agente
do seu governo, foi empregado em intrigas,
tendo por objecto huma subversão do nosso go-
verno, e a dissolução da nossa feliz união.

Revendo a conducta da Gran Bretanha pa-

ra com os Estados Unidos, a nossa attenção foge necessariamente para a guerra renovada pelos selvagens em huma parte das nossas dilatadas fronteiras; guerra que se sabe que não poupa a idade, nem a sexo, e que he assignalada por acçoens, que offendem particularmente a humanidade. He difficil referir a actividade e conbinaçoens, que ha algum tempo se tem desenvolvido entre as tribus em constante commercio com os negociantes, e guarniçoens Inglezas, sem conbinar a sua hostilidade com aquella influencia; e sem recordar os authenticos exemplos de similhantes interposiçoens, antigamente fornecidas pelos officiaes e agentes daquelle Governo.

Tal he o espetaculo de injurias e indignidades, que se tem amontoado sobre o nosso paiz; e tal a crise, que os seus soffrimentos sem exemplo, e os seus conciliatorios esforços não poderão desviar.

Ao menos podia esperar-se que huma nação illuminada, menos instada por obrigaçoens moraes, ou menos convidada por disposiçoens amigaveis da parte dos Estados Unidos, acharia só nos seus verdadeiros interesses hum motivo sufficiente para respeitar os seus direitos e a sua tranquillidade no mar alto; que huma politica liberal houvesse favorecido aquella livre e geral circulação de commercio, no qual a nação Ingleza se interessa em todos os tempos, e que em tempos de guerra he o me-

lhor linitivo das suas calamidades, assim como das outras belligerantes; e mais particularmente, que o Gabinete Inglez não queria por amor de hum trafico precario e subrepticio com os mercados hostis, perserverar em medidas, que necessariamente arriscavão o inavaliavel mercado de hum grande e abundante paiz, disposto a cultivar as mutuas vantagens de hum commercio activo.

Prevalecerão outros conselhos. A nossa moderação e conciliação não tiverão outro effeito mais do que animar a perseverança, e dilatar as pretençoens. Nós vimos os nossos cidadãos nevegantes ainda victimas diarias de illegitimas violencias commettidas sobre a grande commum e real estrada das naçoens, ainda á vista do paiz, que os deve proteger. Vimos os nossos navios, carregados com os productos do nosso terreno e industria, ou de volta com os seus honestos resultados, desviados de seus legitimos destinos, confiscados pelos tribunaes das prezas, não já orgãos da lei publica, mas instrumentos de edictos arbitrarios; e as suas mal afortunadas guarniçoens dispersas e perdidas ou forçadas e introduzidas nos portos Inglezes, em esquadras Inglezas; em quanto para defender estas aggressoens, se empregão argumentos, que só tem por fundamento hum principio, que igualmente sustenta huma reclamação para regular o nosso commercio externo em todos os casos, quaesquer que elles sejão.

Finalmente nos vemos da parte da Gran Bretanha hum estado de guerra contra os Estados Unidos; e da parte dos Estados Unidos hum Estado de paz para com a Gran Bretanha.

Se os Estados Unidos hão de continuar passivos sob estas progressivas usurpaçoens, e estes accumulados damnos; ou oppondo força a força em defeza de seus naturaes direitos, entregar a justa causa nas mãos do Omnipotente Distribuidor dos acontecimentos; evitando todas as relaçoens, que possão enreda-lo nas contestaçoens, ou vistas de outras potencias, e conservando huma constante prontidão para concorrer para hum honroso restabelecimento da paz e amizade, he huma solemne questão, que a constituição confia prudentemente ao Departamento legislativo do Governo. Recomendando-a ás suas temporás deliberaçoens, tenho a felicidade de affirmar que a decisão será digna dos illustrados e patrioticos conselhos de huma virtuosa, livre, e poderosa nação.

Havendo apresentado este quadro das relaçoens dos Estados Unidos com a Gran Bretanha, e da solemne alternativa, que delle provem, passo a notar que a communicação ultimamente feita ao Congresso acerca das nossas relaçoens com a França, mostrará que depois das revogaçoens dos seus decretos como infractores dos direitos neutraes dos Estados Unidos, o seu governo tem authorisado prezas illegitimas, pelos seus corsarios e publicos

navios, e que se tem praticado outros ultrages nos nossos navios, e nos nossos cidadãos. Ter-se-ha visto tambem que não se tem providenciado indemnidade, ou dado satisfação pelas amplas espoliaçoens committidas sob as violentas e retrospectivas ordens do governo Francez contra as propriedades dos nossos cidadãos apanhadas dentro da jurisdição da França. Abstenho-me agora de recomendar á consideração do Congresso medidas definitivas acerca daquella nação, esperando que o resultado das claras discussoens entre o nosso Ministro Plenipotenciario em París e o Governo Francez em breve habilitará Congresso para decidir, com maior vantagem sobre o que se deve aos direitos, enteresses, e honra da nossa Patria.

James Madison.

Washington, 1 de Junho de 1812.

Declaração de Luiz XVIII., *Rei de França.*

CHegou finalmente o momento, em que a Divina Providencia parece disposta a quebrar o instrumento da sua colera! o usurpador do throno de S. Luis, o devastador da Europa, já soffre desgraças. Servirão ellas sómente pa-

ra aggravar os males da França, e não ousará esta a derribar hum poder odioso, protegido só pelos prestigios da victoria? Que prevençoens, ou que receios poderião hoje embaraçar-lhe que se lançasse nos braços do seu Rei, e reconhecesse no restabelecimento da sua legitima authoridade, o unico penhor da união, da paz, e da felicidade que as suas promessas tantas vezes tem affiançado a seus opprimidos vassallos?

Não querendo, não podendo dever senão aos esforços destes o throno que só os seus direitos e o amor dos seus vassallos podem firmar, que votos serião contrarios a aquelles que elle não cessa de formar? Que duvida póde haver acerca das suas intençoens paternaes?

O Rei disse nas Deliberaçoens precedentes, e de novo o affirmo, que os corpos administrativos, e judiciaes serão conservados em toda a extensão dos seus empregos; que Elle conservará os lugares aos que nelles estiverem providos e que lhe prestarem juramento de fidelidade; que os tribunaes depositarios das leis não sindicarão acerca daquelles tempos desgraçados, dos quaes a sua tornada sellará para sempre o esquecimento; que finalmente o codigo infamado com o nome de Napoleão, mas que não contém em grande parte mais do que as antigas Ordenaçoens, e praticas do Reino, ficará em vigor, excepto as disposiçoens contrarias aos dogmas religiosos

sugeitos ha muito, bem como a liberdade do povo, aos caprichos do tiranno.

O Senado, onde se sentão homens, que os seus talentos tão justamente distinguem, e que tantos serviços podem illustrar aos olhos da França e da posteridade; este corpo, cuja utilidade e importancia só se poderão reconhecer bem depois da restauração, póde deixar de perceber o glorioso destino, que o chama a ser o instrumento do grande beneficio que virá a ser a segurança mais solida e mais honrosa de sua existencia e de suas prerogativas?

Quanto ás propriedades, o Rei que tem já annunciado a tenção de empregar os meios mais proprios para conciliar os interesses de todos, vê que as numerosas transacçoens, que tem tido lugar entre os antigos e os novos proprietarios, tornão este cuidado quasi superfluo. Elle se obriga a prohibir aos tribunaes todo o procedimento contrario á aquellas transacçoens, a animar as convençoens voluntarias, e a dar elle mesmo, e a sua familia, o exemplo de todos os sacrificios, que poderem contribuir para o descanço da França, e a união sincera dos Francezes.

O Rei tem affiançado ao exercito a conservação dos graos, empregos, soldos, e vencimentos de que ao presente goza; promette tambem aos Generaes, Officiaes, e Soldados, que se distinguirem a favor da sua causa,

inseparavel dos interesses do povo Francez, recompensas mais reaes, distinçoens mais honrosas do que aquellas, que podião receber de hum Usurpador, sempre prompto a desconhecer, e ainda mesmo a temer os seus serviços. O Rei se obriga de novo a abolir aquella conscripção funesta, que destroe a felicidade das familias, e a esperança da Patria.

Taes tem sido sempre, taes são ainda as intençoens do Rei. O seu restabelecimento sobre o throno de seus antepassados será para a França a feliz passagem das calamidades de huma guerra, que perpetúa a tyrannía, aos beneficios de huma paz solida, da qual as Potencias estrangeiras só podem achar a garantía na palavra do Soberano legitimo.

Hartwell, 1.° de Fevereiro de 1813.

L.

Declaração do Principe Regente da Gran Bretanha contra os Estados Unidos da America.

OS ardentes esforços do Principe Regente para conservar as relaçoens de paz e de amizade com os Estados Unidos da America, havendo sido infelizmente infructiferos, S. A. R. em nome e da parte de S. M., julga acertado declarar as causas e a origem da guerra,

em que o Governo dos Estados Unidos o tem obrigado a entrar.

Nem se imputárão, nem se podem no caso presente imputar á Gran Bretanha alguns dezejos de conquista, nem outros motivos ordinarios de agressão: que os seus interesses commerciaes a inclinavão á paz, se Ella podesse evitar a guerra, sem fazer o sacrificio de seus direitos maritimos, ou sem huma injuriosa submissão á França, he huma verdade não poderá negar o Governo Americano.

Sem embargo S. A. R. não pertende descançar sobre a favoravel presumpção, a que tem direito. Ella está pronta a provar por huma exposição das circunstancias, que produzirão a guerra actual, que a Gran Bretanha se tem constantemente conduzido para com os Estados Unidos da America com hum espirito de amizade, de moderação, e de conciliação, e demostrar a natureza inadmissivel das pretençoens, que a final poserão desgraçadamente em guerra as duas naçoens.

Todo o mundo conhece que o fito invariavel do Dominador da França tem sido destruir o poder e a independencia do Imperio Britannico, como o principal obstaculo ao complemento de seus ambiciosos projectos.

Primeiro imaginou que lhe era possivel ajuntar na *Mancha* huma força naval, que combinada com huma numerosa flotilha, o pozesse em estado de desembarcar na Ingla-

ferra hum exercito sufficiente (como elle cria) para subjugar o paiz ; e pela conquista da Gran Bretanha, esperava realizar o seu projecto de Imperio universal.

A adopção de hum plano de defeza interior mais extenso e acautelado, e o valor das esquadras e exercitos de S. M., frustrarão inteiramente este plano: e as forças navaes da França, depois dos destroços mais assignalados, forão obrigadas a retirar-se do Oceano.

Fez-se então outra tentativa para desempenhar o mesmo objecto por outros meios ; estabeleceu-se hum systema, pelo qual o Dominador da França esperava anniquillar o commercio da Gran Bretanha, abalar o seu credito publico, e destruir as suas rendas ; tornar inutil a sua superioridade naval, e aproveitar da sua ascendencia no Continente, de maneira que, se constituisse em grande parte o arbitro do Oceano, apezar da destruição da sua marinha.

Com estas vistas, pelo Decreto de Berlin, seguido do de Milão, declarou que os territorios Britannicos estavão em estado de bloqueio, e que todo o commercio, e ainda mesmo correspondencia com a Gran Bretanha, era prohibido. Decretou que todos os navios e cargas, que houvessem entrado em hum porto Britannico, ou se encontrassem hindo para elle, e que em quaesquer circunstancias houvessem sido registrados por hum navio de

guerra Inglez, serião boa preza : declarou que todas as mercadorias e producçoens Inglezas, em qualquer parte que fossem achadas, e de qualquer maneira que houvessem sido adquiridas, quer viessem da mái patria, quer das Colonias estavão sujeitas á confiscação; de mais declarou *desnacionalizada* a bandeira de todos os navios neutros, que se achasse em contravenção a estes mesmos Decretos ; e deu a este plano de tyrannia universal o nome de systema continental.

Para justificar estas tentativas para arruinar o commercio da Gran Bretanha, por meios subversivos dos direitos mais claros das naçoens neutras, a França tem procurado, mas debalde, estribar-se na conducta anterior do Governo de S. M.

Nas circunstancias de huma provocação sem exemplo, S. M. se havia abstido de toda a medida, que as regras ordinarias da lei das naçoens não justificava plenamente. Nunca a superioridade maritima de hum belligerante sobre o seu inimigo foi mais completa, nem mais decisiva. Nunca o belligerante contrario foi tão terrivelmente perigoso, por seu poder e por sua politica, ás liberdades de todas as outras naçoens. A França tem atropellado já tão abertamente e systematicamente os mais sagrados direitos das Potencias Neutras, que com justiça se póde pôr fóra do recinto das naçoens civilisadas. Entretanto, neste caso extremo, a

Gran Bretanha havia feito hum uso tal da sua ascendencia naval, que o seu inimigo não podia achar algum justo motivo de queixa; e para dar a aquelles Decretos illegaes a apparencia de huma represalia, o Dominador da França foi obrigado a avançar principios de lei maritima, que erão sanccionados por alguma outra authoridade, salvo a sua propria vontade arbitraria.

Os pretextos daquelles Decretos forão, primeiramente que a Gran Bretanha havia exercido os seus direitos de guerra contra pessoas particulares, sem navios e bens, como se o unico objecto de legitima hostilidade sobre o Oceano fosse a propriedade publica de hum Estado, ou como se os Editos, e os Tribunaes da França não houvessem em todos os tempos posto em vigor este direito com hum rigor singular; em segundo lugar, que as Ordens Britannicas de Bloqueio, em vez de se limitarem ás Cidades fortificadas, havião sido, segundo pertendia a França, illegalmente estendidos ás Cidades e portos de commercio, e ás embocaduras dos rios: — e em terceiro lugar, que havião sido applicados a lugares e costas, que não estavão, nem podião ser realmente bloqueados. A ultima destas accusaçoens não he fundada em facto; em quanto as outras, até por confissão do Governo Americano, são absolutamente despidas de fundamento em direito. S. M. protestou contra es-

tes Decretos, e appellou delles: Requereo aos Estados Unidos que conservassem os seus direitos, e defendessem a sua independencia assim ameaçada, e attacada; e como a França havia declarado que ella confiscaria todo o navio, que houvesse tocado na Gran Bretanha, ou houvesse sido registrado por embarcaçoens de guerra Inglezas, S. M., havendo de antemão expedido a Ordem de Janeiro de 1807, como hum acto de represalia moderada, foi finalmente obrigado pela violencia constante do inimigo, e consenso continuo das potencias neutras, a fazer cahir sobre a França, de huma maneira mais efficaz, a medida de sua propria injustiça, declarando por huma Ordem do Conselho, datada de 11 de Novembro de 1807, que nenhuma embarcação neutra fosse á França, nem a algum dos paizes, de que o commercio Ingléz era excluido, em obediencia aos mandados da França, sem primeiro tocar hum porto da Gran Bretanha ou suas dependencias. Ao mesmo tempo S. M. annunciou que estava pronta a revogar as Ordens do Conselho, quando a França annullasse os seus Decretos, e voltasse aos principios costumados da guerra maritima; e em huma epoca subsequente para dar huma prova do sincero dezejo, que S. M. tinha de accommodar, quanto fosse possivel, as suas medidas defensivas á conveniencia das Potencias neutras, se limitarão, por huma Ordem de

Abril de 1809; os effeitos das Ordens do Conselho a hum bloqueio da França, e dos paizes sugeitos ao seu dominio immediato.

Systemas de violencia, de oppressão, e de tyrannia, não pódem ser reprimidos, nem embargados, se a Potencia contra a qual se exerceu huma tal injustiça he privada do direito de represalias amplas e sufficientes; ou se as medidas da Potencia, que usa de represalia, devem considerar-se como justos motivos de offensa para com as naçoens neutras, em quanto as medidas de primeira aggressão e violencia se devem tolerar com indifferença, submissão, ou complacencia.

O Governo dos Estados Unidos não deixou de fazer representaçoens contra as Ordens do Conselho da Gran Bretanha. Ainda que elle sabia que estas Ordens seriáo revogadas, se fossem annullados os Decretos da França, que os havião occasionado, elle se determinou no mesmo momento a resistir aos procedimentos dos dois belligerantes, em lugar de exigir primeiro da França que anullasse os seus Decretos. Applicando com a maior injustiça a mesma medida de ressentimento ao aggressor, e a parte lesada, tomou medidas de resistencia commercial a hum e a outro, — systema de resistencia, que, sendo diversificado nos actos successivos de Embargo, de Não-communicação, ou de Não-Importação, era evidentemente desigual em seus effeitos, e principal-

mente dirigido contra o commercio e poder maritimo, superiores da Gran Bretanha.

A mesma parcialidade para com a França foi notavel em suas negociaçoens, bem como em suas medidas de pretendida resistencia.

Requereu-se aos dois Belligerantes a revogação de seus Edictos respectivos, mas os termos, em que se fazião estas reclamaçoens, erão bem differentes.

Requereu-se á França que revogasse sómente os Decretos de Berlim e de Milão, ainda que houvesse aquella Potencia promulgado muitos outros Editos, que grosseiramente attentavão ao commercio neutro dos Estados Unidos. Não se exigio garantia alguma de que os Decretos de Berlim e Milão, ainda mesmo depois de revogados, não se restabeleceriáo debaixo de qualquer outra fórma; e offereceu-se huma obrigação directa que, depois de huma tal revogação, o Governo Americano tomaria parte na guerra contra a Gran Bretanha, se a Gran Bretanha não annulasse immediatamente as suas Ordens: em quanto se não offereceu obrigação alguma correspondente á Gran Bretanha, da qual se exigia, não só que as Ordens do Conselho fossem revogadas, mas que se não expedissem algumas outras Ordens de similhante natureza, e que se desamparasse tambem o bloqueio de Maio de 1806. Os Estados Unidos não tinhão feito objecção alguma contra este bloqueio, estabe-

lecido, e posto em vigor, conforme a pratica costumada na epoca, em que se havia feito. O Ministro Americano, que residia em Londres naquella epoca, havia dito, pelo contrario, que as suas disposiçoens havião sido concertadas de maneira, que offerecião, a seu modo de pensar, huma prova das disposiçoens amigaveis do Gabinete Britannico para com os Estados Unidos.

A' Gran Bretanha se exigio por esta maneira que abandonasse hum de seus direitos maritimos mais importantes, reconhecendo que a ordem de bloqueio, de que se trata, era hum dos Editos, que offendião o commercio dos Estados Unidos, ainda que nunca houvesse sido considerado assim nas negociaçoens anteriores; e ainda que o Presidente dos Estados Unidos houvesse modernamente consentido em annullar o acto da *Não communicação*, com a condição unica que as ordens do Conselho serião revogadas; admittindo assim distintamente que estas Ordens erão, unicos Editos, aos que se podia applicar a lei, em virtude da qual se procedia.

Huma proposta tão hostil para a Gran Bretanha não podia deixar de animar proporcionalmente as pretençoens do inimigo; porque allegando deste modo que o bloqueio de Maio de 1806 era illegal, o Governo Americano justificava virtualmente, quanto delle dependia, os Decretos Francezes.

Depois de feita esta proposta, o Ministro Francez dos negocios estrangeiros, se não com este Governo, ao menos conforme as suas vistas, em hum officio datado em 5 de Agosto de 1810, e dirigido ao Ministro Americano residente em París, declarou que os Decretos de Berlin e de Milão estavão revogados, e que o seu effeito cessaria desde o primeiro dia do mez de Novembro seguinte, com tanto que S. M. quizesse revogar as suas ordens do Conselho, e renunciar aos novos principios de bloqueio; ou que os Estados Unidos fizessem respeitar os seus direitos; entendendo por isto que respeitassem as medidas de represalia da Gran Bretanha.

Ainda que a revogação dos Decretos Francezes assim anunciada fosse evidentemente dependente, ou de concessoens que a Gran Bretanha devia fazer (condiçoens a que era claro que a Gran Bretanha não podia sujeitar-se) ou de medidas, que os Estado Unidos adoptassem, o Presidente Americano considerou immediatamente a revogação como absoluta. Debaixo deste pretexto o acto de Não Importação foi posto estreitamente em vigor contra a Gran Bretanha, em quanto as embarcaçoens de guerra, e mercantes, do inimigo forão recebidas nos portos da America.

O Governo Americano, presumindo que a revogação dos Decretos Francezes era absoluta e real, requereu muito injustamente á Gran

Bretanha, conforme ás suas Declaraçoens, que revogasse as suas Ordens do Conselho. O Governo Britannico negou que a revogação, que annunciava a Carta do Ministro Francez dos Negocios Estrangeiros fosse tal que devesse satisfazer á Gran Bretanha; e para demostrar o verdadeiro caracter da medida adoptada pela França, se requereu ao Governo dos Estados Unidos que produzisse o instrumento, pelo qual se havia effectuado a pretendida revogação dos Decretos Francezes. Se estes Decretos houvessem sido realmente revogados, devia existir aquelle instrumento, e não se podia dar razão alguma satisfatoria para não produzi-lo.

Finalmente, a 21 de Agosto de 1812, e não antes, o Ministro Americano em Londres produzio huma copia, ou ao menos huma cousa que se chamava copia, de hum instrumento daquella natureza.

Elle trazia em apparencia a data de 28 de Abril de 1811, muito posterior ao Officio do Ministro Francez dos Negocios Estrangeiros de 5 de Agosto de 1810, ou ainda ao dia que alli se nomeava, a saber, o 1.º de Novembro seguinte, em que devia cessar o effeito dos Decretos Francezes. Este instrumento rezava expressamente que aquelles Decretos estavão revogados em consequencia de haver a Legislatura Americana, por seu Acto 1.º de Março de 1811, decretado que as embarcaçoens e mer-

cadorias Inglezas serião excluidas dos portos e enseadas dos Estados Unidos.

Por este instrumento, unico documento produzido pela America, como huma revogação dos Decretos Francezes, se mostra, sem dar aso a alguma duvida ou contestação, que a pretendida revogação dos Decretos Francezes era condicional, como a Gran Bretanha havia sustentado, e não absoluta, ou definitiva como a America havia pretendido; que não estavão revogados na epoca, em que o Governo Americano havia dito que estavão revogados; e que não tinhão sido annullados, conforme huma proposta simultaneamente feita aos dois Belligerantes, mas que em consequencia de hum Acto anterior da parte do Governo Americano, forão annulados a favor de hum belligerante com prejuizo do outro; que o Governo Americano, havendo adoptado medidas de restricção sobre o commercio dos dois belligerantes, em consequencia de Editos promulgados por hum e outro, tem revogado estas medidas na parte, que dizia respeito á Potencia, que havia sido aggressora, em quanto os punha plenamente em vigor contra a parte lesada; ainda que os Edictos das duas Potencias continuassem a ter effeito; e em fim que excluio as embarcaçoens de guerra pertencentes a hum belligerante, em quanto admittia nos seus portos e enseadas as embarcaçoens de guerra pertencentes a outra; faltando a hum dos

deveres mais claros e mais essenciaes de huma nação neutra.

Ainda que o Instrumento assim produzido não fosse de sorte alguma aquella revogação geral e sem reserva, que a Gran Bretanha havia constantemente exigido, e que tinha amplo direito de reclamar; e ainda que este instrumento, vistas todas as circunstancias nas quaes então apparecia pela primeira vez, devesse fazer nascer as mais fortes suspeitas sobre a sua authenticidade; todavia, como o Ministro dos Estados Unidos o produzia como huma chamada copia de instrumento de revogação, o Governo da Gran Bretanha, dezejando voltar, se possivel fosse, aos principios antigos e costumados da guerra maritima, se resolveu a revogar condicionalmente as Ordens do Conselho. Em consequencia, no mez de Junho passado, approve a S. A. R. o Principe Regente declarar em Conselho, em nome e da parte de S. M. que as Ordens do Conselho serião revogadas no que tocava as embarcaçoens e propriedades dos Estados Unidos, desde o 1.° de Agosto seguinte. A revogação devia ficar em vigor, com tanto que o Governo dos Estados Unidos, em hum termo limitado, revogasse as suas leis de restricção contra o commercio Britanico. O Ministro de S. M. na America recebeu Frdem expressa de declarar ao Governo dos Estados Unidos que o Principe Regente havia adoptado aquella medida com o mais ardente dezejo e esperança ou que Governo da França desistindo ulteriormente de seu systema, faria inutil a perseverança da parte da Gran Bretanha nas medidas de represalias, ou que se esta esperança se tornasse illusoria, o Governo de S. M. poderia, em ausencia de todos os regulamentos irritantes, e restrictivos de huma ou outra parte, entrar amigavelmente em explicação com o Governo dos Estados Unidos, afim de provar se no caso em que continuasse infelizmente a fazer sentir-se a necessidade das medidas de represalias, as medias particulares, que a Gran Bretanha devia pôr em effeito, não podião tornar-se mais convenientes ao Governo Americano do que aquellas, que até alli se havião seguido.

Para obviar ao caso eventual de huma declaração de guerra da parte dos Estados Unidos, antes que chegasse á America a dita Ordem de Revogação, mandarão-se instruçoens ao Ministro Plenipotenciario junto aos Estados Unidos (instrucçoens cuja execução, em consequencia de cessarem as funçoens de M. Foster, foi em huma epoca subsequente confiada ao Almirante Sir John Borlase Warren) pelas quaes lhe era intimado que propozesse huma suspensão de hostilidades, se houvessem começado; e de mais offerecesse huma revogação simultanea das Ordens do Conselho de huma parte, e das leis de restricção sobre as embarcaçoens e o commercio Inglez, da outra.

Forão respectivamente authorisados para informarem ao Governo Americano, em resposta ás questoens que se podessem fazer acerca do bloqueio de Maio de 1806, que sem embargo do Governo Inglez dever continuar a manter a sua legalidade, " de facto este bloqueio particular havia sido descontinuado ha muito tempo, havendo sido confundido com o bloqueio geral de represalia dos portos do inimigo em virtude das Ordens do Conselho, e que o Governo de S. M. não tinha tenção alguma de reccorrer a este bloqueio, nem a algum outro dos portos do inimigo; fundado nos principios ordinarios e costumados das leis maritimas, que estavão em vigor anteriormente ás Ordens do Conselho, sem huma nova notificação ás Potencias neutras na fórma do costume. ,,

O Governo Americano, antes de estar informado do que o Governo Britannico havia feito, havia procedido de facto á medida extrema de declarar a guerra, e expedir cartas de marca, " sem embargo de estar de posse de antemão do Officio do Ministro Francez dos negocios estrangeiros, de 2 de Março de 1812, contendo huma nova promulgação dos Decretos de Berlin e de Milão, como leis fundamentaes do Imperio Francez, sob o falso e extravagante pretexto que os principios monstruosos, que elles contém, se achavão no tratado de Utrecht, e por consequencia

erão obrigatorios para todos os estados. Nenhuma nação devia ser isenta das penas impostas por aquelle codigo, se o não acceitasse, não sòmente como regra da sua propria conducta, mas como huma lei, que se lhe requeria que obrigasse a Gran Bretanha a observar.

Em hum manifesto, que acompanhou a sua declaração de guerra, além das queixas anteriores contra as Ordens do Conselho, se metteu á cara huma longa serie de offensas; das quaes humas erão futeis da sua natureza, outras se havião accommodado reciprocamente, porém nenhuma das quaes se havião allegado antes pelo Governo Americano, como motivos de guerra.

O Congresso Americano, como se houvesse querido pôr novos obstaculos á paz, promulgou ao mesmo tempo huma lei, prohibindo toda a relação com a Gran Bretanha, concebida de maneira que privasse o Governo Executivo, segundo a interpretação dada a este Acto pelo mesmo Presidente, de todo o poder de restabelecer as relaçoens de amizade entre os dois Estados, ao menos no que dizia respeito ás suas relaçoens commerciaes, até que o Congresso se tornasse a ajuntar.

He verdade que o Presidente dos Estados Unidos propoz subsequentemente hum armisticio á Gran Bretanha; não todavia admittindo que havia cessado a causa de guerra, sobre a qual até então se havia estribado; mas com

condição que a Gran Bretanha preliminarmente faria cessar huma causa de guerra actualmente inculcada como tal pela primeira vez, a saber que ella renunciaria ao exercicio de seu incontestavel direito de visita para tomar abordo dos navios mercantes Americanos os marinheiros Inglezes naturalmente natos vassallos de S. M. e esta concessão era exigida sobre a simples segurança que a Legislação dos Estados Unidos faria leis para prohibir que entrassem em seu serviço os ditos marinheiros; mas independente da objecção a huma confiança exclusiva em hum estado estrangeiro para conservação de hum direito tão essencial, o Agente encarregado de fazer esta abertura não deu, nem podia dar, explicaçoens algumas, quer sobre os primeiros principios, em que se devem fundar as ditas leis, quer relativamente ás disposiçoens, que alli havia tenção de enserir.

Depois das objecçoens feitas a esta proposta, se fez outra, que continha tambem o offerecimento de hum armisticio, huma vez que o Governo Inglez conviesse secretamente em renunciar ao exercicio deste direito, em hum tratado de paz. Não se exigia já o abandono immediato e formal de seu exercicio, como hum preliminar á suspensão de hostilidades, mas requeria-se que S. A. R. o Principe Regente, em nome e da parte de S. M., abandonasse em segredo o que na primeira

abertura se lhe havia proposto que concedesse publicamente.

Esta proposta muito offensiva foi igualmente regeitada, sendo accompanhada, como o havia sido a primeira, de outras requisiçoens de natureza mais inadmissivel, e especialmente da de huma indemnidade para todas as embarcaçoens Americanas detidas e condemnadas em virtude das Ordens do Conselho, ou do que chamavão bloqueios illegaes; condescender com estas requisiçoens, além de todas as outras objecçoens, seria abandonar absolutamente os direitos, em que se fundão aquellas Ordens de bloqueio.

Se o Governo Americano fosse sincero, representando as Ordens do Conselho como o unico motivo de differença entre a Gran Bretanha e os Estados Unidos, que podesse dar azo a hostilidades: poder-se-hia esperar, que depois de notificada officialmente a revogação daquellas Ordens, elle haveria espontaneamente revogado as suas ,, cartas de marca ,, e procurando restabelecer immediatamente as relaçoens de paz e de amizade entre as duas potencias

Mas o comportamento do Governo dos Estados Unidos não correspondeu a huma esperança tão racionavel.

Communicada officialmente na America a Ordem do Conselho de 23 de Junho, o Governo dos Estados Unidos nada vio na revogação

das Ordens do Conselho que devesse por si mesmo restabelecer a paz, em quanto a Gran Bretanha não estivesse pronta á primeira instancia á abandonar virtualmente o direito de aprezar os seus marinheiros, quando fossem achados a bordo dos navios de commercio Americanos.

A proposição de hum armisticio, e de huma revogação simultanea das medidas de restricção de huma e de outra parte, feita subsequentemente pelo Official Commandante das forças navaes de S. M. nas Costas da America, foi recebida com o mesmo espirito de hostilidade pelo Governo dos Estados Unidos. Insistio-se na suspensão de pratica de aprezar, na correspondencia que teve lugar n'aquella occasião, como hum preliminar necessario á suspensão das hostilidades: huma negociação, dizião elles, podia ter lugar sem alguma suspensão do exercicio deste direito, e tambem sem se concluir armisticio algum; mas exigia-se que a Gran Bretanha conviesse d'antemão, sem conhecer se o systema, que se lhe podesse substituir, seria sufficiente, em negociar sobre a base da aceitação dos regulamentos legislativos de hum Estado estrangeiro, como unico equivalente para o exercicio de hum direito, que ella havia julgado ser essencial á conservação do seu poder maritimo.

Se a America, requerendo esta concessão preliminar, quer negar a validade deste direito,

a Gran Bretanha não póde assentir a esta negação; nem tãm pouco favorecerá tal pretenção, annuindo á sua suspensão, e ainda menos ao seu abandono, como base do tratado. Se o Governo Americano achou, ou crê achar regulamentos, que a Gran Bretanha possa aceitar com segurança para substituirem ao exercicio do direito de que se trata, cumpre que elle appresente este plano para se tomar em consideração. Nunca o Governo Britannico procurou excluir esta questão do numero daquellas sobre as quaes os dois Estados houvessem de negociar; ao contrario tem declarado constantemente que estava prompto a receber e discutir qualquer proposição a este respeito, offerecida pelo Governo Americano: nunca elle pretendeu ter direito algum exclusivo ácerca de aprezar os marinheiros Inglezes abordo das embarcaçoens Americanas, sem estar prompto a reconhecer como pertencendo igualmente ao Governo dos Estados Unidos, ácerca dos marinheiros Americanos, quando fossem achados a bordo das embarcaçoens de commercio Inglezas: mas elle não pode, assentindo a similhante base, á primeira instancia, nem propor, nem admittir como praticavel o que, quando se tem ensaiado em occasioens precedentes, sempre se achou accompanhado de grandes difficuldades taes, que os Commissarios Britannicos em 1806 declararão expressamente, depois de hum maduro exame das proposiçoens appresentadas pe-

los Commissarios da parte da America, que elles não as podião vencer.

Em quanto estava pendente na America esta proposição transmittida pelo Almirante Inglez, se fez, não officialmente ao Governo Inglez neste paiz outra communicação ácerca de hum armisticio. O agente, pelo qual se recebeu esta proposição, reconheceu que elle não considerava ter alguma authoridade para assegurar huma convenção da parte deste Governo. Era natural que se entrassem algumas estipulaçoens em consequencia desta abertura, ellas recahirião sobre o Governo Inglez, em quanto o Governo dos Estados Unidos teria liberdade para recusa-las, ou acceita-las, segundo as circustancias do momento. Portanto esta proposta foi necessariamente engeitada.

Depois desta exposição das circunstancias, que precederão, e que seguirão a declaração de guerra dos Estados Unidos, S. A. R. o Principe Regente, obrando em nome e da parte de S. M. se julga obrigado á declarar os principios capitaes pelos quaes se regulou nas transacçoens travadas com aquellas discussoens.

S. A. R. nunca póde reconhecer que qualquer bloqueio seja illegal, sendo devidamente notificado, e sustentado por huma força proporcionada, sómente pelo motivo da sua extensão, ou porque os portos e costas bloqueados não são ao mesmo tempo accometidos por terra.

S. A. R. nunca admittirá que o commercio neutro com a Gran Bretanha se possa reputar hum crime publico, cuja commissão exponha os navios de qualquer Potencia a serem desnacionalisados.

S. A. R. não póde admittir nunca que a Gran Bretanha possa ser esbulhada do seu direito de justa e necessaria vingança, por medo de offender eventualmente o interesse de hum neutro.

S. A. R. nunca admittirá que no exercicio de hum direito não equivoco, até agora não disputado, de registrar embarcaçoens mercantes neutras em tempo de guerra, o aprezar marinheiros Inglezes nellas achados, se possa julgar offensa á huma bandeira neutra. Nem admittirá que levar taes marinheiros de bordo das referidas embarcaçoens, possa ser considerado por algum Estado neutro, como huma medida hostil, ou como huma plausivel causa de guerra.

Não ha direito mais claramente estabelecido do que o direito que o Soberano tem á obediencia de seus vassallos, muito particularmente em tempo de guerra. Esta obediencia não he dever de opinião, que possão illudir ou cumprir a seu sabor. A sua sorte he obedecerem; ella começa no berço, e só termina com a sua existencia.

Se a similhança de linguagem e maneiras póde fazer o exercicio deste direito mais su-

jeito a enganos parciaes, e abusos ocasionaes, em quanto praticados com vassallos dos Estados Unidos, as mesmas circunstancias tambem o fazem hum direito, cujo exercicio, ácerca de taes embarcaçoens, he mais difficil dispensar,

Mas se á pratica dos Estados Unidos de agasalhar os marinheiros Inglezes, se ajuntar o seu assumptivo direito de transferir a obediencia de vassallos Inglezes, e deste modo mallograr a jurisdição de seu legitimo Soberano, por decretos de naturalisação e certificados de cidadãos, que elles pretendem ser tão validos fóra do seu territorio como dentro delle, he claro que o desamparar este antigo direito da Gran Bretauha, e admittir aquellas novas pretençoens dos Estados Unidos, seria pôr em risco o fundamento do nosso poder maritimo.

Sem entrar miudamente nos outros topicos, que assoalhou o Governo dos Estados Unidos, cumpre notar que, affirme o que quiser a Declaração dos Estados Uunidos, a Gran Bretanha nunca exigio, que elles obrigassem a entrar na França as manufacturas Inglezas; e ella declarou formalmente o seu dezejo de inteiramente antever, ou modificar, de mãos dados com Estados Unidos, o systema pelo qual se concedesse debaixo da protecção de licenças huma communicação commercial com o inimigo; com tanto que os Estados Unidos quises-

sem proceder com ella, e com a França, verdadeiramente imparcial.

O Governo da America, se as differenças entre os Estados não são interminaveis, tem pouca razão de mencionar o caso de Chesapeake. Neste acontecimento se reconheceo a agressão da parte de hum Official Inglez, condemnou-se o seu procedimento, e M. Foster offereceu regularmente huma satisfação da parte de S. M., e o Governo dos Estados Unidos a acceitou.

Não he menos fundada na sua allusão á missão de Mr. Henry: missão emprehendida sem authoridade, nem mesmo conhecimento do Governo de S. M. e que M. Foster foi authorisado para desapprovar formal e officialmente.

A accusação de excitar os Indios a medidas offensivas contra os Estados Unidos he igualmente sem fundamento. Antes de começar a guerra, se insistio uniformemente em huma politica a mais opposta, e M. Foster deu prova disto ao Governo Americano.

Taes são as causas de guerra que produzio o Governo dos Estados Unidos. Mas a verdadeira origem da presente disputa se achará n'aquelle espirito, que infelizmente dirige ha muito os Conselhos dos Estados Unidos, a sua decidida parcialidade em palliar e ajudar a aggressiva tirania da França; os seus empenhos systematicos para inflammar o seu po-

vo contra as medidas defensivas da Gran Bretanha; o seu ignominioso comportamento com a Hespanha, intimo alliado da Gran Bretanha; e a sua indigna deserção da causa das outras naçoens neutras. Pela ascendencia de similhantes conselhos he que a America associou em politica com a França, e entrou em guerra com á Gran Bretanha.

E porque procedimento da parte da França se prestarão os Estados Unidos ao inimigo? A desprezivel infracção do Tratado de commercio do anno de 1800 entre a França e os Estados Unidos; a atreiçoada preza de todos os navios Americanos e cargas em todos os portos sugeitos ao despota das armas Francezas; os tirannicos principios dos Decretos de Berlim e de Milão; e a confiscação em virtude dellas; as subsequentes condemnaçoens em consequencia do Decreto de Rambouillet, antedatado, ou escondido para tornar-lo mais effectivo; as regulaçoens de commercio Francezas que fazem o trafico dos Estados Unidos com a França quasi illusorio; a queima dos seus navios mercantes no mar, muito depois da allegada revogação dos Decretos Francezes – todas estas violencias da parte da França produzirão só da parte do Governo dos Estados Unidos queixas, que terminarão em condecendencia e submissão, ou são accompanhadas de suggestoens para habilitarem a França a dar a sombra de huma forma legal ás suas usurpa-

çoens; convertendo-as em regulaçoens municipaes.

Esta disposição do Governo dos Estados Unidos, esta completa servidão ao Dominador da França, esta condição hostil contra a Gran Bretanha, são evidentes em quasi todas as paginas da correspondencia official do Governo Americano com o Francez.

O Principe Regente protesta solemnemente contra a continuação deste procedimento como causa real da presente guerra. Emquanto luta contra a França, em defeza não só da liberdade da Gran Bretanha, mas do mundo, S. A. R. tinha direito de esperar differente resultado. Pela sua commum origem, pelo seu commum interesse, pelos seus professados principios de liberdade e independencia, os Estados Unidos erão a ultima Potencia, em que a Gran Bretanha esperaria achar hum instrumento voluntario, e protector da tirannia Franceza.

Enganado nesta sua justa esperança, o Principe Regente, continuará ainda na politica, que o Governo Inglez ha tanto tempo, e tão invariavelmente tem sustentado, repellindo a injustiça, e sustentando os direitos geraes das naçoens, e com ajuda da Providencia, fiado na justiça da sua causa, na provada lealdade e firmeza da nação Ingleza, S. A.R. espera confiadamente hum feliz termo á contenda, em que muito contra sua vontade foi abrigado a entrar.

Westminster, 9 de Janeiro de 1813

Discurso sobre o Estado Politico da Europa.

Faut-il toujours combatre, ou tromper les humains! *Volt.*

Estas expressoens, que tão justamente quadrão ao impostor de Meca, não são menos apropriadas ao usurpador da França. Como não pertendo fazer o parallelo entre estes dois celebres Despotas (que talvez terião mais pontos de similhança do que Juliano e Bonaparte), eu me contentarei com tocar levemente os effeitos produzidos na Europa por aquella detestavel maxima, que por ventura faz a base daquella politica, de que o Tyranno tanto alardêa, e que em summa he o Cathecismo de todos os Usurpadores.

Comecemos pelo Norte, e lancemos os olhos sobre hum paiz assolado; vejamos abrazada a antiga Capital, saqueadas as Cidades, milhares de habitantes sacrificados aos seus honrados sentimentos; e o despota do Continente impondo hum jugo de ferro sobre hum povo generoso. Corramos os paizes visinhos: o medo e a fraqueza algemando huns povos, errados interesses conduzindo outros, e todos, mais escravos, que auxiliares, cavando a sua propria ruina, e descarregando pezados golpes sobre a independencia nacional, tal era o lugubre quadro, que se divisava sobre os Estados do Norte; huns enganados, outros vencidos, todos servindo aos dezejos insaciaveis de hum frenetico ambicioso. A raça humana parecia dever anniquilar-se, e erguer-se nova especie, unicamente votada ao plano abominavel de hum homem feliz. Pensar-se-hia que o Supremo Regedor dos Destinos se havia descuidado da terra, ou que a Sua Providencia havia adormecido. Mas em quanto o nosso espirito se horrorisava nesta lugubre consideração, brilha hum raio de luz, e se offerece ás nossas vistas huma scena bem differente. Desde Moscow até as fronteiras da Russia, as estradas estão juncadas de ossos dos inimigos da paz, os caminhos entupidos de bagagens, e de carros; nos pantanos mergulhada a artilharia; os hospitaes atulhados de feridos e de doentes; centenas de milhares de victimas sobre as aras da ambição, e o Tyranno, que as immolava, fugitivo. Os louros, plantados pela intriga, e pelo sordido interesse, convertidos em ciprestes; e restando apenas para monumento de huma barbara irrupção cadaveres, despojos, e ruinas. Tropas, que, segundo a linguagem da lisonja, nunca fizerão cára aos vencedores de Austerlitz, abrazadas em hum nobre patriotismo, enxotão os bandos dessas aves de rapina, que entrarão no seu Continente. Os Governos de Moscow, de Smolensko, de Mohilow forão n'um dia usurpados, e no outro restituidos. A Polonia volta ás suas antigas re-

laçoens sentindo a mudança pelos estragos que experimentara, e não pelo tempo que percorrera. Os infelices Polacos conhecerão então que a liberdade que os Francezes acclamavão era o mais duro cativeiro, e que sob o pretexto de rouba-los ao dominio de hum Monarca, se lhes preparava o jugo de hum Tyranno. Elles o sentirão ainda mais abertamente, quando virão, em vez de ameaças e castigos sobre os illudidos, ou traidores, a clemencia, e o perdão, e a generosa declaração de sepultar em eterno esquecimento as passadas offensas. Quem ao ler estas expressoens não sentirá os mais vivos transportes de admiração e de alegria? ,, Eu (acrescenta o Imperador Alexandre) prohibo para o futuro toda e qualquer denuncia. ,, Sentimentos tão nobres exalção os animos mais abatidos, e o paiz, que servia á causa da Usurpação, levanta suas bandeiras contra os Vandalos modernos.

A Prussia porém merece mais particularmente fixar a nossa attenção. Nós a vimos gemendo sob os ferros; o seu Monarca sem governo, as suas tropas arrastadas ao matadouro, as suas praças em poder dos Francezes; e o rancor, que ardia em seus coraçoens, esperava debalde o momento de huma feliz explosão. Brilhavão de quando em quando inflammados dezejos da liberdade, mas a energia daquella nação parecia haver acabado com o Grande Frederico, e aquelle Reino, mutila-

do, e cerceado, offerecia apenas hum esqueleto da antiga Monarquia. A capitulação do General d'York, golpe de mão de mestre, ao passo, que segurou o seu exercito, mostrou perfeitamente ao juizo menos atilado quaes erão as intençoens daquelle Governo. Embora Bonaparte fosse illudido pela desaprovação apparente da sua conducta, e se contentasse, ou parecesse contentar-se com aquella fria satisfação, elle devia entrever que a sua ascendencia havia expirado, e que era passado o tempo de impor leis á Prussia. Chegão finalmente os Russos. Frederico Guilherme vai a Breslau encontrar o Imperador Alexandre. Wittgenstein, o flagello dos Francezes, he recebido em Berlim entre os mais sinceros applausos, e as mais vivas demonstraçoens de alegria: os bens, as cazas, e os coraçoens dos habitantes lhe são offerecidos, e nenhum Prussiano recusa acodir ás armas, para vingar-se dos insultos recebidos debaixo de huma paz simulada. A nação torna a aguerrirse, e em quanto huma consideravel massa vai oppor-se á furia dos expulsos usurpadores, D'York, o mesmo D'York ha pouco proscrito, commanda 40ꝏ homens á disposição do illustre Wittgenstein. O General Blucher, que recusara servir no exercito assolador de Napoleão, avança para a Saxonia, e passa sem resistencia as suas fronteiras. Outros distintos Generaes se empregão nas levas, que prodigiosamente cres-

cem. O mesmo Frederico, lamentando as desgraças, que sobre a sua nação levou huma paz forçosa, mais assoladora do que a mais renhida guerra, convida os Seus Vassallos a sustentarem o nobre empenho da liberdade da Europa.

Hum tratado offensivo, e defensivo com a Russia, torna commum a causa, communs os interesses, commum o empenho. Hontem combattendo, hoje abraçando, e reconhecendo por seu libertador aquelle mesmo contra quem as suas tropas havião marchado.

Se a extensão deste periodico soffresse que o meu espirito se espraiasse sobre este passo, que me parece a base da geral independencia, eu de bom grado mostraria na generosa resolução do Rei da Prussia restituida aquella elasticidade, que parecia perdida, e huma forte reacção contra a oppressão; faria ver quanto he preferivel a sorte de morrer pelejando pela liberdade á vergonhosa existencia arrastando cadêas; cheio de huma justa altivez me gabaria de que para animar o seu povo a quebrar as algemas, aquelle Monarca não achou mais poderoso exemplo do que Portugal e a Hespanha. Mas deixo ao juizo do leitor prosegnir nestas reflexoens, e acrescentar outras muitas, que meu acanhado engenho não alcançaria.

Pararei hum momento nas praias do Baltico, e considerarei duas Potencias, cujo procedimento, mais ou menos equivoco, havia

suspendido o juizo dos politicos. Em outro N.° fallei da Suecia em hum estado de hesitação, que deixava em problema os seus intentos. Hoje porém não resta o menor lugar á duvida. Este fino Politico, que se propoz converter em sua vantagem ainda as menores circunstancias, cessou de procrastinar, e com hum corpo de 5000 homens desembarcou na Pomerania, devendo seguir-se mais numerosas tropas. Desta sorte aquella Potencia, que ao passo que vio roubadas as suas possessoens na margem austral do Baltico, negociou com a Russia, e segurou assim a Finlandia, aproveita o momento de recuperar os dominios usurpados, e colhe deste delicado manejo não mediocres interesses. Entretanto, cumpre confessar que ainda mesmo na sua inacção apparente, a sua amisade fez á Russia o mais importante serviço. As tropas de Finlandia ficarão disponiveis, e com effeito se empregarão na Curlandia: e o Commercio com a Inglaterra, abasteceu os portos daquelle golfão.

Em quanto esta Potencia prosegue no seu plano, combinado dantemão, e já felizmente desempenhado, a Dinamarca parece não sei se vacillante, se enganada. Empecendo ao Commercio do Elbo, chamou as armas Inglezas sobre si; e logo suspendeu as suas hostilidades. Esta oscillação tem sido o caracter daquella nação, a quem os seus azares não tem feito mais firme. Sem embargo, ninguem

duvidará de que o desembarque da Suecia, que a fez arredar dos procedimentos contrarios á boa causa, a fação voltar as vistas sobre os seus proprios interesses, e dar as mãos para restabelecer aquelle estado de equilibrio que a revolução Franceza desterrou do mundo.

Sigo as margens do Elbo: em Wittenberg e Magdeburg vejo a passagem dos exercitos Russos, e dos seus novos alliados. Hamburg he restituido ao seu antigo estado pelo Commandante da vanguarda de Wittgenstein, e Lubeck, no Baltico, volta igualmente á sua liberdade. Entre o Elbo e o Weser se apresenta o Electorado de Hanover, arvorando os antigos estandartes, e reconhecendo os direitos da Illustre Casa de Brunswich. Logo diviso na sua Capital sobre o Leina as letras G. R. allusivas ao actual Rei da Gran Bretanha. Todos estes (para me servir da fraze de hum dos mais celebres Generaes Russos) não encruzão os braços para serem espectadores da grande lida, que retalha a Europa: tomão armas, e fazendo livres esforços superiores aos sacrificios que fazião escravos, ajudão aos seus habitadores contra os seus oppressores.

Se fosse dado a hum homem affastado dos negocios politicos, empregado em objectos bem estranhos, e cuja esfera de hum raio muito limitado não póde estender-se ás altas combinaçoens, que decidem do destino das naçoens, se fosse dado a hum genio des-

ta ordem subalterna sondar os arcanos do destino, e revelar futuros, que só penetrão superiores talentos, eu avançaria que toda a Allemanha abraçará o mesmo systema, e o Imperador Francisco deverá não perder hum momento qual nunca se offereceu para forrar-se á prepondencia de huma nação, que o esbulhou da sua antiga representação, reduzindo-o a huma Potencia segundaria, ou antes a hum Rei escravo: eu diria que o exemplo da Prussia acordaria este unico alliado Poderoso, que lhe resta; faria desvanecer esses Regulos ephemeros, creados para enfraquecerem o poder da Austria, e que parecem cevar-se unicamente dos despojos desta: eu affirmaria que a Hollanda em breve, patrocinada pela Inglaterra, tornará ao seu antigo systema; e finalmente a Europa, que tanto tempo soffre violentas convulçoens, voltará ao seu equilibrio. Mas se eu não posso espreitar acontecimentos, que o denso véo do futuro ainda esconde, mostro nas minhas asserçoens quaes são os dezejos do meu coração, e esta demonstração dos meus sentimentos vale bem acertadas combinaçoens.

De muito boa vontade eu saltaria, nesta breve resenha, aquelle paiz, que em pouco mais de vinte annos offerece á Historia mais factos do que muitos seculos precedentes; cujos annaes, tintos de sangue das mais Illustres Personagens, serão apenas criveis na posteridade. Mas eu penso que na presente epoca

nenhuma nação offerece mais vasto campo ás vistas do filosofo. Depois de haver soffrido hum accesso da febre mais violenta, que a lançou em dilirios e desatinos horriveis, ella cahio em hum abatimento sem igual: curvou-se diante de hum aventureiro: sacrificou a sua industria, o seu commercio, a sua navegação á fome de conquistas: dobrou o joelho diante de hum soldado, com as mãos escorrendo ainda em o sangue do seu legitimo Monarca, do successor dos Clovis e dos Luizes: elevou-o de grão em grão; e sem energia, sem outro caracter mais do que a servidão, moldou o seu genio inconstante aos caprichos do ambicioso. Ella tem visto na Peninsula muitos centos de milhares de homens sacrificados: vê as estradas da Russia cobertas de ossos: e ainda mesmo nos dias da sua prosperidade, entre as suas victorias, via o seu paiz deserto, as cazas cobertas de luto, os campos incultos; e todas as familias chorando a perda de hum parente, talvez o seu arrimo. Infeliz nação! Até quando durará este espasmo fatal? Quando saltará hum faisca electrica, que ponha em acção os membros paralysados? Virá ella da Hespanha? Virá do Norte? Entretanto enjôa ler nos papeis Francezes apenas frivolas discripçoens de passeios, divertimentos, caçadas, a nulla existencia do chamado Rei de Roma, indignidades, que tornarão aquella nação objecto do ridiculo de todas as idades. Mas se attentarmos a

esse germen, que começa a desenvolver-se no centro da França, se nos recordarmos do exito de iguaes levantamentos em Hamburgo, se combinarmos o estado d'aquelle povo com o Prussiano; se olharmos para os inimigos que o cercão, cujo numero diariamente se multiplica; se virmos a má vontade, e o geral descontentamento que devem necessariamente produzir rigorosas conscripçoens, pezadas contribuiçoens, repetidas e enormes perdas, não devemos esperar que rebente esta mina tanto mais terrivelmente, quanto mais escondida e sotterrada? — Não avancemos conjecturas.

Deixemos aos politicos explicarem, qual o fim para que as tropas Francezas seguem para Italia. Desconfia Bonaparte da Allemanha? Sabe elle qual he o destino dos preparativos da Turquia?

Digamos alguma cousa do estado da Peninsula. Depois que a desobediencia de hum General illudido, e as dificuldades e mingoas do exercito alliado, fizerão perderão vantagens, que tantas fadigas havião custado, desamparadas as antigas posiçoens, tomarão folego os inimigos, e ameaçarão aos vencedores. A prudencia do Chefe, e o valor das tropas frustrarão o seu impeto, e depois de vasios apparatos, saltando de posto em posto, se resolverão finalmente a alliviar a Hespanha.

Soult com todos os seus talentos militares, nada ousando depois que em Albuhera provou

como sangra o nosso ferro, se retirou para mais propicio clima, com huma parte do seu exercito; e Caffarelli, que sempre terá em lembrança o valente Mina, leva á França 10$ homens cançados de lidarem com aquelle bravo guerreiro. Outras muitas tropas despejão a Peninsula. Desta sorte se enfraquecem os inimigos, em quanto as forças alliadas recebem novos augmentos, assim com a expedição da Sicilia, como com os reforços, que a Inglaterra tem enviado. He muito de esperar que estas vantagens sejão coroadas com outras gloriosas acçoens, quaes as que tantas vezes tem illustrado as nossas armas.

Em quanto espalhava assim rapidamente as minhas vistas sobre o Continente, eu não me esquecia daquella Ilha, que tem sido o fóco, donde tem sahido todos os raios: eu não desconhecia em cada passo dado pela liberdade Continental aquella mão, que destra e subtilmente tem traçado o plano, e se tem offerecido com todo o seu poder para levantar os abattidos sob o despotismo; aquella mão que (permitta-se a expressão) semeou os dentes de Cadmo, que produzirão guerreiros armados contra o Oppressor da França. A Inglaterra chama sobre si todas as bençãos, quando encara constantemente o seu fito, e empenha-se em acodir em todos os pontos aos inimigos de Bonaparte. Este titulo está de tal sorte identificado com o de amigo da Gran-

Bretanha, que não são precisos tratados, nem convenção para a fazer voltar de contraria a protectora, ou co-operadora. Nós vemos as suas embarcaçoens no Baltico, sobre o Elbo, no Atlantico, no Mediterraneo, e em summa em todos os mares com esta divisa — guerra ao Usurpador da França: paz, amizade, e protecção aos seus inimigos. — Os effeitos deste affincado systema são todos os dias visiveis. A Russia, a Suecia, a Prussia, a Hespanha, e Portugal tem encontrado hum alliado fiel e poderoso. Os Hanovrianos chamão a sua protecção; as Cidades Hanseaticas encontrão na sua força naval o exterminio dos Dinamarquezes. He esta mesma que tem varrido da superficie dos mares as embarcaçoens Francezas; conquistado as Suas Colonias em todo o mundo, e de mãos dadas com os Portuguezes livrado a America Meridional de hum couto dos seus piratas. Eu terminarei muito embora aqui este pequeno discurso, sem me lembrar da America Septentrional: Eu feixarei os olhos a huma guerra, em que a Inglaterra se vio obrigada a entrar com tanta repugnancia: Eu sentiria em silencio o desgraçado exito de tantas propostas, e ultimamente das tentativas do Almirante Warren. Este objecto, além de estranho ao titulo deste Escrito, não póde ser tratado por huma penna grosseira, qual a minha. Caminhar sobre cinzas, que escondem brazas, não he dado a todos os genios: em vez

de reflexoens, eu farei antes votos para que duas naçoens iguaes em origem, na Religião, na linguagem, na educação, no Governo e em outros muitos pontos, se abracem em huma firme paz, tão vantajosa a ambos os partidos, em quanto da sua desunião não resulta proveito mais do que ao seu cruel inimigo, que não podendo combatter n'aquella parte do Mundo, se empenhou em engana-la, para desempenhar o verso que tomei ao principio: *Faut-il toujours combattre, ou tromper les humains!*

Continuação do Estado da athmosfera

Abril.

Dia	Ther.	Bar.			Tempo
	Graos	Pol.	Vint.	Mil.	
26	69	29	16	14	chuva
27	73		16	12	dito
28	77		17	10	claro
29	77		17	26	chuvoso
30	75		17	10	claro

Maio.

Dia	Ther.	Pol.	Vint.	Mil.	Tempo
1	76	29	17	14	trovoada
2	75		17	10	claro
3	75		17	8	chuvoso
4	72		16	44	denso
5	72		16	12	claro
6	71		16	20	chuvoso
7	70		16	16	denso
8	68 ½		16	8	claro
9	68		16	8	dito
10	68		16	28	
11	69		16	30	
12	70		16	10	nebrina
13	74		12	16	dito
14	77		12	20	denso
15	72		12	10	chuva
16	71		13	30	

Dia	Ther.	Bar.			Tempo
	Graos	Pol.	Vint.	Mil.	
17	72	29	14	6	
18	70 ½		15	12	
19	70		16	8	
20	71		16	20	
21	72		16	10	temperado
22	74		15	26	chuva
23	72		13	28	claro
24	73		15	22	
25	73		15	22	
26	74		16	26	
27	74		13	20	
28	73 ½		14	20	chuva
29	71		18	34	
30	69 ½	30	0	10	
31	69			8	

INDICE.

AGRICULTURA.

LITTERATURA.

GRAMMATICA PHILOSOPHICA.

HISTORIA.

POLITICA.

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.

Ferreira.

N. 6.°

JUNHO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.° 34, por 800 reis.

LITTERATURA.

Methodo de achar novas combinaçoens de letras para novas palavras, continuado do *N.° 5.° pag. 18.*

PRincipiando das monosyllabas: tomemos a primeira vogal, e vejamos quantas combinaçoens lhe podemos dar com as consoantes; teremos:
ba, fa, ga, na, ra, sa, ta, za, lha, nha,
bla, cla, fla, gla, pla,
bra, cra, dra, fra, gra, pra, tra.
São 22 combinaçoens, pois ainda que *sa* seja já palavra usada em apelido de familia; esse uso he tão limitado, que não fará equivoco ainda que se empregue em significar v. g. huma nova planta. O mesmo se póde dizer de *na* usada já como particula. Omitirão-se as já usadas como *ca la pa*, e as de má pronuncia, ou que parece soar duas vogaes como *nhrã*, *chra*, *jra*, *nra*.

Se depois ás 22 accrescentarmos *l* final, teremos outras tantas; e mais; pois se já se usa *da*, *pa*, ainda se não usa *dal*, *pal*. Se em vez do *l* se substituir *r* teremos outras; e se *s* outras; o que já dará humas 88. E póde-se

ainda adiantar substituindo, já *rl* v. g. *barl*, *carl*, ou *sl*, *basl*, ou *nl*, *banl*; ou *nsl*, ou *rsl*. Se tambem se tira a consoante inicial podemos ter *al*, *ã* (*ar*, já ha), *anl*, *ansl*, *arl*, *asl*, e assim sobem a mais de 200.

Procedendo-se a operar da mesma sorte com cada huma das outras vogaes *e*, *i*, *o*, *u*, e com os nossos oito dipthongos *ai ei oi ui*; *au eu iu ou*, teremos 2400, que ainda se pódem subir a mais pelos acentos nas vogaes, *e* e *o* como em *féz Fêz pôz fóz*.

E se tantas palavras nos póde dar huma só syllaba, que não parecia capaz de tão varia combinação; já nos leva a huma multidão, que parece sem numero a combinação de duas. Tomemos esta palavra *rola*, e sem substituir alguma de suas letras teremos estas outras combinaçoens; andando só com as vogaes: *ralo*, *oral*, *arol*. Se tambem com as consoantes *lora*, *laro*, *olar*, *alor*. E subtraindo huma letra: *ora*, *aro*, *ola*, *alo*. São já 12, de que tirando as palavras já usadas, ainda ficão humas 7 novas. E recorrendo á varia possivel acentuação, teremos mais estas 7 novas *rolá*, *raló*, *lorá*, *laró*, *orá*, *aró*, *aló*, e ainda *olá*, cujo som se assemelha a outra já usado, mas não he attendivel equivoco.

Tendo já 14, ou 15, se em vez do *a* se substitue *e* poderá dar outras tantas, e se *i* outras &c., e se cada hum dos 8 dipthongos, muitas outras; por tudo humas 180. Se

depois da mesma sorte repondo o *a* se fazem as substituiçoens em vez do *o* se poderão ter outras 180. Póde-se depois passar a substituir ambas *o* e *a* por outras, e pelos dipthongos, cujas varias possiveis combinaçoens as farão subir a muitas mil.

Póde-se depois passar a acrescentar consoantes; e assim de *rola* se póde formar *rolal rolar rolã brola brolal brolã* e *bromla bronlal bronlar bronlã brorla brorlal brorlã broslal broslar broslã bronsla bronslal bronslar*, *bronslã*: cujas combinaçoens se pódem multiplicar pelas outras consoantes, substituindo-as pelo *b* como *crola*, *crolal* &c. Se depois se correm estes varios modos de consoantes pelas antecedentes combinaçoens de vogaes e dipthongos, já custarão a numerar. E que será quando se passe em todos esses casos a substituir já a primeira consoante *r* por todas as mais consoantes: e depois a segunda *l* tambem por todas as mais: e depois essas outras consoantes entre si por todos os modos possiveis, sem esquecer em todos os casos as differentes acentuaçoens? Ter-se-hão, ainda omittidas as já usadas, e as menos bellas, muitos e muitissimos milhares de selectas palavras.

Tentando-se combinaçoens trisyllabas não se acharia fim. Para alguma idéa tomemos 3 vogaes á vontade v. g. *a i o*, e tambem 3 consoantes como *l m r*. As vogaes pódem-se dispor destes 6 modos *a i o*, *a o i*, *i a o*, *i o a*,

eia, oai: e por outras 6 as consoantes, e correndo cada hum destes pelos 6 das vogaes, se terão 36. E se a consoante inicial se passar para final dará outras 36. E se se omittir huma consoante, já o *l*, já o *m*, já o *r*, muitas mais teremos. Póde-se passar a substituir as vogaes pelas outras vogaes, e dipthongos. Depois pelos acrescimos de consoantes, e substituiçoens de consoantes, e acentuação já na penultima, já na ultima, já na antepenultima, não sei se lhe acharia numero.

Entende-se bem que se poderião compor novas palavras, sem exceder a trisyllabas, e bem escolhidas, tantas, e muitas mais das que se achão nos mais abundantes Dicionarios existentes. Ao nosso proposito seria util que houvesse quem publicasse huma colecção manual de selectas combinaçoens silabicas; para que á mão do Escriptor singularmente que trata de paizes, e objectos novos, sem se deter vá enriquecendo, com acerto a lingua. Quem tiver o tempo, e animo de tão bom serviço á sua nação, poderá repartir as monosyllabas a hum capitulo, as disyllabas a outro; e trisyllabas a outro: talvez fazendo paragrafos, v. g. já das mais apropriadas para objectos asperos; já para suaves: já para grandes; já para pequenos e humildes: ou melancolicos; ou festivos.

As monosyllabas serião em menor numero, pois realmente não dão tanto onde escolher,

e talvez se receie que abundando já os monosyllabos em razão das particulas, que tanto se repetem na nossa lingua (como succede em todas, cujos nomes não declinão) se se carregasse de palavras monosyllabas viria a ficar menos grave a oração. Os verbos porém melhor o serião todos, pois sempre por huma monosyllaba são muitas polisyllabas: *Ler* v. g. dá *lemos lessemos leriamos* &c. Com tudo duvido bem que a tal consideração do bello accidente da gravidade da oração valha a brevidade, que se consegue das monosyllabas, em quanto sejão boas, e fora de equivoco. Se nossas palavras fossem monosyllabas, em quanto as obras de outros, que as tenhão trisyllabas, occupassem tres volumes, em nossa lingua se encerrava em hum só, e que estimavel prerogativa até para imprimir noticias publicas, gastando-se huma só hora em vez de tres: menos papel, menos homens, menos tempo a escrever, e a ler: até de mais facil leitura; que não são muitos mesmo instruidos os bons leitores.

Nas disyllabas se deveria tomar o maior numero, pois que em quanto estiver na nossa mão, façamos, se he possivel, que os livros nos sejão mais maniaveis, nos poupem o dinheiro, e sobre tudo o precioso tempo. Das trisyllabas menos se deverião introduzir: além das muitas compridas palavras, que já temos, sempre haverá as formadas de outras, que não

pódem ser pequenas: demais as terminaçoens dos verbos, os superlativos, diminutivos, augmentativos (virtudes mui especiaes da nossa lingua, e cujo preço não parecem ter bem conhecido, e feito valer os nossos escriptores) sempre haverão as compostas como *util inutil*, *edificado reedificado*, *fazer desfazer* &c.

Dever-se-hia ajuntar áquella collecção as reflecçoens aqui apontadas, mas mui brevemente, e omittindo o desnecessario; e outras novas, que se podessem haver para luz, e norte aos escriptores, que se acharem nas occasioens de empregar novas palavras. O mais bem entendido modo he adoptar palavras das linguas sabias, e as do paiz, donde vem o objecto. A cautelosa prudencia he não se prender a isso, até á custa de perder huma nova bella palavra, breve, significante, por huma ou longa, ou feia. Creio que se não deve ter respeito a essas naçoens barbaras da America; porque a palavra de huma não será conhecida de cem outras; só se ella em si fosse boa.

Quanto aos nomes de hervas, e plantas, e outros objectos de Botanica, ou Historia Natural, deverião ser communs entre os Naturalistas, e o povo: mas se suas derivaçoens as fazem longas, ou menos bellas, que se fiquem elles com ellas; e se tomem outras: ou antes elles em tal caso se acostassem ás populares breves, lindas, significantes. E nunca jámais se tolere o barbaro uzo bem frequente

nos botanicos de duas palavras inteiras para hum só objecto.

Em tomar as palavras d'outra lingua attenda-se ás modificaçoens, que os Sabios tem uzado. Assim vemos que como os Latinos voltarão em *us* os nomes dos Gregos em *os*, nossos escriptores as tomarão em *o* v. g. em o Grego *Antidotos* he em Latim *Antidotus*, e entre os nossos *Antidoto*. E se alguma vez se desviarão, era pouco, e não sem algum motivo, v. g. dicerão *a Safira*, vendo em Latim *Saphirus*, mas foi para evitar a irregularidade do Genero, que tem em Latim. Com tudo ainda neste caso melhor fora não se ter desviado; pois o *Safiro* para nós seria pelo menos igualmente bom: assim como dizemos *o topazio*, *o rubi*, *o diamante*. A irregularidade alli, se a havia, era lá no Latim, que nos não importa. Tambem disserão *cristal* de *chrystallus*, omittindo a vogal final, que deveria ter; mas a terminação ficou bastantemente similhante, e a palavra mais curta, e por tanto disculpavel esta licença.

Não he assim das inscias irregularidades, que se topão ordinariamente em algumas traduçoens modernas. Virão no seu livro Francez *proselyte*, *Indus*, *Elbe*, e nos dão em Portuguez *Proselyta*, *Indus*, *Elba*. O Escriptor que saiba que em latim se diz *proselytus*, *indus*, e naturalmente se diria *Elbus*, e como nossos bons autores voltavão, não diria senão *prose-*

lito, *Indo*, *Elbo*, olhando mais para a lingua Mãi, e de mais distincto respeito. Nem sendo *proselito* nome propriamente applicavel a homem, e os outros, nomes de rios, entre nós masculinos, faria aquellas terminaçoens irregulares, correndo sem regra alguma a empiorar a lingua, que os Sabios tanto dezejão sã, e o melhor cultivada; e ella o merece. Em estes traductores, ou Escriptores ler-se-há huma obra inteira, sem se achar o plusquam perfeito proprio v. g. *amara*, *deffendera*, mas só traduzidos mui servilmente *tinha amado*, ou *havia offendido* rodeio, dessas pobres linguas, que não se podem melhor explicar.

Estas reflexoens, primariamente intentadas para o melhor acerto das inumeraveis dicçoens novas a empregar agora no Brazil, não deixão de ser de mais geral transcendencia: muito mais que por se não acharem á mão em breve escrito taes advertencias, se vem escritores estimaveis cahir incautamente em trivialidades erroneas, vindo a concorrer a empiorar o nosso nobilissimo idioma, que poderião, e dezejarião melhorar. Escreve-se *perca* em vez de *perda*, que não he má palavra, e a outra lá está no conjunctivo do verbo *perder*. Em vez de *queda*, *cahida*, que he adjectivo; em vez de craneiro (sepultura) se vê carneiro: multiplicando equivocos, e irregularidades. Para que escrever *athé* por *até* sem nem ainda o pretexto de derivação latina para aug-

mentar letras inuteis? E aquelles dois *ll* em v. g. *matallo*, que não sendo senão *matar o* por *anthitese* trocado o *r* final em *l*, e escrito junto com o *o* ali Pronome. No que cahem tambem os que escrevem *pêllo pêlla* em vez de *pêlo pêla*. E já se imprimio *matarão-o* que com mais acerto se diz *matarão-no*, separando o ultimo *o* por hum *n*, que se lhe accrescenta em razão da Eufonia, como tambem usarão os Gregos. Os lugares, em Latim *ubi; unde; qua; quo: onde; donde; por onde; para onde* ou *aonde;* equivocados á Castelhana, e escritos *donde; de donde; por onde: para donde* ou *adonde*. E o pior ás vezes o tal *adonde* ou ainda *aonde*, em vez de significar o lugar* *quo* por força daquella proposição *a*, applicados a significar *ubi*. Acertadamente lhe *aonde foste? Onde estiveste?* Talvez por affeitos a ler em Hespanhol *em lo, em la:* só escrevem *em o, em a:* que incomparavelmente melhor se diz *no na* &c. Tambem quantos não advertem na incoherencia de pôr as datas em obras não escritas em Latim, em caracteres Romanos: mais toleravel seria o contrario; pois ao menos os algarismos são muito melhor invenção.

Já dava por acabado este escrito: mas ainda me lembra que seria bom examinar, e regular a derivação entre nossos nomes e verbos cognatos. O verbo significa huma acção; esta se póde nomear como huma coisa,

e dá-se-lhe nome. *Amar* então se chama *amor*; *temer*, *temor*. Mas não basta trocar, como nestes, a ultima silaba do verbo em *ôr*, para se ter o seu nome cognato: não ha derivação mais varia: humas vezes serve a primeira pessoa do presente do Indicativo como *uso* de *usar*; *sonho* de *sonhar*; *passeio* de *passear*. Outras he a terceira v. g. *cava de cavar*; *poda de podar*. Outras o mesmo *Infinito* como *andar*, outras o participio do preterito como o *rugido*; *latido*: e *ouvida*. Outras nada disso; nem ha coisa mais sem regularidade. Com tudo nesta mesma sua irregularidade ou variedade como infinita, se deverião ter como á mão os tão varios modos de formar os taes nomes dos seus verbos; ou os verbos de seus nomes; para a toda a hora se saber formar; e escolher de muitas possiveis as melhores. Fugir-se-hia sobre tudo das em *ão* v. g. *oração* de *orar*. Tambem as que são pessoas do verbo, e ainda mais o mesmo infinito, pelo equivoco a não ser e que pelo accento se evite o equivoco, como *chôro* de *chorar*, pois a primeira pessoa he *chóro*. Humas em *ura fervura* de *ferver*, em *ume ùrdume*, *costume*, de *urdir*, *costumar*. *Chamamento*, *livramento*, *rizo*, *alegria*, *carreira*, *aplauzo*, talvez mais.

E se se reduzisse a regularidade, ou tal qual methodo, a derivação de todos os nomes verbaes possiveis; em cada verbo se teria huma fonte de abundantes termos, o que faria

a lingua muito mais flexivel a se acomodar aos sentidos sem rodeios. Temos Participios do Prezente, do Futuro; mas quão pouco partido se tira de seu uso; do futuro singularmente apenas temos *venturo*, *futuro*, *moribundo*, *ordinando*. Não sei se algum mais. Dever-se-hia descubrir, e ainda estabelecer o modo de evitar o equivoco de significação activa em Participios Passivos como *lido*, que, ou se toma como só devera ser, como em *livro lido* ou activamente *homem lido*, isto he, que lê muito. Ou *entendido*, porque entende muito. Se se não podesse sempre aplicar para a significação activa o Participio prezente como seria *lente*, *intelligente* ou *entendente*, melhor seria usar outro nome verbal, como aqui seria *ledor*, *entendedor*. E não se dizendo *matante*, *cantante*, se diz *matador*, *cantor* ou *cantador*.

Não deixo de advertir, que, ao menos ao principio muitas derivaçoens pareceriáo duras; mas obrando-se com sistema, e intelligencia, com o tempo iria a lingua tornando-se mui flexivel; e tudo pareceria mui notavel, e até gracioso, e elegante. Quem nesta fabrica póde mais adiantar, com passos mais largos, e para assim dizer, saltando longe, são os bons Poetas. Que não fez Camoens! Quasi huma lingua nova. Mas he mui necessaria particular illustração nesta materia, e bem divulgada para muitos, e, se fosse possivel, todos concorrerem; e a ignorancia não pizar com

seus toscos pés o bem plantado, e para assim dizer, de novo nascido. Hum poeta já disse: o *Brazilo metal* (ouro). Oxalá tão bello adjectivo faça antiquar *Brazileiro Braziliense*. Mas quantos o terão lido sem perceberem o que val. Quantos até produzem palavras más, havendo-as boas do mesmo sentido! Se não contribuem a aperfeiçoar a lingua, ao menos não lhe fação taes damnos sem necessidade.

ÁS ARTES.

Poema, recitado no dia dos annos de S. Magestade Fidelissima D. MARIA I. em 1788.

JÁ fugirão os dias horrozos
De escuros nevoeiros, dias tristes,
Em que as Artes gemerão desprezadas
Da nobre Lisia no fecundo Seio.
Hoje cheias de gloria resuscitão
Até nestes confins do Novo Mundo,
Graças á Mão Augusta, que as anima!
Vejo grave Matrona meditando (1)
Com os olhos no Ceo: a mão exacta
Dos Planetas descreve o movimento:
Por justas Leis calcúla, peza, e mede
Forças, massas, e espaços infinitos:
Dois Genios voadores lhe apresentão
Movel eburneo Globo, em que ella grava
Os limites do Imperio Lusitano:
Ella dirige sobre os vastos mares
Nadantes edificios, que transportão
Os thesouros, e as armas, de que treme
O ultimo Occaso, e o ultimo Oriente.
A par desta outra Deosa move os passos (2)
Da firme experiencia sustentada:
Ella conhece as causas, e os effeitos;

(1) Mathematica.
(2) Fisica experimental.

Ella exerce, ella augmenta, e diminue
Da Natureza as forças: a Luz pura
Atravéz do Cristal separa os raios,
E mostra aquellas primitivas côres,
Que formão a belleza do Universo.
Por suas Leis os differentes corpos
Se ajuntão, e se movem: o Tridente,
Que levanta, e que abate as negras ondas
Escuta a sua voz; e o mesmo Jove,
Se troveja, e fulmina, reconhece, (ma. (1)
Que ella o move, ella o rege, ella o desar-
Funesta gloria, que custou a vida
Ao novo Promethêo, que impio roubara
A subtil chama do Sagrado Olimpo! (2)
Por ella o Nauta illustre, e valeroso (3),
Vindo abaixo dos pés as tempestades,
Vai sobre as nuvens visitar a Esfera.
E tu quem és, ó Ninfa, tu, que ajuntas,
Indagas, e descobres os thesouros,
Que fecunda produz a Natureza? (4)
Recebe as tuas Leis todo o vivente,
O nobre Racional, o vil Insecto,

(1) As experiencias da materia Electrica sobre o Raio.

(2) O desgraçado Professor de Petersburgo Richman, que morreo experimentando o Conductor da materia Electrica.

(3) O primeiro Aeronauta Mr. Pilatre de Rosier.

(4) Historia Natural.

O mudo Peixe, as Aves emplumadas,
As indomitas Feras, e escamozas
Mortiferas Serpentes, e os Amphibios,
Que respirão diversos Elementos.
Dos vegetaes na immensa variedade
Tu conheces os sexos, e distingues
Quaes servem ao commercio, e quaes restaurão
A perdida saude: tu nos mostras
A prata, o ouro, as pedras preciosas,
Com que opulenta a inclita Lisboa
Vaidosa sobre o Tejo se levanta:
A tua mão benefica rasgando
Occultas veiás de asperos rochedos,
Arranca o ferro, que revolve os campos,
Por quem o Lavrador recolhe alegre
Do seu nobre suor os doces fructos.
E tu, que com poder quasi divino (1)
Imitas portentosa, rica, e bella
As producoens da sabia Natureza,
Vem, ensina aos Mortaes, como a Materia
De differentes modos combinada,
Fórma infinitos mil corpos diversos,
Corpos que nem vegetão, nem respirão.
Por tua mão laboriosa vejo
Em pedra transformar-se a molle argilla,
Em cristal as areias: tu desatas
A união dos metaes, e ainda esperas
Formar o ouro brilhante, que enobrece
Da inculta Patria minha os altos montes,

(1) Chimica.

E se eu tremo de horror, vendo-te armada
Huma mão de mortiferos venenos;
Agradecido, e respeitoso beijo
Outra mão, que benigna me prepara
As riquezas, e as forças, que reprimem
A pallida doença rodeada
Dos espectros da Morte . . . Ah vem, oh bella
Irmã da Natureza enfraquecida, (1)
Que provida conservas, que renovas
Da humana vida a preciosa fonte.
De que serve o valor, e os cheios cofres
De Midas, ou de Cresso, se desmaião
Em languidez os membros, quando a febre,
E os correios da Morte accelerados
Do afflicto coração ás portas batem?
Então cheia de amor da humanidade,
(Misera humanidade!) pouco a pouco
Tu a consolas, e ergues d'entre as sombras,
E frio horror da negra sepultura.
Estende, estende, oh Deoza, a mão benigna
A' fraca humanidade: e tu, que pódes
Unir os rotos lacerados membros, (2)
E com saudavel, e pollido ferro
Affugentas a Morte, e que conheces
Todos os laços da Structura humana,
Entorna o doce balsamo da vida
Sobre os tristes Mortaes. Já reconheço
Outra formosa Ninfa, que descreve (3)

(1) Medicina.
(2) Cirurgia.
(3) Geografia.

Toda a extenção da Terra, o Mar, os Rios,
As famozas Cidades, e as montanhas,
De polidas Naçoens brandos costumes,
E de barbaros Povos fera usança,
Sincera indaga, e cuidadosa exprime.
Com ella vem bellissima Donzella, (1)
Que com grave eloquencia narra os factos,
Que o Mundo vio desde a primeira idade:
Ella nos mostra em quadros differentes
Os tempos, as Naçoens, e a varia sorte
De Imperios elevados, e abatidos,
As allianças, a implacavel Guerra,
O progresso das Artes, e a ruina.
Mas que illustre Matrona entre as mais vejo
De verdes louros coroada a frente? (2)
Tem nas mãos plectro eburneo, e Lira de ouro,
Que celébra os Heroes, e que eterniza
No Templo da Memoria o Nome, e a Fama
Dos inclitos Monarcas: já das Deozas
A companhia escuta: já repousão
As nuvens sobre o cume das Montanhas:
O rouco Mar, os ruidosos ventos,
A fonte, o rio, os ecos adormecem:
Reina o silencio: em tanto solta aos ares
Calliope divina a vós sonora.
,, Os Tiranos da Patria, assoladores
,, Do Povo desgraçado, são flagellos,
,, Que envia ao Mundo a colera celeste:

(1) Historia.
(2) Poezia.

,, São dos Mortaes o horror, a infamia, o odio,
,, Mais crueis do que a Peste, a Fome, e a
,, Guerra.
,, O Seu dia natal, he dia infausto.
,, Dia de imprecação, epoca triste
,, De susto, e de geral calamidade;
,, Mas o Monarca generoso, e pio,
,, Amor, delicias, esperança, e gloria
,, Da Nação venturoza, que protege,
,, He dom raro, e magnifico, que nasce
,, Da eterna mão, que volve os Ceos, e a
,, Terra.
,, O dia, o feliz dia, que primeiro
,, O deo ao Mundo, he dia assignalado,
,, He dia de prazer: o Povo unido
,, Levanta as mãos ao Ceo: os puros votos
,, Com lagrimas de gosto misturados,
,, São a publica voz, e o testemunho
,, De gratidão, de amor, e de ternura.
,, Tal he, Rainha Augusta, a vossa Imagem,
,, Tal foi o inclito Rei, que teve a sorte
,, De deixar á saudosa Lusitania
,, A digna Filha, generosa herdeira
,, Do grande coração, do vasto Imperio.
,, Se elle invicto abateo com braço herculeo
,, A horrivel Hydra, os destestaveis monstros,
,, Deixou tambem aos vossos firmes passos
,, Da bella gloria abertos os caminhos.
,, O Coro illustre das Reaes Virtudes
,, Vos segue em toda a parte; e a esperança
,, Da Nação venturosa junto ao Throno

,, Erguendo os olhos, e alongando os braços;
,, De vós confia, e só de vós espera
,, Os bellos Dons da Paz, e da Abundancia.
,, Vejo por terra a estupida, e maligna
,, Cohorte da Ignorancia: e se ainda restão
,, Vestigios da feroz Barbaridade,
,, O tempo os vai tragando: assim as folhas
,, Murchas, e áridas cahem pouco, a pouco
,, Dos proprios ramos nas regioens d'Europa,
,, Quando pezado, e triste o frio Inverno
,, Sobre o carro de gello açouta as Ursas,
,, E fere as nuvens com aguda lança.
,, Chegão por vós aos mais remotos climas
,, Premiadas as Artes: eu as vejo,
,, Eu as ouço, que juntas neste dia
,, Entre os transportes de prazer entoão
,, Ao vosso amavel nome eternos hymnos.
,, Elles voão, levando ao Ceo sereno
,, Nas brancas azas os mais ternos votos
,, De respeito e de amor, que vos consagra
,, Rude, mais grato Povo Americano.
,, Já destes votos nasce, e se derrama,
,, Como a neve dos Alpes, a torrente
,, Da vossa gloria, que de dia em dia
,, Igual ao Vosso nome se levanta;
,, E os ultimos vindouros assombrados
,, Inda a verão crescer no amor dos Povos.
,, E tu, que triste, e pensativo observas
,, Este de Gloria eterno monumento,
,, Oh fero tragador dos bronzes duros,
,, Arroja o curvo ensanguentado ferro,

,, E confundido, e temerozo adora,
,, Aos pés do Regio Throno Lusitano,
,, Da Rainha Immortal o Nome Augusto.

M. J. S. A.

Canção inedita de Bocage a Luiz de Vasconcellos e Souza, então Vice-Rei deste Estado.

MUza, tu, que até agora ao som do vento,
Ao som dos crespos, inquietos mares
Soltaste hum vão lamento,
De mil queixumes povoaste os ares,
He tempo já: consola-te, respira;
E dignos versos ao teu Vate inspira.

Não vão cantar de coraçoens guerreiros
Impias façanhas, barbaras victorias,
Os Heroes verdadeiros
Não são esses, que adquirem torpes glorias,
Bebendo o sangue dos mortaes afflictos
Na guerra atroz, nos barbaros conflictos.

Pacifico Varão dos Ceos mimozo,
Alma das almas exemplar brilhante,
Hum coração piedozo,
Hum grato gesto, hum placido semblante,
Digno de amor, de submissão, de affecto,
Vai ser de meu louvor sublime objecto.

Sim, Vasconcellos, o teu nome egregio;
Que o mundo incensa, que a verdade aclama,
Que ao pé do Solio regio
Conduz mil vezes a volatil fama,
Na minha ingenua voz farei que sôe,
Que toque o proprio Ceo, que aos Astro vêe.

Se de teus immortaes antepassados
Tu não foras, Senhor, fiel transumpto,
Se á teus lustres herdados
Hum genio sup'rior não vira junto,
Não te cantara: o sangue sem virtude
He vão fantasma, que aos mortaes illude.

Grande te fez a prospera fortuna,
Grande te fez a sabia natureza;
Mas querem que se una
Em ti alta virtude, alta nobreza;
E aos duplicados dons, que em ti divizo,
Duplicado louvor será precizo.

Não só da Fama nos patricios lares
Ouvi contente resoar teus vivas;
Nestes mesmos lugares,
Com palavras de jubilo excessivas
Te ouço cantar por bocas, que não fingem,
Por almas lizas, que o meu lado cingem.

Da recta gratidão ternos indicios
Mostrão nos olhos, coraçoens, nas frentes;
E aos claros Ceos propicios
Mandão votos purissimos, e ardentes,
Mandão vozes de amor, e de lealdade
Pela tua cabal felicidade.

Eu, dos braços paternos arrancado,
E pela furia dos soberbos mares
Sacodido, arrojado,
A remotos incognitos lugares,
Onde talvez, que me aparelhe a Sorte,
Depois de infausta vida, infausta morte:

Eu finalmente com respeito interno,
Meus fracos olhos nos teus olhos pondo,
Teu amavel Governo,
Tua justiça, teus costumes sondo,
E digo então, Senhor, só tu podias
Tornar alegres os meus tristes dias.

Só tu, digno de Estatuas de alabastro,
Digno de bronze, que os Heroes distingue,
Melhoraras meu Astro,
Astro infeliz; que o meu socego extingue,
E poderás soltar minha alma preza
Entre as sombras da livida tristeza.

Abatidos mortaes erguer da terra
Tornar ditozos, consolar aquelles,
A quem a sorte faz cruenta guerra,
Ser pai, ser protector, e abrigo delles,
He virtude immortal, gloria perfeita,
A quem do Tempo a fera mão respeita.

Se de Tito a lembrança inda hoje dura,
Se o mundo o canta, se lhe erigem templo
A saudade, a ternura,
He porque foi da probidade exemplo;
He porque elle julgou perdido o dia,
Em que algum beneficio não fazia.

Se do Magno Alexandre os sabios fallão,
Não he, não he, Senhor, porque os seus braços
Altos muros alçarão;
He só porque tirou de indignos laços,
E dentre as garras de hum destino impio
A regia prole do infeliz Dario.

Se a Mantuana sonoroza Lira
Ao profugo Troiano eleva tanto,
Não he porque elle inspira
Aos Gregos susto, aos Rutulos espanto;
He porque dentre mortes, a de assombros
O já curvado pai salvou nos hombros.

Viver debaixo de teu jugo brando,
Sentir as Leis de teu poder suave,
Teus meritos alçando
Ao Palacio de Jove em metro grave,
Oh! que ventura, que benigna estrella!
Se o pensa-la he prazer, que fora o te-la?

Surdo o Fado a meus ais, ás minhas magoas,
Deste ameno Paiz me quer distante;
Manda que eu busque as agoas
Onde se banha o valido Gigante,
Irmão dos impios, que gerara a terra,
Que ao Rei dos Deozes declárarão guerra.

Mas inda lá nesses lugares broncos,
De mizeros mortaes mizero azilo,
Sobre duraveis troncos
Teu nome escreverei em terno estilo;
Mostrando, que não he lisonja infame
Quem move a minha lingua a que te aclame

Oh ditozo Brazil, Provincia bella,
Que vês na mão do Heroe, que te domina
Toda a força daquella,
A que o rapido Tejo a fronte inclina,
Vem de novo com fervidos louvores,
Vem alentar meus tremulos clamores.

Vem . . . mas basta Canção: que mais pertendes?
Onde vais arrojarte? ah! não prosigas;
De huns dons, que mal comprendes,
Que poderás dizer por mais que digas?
Não és capaz do assumpto, que proclamas;
Só pertence aos Camoens fallar dos Gamas.

Soneto do Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, ao Illustrissimo Francisco de Borja Garção Stockler.

Tomando o facho da razão por guia,
Por não trilhadas rotas indireitas,
E a teu sublime calculo sugeitas,
Quanto em seu seio a natureza cria.

Segues firme a verdade que allumia,
O engano, o erro, o prejuizo enjeitas
E as trevas huma e outra vez desfeitas,
Fazes sempre raiar o claro dia.

Quem não dirá que o Ceo quando nasceste,
Por honra nossa á Lisia só mandado,
Te deu esse alto genio, dom celeste?

Cumpre pois teu destino e ledo fado,
Parte com nosco os ricos bens, que houveste,
E torna o Luso Imperio affortunado.

O Retrato de Armia.

A Minha penna grosseira
Vai tomar sublime empreza,
Vai traçar em rude quadro
Da minha Armia a belleza.

Empreste-me as finas cores
De Gnido e Paphos o Nume:
Não lhe embarace o soccorro
Da minha sorte o ciume.

Cabellos da côr da noite,
Tu, lascivo ar, menêas,
Cabellos, de que amor tece
Aos meus pulsos as cadêas.

O manto que a Aurora espalha
No Celeste firmamento,
Aos olhos da minha Armia,
Furta a côr, e o luzimento.

Não he bella a mesma Aurora,
Estrella não ha brilhante,
Como os olhos luminosos
Da minha divina amante.

Não só brilhão, mas accendem
No meu peito eterna chamma:
Ninguem os vê sem ternura;
E como os verá quem ama?

Entre os jasmins, que revestem
As suas faces mimosas,
Os seus primores ostentão
Pudibundas frescas rosas.

Sob os rubins finas perolas
Escondeu a Natureza:
Hum riso doce e fagueiro
Descobre tanta riqueza.

O collo bello e mimoso
O fino alabastro excede;
Delle pende amor travesso:
As settas dalli despede.

Pullão no seio divino
Dois globos de neve pura,
Que dão vida, que dão morte;
E o morrer he mor ventura.

Toca-los . . . ó Céo! quem póde!
Sem sentir o sangue ardente!
Quem feliz chega a beija-los
E morrer-se . . . ó Deus? . . não sente!

Pára já, penna attrevida:
Não mais o meu bem retrates.
Póde ser que ao grato amante
Em crueis dezejos mates.

Deixa ao Vate afortunado
Disfructar sua ventura . . .
Elle goza o que não pintas,
D' Armia goza a ternura.

Realça a sua belleza
Este verniz engraçado.
No peito d' Elmano vive
Belleza, ternura, agrado.

Elmano Bahiense.

CULTURA DO CAFE'

Segunda Parte.

NEnhuma planta promete e convida mais á ser cultivada do que o Cafezeiro; tudo são vantagens ao principio, a facilidade da cultura, seus rapidos progressos, atrahem; mas chega o momento da colheita, e muitas vezes tantas promessas se malográo, e ao Lavrador inexperiente acontece o mesmo que ao Mercador de Vidros das Mil e huma Noites: mas o Lavrador intelligente e sabido se não ilude com as aparencias; sabendo que sem trabalho nada se faz bem, estuda a exposição, examina o terreno, e presta á sua plantação os cuidados, que a boa cultura exige.

O Café vem em todo o terreno huma vez que as raizes o possão penetrar, e encontrem alguma humidade; mas aquelle que quizer tirar proveito da sua plantação, não se guie pela generalidade, e ponha atenção na escolha da terra: aquella, em que as agoas se demorão estagnadas, não lhe convém, nem as abandonadas ha pouco pelo mar, estas secando-se com facilidade pelo sol, e inchando vedão todas as passagens á agoa, e pela mesma razão as terras argilosas não convém: as terras vermelhas, e saibrosas porém lhes quadrão nos sitios regados pelas chuvas, e em geral o Café gosta de terra solta, e pedrego-

sa nos lugares expostos ao calor; quadra-lhe muito o terreno roteado de fresco, e todavia sendo entre nós a camada de terra vegetal mui rica, deve-se o Lavrador preparar para ver o seu Cafezal com muito viço não dar boa colheita senão depois de tres annos de plantado; e por isso, e para tirar partido da terra, plantem-se com o Café outras plantas uteis.

Em S. Domingos costumavão plantar o Café nos montes, vinha bem, mas a experiencia mostrou que não produzia bem além da terceira colheita, porque sendo a terra levada pelas enxorradas se empobrecia, e as lavras e limpas, tão necessarias, facilitavão a queda da terra; em geral não plantavão no cume dos montes, antes os deixavão coroados d'arvores para abrigo da plantação, e a experiencia ensinou que convinha abrigar mais e segurar a terra, acompanhando a plantação com alas de arvores, que a seguissem descendo os montes, para o que ao roçar das matas deixavão as arvores, que se prestavão a essa disposição.

Na Ilha de Bourbon sendo o terreno mais elevado do nivel do mar, o Café produz excellentemente nos baixos, e nestes as limpas e lavras podendo ser mais frequentes, melhor trato póde dar-se ao Cafezal. Nas terras baixas, deve-se tambem abrigar a plantação com alas d'arvores, que a rodeão, e haver cuidado em desbasta-las á medida, que derem

muita sombra. Mr. Lescalier (1) tratando da cultura em questão na Guyanna, depois de ensinar a esgotar o terreno, aconselha que se lhe plantem bananeiras, e que se conservem sómente por espaço de tres annos, e convém em que se plante com o Café, milho, mandioca &c., mas de modo algum as batatas, como querem outros.

Muitos plantão o Café em roçados parciaes feitos por entre as matas; he verdade que vem com promptidão e bem, mas essas vantagens são iluzorias, o producto he menor e peor, pois que o Café se aprás ao sol e ao ar livre, sem o que dá fructo mesquinho.

Em terra velha, e sem ser amanhada, he perdida a plantação, e nada se deve esperar além de duas colheitas. Esta asserção he contra o que pertende o Padre Labat, mas elle escreveo quando se principiava a cultivar esta planta, e fallou por tanto sem ouvir antes a experiencia. Igual falta de experiencia mostra Mr. Barré, quando pertende que a temperatura necessaria ao Café, para o terreno mais frio he 10° abaixo de zero, e 22° acima para o mais quente, não attendendo a que o thermometro sobe á mais em Cayenna, Java, Rio de Janeiro &c., onde se obtem muito Café:

(1) Noçoens sobre a cultura das terras baixas da Guyanna.

tudo isto prova quanto he arriscado generalizar, tratando de Agricultura.

Para as plantaçoens costuma-se tirar a planta dos pés de Café, que nascem por baixo dos outras, e das sementes que cahem: estas plantas criadas á sombra, quando são expostas ao sol, resistem lhe com dificuldade, languecem por muito tempo, e grande numero morre, cauzando ao Lavrador o trabalho de replantar muitas vezes. O meio de obter boa planta he escolher boa semente, bem madura e fresca (1), e em terra bem limpa, lavrada, e bem amanhada, semear na distancia de 6 polegadas e em quincunce, tendo de mais o cuidado de rega-las: nos paizes quentes, onde o sol nasce com grande calor, as regas devem ser á tarde; os Arabes nas vizinhanças de Moka dirigem huma vêa de agoa corrente serpeando pelo pé dos Cafezeiros: assim se fórma hum viveiro de plantas valentes, e que transplantadas vem excellentemente. O melhor tempo para esta sementeira he a Primavera, porque quando chegão os ardores do Estio, já a planta tem força para resistir-lhe. Aconselhando as regas, não quero dizer que o viveiro esteja sempre unido, seria hum grave erro, pois que os Cafezeiros ficarião fracos

(1) Pertende Mr. de Cossigny que se tire a pólpa á semente, e se deponha em cinza antes de ser semeada.

e incapazes de suportar a transplantação. Deve-se fazer, ou repetir a sementeira todos os annos, porque todos os annos he mister reparar algumas perdas cauzadas pelas secas, bichos, furacoens, &c.

Para o bom exito da plantação convém alinha-la, marcando com estacas os lugares das covas, e em cada huma depôr varias sementes; ter toda a atenção nas lavras e limpas repetidas; deixar só em cada cova o pé mais vigoroso, e arrancar os outros; operação, que se faz, quando as plantas tem 12 á 15 polegadas d'alto.

Limpe-se bem a terra antes de ser plantada, abrão-se as covas algum tempo antes da plantação afim de que, recebendo as agoas da chuva e mais beneficios da athmosfera, se conserve a humidade, e dê tempo á planta para que pegue bem; cubra-se, pela mesma razão, a raiz com terra humedecida: arranquem-se as plantinhas com summo cuidado, levando cada huma as raizes com a sua terra. Esta precaução assegura o bom exito da plantação, e com ella menos cuidado nos deve merecer a estação, o que não succede quando se arranca a plantinha, sem que as raizes venhão com a terra. No arrancar he quasi certo quebrar-se a ponta da raiz mestra, a qual se he bom conservar, quando o terreno he rico, e profundo, melhor he cortar, quando a camada de boa terra he pouco espessa, e se

segue tofus ou pedra, pois que não podendo profundar, a planta languece: cortando-se apressa-se o crescimento das raizes lateraes, que, estendendo-se pela boa terra, vai buscar o nutrimento necessario á vegetação, assim antes corta-la do que enterra-la quebrada ou lascada; a ponta da raiz mestra huma vez cortada ou quebrada não cresce mais, segundo diz Duhamel, e o confirma a experiencia.

O mais essencial na transplantação he arrancar a planta com o maior numero possivel de raizes, o que he facil, pois que devendo ser depois de chuva, a terra se acha então mole.

Arrancadas as plantas arranjão-se em cesto largo com huma camada de terra no fundo, põe-se as plantas sobre esta encostando-as ás bordas do cesto; assim dispostas lança-se terra fresca sobre as raizes, por cima desta camada arranja-se outra ordem de plantas &c, cobre-se o todo de folhas de bananeiras: leva-se neste estado para o sitio da plantação; vão-se depondo as plantas nas covas, enchem-se estas de terra, acama-se de leve, e tem-se antes o cuidado de estender bem as radiculas, e a terra assim disposta conserva a humidade; e bom será chegar algumas pedras para junto das plantas, sem que todavia as toquem; e fincar alguns ramos ao pé para abriga-los do sol.

Alguns formão a plantação em triangulos para economizar terreno, mas acho que a me-

lhor fórma para o cafezal he o de paralelogramo alongado, offerecendo as duas maiores faces ao Nacente e ao Poente, e cerca-lo todo de arvores, que o abriguem; traçar de 150 a 150 toezas ruas direitas e largas, que cortem o paralelogramo, orna-las de arvores, e de preferencia fructiferas; no meio huma rua, que o divida ao longo. Hum Cafezal bem disposto he talvez o mais lindo quadro que a agricultura offerece, a brancura brilhante das flores, o encarnado dos fructos, contrastando com o verde das folhas, aprezentão o mais agradavel matís, o que mais realça o aroma, que das flores se derrama.

Quanto á distancia de pé á pé, pertendem os que plantão mui basto na distancia de 4 palmos, que conservão a frescura da terra, e diminuem as limpas, opondo-se a sombra ao crescimento das hervas, pretendendo de mais que ha maior abundancia de fructos, o que he verdade, mas só até a primeira colheita, porém crescendo mais as arvores, emaranhão-se os ramos, e privando-se mutuamente dos influxos athmosfericos produzem muito menos, e as vezes só a haste produz. Estou que a distancia deve variar segundo a qualidade de terra, sendo tanto maior quanto maior for a fertilidade do terreno, e que se dê menor distancia de planta á planta em cada linha, e maior de linha á linha: que a distancia em cazo algum seja menor, do que de seis a seis

pés, e nem maior do que 12. Verdade he que a cultura, assim disposto o Cafezal, custa mais, porém mais balanção com essa dificuldade as vantagens, que se obtem, pois que as arvores são mais formozas, e produzem o quadruplo; sendo as alas mais espaçozas, menos se molhão os trabalhadores com o orvalho, e em fim pode-se tirar mais viveres do terreno durante os tres primeiros annos &c. He certo que alguns não admittem que se plante coiza alguma entre os Cafezeiros, senão quando a terra for muito boa, mas vejo que não ha razão para deixar de aproveitar huma terra, que se não for occupada por plantas uteis, o será por inuteis, e que de mais augmentarão o trabalho das limpas.

A profundidade das covas seja 6 á 7 polegadas, e lugares ha em que devem ser menos profundas, segundo a espessura da camada de boa terra que cobrir ao solo, pois que (como anunciamos) tocando as raizes o máo fundo, estranhão a transplantação; de mais sendo mais profunda, mais tempo conserva a agoa das chuvas quando estas são mais frequentes, e as raizes apodrecendo, a planta morre. He porém do interesse do lavrador o escolher tempo chuvoso para a plantação, mas não se escolha justamente o dia em que chova muito, pois que não convém transplantar, quando a terra está reduzida a lama, por isso que vindo a secar damnifica as raizes.

He pratica recebida o decotar-se o Cafezeiro, e só varião na altura em que o decepão: em S. Domingos he na de 3 pés, em Bourbon e Ilha de França na de 5 a 6, outros decepão na de 2 ½ nas más terras, e na de 4 ou 5 nas boas: na Terra Firme na de 4 &c., outras porém deixão subir a 24 ou 26 pés; altura que lhe a Natureza assignou.

Quando paramos o crescimento de huma planta, devemos tratar de que ella não sofra no constrangimento, a que a obrigamos, e de tirar partido da nossa operação; assim não he só bastante o decepa-la; com essa operação ella se torna mais ramoza, e folhuda, cumpre desbasta-la, e a fórma, que mais convém dar-lhe, he a de cone trunca-lo, ou pão de assucar, e para o decote deve-se escolher o tempo em que há menos seiva, como são os mezes de Maio, Junho &c. Vemos d'aqui quantas incisoens fazemos ás arvores, e que estas expostas ao ar, á chuva, á seca, podem ser atacadas da caria, e atrophia, se não houver o cuidado de tapar, ou barrar as feridas com alguma pasta ou maça, lama &c., he este o risco, e não o de criar piolhos, e outros insectos, como pertende Mr. Barré.

As arvores assim tratadas produzem mais e melhor fructo, a colheita he mais facil, menos expostas ficão aos damnos dos furacoens, tanto pela sua altura, como pela fortaleza, que os ramos adquirem, a qual tambem as livra

de facilmente quebrar com o pezo dos fructos: em fim nos lugares, onde as chuvas abundão, e a terra he mui rica, o decote he util até como sangria, pois que não he raro ver morrer huma arvore pelo excesso de seiva: todos sabem que o açoitar as arvores, em demaziado viçozas, he para que desfolhando-se frutifiquem melhor.

Com a transplatação e decote não estão acabados os cuidados, que o Cafezeiro pede: he muito necessario trazer o terreno limpo, mormente ao pé da planta, e até ao segundo anno: o uzo mais geral he servir-se da enxada, porém ha o risco de offender a planta e suas raizes, e nos montes além d'esse, ha o de soltar mais a terra, e em consequencia facilita-la mais a ser levada pelas enxorradas. A melhor das limpas he á mão, quando he praticavel, como succede em quanto a herva está pequena; a limpa á mão he tambem mais economica, o chão fica mais bem expurgado da herva, e pede menos limpas.

Livrar-se-hão igualmente as arvores dos ramos ladroens, e toda a vez que se encontrar páo morto, ramos secos, quebrados, ou lascados, cortem-se ao vivo, e cubrão-se as feridas com terra molhada.

Desde que as folhas do Cafezeiro amarelecem, he sinal que elle se acha doente, então cave-se a terra ao pé da planta, examinem-se as raizes, e se estiverem tocadas do bixo,

tire-se a terra que as cerca, e substitua-se outra misturada com cinza, e calque-se. Desbastem-se alguns ramos em proporção á perda das raizes, que houve; e não estando humida a terra, que se empregou, regue-se. Se a planta assim tratada senão restabelecer, seja decepada o mais rente possivel da terra, rebentarão varios renovos, dos quaes se escolherá e conservará o mais forte, cortando-se os outros com alguns dias de intervalo entre o corte de cada hum delles. Se a planta morrer, escave-se o sitio, lance-se a terra para longe, deixando-se a cova exposta a chuva, ao sol &c. por algum tempo.

Quando se encontrão piolhos nos ramos, folhas &c. da arvore; ha toda a aparencia de que tambem os ha nas raizes, e o remedio he excavar ao pé da planta, e lançar-lhe cinza em abundancia, esfregarem-se as raizes com lama, e decotar, como dicemos.

Os Cafezeiros cobrem-se ás vezes de huma especie de ferrugem negra; que julgo ser extravazão de seiva; e este mal persegue mais as arvores velhas do que as novas: os mesmos remedios acima anunciados são aplicaveis neste cazo.

Quando os furacoens derrubão as arvores, não nos contentemos, como nas Mauricias e outros paizes, com calçar de pedra os pés derrubados, ou, como fazem outros, que os deixão cahidos rebentar em novos ramos tortuozos,

mas levantemo-las, e calcemo-las logo depois da queda, pois que assim ajudadas em breve estão no antigo estado; he escuzado recomendar que se substitua logo nova planta á que morrer, para o que he de suma utilidade o viveiro bem provido.

Quando o Cafezal está velho he mister decepar as arvores rente com o chão, lavrar, e estrumar; por este meio se remoça, e póde produzir 15 e mais annos, além dos que já tinha, mas passados estes, renove-se a plantação. O trabalho de decepar he menor do que o de plantar, a planta decepada produz ao cabo de 2 annos, e a replantada só ao cabo de 4, razoens porque aconselho que se não replante logo, e que aproveitem as plantas velhas; á medida que a arvore envelhece, se a quantidade do fructo diminue, torna-se mais miudo e mais estimado no commercio, vindo a qualidade a compensar a quantidade.

Em fim a experiencia tem mostrado que, adoptado este methodo de cultura, prolonga-se a duração do Cafezeiro, que, apezar do que diz Raynal, he de 25, até 40 e mais annos nas boas terras; no districto das Ferrieres Rouges de S. Domingos, ex. gr., Mr. Brulley diz ter visto em 1789 Cafezeiros que tinhão sido plantados nos principios do seculo.

Muitos authores tem escrito acerca da cultura de Café, e, como em todas as mais materias, cada hum sustenta a sua opinião:

aquelle pois que quizer ver mais desenvolvidas algumas das idéas que eu enuncio, póde ler além de outros os que cito (1); mas convém não tentar essa tarefa sem primeiro se armar dos principios necessarios para raciocinar com os livros, e não seguir ás cegas o que elles dizem, de outro modo mui facil he enganar-se com perda de tempo, e prejuizo de bens, por isso que autores ha que facilmente publicão o que sem o cunho da experiencia só existe em suas vizoens, outros que, apezar de fallarem com a experiencia, variando as circunstancias em que se acharão, das em que nos achamos; servindo ella alli de farol, aqui póde illudir: cumpre por tanto ler, mas com escrupulo, e nunca porém praticar o que colhemos da leitura, sem que com estudo do sitio, e mais particularidades do cazo em que nos achamos possamos decidir se estamos na mesma circunstancia que elles, a fim de ver se os devemos seguir em tudo, ou que descontos he mister dar-lhes. Grande mestra he a Theoria, mas deve dar as mãos ás liçoens de Pratica.

---

(1) Le Breton — Ellie — Fusei Aublet — Graimprè — Barrè — Brulley — Lescalier — Voyage à la partie meridionale de la Terre — Ferme, Moyens d'ameilliorer les colonies — Letre à Mr. Le Monier par Cossigny &c. e outros citados na primeira parte desta Memoria.

HISTORIA.

Continuação das Memorias sobre o Rio de Janeiro, para servirem á Historia desta Cidade.

PAssados quatro annos tornárão os Francezes a senhorear-se da enseada do Rio de Janeiro, e sempre em boa armonia com os Indios, continuárão com repetidas hostilidades a infestar os nossos portos, adiantando com efficacia o seu estabelecimento. Para evitar este damno, que de dia em dia tomava hum semblante mais serio, a Serenissima Senhora D. Catharina mandou apromptar, e bastecer amplamente dois Galioens, ordenando a Estacio de Sá, Sobrinho do Governador General do Estado, que com elles partisse sem demora para a Bahia, e por seu mando significasse a Mem de Sá, que com todas as forças que podesse ajuntar naquella Cidade, o enviasse a expellir de novo os Francezes, e a povoar o Rio de Janeiro de gente Portugueza. O Tio, e o Sobrinho derão-se igualmente diligentes á execução destas ordens, e Estacio de Sá appareceu na barra do Rio de Janeiro com a sua Armada bastecida de ferro, e reforçada com alguns Navios, que na Bahia lhe fornecera seu Tio. Daqui expedio hum aviso para a Capitania de S. Vicente, e proseguio na exploração da Costa, á qual tendo mandado huma

lancha a tomar agoa, esta lhe trouxe hum Francez, que poderão haver ás mãos, do qual obteve as informaçoens, que carecia, sobre o estado actual das forças do inimigo.

Concluida a reconhecença da costa, endereçou Estacio de Sá para o Rio de Janeiro, e entrou neste porto em hum sabbado de aleluia no mez de Abril de 1565, fundiando cerca da Ilha de Villegagnon. Então conheceu a desproporção das nossas forças, e não querendo o prudente Capitão arriscar o credito de seu nome, e a gloria do Estado em huma empreza duvidosa, desferio para S. Vicente, aonde aportou em poucos dias. Aqui pertenderão dissuadi-lo de seus intentos; objectando-os pela comparação das vantagens, que lograva o inimigo bem fortificado, e munido de embarcaçoens ligeiras, sobre fracas forças, e carencia de iguaes embarcaçoens; porém estes inconvenientes bem capazes de desacordar a qualquer bravo menos esforçado, encontravão no coração valente de Estacio de Sá huma rija móla, tanto mais potente quanto mais comprimida; e despresando todos os obstaculos resolveu-se a investir com o inimigo, guarnecendo a Armada de Portuguezes, e de Indios, que lhe vierão da Capitania do Espirito Santo, e dos que póde ajuntar em Santos, e S. Vicente, cujos moradores concorrerão com os seus mantimentos necessarios.

Com estes soccorros entrou segunda vez

a barra do Rio de Janeiro, e tomando terra entre o Páo de Assucar, e o Morro de São João, para alli ordenou logo o desembarque da sua gente, e começou a intrincheirar-se, fundando neste sitio o primeiro arrayal ou povoação Portugueza, que depois veio a chamar-se Villa-Velha.

Poucos dias contavão os nossos de estada no seu estabelecimento, quando em 6 de Março de 1566 forão nelle acomettidos pelo inimigo, o qual encontrando huma resistencia, com que não contava, foi completamente rebatido, perdendo grande parte das canoas, em que viera, pela desconcertada fuga, a que foi obrigado. A 2 do mesmo mez alcançárão os nossos outra victoria, cahindo de improviso sobre o inimigo, que em cilada aguardava a passagem das nossas canoas e lanchas; e assim se hia passando o resto deste anno, quando Estacio de Sá se arrojou a hir acometter o inimigo a seu bordo, cuja ousadia lhe grangeou outra mais assinalada victoria. Depois desta acção, expedio o Commandante piquetes de aventureiros, os quaes dividindo-se por diversas aldêas, forão castigando severamente a infidelidade e a perfidia de seus moradores.

Os successos desta guerra forão varios no decurso deste anno, porém pela maior parte favoraveis á nossa causa, porque Estacio de Sa sempre á espreita das conjuncturas favoraveis, não deixava escapar ensejo de bater o inimigo.

Enlevado na conclusão da importante empreza, sempre incansavel e embebido na porfiada lide, o valente Capitão se demorou em participar a seu Tio o estado dos negocios; e Mem de Sá cuidadoso e impaciente, não podendo conter os impulsos do seu desassocegado coração, voa ao Rio de Janeiro com as forças, que póde ajuntar, acompanhado de algumas pessoas, que espontaneamente querem hir em sua companhia, e surge neste porto a 18 de Janeiro de 1567, antevespera de S. Sebastião, a quem toma por Patrono da nova Cidade, e Tutelar da empreza, que vinha a terminar com a sua presença. Estacio de Sá e os seus o receberão com a mais cordial alegria; e informado o Governador Geral do estado, em que se achava a extirpação do inimigo em Uraçumery, e não obstante a sua numerosa guarnição, e obstinada resistencia; favorecida pela vantagem desta posição, os nossos montarão a trincheira, e passarão á espada innumeravel Gentio, e muitos Francezes, poupando sómente cinco, para serem depois victimas de hum castigo mais terroroso e exemplar. Tudo o mais cahio com esta Fortaleza, e os nossos em perseguimento da victoria penetrarão o Continente, levando diante si tudo quanto se oppunha ao seu valor. As terras conquistadas forão-se repartindo por moradores capazes de as cultivar e defender, cuja presença bastou para conter e afugentar o

inimigo. Poucas vidas nos custou esta victoria; mas a fortuna, que sempre mistura as flores com os espinhos, dissipou huma grande parte da alegria dos Portuguezes pela sentida morte de Estacio de Sá, que veio a fallecer hum mez depois, de huma frechada que recebera no rosto durante o conflito; as virtudes deste insigne guerreiro lhe havião grangeado o amor universal, e a sua morte deixou a todos abismados em dor e saudade. Foi sepultado na Igreja, que elle mesmo fundara no arrayal da Villa-Velha, e em 1583 seu Primo Salvador Corrêa de Sá fez trasladar os seus ossos para a Igreja de S. Sebastião, onde se vê ainda a inscripção dedicada á sua memoria.

Mem de Sá vendo tudo já em socego, dispoz-se a lançar os fundamentos da nova Cidade, e fazendo abandonar o sitio da primeira povoação, veio estabelecer-se no lugar, em que hoje vemos a Casa da Misericordia, e nas suas immediaçoens. Intitulou a Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, conservando-lhe o nome anterior do local, e dando-lhe o primeiro em memoria da victoria ganhada, e em honra do Soberano, que então occupava o Throno Portuguez. Tendo dado principio á fundação, dispoz a sua retirada para a Bahia, delegando os seus amplos poderes em seu Sobrinho Salvador Corrêa de Sá, em quem concorrião todos os requisitos necessarios para este emprego, e em Março de 1568

sahio do Rio de Janeiro, endireitando para as Villas e povoaçoens do S., afim de agradecer aos moradores o muito que havião concorrido com suas fazendas e pessoas para o bom exito desta guerra. Por toda a parte foi deixando indeleveis testemunhos do seu zelo infatigavel, nas sabias providencias todas tendentes directamente ao bem dos povos, e ao melhor serviço d'ElRey; até que finalmente se restituio á saudosa Bahia, onde terminou com a virtuosa vida o seu longo e fadigoso governo de 14 annos, só a morte podendo atalhar a serie de seus triunfos, e de seus importantes serviços. Jazem as suas respeitaveis cinzas junto ao cruzeiro da Igreja dos Jezuitas, e a sua memoria perpetua-se nos coraçoens virtuosos. Deixou descendencia no Brazil, a qual pelas inconstancias da fortuna apenas conserva o appellido de tão illustre progenitor.

Salvador Corrêa de Sá havia já adquirido grandes creditos, distinguindo-se com luzimento nas passadas brigas; agora quando se desvelava na edificação e augmento da nova Cidade, foi novamente inquietado.

Surgirão em Cabo Frio quatro embarcaçoens Francezas com o fim de carregarem de Páo-Brazil, e os Indios Goitacazes, que então occupavão toda esta Costa até Santa Catharina das Mós, e de quem pendião as utidades de semelhantes negociaçoens, resolverão facilmente os Commandantes a auxilia-los con-

era Martim Affonso de Souza, Indio valoroso, que sempre dera aos Portuguezes evidentes provas de huma fiel amizade, já na Capitania do Espirito Santo, já na conquista desta Provincia, merecendo que em premio de seus relevantes serviços se lhe conferissem muitas gratificaçoens, fazendo-o tambem Capitão Mór da aldêa de S. Lourenço, que elle mesmo creara, e cavalleiro da distincta ordem de Christo. Ainda então não havia Fortalezas, que vedassem a entrada da barra do Rio de Janeiro, e os navios Francezes entrarão a seu salvo, trazendo oito lanchas, e grande numero de canôas, com o destino de effeituarem hum desembarque, e prenderem aquelle Indio para o entregarem ao seu auxiliado. Salvador Corrêa não se demora em avisar a Martim Affonso, soccorrendo-o ao mesmo tempo com armamentos e gente; e temendo pela Cidade ainda impossibilitada de resistir a huma inopinada invasão, manda em continente pedir soccorros a Santos, e a S. Vicente; entre tanto que das fracas forças o seu zelo atilado e perspicaz tira recursos sempre encobertos aos genios mediocres.

Era quasi noite, quando o inimigo desembarcando em frente da aldêa de Martim Affonso se dispunha a passar huma noite tranquila, deixando a empreza para o dia immediato; mas não lho consente o activo e engenhoso Indio, o qual dá sobre elles d'improviso com

a sua gente, e com os nossos soldados, que poucas horas havia lhe chegarão, e os derrota completamente, matando muitos, e acossando o resto, que em desordem corre a tomar as suas embarcações ligeiras para se salvar, deixando varios despojos. Os nossos continuárão a fazer fogo sobre elles, e sobre os navios com huma pequena peça, que havião conduzido, e no dia seguinte o inimigo deixou livre a enseada, dirigindo-se a Paranambuco, parecendo haver sómente vindo para dar occasião á gloria de Martim Affonso.

Poucos dias depois chegarão os soccorros de Santos, e de S. Vicente, e com magoa virão fugida a occasião de assinalarem o seu valor; mas, a fim de não perderem de todo os passos, se resolvêrão a hir hostilizar o rebelde gentio de Cabo Frio; cujo impulso o Governador muito louvou. Chegando a este porto, achárão alli fundeada huma embarcação Franceza, carregada de varias mercadorias; e como as forças, que levavão, não podião contrastar as do inimigo, voltárão logo a participar ao Governador o que lhes havia acontecido. Salvador Corrêa, que muito estimava as occasiões de exercitar o seu valor, fez-se logo prestes com hum sufficiente numero de soldados bem armados, de Indios, e de canôas, e partiu para Cabo Frio, caminhando com grande socego e cautela; e havendo chegado, dispoz tudo para dar o assalto na madru-

gada seguinte. A' hora determinada abalroou com a embarcação por hum e outro bordo; mas os Francezes defendendo-se valorosamente, tres vezes rechaçarão os nossos, que mais se affincavão na briga com a pertinaz resistencia, até que finalmente morrendo o Capitão Francez de huma frechada, os Portuguezes conseguirão montar o navio, e senhorear-se delle. Durante a porfiada contenda, tres vezes foi ao mar o intrepido e ousado Salvador Corrêa, e outras tantas o salvarão os Indios da sua canôa. Concluida esta acção de tanto empenho, retirou-se o Governador na mesma embarcação Franceza para o Rio de Janeiro, onde generosamente deo o saque della aos que o acompanharão, reservando sómente para si a gloria do triunfo. Applicou os petrechos e muniçoens de guerra para a defeza da nova Cidade; e não ha muitos annos que na Fortaleza de Santa Cruz ainda se conservavão algumas das peças daquella tomadia.

O zeloso Governador não descançou no augmento da nova Cidade, acudindo com as diminutas posses ás obras de maior urgencia, tendo sempre em mira a felicidade dos povos, e o engrandecimento do Estado; até que por ordem de S. Magestade o Senhor Rey D. Sebastião, entregou o Governo a Christovão de Barros. Este seguio os passos de seu antecessor, e ainda governava em 1573, porque neste anno concedeo elle a Manoel de Brito

a sesmaria do terreno, em que hoje existe o Mosteiro de S. Bento.

A Christovão de Barros succedeo Antonio Salema (Dezembargador que se achava com alçada em Paranambuco), com o titulo de Governador Geral do Sul, porque em 1574 dividio S. Magestade em dois o Governo Geral do Brazil, residindo hum na Bahia, e outro no Rio de Janeiro. Salema ainda governava em 1577.

Tornando S. M. a reconcentrar o Governo Geral nas mãos dos Governadores da Bahia, nomeou em 1577 para Capitão Mór e Governador do Rio de Janeiro a Salvador Corrêa de Sá. Em 1583 se lavrou nesta Cidade hum Auto de avença, que elle como Governador e Provedor da Fazenda Real fez com João Guterres Valerio, obrigando-se este a pagar certa quantia por cada escravo, que de Africa conduzisse no seu navio. Este Governo ainda durava em Outubro de 1589, em que chegarão a esta Cidade os Fundadores do Mosteiro de Benedictinos, que nella existe; mas não consta precisamente o anno, em que Salvador Corrêa de Sá dimitio a Capitania, julga-se porém que a entregou a Francisco de Mendonça por varias rasoens que occorrerão.

Franciso de Mendonça ainda governava em Outubro de 1598, quando o Governador Geral do Estado D. Francisco de Souza veio a estas partes do Sul a promover o descobrimento das Minas.

A Francisco de Mendonça seguio-se Martim de Sá, que ainda governava em Fevereiro de 1605, porque a 24 deste mez proposerão os Camaristas de S. Vicente ao povo hum requerimento do Ouvidor daquellas Capitanias de S. Vicente e de Santo Amaro, Antonio Pedrozo, no qual pedia este Ministro que houvessem de ajudar ao Capitão Mór das mesmas Capitanias Pedro Vaz de Barros, no caso de elle querer hir com gente impedir por meios brandos e pacificos o resgate, que lhe constava haver Martim de Sá mandado fazer com tres navios em partes daquellas Capitanias, por isso que este procedimento violando a jurisdicção alheia, era subversivo da boa ordem estabelecida, que devia manter-se religiosamente, e porque aquelle Governador nenhum caso fizera da representação, que sobre este objecto lhe dirigira Pedro Vaz de Barros.

A Martim de Sá succedeu Affonso de Albuquerque. Foi este Governador quem lançou a primeira pedra para a fundação do Convento de Santo Antonio em 4 de Junho de 1608. Em 7 de Junho de 1611 concedeu aos Monges de S. Bento huma data de terras em Iguaçú, e parece que em 1614 ainda governava.

Affonso de Albuquerque foi seguido por Constantino de Menelau, o qual por ordem do Governador Geral do Estado Gaspar de Souza, passou em 1615 a Cabo Frio com alguns Portuguezes, e 400 Indios da aldêa da

Sapetiba, que hoje existe em Taguahy, a fim de expulsar daquelle porto cinco embarcaçoens Hollandezas, que alli se achavão negociando com os Indios Goitacazes a troco de Páo Brazil. Constantino de Menelau, havendo feito retirar aquellas embarcaçoens, mandou demolir hum pequeno Forte com artilheria encarretada, que defendia a barra da parte do Norte; do qual ainda hoje se descobrem algums vestigios, e huma casa de abobada, tudo de pedra e cal, e construido pelos Francezes em outro tempo; e em Novembro do mesmo anno creou aquella povoação, que tomou o titulo de Cidade, concedido a todas as que se estabelecião no tempo dos Philippes: até então a casa de abobada era o caracteristico deste lugar, que se dominava a casa de Pedra. Por voto dos que o acompanharão nesta empreza, mandou entulhar a barra com as demoliçoens destas obras, sem reflectir no damno, que para o futuro viria a sentir-se de semelhante conducta, e nomeando a Estevão Gomes por Capitão Mór e Governador da nova povoação, voltou para o Rio de Janeiro.

Em 3 de Julho de 1616 nomeou Philippe III. em Lisboa a Rui Vaz Pinto para governar o Rio de Janeiro, o qual tomou posse nesta Cidade a 19 de Junho de 1617. Succedeu-lhe Francisco Fajardo, o qual se apossou do Governo em 20 de Junho de 1620.

Em 11 de Junho de 1629 tornou a go-

vernar Martim de Sá; e por outra Provisão de 27 de Junho de 1626 mandou S. M. que continuasse no Governo. Em 1630 ainda governava, porque neste anno fundou elle a aldêa de S. Pedro em Cabo Frio.

Rodrigo de Miranda Henriques foi provido no Governo do Rio de Janeiro pelo Governador Geral do Estado Diogo Luiz de Oliveira, e tomou posse em 13 de Junho de 1633.

Succedeo a Miranda, Salvador Correa de Sá e Benevides, o qual tomou posse a 3 de Abril de 1637. Em 15 de Agosto de 1641 confirmou o Senhor Rei D. João IV a Patente deste Governador, na qual Philippe IV ordenava que além dos primeiros tres annos governasse ainda outros tres, no caso de proceder como devia. O mesmo Senhor D. João IV o fez independente do Governador Geral do Estado, conferindo-lhe ao mesmo tempo jurisdicção sobre as outras Capitanias do Sul, cuja Mercê foi depois revogada por S. M. Ausentando-se a visitar as Minas, por ser Administrador Geral de todas ellas, ficou interinamente governando seu Tio Duarte Correa Vasquianes, que tomou posse em 19 de Março de 1642.

Seguia-se Luiz Barbalho Bezerra, que governava em Outubro de 1643. Não acabou os tres annos, em que fora provido, por falecer em 15 de Abril de 1642. Seu filho Agostinho Barbalho foi feito Administrador Geral

das Minas em attenção aos serviços de seu Pai.

A Luiz Barbalho Bezerra succedeu Francisco de Souto Maior. Tomou posse do Governo a 7 de Maio de 1644; mas governou pouco tempo por ser mandado ao Reino de Angola a fundar hum Presidio em Quicombo, depois que os Hollandezes se apoderárão cavilosamente da Cidade de Loanda.

Em 21 de Dezembro de 1644 nomeou S. M. para o Governo do Rio de Janeiro a Duarte Correa Vasquianes, o qual tomou posse em 22 de Março de 1645.

Salvador Correa de Sá e Benevides sahio de Lisboa com o cargo de Governador desta Cidade, e Capitão General do Reino de Angola; e chegou ao Rio de Janeiro em Janeiro de 1648. Partio para Angola a 12 de Maio do mesmo anno, e ficou governando aquelle Reino, que havia libertado do poder dos Holandezes, em cuja ardua empreza se houve com grande sciencia e valor.

Recahio o Governo do Rio de Janeiro em Duarte Correa Vasquianes, no mesmo dia em que seu Sobrinho desferiu deste porto. Faleceu em 23 de Maio de 1650, depois de haver feito grandes serviços ao Estado. Jaz na Igreja dos Jezuitas.

NAVEGAÇÃO.

Reflexoens sobre as derrotas de estima; e suas correcçoens.

Non gloria nobis
Causa, sed utilitas . . .
Ovid.

HAvendo sido muitas vezes empregado no ensino da navegação, e apurado os pequenos conhecimentos, que me permittia meu acanhado talento, em algumas viagens, huma das quaes meramente emprehendida em Serviço de S. A. R. em huma estação a mais cruel, foi huma excellente escola de quanto pódem os conhecimentos contra huma cega e rotineira pratica; sendo muitas vezes testemunha do embaraço, que a athmosfera offerece á observação dos astros, este faixo brilhante, que ensina o navegante a abandonar as costas, e a engolfar-se no intratavel Oceano; eu julguei que a derrota de estima, que nos accompanha fielmente a pesar das tormentas mais rigorosas, e quando mesmo o Céo está fechado para nós, merecia ser o objecto da mais sizuda attenção, e deviamos voltar a ella os nossos maiores desvellos. Eu passei por tanto a examinar os seus elementos, e de serias reflexoens deduzi as seguintes advertencias, que talvez não serão inuteis a quem trilhar a immensa estrada das ondas.

Eu dividirei os elementos da derrota em distancia e rumo; e cada hum destes objectos me occupará separadamente.

Distancia.

A distancia, ou o arco do circulo maximo descrito sobre a superficie das agoas, se a derrota he directa, ou de Loxodromia, se he obliqua, he medida por hum instrumento muito simples e muito engenhoso, que tem o nome de barquinha. E porque para avaliar qualquer espaço percorrido, he necessario attender ao tempo, nasceu daqui a necessidade de empregar hum instrumento, que servisse á medida do tempo; e a ampulheta satisfez a este objecto. Aqui temos pois sugeitos ao nosso exame a barquinha e a ampulheta.

Da barquinha.

Todos conhecem a barquinha, e por isso he escusada a sua discripção. Todavia cumpre notar que ha grande differença entre o sector de madeira, que fórma o corpo da barquinha, e o cordel que serve para medir o espaço. Os Hespanhoes dão ao sector o nome de *barquilla*, e ao todo do instrumento o de *corredera*. Quanto ao primeiro, deve reflectir-se que elle he destinado a formar hum ponto fixo na superficie das agoas, do qual se co-

meção a contar os nós, ou divisoens do cordel; o que não se póde conseguir exactamente, porque este sector participa do movimento do navio, do fluxo do mar, e da agitação do vento. A estas circunstancias se tem obviado em parte, 1.° dando ao cordel, antes que comecem as divisoens, hum comprimento igual ao do navio, a fim de salvar desta sorte o seu rebojo, o que não sei que motivo physico possa ter; pois estou persuadido que a agoa, não sendo hum fluido perfeitamente elastico, gasta menos tempo em mudar de estado do que em restituir-se a elle, seguindo-se daqui que o fluido deslocado em quanto o navio corre hum espaço igual ao seu comprimento, não se restitue á sua primeira posição, e por tanto ainda tem acção além de huma distancia do navio igual ao seu comprimento. E como nenhum inconveniente ha em que o ponto fixo comece mais longe, eu lembraria dar-se de entrevallo dois comprimentos do navio em vez de hum só, e creio que nem a operação seria sensivelmente mais longa, nem a exacção seria menor.

A acção do vento tendo effeito sómente á flor da agoa, ou nas primeiras camadas deste fluido, conviria que a barquinha mergulhasse mais, para que fosse mais fiel o seu testemunho. A barquinha de Bouguer, que se emprega nos lugares em que ha correntes, deveria empregar-se com preferencia á ordinaria

em todos os casos, e eu creio que só desta ligeira mudança resultarião grandes vantagens.

Porém a divisão do cordel he ainda mais interessante. Esta operação não he mais do que a proporção entre o tempo e o espaço. He huma lei de Mechanica, que os espaços são proporcionaes aos tempos, quando as velocidades são iguaes, e cumpre accrescentar quando os obstaculos, que se oppoem ao movimento, como a fricção, a inercia, a resistencia do meio &c., são constantes. Esta ultima condição requer que se supponha o mesmo estado da athmosfera, e do mar, e ao mesmo tempo que a intensidade do vento, o numero e disposição das velas, e a direcção do navio sejão constantes. Posto isto, he necessario dar ao comprimento do intervallo, que se conta por huma milha, a mesma relação com esta, que tem o tempo que dura a observação com a unidade de tempo. Ordinariamente se toma para o primeiro tempo 30'', e para unidade huma hora. O que logo se offerece como mais digno de attenção he examinar o comprimento absoluto de huma milha; e este he o objecto, que me parece ter sido menos discutido, e ao qual prestarei agora algum desvelo.

Se a terra fosse esferica, todas as direcçoens da gravidade concorrerião no centro della, por consequencia todos os graos serião iguaes, porque serião medidas de angulos

iguaes, e este arco, quer tivesse os seus extremos proximos ao pólo, quer nas visinhanças do equador, teria sempre a mesma grandeza absoluta. Reciprocamente, se os graos medidos em differentes latitudes fossem iguaes, concluir-se-hia a esfericidade da terra. Mas depondo a medida daquelles contra a existencia da segunda, parece bem pouco seguro continuar inteiramente com huma hypothese erronea. Digo inteiramente, porque em alguns casos he toleravel esta supposição. Em derrotas de pequena extensão, o caminho percorrido, qualquer que seja a figura da terra, não differe sensivelmente de hum arco de circulo, o qual mesmo, attendendo á grandeza do raio, confunde-se com a sua corda; donde vem que a reducção da derrota se faz por hum triangulo rectilineo. E como todos os dias se faz esta operação, não importa muito attender á figura da terra. Mas para avaliar as hypotenusas destes triangulos não conviria o maior cuidado?

Não sendo de antemão conhecida a figura da terra, os astronomos voltarão-se para o Céo, e determinarão por comprimento de hum grao sobre a superficie da terra o espaço percorrido até que a vertical de hum astro mude hum grao. Posta esta difinição, se empregarão homens muito habeis em medirem differentes graos, e os seus resultados todos differentes se achão em muitas obras, e nelles

vemos variaçoens de 56753^t (no Equador) até 57442 (no circulo polar). Na Latitude de 45° se achou 57008: de maneira que (para se forrar ao trabalho) se assentou dar ao grao 57000 toesas, que dá para huma legoa, ou a vigesima parte de hum grao 2850 toesas, ou 17100 pés, que reduzidos a metros (porque pé : metro :: 1 : 0, 32484 *Trig. de Legendre* Introd.) dão 5554,764; que corresponde a 2524,892727 braças, ou 25248,92727 palmos = 5249,7854 varas para comprimento da legoa; e para a milha, 1683,261818 varas. Daqui resulta que $\frac{1}{120}$ deste comprimento, ou 14,02718 varas, ou 14 varas, 1 pollegada e huma linha, he a extensão que se deve dar ao cordel durando a observação 30''. Para 28'', achar-se-ha por huma muito simples proporção 13 varas 3 pollegadas, 8 linhas.

Mas vê-se que este comprimento não he exacto em latitude alguma. Não seria melhor em cada huma empregar o verdadeiro comprimento da milha, e por consequencia da divisão do cordel? Porém isto exigiria medidas de todos os graos. A theoria acode a esta difficuldade, prestando a formula

$$\frac{c'}{c} = 1 - 3\alpha \left\{ sen^2\, \Phi' - sen^2\, \Phi \right\}.$$

Sendo c o comprimento de hum grao na la-

titude Φ, c' o de outro na latitude Φ', e α o achatamento da terra, ou a differença dos dois eixos, supponde-a espheroidal, que fazemos com Laplace de $\frac{1}{334}$. Esta formula se acha em muitos authores, e se verá tambem no Compendio de Astronomia para uso da Academia R. M., que brevemente verá a luz.

Esta fórmula he a mesma para o comprimento do cordel da barquinha porque $\frac{c}{c'}$ he o mesmo que $\frac{c}{7200}:\frac{c'}{7200}$. Logo havendo determinado na latitude de 45° (onde o comprimento do grao he 57008 toesas) a extensão de cada intervallo de cordel correspondente a 30'' de tempo de 14 varas, 1 pollegada e 2 linhas, ou 14,02914 teremos facilmente para as outras latitudes a seguinte tabella

Latitudes.	*Comprimentos.*			
Graos	*Braças*	*Palmos*	*Pollegadas*	*Linhas*
0	13	9	5	3½
10	13	9	5	7
20	13	9	6	5½
30	13	9	7	9½
40	14	0	1	5
50	14	0	3	2
60	14	0	4	10
70	14	0	6	5
80	14	0	7	4

Ora (penso eu) que, emendando de dez em dez graos o cordel, se approximará mais á verdadeira avaliação do caminho andado; e he tão simples esta operação, que eu não sei que motivo retarde a sua pratica.

Tenho dito da barquinha quanto basta. Quanto ao modo de a lançar, e cautelas necessarias, a practica he o melhor Mestre, e o golpe de vista, que nesta sciencia (como em todas) he o resultado de estudos e combinaçoens juntos a huma acertada pratica, póde mais que todas as minhas reflexoens.

Porém esta exacção na medida seria bem pouco proveitosa, se não observassem cuidadosamente as variaçoens, que soffre o comprimento do cordel, allongando-se, ou encolhendo com o calor, ou com a humidade. Pelo que convem frequentes vezes verifica-lo, e fazer as emendas necessarias. Pódem evitar-se estas emendas, attendendo á differença, e fazendo conta com ella. Se achassemos, por exemplo, que em 8 divisoens havia crescido ou minguado meia divisão, diriamos no primeiro caso 8: 7, 5 :: as milhas contadas na singradura: as milhas andadas; e no segundo a primeira razão seria 8: 8, 5. E isto pouparia com effeito a emenda. Mas, sendo necessario repetir esta operação a cada rumo, ou pelo menos a cada triangulo, me parece que seria muito mais commoda a emenda, do que a frequente repetição de proporçoens.

Outras muitas reflexoens se poderião fazer, que ommitto, porque a sua utilidade seria nulla, e esta he o alvo das minhas consideraçoens, como declara a epigraphe. Mas o que cumpre attender escrupulosamente he a medida do tempo. Esta se faz por meio do instruento bem conhecido, chamado ampulheta. As difficuldades, que ha neste instrumento, são sabidas de todos; 1.º a perfeita similhança dos dois vidros, que o compõe, o que influe notavelmente na velocidade com que a arêa passa de hum a outro vaso. Quanto mais estreito for o cône de vidro, que a arêa deve encher, tanto maior será a pressão, que as particulas inferiores soffrerão, e em consequencia maior será a velocidade, com que passe pela abertura ou ponto de communicação: Donde se segue que a desigualdade dos vasos tras com sigo a desigualdade de velocidade, e por consequencia as passagens de hum vaso para outro não serão feitas em igual tempo. O outro obstaculo he que a fricção da arêa vai successivamente alargando a abertura, e por tanto diminuindo o tempo, em que a arêa passa de hum a outro vaso. Estas duas causas não são ainda as unicas. A humidade da athmosfera altera tambem a sua fidelidade, chegando algumas vezes a embaraçar inteiramente a passagem da arêa. Estes motivos tem obrigado a levar huma ou mais ampulhetas de verificação; porém sendo estas sujeitas aos

mesmos inconvenientes, vem a ser bem equivoco o seu testemunho.

O modo de verificar este instrumento em terra, tambem merece alguma attenção. Hum pendulo de segundos he o meio, de que se servem para este fim. Ensina a Mechanica que o tempo de huma oscillação he igual á raiz quadrada do comprimento dividido pela gravidade, entendendo por estas expressoens, o n.º abstracto que mostra a razão do comprimento do fio para a unidade, e outro que mostra o n.º de pés que a gravidade percorre em huma unidade de tempo, v. g. hum segundo; donde se vê que a razão he homogenea. Daqui se deduz que o comprimento do fio deve ser igual ao quadrado do tempo multiplicado pelo espaço percorrido pela gravidade em hum segundo. Se a gravidade fosse constante em todos os lugares da terra, deveria ser igual o comprimento do pendulo de segundos. E he esta a supposição que fazem os Authores de Navegação, quando estabelecem para comprimento do pendulo de verificação $9^{p}\ 2^{l}\frac{1}{2}$ francezas, ou $9^{p}\ 0{,}78^{l}$ portuguezas, que he o comprimento em Pariz. Ora mostrando a experiencia que a gravidade muda de hum lugar para outro, devem ser os comprimentos proporcionaes ás gravidades, isto he, mudarem

successivamente. Tomando por unidade o comprimento em Paris, se tem achado os seguintes.

Latitudes.	*Comp. do Pendulo.*
0°	0,99669
18°	0,99745
43,6	0,99950
48,8	1,00000
66,8	1,00137

De maneira que tomando pelas partes proporcionaes para 23° a fracção 0,99786, teremos o comprimento do pendulo no Rio de Janeiro $9^{P}\ 1,^{l}9$ francezas, ou $9^{P}\ 0,54^{l}$ portuguezas ou a differença de perto de ¼ de linha.

Eu bem sei que na pratica não se póde attender a tanta delicadeza, porque ha erros na execução maiores do que aquelles que se podem commetter na theoria. Mas será por ventura melhor ajuntar a aquelles inevitaveis outros que se poderião obviar, para nos poupar-mos a hum pequeno trabalho? Se Newton dizia que nas couzas mathematicas não se devião desprezar os erros mais pequenos, que fará quando a applicação das mesmas tem por objecto as vidas, e as fazendas de tantos individuos!

As difficuldades pois que offerece o uso da ampulheta recomendão com preferencia o uso de hum relogio de segundos. O erro não será de meio segundo, em quanto he inevitavel hum mais consideravel na ampulheta.

De que servirião porém tantos desvelos, se a operação fosse grosseiramente feita? Mas porque hão de haver descuidos em huma materia de tanta importancia? Quem pensaria que muitas vezes mudando de rumo, de panno, de força do vento, de mar, se continuasse a escrever na pedra o numero de milhas correspondente a outros dados para evitar o deitar a barquinha? Quem se persuadiria que a preguiça tenha feito passar muitas horas sem procurar saber o verdadeiro andamento do navio? E porque? — Porque a barquinha não he exacta. — Isto quer dizer, eu com todos os meus descuidos terei de engano meia milha. — Ha tal discorrer! Doze milhas em huma singradura já não merecem attenção? — Porém com todas estas impertinencias o erro não diminuiria de metade. — Negando o facto, digo que ainda assim trata-se de 6 milhas por singradura, e se muitos dias não houver sol, por exemplo 10 dias, temos o erro de hum grão. Não basta (torno a dizer) que o numero de erros que se evitão seja muito menor do que o dos inevitaveis: ninguem he responsavel pelo que fica além do seu alcance, mas todos devem empenhar-se em diminuir quanto em si he as causas de erro. Pilotos, a vossa honrosa profissão exige as mais delicadas combinaçoens. Nenhum escrupulo he muito, quando se trata dos bens, e da vida de tantos homens, confiados ao vosso cuidado. Os nomes dos Gamas

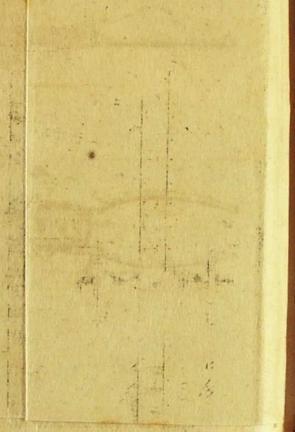
e Cabraes anda de mistura com o do celebre Piloto Nicolau Coelho; Alvaro Esteves, e João de S. Jago, e outros ganharão aos Portuguezes os primeiros descobrimentos. E porque descorçoais? Para que vos entregais ao ocio! Eu sei bem quanto he penoso o vosso mister: mas não perdeis vós muitos instantes, que tão bem empregados serião em aperfeiçoar os instrumentos da vossa gloria? Ouvi os conselhos de hum homem que prestou á vossa profissão alguns cuidados, e que se ainda hoje não se emprega em espreitar os meios de aperfeiçoa-la, *Ob noxam unius et furias*..., todavia não renuncia absolutamente a estes cuidados, e em huma tarefa analoga aos seus primeiros estudos, volta muitas vezes os olhos ao destino, a que o chamavão os seus dezejos, e por ventura a sua constituição physica.

Fig. 1.
Fig. 2.
Fig. 3.
Fig. 4.

e Ca
Pilot
João
tugue
que
ocio
miste
que
os in
selhos
profis
je n
aperf
todav
dados
prime
ao de
jos,

GEOGRAFIA.

Noticias sobre Cabo Negro, extrahidas dos fragmentos da Viagem do Doutor Joaquim José da Silva.

NÃo ha muito tempo se publicou hum Mappa Hollandez, que dá o nome de *Cunéne* ao rio, que desemboca ao S. de Cabo Negro, querendo dar a entender que aquelle rio corta este Cabo com huma largura propria dos grandes rios; mas pondo de parte o haver-se o seu A. enganado sobre a posição geographica da sua desembocadura, muitas rasoens concorrem a persuadir-me, que aquelle nome lhe não convem. Em Hacabona, onde estive, Capital de Auimba, que vizinha com os Mugamboes, dizião que dalli perto estava hum grande rio, a que chamavão *Cobale*, indicando, quando nelle fallavão, para Quiabicua, para onde os nossos dizem corre o *Cunéne*; e accrescentavão, que este rio hia ter a *Inhana*, ou grande lagoa, segundo quer dizer aquella palavra. Ora geralmente entre todas, ou a maior parte destas Naçoens, *Quinene* quer dizir *grande*, e não duvido que por isso *Rio Cunéne* por corrupção, venha a ser o mesmo *Rio Quinene*, ou grande, como outros mesmo de entre os negros chamão ao Cobale, por ser elle talvez o unico rio grande, e perene, que se conhece neste sertão do Sul. Se

este rio he o mesmo que os nossos chamão Cunene, como parece provavel, não he sem duvida daquelles, cuja desembocadura he conhecida: quando nós estavamos em pouco menos altura que a de 19°, e a 5 ou 6 dias de jornada do mar, eu me persuadi que poderiamos pelo SO, ou pelo OSO encontrar a sua corrente; mas andando ainda muitas legoas, não podemos achar hum só vestigio, que não fosse das estereis vizinhanças de huma Costa inhabitavel. Todavia parece indubitavel que he a este rio, e não ao que desemboca em Cabo Negro, que compete o nome de *Cunêne*.

Sabe-se que os que navegão pela latitude de 16° observão quotidianamente sobre as agoas varios pedaços de madeiros, ou ramos de arvores, a que chamão *Trombas*, e outros signaes de chêa de algum grande rio, que lança ao mar, em notavel distancia da Costa, estes fragmentos; mas esta observação, ainda que feita pela maior parte dos navegantes, não he menos certo que não tem acontecido infalivelmente em todos os tempos, nem a todos elles, como assim me aconteceu viajando para esta Costa; e posto que isto se attribua ás diversas distancias, em que se passa da Costa, não ha rasão alguma que confirme este pensamento, podendo succeder o mesmo porque o rio, qualquer que elle seja, só arroje as chamadas Trombas em occasião de enchente. Effectivamente ao Sul daquelle Cabo

desemboca hum rio, que faz barra entre huma pequena ponta de arêa ao S. do Cabo, e a Costa tambem de arêa ao S. desta ponta, que assim continúa pela terra dentro por espaço de muitas legoas, sempre fronteira a huma serrania não menos extensa, que termina inda de longe em huma Mina de Sal marinho terrestre, por detraz, e ao N. de Cabo Negro. Quem navega por este rio para o mar nos mezes de secca, encontra por todo elle, não só profundas lagoas de agoa nadivel, mas tambem tanques naturaes de rocha, que se tem formado pelo correr dos tempos, nos quaes se conserva agoa pela maior parte salgada, e com peixes; e algumas destas cavernas se vêm cobertas de bellas cristallizaçoens do mesmo sal: alem disto o menos profundamente que se cave no leito deste rio, sempre se encontra excellente agoa doce, que em algumas partes se vê manando, até sumir-se pela arêa a pouco distancia da sua fonte; como igualmente me dizem acontece, e eu o observei em outros rios deste sertão. Estas circunstancias, a grande extensão da corrente deste rio, e os vestigios das suas grandes cheias, que se conservão, em não poucas braças acima do seu fundo, pelos troncos e ramos de altas arvores, são mui claros indicios da grande massa, com que corre em certos tempos, em que a sua arrebatada corrente deve necessariamente arrojar muitas legoas ao mar, troncos, e frag-

mentos de arvores, maiormente de palmeiras, que povoão toda a extensão das margens, que trilhei. Daqui concluo; que este he sem duvida o rio, que lança ao mar as chamadas Trombas, e o mesmo que o A. daquelle Mappa chama Cunene, por não ter certamente podido fazer todas estas observaçoens. Em quanto á foz do Cunene, se ella existe nesta Costa, ou he muito ao S. de Cabo Negro, ou cortando aquelle rio o paiz dos Hotentotes.

Do porto que fórma o rio das Trombas, se avista continuada desde OSO até o NE, huma formosa bahia, terminada da parte do S. pela costa baixa de arêa, em que já fallei, donde recolhendo para dentro, continúa em rochedos, que pelas estranhas configuraçoens que nestes sitios se lhe imprimem, inda de longe da costa, representão já capiteis, já pilastras, cornijas, e outras obras de arquitetura, prostradas pela antiguidade, só com a interrupção do mesmo rio. Da parte do SO, e dentro da mesma bahia, se levanta a Costa em huma ponta grossa, com huma planicie emcima, cuja superficie he tapizada de pequenos seixos de diversos generos, misturados de argilla, em combinação de huma ocre amarellada, que se observa em toda a Mina de sal. No meio da bahia ao N ¼ NE está outra ponta grossa de pedra, toda de impressoens de conchas de differentes generos, e de seixinhos, que se estende para terra desigual

por espaço de tiro de mosquete; de sorte que a mencionadada bahia vem a ser dividida por esta ponta em duas enseadas, sendo a da parte do N mais curva. A outra metade da bahia comprehende não só a ponta grossa do SO, mas outra pequena ponta ao NNO, da qual corre para o SO hum estreito banco de arêa, que terá meia legoa de extensão, o qual tapa justamente a boca do rio, neste tempo quasi secco, e encoberto de arêas. Em qualquer destes sitios se não encontra desembarque mais trabalhoso que no porto de Benguella; e como a este chegámos a 10 de Agosto de 1786, dia de S. Lourenço, os nossos concordarão todos em chamar-lhe *Porto de S. Lourenço*. A ponta de impressoens lhe chamei *Ponta do Padrão*, porque felizmente, subindo esta ponta, alli achou a minha curiosidade hum meio de comfirmar o calculo pelo qual me fazia em Cabo Negro, descobrindo hum Padrão de marmore nobre, com huma inscripção em caracteres goticos, prostrado, e quasi arruinado pelo tempo, cujo achado causou em todos hum alegre espanto: eu o fiz novamente erigir, e reparar o melhor que me foi possivel. Esta ponta, juntamente com a do SO, creio que forma o Cabo Negro do moderno Mappa, cortado pelo rio das Trombas.

O rio das Trombas he abundantissimo de sal, que tambem se acha em grande copia nas montanhas da sua margem do Norte. Os

habitantes das suas ribeiras são tão inermes e pouco dispostos para a guerra, que demorando-nos por aqui mais de hum mez, nunca achámos embaraço ás nossas marchas, antes a grande vantagem de lhes tomar-mos impunemente os seus gados, de que tivemos grande falta até ás suas vizinhanças. Deste modo se vê, que será facil em tempo de secas subir por elle acima, e talvez tão grande distancia, que deste modo se consigão mais certas noticias do Cunene, e da Contracosta. Alem disto, se algum dia parecer conveniente procurar Hacabona, na vista de alcançar em menos tempo mais seguras noticias daquelle rio, he mais facil, desembarcando em Cabo Negro, buscar aquella Libata, como mais breve caminho para a parte mais austral do Cunene. Nem menos he digno de ponderação, que a sobredita Libata não póde estar muito distante do Paiz do *Monotupa*, hum e o mais poderoso vizinho do rio de Sena: as argolas, e outros pedaços de cobre, que servem de ornato aos habitantes, e que lhes vem do Humbi, são huma demonstração da vizinhança, assim do *Humbi*, como do rio Cunene. O cobre, e a abundancia de Abadas, e de Elefantes por estes paizes, são tres artigos de grande importancia, e que valerião bem a pena de se estabelecer por aqui huma Feitoria. O genio brando destes povos não contrariaria o nosso estabelecimento; e este mes-

mo genio indicando docilidade de animo, faz presumir, que elles serão susceptiveis de tal ou qual civilisação, que mão sábia com brandura lhes procure introduzir. Seria facil de adquirir a sua amizade, fornecendo-lhes nós ovos de Hema, de que tanto abunda o Brazil, por preço mais commodo, que aquelle pelo qual elles hão este artigo dos de Hacabona, ou dos Mohumbis, para a construcção das suas *Canhamenas*, que tanto estimão; como tambem manilhas de ferro, e outros enfeites; e por hum sistema invariavel de justiça, e de equidade, nós conseguiriamos em breve espaço, haver das suas mãos em profusão o marfim, as pontas de abada, o sal, e talvez o cobre, e algum outro artigo de grande valía; e por ventura a glória de libertar estes miseraveis da sua broteza, e de conquistar mais hum povo ao Christianismo, e á Sociedade Universal.

POLITICA.

NO Prospecto desta Obra se premetteu dar noticia das Leis, Decretos, Editaes, &c., que sahisse nesta Corte; o que até agora não se cumprio, reservando para este lugar fazer o extracto de quantas se houvessem publicado no corrente anno. A este projecto satisfare-

mos neste N.º, dando huma idéa resumida das mesmas Leis.

21 de Janeiro de 1813.

Decreto, que explica o paragrafo segundo do Alvará de 28 de Abril de 1809, determinando que a isenção de direitos alli facultada, comprehenda sómente os generos fabricados nas manufacturas em grande, estabelecidas por Immediatas Reaes Ordens, ou Provisoens da Real Junta do Commercio.

26 de Janeiro de 1813.

Edital do Conselho da Fazenda, prohibindo os cortes de páo brazil, e declarando que o Principe Regente por Aviso da Secretaria de Estado dos Negocios do Brazil de 11 do mesmo mez determinára que as licenças para os ditos cortes fossem concedidas por aquelle Tribunal.

12 de Fevereiro de 1813.

Decreto, que declarando o de sete de Novembro do anno passado, Ordena que os presos á Ordem do Intendente Geral da Policia, ou a requerimento de partes, cujas culpas formadas houverem sido remettidas aos respectivos Magistrados, e á sua Ordem se tenhão

lavrado os Assentos do costume, sejão soltos em virtude das Sentenças, em que forem julgados livres, sem dependencia de nova determinação do mesmo Intendente Geral da Policia.

16 de Fevereiro de 1813.

Decreto, que isenta os cazais de Ilheos que pela Intendencia Geral da Policia forão pedidos ao Governo das Ilhas dos Açores, e a seus filhos de serem recrutados para o serviço militar da tropa de linha, e mesmo de servirem nos corpos milicianos contra sua vontade; estendendo a mesma graça aos cazais de Ilheos, que para o futuro viessem estabelecer-se no Brazil.

10 de Março de 1813.

Decreto, que concede ás pessoas effectivamente empregadas no serviço da Fabrica das Cartas de jogar desta Corte, ou na venda dellas os Privilegios, Faculdades, e Isençoens concedidas aos empregados na Fabrica de Lisboa pelos Alvarás de trinta e hum de Julho de mil setecentos e sessenta e nove, e seis de Agosto de mil setecentos e setenta.

1 de Abril.

Decreto, que approva o plano de Estu-

dos de Cirurgia, offerecido por Manoel Luiz Alvares de Carvalho, Medico Honorario da Camara de S. A. R., e Director dos Estudos de Cirurgia e Medicina nesta Corte.

Como este plano, como hum estabelecimento litterario, pertence á nossa empreza, copia-lo-hemos fielmente.

Plano dos Estudos de Cirurgia.

I.

OS Estudantes para serem matriculados no primeiro anno do Curso de Cirurgia, devem saber ler, e escrever correctamente.

II.

Bom será que entendão as lingoas Franceza, e Ingleza; mas esperar-se-ha pelo exame da primeira, até á primeira matricula do segundo anno, e pelo da Ingleza, até á do terceiro.

III.

A primeira matricula se fará de quatro até doze de Março, e a segunda de dous até seis de Dezembro.

IV.

O Curso completo será de cinco annos.

V.

No primeiro aprende-se a Anatomia em geral até ao fim de Setembro, e deste tempo até seis de Dezembro ensinar-se-ha Chimica, Pharmaceutica, e o conhecimento dos generos necessarios á Materia Medica, e Cirurgica sem applicaçoens; o que se repetirá nos annos seguintes.

VI.

Todos os Estudantes assistiráõ desde o primeiro anno ao curativo, o qual se fará das sete horas até ás oito e meia da manhã; e dahi até ás dez, ou ainda mais, será o tempo das liçoens da Anatomia, e de tarde quando for precizo.

VII.

No segundo anno repete-se aquelle estudo com a explicação das entranhas, e das mais partes necessarias á vida humana, isto he, a Physiologia, das dez horas até ás onze e tres quartos da manhã, e de tarde se conveniente for.

VIII.

Aquelles Estudantes que ou souberem Latim, ou Geometria, signal que o seu espirito está acostumado a Estudos, matricular-se-hão logo pela primeira vez neste segundo an-

no, e nenhum outro o poderá pertender, porque não he de presumir que tenha os conhecimentos necessarios para o exame das materias do segundo anno, o qual, como outros quaesquer exames deste Curso, sempre será publico.

IX.

Deste segundo anno por diante até ao ultimo haverá Sabatinas, e todos os mezes Dissertação em lingoa Portugueza.

X.

No terceiro das quatro da tarde até ás seis, dará hum Lente Medico as liçoens de Hygiene, Etiologia, Pathologia, Terapeutica.

XI.

Deste até ao fim do quinto não ha feriados nas Enfermarias, mas sómente nas Aulas, se não houver operação de importancia a que devão todos assistir.

XII.

No quarto instrucções Cirurgicas, e Operações das sete horas até ás oito e meia da manhã, e ás quatro da tarde lições, e pratica da Arte Obstetricia.

XIII.

No quinto pratica de Medicina das nove

até ás onze da manhã, e ás cinco da tarde haverá outra vez assistencia ás lições do quarto, e á Obstetricia.

XIV.

Neste anno depois do exame podem haver a Carta de Approvado em Cirurgia.

XV.

A'quelles porém, que tendo sido approvados plenamente em todos os annos quizerem de novo frequentar o quarto e quinto anno, e fizerem os exames com distinção, se lhes dará a nova graduação de Formados em Cirurgia.

XVI.

Os Cirurgiões Formados gozaráõ das prerogativas seguintes: 1.° Preferiráõ em todos os Partidos aos que não tem esta condecoração: 2.° Poderáõ por virtude das suas Cartas curar todas as enfermidades, onde não houverem Medicos: 3.° Serão desde logo membros do Collegio Cirurgico, e Oppositores ás Cadeiras destas Escolas, e das que se hão de estabelecer nas Cidades da Bahia e Maranhão, e em Portugal: 4.° Poderáõ todos aquelles que se enriquecerem de principios, e pratica a ponto de fazerem os exames, que aos Medicos se determinão, chegar a ter a Formatura, e o Grão de Doutor em Medicina.

XVII.

Os exames são os dos preparatorios, os dos annos lectivos; as Conclusões Magnas, e Dissertações em Latim.

Palacio do Rio de Janeiro em o primeiro de Abril de mil oitocentos e treze.

Conde de Aguiar.

8 de Abril de 1813.

Alvará com força de Lei, pelo qual simplificando-se a publica administração, he extincto o Tribunal da Junta dos tres Estados, passando para o Conselho da Fazenda a Inspecção sobre os restos dos Direitos Reaes, que ainda estavão a seu cargo, e para o Conselho da Guerra inteiramente a Inspecção das Caudelarias; concedendo aos Deputados, Fiscal, Secretario, e mais Officiaes da extinta Junta metade dos Ordenados que percebião, em quanto não forem empregados nas Secretarias do Conselho da Fazenda, sendo habeis, e necessarios.

13 de Maio.

Alvará com força de Lei, que estabelece numero certo de Ministros effectivos na Casa da Supplicação, e Relação e Casa do Porto; a saber sessenta na primeira, e quarenta e cin-

co na segunda, alem do Chanceller: extingue duas Casas de Aggravos, reduzindo-as a doze, e duas varas da Correição do Civel da Corte, ficando sómente duas: e igualmente extingue a Commissão das dividas preteritas, creada pelo Decreto de onze de Outubro de mil setecentos e sessenta e seis: augmenta as Alçadas com mais duas partes do que se acha no Alvará de vinte e seis de Janeiro de mil seiscentos e noventa e seis: ficando por exemplo a dos bens de raiz de 250$ reis reduzida a 750.

Tabella do Regulamento das Alçadas, que se devem observar daqui em diante.

Para excluir a Revista nos bens de

	Raiz	1:050$000
	Nos Moveis	1:200$000
Nas Causas sentenciadas em huma ou duas Instancias, de		
	Raiz	360$000
	Moveis	600$000
Corregedor do Civel da Corte e do Porto		
	Raiz	75$000
	Moveis	90$000
	Penas	30$000
Relação do Porto		
	Raiz	750$000
	Moveis	900$000

Corregedores das Comarcas Civel da Cidade de Lisboa Juiz de India e Mina Provedor das Capellas e Reziduos	Raiz	32$000
	Moveis	40$000
	Penas	12$000
Ouvidor da Alfandega		
	Raiz	32$000
	Moveis	40$000
	Penas	12$000
Ouvidores das Comarcas		
	Raiz	32$000
	Moveis	40$000
	Penas	12$000
Juizes de Fóra das Terras da Coroa		
	Raiz	16$000
	Moveis	20$000
	Penas	6$000
Juizes de Orphãos desta Cidade, e Juizes dos Orphãos de Fóra		
	Raiz	16$000
	Moveis	20$000
	Penas	6$000

Palacio do Rio de Janeiro em treze de Maio de mil oitocentos e treze.

Conde de Aguiar.

NECROLOGIA.

A Russia perdeu hum dos seus homens mais distinctos, e a honra do seu clero; o illustre Platon, Metropolitano de Moscow e de Kalomna. Este homem celebre morreu na idade de 75 annos. Deixou obras, que formão mais de 20 volumes. Todas ellas ajuntão a huma unção rara hum grande talento de persuadir e de mover, e muita força de mistura com muita doçura - debaixo do exterior mais simples. Ellas fazem epoca na eloquencia do pulpito da Russia. Ellas sobreviverão sempre ao seu author, como as suas virtudes. Elle tinha todas as de hum sabio, hum bom pastor, hum verdadeiro Christão; era o bemfeitor e o amigo de humanidade, e amava a sua patria.

Courier de Lond.

Londres 23 de Março.

Sua Alteza Serenissima Madame Princeza de Condé morreu a 28 de Março pelas 8 horas da noite, de huma enfermidade, que durou poucos dias. Tinha de idade 75 annos.

Sua Alteza Real Augusta Duqueza de Brunswick, depois de huma breve infermidade, falleceu esta noite, entre as 9 e as 10 em sua caza em Hanover-square, com grande sentimento de toda a Real Familia.

Londres 6 de Abril.

Os restos de S. A. R. a Duqueza de Brunswick forão enterrados quarta feira passada no cemiterio da Capella de S. Jorge em Windsor. No dia precedente os obreiros que trabalhavão n'aquelle cemiterio descobrirão dois caixoens antigos, hum de chumbo e outro de pedra. Hindo o Principe de Galles quinta feira a Windsor, lhe pedirão as suas ordens, e elle mandou registrar os caixoens antigos em sua presença. Sir Henry Halford, hum dos medicos do Rei, desceu ao cemiterio com S. A. R. Abrio-se o caixão de chumbo, e achou-se hum corpo coberto de encerado; descobrio-se com cuidado a cabeça e o rosto, e se reconheceu o infeliz Rei Carlos I, cujas feiçoens parecião tão perfeitas como em vida. Sir Henry Halford tentou levantar o corpo, mas separou-se a cabeça, e se percebeu a fractura irregular dos golpes de machado, e parecia que a cabeça tinha sido pegada com argamaça. O que accrescentou hum alto grão de interesse a este espectaculo extraordinario; he que quando a cabeça se separou do corpo, cahio na mão de Sir Henry huma gota de hum fluido similhante a sangue; elle suppoem que era sangue coalhado que o calor do ar dissolveu. Sabia-se que o corpo do Rei martir tinha sido enterrado em Windsor, mas de huma maneira tão secreta que até o pre-

sente não se havia sabido o sitio. O caixão de pedra contiha o craneo e os principaes ossos do corpo de Henrique VIII, todos bem conservados.

A falta de lugar no N.º precedente não me permittio referir a perda mais lamentavel, e áqual tantas demonstraçoens tenho já dado de hum verdadeiro sentimento, sem procurar satisfazer mais do que á verdade.

A Serenissima Senhora Infanta D. Maria Anna, Irman da Fidelissima Rainha Nossa Senhora, falleceu de huma dispepsia no dia 16 de Maio pelas 9 horas da noite com 76 annos 7 mezes e 9 dias. As suas virtudes fizerão vivamente sensivel a sua falta. A sua brandura, affabilidade, Religião e Piedade tinhão ganhado os coraçoens de todos os Portuguezes, e em hum e outro mundo erão os titulos inauferiveis ao amor, e veneração da Posteridade. A sua singular caridade, estendendo-se ás tristes habitaçoens da miseria, visitando os carceres, acodindo aos hospitaes, e amparando tantos desvalidos, deixou hum vastissimo campo aos mais bem merecidos elogios, e hum indelevel motivo á dor mais profunda. No dia 19 foi depositado o Seu Real Corpo no Coro do Convento das Religiosas de N. S. da Ajuda desta Corte.

O Principe Regente N. S., tendo o mais perfeito conhecimento das eminentes qualidades de Sua Augustissima Tia, que fielmente em si copiava, tinha por isso mesmo hum mais avultado quinhão no publico sentimento. Depois das costumadas demonstraçoens, determinou fazer-lhe solemnes exequias na tarde do dia 13 e em todo o dia 14 do corrente.

Em outro lugar démos a discripção desta funebre Ceremonia, que seria inutil repetir. Hum elogio eloquente, tecido por hum muito habil Orador, avivou a saudade de todos, e fez correr lagrimas verdadeiras. As virtudes da Heroina Christã não havião mister os encantos da eloquencia para produzirem aquelle effeito; mas quando seria mais bem empregada a sua magica do que em desafiar á imitação de tão preclaras acçoens aquelles que talvez pararião em estereis admiradores? Não sendo o meu intento apressar o meu juizo sobre esta Oração, que com tanta satisfação ouvi recitar, julgo todavia hum justo tributo haver expendido estas poucas palavras.

Obras publicadas nesta Corte no mez de Junho.

CArtas ao Author da Historia Geral da Invasão dos Francezes em Portugal: e da Restauração deste Reino, por Francisco de Borja Garção Stockler, Fidalgo da Casa de S. A. R.,

Marechal de Campo dos Reaes Exercitos, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e da Sociedade Philosophica &c.

Esta Obra he composta de 9 Cartas. A 1.ª, que serve de Introducção, depois de muito serias reflexoens sobre o scepticismo historico, dá huma idéa dos objectos, que hão de occupar o A. em toda sua Obra, a saber a revindicação da Memoria do Duque Marechal General, e a justificação da Academia Real das Sciencias. Qualquer destes he, e deve ser muito caro a hum homem, cujos sentimentos correm parelhas com os seus talentos. Como agradecido emprehende com calor, mas sem exageraçoens, a primeira, e como hum Sabio, estimado e distincto por huma Corporação de Sabios, sustenta o decoro da Academia. Sinto (pela primeira vez) que as obrigaçoens de Discipulo e de Amigo, e o profundo reconhecimento á gratuita estima, que sempre devi ao Illustre A., não me permittão desafogar os meus sentimentos, receando ser suspeito. Por tanto eu não farei mais do que expor muito rapidamente a materia, que contem aquellas polidissimas Cartas.

Depois de indicar na segunda as correcções que se devem fazer aos factos relativos á Campanha de 1801, e na 3.ª a situação do Duque como Marechal General, expõe meudamente os principios, que servirão de baze ás operações, as ideas de hum plano de defeza,

e os acontecimentos da campanha de 1801, o que he o assumpto das Cartas 4.ª 5.ª e 6.ª Na seguinte examina a conducta do Duque Marechal General. Tendo assim defendido a Memoria do Seu Amigo e do Seu Bemfeitor, e desabafado assim o seu coração, elle volta as suas vistas á Academia das Sciencias, examina o seu procedimento e vinga-a do epitheto indiscreto de corpo sem alma. Concluida assim a Carta 8.a empenha-se na 9.a em punir pela sua propria honra, mostrando o seu procedimento não só regular, mas até meritorio, para salvar a sentença — *Se ipsum deserere turpissimum est.*

Os documentos que accompanhão estas Cartas são da maior importancia para a Historia do desgraçado começo do seculo presente. O A. muito instruido para enganar-se, e de muita probidade para enganar, merece hum credito superior, muito principalmente porque nos acontecimentos, que refere, póde dizer com verdade

Quæ que ipse miserrima vidi,
Et quorum pars magna fui.

Eu estou persuadido que nenhum futuro Escritor poderá recusar o seu testemunho sobre estes factos, que tanto lugar hão de occupar na Historia.

As ideas filosoficas espalhadas por toda a Obra, a pureza da dicção, e a elegancia do

estilo lhe segurão hum distinto lugar. Porém o que o faz de huma necessidade absoluta he o conhecimento topographico militar do paiz, e as excellentes considerações sobre a sua defeza. He neste sentido que o A. escreve apaginas 12. „ Os homens verdadeiramente de guerra pelas qualidades do seu espirito, e pela extensão dos seus conhecimentos, derivarão destes mesmos principios as consequencias e reflexões que devem facilitar-lhes o conhecimento do Plano geral de defeza mais adequado deste paiz. „ Deste modo o Leitor instruido achará nesta Obra huma fonte abundantissima de novos conhecimentos e de recursos, que o seu zelo possa pôr em pratica a beneficio da Patria.

Tal he o conceito de hum ingenho acanhado pela tenuidade de suas luzes, e que as suas circunstancias pessoaes em relação ao A. fazem mais encolhido que comedido.

Elogio Historico do Senhor D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, Infante de Hespanha e Portugal, Almirante General da Marinha Portugueza, composto e offerecido á Muito Augusta Princeza a Senhora D. Maria Thereza, viuva do mesmo Senhor, por José Maria Dantas Pereira &c.

Muitos elogios havião apparecido do Serenissimo Senhor Infante, quer em proza, quer em verso, já recitados na Cadeira da verdade, já escritos no silencio do Gabinete, faltava porém a miuda exposição da sua vida

politica, isto he, do que fez, e do que pertendeu fazer, em qualidade de Almirante General. Havia hum homem muito versado no exercicio de escrever, e muito particularmente instruido de todas as circunstancias de sua vida Politica e Privada, que devia illustrar ó Publico sobre este importante objecto. Este homem era o seu Mestre, que do seu retiro escreveu, e deu á luz o presente Elogio.

Em todo elle apparece constantemente o Author e seria bem difficil desconhece-lo, ainda quando o seu nome não estivesse estampado na primeira pagina. Elle contém 29 pag. de texto, e 41 de notas: em humas e outras se encontrão muitas noticias que serão bem interessantes quando o tempo houver apagado da nossa memoria grande parte do que presenciámos. Em hum Summario, que precede o Elogio, se vê de hum golpe de vista o seu objecto, e eu o recomendaria de bom grado á attenção do Publico.

Para dar ainda mais singularidade a esta Obra, se inserirão nas Notas varios mappas, o 1.º Da duração e conceito de cada lição que deu o Senhor Infante nos annos de 1802 e 1803, assim como de todos os passos da sua vida privada.

No verso deste se lê a Relação das forças navaes, que sahirão do Tejo em 29 de Novembro de 1807, seus Commandantes, e passageiros mais notaveis.

O segundo Mappa contem as Commissoens ordenadas por S. A., com o seu estado ou situação no fim do referido Novembro.

Reflexão do Redactor.

EU disse no N.º 1.º que, depois de haver desempenhado a minha empreza, cumpria pezar as razoens daquelles que a condemnavão. Este vem a ser por tanto o lugar annunciado, e eu não posso por mais tempo escusar-me a este ingrato exame, no qual sem embargo procederei com toda a moderação possivel.

Era hum problema, se no Brazil podia haver hum Jornal. Pessoas de acreditado saber, mas de hum genio melancolico, avultando as difficuldades, que carregarião sobre o Redactor, accusavão altamente a sua temeridade, e produzião milhares de argumentos, a que dava mais pezo a authoridade de quem as pronunciava. Costumado porém a ceder sómente á razão e á experiencia, eu julguei que o verdadeiro modo de resolver o problema, era pôr-me em prova, e confiar da minha queda o meu desengano. Eu annunciei a empreza, e entre pragas e agouros de huma parte, e elogios e estimulos de outra, caminhei constante ao meu fito. Tenho consummado a carreira, e he facil agora estabelecer hum argumento victorioso. Se a mingoa de talentos,

se a pobreza de conhecimentos, se o desempenho de obrigaçoens, que eu considerava mais remotas, e que fazem a parte principal das minhas occupaçoens; se todos estes motivos juntos e outros muitos que não são desconhecidos aos Leitores, não ambaraçarão a publicação de hum tal qual Periodico; como será elle impossivel a quem possue as qualidades que me faltão, e a quem talvez sobeja mais tempo? Como não sahiria elle perfeito das máos d'aquelles, que embebidos na tarefa de condemna-lo, não quizerão concorrer, nem com huma linha, para a sua perfeição, julgando por ventura accelerar assim a sua queda?

Pessoas de hum merecimento decisivo prometterão ajudar os meus patrioticos intentos: mas não sei que motivos tem embaraçado este beneficio ao Publico. Outras porém, insistindo em levar avante aquelle projecto que havião fomentado, cooperarão, quanto em si era, para illustração dos seus compatriotas, e os seus nomes honrando de huma maneira distincta, a Lista dos Subscritores, acordará os outros do seu lethargo.

Porém acaso desempenhei eu o meu fim principal? Jámais foi o meu intento fazer huma obra perfeita. E como o poderia eu esperar? Era sim o meu fito desafiar a applicação dos estudiosos, excitar a emulação daquelles que podião ser uteis; para que, pas-

sando do imperfeito ao mais completo, se fizessem assim escritores. Pretende-los immediatamente irreprehensiveis he ignorar esta gradação dos nossos conhecimentos, ainda muito mais longa, que as dos actos moraes. Ora he evidente, que huns não haverião escrito sem este incentivo, e outros deixarião no esquecimento as suas obras. Logo he innegavel que eu fiz hum serviço util á Patria em abalançar-me a esta empreza.

E com effeito, qual outro seria o meu proposito? Lembrar-se-há alguem do dezejo do lucro? Não seria facil mostrar que este jámais podia ser o meu alvo? E se não, como accrescentei mais de cem paginas nos 6 N.ºs, ajuntei 4 estampas (não havendo promettido alguma no Prospecto) além das Tabellas, difficeis de compôr, e por isso mais dispendiosas? O excesso da mão de obra sobre o preço esperado, despezas extraordinarias para satisfazer em tempo determinado á espectação do Publico, e outras muitas, que tem occorrido, me poem ao alcance de asseverar o meu desinteresse. Será o dezejo de bom nome? Por muito sensivel que eu seja a este sentimento táo natural, eu seria loucamente presumido, se ousasse confiar de meu tenue saber tão vantajoso resultado. O fim por que me tem guiado tanto, he clara e unicamente o querer satisfazer aos versos que tomei por epigraphe.

Não entrarei agora na sincera con ção

de meus defeitos: vale mais emenda-los que publica-los. O tempo he sempre o melhor Mestre, e os proprios erros são uteis a quem delles sabe aproveitar para evita-los.

O publico está já enformado da continuação da minha empreza, debaixo de huma forma mais elegante. Os soccorros, que ultimamente havemos recebido, nos poem em estado de esperar-vos a plena satisfação dos Leitores.

Continuação do Estado da athmosfera

Junho.

Dia	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo*
	Graos	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
1	69½	29	17	34	claro
2	70		15	2	
3	70		15	2	
4	70		16	24	
5	69		15	40	nebrina
6	69½		13	28	
7	71		11	38	chuva
8	71½		12	30	
9	69		17	44	chuvoso
10	65	30	2	8	dito e denso
11	65	29	19	28	claro
12	67		18	32	nebrina
13	68½		19	8	chuvoso
14	68		18	32	
15	69		15	26	nebrina
16	69		14	40	claro
17	69		18	8	chuvoso
18	70		19	34	claro
19	70		19	20	chuvoso
20	69½		18	34	claro
21	70		18	12	
22	68½		18	42	
23	68½		17	28	
24	70		17	22	

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
	Graos	Pol.	Vint.	Mil.	
25	70		18	32	
26	70	30	0	34	muita chuva
27	49		1	36	claro.

INDICE.

Litteratura.

Poesia.

Agricultura.

Historia.

NAVEGAÇÃO.

GEOGRAFIA.

POLITICA. 77

Lista dos Assignantes.

A SERENISSIMA SENHORA PRINCEZA DO BRAZIL D. CARLOTA JOAQUINA.
A SERENISSIMA SENHORA INFANTA D. MARIA IZABEL.

Alexandre Azzupard.
Anastacio Feliciano de Bastos Teixeira.
Antonio Alves de Araujo, 2 ex.
Antonio de Araujo de Azevedo.
Antonio de Figueredo Ramos.
Antonio Francisco Leal.
Antonio Homem do Amaral.
Antonio José de Oliveira Barreiros.
Antonio Martins Bandeira.
Antonio Miguel Machado de Carvalho.
Antonio Nicoláo de Souza Pereira Pinto.
Antonio Nunes de Aguiar.
Antonio Pedro Teixeira.
Antonio de Souza Caldas.
Antonio Pimentel do Vabo.
Antonio Pussich.
Antonio de Saldanha da Gama.
Fr. Arcanjo de Ancona.
Arcebispo da Bahia
Antonio José da Silva Pauleti.
Barão de S. Lourenço
Barão do Rio Seco.
Bento da Silva Lisboa.

Bernardo Carneiro Pinto de Almeida.
Berdarno da Costa Pacheco.
Bernardo Duarte dos Santos.
Bibliotheca Publica da Bahia.
Bispo Capellão Mór.
Camillo Luiz de Rossi.
Camillo Martins Lage.
Candido Lazaro de Moraes.
Carlos Antonio Napion.
Clemente Ferreira França
Conde dos Arcos.
Conde de Belmonte
Conde de Caparica.
Conde de Cavalleiros.
Conde das Galvêas.
Conde de Linhares.
Condeça de Linhares.
Conde da Palma.
Conde da Ponte.
Diogo Duarte Silva.
Diogo Gill.
Diogo de Toledo Ordonhes.*
Domigos Alves Branco.
Domigos Borges de Barros.
Domigos Carvalho de Sá, 2 ex.
Enviado dos Estados Unidos.
Estacio Gularte.
Francisco de Abreu Barreto.
Francisco Alberto Rubim.
Francisco Antonio Demichellis.
Francisco Bibiano de Castro.

Francisco de Borja Garção Stockler.
Francisco Ferreira Machado.
Francisco Gameiro Pessoa.
Francisco Galli.
Francisco Jaques de Araujo Bastos.
Francisco José da Cunha.
Francisco José Ferreira Rego.
Francisco Lemos.
Francisco Lobo.
Francisco Lopes de Araujo.
Francisco Luiz Saturnino.
Francisco Miguel da Silva Mello.
Francisco de Miranda.
Francisco Pereira de Mesquita.
Francisco Roza.
Francisco Xavier Pires.
Freese e Banckenhagem
Gaspar Marques.
Gaudencio José Maria.
Guilherme Harrison.
Jacinto de Mello Palhares.
Jeronimo Francisco de Freitas Caldas.
Ildefonso José da Costa e Abreu.
João Bandeira de Gouvea.
João Ferreira da Costa Sampaio.
Fr. João da Graça.
João Gomes Duarte.
João Gomes de Oliveira e Silva.
João José da Cunha.
João José Ferreira de Souza
João Lopes Baptista.

João Luiz Borralho.
João Marquez Vieira de Araujo Pereira.
João Mazzoni.
João Miguel da Silva.
João Pinto.
João Ricardo.
João Rodrigues de Brito.
João Rodrigues da Costa.
João Rodrigues Pereira de Almeida.
João Soares de Oliveira.
Joaquim Antonio Alves.
Joaquim Ignacio Moreira Dias.
Joaquim José Ferreira Rego.
Joaquim José Marquez.
Joaquim José de Souza Lobato.
Joaquim Pereira Queiroz.
Isidoro Manoel Francisco Ferrugento.
José Albano Fragozo.
José Antonio de Oliveira Guimarães.
José Bernardes de Castro.
José Bernardes de Campos.
José Bernardes Moreira.
José Caetano Lima.
José Costa de Resende.
José Fernandes Figueiredo.
José Gomes Morel Salgado.
José Gomes Puppe Correia.
José Ignacio da Silva.
José Joaquim de Mattos e Lucena.
José Manoel Placido de Moraes.
José Maria Dantas Pereira.

José Maria Velho da Silva.
José Maria de S. Anna.
José Mathias de Landaburu.
José Nunes de Souza.
José de Oliveira Pinto Botelho Mosqueira.
José Pereira Lopes da Silva e Carvalho.
José da Silva Lisboa.
Leandro José Rodrigues Machado.
Luis Antonio Barboza da Silva.
Luis Antonio Barradas.
Luis Gomes Anjo.
Luiz Joaquim Duque Estrada Furtado de Mendonça.
Luis Joaquim dos Santos Marrocos.
Luis Prates Almeida e Albuquerque.
Manoel Antonio Cardozo.
Manoel Bernardes.
Manoel da Costa Pinto.
Manoel Joaquim de Azevedo.
Manoel José Campos Porto.
Manoel José da Lima Braga.
Manoel José Pereira Maia.
Manoel Luis Alvares de Carvalho.
Manoel Pereira Blanchart.
Manoel de Souza Coutinho.
Manoel Theodoro da Silva.
Manoel Vieira da Silva.
Mariano José Pereira da Fonceca.
Marquez de Borba.
Marques de Torres Novas.
Martinho Grossman.

Martiniano José de Andrade e Silva.
Manoel Ignacio de Sampaio.
Nicolao Viegas de Proença.
Paulo Fernandes Vianna.
Paulo Martins e filhos em Lisboa, 25 ex.
Pedro Francisco Xavier de Brito.
Pedro Maria Colona.
Rainaldo José da Silva.
Roberto João Damby.
Rodrigo Pinto Guedes.
Simeão Estellita Gomes da Fonceca.
D. Thereza do O' de Almeida de Mello e Castro.
Thomaz Gonçalves.
Thomaz José de Aquino Pereira.
Fr. Tiburcio José da Rocha.

N. B. Dos Assignantes de fóra da Cidade não sabemos todos os nomes, mas da-los-hemos nos numeros seguintes á medida que chegarem ao nosso conhecimento.

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.
DO
RIO DE JANEIRO.

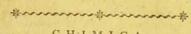
Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 1.º

JULHO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma se subscreve a 4000 reis por semestre.

CHIMICA.

Memoria sobre hum novo principio da Theorica do Calorico. Por Silvestre Pinheiro Ferreira.

QUando acontece apresentar-nos a observação hum phenomeno, que, apezar de todos os esforços, não podemos reduzi-lo a nenhum dos principios constitutivos da Theorica da Sciencia, a que o phenomeno pertence; inferimos que a Theorica, sem ser falsa, he sem duvida defeituosa em seus principios.

Porém quando aquelle phenomeno, não só se não póde reduzir a nenhum dos principios da Theorica, mas até se acha ser contrario a algum delles; he natural o concluirmos que esse principio, ou he hypothetico, ou que pelo menos tem sido demasiadamente generalisado.

Este ultimo he justamente o caso, que me parece verificar-se a respeito do principio o mais importante da Theoria do Calorico, se observarmos que na explosão da polvora ha desenvolvimento de Calorico, entretanto que os elementos da mesma polvora passão do estado de solidez, em que se achavão, ao estado gasoso, mediante a explosão.

He verdade que o immortal Lavoisier, tendo em vista este mesmo phenomeno, suppoz que o acido azotico (1) fixando-se na sua combinação com

a ii

(1) Chamo assim ao que geralmente se chama acido nitrico, com huma manifesta e inexcusavel violação de hum dos mais luminosos principios da Nomenclatura Chimica, de se designar cada hum dos acidos pela sua respectiva base, sempre que esta he conhecida. He verdade que alguns Chimicos

a potassa, para a formação do nitro (hum dos principaes ingredientes da polvora) conserva a maior parte do calorico, que continha no seu precedente estado gazoso.

Mas esta supposição de Lavoisier, além de não ser fundada em nenhum outro facto, senão aquelle mesmo, que por elle se pertende explicar, he incompativel com a Theoria, tal como ella nos tem sido ensinada até ao presente.

Por quanto essa supposta retenção de Calorico do acido azotico no azotato de potassa (ou nitro) não salva a difficuldade, de que passando os elementos da polvora (corpo solido) ao estado gazoso, não só não tomão dos corpos ambientes calorico, fazendo que elles esfriem; mas antes perdem huma tão consideravel porção delle, que se manifesta na calorificação excessiva de tudo o que os cerca até huma notavel distancia.

Eu estou certo que estas e outras semelhantes reflexoens se offerecerão ao espirito penetrante, que regenerou a Chimica; mas como esta consideração o demoraria na rapida carreira que seguia; contentou-se com aventurar esta simples idéa; sem com tudo lhe dar mais valor do que o de huma hypothese: moderação tão rara e admiravel, quanto o costuma ser a sabedoria inseparavel daquellas qualidades.

A esta reserva, com que aquelle grande homem expõe a unica explicação scientifica, que eu conheço do phenomeno de que se trata, he que devo a tentativa, em que entrei, de o tornar compativel com

---

desapprovão o nome de azoto dado á base do acido nitrico. Mas sem entrar nesta questão, pede a Philosophia da Sciencia que, em quanto assim se denominar a base, o acido, que della se compõe, seja chamado azotico, ou azotoso, segundo o grão de oxigenação.

os principios da conhecida e aliás incontestavel Theoria do Calorico. Mas depois de ter feito varios ensaios pouco felizes, vim por fim a encontrar a solução, que exporei nesta Memoria, em occasião que procurava explicar pela Theoria chimica da Luz (que exporei em outro lugar) as bellas experiencias do celebre Wedgood sobre os raios do sol.

Assim como eu tinha derivado aquella Theoria da definição que primeiramente assentava da palavra Calorico: assim me pareceu que desta se deverião deduzir todos os principios, tanto os já conhecidos, como os addicionaes, que eu presumia faltarem á propria Theoria do Calorico.

Sigamos pois a analyse, que me conduzio a esta conclusão.

Pela palavra Calorico entendem todos os Chimicos huma substancia, cujas partes exercitão todas, humas sobre as outras, huma repulsão indefinida (1).

---

(1) Eu não digo que todos os Chimicos definem assim a palavra Calorico. Definir huma palavra he enumerar as idéas, que ella desperta no animo de todos os que della se servem. Para definir huma palavra he portanto necessario analysar o que se passa no espirito daquelles que della se servem. Donde se vê que, como para huma mesma expressão, se pódem fazer muitas analyses; muitas pódem ser as definiçoens: cada huma mais ou menos perfeita, segundo que a analyse for mais ou menos bem feita.

Entretanto no caso de que tratamos, todos concordão em dizer, que o Calorico dilata os corpos: e isto he o que exprime a definição, que acabamos de dar da palavra Calorico. Poderia parecer que desta generalidade deverião exceptuar-se aquelles Chimicos, que negão a existencia de huma substancia, a que se haja de dar o nome de Calorico: e na sua opinião esta palavra, bem como na opinião

Sendo pois certo que os corpos, á medida que se approximão do minimo da affinidade de aggregação, se approximão igualmente do maximo da affinidade de combinação; a primeira consequencia, que deriva da definição, que acabamos de dar de Calorico, he que esta substancia deve possuir a maxima affinidade de combinação para com todos e quaesquer corpos, que se acharem na sua esphera de actividade.

Mas se nós consideramos por outra parte, que a affinidade de aggregação das partes de hum corpo entre si, differe da que existe entre as partes de outro corpo, segue-se que a affinidade de combinação do Calorico deve ser differente para com os differentes corpos.

Seja ella porém qual for, da sua combinação com qualquer corpo resulta sempre, que a força repulsiva das partes do mesmo Calorico entre si, ha de ser anniquilada, em todo ou em parte, pela força de attracção, que existe entre as partes do corpo, com que elle se achar combinado.

Ora he evidente, que achando-se cada huma das partes de hum corpo reunida a todas as outras pela força da attracção; esta deve crescer em huma rasão directa do numero das partes componentes.

---

de todos a palavra attracção, nada mais significa, do que hum simples facto: isto he a dilatação dos corpos, que se dizem calefactos. Seria improprio deste lugar o fazer ver que similhante discrepancia deriva unicamente da errada definição, que vulgarmente corre da palavra substancia; pois que partindo da verdadeira definição, desapparecem, tanto esta, como innumeraveis outras questoens sobre o serem as coisas, de que se trata, substancias ou meras quantidades. Em humas Prelecçoens Philosophicas, que faço actualmente imprimir, trato circunstanciadamente esta materia.

Desta observação segue-se necessariamente, que a somma de forças attractivas existentes em hum numero qualquer de partes, he menor, quando ellas se achão separadas, do que quando estavão unidas; visto que depois de separadas não existem, senão as forças, que reunem as particulas de segunda ordem: e que no outro caso existem tambem as que as partes, que destas se compoem, exercitão entre si.

Não he menos evidente que, quanto maior se suppozer huma força attractiva, tanto maior se deve suppor a força repulsiva, que com ella tem de equilibrar-se. Logo, se as partes de hum corpo reunidas tem maior somma de forças attractivas, do que separadas, hão de poder anniquilar no seu estado de reunião huma maior somma de forças repulsivas, ou (o que val o mesmo) hão de precisar de huma maior quantidade de Calorico para a sua saturação, do que estando separadas.

Agora he facil de ver, que vindo a separar-se as partes de hum corpo, huma porção de Calorico, até agora retida pela força de attracção, que perece pela simples fractura do corpo, obedecerá á força repulsiva das outras partes do mesmo Calorico, que ainda ficão combinadas com o corpo; e no estado de Calorico livre, passará a ser sensivel, e por conseguinte a aquecer todos os corpos ambientes.

Não he pois unicamente pela *solidificação* (1)

---

(1) Eu entendo esta palavra na sua significação mais extensa, quero dizer que chamo solidificação não sómente á effectiva formação de hum corpo em solido; mas tambem a todos os passos, que desde o estado de gaz, fluido, e liquido, elle dá para chegar á final e effectiva solidificação. Por quanto esta successiva progressão, sempre mais e mais chegada ao verdadeiro estado de solidez, consiste na

que se desenvolve Calorico livre, como atê ao presente se tem ensinado. Ha, alem deste, outro principio de desenvolvimento de Calorico, que he a *pulverisação*, como acabo de demonstrar.

Façamos applicação deste novo principio ao phenomeno da explosão da polvora, de que fallámos ao principio desta Memoria.

Logo que a ordem das affinidades dos ingredientes da polvora se acha alterada, pela elevação de temperatura, mediante a applicação da faisca com que se lhe dá fogo, o oxygeneo do acido azotico abandona a sua base: a qual não póde por si só ficar em combinação com a potassa, que ou se decompõe, ou he pulverisada pela acção do desenvolvimento do acido, que com ella compunha o nitro. Em huma palavra o azoto e o oxygenio, que em virtude das suas precedentes affinidades e combinaçoens se achavão disseminados pela massa do sulfuro-carbureo da potassa, nesta nova ordem de

---

realidade em se hirem reduzindo de facto a esse estado moleculas de huma massa sempre crescente, até á final solidificação, que consiste na reunião de todas as moleculas em hum só corpo. Nem pareça, que esta Theoria da solidificação he contraria á que acima expendi sobre a pulverisação; porque esta consiste na separação de partes para fora da esfera de cohesão; e por tanto fora da esfera de toda a acção chimica: o que he contrario ao que acontece com os fluidos. Por outra: para manter separadas as moleculas de hum fluido he necessario tanto maior quantidade de Calorico, quanto são menores as moleculas do mesmo fluido: o que vem a ser o mesmo que dizer: que quanto maior somma de forças de cohesão se houverem de equilibrar, tanto maior deve ser a somma de forças repulsivas, tanto maior porção de Calorico, a esse fim necessario. Ora isto mesmo he o que eu disse tra-

affinidades se desprendem, arredando as partes da massa total e solida; e operando deste modo a sua pulverisação.

He desta que deriva a prodigiosa quantidade de Calorico, que não só he bastante a converter em gazes huma grande parte dos ingredientes da polvora; mas tambem a aquecer os corpos ambientes, a não pequena distancia.

Quanto a pulverisação for mais consideravel, e mais completa; quanto menor for o tempo, em que ella se executar, tanto maior será a quantidade de Calorico livre, que observaremos desenvolver-se.

Com effeito a experiencia prova que, dadas duas iguaes quantidades de polvora, igualmente secca, e igualmente bem misturada com seus ingredientes; aquella será mais forte, que mais longe estiver do grão de finura, que pelo incendio della admitta pou-

---

tando da pulverisação, durante a qual não ha desenvolvimento de Calorico livre, dizia eu, senão porque postas humas partes do corpo fóra da esfera de attracção das outras, diminue a somma total das forças attractivas, que antes alli existião, e já não ha com que fazer equilibrio a huma correspondente porção de forças repulsivas: e assim esta porção exercita a sua actividade desprendendo aquella massa de Calorico superfluo, que passa a combinar-se com os corpos ambientes.

Eis-aqui como o perfeito accordo entre phenomenos, que parecião contradizer-se, vem a servir de huma nova confirmação á Theoria, que me propuz completar com a addicção de hum principio, que me parece tão fecundo nas suas applicaçoens, quanto rigoroso na sua deducção da mesma origem donde se derivão philosophicamente os outros dois principios: a saber, da definição mesma de Calorico.

ca pulverisação ulterior. Daqui vem a necessidade de a granular.

He certo que excedendo os grãos hum determinado volume, perde a polvora parte da sua força; mas isso he quando este volume he tal, que a pulverisação se não póde fazer em todo elle ao mesmo tempo: e só neste sentido he que se verifica que a polvora fina he mais forte do que a mais graúda; porque tanto huma como outra coisa tem seus limites.

Entre outros muitos phenomenos, a que se póde fazer applicação deste novo principio da *pulverisação*, e que se consideravão até agora como inexplicaveis, e por tanto como destacados do systema, apontarei sómente hum, que pela frequencia com que occorre debaixo de differentes apparencias, e pelas desvariadas hypotheses, a que os Physicos tem recorrido para o explicarem, merece huma particular attenção.

Battendo-se duas pederneiras, huma contra a outra, tem-se observado que ferem fogo, como se huma dellas fosse aço. E com effeito não tem faltado Physicos, que attribuem aquelle phenomeno á oxydação de particulas de ferro, que elles suppoem contidas nas mesmas pederneiras. Porém estes Physicos deverão ter reflectido, que o mesmo phenomeno acontece com outras pedras, taes como o cristal de rocha, em que nenhuma analyse tem descuberto nem hum atomo de ferro. Ora não he por supposiçoens gratuitas que se devem explicar os phenomenos da Natureza.

Quanto a este, a sua explicação deriva tão naturalmente do principio da pulverisação, que julgo excusado demorar-me em detalhar o como. He verdade que nelle concorre hum desenvolvimento de luz, cuja explicação mereceria que eu accrescentasse aqui algumas reflexoens mais. Porém como no Ensaio da Theoria Chimica da Luz, que mencionei ao prin-

cipio, trato expressamente desta materia, a elle me refiro: tanto mais que esta parte do phenomeno em nada influe sobre a explicação do desenvolvimento do Calorico, que era o unico objecto da presente Memoria.

MINERALOGIA.

Memoria feita pelo Dezembargador José Bonifacio de Andrade.

Ha terrenos que pelo arado não dão fructo, mas sendo cavados com o picão do Mineiro, sustentão mais do que se fossem ferteis.

Xenophonte das Rendas dos Atheniens. Cap I.

INTRODUCÇÃO

EM todos os paizes cultos da Europa a lavra das minas, e sua administração tem merecido o maior cuidado e disvelo dos Soberanos. Entre nós desde os primeiros tempos da Monarquia as minas principalmente de ferro, e de oiro, e depois varias outras, merecerão os maiores cuidados aos nossos antigos Reis. Desde o Senhor D. Affonso II até o felicissimo Senhor D. Manoel, as minas do Reino forão fomentadas e patrocinadas com o maior zello; mas nem sempre estes bons dezejos tiverão feliz effeito, por varias causas, que apontarei depois. Com as infelicidades do Reinado do Senhor Rei D. Sebastião, e calamidades, que se lhes seguirão até a acclamação do Senhor D. João IV, este ramo da industria e riqueza publica soffreu muito, e apezar dos estabelecimentos de Ferrarias do mesmo Senhor e seus Successores, he ao nosso Au-

gusto Principe a quem devemos de novo novos cuidados e providencias para o fomento das minas e fabricas mineraes. Desgraçadamente as circunstancias do tempo tem feito mallograr até hoje estes bons começos. E he tal a cegueira e o desleixo sobre esta materia, que mui pouca gente ha entre nós, que esteja capacitada dos grandes proveitos, que com sigo trará a lavra regular das nossas minas, e huma boa administração metallurgica: mas quem haverá, se tiver juizo e lição da historia, e alguns conhecimentos de economia publica, que possa duvidar das utilidades da mineração para qualquer paiz rico em producçoens mineraes?

A mineração nutre e sustenta numerosas familias, que por falta de trabalhos uteis em terrenos pela maior parte estereis e desertos, se entregarião á inercia e aos vicios seus filhos. Ella povòa montanhas escalvadas, e charnecas inuteis, e as apinha com o andar do tempo de Aldêas, Villas, e Cidades. Ella enriquece immediata, ou mediatamente o Erario Publico com os lucros provenientes das minas da coroa, e dos direitos metalicos: ella augmenta e segura os impostos sobre a entrada e consummo dos viveres, fazendas, e materiaes necessarios aos mineiros; consummo, que cresce progressivamente com a povoação e com a industria. A mineração augmenta o cabedal metalico da nação, que póde, sem diminuir o preciso para a agricultura e fabricas já estabelecidas, ser empregado em novas e uteis emprezas, como estradas, canaes, portos, pescarias, plantios de bosques, e outros objectos importantes de que tanto precisamos. Ella fomenta mui particularmente o commercio e industria nacionaes, diminuindo a importação de mineraes estrangeiros, subministrando materias primeiras ás fabricas, augmentando a exportação de generos novos, dando consummo e actividade aos trabalhos da agricultura, estabelecendo ou sustentando manufacturas para uso

das minas, como as de cordas, couros, polvora, agoa forte, e outras.

Se o paiz he esteril em productos agriculturaes, como a maior parte das nossas vastas serranias, e charnecas; se as fabricas tem obstaculos quasi invenciveis para se porem em concorrencia com as estrangeiras, como entre nós succede; que outro modo mais natural e seguro terá huma nação para não empobrecer e despovoar-se, do que a lavra em grande dos seus mineraes, com que a Providencia a quiz dotar? Sem o seu ferro, e cobre, que seria hoje em dia da Suecia, e dos vastos desertos da Siberia?

O Commercio e as manufacturas só trazem riqueza certa e de monta ás naçoens, que principalmente as cultivão, quando os estranhos e visinhos são ignorantes e preguiçosos. Mas isto muda todos os dias, como nos ensina a historia do commercio Europeo nos dois ultimos Seculos. Os mineraes uteis porém, que a natureza repartio com mão escassa por poucas terras privilegiadas, são sempre necessarios aos outros povos, que os não tem de proprio cabedal: de mais ninguem póde prohibir-nos em nenhum caso tirar o oiro, a prata, o chumbo, o ferro, o cobre, o estanho, e o carvão de pedra das entranhas dos nossos montes. Se a Russia, a Prussia, e a França se enriquecerão de novo tanto com a lavra das suas minas, quem prohibe a Portugal enriquecer-se do mesmo modo? Pão, polvora, e metaes são quem sustenta e defende as naçoens: e sem elles de proprio fundo he precaria a existencia e liberdade de qualquer Estado.

As minas pois fomentadas e administradas sabiamente poem em circulação riquezas immensas debaixo de fórmas diversissimas: abrem novas fontes sempre perennes de nutrição e soccorro á lavoura, ao commercio, e ás artes: crião e sustentão hum

grande numero de braços: e diminuindo a vadiação e mendicidade das comarcas, firmão o socego, e a segurança publica; espalhão luzes e conhecimentos uteis por huma grande parte da nação; augmentão em fim a dignidade do homem social pelas victorias, que obtem diariamente contra a Natureza, muitas vezes madrasta, executando maquinas e trabalhos portentosos. Isto que nos prova a historia moderna, se confirma pela antiga; pois que os povos mais famosos da antiguidade, os Egipicos, os Phenicios, Gregos, Carthaginezes, e Romanos, da lavra das suas minas tirarão muito principalmente a sua riqueza; e o que mais he, a sua civilisação.

Já disse que os nossos antigos Reis desde o principio da Monarquia favorecerão muito com privilegios novos, e concessoens a particulares este importante ramo da nossa industria; em a nossa Torre do Tombo nos Livros da Chancellaria do Senhor D. Diniz se acha huma grande collecção de Cartas Regias, Privilegios, e outras providencias dadas desde o tempo do Senhor D. Sancho I até o Senhor D. Manoel a favor dos Mineiros da Adissa, que mineravão oiro desde Almada até a Costa; e esta mesma Villa deveo a sua origem, e nome a esta rica mineração, porque *Almadan* ou *Almaden*, significa em Arabico *Mina* ou Castello de Mina. A mineração de ferro foi tambem muito fomentada, e extensa em Portugal, porque além das noticias dos nossos escritores e cartorios, basta ter viajado com olhos intelligentes o nosso Reino para descobrir por toda a parte restos de escorias deste metal. O nome de muitas terras de Portugal, de Ferreira, Ferrarias, Tendaes, de Ferreiros, Escoira &c., comprovão o mesmo.

Ora entre todos os Monarcas Portuguezes os que mais se distinguirão nesta parte forão os dois grandes Reis, o Senhor D. Diniz e o Senhor D. Manoel. Desta vasta mineração de ouro, prata,

ferro, chumbo, e estanho, tirou Portugal grandes riquezas; e reflectindo nós nos grandes exercitos e armadas, que levantarão, e sustentarão em tantos seculos, aos faustuosos Templos e Palacios, que erigirão; aos soccorros pecuniarios, que derão a tantos Principes alliados; e considerando por outra parte a falta, que então havia de manufacturas, com que podessemos chamar a nós o dinheiro dos estranhos; e o muito, que tiravamos delles em mercadorias, e generos da primeira necessidade, desde o principio da Monarchia, como se vê da curiosa Lei do Senhor D. Affonso III publicada em Lisboa aos 7 de Janeiro da era de 1261, tirada da Torre do Tombo, de necessidade devemos annuir á opinião do Padre João Baptista de Castro no seu Mappa de Portugal, que attribue estas grandes riquezas ás opulentas minas, que havia então no reino; mas dirá talvez algum ignorante, ou malevolo, porque não tem continuado ou prosperado este ramo de industria, e responderá muito cheio de si, porque de certo ou se esgotarão, ou não fazião conta, e não podem fazer muito menos hoje em dia. Mas porque razão se diminuio a nossa agricultura? Porque razão se diminuirão os nossos portos mercantes, e perecerão as nossas armadas? Porque acabarão as nossas pescarias, que se estendião até ás Costas de Inglaterra e da Baixa Bretanha em tempo dos Senhores D. Fernando e D. João o I? Porque razão acabou o nosso commercio e imperio da India? Que respondão elles. Eu só me limitarei a esboçar em breve as causas, que concorrerão até hoje e poderão concorrer para a decadencia das nossas minas.

A 1.ª causa foi a falta de legislação publica como teve a Allemanha, desde 1200 para cá: 2.ª a falta de huma boa administração fundada em Tribunaes, e Magistrados proprios, que dirigissem esses estabelecimentos, e vigiassem sobre os abusos dos

mineiros, e justiças territoriaes: 3.ª a falta de caixas publicas de economia e piedade, para soccorrer a laboração das minas, e os seus empregados, e ajudar aos Proprietarios, quando lhes faltavão cabedaes para a manutenção das mesmas: 4.ª outra causa muito principal forão as concessoens extensas e dadas sem regra a particulares, que por falta de cabedaes, pela ignorancia delles e de seus afilhados, pelo dezejo de quererem ganhar muito de repente, sem attender ao futuro, pela falta de simultaneidade de trabalhos reciprocos das diversas minas de hum districto, que se ajudassem mutuamente na lavra e mistura dos mineraes para as fusoens, e evitassem despezas damnosas em casas superfluas de fundição e outras fabricas, esgotarão os seus fundos em pouco tempo, ou motivarão lavras de roubo, de buracoens e superficiaes, que em breve se alagarão e desmoronarão: 5.ª as guerras continuas de correrias e devastação com os nossos visinhos: 6.a a indolencia dos homens em tudo que tem difficuldade a principio, e não promette logo milhoens: 7. o espirito de conquista, navegação, e commercio, que se apoderou do corpo inteiro da nação, e fez abandonar os trabalhos industriaes do reino: 8.ª o preço mais alto dos nossos metaes, que pelo máo methodo de lavra, e administração das minas, não podem concorrer com os estrangeiros mais baratos, que achavão huma entrada livre e desembaraçada em Portugal: 9.ª as ricas minas da Africa, e depois as da America Hespanhola e do Brazil: pois já em 1599 Duarte Nunes de Leão na sua discripção de Portugal, fallando do muito oiro e prata, que tem este reino, se queixava do abandono das minas, ou porque, diz elle, os Portuguezes soffrem melhor a fome, que o trabalho, ou pelas muitas minas de S. Jorge, de Arguim, de Sofala, e de Moçambique, de que trazem muito ouro cada anno. Querem antes hir busca-lo por mar, que cava-lo na terra:

10.ª a falta de huma boa administração de mattas, que vedasse a diminuição das madeiras, lenha, e carvão de pedra, de que tanto precisavão as minas: 11.ª as más estradas e falta dos canaes para facilidade e barateza dos transportes dos generos, sem os quaes não póde haver duração e prosperidade em fabricas, e estabelecimentos publicos.

Contra a maior parte destas causas de ruina tenho eu que pelejar: muitas e muitas vezes ponderei e pedi remedio a estes males. Circunstancias infelices dos tempos baldarão o meu patriotismo. Hoje em dia he preciso sustentar os estabelecimentos que existem, sustenta-los talvez sem gastos e avanços pecuniarios. Farei o que for possivel, e exporei os meios, que me lembrão, com que, ou se possão diminuir as despezas dos dinheiros publicos applicados para estes estabelecimentos, ou se costeem estes por particulares sem avanço do Estado.

HYDROGRAPHIA.

Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, com a declaração dos pontos mais notaveis na Hydrographia, que precisão de mais profundo exame. Por Joaquim Bento da Fonceca, Primeiro Tenente da Marinha.

INTRODUCÇÃO.

Considerando-se o immenso Plano de agoa, que occupa ametade da Circunferencia do Globo entre os Continentes da America e Asia, que parecia haver condemmado os Povos esparzidos sobre o liquido da sua superficie a não serem jámais conhecidos; ver-se-ha que sómente ás viagens de circumnavegação he que se devem essas Ilhas sem

numero, esses Archipelagos ferteis repartidos no Oceano Pacifico, em fim todas essas Terras, cuja formação, e a origem de cujos habitantes, offerecem hum vasto campo aos systemas do Physico, e ás meditaçoens do Philosopho. Assim he que o Astronomo, o Naturalista e o Artista (que fazem a parte essencial das viagens das descobertas) partem a estenderem os progressos do espirito humano; á sua volta, cada hum põe em ordem os seus materiaes, dando ao objecto particular do seu trabalho o gráo de perfeição, de que he susceptivel, e da reunião bem escolhida destas diversas partes resulta huma relação completa, onde tudo está ligado, e posto em seu lugar, servindo a mostrar aos olhos do Cosmographo os quadros fieis das differentes partes, que compoem, e ajunta este Globo Terraqueo, e finalmente a assignar a rota dos Navegadores na obscuridade das noites, e a entreter communicaçoens faceis entre todas as porçoens da Terra habitavel.

A necessidade, que temos de huma Obra desta natureza, fará por ventura em tèmpos mais serenos, o objecto de serias meditaçoens, e de emprezas semelhantes ás dos felicissimos dias dos Senhores D. Joãos II, e III, e do feliz D. Manoel. Porém será no entretanto infelicidade, e mesmo funesto ao augmento dos conhecimentos humanos, se os nossos Navegadores, Geografos e sabios, imaginarem ,, *que a carreira está percorrida; que tu-* ,, *do está feito.* ,, He certo que não devemos esperar, sem duvida, aquellas grandes descobertas, que tem consagrado á immortalidade o nome daquelles, que as fizerão, e mesmo está demonstrado, que exceptuando algumas Ilhas, que se achão sobre as rotas pouco frequentadas, e aquellas terras inhabitadas, e inhabitaveis, que pódem estar cercadas pelos gelos dos Pólos, cuja barreira não se tem podido penetrar; não nos resta mais terras

a descobrir, porém entre aquellas, que estão conhecidas, nós temos muitas, que até o presente não tem sido, (por assim dizer) mais que percebidas; de maneira que, se algum sugeito, (instruido ao menos no Estudo da Geographia) me fizer a honra de ler as Observaçoens, que formão a segunda parte deste folheto, posso contar de certo com a satisfação de que finalizará a leitura, dizendo ,, a expressão he má, aspera, e rude, a marcha, que segue, não tem ordem; porém não obstante ,, *tudo não está percorrido, tudo não está feito.* ,,

TOdas as Naçoens sabem que na época do principio heroico dos nossos descobrimentos toda a Europa jazia em trevas a respeito da Navegação, Commercio, e Geographia; e por consequencia em Historia Natural, além de outros ramos, que estas sublimes arvores produzirão, e que sómente se deve á Nação Portugueza a grandeza do circulo dos conhecimentos humanos; e he evidente que, se não tivessemos dado, por assim dizer, muito maior extensão á terra que habitamos, seria extremamente limitada a esphera dos nossos conhecimentos. A Russia nos faz justiça nas suas obras de viagens. Porém que os Francezes chegassem á cegueira horrorosa de se esquecerem dos beneficios, que nos devem (pois he sem contradição a nação da Europa, que mais se aproveitou das nossas pizadas e liçoens para augmento das Artes e do Commercio) a ponto de nos maltratarem nas suas obras periodicas, ainda que pela contradição dos seus mesmos autores claro fica, que semelhantes escriptores devem forçosamente sentir o remorso do seu trabalho, pois sómente se vem obrigados a escrever pela inveja do quadro brilhante da Potencia Luzitana no continente Antartico: he sem duvida

hum acontecimento extraordinario. A sua grande obra, intitulada *Neptuno Oriental*, bem patenteia as suas dividas. Como he no sentido da Geographia e Astronomia, que elles attacão a Nação de ignorante, e o meu trabalho he parte daquella sciencia, toca-me (antes que o principie) refutar a sua illusão manifestada na introducção, que acrescentarão em o seu Atlas Geographico, que copiarão do de *Pinkerton*.

Entre as obras, que pude obter, em a miseravel e ultima Colonia, que lhes restava, se acha huma que se intitula: *Escolha das melhores viagens modernas feitas a diversas partes do Mundo por terra e mar, precedida de hum discurso sobre as descobertas dos Portuguezes para lhes servir como de introducção*: e sendo o fim desta classe de obras instruir a mocidade na Geographia, Navegação, e Historia Natural, vê-se que o autor conhece a injustiça de seus companheiros, pois que busca para fundamento da sua obra parte da nossa historia. No conhecimento dos tempos, ou dos movimentos celestes, para uso dos Astronomos e Navegadores, para o anno de 1809, se servem tambem dos trabalhos dos nossos sabios, e mesmo o confeção logo no frontespicio desta obra, dizendo na advertencia que os calculos tem sido feitos debaixo da inspecção do Deposito das longitudes, por *Haros* e *Marion*, sobre as taboas de *Bug* para a Lua, e das de *Lalande* para *Mercurio*, *Venus* e *Marte*, contendo addiçoens, e differentes memorias de *Burckhardt*, e huma de *Dacum* sobre a Astronomia Nautica; *et enfin les nouvelles methodes analytiques de* M. Monteiro, *pour le calcul des éclypses;* dizendo mais *M. Bouvarde*, encarregado do observatorio, a fol. 482, *les methodes* de M. Monteiro *m'ont fourni une nouvelle occasion d'examiner les formules données par* M. Olbers, *pour dispenser les Astronomes du calcul de la paralaxe*: e em as taboas celestes do anno

de 1810, entre outros accrescentamentos novos expressados na advertencia da mesma obra, se nota a amplificação e retificação das taboas, que mostrão as posiçoens Geograficas, que elles dizem ser devida aos trabalhos de *M. Monteiro.* Logo se as Ephemerides de Coimbra, concorrem, como aquellas de *Greenwik*, a formarem parte da litteratura dos Francezes em obras de tanta ponderação, fica provado que são destituidas de fundamento as suas censuras, que só tem origem na inveja do que ainda possuimos sobre o Globo. Digo ainda possuimos; porque em a obra já citada, diz o autor, que nós senhoreámos toda a Costa Occidental de Africa, e quasi toda a Oriental, parte d'*Arabia* e da *Persia*, as duas Peninsulas inteiras d'aquem e d'além do Ganges, o que confeça ser devido á nossa natural intrepidez para a Navegação, e ao valor heroico, e esforço dos nossos bravos guerreiros, não escapando até as *Molucas*, e que retinindo o echo Portuguez no *Japão*, lá nos confins d'Asia, todos os Potentados daquelle antigo mundo, procuravão adquirir nossa amizade e alliança, porém que do excesso desta grandeza e poder não nos resta mais que a sombra, como premio devido (diz o autor) á nossa arrogante soberba e tirania; o que he bem contrario, pois toda a Europa sabe que a nossa decadencia foi consequencia de acontecimentos inteiramente oppostos. Este autor pelo Elogio, que nos rende, dizendo devermos as nossas conquistas ao Heroismo, mostra querer satisfazer á sua consciencia, confeçando a verdade, porém em dizer que o excesso, a que queriamos levar o nosso Imperio, e tirania, que dezejavamos exercer no resto do Globo (pois era já tal que navio de nenhuma Nação podia navegar sem nossa licença e passaporte) forão a causa da grande queda, isso he querer coincidir com a opinião da Planeta destruidor, e dos mais satellites.

Porque razão dirá o autor que das nossas con-

quistas não temos mais que a sombra ? A meu ver, julgou-se por si, pois das duas Ilhas unicas, que ainda ha pouco lhe restavão, eu fui testemunha occular da tristeza e aflicção, que causou a noticia da perda de huma, que por tanto tempo gozou do nome do seu descobridor, que fixando a sua posição pelos meios que a Arte naquelle tempo ministrava, a publicou ás Naçoens da Europa, para, quando quizessem nella formar estabelecimentos, a poderem encontrar: bem se vê que fallo do Portuguez *Mascarenhas*, cuja Ilha deste nome foi tomada ha poucos mezes, pelas armas dos nossos Alliados; acaso não somos senhores da melhor parte da Costa Oriental de Africa desde 10° de Latitude Sul, ou Fortaleza de *Cabo Delgado*, até o parallelo de 24°, ou Cabo de Correntes, onde se acha a praça e porto de *Inhambane*, formando toda esta extensão o nomeado Canal de *Mossambique*, cuja passagem he a derrota geral e a mais curta para se hir á Costa de *Malabar*, onde os Navios das Naçoens amigas encontrão hum porto seguro, e capaz de os fornecer de provisoens, e remedia-los de qualquer inconveniente, proveniente dos elementos durante a passagem do canal, e que sendo situado quasi a iguaes distancias, dos Cabos de *Boa Esperança*, e *Guardafu*, (á entrada do mar vermelho) se faz mais digno de apreço pelas naçoens amigas, que o frequentão, e cujas vantagens só ellas podem conhecer: acaso ignorará o autor, a quem devemos o nosso panegirico, que he sobre esta mesma costa que possuimos, que desagoa o famoso Rio *Ituama*, cujo nascimento se ignora, sabendo-se sómente que *Damberger* na sua famosa viagem por terra desde o *Cabo do Boa Esperança* até *Marrocos*, o atravessara em o parallelo do 20°, a menos distancia da Costa Occidental do Continente, que da Oriental; tornando-o a passar a 30 legoas mais ao Norte, donde fazendo caminho de 18 legoas, chegou a

Drosnh, Capital do Paiz de *Segeriens*. Não he na fóz deste famoso Rio que se acha a nossa praça de *Quilimane*, e sobre as suas bordas por terra dentro, e a muita distancia, os estabelecimentos *de Senna*, *Munica*, *Fette*, e suas dependencias; e que he sobre estes ultimos que os Geografos concordão em situar o monte *Ophir*, donde *Salomão* (diz a historia) mandava buscar o oiro, cuja opinião não encontra alguma outra, e até se confirma pelo mesmo metal, que se tira, e em tal quantidade, que passa por hum ramo de commercio em os nossos estabelecimentos dos Rios de *Senna*, donde chega até *Mossambique*, que junto com o *Alvoro marfim*, partem a enriquecer não só o *Indostão*, mas a *Europa*; não fallo de outros metaes, que nos serião conhecidos, se a morte não pozesse termo ás descobertas e indagaçoens do Doutor *Lacerda*, a quem S. A. R. tinha encarregado a viagem do famoso Rio de *Senna*, e cujas primeiras observaçoens se apresentarão á Sociedade Real Maritima; em fim eu desejaria perguntar a este author, ou a outro, se o pantanoso territorio de *Guyana* mereceu do seu Governo huma obra de dois volumes, para a sua discripção, e de hum Atlas com a gravura de suas plantas, arbustos, animaes, e mais producçoens da natureza; quantos volumes serião necessarios para descrever e gravar as producçoens do territorio extenso, de que venho de fallar, e daquelle que lhe fica no mesmo continente, formando a parte opposta o Reino de *Angola*, cujo famoso Porto de Loanda he Capital, e que o seu navegador *M. de Grand Prê* tanto soube avaliar, descrevendo na sua obra as producçoens naturaes de huma pequena parte, que elle teve occasião de indagar, quando em 1787 levantou o plano daquella Costa, mais para observar os nossos estabelecimentos do que para utilidade da Navegação; talvez que me respondesse, que hum folheto seria bastante para a discripção; eu então

o remetteria a lêr a obra do seu compatriota M. *Jaille*, que em 1784 e 1785 se occupou por ordem do seu Governo, a visitar o estabelecimento do Rio *Senegal*; de cujas observaçoens se publicou ha poucos annos huma discripção, acompanhada de huma Carta Geografica e do Plano da Ilha *Goréa*, na serie da qual M. *Jaille* diz que os nossos estabelecimentos do *Rio de S. Domingos* ou *Geba*, e do *Rio Grande*, são de iguaes producçoens ás do *Senegal*, porém mais superiores em territorio. Com effeito, se se considera o forte de *Caconda* a 40 legoas da fóz do Rio Grande, e aquelles que ficão para o Norte ainda de *Bissau*, e *Cacheo*; seria hum absurdo, affirmar o contrario em o tempo que M. *Jaille* escreveo; porém querendo eu ser grato ao author das viagens modernas, pelo annuncio, que faz publico, de nos restar sómente a sombra do que possuiamos, lhe quero certificar, que do seu estabelecimento de *Guyana*, dividido em 8 cantoens, sómente lhe resta a sua obra de dois volumes e, o seu Atlas de Descripção (a).

Pelo que pertence ao autor da introducção do Atlas Geografico, que traduzio, seja-me permittido dizer (em confutação ao que nos nota) que elle não tem noticia, ou quer ignorar as obras Geograficas da sua Nação. M. *de la Condamine*, hum dos encarregados da grande operação da medição do arco do Meridiano no *Perú*, conhecia e fez publico em suas obras, que os Portuguezes já em 1639 tinhão hum conhecimento Geografico dos Paizes, que banha o maior rio do Globo; pois em 1638 o General do Estado do Gram Pará, determinou huma expedição para este mesmo objecto, a qual foi entregue a *Pedro Teixeira*, sendo o primeiro que subio o grande Rio a maior longitude; este chefe de

(a) Esta obra foi escrita no tempo da tomada de Cayena.

Expedição, chegando á embocadura de hum Rio, até então desconhecido (que hoje se domina *Naps*) navegou por elle até o seu nascimento, donde continuou por terra, e em pouco tempo se achou na Cidade do *Quito*; o dito autor Geografo tambem ignora que os Portuguezes da Capital do Pará em 1743 subirão pelo Rio das Amazonas, e entrando e navegando pelo Rio Negro, chegarão a *Orinoco*, que he o rio, que divide Guyana da nova Granada, e que vai desagoar no Mar do Norte; de cujas viagens se conheceo o territorio com tantas vantagens, que hoje temos huma famosa Capitania Geral, cuja Capital, denominada *Rio Negro*, se acha a 250 legoas da Cidade do Pará, que em consequencia da Navegação, póde-se considerar toda esta extensão como se fosse huma costa de mar commerciante. Se o meu empenho fosse mostrar, que já de tempos anteriores, nós sabemos a Geographia do nosso Paiz, ainda que contra a vontade dos Francezes, eu lhes faria ver que elles se confutão em as suas mesmas obras, como quando dizem, em o seu resumo da Geographia de Guthrie, publicada em 1805, a folhas 549, relativo ás Ilhas dos Ladroens, que este Archipelago foi descoberto por *Magalhaens*, Navegador Hollandez, em razão dos Insulares lhe furtarem alguns instrumentos. He bem digno de reparo que o Author de huma tal Obra, e o seu Editor Francez ignorem a Historia Chronologica dos descobrimentos do grande mar do Sul, em pontos tão geraes, como tambem que o termo, que expressa aquelle comportamento dos Insulares, em Hollandez he *Dief*, que não tem analogia com as outras duas denominaçoens, pelas quaes se conhece aquelle grupo, isto he, *Ilhas das Velas*, ou *Marianas*; porém elle se retracta a folhas 663 da mesma Obra, que trata sobre a terra *Magalhanica*, dizendo que tomou este nome do Estreito, que a limita ao Sul, e que a denominação

13

deste deriva do Navegador *Portuguez*, que o descobrio. Porém como não devo tratar sobre objectos, em que realmente se necessita de outras luzes e principios, e me limito a fixar toda a minha aplicação sómente áquelles proprios do meu emprego na Real Armada; por tanto passo a expor as observaçoens sobre hum Plano para huma viagem de circumnavegação, não só por me servir de instrucção, a fim de que para o futuro possa ser util á minha patria, como tambem, realizando-se a expozição, se consiga formar huma litteratura original em semelhante Classe.

São muitos, e de differentes Naçoens, aquelles que tiverão a gloria de seguir as pizadas do nosso immortal *Magalhaens*, os principaes até á epoca do primeiro ensaio das taboas lunares de *Mayer*, pelo Astronomo *Maskelyne*, na viagem a *Santa Helena*, são *Mendana*, *Queiroz*, *Pasman*, *Dampier*, *Roggewein*, e *Anson*; daquella epoca até a aparição das primeiras Ephemerides; *Wallis*, *Carteret* e *Bougainville*, e depois desta feliz publicação, em que tambem *Arnold*, *Hendal*, *Mudge* e *Emery*, nos derão as suas maquinas, sob o nome de Chronometros, reduzindo-as a hum volume igual áquelle de hum relogio de algibeira, e levadas a hum grão de uniformidade na sua marcha, igual áquella das melhores pendulas de observatorio, se seguirão *Cook*, *Perouse*, *Vancouver*, *Dentre-Casteaux*: he sobre as viagens destes quatro Navegadores, que eu deduzo o meu Plano.

O objecto da primeira viagem de *Cook* era reconhecer, e fixar com toda a precizão possivel, as descobertas dos Navegadores, que ficão apontados, a que deo causa a passagem de Venus pelo disco do Sol em 1769. Este phenomeno, muito interessante á Astronomia, mereceo a attenção dos Academicos da Europa, de sorte que a Sociedade Real de Londres em 1768 apresentou ao Rei huma memoria

relativa ao phenomeno, expondo a utilidade das Observaçoens, que se poderião fazer em differentes partes do Globo, em todas as latitudes antarcticas, entre 180° e 140° de longitude occidental do seu observatorio de *Grenwick*; ajuntando na mesma que a Academia apromtaria navios para conduzir os observadores a paizes remotos, porém que não se achava em estado de fornecer com todas as despezas, de maneira que S. M. B. ordenou ao Almirantado que preparasse huma expedição para este objecto, e sendo destinado o navio *Indagador*, foi entregue ao Capitão *Cook*, que já se tinha distinguido na Marinha. O objecto das observaçoens da passagem de Venus, foi encarregado ao Astronomo *M. Green*, de sorte que, sahindo o Indagador de *Plimouth* a 26 de Agosto de 1768, chegou á Ilha de *Tayti* a 13 de Abril de 1769, onde *M. Green*, *Banks*, e *Dr. Solander* (celebre pelos seus conhecimentos de historia natural, e sobre tudo de botanica) se occuparão nos trabalhos respectivos. As observaçoens da passagem de Venus, forão feitas com todo o successo desejado, e a Europa inteira conheceo a utilidade de suas fadigas: *Cook* se occupou nas suas descobertas, seu principal objecto, e por consequencia na sua derrota da terra do Fogo para Tayti, elle a fez dirigir sempre entre as duas derrotas do navio *Delfim*, isto he entre a primeira do Commodore *Biron* e a segunda do Capitão *Wallis*, e antes que largasse ancora na dita Ilha descobrio os dois grupos, e em continuação as Ilhas da Sociedade e a Ilha de *Oheterva*; abordou á parte de Leste da nova *Zelandia*, descoberta por *Tasman*, e reconheceo parte das Costas deste vasto paiz; como tambem a parte Oriental da Nova Hollanda, ou terra *Australazia*, descobrindo o estreito, que separa esta terra da *Nova Guiné*, a que deo o nome do seu navio. Porém a descoberta de huma tal separação não foi de tanto apreço

para a Geographia e Navegação, como aquella da *Nova Zelandia*, em que já havia a probabilidade fundada em a relação de *Luiz Vaz de Torres*, hum dos da expedição de *Queiroz*, donde se deduz que *Torres* passou entre a *Nova Guiné* e *Australazia* em 1606, porém relativo ao reconhecimento da Nova Zelandia, *Cook* deo aos Geographos duas Ilhas em lugar de huma, que *Tasman* nos deo em 1642, e aos Navegadores hum Canal quasi a meia extensão desta grande terra, diminuindo com esta descoberta o trabalho de se hir a tanta altura para a dobrar, o qual para perpetuar o nome deste grande homem, se denomina Estreito de *Cook*.

Porém como depois desta viagem a opinião do continente Austral existia, e fixava a attenção da maior parte dos Maritimos, e os Geographos fallavão della sem cessar, S. M. B. determinou huma segunda expedição, que foi entregue, como a primeira, ao Capitão Cook, sendo o principal fim deste navegador o indagar, de huma maneira certa, a existencia ou quimera do continente austral; os dois navios *Resolução* e *Aventura* sahirão em Julho de 1772 e, depois de huma digressão de tres annos e 18 dias, *Cook* se recolheo, tendo feito a roda do Globo no hemispherio austral sobre as latitudes mais elevadas, sem que nada encontrasse; porém eu exporei mais adiante as razoens, que impossibilitarão a *Cook* de mudar a resolução de não penetrar huma segunda vez para dentro do circulo Polar, como elle tinha projectado, e juntamente a opinião deste celebre navegador a respeito de tal continente.

Relativo á sua terceira viagem para que foi nomeado em 1776, tinha por principaes instrucçoens, o reconhecimento das partes Occidentaes do mar pacifico Boreal, e procurar huma passagem ao Noroeste, entre os continentes d'*Asia* e *America*; o que tudo realisou, e demais, no seu regresso des-

cobrio as Ilhas de *Sandwick*, onde infelizmente acabou os seus dias.

Perouse, que se lhe seguio, teve por objecto, não a pesquiza do continente Polar Antarctico, nem táo pouco o pertender passar o estreito de *Behring*, afim de penetrar para a vante dos Cabos *Glacial*, e *do Norte*, pois o que *Cook* não pode obter com a sua constancia em 18 e 29 de Agosto de 1778, e 18 de Julho de 1779, prova que seria imprudencia teimar em hum tal passo: o resultado da commissão do infeliz *Perouse* era fixar as posiçoens, de hum modo exacto, de todas as Ilhas e terras do grande mar do Sul; não só as descobertas pelos navegadores apontados, como assegurar-se das que ultimamente *Surville* descobrio e reconheceo; visitando em continuação todas as partes, que *Cook* não pôde reconhecer, principalmente aquella parte da Costa NO da America, de *Monte Rey* até o *Monte de S. Elias*, e os Portos *dos Remedios* e *Bulareli*, descobertos pelos *Hespanhoes* em 1775. Este homem, que reunia aos seus grandes conhecimentos todas aquellas qualidades de hum bom Cidadão, teve a infelicidade, na serie das suas indagaçoens, de se nos separar até o dia de hoje, sem sabermos o modo e o como; cuja perda bem se póde avaliar, pelo augmento, que recebeo a navegação, e a geographia, e historia natural, sómente com o que este mal afortunado mandou do Porto de *Avaticha* na peninsula de *Kamtschatka* na *Tartaria*, cujos despachos forão entregues ao Consul *M. Lesseps*, que partindo, desta parte mais Oriental d'Asia em 7 de Outubro de 1787, chegou a Petersburgo a 22 de Setembro de 1788. Esta famosa viagem por terra, que fez *M. Lesseps*, foi ha pouco publicada por elle mesmo, com todas as observaçoens proprias do seo talento, e genio, além de duas Cartas Geograficas, em que estão traçadas as suas jornadas em hum ponto intelligivel, de sorte que, até *Perouse*

com a escolha do seu emissario, illustrou os pontos geograficos de huma grande parte da *Siberia.*

Parece que, depois das viagens de *Cook* e *Perouse*, ficava destruida a opinião favorita da existencia de huma passagem á costa do NO da America pela Bahia de *Hundson*, porém ao contrario tomou nova força; isto he, as especulaçoens, que então principiarão, destinadas a formar relaçoens commerciaes entre a China, e a dita Costa, erão onde se dirigião os homens dados áquelle genero de negocio: mas estes navios desprovidos de instrumentos Nauticos, e Astronomicos, não tendo outras vista senão o objecto, em que se empregavão, não podião dar informaçoens geographicas; com tudo o resultado de algumas relaçoens, que estes aventureiros publicarão, a pezar de se contradizerem, estavão todos de acordo para traçarem de novo (aquelle espaço, que se acha nas cartas de *Cook* com Ilhas mui extensas) huma costa extremamente cortada por numerosas entradas, representando por este modo a costa NO da America, formando aberturas pelas agoas do Oceano Pacifico, dando lugar a mais de huma hypothese.

O *Archipelago de S. Lazaro*, cuja existencia se apoiava sobre a authoridade do Almirante Hespanhol *Fuentes*, servio para mais sustentar a opinião, como tambem aquelles estreitos, em que se suppunha ter navegado *João da Fuca*; em fim para se decidir este pronto geografico, S. M. B. fez armar o navio *Descoberta* e o brigue *Chatam*, entregando o commando ao Capitão *Vancouver*, a fim de reconhecer a Costa do NO da America, que banha o Oceano Pacifico Boreal, desde 30° de latitude N até o parallelo de 60° Septentrional; assegurando-se, com a mais grande exacção, da natureza, e extensão de toda e qualquer communicação por agoa, que podesse facilitar relaçoens commerciaes entre esta costa, e os paizes situados ao outro lado do mesmo

continente, de sorte que sahindo *Vancouver* para esta importante expedição em Abril de 1791, recolheo-se em 1795; e pelos seus preciosos trabalhos, provou fundamentalmente que entre os parallelos Arcticos de 30 e 56°, não existe nenhuma communicação navegavel, entre o mar Pacifico e o Oceano Atlantico, nem tão pouco com algum lago, ou rio inteirior do Continente da America Septentrional; em quanto as antigas descobertas de *Fuca* não são apoiadas mais, que em huma simples tradição. Tal foi o resultado da viagem deste 2.° navegador depois de *Cook*.

Pelo que respeita ao do 3°, apezar de não ser de circumnavegação, deve entrar neste numero o Contra-Almirante *Dentrecasteaux*, que sahio da Europa pelo mesmo tempo que *Vancouver*, e teve por principaes instrucçoens, o procurar *Perouse*, e seus tristes companheiros pelas derrotas que este infortunado deveria seguir á sua sahida da Bahia Botanica, visitando todas as costas, que elle diz na sua ultima carta premeditava reconhecer; em fim *Dentrecasteaux* sahio da Europa em Setembro de 1791, porém a sua exploração infelizmente foi em vão em quanto o primeiro objecto da commissão, mas, pelo que pertence aos trabalhos scientificos, o resultado foi de summa importancia para a navegação. Entre as suas descobertas e reconhecimentos, de que se formou hum grande Atlas, se notão as indagaçoens feitas na parte do Sul da grande Ilha denominada terra de *Van-Diemen*, na qual se descobrio hum canal cheio de famosos portos, que conduz os navios a sahir ao outro lado, cuja sahida ou entrada ao Sul, he o que *Tasman* nomeou bahia das tempestades; os planos desta terra, que eu deduzi do grande Atlas de *Dentrecasteaux*, me fez admirar mais a sua situação no Globo, que o deliniado abrigo e segurança dos seus Portos, pois separados, por assim dizer, do resto do Universo,

e postas ás extremidades do mundo, se podem considerar, como querendo perfeitamente fecha-lo.

Tendo pois apontado as rasoens das viagens seguidas dos quatro celebres navegadores do nosso tempos, eu passo a mostrar, que cada hum delles alternativamente descobrio novas Ilhas, baixos, recifes, e determinou outros pontos dos antigos; sendo as innovaçoens em todos distintas entre si, pois deste modo se manifesta a necessidade, que temos de fazer huma igual viagem.

Póde-se pensar, e com rasão, que depois das tres viagens de *Cook*, em que este habil navegador determinou, por assim dizer, a extensão do Mundo antigo e moderno, humas vezes entrando no grande mar do Sul, pela porta de *Magalhaens*, e outras hindo ao mesmo mar, dobrando a de *Gama*, chegando a estender por estas duas vias, tão famosas como antigas, os limites navegaveis na direcção dos Polos, torno a repetir, talvez se pense, que de tão feliz conseguimento a Geographia tinha adquerido o maior grão de perfeição e por consequencia nada mais se ignore, porém a illusão cessará, quando se reflectir que os Geographos jazerão em trevas impenetraveis por muito tempo, ainda depois de *Cook*, sobre as partes do Globo com o nome de *Jesso* e *Oku-Jesso*, cuja posição, além de ser variavel, era tambem a sua existencia fabulosa, no conceito de alguns Geographos.

Em 1650 *Sanson*, na sua carta, representa a *Coréa* como Ilha; e *Jesso* e *Ohu-Jesso* e *Kamtschatk* não existindo, e o estreito de *Amian* separado de Azia, e tambem da America.

Em 1700 *Lisle*, ajuntou *Jesso* e *Oku-Jesso*, e o prolongou até o estreito de *Sangar*, sobre o nome de terra de *Jesso*.

Em 1770 *Desnos*, recuou mais a sciencia da Geographia, pela sua carta, bem inferior áquella que elle tinha publicado em 1761.

Vaugondy, em 1775, reprezenta em sua carta, esta parte de Asia, conforme as precedentes, de maneira que a carta geral deduzida das descobertas de *Cook*, nos mostra a terra de *Jesso*, desenhada com tres Ilhas, em que as duas mais do Norte, estavão lançadas de Leste Oeste na sua maior extenção, não passando o seu Parallelo mais septentrional de 44° 30'; e a Ilha de *Sagalim*, situada á entrada do mar de *Okotsk*, formando hum canal de 10 legoas com a terra adiante do Rio de *Amur*, deixando por este modo hum espaço de mar livre, de 8 grãos em latitude, tudo diametralmente opposto ao que hoje sabemos; de sorte que *Biron* em 1784, *Lisle* e *Buacke* em 1788, successivamente copiarão, e reproduzirão os mesmos erros, e que sómente á constancia e zelo de *Perouse*, he que os Geographos devem os conhecimentos, que fixarão suas incertezas, os quaes por prova de reconhecimento, concordarão todos em assignalar, nas suas cartas, a nova passagem, que divide o *Jesso*, com a denominação de Estreito de *Perouse*; respectivo á Navegação vemos que este infortunado, nos descobrio Ilhas e escolhos em parages de derrota, e proximo ao Archipelago de *Sandwich*, de que *Cook* não teve noticia, não obstante ter descoberto este grupo em a sua 3.ª viagem, pois a 100 legoas para o NO fica a Ilha, que foi nomeada *Necker*, e a 23 legoas mais para Oest as rochas e recifes, em que *Perouse* se hia perdendo, e em consequencia nomeou a este escolho baixo das Fragatas; tanto na relação das suas viagens, como sobre o seu Altas: o Banco a meio canal entre a Ilha formoza e a costa da China, e huma Ilha a 20 legoas da costa Oriental de *Coréa*, que se dominou *Dagelet*, tambem nos era desconhecida antes da viagem deste Navegador, como outros muitos, que elle nos fez conhecer.

Vancouver, que se lhe seguio, póde-se dizer que

descobrio huma costa de 30° de extensão, pois o sabermos que esta existia, e ao mesmo tempo ignorando a natureza do terreno, os seus Portos, Bahias, principalmente depois do Porto de *Noutka* ou de *Rey George* para o Norte, valia o mesmo conceito que huma terra incognita; mas prescindindo de grande parte do seu Atlas, que nos mostra em bons Planos, não só a linha geral da costa, mas tambem a extensão, direcção, e limite, de todas as entradas produzidas por braços de mar, que por tanto tempo servirão de apoio ás probabilidades formadas sobre a communicação com a Bahia de *Hudson*, como já fica referido; elle nos fez conhecer, entre outras descobertas, hum grupo de Ilhas, tambem em parage de derrota a poucas legoas das *Marquezas*, a que *Vancouver* nomeou Ilhas de *Hergest*, para perpetuar a memoria do seu companheiro de viagem, que foi atreiçoadamente morto pelos Selvagens de *Sandwich*. Este novo grupo, apezar da sua proximidade ao das *Marquezas*, não foi conhecido de *Mendana*, que descobrio estas ultimas em a sua segunda viagem em 1595, nem tão pouco o Capitão *Cook*, que as visitou, nos deo a menor idéa de semelhantes Ilhas.

Dentrecasteaux, que rodeou duas vezes a *Australazia* e a *Nova Guiné*, com os seus Archipelagos adjacentes, entrando a primeira vez, pelo canal de S. Jorge, e a segunda pelo estreito de *Dampier* da nova Bretanha, nos descobrio ao Sul da *Australazia* hum grande numero de pequenas Ilhas, e baixos, que elle nomeou *Archipelago da Pesquiza*, e para Leste da *Abra de Balada* na nova *Caledonia*, a distancia de 35 legoas, tres pequenas Ilhas cercadas de recifes, que elle nomeou Ilhas de *Beaupré*, e na travessa da nova Zelandia para o Archipelago dos amigos, e quazi a meia distancia, mais quatro, a que deu o nome de Ilhas *Hermades*, além outros reconhecimentos e innovaçoens,

feitas sobre a terra de *Van-Diemen*, e mais Archipelagos, que visitou.

Logo, se estes Navegadores acharão sempre occasioens, de serem uteis á humanidade pelas suas descobertas, he de esperar que fazendo nós huma expedição, semelhante áquellas, com que já em outro tempo fixámos o grande circulo, adquiriremos huma tal gloria, principiando outro de novo, e com esta esperança, eu passo a notar aquellas partes do Globo já descobertas, que necessitão de hum reconhecimento mais exacto para illustrar de huma vez as noticias confusas, que nos restão dos seus antigos descobrimentos.

Fim da Primeira Parte.

ARTES.

Continuação da descripção do Alambique n.° 2 p. 99 deste periodico, e construcção de huma fornalha pertencente ao mesmo Alambique. Por Gaspar Marques.

NA primeira discripção faltou demonstrar o encadeamento horizontal das cadeias pegadas á cruzeta 4 4 (fig. 2 do mesmo n.°) por não caber nas duas estampas, que então se publicarão; por tanto as descrevo para total intelligencia da sua construcção, e dos differentes sentidos, em que as ditas trabalhão.

Na fig. 3 deste n.° se vê a posição das cadêas, que passão de huns braços da cruzeta *a c* aos outros *d b*, prendendo em roda desta cruzeta as 4 series de cadêas nos ganchos 3. 3. 3. 3., que tambem suspendem as que tocão verticalmente no fundo do

Alambique (fig. 2. n.º 2). Logo que as primeiras cadeias fig. 3 sejão postas em rotação, agitarão o liquido em differentes direcçoens, e mudarão rapidamente a superficie delle pelos raios, que ao diante descrevem, donde resultará grande augmento de evaporação, que accelera a distillação, como disse no mesmo numero.

As fig. 4, 5, 6, 7, são humas secçoens da fornalha, que regularmente fornece no fundo, e em roda do alambique, hum fogò permanente, sem que a chamma tenha algum outro desvio: *a*, *a*, (fig. 4, he o corpo do alambique collocado sobre as paredes *b*, *b*, , e pilares *c*, *d*, da fornalha, (fig. 5.) revestido de parede de tijolo em roda de todo elle: desde aborda *c*, do fundo do Alambique até cima *h*, perto da valvula, *x*, (fig.ª 1.ª n.º 2.) como no mesmo n.º recomendei. Servem estes pilares *c*, *d*, de apoio ao alambique, e de retardar algum tanto a chamma na alcova *f*, *g*, retrogradando dalli a maior porção de calorico; por tanto se precizará de menor quantidade de combustivel, para huma dada distilação.

l, *l*, (fig. 4, 5, 6) são as differentes secçoens das grelhas feitas de ferro fundido, ou batido, fixas nas paredes da fornalha, e do tamanho, que der o petipé, que nesta estampa marquei, o qual serve só para as dimensoens destas fornalhas.

MN Cinzeiro, e caixa de ar.

o, *o*, Taboas, que tapão a caixa de ar, para que se possa andar sobre a dita, quando se forneçe a fornalha com o combustivel necessario.

P valvula para regular o tirante de ar, quando se queira obter mais ou menos fogo na fornalha, e reter maior porção de calórico, o que não aconteceria, sendo o tirante de ar regulado por porta no cinzeiro M, como em algumas fornalhas se usa. Esta valvula he aberta, mais ou menos, pelo cordel *q*, no qual se fazem dois laços para se pren-

der no prègo *r* da chaminé *i i*, o superior serve, posto no emprego *r*, de abrir totalmente a valvula P, afim de se obter toda a corrente de ar, e o inferior huma corrente media para haver mais ou menos fogo, segundo a effervescencia, que se requer no alambique. Deixando cahir a valvula para fechar o orificio da chaminé, se obtem o abatimento da chamma e amortecimento do fogo.

s s he hum quadrado de ferro do tamanho da grossura e largura da chaminé *e i*, no qual he rebatido e bem cravado o apoio *t*, em que se move a alavanca da valvula P, ficando o dito quadrado, e o apoio firme no interior das paredes com o pezo de tijolo da continuação da dita chaminé.

u u Fig. 5, e 6 he huma tapadeira feita de chapa de ferro grosso, que serve de evitar a communicação do fogo immediato ao fundo do alambique, quando se estiver para acabar a alambicada, ou quando aconteça haver alguma effervescencia mais forte do que se preciza, se abre, ou fexa-se, puchando a dita tapadeira dentro, ou fóra da fornalha.

Esta tapadeira corre entre as duas corrediças de ferro *z z*, *z z*, fixas nas paredes *b b*, (fig. 4, e fig. 5) por meio dos pontoens de ferro *yy*, *yy*, nascidos das mesmas corrediças.

Estas corrediças sahem fóra da fornalha para melhor apoio da tapadeira, e são apoiadas por dois varoens de ferro *U* embebidos no cinzeiro (Fig. 6. e fig. 7).

Fig. 7 he o corpo exterior da fornalha mostrada com a sua porta *x*, por onde se fornece o combustivel, e he movel em duas machas-femeas, pafuzadas no caxilho de ferro, que fórma a boca da mesma fornalha e corrediças *zz*, *zz*, fixas nas paredes da dita fornalha.

LITTERATURA.

Aos felicissimos annos da Serenissima Senhora D. CARLOTA JOAQUINA, Princeza do Brazil.

Rio de Janeiro 25 de Abril de 1812.

Imitação da Ode XII. *do L.* 1. *de Horácio.*

EPIGRAPHE.

Mas eu, que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado,
Da boca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado.

Camoens C. X.

ODE.

ENcosto ao peito a lira sonorosa,
Que ao cantor Venusino Febo empresta,
Em divino furor accesa a mente,
As aureas cordas firo.

Do Rei dos Numes canto a Esposa e Filha,
A quem respeita o Erebo, e o pego immenso;
Minerva, das sciencias creadora,
Sacros hymnos merece.

Da bella Cytherea canto as graças,
Que em chammas immortaes o Olympo accendem,
Louvo a triforme Deusa, que nos bosques
Actéon enamora.

Deixo da fabula os sonhados Numes,
E encaro entre os mortaes mortaes mais dignos,
Semiramis, Elissas, Sophonisbas,
Tamiris, Arrias, Porcias.

Dos Seculos rompendo a espessa nuvem,
As Izabeis recordo, as Catharinas,
O Ebro e Thames vejo reverentes,
E o Volga celebrado.

Eis o horisonte assoma luz mais clara,
Hum astro mais brilhante se levanta,
E o esplendor, que diffunde, embaça, eclipsa
As estrellas menores.

Com passo de Gigante já se eleva,
Já se apressa ao Zenith, fulgidos raios,
Hum e outro hemisferio allumiando,
Os dois pólos aquentão.

Os fidos Lusitanos venturosos
Menos amou a filha de Dióne,
Quando abrio do Oriente as roseas portas,
A despeito de Baccho.

Em quanto Alecto queima, abraza, estraga
Da Europa desgraçada a melhor parte,
E o Solio dos Affonsos e Fernandos
Abala o voraz monstro.

A nova Astréa sobe ao cinto ardente,
Que transpoz Phaetonte, ignaro, e insano;
Das setas de Chiron, segura e firme,
Não teme o fatal damno.

D'alli vê com prazer Hispanos, Lusos,
Unidos, quaes outr'ora no Salado,
Destroçar as phalanges attrevidas
Nos campos de Albuhera.

O nome de JOÃO seu braço alenta,
As fadigas suaves, doce a morte
Se entolhão aos guerreiros destemidos,
Que tem por fito a gloria.

Da lealdade a voz não suffocada
Aos golpes de Bellona, e da perfidia,
O nome augusto de CARLOTA, invoca,
E os perigos investe.

Mas onde vôa o estro presumido?
De Thebas o cantor fora mesquinho,
Se em nobre assumpto as forças ensaiando
D'Orpheu vencera a lyra.

Penetrar coraçoens se he dado aos Numes,
Singela producção de hum genio escasso,
He mais grata oblação, he dom mais puro
Do que cançoens sublimes.

M. F. A. G.

Epigramma tirado do Grego.

COM o famoso Heitor cahio rendida
Troia soberba a cinzas reduzida:
De Alexandre, a quem muda a terra admira
Com a morte de Pela a gloria expira.
Que não da Patria aos homens se derrama,
Mas dos homens á Patria, immortal fama.

Outro tirado de Palladio.

DUAS pombas no casco de hum Soldado
O seu ninho fizerão dezejado.
Bem mostra a bella Venus nesta parte
O quanto amiga foi sempre de Marte.

Diniz.

O D E.

Est mollis flamma medullas.
Virg.

QUE fogo abrazador meu peito inflamma,
E as faces incendêa!
Roe as entranhas solapada chamma:
Salta de vêa em vêa
Em giro impetuoso o sangue ardente,
E o coração o incendio estranho sente.

Tu, ó debil farol, e só brilhante,
Se a paixão adormece,
De espesso fumo nuvem crepitante
Teu clarão escurece:
O teu soccorro imploro, acode, acode,
Se o teu imperio contra Venus póde.

Nome fatal, no Coração guardado,
Que dos labios não fio
D'esse objecto sublime, que adorado
Causa o meu desvario:
Nenhum mortal pretenda adivinhar-te,
Se em meus tormentos não quizer ter parte.

Amor sem esperança!.. (oh! que tormento!)
Eu sinto os teus furores.
E não póde alcançar o pensamento
A idéa de favores!
Deuses crueis, se a vossa furia he tanta,
Como a vós o mortal as mãos levanta?

Para que liberal, ó Natureza
Lhe deste dotes tantos!
Ajuntando talentos á belleza
Mais valentes encantos!
Se á minha alma devias dar dezejo,
A gloria desses, porque louco adejo.

Mas viver em suspiros afogado,
Sem soltar hum suspiro!
Sem discurso, perdido, perturbado,
Esconder que deliro!
Não podem teus tormentos, ó Inferno
Igualar o que sente hum peito terno.

Cruel destino! . . e devo em fragoa ardente
Extremoso adora-la!
E teu barbaro furor não me consente
Que eu espere alcança-la!
Deverei vê-la em braços mais ditosos . . .
Primeiro, abismos, me tragai piedosos.

Tu, que envenenas meus afflictos dias,
O' Numen adorado,
Que felices tornar só tu podias,
A despeito do Fado;
Se amor não sentes no mimoso peito,
Eu sei que a condoer-se elle he affeito.

Ah! volve huma só vez olhos brilhantes,
Em ternura banhados:
E sejão meus suspiros incessantes
No teu peito guardados:
De tua compaixão hum só momento
Seculos mil apagão de tormento.

A LIBERDADE A NIZE.

Traduzida de Metastasio por Alexandre de Gusmão.

BEM hajão os teus enganos,
Já respiro socegado,
Já o Ceo a hum desgraçado
Compassivo se mostrou.

As cadêas, que a prendião,
Sacodio minha alma fora,
Eu não sonho, Nize, agora,
Não sonho, que livre estou.

Acabou-se o ardor antigo,
Tenho o peito socegado;
Nem para fingir-me irado
Acha Amor em mim paixão.

Se o teu nome escuto, o rosto
Não se córa n'esse instante:
Quando vejo o teu semblante,
Não me bate o Coração.

Sonho sim, mas não te vejo
Em sonhos huma só vez;
Eu desperto, e já não és
Quem logo dezejo ver.

Quando estou de ti auzente,
Já por ver-te não suspiro;
Se te encontro, não deliro,
De disgosto, ou de prazer.

Dà tua belleza fallo,
Não me sinto enternecido;
Considero-me offendido,
E ja me não sei irar.

Bem que estejas de mim junto,
Ninguem me vê perturbado;
Co'o meu rival ao teu lado
Bem posso de ti fallar.

Mostra-me severo o rosto,
Falla-me com doce agrado;
He o teu rigor baldado,
He o teu favor em vão.

Tuas vozes já não tem
Sobre mim a força usada ;
Teus olhos errão a estrada ,
Que me vai ao coração.

Se me vejo alegre ou triste ,
Se inquieto , ou socegado ,
Já não he por ti causado ,
Não o devo ao teu favor.

Sem ti me agrada a campina ,
Verde selva , ou fonte pura ,
A caverna , a brenha escura ,
Com tigo me causa horror.

Olha como eu sou sincero ,
Ainda te julgo bella ,
Mas já não te acho aquella
Que não tem comparação.

Não te offenda esta verdade :
Nesse teu rosto perfeito ,
Descubro hoje algum defeito ,
Que julguei belleza então.

Quando quebrei as cadêas ,
Confesso a fraqueza minha ,
Julguei que jámais não tinha
Hum instante que viver.

Mas para fugir de penas
Para opprimido não ver-se ,
Para a si proprio vencer-se ,
Tudo se deve soffrer.

Em o visco , em que se enlaça ,
O passarinho innocente ,
Deixa as pennas , mas contente ,
Vai liberto da prisão.

Mas depois que em breve espaço
Se renovão as penninhas ,
Canta em roda das varinhas
Brinca em outra occasião.

Eu sei que extincto não julgas
O voraz incendio antigo ;
Porque a todo o instante o digo ,
Porque não o sei callar.

Natural instinto , ó Nize ,
A que falle me convida ,
Porque da passada lida
Costuma qualquer fallar.

Seus perigos o Soldado
Depois da batalha conta ,
E para os sinaes aponta
Das feridas , que apanhou.

O cativo , que nos ferros
Entre trabalhos gemia ,
Mostra cheio de alegria
As cadêas , que arrastou.

Fallo , e só por desabafo
Do meu gosto me entretenho :
Fallo , porém não me empenho
Em saber se fé me dás.

Fallo , porém não procuro
Se a minha expressão te agrada
Ou se ficas socegada ,
Quando em mim fallando estás.

Eu desprezo huma inconstante ,
Tu hum peito verdadeiro ;
Eu não sei de nós primeiro
Quem se ha de consolar.

Sei, que, Nize, achar não pódes
Outro tão fiel amante,
Como tu, outra inconstante,
He mui facil de encontrar.

Soneto do Doutor Ignacio José de Alvarenga.

POr mais que os alvos cornos curve a Lua,
Roubando as luzes ao Author do dia,
Por mais que Thetis na morada fria
Ostente a pompa da belleza sua.

Por mais que a linda Cytherea nua
Nos mostre o premio da gentil porfia,
Entra no campo, tu, bella Maria,
Entra no campo, que a victoria he tua.

Verás a Cynthia protestar o engano,
Verás Thetis sumir-se envergonhada
Para as humidas grutas do Oceano.

Verás ceder-te o pomo namorada,
E, sem Troia sentir o ultimo damno,
Verás de Juno a colera vingada.

GEOGRAFIA.

Descripção Geografica da Capitania de Mato Grosso.

A Capitania de Mato Grosso, a mais Occidental do Brazil, comprehende hum vasto terreno, situado no centro da America Meridional, cuja superficie equivale proximamente a 480 legoas quadradas. Pelo Norte confina com as duas Capitanias do Rio Negro, e do Grão-Pará, pelo S e E com as de Goiaz, e de S. Paulo; e pelo Occidente com o Perú, que por este lado se limita com os tres Governos Hespanhoes, do Paraguay, de Chiquitos, e de Moxos. O Paraguay, commum na sua parte media a ambas as Naçoens confinantes, juntamente com grande parte dos rios Guaporé, Mamoré, e Madeira, fórmão a raia dos dous Estados, ficando a Capitania de Mato Grosso naturalmente cingida por hum largo e extenso fosso de 500 leguas de ambito, que a separa e defende dos Dominios Hespanhoes; por meio do qual, e do grande numero de rios, que desaguão nos quatro que o fórmão, se póde penetrar para muitos e distantes pontos do interior do Brazil, e até chegar ao centro dos ricos estabelecimentos do populoso Perú.

Por este breve esboço da situação desta Capitania se reconhece logo a sua grande importancia, não só porque a natureza a fez hum propugnaculo do Brazil, por cobrir as Capitanias interiores desta vasta porção do Novo Mundo, mas porque nella tem origem os seus maiores rios, em numerosos braços, que por ventura em si encerrão grandes, e ainda não tocados thesouros.

Duzentas legoas em distancia de Villa Bella, fórma o termo mais Oriental desta Capitania o Rio Grande, conhecido no Estado do Pará pelo nome de Araguaya, que lhe dão as muitas e valentes

Naçoens, que habitão as suas ribeiras, ferteis em todos os effeitos, que fazem a privativa riqueza do Pará. Este rio tem as suas mais remotas fontes pela latitude de 19° (a), e correndo de S a N, cortado em varios pontos pelo meridiano de 325°, conflue pela latitude de 6° com o Tocantins, onde perde o nome, formando ambos hum grande e caudoloso canal, que com 370 leguas de curso, vai engrandecer pelo latitude de 1° 40' com 5 legoas de foz, a boca Austral do maximo Amazonas, entre as duas famosas bahias de Morapaté, e do Limoeiro, fronteiras á grande Ilha de Joanes, ou Marajó, 20 leguas a O da Cidade do Pará.

O Rio das Mortes, que existe todo na Capitania de Mato Grosso, tem as suas mais distantes vertentes muito a O das fontes do precedente, que elle vai engrossar pela latitude de 12°, com 150 leguas de curso, que por grande espaço dirige a E, e depois ao N.

Pelo Araguay se póde, por huma não interrompida navegação, penetrar desde a Cidade do Pará até ao centro do Brazil, e á Capitania de Mato Grosso; o que tambem póde effeituar-se pelo Rio das Mortes, e por outros Occidentaes braços, que o Rio Grande em si recebe mais inferiormente, os quaes não deixaráõ de occultar em seu seio inda não vistas minas, não havendo rasão alguma para que ellas se achem nos rios, que entrão no Araguay pelo Oriente, em que além de que em Villa Boa existem outros arrayaes da Capitania de Goiaz, e se não encontrem semelhantemente nos braços, que lhe vem pela margem opposta. O rio das Mortes

(a) Todas as latitudes, de que se faz menção; são Austraes, e as longitudes são contadas do Meridiano do Ferro, suppondo-o 20° ao O do Meridiano de París. As leguas são de 20 ao grão do Equador.

he aurifero, em hum seu braço Ocidental existem as minas dos Araies, ha pouco abandonadas, não por deixarem de ser copiosas, mas por ficarem muito distantes da estrada geral, no centro de hum infestado e perigoso sertão, o que difficultava a poucos moradores a acquisição das ferramentas, e utensilios necessarios para minerar, e agricultar as terras, bem como a de outros generos indispensaveis para a manutenção da existencia; defeito ordinario dos estabelecimentos com pouca população, e força, que não podendo chamar a si o commercio, succede logo que os generos da primeira necessidade sobem a hum preço exorbitante, e estas debeis fundaçoens, passando do estado precario ao da decadencia, acabão pelo abandono total. O ouro de algumas partes destas minas he de 23 quilates; mas pela maior parte he de 17, e de côr verde, como o que os Francezes empregão enlaçadamente nas suas obras e douraduras, e para este fim he buscado na Bahia, e pago além do seu valor.

O Rio Chingú, o mais cristalino, e hum dos caudaes braços do Amazonas, entra com 300 leguas de extensão na margem Meridional deste ultimo, pela latitude de 1° 42', e longitude de 325° 54', 70 leguas em linha recta a O da Cidade do Pará, porém 100 leguas, segundo a derrota da ordinaria navegação. Este rio tem grande parte do seu vasto corpo na Capitania de Mato Grosso, e as suas distantes origens abração assim os terrenos de que igualmente nascem os braços que por E e N fórmão a parte superior do Rio Cuiabá, mas tambem o largo espaço, que fica ao N do Rio das Mortes, e que a estrada de Goiaz vem cortando até as fontes do Rio de S. Lourenço, vulgarmente dos Porrudos. He tradição constante entre os praticos dos sertoens do Pará, e Indios aldeados nas povoaçoens do Rio Chingú, que vencidas as suas primeiras e maiores catadupas, se tem achado

neste rio copiosa quantidade de ouro, e que os
Jesuitas, ávidos esquadrinhadores deste agente uni-
versal, daqui extrahirão muito. A famosa e primeira
descuberta de Bartholomeu Boeno, chamada dos
Martirios, ha toda a probabilidade de que só possa
existir sobre algum dos muitos braços, que fórmão
o todo deste rio. Este celebre Sertanejo, havendo
descuberto aquellas minas, achou por extremo ricas,
voltou a S. Paulo a fim de se reforçar com mais
gente, e de se munir dos utensilios necessarios,
para com mais força povoar aquelle sitio, e extra-
hir as riquezas, que alli vira; mas passando na sua
derrota proximo ás minas de Cuiabá, que então se
descubrirão, e trabalhavão com grande fama de
proveito, lhe desertou grande parte da gente da sua
bandeira, e temendo que o mesmo fizesse o resto,
mudou de rumo inclinando-se para o Oriente; e
affastando-se assim consideravelmente das minas do
Cuiabá, e das dos Martirios, que buscava, se per-
deu naquelles vastissimos sertoens, por onde vagou
muitos mezes, até que achou casualmente as minas
de Goiaz, já vistas por seu Pai, e que, como to-
das as mais, forão riquissimas nos seus principios.
Esta rica e nova descoberta, e a delonga do
tempo fez perder até hoje a vereda, e o verdadeiro
lugar dos Martirios, de que sómente existe a vaga
tradição, que o situa em hum rio, que corre para
o Amazonas, e que se procura passando proximo
dos braços superiores e de E do Rio Cuiabá, collo-
cação em que só existe o Chingú; e posto que
outros roteiros o situem no Araguaya, hum facto
mais recente nos confirma em a nossa opinião. Hum
neto de Bartholomeu Boeno, guiado por hum anti-
go diario deste descoberto, desceu pelo Rio das
Mortes, até entestarem na sua margem Ocidental
humas vastas campinas, que atravessou por alguns
dias a O; e chegando a huma planicie coberta de
Mangabeiras brancas (sinal indicado), daqui obser-

vou entre N e O huns destacados e altos montes,
de que tres erão da configuração procurada, entre
os quaes devião ficar aquellas minas; porém hum
subito ataque do gentio, em que pereceu o Chefe,
e algumas pessoas mais, dissipou esta bandeira,
frustrando o intento, que já se suppunha consegui-
do. Este lugar parece só póde existir no Rio Chin-
gú abundante em muitos effeitos, principalmente em
Cacáo, Cravo, e Paxiri.

O terceiro rio, que tem as suas soberbas fon-
tes em multiplicadas e grandes ramificaçoens na Ca-
pitania de Mato Grosso, he o Tapajos, o qual
correndo ao N entre os Rios Madeira, e Chingú,
vai com 300 leguas de extensão confluir no Ama-
zonas pela latitude de 2° 24′ 50″, e longitude de
323°, 13′, posição geografica da Villa de Santa-
rem na boca deste grande rio, 118 leguas em dis-
tancia da Cidade do Pará, e 162 segundo a nave-
gação mais seguida. Nasce o Rio Tapajos nos fa-
mosos campos dos Parecis, assim chamados pela
Nação dos Indios, que os habitavão. Estes campos
comprehendem huma extensa superficie não plana,
mas sim formada por altas e prolongadas medas,
ou comoros de arêa, ou de terra solta, que apre-
sentão huma semelhança do mar cavado: o expe-
ctador no meio delles vê sempre em frente hum
distante e prolongado monte; encaminha-se a elle,
descendo hum suave e largo declivio; e atravessan-
do huma varzea passa a subir outra escarpa igual-
mente doce, até se achar sem lhe parecer que su-
bira, no cume que havia observado: então se lhe
offerece logo á vista outra altura, a que chega com
a mesma insensibilidade. Todo este terreno he are-
noso, e de tal modo fofo, que as bestas de car-
ga enterrão nelle as mãos e pés hum e dois pal-
mos; por isso os seus pastos são insufficientes, con-
sistindo a sua relva em humas pequenas hasteas de
dous palmos, ou pouco mais de alto, revestidas de

pequenas folhas ásperas e espinhosas, a que chamão ponta de lanceta, que os animaes arrancão juntamente com as raizes envolvidas em arêa, o que lhes embota os dentes; circunstancia, que difficulta o transito destes campos; todavia procurando alguma das muitas vertentes, que nelles a cada passo nascem, se encontra algum taquari, e outras folhas macias, que lhes servem de sofrivel pacigo. Os campos dos Parecis estão situados no terreno mais elevado de todo o Brazil, e terminão a O no cume das serras do mesmo nome, as quaes prolongando huma alta escarpa, ou face, na direcção de NNO de 200 leguas de extensão, formão soberbas serranias, que olhão para O, parallelas ao Guaporé, e delle distantes de 15 a 25 legoas.

Nestes campos tem as suas remotas origens os dous maiores rios da America Meridional, quaes são o Paraguay nas suas proprias e multiplicadas cabeceiras, e nos seus grandes e mais superiores braços, Jauru, Sipotuba, e Cuiabá; e o grande Madeira, o maior confluente da margem Austral do Amazonas, no seu grande e Oriental braço Guaporé, huma das suas origens principaes.

Fazendo contravertentes com os mencionados rios, nasce no alto das serras dos Parecis o Rio Tapajos, em grandes e distantes ramificaçoens, das quaes a mais Occidental he o Rio Arinos, que enlaça as suas fontes com as do Cuiabá, a pouca distancia das do Paraguay. O Arinos tem hum braço Occidental denominado Rio Negro, desde o qual até o Rio Cuiabá abaixo das suas superiores e maiores catadupas, onde he navegavel, são 8 leguas de trajecto de terra, e 12 do mesmo Arinos a sahir ao mesmo lugar do Cuiabá. Este Arinos já nas suas cabeceiras he aurifero, e nelle se descobrirão em 1747 as minas de Santa Izabel, abandonadas logo, tanto por não preencherem as esperanças daquelles aureos tempos, como pelo valente gentio, que habitava aquelles terrenos.

Pela margem do Poente do Arinos nelle desagoa o Rio do Sumidouro, que fazendo contravertentes em breve intervallo com o Sipotuba, grande e Occidental braço do Paraguay, facilita a navegação de hum para outro rio. O celebre Sertanejo João de Souza e Azevedo em 1746 fez este transito, descendo pelo Rio Cuiabá até entrar no Paraguay, e navegando por este agoas arriba, entrou no Sipotuba, que tambem navegou contra a corrente até as suas vertentes: então varou as canoas em terra, e as transportou para o Rio do Sumidouro, que navego e agoas abaixo, a pezar de occultar-se este rio por não pequeno espaço por baixo da terra, circunstancia de que deriva o nome. Passada esta furna entrou do Sumidouro no Arinos, e deste no Tapajos, rio em que achou venciveis cataratas, inda que maiores que as do Madeira; encontrando tambem grandes mostras de ouro no Rio das Trez Barras, braço Oriental do Tapajos, 100 leguas abaixo das fontes do Arinos.

A O do Sumidouro, e nos mesmos campos dos Parecis, tem as suas origens ao N das do Rio Jaurú, o Rio Xacuruina, celebre por ter em hum dos seus braços hum grande lago, em que se cristaliza naturalmente todos os annos copiosa quantidade de sal; producto, que motiva guerras annuaes entre os Indios, que habitão aquelles sitios. Alguns praticos fazem o Xucuruina braço do Arinos, e outros do Sumidouro.

Nos mesmos campos tem a sua principal e mais remota origem o Rio Juruena, entre as cabeceiras do Sarure, e do Guaporé, huma legua a E do primeiro, e duas a O do segundo. O Juruena, o maior e mais Occidental braço do Tapajos, nasce na latitude de 14° 42′, 20 leguas ao NNE de Villa Bella, e correndo ao N, conflue depois de 120 leguas de curso com o Arinos, e ambos unidos formão o alveo do Tapajos. Recebe o Juruena por am-

bas as margens muitos e não pequenos rios, facilitando os que lhe entrão pelo lado Occidental, praticaveis communicaçoens, com breves trajectos de terra, para o Guaporé, e seus confluentes. O mais alto, e proximo á Villa Bella, e seus arrayaes, he o Rio Sucuriu, já de sufficiente fundo, e por tanto navegavel até perto da sua origem, que fica huma legua ao N da principal cabeceira do Rio Sararé.

Navegando pelo Juruena acima até entrar no Sucuriu, se póde da origem deste com o breve trajecto de huma legua, passar ao Sararé, 3 leguas abaixo do seu nascimento, quando se precipita pela escarpa de O das serras dos Parecis; difficuldade, que se póde vencer, ou por partes, ou fazendo o trajecto de quatro leguas, que parece ser o mais commodo e breve para Villa Bella, por ser o Sararé desde aquella cachoeira navegavel sem embaraço algum até esta Capital de Mato Grosso, em menos de 8 dias de viagem

Huma legua ao N da origem do Sararé está a primeira cabeceira do Rio Galera, segundo confluente do Guaporé, abaixo de Villa Bella; e huma legua a E desta cabeceira nasce a chamada Ema, braço Occidental do Sucuriu, que facilita igual communicação. O Galera tem nos campos dos Parecis mais tres origens ao N da primeira, e todas ricas de agoas, distando a ultima e mais de N denominada Saborá, pouco mais de legua da nascente do Juina, grande e Occidental braço do Juruena.

Pelo Juina, e pelo Sucuriu, com 5 ou 6 dias de trajecto até vencer as cataratas, que o Galera fórma na face de O das serras, se póde por este rio communicar o Jeruena com o Guaporé. O Jeruena póde ser navegado até duas leguas abaixo do seu nascimento, lugar de sua mais altá catadupa, e ainda mais acima, passada ella: neste lugar tem já o rio 15 braças de largo, e grande fundo, e

delle para baixo a corrente he bastante arrebatada, por ser o leito assás inclinado; mas dizem que as cataratas, que se encontrão, não são maiores; e todas são mais venciveis que as do Arinos; e por isso se póde communicar por semelhantes e breves trajectos de pé o mesmo Jeruena com o Jaurú, que lhe fica a E, assim como o Guaporé, inda que estes dous ultimos rios formem logo que se despenhão ao S do alto das serras dos Parecis, onde nascem, repetidas cataratas, e por grande extensão.

Pela posição geografica do Rio Tapajos fica evidente que este rio facilita a navegação, e o commercio da Cidade maritima do Pará com as minas do Mato Grosso, e do Cuiabá, navegando-o agoas arriba, entrando pelos seus grandes braços Jerrena, e Arinos até ás fontes destes rios, e praticando os mencionados trajectos; ou mesmo conduzindo as fazendas directamente por terra, principalmente para Villa Bella, ponderada a curta distancia, em que ella fica das mesmas fontes. Esta navegação para Mato Grosso será mais curta pelo menos 200 leguas que a praticada pelos Rios Guaporé, e Madeira, e consequentemente se fará em menos tempo, e com menor despeza: ficando igualmente util para as Minas do Cuiabá, porque na viagem usual de S. Paulo até a Villa daquelle nome, se gastão 6 mezes em huma navegação de 600 leguas, em que se passão 113 catadupas, e por terra o varadouro de Camapoan; não fallando ainda na grande despeza, e tempo, que se consome na condução das fazendas desde o Rio de Janeiro por mar até a Villa de Santos; daqui em canoas até ao porto do Cubatão; e deste por terra até a Cidade de S. Paulo; donde igualmente por terra se conduzem por mais de 22 leguas para o porto da Ararytaguaba no Rio Tieté, distancia esta, que com pouca differença iguala ao caminho de terra desde o Arinos, ou desde o Rio Negro, até a Villa do Cuia-

bá; consumindo-se no total desta viagem, contando desde o Rio de Janeiro, 9 ou 10 mezes, que vem a ser o mesmo, que se gasta na carreira do Pará pelo Rio da Madeira até Villa Bella, poupando-se nesta ultima navegação mais de 2$ reis em cada carga, despeza que se faz em conducçoens, e em Capamoan.

A navegação do Tapajos para os estabelecimentos de Mato Grosso póde concorrer muito para o augmento desta Capitania, pelos novos descobertos, que naturalmente se faraõ nos dilatados Sertoens deste rio, colhendo nelles os muitos effeitos, que fazem a privativa riqueza do amplissimo paiz do Amazonas. Além disto o Arinos he aurifero em grande parte da sua extensão; e entre as origens do Camararé que entra no Juruena pela sua margem Occidental inferiormente á fós do Juina, e sobre as cabeceiras do Rio Jamari, ou das Candêas, que vai entrar no Madeira formando com aquellas origens largas vertentes na face Oriental das Serras dos Parecis; entre aquellas origens digo, e sobre as cabeceiras do Jamari existem as minas do Urucumacuá já vistas, e de que ha grandes esperanças, mas buscadas ha 20 annos sem effeito algum; o que não deve causar espanto, porque a uniformidade destes largos sertoens, talhados de huma infinidade de rios, e lagos, e cobertos de espessas e altas matas, que vedão os mesmos raios do sol, e confundem os valles com as montanhas, não deixa discernir as differenças caracteristicas dos lugares, parecendo encontrar-se a cada passo aquelle que se procura; e o acaso, que o descobre, he quasi sempre o mesmo agente, que novamente o encontra.

A navegação deste rio parece de urgente necessidade para a Capitania de Mato Grosso, no caso de guerra neste Continente com os Hespanhoes; por quanto elles pódem pela Provincia de Moxos, situada em grande parte na margem do Mamoré,

descer até a juncção deste rio com o Guaporé, e alli embaraçar a indispensavel communicação, que esta Capitania deve manter com a do Pará; o que tambem pódem praticar na confluencia do Mamoré com o Madeira; e estabelecendo-se na catarata deste nome, fixaráõ alli hum obstaculo inda mais insuperavel. Da mesma sorte póde esta Nação sobre o Paraguay interceptar a navegação do Taquari, ou de S. Paulo para o Cuiabá, e Jaurú; e assim ficará a Capitania de Mato Grosso ilhada por toda a sua limitrofe extensão, e privada dos necessarios soccorros de guerra, que por seu pezo e volume só em canoas lhe pódem chegar dos portos de mar. A navegação do Tapajos, sendo pelo interior desta Capitania dissipará com segurança todas estas ponderosas difficuldades.

Não se póde todavia abandonar a navegação dos Rios Madeira, Guaporé, e Mamoré, tanto para com ella se vigiar a importante e larga fronteira, como pelo maior cabedal de agoas destes grandes rios, que facilita o chegarem a Villa Bella grandes botes empregados nesta carreira de mil a duas mil arrobas de carga, vantagem que não admittem os Rios Chingú, e Tapajos, que he necessario viajar até as suas vertentes, o que tolhe a navegação a canoas de maior porte.

HISTORIA.

Continuação das Memorias Historicas sobre o Rio de Janeiro continuada do N.° 6.° pag. 44.

SAlvador de Brito Pereira succedeu no governo do Rio de Janeiro a Duarte Corrêa Vasquianes, e a sua Patente cumprida em 25 de Janeiro de 1649, data de 30 de Outubro de 1648. Em 1651 ainda exercia este emprego.

Neste mesmo anno foi rendido por Antonio Galvão, o qual ainda governava em Fevereiro de 1652. Foi este Governador quem enviou a El-Rey D. João IV as primeiras amostras das pedrarias, que hum Theodosio de Ebanos teve noticia haver junto da Villa do Parnaguá.

Seguio-se D. Luiz de Almeida, que governava a 16 de Abril de 1652.

Thomé Corrêa Alvarenga succedeu ao precedente; mas ignora-se o dia da sua posse; com tudo he indubitavel que governava a 17 de Setembro de 1658.

A Serenissima Senhora D. Luiza, como Regente do Reino, pela minoridade de seu filho o Senhor D. Affonso VI, conferio naquelle mesmo dia de 17 de Setembro o Governo do Rio de Janeiro a Salvador Corrêa de Sá e Benevides, com o caracter de Governador General da repartição do Sul, sem subordinação alguma ao Governador General do Estado; e por este motivo lhe ordenou que levantasse a este Governador o preito e homenagem, que havia feito por aquella repartição. Na Patente declara S. M., que no caso de estar governando o Rio de Janeiro João de Mello, devia Salvador Corrêa deixar-lhe o regimen desta Capitania, e encarregar-se das outras; mas este Mello parece que não chegou a governar.

Partio Salvador Corrêa para a Bahia; e levantada a homenagem a 12 de Setembro de 1659, se fez á vela para o Rio de Janeiro. Não he conhecido o dia da sua posse; sabe-se porém que elle já governava a 4 de Outubro de 1659, dia em que proveu no posto de Capitão Mór da Capitania de S. Vicente a Antonio Ribeiro de Moraes, com aquelle acerto e desinteresse, que sempre o dirigio na escolha dos empregados publicos. Pelos fins de Setembro, ou principios de Outubro do seguinte anno, embarcou para a Villa de Santos, a fim de visitar as minas situadas nos districtos de Iguape, Cananéa, Pernagua, e Villa de Serra-acima; e em sua ausencia deixou governando a Thomé Corrêa Alvarenga, que já em outro tempo preenchera estas funcçoens com geral satisfação.

Poucos dias contava Salvador Corrêa na Villa de Santos, quando lhe chegou a partipação de hum levantamento, que na sua ausencia havia rebentado no Rio de Janeiro, contra a sua pessoa, e de seus consanguineos. Alguns malevolos, invejosos da gloria desta familia, que tanto se distinguira sempre no serviço desta Colonia, por ella conquistada, fundada, e engrandecida, não podião tolerar a sua elevação, e o seu lustre; e esquecendo os beneficios, que della em todo o tempo receberão, estimulados pelo mais baixo, vil, e injusto incentivo da vingança, qual he o que tem a sua origem na intima confissão da alheia superioridade, e que só cabe nas almas despresiveis; estes homens alliciarão alguma gentalha da Freguezia de S. Gonçalo, para começar huma sublevação estribada nas mais futeis calumnias: e como o seu fim era amortecer a luz que os cegava, clamavão: que se não obedecesse a Salvador Corrêa, nem ao interino Governador: que se tirassem os cargos publicos das mãos desta familia, e que Agostinho Barbalho Bezerra, juntamente com os Officiaes da Camara governassem a Capitania.

São logo presos Thomé Corrêa Alvarenga, o Sargento Maior do Terço, o Provedor da Fazenda Real, e varias outras pessoas; e o virtuoso Barbalho, que procurara no Convento de S. Antonio hum seguro latibulo, he arrancado deste asilo sagrado, e constrangido sob pena de morte a acceitar o Governo. Os Camaristas parece indubitavel haverem tido grande parte nesta sublevação, e não foi necessario violenta-los a acceitarem a sua parte.

Os agentes do motim escreverão logo a seus amigos e correspondentes em S. Paulo, insidiosas cartas, em que se esforçavão de persuadir aos Paulistas: que elles devião affincadamente recusar a obediencia a Salvador Corrêa, se não querião ver-se reduzidos á ultima miseria; por quanto elle intentava anciosamente a libertação dos Indios, em cujo dominio consistia o fundo de suas riquezas: que S. Magestade lhe dera sómente jurisdicção sobre as outras Capitanias do Sul, nos casos respectivos ás minas; mas que elle ampliava a sua auctoridade, interpretando a seu sabor a Patente Regia: que Salvador Corrêa fallava em perfeição a lingua do paiz, e era extremosamente amado dos Indios; e que se huma vez chegasse a subir a serra poderia dispor de muitos mil frecheiros, e dar a ley a seu grado.

Os Paulistas, geralmente fallando, erão pouco affectos a Salvador Corrêa, pelo affinco, com que protegia a liberdade dos Indios. Elle, e seus parentes havião defendido os Jezuitas, na accasião em que o povo amotinado acomettera o Collegio destes Padres, por haverem publicado huma Bulla do Papa, que fulminava a escomunhão contra os plagiarios do gentio Americano. Em outra occasião havia tambem castigado o Mestre de hum barco vindo de Santos, por ter aparecido com insignias de que trazia grandes, e boas novas, reduzindo-se estas a noticiar, que os de S. Vicente, e de Itanhaen

havião igualmente expulsado os Jezuitas pela mesma causa. Finalmente elle havia sollicitado e conseguido a restituição dos mesmos Padres ás suas casas de Santos, e de S. Paulo. Todas estas rasoens, e a certeza, que davão os sublevados do Rio de Janeiro, da ommissão de Salvador Corrêa em fazer registar a sua Patente na Camara Capital de S. Vicente, ceremonia antiquissima, e indispensavel para validar estas Cartas, fez que alguns dos correspondentes illudidos, procurassem amotinar o povo de S. Paulo, e conseguissem que 50, ou 60, despresiveis individuos fossem á Casa do Conselho, e obrigassem aos Senadores a decretar, que se vedasse a entrada a Salvador Corrêa, empregando os meios violentos.

Na mesma Villa de Santos recebeu este habil politico estas noticias, que lhe não fazem perder o sangue frio; e elle vai mostrar quanto hum sistema de doçura bem concebido e manejado, vale mais que a justiça austera e inexoravel. Dizia-se-lhe que D. Simão de Toledo Piza então Juiz dos Orfaons, e o Ouvidor da Capitania de S. Vicente, Antonio Lopes de Medeiros, havião sido os cabeças do motim; e a 15 de Novembro de 1660 mandou publicar hum bando, em que suspendia o exercicio de seus cargos a estes dous Ministros; intimando-lhes ao mesmo tempo, que dentro de hum mez comparecessem perante elle. Mandou registar a sua Patente na Camara de S. Vicente, e remetteu huma copia aos Vereadores de S. Paulo, a qual foi hum Santelmo, que serenou aquella borrasca. No 1.º de Janeiro de 1661 mandou lançar outro bando, já em S. Paulo, em que concedia o perdão aos sublevados do Rio de Janeiro, comminando justas penas aos que perseverassem na rebellião. Ordenava mais, que Agostinho Barbalho Bezerra proseguisse no Governo; mas com jurisdicção por elle delegada, e não em virtude da que lhe havião conferido as amotinados. Os dous Ministros, confiados na sua

innocencia, havião já partido para Santos, onde não acharão a Salvador Corrêa, que se havia ausentado para as minas do Sul, donde partira a dar algumas providencias relativas a outras da Serra acima; porém este generoso Governador, reconhecendo em S. Paulo a irreprehensivel conducta destes homens, os mandou publicar innocentes, por hum bando de 20 de Janeiro do mesmo anno, ordenando que ambos reassumissem a justa posse de seus cargos. Neste mesmo bando concedeu tambem o perdão de quaesquer ditos ou acçoens, em que os moradores de S. Paulo houvessem cahido na occasião do tumulto.

Com tão prudentes e sabias providencias, de mistura com a sua affabilidade e rectidão, conseguiu Benevides ganhar os coraçoens daquelles mesmos Paulistas, que antes lhe erão desafeiçoados pelas rasoens, que havemos exposto.

Em pouco mais de tres mezes, que por aqui se demorou este genio creador, fez levantar 70 pontes; melhorou as estradas, por onde até então ninguem transitava sem muito trabalho, e grandes perigos; e deu providencias para que os viajantes achassem canôas promptas nos rios não vadeaveis. A todos fez justiça com brandura; e os Paulistas presenciando o seu zelo pelo augmento do Estado, o seu desvelo pelas conveniencias dos povos, e mais que tudo as suas lisongeiras attençoens, desejavão perpetuar a sua residencia na Capitania de S. Vicente. Constando-lhes pois que Salvador Corrêa estava determinado a retirar-se para a Villa da Ilha Grande, com o designio de accelerar a conclusão de huma Não, que alli se estava construindo, concorrerão ao Paço do Conselho todas as pessoas mais distinctas da Villa, e acordarão, que se escrevesse ao Governador, pedindo-lhe instantemente, que não sahisse de S. Paulo, nem fosse para a Ilha Grande, porque não obstante pertencer ella naquelle tempo á Capitania de Itanhaen, ficava

com tudo muito proxima ao Rio de Janeiro, e por isso corria alli risco a sua pessoa. Elles concluirão a carta com estas formaes palavras = " Todos os moradores desta Villa em seu nome, e
" de todos desta Capitania, pedimos a Vossa Se-
" nhoria nos declare, se leva intenção de passar
" a aquella Cidade do Rio de Janeiro, sem esperar
" nova ordem de S. Magestade, porque nós como
" seus vassallos leaes, estamos aparelhados com
" pessoas, vidas, e fazendas para acompanhar a
" Vossa Senhoria, assim em rasão do serviço de
" S. Magestade, como da obrigação em que Vos-
" sa Senhoria nos tem posto com a sua affabilida-
" de, e bom governo de justiça. " A esta carta respondeu Salvador Corrêa de Sá e Benevides em 2 de Março de 1661; e agradecendo muito o zelo, e interesse que tomavão pela sua pessoa, expunha as rasoens urgentes, que o constrangião a retirar-se, e a esperança em que estava de que o Rio de Janeiro já estivesse socegado.

Não se enganara o prudente e perspicaz Governador naquella conjectura. Como os seus inimigos erão poucos nesta Capitania, não só a maior parte da nobreza, mas tambem os homens cordatos e de probidade condemnavão a sedição, e os furores da gentalha; e esta, reconhecendo finalmente a gravidade de seu crime, passou, como de costume, de hum desenfreado atrevimento, a hum fraco e pusillanime temor do castigo merecido. Foi por isso para os sublevados alegre a nova do generoso perdão, que o Governador lhes concedera, e agora cuidavão sómente em cumprir a condição, com que lhes fora outorgado. Não se póde duvidar que para isso muito concorresse a noticia do offerecimento dos Paulistas, formidaveis naquelle tempo, assim pelo exercicio que tinhão dos combates, criando-se por assim dizer na guerra contra os barbaros, como porque com estas podião facilmente pôr em campo hum exercito numeroso de bons soldados.

Em Março desceu Salvador Corrêa para Santos, e daqui partiu para Ilha Grande, onde lhe foi participada a noticia de estar já tudo em socego no Rio de Janeiro. Voltou finalmente para esta Cidade; mas não se póde assignar o mez, em que a ella se restituio; todavia sabe-se que já nella existia no 1.º de Julho de 1661.

Durante a sua ausencia, depois de deposto Thomé Corrêa Alvarenga, e de haver governado a Camara conjunctamente com Agostinho Barbalho Bezerra, houve duas epocas notaveis; a primeira desde 8 de Fevereiro até 11 de Abril, em que a Camara teve só o manejo do Governo; e a segunda, que começou no ultimo dia da primeira, em que governou o Mestre de Campo João Corrêa de Sá, filho de Salvador Corrêa. Ignora-se a rasão desta alternativa, mas ha algum fundamento para crer, que o virtuoso Barbalho continuasse em subtrahir-se á acceitação de huma auctoridade, que lhe era conferida por vias incompetentes; que a Camara fatigada destas repulsas, tomasse o partido de arrogar a si o Governo, e que finalmente na occasião do arrependimento, ou por ser João Corrêa a maior Patente, ou por lisongearem ao Pai, sujeitando-se ao filho, lhe entregarião as redeas do Governo.

Salvador Corrêa de Sá e Benevides continuou a immortalisar a sua memoria, e ainda governava a 17 de Janeiro de 1662. O seu brilhante Governo, semeado de sediçoens e de tumultos, deixa bem reconhecer o fundo de prudencia, e de conhecimento do coração humano, que elle possuia em grão superior: raros, e apreciaveis dotes, sempre uteis, mas indispensaveis áquelles, que se destinão a reger os povos. Oxalá fossem mais communs, ou sempre tão bem escolhidos como este, os homens que se determinão para esta delicada empreza!

Salvador Corrêa entregou o Governo do Rio de Janeiro a Pedro de Mello, a quem S. Mages-

tade o conferiu a 20 de Novembro de 1661. Este Governador tomou posse no anno de 1662.

Seguiu-se D. Pedro Mascarenhas, que governava a 25 de Maio de 1667, e ainda regia esta Capitania a 28 de Agosto de 1669.

Succedeu João da Silva e Souza pelos annos de 1670, o qual ainda governava em 29 de Novembro de 1673.

Veio depois Mathias da Cunha, que administrava esta Capitania pelos annos de 1678.

D. Manoel Lobo foi nomeado Governador desta Cidade inda antes de 19 de Setembro de 1677; e por hum Decreto de 12 de Novembro de 1678 lhe forão tambem sujeitas as Capitanias do Sul, com o fundamento de que, só tendo jurisdicção sobre ellas, podia executar as ordens, de que vinha encarregado. Tomou posse a 9 de Maio de 1679; e em Outubro do mesmo anno partiu para Santos, aonde chegou a 30 do dito mez. Daqui velejou para o Rio da Prata, a fundar a Nova Colonia junto da Ilha de S. Gabriel; e tendo alli sido atacado pelos Hespanhoes de Buenos Ayres, foi feito prisioneiro, e lá morreu.

Na ausencia do precedente ficou regendo a Capitania João Tavares Roldon até Janeiro de 1681.

A 28 daquelle mez tomou conta do Governo o Mestre de Campo Pedro Gomes, por Carta Regia, que lhe devolvia a authoridade no impedimento de D. Manoel Lobo.

Seguiu-se o Mestre de Campo Duarte Teixeira Chaves, que tomou posse a 3 de Junho de 1682. Este Governador passou á Capitania de S. Vicente a dar algumas providencias em qualidade de administrador das minas, e em sua ausencia ficou a Camara governando.

Foi o immediato João Furtado de Mendonça, que tomou posse a 22 de Abril de 1686.

O Senhor D. Pedro, sendo ainda Regente da

Reino, e mandando reedificar a Colonia do Sacramento por D. Francisco Naper de Lancastro, a quem fez Mestre de Campo, e Governador da mesma Colonia, lhe ordenou que governasse o Rio de Janeiro até á chegada do Governador, que para aqui nomeasse. Lancastro tomou posse deste Governo a 24 de Junho de 1689.

Succedeu a Lancastro Luiz Cezar de Menezes, que tomou conta do Governo a 17 de Abril de 1690.

Antonio Paes de Sande governou o Rio de Janeiro pelos annos de 1693, e por seu falecimento ficou o Senado regendo esta Capitania.

D. João de Lancastro, sendo Governador Geral do Estado, proveu o Governo do Rio de Janeiro em Andre Cozaco, Irlandez, e Mestre de Campo do Terço velho da Cidade da Bahia, que delle se apossou em 7 de Outubro de 1694.

Veio depois Sebastião de Castro Caldas, que tomou posse a 19 de Abril de 1695.

POLITICA.

Copia de huma Carta de Mr. de Krusemark.

Pariz 27 de Março de 1813.

SEnhor Duque. — Acabo de receber ordem do meu Soberano para pôr na vossa presença o seguinte: — As proposiçoens, que anteriormente tive a honra de dirigir-vos, erão de tal natureza, que merecião huma resposta tão pronta como decisiva. Os progressos das armas Russas no centro da Monarquia, não consentem que a Prussia prolongasse mais aquelle estado de incerteza, em que está. Por huma parte o Imperador da Russia, unido ao Rei por laços de amizade pessoal, offerece á Prussia neste momento decisivo o auxilio do seu poder e

as vantagens da sua amizade; por outra Sua Magestade o Imperador dos Francezes persiste em repellir hum Alliado, que se tem sacrificado em sua causa, e ainda desdenha *explicar-se* sôbre os motivos do seu silencio. Por muito tempo a França tem infringido em todos os pontos os tratados, que a ligão com a Prussia. Não contente com haver dictado em Tilsit huma paz *igualmente dura e humilhante*, ella nem ainda lhe consentio gozar das insignificantes vantagens, que parecia conceder-lhe aquelle tratado. Ella fez uso de pretextos odiosos para abater até os alicerces a fortuna do Estado e dos particulares. Desde aquella epoca, a Prussia foi tratada como hum paiz conquistado, e opprimida por hum jugo de ferro. *Os Exercitos Francezes ficarão nella contra os termos do Tratado*, e nella viverão a discrição durante desoito mezes: forão-lhe impostas contribuiçoens exorbitantes e arbitrarias; obrigando-a a adoptar o systema continental, arruinou o seu commercio: poz guarniçoens Francezas nas tres fortalezas do Oder: o paiz foi obrigado a pagar a despeza dos seus soldos; em summa, pelo Tratado de Bayona, se dispoz dos bens das viuvas e dos orphãos, em manifesta contradição ás convençoens do tratado de paz: tudo annunciava que não se guardava especie alguma de attenção com hum estado infeliz e opprimido. Neste estado de cousas, a paz era hum beneficio illusorio. O Rei gemia debaixo do enorme pezo, que opprimia seus vassallos. Elle se lisonjeava de vencer á força de condescendencia e sacrificios huma animosidade, da qual conhecia os effeitos, porém cujos principios elle ignorava. Entregou-se á esperança de poupar ao seu povo maiores desgraças, *enchendo escrupulosamente suas obrigaçoens para com a França, e evitando tudo quanto podesse offendela.* Por esforços extraordinarios e nunca ouvidos, a Prussia conseguio pagar dois terços da contribui-

ção ; preparava-se para pagar o resto, quando se levantarão nuvens entre a Russia e a França, e quando os immensos preparativos destas duas Potencias não o deixarão duvidar que hia atiçar-se a guerra no Norte. O Rei, fiel ao seu principio de salvar a todo o custo a existencia nacional, julgando do futuro pelo passado, sentio que *tinha tudo que temer da França. Sacrificou as suas affeiçoens*, e concluio com ella hum tratado de alliança. Na epoca da conclusão do tratado, antes de chegar a noticia a Berlin, as tropas Francezas entrarão na Pomerania e na Marcha Electoral. O Rei vio com pezar que não se tinha attenção ás suas intencoens francas e leaes. Ellas obtiverão por força o que parecia impossivel conseguir por negociaçoens. Agentes da Prussia, atterrados pela ameaçadora attitude da França, assignarão em Pariz convençoens separadas, que continhão condiçoens summamente pezadas, relativas ás provisoens e misteres do Grande Exercito. O Governo Francez, instruido da mediocridade de nossos recursos, previo huma recusa, preparou-se a ganhar o consentimento do Rei pelo apparato da força, e enganou-se. Sua Magestade ratificou aquellas convençoens, ainda que sentisse a difficuldade de as desempenhar : contou com a affeição dos Prussianos, e esperou que, definindo a extensão dos nossos sacrificios, livraria o seu povo de requisiçoens arbitrarias, e de suas fataes consequencias. A experiencia não justificou esta esperança. Em quanto a Prussia esgotava todos os seus meios para metter em armazens os generos estipulados, *os Exercitos Francezes vivião á custa dos particulares*. Ao mesmo tempo se exigio o cumprimento do tratado, e o consumo diario das tropas. A sagrada propriedade dos habitantes era tirada a viva força, sem fazer disso o menor caso ; e a Prussia perdeu por estes actos de violencia mais de 70$ cavallos, e 20$ carruagens.

Sem embargo de todos estes grilhoens, o Rei fiel ao seu systema, encheu com religiosa fidelidade todas as obrigaçoens, que havia contrahido. Realisarão-se felizmente os subsidios ; adiantou-se o contingente estipulado ; nada se ommittio para provar a lealdade do nosso procedimento. A França só correspondeu a estes sacrificios com pretençoens sempre novas, e julgou-se habilitada para dispensar-se da sua parte de satisfazer as estipulaçoens do tratado, que estão a seu cargo. Recusou constantemente examinar as contas dos subsidios ministrados, ainda que fosse obrigada formalmente a ajusta-las todos os tres mezes.

A Convenção militar segurava ao Imperador, até novo arranjo com a Prussia, a posse das fortalezas de Glogau, Stettin e Custrin, mas as muniçoens da primeira daquellas praças devião ser á custa da França desde a data da assignatura daquella convenção. O Rei, annuindo a este artigo, tinha já dado á França provas da sua condescendencia, renunciando ás estipulaçoens de 1808 ; conforme as quaes Glogau devia ser dada á Prussia, logo que esta houvesse pago metade das contribuiçoens. A França não guardou melhor o novo tratado do que o precedente. As provisoens de Glogau, e das outras fortalezas, que a Convenção mencionava, e o pagamento das contribuiçoens já realisado no mez de Maio do anno passado, sem embargo das mais urgentes representaçoens, continuão até hoje á custa da Prussia. A Convenção nada estipulava a cerca das fortalezas de Pellau e Spandau ; por consequencia ellas devião ficar occupadas pelas tropas Prussianas : com tudo as tropas Francezas entrarão nellas por huma especie de surpreza militar, e conservarão-se.

Em quanto se augmentava indefinidamente o pezo das despezas da Prussia — em quanto *ella provava que*, depois de haver pago a sua contribui-

ção, os seus avanços subião a sommas immensas — recusou-se-lhe teimosamente todo o genero de soccorro: respondeu-se a todos os seus pedidos com hum silencio de desprezo, e exigindo incessantemente novos sacrificios: parece que se considerava como nada os esforços incomprehensiveis de huma nação sobre-carregada. No fim do anno passado, os avanços da Prussia importavão em 94,000,000 de francos. As contas estavão na melhor ordem, em que podião estar, considerando a constante recusa das Authoridades Francezas em ajusta-las na fórma do tratado. Sua Magestade nunca cessou de representar por via de seus agentes, que cumpria fazer justiça ás suas requisiçoens — que os seus Estados exhaustos não podião já supprir os exercitos Francezes. O Rei, por então, se limitava a pedir huma conta acerca daquelles avanços, declarando ingenuamente, que elle não respondia pelo resultado, no caso de não ser attendido. Esta linguagem, tão justa como clara: estas representaçoens, fundadas nos titulos mais sagrados, ficarão sem resposta, e sómente produzirão vagos protestos, e promessas distantes. De mais, como se não fosse bastante infringir os tratados mais positivos, succederão novos procedimentos para illustrar a Prussia a respeito das tençoens do Imperador, e de quanto ella devia esperar delle. O Rei, vendo huma parte das suas provincias invadida, e outra ameaçada, não podendo contar com o seccorro dos exercitos Francezes, foi obrigado a reforçar o seu; e sendo o caminho ordinario fastidioso e insuficiente, Sua Magestade dirigio huma appellação aos moços Prussianos, que quizessem alistar-se debaixo das suas bandeiras. Esta despertou em todos os coraçoens o dezejo de servir a patria. Preparava-se hum grande numero de voluntarios para sahir de Berlin para Breslau, quando agradou ao Vice-Rei prohibir qualquer recrutamento, e a partida dos voluntarios nas provincias occupa-

das pelas tropas Francezas. Esta prohibição foi expedida da maneira mais peremptoria, e sem que o Rei tivesse participação alguma. Hum attaque tão directamente disparado contra os direitos de Soberania, excitou no coração de Sua Magestade, e no dos seus fieis vassallos, huma justa indignação. Ao mesmo tempo, e em quanto as fortalezas sobre o Oder devião por muito tempo ter sido municionadas á custa da França, depois do Imperador haver declarado formalmente em huma Audiencia dada a Hatzfeld, que elle prohibia aos empregados Francezes fazerem algum genero de requisição nos estados do Rei, os Governadores daquellas fortalezas recebêrão ordem para tomar a viva forqu dentro de hum circulo de dez legoas, tudo quanto fosse necessario para a sua defeza e sustento. Esta ordem injusta e arbitraria, a qual tambem não tiverão o incommodo de communicar ao Rei, foi executada em toda a sua extensão, a despeito dos sagrados direitos da propriedade, e com procedimentos violentos, que seria dificil descrever. Apezar de todas as razoens, que o Rei tinha para romper com a França, elle queria ainda tentar o effeito de negociaçoens. Elle informou ao Imperador Napoleão que elle queria mandar huma pessoa de confiança ao Imperador da Russia para o obrigar a reconhecer a neutralidade da parte da Silesia, que a França tinha reconhecido. Erão os unicos meios, que restavão ao Rei, desamparado, ao menos por então, pela França, para ter hum seguro asylo, e não se achar na cruel situação de deixar os seus Estados. O Imperador declarou-se altamente contra este passo, e não se dignou de explicar-se sobre as proposiçoens, que accompanhavão a abertura. Em tal estado de cousas, não podia por mais tempo ficar duvidosa a decisão do *Rei*. Elle tinha (annos havia) sacrificado tudo á conservação da sua existencia politica: — agora a França comprometia aquella exis-

tencia, e nada fazia para protege-la. A Russia póde aggravar suas desgraças, e generosamente se offerece a protege-lo. O Rei não pode hesitar: — fiel aos seus principios, e aos seus deveres, ajunta os seus exercitos aos do Imperador Alexandre, mudando de systema sem mudar de objecto. Elle espera, rompendo com a França, e apegando-se á Russia, conseguir, por huma paz honrosa, ou a força de armas, o unico objecto da sua vontade — a indepedencia do seu povo — os beneficios, que della resultão, — e a *herança de seus pais*, metade da qual lhe tem sido roubada. O Rei adherirá, com todo o seu poder, a toda a proposição conforme aos communs interesses dos Soberanos da Europa. Elle dezeja ardentemente que elles cheguem a hum estado de cousas, em que os tratados não sejão mais *simplices tregoas* — em que a força venha a ser a garantía da justiça, — em que cada hum, voltando aos seus naturaes direitos, não seja attormentado em todos os pontos da sua existencia, pelo abuso do poder.

Isto he, Senhor Duque, quanto estou encarregado de informar a V. Excellencia. Digne-se participa-lo a S. Magestade o Imperador. A Europa tem visto com assombro a longa resignação de huma nàção distinta nos annaes da historia pelo seu brilhante valor, e pela sua nobre perseverança.

Agora guiado pelos mais sagrados motivos, ninguem ha entre nós que não esteja determinado a sacrificar todas as consideraçoens aos grandes interesses do Throno, á patria, e á independencia da Europa: ninguem que não julgue felicidade morrer por este nobre fim, e defendendo os seus lares.

Eu tenho ordem de caminhar immediatamente para o Rei, meu augusto Amo, com o Principe Hatzfeld, com seu Particular Conselheiro de Estado Beguolin, e outras pessoas empregadas em differentes missoens. Tenho a honra de rogar a V. Excellencia

que me envie os passaportes necessarios para este fim.

Appresso-me a renovar-vos, ao mesmo tempo, os protestos da minha mais alta consideração.

(Assignado) Krusemarck.

Resposta á nota de Mr. o Barão de Krusemarck.

Paris 1 *de Abril de* 1813.

SEnhor Barão, — Puz na presença de Sua Magestade Imperial e Real, a Nota, que me fizestes a honra de dirigir-me a 27 de Março.

Tudo que merece mais seria consideracáo póde reduzir-se ao seguinte: —

Que a Prussia sollicitou e concluio huma alliança com a França em 1812, porque os exercitos Francezes se approximarão mais aos Estados Prussianos, do que os exercites Russos.

A Prussia declara em 1813 que ella infringe os seus Tratados, porque os exercitos Russos estão mais perto dos seus Estados, do que os exercitos Francezes. A posteridade julgará se hum tal procedimento he fiel, e digno de hum grande Principe, conforme á equidade, e san politica.

Ella fará sempre justiça á perseverança do vosso gabinete nestes principios.

Em 1792, quando a França estava interiormente agitada por huma Revolução, e ainda não sendo attacada por hum formidavel inimigo, parecia proxima a abismar-se, a Prussia lhe fez guerra.

Tres annos depois, e no momento, em que a França triumphou das potencias unidas, a Prussia abandonou os seus alliados, deixou a parte da combinação juntamente com a sua fortuna, e o

Rei de Prussia foi o primeiro dos Soberanos que tomarão armas contra a França, que reconheceu a Republica.

Havião apenas passado quatro annos, (1799), quando a França sentio as alternativas da guerra: perderão-se algumas batalhas na Suissa e na Italia; o Duque d'Yorck desembarcou na Hollanda, e a Republica foi ameaçada pelo Norte e pelo Sul: a Fortuna mudou, e a Prussia mudou com ella.

Mas os Inglezes forão expulsos da Hollanda; os Russos forão batidos em Zurich; a victoria seguio outra vez as nossas bandeiras na Italia, e a Prussia tornou a ser amiga da França.

Em 1805, a Austria tomou as armas: levou os seus exercitos até o Danubio; tomou posse da Baviera; em quanto as tropas Russas passarão o Niemen, e avançarão para o Vistula. A união de tres grandes Potencias, de seus immensos preparativos, parecia presagiar não menos do que a ruina da França. A Prussia não hesitou hum instante; armou-se; assignou o tratado de Berlin; e os manes de Frederico Segundo forão chamados para testemunhas do eterno odio, que ella votava contra a França. Quando o seu Ministro, mandado a S. M. para lhe dictar a lei, chegou a Moravia, os Russos havião perdido a batalha de Austerlitz, e pertencia á generosidade dos Francezes o permittir-lhes voltar para a sua patria. A Prussia immediatamente rompeu o tratado de Berlin, concluido só seis semanas antes, abjurou o celebrado juramento de Potsdam; trahio a Russia, bem como trahia a França, e entrou com nosco em novas obrigaçoens. Mas destas eternas fluctuaçoens em politica, procedeu huma real anarquia na opinião publica da Prussia; houve hum levantamento nos espiritos dos homens, que o Governo Prussiano não era capaz de dirigir; supportarão-no, e em 1806 declararão guerra contra a França, no momento, em que era do seu

maior interesse conservar com ella boa harmonia. A Prussia, sendo inteiramente conquistada, vio-se ella mesma, acima das suas proprias esperanças, admittida a assignar em Tilsit huma paz, pela qual recebia tudo, e nada perdia.

Em 1809 rebentou a guerra com a Austria: a Prussia hia outra vez mudar de systema: mas não deixando os primeiros acontecimentos militares duvida sobre o resultado definitivo da campanha, a Prussia deixou-se governar pela prudencia, e não ousou declarar-se.

Em 1811, ameaçada a Europa com huma nova guerra pelos preparativos, que fazia a Russia, a situação geographica da Prussia, não lhe permittia ficar espectadora indifferente dos acontecimentos, que estavão a ponto de effeituar-se; e vós, Senhor Barão, fostes encarregado no mez de Março do mesmo anno de sollicitar a alliança da França; e escuso lembrar-vos o que se passou n'aquelle periodo. Escuso repetir, assim as vossas continuas instancias, como os vossos ardentes disvelos.

S. Magestade, recordando-se do que era passado, ao principio hesitou no partido, que havia de tomar. Mas pensou que o Rei da Prussia, ensinado pela experiencia, por fim percebia a inconstante politica do vosso Gabinete. Elle se julgou obrigado pelo passo, que havia dado em S. Petersburgo, a prevenir o rompimento. Além disto era contrario á sua justiça e ao seu coração declarar a guerra simplesmente por consideraçoens de interesses politicos. Olhou aos seus sentimentos pessoaes para com o vosso Soberano, e consentio em fazer com elle huma alliança.

Em quanto os acasos da guerra nos forão favoraveis, a vossa Corte se mostrou fiel; mas apenas os rigores temporãos do inverno attacarão os nossos exercitos no Niemen, quando a desecção do General D'Yorck despertou suspeitas muito bem

fundadas, o comportamento equivoco da vossa Corte em tão ponderosa circunstancia: a partida do Rei para Breslau; a traição do General Bulow, que abrio ao inimigo as passagens do Nether-Oder: os publicos Editaes para excitar huma mocidade turbulenta e facciosa a tomar as armas; a juncção em Breslau de homens apontados por chefes dos amotinadores, e como os principaes motores da guerra de 1806; as communicaçoens diarias estabelecidas entre a vossa corte, e o quartel general do inimigo, ha muito que não deixavão em duvida as resoluçoens da vossa corte; quando, Senhor Barão, eu recebi a vossa nota de 27 de Março, e ella não me surprehendeu. A Prussia, dizem, pertende recobrar a herança de seus antepassados, mas nós lhe perguntaremos, se, quando falla de perdas, que a sua falsa politica lhe fez sofrer, ella não fez igualmente algumas acquisiçoens para pôr na balança; — se, entre estas acquisiçoens, não ha alguma, que ella deve á sua infiel politica? Ella deve a Silesia ao desamparo de hum exercito Francez nas muralhas de Praga: e todas as suas acquisiçoens na Allemanha á infracção das leis e interesses do Corpo Germanico.

A Prussia falla do seu dezejo de obter huma paz fundada em huma solida base; mas como he possivel contar com huma solida paz com huma potencia, que se crê justificada, quando quebra as suas obrigaçoens, segundo os caprichos da fortuna?

S. Magestade prefere hum inimigo declarado a hum amigo sempre pronto a desampara-lo.

Não levarei mais longe estas observaçoens; contentar-me-hei com perguntar que faria hum illustrado Politico, e hum amigo do seu paiz, que mentalmente pondo-se ao leme dos negocios da Prussia, desde o dia em que cstalou a revolução da França, se conduzisse segundo os principios de huma politica san e moral?

Metteria elle a Prussia em 1792 em huma guerra, em que ella se arriscava em favor de estados mais poderosos do que ella? E se o fizesse, aconselharia elle que suspendesse as armas antes de acabar a Revolução?

Se, não obstante, elle fosse levado a reconhecer a Republica, não teria elle persistido no seu systema, — não teria elle procurado tirar vantagem delle, e aproveitar daquelles sentimentos que a França havia abraçado por hum Principe, que por amor della, arrostrou os prejuizos do tempo? Elle teria estabelecido a influencia da Prussia no Norte, por allianças, a Monarquia de Frederico teria sido mais firmemente estabelecida, e a Prussia haveria fundado sua interior felicidade, e a sua consideração em huma apertada união com a França. Ella não se deixaria inchar em 1799 pelas vantagens passageiras de nossos inimigos.

Em 1805 elle haveria engeitado com politica e dignidade a alliança, á qual a Inglaterra, a Russia e a Austria, de mãos dadas entrarão em reciprocos empenhos para obrigar a Prussia. Sem embargo, se obrigado por circunstancias imprevistas, elle houvesse firmado hum juramento sobre o tumulo de Frederico, elle não deveria quebra-lo depois da batalha de Austerlitz; elle haveria tomado o unico caminho honroso em huma falsa determinação, presistindo fiel áquelles Alliados, que erão maltratados pela fortuna.

Se em 1812 elle pensasse poder esquecer-se do que a Russia havia feito em favor da Prussia em Tilsit, quanto permitião as circunstancias; e se houvesse assignado a Alliança com a França, elle devia permanecer fiel a ella. Elle teria achado em acontecimentos inesperados huma occasião da Prussia representar hum bello papel, apezar da sua fraqueza, e manifestar decisivos sentimentos, e dos quaes podia para o futuro allegar a honrosa lembran-

ça. Esta fiel resolução seguraria á Prussia a estima ainda de seus inimigos. Ella haveria servido não ao seu odio, mas aos seus verdadeiros interesses: porque o General D'Yorck não haveria sido traidor, e os Russos não terião passado o Niemen; o General Bullow não haveria arreiçoado, e os Russos não passarião o Oder; e não se haverião exposto á catastrophe, que os ameaça: em summa a França sentindo a falta de hum medianeiro entre ella e a Russia, te-lo-hia achado na Prussia fiel, e teria consentido em engrandecer pelo interesse do seu systema, e para paz e descanço do mundo, que he a sua unica vista, huma Potencia, cuja sinceridade tinha sido posta em prova.

Agora, Senhor Barão, que resta á Prussia? Ella nada tem feito a bem da Europa; nada tem feito pelo seu fiel Alliado; nada fará pela paz. Huma potencia, cujos tratados são condicionaes, não pode ser huma util medianeira; ella nada garante: não he mais do que hum assumpto de discusão; ella nem ainda he huma barreira. O dedo da Providencia se tem mostrado nos acontecimentos deste inverno; elle os produzio para desmascarar falsos amigos, e mostrar os fieis; elle deu a sua S M. forças suficientes para segurar o triumpho de huns, e o castigo dos outros.

Terminando as minhas transacções com vosco, Senhor Barão, eu me dou os parabens de ter de expressar-vos que S. M. está satisfeito com o vosso procedimento todo o tempo, que haveis residido junto delle.

Compadeço-me de vós, como militar e como homem de honra, de que fosseis obrigado a assignar similhante declaração.

Tenho a honra de enviar-vos os passaportes, que me pedistes.

Rogo-vos, Senhor Barão, que aceiteis a certeza da minha alta consideração.

(Assignado) O Duque de Bassano.

Manifesto do Rei de Dinamarca, que appareceu em hum papel Official Dinamarquez, datado de Copenhagen, a 23 de Abril.

A Corte de Succia achou conveniente chamar o seu Encarregado dos Negocios, que ultimamente foi nomeado para esta Corte. Em consequencia o nosso Encarregado dos Negocios na Corte de Succia sahe de Stockolm.

Não obstante que o modo ordinario de tratar negocios nacionaes já não existe entre as respectivas Cortes Dinamarqueza e Sueca, continuará ainda a communicação ministerial por troca de cartas.

A presente mudança de situação entre as duas Cortes não póde deixar de chamar a attenção de seus vassallos.

O Rei da sua parte não deu causa a ella.

Todos os seus vassallos estão já convencidos de que S. Magestade recusou ceder seu Reino de Norwega, ou huma parte d'elle, pela compensação offerecida de haver praças e terras confinantes com o Ducado de Holstein.

O amor, que S. Magestade tem ao seu paiz, affiança que o Seu Senhor e Rei poem muita confiança na lealdade e affeição do seu povo, para resolver-se, em qualquer circunstancia que seja, a troca-lo por estrangeiros, a cuja affeição S. Magestade não tem direito, quando de motu proprio não requerem a protecção de S. Magestade.

Costumado a ver a boa vontade, com que os seus vassallos sacrificão as suas vidas, e prosperidade em huma guerra defensiva tão continuada, Sua Magestade está seguro de que sempre achará todos os Dinamarquezes, Norweguezes, e Holsteinezes promtos a defenderem a independencia do seu Estado, e a sua inteira preservação, caso que os esforços do Soberano em fazer outra vez a paz sejão abortivos: ou hum systema de abuso obrigue a S. Magestade a requerer aos seus prezados vas-

sallos novos esforços para a sua segurança, e a do throno.

Resumo Politico.

AS noticias ultimamente recebidas pelas folhas Inglezas não satisfazem á geral expectação. A Peninsula não tem sido ainda theatro de alguma acção igual á dos Arapiles, que trouxesse com sigo decididas vantagens. Successos parciaes dos bravos Mina e Longa, e hum denodado ataque da expedição da Sicilia, são compensados pelo desastre de Yecla, e perda consideravel de dous regimentos Hespanhoes. Os inimigos desalojados de huns postos, passão a occupar outros, e parecem tentar huma reunião: todavia o exercito alliado começa a fazer movimentos, e o mez de Maio deve provavelmente ser fecundo em estrondosos acontecimentos, que, segundo he de esperar da pericia dos nossos chefes e do valor das nossas tropas, segurarão a nossa independencia dos attaques da perfidia. Em quanto confiamos na Providencia o complemento das nossas esperanças, a Allemanha nos offerece hum espectaculo digno da nossa admiração.

Os dois Monarcas da Russia e da Prussia, congraçados estreitamente, e jurando restaurar a liberdade da Allemanha, se abalanção ás maiores emprezas, ajuntão todas as forças militares das duas naçoens, fazem extraordinarios sacrificios, e colhem o fructo de seus desvelos, assim na successiva defecção dos pequenos satellites, como nas renhidas batalhas, que briosamente tem sustentado. Luneburgo foi o theatro de hum bem concertado attaque, pelo qual pequenas forças desalojarão de huma Cidade fechada hum corpo consideravel, e pelas mais acertadas combinaçoens, apanharão ás mãos os que escaparão ao ferro dos Alliados. Este feliz começo não foi esteril. Hum golpe de mão de Mestre livrou Berlin das furias dos inimigos. O Conde de Wittgenstein os atacou com a sua costumada intel-

ligencia e felicidade, e Mockern, Zerbest, e Danigkow forão testemunhas do valor das tropas alliadas: em quanto os aggressores do Continente perderão 2∂ homens entre mortos e feridos, e perto de 1∂ prisioneiros.

Não seguirei passo a passo aquellas tropas victoriosas. Já tive a satisfação de expor ao publico as suas vantagens, em lugar mais opportuno. Saltarei por tanto aos principios de Maio, epoca dos maiores acontecimentos. Alli nos offerecem os papeis Francezes victorias assignaladas, mas que são desmentidas por noticias de Berlin. No dia 1.º huma acção entre o General Winzingerode, que commandava tres divisoens, e todo o exercito Francez, privou este do General Bessieres, Duque de Istria, de outros Generaes, e de grande numero de Officiaes. No dia 2.º foi sem duvida mais renhido o attaque: não se sabe ao certo quem commandava o exercito alliado: noticias de Berlin dão o commando ao General Blucher, o que prova que não era a massa toda do exercito, como os Francezes pertendem. Os Francezes confeção a perda de 10∂ homens, que hum Redactor affirma que equivale a 50∂ na arithmetica das outras naçoens, e attribuem aos Russos 25 a 30∂. Esperamos anciosamente que os Officios dos Russos nos conduzão na indagação desta verdade.

No dia 3 parece ter havido huma acção entre Macdonald e Mileradovitch, que igualmente dizem ser a favor dos Francezes, mas confeção huma perda de 600 homens.

Estas são as noticias mais notaveis militarmente, mas quanto á politica parece merecer muita attenção a real cooperação da Suecia, a decisão de Saxonia, e talvez a oscilação da Austria. Não quero avançar cousa alguma, em quanto as trevas da incerteza derem hum caracter de misterio. No N.º seguinte desenvolverei estes objectos, guiado pela informação mais exacta de factos importantes.

CORRESPONDENCIA.

LEmos com muito prazer hum artigo de hum Jornal muito acreditado, e cujos Redactores não podem ser suspeitos nem de ignorancia, nem de prevenção: da primeira, pelos seus acreditados talentos e profundo saber: da segunda, porque nenhuma relação nos liga, salvo o concorde fim de sermos uteis ao Publico, *haud passibus æquis.* Todos sabem que eufallo do N.° 23 do *Investigador Portuguez em Inglaterra* — Artigo Politica — paginas 389.

,, Recebemos o Prospecto de hum Jornal, que
,, se vai publicar no Rio de Janeiro, e que vamos
,, com muito gosto inserir em o nosso, porque o
,, achamos mui digno disso . . . Este novo Jornal he
,, consagrado ás Sciencias, Litteratura, Politica,
,, Agricultura, Commercio, &c., e se o Prospecto
,, for dignamente desempenhado, como he de espe-
,, rar, não só dos conhecidos talentos, e sa-
,, ber do seu Redactor, como tambem do auxi-
,, lio, e cooperação, que lhe tem promettido pes-
,, soas recomendaveis por suas qualidades, e por seus
,, conhecimentos: este Jornal será por certo meito
,, interessante á propagação das luzes pelo vasto e
,, nascente Imperio do Brazil; e mostrará, se ainda
,, he preciso, que *a accusação de ineptos, que nos*
,, *fazem authores estrangeiros, e por desgraça al-*
,, *guns nacionaes* he injusta e filha, ou da ignoran-
,, cia, ou do orgulho e presumpção, ou talvez de
,, tudo junto. ,,

Agradecido á lisongeira esperança dos sabios Redactores, quanto convencido de que apenas possuo dezejos do Publico interesse, capazes de superarem a minha inercia, eu aproveitarei este honroso obsequio para animar o meu espirito abatido, e fazer-me arrostrar difficuldades apenas superaveis, para desempenhar, quanto permitirem minhas debeis forças, a epigraphe que escolhi.

Continuação do Estado da athmosfera

Junho.

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo.*
	Graos	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
28	$67\frac{1}{2}$	30	1	36	claro
29	$67\frac{1}{2}$		0	10	
30	67	29	19	12	nebrina

Julho.

Dia	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo*
	Graos	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
1	68	29	19	12	claro
2	68		18	28	
3	69		16	26	
4	70		15	34	nebrina
5	70		16	0	chuva
6	68		17	36	denso
7	$64\frac{1}{2}$	30	1	0	
8	64		0	24	muita chuva
9	65		0	4	pezado
10	65		0	0	claro
11	64	29	19	20	
12	64		19	0	claro
13	67		18	4	chuva
14	66		17	34	claro
15	68		17	22	
16	71		16	20	
17	72		16	40	
18	73		13	0	pezado
19	$73\frac{1}{2}$		15	34	claro
20	$72\frac{1}{2}$		16	44	
21	$68\frac{1}{2}$	30	0	16	

INDICE.

CHIMICA.

MINERALOGIA.

HYDROGRAPHIA.

ARTES.

LITTERATURA.

GEOGRAFIA.

HISTORIA.

POLITICA.

Fig. 5.
Fig. 3
Fig. 7.
Fig. 6.
Fig. 4.

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 2.°

AGOSTO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.° 34, por 800 reis. Na mesma se subscreve a 4000 reis por semestre.

AGRICULTURA.

Memoria sobre o Café continuada do N.° 6. pag. 43
*Por B.****

Terceira Parte.

Amanhos do Café.

HE com a colheita que o Lavrador vê pagas suas fadigas e despezas, e a do café pede que a não principiem, sem que o fructo o denote na côr vermelha carregada passando a escura, que indica a sua perfeita maduréz. Fujamos de imitar aos habitantes das Mauricias, que pelo temor da perda, que os ratos e outros animaes os fazem sofrer, colhem antes de tempo, vindo a perder em qualidade, e pezo, e augmentar o trabalho da separação ou escolha do grão, pois que vem de mistura muito miudo e inferior com o bom. A colheita nas arvores decotadas facil he, mas nas que o não forão cumpre ser feita com escadas de mão, e duplas, a fim de que não haja estrago de ramos com ó tirar por elles para alcançar o fructo: reprovo que se corra a mão pelo ramo, de medo que se ofendão os rebentoens, e as flores, quero porém que se colhão os fructos separadamente em cada anel, virando, e revirando a mão direita sobre si mesma, em quanto com a esquerda se segura o ramo: deve haver summo cuidado em poupar as extremidades dos ramos, e não pizar os que arrastão.

As pessoas empregadas na colheita levaráõ cestos ou sacos atados a si, os quaes estando cheios serão lançados em carros ou ceiroens, para serem conduzidos ás eiras, por animaes. Os Arabes nunca levão a mão aos ramos do cafezeiro, e vendo que o

fructo está maduro, estendem lençoes, ou esteiras, por baixo das arvores, e sacodem-as alternativamente, julgando só maduros os fructos, que então se desprendem. (1) Os habitantes de Yemen, persuadidos de que o café humido he sugeito a fermentar, espalhão-o ao sol em esteiras, com a pôlpa; tirão-lhe depois o involucro seco por meio de hum cilindro de pedra, e o poem de novo a secar.

Os fructos não amadurecem todos ao mesmo tempo, e este defeito (se assim se póde chamar) provem de que a arvore florece por differentes vezes, e de que estando apinhoados, opprimem-se mutuamente, de modo que he mister esperar que se colhão huns para que outros gozem de liberdade, ficando-se deste modo obrigado a fazer 5 ou 6 colheitas, que, como se succedem, formão como huma só.

Ha tres especies inferiores de café, que se não devem misturar com o bom: 1.ª o infezado, ou prematuro por falta de bom tempo, ou boa vegetação, o qual, em vez de tomar côr, sêca na arvore, e cumpre colher logo que começa a amarelecer, e a manchar-se; este com facilidade se faz branco, e perde o seu oleo, e cahe aos primeiros abanos, que se dão á arvore, o que he huma ventagem, por isso que poupa o trabalho de separa-lo do bom; recebendo-se assim apartado: 2.ª he o atacado do mesmo defeito e em peor grão, sêca na arvore antes de chegar á metade de sua madurez, por efeito de excessiva producção, com que a arvore não póde, e que a poem muitas vezes em risco de morrer, o que de ordinario succede aos cafezeiros, que se deixão crescer livremente, e cujos ramos carregados de medula, não tem força para sustentar o pezo dos fructos, e nem a seiva a de fornecer-lhes o preciso; assim vendo-se huma rama

(1) Bryan Edwards.

atacada deste mal, deve-se logo cortar: a 3.ª conhece-se quando se lava o café, porque sobrenada, e facilmente se separa, e tanto esta, como as mais qualidades, de café devem ser preparadas e ensacadas separadamente.

Mr. Monnereau diz que privava os seus cafezeiros do primeiro inconveniente acima notado, praticando o decote, apezar do qual, se o mal se annunciava, logo que o sentia cortava hum terço de cada huma das ramas atacadas.

Depois de colhido o café, trata-se de secar, e desta operação depende quasi toda a sua boa qualidade. Huns batem a terra, e fórmão eiras, na qual o espalhão, outros lanção-o sobre cinza, outros o espalhão sobre a relva, outros calção a eira, e dão-lhe declive para o esgotamento das aguas das chuvas.

Todas as manhãs estende-se o café, e revolve-se durante o dia, e á noite põe-se em montes cobertos de esteiras, o que reprovo, por isso que o café fermenta, e adquire certo gosto de azedo. Melhor seria para livra-lo da chuva cobri-lo sim, mas espalhado nos sitios, em que as chuvas não são frequentes, porém nos em que o são, sou de parecer que se use das estufas, por meio das quaes seca-se melhor, e com mais promptidão.

Pensão alguns que o suco mucilaginoso da polpa póde por este modo communicar máo cheiro á fava, porém temos experiencias em contrario, e antes vio-se que até perdia o gosto de verde, que de ordinario só perde com o tempo. Os que secão o café com a polpa (o que desaprovo) tem a seu favor a commodidade de não precisarem de moinhos, porém tem contra si a grande perda de tempo, e por tanto o risco das chuvas &c. a acção de volve-los descasca alguns, que por isso tomão côr diversa, e dá por consequencia má venda, e o trabalho de separar augmenta de mais o muito tempo,

que se emprega em seca-lo, dá lugar a que fermente, quando o que está só com o pergaminho ou pelicula, seca melhor, e mais depressa, e está livre de fermentar: attenda-se mais ao tempo empregado em pizar, limpar, escolher, e eu estou que em quanto se amanha huma carga de café seco só com a pelicula, se não faz o mesmo a tres de café seco com a polpa.

Para secar o café só com a pelicula, fazem-se eiras d'alvenaria alteadas seis polegadas do chão com rebordos em roda e d'igual altura, nas quaes se praticão escoadoiros ás agoas, calça-se bem o fundo, e passa-se-lhe hum bitume, de modo que a area pareça inteiriça, dando-se-lhe sempre hum suave declive, e se ha a precaução de abriga-lo todas as noites, 3 ou 4 dias bastão para seca-lo, quando a polpa leva ás vezes tres semanas e mais.

O café na Ilha de Bourbon he posto em montes, e por isso fermenta, e o que he hum defeito os lavradores atribuem á boa qualidade.

Seguem-se varios methodos no despojar o café da sua polpa e pelicula ou pergaminho: 1.º os que não podem, ou querem ter moinhos, pizão-o com piloens: 2.º outros uzão do moinho, que consiste em duas rodas de madeira maciças, de 6 pés de diametro, e cuja espessura he de 12 polegadas; a qual roda gira em huma tina; o movimento lhe he communicado por hum eixo de 21 pés de alto, que a atravessa. Outros se servem de mós, outros de maquinas á maneira das empregadas nos lagares de azeite. O fructo he posto em vazos d'agoa por espaço de 72 &c. horas, os grãos defeituosos vem á superficie do liquido, tirão-se, e trabalhão-se á parte; o fructo bem ensopado he posto em eiras por 20 dias, depois dos quaes descascão-se, e joeirão-se: o 3.º methodo consiste em passar pelo moinho o café recem colhido, e esmaga-lo antes de ser molhado, e tendo já estado dez dias ao sol:

o 4.º methodo he fazer tirar a polpa, em quanto está vermelha (como nas Antilhas), para o que logo que os negros lanção os cestos de café nas separaçoens, ou caixas feitas para esse fim, e que levão mais do que a colheita de hum dia, passão-o á noite pelo moinho: este pelo seu movimento de rotação, leva com sigo os fructos, e os comprime contra huma lamina de ferro, e immovel; a peneira posta por baixo não deixa passar a polpa, outra rede ou peneira mais fina que a primeira (ambas de arame) ainda limpa mais o grão, que cahe para hum tanque de alvenaria, ou tinas de madeira, e passa n'agoa toda a noite, para que se separe o gluten; e o grão lavado, he posto a secar; por este meio se apromptа o café quatro vezes mais depressa do que pelos outros.

Vendo que a mucilagem glutinosa da polpa era o que retardava a dessecação do café, Mr. Brulley o fez bater por alguns minutos em leite de cal mui deluido, o gluten desappareceu, e não havendo necessidade de deixar então o grão n'agoa, espalhou-o em balcoens, onde seis horas de sol bastarão para po-lo em estado de ser recolhido ao armazem. O café assim preparado, além da bella côr, que conserva, tem hum aroma muito mais suave. He muito grande ventagem a de privar o café de ficar por muito tempo n'agoa; pois que isso deve alterar mais ou menos o café, que he impossivel não perder do seu aroma, quando está n'agoa muito tempo, e huma vez que o fructo passou 2 ou 3 dias n'agoa, apparece na superficie escuma avermelhada, que detona aplicando-se-lhe fogo, o que prova a desenvolução do gaz inflammavel.

Mr. Tussac apresentou no Jardim das Plantas de París huma maquina dita *Klain*, com a qual em 3 dias se seca o mesmo grão, que se secaria em 6 semanas por meio dos esteiroens: a maquina consiste em hum cilindro em fórma de tambor, cujas bases

são de madeira, prezas a varetas, tambem de madeira ou de ferro, cercado de huma rede de arame de latão dividido interiormente em 6 ou 8 compartimentos feitos em rede do mesmo arame, e que partindo de duas varetas, vão-se apertando até unir-se no lugar, por onde passa o eixo, e abrem por meio de huma charneira; pelo meio, e ao longo, passa hum eixo de madeira com manivela em hum dos extremos: he este tambor colocado em huma estufa, e aqui se enche de café com a polpa, ou sem ella, e se faz girar por meio de huma força qualquer, e á medida que se volve, muda o grão continuamente de lugar: os compartimentos impedem-o de cahir todo para hum lado, e alterar assim a rotação: seca-se com presteza, e a pelicula, que involve o grão, com facilidade se despega. O cilindro tem 8 pés de circumferencia, e 15 de longo.

Procurei a Mr. Tussac para ver tanto a maquina, quanto examinar o seu processo acerca do licor, que extrahe da polpa do café, a que chama Rome de Café (1). Sobre este artigo nada me quiz communicar, dizendo que eu o veria quando publicasse a sua Flora das Antilhas; porém mostrou-me a maquina, que he segundo descrevi, e obstando-lhe eu que o calor do fogo podia fazer com que o café perdesse do seu aroma e pezo, respondeo com a experiencia de muitos annos, e confessou que quanto ao pezo assim era, porém que a differença tão limitada he em comparação da brevidade da mão de obra, que era coiza que se podia desprezar.

(1) Este licor vem anunciado nos Annaes do Muzeo de Paris, e os Lentes desta corporação, que o provarão, assegurarão-me ser excellente, e ter hum gosto longe do café. A lembrança de Mr. Tussac he tanto mais para estimar, quanto a polpa do café era lançada fóra: os Arabes porém fazem d'ella huma infusão, que bebem.

Tornando á operação de pilar o café, digo que convém expo-lo ao sol por dois dias successivos antes de pila-lo, e não começar senão no terceiro dia, pois que o melhor café, se não he pizado depois de bem seco, esmaga-se, e fica esbranquiçado ao sahir do pilão.

Em quanto huns pizão, outros se empregão em joeirar o café, a fim de que se limpe da pelicula, arêas, grãos quebrados &c. Depois de joeirado, ou peneirado, leva-se de novo ao sol em balcoens, á imitação dos que nos servimos para secar o assucar.

Tem-se imaginado moinhos de joeirar, mas os que os não tem, fazem como se pratica com o trigo, levantando-o ao ar com pás; outros uzão de grandes peneiras de arame, de malhas maiores e menores, e depois de passado por ella, a escolha á mão he menos difficil.

Lança-se o café, mesmo quente, em barricas, e cobre-se com muito cuidado, precaução, que ajuda á boa qualidade, fazendo o grão mais rijo, e dando-lhe a côr, de que o sol o havia privado; deixa-se assim 5 ou 6 dias, e depois dá-se-lhe ainda hum dia mais de sol.

Hum dos maiores cuidados, que pede o café, he livra-lo da humidade: esta o faz perder todas as suas boas qualidades, e tanto mais ganha, quanto mais seco se conserva.

Os sacos de folhas de palmeira são os melhores para guardar o café, tanto pelo seu preço, quanto porque atrahem pouca humidade, e se se poem duas capas, tanto melhor.

Cumpre não pôr o café nas embarcaçoens em lugares humidos, pois que se sabe o quanto atrahe a humidade, e nem perto de materias cheirosas, pois que não he menor a sua tendencia em adquerir cheiros: assim não se ponha ao pé de cachaça, tabaco, especiarias etc. Miller refere que hum navio vindo da India chegou com toda a carregação

de café perdida, porque vinhão com ella varios saccos de pimenta.

Grande numero de experiencias se tem feito para livrar o café dos cheiros, que atrahe a si, mormente do de marezia, e só a que teve exito feliz foi a de lança-lo em agoa fervendo por alguns minutos, e expolo depois ao calor de Sol ardente, ou ao da estufa.

Tudo quanto he a bem da Agricultura, e que póde incitar a imitação, desejo que se publique: razão porque refiro o que praticou o Consulado d'Havana, e que vem publicado no correio Mercantil de Hespanha de 23 de Abril de 1797, huma das maiores attenções da Havana (1) foi sempre animar a Agricultura, mormente pelo que pertence aos estabelecimentos pouco consideraveis, porque contribue da maneira mais segura ao augmento e aos progressos tanto da população como da riqueza (2): elles são o emprego dos colonos, que tem meios limitados para interprehender fabricas tão dispendiosas quanto os engenhos d'assucar, etc. Este consideração levou o concelho a tratar com predilecção os cultivadores do café, desta produção huma das mais preciosas d'America: em consequencia nomeou commissarios que examinassem os meios de animar este ramo de cultura, e reconhecido que, apezar da protecção concedida por El-Rei, esta cultura não avultara quan-

(1) O Consulado d'Havana he ao mesmo tempo tribunal para os negocios contenciosos de commercio, e conselho d'administração para os progressos e amelhorações da colonia; foi creado aos 4 de Abril de 1794, sendo de las Casas Governador da Ilha de Cuba.

(2) A população da Ilha era de 300 mil habitantes quasi todos indigenas, e quando muito o quinto só de escravos.

to se esperava da fecundidade das terras (3); das vantagens de que gozava no mercado, e dos seus beneficios, e falta de direitos, que se lhes havião concedido; em attenção do que o consulado pensou que se devia atribuir o abandono notavel d'essa cultura á ignorancia, em que se achava geralmente o paiz sobre o methodo, que lhe he mais conveniente, circunstancia que lhe provou que os seus esforços devião tender a aperfeiçoar os methodos, e que para este efeito se deveria formar huma escola pratica sustentada pelo Governo; á vista do que prometeo sem interesse algum, e pagaveis em termos commodos, o adiantamento do valor de 10 escravos, ao colono, que cultivasse melhor o café, e tivesse a sua fazenda em estado de servir de escola ou modelo para as outras: portanto hum dos membros foi nomeado para examinar as diversas plantaçoens: ouvida a sua relação, procedeo-se á adjudicação do premio, na sessão de 29 de Março do anno seguinte, e a maioridade de votos foi em favor de

(3) Pretendem que de todas as colonias situadas entre os Tropicos, Cuba, S. Domingos, e Porto Rico são as mais ferteis: todavia se da actividade, que apresenta a vegetação, se do viço, valentia, e formosura das plantas de hum paiz podemos concluir para a sua fertilidade, calando o parallelo, que dos productos da cultura das Colonias estrangeiras, com mais bem entendidos methodos, mais trabalho etc. podia fazer com o do nosso terreno, recomendo só que visitem o Museo de París, nas Salas consagradas ao Reino vegetal, comparem as mesmas plantas, nascidas em outras Colonias, com as nossas, vejão se aquellas podem sustentar a mesma magestade de vegetação: talvez que o demaziado amor da Patria me deslumbrasse, porem gosto de enganar-me, quando em erro, que tem plantas por objecto, tenho por companheiro o nosso insigne Botanico o Abbade Corrêa da Serra.

D. Antonio Roboredo; a Sociedade Patriotica ajuntou a aquelle premio o de trezentas piastras mais. „ Não he o valor pecuniario dos premios o que mais incita os homens, outros ha que elevão a alma e são mais apreciaveis ainda; por quantos milhões daria hum General Romano a Coroa de Loiro, que recebia na Capitolio depois do triunfo? No mesmo Periodico vem o resultado dos trabalhos do dito Roboredo, o capital necessario para estabelecer huma plantação de café, despezas annuaes, que ella exige, e beneficios, que produz; e por achar que vale a pena de ser lido, convido a quem poder obter aquelle periodico que lance as suas vistas sobre o artigo em questão, e quando este escrito filho de huma pena, pobre de idéas, e só rica de Patriotismo, não causar outro bem, ao menos annunciando as obras dos autores, que tem escrito sobre o café, ao mesmo tempo que incita a curiosidade, encaminha-a para se poder satisfazer, o que he sempre hum bem.

HYDROGRAPHIA.

Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fonceca. Continuado no N.º 1.º pag. 17.

Ilha Grande de Rocha.

LE-se em hum livro intitulado *Descripcão Geographica, e Roteiro da Região Austral Magalhanica*, impresso em Madrid pelo Capitão Seixas, que em Maio de 1675 Antonio da Rocha em seu regresso da Ilha do Chilloé (na Costa do Chille) dobrara o Cabo de Horne, e entrara no Oceano

Atlantico Meridional; porém não se sabe se pelo Estreito de Maire, ou por Leste da terra dos Estados, onde encontrou ventos tempestuosos da parte do Oeste, e correntes rapidas, que o lançarão para Leste, de maneira que o impossibilitarão de avistar as terras, que formão o Estreito de Magalhães, e como já nos fins de Maio se sente o inverno naquelles climas, Rocha principiou a desesperar da sua navegação; porém estas inquietações cessarão quando hindo mais para avante, descobrio huma terra desconhecida a Leste, e fazendo todos os esforços para se aproximar, ganhou huma bahia, detraz de huma ponta, que se estendia para o SE, onde encontrou 28, 30, até 40 braças de fundo tença de areia, distinguindo-se para dentro da terra montanhas cobertas de neve. Rocha esteve 14 dias exposto a ventos fortes, e quando aclarou o tempo, reconheceo que tinha fundiado á extremidade daquella terra, descobrindo para o SE, e Sul, mais terras altas, cujos cumes se divisavão cobertos de neve. Por fim huma ligeira briza do SE, permitio o fazer-se á vella, e navegando ao longo da Costa de Oeste da Ilha, deixou as outras terras meridionaes ao SE, e ao Sul; de sorte que o canal lhe pareceo de 10 legoas; as correntes o levarão com rapidez para o NE, pois no intervallo de hora e meia, que navegou a ENE, se achou fóra da passagem, e fazendo derrota para NO por 24 horas, lhe sobreveio hum vento tempestuoso da direcção do Sul, que o obrigou a correr por tres dias para o Norte até o parallelo de 46.° Sul, onde a tormenta acalmou, e Rocha, julgando-se livre dos perigos, determinou a derrota para a Bahia de todos os Santos, tendo encontrado na latitude de 45.° huma Ilha alta, que elle diz ser muito grande, e de agradavel vista, com hum bom porto á parte de Leste, no qual esteve 6 dias para se prover de agoa, lenha, e peixe, sem que visse, durante este tempo,

habitantes, e nada mais encontrou até largar ancora na *Bahia* de S. Salvador. He quanto se deduz do diario nautico de Rocha, inserido na dita obra do Capitão Seixas. Quanto á primeira terra, que Rocha vio, julga-se ser aquella mesma, que *M. Guyot* reconheceo em 1756, e a que nomeou Ilha de S. Pedro, fixando a sua posição em 54.° 20′ Sul, e 29.° 11′ ao Oriente do Cabo de Horne, isto he, a sua parte mais meridional: *Cook* tambem avistou esta terra, nomeando-a Ilha Georgia e a situou entre os paralelos de 54.° 57′ e 53.° 57′, e os meridianos de 29.° 8′ e 31.° 47′ a Leste do dito Cabo.

A segunda terra, ou *Ilha Grande de Rocha*, todos crem ser a mesma que *Americo Vespucio* descobrio na sua 3.ª viagem em 1502, á qual os Geografos tem assignalado differentes posiçoens em razão de não terem conhecido o diario original deste antigo Navegador. A' vista do exposto, todos os publicadores Hydrographicos tem assentado em collocar a Ilha Grande de Rocha sobre huma posição de conjectura, ou aproximação, isto he, situando-a em o parallelo de 45° a 30 legoas para Oest, da primeira terra, que *Rocha* vio.

O Capitão *Cook* na suâ primeira viagem, tendo sahido do Rio de Janeiro, dirigio a sua derrota de tal fórma, que se affastou pouco da Costa do Brazil, e Magalhanica: por consequencia não póde fazer nenhuma pesquiza relativa ao reconhecimento da Ilha de Rocha, porém o Chefe de Esquadra *La Perouse* fez huma indagação formal, procurando-a por todas as differentes posiçoens, segundo as cartas, de maneira que este infortunado navegador deduzio que a Ilha Grande lhe parecia ser como a *Ilha Pepis*, isto he, huma terra fantastica, apezar desta ultima ter sido vista na viagem de *Cowley* em 1683, em posição pouco differente daquella assignalada á Ilha de Rocha: não obstante o referido, parece-me (segundo a minha fraca

intelligencia) que a Ilha Grande existe, pois se pelo diario de Rocha se sabia a existencia daquella Ilha, que Cook reconheceo, e denominou *Georgia*, verificando-se por este modo o credito da obra do Capitão Seixas, segue-se que, sendo a vista daquella Ilha apoiada pela mesma obra, se não póde duvidar de que exista, e que sómente seja fantastica a sua posição; visto que *Dalrymple*, na sua carta, a situa sobre o meridiano de 8° para Occidente da passagem, donde o Cappitão Rocha principiou a fazer derrota ao NO, e em outras cartas se vê situada a 3.° para Oriente do meridiano do Estreito de Rocha: havendo huma differença em posição de perto de 11°: Eu sei que esta não se póde saber senão por conjectura; porém com menos differença; pois apezar de se não deduzir o sentido do diario do referido Navegador, relativo á distancia, que navegou em as primeiras 24 horas, e se a derrota foi feita pelo rumo do NO, ou no quadrante deste nome, como tambem o não sabermos o rumo, que Rocha seguio do parallelo de 46° para 45°, onde se diz encontrara a Ilha; com tudo, se a parte do diario inserido na dita obra de Seixas dissesse sómente, que Rocha vira huma Ilha na Latitude de 45°, parecendo-lhe ser alta e grande, poderiamos estar então certos (vista a pesquiza de la Perouse) que Rocha se tinha enganado, tomando por terra alguma nuvem, como por muitas vezes tem succedido; pois sabe-se que nas regioens distantes da Zona Torrida a evaporação do calor do Globo he muito menor, e por consequencia a capa densa do ar, não alcança a muita altura, e que parecendo tocar a sua superficie, retem as nuvens, as quaes não podendo elevar-se, cobrem aquellas paragens de huma nevoa ou arrumação quasi perpetua, que conforme as circunstancias se toma por terra; porém nós vemos que o diario diz que não só aquelle navegador, encontrara a Ilha, mas que

fundiara á parte de Leste em huma abra muito boa, na qual estivera 6 dias, logo pelo que fica dito, e mesmo pela navegação que os navegadores modernos tem feito para encontrar a Ilha grande, deduzo que esta terra existe, e que a sua posição, assim como se conjectura com tanta differença para Oeste na Carta de *M. Dalrymple*, se deve suppôr huma igual differença, porém para Leste, visto que o Capitão Rocha navegou por tres dias com vento tempestuoso, que o obrigara a correr para o Norte, e sómente abonançou no parallelo de 46°, pois suppondo que no primeiro dia da sahida do Canal não fizesse mais que 1° em Latitude, fazendo a derrota ao NO, como elle diz, vê-se claramente que no parallelo de 53° he que principiou a correr para o Norte, e não deveria fazer mais caminho por hora que de 5 milhas para chegar á Latitude de 46°. Logo he muito provavel que o Navio, a correr com huma tormenta, fizesse muito mais caminho do que aquella distancia, verificando-se por este modo o sentido de Rocha ser correr para o Norte, mas por huma derrota obliqua no quadrante do NE, não só em razão da variação da Agulha ser na referida paragem muito sensivel, e da parte Oriental, como tambem porque ainda que o dito navegador seguisse a direcção de N4NE ou NNE com o temporal, não tinha outra maneira de notar, na sua discripção, a direcção que o Navio tomou, obrigado pela tormenta, senão da fórma que elle se expressa, dizendo se vira obrigado a correr para o Norte; por não estar em uso na pratica analizar os rumos até ás quartas, bem entendido quando se falla em geral de hum acontecimento; e pelo que respeita aos navegadores, que tem procurado esta Ilha, devo dizer que sómente de passagem he que o tem feito, e isto por ficar a sua posição nas cartas pouco distante da derrota da Costa do Brazil para os Estreitos de Magalhães, ou de Mai-

re: as indagaçoens que la Perouse fez, depois que se fez á vella da Abra da Ilha de Santa Catharina, para reconhecer a Ilha Grande, forão feitas com toda a attenção, porém limitarão-se em Meridiano mais occidental daquelle, que eu julgo deveria servir de limite, pois la Perouse principiou a sua indagação no meridiano de 4° para Leste da pozição na Ilha na Carta, e navegou para Oest, entre os parallelos de 44° e 45°, de sorte que, tendo feito 15° em Longitude, abandonou o projecto de a procurar. Este mesmo navegador tinha premeditado o principiar a procura-la por hum meridiano, não de 4°, como fica referido, mas sim de 10°, porém parece-me que lhe servio de inconveniente o estar a estação já hum pouco avançada, não só porque dezejava chegar antes do fim de Janeiro, como porque os ventos occidentaes na Costa Magalhanica são muito frequentes já naquella estação.

Vancouver no regresso da sua viagem da Costa do NO da America, procurou esta Ilha, porém de passaje: eisaqui as suas formais palavras: ,, a Ilha Grande de Rocha jáz nas Costas por 45° 30′ de latitude Sul, e 313° 20′ de Longitude; no dia 4 de Junho de 1795, achando-me pela Latitude de 46° 16′ e 310° 8′, continuei a navegar com hum vento forte, de sorte que a 5 a Latitude foi de 45° 30′, e 312° 55′ de Longitude: o tempo estava claro, e huma terra, que estivesse de 10 a 20 leguas de distancia, forçosamente se deveria vêr; no dia 6 a Latitude foi de 45° 6′, e a Longitude 314° 50′, e nada se vio, excepto hum grande numero de passaros (o mesmo vio la Perouse): no dia 7 o mau estado do Velame e Aparelho me constrangeo a abandonar a pesquiza da Ilha Grande. ,, . . .

A′ vista do exposto fica claro que Vancouver não procurou esta Ilha senão no espaço de 4° 42′

de Longitude, e isto suppondo que esta terra possa estar situada por 46° de Latitude, o que he contra toda a probabilidadade; e em quanto ao que o mesmo Navegador diz de que huma terra, que estivesse a 20 leguas de distancia, forçosamente se deveria vêr, não he em todos os casos, visto que do estado da athmosfera e da elevação das terras depende o avistarem-se de mais, ou menos distancia: e eu observo que o Brigue *Chatam* em a mesma expedição de Vancouver descobrio em Novembro de 1791, a ESE do Canal da Rainha Carlota (na Nova Zelandia), e a 120 leguas de distancia, huma Ilha alta, da qual o Capitão Cook na sua viagem passou o meridiano pela parte Septentrional a menos de 20 leguas de distancia, e na 3.ª expedição cortou o dito meridiano pela parte meridional a huma igual distancia, sem com tudo perceber signal, que indicasse aproximação de terra. Mal suporia Cook que dentro do pequeno triangulo, que o seu Navio descreveo, ficasse huma Ilha bem extensa, bem alta, e bem povoada. Huma igual observação se póde fazer relativo ao grupo de *Snares*, descoberto pelo mesmo Vancouver a 100 leguas para SO, da Ilha *Chatam*, que elle se admirou de ter escapado á attenção do Capitão Cook, visto que este navegador tinha passado a menos de 11 leguas dos *Snares*. Huma semelhante conclusão se tira das asserçoens deste navegador, pois tendo na segunda viagem penetrado para dentro do Circulo Polar Antartico, e achado impossivel continuar para o Sul, resolveo navegar para o Norte, com a idéa de procurar directamente a terra descoberta em 1772 por *Herguelen*, de sorte que no 1.° de Fevereiro de 1773, achando-se pela Latitude de 48° 30′ e 58° 7 de Longitude, e não vendo o menor signal de terra, fez navegar a Leste a tempo que o Capitão *Furneaux*, Commandante da Aventura, lhes fez signal para passar á

falla, e lhe deo noticia, que elle é toda a tripulação acabavão de vêr hum grande pão de mangue entrelaçado com outros mais pequenos, e hum grande numero de passaros. Isto com effeito he hum signal certo de aproximação de terra, porém como Cook não podia saber se lhe ficava para Leste ou para Oest, projectou fazer 4 até 5° para Occidente, e depois continuar a sua pesquiza para Leste, mas apezar de não poder realizar esta navegação, em razão do máo tempo, com tudo no dia 3, achando-se na Longitude de 60° 47′, e supondo que este meridiano era mais Oriental 3°, que aquelle assignalado á Ilha de Herguelen, perdeu as esperanças de descobrir terra a Leste, e em consequencia decidio procura-la para Oest: porém nada encontrou. Agora será necessario reflectir que, na Longitude de 60° 47′, Cook fazia-se estar 3° para Leste da terra descoberta em 1772, a tempo que elle jazia 8° para Oest, como o mesmo navegador reconheceo, quando visitou esta terra na viagem seguinte em 1776.

Logo, se os Circumnavegadores da epoca dos Circulos de Reflexão e dos Chronometros, tem circunstancias, que os obrigão a publicar as suas descobertas com tanta differença em posição, não he de admirar que as terras, descobertas pelos navegadores da epoca dos instrumentos de sombra, se achem situadas em posição muito differente da que elles publicarão. Por consequencia julgo que para se fazer huma indagação, com que se ponha fim a tantas incertezas, seria necessario que a pesquiza da Ilha Grande fosse feita de premeditação; quero dizer procurando-a do Oest para Leste, que he o que se não tem feito até o presente; e com razão, pois os navegadores, que ficão apontados, ao cortar o parallelo daquella Ilha, não querem apartar-se para Leste a procura-la; na razão da frequencia dos ventos Occidentais por aquellas pa-

rajes lhes servir de inconveniente á derrota de tomar sonda da Costa Magalhanica, antes de penetrar o Estreito de Maire. Logo se deve principiar a correr para o Oriente em o meridiano, donde la Perouse começou a navegar para o Occidente, devendo-se abandonar a indagação, logo que pelo parallelo de 45° se tiver chegado a cortar a derrota do Dr. Halley, e a causa de determinar por limite Occidental aquelle Oriental de la Perouse, he porque estou bem certo que para Oest deste ponto, o que aquelle infortunado não achou, outro qualquer não póde encontrar. Pelo que respeita ao Dr. Halley, devo dizer para melhor intelligencia, que este Astronomo sahio da Ilha Grande da Costa do Brazil em 1700, e navegou para o Sul até o parallelo de 53°, tendo cortado o parallelo da Ilha Grande de Rocha a 20 leguas para Oest da posição assignalada por *Dalrymple*: o Capitão *Bouvet*, em 1738, fez-se á vela da Ilha de Santa Catharina, dirigio a sua navegação ao SE, até encontrar a derrota de *Halley*, de sorte que as duas derrotas destes navegadores, e aquella que descreveo o Capitão *Furneaux*, quando pela segunda vez se separou de Cook, limitão hum espaço de 320 leguas quadradas, e que até o presente não tem sido trilhado por algum navegador.

MINERALOGIA.

Continuação da Memoria do Dezembargador José Bonifacio de Andrade.

Mina de Buarcos e suas pertenças.

A Mina de Buarcos merece que fallemos della em primeiro lugar, por ser o mais antigo estabelecimento dos que hoje existem. A sua historia, que vou em breve delinear, dará mais hum documento irrefragavel das causas, porque tem sido impossivel em Portugal fazer durar, e prosperar estabelecimento algum montanistico.

O seu descobrimento, e primeiros trabalhos, forão devidos a hum Inglez morador na Figueira, quasi nos principios do reinado do Senhor D. José I. de gloriosa memoria; depois mandou lavrar S. M. por sua conta; e por má direcção, e falta de conhecimentos na arte montanistica, ficou abalado e rachado o monte, e alagou-se, e estragou-se a mina; pelo qual motivo ainda hoje sofre esta mina pelas fendas, que abrio no monte, pelas quaes finalmente em 1804 o mar inundou de todo a mina velha. Já então se havia suspendido o trabalho das Ferrarias velhas de Figueiró dos Vinhos.

Em 1785 se fizerão obras grandiosas, mas inuteis, galarias, obras de extracção e ventilação, nada aproveitarão; e já em 1802 por falta de espaldamento e escoramentos das escavaçoens, estava tudo alagado e desmoronado. O que junto a outras causas fez hesitar se se devia abandonar de todo este estabelecimento; porém pareceu mais acertado emendar e aperfeiçoar do que destruir. Foi preciso fazer quasi tudo de novo; maquinas, carros, novas bocas de ventilação, carreiras novas de extracção; entulhar galarias velhas, abrir outras novas, fazer bombas para facilitar o esgoto, fazer novas

ferramentas, segundo as regras da arte, desentulhar e fazer novas praças, concertar casas, armazens, telheiros, forno de cal; abrir nova estrada para a Figueira; e por fim aproveitar e reduzir a cultura as terras da charneca, que em 1789 tinha comprado a Rainha Nossa Senhora, e jazião inutilizadas, bem que para o sustento dos bois da Mina se gastassem por anno dois contos de reis. O resultado destes trabalhos foi exportar-se para Lisboa em Setembro de 1803 hum grande numero de pipas de carvão, de que havia 5 annos não se extrahia hum grão.

Suspendidos estes trabalhos em Janeiro de 1804, ficou a mina abandonada até Setembro do mesmo anno e tudo se arruinou, e destruio, de maneira que em Novembro fez o mar hum rombo por huma das fendas antigas, de que já falei, e mallogrou todos os meus trabalhos. A Administração pecuniaria deste estabelecimento, na fórma do Real Decreto de 4 de Maio de 1804, havia passado á Direcção da Fabrica das Sedas, e Obra de Agoas Livres.

Não perdi o animo; comecei de novo em 1805 a fazer novas pesquizas ao Sul e ao Norte da mina velha alagada para descobrir os vicios, e porme a salvo da inundação. Trabalhei anno e meio; e por fim tive o gosto de abrir huma nova mina com duas bocas, huma grande praça, cavada no monte para assentar as maquinas, e pôr o carvão extrahido, tudo livre dos insultos do mar, e da communicação da mina velha. Achei carvão tão bom, como o melhor de Inglaterra, que póde ser ganhado e extrahido com pouca despeza, por ter parado o esgoto das agoas.

Passemos á natureza dos bancos, e ao que póde ministrar a mina nova. O carvão de pedra na mina de Buarcos acha-se em seis differentes camadas ou veios, que se dirigem na hora 3 da agulha do mineiro, isto he de Nordeste a Sudoeste, e se

inclinão ao horisonte com 33 gráos para o Oriente. Contando estas camadas de carvão de baixo para cima, o 1.º veio, que he a mais possante, anda entre 36 e 40 pollegadas de grossura, sobre elle pousa o 2.º veio de carvão de 9 pollegadas, que tem por tecto 4 ou 5 palmos de marne argilloso: este marne, pela sua molleza e esbroamento ao ar, se cava ao mesmo tempo que o carvão do 2.º veio. Sobre este marne vem hum banco de pedra calcarea de 24 pollegadas de grossura; e sobre este o de carvão de 9 até 10 pollegadas; e por cima 4 ou 5 palmos do mesmo marne, que se cava do mesmo modo com o carvão do 3.º veio: sobre o marne vem outro banco de pedra calcarea rija; e sobre este vem o 4.º e 5.º veio de marne com pedaços soltos de carvão, e bancos calcareos de permeio; até que vem o 6.º veio de carvão de 6 pollegadas, que he o superior e ultimo. Na mina velha só se extrahia o 1.º e 2.º veios, e ás vezes o 3.º, mas nunca o 6.º por não haver necessidade.

Em a nova mina tem-se profundado até o 1.º veio 180 palmos obliquos, e despresando por hora todos os mais veios, fallando só deste, em huma semana podemos tirar deste unico veio 40 pipas de carvão, pois 50 até 60 palmos quadrados de superficie, com a grossura do veio dão huma pipa de carvão.

A despesa necessaria para tirar estas 40 pipas por semana he 153\$760. Logo vem a sahir a pipa de carvão a 3844 reis. Mas o carvão hum por outro não se deve vender a menos de 10\$ reis por pipa, o que importa em 400\$ reis; logo ficão liquidos de lucro por semana 246\$240 reis. Ora isto he, trabalhando-se sómente no primeiro veio; porque a tirar-se tambem o 2.º e 3.º, como se faz ás vezes, então os lucros são mais que o dobro; porque poupão-se despesas com os officiaes de inspecção; logo havendo consummo de carvão e trabalhando-se no 1.º veio, póde render a mina acima de 12 contos de reis por anno.

Além destes lucros he preciso tambem admittir em linha de conta o que renderá o forno de cal, e a fabrica de tijolo; e se se acabar a fabrica de vitriolo, igualmente o que dará este estabelecimento, de que ha tanta falta no Reino. A lavoura das terras paga os amanhos, e sustenta o gado da mina, que tambem serve para a mesma lavoura. Não entro na miudeza destes estabelecimentos, porque já fallei delles em outro lugar.

Tenho mostrado a grande utilidade e proveito, que póde dar esta mina, mas tudo será baldado, se o seu carvão não tiver consumo e sahida certa. As providencias, que se podem dar para este fim, são as seguintes: 1.º Que S. A. R. ceda da sua marinha dois hiates á administração das Minas, os quaes se empregarão no transporte do carvão para Lisboa, e para o Porto, e do Porto para Lisboa: 2.º Deve haver hum armasem Real em Lisboa, onde se descarreguem e vendão os productos das minas; como carvão, ferro, tijolo, &c. Estas duas providencias já estavão dadas antes da retirada de S. A., e nomeado hum negociante para commissario: 3.º Continuarem debaixo da Administração das minas, os Fornos de cal da Lapa da Moura, vendendo-se a sua cal, ou á Administração das obras publicas, ou aos particulares; porque este estabelecimento dá muito lucro ás minas de carvão, como mostrarei depois: 4.º Insinuar-se aos distilladores de agoardente das fabricas de Lavos, que destillem com carvão de pedra, e construão novas fornalhas, vedando-se deste modo o estrago, que tem feito nas lenhas daquelle districto, que vão faltando absolutamente, e para isto devem estar seguros os fabricantes de que a Companhia do Alto Douro não poderá estender os seus privilegios além do Mondego: 5.º que a Companhia do Porto destille com carvão de pedra, e não lenha, e use do de Buarcos misturado com o do Porto na sua fabrica dos arcos de ferro, e

nas forjas das obras da Barra e estradas, como igualmente nos seus fornos de cal: 6.º que nas saboarias, fornos de cal de Lisboa, tinturarias, fabricas de refinar assucar, e outras, não se use senão do nosso carvão de pedra: 7.º que nos Arcenaes Reaes do Exercito e Marinha, e nas Fabricas Reaes de Polvora em Barcarena e Alcantara se introduza de novo o uso do nosso carvão, como se praticava no tempo do Tenente General Bartholomeu da Costa: 8.º que em vez de lenha se subministre carvão de pedra aos quarteis dos Soldados e navios Reaes, construindo-se para isso as competentes fornalhas: o que tambem se praticará nos Hospitaes Reaes e Publicos: 9.º que os fornos de cozer pão para a tropa usem do nosso carvão de pedra, construindo-se novos á Ingleza, para o que darei os riscos necessarios: 1.º Que a Junta do Commercio não dê licença, nem privilegio novo, nem renove os antigos ás fabricas, que gastão combustivel, sem a obrigação expressa de usarem do nosso carvão.

Para dar sahida ao tijolo da Real Fabrica de Buarcos hajão as Administraçoens das Agoas Livres e Obras Publicas de lhe darem consumo por hum preço estabelecido e arrezoado.

Lembrei acima os lucros, que pódem dar os fornos de cal da Lapa de Moura, agora os demostrarei melhor pelo seguinte orçamento.

Despezas 99$680

Producto — Hum forno de cal gastando 5 pipas e meia de carvão e 84 carradas de pedra (como se suppoz no orçamento acima) produz pelo menos 84 moios de cal, que a 1800 reis o moio importa 151$200

Lucro liquido de hum forno por Semana 51$520

Ora demos que não trabalhe hum forno por anno senão 45 Semanas, temos de lucro annual 2:318$400 reis. Mas he de notar que naquelle estabelecimento da Lapa de Moura ha tres fornos,

que pódem trabalhar ao mesmo tempo; e então se poderá dar a cal com muito lucro a menos de 1600 reis o moio.

Fabrica de ferro da foz do Alge, e suas pertenças.

A mineração, e fabrico do ferro, como já disse na Introducção, foi muito extensa nestes reinos: ainda em tempo dos Senhores D. João III e D. Sebastião se tirava muito ferro na Villa de Penela, como diz Duarte Nunes de Leão, e de huma Carta Regia do Senhor D. João III, escrita ao Desembargador Luiz de Azevedo, Corregedor de Moncorvo, consta que naquella Villa, e na de Ouva e seus termos se minava muito ferro, e havia mais de 50 forjas, que trabalhavão de continuo, e porque os Mineiros não pagavão cousa alguma á Fazenda, nem tinhão o ferro por direito Real, o dito Corregedor os condemnou a 8 coroas por pessoa, segundo o regimento antigo da Fazenda. Estes e outros estabelecimentos porém acabarão no tempo dos Filippes. Pela gloriosa acclamação do Senhor Rei D. João o IV a falta, que havia no Reino de balla, artilharia, ferro em barra, e verga, e pregaria, obrigou o mesmo Senhor a mandar estabelecer de novo as Ferrarias de Thomar e Figueiró dos Vinhos, para as quaes deu regimentos em Outubro de 1654 e em 1687; e por fim o Senhor D. Pedro II outro novo em 1692. Foi nomeado Superintendente Francisco Dufour, Official Francez, que servia no exercito do Alemtejo, a quem succedeu Pedro Dufour seu filho em 1667, o qual fez vir de França por contrato 4 mestres para os engenhos, que havia hum em Thomar no sitio do Prado, e outro na Machuca termo do Avella. O Senhor Rei D. Pedro II mandou construir outro novo na Foz do Alge, lugar que aproveitei para a

nova fabrica, que S. A. mandou erigir pelo Alvará de 30 de Janeiro de 1802. Morto Pedro Dufour passou a Superintendencia para os Corregedores e Provedores da Villa de Thomar, e forão definando as Fabricas até 1761, em que de todo cessarão. Acabarão pois essas fabricas, e se arruinarão de todo.

Em 1802 principiou-se com muito fogo a trabalhar outra vez em tão importante estabelecimento; mas logo em Setembro de 1803 tudo parou, e tudo principiou a arruinar-se até Agosto de 1804, em que de novo se derão alguns soccorros.

Muito custou a dar com o verdadeiro methodo de fusão, e de refino, por causa da natureza dos mineraes de ferro e do combustivel, que era carvão de cepa; mas conseguio-se fazer hum milagre em Metallurgia, e he fundir-se ferro com cepa rachada em vez de carvão, e refina-lo em barra pelo mesmo modo, poupando-se desta maneira muito em jornaes, e combustivel. De mineral de ferro ha huma grande abundancia por aquelles sitios, e de cepa igualmente, alem de muitos pinhaes, carvalhos sobros, e castanheiros, que tem o districto.

Segundo a experiencia das fundiçoens, que se fizerão, e das despezas dos refinos, vem a ser os gastos necessarios os seguintes:

Ordenados	1:080$000
Despezas dos 3 refinos	2:312$000
Ditas de fundição	4:206$600
Total	7:598$600
Producto	13:260$000
Lucro	5:661$400,

Para realisarmos este lucro he preciso acabar dois refinos, em que se gastará pouco mais ou menos, 650$ reis. Quando se queirão construir mais refinos, e trabalhar com a 2.a fornaça, havendo os avanços necessarios, então duplicará o lucro.

Deste orçamento, que he o mais desfavoravel, que se póde fazer para a Fabrica, e fundado nas despezas, que se fizerão em tempos de provas, e do ensino dos Officiaes, ainda estrangeiros, dos quaes a muitos faltava a pericia pratica destes trabalhos, se vê o quanto perderia o Estado, se devesse parar esta Fabrica. Demais, ainda quando a Fabrica não desse lucro algum, devião sustentar-se, e ampliar taes estabelecimentos, principalmente nas 5 fornaças de ferro, como esta da foz d'Alge, e seus competentes refinos, teremos todo o ferro preciso para Portugal e suas Colonias, e poderemos alimentar muitas fabricas de pregaria, espingardaria, e outras, de que tanto precisamos, pois que ha muito mineral de ferro em todas as Provincias, especialmente em Tras os Montes, Beiras, e Estremadura Alta, com muitas lenhas e cepa, e boas localidades. Não causa lastima o ver que em 1801 levarão-nos os estrangeiros só em metaes em barra, e obras, e em carvão de pedra, ácima de 90 milhoens de cruzados?

E porque razão se suspenderá o trabalho da fabrica? Porque tem gastado cabedaes? Estes forão precisos para levantar, e crear este bello estabelecimento, e muita parte consumirão os ordenados de homens, que vindos de fora para outros estabelecimentos, que se projectavão, e que não se fizerão, carregarão sobre o cofre das ferrarias, os quaes agora cessão, porque muitos destes estrangeiros tem partido, e partirão para o Brazil.

Os Ordenados, que se pódem poupar, se reduzem em somma a 1:890$ reis, despezas inuteis, e que as circunstancias tornarão forçosas.

Tenho exposto todas as economias, que se pódem praticar na administração desta fabrica; e espero o Governo protegerá hum tão bello estabelecimento, para que não inutilise sem motivo tantas despezas: agora só me resta lembrar algumas pro-

videncias, que se devem dar para conservação e manutenção da fabrica. Além de se ministrarem os cabedaes necessarios para o costeio de hum anno, deve o Governo ordenar que todo o ferro forjado seja com preferencia comprado pelos Arcenaes Reaes do Exercito, e Marinha, e pela Administração das Obras Publicas; pagando-se porém indefectivelmente o seu importe, para que não faltem nos annos seguintes os cabedaes necessarios: 2.º Que do Arcenal Real do Exercito vão para Figueiró dos vinhos, como já S. A. R. tinha determinado, 2 Mestres Moldadores para aprontarem as formas necessarias de panellas, cassarolas, fogoens, &c, pois que este artigo de ferro coado he tão preciso a Portugal, como lucroso á nossa Fabrica.

Continuar-se-ha.

LITTERATURA.

Continuação das Maximas, Pensamentos, e Reflexoens Moraes. Por hum Brazileiro.

Nosce te ipsum.

O Nosso amor proprio argúe de soberbos aquelles, que o não lisongeão.

A riqueza do avarento, transmittida ao prodigo, se assemelha ao fogo de artificio: leva muito tempo a fazer-se, consome-se em pouco, e diverte a muita gente.

A pezar da extincção do Paganismo ainda ha muita gente, que adora a Deoza Fortuna.

Os ricos e poderosos raras vezes se esquecem

do que valem, e somos tão avaros em louvar os outros homens, que cada hum delles se crê authorisado a louvar-se a si proprio.

A vaidade não he menos benefica do que a virtude; ainda que sejão diversos os motivos e fins da sua beneficencia.

O avarento por hum máo calculo soffre de presente os males, que recêa no futuro.

Há muitos homens que se estimão porque se não conhecem perfeitamente.

Raras vezes o prazer da posse e da fruição corresponde á expectativa e alacridade dos nossos desejos e esperanças.

Há pessoas, que affectão desprezar a morte, para occultar o horror, que ella lhes causa.

A civilidade he a arte de encobrir o nosso amor proprio, e lisongear o dos outros.

Nenhum tempo, e nenhum lugar nos agrada tanto como o tempo que não existe, e o lugar em que não estamos.

O nosso bom, ou máo procedimento he o nosso melhor amigo, ou peior inimigo.

O homem máo não conhece os seus verdadeiros interesses.

A economia com o trabalho he huma rica e preciosa mina de ouro.

A amizade a mais perfeita, e a mais duravel he aquella, que contrahimos com o nosso interesse.

Ninguem avalia tão caro o nosso merecimento como o nosso amor proprio.

Há pessoas, que dizem mal de tudo por inculcar que prestão para muito.

São falsos quasi sempre os nossos juizos, quando as nossas paixoens os determinão.

Os Legisladores não legislarão contra a avareza. Que penas podião cominar ao avarento, que excedessem ás que elle voluntariamente soffre pelo seu vicio?

Mentem mais os nossos gestos, semblante e maneiras, que a mesma lingoa.

Somos impellidos pelo amor proprio a dar grande importancia ao que nos pertence, e diz respeito, sem considerarmos, que os outros homens nada curão dos nossos interesses, senão em relação ás vantagens, que podem resultar para os seus proprios.

O coração do homem he hum corpo, em que brotão, simultanea ou successivamente, sentimentos de heroes, e de lacaios.

A sabedoria he reputada geralmente pobre; porque se não podem ver os seus thesouros.

Há homens, cuja actividade he semelhante á dos macacos, importuna, desordenada, e ruinosa. Elles trabalhão, e se fadigão incessantemente em damno alheio, e seu proveito proprio.

O avarento acha tanto prazer em não gastar, como o prodigo em dispender.

O meio mais efficaz de medrar no Mundo, e agradar aos outros homens consiste em identificar-nos com elles, affectando esquecer-nos de nós, e parecer, que só nos occupamos da sua ventura, quando tudo referimos ao nosso interesse.

Somos tão indulgentes com as pessoas, que amamos, como austeros e crueis com aquellas, que aborrecemos. Perdoamos tudo a huns, e nada os outros. O nosso amor proprio absolve, e condemna, segundo os seus sentimentos.

Assim como no mundo physico os fluidos penetrão e dissolvem os solidos, igualmente no mundo moral o geito rende e subjuga a força.

O homem douto e erudito he semelhante a hum cofre cheio de moedas antigas e modernas, entre as quaes há muitas falsas, e cerceadas.

Por muito sagaz que seja o nosso amor proprio, a lisonja quasi sempre o engana.

Há homens tão corrompidos e velhacos, que

julgando os outros por si, se tornão incredulos sobre a existencia da probidade em alguem.

O nosso amor proprio nos ensina a lisongear o dos outros.

Muitas vezes sacrificamos o nosso amor proprio nas aras do nosso interesse.

Apotheosis Poetica ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luiz de Vasconcellos e Souza, Vice-Rei e Capitão General de Mar, e Terra do Brazil &c. Canção offerecida no dia 10 de Outubro de 1785. Por Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, Professor Regio de Rethorica, na Capital do Rio de Janeiro.

EGregia flor da Lusitana Gente,
Nobre inveja estranha,
De antigos Reis preclaro descendente,
Luiz, a quem se humilha quanto banha
Do Grão Tridente o largo Senhorio,
Desde o Amazonio até o Argenteo Rio.

Em quanto concedeis repouso breve
A's redeas do Governo,
Ouvi a Muza, que a levar se atreve,
Ao som da lyra d'ouro em canto eterno,
O Nome vosso a ser brilhante estrella,
Onde habita immortal a Gloria bella.

Só ás Filhas do Ceo foi concedido
Do Lethes frio, e lasso
Os Heroes libertar; calca atrevido
Tempo devorador com lento passo,
Tudo quanto os mortaes edificarão;
Nem deixa os eccos das acções, que obrarão.

Receba o vasto Mar no curvo seio
Os marmores talhados;
O amoroso Delfim, o Tritão feio
Respeitem temerosos, e admirados
A moralha, onde Thetis quebra a furia,
Do maritimo Jove eterna injuria.

Ao ar se eleve a Torre magestosa
Thesouro amplo, profundo
Das riquezas, que envia a populosa
Europa, e Asia grande ao Novo Mundo;
Por quem soberbo, ó Rio, ao mar te assomas,
Tu, que do mez primeiro o nome tomas.

Lago triste, e mortal, no abismo esconda
Pestifero veneno;
E o leito, onde dormia a esteril onda,
Produza os bosques, e os Jardins amenos,
Que adornando os fresquissimos lugares,
Dem sombra á terra, e dem perfume aos ares.

O vosso invicto braço os bons proteja,
E os soberbos opprima:
Modelo sempre illustre em vós se veja
D'alma grande, a quem bella gloria anima;
Regendo o sceptro respeitado, e brando;
Digno da mão, que vos confia o Mando.

Os justos premios de emula Virtude
Da vossa mão excitem
Ao nobre, ao generoso, ao fraco, e rude:
As Artes venturosas resuscitem;
E achando em vós hum inclito Mecenas
Nada invejem de Roma, nem de Athenas.

A paz, a doce paz contemple alegre
As Marciaes bandeiras:
Prudente, e justo o vosso arbitrio regre,
E firme a sorte de Nações inteiras;
Derramando por tantos meios novos
A ditosa abundancia sobre os Povos.

Cresça a prospera industria, que alimenta
Os solidos thesouros:
O ocio torpe, e a Ambição violenta
Fujão com funestissimos agoiros;
Fuja a ceja Impiedade; e por castigo
Negue-lhe o Mar, negue-lhe a terra abrigo.

Acções famosas de louvor mais dignas,
Que as de Cezar, e Mario!
Vós não sereis ludibrio das malignas
Revoluções do tempo iniquo, e vario:
Que as bellas Muzas, para eterno exemplo,
Já vos consagrão no Apollineo Templo.

Lá se erige mais solida columna
Que o marmore de Paros;
E longe dos teus golpes, ó Fortuna,
Lá vive a imagem dos Heroes preclaros:
Assim respeita o tempo os nomes bellos
De Scipiões, de Emilios, de Marcellos.

Entre estes vejo o Achilles Luzitano,
Que prodigo da vida,
Foi o açoite do barbaro Africano,
E exemplo raro d'alma esclarecida,
De que são testemunhas nunca mortas
D'Ourique o campo, de Lisboa as portas

O grande Vasconcellos vejo armado,
Que arranca, e despedaça
O alheio ferreo jugo ensanguentado;
E soberbos Leões forte ameaça;
Da guerra o raio foi, da paz o leme;
America indá o chora, Espanha o teme.

Quem he, o que entre todos se assignala
No provido conselho?
E no valor, e na prudencia iguala
Da antiga Pilos o famoso velho?
He Pedro, que com hombros de diamante
Foi de hum, e de outro Ceo robusto Atlante.

Mas que lugar glorioso vos espera
Apar de taes maiores,
Inclito Heroe, na scintillante esfera?
Eu vejo o Busto, que entre resplandores
As virtudes, e as Muzas vos levantão
Ao som dos hymnos, que alternadas cantão.

Luiz, Luiz a abobeda celeste
Por toda a parte sôa;
E tu, Clio, tu que lhe teceste
Com a propria mão a nitida coroa,
A voz levantas, entornando as Graças
O nectar generoso em aureas taças.

Delicias dos humanos, clara fonte
De justiça, e piedade,
Não sentirás do pallido Acheronte
Ferreo somno, nem densa escuridade,
Cantou a Muza: a inveja se devora,
E o tempo quebra a foice cortadora.

Então, d'entre segredos tenebrosos
Erguendo o braço augusto,
Que vio nascer os Orbes luminosos,
Dá vida a Eternidade ao novo Busto:
Hum chuveiro de luz sobre elle desce
E nova Estrella aos homens apparece.

Astro benigno! Eu te offereço a Lyra,
De louros enramada;
Recebe . . . ella já voa, e sobe, e gira,
Rompendo os ares d'esplendor cercada;
Já Satellite adorna o Firmamento,
E te acompanha lá no Ethereo Assento.

Canção, quanto te invejo!
Vai, e ao feliz habitador do Tejo
Canta que a nova Estrella,
Banhada em luzes da Rainha Augusta,
Reflecte ao novo Mundo a Imagem della.

A ausencia de Armia.

RONDÓ.

O Campo viçoso,
De flores juncado,
Em si esmaltado
O riso trazia.
Agora despido
Sem fresca verdura,
Só pinta a amargura,
Retrata a agonia.

Pergunta-se a causa?
Ausentou-se Armia.

O rio engrossava
Em agua abundante,
Soberbo, arrogante
Das margens sahia.
Agora em segredo
Mofino já corre,
Parece que morre
A sua alegria.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

O gado formoso
Alegre brincava,
Ligeiro buscava
A relva macia.
Agora espantado
Nos montes errando,
Tristonho balando,
Pavor desafia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

As setas funestas
Lançava Cupido,
Nem Paphos, nem Gnido
Mais ledo o não via.
Agora encerrado.
Em ermo retiro,
Saudoso suspiro
Aos ares envia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

Zombava da sorte
Elmano ditoso,
No seio mimoso
O prazer bebia.
  Agora aos suspiros
Succedem os ais,
Em ancias fataes
Aborrece o dia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

Ha pouco de hum bem,
Que adora constante,
O bello semblante
O gosto infundia.
  Agora em tormentos
Exhalando a vida,
A morte convida,
A morte tardia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

Elmano Bahiense.

---

*Descripção de huma tormenta. Por B.****

D'un tonerre eloigné le bruit s'est fait entendre
Les flots en ont frémi, l'air en est ebranlé.

Poem. das Estações por Lambert.

QUAes na Campina os olhos alongando
Apoz montes, montanhas sobranceiras,
Surgir cuidamos, terminando o espaço;
Surge das ondas triplicado manto,
Hediondos monstros finge, e desdobrado,

A abobada celeste inteira obumbra.
Com rosto merencorio repellindo
Os abraços de Thetis, baixa Phebo,
E a torva claridade, que promete
Medonha noite, com seus raios morre.
De envergonhadas somem-se as estrellas,
Das trevas na espessura insulto achando
O scintillar, que os Ceos abrilhantára.
Aquilo atraiçoado sopra escasso:
No ar as nuvens já rotas pelejão:
Largas as vagas ponderosas rolão:
Ao longe muge o mar, o trovão ronca,
E sobre o negro azul do mobil campo
D'arrebentadas ondas ferve a espuma.
O relampago os olhos fere e offusca,
E das trevas o lucto mais negreja.
Sibilla, zune pela enxarcia o vento:
Já mil boiantes serras se atropelão,
Huns sobr' outros relampagos se abrazão,
Os ares ardem, os trovões rimbombão;
Ao rude embate das pejadas nuvens,
Dos rotos bojos os coriscos saltão.
A chuva em catadupas se despenha,
Embravecido o vento, e o mar rebramão.
Qual o volatil povo, que repouza
Nas tenras hastes, que meneia o vento,
Balança a antena a nautica companha.
D'ambos os bordos rotas as escotas,
Com furia açoita o ar farpada vella.
Estatico ante a morte o nauta espera,
Da morte o aspecto augmenta o amor da vida.
Com voz forçada o animo releva
Dos abatidos socios, ao trabalho.
Da encapelada vaga ao rude encontro
O bordo inclina, estoirão as enxarcias.
Qual dos ventos batido annoso roble,
Do cimo da montanha derribado,
Mostra a raiz ao Ceo, o masto tomba.

Da liquida montanha o pezo ingente
Com surdo estrondo no convez baqueia :
Qual estoira a roqueira, assim quebrando
Da nave no costado, a vaga estruge ;
Co' impeto o ar, tremendo, a quilha sulca.
Este ao machado corre, aquelle à bomba ;
Todos aos Ceos a voz, e as mãos levantão,
Aos Ceos, seguro e ultimo refugio.
Amigo do infeliz, o Ceo o escuta,
A esperança o sustenta. Pouco, a pouco
O véo caliginoso levantando,
Da bonança desponta a leda face.
Já não bramem as ondas, já se aplanão :
Surdo rola o trovão, fuzila a espaços :
Aquilo fatigado a furia quebra.
Desprendidas da verga as velas descem.
Já do animo cahe da Morte o pezo,
Traz aos rostos a cor o livre sangue,
A' boca, aos olhos a alegria vôa,
Liberto o coração dos nós do medo ;
E os nautas, entregando os lassos membros
No somno, da fadiga refocillão.

ARTES.

Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo sobre a introducção das Artes no Reino, que escreveo sendo Enviado na Corte de Paris no anno de 1675.

DIZ-me V. M. que está lastimoso o Commercio do Reino, porque as nossas mercadorias (por falta de valor) não tem saca; e que os Estrangeiros para se pagarem das que metem no Reino, levão o dinheiro : mal he este, que pede remedio prompto ; porque, se continúa, perder-se-hão as conquistas, e o Reino : as conquistas, porque a sua conservação he dependente do valor dos fructos, que nellas se cultivão ; e se não tem valor, não tem gasto ; nem se podem commutar pelo infinito numero de generos, de que os moradores dellas necessitão : o Reino, porque o dinheiro he o sangue das Republicas, e succede no corpo politico com a falta de dinheiro o mesmo, que succede no corpo phisyco com a falta de sangue : sem dinheiro, e sem commercio poderáõ viver os homens, mas da mesma sorte que vivem os Indios no Brazil, e os Negros em Africa, dos fructos rusticos, e naturaes ; mas sem sociedade civil, que he o que os distingue das feras ? Estes principios não necessitão de prova ; passemos de examinar a natureza do mal, á dos remedios. Dizem os Politicos, que o mal procede do luxo, e das modas introduzidas no Reino, dos gastos superfluos da Nobreza nos vestidos, nos adornos das casas, nas carrossas, e no excessivo numero dos criados ; e que praticando as Leis Sumptuarias, as prohibiçoens, e pragmaticas contra os gastos superfluos, não meteráõ os estrangeiros no Reino mais que o necessario, e não sahirá do Reino o muito dinheiro, que por aquelle cano sai continuamente. He muito boa razão

esta; e foi praticado em todos os Reinos, e Republicas bem governadas: he doutrina derivada das fontes de Platão, e Aristoteles: seguida e aprovada de todos os Autores; e sobre que se fundarão varias Leis, que achamos no Direito Civil.

A Ley Papia regulava em Roma as cores, que as Damas honestas podião vestir, e taxavão a quantidade de ouro, com que se podião adornar. A Ley Fabia limitava o custo dos banquetes; e a Ley Femilia o numero dos pratos; com pena pella transgressão, não só a quem convidava, mas aos convidados. A Ley Julia ordenava que senão fechassem as portas, e as janellas das cazas, em que se davão os banquetes, para que pudessem ser vistos e examinados dos Censores; cujo supremo Tribunal foi creado para a execução das Leis Sumptuarias. He conveniente, e justo que se pratiquem entre nós; mas o nosso mal he de qualidade, que não basta este remedio. Dizem os mercadores que procede este mal dos excessivos direitos, que tem nas nossas Alfandegas as drogas do Brazil; e ainda as do Reino, que os Estrangeiros levão; e argumentão desta sorte: os Estrangeiros não ganhão nos generos que levão de Portugal, senão nos que metem; e hão de pagar-se delles ou em fazendas, ou em dinheiro: e sendo certo que perdem nas fazendas, e no dinheiro, he tambem certo que levão aquillo em que menos perdem; e que levão o dinheiro porque perdem menos nelle: com que se se abaixassem os direitos nas Alfandegas, perderião menos nas fazendas, que no dinheiro: e esta razão he muito boa, porque he certo, que se os mercadores perdem por exemplo vinte e cinco por cento no dinheiro, e vinte e quatro nas fazendas, hão de levar antes as fazendas, que o dinheiro. Não reprovo esta razão, antes me parece digna de se executar; mas tenho por certo, que não procede o mal deste principio, e ambos estes remedios não

servirão mais, do que de entreter o achaque sem o curar: cortaremos os troncos, mas como fica a raiz, ha de produzir os mesmos effeitos.

Communmente gritão todos que se executem as Leis, que prohibem a saca do dinheiro; que se visitem as Náos, que sahem do Reino, que se castiguem capitalmente os culpados neste delicto; mas este remedio he inutil; a experiencia o tem mostrado assim, e a razão o mostra; porque os mercadores estrangeiros hão de pagar-se, ou em fazendas, ou em dinheiro, e se estas fazendas não bastão (como provarei), hão de levar o dinheiro, apezar de todas as prohibições, e de todas as deligencias, e castigos: e daqui nasce, que deste unico remedio não faço nenhum caso.

O primeiro remedio das Leis sumptuarias curarião o mal, se o dinheiro, que nos levão, fora só o pagamento do que nos metem superfluo; mas como he certo, que não he só do superfluo, mas do necessario, não são aquellas Leis o remedio do mal: além de que, que Leis destas vemos observadas? Se a vaidade dos homens se curára, facil execução terião aquellas Leis; mas como he quasi impossivel aquella execução, esta he a razão porque Tiberio (no Senado) reprovava a publicação das Leis, que só servião de descobrir a impotencia das Leis, contra aquelle vicio de muitos annos introduzido, como refere Tacito.

O segundo remedio de abaixar os direitos nas Alfandegas, e o preço das drogas do Brazil, he remedio, que curaria o mal, se as drogas do Brazil fossem bastantes para pagar aos estrangeiros o preço de todas as fazendas, que recebemos delles; como por exemplo; se recebemos oito milhoens, e temos quatro que dar em troco, necessariamente havemos de pagar o resto em dinheiro: não he com tudo para desprezar este meio, por duas razoens: 1.ª porque, se os estrangeiros perdem mais

em levar fazendas, que em levar dinheiro, como affirmão os homens de negocio; levárão menos em dinheiro tudo o que levassem mais em fazendas, e drogas. A 2.ª razão, he porque a falta de saca de nossos assucares, não procede só da carestia delles; mas das fabricas, que os Inglezes, Holandezes, e Francezes tem nas Ilhas da America; e a diminuição dos preços dos nossos, junta com a sua bondade, lhe facilitava a saca, sendo o seu vil, e e custozo; e por esta razão ouvi a muitos mercadores estrangeiros, que por facilitarem o gasto dos seus assucares, os misturavão com os nossos.

CAPITULO 1.º

Qual he a causa da saca do dinheiro do Reino.

O Commercio se faz ou por permutação, ou por compra, e venda, trocando fazendas e fructos, por fructos e fazendas; ou pagando a dinheiro. Deste principio sabido em direito, se seguem tres estados de commercio, o 1.º rico; 2.º mediocre; 3.º pobre: O rico he quando hum Reino tem mais fazendas, que dar, de que os outros necessitão, do que tem necessidade de receber; porque pello valor, em que excedem as fazendas, e fructos, que dá, ás que ha de receber, necessariamente recebe dinheiro. O mediocre he quando tem fazendas, e fructos, que dar em igual valor, aos que recebe; porque nem se empobrece dando dinheiro, nem se enriquece recebendo-o. O pobre he quando necessita de mais fazendas para dar; porque necessariamente paga o excesso a dinheiro.

Nós estamos neste 3.º estado de commercio, e esta he a unica causa, porque os estrangeiros tirão o dinheiro do Reino. Elles o confessão assim. O Marquez Durazo, Rezidente de Genova em

Paris, me disse que o seu commercio com Portugal se perdia; porque metendo em sedas, papel, e outros generos muitas fazendas, tiravão em assucares, e tabacos em maior quantidade do que podião gastar; donde se segue terem os armazens cheios destes generos, e se vendião em Genova a mais baixo preço, do que em Portugal; o que os obrigava a levar dinheiro, com risco de lhes ser tomado, pelas nossas prohibiçoens.

Os Inglezes só em tres generos de baetas, pannos, e meias de seda, e lan (deixando outros de menos conta) metem no Reino huma fazenda inestimavel: só em meias de seda me disse hum Inglez pratico, que gastava Portugal oitenta mil pares; que a quatro cruzados cada par, fazem trezentos e vinte mil cruzados. O que tirão do Reino são azeites (que tambem tirão da Italia), sal, (suposto que do de França se servem para o uzo commum das cozinhas, e mezas) fructa de espinho; assucar, (ainda que com pouca conta pelo muito que fabricão nas suas Colonias da America) tabaco com a mesma pouca conta, porque o cultivão nas mesmas Colonias; páo brazil, e outras couzas de menos consideração: dizem que tudo o que tirão lhe não paga duas partes do valor, do que metem; e daqui se segue, que não sai Náo Ingleza do Porto de Lisboa, sem levar grande somma de dinheiro. Os Francezes metem grande numero de fazendas, como são tafetás, estôfos de seda, e lan. Sarmezão he huma Ilha junto a Arrochélla, aonde se fabricão sarjas, e estamenhas, vivendo deste trabalho mais de dez mil pessoas; e toda a saca he para Portugal; chapeos, e fitas de toda a sorte, em quantidade incrivel; e chega isto a tanto, que até aos nossos alfaiates, e çapateiros tirão o sustento, mandando capotes, e vestidos feitos; talins, botas; e até saltos de çapatos. Deixo hum numero de bagatellas, de que não he a me-

nor as obras de pedras falsas, cabelleiras, relogios, espelhos, e outras. Tirão de Portugal páo brazil, assucar, e tabaco, com a mesma pouca conta que os Inglezes; algum azeite (porque tem muito em Languedoc e Proença), lans (particularmente depois da guerra com Castella), e outras couzas de menos conta, como são fructas de espinho, cheiros, madeiras do Brazil, doce da Ilha da Madeira, marfim, sumagre (que tambem he boa droga para outras partes). Elles mesmos dizem, que tirão algumas couzas mais por necessidade, que por interesse, não lhes sendo possivel tirar dinheiro por tudo; e me consta, que não vem embarcação, nem se retira Francez de Lisboa, sem trazer a maior parte do seu cabedal em dinheiro. Há poucos mezes, que desembarcou hum na Arrochella, e levando á Alfandega algumas caixas de assucar, tirou de huma dellas, á vista de todos os Officiaes, vinte mil cruzados em dinheiro.

Holanda, Suecia, e Amburgo metem em dinheiro todas as couzas necessarias para a fabrica das Náos; como são Polvora, Ballas, Ferro, Bronze, Cobre, e todas as obras de Arame. Hollanda introduz grande quantidade de Sarjas, Estamenhas, Duquezas (particularmente da Corgran), e o que mais lastima, as drogas da India; e tendo não as melhores madeiras do Mundo, de lá nos vem huma grande quantidade de fabricas de madeira, como almarios, e contadores; e pela sua mão temos as armaçoens de Flandes, as pinturas, e outros communs adornos das Cazas: de couzas que servem ao sustento, nos metem queijos, manteigas; e os Francezes, e Inglezes bacalháo; e nos annos esteries nos vem de França huma grande soma de trigo, e cevada.

A Amburgo temos de pagar com sal, que he o fructo, que lhe damos de melhor conta, assucar, tabaco, e fruta de espinho. A Hollanda pa-

gamos tambem com sal, drogas do Brazil, e sumagres, (que tambem levão Francezes, e Inglezes) e azeites; e estes annos levarão alguns vinhos do Porto, e outras couzas de menos conta.

A Flandes pagamos com alguma pedraria; que para Anvers particularmente sahe a que temos. Mas he certo, que não temos com que commutar tudo o que recebemos: são com tudo os Hollandezes tão senhores do commercio do mundo, que ainda que seja com pouca conta, tomão tudo o que lhe damos; porque lhe dão sahida navegando o genero de fazenda. Tambem entre as couzas, que nos metem, he grande a despeza que nos fazem os Livros de Leão; e Hollanda as roupas, que são, olandas, cambraias, e ruoens; e em fim outras muitas couzas, de que os nossos mercadores daráõ conta mais individualmente.

Entendo que Castella nos ajuda a pagar grande parte do dinheiro, que sahe; porque he certo que toda a moeda Castelhana, que entra de Castella (pelo genero que sabemos) sahe para as Naçoens referidas; se busca, e troca a toda a deligencia em Lisboa; porque lhe achão melhor conta, que ao nosso dinheiro.

Finalmente, a melhor prova do muito, que excede o que introduzem no Reino, ao que tirão, será o exame, que cada hum de nós póde fazer em si mesmo: Qual he de nós, que traga sobre si alguma couza feita em Portugal? Acharemos (e não ainda todos) que só o panno de linho e çapatos são obras nossas. Chapeos já se desprezão os nossos, e não se chama homem limpo o que não traz chapeo de França; não digo já a nobreza, e os seculares, a que o luxo, ou estimação errada, que se faz das couzas estrangeiras, podia fazer desprezar as naturaes; mas os religiosos mesmos se vestem commummente todos de sarjas, e pannos de fabricas estrangeiras: feito este reparo, veremos

67

facilmente, que não temos drogas, fructos, nem fazendas, com que commutar esta prodigiosa consumpção, que fazemos no Reino, e nas conquistas.

CAPITULO 2.º

Este he o mesmo damno, em que tem cahido, e com que se tem empobrecido o Reino de Castella.

FIZ muitos dias huma particular observação entre as riquezas de França, e a pobreza de Castella: França sem minas está riquissima; os particulares, que tem só dous mil escudos de renda são pobres; os gastos das mezas; os adornos dos vestidos, e das casas; e o fausto das carroças, passão a hum excesso incrivel. ElRey tem quarenta milhoens de renda; paga na guerra presente cento e sessenta mil Infantes, e quarenta mil cavallos: Hespanha tem minas, e recebe frotas carregadas de prata todos os annos, e está sem dinheiro; e necessita de que a Europa toda se arme para defendela de França. Isto não he couza, que a historia nos deixasse escrito, he hum facto, que temos diante dos olhos. A razão desta differença he a do commercio, e não ha outra.

França mete em Castella mais de seis milhoens todos os annos em fazendas; e retira mais de seis milhoens de ouro em dinheiro e barras: só de roupas brancas de Bertanha, e Normandia dizem os Francezes, que metem em Castella oito milhoens de libras: depois desta observação fiz este argumento. Todo o commercio do mundo se faz ou por commutação de humas fazendas por outras, ou por compra e venda, pagando a dinheiro o que se recebeo em fazendas, e drogas. França manda a Castella seis milhoens de ouro em fazendas; e não necessita das drogas, nem das fazendas de Castella,

logo faz o contracto por compra, e venda recebendo dinheiro; e daqui nasce a riqueza de França, e pobreza de Castella. Achei hum tratado Castelhano intitulado: Restauracion de España, composto por Dom Sancho de Moncada, Cathedratico de Escriptura em Toledo, e offerecido no anno dezanove deste Seculo a Felipe 3.º, que me confirmou nesta opinião com provas tão evidentes, e com huma tão lastimosa relação das miserias de Castella, que cuidei, que se tivessemos a industria de nos prevenir á vista dellas, e de acodir com remedios aos mesmos damnos, que começão a nos maltratar, e caminhão a nos pôr no mesmo estado, poderamos justamente exclamar com aquelle verso Latino: *Felix quem faciunt aliena pericula cautum.*

Referirei algumas das observaçoens deste Tratado, e que servem a este discurso. Diz o Autor, que no anno de 1619, em que escreve, tinhão entrado em Castella cento e vinte milhoens de ouro; de que não havia oitenta; sommas ambas incriveis! a que entrou por grande; e a que ficou por pequena. Examinando a causa, refuta a razão commua dos que dizem, que são as guerras de Flandes, e Italia; porque prova que até aquelle anno se tinha gasto, conforme as remessas, e assentos, trezentos milhoens; concluindo em fim, que valem mais as mercadorias, que entrão em Castella estrangeiras, que as que sahem, trinta milhoens todos os annos: porei só hum dos muitos exemplos, que traz, que não serve pouco a este discurso. De vinte lavadeiras de lan, que diz havia naquelle tempo em Castella, sahião quinhentas mil arrobas, que a tres cruzados importão milhão, e meio; e metião os estrangeiros em differentes generos de lans sete milhoens e meio, de sorte, que deste genero de mercadorias, excedião seis milhoens o que metião ao que tiravão.

Da ultima consideração, que fiz no Capitulo

passado, tiro hum argumento infallivel. Não ha pessoa nenhuma em Castella, que ao menos não gaste todos os annos seis cruzados em mercadorias estrangeiras; e que havendo em Hespanha (não declara se comprehende Portugal) seis milhoens de almas, fazem trinta e seis milhoens todos os annos de gasto, só com as fazendas, que servem ao uso de vestir; e elle confessa (e eu o creio) que diz pouco em dar a cada pessoa seis cruzados de gasto sômente. Seria conveniente, que S. A. R. mandasse fazer a conta, do que entra no Reino de fazendas estrangeiras, e o valor dellas; e do valor, generos, e fazendas, que os estrangeiros tirão, com distincção particular, para averiguar a verdade infallivel deste discurso.

Continuar-se-ha.

HISTORIA.

Continuação da Descripção Geografica da Capitania de Mato Grosso (1).

A Oeste das cabeceiras do Arinos, na latitude de 13°, e longitude de 321, tem as suas mais remotas fontes o famoso Paraguay, que correndo ao S por huma extensão de 600 leguas vai entrar no Oceano pela sua amplissima boca, conhecida pelo nome da do rio da Prata. As cabeceiras do Paraguay ficão 70 leguas a NE de Villa Bella, e 40 a N da Villa do Cuiabá, divididas em muitos ramos, os quaes correndo ao S já formados rios, se vão successivamente reunindo para formarem o alveo deste maximo rio, logo caudaloso e navegavel, e cujas primeiras fontes encerrão copiosos, mas vedados thesouros.

(1) Esta Descripção foi feita em 1797 pelo Sargento Mór do Real Corpo dos Engenheiros Ricardo Francisco de Almeida Serra.

A O, e a pouca distancia das origens do Paraguay, tem o seu nascimento o rio Sipotuba, que desagoa na margem Occidental do primeiro, na latitude de 15° 50′, com 60 leguas de correnteza. Na parte superior deste rio, e proximo do seu braço de O, Jurubaûba, já se trabalharão minas de ouro, que forão abandonadas, perdendo-se até o lugar da situação, por não corresponderem ás esperanças daquelles primitivos tempos. No Sipotuba vive a nação de Indios barbados, mansa, e valentissima, assim chamada por ser a unica destes sitios, que, conservando copiosas barbas, se distingue das outras, cujos homens nesta parte se não dissemelhão das mulheres.

O pequeno rio Cabaçal, tambem aurifero, entra no Paraguay pela mesma margem, 3 leguas inferiormente á foz do Sipotuba. As suas ribeiras são habitadas pelos Bororós-Aravirás (mistura de duas naçoens differentes), os quaes em 1796 mandarão a Villa Bella sollicitar a nossa amisade por quatro Indios, entre os quaes se distinguião dous dos principaes da sua tribu, que vinhão acompanhados de sua Mái. Nas vizinhanças vive a nação Purarioné.

Huma legua abaixo da foz do Cabaçal, na margem de E do Paraguay, e na latitude de 16° 3′, e longitude de 320° 2′, existe Villa Maria, pequeno, mas util estabelecimento, fundado em 1778.

Sete leguas ao S de Villa Maria, na latitude de 16° 24′, desagua na margem opposta do Paraguay o rio Jaurú. Este rio he notavel não só pelo marco de limites, que em 1754 se collocou meia milha abaixo da sua foz, no acto das demarcaçoens, mas por ser todo elle, com os terrenos, que fórmão a sua margem meridional Portuguez, e limi-

trofe com os Dominios Hespanhoes. Nasce o Jaurú nos campos dos Parecis na latitude de 14° 42′, e longitude de 319° 13′, e correndo ao S até á latitude de 15° 45′, lugar em que se acha o registro, que delle toma o nome, volta depois ao SO, cujo rumo segue por espaço de 34 leguas, até desembocar no Paraguay, depois de 60 leguas de curso total. As copiosas Salinas denominadas do Jaurú, de que os Portuguezes tem extrahido sal desde o principio da fundação da Capitania de Mato Grosso, começão no interior do paiz, 7 leguas distante do registro, e continuão para o S, inclinando para O, até a latitude de 16° 19′, lugar, que conserva o nome de Salina do Almeida, perpetuando a memoria do primeiro, que fez esta labutação. Estas Salinas estão postas ao longo de huma larga e pantanosa varzea, que cria os mesmos pescados, que o Paraguay, e cujos terrenos circundantes são povoados de grendes matos. Este salitroso lago fica pouco distante da margem do Jaurú, e no terreno intermedio, alto, e coberto de bellas matas, existe a serra de Burburena, a E da Salina do Almeida. Esta caverna communica-se ao Poente com outra chamada Pitas, passada a qual, seguindo o mesmo rumo de O, já por enxutos e altos campos, se observão grandes espaços circulares, fechados pela especie de palmeiras chamadas Carandás, cujas superficies estão cobertas de alvas crostas de sal, de que mão habil talvez tiraria grande partido. Terminão estes campos 9 leguas a O da tapera do Almeida, na latitude de 16° 21′, em hum grande pantanal chamado Páo-apique, que corre ao S a unir-se com os antecedentes, e fica encostado á face de E da serra, a qual, tendo neste parallelo a sua extremidade austral, corre de S a N a formar a que se passa na estrada geral de Villa Bella para o Cuiabá, 10 leguas a E daquella capital, serra, em que existem os seus arrayaes. Pela Salina do Almeida passa a estrada, que vai do registro do Juarú para a Missão Hespanhola de São João de Chiquitos, com 50 leguas de caminho, mais de huma vez trilhado pelas duas naçoens confinantes.

O ponto da confluencia do Jaurú com o Paraguay he summamente importante, porque defende e cobre a estrada geral entre Villa Bella e a Villa do Cuyabá, e os seus intermedios estabelecimentos; e igualmente fecha, com a privativa posse e navegação destes dous rios, a entrada para o interior da Capitania de Mato Grosso, principalmente pelo Paraguay, que deste lugar para cima offerece huma livre navegação até perto das suas diamantinas fontes, sem mais obstaculo do que huma grande catadupa, inferiormente, e proxima destes ricos lugares. Meia milha abaixo deste ponto, sobre a margem Occidental do Paraguay, e 6 braças em distancia do rio, existe, orientado diagonalmente, o marco de limites de que fallei. He hum tronco de piramide recta quadrangular, assentado sobre a sua correspondente baze, e rematado por huma pequena piramide tambem quadrangular, de cujo vertice nasce huma cruz de quatro braços iguaes, de trez palmos e meio de altura; tudo de bello marmore. Os trapezoides, que formão as faces do tronco tem 12 palmos de altura; o maior dos lados parallelos tem 5 ½ palmos de comprimento, e o outro 4: o todo deste padrão tem 23 palmos de alto. Em cada huma das faces trapezoidaes está gravada a sua inscripção. Na que olha para o Paraguay, debaixo das armas de Portugal, se lê —

SUB JOANNE QUINTO LUSITANORUM
REGE FIDELISSIMO.

Na face opposta, em que se vem as armas de Hespanha,

SUB FERDINANDO SEXTO HISPANIÆ
REGE CATHOLICO.

Na face, que defronta para o SO, e centro do paiz,

JUSTITIA ET PAX OSCULATÆ SUNT.

Na face opposta, que olha para o Jaurú,

EX PACTIS FINIUM REGUNDORUM CONVENTIS. MADRIDI. IDIB. JANUAR. M. DCC. L.

As altas serranias, que vem desde as fontes do Paraguay, abeirão no rio, fronteiras á foz do Jaurú, e findão 7 leguas abaixo della, com 80 de extensão, no Morro-escalvado, na latitude de 16° 43′. A E deste monte são tudo pantanaes, e o leguas abaixo delle faz barra na mesma margem oriental do Paraguay hum profundo escoante, ou rio descoberto em 1786, a que dei o nome de Rio-novo, o qual póde dar navegação até muito perto de S. Pedro d'ElRey, logo que se cortem os aguapés, e outras plantas aquaticas, que confundem o seu alveo com os largos pantanos, que o bordão. Os ribeiroens de S. Anna, de Bento Gomes, e outros, que se passão na estrada do Cuiabá a O do Coaens, são as mais remotas fontes deste rio.

Na latitude de 17° 33′ principia a ser montuosa a margem occidental do Paraguay, na ponta de N da serra da Insua, que 3 leguas a S faz huma profunda quebrada, para formar na latitude de 17° 43′ a boca da lagoa Gaiba, que para o Poente se estende pelo interior das terras; havendo desta lagoa hum largo canal de 4 leguas de extensão, que vem de N encostado á face de O da dita serra da Insua, por meio da qual se communica com a lagoa Uberaba, de pouco maior grandeza que a Gaiba, e de 3 leguas de diametro, existindo por consequência a Uberaba contigua e ao N da mesma serra.

Seis e meia leguas abaixo da boca da Gaiba, defronte desta margem montuosa do Paraguay, desagoa na sua margem Oriental, e na latitude de 17°

55′ o rio de S. Lourenço, antigamente denominado dos Porrudos; o qual navegado 26 leguas recebe pela sua margem de O o rio Cuiabá na latitude de 17° 20′, e longitude de 320° 50′. Ambos estes rios são bastante extensos: o de S. Lourenço tem as suas fontes pela latitude de 15°, quarenta leguas a E da Villa de Cuiabá, e recebe, além dos braços cortados pela estrada de Goiaz, outros que lhe entrão pelo Oriente, como o Parnaiba, o Pequiri, que recebe o Jaquari, o Itiquira, todos de mediana grandeza, mas navegaveis. O Itiquira já foi navegado até as suas cabeceiras, das quaes se passarão as canôas por terra a tomar agua do rio Sucuriu, que desagua no Paraná 4 leguas abaixo da foz, que o Tieté fórma, entrando pela Oriental e opposta margem. Os rios Itiquira e Sucuriu tem menos e menores catadupas do que os rios Taquari e Pardo; o varadouro he mais commodo e breve que o de Camapoan; e por isso esta navegação, sendo mais facil e prompta, offerece maiores vantagens do que a actualmente praticada pelos dous ultimos rios; mas dous obstaculos empecem á fruição destas vantagens, o gentio, e a falta de hum estabelecimento, como o de Camapoan, em que os viajantes possão refazer-se de mantimentos, e do necessario para proseguirem a vante.

A navegação para a Villa de Cuiabá pelo rio deste nome desde a sua confluencia com o de S. Lourenço, he breve, e facil. Nas primeiras dez leguas se passão as não pequenas Ilhas Ariacuné, e Tarumás, e se chega a hum grande bananal plantado na margem de E deste rio, sobre hum aterro consideravel feito com bastante trabalho, porque inda acima deste lugar chega a maxima chêa do Paraguay. Pouco mais de 3 leguas acima, e ao S do bananal, entra no Cuiabá pela sua margem oriental o Quachó-uaçú; e pela mesma margem

leguas acima deste recebe tambem o Quacho-mirim. Do Quacho-mirim se navega com repetidas e muitas voltas ao rumo de NNE, por espaço de 11 leguas, até á boca inferior do furo, ou até a ponta da Ilha Pirahim de 9 leguas de extensão ao mesmo rumo. No canal de E, que he o mais largo e breve, ha contiguas outras tres Ilhas, e neste espaço pela mesma margem oriental recebe o Cuiabá varios arroios, e o rio Cuiabá-mirim. A dita ponta de S da Ilha Pirahim está na latitude de 16° 18′ 52″. Daqui com grandes voltas descreve o rio huma semicircumferencia de 42 leguas, em cujo espaço lhe entrão pela margem oriental os rios Croaracuaçú, Croara-mirim, e o Coxipó. Finalmente chega-se á Villa do Cuiabá: situada huma milha a E da margem deste rio, na latitude de 15° 36′, e longitude de 321° 35′, noventa e seis leguas a E de Villa Bella, e na mesma distancia da foz que este rio, unido com o de S. Lourenço, faz em Paraguay. As minas do Cuiabá forão descobertas em 1718; estabeleceu-se o arrayal em 1723, e criou-se Villa em 1727: presentemente he hum grande povo, que com as suas dependencias monta a 18ↀ almas. O paiz he fertil em carnes, pescados, fructas, e hortaliças; as minas são bastante ricas, mas em tempo de seca faltão as agoas para minerar; dellas se extrahem annualmente 20 arrobas de ouro, de toque superior a 23 quilates. Os habitantes são de huma constituição robusta.

O arrayal de S. Pedro d'El-Rei, que fica 21 leguas ao SO da Villa do Cuiabá, he o maior dos seus adjacentes estabelecimentos: tem perto de 2ↀ habitantes; está na latitude de 16.° 16′, e longitude de 321° 2′, proximo á margem Occidental do ribeirão de Bento Gomes. Legua e meia ao S. do arrayal forma este ribeirão huma grande bahia, que denominão do Rio de Janeiro, desde a qual se seguem para O vastos pantanaes, que vão entrar no Paraguay, de que distão 20 leguas, pelo Rio-novo. O rio Cuiabá tem as suas fontes 40 leguas acima da Villa a que dá o nome, e na maior parte desta extenção, e inda 14 leguas abaixo são as suas margens cultivadas.

Quatro leguas inferiormente á boca principal do rio de S. Lourenço, na latitude de 18° e quasi 2′, e longitude de 320° 13′, abeira no Paraguay a serrania, que borda desde a Gaiba a sua margem Occidental, chamáda neste lugar Serra das pedras de amolar, por serem aqui as que a fórmão desta natureza. Este lugar he o unico pouso, que se não alaga nas enchentes do rio, por ser na escarpa desta alta serra, por isso frequentado sempre dos viajantes. Aquella serrania inda continúa inferiormente duas leguas para o S, em que pega na dos Dourados, abaixo logo daqual ha hum furo na margem de O do Paraguay, que encanando entre dous altos e destacados montes denominados Cheinés, conduz ao lago Mandiuzé de 5 leguas de longo, e o maior do Paraguay. A O destas serras, que bordão a margem Occidental deste grande rio, existe huma grossa cordilheira de montanhas, entre as quaes medêa como hum valle de vinte leguas de extenção, e de pouco mais de 3 de largura, em que existem ao N a lagoa Vberaba, no centro a Gaiba, e ao S a Mandioré. A Gaiba tem hum canal de huma legua de extenção, que corta as serras, que fórmão a sua margem de O, por meio do qual ella se communica com a Gaiba-mirim, menor lagoa de huma legua de comprido. A extremidade de N da mencionada cordilheira, chamada Ponta de limites, fica 7 leguas a O da lagoa Vberaba, aqual tambem se communica por canal semelhante com outra maior, que cobre ao N a dita ponta. Por estes lugares vive o gentio Quató.

Dos Dourados corre o Paraguay ao S até á serra de Albuquerque, que elle toca perpendicularmen-

te na sua face de N, sobre aqual está a povoação de Albuquerque, na latitude de 19°, e longitude de 320° 3'. Esta serra tem muita pedra calcarea, e he o melhor torrão, que se encontra do Jaurú para baixo em ambas as margens do Paraguay; e só podem entrar em competencia, pela sua maior extenção, as serras, que bordão a O as lagoas Mandioré, e Gaiba, accessiveis, e cobertas de altos e densos matos.

De Albuquerque volta o Paraguay a E, encostado ás serras deste nome, que findão com 5 leguas de extenção na serra Rabicho, em frente da qual, na margem do N, e oposta do rio, está a boca inferior e de S do Paraguay-mirim, que he hum braço do Paraguay, que termina neste lugar, formando huma Ilha de 14 leguas de extenção de N a S: por este canal seguem as canoas no tempo das cheas.

Da boca do Paraguay-mirim vai o rio voltando ao S até a foz do rio Taquari, navegando todos os annos pelos comboys, que nas proprias monçoens fazem a viagem transcripta em o numero 5.° do primeiro semestre deste jornal. Esta viagem, que se destina a fazer o commercio de S. Paulo com a Capitania de Mato-Grosso, parece muito menos vantajosa do que a praticada desde a Cidade maritima do Pará até Villa Bella, pelos rios Amazonas, Madeira, Mamoré, e Guaporé, não só porque o numero de catadupas, que nesta se encontrão he sómente de 17, mas pelo maior cabedal de agoas destes, que dão franca navegação a grandes botes e canoas, que recebem o quintuplo da carga, que podem conduzir as que fazem a outra carreira. Além destas ha inda outras ponderosas razoens, que se hiráõ notando no decurso deste escripto.

Cinco leguas abaixo da foz do Taquari entra pela mesma margem no Paraguay o rio Embotetiû, hoje Mondego, navegado antigamente pelos mesmos comboys de S. Paulo, os quaes entrando pe-

lo rio Anhandai-uaçu, braço meridional do Pardo, com mais cataratas, e maior varadouro, passavão as canoas para o Embotetiû, pelo qual entravão no Paraguay. Na margem do N do Mondego, 20 leguas acima da sua foz, fundarão os Hespanhoes a Cidade de Xerês, que os Paulistas totalmente destruirão pelos annos de 1626, e cujos vestigios ainda forão observados pelo Capitão João Leme do Prado, que em 1776 foi reconhecer aquelle rio. Dez leguas acima deste lugar, e nas serras, que fórmão a parte superior do Embotetiû, ha tradição que existem ricas minas.

Onze leguas abaixo da foz do Mondego existem dous altos e ilhados montes, situados cada hum em sua margem do Paraguay, e na extremidade da escarpa do S, do monte do lado de O, proximo á borda do rio, está o Presidio da Nova Coimbra, na latitude de 19° 55', e longitude de 320° 2', fundado em 1775 por Luiz de Albuquerque. Este he o ultimo e mais austral estabelecimento Portuguez sobre o grande Paraguay, e que foi erradamente considerado como a chave da sua privativa navegação. He verdade que este rio no tempo da sua seca, que dura menos de metade do anno, corre encanado entre estes dous montes; mas he necessario advertir que tanto acima como abaixo deste ponto são as suas margens de tal modo alagadas a maior parte do anno, que consentem huma navegação desempedida. Estas aquosas campinas começão muitas leguas inferiormente ao parallelo de Coimbra, e vão sahir ao Paraguay muito acima deste Presidio; donde se conclue que aquella supposição era van.

O monte, em que está o Presidio de Coimbra he notavel pela celebre gruta, que occulta em seu seio, a que o vulgo chama do Inferno, observada pela primeira vez em 1786 na deligencia do reconhecimento, que se fez de grande parte do Paraguay

de que fui encarregado. Desembarcando na ponta de N deste monte, andei 45 passos atravessando os matos, que o circumdavão, e 145 subindo a sua escarpa, até dar em duas aberturas rectangulares, talhadas na penha viva. Então deslisando-me por hum destes boqueiroens, cahindo de penedo em penedo, fui descendo, até que me achei em hum salão sotterraneo de 50 palmos de comprido, e 25 de largo: o seu tecto em fórma de abobada compoem-se de huma grande lage inteiriça; e as duas aberturas rectangulares, vasadas nesta penha, são como duas claraboias, que communicão os raios do dia a esta famosa caverna.

Desta abobada pendem muitas piramides agudissimas da pedra chamada Stalactites, formadas por antiquissimas lapidificaçoens, de varia, e algumas de consideravel grandeza. O pavimento he alastrado de soltos penedos, e de outros solidos perpendiculares da materia das mesmas piramides, superabundancia do succo da sua formação. Para a parte do S vai esta abobada cahindo em 45° para o coração do monte, e juntamente com o pavimento, que tambem pende para o mesmo lado, fórma huma furna atravessada de penedos, cujo fundo se perde na escuridade: a sua largura em cima he de huma braça, e em baixo parece de 3 palmos. Huma pedra, que deixei cahir gastou 5 segundos até chegar ao fundo visivel.

Em 1791 o Doutor Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que se achava em Mato Grosso, visitou pela segunda vez esta famosa gruta, por ordem, que teve do nosso Ministerio. E descendo ao salão descripto, se conduziu, a favor de mil luzes, pelo boqueirão formado pelo seu tecto e pavimento, o qual se perde na profundidade de 190 palmos de escarpa, cheio de enormissimo entulho das pedras abatidas da abobada, que constitue o tecto; até que, vencido este tenebroso principio, se

achou na entrada de outro maior salão, sobre o qual elle se explica deste modo. ,, Eis-aqui onde a
,, natureza nos tinha preparado hum maravilhoso
,, espectaculo; porque, olhado á primeira vista, o
,, todo que se me offereceu, depois de distribuidas
,, as luzes em proporcionadas distancias, foi huma
,, Mesquita sotterranea, que observada por partes,
,, cada huma dellas apresentava aos olhos pasmados
,, huma differente e interessante perspectiva. O es-
,, pectador, colocado á entrada deste salão, observa
,, no seu fundo hum magnifico templo, todo de-
,, corado de curiosissimos Stalactites; huns penden-
,, tes da abobada, que constitue o tecto, á maneira
,, de outras tantas goteiras susiformes, curtas, ou
,, compridas, grossas ou delgadas, redondas, com-
,, pressas, simples, bifurcadas, ramosas, verucosas,
,, tubarosas &c.; outros sahindo do pavimento, á
,, maneira de pilares, columnas, columelos lizos,
,, ou acanelados, pavilhoens de campo, e hum tão
,, grosso, que dous homens o não abrangem &c. Ao
,, lado esquerdo da mesma sala se deixa ver como
,, debruçada sobre ella, huma soberbissima cascata
,, natural, com todas as suas pedras cobertas de
,, incrustaçoens espathosas e calcareas, que pela
,, sua alvura representão vivamente os borbotoens
,, espumosos, que farião as agoas precipitadas da-
,, quella altura. Em outra parte porêm do mesmo
,, lado parece que a natureza se moldou ao gosto
,, da architectura gothica: por aqui se vem espa-
,, lhados diversos labirintos, cada hum dos quaes
,, de per si constitue huma curiosissima gruta. Vio-se
,, que tão sómente o salão, incluida huma recamera,
,, tinha 510 palmos de comprimento: póde alli
,, aquartelar-se á vontade hum corpo de mil homens.
,, Todo o seu plano he irregular, e se tinha con-
,, vertido em hum lago de agoa salobra, porém
,, fria e cristalina.

Não obstante o cuidado, e o grande numero

de luzes, com que se fez esta indagação, no anno seguinte o Tenente Coronel Joaquim José Ferreira achou que de huma das camaras, ou fundos desta celebre e grande gruta, se passou a outra de não inferior grandeza e curiosidade. Semelhantemente depois delle o Ajudante Francisco Rodrigues do Prado, actual Commandante de Coimbra, achou outra não menor, contigua, e communicada da mesma fórma com a precedente; e por ventura haverá inda muito que observar nas entranhas desta caverna sotterranea. Quando o rio séca, fica hum corrego, ou ribeiro formado neste grande espaço sotterraneo, que se communica com o Paraguay, pois nelle se achou vivo e nadando hum não pequeno Jacaré.

Continuar-se-hâ.

POLITICA.

Allemanha.

FRancisco I, por Graça de Deus Imperador da Austria, Rei da Hungria, Bohemia, Gallicia, e Lodomiria, &c. Archi-duque da Austria, &c.

Os acontecimentos dos annos passados, e particularmente do que ha pouco expirou, devem necessariamente ter a mais evidente influencia nas relaçoens do nosso Imperio. A paz e a guerra, a prospera ou desastrada situação dos Estados nossos visinhos, indispensavelmente alterão a tranquilidade, e o bem do povo, que a Providencia nos confiou.

Os nossos vassallos reconhecerão agradecidos quanto nos havemos empenhado em tornar os esforços, a que nos tem obrigado o estado das cousas, compativeis com os grandes interesses e prosperidade de nossos vassallos. Não só o nosso Imperio, mas toda a Europa, se convencerá plenamente que

o objecto das nossas deligencias, — o alvo de todos os grandes e extraordinarios sacrificios, que se tem exigido das nossas Provincias o anno passado, — tem sido o estabelecimento, se he possivel, de huma tranquilidade, fundada sobre firmes alicerces.

E como nos lisonjeamos com a esperança, na imminente crise da sorte da Europa, de tornar proveitoso aquelle peso, que o estado da nossa monarchia, e as nossas relaçoens com outras Potencias nos segurão, em geral, para o interesse commum, do qual he inseparavel o nosso; por tanto vem a ser da maior necessidade, constituir-nos, pelo augmento da nossa força militar, em huma condição perfeitamente accommodada a tão importante resolução.

Quanto maiores tem sido as provas, que o nosso povo nos tem dado da sua affeição e fiel cooperação nos importantes e difficeis periodos do nosso reino, tanto mais razão temos de contarmos com a sua pronta vontade em fazer todos os esforços, nesta crise a mais importante de todas, que ha de decidir do estabelecimento de hum estado de descanço com todas as suas felices consequencias, tão necessario a todos, e que he o objecto de tão ardentes dezejos.

Sem embargo, o objecto dos nossos paternaes desvelos tem sido conseguir os meios de supprir as nossas consequentes extraordinarias necessidades por hum plano, que sem exigir de nossos vassallos sacrificios tão immoderados, que perturbem a prosperidade do nosso systema de finanças; ou os mais importantes trabalhos da industria, mostre melhor a confiança, que pomos no nosso povo.

Como ainda persistimos nas resoluçoens, que fizemos saber na Ordenança de 20 de Fevereiro de 1811, de nunca, por motivo algum, augmentar o numero dos bilhetes de resgate (*Redemption bills*), achamos necessario estabelecer hum fundo conside-

ravel e immediatamente applicavel, por modo de antecipação, sobre huma porção das rendas mais seguras do estado. Por tanto resolvemos, e ordenamos o seguinte:

1. Para credito deste fundo de antecipação, destinamos a somma annual de 3:750$ florins, que por doze annos successivos, contados de 1814, será annualmente separada para este fim da receita das rendas de terras nas nossas provincias Allemans, Bohemias, e Gallicianas.

2. Por quanto a Junta do Resgate e Extinção, pelo completo desempenho dos deveres, que lhe estão confiados, tem merecido a nossa gratidão e a geral confiança, pomos tambem em suas mãos o manejo exclusivo dos fundos referidos.

3. Para este fim a sobredita somma de 3:750$ florins, proveniente da receita das sizas das terras, será paga annualmente á Junta de Resgate e Extinção, pelo qual meio receberá, dentro do prefixo periodo de 12 annos, a somma de 45 milhoens de florins.

4. Mas porque o todo deste fundo póde ser applicavel, segundo a occasião requer, para pagar as despezas extraordinarias, authorisamos a dita Junta para preparar bilhetes de antecipação, até a somma de 45 milhoens de florins, e pôlos a disposição do nosso *exchequer*.

5. Outra ordenança fará conhecer a fórma destes bilhetes de antecipação, segundo as suas varias subdivisoens.

6. A Junta de Resgate será responsavel pela extinção annual, desde o anno de 1814, de huma somma de 3:750$ florins em bilhetes de anticipação, e regularmente se fará conhecer o exacto comprimento desta obrigação.

7. Como os bilhetes de anticipação, que desta maneira virão a entrar em circulação, estão cobertos por hum amplo fundo da mais segura natureza,

por meio do qual será completamente extincto dentro do periodo de doze annos — por tanto ordenamos que sejão recebidos em seu pleno valor em todos os pagamentos ao *Exchequer*, bem como em transacçoens particulares, e em todas as outras vias, porque forem empregados.

Dado em Viena a 13 de Abril de 1813.

Francisco.

Suecia.

O Principe Real, Generalissimo, a seus camaradas do interior.

SOldados! — O Rei, ordenando-me que fosse tomar o commando do seu exercito na Pomerania, me encarregou de deixar na Suecia dois corpos de exercito assás numerosos para segurarem as fronteiras do Reino, e obrarem offensivamente no ponto, em que o exigirem a honra e o interesse da Patria. Estes corpos serão commandados pelos Marechaes Toll e Essen. Prestai-lhes a vossa confiança; vós o deveis a seus serviços, a seu patriotismo, e a sua experiencia.

Eu me separo do meu Rei, de meu filho, e de vós, por algum tempo; não para hir perturbar o descanço dos povos, mas sim para cooperar á grande obra da paz geral, á qual anelão ha tantos annos os Soberanos e as naçoens. Soldados! — Huma nova carreira de gloria, e novos mananciaes de prosperidade, vão abrir-se para vossa patria. Tratados fundados sobre huma san politica, e que tem por alvo a tranquillidade do Norte, affianção a união dos povos da Scandinavia. Tornemo-nos dignos dos bellos destinos, que nos estão prometti-

dos ; e os povos, que nos estendem os braços, não tenhão que arrepender-se de sua confiança em nós.

Soldados! — Nossos antepassados se distinguião por huma braveza arrojada, e hum valor acisado. Unamos a estas virtudes guerreiras o enthusiasmo da honra militar, e Deus protegerá as nossas armas. . .

Carlscrona, 8 de Maio de 1813.

Carlos João.

Rio de Janeiro.

HUM dos objectos, que merecerão sempre a attenção dos Soberanos, he a communicação reciproca dos seus povos. Esta serve, não só de facilitar o commercio (o que já por si era hum grande bem); mas até de propagar a civilisação, e com esta as vantagens da Sociedade. O Principe Regente Nosso Senhor, havendo venturosamente chegado a este Continente, pôz todo o Seu esmero em felicitar povos, que, pertencendo-lhe por herança, havião sido de novo conquistados pela ternura de Seu Magnanimo coração, e pelo prazer, que a Sua Augusta Presença havia despertado.

Como porém aos particulares apenas toca o desejo do bem publico, quando aos Regentes cumpre attentar aos meios de o conseguir; esta feliz concordia deu azo a se utilizarem os já bem acreditados talentos do Governador do Ceará. Repassado das verdades, que tenho apenas esboçado, elle desenvolveu o seu zelo e patriotismo, propondo a communicação interna, e externa da sua Capitania. Para a primeira empregou correios nas principaes seis Villas do seu districto, ás quaes, segundo as circunstancias, se ajuntarão mais duas; e para completar

este relevante destino, estabeleceu estafetas para outras cinco, ficando apenas para as tres mais proximas á Capital a communicação immediata com esta. E porque as creaçoens novas são de ordinario dispendiosas, e os lucros comparativamente muito escassos, se vio obrigado a levantar hum pouco o porte das cartas para aquelles correios, e até a recorrer á liberalidade dos principaes moradores das Villas mais consideraveis, que voluntariamente offerecêrão a quantia de mais de 700$ reis. Mostrando porém a experiencia que o simples porte das cartas pagava exuberantemente as indispensaveis despezas, desceo o preço respectivo ao modico de 120 reis por carta para o interior, e de 240 para o exterior, com alteraçoens relativas á distancia. E porque circunstancias, que occorrerão desde o 1.º de Maio de 1812 até 2 de Março de 1813, fizerão mudar a escolha do centro de communicação entre as tres Capitanias do Ceará, Maranhão, e Piauhi, a que estava destinado o presidio da amarração, elegerão-se novos pontos, cujo arbitrio ficou reservado ao Governador do Maranhão.

Desta maneira a Capitania do Ceará, não só ficou tendo huma communicação immediata com a Capitania de Pernambuco, cujas vantagens estão já sobejamente reconhecidas; mas até se estendeu ás do Maranhão e Piauhi, facilitando desta maneira a reciproca correspondencia de pontos distantes, e com esta faculdade animando o commercio, e propagando as luzes. He a parte mais grata do nosso dever pagar ao merecimento o justo tributo de louvor, e a nossa penna corre de bom grado neste assumpto.

O Governador e Capitão General do Maranhão, sendo consultado sobre este interessantissimo objecto, não só se prestou cordialmente a cooperar com as vistas vantajosas do mencionado Governador, e em empregar os esforços ao seu alcance para este desempenho; mas até aproveitando a opportunidade se

propôz a huma nova e directa communicação com a Capitania da Bahia, e com os Sertoens deste Continente. Demoremos a nossa vista por hum momento nesta notavel creação.

Reconhecida a difficuldade da navegação do Maranhão para esta Corte, e reciprocamente, em epocas determinadas, assim em consequencia dos ventos constantes na mesma estação, como das correntes precipitadas durante ella, o unico recurso he a correspondencia por terra entre os lugares mais notaveis. Ha muito tinha lembrado esta providencia indispensavel ao bem publico, mas o seu desempenho estava reservado para esta epoca. Os Representantes do Nosso Augusto Soberano, animados daquelle fervoroso desejo de felicitar os povos do Brazil, que inflamma o Seu coração, tem accordemente empenhado as suas forças nesta briosa porfia. Em vez de correspondencias particulares em extremo dispendiosas, e só ao alcance dos mais abonados, se estabelecem faceis e frequentes communicaçoens, pelas quaes não só se expeção avisos de commercio, mas até noticias familiares. O que parece logo da maior importancia he a correspondencia com a Corte, e esta se consegue facilmente dirigindo-se do Maranhão á Bahia, e desta Capitania á do Rio de Janeiro. Sua Alteza Real, para proteger este digno projecto, se tem dignado de expedir ordens aos respectivos Governadores para de mãos dadas desempenharem estas emprezas, e tem authorisado o Capitão General do Maranhão para impor o porte das cartas particulares, que forem enviadas pelo Correio, que se houver de estabelecer, proporcionalmente ao pezo dellas; e quando não baste o seu producto, para propor o meio, que julgasse mais proprio, e menos oneroso aos povos e á Real fazenda, a fim de suprir a despeza necessaria.

Todos sabem quantas vantagens se colhem ao mesmo tempo deste estabelecimento: melhorão-se as

estradas, povoão-se as suas beiras; estende-se o commercio: gasta-se com a Sociedade a rudeza da solidão, e aquelles vicios inherentes ao estado de bruteza cedem o lugar ás virtudes sociaes. Cheios de prazer adiantamos as nossas vistas a essa epoca afortunada, e bemdizemos as Sabias Providencias do Nosso Augusto Soberano.

Obras publicadas nesta Corte no mez de Agosto.

Tratado Elementar da Arte Militar e da Fortificação, composta para uso dos Discipulos da Escola Polytechnica e das escolas militares de França, por Mr. Guy de Vernon, Official Engenheiro e Professor de Fortificação na Escola Polytechnica. Tomo 1.º Traduzido por Ordem Superior para uso da Real Academia Militar do Rio de Janeiro, com algumas alteraçoens e notas criticas, por João de Souza Pacheco Leitão, Official no Corpo de Engenheiros.

Esta Obra, cujo merecimento he geralmente conhecido, se divide em tres Secçoens; a 1.ª trata da Tactica, a 2.ª da Artilharia, e a 3.ª da Castrametação e Strategia. E porque este tratado não he propriamente hum livro elementar, como muito bem reconhece o Traductor, sendo em muitas partes hum livro de erudição, e composto para instrução de hum Engenheiro, foi necessario acrescentar muitos conhecimentos elementares, assim no corpo da Obra, como em algumas notas: a Tactica sofreu muito particularmente estas addiçoens, porque (diz o mesmo habil Editor na nota a paginas 62) „ o A. não se propondo a hum Compendio de Tactica, porém sim a noçoens geraes para instrução dos Officiaes Engenheiros, dá saltos consideraveis no seu en-

cadeamento de materias, que nos tem sido bem difficil apezar de todas as transmutaçoens, que lhe fizemos, a produzi-los em fórma didactica ,,.

Citaremos apenas hum exemplo, que illustrará esta asserção. A paginas 74 vemos em poucas linhas as evoluçoens particulares, e geraes, cujo desenvolvimento só por si faria hum volume consideravel, ainda que mediocremente tratado; o que obrigou o erudito Editor a acrescentar as seguintes palavras = Vê-se pelo enunciado destas evoluçoens, que será necessario hum tratado particular para sua exposição de nenhum modo compativel com os aditamentos, a que nos propomos, nem tambem com as nossas forças acceleradamente postas em movimento, e talvez compromettendo o nosso credito; entretanto que se fórma hum ensaio a novo trabalho, que será complemento deste, no decurso das liçoens se darão as instrucçoens necessarias para os discipulos se porem em estado de resolverem por si mesmos estes problemas, que servirão a formar-lhes o espirito militar, e a particularmente instruirem-se nos livros, que cita o A., e nos nossos regulamentos e ordenanças. =

Nós pensamos, que assim os Appendices, como as Notas já correctivas, já ampliativas; humas vezes de erudição militar; outras accommodadas á differença de escola e ordenança, farão muito recomendavel esta Traducção; e portanto não querendo nausear o Leitor indifferente a este genero de applicação, convidamos os Militares á seria leitura e meditação desta Obra.

Relação dos factos, praticados pela Commissão dos Commerciantes de vinhos, em Londres, correspondentes da Companhia Geral da Agricultura dos vinhos do Alto Douro no Porto: em consequencia

da Petição appresentada á Camara dos Communs em 12 de Julho de 1812, por certas pessoas, que se intitulão membros da extincta feitoria. Offerecida aos Senhores Neiva, e Sá, Agentes da Companhia em Londres. Com hum Appendix, que contem Documentos, Explicaçoens e Illustraçoens. *Audi alteram partem.* &c. Por Ordem Superior.

Esta Obra contém varias Cartas; na 1.ª, que serve de preparação, se estabelecem tres principios muito notaveis: 1.º a Companhia não he hum monopolio: he hum comprador e exportador em concurso e competencia com os Feitores Inglezes; porém com a singularidade de que não quer estender o seu commercio exterior, antes procura limita-lo, e que tem todo o esmero em conservar a qualidade e reputação do vinho do Porto, de que os Feitores tem tirado dez vezes mais beneficio do que a Companhia, e de que tem igualmente resultado grandissimo interesse a ambas as Naçoens: 2.º Que a Companhia adiantando aos lavradores o dinheiro necessario para aprompatarem as suas vinhas, a juro de 3 por cento, evita a oppressão dos mesmos lavradores, que sem este beneficio serião obrigados a recorrer a hypothecas, e interesses, que em breve os privarião de suas propriedades: 3.º Que este acontecimento pondo nas mãos dos Feitores os vinhos de todo o genero, sem fiscalisação alguma, estes exercerião então hum verdadeiro monopolio, e com lotaçoens proprias a augmentarem os seus interesses temporarios estragarião o credito deste genero; e desta sorte se perderia hum importantissimo ramo de Commercio.

Estes principios se achão mais ou menos desenvolvidos, tanto na exposição á Commissão do Conselho Privado do Commercio em 30 de Julho de 1812, como na carta ao Lord Visconde Castlereagh, da mesma data. Nesta se refutão as objecçoens dos feitores, e (o que he muito notavel)

se prova que ,, aquella Petição, sendo apparentemente assignada com os nomes de 35 cazas, estas se reduzem realmente a 19, por se achar assignada por cada hum dos socios da mesma caza, como se fosse o chefe de outra diversa; e estes mesmos 19 poder-se-hião ainda reduzir a Membros da Feitoria extincta, e casas de Londres, as quaes poderião tambem reduzir-se a menos, fazendo-lhes hum semelhante abatimento. ,, Nesta Carta se dá huma idéa da creação da Companhia, do estabelecimento dos Feitores, das providencias para a conservação dos bons vinhos; denominando-a inspectora e fiscal da qualidade do vinho. Não cabe nos curtos limites deste Periodico seguirmos os argumentos, que se achão espalhados neste escrito, mas não deixaremos esta Carta sem transcrever duas das suas passagens: a 1.ª he a seguinte.

,, Mas por ventura, My Lord, não he o
,, Governo de qualquer nação, quando o seu terri-
,, torio tem adquirido a geral estimação para hum
,, genero da sua particular producção, obrigado a
,, pôr em pratica todas as deligencias e precauçoens
,, convenientes para o proteger, para o augmen-
,, tar, e para o fazer verdadeiramente util ao
,, Paiz, conservando-o nos limites, que lhe marcou
,, a natureza, sem consentir que querendo esten-
,, der-se a sua quantidade além dos ditos limites,
,, venha a destruir-se huma reputação e conceito,
,, que dependendo de muitos annos para se esta-
,, belecer, pode em hum só anno arruinar-se
,, para sempre em grave prejuizo do bem de toda
,, a Nação? ,, pag. 28.

A 2.ª he tirada da pag. seguinte.

,, Se por *commercio livre* se quizer entender
,, aquelle, em que cada hum póde introduzir ar-
,, bitrariamente abusos contrarios á saude e com-
,, modidade do genero humano, a Companhia não
,, permitte certamente esta illimitada soltura; mas

,, se • vigiar que o vinho seja fabricado com per-
,, feição e pureza, que se conserve nesta estado,
,, e que livremente possa ser comprado por preços
,, justos e racionaveis, sem algum embaraço, ou
,, violencia, e com as mesmas condiçoens que o
,, compra qualquer Portuguez de nascimento; de
,, maneira que entre o nacional e o estrangeiro
,, não haja outra preferencia mais que a da priori-
,, dade de se apresentar para a compra: se hum
,, commercio assim regulado póde justamente cha-
,, mar-se *commercio livre*, he indubitavel que os
,, Feitores gozão plenamente desta liberdade; assim
,, como não duvidamos affirmar que a abolição des-
,, tas saudaveis restricçoens seria muito perigosa e
,, prejudicial a ambas as naçoens. ,,

A pag. 33 começa a refutação das asserçoens dos Feitores, o que termina na pag. 37, e expende então os argumentos, que ao principio resumimos.

Seria fastidiosa huma miuda analyse dos documentos, que se seguem: mas he para notar que muito frequentemente se empenha em arredar daquelle estabelecimento o titulo de monopolio, e isto com factos, que parecem innegaveis, mostrando por exemplo a pag. 132 e 133, que ha 35 casas, que exportão vinhos, contando por huma a Companhia (sendo muitas destas Inglezas), e de 18536 ½ pipas exportadas em 1811, sendo só 7438 pela Companhia, e destas muitas por conta e por ordens de Feitores, he claro que a Companhia he huma caza, que está em perfeita igualdade com todas as outras cazas nas compras e vendas, e não póde com verdade, propriedade, e justiça chamar-se monopolio.

Tal he o esboço, que nos julgamos obrigados a dar da referida Obra. Apresentando muitas vezes as suas mesmas palavras, nos havemos inteiramente desviado de huma questão alheia da nossa profissão e dos nossos estudos.

Lei publicada nesta Corte no corrente mez.

Alvará de 26 de Julho de 1813; Declarando o de 20 de Outubro de 1809, e Determinando que as Appelaçoens Crimes interpostas por parte da Justiça pelos Juizes de Primeira Instancia sejão dirijidas aos Ouvidores das Comarcas, quando o caso das Sentenças couber na alçada destes; e ás Relaçoens do Districto, quando a exceder.

Continuação do Estado da athmosfera

Julho.

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
	Graos	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
22	68	30	0	28	claro
23	68			14	
24	68½	29	19	36	
25	70			30	
26	70			8	denso
27	68½			20	chuvoso
28	68½	30	0	20	
29	66½			4	
30	66	29	19	14	denso
31	70		17	30	claro

Agosto.

Dia.	Ther.	Pol.	Vint.	Mil.	Tempo.
1	70	29	19	42	
2	71½		16	26	trovoada
3	71			34	chuva
4	66½	30	0	18	enevoado
5	64½	29	19	12	claro
6	64½		16	30	dito
7	66			16	
8	65			14	
9	67		19	30	
10	66	30	0	4	
11	67			12	
12	65	29	19	30	
13	67		18	8	

INDICE.

Agricultura.

Hydrographia.

Mineralogia.

Litteratura.

Artes.

Historia.

Politica.

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.
DO
RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 3.º

SETEMBRO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma se subscreve a 4000 reis por semestre.

MINERALOGIA.

Fim da Memoria do Desembargador José Bonifacio de Andrade, continuada do N.º antecedente, pag. 21.

Minas de carvão de pedra do Porto e suas pertenças.

DUAS leguas ao Nascente do Porto, e huma para o Norte do Rio Douro, ficão estas minas na freguezia de S. Pedro da Cova. Por ordem minha, expedida em 28 de Junho de 1802 ao Bacharel José Jacinto de Souza, hoje Inspector Economico, foi este ao lugar da Ervedosa fazer os primeiros sucavoens de pesquisa, onde se descobrio bastante carvão, e se tirou algum, que depois pela sua qualidade pouco combustivel se abandonou, continuando-se em novas pesquisas na Quinta de Vallinhas, e no passal do Abade de S. Pedro da Cova, onde se descobrio o excellente carvão, que hoje se extrahe: em 1803 para o costeio destes trabalhos adiantei eu 200$ reis, e depois pedi emprestados a hum Negociante patriota 500$ reis, com que se forão costeando estes primeiros trabalhos sem a menor despeza da Real Fazenda.

Sobrevindo a fatal suspensão das Minas em Janeiro de 1804, aproveitou-se da tempestade, que ameaçava de todo arruinar estes estabelecimentos o dito Abade de S. Pedro da Cova, e por empenhos pôde obter obrepticia e subrepticiamente huma Provisão illegal, a que se seguio depois hum Decreto, em que se lhe dava a comissão da Mina do Passal; mas rasando no horisonte metallurgico de Portugal mais benigna estrella, revogarão-se estes actos, e foi incorporada a Mina do Passal ás outras Reaes.

Em Outubro de 1804 comecei a dar forma regular aos trabalhos destas Minas, empregando dois Directores Allemaens, que não tinhão em que occupar-se; e como era preciso então construir huma casa de residencia, e hum armazem em Gramido, aprontar ferramentas e petrechos para huma lavra regular, e abrir poços de extracção e galarias de esgoto, requeri alguns subsidios pecuniarios da Direcção da Fabrica das Sedas, que se me subministrarão por mezadas de 400$ reis.

Desde este tempo até o de 1807 se venderão 15834 carros de carvão de pedra de diversas sortes e preços pelo valor de 800, 1200, até 1600 reis cada hum, à boca da Mina: se a esta quantia acrescentarmos 13558, que se venderão no Porto desde 1808 até Junho de 1809, teremos de somma total de carvão vendido 29392 carros, que importão perto de 40 contos pelo preço da Mina, da qual recebeo em pagamento a Real Fabrica das Sedas pelo valor de 2:287$320 reis, como consta das facturas dos embarques. Este numero de carros vendidos em Portugal fazem em pipas perto de 2940, que escusarão a entrada de outro igual numero de carvão inglez., que calculando sómente a 40$ reis a pipa, importarão 117:600$ reis, que nos terião levado para fora do Reino. E que utilidades não tirarão os particulares? Os donos das forjas lucrarão a differença de preço do nosso carvão ao Inglez pelo menos 2$ reis por carro: de mais no inverno de 1803 para 1804, em que houve falta quasi absoluta de carvão Inglez, de maneira que subio a 96$ reis e mais a pipa, tiverão os senhores das forjas e fabricas de ferrages carvão baratissimo para continuarem os seus trabalhos. Pela introducção successiva do nosso carvão nas cozinhas daquelle districto, pouparão os moradores dois terços das despezas, que fazião em carvão de páo e lenhas, não fallando do melhor commodo e as-

seio do nosso carvão de pedra, que não tem fumo, nem máo cheiro. A agricultura do districto ganhou consideravelmente, porque 18 mil carros, que pouco mais ou menos se gastarão em todo este tempo, pouparão pelo menos 54 mil carradas de lenha, que precisão de outros tantos carros com juntas de bois, e seu lavrador para a sua condução, os quaes se empregarão em outros trabalhos uteis de lavoura; e por consequencia diminuirão igualmente o numero de braços estrangeiros, que nos vem de Galliza para os trabalhos ruraes, e que nos levão o dinheiro, pois que huma junta de bois com o seu respectivo lavrador faz em lavoura o serviço pelo menos de 16 homens por dia. De mais os bosques e matos forão poupados em grande parte, e podem augmentar e crescer.

Se este unico estabelecimento tem trazido a Portugal tanto proveito, que utilidade nos não promettem os multiplicados e vastos depositos de carvão de pedra, que encerra o nosso terreno, se os quisermos aproveitar devidamente, e não desmaiarmos logo no começo da empreza, segundo o nosso velho e desgraçado costume?

Além das duas minas hoje lavradas na freguezia de S. Pedro da Cova, temos novamente começada huma pesquisa na Serra do Covelo junto ao Douro no lugar de Guindaes, que promette bastante; pois já se tem encontrado hum veio possante de 3 palmos de excellente carvão.

Para o Sul do Covelo descobrio-se huma rica mina de antimonio, que na superficie ao dia já tem 7 pollegadas de grossura, e consta de antimonio grosso, e cal de antimonio esbranquiçada e amarella. Para se descobrir e pesquisar este veio mandei fazer huma galaria, que já tem 11 braças de comprido, e se continuará até o veio, logo que houver mais dinheiro. Deste veio a 70 braças de distancia na direcção do tecto corre outro parallelo

do mesmo metal, cuja possança e natureza particular ainda não está examinada por falta da devida pesquisa. Tenho esperanças bem fundadas, que com este metal se encontrará talvez prata ou ouro, como succede em outros paizes.

Portugal he muito rico em antimonio, porque, alem destes dois veios de Covelo, o ha tambem em Alfena, não longe do Porto, e em huma abundancia incrivel em Lamas de Orelhão ao pé de Mirandella na Provincia de Traz os Montes, de que tenho bellas amostras, assim como em Villar Chão, e termo de Mogadouro na mesma provincia, e em Murça na Beira.

Visitando em 1804 as vastas escavaçoens antigas da serra de Santa Justa, ao pé de Valongo, em que os Romanos trabalharão por mais de 500 annos, admirei a extensão destas obras, e assentei comigo que este veio mineral dava ainda muito grandes esperanças de huma lavra rendosa, visto que os Romanos não podião lavrar senão minas ricas pela falta de conhecimentos scientificos de metallurgia, falta de instrumentos proprios, que hoje temos, de maquinas de extracção e esgoto, e pela ignorancia da economia de minas trabalhadas por escravos desleixados e grosseiros. Demais em todas as minas antigas, que observei em Salzburgo, Hungria e Transilvania, e que hoje estão de novo em lavra rendosa, não passavão os seus trabalhos de escavação abaixo da galaria principal de esgoto, ficando intacta toda a communicação do veio para o fundo, como tambem succedeo nesta mina de Santa Justa. A pezar das circunstancias calamitosas do tempo, e falta de cabedaes, arrojei-me todavia a mandar desentulhar a galaria de esgoto antiga, por 160 braças, até chegar ao veio, que já está feito; e por causa de grandes penedos, que impedem a continuação deste desentulho, mandei principiar huma galaria de rodeio, que já tem huma

braça de comprido; e tem custado trabalho por serem as matrizes quarzosas, e mui dificeis de ganhar. Nós podemos aproveitar todos os trabalhos preliminares, e de soccorro dos antigos, que existem, como da galaria, e poços de extracção, e ventilação, sem novas despezas. Dos pedaços de mineral, que se ganharão, fiz os devidos ensaios no Laboratorio metallurgico da Universidade, dividindo-os em tres sortes, segundo a sua riqueza. A mais pobre deu por 100 lib. de chumbo 5 onças e 4 oitavas, e alguns grãos de prata: outra mais rica pelo mesmo pezo de chumbo 8 onças e 13 oitavas e alguns grãos de prata; e a ultima e a 3.a forte, que não continha chumbo, mas era de prata negra ferruginosa, deu acima de tres marcos e 3 onças de prata; e todavia ainda não sabemos tudo o que contém o veio em achados ricos.

Além destes jazigos mineraes, de que tenho fallado, póde-se tambem ganhar com muito proveito pedra hume, e caparroza, de que muito abundão estas minas de carvão. Igualmente descobrio-se no sitio do Lodeiro, pouco distante das ditas minas, hum banco de argilla pura porcellanica, muito branca e pura, que se póde aproveitar com muita utilidade em cadilhos, e outras obras, de que tanto precisamos. Assim só neste circunscripto termo do Porto, póde-se, havendo zelo e actividade, fazer huma mineração muito extensa e proveitosa.

Para o costeio das minas do Porto, se não cuidarmos no mais, que apontei, não se precisão avanços nenhuns pecuniarios do Estado, pois que ellas se lavrarão a si mesmas, e dão avanços para os outros estabelecimentos, e só precisamos das providencias pedidas para a Mina de Buarcos, para podermos dar sahida e consumo ao grande numero de pipas de carvão miudo, que se acha desaproveitado, e a perder-se nas eiras, e dentro das escavaçoens das minas. Lembro sómente de novo: 1.º

que se deve promover o transporte do carvão para o Alto Douro, onde há tanta falta de lenha, escrevendo-se, e recomendando-se aos Corregedores, e Juizes de Fóra este negocio, estabelecendo-se huma tarefa arrasoada e fixa dos fretes das barcas do Alto Douro, que trazem os vinhos para o Porto, e voltão vasias, e podem levar carvão: 2.º Que o Governador das Justiças obrigue aos donos das fabricas de ferragens, e aos Juizes do Officio de Ferreiro, a que usem ao menos de hum terço do nosso carvão miudo do Porto, misturando-o com o grosso de Buarcos, ou com o Inglez: 3.º Finalmente que se não dê licença a particulares a levantarem de novo fornos de cal, de telha, e tijolo, sem serem construidos á Ingleza para o uso do carvão de pedra, para o que darei os riscos e instrucçoens necessarias.

Creio ter satisfeito ao que de mim se exigia, apontando o estado de cada hum dos estabelecimentos, as utilidades certas, que promette, as economias que se podem fazer, as novas providencias que são necessarias; e os cabedaes, de que precisão para o seu costeio, em quanto não tem fundos proprios para o seu trafico e costeio particular.

(No resto da Memoria insiste na importancia de que seria o auxilio do Governo para costear aquelles estabelecimentos, e caso seja impossivel este expediente, ou se abra hum emprestimo de 60 mil cruzados a 8 por cento de juro com a hypotheca dos mesmos estabelecimentos, ou erijão-se Companhias mineraes, como se pratica em toda a Allemanha, Hungria, e Reinos do Norte.)

Lisboa 8 de Novembro de 1809.

Doutor José Bonifacio de Andrade e Silva.

NAVEGAÇÃO.

Reflexoens sobre as derrotas de estima, e suas correcçoens, continuadas de N.º 6. pag. 58

IMportaria pouco saber quanto se anda, se a este conhecimento não acompanhasse o da direcção. Muitos Seculos se ignorou a maneira de obte-lo, e a Colombo se deve a preciosa descoberta de empregar a agulha tocada no iman, cujas propriedades parecem ignoradas até o Seculo 12.º Para fazer huma obra digna da attenção dos Sabios, deveria eu agora expor a theoria do fluido magnetico, inculcar a sua analogia com o electrico; equiparar a divisão de magnetismo austral e boreal com a de eletricidade vitrea e resinosa; e ostentar huma instrucção inutil. Mas o Piloto, que com poucos conhecimentos theoricos, precisa que lhe ensinem quasi rotineiramente o modo, com que aperfeiçoe a sua profissão, ignoraria inteiramente o uso da minha Memoria, e praguejaria o tempo, que consumio em lê-la.

Portanto abrindo mão de apparatosas expressoens, que valerião menos do que huma pagina de Hauy, eu encararei só o que póde ser util a simplices praticos, limitando-me a esta classe de homens, cujos conhecimentos, ao nivel dos meus, os poem ao alcance das minhas idéas.

A figura, que se deve dar a agulha de aço, a que se ha de communicar o fluido magnetico, tem sido objecto de estereis indagaçoens. Deixando as opinioens de Coulomb, la Hire, e de outros, creio que he preferivel a de M. Du Hamel, que lhe dá a fórma de hum parallelogrammo terminado em pontas muito obtusas, ou, como se explica Blondeau, laminas pouco espessas, que rematão em ponta á maneira de folha de louro, e com effeito he destas que geralmente se usa.

Não fallarei do modo de communicar o magnetismo: elle se acha claramente explicado no excellente Tratado de Physica, traduzido para uso da Academia Real Militar, numeros 570 e seguintes, que o Leitor curioso não deixará de consulta.. Alli se achará igualmente (n. 579) a exposição de hum fenomeno notavel, que tem o nome de inclinação.

Estando pois a agulha tocada, ou participante do magnetismo, se lhe sobre-poem hum circulo de cartão, ou de faia, dividido 1.º em quatro partes iguaes, que tem o nome de quadrantes, e os pontos da cirumferencia, em que terminão as linhas divisorias, tem o nome de pontos cardiaes. Sabe-se que estes quadrantes se dividem em 2, e cada ponto de divisão se diz hum rumo, o qual ainda se subdivide em meios rumos, e cada hum destes em quartas. Vê-se que a numeração binaria foi a seguida neste processo, e que seria facil substituirlhe outra qualquer. Delambre, querendo introduzir a divisão decimal, propoem „ deixar com effeito ao timoneiro a rosa dos ventos dividida em 32 rumos com os nomes consagrados por hum uso tão antigo como universal: mas na marcação das terras, conservar-se os quatro pontos cardeaes, e contar 100 graos de Norte ou Sul para Est ou para Oest: de sorte que a manobra e o governo conservarão nomes, com que se está familiarizado, e que será forçoso guardar para entender as outras naçoens, e fazer-se entender dellas: e entretanto o systema decimal regulará todas as operaçoens, todos os calculos, que se conservarem nos Jornaes. „

Parece todavia que o circulo dividido em quartas offerece hum meio de avaliar mui grosseiramente os angulos. O intervallo de 11 gráos e ¼ se julga desprezivel, e quando há maior exacção, metade daquelle angulo. He bem facil de ver que isto faria necessario admittir outra divisão em gráos, e que os rumos fossem marcados, não em quartas;

mas naquellas partes da circumferencia. Sem embargo, isto, que na theorica he tão facil, na pratica encontra grandes dificuldades. Os timoneiros são tão ignorantes, que muitos não sabem ler, guião-se pelo desenho traçado sobre cada hum dos rumos, para o que se descrevem differentemente os rumos, meios rumos (vulgarmente meias partidas) e quartas, e enganar-se-hião a cada passo se houvessem de ler o n.º de gráos marcado na circumferencia da rosa dos ventos. Com effeito he para admirar o ponto de desleixo, a que se chega neste importante objecto. Eu vi assignar-se a hum timoneiro que seguisse a meia partida (ENE), e descuidando-se este do governo, e achando o navio aproado já além do NE, para reduzi-lo ao rumo que se lhe assignou, aproa-lo ao NNE; e dizer affoitamente está á meia partida (com hum erro apenas de 45°). E quando as derrotas de estima tem elementos tão bem determinados, que muito que tenhão erros consideraveis? Quem se poderá admirar de ver huma derrota de Angola para este porto com 8¼ gráos de erro? Eu o não crera, se não fosse mandado examina-la.

Mas para que he carregar toda a culpa sobre o infeliz marinheiro, assaz acurvado com a sua sorte? O Piloto (quem dissera!) o Piloto mesmo he a causa de grandes ommisseens. Quantas vezes, escasseando, ou alargando o vento, muda de rumo o navio, e no fim da hora, ou se assenta na pedra o rumo, que então seguia o navio, ou, quando muito escrupulo há, se escreve o medio entre os dois extremos. E basta? Os primeiros elementos de calculo differencial mostrão que a differença de Latitude varia na razão da differença do rumo multiplicada pelo seu coseno; e a do apartamento como a differença negativa do rumo multiplicada pelo seno; e para que fosse permissivel esta supposição, seria necessario que os senos e cosenos dos arcos cresces-

sem ou decrescessem uniformemente, o que he manifestamente falso, e bastão as taboas para o mostrarem a quem não tiver outros meios de convencer-se. Porém para descer a hum exemplo mais palpavel, supponhamos que o rumo variou em pequenas oscillaçoens, e que se andarão as milhas seguintes 2 a ENE, 3 a NE4E, 3 a NE4N: neste caso tão favoravel, temos entre NE4E e NE4N; o medio NE, e entre este e ENE, NE4E: logo este ultimo he o que tomaria o Piloto, e escreveria na pedra adiante deste rumo 8 milhas. As suas taboadinhas lhe darião 4,4 para differença de latitude, e 6,7 para apartamento; em quanto, se houvesse reduzido separadamente, haveria achado 5 milhas para differença de latitude, e 6 para apartamento: portanto commetteu na primeira hum erro de — 0, 6, e no segundo outro de + 0, 7. Prescindindo mesmo de casos menos favoraveis, vê-se que há huma frequente occasião de repetir estes erros. Mas estes erros são pequenos. — Sim, porém são evitaveis. — E como? — Marcando as mudanças de rumo, e o seguimento correspondente. Que dificuldade há em escrever, como no caso apontado, em huma mesma hora

2 o ENE
3 o NE4E
3 o NE4N;

e para a reducção attender separadamente a estes rumos? Dois ou tres minutos mais de exacção não pagão bem este pequeno trabalho? Além de que, eu mostrarei em outro lugar como esta especificação de angulos conduz a huma exacção muito maior, quando há o maior desvelo nas correcçoens.

Mas não he só esta a causa de erro no angulo; há outra que facilmente se evita, porém que não convém esquecer. A bussola he guarnecida de duas caixas, das quaes a anterior tem dois

balanços ou aros de latão, encaixados hum no outro. Estes devem necessariamente ser de latão, pois se fossem de aço, ferro, &c., a affinidade destes metaes com o fluido magnetico pertubaria a agulha, e tornaria muito duvidoso o seu testemunho. Estas caixas se depositão em huma especie de armazem, a que se dá o nome de *bitacula*, talvez por corrupção de palavra Franceza *habitacle*. Cumpre que a direcção deste armario seja parallela á quilha, porque de outra maneira os angulos marcados pela bussola não serião as verdadeiras direcçoens do Navio.

Avaliado o caminho andado, examinado o rumo, resta o que se chama vulgarmente cartear as milhas, para achar o angulo da barca. De methodos graphicos se costumavão servir os nossos Pilotos, como a escala, o quarto de reducção, &c. Depois que forão obrigados a adquirir algum conhecimento da Trigonometria Plana, ouvirão fallar em reducção pelo calculo, e felizmente acharão-no já feito nas Taboadinhas Inglezas, em Moore, nas Taboas de Mendoza, e em outros livros. O methodo consiste, como todos sabem, em reduzir a hum só triangulo todo o caminho feito com huma só amura, a fim de conhecer o sentido em que se deve applicar o abatimento. Ora que dirá hum destes praticos, se ler neste papel que este methodo induz em graves erros? Hum caminho seguido por todos os Pilotos, que me ensinarão desde pequeno, que tem conduzido tantos milhares de navios aos seus destinos. . . — Sim, esse caminho he perigoso. Huma risada de compaixão seria a resposta do pratico, e eu contentar-me-hia com rogar-lhe que não me condemnasse sem ler. Para lhe fallar de hum modo mais intelligivel, eu tomaria o mesmo exemplo de Mendoza. (Tratado de Navegacion, Tom. 2 n. 209.)

Suppoem que hum navio sahio da latitude do 67° 30′ N e longitude 3° 10′ O, e andou as seguintes milhas.

Rumos	Dist.	Diff. de Latit.		Apart. do mer.		Lat. chegad.	Partes merid.	Diff. de Latit. merid.	Differença de longitude	
		N	S	E	O				E	O
						67°,30	5551,6			
NE	64	45,3		45,3		68 15	5671,1	119,5	119,5	
NNE	50	46,2		19,1		69 1	5797,3	126,2	52,4	
NO¼N	58	48,2			32,2	69 49	5933,9	136,6		91,1
ONO	72	27,6			66,5	70 17	6016,0	82,1		198,6
O	48				48,0	70 17	6016,0	00		142
SSO	38		35,1		14,5	69 42	5913,7	102,3		42,4
S¼SE	45		44,1	8,8		68 58	5789,0	124,7	24,8	
ESE	40		15,3	36,9		68 43	5747,4	41,6	100,7	
		167,1	94,5	110,1	116,2				297,4	474,1
Diff. de Lat.		72,8	Apart. de mer. 51,1			Diff. em long. total.			176,7	

A primeira parte da Tabella offerece o modo de cartear ordinario, a 2.ª emprega as partes meridionaes, ou latitudes crescidas. Conforme o primeiro modo, empregando o parallelo medio de 68° teriamos a differença de longitude 137,1, em quanto pelo segundo achamos 176,7, e differença 39,6. Vê-se pois que o primeiro methodo de reducção he muito defeituoso em latitudes consideraveis. Transcreverei as mesmas palavras de Mendoza. (n.° 211 e 212.)

,, Para se pouparem ao trabalho de repetir as ,, mesmas operaçoens em cada rumo, costumão os ,, pilotos reduzir-se ás primeiras seis columnas, e ,, achar a differença em longitude correspondente ,, á differença entre as sommas dos apartamentos ,, E e O, no parallelo medio determinado pela ,, differença em latitude total. . .

,, Porém esta pratica he falta de exactidão, ,, como se vê facilmente considerando só o caso ,, de dois rumos, hum na linha Norte Sul, e ,, outro na Est-Oest; porque então se reduz o ,, apartamento do meridiano á differença em longitude em hum parallelo, que dista do verdadeiro ,, toda a metade da differença em latitude contraida. ,, Os erros pois, que se cometterem, serão tanto ,, maiores quanto mais se approximar á aquelle caso, ,, isto he, quanto mais proximos estiverem huns ,, rumos ao meridiano, e outros ao parallelo, e ,, que ao mesmo tempo as latitudes forem maiores, ,, e mais consideraveis as differenças de latitude. ,, Isto se vê no exemplo acima, que dá pelas operaçoens communs 137 milhas em differença de ,, longitude. Por esta razão dever-se-há sempre ,, attender ás circunstancias, que podem fazer defeituoso o methodo ordinario, para reccorrer a ,, a outro mais exacto, ainda que seja na reducção ,, dos rumos seguidos em hum ou dois dias, que ,, he o que se costuma. ,,

HYDROGRAPHIA.

Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadóres, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fonceca. Continuadas do N.º 2.º pag. 12

Terra de Sandwich e Ilha de S. Pedro.

SANDWICH foi descoberta em 1775 por Cook, porém as cartas antigas notavão huma terra por esta parage denominada Golfo de S. Sebastião; mas o certo he, que até agora ignoramos se esta terra se estende para Leste ou para o Sul, pois o Capitão Cook em Fevereiro de 1775, descobrio terra a Leste, navegando pela Latitude S. de $59^{\circ} 30'$, e como os gelos o impossiblitarão de reconhece-la pelo Sul, navégou para o Norte, e nesta derrota foi avistando e determinando os pontos mais salientes, até que chegando á sua extremidade Septentrional, continuou a sua navegação para Leste. Nenhum dos circumnavegadores, depois de Cook, tem reconhecido a costa Oriental desta terra, por consequencia ainda falta fazer esta indagação para de huma vez conhecermos o seu limite para o Sul, pois não se segue, nem he justo, que se fique em trevas a respeito da sua extensão, sómente por considerarmos que a sua remota situação e aspero clima a faz inutil aos Navegadores. Pelo que respeita á Ilha de S. Pedro, ou Georgia, devo dizer que esta terra he aquella, que Antonio da Rocha descobrio, e não lhe deu denominação, porém em Junho de 1756, Duclos Guyot a visitou, e lhe deu o nome de Ilha de S. Pedro, e Cook na segunda Viagem reconheceu a parte Oriental, a que nomeou Georgia; a parte do SO. desta terra não tem sido

visitada por algum navegador: por consequencia ignora-se se he huma costa aberta com portos e bahias, ou huma costa inteiramente fechada.

Ilha de Pitcairn.

ESTA Ilha foi descoberta em 1767 pelo Capitão Carteret, que se havia separado do Capitão Wallis. Elle a situa em $25^{\circ} 12'$ de Latitude Sul, porém quanto á Longitude até agora he incerta, pois parece que este navegador não teve occasião de a determinar por observação; nenhum dos Navegadores posteriores a Carteret, a tem reconhecido, e sómente Cook na sua segunda viagem diz o seguinte.

,, Em o 1.º d'Agosto achando-me por $25^{\circ} 01'$ de Latitude Sul, e por $134^{\circ} 06'$ de Longitude Occidental, parage pouco mais ou menos assignada pelo Capitão Carteret á Ilhas de Pitcairn, que este navegador descobrio em 1767; fiz toda a deligencia, que me foi possivel, para a encontrar, porém nada pude observar, que me desse indicios de terra: nós passámos 15 legoas ao Oeste da Longitude, onde o dito Capitão a situa, mas como esta determinação he incerta, e por outro lado considerando o estado dos doentes da Aventura, achei prudente não perder o meu tempo a procura-la.

A' vista do referido, o reconhecimento desta Ilha, e da sua posição bem determinada, se poderá rectificar por meio das outras, que este navegador descobrio em continuação da sua derrota.

Nova Guiné.

PELO que respeita á Nova Guiné, admiro, ou para melhor dizer, não se póde vêr sem pena, logo que se examinão os rapidos progressos das descobertas, que tem feito conhecer as regioens mais

distantes, que estejamos ainda em trevas sobre a parte desta grande Ilha, entre os seus extremos do SO e SE. Sabemos que Dampiers foi o primeiro que nos mostrou que esta Ilha não se estendia tanto para o Oriente, como os Geographos concebião em consequencia das relaçoens dos antigos navegadores; pois Maire em 1616, quando avistou por Leste a terra, que hoje se chama a Nova Irlanda, julgou ser parte da Nova Guiné; e Tasman em 1642 denominou a parte mais saliente Cabo de S. João da Nova Guiné, de sorte que ás terras, que ficavão a Leste da passage, que Dampiers descobrio, este navegador impoz o nome de Archipelago da Nova Bretanha, a qual denominação se conservou até a epoca, em que o Capitão Carteret descobrio hum estreito no dito Grupo, a que denominou Canal de Jorge, e ás Ilhas, que ficavão a Leste, impoz o nome de Nova Irlanda, Novo Hanover. Bougainville, que se seguio a Carteret, descobrio ao Sul da Nova Bretanha aquellas Ilhas, que denominou Archipelago da Louisiada, a pezar de ficar sempre na incerteza se estas terras fazião parte da Nova Guiné, ou se estavão separadas por algum estreito, assim como a Nova Bretanha.

O Contra Almirante Dentrecasteaux, a quem nós devemos tantas descobertas feitas nos referidos Archipelagos, como tambem a exacta posição daquelles de Salamão, e de Bougainvile, e Calledonia, (pois os outros navegadores, que os descobrirão, não fizerão mais que aponta-los) he sem duvida, de quem os Geographos esperavão a determinação daquelle importante ponto Geographico; porém huma tal questão não se decidio, e sómente da Derrota de Dentrecasteaux eu deduzo que este navegador atravessou o espaço desde o recife mais do Norte e Oeste da Louisiada até huma legoa de distancia ao Cabo Longuerve de Guiné, na direcção

do NO, porém a terra da Nova Guiné, que forma a linha da menor extensão com a extremidade do Archipelago da Louisiada, he a que fica na direção do Oeste, cuja distancia he de 6 a 7 legoas, e a ponta mais avançada foi nomeada por Dentrecasteaux Cabo do SE. Foi determinada a sua longitude no mesmo meridiano do ultimo recife Occidental do Archipelago, pela observação do dia 24 de Junho de 1793, sendo a posição das Fragatas ao meio dia huma legua a Leste das pedras; mas pelo que respeita á latitude, foi determinada por estima em 8.° 40′ Sul. O Contra Almirante diz que na referida linha de 7 leguas se não descobria mais terra para o Sul, e que os ventos da parte do SE (era a monção) lhe servirão de inconveniente para esclarecer este ponto importante da Hydrographia. Eu observo na relação da viagem deste habil navegador, que já áquelle tempo se achava com pouca saude, e que não obstante, elle teria descoberto hum novo Estreito, se os seus Officiaes se não opozessem ao prolongamento da viagem para conservar a saude do seu Chefe, porém esta percaução foi em vão, pois passados vinte dias já não existia.

Cabo da Circumcisão.

ESTA terra, suposta por Bouvet hum extremo de Continente, pode ser mais que huma Ilha. He certo que depois deste navegador não tem sido procurada, senão por Cook, e Furneaux, porém na epoca destas pesquizas a Longitude da dita terra não se achava corrigida, pois Bouvet tinha empregado na sua derrota por longitude da partida aquella de Santa Catharina, que naquelle tempo se achava affectada do erro de 4.°, segundo as observaçoens recentemente feitas no Rio de Janeiro, cujo resultado poem a terra vista por Bouvet em 6° o 5′ ao Oriente de Greenwich, e parece-me ser esta

a razão, porque escapou á indagação da Resolução e da Aventura, porque Cook vindo de Oeste não principiou a pôr-se na latitude de 54°, senão quando chegou aos 8° a Leste, e o Cappitão Furneaux aos 10° 30' he que chegou a cortar o dito parallelo, assim hum e outro principiarão as suas indagaçoens depois de terem passado o dito Cabo, por consequencia huma nova indagação não me parece inutil, ou seja para fixar a sua posição encontrando-a, ou para pôr termo á sua existencia sobre as cartas Hydrograficas.

Continuar-se-ha.

AGRICULTURA.

*Meio empregado pelos Chins para a propagação das arvores fructiferas &c, publicado por B.****

HE tamanha inconsideração negar-se a adoptar o que he novo, quanto abraçar a novidade sem mais reflexão, quando se póde seguir perda de tempo, e de bens; mas quando o tempo posto em risco são poucas horas, e a perda alguns ramos de arvore, não há lavrador, por mais pobre que seja, que não esteja no caso de sofre-la: por isso sem escrupulo algum os convido a tentar commigo o methodo que passo a descrever, e que comecei a praticar.

Os Chins, em vez de propagar as arvores fructiferas por sementes, ou enxertias, imaginarão outro meio, que o Doutor James Howison publicou em Inglaterra. Tendo escolhido a arvore, que querem propagar, tomão o ramo, que cortado distée menos a arvore; em roda delle, e o mais per-

to do tronco que sem opressão se póde operar, enrolão huma corda de palha coberta de bosta, e dão-lhe tantas voltas, que a rodilha forme 5 á 6 vezes o diametro do ramo: he no centro desta rodilha que se devem formar as raizes. Feita esta operação, cortão a casca até ao lenho immediatamente abaixo da rodilha, e os dois terços, pouco mais ou menos, da casca da circumferencia do ramo; pendurão depois em hum ramo superior, e acima do centro da rodilha, hum casco de coco, ou qualquer vazo com hum muito pequeno furo no fundo, afim de que não deixe cahir a agoa, de que o enchem senão gota á gota.

Durante tres semanas, nada mais se lhe faz do que entreter o vazo cheio d'agoa, e findo esse termo, corta-se o terço restante da casca, e profunda-se a primeira incisão muito pelo lenho; n'esse tempo já algumas raizes se tem formado.

Passadas outras tres semanas, repete-se a mesma operação, e em geral dois mezes depois do principio da tentativa vem-se as raizes se entrelaçarem na superficie da rodilha, que he o annuncio de ter chegado o tempo de separar o ramo do tronco, o que convém fazer com huma serra, e no lugar da incisão, afim de abalar o menos possivel a rodilha, porque então a corda se acha já podre: isto feito planta-se o ramo como huma arvore nova.

He provavel que na Europa sendo a vegetação menos activa do que na China, esta operação leve mais tempo; todavia M. Howison pretende, segundo as tentativas, que fez em larangeiras, que hum mez de mais compensa a differença dos climas.

As ventagens do methodo dos Chins são, que sendo os ramos plantados assás fortes, ao cabo de tres para quatro annos tem-se as novas arvores dando fructos, quando as mesmas arvores no mesmo clima vindas de semente, gastão 8 e 10 annos antes que fructifiquem. O Dr. Howison teve oc-

casião de ver isto provado na Ilha do Principe de Galles. Hum particular, que tinha semeado pevides de laranja em 1785, não tinha ainda tido fructo em 1795, quando ramos tratados pelo methodo dos Chins em 1791 tinhão já carregado por duas vezes.

Se este methodo for praticavel, a ventagem não he para desprezar, pois que a infancia das arvores passa então depressa, ella, que sendo vagaroza em geral, era o que desanimava, tanto pela morosidade, como pelos accidentes mutiplicados que se sofrem. Em todo o cazo a adopção deste methodo será muito util para multiplicar as arvores de paizes quentes, cujas sementes nos mais frios que o seu natal não adquirem madureza bastante para prolificarem. O Dr. Howison observou muitas vezes que o ramo, em que se praticava a operação, que descrevemos, em quanto a arvore dava fructos, carregava muito mais do que os outros. He provavel que isso provenha de huma plectora, ou superabundancia occasionada pela falta de communicação entre o ramo e o tronco pelos vazos descendentes, a qual se interrompe com a incizão na casca, em quanto a communicação pelos vazos lenhozos, ou ascendentes subsiste. Esta circunstancia corroboraria a opinião de Bonnet, que pretende que os fluidos das plantas tem, como os dos animaes, huma circulação regular. Pelo mesmo raciocinio poder-se-hia tambem explicar o fenomeno da maior quantidade de fructos de huma arvore, que foi desfolhada. Dir-se-hia que a mor parte dos sucos ascendentes se despende pelas folhas em transpiração insensivel ou em sustento. Vê-se com effeito que huma arvore, sobre que se pratica hum entalhe, cessa de derramar suco pela ferida logo que tem as folhas: Marsden tinha as mesmas idéas, e lê-se no sua historia de Sumatra, pag. 119, que os indigenas alli desfolhão as arvores tardias em fructificar-se, que assim os

sucos nutritivos por este importante uso são mudados ou virados, fazendo aparecer flores em maior abundancia.

O Dr. Howison observou que as raizes de hum ramo, que sofreo a incizão, gastavão mais tempo a emaranhar-se pela rodilha, quando a arvore estava com folhas, do que quando estava despida dellas, e conclue que a estação a mais favoravel para a incizão he na Europa a Primavera.

Sendo as fructas hum dos melhores mimos da natureza, tudo quanto concorrer para melhora-las, e augmenta-las, deve entrar na escala dos nossos primeiros cuidados, e podendo o methodo, que publico, vir a ser hum meio de augmentar não só as arvores fructiferas, mas as de construcção &c., torno a recomendar aos lavradores, ás mãos dos quaes esta noticia chegar, que comigo o ponhão em pratica, e aos homens de gosto, que sabem dar o apreço devido a hum pomar, a hum bosque, e á vista de hum desser, que Pomona alegra, que o publiquem e incitem.

TOPOGRAFIA.

Breve Descripção Topografica e Statistica da Capitania do Espirito Santo. Por Francisco Manoel da Cunha. (*)

Origem do Rio Doce.

O Rio da Piranga em S. José de Sipotó, o Ribeirão do Carmo, que passa pela Cidade de Mariana, e que ambos fazem barra no lugar denominado Mathias Barboza, são os progenitores do Rio Doce: alguns pequenos Corregos, e Regatos assoberbão o curso deste Rio até o de Antonio Dias, donde descem as canoas. Existem varias Caxoeiras impraticaveis antes de chegar a este Arrayal. O ávido Mineiro viajando então cinco legoas distante do Porto de Antonio Dias, vê a primeira Caxoeira denominada Alegre; oito legoas mais abaixo descobre a chamada Escura; aqui o Rio de Santo Antonio dos ferros (innavegavel) vem depositar as suas agoas. Dahi á dez legoas apparecem as duas Caxoeiras de Baguary: nesta posição os Rios dos Bugres, e da Corrente baralhão-se com o Rio Doce. Na distancia de oito legoas achão-se os roxedos de Bituruna, e defronte destes penedos vem desagoar o Rio Sussui grande, tendo pouco mais acima desembocado igualmente o Rio Sussui pequeno. Tres legoas depois encontra-se o Caxoeiro da Figueira; avançando mais oito legoas, observa-se o do Sapé; e dalli a sete o do Cuiété: aqui entra o Rio do mesmo

(*) O Autor, depois de ter exercido com muita distincção o lugar de Escrivão da Junta da Fazenda nesta mesma Capitania, foi nomeado para crear o mesmo lugar na do Piauhy, onde tem sinalado o seu zelo e constancia a bem do Real Serviço.

nome. Viajando-se mais quatro legoas demora a Caxoeira do M, e tres legoas avante está a conhecida pelo nome do Inferno. O Rio Manassú alonga-se outras tantas legoas desta ultima Caxoeira: ahi está o Quartel de Lorena; e navegando-se quasi huma legoa, encontra-se a Ilha da Natividade, d'onde principião os pedregulhos conhecidos pelo nome de Escadinhas, que se dilatão até o Rio Guandú nas circumvisinhanças do Porto de Sousa, extremas das Capitanias de Minas Geraes, e do Espirito Santo. Taes são os grandes obstaculos confessados pelos mesmos Mineiros desde a vez primeira que se communicarão com os Capitanienses pelas agoas d'aquelle Rio, e que dificultão, como já disse, a sua frequente navegação.

A navegação do Porto de Souza até a barra he mais commoda, por se não encontrarem tantos penedos; mas o fundo do Canal he muito desigual. Cento e quarenta Ilhas desde o lugar do Cascalho, até o Quartel da Regencia Augusta na barra, dividem este Rio como em dous, cuja corrente he assás extraordinaria. A sua largura desde a fóz até o já mencionado lugar do Cascalho he quasi sempre de hum quarto de legoa, e chêa de grandes bancos de arêa tanto da parte do Norte, como do Sul. A barra não he estavel: humas vezes tem dez palmos, outras vezes treze, e muitas vezes sete, cinco &c. Não há alli hum surgidoro capaz de ancorar qualquer embarcação, e para escapar á rapidez da corrente he necessario afferrar-se á terra. A entrada da barra he dificultosa, e de grande perigo: esta entrada só com vento feito póde ser feliz, pois nada mais he capaz de obstar, e vencer a alluvião de tantos Rios combinados em hum só ponto. O grande cordão, que ahi se eleva, e os parceis de hum e outro lado, impossibilitão ás embarcaçoens o poderem bordejar; e quando quizessem proseguir na sua viagem pelo Rio acima, não o

poderião surmontar, 1.° pela pouca agoa do Canal, 2.° pelas differentes direcçoens do mesmo Canal, que ora demora ao Norte, e Noroeste, ora a Oeste, e Sud-Oeste, e serião necessarios muitos ventos favoraveis a hum mesmo tempo para que as embarcaçoens evitassem o naufragio.

Quarteis do Porto de Souza, de Linhares, e da Regencia Augusta.

O Lugar denominado Porto de Souza, ao lado Meridional do Rio Doce, he conhecido por este nome desde o tempo, em que governou a Capitania do Espirito Santo o Capitão de Fragata Antonio Pires da Silva Pontes. O Quartel do Destacamento he a caza unica, que alli existe.

Linhares, antigamente Contins, tres dias de viagem pelo Rio abaixo, e destacamento situado na margem Septentrional, contém mais de setenta cazas todas cobertas de palha, hum Quartel, e hum unico Lavrador novamente afazendado. O grande Lago de Japaraná não fica muito distante d'aqui: hum braço deste Lago vem desagoar á Leste de Linhares, outro mistura-se com o Mar do Brazil na praia de S. Matheus. Infelizmente este Lago ainda não foi mensurado, com tudo ao primeiro golpe de vista mostra que terá dez, ou doze legoas de circumferencia. Seu fundo conhecido he de quatro a cinco braças, e muito abundante em pescado.

A Regencia Augusta, distante hum dia de viagem de Linhares, foi assim chamada pelo mesmo Governador Pontes. O Quartel do Destacamento, e duas pequenas choupanas compoem este Registro, que fica da mesma parte, em que jaz o Porto de Souza: só hum pequeno Lavrador aqui vemos a tres para quatro mezes: este Quartel he o depozito das muniçoens, que vão para os lugares acima ditos.

97

Quarteis dos Combois, e do Riaxo Lagôa do Campo.

DA barra do Rio Doce, onde está o Quartel da Regencia Augusta, marchando-se pela praia na longitude de tres legoas mora o Quartel dos Combois, retirado da mesma praia hum quarto: aqui passa o Rio, ou para melhor dizer, a Lagoa, que dá o seu nome a esse Destacamento, segundo a lingóagem dos Indigenas; esta especie de Rio vai ajuntar-se com o que vem da Lagoa do Campo; em huma palavra, o unico, e pobre domicilio dos Soldados, huma floresta continuada, e o morno silencio da solidão fórmão toda a belleza deste sitio.

Se combinarmos agora o tempo, que se gasta dahi ao lugar do Riacho, ou seja embarcado por esse pantano já dito, ou vindo pela praia, a viagem sempre he igual. Recordo-me, que toda a praia desde o Rio Doce até o Riaxo, de que vou fallar, he insuportavel; a sua extensão he de sete legoas. O Destacamento do Riaxo está quasi desamparado; hum só Indio ahi existe, e nada mais se observa, que possa merecer attenção.

A Lagoa do Campo dista deste lugar para Oeste poucas horas de jornada tanto por terra, como pelo mesmo Rio, que lá vai ter, cuja barra he ainda incapaz de receber canoas. Esta Aldêa do Campo he assás grande, e povoada de Indios.

Aldêa Velha.

SAhindo do Riacho, e avançando tres legoas, vemos a Aldêa Velha: a barra do Rio, que denomina este lugar, he limpa, e admitte em si bergantins, que muitas vezes tem ido carregar madeiras, de que ricamente abundão as suas matas. Algumas pequenas cazas, pela maior parte cobertas de palha, e alongadas humas das outras, fórmão

a totalidade desta chamada Povoação de hum, e outro lado do Rio. Viajando-se cinco, ou seis horas por este mesmo Rio, vai demandar-se a Oes-Noroeste o Destacamento de Piraquê Assû, composto unicamente de Indios, e mais abaixo por hum braço, que demanda ao Sul, vê-se o Piraquê Merim, onde ha pouco succedeo o horrivel catastrofe, que relatarei na continuação desta memoria. O commercio da Aldêa Velha consiste em madeiras, cal, laranjas, azeite de baga, farinha de mandioca, fio de algodão, e tudo, exceptuando as madeiras, em diminutas porçoens.

Villa Nova d'Almeida.

ESTA Villa dista da Aldêa Velha outras tantas legoas, quantas achamos do Riacho á mesma Aldêa. Ella está situada sobre huma pequena colina á borda do mar: o seu commercio florecia em madeiras antes da prohibição do córte, venda, e exportação destas, cujo interdicto foi posto pelo actual Governador em toda a Capitania: seus habitantes são todos Indios; excepto alguns Europeos alli estabelecidos: as cazas cobertas de palha; as paredes de barro; e só o Collegio, que foi dos proscriptos Jesuitas, e seis ou sete predios dos Portuguezes já domiciliados são cobertos de telhas. O Senado da Camara, e o Capitão Mór são Indios de Nação. O Rio, que dá, ou tira seu nome da dita Villa, e que corre ao Norte della, he de nenhuma consequencia, pois que só admite canoas, e pequenas lanchas. A negociação ordinaria compoem-se dos mesmos generos, que se exportão da Aldêa Velha, e a pobreza aparece aqui como personificada no semblante de cada hum dos seus nacionaes.

Villa da Victoria.

AGORA, chegamos á Villa Capital da Victoria, que demora oito legoas ao Sud-Oeste da d'Almeida: a sua posição he em huma especie de Ilha: ella se estende á maneira de amfitheatro; sobre a falda de hum monte; o braço de mar, que fórma o seu ancoradouro segue a Oeste por mais de legoa e meia, e dirigindo-se para o Norte, e Leste, torna a engolfar-se no mesmo mar: a largura desta Ilha, de Norte á Sul, será pouco menos de 5 quartos de legoa, e de E. á O. a extensão não he regular. Nove Igrejas (inclusos dous Conventos de Religiosos Carmelitas, e Franciscanos) apparecem no meio desta Villa; as cazas não são bellas, com tudo descobrem-se algumas de dous andares: alli não há divertimentos, a decadencia da terra assim o permitte: huma estrada, que se dirige á Leste, e outra a Oeste, eis os frequentes passeios dos habitantes daquella Villa. Ahi he a residencia do Governador, do Tribunal da Junta da Real Fazenda, e do Ouvidor. O Senado da Camara he pobrissimo por ter cedido antigamente os seus rendimentos á Real Fazenda, afim de que alli houvesse huma Companhia de Linha para arrostar o Gentio.

O Commercio, que consta de pequenas quantidades de assucar, agoardente, café, milho, feijão, arrôs, e algodão, não he bastante para encorajar os seus Nacionaes, e as pequenas embarcaçoens deste Porto, navegando sempre ao longo das Costas limitrofes do Rio de Janeiro, e Bahia, raras vezes se animão a viajarem para Pernambuco, ou Rio Grande do Sul. A maior parte das mulheres se occupão diariamente a fiarem o algodão, percebendo deste trabalho tres, ou quatro vintens: a Agricultura está como esquecida: não há hum só Negociante capaz de animar alli os diversos artigos

da industria, ou seja em generos Europeos, Asiaticos, ou Africanos: a desgraça, e desamparo daquelle Paiz he tal, que arruinando-se mesmo qualquer predio jámais o reedificão. A barra desta Villa Capital está na distancia de pouco mais de legoa, e nesta extensão apenas aparecem dous pequenos Fortes o de S. Francisco Xavier, ou Piratininga ao Sul da dita Barra, e o de S. João alongado desta pelo Rio acima mais de 3 quartos ao Norte: sobre o cimo do monte, onde jaz este Forte, ainda hoje se conservão os restos de huma velha muralha, que antigamente servio de defeza aos Hollandezes.

O Rio de Santa Maria, que vem desagoar nesse braço do mar, que fórma o ancoradouro já dito da Villa da Victoria, he assás bello: as suas margens são cobertas de fazendas, e as matas visinhas cheias de preciosas madeiras: a navegação he feita por canoas, pois o canal não admite embarcaçoens de maior porte. Entretanto se a nova estrada, que de Minas Geraes se dirige pela Serra dos Arripiados, e que, segundo dizem, vem ter á Capitania do Espirito Santo por este Rio, se effeituasse, esta communicação seria de maior vantagem, que a navegação do Rio Doce, porque desembocando o dito Rio no lugar chamado do Lamarão, quasi legoa e meia distante da Villa, dalli mais facilmente serião conduzidos os generos de Minas, importados sem maior trabalho naquella Capital, cuja barra he capaz de receber Brigues e Galeras.

Villa do Espirito Santo.

POUCO acima do Forte de S. Francisco Xavier da barra está a Villa do Espirito Santo, a primeira, que houve naquella Capitania: 40 cazas pouco mais, ou menos, e pela maior parte cobertas de palha, compoem esta povoação: ainda alli se vêm os alicerces de huma pequena Alfandega estabe-

lecida logo depois da sua descoberta, e que desapareceo, bem como a antiga navegação, que ella nutria directamente com a Europa, e Africa, de que hoje não há a mais ligeira sombra. Todavia o Senado da Camara desta Villa he mais rico, que o da Capital. O grande monte denominado da Penha, he huma das balizas dos navegantes daquella Costa; elle demora a Leste da Villa do Espirito Santo. O Santuario, que se descobre no seu cume, e sobre hum escarpado rochedo, he assás conhecido pela veneração, que lhe consagra a maior parte da America Meridional. O Templo, ainda que pequeno, he sumptuosissimo. A Imagem da Senhora da Penha possue immensas peças d'oiro, e pedras preciosas, e em torno da Igreja pela parte de Leste os Religiozos Franciscanos fórmarão hum Conventinho.

Villa de Guaraparim.

DA Villa do Espirito Santo segue a estrada, que vai ter á de Guaraparim ao Sul dest'outra, dez, ou onze legoas. Guaraparim tem hum porto capaz de ancorar embarcaçoens, sem o menor perigo: esta Villa não he grande, com tudo encerra as commodidades possiveis para o commercio, e os mesmos generos, que se exportão da Villa da Victoria, ahi mesmo se achão: além disto abunda mais em madeiras. Duas Igrejas vemos nesta Villa: a inercia de seus habitantes equilibra com os de toda a Capitania: as agoas potaveis não são boas; mas o seu terreno he fertil. Vindo da Villa do Espirito Santo para esta, não se encontrão Rios memoraveis, porque duas legoas distante da primeira vê-se o Rio Jucú, cuja barra só he capaz de canoas, e duas legoas antes de chegar a esta ultima Villa encontra-se o Rio de Una, hum quarto depois o de Perocão, todos estes semelhan-

99

tes ao de Jucú. A especie de Rio, què vem formar o porto de Guaraparim, considerado verdadeiramente, não he mais que hum braço destacado da combinação de muitos pantanos.

Villa de Benevento.

DE Guaraparim á Villa de Benevente há seis legoas: esta pequena Villa mora ao S: seu porto fica no fundo de huma larga enseada, que o mar ahi fórma similhante a huma grande bacia, e que tem bastante agoa para nadarem bergantins de maior porte, como por vezes já tem ancorado lá mesmo tanto Nacionaes, como Estrangeiros. Aqui se constroem sumacas &c. As madeiras são muitas: os artigos commerciaes contrabalanção com os de Guaraparim; e huma só Igreja (o Colegio dos Jezuitas) descobrimos no meio de hum monte, que está mesmo junto á Villa. O Rio conhecido pelo nome d'Aldêa, e que banha o lado Meridional desta Villa, he navegavel pelo sertão até a ultima das fazendas situadas pelas suas margens.

Duas legoas, seguindo sempre a direção do Sul, distantes de Benevente, está o Rio Piúma em tudo igual ao de Jucú. Marchando-se pouco mais de legua, chega-se á grande montanha do Agá, baliza dos mariantes para aquella Capitania: nas faldas deste monte corre a melhor agoa de toda a Costa Braziliense.

Povoação de Itapemerim.

DO monte já mencionado avançando pouco mais de 5 leguas, acha-se o Rio Itapemerim, que assim se appelida a Povoação afastada da barra meia legoa: este Rio ás vezes recebe grandes Lanchas. He muito digno de notar-se, que, ficando a Villa de Guaraparim ao Norte de Benevente, seja esta Po-

voação sugeita ás Justiças da primeira Villa, em quanto o rendimento dos Dizimos he sobre si. Esse terreno não deixa de ser fertil: a Povoação he melhor, que a da Aldêa Velha, e a sua unica Igreja, por muito antiga, he digna de ser apontada. Algum assucar, agoardente, e pouca madeira he a base do pequeno negocio, que gira nesse lugar.

Itabapoana.

SEguindo pela praia, e passando á traves das barreiras dos Ciris, tocamos em Itabapoana, ultimo lugar da Capitania do Espirito Santo. O Rio de Itabapoana he só navegavel algumas vezes para pequenas Lanchas, e sempre para Canoas: aqui nada vejo, que mereça attenção. Neste porto, cuja população he composta de oito cazas cobertas de palha, existe hum Quartel, onde estão destacados hum Cabo, e 4 Soldados da Companhia de Linha, a unica, que há na Villa Capital da Victoria; outros tantos Destacamentos desta natureza se achão em Itapemerim, Benevente, e Guaraparim. Desde o Rio Doce até Itabapoana, a estrada he sempre pela Costa do mar, e raras vezes della se aparta, pois que os sertoens daquella Capitania ainda pela maior parte não estão povoados, nem descobertos.

ARTES.

Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo continuado do N.º 2.º pag. 41.

CAPITULO 3.º

Este damno não he antigo no Reino.

A primeira, e mais visivel objecção, que se offerece a este discurso, he que se do Reino sahem copiosas sommas de dinheiro todos os annos (como parece que prova o que fica referido), nos achamos já sem prata, nem ouro; porque no Reino não entra prata, nem ouro em muitos annos, que iguale a somma, que sahe em hum só anno; e como não estamos ainda nestes termos, não deve ser esta a causa, nem sahir do Reino tanto dinheiro, como suppõe este discurso.

A resposta não he facil, e cuido, que confirmará o que temos provado. He necessario considerar tres tempos no Reino, hum antes que passámos á India; outro emquanto fomos senhores do Commercio della; e o ultimo depois que a perdemos; que principiou na perda de Ormús, e acabou na perda de Ceylão. No primeiro tempo não houve este damno, porque naquella idade (a que podemos chamar de ouro) não entravão no Reino fazendas estrangeiras, principalmente das que dependem de Arte; e como o Reino era mais abundante de fructos, de que os Estrangeiros necessitavão, era muito mais o que tinha que dar, do que o que delles recebia; e ainda que os preços erão vís comparados com os presentes, a moderação daquella idade os fazia grandes: havia dinheiro para sumptuosas fabricas, e para grossas Armadas, com que passavão á Africa os nossos Reis; e para sustentar grandes Exercitos.

He certo, que não entravão fazendas estrangeiras, porque nos vestiamos com pannos finos de Portugal; e as sedas (que se não fabricavão) tinhão tão pouco uzo, que El-Rei D. Manoel, no primeiro anno do Seu Reinado, escreveo huma carta a Evora ao Conde de Vimiozo, em que o reprehendia de haver consentido que a Condeça Sua Molher se vestisse de veludo; e dá a razão nestas palavras: *Porque o veludo, Conde, he para quem he.* Os adornos das casas erão cabides de armas, sempre luzentes, e promptas para o exercicio da guerra: a maior despeza erão bons cavallos; nem coches, nem liteiras conhecia aquella idade: as Rainhas marchavão em mullas: com este aparato recebeu a Rainha D. Leonor a Princeza de Gales, quando trouxe a Lisboa a Seu filho, para se receber com a Infanta D. Brites, que depois foi Rainha de Castela. Todos ouvimos a nossos Avós, que o uzo commum erão botas; as da Corte mais polidas, que as do Campo; a este uzo atribuião não se conhecerem naquella idade alguns achaques, que hoje se padecem: destes exemplos estão cheias nossas Historias; e tem copioza noticia a tradição.

No segundo tempo, que he o das Conquistas (gloriozo sim, mas em que se perdeu a moderação dos primeiros Seculos) abrimos as portas ás riquezas do Oriente, que fizerão o Reino abundante, e rico; e seguio-se o luxo, companheiro inseparavel da riqueza; passou a ser desprezo a pobreza antiga; e foi necessario que a Casa de Vimiozo vestisse de veludo as criadas, que primeiro foi condemnado na Senhora; trocarão-se os Cabides em pannos de ráz; e as mullas, e cavallos em coches: abrimos tambem as portas ás fazendas estrangeiras; e metterão os Estrangeiros neste Reino tudo o que a Arte, e Luxo tinha descoberto nos outros.

Ainda assim nos não levarão dinheiro; porque

como eramos senhores de todas as drogas, e riquezas do Oriente, tinhamos muito mais que dar, do que recebiamos; e daqui nascia ser Portugal o mais rico Reino, e Lisboa a mais rica Praça do Mundo; e andarem publicos no Commercio della oitenta milhoens no anno, em que El-Rei D. Sebastião passou á Africa.

O terceiro tempo, depois da perda do Commercio da India, he o em que contrahimos a enfermidade mortal, que hoje padece o nosso Commercio; porque nós necessitamos de todas as cousas, que introduzirão as riquezas da India, com que as pagávamos; donde se segue, que pagamos em dinheiro aos estrangeiros o que excede o que nos dão ao preço das fazendas, e drogas, que nos levão.

D. Sancho de Moncada, Author citado, se admira com razão de que haja dinheiro em Castela, porque assentando que sahem todos os annos trinta milhoens, e entrão só oito, ou nove das Indias, não devia já ter com que pagar as Naçoens; mas a razão, que acha, he o muito que tinha entrado nos primeiros annos daquelle descobrimento; e he a mesma, que podemos dar, fazendo a conta ao muito, que tinhamos recebido; e conclue, que Castella se ha de esgotar, e perder-se por consequencia. Oh queira a Providencia, que não seja o castigo em nós a dilação do remedio, assim como parece castigo nos Castelhanos; e que nos livre da ruina, que nos ameaça, assim como nos livrou da sua sugeição!

CAPITULO 4.º

Qual póde ser o remedio deste damno.

SEgundo a differença, que fiz dos tempos, que considerei no Reino, parece que o remedio do mal do terceiro tempo, será reduzir o Reino ao primeiro, ou ao segundo; ou passar á moderação, com que se vivia antes do descobrimento da India; ou restaurar a India. Não ha duvida, que fora este o remedio; e tambem fora chimera propolo; fora propor aos Romanos no tempo dos Cezares que se reduzissem ao tempo dos Curcios, e dos Fabios; fora ridiculo o remedio, que nos havia de obrigar a calçar botas, e vestir os pannos das Serras de Minde, e Estreia.

A mesma impossibilidade parece que tem a restauração da India, em tempo que não podemos aviar duas Náos para aquelle Estado, aonde mandão trinta, ou quarenta as Naçoens belicozas da Europa: esta grande obra fará Deos quando o merecermos, ou quando for Servido; se nos tiver escolhido para restauradores, como he certo que nos escolheo para descobridores, e conquistadores. O remedio não he facil, mas não he tão dificil como aquelles dous.

A Felipe III se deu por remedio para não sahir a prata, e ouro de Hespanha, subir a moeda, e augmentar o valor do ouro e prata; e se apontavão as razoens verdadeiramente apparentes. – 1.ª Porque sendo levados dos Estrangeiros como mercadoria, que vale mais nas suas Patrias, que em Hespanha, subindo a preço que não valesse mais, não seria mercadoria para elles. – 2.ª Porque todas as mercadorias, ainda metais, como cobre que vem do Norte, valem mais na parte aonde se levão, que na parte de donde sahe, por fazerem ao menos vinte por cento de custo na transportação; o

que assim era conveniente, que valesse mais em Hespanha, aonde se traz, que no Potuzi, donde se tira; mas he inutil este meio; porque como se necessita de fazendas Estrangeiras, os Estrangeiros são Legisladores dos preços, e sobem as fazendas, que metem, a preço, que iguale ao que subio na moeda, e lhe fica com a mesma conta para a levarem.

A experiencia o tem mostrado entre nós; porque depois que a necessidade da guerra nos obrigou a augmentar o valor da moeda, crescerão os preços de todas as mercadorias, e pagamos com huma pataca, que vale trinta vintens, a mesma quantidade, que pagavamos, quando valia dezeseis; o que obra, quando o mercador tira dinheiro, com a mesma conta, que antes, sendo só nossa a grande perda, que vai de dezeseis a trinta.

A prohibição, e as Leis, que impedem a sahida do dinheiro, que já apontei não ser remedio, no Conselho de Castela com huma razão aparente dizião, que se praticava em todos os Reinos vizinhos; donde he certo, que os mercadores não tirão o dinheiro; e que se não dá maior razão, para que estas Leis produzão o effeito, para que forão estabelecidas nos outros Reinos, e o não produzão em Hespanha; mas a razão da differença he clara.

Os estrangeiros tem fazendas, com que pagão todas as mercadorias de que necessitão; o que obra, que as suas Leis tenhão facil execução; e as nossas a tem dificil, e impossivel, porque não temos com que commutar o muito que necessitamos; e somos necessitados a pagar em dinheiro o excesso. Deste remedio uzavão inutilmente os Castelhanos, porque prohibião as sacas do dinheiro com infinitas Leis e Pragmaticas, reiteradas em todos os governos, promulgadas desde o tempo dos Reis Catholicos, até o presente; e em huma, que publi-

cou Carlos V, dá a razão nestas palavras. = Por quanto Los Francezes llevan el oro, y con el oro nos hazen la guerra.

Finalmente, o unico meio, que há para evitar este damno, e impedir que o dinheiro não saia do Reino; he introduzir nelle as Artes; não há outro, que possa produzir este effeito, nem mais seguro, nem mais infallivel.

CAPITULO 5.º

Prova-se a infalibilidade deste meio.

A Prova he evidente: as fazendas lavradas, que os estrangeiros metem no Reino, são as que unicamente fazem exceder o preço do que metem ao preço do que tirão do Reino; como temos provado. Pela introducção das Artes se evita a introducção das fazendas, que os estrangeiros mettem neste Reino; e teremos com que pagar as fazendas, e drogas que entrarem, sem que seja necessario paga-las. Da maior, e da menor desta conclusão, se não póde duvidar, mas façamos mais verosimel a prova da menor. Todos sabemos que a maior despeza, e gasto que faz o Reino, he de sarjas, baetas, e meias de seda: sarjas gastão quasi todas as Religioens de Frades, e Freiras do Reino; só os mantos das mulheres bastão para a consumpção de huma grande parte deste genero; e todos no Verão nos vestimos communmente de sarjas, e de baetas; e não só nos vestimos todos, e as uzamos nos lutos; mas somos os unicos homens, que as gastão na Europa. Meias de seda, fica dito, que só á Inglaterra lhe gastamos oitenta mil pares. Pannos, he uzo commum de grandes, e pequenos em todo o Reino no Inverno; e não só no Reino, mas em todas as conquistas: estes são os generos mais grossos, que os estrangeiros navegão, e que

o uzo commum faz mais custosos ao Reino; o que na verdade he couza vergonhosa para as Naçoens de Hespanha. Supponhamos, que obramos o que baste para o uzo commum do Reino, e conquistas nestes cinco ordinarios generos de sarjas, baetas, meias, pannos, e papel; deixo á consideração de todos o que pouparemos de dinheiro, cujo gasto nos empobrece, e enriquece as Naçoens, de quem os recebemos.

CAPITULO 6.º

Se he facil no Reino a introducção das Artes.

OS Autores reduzem as mercadorias, que dependem da Arte a tres classes, a saber humas tem metade de obra, e metade de materia, como são, sedas, outras tem huma parte de materia, e dez de obra; como são, linhos, algodoens, lans, e obras de ferro: outras tem todo o valor pela fabrica, pelo pouco que vale a materia, como são algumas obras de madeira; e particularmente papel. Destas são as mais necessarias para a Republica as da 2.ª, e 3.ª classe, por duas razoens: porque são as do uzo mais commum; e porque tendo todo o valor na obra, dão mais ganho ao Artifice; que o bom governo quer que fique aos naturaes, e não passe aos estranhos. Outra differença se considera nestas Artes; humas são faceis, e outras dificeis de obrar; as mais faceis são aquellas, que não tem valor, como pannos, sarjas, baetas, &c. As mais dificeis são sedas lavradas, brocados, tapeçarias, &c.

As do uzo commum são as mais faceis de obrar, e as mais necessarias no Reino; e as que inculco para o fim a que se encaminha este papel; não digo que se procure a introducção das mais

dificeis; que façamos logo fabricas de brocados, tapeçarias, e outras couzas semelhantes; supposto que fora utilissima a introducção de todas, como mostra este discurço.

A introducção das Artes mais communas he mais facil nas terras aonde ha os materiais, que nas terras aonde faltão; e por consequencia mais facil entre nós, que entre os estrangeiros. Todos sabemos, que no Reino, e nas conquistas há abundancia de lans, linho, e algodão; e todos os materiaes, que servem ás tinturas; e não há abundancia de sedas, por falta de applicação, como direi em outro lugar.

Carlos V costumava dizer, que os Hespanhoes parecião sizudos, e erão doudos; e os Francezes parecião doudos e erão sizudos; a razão desta differença he clara: os Hespanhoes tem todos os materiaes, e desprezão as Artes: os Francezes não tem os materiaes, e estimão as Artes: os Hespanhoes tem lan, que vendem aos Francezes, e depois comprão as obras de lan aos mesmos, com mais dez partes de excesso do valor, do que a materia, que venderão: quem não dirá que esta Nação he barbara, e aquella civil; esta louca, e aquella sizuda?

Por onde se deve começar para a introducção das Artes, he com a prohibição rigorosa de sahirem do Reino os materiaes, que se podem lavrar nelle; além de que, a saca das lans perde infallivelmente as poucas fabricas, que há de pannos, por huma razão evidente: he certo que a abundancia das lans as fará dar a melhor preço, e a falta as fará valer mais caras; se os nossos obreiros as achão baratas, podem dar os pannos a melhor conta, e pelo contrario, se não as achão a bom preço. Daqui se segue, que compramos mais baratos os pannos aos estrangeiros, que aos naturaes; e faltando aos naturaes o gasto do que

obrão, deixão de obrar, e se perdem as fabricas; que he o mesmo, que succedeu aos Castelhanos, como veremos.

Ponhamos exemplo no panno de linho; este he o unico material, que se obra no Reino, e não sai delle; e daqui vem que temos panno de linho, não só para o commum gasto do Reino, mas para vender a Castella, e para mandar ás conquistas. Não sahir esta materia do Reino, e gastarem-se as obras, que della se fazem, he razão, porque toda huma Provincia (seja Deos louvado) se aplica ás obras de linho: isto mesmo succederá com lan, se não sahir do Reino; se houver artifices para obrarem os generos, que aponto (que necessariamente hão de ter gasto) para se aplicarem a obra-las: e teremos não só o que baste para o Reino; mas para dar a Castella, e mandar ás conquistas.

Já por uzo, e Lei do Reino se dá privilegio aos artifices, que intentão alguma fabrica nova, de dez annos de izenção de direitos; lei justa, e util. E porque os privilegios, e os premios tudo facilitão, depois de haver artifices será conveniente cuidar em outros premios; como será gastar a Fazenda Real 1000$ os primeiros annos de pensão aos artifices, que melhor obrarem este, ou aquelle genero; e ordenar S. A. que para os dotes da Mizericordia sejão preferidas as moças, que fiarem lans, e obrarem meias, e fitas, e os obreiros de todos estes generos. Tambem facilitará as escolhas dos lugares abundantes de agoas, e lans; deixando para a Provincia de Entre o Douro, e Minho, a Comarca de Lamêgo, e algumas terras de Traz os Montes o trabalho de linho, e seda, que nella se continúa: deixo para outro lugar outros meios, que vi praticar em França.

CAPITULO 7.º

Se tem inconveniente esta introducção das Artes.

O Primeiro inconveniente, que se considera, e que he commum entre os nossos Ministros, he dizer: se introduzimos as Artes, não terão sahida as nossas drogas, que os estrangeiros buscão a troco das suas manufacturas, e perderemos as conquistas, que só com a sahida dellas se conservão; e a Fazenda Real o direito das Alfandegas; e anda tão respeitada e tão persuadida esta razão; que se tem por odiosa a pratica de introduzir as Artes, na opinião de alguns, e perigosa na opinião de muitos; mas deixando para outro lugar as felicidades, que com ellas se introduzirão no Reino, e supondo que póde ter inconvenientes, respondo a elles.

1.º Que he necessario examinar qual he maior damno, se continuarmos no estado presente, que nos esgota o Reino de dinheiro, e nos deixa as drogas; ou diminuir a sahida das drogas pela introducção das Artes, que he só o remedio, que temos, para impedir a extracção do dinheiro, ouro, e prata do Reino? 2.º Eu não digo, que introduzamos tantas Artes, que não necessitemos das Artes estrangeiras (suposto que tenho opinião contraria) digo só por agora, que introduzamos as mais necessarias, e as que tem uzo commum; e as que ficão bastarão largamente para se commutarem pelas nossas drogas, e fazendas, que temos para dar; por exemplo: se temos 4 milhoens de drogas, e fazendas que dar, e temos necessidade de receber 8, introduzamos as Artes, que valhão 4, que he, como fica dito, e provado, o unico remedio que temos para conservar o dinheiro; e com esta conta, que não será dificil, cessará a razão do temor deste inconveniente; e se

achará que não só o não he, mas muito necessaria para remedio do Reino a introducção das Artes. 3.º He falso o principio de que depende da falta das Artes a sahida das drogas; porque se facilita, ou dificulta por outro principio mais natural, que he a necessidade que os estrangeiros tem dellas. Se necessitão dellas, a abundancia das Artes não a ha de facilitar; o exemplo tem passado por nós: há alguns annos, que o assucar, e tabaco tinhão muita sahida, porque só nós tinhamos abundante quantidade destas drogas, e todos necessitavão dellas.

Fizerão as Naçoens fabricas de assucar, e tabaco nas Ilhas da America, e faltava a sahida, porque não tiverão tanta necessidade destas drogas; donde se vê, que nem a falta das Artes foi a cauza do muito gasto, nem a introducção das Artes do pouco gasto.

Outro principio há tambem para facilitar, ou dificultar a sahida das nossas drogas, que he o havê-las em outra parte a melhor preço; mas este se remedea com abaixar o preço; que he o meio de que uzão os Hollandezes em toda a parte do mundo, e com que se conservão senhores do commercio.

Tambem a muita abundancia destes generos póde ser a cauza, ainda que todos necessitem delles; porque se bastão para a Europa 50$000 caixas de assucar, e nós lavramos 100$000, necessariamente ha de faltar a sahida ás 50$, sem que a introducção das Artes seja culpada nesta falta.

Isto succede commummente em todos os fructos da terra, em que huns annos são mais abundantes, que os outros, como são as nossas drogas, que em huns annos se gastão todas, e em outros sobejão; porque há mais do que se póde gastar.

4.º Se não tiverem sahida as nossas drogas, porque faltarão os estrangeiros a virem busca-las, ou

pela introducção das Artes (o que não poderá ser), ou porque as tem entre si; nós as navegaremos aonde elles as navegão; porque em fim nós lhes ensinámos a Arte de navegar; e assim supriremos a falta de sahida para as nossas drogas; e ao mesmo tempo terão as nossas valor pelo excesso, que levão na bondade, e nenhum valor as suas.

CAPITULO 8.

Prova-se, que não tem inconveniente pelo exemplo das mais Naçoens da Europa.

A Providencia Divina, cuidadosa da mutua correspondencia dos homens, e da sociedade civil das Naçoens, não deu a huma só todos os bens da natureza. A todas as Naçoens repartio a producção pela diversidade dos Climas, para que a necessidade, que huns tem do que os outros produzem, facilite o Commercio, e o trato entre os homens; levando huns, e trazendo outros o de que necessitão todos: daqui se segue que não há Provincia tão abundante, que não tenha necessidade dos fructos alheios; e nenhuma tão pobre, e tão esteril, que não tenha que mandar ás abundantes; mas a industria, e entendimento repartio igualmente a todas as Naçoens, fazendo a todas capazes das operaçoens da Arte; e se faltão em algumas, he por falta do uzo, e da politica, e não da capacidade.

Temos o exemplo em Alemanha, onde hoje florecem as Artes: e que era no tempo, em que escreveo Tacito, tão inculta, e barbara, como sabemos, que he hoje a America, e a Ethiopia. Daqui se segue, que será castigo, e não disposição da Providencia de Deos, a menos aplicação que humas Naçoens tem, mais que outras, ao exercicio das Artes mecanicas; mas deixando as moralidades, a que dava occasião este reparo, digo, que aquella repartição da Providencia segura entre os ho-

mens a sahida de todos os fructos, de que tem abundancia, pela commutação dos de que tem falta, e que as Artes, ainda que sejão communs a todas as Naçoens, não pódem impedir, nem ser damnosas ao Commercio.

Esta he a razão porque todas as Naçoens bem governadas procurão ter abundancia de Artes, sem que nenhuma tema o receado damno, de que as Artes serão contrarias ao Commercio: vejamos as Naçoens visinhas.

Inglaterra, e Hollanda não tem sedas, porque a natureza negou esta produção aos seus Climas, e assim as recebem das terras, que as produzem; mas o que a Arte põe em obra destas materias, procurão cuidadosamente ter em abundancia; porque, se as forão buscar lavradas para seu uzo, custar-lhes-hião muito mais do que valem as drogas, e fazendas, que comutão por ellas.

França não tinha seda, mas era capaz de a produzir; vinhão-lhe de Italia as roupas de seda para seu uzo. Henrique IV, não menos glorioso por esta obra, que pelas victorias, fez plantar as amoreiras, e crear os bichos: chamou a França com grossos sallarios Mestres de differentes partes, introduzindo esta Arte e fabrica em França; de sorte que hoje, o que valle esta Arte he a sua maior riqueza. O Marquez de La Riviere, Residente de Genova em Pariz, me disse que antes de haver as fabricas em França, tinha Genova dous mil Teares, e que hoje tem só quatrocentos. Li em hum livro impresso em Pariz no anno de 1655 sobre a Arte da seda, o Decreto passado no Conselho de Henrique IV sobre a introducção desta fabrica, e achei nelle todas as razoens, em que se funda este discurso: as palavras são as seguintes, passadas fielmente á nossa lingoa.

,, El-Rei no seu Conselho, reconhecendo que ,, a introducção das sedas nas terras do seu domi-

,, nio, he o unico remedio para evitar a sahida ,, de 4 milhoens de ouro, que todos os annos pas- ,, são ás Naçoens Estrangeiras pelas sedas; e que ,, era necessaria esta Arte ao decoro publico, e ,, para a riqueza e occupação de seus Povos, Or- ,, dena &c.

Os Venezianos são tão cuidadosos de que tudo o que a Arte acha de novo fora de Veneza, se obre na sua republica, que no mesmo tempo prohibem a entrada das Obras novas, e procurão Artifices dellas; porque tem por felicidade, e riqueza, que os Estrangeiros não levem ao seu Estado cousa alguma, que dependa da Arte: o ultimo exemplo são as Cabeleiras, cujo uzo prohibirão, com excepção das que se obrassem em Veneza.

Em França ha hoje este mesmo cuidado. Vierão no meu tempo a Paris humas rendas de Italia, a que chamão ponto de Veneza; começarão a ser moda, com grande despeza dellas: acodio o governo com grande remedio, e introduzindo a Arte com todo o custo, e premios a quem melhor obrasse; e prohibindo a entrada com tal rigor, que se queimavão em Praça publica as que se achavão nas casas dos mercadores; com que, as rendas, que entravão por mercancia, sahem hoje de França por mercancia.

Os Genovezes observarão ha pouco tempo que os pannos de Inglaterra, e Hollanda lhes tiravão o dinheiro da Republica; introduzirão huma fabrica, emprestando a Republica aos Officiaes, e Mercadores, a que a encomendarão, 150$ escudos: tiverão industria para tirarem obreiros de Inglaterra; e se achão já com tantos pannos, e tão finos, que os navegão com grande utilidade á Turquia.

A grande riqueza de França procede unicamente de que, tendo muitos fructos necessarios ás outras Naçoens, procurão ter todas as Artes, que

nellas observão; para que o dinheiro, que entra pelos fructos, não saia pelas Artes; e passa este cuidado a tanto, que El-Rei manda Francezes a Escolas de pintura, e esculptura á Lombardia, e Roma, dando aos Mestres, que as ensinão, para receberem os Francezes, grossas pensoens.

Grotius, Embaixador de Hollanda em França, deu a El-Rei huma memoria, em que por meudas addiçoens do que metião os Holandezes, e do que tiravão de França, mostrava, que era tal o valor dos fructos, que tiravão, que, metendo muitos, erão obrigados a meter 10 milhoens de libras em dinheiro; porque nada, ou pouco do que depende da Arte metião; e perguntando eu, como recuperavão a somma de 10 milhões de libras, me disse que com o grande interesse, que tiravão de navegar os mesmos fructos ao Mar Baltico, e ao Porto de Archangel em Moscovia.

São infinitos os exemplos, com que podera provar este capitulo, mas estes bastão para que nos perguntemos a nós mesmos, como póde ser damnoso ao nosso Commercio o que praticão todas as Naçoens, e he procurado cuidadosamente de todas, como fundamento de suas riquezas? Cuido que não acharemos razão contraria; e que veremos, que o nosso descuido neste particular he o damno unico do nosso Commercio, que como febre ethica do Corpo da Republica, nos consome, e nos perde. (Queira Deos que me engane!)

Deixei para o fim da primeira parte deste discurso advertir, que os estrangeiros entendem tãobem a perda, que terão, da introducção das Artes neste Reino; que mandando eu de Paris hum Mestre de Chapéos de Castor a Lisboa, por Ordem do Marquez de Fronteira, o Consul Francez lhe offereceu perdão de hum delicto, que tinha em França, e huma pensão de mais de 200$ reis, com que o fez tornar para França; e procurando D. Fran-

cisco de Mello em Londres mandar hum tear de meias de seda, não póde vencer as dificuldades, e prohibiçoens, com que o impedirão.

Continuar-se-ha.

---

*Branqueação da Cera. Por B.****

SE bem que não tenhamos ainda todos os dados, para publicarmos as tentativas, que temos feito, sobre o fabrico das velas, tanto de cera, como de cera e sebo, e desta ultima substancia mormente sobre as velas de sebo de pavio de páo, usadas e fabricadas em Munich, começamos por publicar o modo de branquear a cera, empregado em Limoges, fazendo como primeira parte da memoria que pretendemos dar sobre o modo de fazer as velas, e se bem que por muitos livros andem os diversos methodos de branquear a cera, não me parece desacerto publicar o que se pratica em Limoges.

Derrete-se a cera amarela em agoa, deixa-se depor em huma tina durante duas horas; a agoa com as fezes buscão o fundo da tina, e a cera se enrola em hum cilindro, que se faz girar dentro d'agoa fresca, e poem-se em fitas muito finas; estas separadas com cuidado, são levadas em panos ao sol, que opera com tanta mais eficacia, quanto os seus raios tem só que penetrar laminas mui delgadas, e gradualmente vão descorando a cera.

Quando o sol he muito ardente, amolece a cera, e muitas vezes a derrete, de sorte que ella não póde então adquirir toda a brancura, de que he susceptivel, e pelo contrario no Inverno, quando os raios do sol são obliquos, obrão com muito vagar: assim a branqueação da cera exigiria que nem mui viva, e nem mui fraca fosse a acção do sol.

Quando a cera perdeo a sua cor amârela, torna-se a derreter de novo, as partes as mais finas, e mais secas sobrenadão ás mais crassas, que se precipitão na tina, e se vão por entre a agoa e a boa cera; e essas partes crassas fórmão a quebra de hum em cincoenta.

Tendo a cera passado por esta segunda manipulação, poem-se em fitas de novo, e de novo se expoem á acção do sol; oito dias bastão para que essas fitas ja branqueadas cheguem á sua perfeição, então he tirada dos secadoiros, e acaba-se de clarificar. Reduz-se por fim a cera a pequenos paens, que se expoem ao sol durante vinte e quatro horas quando muito; tanto para faze-la secar, quanto para dar-lhe o ultimo lustro. Estando a cera perfeitamente branca, não deve ficar por mais tempo ao ar. Os raios do sol não fazem então mais, do que desmanchar a sua primeira obra, dando ás laminas da cera huma cor griz, que augmenta á proporção que se demorão expostas ao ar.

Persuadem-se alguns que o orvalho branquêa a cera, porém a experiencia mostra que esse meio não he eficaz, porque tendo-se a cera recolhida, e regando-se por muito tempo com orvalho apanhado das folhas, não se notou que branqueasse: he verdade que nos grandes calores o orvalho lhe convém, mas he como rega, e temperando os ardores do sol.

Os cerieiros, que regão ou borrifão a cera com agoa fresca, não o fazem porque ella com isso alveje, mas para impedi-la de derreter-se. Nas estaçoens quentes, o orvalho he inutil, e retarda a branqueação.

Tentou-se branquear a cera por meio do acido muriatico oxigenado, porém nunca se obteve o brilhante, que ella ganha ao sol; o acido faz prompta e imperfeitamente o que faz o sol com

vagar, mas com perfeição, além do que, quando assim não fosse, o acido muriatico oxigenado pelo preço que tem entre nós, não faria conta.

Não ha corpo estranho algum necessario á preparação da cera, nem materia ou amalgama, que accelere e augmente a sua alvura; póde sim augmentar o pezo, em proveito do cerieiro de má fé.

O methodo de branquear a cera aqui publicado he seguido em Limoges com muita ventagem, e a sua pratica não involvendo difficuldade alguma, estou em que val a pena de ser tentada: está da parte do que dezeja ser util manifestar o que sabe, e da parte das pessoas, a quem se dirige, examinar, e adoptar, se virem que d'isso podem tirar vantagens.

LITTERATURA.

A Tempestade.

Canção no dia dos annos da Fidelissima RAINHA Nossa Senhora em 17 de Dezembro de 1797.

Horrida tempestas cœlum contraxit, et imbres,
Nivesque deducunt Jovem:
Nunc mare, nunc silvæ
Treicio Aquilone sonant.

Horat. Epod. 13.

FRACO batel em tormentosos mares
Vou sem véla, sem leme, e sem piloto:
O turbulento Nóto
Revolve as ondas, e as eleva aos ares,
E Boreas, que em tufoens sobir costuma,
Borrifa os Astros co' a salgada espuma.

O feroz Euro, o Africo atrevido
Quebrão ferrolhos, e prisoens eternas
Nas Eolias cavernas,
D'onde saem com horrido bramido,
Varrendo, e devastando em dura guerra
As campanhas do mar, e os fins da terra.

He este o váo, o rouco váo, que habitão
Surdos naufragios, e implacaveis medos:
São estes os rochedos,
Que o vasto golfo sorvem, e vomitão,
E já sobre os perigos horrorosos
Ouço da infame Scylla os caens raivosos.

Turba-se o ar, as nuvens se amontoão
Da negra tempestade ao fero açoute:
Do Erebo surge a Noute,
O horror e as sombras: os rochedos soão,
Estála o Ceo, e o raio furibundo
Desce inflammado a ameaçar o Mundo.

Ao clarão do relampago apparecem
No fundo pégo de Nereo as cazas,
E sobre as fuscas azas
Das grossas nuvens os chuveiros descem;
E em tanto, ó lenho, combatido tocas
As Estrellas no Ceo, no Abismo as Phocas.

O' Genio tutelar, Astro brilhante,
Que enches de luz o Imperio Lusitano,
Aparta o fero damno
Da destroçada quilha fluctuante,
E o fragil resto do batel quebrado
Toque feliz o porto desejado.

E em quanto alegre a inclita victoria
Vai seguindo os teus passos, e a Piedade,
A candida Verdade
As Graças, a Justiça, a Fama, a Gloria,
E o prazer immortal, que o Ceo reserva
Ao Real coração, que a Paz conserva:

Ergue benigna a Máo, Rainha Augusta,
A poderosa Máo, a quem adora,
E teme o Occazo, a Aurora,
Os frios Polos, e a Região adusta;
Ampara o novo Genio Americano,
Que sóbe a par do Grego e do Romano.

Sobre o Ménalo as Muzas o educarão
Para cantar a gloria dos Monarcas:
Mas logo o Tempo, e as Parcas
Negro fél nos seus dias derramarão,
Falta o suave alento á curva Lyra,
E já cançada de chorar suspira.

Voa, canção, á nobre foz do Tejo;
Não temas ir de climas tão remotos,
Pois te acompanhão os meus puros votos.

M. I. S. A.

No dia da inauguração da Estatua Equestre de El-Rey N. Senhor D. José I.

ODE.

PENDE de eterno loiro
Nos vastos ermos da espinhosa estrada
Suave Lyra de oiro,
Que do Phrigio Cantor foi temperada.
Dá-lhe o som, corta o ramo, e cinge a frente,
O' da America inculta Genio ardente.

Arrastando Agarenas
Luas pelos teus campos, Lusitania,
Qual o Rei de Micenas
Sobre os vencidos muros de Dardania,
Torna cercada do seu Povo intonso
A sombra invicta do primeiro Affonso.

Veste dobrada malha:
Tem no robusto braço o largo escudo:
Inda terror espalha,
Tinto do Mauro sangue, o ferro agudo.
Eu ouço a tua voz, raio da Guerra,
E os teus echos repito ao Ceo, e á Terra.

O' bravos Portuguezes,
Gente digna de mim! a Fama, a Gloria,
Buscada em vão mil vezes,
Vos segue sempre, e os loiros, e a Victoria:
Ou vós domeis dos Barbaros a sanha,
Ou os fortes Leons da altiva Hespanha.

Vistes ligando as tranças
No berço ainda de Titan a Espoza;
De escudos, e de lanças
Em vão Asia se eriça; e temerosa
Escuta o bronze, com que a negra Morte
Enche de espanto as furias de Mavorte.

Mas hoje, ouzados Povos,
Dai altas provas do valor antigo,
Tendes combates novos,
Encarai os trabalhos, e o perigo;
Quem as armas vos deu, quem tudo rege,
Do Ceo estende a mão, e vos protege.

Fallava o bellicozo
Illustre fundador do grande Imperio,
E o ferro victoriozo
Vibrando, encheo de luz todo o Emisferio.
Já mugem as abobadas eternas,
E os echos se redobrão nas cavernas.

Para engolir os Montes
Gargantas abre o Mar: a Terra treme:
Cobrem-se os horizontes
De negro fumo, e pó: a Esfera geme,
E eu vi (ai justo Ceo!) sobre ruinas
Desfalecer as vencedoras Quinas.

Chovem crueis abutres,
E monstros infernaes de raça amphibia;
Quaes nem, Caucaso, nutres,
Nem vós, torradas solidoens da Libia.
Dormes, Lisboa, e nos teos braços cinges
Hydras, Chiméras, Gerioens, e Sphynges!

O Parricidio arvora
Triste facha no impuro Averno acceza:
Esconde o rosto, e chora
Infeliz Lealdade Portugueza;
Mas Affonso o predisse, o Ceo não tarda,
E novo Alcides a taes Monstros guarda.

Aos seculos futuros,
Intrepido Marquez, sirvão de exemplo
Vossos trabalhos duros,
Longos, incriveis, que da Fama o Templo
Tem por estranho, e glorioso ornato,
Onde não chega a mão do tempo ingrato.

Essa em crimes famoza
Arvore, que engrossando o tronco eterno,
Já feria orgulhoza
Co'a rama o Ceo, e co'a raiz o Inferno,
Ao ver a Mão, que acêzo o raio encerra,
Murcha, vacilla, pende, e cae por terra.

Fogem do roto seio
Guerra, Morte, Traição, Odio, Impiedade:
O sol teve receio
De ver o rosto a tanta atrocidade,
Cahio em fim, e ouvio-se o estrondo fero
Desde o Scytico Tauro ao Caspe Ibêro.

Longe nuvens escuras
Arrogem sobre os mares os coriscos:
Deixem subir seguras
Altas torres, soberbos obeliscos,
D'onde a nova Lisboa ao Mundo canta
A mão robusta, e firme, que a levanta.

Vapores empestados
Derramão n'outros climas o veneno;
Sobre os risonhos prados
Respira alegre o Zefiro sereno;
Abre a Paz os thesouros de Amalthéa,
Tornão os tempos de Saturno, e Rhéa.

O' marmórea Lisboa,
Nova Roma, que adoras novo Augusto!
Feliz a Patria entoa
O magnanimo Pai, o Pio, o Justo,
E sua imagem vai cheia de loiros
Inspirar gloria aos ultimos vindoiros.

O' Bronze, O' Rei, O' Nome,
Esperança, e amor do Mundo inteiro!
Do tempo a voraz fome
Respeita a Estatua de José Primeiro:
Que não deu menos honra ao Luso Solio,
Que as delicias de Roma ao Capitolio.

Póde o volver dos annos
Mudar a face á Terra, ao Mar o leito;
Izento de seus damnos
José o Grande irá de peito em peito.
Outro Tito quebrou entre os Monarcas
A fouce ao Tempo, e a Tizoura ás Parcas.

Que Sparta bellicoza
Veja cahir seus muros, que renasça
Na terra generoza
Do Sybarita vil a froxa raça;
O nome do bom Rey contra as Idades
Dura mais que as Naçoens, e que as Cidades.

M. I. S. A.

EUPRAZIA A MELCOUR

EPISTOLA

Traducção de Bocage.

NUNCA mais vos verei, olhos que adoro!
Olhos, onde colhí doce ternura!
Olhos que para mim valieis tudo!
Suave nutrição de meus dezejos!
Nunca mais vos verei! Que horror! Que idéa!
Ah! Castigaisme por amar-vos tanto?
Objecto encantador, fatal objecto,
Guiados da paixão, lá te demandão
Meus ais, e cá me ficão dentro n'alma
Solitario pavor, funesto agoiro
De que já para mim não há ventura.
Faltava-te infeliz, seres deixada,
Faltava-te este mal depois de tantos!
Receando que languida esperança
Afague, lizonjée o meu tormento,
Me diz o coração voz dura, e triste:
Cessa de amar, oh credula, que esperas?
Que fruto hão de render-te os vãos lamentos?
Debalde com mil votos, mil suspiros
Pelo teu surdo Ingrato estás chamando;
Em rapido Baixel talhando as ondas,
Na Patria já surgio: descança, e folga
A's ledas margens do agradavel Sena.
De ti não quer amor, não quer extremos:
O fero vencedor, mizera Escrava,
No regaço da Paz em teu desdoiro
Dorme sobre troféos, que já desdenha;
Nem se choras, ou não, se quer lhe importa. . .
Que! Traidor, e esquecido! Ah! Não, teu genio
He voluvel, meu bem, não he tirano.
Na memoria contemplo os teus desvélos:
Que encantadores, e incansaveis erão!

Amei-os, gloria minha, amei-os muito
Para desvanecer tão grata idéa!
Estas fieis, ternissimas lembranças
Devião converter-se em dor, e em pranto?
Que noticia meu Deos! Que horrivel carta!
Li-a: fiquei sem voz, sem cor, sem alma.
Como que o coração desfeito em ancias
De mim se despegava, a ti corria!
Eis socorros fatais, eis pronto auxilio
A vida a meu pezar me restituem:
Ufana em me sentir morrer de amores,
Já triunfava da cruel, da triste,
Precizão de carpir na tua auzencia.
E de tão fino amor he este o premio?
Não importa! Eu jurei ser sempre tua,
Sempre hei-de sêlo: imita-me a constancia,
Vê com rosto indifferente as mais bellezas.
Ah! Poderás sofrer em outros braços
Paixão, que no fervor não chegue a minha!
Mil vezes me louvastes de formoza;
Outras há mais gentis, mas não tão firmes;
O amor, que reina em mim, não reina em outras.
E, se amor se exceptúa, o mais he nada.
Recorda o juramento que fizeste
De vires consolar a Amante aflita;
Não, não sejas perjuro... Ah! se eu podesse,
Rotos os ferros deste claustro odiozo,
Arremessar-me a foz do Patrio Tejo,
Ninguem me detivera: em outras praias
Iria apaziguar minha amargura,
Idolatrar Melcour em toda a parte,
Renascer nos seus braços: que he, que importa?
Esse bem cazual que chamão Patria?
Patria he onde o prazer nos acompanha . . .
Sei o que digo, oh Ceos! Sei o que penso!
Ah! Não quero nutrir esta esperança,
Inda que adoça o fel de meus desgostos:
Tudo quanto os distrae detesto, expulso.

Mas dize, arrebataste-me os sentidos;
Venceste-me, cruel, para entregar-me
A' dezesperação, e á dor, e á morte?
Porque com mil excessos me encantaste,
Sabendo que esta auzencia era forçoza?
Porque no meu retiro escuro, e feio
Me não deixaste em fim? Que atroz delito
Cometi? De que ofensa estás queixozo?
Que te fiz eu? Perdoa-me, querido.
Perdoa: do meu mal tu não tens culpa:
He teu fado agradar, prender vontades;
Carpir, morrer de amor he o meu fado;
Delle formar não ouzo a menor queixa,
E eis oh Ceos! o maior dos meus tormentos.
Não tenho que temer já agora a sorte!
Que mais me ha de tramar, que novos danos,
Se o ultimo, o peor foi separar-nos?
Escreve-me por dó; sejão-te, embora,
Molestas minhas suplicas, eu quero
Miuda relação de quantas ditas
O Ceo te conceder; quero gozallas:
Mais que tudo te imploro o ver-te hum dia;
Se não tentas, meu bem, ser meu verdugo,
Deixa-me conservar esta esperança;
Mesmo assim duvidoza ella me he doce:
A Deos! A carta, que a gemer te envio,
Vaĩ de saudozas lagrimas banhada;
Não a posso acabar... Quanto he ditoza!
A's tuas mãos irá: teus olhos brandos
Nella se hão-de empregar... E eu, mizeravel...
Ah! Que insanias profiro! O peito abafa,
De pranto, e de soluços carregado...
A morte... Pelas veias... Me circula...
Porém se es meu, se a lagrimas te obrigo,
Das almas fortes opporei o escudo
A quantos golpes vibre a mão dos Fados.
Sobre este coração fervei, tormentos,
Mas vinde, mas voai á triste Eufrazia,
Suspiros do seu bem, tezoiros della.

HISTORIA.

Noticia das novas Povoaçoens de S. Pedro de Alcantara, e S. Fernando, civilisação da nação Macamecran; estrada para o Pará.

SEndo o principal objecto deste Periodico fazer conhecer este continente, tão ignorado, ou tão desfigurado por aquelles, que ás cegas, ou prevenidos, tem escrito a seu respeito; e dezejando aproveitar todas as noticias veridicas, que chegão á nossa mão, temos hoje a satisfação de apresentarmos ao Publico os progressos da povoação e civilisação dos lugares mais centraes, há pouco desertos, ou infestados por naçoens barbaras e feroces. No N. 65 da Gazeta desta Corte, demos huma idéa do estabelecimento da povoação de S. Pedro de Alcantara, e da obediencia dos Indios *Macamecrans*: mas a pequena extensão daquella folha não nos permittio expôr circunstanciadamente as providencias, que se havião dado, e os resultados daquelle importante serviço. O nosso Jornal encherá este destino, e ambos os periodicos serão hum argumento victorioso das intençoens, das unicas intençoens do seu Redactor. O que imos referir he fundado em documentos authenticos, e da maior fé. Temos consultado papeis originaes, e firmamos com o sello da verdade a nossa exposição.

Francisco José Pinto, natural do arraial da Natividade, da Comarca do Norte da Capitania de Goyaz, distante do Porto Real do Pontal (porto de embarque para o Pará) vinte e seis legoas, frequentou aquella navegação, fazendo seis viagens á Cidade do Grão Pará por objectos commerciaes; e tirando d'alli o conhecimento das vantagens, que resultarião da povoação das margens do rio Tocantins, se estabeleceu em hum lugar tres legoas abaixo do rio Manoel Alvares, na margem Oriental

dos Tocantins, creando huma povoação, a que deu o nome de S. Pedro de Alcantara, 79 legoas em distancia do Porto Real do Pontal, e por insinuaçoens suas concorrerão alli outras pessoas costumadas ao trabalho e á vida do sertão, de maneira que em 1810 se compunha a povoação de 42 pessoas. Construidas as habitaçoens, se cuidou em estabelecer officinas, fazer plantaçoens, erigir huma caza de oração, e outros misteres. A vantajosa situação daquella povoação he ainda mais preciosa pela abundancia de matos, que fornecem as melhores madeiras, de pastos para creação, e de abundancia de pescado, sendo hum consideravel ramo de commercio a tartaruga, de alto preço, e facil extracção no Pará. A experiencia tem mostrado que as plantaçoens produzem mais, e com menos trabalho, do que nos matos conhecidos de toda a Capitania de Goyaz, e são tão excellentes os pastos, que o gado vacum para alli transplantado, sem estranhar a mudança, tomou melhor nutrição; e o terreno em geral he cortadó por corregos e ribeiros, que ministrão agoas puras e saudaveis, e podem empregar-se em mover engenhos. A estas vantagens accrescia a faculdade de prestar soccorro aos navegantes daquelle rio, que a fadiga e a fome incommodavão em extremo.

Todos estes interesses erão porém equilibrados pelo trabalho de ter sempre na mão as armas, e viver em perpetua allarma contra as hostilidades dos gentios, e pelas fomes, trabalhos, e sustos, que aquella gente soffreu antes de concluidas as cazas de vivenda, e colhidos os mantimentos. Para remediar o primeiro mal era necessario conquistar, ou acariar o gentio, e a constancia no amor do publico vence todas as difficuldades.

Conquista do Gentio Macamecran.

A Nação do Gentio Macamecran estava alojada em duas aldêas em distancia de tres legoas da nova povação de S. Pedro de Alcantara. Esta nação, a quem erradamente chamavão Timembós, era temida por todos os fazendeiros dos sertoens da Balça, Grajahú, Neves, Lapa, e Farinha, territorio pertencente á Capitania do Maranhão, pelas hostilidades que alli fazião; e empecendo ao principio ao novo Colono, este em vez de o perseguir, empregou mimos e offertas, que a chamarão á sua amizade, de maneira que, abandonando as suas aldêas, vierão estabelecer-se nas visinhanças da povoação, dentro da qual está frequentemente grande numero delles. Perseguido por outras naçoens Indias, quaes a Xerente, Xavante, Canacatagé, Norocagé, Poxeti (antropophaga), Porecamecran, e Curemecran, acolherão-se os Macamecrans á protecção dos Portuguezes, que os auxiliarão em tres expediçoens contra os Canacatagés, e Norocagés, com a mira porém de não destruir, antes conquistar os inimigos. Para este fim o activo Colono estabeleceu premios para os guerreiros, que conduzissem vivo o seu inimigo; e desta providencia resultou serem aprisionados 52 Indios das ditas naçoens, que forão repartidos pelos fazendeiros visinhos, instruidos na nossa lingoa, doutrinados na Religião, e educados nos usos e costumes; e temos a satisfação de annunciar que amaciados e contentes se dão aos trabalhos da agricultura, não havendo fugido hum só para as suas aldêas, como muito facilmente poderião fazer. Merece notar-se a prudencia com que o dito Pinto se absteve de empregar armas de fogo, servindo-se de foguetes, rodas, e outros artificios, que atterrarão os inimigos, e derão aos Macamecrans muito prazer.

A nação dos Macamecrans tem mais de 300

Indios: he governada por hum Chefe, ou Cacique, cujo governo he hereditario; tem 7 cabos de guerra: nada se sabe da sua religião; consta porém que são doceis e leves: procurão a perfia instruir-se na nossa lingoa, usos, e costumes, de sorte que já se baptizarão 8, huns a instancias de seus pais, e outros por motu proprio; são amantes do trabalho, e se empregão de bom grado nas tarefas, que se lhes destinão. Depois da sua entrega, ficarão ainda debaixo do governo do proprio Cacique, que he exactamente obedecido. Odêão bebidas espirituosas, e se alguns comião terra, provinha este costume destructivo da falta de alimentos, pela pobreza das plantaçoens, e pela incerteza da caça e da pesca. Agora porém fornecidos de instrumentos, de que carecião, tornados uteis á sociedade, cultivão a terra, e esta lhes paga liberalmente os seus suores. As insinuaçoens de outros Indios para os separarem da amizade do *Pahi*, nome que em sua lingoa quer dizer Senhor, e com que tratão o mencionado Pinto, tem sido inteiramente estereis, mostrando em occasioens arriscadas desempenhados estreitamente os sentimentos da humanidade.

Esta acquisição, por tantos titulos importante, interessa ainda mais, quando, além de se verem aquelles sertoens despejados daquelles inimigos; correm os fazendeiros das ribeiras do Tocantins, cheios de prazer, a offerecer os seus soccorros para a conquista dos outros Indios, auxiliada pelos novamente conquistados; e he de esperar que cooperem efficazmente, assim á abertura de caminhos, como á conquista de outras naçoens.

O Rio do Somno, que da parte Oriental desagoa no Tocantins, e que dista do Pontal 36 legoas, e da povoação de S. Pedro da Alcantara 43, he huma situação muito agradavel, bons ares, saudavel, com abundancia de matas e campos, e neste sitio se estabelece outra povoação denominada

de S. Fernando; 60 pessoas tem sido convidadas para Colonos, e entre esta povoação, e o ribeirão chamado Machado se criou huma fazenda de gado vacum. Desde este rio do Sono até a Ilha de S. José, em extensão de mais de 40 legoas se tem estabelecido muitas familias, sendo a maior parte domiciliarios da ribeira da Capitania do Maranhão, e que conduzem para as margens do Tocantins muitos gados, contando-se só 500 cabeças condusidas pelo Capitão Antonio Moreira da Silva, que S. A. R. se dignou de ter em Sua Alta Consideração.

Caminho de terra para o Pará.

A Navegação dos rios he o meio mais obvio da communicação do interior; sem embargo cumpre não desprezar os caminhos por terra, que a certas vistas são vantajosos. O rio Tocantins trás sem duvida grandes vantagens ás Capitanias de Goyaz, Pará, e Maranhão, mas o estabelecimento de correios, a exportação de generos de muito volume e pouco pezo, e a conducção das boiadas, assim para sustentação das Capitanias beira mar, como para os serviços da lavoura exigem estradas por terra, que em periodos determinados conduzão a hum dado prazo. Propoz-se por tanto o activo Pinto a concluir a estrada de Porto Real do Pontal de Goyaz até a Povoação de S. Pedro de Alcantara, sitio onde ha que passar os dois rios do Sono e Manoel Alvares, seguindo por campinas, sómente entrecortadas pelo rio da Farinha até a borda da matta geral; e abrindo caminho pelo interior da matta, entre os rios Tocantins e Mojú, ao longo do ultimo, até o lugar onde este faz barra no furo do Guarapameri, ou pouco acima: dahi se vai á Cidade do Pará em duas marés e meia: de maneira que a jornada do Porto Real do Pontal até o Pará se fará (segundo experiencias

do mesmo) em animaes carregados; em 32 dias de marcha.

Viagem do Porto Real a Maranhão.

JA' se disse que do Porto Real do Pontal até a nova povoação de S. Pedro de Alcantara ha 79 legoas, que pelo rio se vencem em 4 ou 5 dias; desta até á Caxoeira no rio Grajahú se vai em 4 dias; e daqui pelo rio abaixo, sem cachoeiras, nem embaraço alguin até á freguezia de Miarim se gastão 8 dias; e deste em duas marés se chega á Cidade de Maranhão, sendo a viagem do primeiro porto até esta Cidade de 18 a 19 dias, mormente nos mezes de Novembro até Maio.

Noticia dos Gentios, que povoão estes Sertoens.

O Gentio Xerente tem as suas aldêas em campinas nas margens do rio Tocantins, acima do rio Manoel Alvares, do lado Oriental; occupão as campinas entre Tocantins e a Serra geral, e da outra parte em campos geraes. Os moradores do Norte de Goyaz, são infestados por estes barbaros, que attacão os mesmos navegantes pelo rio Tocantins, chegando até ás ribeiras da Lapa, e da Balça, pertencentes á Capitania do Maranhão, onde levão a morte e o roubo. Povoão duas aldêas em grande numero, e se ligão com os Xavantes, que havendo já estado aldeados em Goyaz na aldêa do Carretão, fugirão conhecendo a nossa lingua, armas, usos, e costumes, de que se prevaleceo para empecer-nos, engeitando todas as propostas de paz, e até irritando-se com a amizade, que contrahirão os nossos com a nação Macamecran sua inimiga implacavel.

Além destes gentios existem entre a dita povoação de S. Pedro de Alcantara e a beira da Mat-

ta Geral as naçoens *Canacategé*, *Crurecamécran*, *Porecamecran*, *Xocamecran*, *Pencategé*, *Puicebegé*, *Aojé*, *Crangé*, *Piscamecran*; semelhantes na lingoa, usos e costumes á nação Macamecran. Entre Tocantins, e Araguaya (humas 90 legoas), e da nova povoação até á junção destes rios, habitão as naçoens seguintes, *Paxeti*, *Noroquagé*, *Apinagé*, *Carajá*, *Corti*, barbaras e feroces. Tres Indias da nação Noroquagé, que forão aprisionadas, agasalhadas, e doutrinadas, serião facil instrumento da conciliação daquelles selvagens; huma destas recusando voltar á sua aldêa, as outras duas se encarregarão de reduzir os seus, e conduzi-los d'alli a 2 luas. Os Puxetis são antropophogos: os Apinagés são mui numerosos; tem 16 cabos de guerra, de muito valor, cujos nomes são, *Purururé*, *Pepucópo*, *Peporcranfo*, *Tepueriti*, *Tocamucó*, *Cancreti*, *Curcanti*, *Panhacate*, *Tonti*, *Inhocrexu*, *Injaqueti*, *Croroti*, *Icranxoire*, *Orancahaca*, *Orumuré*, *Veleti*, e infelizmente se lhes tem aggregado muitos Christãos desertores das Capitanias visinhas. O mesmo acontece ás naçoens Carajá, e Corti, mormente á ultima, que usa de espingardas contra nós, e por tanto parece que estas naçoens só á força de armas serão levadas.

A isto se reduzem as noticias, que deu o referido Francisco José Pinto, e que merecerão a Alta Contemplação de S. A. R., e os elogios do respectivo Capitão General. Por huma Carta Regia dirigida a este Capitão General, Foi S. A. R. Servido estender aos habitantes das margens do rio Grajaú os privilegios concedidos pela Carta Regia de 5 de Setembro de 1811 aos das margens dos rios Maranhão, Tocantins, e Araguaya, louvando o patriotismo, com que o referido Pinto creou aquella nova povoação, que tanto facilita a navegação do mencionado Grajaú, e abrevia a communicação da Capitania de Goyaz com a de Maranhão.

A perspectiva, que começa a apparecer, do Brazil communicado por faceis estradas, e pela navegação de grandes rios; a consoladora esperança de ver tantas naçoens barbaras, que infestão este Continente, despidas da natural fereza, tornarem-se sociaveis, e augmentarem o numero dos vassallos de S. A. R.; a idéa lisonjeira da prosperidade da agricultura, do estabelecimento das artes, da extensão do Commercio; não são já sonhos de hum patriota, a quem o amor do seu paiz inflamma, e anima; sobre felicissimos começos, sobre progressos agigantados se estribão os nossos agouros; e se não podemos de outra sorte concorrer para estes grandes fins, seja ao menos o nosso empenho louvar as Sabias Providencias de S. A. R., o zelo dos Seus Delegados, e a constancia com que os Seus vassallos se esmerão em corresponder aos benignos dezejos do Seu magnanimo coração.

Exame de algumas passagens de hum moderno Viajante ao Brazil, e refutação de seus erros mais grosseiros, por hum Brazileiro.

CHegou á nossa mão huma Obra em Inglez, que tem por titulo, *History of Brazil, comprising a geographical account of that country, together with a narrative of the most remarkable events, wich have occurred there since its discovery; a description of the manners, customs, religion, &c, of the natives and Colonists; &c. By Andrew Grant, M. D. Lond.* 1809. Este frontespicio nos deu as mais lisongeiras esperanças de augmentar os nossos conhecimentos em hum objecto, que com tanto interesse havemos meditado, e sobre o qual havemos

consultado os manuscritos mais recomendaveis. Porém começando a ler a Obra, fiquei persuadido que outra vez me acontecia o que quasi diariamente tinha lugar, quando cheguei a Lisboa. Gritava hum cego em voz muito afinada o annuncio de hum entremez, acrescentava huma grande lenda, que rematava sempre com as palavras — *Forte obra he esta*! Mas dados os 40 reis, não encontrava mais que frioleiras. Outro tanto me aconteceu com o Sr. Grant, com huma só differença, que este attaca deshumanamente costumes, que não conheceu, e tão ignorante no physico, como no moral do Brazil, copia servilmente erros já assoalhados por outros escritores, e no mesmo que diz ter visto, *mente*. Parecerá muito forte e incivil esta palavra: he Portugueza, e creio que enche muito bem o seu destino. Hum viajante que imprime as suas viagens no anno de 1809, errar! Sim meu leitor.

Et crimine ab uno
Disce omnes.

Todavia para despir-me daquella acrimonia, de que os meus inimigos me arguem, encaremos as noticias, em que se estriba hum destes viajantes, e ao clarão da critica vejamos a probabilidade, que merecem. Tal homem, dotado por ventura de alguns conhecimentos de historia natural, entra em hum paiz desconhecido: vê pequenas amostras de productos naturaes, avista (como póde examinar?) em hum ligeiro trajecto pessoas talvez da ultima relé, deixa-se levar das apparencias grosseiras, que muitas vezes são capa de hum interior virtuoso, e pernoitando, ou transitando por huma Cidade, huma Villa, ou ainda hum lugar, se gaba de conhecer os costumes até do todo dos habitantes. Presumpção louca e temeraria, mas bem ordinaria no nosso Seculo! Hum, guiado por espirito mercantil, commercêa em sordido contrabandista, e paga esta infracção da boa fé com improperios aos em-

pregados publicos, cuja probidade empece aos seus interesses. Outro recebe hum gasalhado (pobre mais sincero), e accusa no dia seguinte de crimes atrozes os miseraveis, que para cevarem seu appetite se privarão do sustento de semanas. . . Eu suspendo a minha penna. Tenho factos, e para achegarme ao meu plano, acho muitos na Obra annunciada. Copiando as suas passagens mais notaveis, exporei á indignação dos sensatos as falsidades do Author *Inglez*, e me exporei ás satiras de outros. Que me importa?

Nos primeiros Capitulos o A. copia o que referem os authores, que tem escrito, igualmente bem informados, e o seu guia he Raynal, que elle trasladá servilmente. Vejamos o Cap. 4. ,, *History has recorded the acts of tyranny and cruelty, that excited the Low Countries to attempt to throw off the Spanish yoke. . . Their independence being once firmly established, they attacked their enemy on the remotest seas: — on the Indus, the Ganges, and the shores of the Molucas, wich constituted a part of the Spanish dominions, since the crown of Portugal have been united to that of Spain.* Leamos a Historia Philosophica e Politica, T. 3. pag. 475 da edição de Haye 1774 ,, *Toutes les histoires sont pleines des actes de tyrannie et de cruauté qui souleverent les Pays Bas contre Philippe III. . . Lorsque leur liberté fut solidement etablie, elles allerent attaquer leur enemi sur les mers les plus eloignées, dans l'Inde, dans le Gange, jusques aux Moluques, qui faisoient partie de la domination Espagnole depuis qu' elle comptoit le Portugal au nombre de ses possessions.* ,,

Basta esta passagem para vermos a fonte, donde este author tirou, não digo os seus conhecimentos, mas as suas expressoens. He para notar que estando a Obra de Raynal tão espalhada, haja hum Inglez que traslade tão fielmente capitulos inteiros! Portanto, eu creio sufficiente notar algumas

passagens, que são mais evidentemente falsas, e erros, que para evitar bastaria ter olhos. Paremos porém hum momento nos

Cap. 8. e 9.

,, O Brazil está agora dividido em 14 provincias ou Capitanias, na ordem seguinte, do Norte ao Sul, a saber, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande, Parahiba, Tamaraca, Pernambuco, Seregipe de El-Rei, Bahia, Rio das Velhas, *Ports Seguro*, Espirito Santo, Rio de Janeiro, e S. Vicente. . . ,,

Ignoramos esta divisão: nunca ouvimos fallar da Capitania de Tamaraca, nem de Seregipe de El-Rei, &c. Serão Correiçoens? Nem isso. He huma ficção poetica. Todos sabem que as Capitanias do Brazil são ou Generaes ou Simplices, as primeiras são Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, e Rio Grande do Sul na beira mar, e no interior Matto Grosso, Minas Geraes, Goyaz, e S. Paulo. As segundas são Ceará, Piauhi, Parahiba, Espirito Santo, S. Catharina, Rio Grande do Norte, ás quaes se ajuntarão Seregipe de El-Rei, e S. Sebastião.

,, Estabelecerão-se seis Bispados em differentes tempos, todos subordinados ao Arcebispado da Bahia, fundado em 1552. Os Prelados, que enchem estas Sedes são todos Europeos, e os seus salarios, que são pagos pelo Governo, varião de 50 libras esterlinas a 1250. . . ,,

O primeiro Bispado do Brazil foi o da Bahia, creado em 1552 no tempo do Sr. Rei D. João III, até o anno de 1667, em que tomou posse de 1.º Arcebispo daquella Diocese D. Gaspar Barata de Mendonça, a 3 de Junho. Crearão-se depois os Bispados de Maranhão, Pernambuco e Rio de Janeiro, que com o de Angola e S. Thomé na Africa, se lhe assignarão por suffraganeos. O Bispado do Maranhão, em razão da sua difficil navegação para a Bahia,

ficou suffraganeo ao Arcebispado de Lisboa. Deste mesmo Bispado foi desmembrado o do Pará, creado no tempo do Sr. D. João V, e Pontificado de Clemente XI, ficando este ultimo, bem como o primeiro, suffraganeo ao Patriarcha de Lisboa. Em 1744 a instancia do mesmo Sr. D. João V se desannexarão da grande Diocese do Rio de Janeiro, dois novos Bispados, o de Mariana e o de S. Paulo, e mais duas extensas Prelasias, Goyaz, e Cuiabá com Matto Grosso, cujos Prelados gozão de toda a jurisdicção Ordinaria.

Os Prelados tem sido indistinctamente Portuguezes: alguns temos visto Brazileiros, que encherão, e enchem dignamente os seus lugares. Nunca soubemos porém que houvesse Bispo, que tivesse de salario menos de 200$ reis! O de Mariana tem de congrua 800$ reis, chegando os seus rendimentos a 16$ crusados.

,, Hum aqueducto de consideravel extensão fornece agoa aos habitantes. Ella he trazida sobre os valles por duas fileiras de arcos, huns postos sobre outros, e que dão muito ornamento á Cidade. Nos largos e praças publicas ha fontes, que são accompanhadas de huma guarda para regular a distribuição da agoa; porque esta não he sufficientemente abundante para as necessidades dos habitantes; e o povo está muito tempo esperando com baldes primeiro que recebão a quantidade que lhe pertence. ,,

O Sr. Grant parece que nunca esteve no Rio, o que eu crera, se não descrevesse tão fielmente o Vaux-hall do Rio. Não me consta que as guardas tenhão por fim regular a distribuição da agoa, sim evitar as desordens; nem vi o povo esperando a sua quota parte com baldes. Sonhou o Inglez e escreveo. Será o povo os escravos, que de necessidade hão de esperar pelos que os precedem? Fazem o mesmo em Lisboa os agoadeiros, e póde ser que em muitas outras partes, e eu já o affirmaria, se me atrevesse a imitar tão digno Escritor.

,, A indolencia, a deshonestidade, hum espirito de vingança, e excessos de todo o genero não são pouco frequentes entre a grande massa do povo, em que as ordens superiores se entregão a toda a lascivia (in every luxury), que as riquezas pódem procurar. Accusão os homens de se entregarem á satisfação de appetites depravados e contra a natureza, e as Senhoras de desampararem aquella modestia e reserva, que faz o principal ornamento do caracter da mulher. Esta censura sempre me pareceu demasiadamente vaga, e talvez tem origem no singular costume, que voga entre as Senhoras daquella cidade, de trocarem ramalhetes de flores, que trazem na mão, com os homens que encontrão na rua, ainda que totalmente estrangeiros. Tambem tem costume, quando estão sentadas nas barandas, que cercão as suas casas, ou sós, ou accompanhadas de suas escravas, lançarem flores sobre qualquer que passa por baixo, que o capricho ou huma inclinação passageira as faz distinguir. Sem duvida deste costume resultão frequentemente as mais intimas relaçoens; todavia eu creio que não se deve concluir daqui que he universal o espirito da intriga entre as Senhoras Portuguezas do Rio. Sabe-se muito bem que em Lisboa as Senhoras se divertem em certos dias chamados *dias de intrusão* (days of intrusion), atirando das suas janelas ramalhetes aos passageiros; e provavelmente foi á imitação de suas maneiras que as mulheres adoptarão esta pratica no novo mundo. . . ,,

Agora he com nosco! Que bello caracter! Quantos annos estudou este homem o espirito do publico! Vendo a gentalha a seu alcance, composta neste paiz das fezes da Sociedade, porque originaria de naçoens barbaras, e sem moral, conclue hum viajante estrangeiro dos costumes de hum paiz? Infelizmente todos os estrangeiros se copião neste e em muitos pontos. Depois que reina a ma-

nia de fazer livros de livros, perdeu-se a critica, he ociosa a razão, e só importa se outro A. disse aquillo mesmo! Geographos aliás acreditados, Viajantes illustrados, tem trasladado estes impropeperios. *Mentelle*, author de nome, nas suas *Choix de Lectures Geographiques* T. 5. pag. 363, repete estas mesmas inepcias, e *Guthrie* na sua Geographia não duvida copia-las. Não he isto huma razão bastante para corroborar a opinião do *Sr. Stockler* sobre o Sceptismo historico? Hum author, que escreve em 1809, tempo em que o Brazil está franco a todos os estrangeiros, copia os absurdos de authores sem conhecimento do Paiz! O' historia! quem assignará com justiça o grão de veracidade que tu mereces! O A. avança que deste costume procedem as intimas relaçoens, como se estas não tivessem no Rio as mesmas fontes, que em outras partes do Mundo. Porém o que he mais irrisorio he a comparação com que elle quer desculpar este costume. Supponho que o A. chama *dias de intrusão* aos *dias de entrudo*, mostrando saber tão bem Portuguez, como os costumes do Brazil. Mas naquelle dia, que em sua lingua se diz *shrove-tide*, não tenho noticia que houvessem simelhantes offertas. Se o A. esteve alguma vez em Lisboa, foi singularmente tratado naquelle dia, ou os chamados ramalhetes terião huma fórma particular, que os fez tanto do seu agrado.

,, As Senhoras assistem regularmente nas Igrejas ás matinas e vesperas; e o resto do dia geralmente passão sentadas á janela. A' noite divertem-se em tocar cravo ou guitarra, com as portas e janellas abertas para entrar a viração; e se hum estrangeiro passa a aquelle tempo, e pára afim de ouvir a musica, costumão os pais, maridos, ou irmãos da bella musica, convida-lo politicamente a entrar em sua caza. ,,

Assim como as laranjas, o talco, e outros in-

gredientes deste genero, parecerão a este benigno estrangeiro ramalhetes de flores, da mesma sorte que o immortal D. Quichote vio em huma grosseira Saloia huma rica Princeza: assim tambem este civil estrangeiro achou levado a hum tão grande extremo a devoção das Senhoras, e a sua cortezia com os estrangeiros. E que isto se escreva em 1809!

,, Os homens, ainda da ordem inferior, ordinariamente se cobrem com capotes quando sahem fóra; e as classes media e superior nunca apparecem em publico sem espada. Ambos os sexos são perdidos por operas, jogos, e mascaras. ,,

Estas tres asserçoens são proprias da cegueira do A. Presenciei muitas vezes o pequeno theatro quasi deserto, e a sua maior frequencia era por Europeos, e isto no mesmo tempo em que o A. escreve.

Vamos á esta descripção do passeio publico.

,, Tambem frequentão hum jardim publico situado a beira mar, quasi no fim da Cidade. Este jardim consta de canteiros, arbustos, e parterres, entremea-dos com arvores, cuja abundante folhage faz hu-ma sombra, que refresca dos raios do sol. Em alcovas, ou caramachoens de madeira pintados de verde, e adornados com profusão das mais bellas e odoriferas plantas dos climas tropicos, des-canção *es da moda* no Rio depois da fadiga do seu passeio nocturno. ,,

,, No tempo seco estas alcovas estão geral-mente cheias de companhias, que gozão de huma cêa elegante, á moda Portugueza, durante a qual são divertidas com musica, e algumas vezes demo-rão os seus divertimentos até huma hora da ma-nhan seguinte. No meio deste jardim está huma grande fonte de artificial cascata, ornada com figu-ras de dois jacarés, que lanção agoa da boca em hum tanque de marmore. Neste reservatorio, pas-

saros aquaticos, bem executados em bronze, parece que estão brincando na superficie da agoa. ,, ***

O A. parece que pela palavra *fashionable* quiz significar os da ordem media, como se acha em alguns diccionarios, *Having rank above the vulgar, and below nobility*, Johnson.

Grande cousa he ter bons olhos! ou ver por microscopio! Alguns ajuntamentos, algumas cantorias, amplificadas pelo dito Portuguez — Cesteiro que faz hum cesto faz hum cento, fórmão a idéa do A. Quanto ao fogo de artificio ainda não tive a satisfação de vê-lo naquelle sitio. Mas agora começa o bom.

,, Na face deste jardim voltada para o mar, ha hum bello terraço de granites, no meio do qual se construio outra fonte. Ella tem em cima a estatua de hum menino com hum passaro na mão, de cujo bico cahe a agoa em hum tanque em baixo, e com a outra mão mostra hum papel com a seguinte inscripção: *Sou util ainda brincando.* ,, ***

Parece que o terraço fica no extremo e a cascata no centro do passeio! No meio da primeira fonte! Mr. Grant está enganado: a mesma agoa serve á cascata e á fonte contigua, que fica hum pouco mais elevada, e entre duas escadas, que precedem ao terraço.

Rogo muito a este Sabio ornithologico que classifique o passaro, de que faz menção, e lhe digo para sua guia que o dito passaro não tem pennas, nem azas, e em Inglez se chama *a tortoise*: peço-lhe porém que não diga o seu nome em Portuguez, porque hum erro de Prosodia o faria excitar o riso, ou o enjoo. O bico ou rostro do tal passaro he simelhante ao de hum lagarto. Na verdade he formosissimo! O tanque he cylindrico, e tem vulgalmente o nome de barril, e não he de marmore.

,, Neste jardim, que se chama o *passao publico*, se dão espectaculos para divertimento do povo; *(Até o fim de Agosto de* 1813 *não se tem dado divertimento algum deste genero)* e o seu fim de promover a saude e prazer dos moradores está expresso em duas columnas de granites, em huma das quaes estão gravadas as palavras *a saude do Rio*; e na outra *o amor do publico.* ,,

Que o passeio tivesse por fim promover a saude do publico, he o que até ignoraria o seu fundador: mas são muito singulares os testemunhos, com que elle o apoia. Duas columnas! Nenhuma existe no passeio, sim duas pyramides! As inscripçoens estão muito bem entendidas. *A Saude do Rio*! He verdade que a palavra saudade he bem difficil de traduzir na sua lingua: huns tomão a Franceza *regret*: Swift empregou a latina *desiderium*; e alguns adoptão a Portugueza. Porém nunca vi substituir-lhe o termo Saude. Ha inda outro erro que he o artigo a em vez da preposição á. De maneira que na sua lingua vem a dizer *The health of the Rio* em vez de *To the desiderium &c.* A outra he *ao amor do publico*, e não *o amor do publico.*

(Segue-se huma descripção da Cochenilha, copiada de M. Barrow, inteiramente opposta ao que tem observado pessoas de muita capacidade. O Dr. Jacinto José da Silva Quintão, offereceu a este Periodico huma Memoria a este respeito, que havemos de inserir no N.º seguinte, a qual he a mais plena refutação de quanto o A. diz neste lugar, e por tanto ommittimos quanto elle refere por ouvir dizer.)

,, A população do Rio se calcula em 43 mil almas, das quaes 40 mil são pretos, incluindo os forros, e os 3 mil brancos. ,,

Ignoro os dados deste calculo; muitas vezes os tenho sollicitado, com inuteis tentativas. Porém

não creio que seja exacta a resenha do A. Donde o soube? Se não forem sempre estereis os meus dezejos, eu mostrarei, segundo relaçoens Officiaes, o erro enormissimo de Grant, que diz emphaticamente *calcula-se*. Os calculos de similhantes viajantes são especies de advinhação, propria dos charlataens.

Temos tocado levemente alguns lugares para amostra do credito, que merece este viajante: em outra occasião continuaremos a desmascarar as suas falsidades.

Noticia extrahida do Courier de 27 de Maio.

NA sua passagem do Cabo de Boa Esperança, descobrio o Navio União hum escolho, e restinga, desconhecidos até agora, de huma consideravel extenção, e eminentemente perigosos para os Navios, que passão d'alli para as Mauricias, pois que ficão no seu caminho direito; a relação com que polidamente fomos favorecidos, relata que o Navio União esteve em calma por tres horas em distancia de tres milhas de hum pequeno Rochedo, cujo comprimento se ajuizou ser de 12 braças, e sua elevação acima do nivel do mar de 16 braças, pouco mais ou menos, donde se estende huma restinga de quasi seis milhas. O tempo tinha sido muito favoravel, e por ter o Commandante da União hum bom Chronometro, julga-se que a posição desta restinga e escolho foi verificada com exactidão. A longitude concordava muito aproximadamente com huma recente observação lunar. Não podemos, he certo, garantir a exactidão de huma communicação verbal, porém a latitude nota-se ser 35.° (e poucos minutos) Sul, e a longitude 43°, 30', a Este de Londres. Julga-se ser este

o baixo de que algumas Cartas Hollandezas fazem menção, debaixo do nome de Slot van Copal. Correio de Madrasta, 14 de Outubro de 1812.

Obras publicadas nesta Corte no mez de Agosto.

P*Relecçoens Philosophicas sobre a theorica do Discurso e da Linguagem, a Esthetica, a Diceósyna, e a Cosmologia.* Por Silvestre Pinheiro Ferreira.

O A., cujos talentos são tão justamente acreditados, dá primeiro a idéa geral da Obra, reduzindo a tres os objectos da suas Prelecçoens, a saber, a theorica do Discurso e Linguagem, o tratado das paixoens, e o systema do Mundo: no 1.° expoem os principios da Logica, da Grammatica Geral e da Rhetorica: no 2.° considera as paixoens ou como simples sensaçoens, ou como actos moraes: da primeira consideração nascem a Esthetica, a Poesia, e as Bellas artes, e a segunda produz a Diceósyna: debaixo da denominação da Cosmologia, involve a Ontologia, e a nomenclatura das Sciencias mathematicas e physicas, e d'ahi deduz os principios da Theologia Natural.

Já dissemos no N.° 4.° deste Periodico o nosso sentimento acerca de hum plano tão acertado, e da esperança de hum completo desempenho, fundada nos grandes conhecimentos e rigorosa methodologia do Autor. Abstemo-nos por tanto de seus elogios, tanto mais porque apparecendo em muitos Numeros memorias deste profundo litterato, poder-se-ha recear que a minha gratidão me torne suspeito.

EPhemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de 1814, calculado para o Meridiano do Rio de Janeiro, por Ordem de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, por Joaquim Ignacio Moreira Dias, Coronel de Infantaria, Addido ao Estado-Maior do Exercito, com Exercicio ás Ordens do Paço.

Correspondencia.

O Redactor deste Periodico accusa por esta maneira a recepção de duas cartas remettidas pelo Correio de Minas Geraes com porte pago, e que parecendo ser escritas ha mezes chegarão á sua mão no dia 18 de Setembro, em razão de virem os sobrescritos em outro nome. Igualmente segura ao Litterato, que as escreveu, que nos Numeros seguintes verá inseridas as suas composiçoens, sentindo que a demora mencionada tenha privado o publico da continuação das suas producçoens. E para entreter a correspondencia, que elle dezeja, roga que no sobrescrito das cartas que lhe forem dirigidas se não ponha mais do que = *Ao Redactor do Patriota.*

Continuação do Estado da athmosfera.

Agosto.

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo.*
	Graos.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
14	69	29	16	10	nebrina
15	75		15	16	trovoada echuva
16	73½		16	14	
17	71		17	10	denso e chuva
18	65½	30	0	2	muita chuva
19	64	29	18	24	
20	63		19	8	
21	63½		18	14	claro
22	63		17	36	
23	65		18	18	
24	68		17	44	
25	70		16	18	
26	67½		17	22	
27	70		16	2	
28	70		15	12	
29	71		15	14	chuva
30	76		15	0	claro
31	64		19	40	

Septembro.

Dia.	*Ther.*	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	*Tempo.*
1	64	30	1	24	chuva
2	64½		0	10	claro
3	67	29	18	34	
4	74	29	15	10	
5	69		14	8	chuva
6	70		16	40	claro
7	71		16	12	
8	71½		15	42	
9	74½		15	28	
10	76		24	18	

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo*
	Graos.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
11	74		14	30	
12	71		14	40	trovoada
13	69		13	30	chuva
14	67		13	38	
15	65		12	20	claro
16	69		15	12	
17	70½		18	16	denso
18	70		19	4	chuva
19	71		16	34	claro

INDICE.

MINERALOGIA.

NAVEGAÇÃO.

HYDROGRAPHIA.

AGRICULTURA.

TOPOGRAFIA.

ARTES.

LITTERATURA.

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 4.°

OUTUBRO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.° 34, por 800 reis. Na mesma se subscreve a 4000 reis por semestre.

Memoria sobre os muros de apoio, ou muros, que servem de sustentar as terras.

Mr. Cointeraux tentou edificar muros de apoio, ou para sustentar as terras, com o menor dispendio possivel, sendo ao mesmo tempo mais solidos e duradoiros: ainda que á experiencia pertença o determinar o ponto de vantagem do que ensina aquelle auctor, todavia estamos persuadidos que podemos fazer algumas observaçoens, que julgamos não serão inteiramente desacertadas. Mr. Cointeraux, conhecido pelos seus trabalhos sobre o fabrico do *pizo* (1) julgou, que os muros de apoio poderião ser feitos desta materia, e pensa que melhor seria substituir á pedra e cal hum muro de pizo, sustentado por huma parede ordinaria, que tivesse para a de pizo a razão de 1 para 2, porém em favor da sua asserção dá por facto o que he questão, e não demonstra que o pizo, em lugares humidos, se conserva inalterado. As terras as mais proprias para o pizo são as que contém argila bastante para formar huma liga, que se augmenta com o pilão, o qual reunindo as moleculas, augmenta-lhes o contacto immediato, e os faz participar da natureza da pedra; mas a argila, e os saes contidos no pizo, são principios que o damnificão, sendo exposto á continua humidade.

Os Romanos, que edificavão com pizo, davão á terra certa preparação em agoa, na qual os sáes, que tendem a diminuir a adhesão das moleculas que as cercão, se dissolvião, e deixavão, senão totalmente, ao menos em grande parte, a terra que se tinha de empregar: assim penso que se o methodo de Mr. Cointereaux tem a vantagem da eco-

nomia, falta-lhe a da duração. Convimos de que o seu methodo he muito util em muitos outros casos, mas não admittimos que possa suprir neste á pedra e cal.

As paredes de terra, que se he obrigado a fazer para os alicerces, conservão ás vezes huma direcção, pouco mais ou menos, vertical, e a terra parece suster-se por si mesma de modo, que seria inutil revesti-la de hum muro muito espesso, e que bastaria hum avental de alvenaria; mas as terras não resistem assim ás chuvas; quebrão-se, e tomão inclinação, mais ou menos plana, segundo a sua qualidade: para que a terra não desabe cumpre suste-la com hum muro, cuja força de inercia seja tal, que resista ao seu pezo.

Se facilmente se demonstra a necessidade de hum muro, que sustente a terra, não he tão facil o marcar que espessura lhe convem mais nos differentes casos; não parece mesmo que se possa resolver o problema com tanta exactidão, quanta he para dezejar; o meio que ha para levar-nos á resolução, seria observar hum grande numero de casos, em que o equilibrio, que o constructor busca estabelecer entre a resistencia do muro e a acção da terra, se rompesse, e indagar as causas, que a isso contribuirão, mas as circunstancias, em que estas indagaçoens se poderião fazer, são raras, e as forças, que resultão da acção da terra, sendo susceptiveis de variação, bem como as causas da destruição do muro, he quasi sempre mui difficultozo marcar a causa da queda, e tirar consequencia certa de hum acontecimento desta natureza.

Este resultado, sobre o qual estão quasi todos de accordo, escapou aos primeiros, que se occuparão deste objecto. Bullet, Couplet, Belidoro, derão successivamente theorias, que no pouco accordo com os resultados, e falsidade dos principios, sobre que se fundavão, mostrão quão pouca confian-

ça merecem. A primeira theoria, que acerca desta materia satisfaz, foi publicada por Coulomb, em 1773, na colecção das memorias dos Sabios Estrangeiros da Academia das Sciencias de París. Mr. Prony tomou de novo a questão, e levando avante a analise de Coulomb, alcançou a meta.

Trasladamos aqui, para utilidade dos Constructores, a formula, a que elle chegou, fazendo:

h = a altura do muro.
x = a espessura da parte superior do muro.
n = a relação entre a altura, e a base do taludo, ou escarpa do frontal, ou face exterior do muro.
n' = a mesma quantidade para a sua face exterior.
ϖ = ao pezo especifico da terra.
Π = ao pezo especifico do muro
T = á tangente trigonometrica da metade do angulo que a escarpa da terra faz com a vertical.

Obteve:

$$x = h \left\{ -(n + \tfrac{1}{2}n') + \sqrt{[\tfrac{1}{2}\tfrac{\varpi}{\Pi}]\, t^{2}} \right\}$$

O valor de x, dado por esta equação, exprime a grossura, que o muro deve ter absolutamente, para não cahir voltando em roda da aresta exterior da sua base. Suppoem-se o muro posto em huma base incompressivel, tal qual huma rocha, ou huma plataforma de madeira sustentada por estacas: a formula suppoem mais, que a forma do muro foi de antemão determinada, e he a de hum prisma, cujas arestas são horisontaes, e a base hum trapezio; ou hum rectangulo, se os frontaes, ou faces do muro, são verticaes: forma admittida por ser a que he sempre empregada, não tendo os constructores tratado senão de fixar a grossura superior, que o muro deve ter em relação á sua altura, e ás escarpas dos seus frontaes, ou faces, segundo os quaes achava-se inteiramente determinada.

Não me demorarei em fazer notar, que o muro opposto á acção da terra, terá tanta mais estabilidade, relativamente á sua massa, quanto maior for a base, e a distancia horisontal do seu centro de gravidade, e quanto mais consideravel for a aresta, em roda da qual elle voltaria, se cahisse; donde resulta, que a fórma de hum triangulo rectangulo ABC, (fig. 1.a) he a mais favoravel aos muros em questão; mas esta forma raras vezes póde ser empregada na pratica; porque para resistir ás causas de destruição, a que fora exposto, seria mister que o vertice do muro tivesse certa espessura, que depende sempre da natureza dos materiaes, que se empregão na construção.

A maneira, porque as terras obrão sobre os muros de revestimento, ou reforço, não está ainda perfeitamente conhecida; porém a experiencia prova que o comprimento dos muros influe consideravelmente sobre a sua duração, e apressa a ruina; porque de dois muros da mesma altura, e grossura, o mais longo he sempre o que resiste menos. Hum facto, que merece attenção, e que pelas suas causas parece ligar-se ao precedente, he que os estragos, que soffrem os muros de arrimo, ou apoio, de certo comprimento, manifestão-se sempre no meio. Explicamos este effeito singular, observando, que estes muros são sempre presos nos seus extremos por outros muros, que formão com elles angulos; mais ou menos abertos, que os fazem mais estaveis, ao mesmo tempo que as terras comprehendidas nesses angulos, perdem huma parte de sua força, como passamos a demonstrar. Seja AAAA (fig. 2.ª) hum muro visto de alto abaixo, BABA as arestas angulares, e BBBB as arestas superiores da escarpa, que as terras tomarião, se não fossem sustentadas pelo muro. Se prolongarmos estas ultimas linhas até *d*, de huma parte, e até *c* de outra, teremos dois espaços A*c*B*d*, A*c*B*d*, nos-

quaes o esforço das terras se dividirá igualmente sobre A*c*, e A*d*; e como o volume de terra, que opéra sobre cada huma destas partes, he igual ao terço do que está comprehendido no cubo de terreno, que tem por base, A*c*B*d* (2), segue-se que a acção das terras sobre A*c*, e A*d*, he hum sexto menor do que a que supporta o muro no resto do seu comprimento; porque o volume de terra, que tende ahi a cahir, he igual á metade do que está contido em o prisma BB*cc*, da mesma base, que o cubo, do qual A*c*B*d* representa huma das faces.

Se observarmos agora, que os angulos hum sexto menos carregados do que o resto do muro, apoião as partes, que os avisinhão, mas que a força, que estas tirão, ou o soccorro, que pedem, se enfraquece á medida que o muro se estende, poderemos (considerando o excedente da resistencia, que o muro oppoem á acção das terras para as suas extremidades, assim como o resultado da sua força de inercia) suppo-lo mais espesso nos angulos, do que no meio, e reforçado como o indica a linha *mn*; então o ponto mais fraco, sendo o meio do comprimento do muro, he evidente que esse será o lugar, em que dobrará, e cederá por fim. Naturalmente se apresenta o meio de corrigir esta desigualdade de resistencia, que acabamos de observar; bastaria para isso fazer (depois de calculada, como de ordinario, a grossura que deve ahi ter) reforça-lo á partir do meio segundo a linha *p* A, ou qualquer outra, de modo que opposesse em todas as suas partes hum excedente da força de inercia capaz de contrabalançar o excedente de força, que as terras, que operão para o centro, tem sobre as que operão para os extremos. Mr. Gauthey, Inspector Geral de pontes e calçadas, cujos trabalhos o fizerão justamente celebre, encarregado de construir em Chalons ás bordas do Saône, huma

muro de caes de comprimento assás consideravel; fez nessa occasião indagaçoens e experiencias sobre a materia, de que tratamos, e adoptou hum genero de construcção igualmente economico e seguro (3): a arte lhe ensinava que hum muro de reforço não oppoem ao esforço das terras senão a sua força de inercia, e a experiencia mostrava que muros mui fracos em si mesmos adquirião por meio da barbaçã, esporoens, ou contrafortes, o grão de solidêz, que lhes faltava, e vio que, combinando o effeito dos contrafortes, e o dos lugares mais comprimidos horisontaes, praticados ás vezes na face interior dos muros, e que recebendo huma parte do pezo da terra augmentavão a estabilidade, podia não só sem inconveniente, porém mesmo com vantagem, diminuir a grossura do muro de reforço, ou revestimento. Vejamos o como elle chegou ao fim, a que se propoz.

A figura 3 representa o muro visto pelo lado addido á terra, e construido segundo o methodo de Mr. Gauthey; *a a a*, são arcadas sustentadas por contrafortes postos de distancia em distancia, fazendo parte do muro com ellas. Vê-se na fig. 4 a projectura ou avançamento dessas partes, e como as terras estão sustentadas nos espaços *b b b*, he facil de notar que em razão dos arcos *a a a*, sobre que descança, grande parte do pezo da terra, e do seu effeito, he empregada em acrescentar a estabilidade do muro; porque se suppomos o trapezio ABCD (fig. 4) representando aqui a base do prisma formado pelas terras, que carregão sobre o muro, divididos em laminas parallelas, e correndo sobre a linha da escarpa DC, he evidente que huma parte do pezo das laminas *d d d*, apoiadas sobre os arcos *a a a*, será suportada por elles, e fará o effeito de huma força que passando pelo plano do meio dos espaços *b b b*, parallelamente ao muro, tenderia a consolida-la sobre a base; e como o pezo dessas laminas augmenta com o das que ellas suportão, resulta que o momento da força, que tende a manter o muro, he igual, ou mesmo excede, ao da acção das terras, de sorte que a estabilidade, que resulta do pezo mesmo do muro, he inteiramente em demazia.

Não he preciso mais para estabelecer a superioridade deste methodo sobre os que estão geralmente admittidos. A economia, que delle resulta, he de mais de hum terço quanto á pedra e cal, e hum quarto quanto ás estacas; além disso estes muros não apresentão difficuldade alguma na construcção, a unica precaução essencial he de ligar com cuidado a massa dos arcos e dos contrafortes com a do resto do muro. O espaço entre os ultimos póde hir de 5 até 18 pés, segundo a natureza dos materiaes, que se empregão; a sua espessura póde marcar-se a 3 pés pouco mais ou menos. A sua parte saliente acha-se naturalmente determinada, dando ao profil total do muro as mesmas dimensoens, que se darião a hum muro disposto segundo a formula dada por Prony, e precedentemente citada. A grossura dos arcos construidos de pedra, deve ser de 22 á 24 polegadas, e a do muro no vertice nunca menor de 24 a 28 polegadas: assim não se deve pôr a primeira ordem de arcadas a menos de 6 pés abaixo do vertice; regular-se-ha depois a distancia entre as arcadas, e o numero, segundo a altura do muro e o escarpado da terra, observando que devem ser tanto mais proximas, quanto mais consideravel for o angulo da escarpa. Mr. Gauthey empregou pela primeira vez, ha perto de 30 annos, na construcção dos muros do caes de Chalons ás margens do Saone o methodo que referimos: a experiencia tem perfeitamente justificado os seus calculos, pois que desde então nada se tem mostrado que faça temer a ruina do muro.

O esbroamento das terras, que no dia 14 de Junho proximo passado (1813), causou tanto damno á Cidade da Bahia, convidou-me, como hum dos seus naturaes, a concorrer a bem do remedio, que para o futuro poderá obviar males iguaes, em quanto as vistas verdadeiramente dignas do Excellentissimo Senhor Conde dos Arcos lhe não dão aquelle, que elle premedita, e que a natureza e localidade mostrão aos homens, que como elle sabem vêr. Estou certo de que o Homem, que primeiro se mostrou sobre as ruinas daquella catastrofe, e que com o exemplo e conselho a soube minorar, porá (como vemos) todo o empenho em obstar a accidentes taes, e que por isso não desdenhará hum trabalho, que, se não he de grande utilidade, ao menos annuncia patriotismo.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde dos Arcos, Governador e Capitão General da Bahia, &c.

Offerece

Domingos Borges de Barros.

utilidade de muitos no mesmo Reino; e a falta dellas, que aquelle damno passe de particular, a ser mal commum de todo o Reino; e a razão he facil de achar, se todas as manufacturas, e fazendas, que consome o uzo mal regulado dos vestidos, e adornos das cazas, são obradas no Reino, nelle fica o custo dellas repartido por tantas mãos, quantas correm aquellas fazendas até á tenda do mercador; porém se são obras estrangeiras, lá vai parar o dinheiro, e lá sustenta aquelle grande numero de gente, que podera ficar no Reino.

Mais me atrevo a dizer: em hum Reino rico, e com Artes não só he util aquelle apetite, ainda que seja immoderado, de vestir ricamente, e adornar ricamente as cazas, mas he precizo, e necessario. Valerio Maximo o tem por huma especie de liberdade: *Quid opus libertate, si volentibus luxu perire non licet? Liv. 2.° Cap. 9. Prov.*

O dinheiro nos Reinos tem a qualidade, que tem o sangue no corpo humano; alimenta todas as partes delles, e para as alimentar anda em huma perpetua circulação; de sorte que não pára, se não com a inteira ruina do corpo. Isto mesmo deve fazer o dinheiro: faz que saia das mãos dos pobres a necessidade; o apetite, e vaidade, das mãos dos ricos: pelas Artes passa aos mercadores; dos mercadores a todo o genero de officios, e mãos, porque correm os materiaes, que poem em obra a Arte: destas mãos ás dos lavradores pelo preço dos fructos da terra, para o sustento de todos; dos lavradores aos senhores das fazendas; e das mãos de todos, pelos tributos, ao Patrimonio Real. Deste sahe outra vez pelos ordenados, tenças, sustento dos soldados, armas, fabricas de náos, e de edificios, e fortificaçoens, &c. Quando esta circulação do dinheiro se faz no Reino, serve de alimento a todo elle; mas quando sahe do Reino, faz nelle a falta, que faz o sangue, que sahe do

corpo humano. Este exemplo não tem nada de ficção, nem de adorno: he tão natural, e humano, como veremos em outra parte.

Supponhamos que hum Principe enthesourou todo o dinheiro que lhe tributa, e rende o seu Estado; he certo que em poucos annos o esgota; e que faltará aos pobres, e aos ricos com que tributar, e alimentar-se: esta he a razão porque os politicos aconselhão aos Principes, que não tendo em que gastar, e não sahindo de minas o seu thezouro, fabriquem palacios; porque para o dinheiro entrar nas suas mãos, he necessario que saia. A Providencia Divina tambem acodio a isto, e não quiz que se accumulassem todos os bens em huma mão; porque ordenou, que se repartissem por muitos. Ordinariamente vemos, que o filho do avarento he prodigo, e que divide este, o que ajuntou o crime dos pais.

Daqui parece que se segue, que não são damnosos ao Reino o luxo, e avaidade dos gastos no vestir, e adornar as casas, quando as fabricas, que servem a este uzo, são obradas no mesmo Reino; antes he utilidade, porque obra que o dinheiro sirva de alimento a muitos.

CAPITULO 2.º

As Artes evitão a ociosidade.

A Ociosidade he o inimigo maior, e mais perigozo dos Estados: em Athenas condemnarão os ociosos com pena de morte: Solon os castigou com a nota de infamia: o Imperador Valente, com a perda da Liberdade: Salustio aconselhou, como primeira necessidade do governo, buscar em que occupar os homens: Cicero affirma que durou a gloria em Roma, emquanto se observarão as Leis contra a ociosidade: Marco Antonio mandava, que

todos os homens trouxessem sobre si huma marcá da profissão, que tinhão; e quem a não trazia, era obrigado a servir nas obras publicas. Nação houve (os Athenienses), entre a qual se não dava de cear aos moços, que não mostrassem o trabalho, em que havião occupado aquelle dia. Entre os Egipcios houve lei, que obrigava a cada hum dos homens a mostrar aos Magistrados o de que vivèra, e em que occupára a vida naquelle anno.

Passou da antiguidade aos nossos tempos tão aprovado este modo de governo, que Felippe II condemnou os ociosos a galés. Os Chinas não consentem hum só ocioso, e buscão occupação até aos homens, a que as enfermidades podião izentar legitimamente do trabalho: os que não tem mãos trabalhão com os pés; e os que não tem pés com as mãos; até os cégos trabalhão; e de sete annos de idade buscão este, ou aquelle trabalho aos meninos. A esta imitação ha em París hum Hospital, em que recolhem todos os mendigos, e a todos dão occupação: em Amsterdão são suspeitas como deshonestas, as mulheres ociosas, de qualquer qualidade que sejão. Este he o crime da ociosidade; e he para admirar, que não tenha entre nós pena especial! Tambem cuido que ha entre nós muitos ociosos, porque não tem em que trabalhar, particularmente as mulheres, na maior parte do Reino; e que a quem lhes condemnar a ociosidade pódem responder com os obreiros do Evangelho — *Nemo nos conducit.* Com a introducção das Artes não poderão dar esta resposta os ociosos; e a Republica, dando occupação aos filhos, tem mais direito para castigar a ociosidade delles.

Se toda a lan, que ha no Reino, se lavrar no mesmo Reino, dará sustento, e occupação ao infinito numero de gente; o que facilmente vê quem lança a consideração ás muitas mãos, que se occuparáõ em cardar, fiar, tecer, e tingir esta ma-

teria, que vendemos crua aos Estrangeiros; e depois de obrada, aos muitos homens que se occuparáõ, e viveráõ do contrato della.

Já disse, que só em Samerção se sustentaváo, e viviáo da fabrica das Sarjas mais de dés mil pessoas, cujo gasto passa unicamente a Portugal. Só de fitas ha em París 1500 Mestres, e alguns que tem a dés Teares, porque os Mestres não fazem outra cousa mais, que armar os Teares; e contando a 6 obreiros cada Mestre, se acha que occupa esta fabrica sómente 9ↀ pessoas, sem contar os muitos tendeiros, que as vendem; e os muitos homens de negocio, que as comprão, para as mandar a differentes partes.

O Padre Antonio Vieira me disse, que conhecera hum Mercador Genovês, que dava seda em Genova, e pagava a 2ↀ mulheres, que por sua conta faziño meias de agulha.

Os Portuguezes he a Nação mais habil para as Artes mecanicas, que tem Hespanha; e os Estrangeiros confessão que são os que melhor, e mais facilmente os imitão. No Reino não faltão officiaes daquellas Artes, cujas obras se não recebem dos Estrangeiros, como são Pedreiros, Carpinteiros, e outros; e destes ha tantos, que passa hum grande numero a trabalhar, e ganhar sua vida entre os Castelhanos: da mesma sorte haveria abundancia de officiais, e obreiros em todas as Artes, que de novo se introduzissem, e se occuparião nellas todós aquelles, que a necessidade, ou falta de occupação faz sahir da sua Patria.

CAPITULO 3.º

As Artes augmentão o numero da gente, e povoaráõ o Reino.

O Numero dos Vassallos, e a povoação numerosa dos Reinos he a maior felicidade delles, e o fundamento mais solido da sua conservação: como pelo contrario, tudo falta aos Estados, que tem falta de gente; e esta he a felicidade, que prometia Deos ao povo, pela boca de hum dos Profetas da Escriptura: *Dux ego convertar ad vos, et multiplicabo in vobis.* Pelo contrario, quando lhe propoem castigos: *Remanebitis pauci numero.* Roma, e Athenas entenderão que toda a sua grandeza consistia na copia numerosa dos Cidadãos: assim o lemos nas politicas de Aristoteles, e Platão: nos Decretos dos Imperadores; no Conselho, e na condição de todos os Legisladores de huma, e outra Cidade.

He grande este unico bem dependente das Artes; póde bastar por prova a experiencia do que vemos nos Reinos visinhos: Hespanha na extensão da terra he maior, que França; e igualmente abundante, e fertil; mas na povoação he tão designal, que no anno vinte deste seculo fazia Hespanha 6 milhoens de almas; e França 14. Dirão que isto procede da fecundidade das mulheres, maior nas terras frias; se isto assim fora, Polonia, que he maior que França, tivera mais gente; o que não he: a differença consiste, em que França tem mais Artifices, e mais Artes, que Hespanha, e Polonia.

Hollanda he huma pequena Provincia, cuja terra he só abundante em pastos; defendida contra as inundaçoens com hum continuo trabalho de valas, e diques; e possuida desta sorte como em precario: mas he tão povoada, que se não acha

outra em igual distancia com igual numero de mo-
radores ; e quem compara nella os Artifices com
os Lavradores, acha vinte Artifices para cada La-
vrador.

O pequeno Estado de Genova, he a parte de
Italia, em que ha mais gente, em igual distancia
de París ; e commummente se sabe que o seu mar
não produz peixes ; e os seus montes nem lenha
produzem ; e são as Artes que a tem mais rica,
e mais povoada ; que esta he a terra de lavor
tão celebrada dos Autores Latinos, e tão abundan-
te dos bens da natureza.

Há 64 annos, que as fabricas das sedas se
introduzirão em França, e no decurso delles
crescerão em numero mais de ametade as cazas,
e moradores das Cidades de Leão, e Tours ; e as
Villas de Santo Estevão, e S. . . Vemos em fim
por experiencia, que as terras, que mais florecem,
são as mais povoadas : vejamos a razão.

Londres he huma das mais povoadas Cidades da
Europa ; mas a maior parte dos seus moradores
são Artifices. No tempo das suas guerras civis,
quando os obreiros aprendizes sómente tomarão as
armas, formarão hum corpo, a que se não podia
oppor o resto dos moradores.

João Botéro, pergunta : qual he a causa por-
que huma Cidade, que começou, por exemplo ;
no anno de 600 com 200 moradores, cresceu a 2000
até o anno de 800, e depois de oito seculos não
passou de 2000 ? Parece, que segundo a razão
natural, havia de crescer em mil annos a 2000 mo-
radores, ao menos, passando em dous seculos
de 200, a 2000 ; mas esta experiencia, em quasi
todas as Naçoens do Mundo, mostra o contrario :
a razão he porque as Cidades não crescem mais
que a numero de gente, que o seu territorio póde
sustentar ; e daqui vem, diz o mesmo Autor,
que o Mundo em 1000 annos depois do Diluvio

teve tanta gente como hoje tem ; fallando em geral
do Mundo, e não desta, ou daquella Provincia.

Mas contra esta infallivel razão de João Boté-
ro, parece que está huma experiencia tambem
certa, e he : que vemos muitas Cidades (como
acima fica mostrado) de territorio fertil serem
mais povoadas, que as outras de igual territorio ;
mas este milagre obrão as Artes ; porque o preço
dellas corre abundantemente á subsistencia dos ter-
ritorios vizinhos, ou dos Reinos Estranhos, se he
maritimo o lugar, onde se trabalhão.

CAPITULO 4.°

Continúa a mesma materia.

VEjamos outra razão mais natural ; o commum
dos Homens vivem, ou das lans, ou das lavou-
ras, ou do trabalho das Artes ; de sorte, que os
meios geraes da subsitencia dos povos são a cultu-
ra da terra, e a fabrica das Artes : e assim aonde
mais se cultiva a terra, há mais lavradores ; e
aonde mais se fabrica, há mais artifices : mas es-
tes dous meios de subsistencia, se ajudão tão re-
ciprocamente, que não podem haver muitos lavra-
dores, onde ha falta de artifices : e pelo contra-
rio, há muita abundancia destes, onde as Artes
florecem.

Os lavradores cultivão a terra, até tirarem
della os fructos, que podem gastar, e de que po-
dem tirar o necessario para vestir suas familias, e
para comprar instrumentos para a lavoura ; reser-
vando huma porção para tornar á terra ; de modo
que vendendo os fructos, restituem o dinheiro ás
Artes pelas roupas, e instrumentos de que necessi-
tão ; mas se estas obras da Arte vem de fóra,
não são os Artifices os que lhes gastão os fru-
ctos : e o dinheiro, que lhes derão por ellas, passa
a ser utilidade dos Estrangeiros.

Mas supponhamos que se introduzirão as Artes na Cidade, em cujo territorio vivia este lavrador, e que o numero dos Artifices augmentou o numero dos moradores de mais duas mil pessoas, crescia necessariamente o gasto dos fructos, e o lavrador, que por exemplo não lavrava mais que dez moios, porque só a esta quantidade achava gasto, procurava cuidadosamente tirar da terra todos os mais fructos, cujo gasto lhe segura o numero da gente da Cidade.

Segue-se daqui que o lavrador, que se acha com mais cabedal, o restitue ás Artes, porque veste mais limpamente a sua familia; e crescendo na lavoura, compra mais instrumentos para ella, e por consequencia os Artifices, porque cresceo por este mesmo caminho o gasto das fabricas, crescerão em numero, e se aperfeiçoarão no trabalho.

Passemos mais adiante: o lavrador, que se vê com cabedal, passa naturalmente do necessario ao superfluo, e vendo na Cidade as Artes, e obras de que se contenta, servindo-se, por exemplo, de bancos até então, compra cadeiras, e ao mesmo passo todas aquellas couzas, que servem mais ao ornato, que á necessidade; e daqui nasce, que achando huns, e outros utilidade na vida, que tem, e segura a sua subsistencia no trabalho, se applicão a elle, e se animão todos a ter familias, e cazar suas filhas.

Para confirmação destes argumentos se não necessita de mais prova, basta lançar a consideração aos muitos artifices, que entre as naçoens estrangeiras se occupão em obrar as fabricas, que delles recebemos. Supponhamos, que há hum milhão de pessoas, que se sustentão commodamente no Reino, se nelle se obrarem aquellas fabricas, crescerá o gasto aos fructos da terra, e o Reino logrará a grande felicidade de ser mais povoado.

CAPITULO 5.º

A falta das Artes he causa da falta de gente em Castella.

A Prova maior dos Capitulos antecedentes, he examinar a causa dos direitos, com que se acha Castella. Dom Sancho de Moncada, referio sobre esta materia cousas, que causão horror: diz, que os Curas de Toledo derão hum memorial, advertindo que faltara naquella Cidade a 3.ª parte da gente: porei aqui as mesmas palavras do Autor.

,, En la carneceria se pesa menos de la mitad
,, de la carne, que solia: es cosa lastimosa que
,, de 60 casas de Mayorasgos de a tres mil ducados
,, de renta, que solia tener Toledo, no quedan
,, seis: y de toda Castilla, Andaluzia, Mancha,
,, Reino de Valencia, y asta de Sevilla, todos son
,, del Pueblo: y el Padre Fray Diego del Escorial
,, refere, que lhe dixo el Obispo de Avila, que
,, de poco acá faltaban 68 pillas em su obispado. ,,

Este he o lastimoso estado de Hespanha, tão fertil em outro tempo, e tão abundante de gente, que refere Julio Pacense, que no tempo, que Augusto mandou numerar os vassallos do Imperio, se acharão sómente em Luzitania, cinco milhoens, e sessenta e oito mil pares de familias. He observada entre os Autores a fecundidade das mulheres Portuguezas, e os frequentes partos de tres filhos.

As cauzas, que commummente dá o Mundo a esta falta, são as Colonias das Indias, a expulsão dos Mouriscos, e as guerras de Italia e Flandes; mas todas estas causas, na opinião do Autor citado, são sem fundamento: na expulsão dos Mouriscos sahirão de Hespanha 600 ⅌ — pessoas, numero facil de restaurar em poucos annos: há vinte e cinco, que em Napoles morrerão de peste duzentas mil; e hoje se acha este numero restaurado; maior numero de gente se perdeo, e restaurou brevemente.

Depois da conquista de Granada até o Reinado de Felippe III não houve guerras em Hespanha, e no anno de 1600 se começou a sentir a falta de gente. Em França houverão quarenta annos de guerras Civis, e não se conheceo no fim diminuição nós povos; donde se segue, que a guerra não foi a cauza da falta de gente em Hespanha; nem o póde ser em França. As Colonias, e os descobrimentos não são a causa, porque (commummente fallando) não sahe da Patria, para viver nas alheias, quem tem subsistencia certa na propria. As inundaçoens de gente, de que temos tantos exemplos nas historias, succederão como as inundaçoens dos Rios, que sahem dos canais a alagar os campos, quando as agoas não cabem no caminho natural por onde corrião. Quando os Gôdos, Vandalos, Suévos, e mais Naçoens Septentrionais passarão o Rim, e o Danubio, não deixarão desertas as Patrias, donde sahirão, antes tão povoadas como hoje as vemos. A Nova França, a Virginia, e as muitas Ilhas, que tem as Colonia Inglezas, e Francezas não diminuem a povoação de França, e de Inglaterra.

Outra causa se aponta commummente, que são as muitas Religioens, que ha em Hespanha; porque Navarrense afirma que havia no seu tempo setenta mil Frades; mas esta não póde ser a causa; porque em França ha muito maior numero de Religiozos, e Conventos, sem que hajão de diminuir a povoação daquelle Reino. Todas estas causas pódem concorrer para a falta de gente; mas não são causas totais da falta. D. Sancho de Moncada refuta todas estas causas, com a razão de que são mais antigas, que a falta de gente; e conclue, que a falta das Artes he a unica causa dos dezertos de Castella; porque depois de se perderem as Artes faltou a gente.

Esta he a razão, e não póde ser outra; mas

demos a conhecer a causa natural deste effeito. Todas as causas, que se apontão, não podião despovoar Hespanha, porque ficavão os meios para se restaurar aquella falta; que são unicamente dous: hum a fecundidade das mulheres, outro, o ter com que subsistir a gente; logo a falta das Artes tirou este segundo meio, e he a causa de se achar Hespanha falta de gente; a menor desta concluzão fica provada por todo este discurso.

CAPITULO 6.º

Qual he a causa, porque se perderão as Artes em Hespanha?

DIrão que Hespanha sempre foi falta de Artes; o que he falso, porque Hespanha sempre teve as Artes necessarias: ainda hoje em todos os Reinos da Europa, quando querem encarecer huma boa seda, dizem, que he Granada: e quando hum bom panno, dizem que he Segovia. Sabemos, que os Catalaens tiverão trinta Nãos, com que navegavão a Levante as manufacturas Hespanholas; e hoje, que não tem que navegar, não tem huma barca. Em Messina ha huma Casa de Consulado, como em Anvers, que conserva o nome de Portugal.

Mas resta ver como se perderão as Artes em Hespanha, que ao menos servirá para conservar as poucas, que ha no Reino, quando não cuidemos em introduzi-las de novo. Os descobrimentos das Indias, as grandes Colonias, que naquelle vasto mundo se sugeitarão, a que foi necessario acodir, foi causa de que se necessitasse de mais roupas, e de mais manufacturas, do que os Artifices de Hespanha podião fabricar; e por consequencia, que os moradores pedissem humas, e outras ás Naçoens vizinhas; as quaes com a ambição do ouro, e

prata, por que as commutavão, acodirão a Hespanha com mais copia do que se lhes pedia.

Como as mercadorias Estrangeiras erão mais vistozas, ainda que na sustancia falsas, e as davão a melhor preço do que as podião dar os Artifices de Hespanha, começarão a ter grande gasto, não só nas Indias, para onde forão buscadas, mas em Hespanha: a que ajudou o ordinario erro, com que entendemos que tudo o que vem de fóra he melhor. Com este engano foi insensivelmente faltando o gasto a todos os generos, que fabricavão em Hespanha, e por consequencia perdendo-se os Artifices; porque não podião fabricar o que não gastavão; e todos se passarão ás Indias a buscar outro modo de vida.

Não se reparou neste damno, que podéra ter facil remedio no principio; e ficou Hespanha sem Artes, e sem os muitos homens, que das fabricas, e uzo dellas se alimentavão; e dando ás Naçoens Estrangeiras pelas roupas todo o ouro, e prata, que navegavão das Indias. Quem não dirá, que este foi o castigo das crueldades, que os Castelhanos executarão nos innocentes moradores daquelle vasto mundo; e que despovoando aquellas Regioens de seus antigos moradores, cahio sobre elles aquelle castigo: *Remanebitis pauci numero?*

CAPITULO 7.º

Que a Portugal, mais que a outra Nação da Europa, he util, e necessaria a introducção das Artes.

A Introducção das Artes he util, e necessaria a todas as Naçoens do Mundo; mas especialmente a Portugal mais necessaria, e util, que a nenhuma outra Nação: 1.º porque a falta das Artes lhe será mais damnoza, que a nenhuma outra Nação.

2.º Porque a abundancia das Artes lhe será mais util, que a nenhuma outra, pela sua situação; e pela incomparavel qualidade do Porto de Lisboa.

Quanto ao primeiro ponto, que a falta das Artes será mais damnosa a Portugal, que a nenhum outro Reino, se prova facilmente. A Nação Portugueza naturalmente bellicoza, e ambiciosa, não intentou estender-se, e accrescentar o Dominio em Europa; ou por guardar a boa fé com os vizinhos; ou porque a destinou Deos (como parece) para outros fins: e não cabendo nos limites deste Reino, sahio a conquistar, e descobrir o Mundo, primeiro em Africa, depois em Asia, e na America: nesta ultima parte possue oitocentas leguas de Costa, que achámos inculta, e barbara; mas sem duvida a mais rica, fertil, e ditosa parte do Mundo. Nella temos varias Colonias, onde em poucos annos de paz crescerão em numero os habitadores; e ao mesmo passo que crescerão, necessitarão o genero de roupas, e manufacturas da Europa, dando em troca tudo o que a cultura tem até agora descoberto, e todas as riquezas, que o tempo, e industria podem descobrir. Se as obras, de que necessitarem, forem Estrangeiras, será tambem dos Estrangeiros a utilidade, que a nossa industria descobrir nellas, e o nosso trabalho cultivar; e viremos a ser no Brazil huns feitores das Naçoens da Europa, como são os Castelhanos, que para ellas tirão das entranhas da terra o ouro, e a prata.

A experiencia nos tem mostrado isto mesmo; em Moçambique, ou nos Rios de Senna, aquella vasta e riquissima Região, que possuimos sem a conhecer, necessita de roupas, pelas quaes nos commuta ouro, e marfim, que por ellas recebemos; e porque as roupas são da India, para a India vai todo o ouro e marfim: por ultima conclozão, a introducção das Artes há de obrar, que sejamos

senhores uteis do Brazil; e a falta dellas, que seja o dominio util naquelle estado, das Naçoens da Europa.

Este Reino tem pela introducção das Artes, duas utilidades especificas, que não convém a nenhum outro Reino: a 1.ª he, que corre a elle por caminho mais natural todo, ou a maior parte do dinheiro, que corre de Castella para as mais Naçoens da Europa; porque cem leguas de Continente, com que estamos unidos a ella, serão outras tantas portas para entrarem as fazendas lavradas, tanto a melhor preço, como se poupará de fretes, de cambios, de seguros, de piratas, e riscos do mar; os Castelhanos tem hum grande interesse nesta parte; porque he certo, que os Estrangeiros lhes fazem a guerra com o seu ouro; e que nós, sendo invadida Hespanha, acodiremos a defende-la. Tão cega he a sua paixão; e tão mal entendida nesta parte, que defendem de nós com maior cuidado o seu commercio, que das mais Naçoens da Europa.

CAPITULO 8.º

Continúa a mesma materia.

A Segunda utilidade especifica he, que o Porto de Lisboa he sem questão entre os homens, que escrevem, e fallão neste particular, hum dos melhores dous portos do Mundo, = que são Lisboa, e Constantinopla, = e por consequencia estas duas Cidades, unicamente capazes de serem os maiores dous Emporios do Mundo: ambos são igualmente grandes, e seguros. Constantinopla está entre dous mares, situada em Europa, visinha da Asia, e não distante da Africa; mas a situação de Lisboa he incomparavelmente melhor, porque está no Oceano, e sessenta leguas ás portas do mediterraneo,

Antes que dobrassemos o Cabo da Boa Esperança, e antes que se descobrisse a America, se poderia considerar Constantinopla em melhor situação, a respeito do Mundo conhecido; mas depois que pelos mares se communicou o Occidente com o Oriente; depois que se descobrio hum novo Mundo, Constantinopla he o melhor Porto do Mediterraneo; mas Lisboa o melhor Porto do Mundo.

Isto supposto; o commercio se faz, ou pelas producçoens da natureza, ou pelas obras da Arte: o Reino he abundante das producçoens da natureza; mas porque a Providencia as dividio pelos climas, Lisboa as póde receber de todos, e mandar de huns a outros mais facil, e commodamente. Se tiver obras da arte em abundancia, como póde ter as producçoens da natureza, será senhora do Mundo.

Amsterdão he huma Cidade, que está oito mezes do anno coberta de neve, e que tem quatro canaes, e portos gelados: as estradas necessitão de que todos os annos se limpem, e abrão: todos os ventos rijos lhe são contrarios, e poucos brandos lhe são favoraveis; mas todos estes defeitos da natureza suprio a industria, e o trabalho dos homens: de sorte que Amsterdão com as artes, e com o commercio se fez porto celebre, e riquissimo.

Londres, tem huma ribeira capacissima, e he Corte, e cabeça de hum grande Reino; mas o que a faz grande, e populoza são as Artes; de sorte que, se lhe tirassem as Artes, seria huma Aldêa, em que assiste hum Rei, e a sua Corte.

Muitos entendem que a causa da grandeza de Paris procede de ser cabeça de hum grande Reino, e assistir nella a Corte; mas vemos, que Madrid he cabeça de hum grande Reino, e assiste nella hum grande Rei; e he com tudo huma Aldêa, comparada com Amsterdão, Londres, e Paris.

CAPITULO ULTIMO.

Que a introducção das Artes fará crescer as Rendas Reaes.

HE possivel a prova, e consequencia infallivel de tudo o que temos dito. Tudo o que crescer com as Artes o numero das gentes, cresceráõ as rendas nos annuaes, de que se tirão Tributos; porque os Tributos crescem ao mesmo tempo, que se augmenta o numero das pessoas, que tributão. O pezo, que levão poucos, dividido por muitos, he mais facil de levar, e pódem ser maiores as rendas da fructa, carnes, pescado, e vinho &c. Rendem por exemplo 300$ reis com 100$ moradores: hão de render por consequencia certa 600$ reis com 200$ moradores. Diráõ que ha de diminuir a Alfandega por falta das entradas das fazendas: esta diminuição não póde comparar-se com as utilidades apontadas; além de que se dobra, e multiplica por outros caminhos. Supponhamos, que toda a lan, que ha no Reino, se fabrica nelle, quando da mão do Lavrador até á do Alfaiate não pague mais que 5 por 100, dobra o que a falta das entradas póde diminuir. Este mesmo argumento serve para todas as outras materias; além de que, a fabrica he facil, e necessaria; e de que se póde fazer estanco, com grande utilidade do Patrimonio Real.

Conclusão deste discurso.

SEja a conclusão deste discurso hum lugar da Escriptura nos Proverbios, a favor das Artes. Faz o Sabio hum retrato da mulher forte, e diz, que buscou lan, e linho, *Quæsivit lanam, et linum*, e fez fabrica de huma e outra materia, *et operata est consilio manuum suarum*, fez a sua casa huma Náo de mercadorias, que traz o sustento, e rique-

za de partes remotas, *facta est quasi Navis institoris, de longe portans panem*: achou gasto, e proveito no seu trabalho, *gustavit, et vidit quia bona est negotiatio ejus*: fez roupas, que vendeo depois de dar a todos os seus domesticos dois vestidos: *sindonem fecit, et vendidit; omnes domestici ejus vestiti sunt duplicibus.*

Hum Reino he huma grande familia: se nelle se obrar o que fez a Matrona na sua casa, se seguirá infallivelmente, que as riquezas, que vamos buscar por tantos perigos a tão diversos climas, serão patrimonio do mesmo Reino: seremos muitos em numero, unica felicidade das Monarchias: cultivaremos huma terra fertilissima, que ha de pagar os beneficios, que lhe fizermos, com abundantes fructos. Teremos gente para a guerra, para as Colonias, e para as Armadas; e daremos occupação aos sugeitos, e desterraremos da Republica a ociosidade, mortal inimiga da Sociedade Civil. Faremos Lisboa o mais rico Emporio do Mundo; deposito, e escolha de todo o commercio delles. Crescerá o Patrimonio Real, com maior numero, e maior riqueza dos Vassallos. Não se riráõ de nós os Estrangeiros, que commummente nos estimão por Indios da Europa; e conseguiremos a felicidade, que logrou no fim do seu trabalho a Mulher forte, *Ridebit in novissimo die.*

Paris o ultimo de Abril de 1675.

Duarte Ribeiro de Macedo.

HISTORIA.

Continuação das Memorias Historicas sobre o Rio de Janeiro.

PElos annos de 1693 governou o Rio de Janeiro Antonio Paes de Sande, e por seu falecimento ficou o Senado regendo esta Capitania.

D. João de Lancastro, sendo Governador Geral do Estado, proveo o Governo do Rio de Janeiro em André Cosaco, Irlandez, e Mestre de Campo do Terço velho da Cidade da Bahia, que delle se apossou a 7 de Outubro de 1694.

Depois veio Sebastião de Castro Caldas, que tomou posse a 19 de Abril de 1695.

Artur de Sá e Menezes, que foi o primeiro Governador, que a este titulo ajuntou o de Capitão General, tomou posse a 2 de Abril de 1697. A 15 de Outubro do mesmo anno embarcou para Santos, a fim de visitar pessoalmente as minas de S. Paulo, como lhe ordenara o Senhor Rei D. Pedro II, e em sua ausencia, ficou fazendo as suas vezes o Sargento Maior Martim Correa Vasquianes, em consequencia de huma Carta Regia, dirigida á Camara desta Cidade. A 3 de Maio de 1699 já se havia recolhido Artur de Sá e Menezes; mas por Ordem de Sua Magestade, deixou outra vez o Rio de Janeiro para hir a Minas Geraes, e nesta segunda ausencia, se devolveu o Governo a Francisco de Castro de Moraes, como El-Rei ordenava.

Artur de Sá e Menezes demorou-se pelas Minas até a chegada de seu Successor D. Alvaro da Silveira, que tomou posse a 15 de Julho de 1702. Foi no seu tempo que se construio a Casa da Alfandega.

Seguio-se D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro, o qual tomou entrega do Governo

no 1.º de Agosto de 1705. Este Governador tambem foi a Minas, e na sua ausencia ficou governando o Bispo D. Francisco de S. Jeronimo, conjunctamente com o Mestre de Campo Gregorio de Castro de Moraes, e com o Sargento Maior Martim Correa Vasquianes.

Antonio de Albuquerque Coelho tomou posse deste governo a 11 de Junho de 1709, e pouco tempo depois se pôz a caminho para Minas Geraes: ignora-se quem ficou governando em sua ausencia. Voltando, demorou-se pouco tempo nesta Cidade; porque o Senhor Rei D. João V. o mandou crear o Governo de S. Paulo, e Minas Geraes, que então deixou de ser subalterno, para onde partio em 1710.

A 30 de Abril do mesmo anno tornou a governar Francisco de Castro de Moraes, por Patente e Carta de Sua Magestade.

Durante esta serie de governos, apenas enunciada, e cujas particularidades, que tambem julgamos de pouco momento, não estamos em circunstancias de destrinçar pela pobreza de materiaes, durante este periodo, o Rio de Janeiro foi crescendo com vehemencia em população e riquezas, não só pelos desvelos dos Governadores, mas porque pela sua situação esta Cidade, aliás colocada em hum territorio fertilissimo, he como o centro, para onde affluem os thesouros do rico paiz das Minas Geraes; e já a este tempo era notoria a toda a Europa a sua opulencia. Esta Cidade que, por huma excepção digna de nota, havia escapado á dominação Hollandeza, no tempo em que a Bahia, Paranambuco, Espirito Santo, e outras muitas povoaçoens havião succumbido á usurpação desta, outrora nação tão florescente, esta Cidade sofre agora perturbaçoens, suscitadas pelos seus eternos inimigos os Francezes.

Sahio de França huma expedição de 5 Nãos

de linha e dois Navios, commandada por João Francisco Du-clerc, trazendo gente de desembarque, com o destino, segundo alguns pensárão, de conquista, mas segundo o que parece mais verosimil, com o fito em hum saque de grande valor, effeituado de hum golpe de mão; e em hum sabbado 16 de Agosto de 1710, das 8 para as 9 horas da noite, chegarão das Fortalezas da barra as participaçoens de se haverem avistado detarde 5 embarcaçoens de alto bordo. O Governador mandou immediatamente tocar a rebate, e fez as suas disposiçoens para a defensa. Seu irmão, o Mestre de Campo Gregorio de Castro de Moraes, guarneceu com o seu Terço as praias da Cidade; os Terços dos Mestres de Campo Francisco Ribeiro, e João de Paiva, forão divididos pelas Fortalezas, e mais postos, que pareceu conveniente occupar. Os Terços dos Auxiliares, e os Regimentos das Ordenanças forão tambem distribuidos por differentes pontos. Passou-se a noite nestas disposiçoens, e ao amanhecer se deixarão ver ao largo as embarcaçoens embandeiradas. Das 3 para as 4 horas da tarde vierão com a viração chegando-se ás Fortalezas, dando indicios de quererem entrar a barra; pelo que a Fortaleza de S. Cruz disparou hum tiro seco, para mandarem a lancha a dizer quem erão, e donde vinhão, segundo a pratica usual; mas vendo que, a despeito daquelle signal, proseguião a vante, o repetio com bala, e empregando hum tiro no costado da Capitania, esta deu logo fundo, e o mesmo fizerão as outras. Nesta occasião foi tomada huma Sumaca nossa, que não evitou o encontro do inimigo, por julgar aquellas embarcaçoens Inglezas. A noite se passou em desasocego; mas ao amanhecer vio-se que o inimigo se fazia ao largo, e os animos se tranquillizarão imprudentemente.

Quizerão os Francezes effeituar hum desembarque na praia da Sacopemba; mas sendo repellidos

pelos Regimentos das Ordenanças, que a guarnecião, a tempo que o Governador mandava fortalecer melhor este ponto com tropas pagas, desistirão desta empresa, e proejárão para a Ilha Grande. Chegarão defronte da povoação da Ilha, onde estava o Capitão mandante do Terço de Francisco Ribeiro, que se havia fortificado com bastidas, e trincheiras; e o inimigo depois de consumir grande quantidade de balas, e de presenciar o pouco effeito das suas bombas contra huma terra ainda na infancia, contentou-se em fazer algumas pequenas incursoens em lugares visinhos, e se dirigio para a barra da Guaratiba. Alli desembarcarão os Francezes mil e tantos homens, que se dirigirão ao sitio da Vargem, onde roubarão e destruirão as fazendas dos Monges Beneditinos, e outras que pelo caminho encontrarão. O Governador, logo que soube estas noticias, cuidou em reunir as forças todas, que tinha ao seu dispor, e se intrincheirou no Campo da Cidade, em que hoje existe a Igreja do Rozario, apoiando as suas alas nos dois morros de Santo Antonio, e da Conceição, em que existia a fortaleza deste nome. Constava o nosso exercito de 8ↀ homens entre pagos, Auxiliares, e Ordenanças, além de 5ↀ pardos e pretos armados de espingardas, ou chuços, e de 600 Indios frecheiros. Os Francezes, despresando sempre os caminhos trilhados, dirigirão a sua marcha pelo Engenho da agoa, passarão a serra de Jacarepaguá, e a descida da Varginha, vierão a Andrai, e na tarde do dia 18 se achavão no Engenho Velho, que foi dos Padres da Companhia, onde passarão a noite em tranquillidade, e contentamento. O Governador que podia paralisar na origem esta temeraria empreza, mandando defender convenientemente as gargantas, barrancos, e grande numero de passos difficeis e empidosos, onde facilmente se poderião tolher, e fazer abortar mais bem concertados planos, Fran-

cisco de Castro contentou-se de mandar ao seu encontro pequenas partidas, que mais servirão de testemunhar que de impedir o passo ao inimigo, o qual apenas sofreu na descida da Varginha a perda de 20 homens, mortos pelos tiros dos negros do Capitão José Freire, e de alguma gente, que ali se achava emboscada.

Ao romper do dia sahirão os Francezes do Engenho Velho, e se encaminharão para a Cidade, deitando corpos flanqueadores para a direita, e para a esquerda, que se vinhão apossando das alturas, entretanto que o corpo do exercito seguia a estrada da planicie, guiado por dous miseraveis negros, que para este effeito havião trazido da Ilha Grande. Chegados ao ponto, em que a estrada se dividia para o morro do Desterro, reunirão-se ao corpo do exercito os flanqueadores da esquerda, e assim unidos proseguirão para a Cidade, entre tanto que os flanqueadores da direita forão detidos neste morro, que foi o theatro de huma pequena, mas brilhante acção.

Achava-se ali emboscada alguma gente de Milicias, e logo que se avistou o inimigo, Fr. Francisco de Menezes, Religioso da Trindade, que se comportou em toda esta contenda como valente soldado, conduzindo 25 destes homens, fez fogo sobre o inimigo, matando-lhe muitos dos voluntarios, que marchavão na vanguarda. A isto acodirão os flanqueadores que occupavão o morro, e como erão muito superiores em numero, facilmente dispersarão a maior parte da nossa gente. Ficarão todavia 9 alentados homens sostendo o pezo todo do inimigo, e Fr. Francisco, vendo o seu heroico brio, voa por entre hum chuveiro de balas a buscar reforço para soccorre-los; encontra o Tenente Coronel de Engenheiros José Vieira, persuade-o a subir ao monte para sustentar a briga com a esperança de soccorro, entre tanto que elle nenhum

Notas.

(1) Especie de tijolos não cozidos, e feitos de terra solta hum tanto carregada de argila, batida em moldes, ou fôrmas de madeira: he o que os Francezes chamão *pise*.

(2) O que aqui digo he fundado na possibilidade, que ha em dividir os prismas de base quadrangular em 3 piramides iguaes. No caso em questão as terras contidas no cûbo, que tem por base A*c*B*d*, se divide em 3 piramides, huma forma o angulo da escarpa, correndo sobre os seus planos inclinados AB*d*, AB*c*, carregão huma na parte A*c* do muro, e outra na A*d*; estas partes sustentão evidentemente cada huma o terço do volume de terra contido no espaço A*c*B*d*, quando em todo o comprimento do muro cada parte simelhante á A*c*, ou A*d*, suporta o esforço de metade das terras contidas em hum cubo da mesma dimensão do que supponos formado no angulo do muro.

(3) Os resultados principaes das experiencias, que Mr. Gauthey fez, se achão impressos nas Memorias da Academia de Dijon.

Agricultura.

Memoria sobre a Cochonilha e o methodo de a propagar, offerecida aos lavradores Brazileiros, por hum patriota zelozo, e amante da felicidade publica.

Dedicatoria.

A Quem com mais satisfação poderia eu communicar as minhas observaçoens do que a vós?

He a Cochonilha este util ramo de commercio, que teve o seu principio neste nosso Paiz no Vice-

Reinado do Excellentissimo Marquez de Lavradio, e depois no do Excellentissimo Luiz de Vasconcellos e Souza, que fizerão quanto poderão para introduzir, e elevar neste Paiz ao maior auge a sua cultura: mas a falta dos verdadeiros conhecimentos sobre esta materia foi a cauza de não terdes visto realizados os seus louvaveis trabalhos e dezejos; porque o errado methodo, que vos foi ensinado, de então propagar a Cochonilha, tirando parte da vermina de huns cardos, e pondo-a em outros, não vos produzindo a sua dezejada propagação, deu-vos cauza de ser totalmente abandonada esta cultura, para que he tão proprio este clima: porém eu animado, e esperançado nos dezejos, que tenho de ser util a vós e a Estado, vou participar-vos as verdadeiras luzes, que tenho adquirido sobre este objecto, dando-vos o methodo de a propagardes para que sejais util a vós mesmos, e promovais a felicidade da minha e vossa Patria, e da Nação inteira, e de ter eu a satisfação de ver aceito, e posto em pratica o meu trabalho pelos meus Patricios zelozos, e agradecidos ás riquezas da omnipotente Natureza, julgando-me ser o primeiro que com tanta individuação vos faça conhecer a Cochonilha, e a sua propagação.

INTRODUCÇÃO.

O Excellentissimo Marquez de Lavradio no segundo anno do seu Vice-Reinado, movido por alguns genios Literatos amantes do bem publico estabeleceu nesta Capital huma sociedade denominada = Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro =: e bem que estabelecida sem aquelles fundamentos necessarios para a sua conservação, com tudo bastou-lhe o zello e actividade do seu Autor para ella, não só continuar no exercicio, para que tinha sido creada, de promover a felicidade publica por meio da Agricultura, como tambem de desenvolver idéas profficuas adormecidas em cabeças, que parecião obtuzas, e pouco scientificas. (Tanto póde a emulação fomentada pelas almas grandes!)

Na continuação da sua marcha descobriu-se a erva do Anil, e a Cochonilha: estes dous ricos ramos de commercio forão que felicitarão a tantos agricultores, que vivião com suas familias subjugadas pelas forças da pobreza nas suas pobres cabanas cobertas de palha. Com a mudança e retirada daquelle Marquez afrouxarão-se as forças da recemnascida Sociedade, e hindo já a ponto de extinguir-se, apparecerão novos socios com maior zelo, e amor do bem publico, que procurando ao novo Vice-Rei, o Excellentissimo Vasconcellos, fizerão-lhe conhecer a utilidade daquelle estabelecimento; ao que elle annuio, como era de esperar do homem de letras, e por seu beneplacito organizou-se a mesma debaixo de seus estatutos, tendo caza propria para as secçoens nas quintas feiras das semanas. Alli não só se tratava da Philosophia, Mathematica, Astronomia, modos de facilitar os trabalhos do Agricultor, fazendo-lhe conhecer a qualidade do terreno para não ser infructuosa a sua lavoura, como se tratava da saude publica entre os Medicos, e Cirurgioens peritos, e dignos de serem membros daquella sociedade; respondendo a consultas, decidindo questoens sobre as molestias que graçavão, analizando agoas e mais substancias necessarias á vida do homem, tendo em vista a formação de Medalhas de ouro, e prata, feitas para premiar a aquelles, que sabiamente satisfizessem ás propostas publicadas pela sociedade: e quando esta se achava envolta em trabalhos de mera utilidade publica, chegou a mudança e retirada do Excellentissimo Vasconcellos. O novo Vice-Rei, o Excellentissimo Conde de Rezende, a extinguio por motivos alheios deste lugar, ficando muitos projectos uteis em esquecimento: mas eu vou publicar hum delles por me parecer de grande utilidade.

Este estabelecimento social era mantido pelos socios nas suas despezas.

MEMORIA.

A Cochonilha, vulgarmente assim chamada, he huma Larva (Lagarta) de huma Mosca (est. f. I) que, como os mais Insectos da sua ordem, e segundo a natureza de cada hum, procura pasto proprio para nelle pôr, e chocar seus ovos, tirar e sustentar seus filhos até a sua methamorphose.

Esta Mosca he cumprida, tem o dorço riscado longitudinalmente de riscas subtilmente peludas de côr de cana, e do mesmo modo a cabeça e sua frente; as juntas das pernas cingidas da mesma côr; o seu ventre figurado em sublimatorio, em que contém certo humor alimenticio innato, que a alimenta: ella he de côr enegrecida, suas azas são transparentes, e nos cotovellos tem huma mancha mais escura á proporção da mais côr: ella he veloz, e muito serena no voar.

O acazo he que me fez entrar nesta indagação. Como visse sobre a têa da Cochonilha formigarem, e voarem miudissimos insectos de côr branca, que com a vista não podia distinguir bem; cortei pedaços daquelles cardos, para em caza examinar ao microscopio; e porque não podesse de huma vez concluir as minhas indagaçoens, meti-os em hum copo tapando-o; e a minha occupação cauzou demora ás minhas observaçoens: porém, passados alguns dias, fui ver o copo, em que achei sete moscas vivas, e cinco mortas, e entre estas huma morta a sahir da sua ninfa (*f.* 6), e muitos dos outros miudissimos insectos vivos. Entrei então a dar mais seria atenção, examinando mais exactamente para chegar aos conhecimentos, que vou escrever.

Os miudissimos insectos, de que não pude

conhecer a ordem, tem duas azas brancas, dous cabellos ou cedas brancas no cocci, por cauda, muito compridos em razão do seu corpo, que julguei serem leme para a direcção de voar; tem seis pernas, duas antenas, quatro olhos, dous em cada lado da caboça, e o corpo, pernas, cabeça, e antenas rugosamente formado, he de côr de roza. Este insecto he sempre constante, e junto á vermina da Cochonilha, e que nenhum mal faz ao cultivador, nem ao commercio.

A larva da mosca Cochonilha, (*f.* 2) quando sahe do ovo, se involve em huma têa de seu fabrico muito fina, e subtil de côr branca, para se defender certamente do tempo, até que chegue ao seu crescimento necessario, alimentando-se do suco da planta cardo, para se transformar em huma pequena ninfa de côr cinzenta (*f.* 5), que ou fica preza dentro da mesma têa, ou se prende por certo humor seu mesmo em qualquer parte da mesma planta; e isto ainda no estado de larva.

Da ninfa, passado o tempo competente, nasce a mosca, que, julgo, propaga logo depois do seu nascimento methamorphosico; porque parece-me ser a sua vida curta, e durar sómente em quanto dura, e vai-se consumindo aquelle humor alimenticio, que contém o seu ventre; pois que não pude achar substancia alguma, que lhe servisse de alimento, apezar das deligencias, que fiz, deitando-lhe differentes substancias, em quanto as tinha prezas no copo, até morrerem á falta de alimento: bem que poderá haver algumas substancias, que as alimentem nos bosques.

A mosca, logo que nasce da ninfa, he muito languida, e traz o ventre involto nas azas; e se ella, não ficando preza por alguns instantes na planta cardo, em quanto adquire forças para voar, cahir em terra, póde ser devorada por outros insectos, ou animaes: por isso deve o cultivador ter

os lugares da sua criação, e cultura bem limpos de formigas, e de outros inimigos, que possão fazer-lhe mal.

A larva no seu terceiro e quatro estado de crescimento tem o feitio de percevejo, porém arrastra-se, isto he, não tem patas: ella póde-se considerar em tres estados: quando ella nasce, que he muito pequena, e em que não faz conta a sua colheita, (*f.* 2) época esta em que os seus cazulinhos são miudissimos: quando ella tendo chegado ao seu perfeito crescimento (*f.* 3 e 4) os cazulinhos, em que está envolvida, ficão redondos e cheios, porque ella os enche com o crescimento do seu corpo, e nesta época he de grande proveito pela bella côr, e a abundancia do suco, e não deve o cultivador esperar pelo ultimo estado, porque ella principia a perder a côr vermelha, e a passar gradualmente para escura, até converter-se em ninfa.

Eu observei que no cardo, que dá a flor vermelha, e de que o fructo no estado de maduro fica externamente vermelho, a Cochonilha adquire melhor côr: pelo que o cultivador deve escolher estes d'entre os outros, para a sua plantação, e criação da Cochonilha.

Quando o cultivador fizer a colheita, que se faz varrendo a vermina com hum pincel aspero, deve deixar varios cardos entremediadamente dispersos, cheios de pequenos paquetes, ou ninhos de larvas, afim destas passarem á transformação de moscas para fazerem nova geração; e não havendo esta cautella, extinguir-se-há a propagação necessaria: pelo que a colheita total da vermina, e a ignorancia dos nossos cultivadores nesta materia, foi cauza de se perder este ramo de commercio, que tem feito a felicidade de muitos habitantes do Mexico.

Os cultivadores daquelle Paiz plantão os cardos ao redor das suas cabanas, para mais facilmente fazerem as colheitas, e fazem grandes e extensas plantaçoens, de que se seguem dous proveitos; o do lucro, e o de ficar a mosca como domestica, pelo interesse, que tem daquelle pasto perenne, e proprio para a criação de seus filhos, conforme a Lei da Natureza.

Este exemplo devem seguir os nossos lavradores, se quizerem ser uteis a si, e á Patria, pois que não póde haver huma planta de menos trabalho, e mais lucrativa, a que qualquer terreno sirva, e que possa melhor servir de herdade, e que nem lhe seja necessario tanta escravatura, para fazer huma fortuna perenne.

Para que hum lavrador faça fortuna, carece fazer grandes plantaçoens de qualquer dos generos, e para isto necessita de muitos braços, quando hum só homem ou mulher póde por si mesmo fazer fortuna, sem muito trabalho; porque huma vez plantados os cardos, que se plantão de estaca, tarde morrem, e havendo cuidado replantão-se novas estacas, sem que por isso se augmente trabalho.

Como as chuvas fazem grave mal, conforme a minha observação, e mesmo matão a vermina, e ficão os seus ninhos ensopados de tinta vermelha, pela morte desta, que ao depois de enchutos os cultivadores ignorantemente fazião a colheita, e a preparavão para commercio com prejuizo de quem a comprava, por não ser mais que a têa verminoza, tinta com a morte do bixo pela agoa da chuva: por isso em tempo chuvozo deve o cultivador cobrir com toldos, ou de outro qualquer modo que lhe for mais conveniente, e menos despendioso, as suas plantaçoens dos cardos, em que tiver vermina; para o que deve planta-los em ruas com symetria, para os poder cobrir facilmente, logo que o tempo prometter chuva.

Chegado o tempo da colheita, que só a expe-

riencia dará ao cultivador vistas de conhecer o estado perfeito do bom rendimento do bixo, terá prontas huma ou duas bocetas chatas, proporcionadas á sua colheita, de folha ingleza, ou de outro qualquer metal, aceadas, e dentro meterão a vermina, que lhe dará hum grão de calor ao fogo sufficiente, que mate o bixo, e não o torre; porque na percizão desta operação está a intensidade da côr, e não como se fazia em ar livre, reduzindo-se a vermina em huma materia carbonoza dura em granitos sem mais proveito, que a má fama ao commercio.

Reparando na mudança, que fazem os fructos dos cardos, da côr verde para a vermelha, quando chegão á sua perfeita maduração, lembro se será a côr da Cochonilha huma transmudação do suco da planta combinando-se com certos principios da animalisação do bixo, porque os insectos, de que acima fallei, crião-se nos cardos, são de côr vermelha, são differentes, e ainda que são dipteros, não são moscas. Talvez a Quimica possa fazer a mesma mudança, que faz a larva no suco da planta: e esta descoberta seria de grande proveito ao Estado.

No tempo, em que me occupava da Cochonilha, encontrei o bixo da Cera nas folhas do Araçazeiro: (Psidium; Ycosandria Monoginia) fiz a deligencia de descobrir a sua methamorphose, porque conheci ser huma larva, que pascentava-se do suco das folhas do Araçazeiro, de que transmudava para a côr vermelha, cobrindo-se com a materia ceroza, que ella fabrica da mesma folha para se guardar do tempo. A minha occupação não me permittio lugar para conhecer a larva.

Eu convido os meus Patricios Roceiros a plantarem grandes roçarias de cardos, para criarem e colherem grande soma de Cochonilha, cujo trabalho de bom proveito não os embaraçará das outras plantaçoens do uzo commum, porque para a Cochonilha não se necessita tanta escravatura para tirar lucro.

Depois da vossa roçaria dos cardos pegar a vegetar, hireis buscar cardos, que estejão cheios de Cochonilha, e os plantareis por entre os da vossa roçaria, e delles tereis grande cuidado para que não morra a vermina, que passado o tempo competente, vereis que se ha de hir propagando pela mosca em todos os cardos, e então vereis e conhecereis a mosca, que vos facilita o lucro para a estimardes.

Eu achei muita vermina nos cardos, Jurubébas, e nas mais especies deste genero nos campos e restingas da Lago de Rodrigo de Freitas. (Cactus; Ycosandria Monoginia.)

Jacinto José da Silva Quintão.

HYDROGRAPHIA.

Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fonceca. Continuadas do N.º 3.º pag. 16.

Terra Hespanhola de 1714.

HUM Brigue, que sahio de Lima em 1714 para a Ilha de Chiloé, na sua derrota, descobrio no parallelo de 38° S., e 550 legoas ao Oeste da Costa do Chili, huma terra elevada, que costeou durante hum dia, e julgou pelos fogos, que percebeo de noite que era habitada: os ventos contrarios o fizerão arribar á Conceição, Porto da mesma Costa, onde achou o Navio de Tresne Marion, e este Capitão assegurou no seu regresso, ter visto o diario do Capitão Hespanhol.

A' vista do exposto os Geografos tem achado acertado collocar esta terra sobre o parallelo de 38° no meridiano de 3 ou 4° ao Oriente da Ilha

da Pascoa de Roggewein: estas terras vistas em 1714 parecem ser aquellas, que as cartas antigas mostravão para Oeste do Chili debaixo do nome de *terras de João Fernandes*, porém este navegador morreo sem haver indicado a posição da sua descoberta feita em 1576, e sómente da Colleção de Dalrymple se deduz que por esta época o dito navegador se afastara da Costa do Chili, até 40° para Occidente tendo feito a derrota ao Oeste, e Sudoeste, e que depois de mez e meio de navegação abordara a huma terra, que elle diz ser hum grande Continente.

Aquella posição de 3 á 4° ao Oriente da Ilha da Pascoa tem a seu favor concordar com a opinião do Capitão Cook; e o certo he que nenhum dos navegadores modernos tem cruzado semelhante parage, e sómente eu vejo que Cook em Março de 1769, fazendo derrota para a Ilha do Tayti, cortou o parallelo da referida terra, a distancia de 6° para Oeste, e na 2.ª viagem em Fevereiro de 1774 na mesma distancia a Leste, em cuja posição achou de variação NE. 6° 38'.

Mr. Surville em 1769 tambem cortou o parallelo de 38° Sul a 5° para o Occidente da posição assignalada, de sorte que a derrota destes dois navegadores fórmão hum espaço de 300 legoas na direcção de Noroeste-Sueste sobre 150 de NE e SO, que até ao presente não tem sido trilhado por navegador algum, em cujo meio se achão as terras indicadas.

Terra vista em 1773.

O Vice-Rei do Peru em 1773 ordenou huma expedição para as Ilhas do Oceano Pacifico, e no regresso da Ilha do Tayti para o Perú, os Hespanhoes avistárão algumas Ilhas pela Latitude Sul de 32° a 5° para Oriente do meridiano da Ilha

de Pitcairn (de Carteret): o extracto desta viagem foi communicado a hum Official do Navio do Capitão Surville, pois naquella ocasião tinha este navegador arribado a Lima.

As derrotas da 1.ª e 2.ª viagens de Cook nos fazem ver que este navegador, na 1.ª cruzou o parallelo de 32° Sul pelo meridiano de 4° ao Oriente da posição dada pelos Hespanhoes, e na 2.ª passou a mesma Latitude pelo meridiano de 5° para Oeste da posição das terras indicadas, de maneira que, depois da descoberta até ao prezente, não se tem feito indagação para reconhecer aquellas Ilhas, havendo entre as duas derrotas de Cook 10° em longitude sobre o parallelo de 32°, que não tem sido trilhados, cujo meridiano medio corresponde ás referidas terras, e huma igual reflexão se deve fazer relativamente a todo o espaço, que decorre para o Sul, até encontrar a derrota de Surville.

Ilha das Transacçoens Philosophicas de Londres.

EM as Transacçoens Philosophicas do anno de 1674 se lê ,, no Mar do Sul por 37° ½ de Latitude Septentrional, e a 28° de Longitude para o
,, Oriente do Japão, jaz huma Ilha elevada, e
,, mui grande, habitada de povos brancos, ricos
,, em ouro e prata, como o provou hum Navio
,, Hespanhol, que fazia viagem de Manilha para
,, a Nova Hespanha, de sorte que o Rei em 1610,
,, enviou hum Navio de Acapulco ao Japão, a fim
,, de tomar posse desta Ilha, porém a empreza
,, sendo mal conduzida não teve effeito; depois daquella época se tem desprezado tentar esta descoberta. ,,

Entre as instrucçoens, que forão dadas a La Perouse, merecia huma particular attenção a no-

ta exposta: eis-aqui as suas formais palavras a cerca da indagação, que este navegador fez. ,, A pesquiza desta terra havia feito parte das instrucçoens do Capitão Uries, por consequencia eu devia cortar o parallelo de 37° 30' pelo meridiano de 165°, e com effeito á meia noite de 14 de Outubro de 1787, cheguei áquella Latitude. Tinhamos visto neste mesmo dia 5 ou 6 passarinhos de terra, que descançarão sobre o nosso aparelho, de tarde percebemos voar dois Carmoroens ou ades, passaros que jámais se apartão da Costa, o tempo era claro, e sobre huma e outra Fragata os Gageiros estavão nos galopes com huma vigia atenciosa: huma recompensa assáz consideravel estava promettida áquelle, que primeiro percebesse a terra, mas este motivo de emulação era pouco necessario, visto que cada marinheiro dezejava descobri-la, para ter a honra de lhe dar o seu nome, pois eu assim o havia determinado; porém sem embargo dos indicios certos de vizinhança de terra, nada descobrimos, não obstante o horizonte ser mui extenço: eu suppuz que esta Ilha nos devia ficar ao Sul, e que os ventos violentos, que recentemente tinhão reinado, terião apartado para o Norte os pequenos passaros, que tinhamos visto descançar sobre o nosso aparelho; por consequencia ordenei que governasse a Leste sobre os 37° 30' com pouca vella, esperando o dia com a mais viva impaciencia. Com effeito chegou, e não vimos mais que dois passarinhos, e continuando a derrota para Leste, passou de tarde ao longo do Costado huma grande tartaruga: no dia seguinte, correndo pela mesma direção, e sobre o dito parallelo, vimos hum passaro muito pequeno posto sobre o braço de Gavia, como tambem hum terceiro vôo de Ade, de sorte que a cada instante esperavamos ver realisadas as nossas esperanças. Em fim os indicios de terra continuarão a 18 e a 19, não obstante termos

feito já muito caminho para Leste, pois em cada hum destes dias se percebeo vôos de Ades, e de outros passaros da Costa, por consequencia conservando a esperança da descoberta; porém apenas chegámos aos 175° de Longitude Oriental todos os indicios cessarão, e eu continuei a fazer a mesma derrota até o meio dia 22, mas a esta época a Longitude indicada pelo Chronometro N.° 19 nos situava a 20' para Leste dos 180°, limite, que me havia sido fixado para procurar a Ilha, por tanto ordenei que se navegasse para o Sul, a fim de achar mares mais tranquillos.

,, As contrariedades que temos sofrido, depois da nossa sahida do Porto de S. Pedro e S. Paulo, apenas serião lembradas, se tivessemos tido a felicidade de encontrar a Ilha, cuja pesquiza nos custou tantas fadigas, e que certamente existe proxima á derrota que fizemos. Os indicios de terra tem sido demaziado frequentes, e de huma natureza notavel, para que se possa duvidar da sua existencia, e mesmo estou inclinado a crer, que se deve procurar por parallelo mais septentrional, de maneira que se tornar a fazer huma segunda indagação, eu seguirei o parallelo de 35° entre os meridianos de 160° e 170°, que he o espaço, em que vimos maior quantidade de passaros de terra, os quaes parecião vir do Sul, lançados para o Norte pela violencia do vento meridional, que então soprava, mas o plano ulterior da minha viagem não me deixa tempo de verificar esta conjectura, fazendo para Oeste o mesmo caminho, que fizemos para Leste, visto os ventos, que reinão quasi sem cessar do Occidente, não permittirem fazer em dous mezes o que tinha navegado em oito dias. Em fim eu dirijo a minha derrota para o Hemispherio Meridional, isto he para o vasto campo das descobertas, onde as derrotas de Queirós, Mendana, e Tasman, estão cruzadas em todos os sentidos por

aquellas dos navegadores modernos, que tem ajuntado algumas Ilhas novas áquellas já conhecidas, mas sobre as quaes a nossa curiosidade dezeja explicaçoens mais circunstanciadas, que aquellas inseridas nas relaçoens dos primeiros Navegadores. „

O que fica exposto he o que deduzi da narração de Perouse, e não sei como este navegador não tomou o partido de seguir antes o parallelo de 37 ou 38°, visto que o Navio Kastricum tinha percorrido sobre a Latitude de 37° 30', e infructuosamente huma distancia de 450' milhas para Leste do Japão; porém talvez que não quizesse apartar-se das suas instrucçoens. O certo he que os frequentes signaes de terra, que os navegadores tem visto, devem fazer esperar que a referida Ilha será hum novo objecto de indagação, e mesmo há toda a probabilidade, que se achará navegando-se no parallelo de 36°½, visto que as terras antigamente descobertas se tem encontrado quasi todas em nossos dias.

Costa da Tartaria.

SObre esta Costa, onde la Perouse fez descobertas tão uteis á Geografia, ainda há hum ponto interessante a esclarecer, que he se a extremidade da grande Ilha de Segalien fórma canal com o Continente da Tartaria, dando passage navegavel para o mar de Ochotsk, ou se esta he obstruida por areias amontoadas, que talvez o Rio Amur descarregue e accumule; porém como até ao presente se está em trevas, sobre se a terra de Segalien naquella parte fórma passage ou isthmo, parece-me ser hum objecto interessante determinar esta incerteza. Da Relação de la Perouse deduzo que este navegador antes de descobrir o Estreito, que hoje tem o seu nome, navegara para o Norte entre a Costa do Continente e aquella Occidental

da Ilha. Elevando-se até 6 leguas de distancia ao fim do golfo, onde fundiou em 9 braças, e mandando o escaler sondar, acharáo-se a huma legua para o Norte 6 braças, e como o vento Sul soprava com grande violencia, e com a mesma constancia que no mar da China, la Perouse julgou prudente não se entranhar, e procurando a Costa da Tartaria, foi ancorar na Bahia de Castries, donde tinha projectado mandar partir a Chalupa, para finalizar hum reconhecimento tão importante; por fim o grande mar, que se levanta á mais ligeira briza do Sul, as nevoas continuas, a qualidade de huma embarcação sem coberta, e sobre tudo, a lembrança do naufragio dos dous escaleres, sobre a costa do Noroeste d'America, em huma igual indagação, lhe fizerão abandonar o seu Plano, pois teimando no desembocamento, diz Perouse, ao Norte da Ilha de Segalien, poderia achar huma nova ordem de acontecimentos, á vista dos quaes seria muito duvidoso arribar aquelle anno ao estabelecimento Russo de S. Pedro e S. Paulo em Kamtschatka.

Australazia.

EM a Nova Hollanda parece-me, pelo que pertence á Hydrografia, não haver precizão de mais conhecimentos, muito principalmente sobre a parte meridional, que Dentrecasteaux e Vancouver reconhecerão de huma maneira sufficiente para seguridade da navegação, e as expediçoens, que partirão da Europa em 1801, completarão o reconhecimento da quadra-costa daquelle vasto Paiz, principalmente aquelle do Capitão Flinders em o Navio Investigador, que foi muito mais importante, que os da Expedição de Baudin, Commandante das Corvetas, Naturalista, e Geographo, o qual navegador teve o defeito durante os tres annos da sua digres-

são, de não consultar os sabios para as suas operaçoens, em consequencia do amor proprio, que tinha, de querer só elle apresentar todas as obervaçoens, mas a sua esperança foi enganosa, como algumas de outros circumnavegadores; e aquelles que em semelhantes viagens não consultarem o Astronomo, o Naturalista, e outros, ainda mesmo nos casos de pura pratica, deveráõ ter huma sorte igual á de Baudin: o grande Astronomo Bernier foi huma das victimas da grosseria deste Commandante. Como são differentes os homens! Eu vejo que os dous grandes e infortunados navegadores Cook, e Perouse (cujas exposiçoens deveráõ servir como de regimento de conducta aos navegadores de circumnavegação) estimavão de tal fórma os Astronomos, e mais sabios empregados, que ás primeiras descobertas lhes impunhão os seus nomes, não deixando de os consultar, ainda nos casos de pura pratica.

Finalmente Baudin, na quarta e ultima campanha, tinha projectado reconhecer o lado do Norte, e o golfo da Carpentaria, porém como esperava a monção do SE, para esta indagação, foi invernar a Timor.

Com effeito a tal escolha de monção, para reconhecer o golfo de Carpentaria, he bem impropria, e demais, esta parte tem sido toda visitada por navegadores Inglezes, e sabe-se muito bem que a Costa do Norte he quasi inaccessivel, e a parte do golfo he huma terra arenosa e saliente.

Baudin podia ter-se servido melhor da sua pequena embarcação, a Czarina, empregando-a muito propriamente no reconhecimento daquella parte da nova Guiné, para Oriente da Cabo Walsh, até ao Cabo do Sueste de Dentrecasteaux, procurando o estreito, por onde o navegador Torres passou em 1606, e em continuação reconhecer a parte meridional do Archipelago da Lusiada, até o cabo de Delivrance, cujos detalhes desta parte até o

presente ignoramos, e do modo que praticou invernando em Timor, não só foi inutil á sociedade, porque não reconheceo o golfo da Carpentaria, como tambem o foi a si, que se perdeo, e concorreo para a perda, que a astronomia sentio, pela falta do sabio Bernier, que he a quem se devem as exactas posiçoens da grande Bahia do Geographo, e daquella dos Requins, além de outros diversos pontos, que elle determinou.

Grupo de Monteverde.

EM 1806 o Navio da Companhia das Filipinas, vindo de Acapulco para Manilha, encontrou no parallelo de 3° 27′ ao Norte, e na Longitude de 162°, 05′ ao Oriente de Cadiz, hum grupo de pequenas Ilhas em numero de 29, e o Capitão Monte Verde não póde fazer mais nenhuma observação.

A posição deste novo Archipelago, situado para o Sul daquelle da Carolina, está fóra da derrota dos Navegadores modernos, e em as relaçoens dos antigos não acho descoberta, que possa suppor ser as referidas Ilhas encontradas pelo Navio Hespanhol, e cuja noticia se acha inserida nos papeis publicos de Madrid, porém eu deduzi esta nota daquelles de Porto Luiz na Ilha Mauricia.

O reconhecimento deste Archipelago, a sua posição geografica, não só relativo ás Ilhas mais Meridionaes, como áquellas Septentrionais, e os canaes que fórmão, ou se são encadeadas com recifes, he muito util á Hydrografia.

Grupo de Feejee.

ESte Archipelago situado para Noroeste, das Ilhas dos Amigos, ha indicios de ter sido descoberto por Tasman, porém os Insulares de Tangatabou tinhão noticia destas Ilhas, de maneira que

parte tem sido reconhecidas pelo Capitão Bligh em Maio de 1789, como tambem aquellas, que ficão para o Norte de Tangatabou, pertencentes ao mesmo grupo dos Amigos, e que o Capitão Cook asignalou na sua Carta geral pelas relaçoens, que deduzio dos Insulares; forão visitadas por Meireles, Commandante da Fragata Princeza (Hespanhola) em 1781 na derrota, que este navegador intentou fazer de Manilha para S. Braz, Porto situado sobre a costa Occidental do Mexico. A' vista do referido a posição do grupo de Feejee, percisa ser determinada mais exactamente.

Ilhas de Roggewen.

Combinando os diversos resultados, que os Hydrografos tem concluido do exame da viagem de Roggewen, vê-se claramente que de todas as descobertas deste navegador sómente a Ilha da Pascoa, e o grupo das Perniciosas, he que tem sido encontradas, e as outras denominadas, Carlos Hoff, Labirintho, Aurora, Vespera, Recreação, a Hospitaleira de Bauman, o grupo de Roggewen, e as grandes Ilhas de Tienhaven, Groningue, não tem sido encontradas, porém a opinião de alguns Geographos não concorda com esta conclusão, isto he, dizem que as Ilhas do Principe de Walles descobertas por Byron em 1765, são as que o Almirante Hollandez chama Labirintho, e que Tienhaven, e Groningue são aquellas de Santa Cruz de Mendana, (mas a viagem do Contra Almirante D'entrecasteaux prova o contrario, e mais depressa se poderia tomar pela Ilha de S. Bernardo de Queirós) como tambem que a Ilha da Recreação, he aquella mesma dos Cocos descoberta em 1616 por Maire, e Schouten; e pelo que pertence ás Ilhas de Beauman, mostrão todas as relaçoens que se devem procurar, visto o agazalho amigavel, que

recebeo o Almirante Roggewen dos seus habitantes benemeritos, e mesmo a fertilidade do Archipelago, e a seguridade de seus Portos conduz a dezejar que se procurem a fim de fixar a sua posição, e assegurão hum recurso de mais para os navegadores do grande Occeano, pois tem-se visto que para regressar da China para o Brazil, dobrando a terra Magalhanica, não he algumas vezes esta derrota mais expeditiva que aquella do Cabo da Boa Esperança, sujeitando-se ás revoluçoens das monçoens.

ARTES.

Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, continuado do N.° 3.° pag. 34.

Segunda Parte.

Utilidades que se seguem da introducção das Artes no Reino.

Parece que fica provada a grande, e preciza necessidade, que há de introduzir, ao menos as Artes necessarias, no Reino; que não he difficil esta introducção; e que são errados os inconvenientes, que se lhe considerão; mas se os grandes males, a que esta falta nos expoem, não bastão a nos persuadir aos remedios, bastem as grandes felicidades, que se seguiráõ ao Reino, que reduzirei a cinco pontos, inestimavel cada hum ao bem publico.

1.° Ponto — Que a introducção das Artes em commum evitão o damno, que fazem no Reino o luxo, e as modas.

2.° — Que tirará a ociosidade do Reino.

3.° — Que o fará povoado, e abundante de gente, e fructos; e poderá sem que lhe faça

falta, ter gente para as Colonias, e para as guerras.

4.° — Que a Portugal, mais que a outra Nação da Europa, he util, e necessaria a introducção das Artes.

5.° — Que as Rendas Reaes se augmentaráõ.

Cada huma destas cinco proposiçoens só per si executada parece que basta a fazer o Reino feliz; e sendo certo, que com a introducção das Artes se executão todas, quem não dirá, que das Artes depende a felicidade do Reino? Vejamos as provas.

CAPITULO 1.°

Que a introducção das Artes evita o damno do luxo, e das modas nos vestidos, e adornos das cazas.

EM primeiro lugar, dezejo a moderação no uzo do vestir, e nos adornos das cazas; e que nos regulasse nelles, não a abundancia, e vaidade, mas o concerto, e a modestia. A esta moderação derão os Philosophos, e Jurisconsultos preceitos; e o que mais para nós he, os PP. da Igreja conselho; mas como a ambição, e vaidade são vicios quasi naturaes da nossa condição, os preceitos, e os conselhos obrão pouco com nosco. Daqui se segue, que o Reino terá grande interesse de que, ainda que haja luxo, e gasto superfluo no vestir, e adornar as cazas, não seja damnozo ao Reino.

O damno do Reino não consiste em que cem particulares mal governados gastem o Patrimonio em adornos, e vestidos, se da fazenda, que estes gastão, se sustentarem cem cazas do mesmo Reino; o em que consiste o damno he, em que a fazenda, que o máo governo de huns consome, e dissipa, seja alimento, e utilidade dos estranhos. As Artes obrão que aquelle damno particular de huns, seja

fructo tira das suas zelosas e arriscadas deligencias. José Vieira sustenta longo tempo o choque sem querer ceder hum só passo ao inimigo; mas vendo que o soccorro não chega, e que a retirada he forçosa, vai largando o terreno ás polegadas, e com pasmosa ordem e firmeza ganha a Igreja do Desterro, onde se encerra com 6 dos seus valentes camaradas. Aqui começa de novo huma resistencia obstinada; os nossos ganhão as janellas, donde fazem sobre o inimigo hum fogo vivo e seguro; os Francezes mais se affição pela teima de tão poucos homens, consomem em vão muitas muniçoens, empregão as granadas com o mesmo effeito, e só conseguem que estes bravos se entreguem, quando arrombadas as portas, e entrada a Igreja pelo inimigo, conhecem a impossibilidade de resistir por mais tempo.

O corpo do exercito proseguio para a Cidade pela rua d' Ajuda, soffrendo muito da metralha do Castello, e do fogo, que sobre elle fazião algumas patrulhas dispersas pelas esquinas, que Fr. Francisco de Menezes animava com a sua presença, que parecia reproduzir-se. Chegando á rua do Parto, dividio-se o exercito, seguindo huma porção a rua chamada do Padre Bento Cardozo, e o maior corpo a rua de S. José, procurando a marinha. O nosso exercito havia até aqui sido tranquillo e indifferente espectador de toda esta scena, e agora o General apenas destacou ao Capitão Francisco Xavier com alguma gente, para cortar a communicação do corpo, que marchava pela rua do Padre Bento. Travou-se aqui a peleja entre os dois corpos, e o inimigo não podendo suster-se, procurou retirar-se pela rua do Cano; mas crescendo cada vez mais o nosso ardor, foi constrangido a fugir á debandada, e dispersando-se pelas ruas da Cidade, forão todos ou mortos ou prisionados. Ficarão gravemente feridos deste choque o Ajudante José Correia, e alguns soldados nossos.

Entre tanto o corpo maior foi caminhando ao seu destino; fez alto defronte do Convento do Carmo, e achando alguma dificuldade em arrombar a portaria, se dirigio a atacar a guarda de Palacio. Fazia esta guarda hum corpo de estudantes, commandado pelo Capitão José da Costa Freire, e disseminados pelas janellas de Palacio, e pelos cantos das ruas contiguas, fazião fogo mortifero sobre o inimigo, o qual foi todavia ganhando terreno sobre os estudantes, e já perto de palacio começou a arremeçar granadas. Foi admiravel a constancia e denodo, com que 48 jovens estudantes, disputarão o terreno contra todo o esforço de inimigo tão superior! Os Francezes, julgando pela resistencia que o Governador alli se achava, sahiu do exercito hum Capitão com 9 companheiros, e desprezando o fogo dos estudantes, procurarão subir a palacio para o prisionarem: os estudantes correrão á escada a recebe-los, e depois de huma briga renhida prenderão os 9 homens, e os ligarão com morroens aos moveis de palacio: o Capitão por não querer render-se morreu pelejando. A este tempo chegava do nosso exercito o Mestre de Campo Gregorio de Castro de Moraes, que dalli havia partido com o seu Terço, e sem attender a que sómente o accompanhavão 17 dos seus soldados, investio por entre o fogo do inimigo para soccorrer o corpo da guarda, aonde foi cahir passado de huma bala. Os seus poucos soldados conduzidos por seu filho o Alferes João de Castro, que obrou proezas de valor, correrão a vingar a sua morte. Neste comenos chegou o Capitão Francisco Xavier de Castro, irmão de João de Castro, e vendo a porfiada contenda, animando os seus soldados, enfiou a sua rodella, e com a espada na mão acommetteu o inimigo; e cahindo ferido de hum pelouro, ainda assim pôde defender-se, e dar a morte a hum soldado Francez, que o pertendia passar

com a baioneta. Entre tanto continuava o combate cada vez mais vivo, e Du-Clerc, vendo-se já com menos 400 homens, mortos ao nosso ferro, observando que vinhão continuamente concorrendo Portuguezes, que o espicaçavão por todos os lados, senhoreou-se do Trapiche da Cidade, e alli quiz fazer-se forte. Até este tempo conservou-se immovel no campo o Governador Francisco de Castro; mas sabendo agora que os Francezes se achavão cercados e seguros dentro do Trapiche, entrou com o resto do exercito na Cidade, e mandou intimar ao General Francez que se rendesse. Du-Clerc continuou a resistir afficadamente; mas vendo que os nossos hião ganhando as cazas visinhas ao Trapiche, donde lhe fazião consideravel damno, e que a artilheria da Ilha das Cobras hia derribando aquella casa, quiz capitular com condiçoens vantajosas, deixando-se-lhe as armas, e livre o passo para os seus navios. Esta proposta foi ouvida com indignação, e ameaçou-se o General Francez de fazer voar o Trapiche, se não quizesse render-se prisioneiro de guerra. Du-Clerc, vendo ensecados todos os recursos, cedeu ás circunstancias, e se entregou com todos os que alli se achavão.

Durante o conflicto arderão as casas de Gaspar Soares, hoje dos Contos, que dominavão sobre o Trapiche, a que os Francezes lançarão fogo, para evitarem o damno, que dalli podia provir-lhes. No mesmo dia ardeu tambem o palacio do Governador, a casa da Alfandega, aonde se havia recolhido a polvora, e varias casas contiguas, segundo se disse, por descuido de hum negro, que hindo buscar polvora á Alfandega, se lhe disparou a espingarda junto de hum barril. neste incendio pereceu o Almoxarife Francisco Moreira da Costa, e varios estudantes.

O corpo, que ficara no morro do Desterro, quando desceu com os prisioneiros, que alli fizera,

encontrou hum dos dous guias, que deu a noticia de estar ardendo o corpo da guarda, pelo que apressarão o passo, julgando facil o senhorear-se agora da Cidade. Mas já a este tempo os nossos discorrião em tumulto por toda ella, prisionando ou matando a quantos Francezes encontravão; e estes desgraçados, que procuravão esconder-se pelas casas dos habitantes, forão a maior parte sacrificados a hum barbaro e cego furor. Hum Official, que se havia refugiado em huma destas casas, com setenta e tantos homens, e que ainda com sigo conservava alguns prisioneiros feitos no morro do Desterro, deputou hum Religioso Carmelita, que entre elles havia com a sua espada, a pedir quartel ao Governador; mas havia succedido a hum terror cobarde huma crueldade tumultuaria, e o povo insofrido, sem dar tempo a nada, se aprouve em saciar a sua raiva nestes miseraveis, que forão quasi todos mortos. Jeronimo Barbalho com a sua companhia passou tambem á espada quasi todo hum troço de cento e sessenta e tantos, que dos dispersos pelas ruas vierão dar ao nosso campo.

Du-Clerc foi primeiramente posto no Colegio dos Padres da Companhia; depois o passarão para o Castello; e ultimamente concedeu-se-lhe licença para tomar huma casa, onde foi assassinado na noite de 18 de Março de 1711, sem se indagar por quem, nem o saberem os soldados, que o guardavão. Foi sepultado na Igreja da Candelaria. Os outros prisioneiros forão divididos pela Casa da Moeda, e Conventos, com sentinellas á vista, mettidos depois nas prisoens da Cidade, e a maior parte mandados para a Bahia, e Paranambuco.

No quinto dia depois da victoria, apparecerão na barra as Náos Francezas, e de noite fizerão alguns signaes de foguetes; mas não sendo correspondidos, voltarão para a França com a noticia do infeliz exito daquella expedição.

A perda dos Francezes foi de 397 mortos no conflicto, de 252 feridos, e de 621 prisioneiros, em cujos numeros entrarão o General, 2 Coroneis, 4 Tenentes Coroneis, 2 Sargentos Mores, 9 Capitaens de Infantaria, 1 Tenente Fidalgo, 14 Tenentes de Infantaria, 20 Fidalgos Guardas-marinhas, entre os quaes havia alguns Titulares, e varias pessoas de distincção. Da nossa gente morrerão 54, e alguns das nossas mesmas balas, e dos feridos vierão depois a fallecer 63.

A noticia desta derrota causou nos animos ardentes dos Francezes hum desejo activo de vingarem a sua maculada reputação; e dentro em pouco tempo poserão no mar huma Armada, composta de 7 Náos, 8 Fragatas, e 2 Embarcaçoens pequenas, commandada por Duguay-Trouin; que se dispoz a recuperar as passadas perdas. Divulgou-se em Lisboa a noticia deste apresto, e o Senhor Rei D. João V, sendo de tudo informado, fez logo aviso ao Governador do Rio de Janeiro, para que estivesse em guarda, e mandou com toda a brevidade sahir a frota daquelle anno, dobrando o numero das Náos do comboi, e ordenando que as embarcaçoens mercantes de maior porte se armassem em guerra: para Commandante da Esquadra nomeou a Gaspar da Costa de Ataide, que exercia o posto de Mestre de Campo do Mar.

Partio de Lisboa a frota com todo o preciso para a defensão do Rio de Janeiro, onde se achava havia alguns dias, quando a 30 de Agosto de 1711, teve Francisco de Castro aviso de se haverem avistado da Bahia-formosa muitas velas, que parecia dirigirem-se áquella barra.

Tocou-se a rebate, guarnecerão-se as fortalezas, e fortificou-se a marinha. O povo confiava pouco no seu Governador; mas escorava as suas esperanças nas boas disposiçoens, e no valor de Gaspar da Costa, o qual se embarcou logo, e

poz em atitude de defensa as quatro Náos do comboi, e os Navios mercantes armados. Assim se conservou cinco dias, passados os quaes desembarcou, dando por falso aquelle aviso; o que começou a dar huma idéa pouco vantajosa da sua prudencia, e actividade. A 10 de Setembro do mesmo anno, chegou nova participação de terem passado Cabo-Frio, em demanda do Rio de Janeiro, 17 Embarcaçoens de alto bordo, e a perplexidade, que mostrou Gaspar da Costa, fez com que o povo perdesse o conceito, que formava da sua experiencia e sangue frio. No dia seguinte á huma hora da tarde entrarão as embarcaçoens inimigas, debaixo de huma cerração tão densa, que sómente se virão quando já estavão emparelhadas com as fortalezas da barra, que naquelle tempo não condizião com o nome, de modo que com pouca difficuldade entrarão o porto, e fundearão de fronte da Armação das Balêas, em distancia da Cidade do alcance da artilheria. Neste conflicto appareceu Gaspar da Costa de Ataíde, que em vez de praticar como no primeiro ensaio, mandou marear as Náos para livra-las do inimigo, as quaes dando no baixo da Prainha, e na ponta da Misericordia, forão incendiadas por seu mando, e arderão intempestiva e lamentavelmente. Na perturbação de tão nescias disposiçoens, descobriu este official o seu desarranjo de cabeça, o qual augmentando-se mais e mais o accompanhou até a morte. Naquella tarde, e nos tres dias seguintes houve hum fogo vivissimo das Náos Francezas, e das nossas fortificaçoens; incendiou-se a casa da polvora na Fortaleza de Villegagnon, onde perecerão 3 capitaens, e muitos soldados, e ficarão 60 maltratados.

A pezar de tudo os moradores não estavão inda descorçoados: os Francezes quizerão assestar artilheria no morro de S. Diogo, mas acharão o Capitão Telles Madeira, que tolheu o seu intento

matando a huns, e prisionando os outros: Bento do Amaral morreu gloriosamente, pertendendo defender a Fortaleza de S. João, mas depois de haver feito grande estrago sobre o inimigo; com tudo os animos desfallecerão ao ver que Francisco de Castro, mandara abandonar a artilheria da Ilha das Cobras, e então se conheceu que o mal era inevitavel por falta de hum bom chefe. Os Francezes tendo noticia do abandono indiscreto daquella posição, se apoderarão logo della, e dalli começarão a bombear a Cidade, e o poserão em pratica na noite do 5.° dia da entrada do inimigo; os moradores já então a tinhão deixado, aterrados pelo incendio, que se havia ateado em Palacio, e noutros edificios, sem que os estorvasse huma grande tempestade, que houve naquella noite.

Rendidas já muitas Fortalezas, e desamparada a Cidade, vierão os Francezes occupa-la, e aproveitar hum despojo mais rico do que suppunhão; e como tinhão cabalmente preenchido os seus fins, não duvidarão prestar-se a alguma negociação com o Governador. Ao principio pedirão huma porção exorbitante de ouro, para largarem a Cidade sem a demolirem, mas a final capitularão deixa-la por 600$ cruzados, 100 caixas de assucar, e 200 bois, importando tudo em 246:500$464 reis, que se ratearão da maneira seguinte

A Fazenda Real	67:697$344 reis.
A Casa da Moeda	110:077$000 reis.
O Cofre da Bulla	3:484$660 reis.
O Cofre dos Ausentes	6:37[illegible]$880 reis.
O Cofre dos Orfaons	9:733$220 reis.
Francisco de Castro de Moraes	10:387$820 reis.
Lourenço Antunes Vianna	6:784$320 reis.
Francisco de Seixas da Fonceca	10:616$[illegible]40 reis.
Rodrigo de Freitas	1:166$980 reis.
Braz Fernandes Rola	6:062$080 reis.
Paulo Pinto	3:031$040 reis.

Francisco da Rocha	1:356$000 reis.
Antonio Francisco Lustoza	859$600 reis.
Thomé Farinha de Carvalho	785$600 reis.
Os Padres da Companhia	4:866$000 reis.
O Prior de S. Bento	1:575$680 reis.
Christovão Rodrigues	1:643$200 reis.

Em quanto se aprompton o resgate, para o que forão de grande auxilio os cofres, que os Ministros tiverão a precaução de pôr em salvo fóra da Cidade, nella se demorarão os Francezes sem mais commetterem hostilidade alguma; e a 28 de Outubro, depois de tudo entregue, sahirão deste porto, havendo hum anno, hum mez e 8 dias, que a fortuna lhes fora bem diversa, ou que tendo sido então peiores as suas disposiçoens, por si mesmo se gorou a sua tentativa. Esta segunda empreza, de que os Francezes alardêão, e fazem huma pomposa descripção, está bem longe de merecer-lhes a gloria, que pertendem. Provoca a riso o dizerem, que Duguay-Trouin entrara neste porto, rompendo por entre o fogo de huma prodigiosa quantidade de baterias! As fortalezas naquelle tempo estavão inda mui longe de o serem; e onde estava essa infinidade de baterias? Foi huma ficção poetica, necessaria para exornar a narração singela de huma simples obra da fortuna. Não se póde conceber como possa resultar honra de superar disposiçoens taes como as de Francisco de Castro.

Na mesma tarde, em que entrara a Armada Franceza, havia-se expedido aviso ao Governador de S. Paulo, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que então se achava em Minas Geraes, o qual apesar da indisivel presteza, com que aprompton hum soccorro de 3[illegible] homens, bem e mal armados, e das marchas violentas que fez, chegou ao Rio de Janeiro, quando já estava feita a capitulação a que não pôde dar remedio. O povo tinha concebido tal desprezo e rancor a Francisco de Castro,

que não quiz mais dar-lhe obediencia, e constrangeu a Antonio de Albuquerque Coelho a encarregar-se do Governo até a decisão de S. Magestade.

Logo que em Lisboa se souberão estas noticias, mandou o Senhor Rei D. João V por Governador do Rio de Janeiro, ao Mestre de Campo General Francisco Xavier de Tavora, o qual recebeu o Governo das mãos de Antonio de Albuquerque, a 7 de Junho de 1713. Este Governador trouxe ordem para prender a Francisco de Castro, e a outros Officiaes, que se conservarão em asperas prisoens, até que por ordem de S. Magestade vierão a esta Cidade o Chanceller da Bahia, e dous Dezembargadores, e com os Ouvidores do Rio de Janeiro, e das Comarcas de Minas, e de S. Vicente, se formou huma alçada de 7 Ministros, para sentenciarem os culpados na entrega da Praça. Juntos os Magistrados, procedeu o Chanceller á devassa, e não faltou quem infamasse de traidor a Francisco de Castro; mas não se lhe provando este crime, foi sentenciado por cobarde em degredo e prisão perpetua em huma fortaleza da India. Hum Capitão, que por fraco entregara a fortaleza de S. João aos Francezes, foi enforcado em estatua por andar ausente. Outros forão soltos e livres, por mostrarem que não tinhão feito mais do que executar as ordens do seu Governador.

Na ausencia de Francisco de Tavora para Santos, e depois para o Reino, Governou o Mestre de Campo Manoel de Almeida Castello Branco, que entregou o Governo a Antonio de Brito de Menezes a 27 de Junho de 1717. Este Governador morreu antes de concluir o Governo, e succedeu-lhe Manoel de Almeida Castello Branco, que governou esta Colonia pela segunda vez.

Seguio-se Aires de Saldanha e Albuquerque, que tomou posse a 18 de Maio de 1719. Este Governador tambem foi a Santos; mas ignora-se quem

governou em sua ausencia. No seu tempo se conduzio a agoa para o lugar chamado Carioca.

Luiz Vahia Monteiro, tomou posse a 10 de Março de 1725. Foi no tempo do seu Governo, que se construio a fortaleza da Ilha das Cobras. Este Governador falleceu nesta Cidade, e interinamente ficou governando o Mestre de Campo Manoel de Freitas da Fonceca, que foi o antecessor de Gomes Freire de Andrade.

LITTERATURA.

Traducção em versos latinos do Ensaio sobre a Critica de Pope.

De Critica prœludium.

DIfficile est dictu, vero quis pejus aberrat,
Si male qui scribit, vel qui male judicat illum:
Credo equidem, peccet gravius qui falsa docebit,
Quam qui nos verbis, sine pondere, et arte fatiget.
Hoc aliqui faciunt, illud pars maxima: pravé
Culpavere decem, quod scripserit unus inepte.
Errabat solus quondam; nunc carmina condens
Indoctus trahit innumeros sermone soluto.
Judicium horometro simile est, par omnibus ullum
It nunquam; sed quisque suo bene credit eunti.
Quam bonus ut raro Genius pro vatibus adsit,
Tam bona sic raro ratio Censoribus adstat.
His, illisque favet divino lumine Cœlum;
Naturâ fieri Censor, scriptor ve necesse est.
Ingenii, doceat, qui vi supereminet omnes;
Et fiat Censor, potuit qui scribere recte.
Quisque sibi, fateor, fuerit gratissimus Auctor;
Deficit an ne sui quoque in Censore voluptas?
Semina judicii, se met quicumque rependens
Inveniet multorum animis præfixa. Dat hanc vix
Languidulam Natura facem: si linea primum
Quævis adumbratur leviter, sunt ordine recto
Omnes dispositæ. Nulli pictura placebit,
Arte incœpta licet, summâ tamen illa colorum
Infelix operâ; ingenium sic proterit error.
Inscius hicce Scholæ labyrintho redditur; ille
Audax, quem fatuum tantum Natura creavit.
Ingenium expandens mentis contraxit acumen
Quisque; suam tunc ille parans defendere causam
Fit Censor. Quisquis queat aut non scribere plenus
Invidiâ pariter flagrat Eunuchi ve, Proci ve.

Omnis amat stolidus ridere pedisequa semper
Accedet, venietque comes ridentibus ultro:
Si male composuit, cui sit despectus Apollo,
Mævius, adveniet pejus qui judicet alter.
Ingeniosus erat quidam, mox ille Poeta
Cernitur, hinc Censor, furiis agitatus ad imum.
Judicio, ingenio que carent alii: segnes ut inertes
Muli, degeneres formâ matris que, patris que.
Littoribus nutrit quot semi-animacula Nilus,
Vaniloquos nutrit tot semi-Britania-doctos:
Nemo scit, informis gentis quo nomine signet
Hoc genus ambiguum: nomen producitur illis
Vix centum linguis, aut quâ tantummodo linguâ
Centum auditores urget recitator acerbus.
Qui vultis famâ donari, et reddere famam
Præclarum merito nomen Censoris adepti,
Noscite vos ipsos, vestras perpendite vires,
Quid valeat vobis ratio, sapientia, sensus;
Pes ubi deficiet, tuto non traditur undis;
Sistite prudentes; pravo discernite rectum,
Cum sit utrumque animo. Naturâ in limite certo
Omnia signantur, sapienter vana tumentis
Mens premitur. Terris ut cum proruperit æquor,
Huc pelagus refluens, illuc nova littora ponit;
Sic solida ratione caret, meminisse potenter
Cui licet: et sicui radians phantasia crescit,
Sentiat hic memores animo cecidisse figuras
Perdulces. Uni satis una scientia cordi;
Quam longum est spatium artis, tam brevis area mentis
Non totam amplexæ quam partem amplectitur unam
Arte sua. Ut reges cæca ambitione coacti
Perdidimus vetus imperium, nova regna petentes:
Quæ datur, huic tantum det jus, Provincia cuique
Hæc sibi sufficiat, plus ultra haud tendere curet.
Naturæ justum, ac nunquam variable signum
Judicio primum ponatur regula vestro.
Natura haud errans, semper divina refulgens

Clara, patens constans lux omnibus; omne decorat
Viribus, et vitâ, et formâ; simul illa videtur
Principium, finis, pariterque criterion artis.
His ars divitiis eadem ditissima fiet;
Nec pompam ostentans præerit dux illa laborum;
Virax haud aliter, pulcherrima corpora pascens,
Spiritus intus alit, virtute, et robore complet,
Præscribit motus, ac nervos excitat omnes
Effectu tantum, visu non cognitus ulli.
Queis cœlum ingenium det prodigialiter, illis
Pluris opus fuerit, proprios ut tendat in usus;
Judicio ingenium non raro namque repugnat,
In que vicem quanvis, ut sponso sponsa juvandum.
Aptius esse potest ferrato calcare pulsus
Musarum sonipes, passu laxarier omni,
Quam reprimi furia, et justo moderamine duci.
Ut generosus equus, levibus sic Pegasus alis
Amplius ardescit cursu compressus habenis.

Continuar-se-ha.

A Palinodia a Nize, Traduzida de Metastacio. (1)

JÁ, o Nize, os meus enganos
Eu conheço socegado:
Ah' perdoa a hum desgraçado
O desprezo, que mostrou.

Dos ferros, que me prendião
Me gabei de estar já fóra:
Enganei-me; pois agora
Inda mais cativo estou.

Já extinto o fogo antigo
Se inculcava socegado:
O mesmo semblante irado
Trahia a minha paixão.

Mude, ou não a côr do rosto.,
De ouvir teu nome no instante:
Que todos lem no semblante
O que está no coração.

Sempre acordado te vejo,
Ou se sonho alguma vez:
E onde mesmo tu não és,
Minha alma te pensa ver.

(1) Tendo chegado á minha mão muitas traducçoens da bella Cançoneta de Metastacio intitulada *a Liberdade*, não vi ainda alguma da Palinodia; talvez pela dificuldade de ser pelos mesmos consoantes. Não querendo augmentar o numero das traducçoens da primeira, aproveitei a de Alexandre de Gusmão, impressa no N.º 1.º a pag. 42. Muitas vezes julguei impossivel copiar o pensamento do A, atado tão fortemente. O Publico julgará como enchi alguns poucos momentos roubados a mais seria aplicação.

Das tuas graças ausente,
Em ternas ancias suspiro;
Se estás presente, deliro
De alvoroço e de prazer.

Só de teus encantos fallo
Mavioso e enternecido,
Outra lembrança offendido
Me faz de repente irar.

Se alguem vejo de mim junto,
Te nomeio perturbado:
Do proprio rival ao lado
De ti costumo fallar.

Ou mostres altivo o rosto,
Ou concedas terno agrado,
O teu desprezo he baldado,
A minha defeza em vão.

Só o teu imperio tem
Para mim doçura uzada:
Da ventura a só estrada
Existe em teu coração.

O prazer encaro triste,
E o tormento socegado,
Se este por ti he causado,
Se o outro vem sem teu favor.

Ri-se com tigo a campina,
Salta alegre a fonte pura:
A morada mais escura
Com tigo não causa horror.

Ora vou fallar sincero:
Não só me pareces bella:
Não só te conheço aquella,
Sem par, sem comparação.

Porém, injusto á verdade,
Nada mais acho perfeito:
Fóra de ti he defeito,
O que em ti amei então.

Contente arrastro as cadêas,
Que em vão (por vergonha minha)
Pensei já quebradas tinha,
Renunciando a viver.

Quiz minha alma evitar penas,
Para mais aflicta ver-se:
Não mais quererá vencer-se,
Não póde tanto sofrer.

Passarinho, que se enlaça
Em traidor visco, innocente,
Em vão procura contente
Libertar-se da prizão.

Esvoaça em curto espaço,
Mas apegão-se as penninhas,
De soltar-se das varinhas
Não encontra occasião.

Eu sinto (qual tu não julgas)
Despertar o fogo antigo,
Quanto mais vezes o digo,
Tanto menos sei callar.

Loquaz propensão, ó Nize,
O amante a queixas convida,
Nas vêas a chamma lida,
Gasta-se o tempo em fallar.

Praguejá a Marte o Soldado,
Se as suas feridas conta:
Mas eis que a bandeira aponta,
Não lhe lembra o que apanhou.

O escravo estima os ferros,
Em que saudoso gemia,
Já se esquece de alegria
Do seu pezo, que arrastou.

Fallo, mas só desabafo
Quando de ti me entretenho:
Não procuro novo empenho;
A constancia tu me dás.

Fallo, mas perdão procuro,
Se a expressão te não agrada:
Na posse mais socegada
Da minha alma, ó Nize, estás.

A hum peito não inconstante,
A hum amante verdadeiro,
Ah! o teu amor primeiro
Venha outra vez consolar.

Nenhum engano achar podes
Neste teu rendido amante:
Jámais huma alma inconstante
Nize em mim has de encontrar.

Dá-me de paz hum penhor,
Dá-me, ó Nize, o coração;
E ouvirás cantar de amor
Quanto cantei de aversão.

Elmano Bahiense.

A MELANCOLIA.

*Tradução de huma passagem do Poema da Imaginação, por Delille, em igual numero de versos que o Original. Por B.****

QUE he isto? Oiço ao longe hum surdo estrondo!
São ruinas d'hum Templo, que baquêa;
Quaes os Romanos, suas obras morrem;
Mas idiondo não fica o sitio ameno,
Tem da Melancolia o ár suave.
O' mais doce, mais puro sentimento,
Melhor do que a alegria! de infelices
Querida companheira, terna amiga!
Que pincel fingir póde as cores tuas?
O teu morno surrizo me aprás tanto,
Quanto as lagrimas tuas me internecem.
A' desesperação logo que he dado
Lagrimas derramar, he no teu seio
Que as vai depôr; e sabes mitiga-las,
Co' seu teu meigo pranto, confundindo.
A alegria importuna á dor insulta,
E teu macio balsamo consola:
Com maviozo aspecto, és tu que sabes
A' desgraça surrir, és tu que afavel
Acarinhas a dor, o mal serenas.
Do mal ao bem passagem delicada,
Se prazer tu não és, não és tormento,
A desesperação não te avizinha,
E distante de ti vive a alegria.
Mas filha da desgraça tens seus traços.
Selvagem foge ás vistas indiscretas,
O crepusculo basta a seu retiro:
De longe com prazer escuta os ventos,
Os mugidos do mar, do rio a queda;
Gosta dos bosques, os desertos busca:
Só com seu coração melhor se nutre,
Goza melhor de si, melhor se entende;

Triste hum tanto, e calada a Natureza,
He quando mais lhe agrada, he quando he bella;
Pensa que no seu lucto vem ter parte,
Que em segredo se dóe. O astro da noite
Sua amorosa luz notando a encontra,
Saudoso o coração, os olhos humidos.
Primavera louçãa, não são teus rizos,
Pomposo Estio, não tuas riquezas,
Porém o Outono palido, e sombrio,
Sua coroa frouxo desfolhando,
He sua favorita, e amiga quadra.
A grande custo a multidão procura
Transitorios prazeres: pensativa
Nutre o seu coração d'um rir, d'um nome.
Quando em tumulto as orgias das Cidades
Requintão d'alegria, e em fausto insultão,
Sobre as mãos a cabeça reclinada,
He toda a sua festa, he seu deleite,
Huma terna saudade, hum ai sentido.
Mágia das Artes, e d'amor enlevo,
Vem, no meu coração vive, e em meus versos.

Ode improvisada,
Offerecida ao Senhor Alferes Jacome Timotheo de Araujo, Commandante militar da Villa de Paracatú.

FILHOS de Marte, Campioens valentes
Os peitos forrem nas guerreiras tendas,
Para cingir depois de loiro as frentes
Nas Marciaes contendas.

Afronte embora a morte Athleta armado,
Na guerra insulte intrepido os perigos
Allege por brazão que sabe ousado
Debellar inimigos.

Se no escudo de Pallas não aprende
  A manejar a lança, então que gloria
  Seu valor indiscreto obter pertende
    Na posthuma memoria?

Se Minerva com provido artificio
  Não inspira dictames engenhosa,
  Quem cantará no bellico exercicio
    Bellona victoriosa?

Sabedoria excelsa, dom sagrado!
  Sem ti não marcha Scipião seguro,
  Para deixar ás epocas gravado
    Seu nome em bronze duro.

E's tu a que com motos regulares,
  Quando travados batalhões combinas,
  Para salvar as tropas militares
    Evoluçoens ensinas.

E's tu, a quem o Alumno de Mavorte,
  Jacome honrado, com fervor offrece
  Applicação na Tactica tão forte,
    Que o loiro já merece.

Manda em linhas formar a gente Equestre,
  E á face do Esquadrão belligerante
  Faze o elmo cercar, Daphne campestre,
    Da rama viridante.

Do Padre Domingos Simões da Cunha.

Ao alvoroço, e alegria, com que os povos da Capitania de Minas Geraes esperavão, e desejavão ver a Sua Excellencia o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Visconde Mylord Strangford, Embaixador de S. M. Britannica junto ao Principe Regente Nosso Senhor, e que pertendia viajar na referida Capitania.

SONETO.

Reja Britannia o mar! Deos salve, e guarde
  O Grande Rei do Povo Armipotente!
  O poderoso Imperio do tridente
  Extinga o fogo, que nas terras arde!

O vôo altivo, o temerario allarde
  Das Aguias cortará a invicta gente!
  Proscripta a Paz no infausto Continente
  Surgirá d'Albion, ou cedo, ou tarde!

Ministro Egregio: tu que representas
  O Fiel, e Magnanimo Alliado
  Do nosso Augusto, (e com que gloria o ostentas!)

Acceita o jubilo, o prazer, o agrado,
  Com que, por vêr-te, de tropel, e attentas
  Correm as Gentes do Paiz doirado.

. . . . Dii nostra incœpta secundent,
Auguriumque suum.
Virg. En. 7.

POLITICA.

HAMBURGO.

Decreto Imperial.

Quartel General de Dresden 18 de Junho de 1813.

NApoleão, Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Protector da Confederação do Rhin, Mediador da Confederação da Suissa, &c.

Havemos decretado, e decretamos o seguinte.

TITULO I.

Formação de huma lista de ausentes.

Art. I. FOrmar-se-há huma lista de ausentes da 32.ª Divisão militar.

Art. II. Esta lista comprehenderá —

1.° Todos os individuos que, exercendo empregos publicos, se houverem ausentado da patria, no momento em que entrou o exercito Francez.

2.° Os Senadores de Hamburgo e Lubeck, que houverem tornado aos seus empregos, depois que despejou o exercito Francez.

3.° Todos os proprietarios, que se houverem ausentado desde o 1.° de Março, e não voltarem dentro em quinze dias da publicação do presente decreto.

4.° Todos os individuos, que aceitarão o posto de official nas recrutas do inimigo; todos os individuos que servirão na Legião Hanseatica, ou tomarão parte nas magistraturas creadas pelo inimigo.

5.° Todos os individuos, que se souber haverem formado parte dos ajuntamentos armados, e haverem desafiado o povo á rebellião.

6.° Todos os individuos, que constar que estão ao serviço de Inglaterra, seja civil, seja militar; todos aquelles, que se souber que estão ao serviço da Russia e Prussia, quer civil, quer militar.

7.° Finalmente todos os individuos, que houverem desamparado suas casas depois do 1.° de Março deste anno, e que não houverem voltado dentro em quinze dias depois da publicação do presente Decreto.

Art. III. A lista destes individuos será formada sem demora, debaixo das ordens do Principe de Eckmuhl, por departamento, districto, cantão, e municipalidade. Para este fim os Prefeitos de cada districto e cidade nomearão huma Commissão. As listas serão renovadas todos os quinze dias, e remettidas ao Ministro de Policia Geral, e ao Director Geral dos Dominios e Registros.

TITULO II.

Dos effeitos da ausencia.

Art. IV. POr-se-há sequestro immediatamente sobre os bens, moveis e de raiz, de todos os individuos, que entrarem na lista dos ausentes da 32.ª divisão militar. A nossa Meza de Dominios e Registros, tomará immediatamente posse dos mesmos, e enviar-se-há ao Director Geral, hum mappa do valor de todas as propriedades assim aprehendidas.

Art. V. Em quanto qualquer individuo estiver na lista dos ausentes, não poderá exercer algum acto civil. As dividas, de que são credores, os bens que herdarem, serão sequestrados e arrecadados a beneficio do nosso dominio. O producto da dita propriedade será pago no cofre do Registro.

Art. VI. Os individuos, que huma vez houverem entrado na lista dos ausentes, e os seus bens estiverem em poder da Meza dos Dominios, não

poderão ser riscados da dita lista, nem remover-se o sequestro de seus bens sem hum Decreto nosso.

Art. VII. Os nossos Ministros de Finança, do Erario, da Guerra e de Policia, são encarregados da execução deste Decreto, que será inserido no boletim das Leis, e communicado ao Major General, ao Director da Administração do exercito e ao Principe de Eckmuhl.

(Assignado) Napoleão.
Pelo Imperador
O Ministro Secretario de Estado Conde Daru.

Decreto do Principe de Eckmuhl.

NÓs, Marechal Principe de Eckmuhl, Governador General da 32.ª Divisão, em virtude das Ordens de Sua Magestade o Imperador e Rei, e dos poderes a nós conferidos pelo Decreto de 10 de Abril, acerca dos Departamentos Hanseaticos, havemos decretado, e decretamos o seguinte:

I. Impôr-se-ha á Cidade de Hamburgo, por via de castigo, huma contribuição extraordinaria de 48 milhoens de francos.

II. Toda esta contribuição será paga no espaço de hum mez contado de 12 do corrente.

Os pagamentos serão feitos em seis partes: o primeiro sexto a 12 de Junho; o segundo a 28; o terceiro a 25; o quarto a 30; o quinto a 5 de Julho; e o sexto a 12.

III. Guardar-se-hão rigorosamente estes periodos de pagamento. Os tres primeiros sextos se pagarão em moeda, os outros em letras sobre Paris, pagaveis a tres mezes.

IV. Serão nomeados por nós Commissarios das Repartiçoens, por justa representação do Conselhei-

ro de Estado, do Intendente Geral das Finanças, do Prefeito e do Director Geral da Policia.

V. Estes Commissarios farão mais pezada a imposição sobre aquelles, que por contribuiçoens voluntarias, ou outros procedimentos, tomarão parte nos actos de rebellião, que occorrerão desde 24 de Fevereiro de 1813.

VI. Em caso de não pagarem, os bens moveis e de raiz, de qualquer natureza, serão sequestrados, e ficarão responsaveis pela totalidade das somas impostas, e isto sem prejuizo dos processos pessoaes.

VII. Jornaleiros mechanicos, e trabalhadores, serão isentos desta imposição, bem como os mestres de artes e officiaes, pagando sómente 24 francos, ou menos, por suas licenças, salvo se o seu procedimento, ou a sua fortuna fizer que a taxa lhes seja applicavel.

(Seguião-se sete artigos mais que simplesmente regulão o modo de repartição, e outras explicaçoens, para pôr em effeito o Decreto.)

Outro Decreto da mesma data nomea Commissarios M. Chapeaurouge, Peter Godefroy, Oppenheimer, Schroder, Faber, residente em Jungfernstieg; Anderson, Conservador de Mortgages; e Rentzel, em Admiralty-street.

INGLATERRA.

Finanças e Commercio da Gran Bretanha.

IMprimio-se o Mappa annual, appresentado ao Parlamento, das Finanças e Commercio do Paiz; e delle fizemos os seguintes extractos relativos á receita e despeza do anno, que teve fim a 5 de Janeiro de 1813.

As rendas daquelle anno, inclusivo o emprestimo, subirão a 95,712,695 lib.; produzirão os tributos dentro do mesmo periodo 13,131,548 lib.

A despeza total durante o anno, que findou em 5 de Janeiro de 1813, foi 104,398,248 lib.

A divida publica durante o mesmo periodo custa ao paiz 36,607,128 lib.: das quaes 13,482,510 passarão às mãos dos Commissarios para a amortização da divida nacional.

Apresentamos huma vista comparativa das Importaçoens do paiz em tres annos, acabando a 5 de Janeiro cada hum:

1811	Importaçoens L	36,427,722
1812	Dito	24,520,329
1813	Dito	22,994,843.

Em nenhuma das tres sommas acima dadas se incluem as importaçoens da India. Ellas chegarão no anno que terminou a 5 de Janeiro de 1812, a 4,106,251 lib.

Tabella comparativa da importação de trigo; para dar huma prova convincente de que cada vez dependemos menos dos Estrangeiros naquelle artigo necessario.

1811	Importação de trigo L.	2,701,240
1812	Dito	465,995
1813	Dito	378,872

Mappa comparativo da importação do caffé, algodão e assucar nos tres annos referidos.

Caffé.

1811	L. 5,312,795
1812	3,646,814
1813	2,573,614

Algodão.

1811	3,882,423
1812	2,990,821
1813	2,166,413

Assucar.

1811	L 6,499,044
1812	5,324,409
1813	5,038,396

As importaçoens da Irlanda tem crescido regularmente.

1811	3,280,747
1812	3,318,879
1813	3,561,269

Mas se a importação da Gran Bretanha abateu no anno passado, a exportação cresceu. Offerecemos hum mappa comparativo da nossa exportação em tres annos, que findarão a 5 de Janeiro de cada anno.

1811	Exportação L.	34,923,575
1812	Dito	24,131,724
1813	Dito	31,243,362

O valor real das producçoens, e manufacturas Inglezas exportadas, segundo a avaliação da Alfandega, he 43,657,864 lib.

Além do que, o valor das mercadorias estrangeiras exportadas he o seguinte.

1811	10,946,284
1812	8,277,937
1813	11,998,179

Estas exportaçoens compunhão-se dos artigos seguintes.

Algodoens.

1811	18,033,794
1812	11,715,501
1813	15,792,806

Lans.

1811	5,773,719
1812	4,376,497
1813	5,084,991

Caffé.

1811	L.	1,455,427
1812		1,418,034
1813		4,382,730

Assucar.

1811	1,471,697
1812	1,215,119
1813	1,570,277

Embarcaçoens e Navios da Gran Bretanha, e suas dependencias, em 3 annos, acabando cada hum a 30 de Septembro.

1810	Numero de embarcaçoens	23,703
1811	Dito	24,106
1812		24,107

As quaes no ultimo anno mencionado tinhão de tripulação 165,030 marinheiros.

ALLEMANHA.

Decreto Imperial.

EM o nosso Campo Imperial de Klein-Baschweitz, sobre o campo de batalha de Wurtchen, a 22 de Maio de 1813, ás 4 horas da manhan.

Napoleão, Imperador dos Francezes, &c. &c. Havemos decretado e decretamos o seguinte:

Art. I. Levantar-se-ha hum monumento sobre o Monte Ceny. Na face deste monumento, que ha de olhar para París, se inscreverã6 os nomes de todos os nossos Cantoens de Departamentos daquem dos Alpes. Na face, que ha de olhar para Milão, gravar-se-hão os nomes de todos os nossos Cantoens de Dapartamentos além dos Alpes, e do nosso Reino da Italia.

Na parte mais visivel do monumento se gravará a seguinte inscripção:

,, O Imperador Napoleão, sobre o campo de batalha de Wurtchen, ordenou a erecção deste monumento, como huma prova da sua gratidão ao seu povo de França, e de Italia; e para transmittir á mais remota posteridade a lembrança daquella celebre época, quando, em tres mezes, 1,200,000 homens correrão ás armas, para segurar a integridade do Imperio e de Seus Alliados. ,,

(Assignado) Napoleão.

O Ministro Secretario de Estado Conde Daru.

SUECIA.

Tratado de Alliança e subsidio entre Sua Magestade Britanica, e o Rei da Suecia, assignado em Stockolmo a 3 de Março de 1813. (Remettido ás duas Camaras do Parlamento, Sexta feira 11 de Junho.)

Em nome da Santissima, e Indivisivel Trindade.

SUA Magestade o Rei do Reino-Unido da Grã Bretanha, e Irlanda, e Sua Magestade o Rei da Suecia, igualmente animados do dezejo de estreitar mais os laços de amizade e boa armonia, que entre elles tão felizmente existem, e convencidos da urgente necessidade de firmar, entre hum e outro, huma intima alliança para a conservação da independencia do Norte, e de acelerar a tão suspirada época de hum paz geral; concordárão em dar providencia a estes dois objectos pelo presente Tratado. Para este fim escolherão por seus Plenipotenciarios, a saber: Sua Alteza Real o Principe Regente em nome e por parte de Sua Magestade o Rei do Reino-Unido da Grá Bretanha, e Irlanda, ao Honora-

ble Alexandre Hope, Major General dos Exercitos de Sua Magestade, e a Duarte Thornton, Escudeiro, Seu Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario junto de Sua Magestade o Rei da Suecia; e Sua Magestade o Rei da Suecia a Lourenço, Conde de Engestron, hum dos Grandes do Reino da Suecia, Ministro de Estado, e dos Negocios Estrangeiros, e Chanceller da Universidade de Lund, Cavalleiro Commendador das Ordens do Rei, Cavalleiro da Real Ordem de Carlos XIII., Grande Aguia da Legião de Honra de França; e a Gustavo, Barão de Wettersted, Chanceller da Corte, Commendador da Ordem da Estrella Polar, hum dos Desoito da Academia Sueca; os quaes depois de haverem trocado seus respectivos Plenospoderes, achados em boa e devida fórma, conviérão nos seguintes artigos:

I. Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga a empregar hum corpo de não menos de 30ꝥ homens, em huma operação directa no Continente contra os inimigos communs das duas Altas Partes Contractantes. Este Exercito obrará de concerto com as tropas Russas, postas debaixo do commando de Sua Alteza Real o Principe Real da Suecia, conforme as estipulaçoens para este effeito já existentes entre as Cortes de Stockolmo, e S. Petersburgo.

II. Tendo as ditas Cortes communicado a Sua Magestade Britanica os ajustes entre ellas existentes, e tendo formalmente pedido a accessão de Sua Magestade a elles, e tendo Sua Magestade o Rei da Suecia, pelas estipulaçoens mencionadas no artigo precedente, dado huma prova do dezejo, que a anima, de contribuir tambem da sua parte para o bom exito da causa commum; Sua Magestade Britanica, dezejando em retribuição dar huma prova immediata e não equivoca da sua deliberação de unir seus interesses aos da Suecia, e da Russia,

promette, e se obriga pelo presente Tratado, a acceder ás convençoens já existentes entre aquellas duas Potencias, de maneira que Sua Magestade Britannica, não só não opporá obstaculo algum á annexação, e união para sempre do Reino da Noruega, como parte integrante do Reino da Suecia, mas tambem auxiliará os designios de Sua Magestade o Rei da Suecia para este fim, quer por meio de seus bons Officios, quer empregando, se necessario for, a sua cooperação naval unida com as forças Suecas, e Russas. Deve com tudo entender-se que não se recorrerá ao meio da força para effeituar a união da Noruega á Suecia, senão no caso de Sua Magestade o Rei de Dinamarca previamente haver recusado unir-se á Alliança do Norte, debaixo das condiçoens estipuladas nas convençoens subsistentes entre as Cortes de Stockolmo, e S. Petersburgo; e Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga a que esta união se conclua com todo o possivel respeito e attenção á felicidade, e liberdade do povo da Noruega.

III. Para melhor se effeituarem as obrigaçoens contrahidas por Sua Magestade o Rei da Suecia no primeiro artigo do presente tratado, que tem por objecto operaçoens directas contra os inimigos communs das duas Potencias, e a fim de pôr Sua Magestade Sueca em estado de começar sem perda de tempo, e assim que a estação o permittir, as ditas operaçoens, obriga-se Sua Magestade Britanica a subministrar a Sua Magestade o Rei da Suecia (além dos outros soccorros, que as circunstancias geraes poserem á sua disposição), para o serviço da campanha do presente anno, bem como para o fornecimento, transporte, e manutenção das suas tropas, a somma de hum milhão esterlino, a pagar mensalmente em Londres ao Agente, que for authorisado por Sua Magestade Sueca para o receber, de modo que o pagamento não passe de 200 mil

libras esterlinas por mez, até ser paga toda a dita somma.

IV. Convencionarão as duas Altas Partes Contratantes, que a Sua Magestade o Rei da Suecia se fará hum adiantamento, (cuja somma e tempo do pagamento determinarão entre si, e será deduzida do milhão acima estipulado) para a entrada em campanha, e para a primeira marcha das tropas; o resto do subsidio acima mencionado deve começar desde o dia, em que desembarcarem as tropas Suecas, conforme está estipulado pelas duas Altas Partes Contractantes no primeiro artigo do presente tratado.

V. As duas Altas Partes Contractantes desejando dar huma solida, e permanente garantia ás suas relaçoens, tanto politicas como commerciaes, animada Sua Magestade Britanica do desejo de dar ao seu Alliado evidentes provas de sincera amisade, consente em ceder a Sua Magestade o Rei da Suecia, e a seus successores á Coroa da Suecia na ordem da successão estabelecida por Sua dita Magestade, e pelos Estados Geraes do seu Reino, em data de 26 de Setembro de 1810, a posse de Guadalupe nas Indias Occidentaes, e em transferir a Sua Magestade Sueca todos os direitos de Sua Magestade Britanica sobre aquella Ilha, do mesmo modo como Sua dita Magestade actualmente a possue. Esta Colonia deverá ser entregue aos Commissarios de Sua Magestade o Rei da Suecia, no decurso do mez de Agosto do corrente anno, ou trez mez depois do desembarque das tropas Suecas no Continente; devendo tudo executar-se na conformidade das condiçoens ajustadas entre as duas Altas Partes Contractantes, no artigo separado, annexo ao presente tratado.

VI. Como huma consequencia reciproca do que fica estipulado no artigo antecedente, Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga a conceder, por es-

paço de 20 annos, a contar da data da troca das ratificaçoens do presente tratado, aos Vassallos de Sua Magestade Britanica, o direito de porto-franco nos portos de Gottenburgo, Carlsham, e Stralsund (logo que este ultimo tiver voltado ao dominio da Suecia), para todas as mercancias, producçoens, ou fazendas, sejão da Grã Bretanha, ou de suas Colonias, carregadas a bordo de embarcaçoens Britanicas, ou Suecas. Os ditos generos, ou fazendas, quer sejão de qualidade de poderem ser admittidos, e pagar direitos na Suecia, quer seja prohibida a sua entrada, pagarão sem distincção, como direito de porto-franco, hum por cento, *ad valorem*, á entrada, e o mesmo á sahida. Pelo que pertence a qualquer outra circunstancia, relativa a este objecto, conformar-se-ha tudo aos regulamentos geraes, existentes na Suecia; tratando sempre os vassallos de Sua Magestade Britanica do mesmo modo que os das naçoes mais forecidas.

VII. Desde o dia da assignatura do presente tratado, Sua Magestade o Rei do Reino da Grã Bretanha, e Irlanda, e Sua Magestade o Rei da Suecia reciprocamente promettem não separar seus interesses, e particularmente os da Suecia, referidos nos presente tratado, em qualquer negociação com seus inimigos communs.

VIII. A ratificação do presente tratado será trocada em Stockolmo dentro de quatro semanas, ou antes, sendo possivel.

Em fé do que, nós abaixo assignados, em virtude dos nossos plenos poderes, assignamos o presente tratado, e o sellamos com o sello das nossas armas.

Feito em Stockolmo aos 3 de Março, no anno do Senhor, mil oitocentos e treze.

Alexandre Hope
(L. S.)
Duarte Thornton.
(L. S.)

O Conde d'Egenstrom.
(L. S.)
G. Barão de Wetterstedt.
(L. S.)

Artigo separado.

COmo huma consequencia da cessão feita por Sua Magestade Britanica, no 5.º artigo do Tratado assignado hoje, da Ilha de Guadalupe, Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga: —

I. A encher fielmente, e observar as estipulaçoens da capitulação da dita ilha, datada de 5 de Fevereiro, de maneira que todos os privilegios, direitos, beneficios e prerogativas, confirmadas por aquelle Acto aos habitantes da colonia, se conservem e mantenhão.

II. Para este fim, antes da cessão acima mencionada, a contrahir com Sua Magestade Britanica as obrigaçoens, que se julgarem necessarias, e executar todos os actos conformes a ellas.

III. Conceder aos habitantes de Guadalupe a mesma protecção, e as mesmas vantagens, de que gozão os outros vassallos de Sua Magestade o Rei da Suecia, sempre conforme ás leis e convençoens actualmente existentes na Suecia.

IV. Vedar e prohibir no periodo da cessão, a introducção de escravos da Africa na dita ilha, e outras possessoens de Sua Magestade Sueca nas Indias Occidentaes; e não permittir que os vassallos Suecos negocêem em escravos; obrigação que Sua Magestade Sueca contrahe do melhor grado, porque Ella nunca authorisou aquelle trafico.

V. Excluir, durante a continuação da presente guerra, todos os navios armados e corsarios pertencentes aos Estados, que tem guerra com a Grã Bretanha dos portos e bahias de Guadalupe; e não permittir em algumas guerras para o futuro em que a Grã Bretanha se achar empenhada, e a Suecia ficar neutra, que entrem nos portos da dita colonia, corsarios pertencentes a algum dos Estados belligerantes.

VI. Não alienar a dita ilha sem consentimento de Sua Magestade Britanica; e

VII. Conceder toda a protecção e segurança aos vassallos Inglezes, e aos seus bens, ou elles escolhão desamparar a colonia, ou nella persistir.

Este artigo separado terá força e effeito, como se fosse inserido, palavra por palavra, no Tratado assignado hoje, e será ratificado ao mesmo tempo.

Em fé do que, nós abaixo assignados, em virtude dos nossos plenos poderes, havemos assignado o presente artigo separado, e lhe havemos pregado os sellos de nossas armas.

Feito em Stockolmo, a 3 de Março anno de Nosso Senhor de 1813.

Alexandre Hope, (L. S.)
Ed. Thornton, (L. S.
O Conde d'Engestrom, (L. S.
G. Barão de Wetterstedt, (L. S.)

Tratado entre a Russia e a Suecia.

Resumo das obrigaçoens entre as Cortes de S. Petersburgo e Stockolmo, assignadas em S. Persburgo, a 24 de Março de 1812, ás quaes se refere o Tratado entre o Rei da Gran Bretanha e o da Suecia, assignado em Stockolmo a 3 de Março de 1813.

O Objecto do Imperador da Russia e do Rei da Suecia, em formarem huma alliança, se affirma ser com o fim de segurarem reciprocamente seus estados e possessoens contra o commum inimigo.

O Governo Francez, havendo commettido hum acto de hostilidade contra o Governo Sueco, occupando a Pomerania Sueca, e a marcha dos seus exercitos havendo ameaçado a tranquilidade do Im-

perio da Russia, as partes contractantes se obrigão a fazer huma diversão contra a França e seus alliados com huma força combinada de 25 ou 30ȝ Suecos, e de 15 ou 20ȝ Russos, sobre aquelle ponto da Costa da Allemanha, que se julgar mais conveniente para este fim.

Como o Rei da Suecia não pode fazer esta diversão a favor da causa commum, combinada com a segurança dos seus dominios, em quanto poder considerar o reino da Noruega como inimigo, Sua Magestade o Imperador da Russia se obriga, ou por negociação, ou por cooperação militar, a unir o Reino da Noruega á Suecia. Obriga-se mais a garantir a pacifica posse delle a Sua Magestade Sueca.

As duas Partes Contratantes se obrigão a considerar a acquisição da Noruega pela Suecia como huma operação militar preliminar para a diversão na Costa da Allemanha; e o Imperador da Russia promette para este objecto, pôr á disposição, e debaixo das immediatas Ordens do Principe Real da Suecia, o corpo de tropas Russas acima estipulado.

As duas Partes Contractantes não querendo (huma vez que isto se possa evitar) fazer do Rei de Dinamarca hum inimigo, proporão a aquelle Soberano que annua á esta alliança, e offerecerão a Sua Magestade Dinamarqueza procurar-lhe huma completa indemnisação pela Noruega, com hum territorio mais contiguo aos seus dominios na Allemanha, com tanto que Sua Magestade Dinamarqueza ceda para sempre ao Rei da Suecia os seus direitos ao Reino da Noruega.

Caso que Sua Magestade Dinamarqueza recuse esta offerta, e se decida a ficar em alliança com a França, as duas Partes Contratantes se obrigão a considerar a Dinamarca como inimiga.

Como se tem expressamente estipulado que a obrigação de Sua Magestade Sueca para cooperar

com as suas tropas na Allemanha em favor da causa commum, não terá effeito senão depois que a Suecia adquirir a Dinamarca, ou por cessão do Rei de Dinamarca, ou em consequencia de operaçoens militares, Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga a transportar o seu exercito a Allemanha, segundo hum plano de campanha, em que se convier, logo que se houver effeituado o objecto referido.

As duas Potencias convidão a Sua Magestade Britannica para annuir e garantir o ajuste contido neste Tratado.

Por huma consequente Convenção, assignada em Abo a 30 de Agosto de 1812, a força auxiliar Russa deve ser levada a 35ȝ homens.

B I O G R A P H I A.

Conde de Wittgenstein.

O Pai deste Heroe entrou no serviço da Russia, e era Tenente General no tempo da Imperatriz Catharina II, sendo empregado muito honrosamennas guerras daquelle reinado. Era descendente da familia de Wittgenstein, da qual o ramo mais antigo hombrêa com os Principes do Imperio Germanico, e tem aquelle titulo. Foi primeiramente cazado com a Condeça Tinkenstein, tambem de huma familia de Principe em Allemanha; e sua segunda mulher foi huma Princeza Russa Dolgorouki, de quem não houve prole. O presente Conde Wittgenstein, seu filho da primeira mulher, esteve com seu Pai na Russia Pequena até a idade de 13 annos; em que foi levado para Petersburgo, e educado em caza do Feld-Marechal Conde Soltykoff, com tres filhos seus, entre os quaes o Conde Ale-

xandre tem creditos de hum eminente politico. O Feld-Marechal, que ainda vive, estava n'aquelle tempo encarregado da educação do actual Imperador e do Grão Duque Constantino. O pai do Conde Wittgenstein tinha estados, que lhe forão dados por seus serviços na Podolia, que o filho actualmente possue, adquirindo mais alguns bens, cazando com huma senhora de nome Snarsky, no Governo de Vitepesk. Ambos estes estados são de valor consideravel, ainda que as suas rendas não são proporcionadas ao presente estado do Conde, nem ao numero de sua familia, que se compoem de seis filhos e huma filha. Os seus ultimos serviços forão premiados com huma pensão liberal da Coroa. Desde o principio da sua carreira militar se distinguio como hum dos melhores officiaes da Russia, e agora he adorado pelos seus soldados como hum heroe, e igualmente respeitado pela sua Patria.

Obras publicadas nesta Corte no mez de Outubro.

ORação de acção de graças, recitada na Capella Real do Rio de Janeiro, celebrando-se o 5.° anniversario da chegada de S. A. R. com toda a Sua Real Familia a esta Cidade. Por Januario da Cunha Barboza, Pregador da Real Capella, Professor de Philosophia &c.

O A. tomou o seu thema do Cap. 23 do Levitico, em que Moyses manda celebrar a liberdade do povo Hebreu no mez de Março. Deduz o seu exordio da gratidão, com que se deve corresponder a assignalados beneficios, comprovada com o exemplo que o texto lhe offerece, o qual compara com o desvello, com que a Providencia defendeu a S. A. R. dos laços cavillosos do Despota do Continente.

Passa depois a algumas reflexoens sobre a justiça da causa, que sustentamos.

A 1.a reflexão he fundada na depravação da França e preservação de Portugal, e de Hespanha; e deriva desta a espectativa de que a Peninsula devia ser o berço da liberdade do Continente. Esta teve principio na generosa resolução, com que S. A. R. sahio de Portugal.

A má fé comprovada por infracçoens de tratados, por violentas rapinas, por injustas invasoens, e mais que tudo pela nossa neutralidade illudida, he o argumento, que firma a sua proposição.

A figura, a que os Rhetoricos chamão Preterição, faz tocar levemente o jubilo dos habitantes desta Cidade no dia 7 de Março, realçado pela recordação (ainda que leve) dos assombrosos males, que se desviarão da Augusta Cabeça de S. A. R. A aleivosa prisão de Fernando VII he hum exemplo bem sensivel; em quanto por outra parte a derrota dos tirannos em Vimeiro foi correspondida pela sua expulsa de Caena, de que he hum devoto monumento a Imagem da Senhora da Victoria recebida na casa do novo Obdedon.

Reflecte então sobre as progressivas perdas dos inimigos nas tres differentes invasoens, sobre as victorias, que accompanharão as armas alliadas; dignas da grande causa: victorias que despertarão as naçoens, que seguirão o seu brioso exemplo para sacudirem o jugo estranho, que sobre ellas pezava.

Remata o seu discurso exhortando os ouvintes a que nos empenhemos por merecer a proteção do Ceo, evitando a corrupção dos costumes: e convidando-os ao justo rigozijo por tão digno motivo; e a supplicar ao Omnipotente a paz, que dará mais realce á festividade daquelle dia memoravel.

Este ligeiro esboço dá huma idéa muito imperfeita do Discurso. Os ornatos de eloquencia dão vida a este esqueleto, e o apresentão com todo o

seu garbo: por tanto só a leitura da Oração póde dár ao Leitor o verdadeiro conhecimento do apreço, que ella merece.

O Juramento dos Numes, Drama para se representar na abertura do Real Theatro de S. João, por D. Gastão Fausto da Camara Coutinho.

He tão importante o assumpto deste Drama, que mal nos permitte fixarmos a nossa attenção no seu desempenho. Este trabalho vem mesmo a ser inutil, quando o Poeta na sua Advertencia declara que nas composiçoens dete genero não se deve exigir o severo cumprimento dos preceitos Dramaticaes: hajão vista a Voltaire, &c.

Se isto quer dizer que os preceitos do poema dramatico e lyrico são differentes das regras da Comedia e da Tragedia, he huma verdade innegavel. Se quer dizer que não tem absolutamente regra, que he poema de mera phantasia, os Mestres da Arte decidiráõ este ponto. Sei apenas que muitos Autores tem tratado este objecto com bastante critica. Admiro particularmente J. J. Rousseau, que empregou a delicadeza do seu juizo em observaçoens analogas: citarei apenas huma, que he filha do bom senso. „ On sentit qu' il ne falloit à l'Opera rien de froid et de raisoné, rien, que le spectateur pût ecouter assez tranquillement pour reflechir sur l' absurdité de ce qu' il entendoit, &c. „. Quanto aos exemplos, eu respeito muitos nomes tão celebres para não annuir ao seu testemunho. Mas Pandora, e o Templo da Gloria, do Tragico Francez, muitas de Metastacio, as bellas Psyche e Amphitrião de Moliere, sem duvida são assás regulares.

O estilo, (diz o mesmo Poeta) que sustento hum pouco levantado, e por ventura improprio da Poesia Dramatica. . .

A Poesia Dramatica, abrangendo differentes ramos, susceptiveis de todos os estilos, não he facil saber qual lhe he improprio: *a locução rasteira he vergonhosa na boca de huma divindade.* Não entraremos no exame do estilo levantado; deixemos isso aos Poetas, que merecem este nome. *Vulgus profanum* não podemos entrar nos mysterios de Apollo. Nada avançaremos sobre a disposição do Drama pela advertencia apontada.

O muito, que estamos avezados á Camoens, nos fez conhecer huma imitação ou copia no papel de Venus: a sua falla a Vulcano tem seus laibos das Est. 39 e 40 do Canto 2.º; a pag. 15 faz lembrar a Est. 33 do Canto 1.º, com bastante saudade. Na pag. 17 pertende imitar Virgilio, dizendo

Nymphas quatorze, que a meu cargo tenho,
De tez nevada, e pudibundas faces
Hão de ser para vós, hão de ser vossas

Até aqui parece que o Poeta tem em vista o Sunt mihi bis septem, &c. ajuntando-lhe *o que a meu cargo tenho*, e a redundancia *hão de ser vossas.* He bellissima a imitação de Camoens no Canto 6.º

Os litteratos estranharão sem duvida Brontes no singular — A ti, Brontes, &c. Nunca vimos senão no plural, e a ethymologia Grega βροντή, trovão, indica que o singular desta palavra he Bronte.

Não entreteremos mais o Leitor sobre hum Drama, que as Artes se empenharão em avultar. De passagem tocámos algum lugar, em que teve a Lusiada em vista, para não incorrermos inteiramente na censura de *Montesquieu. Ils (les journalistes) n' ont garde de critiquer les livres, dont ils font les extraits, quelque raison qu' ils en aient; et en effet, quel est l' homme assez hardi pour vouloir se faire dix ou douze ennemis tous les mois?*

Continuação do Estado da athmosfera.

Septembro.

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo.*
	Graos.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
20	74	29	13	42	claro
21	72½		13	38	chuvozo
22	74		12		pezado
23	68		15	26	claro
24	64		16	38	dito
25	64		18	4	
26	65		17	10	
27	76		15	10	
28	72½		15	12	chuvozo
29	71		17	18	claro
30	72		14	20	
31	72		12	20	ventozo

Outubro.

Dia.	*Ther.*	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	*Tempo.*
1	75	29	12	30	chuvozo
2	70		14	28	claro
3	70½		13	20	
4	73½		14	44	chuvozo
5	72		13	38	
6	68		15	30	
7	65		17	8	
8	67		18	48	
9	71		15	38	claro
10	71		16	18	
11	73		15		
12	71		13	30	
13	73½		15	12	pezado
14	71		16	30	

INDICE.

AGRICULTURA.

HYDROGRAPHIA.

ARTES.

HISTORIA.

LITTERATURA.

POLITICA.

Fig. 3
Fig. 1
A
C
B
Fig. 2
Fig. 4
B
C
A
D
1
2
3
4
5
6

114

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 5.°

NOVEMBRO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.° 34, por 800 reis. Na mesma se subscreve a 4000 reis por semestre.

HYDRAULICA.

*Memoria sobre o meio de desagoar ou esgotar as terras inundadas, ou enxarcadas por methodo facil e pouco despendioso. Por B.****

OS Hollandezes, esse povo industrioso, e a que nenhum trabalho afronta, parecem ter conquistado ao mar o terreno, que povoão na Europa, indicando assim o fugir de entrar nos debates, em que andão os demais homens sobre a posse de terras, como se tão occupadas estivessem, que lhes faltassem.

Cumpria-lhes estudar Hydraulica, e vierão a ser os primeiros nessa sciencia; tinhão de obstar ás inundaçoens, e de esgotar as agoas, que enxarcavão os seus campos, e os meios, que empregarão forão os mais simples, consistindo em tirar o maior partido dos que offerecia a natureza, e recorrer á Arte só quando aquelles faltavão. Referir a marcha das suas operaçoens nos esgotamentos, he a tarefa de que nos fazemos cargo, mostrando assim o caminho, que mais atilados espiritos tem de correr.

Para interprehender em grande esgotar hum terreno he preciso ter os olhos exercitados, e o talento d'observação, o que suppoem faculdades, de que nem sempre he prodiga a natureza, porém que a grande experiencia póde suprir; assim antes de tentar a obra cumpre conhecer perfeitamente o terreno, estudar a natureza do sólo, e os declives que elle póde ter, fazer o nivelamento geral, e mórmente o das partes as mais baixas: grande numero de esgotamentos tem falhado, porque os terrenos sendo altos não tem dado sahida ás agoas, por ser o nivel dos canaes mui elevado, e he de

todas as faltas a mais irreparavel, porque só póde remediar-se por via de maquinas dispendiosas.

Isto supposto, antes de principiar a obra, observar-se-há se se podem conduzir as agoas a bacias naturaes, como sejão o mar, lagos, tanques, rios &c.; e em fim se se possuem, ou podem possuir os terrenos necessarios para os canaes; quasi por toda a parte existem essas bacias inferiores, mais ou menos distantes; pois que a natureza dispôz a terra de modo, que o homem póde tornar o seu dominio util, e mesmo agradavel, querendo assim augmentar os nossos gozos, e fazendo-nos seus collaboradores, associando-nos a huma segunda criação.

Sobre tudo examine-se se a terra he calcaria, se areenta, se argilosa, se misturada &c., e por excavaçoens assegure-se da qualidade das camadas inferiores. Suponhamos os terrenos, os declives, as camadas superiores, e inferiores do sólo bem conhecidas, trata-se de pôr mãos á obra: supponho sempre que se póde fazer conduzir as agoas para huma bacia, e que ha declive para ahi chegarem, destes esgotamentos he de que principalmente me occuparei, e não dos que exigem obras d'arte propriamente ditas, como aqueductos, pontes, eclusas &c.; escrevo para o simples lavrador, e não para as pessoas d'arte. No caso, a que nos propomos, há dois objectos principaes que preencher:

1.º Conter as agoas exteriores.

2.º Vazar as agoas interiores.

CAPITULO 1.º

Meios de conter as agoas exteriores.

QUE meios se devem empregar para conter as agoas exteriores? Diques, ou paredoens, feitos com a mesma terra, porque se fosse preciso transporta-la, ou fazer obras de pedra e cal, creio que mui poucas terras poderião produzir, com que se cobrisse a despeza. He necessario que a terra seja argilosa, ou misturada com argila, pois que sendo puramente calcaria ou arenosa, as agoas as atravessarião como por crivos; todavia se as primeiras camadas são taes, convém notar que as mesmas agoas, que inundão o terreno, provão a sua presença nas camadas inferiores, ou de huma camada argilosa, ou de hum banco calcario inteiramente unido: porque de outro modo as agoas se perderião pela terra, e hirião nutrir essas numerosas fontes, que como outras tantas vêas circulão os terrenos, e vão para os grandes depositos ou reservatorios communs. Se se encontrão camadas d'arêa, ou pedras calcarias, se estas são misturadas de partes de terra vegetal, não se deve perder o animo, a arte então vem em socorro da natureza, alteão-se então as leiras, ou paredoens, plantão-se sobre elles arvores, arbustos, e relva, e em breve tempo amaranhando-se as raizes consolidão o terreno; as folhas podres, os detritos dos animaes, as chuvas, os soes cobrem as leivas com huma camada de terra vegetal: e se a terra das leivas he muito solta e movel, cobrem-se de cannas, juncos, e outras plantas aquaticas, sustentadas por estacas; deixão-se esses diques durante o inverno neste estado, todas as plantas apodrecem, e da terra vegetal, que deixão, com o despontar da primavera rebenta viçosa verdura.

Muitas vezes as agoas exteriores, que ameação

os diques, se despenhão em catadupas das montanhas vizinhas, então muitos cortes transversaes, ou fossos parallelos, parão e quebrão a impetuosidade da torrente: de outro modo nas planices, muitas vezes as agoas se espraião, em lago, tanque, ou rio, e levadas pelos ventos rolão em vagas, que no curso accelerado, destruirião e vingarião todos os obstaculos; levantem-se então paredoens parallelos, que quebrem as ondas, e amparem o paredão pricipal.

Para conter as agoas da Durance na Provence, oppozerão-lhe diques de terra arenoza, mas que continha algumas partes vegetaes, plantarão-se linhas de arvores aquaticas, e quando estas tinhão 3 annos, decotarão-se na altura de 3 pés: em breve tempo as cicatrizes se fexarão, e as ramas cobertas de lodo e terras, que as agoas levão comsigo, criarão logo raizes, e brotarão novos rebentoens; forão-se todos os annos plantando novas alas de arvores da mesma maneira, e o rio foi assim obrigado a refrear as suas proprias agoas, e a experiencia provou que por este meio tão simples quebrou-se a força, a que não poderião resistir diques de pedra, e outras obras dispendiosas, que raras vezes enchem o fim, se o fundo sobre que pousão he muito mobil: he assim que o vime resiste ao furacão, que derruba o carvalho; he assim que com montes de arêa (dunes), e juncos, os Hollandezes defendem grande parte do seu paiz, contra a violencia das vagas do mar.

Para construir os diques, ou paredoens, que como muro de circumvallação devem conter as agoas exteriores, he mister conhecer-lhe a força, calcular o volume das agoas, a rapidez da sua carreira, a direcção dos ventos, que pódem augmentar o seu choque, a fim de lhe oppôr meios suficientes de defeza, como a altura e força dos diques: deve-se tambem fazer entrar em compensação a na-

tureza do sôlo; se a terra he forte e argiloza, dar-se-ha menos espessura, ou base aos diques, menos largura ao seu vertice ou coroa, e haverá menos terra que volver. Se as terras são calcareas, ou misturadas de detritos vegetaes, caso o mais ordinario, devem-se então talhar largos paredoens, e dar mais declive ás escarpas; não he huma muralha de fortificação, em que se emprega pedra ou alvenariá, não ha nem a escolha dos meios, nem dos materiaes, não se dá a lei, recebe-se, e he força capitular com a natureza; e eis a unica regra que se póde prescrever. A força dos diques, ou paredoens, deve ser na razão composta do volume das agoas, da sua rapidez, e da menor ou maior força, e da tenacidade das terras que servem para conte-las.

Para levantar os diques he precizo pô-los entre dois largos fossos, hum interior, outro exterior, dos quaes se tira a terra, que serve para formar a leira.

O fosso exterior, ou cinta, he destinado não só para dar a terra precíza ao alteamento do dique, mas tambem para receber as agoas de fora, vaza-las, ou conte-las. A contracinta, ou fosso interior, dá tambem terra para a construcção dos diques, como para sua conservação, ou ajuda dos canaes interiores.

Destes dados resulta que he precizo que as cintas, ou fossos, sejão mais largas, e mais profundas do que as contracintas; que se devem poupar estas para poder-se tirar para o futuro toda a terra necessaria á reparação dos diques, que constantemente sofrem, e constantemente devem ser concertados, pois que ao menor descuido as agoas causão damnos, que custão muito a emendar, por isso mesmo que os obstaculos, que se lhes oppoem, augmentão e redobrão-lhes as forças, razão porque nunca he demaziada a recomendação de haver sempre hum deposito de terra ao pé dos diques: mui-

tas vezes alguns cestos de terra lançados em lugar conveniente obstão a huma grande inundação, em quanto o proprietario descuidado por essa pequena falta (que pelo accidente se torna irreparavel) vê seus campos inundados, e malogrados os trabalhos da sua cultura.

CAPITULO 2.°

Canaes interiores.

BEm que este seja o caso, em que o trabalho deve soccorrer a natureza, he precizo sempre que grande conhecimento do sólo o alumie: assim traçando-se hum canal interior, devem-se considerar tres coisas; o nivel das partes mais baixas do terreno; a natureza do sólo, o volume das agoas, que se devem esgotar. O canal ha de não só poder conter as agoas, que se tem de esgotar, mas as que pódem acrescer, e como se não adevinha o volume, a prudencia pede que se lhe deixe espaço para pode-lo alargar: poem-se dois trabalhadores ás bordas delle, os quaes recebem a terra em pás, e a lanção a dez passos distante, e esta despeza, que não he grande, quando a falsa economia a despreza, chegando a ocazião de alargar o canal, vem a ser immensa, e o trabalho as vezes impraticavel; tendo de mais em seu favor aquella medida o facilitar a limpeza dos canaes, não se tendo de levar a grande altura o limo, terras &c, que então se tirão do fundo.

O nivel das partes mais baixas do terreno, he a operação mais complicada nestas emprezas, devem-se conhecer bem 1.° o nivel comparativo das partes as mais baixas e mais altas do solo. 2.° a queda ou declive que se póde dar ao canal geral, para que leve as agoas á bacia natural destinada á recebe-las: e do exame destes dados depende a so-

lução da questão seguinte. — Póde-se fazer o esgotamento completo sem empregar maquinas ou obras d' arte. — Com effeito se em hum terreno, que se ha de esgotar, achão-se partes muito abaixo do nivel geral, evidente he que para recolher as agoas seria necessario dar tal declive aos canaes, que então mais não podessem conduzir as agoas para a bacia natural.

Ha então dois partidos que tomar; ou apartar as partes inundadas, e fazer tanques, ou muda-las em prados: se fazem tanques, a arte não he necessaria senão para conter as agoas por meio de diques. Se se mudão em prados, he forçoso empregar maquinas como o *pouldre Hollandez*, o *belier* hydrocelico, a nora, o parafuzo de Archimedes &c, para levar a agoa aos aqueductos, que as conduzem ao canal geral, poucas terras valem (como dice) esta despeza, mas a salubridade publica muitas vezes a exige. O declive do terreno, por onde deve correr o canal, he o primeiro dado do problema; este he ou mui rapido, ou mui lento, ou nullo, ou desigual. Se mui rapido, basta serpentar o canal, e faze-lo circular, então tornando-se mais longa com torcicolos, he pouco sensivel. Este meio supre ás vezes as Ecluzas e outras maquinas, que são de despendioza construcção, e entretimento; e he demais util para se hir buscar a agoa das partes as mais baixas; huma simples nora, basta para lançar a agoa no canal geral, e a maquina mesma he posta em acção pela corrente das agoas.

He hum prejuizo o querer que os canaes geraes sejão sempre rectos; pelo que se falha hum esgotamento, ou se não opera mais do que com o soccorro de maquinas caras: nas duas hipotheses que offerecemos, evidente fica que se devem preferir os canaes sinuozos. Porém acontece que muitas vezes, feito o esgotamento, ache-se o fundo da terra arcento, ou nimiamente compacto; se em taes ter-

renos se praticão os canaes sinuozos, o curso demorado das agoas multiplicando as superficies, augmenta os orvalhos bemfeitores, que dão vida ás plantaçoens, verdor aos pastos &c.

Se o declive he mui lento, basta afrouxar momentaneamente o curso d'agoa por meio de açudes, ou tapumes moveis, e alteando-se as agoas, tornão-se mais rapidas, e fazem sobre as partes inferiores o efeito de huma repreza, ou cascata; e então he inutil dizer que os canaes os mais direitos são os preferiveis. Declive nullo ou irregular quasi nunca existe em terrenos que se devem desagoar; são de ordinario grandes bacias que as mesmas agoas tem nivelado, e perto se achão bacias inferiores e naturaes, e o trabalho todo então está em abrir o canal, que deve communica-los. Se os terrenos inundados o são por lagos, ou rios que trasbordão, então basta elevar as margens, e cavar hum canal interior e parallelo ao rio, o qual lhe vá entregar as agoas, que elle recuzava aceitar, á algumas braças mais abaixo. He assim que o genio sabe ás vezes modificar em sua vantagem as mesmas leis da natureza, que he só rebelde quando se lhe quer impôr, e afrontar a sua immutabilidade. Quem acreditaria, se a experiencia não fosse, que basta ás vezes cavar sumidouros ou esgotadouros em hum terreno, que se quer secar, e furar a camada de terra, que continha as agoas superiores? ellas perdem-se em os bancos de pedra, ou area; desaparecem, e vão unir-se ás fontes que fertilizão as terras.

Os canaes secundarios, ou ramificaçoens dos principaes, pódem ser augmentados, diminuidos, alterados, segundo convier, e por isso menos importante he a sua construcção, e o que mais cumpre observar a cerca delles he: 1.° construir á embocadura de cada hum delles, a maquina de alcatruzes, ou especie de nora, que serve para reter as

agoas, que he precizo fazer correr para outra parte, e sem esta precaução acontece que huma parte he inundada, em quanto outra sofre grande seca. 2.° He uzo conhecido em Inglaterra, e Rozier o recomenda, o entulhar os fossos secundarios ou regos, com pedras, e com 15 a 16 polegadas de boa terra, e assim não ha perda de terreno, e as agoas escoão por caminhos secretos; mas nós não aprovamos esta pratica, 1.° porque tira-se aos animaes o embaraço, que tinhão para vir ás plantaçoens, 2.° nos terrenos aridos, privão-se estes dos vapores inapreciaveis, que se levantão das superficies das agoas. 3.° não se tem essas plantas aquaticas, que bordão os canaes, e que sustendo as terras, atrahem o orvalho, e a frescura, e decompoem ou absorvem o ar mephitico, e pestilento.

Assim por toda a parte, onde se tem de expurgar o ar e torna-lo sadio, onde importa conservar, e trazer a frescura, onde convem preferir prados a sementeiras, conservem-se os canaes secundarios descobertos, e adoptaremos só o methodo Inglez, nas terras mui regadas, ou destinadas a sementeiras: não levemos muito longe a imitação, sejamos como os Romanos que só adoptavão dos outros povos o que podia convir a seus costumes ou á sua politica.

A pezar de me não propôr a fallar dos esgotamentos por via de maquinas, com tudo algumas dellas são indispensaveis nos que se fazem por meio de diques e canaes de que tratamos: he mui raro que na embocadura de cada canal geral se não seja obrigado a construir huma *Ecluza* ou repreza, com porta, ou outra obra deste genero, indispensavel sempre em todos os esgotamentos, que vão desagoar ao mar, a fim de obstar ao fluxo das marés, que farião retrogradar as agoas, tambem o he nos lagos, tanques, ou rios, cujas agoas crescem. He precizo trazer á lembrança que se he conve-

niente vazar as agoas no inverno, importa rete-las no verão, a fim de entreter a util frescura, e dessalterar os gados.

Está muito em pratica construir nesses canaes açudes de terra, sustentados por estacada, uzo detestavel, que se deve prescrever: 1.º porque nunca se podem demolir perfeitamente, deixando sempre o canal damnificado: 2.º em grandes enchentes em consequencia de tempestades, muitas vezes não há tempo de demoli-los, e inunda-se tudo: 3.º por esse meio se não póde governar o volume das agoas, e he forçoso ou soltar, ou reter todo. Devem-se em lugar dos açudes de terra construir comportas, que abrindo-se e feixando-se, podem governar o curso e volume das agoas.

Taes são os principios geraes, que se devem seguir nos trabalhos de esgotar, ou desagoar as terras, aos quaes deve acompanhar a experiencia e habito, para que o exito não seja duvidoso. Da lição dos que desta materia tem tratado, do que vimos, e mormente do que aprendemos de Mr. Chassiron, de quem são a mór parte destas idéas, podemos afiançar a justeza dellas.

Cumpre que todas as partes secundarias concordem com o todo, e tudo esteja em armonia e proporção, que o volume dos canaes seja proporcionado á maça do liquido, e nenhum encalhe deve haver a fim de que a circulação seja perfeita.

Com o esgotamento das terras encharcadas ou inundadas, ganha-se terreno perdido, purifica-se o ar, e que mais póde fazer o homem, do que dar vida a aquelles sitios, que a natureza parece ter deixado ao seu genio, mostrando-lhe o meio que tem de cooperar com ella, e com ella terminar e embelezar a grande obra? Que mais póde o homem do que ver por effeito do seu trabalho transformados em viçosos prados, fetidos brejos; e o pestilento ar em sadio, dar a saude e vigor ao triste

lavrador que languecia, com os canaes abreviando as distancias tornar mais estreitos os abraços, com que o commercio ajunta as mercadorias, para manda-las aos pontos diversos do mundo que as pede? Com que nobre altivez não dizia o maior dos Czars

> Em Cidades tornei fetidos brejos,
> E fiz dos charcos resurgir o Imperio.
> . . . . J'ai su
> Transformer en Cités des fetides roseaux,
> Et fonder un Empire où croupissaient les eaux.

N. B. Mr. Critté-Palluel imprimio em París em 1789, huma memoria que em 87 tinha sido premiada pela sociedade d'Agricultura de Laon; e nella trata do modo de desagoar os prados, e terrenos pouco extensos, e não do esgotamento em grande; ajuntando ás melhores idéas sobre a materia, huma exacta nomenclactura das plantas e sementes, que se devem empregar nessas sortes de obras; essa memoria, ou em sua falta, o que eu publiquei a cerca do methodo empregado em o desagoamento dos lagos de Coquenard, e de Epinai em S. Diniz, junto ao que aqui offerecemos aos lavradores, parece-nos que poderá bastar para hum homem habil intentar, e executar huma obra da natureza das de que tratames.

Esta Memoria, que nos offerece o nosso Sabio amigo, será publicada no N.º seguinte.

HYDROGRAPHIA.

Continuação das Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores, continuadas do N.° 4.° pag. 19.

Ilhas de Queirós.

AS Ilhas descobertas por este navegador antigo, denominadas S. João Baptista, S. Elmo, os quatro coroneis, S. Miguel, a conversão de S. Paulo, não tem sido até o presente procuradas. Ellas comprehendem hum espaço de 7° em longitude, sobre 10° de latitude, que não tem sido trilhado por nenhum dos navegadores modernos.

A Ilha da bella nação, descoberta na dita viagem, da mesma fórma ainda não se encontrou: a derrota do Capitão Carteret em 1767 teria decidido a sua verdadeira posição, porém este navegador cortou os meridianos proximos á posição media em que se situa, pelo parallelo de 10°, isto he 1° mais ao Norte, e he de esperar que correndo-se pela latitude de 11°, pela fórma que exporei sobre o plano, que se deve seguir a estas observaçoens Geograficas, se encontre a Ilha, cujos habitantes Queirós tanto elogia; e para melhor deducção do que fica dito eu exponho aqui as formaes palavras de la Perouse, quando cruzou a parage proxima do Archipelago referido.

„ A 2 de Dezembro de 1787 nós passámos
„ justamente sobre o ponto assignado á Ilha do
„ Perigo, (de Byron), e não vendo signal de terra,
„ julguei, que se lhe devia conjecturar huma longi-
„ tude mais oriental, visto que a época da desco-
„ berta he anterior ás distancias lunares: no dia 3
„ a latitude foi de 11° 34′ Sul, e segundo as nossas
„ observaçoens de distancias, estavamos para Leste
„ da Ilha da Bella nação 1° 00′: nós dezejavamos

„ correr alguns gráos para o Oeste, a fim de a
„ encontrarmos, porém os ventos, que sopravão
„ directamente desta parte, me impossibilitarão o
„ projecto dezejado, visto que a Ilha está posta
„ sobre as cartas de huma maneira pouco propria
„ para a procurar bordejando. Por consequencia apro-
„ veito-me destes ventos para cortar o parallelo das
„ Ilhas dos navegadores ao Oriente. „

Continente Austral. Opinião de Cook.

A Existencia do Continente Austral, apoiada pela relação do Capitão Paulmier de Gonneville, o qual, querendo dobrar o Cabo da Boa Esperança, sofreo huma tormenta terrivel, que o obrigou a correr por muitos dias, de maneira que de repente se achou á vista de huma terra, onde largou ancora, fez que da Europa partissem em 1738 dous navios o Aguia, e Maria, commandando a expedição o Capitão Bouvet, a fim de se assegurarem daquella descoberta, de sorte que este navegador, depois de huma trabalhosa navegação, descobrio em o 1.° de Janeiro de 1739 terra sobre o parallelo de 54°, mas os gelos, as nevoas, e os furacoens, o impossibilitarão de poder hir á terra, e de estender a descoberta, a qual não obstante foi denominada por Bouvet Cabo da Circumcisão, e situada a 53° 45′ ao Oriente do meridiano da Ilha de Santa Catharina (Brazil), Porto ultimo da sua sahida. Tal noticia confirmou a operação favorita do Continente Austral.

Em 1771 sahirão da Europa os navios Mascarenhas, e Castries a transportar á Ilha do Otayti, o insular, que o Conde de Bouguainville tinha trazido para a Europa, e na sua derrota do Cabo da Boa Esperança para a nova Zelandia, encontrou dous grupos de Ilhas pequenas, totalmente aridas, e isto no parallelo de 46° e 46°½.

Pela mesma epoca o navegador Kerguelen's descobrio pela latitude de 49°, e mais para leste huma terra mais extensa, a qual foi inteiramente reconhecida em 1774 na viagem de Pages; esta terra fórma algumas abras: porém como estas descobertas erão feitas em latitude muito mais septentrional, que a correspondente ao Cabo da Circumcisão, a opinião de que este Cabo era a ponta de hum Continente tomou nova força, de maneira que Cook, logo que sahio do Cabo da Boa Esperança, dispôz a sua derrota a fim de reconhecer aquella porção continental, mas antes que este Capitão chegasse ao seu parallelo, sofreo hum vento tempestuoso, que o fez botar muito para Leste; porém a vista de grandes Planos de gelos, comparados com aquelles da Groenland, o fizerão capacitar, que a terra não estaria longe, e que ficaria ao Sul do ultimo Plano gelado, de sorte que Cook navegou para o Sul com tenção (não encontrando terra ou outro qualquer obstaculo) de ganhar a ultima planicie de gelo, e determinar de huma vez aquella incerteza dos phisicos relativa á opinião geral de que os gelos se fórmão nas Bahias e Rios.

Em o 1.° de Janeiro virão a lua, que depois da sua sahida do Cabo não tinhão tido aquella consolação, e pelas observaçoens de distancias, que então se fizerão com grande prazer, se deduzio a longitude de 9° 34′ oriental, a tempo que o Chronometro de Kendal os situava em o meridiano de 10° 06′, sobre o parallelo de 58° 53′, e como esta longitude he pouco mais ou menos aquella do Cabo da Circumcisão, Cook recomendou huma vigia attenciosa, de maneira que ao pôr do sol (diz este navegador) estavão para o Sul da sua latitude 55 legoas, e o tempo claro de tal fórma, que se podia ver huma terra, que estivesse de 14 a 15 legoas de distancia: por consequencia julgou que o

Capitão Bouvet se tinha enganado, tomando por terra aquellas montanhas, bancos e pedaços flutuantes de gelo, que muitas vezes o havião tambem enganado: a 17 de Janeiro passarão o circulo Polar Antarctico, para a parte do Polo, e então contarão 38 Ilhas de gelo grandes e pequenas, além de hum grande numero de outras flutuantes, que lhe servirão de inconveniente de avançar mais para o Sul, pois não havia apparencia nenhuma de abertura na direcção de E-O, de sorte que este encontro fez pensar a Cook o ser imprudente avançar mais longe, visto que já a estação estava adiantada; pois do contrario elle dezejaria navegar á roda da planicie, suppondo ser praticavel. Porém á vista daquella circunstancia e das noites escuras, elle determinou diminuir de parallelo, e continuar a navegar para a Nova Zelandia, e depois desta escala Cook terminou a roda do Globo, sobre as latitudes mais elevadas do Hemisferio Meridional, sem encontrar signal de terra. Mas apezar do que fica exposto, eu observo pelas recitas deste grande navegador, que elle está inclinado a crer, que do Polo meridional para o Norte, há huma terra extensa na direcção do Oceano Atlantico Austral, e Indico, pela razão de ter sempre encontrado gelos nestes dous mares em parallelos muito menores, que em a travessa do grande Oceano meridional. E com effeito os navegadores, que tem dobrado o Cabo de Horne, tem achado muito poucos para menos dos 60°, a tempo que em a parte correspondente á Africa, se achão com abundancia aos 51°, e o Capitão Bouvet os encontrou aos 48°, desorte que Cook diz que a parte Septentrional do Continente Polar não deve estar longe do lugar que elle cruzou, e mesmo se vê claramente pelo seu discurso nautico, que a ruina do aparelho do navio, e o adiantamento da estação forão os motivos de não rodear os gelos, que se lhe apresenta-

ção aó cortar o circulo Polar, e ainda mesmo depois que diminuirão, até os 61°. Elle dezejava tornar pela segunda vez a passar para o Sul do circulo Polar, porém a separação do navio Aventura, que teve lugar alguns dias antes, foi a circunstancia, que se oppôz ao seu plano.

Terra e Porto de Drak, e inutilidade de indagação.

FRancisco Drak foi o primeiro Inglez, que passou o estreito de Magalhaens para a travessar o grande Oceano, e alguns dias depois da sahida do estreito, sofreo huma tempestade muito violenta; de maneira que no fim de hum mez de navegação, avistou huma terra alta, que elle desconhecia, na qual achou hum porto, onde largou ancora.

As relaçoens, que se tem publicado da viagem deste navegador, (celebre entre os Inglezes por ser o primeiro da sua Nação que seguio as pizadas do nosso immortal Magalhaens) diferem entre si nos pontos mais essenciaes da navegação de Drak, isto he sobre a terra e Porto descoberto á parte meridional do estreito, de sorte que alguns Geographos a situão sobre o parallelo de 57° a 150, e 200 legoas do Cabo de Horn, e outros em a latitude de 60°, e até dentro do Circulo Polar. Tal he a differença de posiçoens, e isto em latitude, que fará em longitude? Porém com tudo, para melhor se concluir que he huma terra fantastica a que se acha desenhada em algumas cartas sobre os parallelos, e meridianos referidos, eu passo a expôr as formaes palavras de Nuno da Silva, que Drak tomou a seu bordo na Ilha de Sant-Iago, para seu Piloto, a relação do qual Silva se acha inserida na Colleção das Viagens da Nação Ingleza, publicada em 1600 por Hackluyt.

,, Nós sahimos (diz Silva) do estreito em o 1.º

de Setembro de 1578, e prolongando a Costa do Sul, fizemos derrota ao Noroeste por tres dias, porém no 3.º nos sobreveio hum vento muito forte do NE, que fomos obrigados a correr ao OSO, por dez dias com muito pouco pano, e como depois crescesse mais, continuámos a mesma navegação em arvore seca, e no dia 24 perdemos de vista o navio Izabel Capitão Winter: a este tempo o vento era menos forte; por consequencia navegámos para o Nordeste, e continuando por esta direção, avistámos ao setimo dia algumas Ilhas, em que o tempo não nos permittio ancorar, e como o vento a esta epoca soprava do Noroeste, nós governámos para OSO. No dia seguinte 1.º de Outubro o tempo foi bastantemente máo, de maneira que perdemos de vista o outro navio, que era o unico que ainda restava em nossa companhia, e a tormenta foi tal que nos fez chegar até os 57° de latitude, por cuja altura abordámos a huma Ilha, que apresentava huma abra, onde fomos largar ancora em 20 braças a pequena distancia de terra, e onde estivemos tres dias, no fim dos quaes o vento passou ao Sul, e nos fizemos de vela, e navegando para o Norte por dois dias, avistámos outra Ilha inhabitada, defronte da qual ancorámos: no dia seguinte suspendemos, e dirigimos a derrota ao NNE e Norte, até que chegámos á vista da Ilha Mocha. ,,

Tal he o que se deduz da Relação de Nuno da Silva, Piloto da expedição do Almirante Drak, á vista da qual, e outras que não concordão entre si, se conclue que a terra e Porto de Drak, que os geographos tem assignalado sobre as cartas, a 200 legoas do estreito de Magalhaens, e os parallelos de 57°, 60°, e até em o mesmo circulo Polar, não são outras mais, que o grupo de Ilhas, que fórmão a parte do SO da terra do fogo; pois eu vejo claramente que Cook na sua 1.ª viagem, tendo dobrado o Cabo de Horn, e a Ilha de Diogo Ra-

mires, fez derrota ao Sudoeste até os 60° de latitude, e daquelle parallelo mudou de direcção navegando por differentes rumes até o parallelo de 52° 30', o qual passou pelo meridiano de 6°½ ao Ocidente da entrada do Oeste do estreito, sem que neste espaço descobrisse o menor signal de aproximação de terra; na sua segunda viagem, quando a Aventura se separou (pela 2.ª vez), o Capitão Furneaux determinou a sua derrota a cortar o parallelo do Cabo de Horn, a 200 legoas para Oeste do estreito, de cuja posição navegou para Leste entre o 61°, e 62, de sorte que entrou no Oceano Atlantico Meridional, sem ter visto o menor signal de terra.

La Perouse em Fevereiro de 1786, fazendo derrota para a Ilha de João Fernandes, passou sobre a posição assignalada á terra de Drak, sem tambem nada ter visto, que indicasse aproximação de alguma Ilha. He verdade que este navegador perdeo muito pouco tempo em procura-la, vistas as derrotas de Cook e Furneaux.

O Capitão Marchand tambem cruzou a parage referida em 1791: por consequencia a abra, onde Drak fundiou, não póde ser outra, que a Ilha de Diogo Ramires, situada com pouca differença sobre a latitude da pertendida terra, pois áquella epoca a terra do fogo não era conhecida, quero dizer a sua parte meridional, e de mais nós vemos que Schouten e Maire não acharão o estreito, a quem derão o nome do ultimo, senão em 1616, (epoca muito posterior áquella de Drak) porém sempre persuadidos que no Hemisferio do Sul, havião terras até proximo do Polo Antarctico, da mesma fórma que nas proximidades do Arctico; por consequencia não he impossivel que Drak, depois de hum mez de navegação da sahida do estreito, fosse lançado pelas correntes 10° ou 12° para Leste da sua estima, como succedeo a outros navegadores mais mo-

dernos, que aquelle Almirante; e se nós reflectirmos que hum daquelles navios, que se separarão, tornou a entrar o estreito, tendo tomado a bordada do Norte, ficará provado que Drak não tinha feito tanto caminho para Oeste, e que a sua terra e porto, não póde ser mais, que a Ilha de Diogo Ramires, e os grupos do Sudoeste da terra do Fogo.

Penso ter mostrado (ainda que por meios confusos, e mesmo falta de expressão) os pontos Geograficos, de que ainda nos achamos em trevas, accrescentando sempre, que para as expediçoens que se tem feito para reconhecer as partes do Oceano Equatorial, se se tivessem empregado embarcaçoens mais pequenas, talvez tivessemos adquirido hum conhecimento mais particular dos differentes Archipelagos, pois não me posso esquecer do naufragio da Fragata Pandora, a qual tendo sido expedida para hir á Ilha do Tayti, submetter e trazer á Inglaterra a equipage da Corveta Bounty, que se tinha revoltado em Abril de 1789, debaixo do commando do Capitão Bligh, afim de serem punidos, succedeo que no seu regresso, querendo tentar a passage entre a Nova Guiné, e a Nova Hollanda por huma latitude menor que a do estreito de Endeavour (indagador), provou hum triste acontecimento: esta resolução do Commandante da Pandora jámais podia ser admissivel, visto saber-se que para o Norte do Estreito de Endeavour não póde haver mais que canaes, e cuja indagação relativa ás entradas e direcçoens, não póde ser feita senão por pequenas embarcaçoens costeando a terra de Guiné, e não por huma fragata como a Pandora, procurando semelhante passage, como se fosse demandar huma Ilha em alto mar, e mesmo bastava recordar que a Frota do Almirante Drak se compunha de 5 embarcaçoens de tal capacidade, que a guarnição total de toda a chamada Esquadra erão 164 homens. Ora se já no tempo de

Drak, ainda as embarcaçoens, que partião da Europa para circumdar o Globo, erão de tal lotação, que tal seria o lote daquellas de Queirós e Luiz Vaz de Torres, cuja expedição teve occasião poucos annos depois, e não partindo da Europa, como Drak, mas sim da Costa do Perú, sendo o projecto de Queirós e Torres não se apartarem para fóra da Zona Torrida? Pois estou bem certo que o commandante da Fragata Pandora dezejava achar aquella passage entre a Nova Guiné, e a Nova Hollanda, em consequencia do diario de Torres, do qual se deduz que este navegador separando-se de Queirós, passou entre aquellas duas terras em 1606 ao longo da Costa meridional de Guiné; da mesma maneira que Cook fez, porém encostado á parte Septentrional da nova Hollanda.

Joaquim Bento da Fonceca.

MINERALOGIA.

Memoria sobre a ultima irrupção volcanica do Pico da Ilha do Fogo, succedida em 24 de Janeiro do anno de 1785, observada e escripta, por João da Silva Feijó, Naturalista, que foi encarregado, por Sua Magestade, do exame Phisico das Ilhas de Cabo Verde. Lisboa 1797.

Vidimus undantem ruptis fornacibus Ætnam,
Flammarum que globos, liquefacta volvere saxa.

Virg. Georg. L. 1.º v. 472.

Prefação.

PArece que a providencia, pela paixão, que tenho ao estudo da Minerologia, quiz benigna satisfazer a meus dezejos, mostrando-me o horrivel espectaculo, que huma irrupção volcanica offerece, na continuação de minhas viagens Filosoficas. Até alli parecia-me, que pela lição dos mais celebres contempladores da natureza, tinha adquirido assás idéas para comprehender a theoria da Fisica subterranea, e discorrer sobre as differentes producoens, que constituem o estudo da Mineralogia, particularmente a volcanica, porém desvanecerão-se as minhas presumpçoens á vista do tocante quadro, que ella me fez na ultima irrupção do Pico da Ilha do Fogo, succedida em 24 de Janeiro de 1785.

Que pintura eu não traçaria hoje, se soubesse manejar o delicado, e subtil pincel de hum Pindaro, ou de hum Virgilio! Os horrosos urros, e estampidos no interior das montanhas da Ilha, que ferindo os ares, fazião tremer toda a terra; as aberturas de multiplicadas bocas, que a cada passo se abrião, vomitando com furia as mais vivas, e ardentes chammas, parecendo quererem incendiar todo

o universo; os corpos de differentes tamanhos involvidos em negro, e espesso fumo, que expellidos do interior do Pico, e subindo ás nuvens mostraváo atacar os Ceos, e apagar a luz do Sol, cahindo depois na mesma fornalha subterranea; os tocantes, e enternecidos clamores dos espavoridos habitantes, que pensaváo ser o ultimo, e desgraçado termo de suas existencias; o espanto dos outros animaes, que sem tino corrião precipitadamente a escapar a vida; a diversidade em fim de producçoens, que depois se deixárão ver, servindo humas de ornamento o mais vistoso, e mozaico das grutas, e cavernas, e outras de formalizar novos terrenos &c. dando nesta variedade de idéas vastissimo campo ás serias contemplaçoens do Filosofo: todas estas vistas digo eu, serião sem duvida sufficientes para o mais vistozo, e curioso quadro; porém satisfeito em cumprir côm os deveres de fiel observador, passo a relatar, o mais claro que me for possivel, quaes foráo os fenomenos, e producçoens d'esta nova irrupção, e qual seja a utilidade que dellas poder-se-hia tirar com vantagem do Estado, e daquelles miseraveis Insulares. Tal he o objecto do seguinte discurso, a que chamo memoria sobre a ultima irrupção do Pico volcanico da Ilha do Fogo, para servir de suplemento á Historia Filosofica da mesma Ilha, e de Index á pequena colleção das amostras das mesmas producçoens, que eu hoje tenho a honra de offerecer para o Muzeo da Real Academia das Sciencias, como o mais diminuto signal do meu agradecimento na certeza, porém de merecer de tão Sabio, Illustre, e respeitavel Congresso *veniam pro laude.*

Memoria sobre a ultima irrupção volcanica do Pico da Ilha do Fogo.

§. 1.

O Pico volcanico da Ilha do Fogo, que desde o anno de 1769 estava como extinto, acaba ultimamente de fazer huma nova irrupção a 21 de Janeiro de 1785 pelas onze horas do dia.

§. 2.

Huma grande commoção subterranea, que abalou, e se fez sentir por toda a Ilha, com fortissimos estrondos no interior do Pico, como trovoens, fez o primeiro signal desta irrupção.

§. 3.

Depois do que (§. 2.º) abrio-se o Pico perpendicularmente, e lançando de si em golfadas torrentes de escorias, cinzas, e pedras, tornou a fechar-se, ficando no seu primeiro estado.

§. 4.

Nesta situação, ou combustiveis (como o enxofre, o pyrites, e substancias calcareas) incendiados por effeito de huma fermentação particular, ou differentes gazes dilatados, (productos da descomposição do ar, e da agoa por aquelle mecanismo natural pela absorbição de seus oxigeneos) circulando oprimidamente no centro daquella fornalha, e correndo por onde menos resistencia encontraváo, foráo abrindo por toda aquella montanha, até ao mar, de espaço em espaço, da parte de ENE diversos rombos, por onde sahiráo torrentes de fogo, immensa quantidade de lavas, humas queimadas, e outras derretidas, cinzas, e fumo, que levadas ao ar faziáo escurecer todo aquelle circuito, sendo para notar o não correrem estes fluidos para o lado

opposto, onde se diz Monte de Aipo, em que se encontrão antigas cratéras, que forão abertas na antecedente irrupção do anno de 1769.

§. 5.

Justamente na boca do Pico da parte de Leste; aonde chamão os naturaes Monte de Losna (outro antigo monticulo, e cratéra volcanica) se abrirão as principaes, e as mais profundas bocas, pelas quaes sahio a maior força, e quantidade de incendio, e de lavas, que derão origem a quatro novos montes immediatos huns aos outros junto ao Pico e na mesma direcção.

§. 6.

Estes novos montes (§, 5.) tambem se abrirão verticalmente; e lançarão de si immensa quantidade de lavas, as quaes descendo pelo lado de ESE, se dividirão em duas como ribeiras de fogo, das quaes foi huma entulhar hum grande, e profundissimo valle chamado Ribeira de Antoninha, e outra passou a alargar hum dilatado plano inclinado, denominado Relva, onde havião algumas cazas, e plantagoens de Algodoeiros, Vinhas &c., ficando a maior parte servindo de alicerce á mesma lava.

§. 7.

As que forão expellidas das bocas, que se abrirão da parte de ENE, desde o monte denominado de Domingos Fernandes, até outro junto ao mar, que se diz de João Martins, inundarão tambem muita porção de terreno, e as que sahirão da ultima boca em João Martins, forão até entrar pelo mar dentro mais de vinte lanças, fazendo alli naquella Costa, onde antes era huma enseada com fundo de quatro para cinco braças, huma ponta de pedra queimada assás alta.

§. 8.

Até aqui são os fenomenos observados nesta irrupção, que durou até 25 de Fevereiro seguinte, sendo a sua maior violencia nos primeiros sete dias successivos, continuando com tudo o fogo, ainda que mais central, porém sempre bem sensivel particularmente nos quatro novos montes, (§. 5.) em que he intensissimo o calor na superfice do terreno, e nas suas bocas, as quaes são como a do Pico ellipticas, e terminadas inferiormente como hum funil.

§. 9.

A materia, que geralmente tem sido expulsada, parte he huma lava preta pezada cheia de pequenos buracos vitrificada, e com alguns cristaes de Schords embutidos, (amostra, n.° I.) constituindo huma como pedra *agregada*; tal he a que tem corrido principalmente pelo sitio da Relva, (§. 6.) e que junto com outra sorte mais vitroza, preta, pezada, e sem cristaes de Schorts, tem entulhado a Ribeira d'Antoninha (§. 6.) em massas enormes; (N. 2) outra sorte de lava veio tambem em estado de fluidez, correndo porém lentamente á maneira de metal derretido, formando no seu curso grossos bancos em ondas ôcos interiormente; constituindo dilatados canaes, e abobadas de seis até oito palmos d'altura, sobre dez para doze de largura. Tal he a lava, (N. 3.) que sahio dos montes, que correrão de Domingos Fernandes até João Martins, a qual quanto mais central, mais densa, compacta, e dura se observa a sua massa.

§. 10.

Por entre estas, (§. 9) se encontra outra sorte de lava, (N. 4.) como vidro fundido, semelhante na sua côr, e grão a do n.° 2.; e por

cima de todas estas sortes, ainda correo outra tambem preta, porém mais leve, espumosa, e em fórma de escora metalica (N. 5.), effeito que parece provir da compressão do ar no seu interior, o qual constituindo no meio desta torrente de lava grossas bolhas, veio depois a fazer a sua superficie aspera, cavernosa, desigual, e a massa mais leve. Esta lava, que á primeira vista se assemelha á materia dos cadilhos de Allemanha, foi formando no seu curso varias configuraçoens curiosas.

§. 11.

As bocas, que se abrirão no monte de Domingos Fernandes, são interiormente revestidas de vistozas configuraçoens de lava tufacea vermelha, e preta, (N. 6.) effeito talvez procedido de haver alli sido o fogo mais activo, e mais duravel.

§. 12.

As materias, que forão expellidas quando o Pico se abrio, (§. 3.) são parte huma escora preta, friavel, e miuda, (N. 7.) parte, outra escora mais grossa, e de diversas cores, (N. 8.) parte finalmente humas pedras em grossos pedaços leves, porosas, e no interior cheias de buracos á maneira de hum favo de mel, e denegridas, (N. 9.) que parecem ser huma especie de Pomes, extremamente alterrada pela violencia do fogo.

§. 13.

A lava, que formou os quatro novos montes, (§. 5.) he huma conglutinação de escoras mais ou menos grossas, e compactas, tintas de Oxide de ferro como as tufaceas (N. 6. 10 §. 11.) o primeiro destes montes tem huma parte de escora sustentada sobre grossos bancos de lava preta, e pezada, (§. 9. N. 3.) que fórmão huma grande abobada, fendida por infinitas partes.

§. 14.

Por todas as bocas destes novos montes sahião de espaço em espaço golfadas de intensissimo calor, e cheiro forte, e sufocante de enxofre, cristalizando-se estes pelos buracos das pedras, e cavernas em finissimas agulhas. (N. 11.)

§. 15.

Toda a superficie do primeiro destes novos montes, o immediato ao Pico, he coberta de huma terra amarella, (N. 12) que á primeira vista parece ser puro enxofre, a qual penso ser hum sulfate calcareo, com mistura de algumas particulas sulfureas.

§. 16.

Nesta terra (§. 15) se encontrão pedaços de Pedra pomes, brancos e amarellados, e porozos, como o Caramello, (N. 13) e outros de huma lava, ou bazalte, pezados, e de estructura lameloza, (N. 14.) em cujos intersticios se notão cristalizaçoens de purissimo enxofre.

§. 17.

Nas grutas, e cavernas dos mesmos novos montes se nota este enxofre (§. 16) virgem em grossas massas pendentes pelas abobadas, e paredes, formado pela lenta sublimação dos vapores sulfureos, (N. 15) que por ser alli o calor mui forte, sofre huma continuada alternativa de cristilização, e dissolução.

§. 18.

Por baixo da camada de terra amarella, (§. 15.) na profundidade de dez para doze palmos, corre hum banco, ou estrado de escoras conglutinadas mais ou menos com a mesma terra e cinzas, (N. 16. e 10.) em que tambem se observa muita porção de enxofre puro.

§. 19.

Tambem se encontra pela superficie do terreno desses novos montes, e pelas fendas dos seus bancos de lava, immensa quantidade de caparoza (sulfate de ferro) N. 17, e a maior parte com mistura de Pedra hume (sulfate de Alumen.)

§. 20.

Em o primeiro daquelles novos montes se encontrão duas sortes deste sulfate, (§. 19) huma em espumas pelas fendas da lava, (§. 18.) e outra como huma terra arêenta, e esverdinhada, a qual contém huma grande porção de sulfate aluminoso, que se manifesta em huma eflorescencia branca, (N. 19.) notando-se pelo interior veios de oxide de ferro com sabor vitriolico (N. 20.).

§. 21.

Esta mesma caparosa se encontra em abundancia, guarnecendo as bocas dos ultimos dous montes unida a huma incrustação calcarea, que em muitas partes se mostra revestir em grossas capas insipidas o interior das mesmas crateras.

§. 22.

Entre as lavas que forão inundar o sitio da relva, (§. 6.) se observão pequenas poças de sal marinho coalhado, (N. 2.) produzido sem duvida da agoa do mar, que juntamente com ellas foi expulsada na irrupção, o que faz persuadir da communicação do mar com este volcão.

§. 23.

Finalmente outras substancias salinas, ammoniacaes, e mistas se encontrão pelas cavidades das lavas, (NN. 23. 24. 25.) notando-se entre ellas hum muriate ammoniacal, de sabor mais urinoso

com mistura de magnesia, o qual se sublima pelas abobadas, fendas, e canaes subterraneos, á proporção que o calor se extingue nas lavas, (N. 26.) producto, ou (como se pensava ultimamente antes da revolução Chimica) da combinação do acido marinho, proveniente da descomposição do sal marinho, com o alkali volatil, produzido de transmutação do alkali mineral, pela união com o acido fosforico do fogo; ou (como se persuadem hoje os novos Chimicos) da combinação do acido muriatico, ou marinho com o amoniaco, resultado da união do hydrogeneo da agoa com o azote do ar descompostos, pela absorbição de seus oxigeneos, pelos combustiveis incendiados no acto da inflammação subterranea; a verdade porém só Deos a sabe, visto que a natureza sempre reservada em seus trabalhos, ordinariamente só nos mostra resultados, occultando-nos os meios, e modos de os conseguir. Tanta he a incomprehensivel sabedoria do grande Architeto do Universo, que obriga ao rebelde pela contemplação de suas obras, a beijar a mão que cria, ordena, e conserva toda esta grande machina que se chama mundo fysico!

§. 24.

Todos sabem os uzos, que tem todas estas producçoens volcanicas nas artes, e manufacturas, particularmente o enxofre, a pedra hume, a caparoza, e o sal ammoniaco, o primeiro por ser o principal ingrediente da polvora, e o que por huma operação hoje mui simples, produz em abundancia o acido vitriolico de tanta importancia em muitas artes &c.; não sendo os tres ultimos de menos consequencia, e a pezar da pouca, que tem mercantil, com tudo não deverião ser desprezados, sendo indignos, visto que para a sua actual demanda se faz sahir de Portugal a favor dos Estrangeiros huma porção de dinheiro, quando a natu-

reza providente com mão liberal no-los offerece em proveito geral da Nação, e particular de huma porção de homens, que nada tem de recurso em seu arido, e seco Paiz, que a esperança de opportunas chuvas, para terem de que se sustentem, possuindo alias a este, em cujo proveito quando menos se occuparião lucrativamente, augmentando assim o Commercio Nacional, com mais hum ramo activo, em utilidade daquella desgraçada Colonia.

HISTORIA.

Continuação da Descripção Geographica da Capitania de Mato Grosso.

NO lado Occidental do Paraguay, 11 leguas ao Sud'Oeste de Coimbra, faz barra por largo desagoadeiro de 6 leguas de extensão, a Bahia Negra, que tem 5 leguas de comprimento de Norte a Sul, e que recebe as agoas dos largos e inundados campos, que ficão ao Sul, e ao Poente das Serras de Albuquerque.

Pelo lado Occidental do desagoadeiro e da Bahia Negra he que se projectava passar a linha divisoria, que hindo pela face de Oeste das Serras de Albuquerque, e das que no mesmo rumo cobrem as lagoas Manidoré, Gaiba, e Uberoza, a Oeste da qual findão na Ponta de Limites, devia daqui continuar ao Poente, até cobrir a extremidade de Sul das Serras do Aguapehy, donde proseguindo ainda ao Poente até ao Paraguay, devia seguir a margem deste rio por grande espaço até tocar no Guaporé, pelo rio de S. Simão pequeno, &c.

Na Bahia Negra terminão as possessoens Portuguezas das margens do Paraguay; e daqui continúa este rio ao Sul até á latitude de 21°, em

que existe na sua margem Occidental huma collina, conhecida pelos Portuguezes com o nome do Morro de Miguel José, em que os Hespanhoes construirão em 1712 hum Forte, que denominárão de Borbon, que tem quatro peças de artilheria, e regularmente a guarnição de 70 homens.

Tres leguas acima deste lugar, desagoa na margem de Leste do Paraguay, o pequeno rio, presentemente chamado do Queimô, que pela sua posição he o que os nossos antigos conhecerão pelo nome de Terery.

Nove leguas de navegação ao S. de Borbon, e na latitude de 21° e 22', existem outros montes em ambas as margens do Paraguay. Da banda Oriental he huma alta serrania, que se estende para o centro do paiz, e que tem na proximidade hum notavel e elevado monte, de figura conica, denominado pela passada expedição da demarcação de limites — Pão-de-assucar. A outra margem he igualmente montuosa, posto que as suas serranias sejão menos elevadas, e de menor extensão. Aqui existe no meio do rio, huma Ilha, ou alto penhasco, que dividindo as suas agoas, fórma com as montuosas margens dous estreitos canaes ao alcance do mosquete. Neste lugar terminão as alagadas e amplas campinas, que formão as margens do Paraguay; inundação que principiando na foz do rio Jauru, termina neste lugar com 100 leguas de extensão de Norte ao Sul, e 40 ordinariamente de largo no tempo da grande enchente; formando assim hum grande lago, a que os antigos chamarão de Xarayes, e que muitos Geographos dão erradamente por nascimento do Paraguay; inundação em fim, que comprehende e confunde com o alveo deste grande rio, as agoas e leitos dos rios Cuiabá, Porrudos, Taquary, Embeteteû, e de outros seus confluentes; de tal fórma, que 20, e 30 leguas acima das barras, que estes rios formão no

Paraguay no tempo da secca, no das cheias se atravessa em canoas de huns aos outros, sempre com grande fundo de agoas pelos terrenos e campos intermedios, sem que se vejão as margens do Paraguay. Esta grande inundação forma com as altas serras, e terrenos elevados que banha, muitas e soberbas Ilhas, e hum labirinto de lagos, bahias, e pantanos, de que muitos ficão existindo no tempo da secca, tão complicado, que só póde navegar-se com excellentes praticos.

Daqui para baixo principião as margens do Paraguay a ser de terras altas na maior parte, principalmente a Oriental e Portugueza. Nella desagoa, alem do pequeno rio Tepoti, e pela latitude de 22° 5′, hum não pequeno rio, chamado agora pelos Hespanhoes Branco, que elles querião fosse o Correntes no acto da demarcação de 1753; e ainda hoje o pertendem, quando as cabeceiras deste rio ficão boas 5 leguas ao Norte, e distantes do verdadeiro Correntes indicado no Tratado de Limites, havendo intermedias entre elles as origens de outros rios, que entrão no Paraguay.

Abaixo do Rio Branco, e na latitude de 23°, recebe o Paraguay pela mesma margem de Leste hum rio, que os Hespanhoes chamão da Apa, e que parece ser o conhecido por nós com o nome de Piray: perto da sua foz estabeleceu esta Nação em 1793 estancias, e fazendas de gado.

Sete leguas inferior ao precedente, desagoa na mesma margem Oriental do Paraguay, o Rio Cambanapú, que os Hespanhoes denominão Adquidavan, e por elles navegado na extensão de 20 leguas no tempo das agoas, quando fazem a colheita do seu estimado Mate. Os Hespanhoes attribuem a esta herva grandes virtudes, e até effeitos incompativeis simultaneamente: he já hum artigo importante para o commercio, e o seu consumo monta a 100[illegible] arrobas,

Na latitude de 23° e 36′ entra no Paraguay pela sua margem de Leste o Rio Ipané-uaçú, que foi julgado no acto da demarcação passada interinamente para extremo entre os Dominios Hespanhol, e Portuguez, com damno manifesto da ultima Nação, visto supporem os commissarios das duas Naçoens naquella diligencia, que as cabeceiras contravertentes do Rio Igatimy, ou Iguray, que entra no Paraná, limitrofes pelos Tratados de 1750, e ainda pelo de 1777, erão as do Ipané; supposição falsa; porque aquellas contravertentes correm para o Xoxuy, que faz barra no Paraguay muito abaixo do Ipané; o que bem claramente se collige do que vamos a dizer.

Entre os dous grandes rios Paraguay, e Paraná, corre de Norte a Sul huma larga e extensa cordilheira de serras, chamadas, em quanto tem esta direcção, de Amambay, a qual pela altura, e a Sul do Rio Igatimy, forma hum largo rumo de Nascente a Poente, que tem o nome de Serras de Maracayu. Destas serras nascem todos os rios, que do Taquary para o Sul entrão no Paraguay, nascendo da mesma outros muitos, que fazendo contravertentes com aquelles braços do Paraguay, e levando o seu curso a Leste, vão desagoar no Paraná; sendo hum delles, e o mais de Sul o Rio Igatimy, que tem a sua fóz no Paraná, na latitude de 23° 47′, logo acima das Sete-quedas, ou enorme salto deste caudaloso rio, formado pela dita ultima serrania; magestosa catadupa, que o rio forma estreitando consideravelmente o seu canal, e despenhando-se de grande altura por sete boqueiroens; o que mantem hum continuo e denso orvalho, que borrifa por grande espaço os terrenos circumvizinhos, e dá lugar a que nos dias serenos se veja esta soberba cascata coroada de arcos Iris; formando o todo huma admiravel perspectiva. Na margem de Norte do Rio Igatimy, 23 leguas

acima da sua fóz, tiverão os Portuguezes a Praça dos Prazeres, que evacuarão no anno de 1777, tendo este rio as suas cabeceiras 10 leguas para cima do lugar da Praça, entre asperas e elevadas montanhas. Quando estas se transitão ao Poente, logo se encontrão as fontes de dous pequenos rios, o da parte do N. chamado Aguarahy-uaçú, e do S. Aguarahy-merim, os quaes correndo ambos ao Occidente, se precipitão pela face Occidental das ditas serras em saltos invenciveis, e unindo-se na sua baze, formão hum não pequeno rio, que pela difficuldade do terreno foi supposto na demarcação ser o Ipané-uaçú, quando estes dous Aguarahys já unidos vão desaguar no Paraguay, não pelo Ipané, mas sim em hum braço de Norte do Xexuy, chamado tambem Aguaray, e pelo antigos Hespanhoes Correntes; devendo ser este rio o que servisse de Limites ás duas Naçoens na conformidade dos Tratados. O Rio Xexuy entra no Paraguay pela sua margem de Leste, na latitude de 24° 11', 20 leguas abaixo do Ipané, havendo entre estes dous rios outro pequeno, denominado Ipané-merim.

A pezar deste conhecimento geografico, que os Hespanhoes occultão, alterando nomes, e pretextando antigos e nunca existentes direitos, se vierão estabelecer ha 20 annos na margem Oriental e Portugueza do Paraguay, 3 leguas acima da boca do Ipané-uaçú, fundando Villa Real, com manifesta infracção dos mais solemnes Tratados; e vão procurando ingerir-se para os Saltos das Serras, e Vacaria, aproximando-se a Camapuan, importante e unico estabelecimento Portuguez no centro daquelles largos terrenos, que se póde olhar como huma barreira aos seus intentos.

Esta he em summa a descripção do Paraguay, até onde deve estender-se o Dominio Portuguez.

Hum tão grande rio como este, de clima tem-

perado e saudavel, abundante de pescados e caças, bordado de largos campos, e de altas serranias, cortado por tantos rios, amplas bahias, grandes lagos, e com altos e densos matos, devia convidar muitas Naçoens Americanas a habitarem as suas margens; porém logo depois da descoberta deste opulento continente, as incursoens dos Paulistas e dos Hespanhoes em cata dos indigenas para os cativarem, dissiparão muitas das numerosas tribus, que por aqui vivião. Os Jezuitas transplantarão milhares para as suas povoaçoens do Uraguay, e Paraná: outras Naçoens fugindo ao flagelo, que as devastava, emigrarão para terrenos menos felizes, porém mais seguros, e menos accessiveis por distantes á avidez dos novos povoadores, os quaes entregues a huma brutal ociosidade buscavão enriquecer-se á custa do suor e da liberdade destes desgraçados povos, sem que lhes valessem as mais positivas e terminantes ordens dos nossos Reis, illudidas sempre pelos conquistadores, e postas sómente em pratica depois do largo espaço de 200 annos, quando já as reliquias destas atemorisadas Naçoens se tinhão concentrado para os mais reconditos lugares destes vastos sertoens, levando impressa n'alma a tremenda e terrivel idéa do cativeiro, e da nossa crueldade, que transmitida de geração em geração, tem difficultado o ganho da sua amizade, e por consequencia tem sido huma barreira aos nossos interesses.

A emigração de tantas Naçoens para terrenos occupados por outras, e algumas dellas de cosso, que só vivem de pilhagem, faz com que se olhem reciprocamente com implacavel odio, mantendo entre si sanguinosas guerras; e assim se vão destruindo mutuamente, de maneira que algumas já não existem, e outras vendo-se quasi aniquiladas se aggregarão aos seus vencedores.

Com tudo nos terrenos do Paraguay vivem ain-

da muitas Naçoens de Indios, das quaes a mais consideravel e respeitada he a dos Quaicurús, ou Cavalleiros, que desde o Rio Taquary se estendem para o Sul por todos os mais rios, que entrão no Paraguay pela sua margem Oriental, até ao Rio Ipané, e semelhantemente occupão a margem opposta deste famoso rio das serras de Albuquerque para baixo; espaço grande de terreno, que ainda não occupado por Europeos, dá segura habitação a esta e outras Naçoens. Os Quaicurús tem praticado repetidas mortandades em Portuguezes, e Hespanhoes, e nunca forão domados: usão de lanças de 18 palmos de haste, de madeira durissima, com ferros de palmo, e maiores; tem como auxiliares a flecha, o porrete, e outras armas, de que se servem com grande destreza e valor. Fazem longas jornadas para devastarem os terrenos, que os cercão, em cavallos que acostumão a grande ligeiresa, e que lhes vem dos Hespanhoes a troco de fortes e bem tecidas mantas de algodão de seu fabrico, furtando sempre em liquidação de contas quanto pódem. As suas numerosas cavalgaduras os obrigão a buscar as vizinhanças dos campos, onde são temidos das Naçoens vizinhas, de que algumas se dizem suas escravas depois de vencidas, comprando o seu socego com este abjecto titulo!

Esta Nação como vive sempre errante, conduz comsigo as suas casas, que consistem em huns grandes taquara-uaçús, que lhes servem de cumieiras, e outros menores de esteios, algumas esteiras, de que as maiores formão o tecto, e as menores as paredes; e com pouca difficuldade formalisão em breve estas habitaçoens portateis, cujo interior repartem com esteiras, segundo o pede o numero da familia. Arrancão os cabellos das sobrancelhas, e até os das pestanas, e tem esta falta como hum distinctivo, e belleza. As mulheres trazem gravada em huma perna, ou no peito huma

marca de ferrete, que os maridos poem indifferentemente nellas, e nos seus cavallos. Muitas vezes accompanhão os maridos nas suas longas incursoens; e por esta rasão, e outros motivos libidinosos costumão matar o feto no ventre apenas se sentem pejadas; e só depois que entrão para os 40 annos deixão vingar os filhos, por isso raras vezes tem mais de hum: durante a prenhez os maridos se não chegão a ellas. Esta falta de prole teria aniquilado as suas dispersas tribus, se não adoptassem para mulheres as que adquirem de outras Naçoens, estendendo a adopção aos seus filhos, e muitas vezes aos pais, quer seja pelo direito da guerra, quer pelas ligaçoens reciprocas que tem contrahido.

Os Quaicurús reconciliarão-se com os Portuguezes em 1791, mandando até Villa Bella alguns dos seus principaes chefes, não só a tratarem este negocio, mas tambem a reconhecerem-se vassallos desta Coroa, o que tem repetido annualmente outros chefes da mesma Nação. Nos primeiros dous mezes deste anno de 1797 vierão tres Capitaens, hum Guaná, e os outros dous Quaicurús a negociarem a mesma paz, e a prestarem homenagem á Coroa de Portugal, pedindo cartas patentes ao Governador de Mato Grosso, que validassem este negocio. Hum delles veio em nome de nove Capitaens ou Chefes, que escandalisados do máo tratamento, e do rigor e crueldade, com que os Hespanhoes havião matado a muitos delles, deixarão as margens do Paraguay, em que vivião proximos, e se mudarão para o Rio Mondego, como já outros tinhão feito para as serras de Albuquerque.

A segunda Nação que habita o Paraguay he a dos Paraguás, gentio de Canôa, guerreiro e valente, que muitas vezes unido com o Cavalleiro pelo rio, e por terra, commetterão mil hostilidades funestas a Portuguezes, e Hespanhoes: presentemente vivem os Paraguás em boa armonia com os

Hespanhoes, havendo mudado a sua morada para as terras vizinhas, abandonando assim com o Paraguay de permeio a amizade dos Quaicurús.

Os Quanás he outra Nação indigena do Paraguay, que vive nos matos que bordão as suas alagadas campinas: he Nação agricola, e como os Quaicurús lhe fazião dura guerra para lhe roubarem o fructo das suas plantaçoens, e as mesmas mulheres e filhos, se virão na extemidade de se reconhecerem cativos dos seus oppressores, arrancando as sobrancelhas e pestanas, e enlaçando-se por casamentos.

Outra Nação numerosa, valente, e cultivadora he a dos Quaxis, que mais antigamente ligada com os Quaicurús, fazem hoje a mesma Nação.

Os Quatós, ainda não ligados com Quaicurús, vivem nos fundos da Serra da Gaiba, e solicitão a nossa amizade.

A Nação dos Xamicocos, numerosa, e barbara e feroz no dizer dos Quaicurús, porque inda a não poderão domar, vive nas serras, e deve a sua independencia á aspereza do territoriu que habita.

Os Cauanés, ou Coroados, habitão as alturas das serras, e campos das Vacarias, vizinhos nas fontes do Igatimi, e Iparé.

Estas são as principaes Naçoes, que vivem nas vizinhanças das extensas margens do Paraguay.

Sobre hum braço do Xexuy, 20 leguas a Leste do Paraguay, tem os Hespanhoes a Villa de Guruguaty, coberta ao Norte na distancia de 5 leguas pelo Presidio de S. Miguel, que a defende dos assaltos dos Quaicurús. Do Xexuy para baixo inda corre o Paraguay a rumo geral do Sul por 32 leguas, até a Cidade da Assumpção, recebendo neste intervallo pela sua margem Oriental, os rios Joobogó, Tabaú, Perebebuy, e Salinas, todos de curta extensão, desaguando na margem opposta outros quatro pequenos rios. A Cidade Episcopal da

194

Assumpção, Capital, e residencia do Governo do Paraguay, está situada em hum angulo obtuso, que a margem Oriental deste rio forma na latitude de 25° 18', e longitude de 320° 20': a sua população não he pequena, e nella se contão alguns Portuguezes estabelecidos, e outros que delles descendem.

O Governo do Paraguay comprehende huma vasta superficie, e a sua população total chega a perto de 12ʒ almas. He terra pobre, e de pouco commercio, cujo ramo principal he o Mate, que exportão para Tucuman, e Buenos-Aires, com alguns couros, tabaco, e assucar. De Buenos-Aires com dous mezes de navegação, chegão até a Cidade da Assumpção grandes barcos, que carregão 4, 6, e 8ʒ arrobas, segundo dizem, não tendo esta navegação outra difficuldade senão o grande pezo das agoas do Paraguay; mas os ventos geraes que soprão do Sul a maior parte do anno, facilitão esta navegação, que augmentará á proporção da maior grandeza, que Buenos-Aires hirá adquirindo, depois que este Governo foi elevado a Vice-Reinado, e olhado pela Corte de Hespanha como importantissimo, e chave das ricas e extensas Provincias do Chyli, e Perú.

Seis leguas abaixo da Assumpção, tem a sua primeira boca o Rio Pilco-Mayo na margem Occidental do Paraguay. Este rio, que tem as suas numerosas origens nas altissimas Serras dos Andes, he formado por muitos braços, de que dous passão pelas Cidades do Potosi, e Chuquisaca ou da Prata, e com boas 300 leguas de correnteza vem desaguar no Paraguay, formando a segunda, e a terceira boca 12, e 16 leguas abaixo da primeira. Neste espaço entrão pela opposta margem no Paraguay alguns pequenos rios, sendo hum delles o Tibiquari, que tem a sua foz na latitude de 26° e 40', sobre hum braço do qual, 20 leguas a SE

da Cidade da Assumpção, existe Villa Rica, grande Povo Hespanhol, com muitas fazendas de gado Vaccum, e Cavallar, nos seus largos campos. Este Povo he muitas vezes insultado pelo gentio Vaicurú. O Rio Vermelho, ou de Tanja, quasi da mesma extensão que o Pilco Mayo, desagoa no mesmo lado Occidental do Paraguay, na latitude de 26° 50'. Sobre hum remoto e superior braço deste rio existe a Villa do Salto, proxima de huma accessivel quebrada e passo da cordilheira dos Andes, escala importante para os Hespanhoes, que de Buenos-Aires, e Tucuman conduzem as suas fazendas para o alto Perú.

Ha mais de hum seculo que os Hespanhoes tentão a navegação dos Rios Vermelho, e Pilco Mayo, para se communicarem pelo Paraguay com os seus ricos estabelecimentos do Perú; porém as muitas catadupas na parte alta destes rios, os pantanaes que he preciso vencer, as molestias que se padecem, e as muitas e valentes Naçoens de Indios que se encontrão, tem difficultado este grande e util intento, que o tempo e a ambição ha de realizar hum dia.

O Canto Dos Pastores.

Egloga, Offerecida á Illustrissima e Excellentissima Senhora D. J. J. de L. F.

DA alegre Primavera o carro de oiro
Apparece no Ceo: com giro eterno
Renova a Natureza o seu thesoiro,
E o carrancudo Inverno
Levando as negras nuvens pelos ares
Vai n'outros climas revolver os mares.

Digna filha de Heroes, que em paz, e em guerra,
Dão claro exemplo ás ultimas idades,
Por quem lugubre, e triste, ao ver por terra
E muros, e Cidades
Asia tremeo, e o ferro ensanguentado
Cahio das mãos ao Malabar ouzado:
Em quanto a bella Cintra ouvir dezeja
De vossos doces versos a harmonia,
Que o mesmo Filho de Latona inveja,
A rustica porfia
Ouvi, se honrar quereis dos meus Pastores
A voz, a flauta, os versos, e os amores.

Alcindo.

Que saudozo lugar! Em roda as flores
Nascem por entre a relva: estes pinheiros
Parecem suspirar tambem de amores.
Canta Mirtilo, ao pé destes loureiros,
Onde Adonis cantou triste, e saudoso
O injusto amor nos dias derradeiros.
O Zefiro respira, o Sol formoso
Vai dos troncos as sombras apartando,
Que já se inclina o carro luminoso.
O Rouxinol te está desafiando,

Querem ouvir-te os verdes arvoredos,
Que o vento faz mover de quando, em quando,
E a musa, que de amor sabe os segredos.

Mirtilo.

A ver-se, ó Ninfas, nesta fonte pura,
Vem Celia, Amor, e as Graças melindrosas.
Turbai-lhe as agoas desfolhando rozas.
Não lhe mostreis tão rara formosura.

Alcindo.

Rizonhas flores, que hum estreito laço
Formaes de vossos ramos na floresta,
Sei que Glaura vos ama: pela sesta
Deixai-vos desfolhar no seu regaço.

Mirtilo.

Vem, ó Celia, dos asperos abrólhos
Verás nascer as delicadas flores.
São negros os teus olhos matadores,
E os cabellos tambem da côr dos olhos.

Alcindo.

O rizo, que he de amor doce thesoiro,
Com sigo trás a Ninfa, por quem peno.
Seus olhos são da côr do Ceo sereno,
E o cabello ondeado fios de oiro.

Mirtilo.

Eu me queixava ás arvores, e ás fontes,
Do ingrato Amor; mas Celia, que me ouvia,
Por mim despreza desde aquelle dia
O mais rico Pastor dos nossos montes.

Alcindo.

O primeiro fui eu, que o vivo lume
No teu peito acendí: por seus ardores
Tu, Glaura, sabes o que são amores,
Mas eu inda não sei o que he ciume.

Mirtilo.

Assombrai, verdes murtas os lugares
Que escolhe Celia pelo ardor da sesta.
Amarei outro bosque, outra floresta,
Se aqui tem meu amor os seus altares?

Alcindo.

Glaura não colhe os sazonados frutos,
As flores sim, as flores mais mimozas:
Crescei, jasmins, crescei, lyrios, e rozas:
Pagai a meu Amor os seus tributos.

Mirtilo.

Neste lugar achei Celia dormindo.
O meu nome escrevi na sua lyra:
Aparto-me, ella acorda, lê, suspira
E eu suspiro tambem de a estar ouvindo.

Alcindo.

Amou-me Lydia hum tempo: os seus amores
Ella mesma entalhou n'hum cedro antigo.
Glaura os vinha apagar; mas deu comigo
E hum casto pejo a fez mudar de cores.

Mirtilo.

N'huma gruta assombrada de rochedos
A Celia dava os meus suspiros tristes.
Troncos, arbustos, e echos, que me ouvistes,
Ninguem saiba de vós os meus segredos.

Alcindo.

Cheio de magoa, e dor, n'hum bosque espesso
Dei ao fresco Favonio os meus suspiros.
Ninfas, vós que habitaes estes retiros,
Dizei á bella Glaura o que eu padeço.

Mirtilo.

Ligou-me Celia com festoens de flores,
E escondeo por hum pouco o lindo rosto.
Pude romper os laços; mas por gosto
Fiquei da sua mão prezo de amores.

Alcindo.

Não sei porque delicto me condemna
Amor lançando-me os grilhoens pezados,
E rindo-se depois dos meus cuidados
Para ouvir os meus ais, me dobra a pena.

Mirtilo.

Amor, faze que o tempo ao dar seus giros
Não roube a Celia as Graças singulares;
Que eu levarei contente aos teus altares
Minhas magoas, meus ais, e os meus suspiros.

Alcindo.

Embora, Glaura, hum dia a desventura
Consuma a viva côr do teu semblante.
Amo o teu coração fiel, constante,
Que val mais, que toda a formosura.

M. J. S. A.

Soneto ao Grande Silveira.

SAtellite de horror, fallaz cohorte
Lysia ameaça em vão, com jugo e guerra,
Que ella nos muros seus guerreiro encerra
De estranha audacia formidavel, forte.

Pacheco horrivel, Portuguez Mavorte,
Trofeos pasmosos ao porvir desferra,
Que de estrago brutal volvendo a terra
Se despede o canhão, despede a morte.

Eis em postas o Gallo; eis, eis escrava
Já no Minho, Traz Montes, já na Beira,
Aguia, que o globo e os Ceos ameaçava.

Tremóla da victoria a audaz bandeira:
Desce a c'rôa dos Ceos á Lysia brava,
Sahe de cem mortes immortal Silveira.

Fr. João Maximo do Prado.

Soneto ao Soldado Portuguez.

PRole de Marte, Portuguez Soldado,
Escudo da nação impenetravel
He tua espada rigida, indomavel,
Que deve defender o Rei e o Estado.

He a teu vingador mavorcio lado
Que o jugo do inimigo insuportavel
Deve estalar, e ao Orco hir execravel
De cadêas asperrimas atado.

Soldado Portuguez, recobra o alento
Dos Castros e dos Nunos, cuja gloria
Combates decidirão cento a cento.

Valor, Lusos Heroes, para a victoria
Dá-vos jus o solemne juramento,
Hum Deus, a Patria, a Lei, Razão, e a Historia.

O mesmo.

POLITICA.

Cartas de D. João de Castro, IV Vice-Rei da India, trasladadas de huma copia, que possue o Excellentissimo D. Miguel Antonio de Mello, extrahida dos originaes, que parão em poder do Excellentissimo Conde de S. Lourenço, D. João Alberto de Noronha.

CARTA I.

Ao Infante D. Luiz, Irmão d'ElRei D. João III, na primeira vez, que esteve na India, em tempo de D. Garcia de Noronha, e D. Estevão da Gama.

HA obrigação, que tenho de servir a V. A. póde tanto, que sabendo eu quanta razão há de ho enfadarem minhas cartas, não posso acabar comigo deixar de lhas escrever, e cahir em groçaria, e tanto mais, quanto sei mais certo, que uzo nisto como sobejo, e importuno, mas como jámais se me póde arrancar da alma, e tirar da memoria as grandes honras, e mercês, que de V. A. tenho recebido, e os muitos beneficios, que alcancei de ser chegado á sua Real casa, e trazer na boca seu alto nome, temo tanto por algum cazo poder ser notado de ingrato, e desagradecido, que ho perseverado cuidado, que trago para me guardar de poder cahir em tão abominavel culpa mui asinha será occasião de receber V. A. com minha escriptura algum enfandamento, sem eu sentir ho que faço, por tanto, Senhor, este officio, e licença, que tomo todolos annos de lhe fazer saber as novas desta terra, durar-me-há tanto quanto nella estiver, ou V. A. aver por seu serviço o contrario.

Ho Viso-Rei (a) adoeceo de velhice, e dias importunaçoens, e fadigas dos homens, estaria obra de seis mezes em huma cama purgando seus pecados, e por derradeiro aos 3 dias de Abril pagou á natureza a divida, que lhe todos devemos. Por seu falecimento foi alevantado por Governador da India Dom Estevão da Gama, o qual tanto que recebeo, e tomou posse deste perigozissimo, e tormentozo cargo, logo começou com muito cuidado, e presteza a prover em algumas cousas, as quaes pela doença do Viso-Rey jazião cubertas de mato, principalmente mandou concertar muito bem a armada, e fazer de novo galés e galeões, e depois disto despedio Embaixadores aos Reys e Senhores da terra firme, persuadindo-os a guardarem com elle as amizades, e allianças antigas, e como teve assentado, e quietos os coraçoens dos Indios, começou a entender nas cousas de fazenda, e regimento da terra, ordenando que nam nauegassem Chatins, para bem e proveito da fazenda del-Rey, e com estas obras, e outras desta calidade, passámos ho inuerno.

Desde o anno de 1539 até agora em toda ha India chamada Intra-Ganges foi a maior esterilidade, qual nunca os homens cuidauão de uer, maiormente no Reino de Bisnaga, onde he tirado a limpo, que das tres partes da gente serão mortas as duas de fome, e como inda este mal não bastaua para vingança e castigo dos pecados do pouo, sobreueolhe huma peste tam cruel, que foi cousa, segundo dizem, monstruoza, em muitas partes se uirão fazer obras irracionaes, e contra a natureza dos homens, como as Mays gostarem as carnes dos seos

(a) Dom Garcia de Noronha, que passou a Governador da India no anno de 1538, e com elle foi pela primeira vez áquelle Estado D. João de Castro, que era seo cunhado.

proprios filhos, e ajuntarão-se os pouos, e cidadães, e por concelho, e parecer de todos irem-se lançar nos rios, e laguos, auendo que em escolher assi este genero de morte fugiam os trabalhos, e opressões de outras muitas mortes.

No grande Reino de Cambaia há dous annos que dura nelle a guerra civil, porque entrou competencia entre os Senhores, e priuados sobre quem teria em seu poder ElRey, ho qual he menino, e sobre esta causa forão, e são tamanhas as differenças, que está a terra perdida em tamanha maneira, que parece impossivel tornar a levantar a cabeça, e gozar da prosperidade, que soía.

Ho Malauar está todo de paz, e muito quieto, parece que leua caminho de se assentar e quebrar as furias passadas, ho que a meu juizo depois da destruição dos Rumes, parece que cumpre mais ao Estado, e conseruação da India, que toda outra cousa, temo que o desconcerto dos Portuguezes, e ho pouco que considerão do futuro, estorue tamanho bem.

Hos Rumes ho dia de hoje são senhores de todolos portos, e lugares, que há nas praias do Sino Arabico, chamado nestas partes Estreito d'Adem: quam damnoza, e prejudicial nos seja esta uizinhança a meu uer ha pouco que determinar, porque sómente com estarem quedos nos farão tanta guerra, e porão em tanto gasto, que nam será muito de nos porem em termos de leixar a terra, uisto como se não pode representar falta e necessidade, que qua nam haja para as couzas de serviço d'ElRey, e bem da Republica, de modo, Senhor, que armar quatro fustas nam há possibilidade, pois para pagar soldos, ou mantimentos, já somos desenganados, pelo qual a gente anda como pasmada, e fora de si, e daqui a uirem cahir em extrema desesperação ha muito pouco, ho que me faz muitas vezes conjeiturar na grande força, e es-

pantoza desprovidencia dos Portuguezes, os quaes em espaço de 40 annos poderão esgotar as riquezas innumeraveis da India, as quaes parecião sobrepujarem as forças dos humanos em muitos mundos, sem nos ficar, nam digo já em que nos possamos suster alguns annos, mas magoa e dor de tamanha desauentura, o que certamente com muita razão deuia de ser contado entre os sete milagres do mundo; este mal já agora irremediauel a meu fraco juizo deuia de nacer dos bons regimentos, e dos máos officiaes, que a esta terra uem; porque segundo uemos em Portugal, mais mezes tomão para pintarem e fazerem regimentos, que horas para se escolherem officiaes, porém a experiencia parece, que nos mostra o contrario, porque os bons e proueitozos regimentos não podem fazer os máos, e preuersos homens, que sejão fieis, e muito escoimados officiaes, e hos bons homens, e tementes a Deos sem regimentos, e com máos regimentos, são forçadamente bons officiaes, e acertam em quanto fazem, porque a uerdade he mui descuberta, e boa de conhecer, e tambem foram em Portugal chamar sesudos, e homens pera muito a pessoas, que roubão com toda a especie de maldade cincoenta, e ás uezes cem mil cruzados, e aos que ou por serem tementes a Deos, ou por terem amor e lealdade a seo Rey por fazerem o que devem, uão pobres, perdidos, e homens que senão sabem a proveitar, e por tanto trabalhe cada hum por alcançar boa fama, e nomeada em sua terra, que he cousa mui natural, e deuida a todos, de maneira, Senhor, que o seruir-se ElRei destes homens sesudos, e singulares uarões, he a pouca estima em que os outros, que senão sabem aproueitar, são tidos: pozerão a India e ho Reino em tal estado que nos he, segundo hora uejo, mais necessario apegar com os Santos, que confiar em nossas forças e poder.

Mas como quer que V. A. seja dotado de tantas e tamanhas uirtudes, quaes jámais a natureza ajuntou em Principe do Uniuerso, e que as cousas que tocão ao serviço d'ElRey, e bem uniuersal dos seos Reinos, lhe sejão sobre todalas cousas desta uida aprazivueis, não creio que será fora de proposito, e de minha obrigação dizer-lhe alguns pontos, nos quaes consiste muita parte de seo seruiço, e bem, e conseruação desta destruida terra. A Costa da India está cheia de fortalezas, e castellos, onde se consumem as rendas da India, e quanta fazenda uem de Portugal, sem que della se tire outros fruitos saluo opressões e trabalhos, e se já com estas fortalezas ganharamos honra, e se fortificara, e fizera maior o nosso poder, parecia cousa conueniente sofrer-se os seos continuos, e demaziados gastos, que se nellas fazem, mas eu uejo que tudo isto he contrairo, e que por respeito destas fortalezas somos fracos, e que polas querermos sustentar padecemos muitas deshonras, e necessidades, não sei certamente, que leis são estas dos homens tão crueis, que dizem ser abatimento dos Principes derribar paredes uelhas, as quaes postas em pé destruem os seos Reinos, e a elles poem em perigo, e derribadas os fazem grandes, e mais poderozos, e a seus Reinos bemauenturados. Nesta terra, Senhor, a meu uer, nam deuia de hauer mais que Cochim, Goa, Baçaim, e ainda Baçaim mais por causa da madeira que nelle ha, que por razam do dinheiro, que dizem que elle rende, uisto a p[illegible]a gente que há na India para as guardar, e os grandes impedimentos, que tem para se soccorrer, e como ellas sejam muitas, e os soldados poucos, canção o corpo, e sustancia da India estar tão derramadas que aos Turcos chegarem á barra de Goa, nenhum caminho há nem, pode hauer pera se ajuntar. Alem deste inconveniente, occupão estas fortalezas tanta gente, artilharia, bombardeiros, e gastão tanta

sema de poluora, e munições de guerra, que as nossas armadas ficam parecendo mais uazilhas de mercadoria, e descarga, que nauios de guerra; e tambem sam estas fortalezas tam fracas, que, tirando Dio, nenhuma outra he capaz de se poder defender oito dias de nossos inimigos, e tomando huma arma-se grande occazião para os Reys, e Senhores nossos uizinhos se alçarem por elles, porque affirmo a V. A. que a gente do mundo que mais segue aos uencedores he a da India. Assim, Senhor, que eu não saberia dar mais uiua razão para sustentarmos estas fortalezas, ou paredes sem fruitos, senão que deue já de ser assim por nos nam ficar cousa alguma por fazer pera pormos a India, e o Estado d'ElRey em balança, e extremo perigo.

Considerando muitas vezes comigo mesmo no modo e disciplina com que uiemos nestas partes, uerdadeiramente, Senhor, que fico espantado e atonito, e antes disto nam podera crer que ho costume de qualquer cousa, ou quiçá costelação da terra mudasse tam facilmente, e em prompto a nossa natureza, porque uejo que em chegando de Portugal á India, no mesmo instante tomamos noua fórma, noua arte, noua maneira de uiuer. A pessoa, que uem para soldado, na mesma hora quer parecer mercador, a que uem para mercador logo porfia, e julga nas coizas da guerra, e trabalha de parecer soldado, os fidalgos, e capitaens todo o tempo gastão em praticas sobre a fazenda, sobre ordenanças de batalhas, e batarias de cidades, desorte, Senhor, que de cada homem tomar o officio alhêo, e improprio nasce hum tamanho barbarismo, e forte confuzão em todalas cousas, e bem olhado quanto se faz, parece que tudo que cahe acaso, e por acontecimento: este nosso desconcerto até agora pode-se sofrer, por quanto contendemos com mulheres, e bestas mansas, porem ao presente, que começamos ao hauer com homens, temo muito de

nos acharmos enleados, e pouco praticos, polo que tenha V. A. por certo, que ho estado, em que está posta a India, he tão sutil, e perigozo, que mais que toda outra cousa, que agora saiba, requer maior consideração, e remedio, porque a terra está mais proue do que foi uisto outra, a gente quazi aleuantada, a guerra de todo esquecida, ho seruiço d'ElRey uniuersalmente contrariado, hos fidalgos todo dia andão em ajuntamento, e uniões, a pessoa do Governador mais que todas desacatada, ora ueja V. A. se sam todas estas cousas para arrecear, ou não, quanto mais que nos tomão com sessenta galez em Xoes, e com Adem, e todo ho Estreito de Turcos.

Este inuerno passado se amotinarão em Dio cento e cincoenta soldados a quem os Indios chamão Lascarins, e tomarão ho Baluarte grande uirando, segundo dizem, as bocas das bombardas excontra a fortaleza, foi necessario para concerto pagarem-lhe certo dinheiro; prouuera a Deos que os uira eu mortos, e a fortaleza laurada a sal antes que os Portuguezes gostarem de . . . e sahirem tanto em saluo com elles. Para segurança desta terra dizem quá, que cumpre mandar ElRey muita gente, e dinheiro, e creio eu que assim o escreuem a S. A., mas a mim parece-me que com hum só homem aremediaria, ho qual fizesse justiça, e castigasse sem nenhum respeito os fidalgos, assim como fazia D. Henrique (b) grande, e singular uarão ho mais de nossos tempos.

Porque sei que em Portugal, e assim mesmo

(b) O Governador, de quem D. João de Castro aqui falla, foi D. Henrique de Menezes, o Roxo, que no anno de 1525 succedeo ao Vice-Rey D. Vasco da Gama, pela primeira via de successão que se abrio, e governou até os fins de Fevereiro de 1526, que falleceo em Cananor.

201

na India se enganão com a gente, que anda nestas partes, direi a V. A. a uerdade do que passa: bem pode ser que na India sejão lançados seis, ou sete mil Portuguezes, porem tenha V. A. por certo, que nam há dois mil para dar batalha aos Turcos, e ao Governador fazer mais do impossivel ajuntará dous mil e quinhentos, e estes desarmados, por quanto as armas que do Reino uem recolhem-se nos almazens de Acedacão, e Hidalcão. Ho furo de se sumirem tantos Portuguezes, está muito craro, porque morrem infinitos; este inuerno sómente nesta cidade de Goa, são mortos por rol dos officiaes da Mizericordia, perto de sete centos homens, em Choromandel andão continuamente seiscentos homens, Malaqua, Maluquo, com outras terras dessas partes recolhe infinidade de gente, ora os que uam para ho. . . e espalhão pola terra firme não tem conto, de modo Senhor que não sómente a India he bastante de sumir a gente de Portugal, mas quanta há em toda Europa.

O Governador (c) está de caminho para dar em Xoes, e queimar as galez dos Turcos, leua quarenta até cincoenta fustas, segundo agora está orçado; esta uiagem tem agora que está em termos de se fazer tanta contrariedade, como proueitos quando a o Viso-Rey negaua, porque Senhor em uida do Viso-Rey, se hum homem topaua com outro, em lugar de ho saluar, fazia grandes caramunhas, que se perdia a India por não hir o Viso-Rey a Xoes queimar estas galez, pedindo estrumentos, e fee do que dizião, agora dizem que se perde a India porque uão lá. A hida me parece a mais

(c) D. Estevão da Gama, succedeo ao Vice-Rey D. Garcia de Noronha, e governou o Estado desde Abril de 1540 até Maio de 1542, em que entregou o Governo a Martim Affonso de Souza. Era filho de D. Vasco da Gama, o Descubridor.

obrigatoria que nenhuma cousa outra, nem eu o saberia imaginar como se podesse sustentar esta terra estando estas galez em Xoes, uerdadeiramente creo que ho mesmo tem todos para si, mas naturalmente são os homens da India tamanhos inimigos mortaes dos Governadores, que se nam contentão até os desfazer em pó. Eu, Senhor, fico este anno na India para hir a Xoes com o Governador, eu ho fazer assim cuido que faço algum serviço a ElRey, pois que nesta jornada gasto toda minha fazenda, e ponho em grandes perigos minha pessoa, se me Deos traz uiuo deste caminho, na primeira embarcação, que achar me hirei para Portugal sem cousa deste mundo me poder estoruar, saluo uirem os Turcos á India: peço a V. A. por sua Real cremencia, que o haja assim por bem. Nosso Senhor guarde, e acrescente a uida, e Real estado de V. A. De Goa aos trinta dias do mez de Outubro de 1540.

CARTA II.

Ao mesmo. (a)

DE tanto avante como a Ilha da Madeira escreui a V. A. com quantas bonanças passámos nesta sua armada o Golfão chamado Val das Eguoas, e a muita gente, que se achou nas Nãos, além da que assentarão na Caza da India; depois de passarmos a Ilha, e ter despedido a Caravela de recado, onde mandei os alardos, que se fizerão particularmente em cada Não, nos derão huns uentos Leuantes mui-

(a) Esta carta confirma bem o que Jacinto Freire escreve da humanidade, que D. João de Castro teve com os degradados, que se esconderão na sua Não. Não he toda escripta de sua letra. Parece ter sido escripta de Moçambique no anno de 1545 em que partio D. João para governar a India.

to forçozos, com os quaes nauegámos até a Ilha de Cabo Verde, e posto que algumas Náos hião muito pezadas, e que me era grande trabalho esperar por ellas tomando de continuo as velas, no que se perdia muito caminho, eu as fui temperando de maneira, que trouxe sempre as Náos muito juntas, e agazalhadas até obra de sincoenta leguas avante das Canarias, na qual paragem estavão seguras de poderem encontrar cossarios. Neste lugar começou aparecer na minha Náo muita gente, que hia escondida, parecendo-lhes que já estauão seguros de os não lançarem fóra, e foi tanta, e tão demaziada, que nos pôz em muito cuidado, e esteue mui perto de tomar as Ilhas de Cabo Verde pera deixar hi toda a que se não podia leuar sem muito risquo, mas lembrando-me que nesta conjunção entraua o uerão nas Ilhas, onde por a destemperança do ar estaua muito certo morrerem todos, ou a maior parte dos que ahi ficassem, determinei fazer minha uiagem, e passar por diante, pondo o remedio nas mãos de Deos, e não quiz então saber o numero da gente que nesta Náo hia, porque não espantasse, e fizesse máo sabor a todos, mas pondo grande prouisão na agoa, e mantimentos, de maneira que se desse, e não se esperdiçasse, e porque a este tempo tinhão já passado as Náos os lugares de suspeita, e hauendo de esperar por ellas perdia muito caminho, e aventuraua a perder a jornada, e me tomarem as calmarias de Guiné, onde nos puderamos perder á sede, me pareceo seruiço de Deos, e de V. A. dar ás velas com as Náos que pudesse ter comiguo, e as outras hiremse apoz mim, porque as mais das uezes acontece nesta carreira, que as mais manquas, e pesadas chegão primeiro a porto, que as outras que tem fama de ueleiras, e correrem muito; e assim acompanhado de D. Jeronimo, que vai na Náo S. Pedro, e de D. Manoel da Silveira, Capitão do Galeão San-

ta Cruz, me apartei da outra armada, e caminhei por dentro dos mares de Guiné, sem achar mais que dois dias de calmaria, e todo o outro tempo com ventos de uiaje me puz em sinco grãos da linha para a banda do Norte, onde me deram os uentos suestes muito rijos, a que chamão geraes, com os quaes dobrei o Cabo de Santo Agostinho muito a barlauento, e hindo-me o uento alargando cada uez mais, me puz em altura de trinta grãos, e comecei átrauessar a outra banda, e demandar o Cabo da Boa Esperança, onde huma noite se perdeo de mim D. Manoel com huma trouoada que nos deo, e fiquei sómente com D. Jeronimo, (b) o qual se não apartaua da minha quoadra dia, nem noite hum tiro de bombarda, e desta maneira fazendo meu caminho sem nunqua me uentarem Ponentes, mas ventos da banda do Norte, até o Nordeste, nem sentir algum trabalho de tormenta, nem fortuna do mar, cheguei ao Cabo da Boa Esperança a quinze dias de Junho, e á vista delle andei muitos dias em calmaria, e se alguma hora ventaua, era muito bonança, e da banda do Leuante. Passadas estas calmarias e Leuantes me deram tres dias de Ponentes, com os quaes fui chegando a Ribeira, e me puz tanto ávante como a Baia Formoza, e aqui me acalmarão, e tornarão a uentar de nouo os Leuantes muito rijos, e furiozos, com os quaes andando amainado, e de mar emtrauês, não sei por caso das grandes correntés, se por a muita força dos uentos, ou se huma cousa, e outra o causarão, tornei atraz mais de cento e trinta leguas, que foi

(b) He D. Jeronimo de Noronha, ou de Menezes, filho herdeiro de D. Henrique de Menezes, Irmão do Marquez de Villa-Real, o qual hia por Capitão de hum dos Navios da Armada, que conduzio D. João de Castro, quando foi Governador á India.

cousa até agora não acontecida nesta carreira. Estes Leuantes durarão mais de uinte e sinquo dias de sorte que já me fazião crer hauerem de ventar para sempre. A este tempo andaua comigo D. Jeronimo, que nunqua se apartou demim, e Simão Peres, o qual achei na volta do Brasil, e polo trazer comigo vim a maior parte deste caminho sem traquetes da Gavea. Neste lugar botou Simão Peres o batel fóra, e me ueo dizer, que o Doutor Francisco de Mariz, que vinha por Veador da Fazenda falecera de prioriz na Costa de Guiné, como isto soube mandei prouer sobre as Orfãs, que vinhão em sua companhia, e lhes mandei dar todalas cousas necessarias, entregando a guarda, e recato destas Orfãs ao Doutor Francisco Toscano, e mandando fazer deligencia sobre a maneira de que vinhão, e como erão tratadas depois do falecimento do Doutor, achei não lhes ser feito agrauo, nem descortezia alguma, mas virem com toda honestidade e recolhimento, do qual foi muita parte Francisco Toscano Chançarel da India, porque jámais se apartaua dellas, e nem consentia nenhuma gente estar de redor de seos gasalhados, de que se lhe podesse recear algum nojo. Por falecimento do Doutor Francisco de Mariz não se achou outra fazenda saluo muitas diuidas, que diuia na Náo, e tamanha proueza, que he grande piedade de se saber. Sua mulher tenho sabido ser muito honrada, e virtuoza, leua comsigo filhos, e filhas pera os quoaes não tem nenhum remedio de vida, se de Deos, e de V. A. lhe não vier, cousa dina seria de sua real condição lembrar-se desta desemparada viuva, e orfãos, e fazer-lhe mercê de alguns officios pera com elles casar, e emparar asi, e a suas filhas.

Logo ao outro dia que me Simão Perez fez a saber do falecimento do Doutor Francisco de Mariz, se perdeo de mim, dizem os destas Náos que

o fizeram acinte pera hirem por fora, e parece ser isto assim, porque o Piloto da minha Náo me mostrou huma carta de Dioguo Garcia, Piloto de Burgalosa, em que lhe mandaua cometter, que fossem por fóra, porém até aguora não tenho nenhuma certeza da verdade. A este tempo, que se esta Náo apartou demim uentarão os Ponentes obra de cinquo dias, com os quaes me puz quasi na altura do Cabo das Correntes, e desci com ventos bonanças, e calmarias fora de toda opinião pratica, e esperança da gente do mar cheguei com D. Jeronimo ao porto de Moçambique a vinte e oito dias de Julho, e achei hi Jorge Cabral, que havia trinta dias que era chegado, e mandando aqui fazer alardo da gente da minha Náo, achei quinhentas setenta e quatro pessoas, sem em toda a viajem me morrer nenhuma, antes chegou tam san, e bem disposta, que parecia a essa hora embarcarem, Nosso Senhor louvado, e mandando saber da Náo de D. Jeronimo, e de Jorje Cabral, achei que nenhuma pessoa lhes era falecida de doença, sómente dous homens, que cahirão ao mar. A D. Jeronimo achei muitos mantimentos na Náo, que me forão mui necessarios por vir já com alguma mingua, principalmente de vinho. Acabado de surgir de fora de Moçambique, soube que huma Náo das da minha companhia escorrera este porto, e hia na volta da India, nam se pôde determinar qual seria.

Depois de estar surto, e ter as Náos bem amarradas, mandei levar os doentes, que nellas havia ao Espital, e loguo desembarquei, e com o Veador da Fazenda o fui visitar, e achamos nelle de todas as tres Náos, e da gente da terra quatorze, ou quinze doentes, os quaes forão curados, e remediados o melhor que foi possivel, e o Veador da Fazenda tomou em lembrança as cousas que faltauão neste Espital, assim de roupa como de mezinhas, pera lhas mandar da India, e dali com el-

le, e com os Fidalgos, e Capitães, e D. Jorge Capitão da Fortaleza, fui ver o sitio da Ilha, e disposição do porto, e assim a Fortaleza, que agora está, e o que me amim, e a elles pareceo he que desta Fortaleza não deve V. A. fazer nenhum fundamento, que se póde guardar como aguora está, nem pera a mandar fortificar, assim por ser muito pequena como por estar no mais ruim sitio de toda a Ilha, e a despeza que se nella fizer por estes dous respeitos será botada a lonje, porque he em si tão pequena, que com mais verdade se poderá chamar Bastião, ou Baluarte, que Castello, e Fortaleza, e como isto he assim, nenhuma cousa se lhe póde fazer com que fique forte, porque no tempo da guerra nenhum lugar pequeno se póde defender por respeito da grande força, e furia da artelheria, nem se póde chamar forte o lugar, o qual quem no defender, se perde hum muro ou huma cava, se não póde retirar fazendo novos muros, novas cavas, e novos repairos, por tanto Senhor o meu parecer he que se V. A. quer fazer huma Fortaleza em Moçambique muito forte, e que se possa defender aos Turcos, se a vierem cercar, que a deue mandar fazer na ponta da Ilha, que está na entrada do porto, a qual ponta he tão forte de natureza, que com mui pouca despeza se fará nella huma força inexpugnavel; porque toda ella quasi está rodeada de mar, e cingida de hum rochedo fortissimo, e muito alto de maneira, que aguora sem mais industria, ou muralha não he possivel chegar-se nenhum batel, nem outra sorte de navios aopé, nem pessoa alguma subir por elle acima, e no rostro desta ponta se faz huma prainha d'arêa, onde está boa desembarcação para quem vier socorrer a Fortaleza sem da Ilha se lhes poder fazer algum nojo, ainda que estê occupada dos inimiguos, nem menos do porto, sómente tem necessidade esta ponta de ha cortarem de

mar a mar, e atravessarem com o muro, que terá em comprido trinta e huma braças; o chão por onde ha de hir este muro, e muito além, he todo hum rochedo vivo, de sorte que se não poderão aproueitar os inimigos das enxadas, e das minas, que são os estrumentos mais prejudiciaes, e damnozos de todos contra as Fortalezas: este sitio além de ser tam forte como digo a V. A., tem outros proveitos comsiguo, o primeiro he que está muito sobranceiro sobre a entrada do porto, e sobre o mesmo porto, e nenhuma Náo póde entrar dentro, nem sahir nem estar no porto, que deste lugar se não meta no fundo, o segundo he que em todo o circuito da Ilha não ha outro lugar tão sádio por caso de estar descuberto dos ventos, e lauado do mar, e estar fundado sobre rochedo, e pedra, e a estes proveitos se ajunta outro mui grande, e he que com pouca despeza se póde fazer huma força mui grande, e fazendo-se não está em razão uirem os Turcos a Moçambique como muitos receão, porque além da grande resistencia, que lá acharão, he a terra por de redor de calidade, que os não consentirá muito tempo, por caso que he mui esteril, e falta de mantimentos, e os Turcos são homens mui grandes comedores, e dados a vicios e deleites, e tem os ares mal sãos, e destemperados, as aguoas são poucas, ruins, e essas que ha são mais que trabalhosas de hauer, porque aguora não estando aqui mais de tres Náos cada dia me vem dizer, que secão os pouos. Quanto ha hum Canal, que me V. A. mandou, que soubesse se podião por elle entrar neste porto de Moçambique; eu mandei lá dous Pilotos, e acharão que de aguas vivas poderão vir por elle galez, parece-me que hauendo V. A. por bem, que se faça esta fortaleza, e hauendo que importa muito a seu seruiço, e a segurança da India, que não será muito em-

tupi-lo, e cega-lo, e fazendo-se ficará seguro o porto, e o mais forte do que se poderá achar em todo mundo, nem se poderá jamais desentupir o canal se huma vez for cego, porque por esta banda, que elle vai, que he entre a Ilha e terra firme, não ha vagua de mar, nem resaqua, nem quebrança, pera que possa leuar a pedra que nelle for lançada, e pera que isto melhor se possa entender mando aqui a V. A. a pintura, em que se contém todas estas cousas. E no que póde hauer trabalho com ceguar este canal, he em hauer a pedra de que esta Ilha carece, porque pera o mais sobeja a dispozição. Quanto ao modo, que se deue ter na fortificação desta ponta, parece mui facil de entender, como quer que se não deue fazer conta de mais que do muro que se oppoem á terra da Ilha, o qual como acima dixe tem de comprido trinta e huma braças, o pano deste muro faria eu hum pouquo encuruado, pera que a chegada a elle fosse mais difficultoza aos inimigos podendo ser feridos de rostro, e das ilharguas, tambem pera que a artilharia o não batesse por linha direita, e assim se sogueria outro proueito, que seria as bombardas, que joguassem decima delle, cruzarião humas per outras, e não deixarião algum lugar da Ilha onde não uarejassem, e em cada extremidade, ou ponta, onde o muro fosse encontrar a rocha de sobre o mar, faria hum baluarte, os quaes sómente terão traveses, que cheguem ao longuo deste, porque pera uarejar os outros lados desta ponta, que uão ao longuo do mar não ha nenhuma necessidade como quer que a elles se não possa chegar nenhum batel, nem pessoa alguma sobir pelo rochedo acima. Como já tenho dito, estes baluartes serão cheios, e terraplanados e emcima estará ha artilharia, que uareje toda a terra da Ilha, e o porto; mas porque do mar se não possa fazer nojo ás casas, e gente que estiuer dentro na fortaleza, será neces-

sario fazer-lhe peitoril porcima do rochedo, que vai sobre o mar até a altura de dez palmos, quanto abaste sobir a gente.

E porque ao prezente se não podia pôr mãos a esta obra por caso, que a pedra, de que se ha de fazer a cal, se tira toda de restinguas, e rochedo, que cobre a maré de baixa-mar de agoas uiuas, e assim porque me pareceo grande atrevimento desfazer huma fortaleza, que ha tantos annos que está feita, e hi-la fazer n'outra parte, sem especial mandado de V. A., determinei de não bolir em cousa alguma até me uir seu recado, e em tanto se hirão juntando as acheguas. Eu já tenho deixado recado a D. Jorje, pera que com grande deligencia ajunte a mais pedra de cal que for possivel, e a ponha no lugar onde se hão de fazer os fornos, que bem haverá mister quatro, ou cinquo mezes pera isto, pois se tira com tanto uagar, e sómente na baixa-mar d'aguoas uiuas, e a outra pedra de laurar se poderá hauer derribando as paredes da fortaleza. E se por uentura parecer a V. A. excuzada esta obra, e quiser que se remedee a fortaleza, que aguora ha, mandar-lhe-heî erguer os muros, e amea-los, e assim fazer-lhe dous baluartes, o que a meu juizo se não deveria de fazer, nem gastar tempo, e dinheiro nisso.

Os dias passados mandou D. Jorje a Lourenço Marques em huma fusta a descobrir dous rios, que estão além do Cabo das Correntes, hum delles em altura de uinte e cinquo gráos, e o outro em uinte e seis, mui pouoados de gente negra e grandemente abastados de mantimentos: o rio que está em uinte e cinquo gráos lhe amostrarão cobre, e lhe disserão que tinha muitas minas delle, e lhe venderião quanto quizessem. No outro rio virão grandes manadas de elefantes, e se lhe offerecerão os negros a lhe venderem marfim, e fallando no preço concertarão, que por humas poucas de con-

tas, que pódem valer tres uintens, lhe darião hum bar de marfim, que pouco mais ou menos valerá cem cruzados na India. Pareceo-me bem, e ao Veador da Fazenda que, como chegasse a India, mande huma fusta a descobrir, saber muito bem como isto passa; porque seria grande proueito da Fazenda de V. A. se aqui podessemos hauer cobre, maiormente, sendo tão bom como este homem, que lá foi afirma.

Neste porto de Moçambique achei huma Náo, que inuernaua, a qual se fez na India, e vem por Capitão della Bernaldo. . . . (c)

Continuação do exame de hum moderno viajante ao Brazil.

NO Capit. X. diz o A. que o Commercio do Brazil para a Europa he principalmente feito por tres portos principaes. Estes são *Gram-Pará*, *Bahia de todos os Santos*, e *Rio de Janeiro*. ,,

Todos sabem que *Pernambuco* he hum dos portos de mais commercio para a Europa. No N.° 4.° deste Periodico (1.ª Sub.) vimos que aquella praça introduzio em *Liverpool* 10647 sacas de algodão em 4 mezes de 1812, além de outros generos. Alli mesmo vemos *Maranhão* remettendo ainda mais algodão do que *Pernambuco*. Estes dois

(c) Esta Carta foi escrita no anno de 1545 em Moçambique, como della se colhe, quando D. João de Castro hia para a India pela segunda vez, e nomeado Governador do Estado. He lastima que della não exista mais do que o fragmento que copiamos, o qual mostra quão importante seria o que continha, e quanto para sentir he a perda de documento tam notavel.

portos são de hum commercio muito mais vasto que o *Pará*; e entretanto não mereceráõ ao nosso viajante á honra de serem nomeados.

,, Deste porto (do *Rio*) são exportadas as producçoens de *Porto Seguro*, *Espirito Santo*, e *S. Vicente*. ,,

A Capitania de *Porto Seguro* tem dois portos de bastante frequencia, *S. Matheus* (que o A. chama *S. Mathias*) e *Caravellas* (na sua linguagem *Carevellos*). Pelas entradas das embarcaçoens daquelles portos nesta Corte, e na Bahia, sabemos que os generos, que exporta aquella Capitania, são farinha, milho, feijão, e outros de consumo do paiz, e alguma pouca tatagiba, que não merece contar-se como addição ao commercio daquellas duas Capitaes. A Capitania do Espirito Santo offerece dois portos de *Guaraperim* e *Benevente*, cuja exportação nada fornece aos mercados da Europa. O A. não poderá desprezar a Memoria Topographica e Statistica sobre aquella Capitania, que inserimos no N.° 3.°

Teima fortemente o A. com a Capitania de S. *Vicente*, que não existe ha tantos annos! Sem duvida as suas instrucçoens forão as que achou em antigos escritores, aos quaes todavia acrescentou algumas descobertas, como, a das Cidades de *Porto Seguro*, *Carevellos*, &c.

Rapidamente caminhamos para a descripção da Bahia, que parece ter merecido ao nosso *Inglez* huma particular amizade.

,, A Provincia da Bahia comprehende 50 legoas de costa, na immediata visinhança da Bahia. Ainda que huma das mais pequenas divisoens do Brazil, he a mais fertil, populosa, e abundante. ,,

Querendo errar de proposito, nada mais se faria. Tomando para limites d'aquella Capitania os rios de S. Francisco e Doce, temos huma extensão de Costa de quasi dez gráos de Norte ao Sul, e ii

que pelas sinuosidades faz mais de 200 legoas, huma das maiores deste Continente.

Por huma benevolencia incomparavel he sobre esta Capitania que recahem todas as censuras. A pag. 27 (copiada da pag. 525 do T. 3. de Raynal) condemna o uso do ouro e prata, dos galoens, &c. Felizmente não disse como o seu mestre que usavão de rozarios de diamantes.

Passemos as casas, as ruas, &c.; a cadêa, os segredos, &c. communs a todo o Brazil.

,, Immediatamente junto ao convento dos Franciscanos, se dotou hum estabelecimento separado para os terceiros desta ordem, que dizejão retirar-se inteiramente do mundo no ultimo periodo da sua vida. ,,

Este edificio, que na verdade merece attenção, e do qual o A. louva com razão o craneiro, ou cemiterio, não tem o destino que elle lhe attribue. Todos sabem qual he o destino de simelhantes estabelecimentos, e não he preciso cançar a paciencia do leitor.

,, A tropa desta Cidade consiste em hum regimento de artilheria, tres regimentos de linha, tres de milicias, e hum composto de mulatos e negros livres, o que tudo sobe a perto de cinco mil homens, commandados por hum Marechal de Campo, debaixo das ordens do Governador. ,,

Que será mais claro do que isto? Nunca existirão na Bahia tres regimentos de infantaria; e não ha hum regimento de mulatos e negros. Qual seja o seu numero, não sabe o author seguramente: nem nos incumbe dize-lo. A época, que nos parece ser a de que falla o A., foi bem grata ao nosso coração, quanto he saudosa a sua recordação: poderiamos fornecer-lhe muitos dados: achamo-nos porém pouco dispostos a isto.

,, Todas as tropas do Brazil são fornecidas pela mai patria de espingardas Inglezas. ,,

Quiz dizer feitas no arcenal do exercito em Lisboa. O que elle diz dos soldados (a que chama *simplices sombras de homens*), do sustento de bananas e farinha, são invençoens poeticas daquelle cerebro esquentado.

Começamos porém a entrever o motivo de tanto rancor . . . ,, nenhum povo trata os estrangeiros com mais reserva e altivez do que os Brazileiros. .,

Qual será a extensão desta asserção, he o que ignoramos. Vimo-los tratados na Bahia com a maior urbanidade; mas tambem vimos (e eis o busilis) huma constancia a toda a prova, huma energia incomparavel em sustentar as leis da Nação, e as vantagens da colonia; e nisto em nada se offende a hospitalidade com os estrangeiros. . .

Não podemos conter-nos ao ler na pag. 229 asserçoens escandalosas, que, se fossem verdadeiras, farião a maior injuria aos Brazileiros. He tão atroz a calumnia, que não me attrevo a traduzir as suas palavras. O original diz o seguinte.

,, *Here, as well as at Rio, the inhabitants who are at all acquainted with European politics, display great partiality for the French cause; nor have the enormities unfortunately attendant on the revolution abated their admiration of this great event. They justly observe that the crimes, wich stain the annals of republican France, are imputable to the errors of the old government, and the hostilitees of the combined powers—not to those principles of freedom, wich lead an oppressed people to assert the unalienable rights of their nature. So deep-rooted indeed do these opinions appear, especially in the minds of the younger Brazilians, that it is more than probable they would, in concurrence with other circumstances, have quickly led to an important change in their political situation, but for the removal of the seat of government to their country.* ,,

Sem duvida não se póde denegrir mais o quadro. Mas vejamo-lo á luz da verdade: elle parecerá o mais horroroso, quanto o mais impostor. Se o A. lesse a Historia, veria quantos sacrificios fizerão os Brazileiros para se livrarem do jugo estrangeiro: veria mesmo na Bahia o valor com que essas *sombras de homens* (como elle impudentemente falla) arrostrarão e destroçarão os Hollandezes, e reconhecerão por seu legitimo Soberano o Illustre Ramo de Bragança: saberia que esses conloios, tão ordinarios em outros paizes, que se gabão de bem governados, são desconhecidos no Brazil: e para de huma vez tapar-lhe a boca, bastaria que lhe contassem o alvoroço e a alegria, com que naquella Cidade foi recebida a Augusta Pessoa de S. A. R. e da Sua Real Familia. Muitos dos nossos Leitores são testemunhas dos sentimentos de amor e fidelidade, que tão dignamente desenvolverão, prestando quanto em si era do melhor grado. Quem, a não ser hum escritor solto em palavras, e acanhado em noticias, accusaria este povo de affincado a principios errados de insubordinação, e dessa mal entendida liberdade, que tem alagado a Europa em sangue?

Mis será possivel que hum escritor avance sem provas huma simelhante asserção? Certamente não. Elle as tem. Vejamo-las.

„ Alguns dos mais ricos moradores tanto do Rio, como da Bahia, tem as suas sallas ornadas com quadros Francezes, que representão as proezas de seus victoriosos Generaes, que elles olhão com sentimentos do mais vivo enthusiasmo. Ainda as suas pequenas livrarias são surtidas com os escritos de Alembert, Buffon, Adam Smith, Thomas Paine, &c. „

Eisaqui as grandes provas, que produz hum estrangeiro em materia de tanta importancia. Negando o facto do ornato das cazas, ao menos segundo

nossa noticia, perguntaremos ao nosso viajante, em que logica aprenderia elle a tirár tão boas conclusoens? Como da presença da gravura de hum Francez, ou de huma acção de hum dessa nação, se conclue a adhesão aos seus principios? Se mesmo não he possivel admirar hum rasgo particular de prudencia, ou de valor, sem adoptar os sentimentos daquelle que o praticou? Se hum similhante logico visse em caza de hum Mathematico o retrato de Lallande, decidiria immediatamente que elle era atheo. Se hum curioso tivesse a pintura de Mafoma seria logo reputado Musulmano... Oh! Como está adiantada a Filosofia em outros paizes! Agora conhecemos porque o A. diz, em outro lugar, que no Rio não se cultiva a litteratura, e muito menos as sciencias, em hum tempo em que além das Aulas do Latim, Grego, Rhetorica, e Filosofia, havia huma Academia, em que se explicava hum Curso Mathematico. Sem duvida nestas Aulas não se ensinava a discorrer tão sabiamente, com vergonha dos seus Professores. Por mais habeis que elles fossem, poderião sim notar os sophismas do Sabio Inglez, mas não imita-lo. Não passaremos sem notar que o mesmo Escritor que, poucas paginas antes, apenas nos permittia algum livro rançoso de Medicina, ou de Theologia, agora nos torna tão familiares os Buffons e os d'Alembert, os Smiths, os Paines &c. Serão estes authores incluidos naquella classe? Mas de que maneira contribuirão estes Escritores da primeira ordem para semearem doutrinas politicas tão fataes á Sociedade? Como inculcará o A. perigosa a lição d'Alembert, e de Buffon, dois genios singulares, dois Sabios de hum reconhecido merecimento? Não he acaso mais perigosa a sua obra, que lança a irrisão sobre os actos mais serios da Religião do paiz, que mofa de disposiçoens do governo, e attaca sem pejo, e sem verdade, as cousas mais serias? O A. da *Riqueza das Naçoens*,

não esperaria de hum seu nacional a nota de perigoso, de contrario aos principios da Sociedade, e em summa de hum fautor dos principios anti-politicos. Sabemos que elle fora accusado de sectario das doutrinas de Voltaire, mas onde estão ellas na *Riqueza das Naçoens*, obra classica, que tem adquirido tanta celebridade? Que diria o A. se soubesse que hum dos nossos Sabios se esmerou em traduzi-la em vulgar, vindo agora a ser mais geral o seu conhecimento? Miseravel escritor!

„ A' proporção da sua admiração pelos Francezes apparece a sua antipathia para os Inglezes. „

Porque? Senhor Grant? A resposta he offensiva do seu Governo, e por isso a ommittimos: mas instamos pela prova do facto. Vimos retratos de Nelson, não só em paineis, mas em caixas, &c. Vimos pinturas dos combates navaes dos Inglezes, até em cazas publicas. Logo (he Logica do Inglez) os Bahienses são muito amigos dos Inglezes. Qual he o signal de má vontade, que tem dado aquella praça? Em 1805 esteve naquelle porto huma esquadra Ingleza; foi provida de tudo quanto houve mister: na chegada de S. A. R. ao Brazil, e depois della, tem-se prestado constantemente aquelle gazalhado, que os mesmos Inglezes confeção. Em que parte não brilhão os effeitos da união destas duas naçoens pelos mais sagrados laços? A mesma causa, o mesmo empenho, o sangue promiscuamente derramado sobre a Peninsula, sobre o Continente da America, e até sobre o Oceano, póde ser compativel com huma idéa tão indecorosa, que o viajante dá dos Brazileiros? Soceguemos porém o nosso espirito para reflectirmos sobre as causas desta sanha, deste rancor, mostrado e desenvolvido contra o Brazil em geral, porém refinado contra a Bahia. Ouçamos o eloquente Escritor.

„ Os nossos navios, antes da chegada da Corte Portugueza ao Brazil erão detidos pelos mais frivo-

los pretextos, e toda a communicação com a terra era prohibida com mais rigor do que nunca. „

Traduziremos isto em hum Portuguez mais corrente, e ainda bem que estamos muito ao alcance de o fazermos com toda a verdade. O A. quiz dizer isto. — Antes da chegada de S. A. R. á Bahia, aquella Capitania era governada por hum homem de hum caracter firme e inflexivel, attento á execução das leis do seu paiz, sustentando com huma energia extraordinaria as ordens do Seu Principe, e empenhado em evitar o contrabando, tão funesto aos interesses da Real Fazenda, como á prosperidade do commercio. Para conseguir este fim, não permittia a descarga e venda das mercadorias estrangeiras, as quaes embaraçava com huma ronda, commandada por hum official. Então, mais que nunca, foi dificil continuar em hum commercio prohibido, que tanto agradava aos aventureiros estrangeiros. — He isto em summa o que diz o A., e desta vez somos de acordo. Fora facil provar todas estas asserçoens, melhor do que o viajante faz. Existem daquelle respeitavel Governador officios em circunstancias bem melindrosas, que provão todo o vigor do seu caracter. Não nos he dado levantar o véo, que os esconde ás vistas do publico: nem he este o lugar de escrevermos a sua vida politica. Com tudo o Inglez blasona de haver enganado a vigilancia do governo, e subornado aquelles mesmos, que devião zelar o cumprimento de suas ordens. He bem ordinario (desgraçadamente!) achar-se algum individuo que falte ao seu dever: mas he bem ridiculo gabar-se de haver lançado mão de tão indigna corrupção. Quando aquelle que governa descança sobre a honra de hum inferior, e este prevarica; deve odiar-se o segundo, e condoer-se do primeiro. He por similhantes lapsos que as leis mais santas são muitas vezes illudidas, ou ainda infringidas.

,, A superstição, a hypocrisia, a priguiça, a paixão pelo jogo, e ostentação, juntas á mais extrema avareza, e hum decisivo desprezo pelo bello sexo, formão os traços das maneiras dos Bahianos. ,,

Já dissemos o credito, que merecia hum estrangeiro, que dicide do caracter de hum paiz, por onde apressadamente passou. O tempo, a reflexão, a imparcialidade, a communicação com sociedades escolhidas, faltão a hum viajante, que, para assim dizer, não piza dois dias o mesmo terreno. Mas o que revolta he ajuntar á impostura huma inconsequencia notavel. Reparemos bem *nestas feiçoens* 1.ª a *superstição*: os argumentos parece que são a profusão nas festividades e procissoens, e outros actos publicos de religião, communs não só ao Brazil, mas a todos os povos Catholicos, e que não prova grande juizo hum escritor, que reprova por isso que he de differente religião. Porém esta profusão he contraria á extrema avareza, que tambem não se compadece com os banquetes, que elle une ás festividades. Aqui temos já duas qualidades repugnantes. 2.ª *hypocrisia*. Como se poderá dizer que huma população he hypocrita? Póde este vicio apparecer em alguns individuos, mas no todo só se poderá conhecer por actos publicos. Estes não imaginamos quaes possão ser, ao menos não conhecemos caracteres que os distingão na Bahia. Parece porém que ser hypocrita, jogador, e amigo de ostentação, não he compativel. Ao menos confeçamos que esta união não cabe na ignorancia de hum Brazileiro. 3.ª *avareza em extremo*. Era notavel esta Cidade pela hospitalidade que prestava: todos os annos corrião a aquelle emporio centenas de infelices enviados do Norte de Portugal (a que chamavão impor), erão agazalhados, ajudados, admittidos a Socios, e formavão-se grandes negociantes. Outros desamparados achavão asilo, e protecção. Temos ouvido milhares de testemunhas da liberalidade,

que parecia distinguir os moradores daquella Cidade. Todavia por huma metamorphose notavel apparecem convertidos em avaros extremos, caracter o mais opposto ao daquella gente. Isto he que se chama magica branca: 4.ª *desprezo do bello sexo*. . . *Risum teneatis amici*? Meu Inglez, nos não quizeramos dizer-lhe que *mente*, mas perdoe a hum grosseiro Brazileiro a falta de outra expressão. Quem lhe disse que os Bahienses, Bahianos (ou como V. M. quizer) odêão o bello sexo? Digão-no os seus Poemas . . . digão-no . . . mas para que? Se V. M. tudo sabe, tudo vio, como sabe e vio o que se passa no globo da Lua, ou no de Herschell, que tem hum nome mais do seu conhecimento.

,, O maior prazer de hum Bahiano, e em geral dos Brazileiros, consiste em huma perfeita inacção, mental, e corporal. ,,

Que Edipo entenderá esta esphinge? Disse pouco antes que os moradores da Cidade baixa mostrão muita actividade, e trafego, (*there prevails among them a considerable appearance of activity and bustle*) e agora os chama perfeitamente ociosos? Tomaramos entende-lo: mas vemos que a culpa vem da nossa falta de logica. Pobres Bahianos! Lem d'Alembert, e Buffon!

,, O Commercio interior, sem embargo da indolencia dos colonistas, tambem he muito consideravel: ,,

Quem faz logo este commercio? Se o viajante tivesse vagado hum pouco pelos reconcavos, veria gente laboriosa em extremo, não colhendo de suas fadigas a sua subsistencia. Sem distracçoens, e podemos dizer sem prazeres, o trabalho he a sua occupação unica. Por certo mais ocioso he quem os condemna sem conhecer. Mas se estes não são ociosos, tão pouco o são os negociantes, segundo o testemunho do A.; donde vem a indolencia dos Colonistas?

O A. repartio os generos a seu sabor ; deu á Cachoeira tabaco e algodão, á Itaparica agoardente e azeite, madeira a Ilheos, peixe salgado a Porto Seguro, &c. Digo a seu sabor, porque o azeite de balêa, por exemplo, he extrahido nas differentes armaçoens. No tempo do contrato, a feitoria era em Itaparica, he verdade: mas havia outra casa na Itapoan; depois de extinto o contrato, tempo em que o A. escreve, diversos negociantes fizerão armaçoens em sitios differentes, existindo sò huma na Ilha de Itaparica, em quanto nas visinhanças da Cidade ha muitas, como em Itapagipe, Barra, &c. Tambem não he de Itaparica que vem a maior porção de agoardente. Hum só engenho naquella Ilha não póde correr parelhas com o Iguape, por exemplo, que parece a terra de engenhos. Mas o A. levou-se das primeiras apparencias. He costume que os barcos, que vem dos differentes portos de reconcavo, pernoitem naquella Ilha para sahirem pela madrugada com hum terral constante, e he muito agradavel ver aquella esquadra miuda composta de 40, 50, ou mais embarcaçoens quasi em linha demandar a Cidade, á qual traz a abundancia. O estrangeiro vê chegarem de Itaparica muitas lanchas carregadas de agoardente, e lhe attribue aquella exportação.

,, A agoardente de cana está nas mãos de huma companhia exclusiva, e por consequencia tem hum preço enorme. ,,

Duas falsidades em duas linhas. A quantidade grande, que se exportava, o mostra: ha muitas fabricas, ou alambiques, que traficão unicamente neste genero.

,, Estrangeiros de todas as naçoens são expressamente prohibidos de entrar em Commercio com o Brazil. ,,

A Carta Regia, que abrio o Commercio aos estrangeiros, he de 18 de Fevereiro de 1808. Hum

author, que escreve em 1809, devia ter conhecimento della, ou pelo menos dos muitos navios da sua nação, que tinhão tocado a Bahia.

Acolhendo-se á authoridade de *alguns escritores*, pinta os Bahianos *inteiramente faltos de sentimentos de honra, e destituidos daquelle senso commum de rectidão, que deve regular todas as transacçoens entre homem e homem. Mentiris impudentissime*, he a resposta que merecia este charlatão. He o cumulo da impudencia! Estes escritos, sim, estes he que merecem o nome de *miseraveis*!... Em materias desta natureza responder-lhe, fora fazer-lhe muita honra.

Deixo em silencio o epitheto de impoliticas, illiberaes, e injustas, que elle dá ás regulaçoens do paiz, ainda as mais necessarias, a declamação contra os guardas da alfandega *guarda di mor*: não fallarei no suprimento de escravos tirados de Angola, quando todos sabem que da Costa da Mina vai á Bahia a maior parte dos escravos, que se empregão na lavoura e officinas daquella Capitania; e outras falsidades, que cançarião a paciencia do Leitor. Se eu quizesse provocar o riso, apontaria algumas descobertas do habil Viajante, por exemplo, que a Bahia abunda de bananas, que vem de S. Thomé, de guavas, mangoes, &c., a fragrancia e elegancia dos *ramalhetes*, que vendem as floreiras, hum theatro comico de fresco acabado (em 1809!) dirigido por hum Italiano, e outras galantarias daquelle genio creador! Nauseados de taes disparates, concluimos estas reflexoens; porque, se quisessemos apontar todos os erros, todas as vagas asserçoens deste escritor, excederiamos os limites deste periodico. O leitor sensato conhecerá bem pelo dedo o Gigante; e estamos persuadidos que o A. escreveo tão soltamente, pensando que os Brazileiros mal sabem ler, quanto mais combinar as suas profundas idéas, envolvidas em huma lingua estrangeira!!!

Obras publicadas nesta Corte no mez de Novembro.

PRelecçoens Philosoficas, por Silvestre Pinheiro Ferreira, 2.ª e 3.ª perlecçoens.

No principio de cada Prelecção se acha hum resumo das materias que nella se comprehendem, que nos dispensa de analysa-la. Quanto ao merecimento da Obra, referimo-nos ao que dissemos no N.º 3.º pag. 79.

N. B. No Numero antecedente pag. 59 lin. 11 em lugar de e oposerão em pratica, lea-se, Francisco de Castro, e Gaspar da Costa assentarão abandona-la, e o poserão em pratica &c.

Continuação do Estado da athmosfera.

Outubro.

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Temp.*
	Graos.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
15	69½	29	17	18	claro
16	71		16	28	pezado
17	71½		13	40	chuvozo
18	70		13	36	
19	70		14	16	claro
20	73		14	28	
21	75		14	20	
22	76		13	20	
23	76		13	14	
24	75		13	26	pezado
25	76		13	34	claro
26	77		13	24	
27	81		13	16	
28	80		13	20	
29	81		13	45	
30	81		13		pezado

Novembro.

Dia.	*Ther.*	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	*Temp.*
1	79	29	13	20	claro
2	76		13	24	pezado
3	75		13	6	
4	75		14	2	chuvozo
5	74		13	8	claro
6	73		14		
7	78		13	8	

INDICE.

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 6.º

DEZEMBRO.

RIO DE JANEIRO.

NA IMPRESSÃO REGIA.

1813.

Com Licença de S. A. R.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma se subscreve a 4000 reis por semestre.

HYDRAULICA.

*Noticia sobre o meio que se seguio no esgotamento de hum pantano. Por B.****

A Vizinhança dos pantanos, das lagoas, de toda a maça de agoa estagnada, causa epidemias mais ou menos perigosas. Certo proprietario possuia hum terreno pantanozo, e tanto a sua gente como os vizinhos sofrião sezoens todos os Outonos, e ou não conhecessem a causal, ou não a quizessem extirpar, padecião: mudando o predio de dono, este augmentou o mal com a addicção de hum monturo, dizia elle, que para dalli estrumar as suas terras; mas querendo livrar-se das molestias, que grassarão como dantes, tentou esgotar o pantano (que tinha seiscentos pés), e tornar mais pequeno hum lago, que possuia: e eis o meio que empregou: começou a abrir regos até a hum rio vizinho, tendo-o de antemão feito limpar, e dar-lhe a maior corrente, que lhe foi possivel; as terras provindas das escavaçoens servirão para altear, e consolidar o terreno, ao mesmo tempo que os regos facilitavão a retrogradação das agoas estagnadas. Plantarão-se depois ás bordas de alguns diferentes arvores, sendo o maior numero salgueiros, e em outras junco para suster a terra lodosa: e os demais regos forão entupidos, e este pantano, que além de inutil era prejudicial, tem hoje hum prodigiozo numero de arvores, que dentro de alguns annos pagarão com uzura a despeza, que se fez com o terreno que as nutre. Ao mesmo tempo que se punha em pratica este trabalho, restringião-se os limites da lagoa por meio de hum canal de 12 palmos pouco mais ou menos, e de dois mil trezentos e vinte pés, que tinha a lagoa, foi reduzida á seiscentos

pouco mais ou menos. Servindo todas as terras tiradas na abertura do canal a altear o antigo solo, que aprezenta hoje quatrocentos pès de prado artificial, mui pingue e viçozo, e pouco mais ou menos duzentos pés plantados de arvores de diversas especies.

Procedeo-se do mesmo modo com duzentos pés de terra, a maior parte da qual estava coberta de agoa, e o resto era hum monturo, e he hoje huma excellente horta, e optimo pomar.

O resultado do trabalho mencionado foi que de mais de 300 obreiros, que alli se empregarão, vindo huns e hindo-se outros, hum só não adoeceo, e as febres, que se manifestavão mais ou menos fortes todos os annos, desappatecerão.

A experiencia provou que as especies de arvores mais adequadas a estas sortes de terreno são as do Genero *Populus*, Chopos, Tacamarqueiros; os Frexos, as Betulas, Alnus, os Bordos, os Salgueiros, &c, e com particularidade os Juncos. He facil a quem tiver que empregar este meio de esgotar terrenos servir-se das arvores, que naturalmente buscão a vizinhança das agoas, em quanto os nossos Botanicos nos não dão os nomes das que de preferencia se devem servir, e experiencias feitas a este respeito serião muito para dezejar.

As precauçoens que se tomarão, e que cumpre ter em taes trabalhos, são 1.° principiar na primavera, e acabar antes das chuvas do outono; 2.° começar logo por dar esgoto ás agoas estagnadas; 3.° variar o serviço dos trabalhadores de sorte que os que forem empregados dois dias em cavar os regos ou canaes no lodo, vão no terceiro carregar terra, ou plantar as árvores: 4.° altear as partes do terreno destinadas á cultura; 5.° dar hum copo de agoa ardente todas as manhãs aos trabalhadores; 6.° que os obreiros não se deitem, comão, ou se demorem, descançando nas terras revolvidas de novo. Pantanos ha de mui dificil esgota-

mento pela sua pozição: o melhor meio de secalos he então plantar-lhes arvores, segundo annunciamos, dando sempre a primazia ao Salgueiro, e semear grande abundancia de plantas labiadas, ranunculadas, ombiliferas &c, e ao cabo de alguns annos, havendo este cuidado, o terreno se alteará e enxugará: ensina a experiencia que hum Salgueiro de dez annos de idade, ex. gr., absorve perto de 6 libras de agoa em 24 horas. Aqui estão alguns dos meios de destruir huma das principaes causas da insalubridade do ar em alguns destrictos. Seria pouca toda a recomendação, que se fizesse aos proprietarios, para que imitassem a este: farião assim bem á humanidade, e a seus proprios interesses; bom seria recomendar-lhes para o trabalho de esgotamentos o emprego do Parafuzo de Archimedes, maquina tão simples, tão expedita, e tão empregada, menos entre nós, pela mesma fatalidade porque não são outras muitas, e não sabemos trabalhar, senão á força de braços. Dezejozo de instruir-me em quanto via á meu alcance, fui a São Deniz (não distante de Paris) ver o trabalho que referi, e pedindo algumas individuaçoens sobre elle, Mr. Charpentier teve a bondade de remeter-me o que aqui transcrevo, e que offereço ao Patriota, se o seu Redactor e meu Amigo o julgar de alguma utilidade ao nosso Paiz.

TOPOGRAFIA.

Rōteiro para seguir a melhor Estrada do Maranhão para a Corte do Rio de Janeiro.

EMbarca-se na Cidade do Maranhão em Canoa pequena e gasta-se cinco a oito dias até Aldeas altas, que são 120 legoas, e em Canoa grande com muito bons commodos gastão-se 20, a 30 dias. 120

Sahindo daquelle Arraial, vai ás moradas do Rozario com 3 legoas — Poraqué 2 — Pindoba 2 — Correntão 1 — Bacába de fóra 1 — Perdido 1½ — Caza da Oração 1½ — Sucuruju 2 — Bacabeira 2 — Olho d'agua 3 — Passagem de Santo Antonio 3 — 22

Atravessando alli o Rio Parnaiba, vai pelas moradas do Gado brabo com 5 legoas — S. Francisco 3 — S. Pedro 3 — Todos os Santos 4 — Burity 4 — Aldêa de S. Gonçalo 6 — Sitio do meio 3 — Mancinha 2 — Mocambo 3 — Arraial 3 — Gameleira 3 — Passagem do Canindé 2 — Riachão 3 — Arassás 3 — Cidade de Oeiras 2 — 49

——

191

De Oeiras vai ás Fazendas do Cajueiro 3 legoas — Tranqueira do meio 3 — Baixa 2 — Pobre 2 — Curralinho 3 — Sobrado 3 - Barra 1 - Serra 2 — Cajazeiras 2 — Gameleira 2 — Caxoeira 3 — Barra 3 — S. Antonio 3 — Espinhos 3 — Ao Taboleiro alto 13 — Roçado 6 — S. Pedro 1 — Curral do Campo 2 — Barra da Vereda 1½ — Jatobá 3 — Cacimbas 4 — Bom Successo 1 — Indunhema 5 — Arraial no Rio de S. Francisco 10. . . . . 81½

——

272½

Alli embarca-se querendo em Canoa ligeira, gasta-se 25 dias ao Rio das Velhas, e o mesmo gasta em Barcas grandes: não ha pe-

rigō de Caxoeiras, salvo algum tufão de vento na Seca. 272½

Por terra ha duas Estradas, a melhor he passar o Rio para a banda da Bahia, e vai por muitas moradas té ao lugar chamado Aldêa, — Boqueirãozinho 3 — Boqueirão grande 3 — Pilão arcado 4 — Pedras 6 — Arraial do Chique chique 10 com tres fazendas no meio . . . 26

Tem aqui 2 Estradas, a da beira do Rio muito dificultoza no tempo de cheias: a melhor he do dito Arraial do Chique chique ao Brejo do Sumá no Arraial do Bromado, que são 15 legoas com muitos moradores — Cedro 7 — Peramerim 13 com muitos moradores até a Villa do Urubú com 18 legoas. . . 53

No cazo de ser grande a Cheia de Peramerim, segue a Estrada de S. Rita — Montes altos — Arraial das Formigas — Arraial do Tejuco — muito Povoada, e sem perigo de Rio.

Seguindo Rio do Uribú acima vai por entre moradas ao S. Bom Jezus da Lapa 12 — Arraial do Paratica Malhada sempre por entre moradas 24 — 36

Vai Rio acima por entre moradas ao Arraial dos Morrinhos, e sem encontrar Povoação consideravel vai á Barra do Rio das Velhas contando 84 legoas 84

Aqui apartão 3 estradas e a mais perto he a que vai por S. Antonio do Crubelo, e Arraial de S. Luzia, passando muitas moradas, e Fazendas contando 70 legoas 70

Do lugar dito S. Luzia vai á Villa do Sabará, Villa de Queluz — Villa nova de Barbacena — Registro de Mathias Barboza - Porto da Estrella, onde se embarca e são 97 legoas. 97

——

638½

A estrada, que vai pelo Arraial do Tejuco, he muito longa, porém mais povoada, e a que vai pelo Abaité — Villa do Pitangui —

Arraiaes do Espirito Santo — Desterro — Claudio — Japão — Passatempo, e vai dar na estrada Geral abaixo da Villa de Queluz, he mais dezerta, e mais fertil de mantimentos.

Roteiro para regressar com a maior presteza, que se pode imaginar.

DA Corte do Rio de Janeiro, ao Arraial de S. Luzia se gastão 10 dias: aqui sendo em tempo de aguas se embarca em Canoa ligeira, e vai sahir ao Rio de S. Francisco com oito dias, e ao dito Arraial 12 — e á Cidade de Oeiras 10 — a Aldeas altas 7 — e a Maranhão 5, e em 44 dias se faz huma tão longa viagem.

Roteiro para seguir a estrada do Maranhão para a Cidade da Bahia.

PRocurando a Cidade de Oeiras, segue pelas Fazendas Lagoa do meio 3 legoas — Ilha 4 — Brejo 5 — Castelo 4 — Poçoens 6 — Mocambo 3 — Bom Jardim 5½ — Poçoens de cima 4½ — Campos da Caxoeira 5 — Serra branca 2 — Ingazinha 7½ — Caboco 6½ — Angicos 3 — Alegre 4 — S. Antonio 4 — Cruz 6 — Jatobá 3 — Urucuri 4 — Passagem do Juazeiro no Rio de S. Francisco 5 legoas 84

Atravessando o Rio, vai ás Caraibas 5½ — Carnaibas 4 — Frade 5 — Encruzilhadas 3 — Emburanas 4 — Jagurari 5 — Itapicurú 3 — Villa da Jacobina 1 — Tamanduá 4 — Itapicurú merim 5 — Olho d'agua 3½ — Bebedor 5 — S. Antonio das Queimadas 2 — Rio do Peixe 4 — Umbuzeiro 5 — S. Roza 4 — Cai-

té 3½ — Boca da Catinga 2 — Patos 5 — S. Nicoláo 4 — Crauatá 5 — S. José da Tapuroroca 4 — Lá fora 3 — N. S. da Oliveira 4 — S. Amaro 3 — . . . . 84 / 98½

Aqui se embarca, e gasta 24 horas á Bahia. ——— 182½

Póde seguir a estrada da Caxoeira tomando em S. José, porém gasta 48 horas de embarque.

E seguindo pelas Matas de São João são mais 28 de viagem, porém não embarca.

Corte do Rio de Janeiro 9 de Fevereiro de 1810.

José Pedro Cezar de Menezes.

LITTERATURA.

Serenissimæ Infantis Dominæ Mariæ Annæ Immortali Memoriæ.

S.

Epigraphem.

QUid vult hic tumulus? lacrimas abstergite: Cœlum
Exultat; luctus projice, terra, tuos.

Aliam.

Hæc maris, hæc terræ superavit Fœmina casus,
Hæc potuit fortes quæ potuere viri.

Aliam.

Deseris Arcturum, pelagi discrimina ad Austrum
Suffers, ast victrix regna beata tenes.

Aliam.

Arctica terra tui ortûs gaudet honore, sepulchri
Australis servat Gens monumenta tui.

Do Dr. João Ferreira Soares, Conego da Sé de Mariana.

Reposta á Epistola que ao despedir-me do Rio de Janeiro me escreveo Elmano Bahiense.

Thebaida (1) 13 *de Outubro de* 1813.

QUAL era o coração, tal se mostrava
Outr'ora, então lhaneza era virtude;
Mas dos vicios o imperio cresce tanto,
Que a prudencia desculpo, quando pede
O refalsado rosto á hipocrisia.
Quem sente como nós, he nosso amigo,
Igual sentir nos supre o trato, e os annos:
Qual vemos a alma preza, se encontramos
Hum terno olhar, que a mente adevinhava,
Tal subito a amizade se declara,
Quando iguaes sentimentos desabroxão.
Trazer a alma no rosto os máos só temão,
Que aos bons a tanto obrigue a sociedade!...
Com louvor longo tempo ouvi teu nome,
Elmano, e com louvor teu nome digo,
Ao ver-te, o coração sem véo mostraste,
E vi do patriotismo o calo honrozo.
Obedeça-se ás leis, que nos governão,
A os bons costumes, nunca a seus abuzos:
Tal pensar te senti no fundo d'alma;
Não o sentiste só, mostraste-o ao Mundo;
Venceste o falso pejo, e despontarão
Do zoilo as setas, na robusta mente.
Vociferem debalde ignaras bocas,
Deixa, deixa ao porvir que lhes responda,
Luzes quer nossa Patria, tenha luzes,
Se ingrata for, façamos mais do que ella,
Nossas vigilias, nossas vidas tudo,
Tudo, á Patria se dê, corage, Elmano:

---

(1) Nome de huma fazenda nova onde estou armando o meu ganha-pão.

Se te condemna o estulto, não respondas,
Se o Sabio, (e o póde haver que te não louve ?)
Pergunta-lhe que luzes não grangêa
Das obras, que periodicos chamamos ?
E se do teu dif'rente os mais nascerão !
Se não vingaste o fim, mostras o trilho.
    O amigo do amigo sofre os gabos
D'amizade através sente o que vale;
Assim li teu louvor sem deslumbrar-me:
Sei que de Febo nunca fui mimozo,
Meu rude metro, meu saber escaço
Conheço, qual conheço os teus talentos,
Exercita-os Elmano a bem da Patria,
Aos conterraneos teus emquanto instrues,
Das ignoradas margens do Jacuipe
As agrestes boninas, seus matizes,
A's rozas juntarei, que te coroão;
Se indigna a offerta he, o intento he puro.

B.[ane]

ODE PINDARICA.

Feita aos annos do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Francisco de Assiz Mascarenhas, Conde de Palma, Governador, e Capitão General da Capitania de Minas Geraes, em 30 *de Setembro de* 1813. *Pelo Padre Mestre M. J. R. Professor Regio de Filosofia da mesma Capitania.*

Paulum sepultæ distat inertiæ
Celata virtus: non ego te meis
Chartis inornatum silebo.

Horat. Ode 8. L. 4

Estrophe. 1.ª

SE d'Aulide os baixeis sulcando as vagas,
O Lyrico Cantor da Grega Cohorte,
        A's mais remotas plagas,
Prendendo o tempo, avassallando a Morte,
De seus Heroes os nomes, e altos feitos,
        Immortaes os levava...
Seguindo o trilho, o rumo, e o mesmo estilo,
Do Tejo ao Ganges, do Brazil ao Nilo,
De Pindaro imitando os sons divinos,
Voarás, ó Palma! nos meus aimos hymnos.

Antistrophe. 1.ª

As redeas d'ouro a meus Ethontes solto,
        E sobre o carro alado,
        Levando-te a meu lado,
As Zônas corro, corro o globo, e volto:
        Depois aos Ceos me elevo,
Onde quaes astros, os Heroes scintilão;
E na derrota do meu grato vôo,
Tuas virtudes, e teus dons pregôo.

Epodo. 1.ª

Os Numes me embalarão
Nos Dirceus Hymnos, que inda Thebas ama.
Na mente me instilarão
De divino fulgor celeste chamma:
Desta arte os Vates, sopeando o tempo,
Os Heroes, que cantavão,
No alcaçar immortal os collocavão.

Estrophe. 2.ª

Nitido Cisne n'Apollinia rota,
Eis já devasso a região da Gloria,
Com força ao mundo ignota,
Penetro afoito o templo da Memoria:
Já pizo o pavimento, as aras vejo
D'inclitos Mascarenhas,
Genios sublimes, astros radiozos,
A nós, e aos évos sempre luminozos,
Varoens prestantes, que a sonora Fama
Nas cem bocas de bronze aplaude, e acclama.

Antistrophe. 2.ª

O moço Scipião á Hisperia invicta,
Assim em verdes annos,
Com seus modos humanos
Lhe ganha os coraçoens, e as Leis lhe dita:
Assim vencem, triunfão,
Alexandre em Arbella, Augusto em Accio.
Tambem tu em Goyaz, assim, ó Palma,
Mostras teus nobres caracteres d'alma.

Epodo. 2.ª

Do caduceo armado,
Contra o negro tumulto ardifremente,
Es o Iris Sagrado,
Em poucos annos hum Nestor prudente:
De quatro lustros pouco mais de idade,
A' anarquia fizeste
Que fosse succeder a paz celeste.

Estrophe. 3.ª

Qual Austro furioso agita, e bate,
As altas, crespas, ressaltantes vagas,
Tal teu genio rebate
Das vis intrigas as infestas pragas.
Assim do Alcides, que inda adora Dio,
O Guzarate treme;
Assim de hum Luso ao coração valente
Se curva o Indo, e o Malabar potente,
As meias Luas, que, varrendo a terra,
Cobrem de Loiros ao Heroe da guerra.

Antistrophe. 3.ª

Famelico Leão da Hiberia altiva;
Em vão ruge vaidoso,
O Luzo valerozo
Da curva garra o impulso lhe abortiva:
De teus antepassados
Foi este á Patria o salutar arrimo.
Despotico Olivares não presume
Que haja quem turve seu luzente Cume.

Epodo 3.ª

Alfeo muda a corrente,
E Astarte muda as prateadas pontas,
Mas tu, Heroe clemente;
Teu sagrado dever jàmais transmontas
Progenie d'aguias, es da mesma prole.
Os filhos dos Fabricios
Sempre ostentarão ser Leaes Patricios.

Estrophe 4.ª

Torva procella, que negreja os ares,
Respeita os Castros, os Cabraes, os Gamas,
Pelos Indios mares
Vecejão inda as triunfantes ramas:
Goyaz, e Minas, tua fronte, ó Palma,
Tambem cingem de Loiros.
Não são só os Aristides de Athenas,
Que ornão as testas de doiradas pennas,
Nem os Camilos só que Roma canta:
Dos Mascarenhas he melhor a planta.

Antistrophe 4.ª

Tigres sanhudos na implacavel guerra,
Quando a patria defendem;
Na paz sómente attendem
A's Leis, que tornão em Eden a terra:
Richelieus prominentes,
No gabinete, ou marcial campanha,
Já são Carvalhos, já Pachecos fortes,
Grandes em ambas as diversas Sortes.

Epodo 4.ª

Tu, Palma esclarecido,
Es a imagem, es o ramo, e o fructo
Desse inclyto apellido,
A quem sempre Mamud rendeu tributo.
Soberbo Tocantins teu Nome, e gloria,
Inda repete agora,
Correndo ás praias, donde nasce a aurora.

Estrophe 5.ª

De Delfos o Sacrilego attentado
Abre a Felipe as portas da Elateia,
Por mais que denodado
O orador solte a fulminante veia:
De Focion não se attende á voz honrada,
Que o patriotismo inspira:
Da Attica a liberdade oppressa geme
Do mar irado, que combate o leme.
Mas tu, ó Palma! que lhe vês o erro,
Sei que abominas seculos de ferro.

Antistrophe 5.ª

Teu genio, teu saber, tua alma pura,
E os raros dons herdados,
São altos predicados,
Com que o teu Nome, qual o Sol, fulgura;
Novo Focion illustre,
Mais que Athenas ao seu, te adora Minas.
Mas onde meu baxel sem leme entrego
A's grossas ondas de hum profundo pego?

Epodo 5.ª

Dos Euros combatido,
Não temo rasgue a desfraldada vela,
Por ti sendo sustido,
Eu zombo, ó Palma! d' horrida procella.
Mas consente, que hum pouco encoste a Lyra.
Virá tempo propicio,
Que me vejas cantar teu Natalicio.

POLITICA.

Cartas de D. João de Castro, IV Vice-Rei da India, continuadas do N. 5.º pag. 49.

CARTA III.

A ElRei D. João III (a).

PElas náos, que partirão o ano passado, escrevi a V. A. inda que brevemente a vinda, e tornada dos Turquos a estas partes, e assi algumas outras cousas de seu serviço. Já aguora cumpre, que ho faça mais largamente, pois uou enuelhecendo na terra, indo ganhando experiencia do que se nella trata, e faz. Creo eu, que as lembranças, que de qua fizer a V. A., serão ellas pouco importantes, o desnecessarias, porem eu lhe afirmo, que tudo quanto nesta parte fizer he com muito grande trabalho, e que me custa muito caro cuidar nellas, e depois escreuelas a V. A., porque cada huma destas materias he tam alta, que requere outro entendimento, e engenho, que em mim nom ha, mas como seja uerdade que grandes letrados se uão caminho do inferno, e muitos sempre idiotas sejão saluos acertando no uerdadeiro caminho da uerdade, terei eu ousadia de apresentar diante de V. A. minhas lembranças, e V. A. tomará dellas a uontade, e tenção, com que lhas offereço.

As nouas desta terra summariamente são estas. Os Turquos lançámo-los desonradamente desta terra, e não se fiaram d' enuernar em nenhum porto

b ii

(a) Esta Carta he escripta por letra do Secretario, menos o que vai em grifo, e os nomes das pessoas em que falla a ElRei, os quaes são da sua letra, e parece que D. João de Castro a escreveo ainda em vida de D. Garcia de Noronha.

do estreito, mas toda sua armada he ida a se uarar a Suez. Solimão Baxá, Capitão General, ueio a tamanho descredito dos soldados, que lhe cumprio desaparecer do exercito, alguns afirmão, que ho leuão preso ao Turquo. A Cidade d'Adem fiqua ganhada polos Turquos, e hum lugar do Estreito que se chama Azebibi. O Viso-Rey me deo conta, e tomou meu parecer em grandes segredos sobre se era bem, e segurança da India fazer-se huma fortaleza ás portas do estreito, ho meu uoto foi, que em nenhuma maneira se fizesse. As cauzas, que me a este parecer moverão, são as seguintes. Eu tenho tomado informação de fidalguos, e de pilotos, e mestres, e doutras muitas pessoas da distancia, que ha da Ilha, que está nas portas do estreito honde dizem, que se deue edificar a fortaleza, á terra do Arabio, e assi mesmo se este espaço he todo nauegauel, ou se ha nelle algum certo, e determinado canal, e tambem inquiri ho que auia entre esta Ilha, e a terra do Abixim, e certifico a V. A. que nam ouue homem, que me falasse nisto senam como por sonhos, e ateguora nam achei pessoa que concertasse com outra, pelo que me foi necessario mandar buscar pilotos Arabios, e Guzarates, e assi do Malauar, e os perguntei apartadamente sobre este caso, todos me certificarão que desta Ilha que dixe á terra do Arabio auia mais de meia leguoa, e que posto que por todo este espaço se podesse nauegar, ho mais alto fundo era pegado com a terra firme do Arabio. E mais que me afirmarão, que entre esta Ilha e a terra do Abixim, em que ha caminho de quatro leguoas, uam alguns canaes altos, por onde podem passar Galéz. Ora se isto he uerdade de que pode aproueitar a fortaleza? E que nam sejá assi, quem por medo de bombardas deixou d'ir onde lhe cumpria? Para que quer V. A. huma fortaleza tanto no sêo aos Turquos? Ella feita, que cousa auerá no mundo,

que os mais atice á sanha, e uingança; e como cuida alguem, que se pode fechar com a chaue o Occeano Indico aos Turquos? Vejamos defendida a boca do Sino Arabico, não fica a mesma acção, e demanda no Sino Persico? Certamente, que eu aueria por cousa muito perigoza pôr em extrema desesperação aos imiguos, se eu nesta parte não uiuo enganado, hinda afirmaria que se deue d'arecear mais de Baçorá, que da boca do Eufrates, e deste mar d'Ormuz, que de Suez, e de todo o mar Roxo, sem embarguo que ao presente nos lançou qua nossos imiguos. A guarda, e fortaleza, com que V. A. ade sustentar seu Estado; e ter a India pacifica, he huma grossa, e bem aparelhada armada, e tres mil homẽs disciplinados na guerra, que possam entrar nela quando cumprir, e desta maneira, e não d'outra alguma, estará a India segura dos nossos contrarios.

Pois tenho dito a V. A. quanto importa huma poderoza armada pera a defensão destas partes, não será fora de propozito dizer-lhe a que achamos, e ao presente está nesta terra. As Galés, e Galeotas são tão velhas, e mal repairadas, que nenhuma delas he pera atrauesar golfão, e este mal he ho menor, que nelas ha, porque nenhuma noticia chegua a elas de se saberem molhar os remos n'aguoa, huma só cousa tem em que se saluam que he muito natural de Galéz, que fazem tamanho gasto a V. A., como as de André Doria: os outros nauios são pequenos, e esses alquebrados, e quase podres, parece-me, que ou a relé dos Gouernadores nam era esta, ou eram ualentes, que sem armada queriam triunfar dos Turquos. O Viso-Rey poem por obra de fazer muitas Galéz, e Galeotas, sem embarguo, que meo concelho he que na India não aja Galéz, uisto como se não remão, e fazem grande despeza, mas Naos, Galeões, e Caruelas. E porque Pero Lopes de Sousa, a quem

todo lôs Portuguezes deuemos confeçar uentajem, e dar obediencia no mister, e oficio do mar, uio tudo isto, a elle me remeto, e dou as uezes pera que melhor, e mais larguamente informe a V. A. da uerdade, e de tudo que neste caso toca.

He grande o numero dos Portuguezes, que nestas partes andam, porque de Sofala até a China nam ha cousa que delles nam seja trilhada, mas os que andamos em seu seruiço somos pouquos, e mal ordenados, e ha meu juizo, cumprindo ao Viso-Rey dar huma batalha aos Turquos, nam poderá ajuntar dous mil homens, daqui parece ho sono, e relaxamento de seu seruiço, que ouue na India, pois ha tantos annos, que pagua V. A. dezasete mil homẽes, nam tendo em seu seruiço dous mil, nam falando em outros tantos, que podem estar em guarda de suas fortalezas. Eu tomei alguma pratica da matricula, e os aforismos, que della tirei, foram estes. Alem de muitas onzenas, roubos, perdimento de uergonha, destruição de fazendas de V. A., polo que nam ja matricula, mas laguo de maldades se deue chamar: nela achei muitos homẽes, a que forão paguos uinte, e trinta mil cruzados de soldo, comprados a quinza e uinte por cento, e daqui pera baxo infinitos. Por cousa auerigoada tenho que esta matricula foi o preceitor, que ensinou os Portuguezes a perderem ha uergonha, e ho temor de Deos, e desejo de seruir a V. A. Grande remedio e emenda foi acudir-lhe V. A. com huma pessoa tam uirtuoza, e que tanto trabalha por se fazer uerdade, como he Cosme Anes, escriuão dela.

V. A. tem muitas fortalezas nestas partes, que uerdadeiramente correm delas fontes d'ouro. E este nome nam he estranho, pois antiguamente se chamaua Malaqua, aurea Chersoneso, e nam estaria muito errado quem suspeitasse, que Çofala seja Ofir, onde Salamão mandaua carregar d'ouro suas

naos. E as outras fortalezas se dixerem eu nam tenho ouro nem prata, como Sam Pedro dixe ao proue, que lhe pedia esmola, pode-se-lhe pedir aquilo que em si tiuerem, e daram canela, gengiure, crauo, e toda sorte de drogaria, e sendo isto assi, uejo que as mais proueitozas, e riquas despendem mais a V. A. do que lhe dam proueito, o que he cramado per quantos nestas partes andamos. Nam sei determinar quem he este Cabido, que tem a culpa. Parece-me, que deuia V. A. d'arrendar Çofala, e tudo o que tem de Cabo de Comorim pera dentro S. a leste, e sahiria fora de tamanhos gastos, e cuidados.

Todas estas cousas se poderam desimular, porque a nosa carne he chea de pecados, e maldades, mas quem terá sofrimento pera deixar de pedir justiça a Deos dos Gouernadores desta terra, pois foram tam ingratos á patria, e a V. A., que até o dia d'oje nam tiraram V. A. e seu Reino de tamanha opreçam, como he mandar cada anno cinquoenta e sesenta mil cruzados pera se gastarem qua, certamente que este dinheiro deuia de uir embuçado, e trazido com todo segredo, pera que Venezeanos, e os outros pouos d'Italia ho nam soubesem: nam quero apontar razoens como este dinheiro he escuzado qua, auendo na terra a quem isto doa, sómente uejo que todo h'ouro, prata, pedraria, especiarias, e todo outro genero de mercadorias a nesta terra, ha qual he senhoreada, e regida por nós, e tam obediente, que os moradores della mais propriamente se podem chamar nossos escrauos, que subditos, e toda a despeza, que esta terra faz a V. A. he dar de comer a quatro mil homẽes.

Foi o remate, que acabou de deitar a longe a India, e ho erpes, que saltou na fazenda de V. A., e ho descredito da onra, e caualaria dos Portuguezes, estas náos de Chatins, que cobrem todo o mar, uejo má cura a esta fistula, porque em todos

nos outros ho ja este nome de Chatim tam aprazivel, e onrozo, que tenho por certo nam se achar huma só pesoa, que nam defenda, e proue por testemunhas ser este o seu uerdadeiro, e natural nome da pia, e como isto assim seja, nam sei quem será ho Gouernador tam ousado, que se atreua a arancar tam profundissimas e fortes raizes, e a sofrer martirio, e mais em terra, onde ho credito, e ualor se ganha com deslealdades e máos seruicos.

E porque sei que V. A. he informado dos grandes rendimentos, que tem nas terras de Baçaim, e pode ter tomado alguns portos do mar de Cambaia, me parece, que não será fora de proposito tocar-lhe alguns pontos desta materia, quizera eu ser marqua, que podera tirar instromentos, e lançalos na Torre do Tombo de Lisboa, sobre afirmar, que em nenhuma maneira os Portuguezes deuião d'entrar hum só palmo pela terra dentro da India, porque nenhuma outra cousa sustenta a paz, e conserua em amizade hos Reys, e Senhores da India, senam crerem, e terem por muito auerigoado, que sómente nos contentamos do mar, e que nenhum proposito, nem maginaçam reina em nos de lhe cobiçarmos suas terras, nam duuido, que as terras de Baçaim rendam mais de cem mil cruzados, mas que proueito tira disso V. A. até agora, nem o Veador da Fazenda, nem outro seo official me dixe, que uira hum só cruzado de Baçaim, antes me mostrarão grandes roes, e itens de despezas, que são feitas nele.

Grande seruiço de Deos, e bem uniuersal de todo seu Reino e acrescentamento de seo Estado, seria busquar-se algum remedio pera se mercar a pimenta de hum ano pera ho outro, porque em ser uerde, ou sequa releua muito, e as náos carregariam cedo, e fariam seo caminho em tempos prosperos sem sentimento de tormentas, nem pairos do Cabo da Boa Esperança, que he a maior fortuna,

e tribulação que se pode imaginar, nam aribarem a Moçambique, que he grande perda de sua fazenda, e muito prejuizo da negociação do trato de Moçambique e Çofala, nem se perderiam senam por grande desastre, porque eu tenho por opinião, que as náos, que se perdem nesta carreira, he por sofrerem estes pairos, e no dobrar do Cabo, o tudo nace de partirem tarde de Cochim esperando a cargua.

Pois tenho dito a V. A. ho grosso desta terra, e ho miudo nam abastão muitas uidas pera se acabar de dizer: rezam será que me dê licença pera lhe apontar em algumas cousas, que me parece serem la geradas per descuido; a primeira será, que me parece mui prejudicial a sua conciencia e fazenda dar as Capitanias, e Feitorias, e outros officios da India em pagamento de seruiço. A proua disto ser destruiçam de sua fazenda seja a experiencia, que neste caso uemos, que hum Capitam, e hum Feitor acabado seo tempo tira cada hum delles cem mil cruzados de seu carguo, e deixam outros tantos de diuida pera V. A. auer de pagar, o que se nam fosse no todo, seria em muita parte emendado este dano, quando quer que V. A. escolhesse pessoas suficientes, e autas pera os taes carguos, e posto que isto seja a cousa do mundo peor de conhecer, todauia no que assentão os muitos com deliberação e concelho uemos pela maior parte ser melhor.

Uejo comummente que prouer V. A. todo los carguos desta terra a homens que qua andaram muitos anos, isto parece muito deuido, porque he grande exempro, que os homens hajam hos galardões, e mercês no luguar onde seruirão, e porem se V. A. podesse satisfazer em seo Reino os seruiços que qua sam feitos, eu auèria por grande seruiço de Deos as taes pessoas nam tornarem outra uez qua, perdoe-me V. A. nam lhe dar muitas razões, que pera isto tenho.

Huma cousa quero alembrar a V. A. e he que nam consinta, que enuelheçam os homens nesta India, e que faça de qua hir todo los uelhos, porque assi como em toda las partes elles sam espelho, e exempro de uirtude e bons ensinos, assi nesta se fazem escolas de uicios, e preguadores d'escandalos, e discordias, e grandes semeadores de zizania, e dão muita trouaçam na Republica, sem delles se poder colher algum fruito, que seja pera seruiço de V. A. e onra de seo Estado Real.

He pera mim a maior afronta do mundo auer de falar a V. A. no Viso-Rey, pois estou auenturado nesta parte a perda, e nam a ganho: se delle lhe disser mal mentirei, se bem, sou eu tam suspeito por sua parte, que nam deuo de ser crido: se quizer dissimular, e nam falar nelle, parecerá hum grandissimo descuido, e que nisto ho ofendo; creio que ha melhor destas partes he seguir aquella, em que sentir que a mais uerdade. Elle serue V. A. com grande amor, trabalha por lhe aproueitar ha sua fazenda ho mais que pode, faz justiça na terra assi a Mouros, como a Christãos honestamente, porque ha uerdadeirá fugio da terra pera ho Ceo, e creio que pera ho mais alto, e afastado della, e sam estas tres cousas bastantissimas pera ser malquisto, e capitulado.

Tem V. A. no Vedor da fazenda hum bom official, e seruidor, e ate aguora nam sei se ueio a estas partes quem fosse mais escoimado em seo seruiço, ao que posso comprehender além de prove está mui indiuidado, parece-me justo auer V. A. de socorrer a isso.

Temos nestas partes o Vigario Geral por reliquias, e quanto a mi he hum monstro da natureza de uirtudes, eu nam sei oje neste dia cabeça, onde lustrasse, e parecesse melhor huma mitra, V. A. ho deuia muito de fauorecer, e onrar, porque ha uirtude quer-se muitas uezes louuada, e ajudada a sustentar, pera que nam enfraqueça, e cance.

Ho Ouuidor Geral he um grande official de justiça, tem duas cousas, que mui raramente uemos juntas, a saber amado do pouo, e auido por justiçozo, muitas mais cousas desta calidade dixera delle, senam fora a razão, e criação que tenho com elle, que me fará suspeitozo.

He qua tido em grande conta, e reputação de uirtuozo ho Padre Mestre Dioguo pregador, e uerdadeiramente que sua uida, e costumes diz muito com a doutrina, e ensino, que samea, seria grande exempro lembrar-se V. A. delle, e conhece-lo, pera que a todos fosse notorio quanta estima faz dos bons, e lhe aborrece hos mãos.

Huma das boas cousas que qua temos he o Mosteiro de S. Francisco desta Cidade de Guoa, e afirmo por uerdade a V. A. que ainda nam ui frades tam recolhidos, e em que ho pouo tiuesse tamanho credito, creio eu que muito aproueitaria a isto assi ser ho bom pastor, que tem, que he o Guardiam Frei Paulo.

Faço lembrança a V.ª A. que a esperança de Portugal deue ser posta na India, e que naturalmente, nam entreuindo milagres, nam pode V. A. tirar-se das diuidas de Frandes, e o Reino de muitas opressões, se ho remedio nam uier de lá, se quer que isto assi seja, e folgar de ajuntar tesouro pera ganhar o Reino de Fez com groria ante Deos, e fama perdurauel entre hos homens, mande qua ho Conde de Castanheira, por que elle só me parece a mi, que se doe mais da fazenda de V. A. que da sua propria.

Tambem me parece necessario trazer-lhe a memoria, que Martim Affonso he homem muito sufficiente pera guouernar a India, porque tem muitas calidades, que se requerem pera o guouerno desta terra; lembre-se V. A. de ho onrar, e lhe fazer mercê, porque o tem elle mui bem seruido.

Ja aguora será razam, que falle a V. A. em

mi, inda que nam sei se ho teram tanto enfadado has minhas parouvelas, que nam chegue tanto ao cabo desta carta, que possa ler este derradeiro capitulo, e se assi acontecer nam lhe porei nenhuma culpa, mas a mi, que sei tam mal escolher os tempos, e os lugares, donde se me pode seguir proueito. *Eu, Senhor, uim rico, e estou pobre, sou eu muito cobiçozo de natureza, e mal incrinado, porem falta-me habelidade pera ganhar dinheiro, e industria pera executar minha condiçam. De dezoito annos tomei as armas em seu seruiço, seis uezes passei em Africa, e lá me nasceram as barbas, mandou-me na armada de Leuante contra Barba Roxa, fui pessoalmente na tomada de Guoleta, onde a minha carauela ficou chea de pelouros de bombardas, de que o muito excelente Princepe o Infante Dom Luiz he bou testemunha, uim em socorro da India por seu mandado a resistir ao impeto, e cruel furia dos Turquos, fui em ajuda de se lançarem fora destas suas terras tam pestilenciaes imiguos, nunqua a honra. e opiniam dos Portuguezes foi por mim diminuida, nem maculada, uinte annos tenho gastado em seu seruiço, hos melhores e mais estimados da uida, por amor de Deos, e em paguo destes trabalhos peço a V. A., que me dé licença pera me hir caminho de Portugal a fazer uida com minha mulher e filhos, e a acabar estes breues, e perturbados dias, que me fiquem por passar, na Serra de Cintra.* Nosso Senhor acrescente a uida, e real estado de V. A. (a)

(a) Esta Carta de que no original se não póde ler já a data, parece escripta no primeiro anno do Governo do Vice-Rey D. Garcia de Noronha, que partio de Portugal para a India no de 1538, e como D. João de Castro diz a ElRey que 20 annos contava de o servir, e elle nasceo no de 1500, e o principio dos seus serviços se deva contar do anno de 1518, em que D. João, fugindo de Lisboa

CARTA IV.

A ElRei D. João III (1).

ESTAS Cartas escreuo a V. A. por minha mam, pera lhe dar conta de algumas cousas, que nam he bem confiar de nenhuma pessoa, e ao que lhe nellas dixer pode dar inteiro credito, porque uerdadeiramente lhas direi sem odio, afeição, nem outro algum interesse saluo da obrigação, que tenho de o seruir, que tamanha como ho amor, que lhe tenho, e dezejos de o uer senhor do mundo.

Tanto que soube da morte de Bras de Araujo, cuidei muitos dias que pessoa poria em seu carguo, e depois de corridas todas pola memoria determinei ao encarregar Ruy Gonçalues de Cami-

para Tangere, foi naquella Praça alistar-se por Fronteiro, e viver de baixo da disciplina de Dom Duarte de Menezes, fica ao que julgamos bem assentada nossa conjectura acerca do tempo em que D. João de Castro escreveo esta carta. Quanto ao dar-se D. João por suspeito no que respeitava ao Vice Rey, allude elle no que diz a ser D. Garcia de Noronha seo cunhado. A original, he escripta pelo Secretario, menos os nomes das Pessoas de quem falla a ElRey, e o ultimo paragrafo, em que falla de si, que he da propria letra de D. João de Castro. Tambem advertimos; que sem embargo de dizer D. João, que 6 *vezes* passara a Africa, esta lição nos parece errada, por quanto só 3 viagens a Africa nos consta fizera D. João de Castro, a saber, huma em 1518 quando fugio de Lisboa para Tangere, outra . . .

(1) Parece escripta da segunda vez que D. João de Castro passou a Dio, em que fez descercar a Fortaleza do cerco, que defendeo D. João Mascarenhas.

nha : as partes que tem Ruy Gonçalves sam es-
tas , a saber , he muito riquo , e em extremo
izento , grande homem de negocio , de muito cre-
dito em toda a terra , zelozo de esfolar Feitores ,
e Almoxarifes , grande arrecadador da fazenda de
V. A. , e mui apertado em a despender , e com estas
partes tem outras , a saber , nam goarda nenhum
segredo , toca de mexericos , he homem de muito
más repostas , e de uiua quem uence , e de quando
em quando asaqua o que lhe uem á uontade , o prin-
cipal motiuo que tiue de o pôr neste officio foi
parecer-me que por esta uia podia auer dinheiro
de Coje Cemaçadim , porque Ruy Gonçalues he o
seu frêo , e concelheiro , espero em nosso Senhor
que estas esperanças me sayam certas , e crea V. A.
que se o ouuer , que lhe não pedirei nunqua os
quintos , nem fogirei com elles para Castella , eu
tenho dito a Ruy Gonçalues , que se tirar de Co-
je Cemicadim dinheiro , farei com V. A. que lhe
dê este officio em sua uida , e lhe faça outras
muitas onras , elle uay com este proposito pera
Cochim , e eu estou em Cambaia , não sei se po-
derei inda saber o que nisto passa a tempo , que
ho escreua a V. A. , parece-me que lhe deuia es-
creuer muitos mimos , e confianças delle ; porque
se não perderá nada , e poder-se-á ganhar muito
polo que me parece necessario sustentalo neste car-
guo até uer o que funde.

A Relação da India he a mais desnecessaria
cousa que pode ser , e a meu juizo mui prejudi-
cial a terra , e muito mais ao serviço de V. A.
porque estes Leteratos , que qua uem por Desem-
bargadores , entram tam mortos de fome , e uiuos
na cobiça , e dezejos de enriquecer , que nenhuma
outra tenção tem , nem a outro fito atiram ; Pas-
qual Frorim , que eu meti no Desembargo por
máos concelhos que me deram , he cousa perdida ,
Jeronimo Rodrigues he tam solto , e afouto , e

desauergonhado , que me tem espantado de se lá
nam conhecer , uem em extremo cobiçozo , e logo
me começou pedir uiajes , e outras muitas cousas ,
o Chançarel he homem de bom siso , e assento ,
e parece de bom proposito , Manoel Mergulhão ,
Veador da Fazenda dos Contos , entra bem em seu
officio , parece isento e inteiro , e que seruirá bem
V. A. Simam Botelho he bom homem , e serue
bem , onre-o sempre V. A. com suas cartas , An-
tonio Rodrigues de Gamboa uai lá , he imigo do
Chançarel , e o Chançarel seu , a nenhum deue V. A.
crer contra ho outro , e assi Jeronimo Rodrigues
he mui contrario a Manoel Mergulhão , e de Por-
tugal uem já em odio , Ruy Gonçalues diz de to-
dos , e todos delle , isto he Senhor o que passa
entre os seus officiaes.

Simão Martins , Ouuidor Geral da India , fale-
ceu de doença , foi grande perda pera esta terra ,
porque era mui inteiro na justiça , e em toda cou-
sa de serviço de V. A. , e tanto que me punha es-
panto , e querendo eu prouer deste officio chamei
os Veadores da Fazenda , Chançarel , Antonio Car-
dozo Vigario Geral , e com elles alguns Fidalgos ,
e a todos pareceu nam auer pessoa auta para elle ,
saluo Bastiam Lopes Lobato , porque os Leterados
que o podiam ser , não eram para lhes encarregar ,
nem confiar delles este officio por suas más uidas ,
e costumes , o que fiz assi , parece-me que serui-
rá bem , porque he muito bom homem , e caualei-
ro , isento , e de gentil juizo , que ual mais que
boas letras , e más cabeças.

Ha dous annos , que escreui a V. A. de al-
guns homens que me pareciam autos a gouernar
esta terra , do que aguora estou arrependido ; por-
que o tempo e os negocios mos deram a conhecer ,
polo que certifico a V. A. que nam tem qua pes-
soa conueniente a este carguo , e que deuia qua
mandar alguma que pudesse suceder.

Eu sou mui mal ajuizado dos Fidalgos, e peor dos Capitaens, e não he de espantar, porque sempre o fizeram assi com seus Capitaens, e Gouernadores, se qua houuer de estar, o que Deos nem V. A. mande, farme-á grande mercê em me mandar Lourenço Pires, e Thomé de Souza pera me ajudarem ao seruir, porque confio nelles, que o faráõ bem, e uerdadeiramente, o que ao presente não tenho quem o faça, saluo D. Aluaro em quem nam ouso de falar por ser meu filho, e em Portugal nam parecer razam de lhe V. A. fazer mercê do nome de Capitam do mar, que lhe qua daih os Turcos, e Mouros por sua abelidade, e caualaria.

Quanto ao que me V. A. escreueo ho anno passado, que lhe mandasse dizer a que pessoa dera qua Coje Cemaçadim dinheiro, nam acho mais que a alguns criados de Martim Affonso, e porém nam foi muito, e algum foi emprestado, e já lho fiz tornar, como a Diogo Aluares Teles, Capitam que foi de Cananor, e a hum Meireles de Martim Affonso, e a outras pessoas de pouca sustancia, uerdade he que o apresauam, e queriam tiranizar muito, porém, segundo o que tenho sabido, a obra nam foi mais do que isto, que digo a V. A.

Luiz Falcão, e hum seu sobrinho, e hum Antonio Mendes, que foi seu Feitor, sam culpados na deuassa geral que mando tirar sobre as pessoas, que tratam em pimenta, e enxofre, e em uez de os castigar, ou mandar prezos a V. A., fiz Luiz Falcão Capitão de Dio, e outros culpados mando estar seruindo V. A. na fortaleza; a este estado he chegada esta terra, porque não achei em toda a India Fidalgo, que quizesse aceitar a Capitania desta fortaleza por estar de guerra, nem Luiz Falcão aceitara, senão fora suspeitar suas cúlpas, e querer-se remediar com V. A. e por aqui uerá V. A. que trabalho será o meu; a razão porque

nam puz D. Aluaro em Dio he a grande necessidade, que em toda a parte tenho delle, porque como eu . . . . (a).

CARTA V.

De D. Fernando de Castro para seu Pai o Vice-Rei D. João de Castro, estando o dito D. Fernando em Dio, no tempo do cerco, que defendeo D. João Mascarenhas. He original escripta por letra do mesmo D. Fernando em 1546.

HEU fico de saude, Nosso Senhor seja louuado, e toda minha companhia, sómente Jorge de Almeida hum Fidalgo honrado, que está ferido de huma espingardada, porque este he o officio deuido a nossas pessoas. Helles, e heu ficamos seruindo nosso Capitam segundo emxempro, e doutrina, que recebi de v. m., porque pera sina de comprir seu mandar sinto meu natural: nam tenho mais que dizer a v. m., porque ho mais he licito aos Capitaens, e nam soldados, senam que em toda a parte onde estiuer serei seu filho. Nosso Senhor acrescente a uida de v. m. de Dio 1 de Julho.

Filho de Vm.

D. Fernando de Castro.

(a) He lastima que desta carta não appareça mais do que o fragmento que transcrevemos. Toda ella he, como D. João de Castro no principio diz, escripta por sua letra, e parece que o fez nos fins do anno de 1547, ou no principio do seguinte, tempo em que D. João de Mascarenhas voltava para Portugal deixando o Governo da Fortaleza de Dio. Veja-se Diogo de Couto Decad. 6. L. 5. cap. 8.

D. Joham de Castro, do Conselho de ElRei Nosso Senhor, seu Capitão General, e Gouernador nestas partes da India, &c.

Faço saber a quantos este meu Aluará de Alçada, e poder uirem, como pola muita confiança que tenho de D. Aluaro de Castro, meu filho, seruirá ElRei Nosso Senhor com aquelle cuidado, uigilancia, animo, e amor, que delle se espera, e cumpre ao seruiço do dito Senhor, ho mando ora por Capitam mor do mar com huma armada a tomar posse da Cidade de Adem, pera o dito Senhor, e a tornar a entregar em nome de S. A. ao dito Rei, e fazer com elle todas as cousas, que cumprirem ao serviço de ElRei Nosso Senhor. E porque pera simelhantes casos cumpre leuar poder, e alçada na gente que comsigo leua, por este lhe dou alçada nos casos crimes em toda pessoa, como não for Capitam, ou fidalguo, ou criado do dito Senhor, até morte inclusiue; e nos que forem fidalgos, ou criados de S. A. fazendo alguns crimes, porque com justiça deuão ser castiguados, os mandará prender, e fazer autos de suas culpas com hum escriuão que pera isso tomará, e mandará presos, e a bom requado com os autos de suas culpas pera dellas mandar fazer justiça, e assi lhe dou poder, e alçada, que sucedendo casos pera isso os possa apenar até cinquoenta cruzados, e quatro annos de degredo, e nestas cousas com as limitaçoens decraradas dará nos crimes suas sentenças a execução, e nos casos civeis lhe dou poder, e alçada de cinquoenta mil reis, e da dita contia pera cima dará apelação e agrauo: por tanto o notifiquo assi a todolos Capitaens de nauios, que com elle uão, e Fidalguos, Caualleiros, Lascarins, Comitres, e marinheiros, e toda outra pessoa de qoalquer calidade, e condição que seja; e lhes mando que lhe obedeção, e ho ajão por seu Capitam mór do mar, e cumprão seus mandados, como se delles espera. Bastião Dias o fez em Baçaim a 23 de Fevereiro de 1548.

D. Joham de Castro.

Aluará de poderes, que V. S. dá a D. Aluaro de Castro, Capitam mór do mar da India, que ora uay a Adem.

Para V. S. uer.

Concebido nestes mesmos termos he o Aluará, que em Goa fez Bastião Dias aos 22 dias de Julho de 1546, o qual fez escreuer Antonio Vaz Lopo, quando D. Joam de Castro nomeou D. Aluaro de Castro por Capitam Mór do mar com huma armada a descercar a fortaleza de Dio, e a fazer a guerra a Cambaya.

D. Joam de Castro &c. Faço saber a quantos este meu Aluará uirem, que eu ey por bem, e seruiço de ElRei Nosso Senhor que . . . que ora mando fiquar na Cidade de Adem por Capitam da gente Portugueza, e armada, que ha de andar nesta costa pera goarda, e defenção della, por me mandar pedir, e requerer ElRei de Adem que mandasse tomar entregua da dita Cidade para ElRei Nosso Senhor: E por quanto nelle confio, que nisto, e no mais de que ho encarreguar, seruirá ElRei Nosso Senhor como a seu seruiço cumpre, Ey por bem, e me praz, que elle tenha, e huse na dita Capitania de que ho ora encarreguo, toda a jurdição, e poderes, que os Capitaens do dito Senhor tem nas outras fortalezas da India. Notifiquo-o assi a todolos Fidalguos, e Lascarins que com elle ficarem, e lhes mando que ho ajão, e obedeção por seu Capitam, e cumprão em tudo inteiramente seus mandados sem duuida, nem em-

barguo algum, que a ello ponham. Bastião Dias o fez em Baçaim a 27 de Feuereiro de 1548.

D. Joham de Castro.

D. Joam de Castro, &c. Faço saber a quantos este meu Aluará uirem, que auendo respeito a eu ter mandado D. Aluaro de Castro meu filho por Capitam Mór do mar a fazer a guerra a Cambaya, e a soccorrer a fortaleza de Dio, pera o que pode ter necessidade de muita mais gente da que leua, e por quanto som informado, que pelas fortalezas da India, e ao longuo de toda a costa antre Mouros andam muitos Portuguezes omiziados: ey por bem que o dito D. Aluaro de Castro lhes possa dar seguro de todo ho caso a todo omiziado, que com elle quizer andar nesta armada, e pera isso lhe dou poder, sómente não dará seguro a qualquer pessoa, que em meu tempo tiuer desafiado, ou desafiar ha alguma pessoa, porque aos taes desafiadores ey por bem que se lhes não dê seguro por alguns justos respeitos, que me a isso mouem. E mando a todolos Capitaens, Ouuidores, Juizes, e outros quaesquer officiaes, que cumprão, e guardem os seguros, que o dito D. Aluaro de Castro der, e isto em quanto elle andar d' armada. Bastião Dias o fez em Goa a 18 de Agosto de 1546. Antonio Vaz Lopo o fez escreuer.

D. Joham de Castro.

Em 23 de Fevereiro de 1548 mandou o mesmo D. João de Castro a Bastião Dias, estando então o dito D. João de Castro em Baçaim, passar hum Alvará do mesmo theor ao seu filho D. Alvaro de Castro, quando o nomeou C. M. da India, e o mandou tomar posse da Cidade de Adem, para que elle podesse conceder seguros aos omiziados, que andavão entre os Turcos, que o quizessem acompanhar naquella expedição.

D. Joham de Castro, &c. Mando aos Feitores, e Officiaes das fortalezas de Chaul, Baçaim, e Diu, e a qualquer outro Feitor, e Official do dito Senhor, que por mandado de D. Aluaro de Castro meu filho, Capitam Mór do mar da India, que ora mando a Adem com sua armada, dem todolos mantimentos necessarios ha dita armada, que com elle for, e andar, e por este, ou treslado delle, que será registrado nos Liuros das Feitorias, e seus mandados, mando aos Contadores do dito Senhor, que lhes leuem em conta os mantimentos, e todalas outras cousas necessarias ha armada, e assinem tres Capitaens, a quem forem entregues as taes cousas. Bastião Dias o fez em Baçaim a 23 de Feuereiro de 1548.

D. Joam de Castro.

Aluará porque V. S. ha por bem que os Feitores, e Officiaes de ElRei Nosso Senhor dem por mandado de D. Aluaro de Castro Capitam Mór do mar da India todolos mantimentos, e cousas que forem necessarias ha armada, que com elle vay a Adem.

Para V. S. uer.

HISTORIA.

Continuação da Descripção Geografica da Capitania de Mato Grosso.

O Rio Paraná, ou Grande, que os primeiros descobridores tiverão pelo rio principal destas regioens, pelo seu grande cabedal de agoas, confiue com o Paraguay pela margem Oriental, na latitude de 27° 25'. Deste ponto até entrar no Oceano, toma o Paraguay o nome de Rio da Prata, que muitos querem se dê a outro, de que aquelle grande rio seja braço, tendo pelo principal o Pilco Mayo, só porque este rio vem do Potozi; pretensão sem fundamento pelo que vamos a dizer.

Martim de Souza, primeiro Donatario da Capitania de S. Vicente, auxiliou, ou mandou com sufficiente escolta a Aleixo Garcia, para reconhecer os vastos, e inda não trilhados sertoens a Oeste da larga costa do Brazil. Este impavido Portuguez atravessou o Paraguay, para as partes do Perú, donde voltou carregado de prata, e de algum ouro; e fez pouso nas margens do Paraguay, com hum filho de tenra idade, e alguma gente, em quanto mandou dar parte da sua rica descoberta. Neste intervallo apparecerão os Indios Uaicurús, e Payaguás, inimigos dos das Varzeas, ou Xarayes, entre os quaes ficara Aleixo Garcia, e o matarão, e a toda a sua comitiva, captivando-lhe o filho, e ficando igualmente toda aquella riqueza em poder dos inimigos. A mesma mortandade repetirão aleivosamente por aquelles sitios, sobre as agoas do Paraná, contra 60 Portuguezes, que no anno seguinte vinhão encontrar-se com Aleixo Garcia. Succedeu que, logo depois deste catastrofe, os Hespanhoes principiassem a estabelecer-se no rio Paraguay, commandados por Sebastião Cabot; e querendo pelos annos de 1526 reconhecer mais

acima este rio, encontrando nas suas margens áquelles Indios com a prata roubada, assentarão ser producção daquelle paiz, e em consequencia derão o nome de rio da Prata ao verdadeiro Paraguay, que ficou sómente conservando este nome na sua parte superior.

O rio Paraná, ou Grande, traz as suas principaes origens da face Occidental das serras da Mantiquira, 25 leguas a Oeste da Villa do Paraty; e passando por S. João d'ElRey, vem com muitos e diversos rumos confluir no Paraguay, com 400 leguas de curso total; recebendo por ambos os lados muitos e grandes rios. Os que lhe entrão pelo Norte comprehendem grandes terrenos, e fazem contravertentes com os rios Paraiba, de S. Francisco, Tocantins, Araguaya, rio das Mortes, e outros; não tendo menor extensão os que lhe entrão pela opposta margem, que tem os seus nascimentos muito perto, e nas altas serras, que ornão a soberba costa do Brazil, sendo hum dos mais notaveis, e o mais do Sul o Rio Curutiba, ou Guassú, que em parte he limitrofe pelo Tratado de Limites. Este rio traz as suas fontes das serras vizinhas á costa de Parnaguá, e correndo directamente de Leste a Oeste na extensão de 120 leguas, entra no Paraná na latitude de 25° 35'. A este se seguem para o N. os rios Yvay, Paranapema, ou Tibagy, e Tieté; e a este, os rios Mogi, Pardo, Sapucahy, e outros, contendo todos ricas e trabalhadas minas.

Da confluencia do Paraná com o Paraguay para baixo, tem os Hespanhoes sobre as margens deste ultimo grandes estabelecimentos. Hum delles he a Cidade de Correntes na margem Oriental do Paraguay, proxima á juncção deste rio com o Paraná; e 26 leguas abaixo sobre o mesmo lado está o grande Povo de Santa Fé, no angulo, que faz com a margem Occidental do Paraguay, a bo-

ca do rio Salados, ou Guachupus, que vem das serras dos Andes com 200 leguas de curso; e outros menores e intermedios estabelecimentos.

O rio Uruguay, que tem as suas fontes nas serras vizinhas à Ilha de Santa Catharina, e que na sua parte superior pertence ao Dominio Portuguez, entra no Paraguay pela sua margem de Leste, com 240 leguas de curso; em cujo espaço recebe por ambos os lados, muitos e não pequenos rios, que o fazem fundo, e caudaloso: a sua fóz está na latitude de 33° 30′, e nella finda o rumo geral de Sul, que traz o Paraguay desde as suas remotas fontes, cujo rumo, ou Meridiano de 320°, e de 500 leguas de extensão, corta este grande rio em muitos pontos, apezar das grandes voltas que faz, hindo passar muito proximo da Cidade de Buenos Aires.

Esta Capital do Vice-Reinado deste nome, existe na margem Austral do Paraguay, ou Prata, 20 leguas abaixo da boca do Uruguay, e na latitude de 34° 36′. O rio da Prata, que neste lugar já tem 12 leguas de largo, volta directamente ao Oriente, até ao fronteiro lugar da Colonia do Sacramento, alargando-se consideravelmente até ao Cabo de Santa Maria, que dista de *Buenos Aires* 80 leguas, e fórma a ponta de Norte da amplissima boca deste grande rio, ficando no meio desta distancia, e na sua margem de Norte, a Enseada e Praça de Monte Video, até onde chegão navios de alto bordo.

Pela descripção que havemos dado do Paraguay, se vê que este grande rio, sem catadupas, nem outros alguns estorvos, póde ser navegado até ao interior dos nossos estabelecimentos da Capitania de Mato Grosso, por barcos de grande porte.

O rio Guaporé tem o seu nascimento no cume dos campos e serras dos Parecis, na latitude de 14° 42′, e longitude de 313° 42′, 6 leguas ao

Poente da fonte principal do Jaurú, 2 a Leste da do Juruena, e 3 ao mesmo rumo da origem do Sararé; e precipitando-se igualmente com o Jaurú pela alta escarpa das serras, formando logo, tanto hum como outro, muitas catadupas, correm parallelos com pequeno espaço entre si, até voltarem a oppostos rumos. O Jaurú volta ao Nascente para entrar no Paraguay, como fica dito; e o Guaporé tendo tambem corrido ao mesmo rumo do S. por espaço de 15 leguas, vai voltando ao Poente por mais 10, até ao lugar da sua ponte, por onde passa a estrada geral de Mato Grosso para o Cuiabá, e portos maritimos, tendo neste lugar 15 braças de largo, e 2 de fundo. Da ponte continúa o Guaporé a correr a Oeste por espaço de 22 leguas, até Villa Bella, capital do Governo de Mato Grosso, situada na margem Oriental deste rio em terrenos e campos, que todos os annos se inundão, e cercada dos pantanos do Guaporé, e do Sararé, que lhe fica 3 leguas ao S. Foi o Conde da Azambuja, primeiro Governador e Capitão General desta Capitania, quem lançou os primeiros fundamentos de Villa Bella, em 13 de Março de 1752. Está na latitude de 15°, e na longitude de 317° 42′.

Esta Capital dista 50 leguas a Oeste da foz do Jaurú no Paraguay, espaço que extrema pelo S. com os Dominios Hespanhoes da Provincia de Chiquitos; coberto de altas serras, densos matos, grandes pantanos, largos campos, e cortado pelos dous rios Alegre, e Aguapehy. Estes rios, nascendo pela latitude de 16°, no vertice, e extremidade Austral do solido triangular das altas serras chamadas do Aguapehy, com poucos palmos de distancia entre si, correm parallelos, com pequeno intervallo de permeio, atravessando as serranias pela extensão de sete leguas, até se precipitarem pela sua face do N, em duas altas catadupas na latitude de 14° 52′; formando no campo, huma legua

distante dellas, hum isthmo de 3920 braças, voltando delle com oppostas direcçoens, o Aguapehy a Nascente para desagoar no Jaurú, tres leguas abaixo do registo deste nome, com 30 leguas de curso; e o Alegre a Poente, para entrar com pouco maior extensão no Guaporé pela sua margem do Sul, meia legua acima de Villa Bella.

No tempo em que Luiz Pinto governou a Capitania de Mato Grosso, se passou por ordem sua huma canôa do Guaporé para o Paraguay. Navegou-se desde Villa Bella pelo Alegre acima, e deste rio, por hum varadouro de 5922 braças, mais extenso, porém mais favoravel que o já mencionado, se passou a canôa para o Aguapehy, pelo qual se entrou no Jaurú, e deste no Paraguay. Este trajecto, pelas poucas agoas destes rios, mórmente no tempo das sêcas, como pelos seus apertados canaes, só no tempo das grandes chêas póde praticar-se, tanto pelas rasoens ponderadas, como para se vencerem as catadupas que tem, duas das quaes são bastante notaveis, huma no Alegre, quando este rio se encosta ás serras do Cágado, ou de Santa Barbara, e a outra no Aguapehy, 13 leguas acima da sua boca no Jaurú.

São estes dous pequenos rios Alegre, e Aguapehy, os que enchem o sentido literal do artigo decimo do Tratado de Limites, tomado na sua ampla acepção, vista a inadmissivel e manifesta impossibilidade da linha recta, mandada tirar da fóz do Jaurú á do Sararé, que deixaria com notoria implicancia para a Coroa de Hespanha os mesmos terrenos de que esta Monarchia nos confirma a actual e antiga possessão, e ficaria de melhor partido no mesmo que cede, renunciando pelo artigo 20 toda a posse, ou direito, que possa ter e allegar a elles; o que já no mesmo artigo decimo se ordena positivamente se não observe, entre o

Jaurú e o Guaporé, para encher os expressados fins: e estes pontos, balizas, ou rios só podem ser os ditos Alegre, e Aguapehy privativamente, e as serras e terrenos de que nascem; limite o mais natural, e conforme ao sentido do dito artigo decimo, 13°, e 4°, sendo estes dous rios os que fórmão a mais proxima communicação entre o Paraguay, e o Amazonas.

No rio Alegre, 3 leguas acima da sua boca no Guaporé, entra pelo Sul o pequeno rio Barbados, em cuja margem de Leste, e na latitude de 15° 19' 46'', e no mesmo Meridiano de Villa Bella, se acha a Povoação de Cazal Vasco, novamente reedificada, distante daquella Villa 10 leguas pela navegação do rio, e 7 pela estrada de terra; onde os Portuguezes já em 1760 tinhão fazendas de gado, e estabelecimentos coevos com Villa Bella. O rio Barbados, que se perde, ou finda entre pantanos, quatro leguas acima da dita Povoação, recebe por ambos os lados muitos escoantes que o fórmão, e correm por largas campinas. Hum delles, e que vem directamente de Sul 10 leguas distante de Cazal Vasco, he o principal tronco do pequeno Barbados, e nasce em hum lago de huma legua de extensão, que pela sua figura tomou o nome de Rebeca, cercado de altos matos; á Nascente do qual, e a menos de legua de distancia, se encosta áquelles matos o escoante das Salinas, que inda vem mais do Sul. Este capão de mato he terreno alto, de não pequena extensão, e proprio para a cultura. A vereda pantanosa chamada Salinas, inda que de pouca largura, he muito abundante de succo salino.

Seis leguas ao Poente dos largos campos destas Salinas, e na latitude de 15° 46', ha huma comprida serra chamada das Salinas, onde vão atar os matos e terras altas, que das serras fronteiras e a Oeste de Villa Bella, continuando ao Sul, passão

por aquelle monte, e se estendem ainda além delle no mesmo rumo, cercando desta maneira aquelles matos, e limitando pelo Poente os campos de Cazal Vasco, que se estendem por mais 6 leguas para Leste, até se encostarem aos matos, que bordão o lado Occidental das serras do Aguapehy; vindo a ter estes campos, que com pouca differença fórmão huma superficie quadrada, 12 ou 14 leguas de largura, cortados por muitos escoantes, e cobertos de muitos capoens, ou Ilhas de mato derramadas por todos elles. Estes escoantes nascem com pouca differença pela latitude de 16° 15′ de terreno elevado, e coberto de densas e extensas matas, que se prolongão por espaço de muitas leguas até ao Paraguay, e cobrem a ponta da serra de limites, ou de Uberava, continuando igualmente para Oeste por grande extensão.

Ao Sul destas dilatadas matas existem as Missoens Hespanholas da Provincia de Chiquitos, sendo a mais proxima denominada de Santa Anna, povoada por 1400 almas, e 36 leguas a SSO de Villa Bella.

Sete leguas adiante de Santa Anna, e ao mesmo rumo, existe a de S. Rafael, que consta de 3500 almas.

Ao Poente, e a sete leguas de S. Rafael, existe a de S. Miguel de 1500 almas.

S. Ignacio, Missão de 3000 almas, fica a oito leguas de Santa Anna, a rumo do Poente, sobre huma das origens do rio Paragaú.

Vinte leguas a Oeste da precedente está a Missão da Conceição, de 3ꝺ mil almas, sobre as fontes do rio propriamente chamado Baûres.

Outras vinte leguas ao Sud Oeste da Conceição existe a Missão de S. Xavier de 1500 almas: daqui contão os Hespanhoes 50 leguas até á Cidade de Santa Cruz de la Sierra.

De S. Rafael são 30 leguas a rumo geral do

Sul até a Missão de S. José de 3600 almas, onde ha copiosas Salinas, de que os Hespanhoes extrahem muito sal; e perto, ao Sul desta Missão, existe S. José Velho, primeiro lugar da fundação da Cidade de Santa Cruz, de que inda existem bons edificios, em que vivem alguns Indios.

S. João, de 500 habitantes, fica com pouca differença 30 leguas a Leste de S. José, e 40 e tantas distante das Salinas de Jaurú; terreno já varias vezes trilhado por Hespanhoes e Portuguezes, desde esta Missão até ao registro do Jaurú.

Finalmente a rumo de Sud OEste se segue á Missão de S. João a de S. Thiago de 700 habitantes; e 10 leguas ao mesmo rumo adiante de S. Thiago, está a do Santo Coração de 800 almas; Missão a mais remota da Provincia Chiquitos, e situada a Poente das serras de Albuquerque. Estas duas Missoens, e inda a de S. João, podem communicar-se facilmente com o Paraguay pelos Lagos Mandioré, Gaiba, e Uberava. Por esta Lagôa, dobrando para o Sul a ponta de Norte da Serra de Limites, e vencendo alguns pantanaes, acharão os Portuguezes em 1791 caminho, que os conduzio até á Missão de S. Thiago, e em poucos dias; o que os Hespanhoes ignorão, não se animando a transitar estes terrenos com medo dos Guaicurús, que atacão muitas vezes esta Missão, e a do Santo Coração, o que tem reduzido a pequeno numero a população de ambas.

A Provincia de Chiquitos, ou seja pelas Salinas do Jaurú, ou mais breve e facilmente pelos campos de Cazal Vasco, he hum seguro asilo para os profugos escravos Portuguezes, e para os dezertores. A sua população total consta de 20ꝺ almas, comprehendidos os Indios de ambos os sexos, e de todas as idades. O terreno he regularmente saudavel, nas suas campinas ha fazendas de gado vacum, e cavallar; com tudo he Provincia pobre.

O grande numero de extensos rios, que nascem na Capitania de Mato Grosso, indicão assaz a necessaria existencia de grandes serras, que se podem considerar como os solidos ossamentos da terra, e outros tantos reservatorios que fórmão e separão aquelles rios. A Nascente de Villa Bella fica hum prolongamento de continuadas serras, em que existem os seus adjacentes arrayaes. Estas serras tem a sua extremidade de Sul na latitude de 16° 21′ a Occidente das Salinas do Jaurú, e do pantano do Pau-a-pique, que a ellas se encosta; e dirigindo o seu rumo geral a NNO, vão formar com 10 leguas de extensão a cataracta grande do Aguapehy, levantando-se no mesmo rumo dahi a quatro leguas para formarem a alta tromba de Santa Barbara, chamada tambem do Aguapehy. Daqui continuão estas serras por mais 10 leguas, até ao lugar em que o Guaporé as atravessa, duas leguas abaixo e a Sul da sua ponte. Quatro leguas mais adiante passa por ellas a estrada geral de Villa Bella: 5 leguas inda mais adiante são cortadas pelo rio Sararé, 7 leguas distante de Villa Bella, por onde passa a sua estrada para os arrayaes: daqui continúa por mais 10 leguas até 2 leguas a Oeste do arrayal de S. Vicente, onde terminão com 40 leguas de extensão, e 5 distante do rio Guaporé. Toda esta serra he coberta de densos matos, donde se deriva o nome desta Capitania; terrenos tão ferteis e pingues, que não admira colher o lavrador 200 e mais alqueires de milho por hum de sementeira.

Sobre a escarpa desta serrania existem os arrayaes, e minas adjacentes a Villa Bella. Delles he o mais antigo e proximo o da Chapada de S. Francisco Xavier, na latitude de 14° 47′, 6 leguas em linha recta a Nordeste de Villa Bella, e 12 pela estrada da face Occidental das ditas serras. Foi este sitio descoberto em 1734, e repartido em

1736. Cada escravo dava de jornal no primeiro anno 3 e 4 oitavas de ouro por dia, riqueza que pouco servio aos primeiros povoadores vindos do Cuiabá; pois como não tiverão tempo para huma sementeira proporcionada ao povo que concorreu, subirão os generos de tal maneira, que o alqueire de milho valia 6 e mais oitavas de ouro; o de feijão 10 a principio, vindo depois a subir a 30; huma libra de carne secca de vaca, porco, ou de toucinho duas oitavas; 15, o frasco de agoa ardente de cana; quatro, hum prato de sal; huma galinha, huma libra de assucar, huma camiza, seis oitavas qualquer destas cousas; e o mais á proporção. Nos dous annos seguintes inda o jornal chegava a duas oitavas e meia por dia; e assim se forão diminuindo até hoje, em que este arrayal está quasi abandonado, não por lhe faltarem os ricos vieiros daquelle metal, em hum dos quaes se extrahe purissimo ouro de 24 quilates, o que talvez se não encontre em outra alguma mina do universo; mas sim por ser este arrayal falto de aguas, e depender a sua lavra de grande força e cabedal, para que os lucros convidem a ambição; o que sustenta as esperanças de hum futuro feliz.

O arrayal do Pilar fica 11 leguas distante de Villa Bella, na escarpa Oriental das mencionadas serras: fazem o seu todo muitas fabricas contiguas.

Huma legua adiante do Pilar na latitude de 14° 45′ está o arrayal de Santa Anna, coevo com o da Chapada: foi igualmente rico e grande, hoje tambem decadente, e quasi abandonado.

A′ precedente se seguem encostadas á mesma face Oriental das serras, as fabricas do Ouro-fino, a pouco mais de legua; e quatro mais adiante está a da Boa Vista.

Duas leguas adiante da Boa Vista, e 21 distante de Villa Bella, seguindo a estrada, mas só 12 em linha recta, existe o arrayal de S. Vicente na

latitude de 14° 30′, que presentemente he o mais povoado e rico.

O ultimo arrayal, que fica 17 leguas a Leste da Capital, na estrada, que vai para a Villa do Cuiabá, e na latitude de 15° 13′, he o da Lavrinha, tambem já decahido da sua primeira grandeza. Sete leguas ao Sul da Lavrinha está Santa Barbara, sobre a tromba da serra deste nome; tem boas pedreiras, pouca agua, mas quasi se não trabalha neste arrayal.

De todos os arrayaes e lavras se extrahem regularmente, quando as aguas não são diminutas, 10 arrobas de ouro por anno.

O rio Sararé he o primeiro, que entra no Guaporé pela sua Occidental margem, na latitude de 14° 51′, 5 leguas de navegação abaixo de Villa Bella, segundo as voltas do rio. Este rio, que nasce nos campos dos Parecis, como fica dito, corre por 15 leguas a Sul, espaço em que se engrossa com muitos ribeiroens, de que o mais notavel he o Pindaitauba, que tem as suas origens proximas ás do Guaporé e Juruena. Findo o dito rumo de Sul, corre o Sararé por outras 15 leguas ao Poente até á sua fóz no Guaporé. A sua navegação he facil desde a cataracta, que fórma no pé das serras dos Parecis: as suas margens são na maior parte alagadas, e os seus matos offerecem a mais pingue cultura.

Seis leguas abaixo da foz do Sararé, desagoa na margem opposta do Guaporé, na latitude de 14° 40′, o pequeno rio Capivary, que tem as suas origens nas serras fronteiras a Villa Bella, no mesmo lado do rio.

Já fica dito, que as serras dos Parecis estendem huma alta e prolongada face a rumo de NNE, pararella ao Guaporé, que corre 15 a 25 leguas distante dellas, segundo as suas sinuosidades: na summidade das ditas serras tem o seu nasci-

mento, não só o Guaporé, mas todos os seus confluentes que lhe vem pela margem direita.

O rio Galera he o que, nascendo nos ditos campos em quatro não pequenos braços, se segue ao Sararé: desagoa na margem de Leste do Guaporé, 8 leguas abaixo da foz do Capivary.

Na latitude de 14°, 22 leguas distante de Villa Bella, desagoa na margem Occidental do Guaporé o rio Verde, cuja boca dista da mesma Villa 37 leguas navegando pelo Guaporé. O rio Verde tem a sua origem na latitude de 15° 15′, e corre a Norte cortando as serras, que principião tres leguas ao S. da Villa Bella, e formão a margem Occidental do Guaporé, continuando parallelas com elle. Tem o rio Verde muitas caxoeiras, das quaes a primeira fica tres leguas acima da sua foz; altos e densos matos, em que inda vive muito gentio.

As serras, que dicemos fronteiras a Villa Bella, e que tem 30 leguas de extensão, abeirão no Guaporé por hum morro destacado, que tem a apparencia de arruinadas e velhas muralhas, donde lhe vem o nome de = Torres =, e existe na latitude de 13° 39′, 11 leguas distante da boca do rio Verde, sendo este lugar como hum fêcho para a navegação superior do Guaporé.

Cinco leguas antes de chegar ás Torres, entra na margem Oriental do Guaporé, o rio Quariteré, ou Piolho, que tomou este nome de hum grande Quilombo de escravos fugidos assim chamado, que Luiz Pinto de Souza Coutinho mandou destruir no tempo do seu governo, aprehendendo-se então muitos escravos. A mesma diligencia se repetio em 1795, governando João de Albuquerque, por constar que o resto daquelle Quilombo se havia alli novamente estabelecido; e com effeito se acharão 54 pessoas, que vierão para Villa Bella; isto he 6 negros já muito velhos, que servirão de Pa-

triarchas deste escondido povo; 8 Indios, e 19 Indias, sendo destes 27 individuos, 10 nascidos naquelle Quilombo, de idade de 3 até 15 annos; e 21 robustos caborés, 10 rapazes, e 11 femeas, de idade de 2 até 16 annos, filhos daquelles, e de outros já fallecidos negros, e de Indias. E como a inexperiencia dos que forão a esta deligencia lhes fazia encarecer as esperanças de hum riquissimo descoberto nas visinhanças daquelle sitio, se mandarão novamente com ferramentas e mantimentos para povoar solidamente este lugar, os seus antigos domiciliarios, dando-se o nome de Aldêa Carlota a este estabelecimento. Porém hindo 12 dos principaes Mineiros de Mato-Grosso, com grande numero de escravatura e despesa, examinar aquella supposta descoberta, unanimemente acharão não conter nem ainda o mais insignificante sinal, nem formação que indicasse ouro; ficando assim estes novos colonos entregues á antiga indigencia, e separados de toda a communicação. A Aldêa Carlota dista 15 leguas da margem do Guaporé, e pouco mais de 20 do arrayal de S. Vicente.

Tres leguas abaixo da foz do rio Piolho entra no Guaporé pela mesma margem Oriental, o rio Branco, ou Cabixi de 30 leguas de extensão, que como o antecedente tem as suas fontes nas serras dos Parecis.

Duas leguas abaixo das Torres desagoa na margem direita do Guaporé, o rio Turvo, que muitos confundem com o Piolho.

Vinte leguas ao Poente de Torres, e trinta e tres segundo a navegação, entra na margem Austral do Guaporé, o rio Paragaû na latitude de 13° 33'. He este rio, inda que de poucas aguas, de não pequena extensão, tendo as suas origens na Provincia de Chiquitos, entre as Missoens de Santo Ignacio, e da Conceição, que bebem das suas agoas na latitude de 17°; e correndo de Sul

a Norte, inclinando-se na sua parte inferior para o Poente, com 60 leguas de curso, pararello aos rios Verde e Guaporé, entra neste ultimo naquelle lugar. Este rio seria muito proprio para extremo das duas Naçoens confinantes.

Duas leguas abaixo da boca do Paragaû, recebe o Guaporé pela mesma margem esquerda, o pequeno ribeirão dos Quarajûs, na latitude de 13° 29', e longitude de 31° 45'. Quatro leguas a Oeste da margem do Guaporé ficão os Minas de Quarajûs, ou de Santo Antonio; descobertas no tempo do Conde da Azambuja, e trabalhadas algum tempo pelos Portuguezes. Estas Minas pagavão bem a sua lavra, suspendida ha poucos annos, quando ellas davão as mais ricas esperanças.

Dos Quarajûs corre o Guaporé a Sud-Oeste por 10 leguas de navegação, até á foz do rio Curumbiará, que entra no Guaporé pela margem direita na latitude de 13° 14'. Tres leguas antes de chegar a esta foz, entra pela margem opposta, o Igarapé Caturucinho, fronteiro ao lugar das Larangeiras, que existe na margem de Leste do Guaporé; lugar em que viverão alguns dos primeiros moradores da Capitania. O rio Curumbiará traz as suas origens em muitos braços das serras dos Parecis, e com ellas fazem contravertentes pela opposta e Oriental face desta serrania, as origens do Jamary. Pelos annos de 1744 os sertanejos da Chapada de S. Francisco Xavier acharão neste rio alguns ribeiroens com ouro; mas a descoberta de 1747, chamando a si a maior parte destes moradores, fez perder até hoje a certeza destes lugares, de que apenas resta a vaga tradição.

Dez leguas inferior ao Curumbiará, e com 16 de navegação a rumo geral de Oeste, entra na margem direita e de Norte do Guaporé, o rio Mequens, que tem as suas cabeceiras em varios braços das serras dos Parecis, que tambem são

contravertentes de Jamary. O rio Mequens tem á sua foz coberta pela Ilha comprida de quatro leguas de extensão, entrando no braço ou canal de Leste dos dous que a Ilha fórma. Os Portuguezes já em 1746 se tinhão estabelecido com plantaçoens, e pescarias na Ilha comprida, domesticando os Indios habitantes daquelle, e de outros rios. Esta noticia incitou as ávidas e sinistras idéas dos Jezuitas da Provincia de Mochos, e com ardilosa manha conseguirão ser ajudados pelos mesmos Portuguezes, e se estabelecerão no rio Mequens pouco acima da sua foz, onde fundarão a Missão de S. Miguel.

Dez leguas a Occidente da ponta inferior da Ilha comprida, entra na margem de N do Guaporé o ribeirão de Cacáo, ou Pote-pintado, onde abeira o campo dos Amigos.

Tres leguas mais a Oeste faz barra na opposta margem do Guaporé a bahia Matuá; e outras tres leguas mais abaixo, e do mesmo lado, está a boca do riacho de Tanguinhas, da qual he legua e meia até ao destacamento das Pedras, que fica 16 leguas abaixo da Ilha comprida. Este destacamento situado na latitude de 12° 52′ 35″, e longitude de 314° 37′ 30″, sobre a margem Oriental do Guaporé, está em huma colina, unico terreno alto que se encontra em toda a extensa margem de Leste deste grande rio, e parece ser a meta Meridional do vásto paiz das Amazonas, por findar aqui a producção de algumas arvores e frutas, que nelle se encontrão, como a Sapocaya, e outras especies de cocós, &c. Neste lugar, que sempre foi olhadó como hum ponto importante, ha hum destacamento militar.

Tres leguas de navegação abaixo do destacamento das Pedras entra pela margem do Sul no Guaporé, huma bahia de pouco mais de duas leguas de extensão, chamada S. Simão pequeno, na qual termina a actual e privativa posse Portu-

gueza de ambas as margens do Guaporé: e por ser cousa inadmissivel, impraticavel, e contraditoria a linha recta mandada tirar da foz do Jaurú á do Sararé, segundo o artigo 10° do Tratado de Limites, se julgou, que tanto para encher a amplitude deste artigo, como a do 16°, e do 20°, devia a linha divisoria, pára salvar os terrenos, e actuaes possessoens Portuguezas da margem do Sul do Guaporé, que mais inferiormente he tambem a Occidental, vir desde o Paragaû entrar nelle pela Bahia de S. Simão pequeno, que deve ser limitrofe.

Oito leguas a Nor-Oeste deste pequeno rio, ou bahia de S. Simão pequeno, entra pela margem de Norte no Guaporé o rio de S. Simão grande, hum dos que nascem das serras dos Parecis. Nelle fundarão tambem os Jezuitas Hespanhoes no mesmo anno de 1746 huma Missão, que denominarão de S. Simão; estabelecimento doloso, pois vendo aquelles Padres, que os Portuguezes desde os annos de 1733 e 1742 navegavão o Guaporé inda além da Provincia de Mochos, e depois seguião a navegação até á Cidade do Pará, repetidas nos annos seguintes, com inteira e livre posse da margem direita do Guaporé, e dos muitos rios, que nella entrão; vierão subrepticiamente fundar estes Povos nas terras Portuguezas.

Abaixo de S. Simão grande 6 leguas, entra pela margem de Sul no Guaporé o pequeno rio de S. Martinho, que corre por entre campos, inundados no tempo das chêas do Guaporé, offerecendo então huma facil navegação para o rio Baures.

Seis leguas abaixo da foz do rio de S. Martinho, está a do rio de S. Miguel, que desagoa no Guaporé pela sua margem de Norte.

De S. Miguel se navegão pouco mais de duas leguas a Nor Oeste até á boca do rio Cautanos, terceiro que entra no Guaporé pela mesma margem de Norte, e bastante cabedal.

Do Cautanos são 16 leguas de navegação a rumo geral de Poente com muitas voltas e Ilhas até ao lugar de Leonil, situado junto da boca do rio de S. Domingos de pequeno curso, que entra no Guaporé pela mesma margem de Norte.

Da boca do rio de S. Domingos são duas leguas até A'guas da Portugueza, que existe defronte da foz do Baures, que entra no Guaporé pela margem de Sul. O rio Baures de extensão, e cabedal de agoas igual ao Guaporé, de que he o maior confluente, he formado por dous grandes braços de que o mais Oriental he propriamente o Baures, que traz as suas remotas origens da Provincia de Chiquitos, e latitude de 17°, correndo ao Sul por espaço de 50 leguas. A distancia entre estes dous rios (a) he muito curta, e consta de matos, campos, e pantanaes; terrenos que, ficando cobertos de agoa no tempo das inundaçoens, podem dar passagem de hum para outro rio. Destas navegaveis communicaçoens as que offerecem mais facil e breve passo, são a bahia de Matuá, Tanguinhas, S. Simão pequeno, e o rio de S. Martinho; este com menor difficuldade do que os outros por correr entre campos. As margens do Baures, e as do Guaporé distarão entre si nestes lugares apenas 6 até 10 leguas.

O segundo, e ainda maior e mais Occidental braço do Baures, he o rio Branco, que faz a sua junção com aquelle pela sua margem de Norte, 23 leguas acima da foz, que estes dous rios unidos com o nome de Baures fazem no Guaporé. O rio Branco traz as suas mais distantes origens da Missão de S. José da Provincia de Chiquitos, e latitude de 13°, passando 10 leguas a Poente do Povo de S. Francisco Xavier, onde lhe dão o nome de rio de S. Miguel.

(a) Baures, e Guaporé.

Doze leguas acima da confluencia do Baures com o rio Branco, engrossa-se este ultimo pela sua margem de Leste com o pequeno rio da Conceição, que navegando 6 leguas, se encontra a Missão deste nome, habitada por 4$ almas.

Tres leguas acima da mesma confluencia entra tambem no Baures o rio de S. Joaquim, que navegado por oito leguas, se encontra a Missão do mesmo nome, de 500 habitantes. Os Hespanhoes tinhão derramadas pelo Baures as Missoens de S. Miguel, S. Martinho, S. Simão, e S. Nicoláo, que abandonarão ha muitos annos.

Quatro milhas ao Norte da foz do Baures, existe na margem opposta do Guaporé o pequeno lugar de Lamego.

Duas leguas ao Poente deste lugar, desagoa no Guaporé pela sua margem do Sul o rio Itonamas, muito frequentado dos Hespanhoes, que tem neste rio a grande Missão da Magdalena, a que huns dão 7 e outros 9$ habitantes, situada na latitude de 13° 21', trinta leguas de navegação, pelas muitas voltas que este rio faz até á sua foz no Guaporé. Duas leguas ¼ de navegação acima deste ponto entra no Itonamas pela sua margem de Poente, o rio Machupo, em que os Hespanhoes fundarão em 1792 hum novo Povo, que denominarão de S. Romão.

Quatro milhas a Oeste da foz do Itanamas, e sobre a margem de Norte do Guaporé, na latitude de 12° 20', e longitude de 312° 42' 30'' se acha situado o Forte do Principe da Beira, de que os primeiros alicerces se lançarão em 1776, para substituir o Forte da Conceição, que existia huma milha mais abaixo já muito arruinado, e em estado de nenhuma serventia. Este Forte he hum quadrado fortificado pelo methodo de Vauban, revestido de cantaria, e fundado em terreno solido, muito proprio para semelhante obra, e o unico que se

não alaga no tempo das grandes chêas do Guaporê, (que neste lugar se elevão a 45 palmos) desde a foz do Mamoré até ao destacamento das Pedras; inundação que abrange grande parte da Provincia de Mochos. O Forte do Principe da Beira dista de Villa Bella 110 leguas, e 190 segundo a navegação do rio; e como as margens do Guaporé na maior parte são alagadas e pantanosas, com parte do alveo dos rios seus confluentes, huma estrada que communique estes dous importantes estabelecimentos só se poderá praticar pela escarpa Occidental das serras dos Parecis com 140 a 150 leguas de extensão.

No lugar em que existiu o antigo Forte da Conceição, esteve a Missão Hespanhola de Santa Roza, fundada pela mesma época que a dos Mequens, e de S. Simão grande, regidas e administradas pelos Jezuitas Hespanhoes; os quaes, conhecendo que pelo Tratado de Limites de 1750 devião evacuar os tres povos nomeados, que clandestinamente havião estabelecido na Oriental margem Portugueza do Guaporé, espontaneamente o fizerão em 1753, com o sinistro fim de subtrahirem ao nosso dominio os Indios, que os povoavão, domesticados muito anteriormente pelos Portuguezes, transplantando estas Missoens para a Provincia de Mochos. E como no Tratado annullatorio de 1761 se determina que, vistas as difficuldades que se acharão na execução do dito Tratado de Limites, ficasse este de nenhum effeito, e as cousas no estado antigo em que se achavão, tem esta clausula sido hum pretexto, e aquelle Forte huma pedra de escandalo para os Hespanhoes, que suppoem em virtude della assistir-lhes direito para revendicarem huma anterior, intrusa e dolosa possessão em sôlo alheio, abandonada neste positivo conhecimento, devolvendo-se assim ao seu direito senhorio.

Considerando a posição geographica do Forte

do Principe, e a do Guaporé, em relação aos rios Baures, Itonamas, e Mamoré, sobre os quaes existem as Missoens Hespanholas, que fórmão a Provincia e Governo de Mochos; rios que facilitão a communicação de huns para os outros, muito frequentada pelos Hespanhoes, que atravessão com facil navegação o espaço entremedio ao Guaporé com os ditos rios, que liga esta diaria communicação; parece que neste intervallo deverá haver huma força, que sirva no tempo de guerra de barreira a tantas portas para o Dominio Portuguez, e que, segurando aquella margem e fronteira, seja tambem hum obstaculo aos hostis e cavilosos intentos daquella Nação em tempo de paz.

Do Forte do Principe da Beira para baixo, corre o Guaporé a rumo geral de Nor-Oeste. Nas primeiras tres leguas de navegação, na latitude de 12° 13′ 30″ lhe entra pela margem de Leste o pequeno rio Cautanos. Finalmente com 21 leguas de navegação, contadas do Forte do Principe da Beira, e 14 de distancia, conflue o Guaporé com o Mamoré pela margem de Leste, e aqui perde o nome.

Esta he em summa a descripção do Guaporé, que desde o seu nascimento nos campos dos Parecis, corre com muitos e diversos rumos, serpejando a miudo, e formando muitas Ilhas; correndo por espaço de 250 leguas até á sua juncção, em que por hum e outro lado se enriquece com as agoas dos mencionados rios, dos quaes os que lhe entrão pela margem Oriental ou direita, trazem as suas fontes das serras dos Parecis, com 30 leguas regularmente de extensão. E supposto as margens do Guaporé sejão em grande parte alagadas, e inundadas no tempo das agoas; com tudo, a grande escarpa das serras dos Parecis, e os largos terrenos a ella contiguos, que distão daquellas margens de 8 até 12 leguas, cortados por tantos rios, formados

de terras elevadas, e cobertas das mais densas e copadas matas, com excellentes madeiras para toda a construcção, inculca assaz ser esta vasta extensão de terreno a mais propria para huma pingue cultura, sendo cortada por tantos rios todos navegaveis, e com fama de auriferos, que se podem communicar em poucos dias de navegação, descendo o Guaporé, que recebe a todos, e por este com a Capital de Mato Grosso, e seus adjacentes estabelecimentos.

Nas serras, matos, e campos dos Parecis, vivem muitas Naçoens de Indios inda não domados, de que as mais proximas a nós, e conhecidas são as seguintes.

Cabixis; Nação que transita os campos dos Parecis; vive nas cabeceiras e matos dos rios Guaporé, Sararé, Galera, Piolho, e Branco. Entre elles se occultão muitos dos novos escravos fugidos.

Cabixis-u-ajururis; mistura de duas Tribus deste nome: vivem pelas cabeceiras do Jamary, e Jahira.

Parecis; antiga Nação dominante dos campos deste nome, que habitava as origens dos seus principaes rios, e que as incursoens, captiveiros, e emigração occasionada pelos Portuguezes, quasi extinguiu; devendo esta Nação a sua ruina ao seu valor, e pacifica conducta: o resto que escapou a este flagello se misturou com os Cabixis, e Mambarés.

Ababás, Puchacazes, e Guajejús: vivem nos matos, que fórmão tres superiores braços do rio Curumbiorá.

Mequens; Nação mansa no rio deste nome.

Patitins; Nação valente e numerosa: habita a parte superior do mesmo Mequens.

Aricoronés, e Lambis; Tribus numerosas, que vivem no rio de S. Simão.

Tumarares; entre os rios S. Simão, e Jamary.

Cutriás; em hum braço superior e de Norte do mesmo rio de S. Simão, e nas vertentes do Juina.

Cautariós; Nação numerosa, valente, e desconfiada: habita os tres rios deste nome.

Travessoens, e U-ajurutós; vivem a Norte do Cautariós.

Pacas-Novas; no rio deste nome, braço do Mamoré.

Estas são as Naçoens, que vivem na face Occidental das serras dos Parecis, e sobre os rios latereaes do Guaporé; havendo na opposta face de Leste outras muitas, das quaes as mais proximas e conhecidas são. =

Maturarés; extremão a Leste com os Cabixis, e se estendem até aos matos dos Arinos.

Mambarés; Nação com que tambem se misturão os Cabixis: vive no Taburuina, braço Oriental do Juruena.

Apiacás; lingoa geral: habitão perto da confluencia do Juruena com o Arinos.

Cabahibas; lingua geral, situados inferiormente, proximo da mesma confluencia.

U-y-apas; Nação feroz: vive ainda mais abaixo da antecedente.

Mambriarás; ainda mais abaixo.

Tamarés; no Juina, e alto Galera.

Puchacaz; no Juina abaixo dos precedentes.

Sarumás; entre o Jamary e o Tapajos.

Uhahias; abaixo dos antecedentes.

Xacuruhinas; no rio do mesmo nome.

Quajajas; e Bacuris, no rio Arinos.

Camarares; no rio deste nome, braço do Jamary.

Quariterés; nas cabeceiras do Jamary, e na parte da serra correspondente, que olha para o Guaporé.

Todas estas Naçoens não querem mudar-se dos

terrenos do seu natural domicilio, por mais saudaveis e abundantes do que as plantanosas margens do Guaporé, que, nimio calor faz doentias e sezonaticas.

Manifesto de S. M. o Imperador d' Austria, Rei de Hungria e Bohemia.

A Monarquia Austriaca em consequencia da sua situação, das suas varias relaçoens com as outras Potencias, e da sua importancia na Confederação dos Estados Europeos, tem sido obrigada a entrar na maior parte das guerras, que tem assolado a Europa ha mais de 20 annos. No progresso daquellas arriscadas contendas S. M. se tem conduzido invariavelmente pelo mesmo principio politico. Amante da paz por sentimento de dever, por sua propria inclinação, e pelo amor do seu povo, livre de todos os pensamentos ambiciozos de conquista, e engrandecimento, S. M. sómente tomou as armas quando o chamarão a urgente necessidade da propria conservação, o cuidado da sorte dos Estados vizinhos, inseparavel da do seu, ou o perigo de ver todo o systema social da Europa victima de huma Potencia sem lei, e absoluta. O objecto da vida e reinado de S. M. tem sido promover a justiça e a ordem: só por estas a Austria tem pelejado. Se naquellas lidas, muitas vezes infructiferas, a Monarquia recebeo profundas feridas, ficava á S. M. a consolação de reflectir, que a sorte do seu Imperio não se havia arriscado a emprezas escuzadas e violentas: que todas as suas decisoens erão justificadas na presença de Deos, do seu povo, dos seus contemporaneos, e da posteridade.

Sem embargo das maiores preparaçoens, a guerra de 1809 arruinaria o Estado, se a bravura, sempre memoravel, do exercito, e o espirito de

verdadeiro patriotismo, que animava todas as partes da Monarquia, não sobrepujassem todos os revezes. A honra da Nação, e sua antiga reputação nas armas se sustentarão felizmente em todos os revezes daquella guerra: mas perderão-se ricas Provincias; e a Austria cedendo os Paizes, que bordão o Adriatico, ficou privada de ter parte no commercio maritimo, hum dos meios mais efficazes de promover a sua industria: golpe, que haveria sido ainda mais sensivel, se ao mesmo tempo hum systema geral e destructivo não fechasse todo o Continente, estorvando todas as relaçoens commerciaes, e quasi suspendendo toda a communicação entre as Naçoens.

O progresso e resultado daquella gûerra convenceu plenamente a S. M. que na manifesta impossibilidade de huma immediata e inteira reforma da condição politica da Europa, abalada até os alicerces, os esforços de Estados particulares em sua propria defeza, em vez de por termo á geral calamidade, tenderião sómente a destruir a pouca força, que ainda conservassem, apressarião a queda do todo, e até dissiparião todas as esperanças de futuros, e melhores tempos. Nesta persuasão S. M. previo a importante vantagem, que resultaria de huma paz, que, se durasse alguns annos, reprimiria aquella Potencia expraiada, e até então irresistivel, accordaria á Sua Monarquia aquelle descanço, que era indispensavel para restabelecer suas finanças e seu exercito, e ao mesmo tempo procuraria aos Estados visinhos hum periodo de tranquilidade, que aproveitado com prudencia, e actividade, daria entrada a tempos mais felizes. Só hum esforço extraordinario poderia conseguir huma tal paz nas actuaes circunstancias de perigo. O Imperador conheceu, e fez este esforço. Para conservar o Imperio, para os mais sagrados interesses da humanidade, com huma segurança contra males in-

calculaveis, como hum penhor de melhor ordem de cousas, S. M. sacrificou o que era mais caro ao seu coração. Com estas vistas, levantado acima de todos os escrupulos ordinarios, armado contra toda a má interpetração do momento, formou-se huma alliança, que tinha por objecto, com hum presentimento de alguma segurança, reanimar o partido mais fraco, e mais soffredor, depois das miserias de huma desgraçada contenda, inclinar o mais forte e victorioso á moderação e justiça, sem a qual a Sociedade dos Estados póde unicamente considerar-se como huma Sociedade de miseria.

S. M. tinha os melhores fundamentos para estas esperanças, porque no tempo da consumação desta união o Imperador Napoleão havia tocado aquelle ponto da sua carreira, em que a conservação das suas conquistas era hum objecto mais natural, e mais dezejavel, do que huma sede insaciavel de novas possessoens. Qualquer ulterior extensão dos seus Dominios, trasbordando dos seus proprios limites, era considerada com evidente perigo, não só para a França, que gemia com o pezo de suas conquistas, mas ainda para seus verdadeiros interesses pessoaes. A sua authoridade perdia necessariamente em segurança, quanto ganhava em extensão. Unindo-se com a mais antiga familia Imperial da Christandade, o edificio da sua grandeza adquiria aos olhos da Nação Franceza, e do Mundo, tal augmento de força, e perfeição, que qualquer outro designio de grandeza necessariamente enfraqueceria, e destruiria sua estabilidade. Huma solida politica prescrevia ao Triunfante Dominador, como huma Lei da propria conservação, aquillo que a França, a Europa, tantas Naçoens opprimidas e desanimadas incessantemente supplicavão ao Ceo, e devia esperar-se, que motivos tão grandes e unidos prevalecessem sobre a ambição de hum individuo.

A Austria não tem a culpa de se haverem dissipado aquellas vistas lisongeiras. Depois de estereis esforços de muitos annos, depois de illimitados sacrificios de toda a especie, havia sufficientes motivos para esperar alcançar melhor ordem de cousas por confiança, e concessão, em quanto rios de sangue não havião até alli produzido mais que miseria, e destruição, nem peza a S. M. o haver concebido aquella esperança.

Ainda não tinha expirado o anno de 1810, a guerra ainda lavrava na Hespanha, o povo da Alemanha apenas havia tido tempo para sanar os estragos das duas primeiras guerras, quando em huma hora mingoada o Imperador Napoleão resolveo unir huma porção consideravel do Norte da Alemanha com a massa de Paizes, que tem o nome de Imperio Francez, e esbulhar as antigas Cidades livres Commerciantes de Hamburgo, Bremen, e Lubek, primeiro da sua existencia politica, pouco depois da commercial, e com esta dos meios de subsistencia. Este violento passo foi adoptado sem algumas pretençoens ao menos plausiveis, a despeito de toda a forma de decencia, sem alguma declaração precedente, ou communicação com algum outro Gabinete, debaixo do pretexto arbitrario e futil de que assim o requeria a guerra com a Inglaterra.

Este cruel systema, que maquinava destruir o commercio do Mundo á custa da independencia, da prosperidade, dos Direitos, e Dignidade, e arruinando os bens publicos e particulares de todas as Potencias do Continente, foi levado avante com desapiedada civilidade, esperando debalde forçar hum resultado: que, se felizmente se não provasse ser impossivel de conseguir, ha muito tempo abysmaria a Europa em hum estado de pobreza, impotencia, e barbaridade.

O Decreto, pelo qual se estabelecia nas Costas da Alemanha hum novo Dominio Francez de-

baixo do titulo de trigesima segunda Divisão militar, bastava para despertar as suspeitas dos Estados convisinhos, e era para elles o mais assustador, como preludio de perigos futuros, e maiores. Este Decreto mostrou claramente, que o systema creado na França (posto que precedentemente transgredido, ainda inculcado como existente) o systema dos pertendidos limites naturaes do Imperio Francez, era illudido sem mais justificação, ou explicação, e da mesma maneira arbitraria forão aniquilados táobem os actos arbitrarios do Imperador. Para completar aquella terrivel usurpação, elle não poupou, nem aos Principes da Confederação do Rheno, nem ao Reino de Westphalia, nem a territorio algum grande ou pequeno. Os limites, que parecião traçados pelo cego capricho sem outra regra, ou plano, sem alguma consideração de relaçoens politicas antigas, ou modernas, interceptava rios, e comarcas, cortava os estados do meio, e do Sul da Alemanha de toda a communicação com o mar Germanico, passava o Elbo, separava a Dinamarca da Alemanha, extendia as suas pretençoens até o Baltico, e parecia aproximar-se rapidamente á linha de fortalezas Prussianas, ainda occupada sobre o Oder; e este acto de usurpação tão longe estava de trazer comsigo hum caracter de determinado e completo accrescimo de territorio, que era impossivel vê-lo em outra face, salvo como hum precursor de usurpaçoens ainda maiores, pelas quaes metade da Alemanha vinha a ser huma Provincia Franceza, e o Imperador Napoleão o absoluto regedor do Continente.

Esta desmarcada extensão de territorio Francez não podia deixar de influir os mais serios receios á Russia e a Prussia. Esta cercada por todos os lados, incapaz de acção livre, privada de todos os meios de conseguir novas forças, parecia apressar-se á sua dissolução. A Russia já com medo da

sua fronteira occidental pela conversão da Cidade de Dantzik, declarada livre, pelo Tractado de Tilsit em hum porto militar Francez, e de grande parte da Polonia em Provincia Franceza, vio no adiantamento do dominio Francez ao longo da Costa maritima, e nas novas cadêas preparadas para a Prussia, o imminente perigo das suas possessoens Alemãs, e Polacas.

Portanto desde aquelle momento ficou decidido o rompimento entre a França e a Russia.

A Austria não observou sem a mais profunda e justa inquietação a tempestade, que se levantava. A scena de hostilidades em qualquer caso seria vizinha ás suas Provincias, que estavão em hum estado absolutamente indefensavel em rasão da necessaria reforma no systema financial, que havia embargado o estabelecimento dos seus recursos militares. Em mais alto ponto de vista a contenda, que ameaçava a Russia, parecia ainda mais duvidoza por começar debaixo das mesmas circunstancias desfavoraveis com a mesma falta de cooperação da parte das outras Potencias, e com a mesma desporporção em seus recursos relativos; por consequencia era tão desesperada como todas as precedentes contendas da mesma natureza. S. M. o Imperador fez os esforços, que pôde por amigavel mediação com ambas as partes para arredar a tempestade imminente. Nenhum juizo humano poderia antever, que estava tanto á mão o periodo em que malograrem-se aquellas diligencias amigaveis, seria mais injurioso ao Imperador Napoleão, que aos seus contrarios; todavia assim o havia resolvido a sabedoria da Providencia.

Quando já se não podia duvidar do começo das hostilidades, S. M. foi obrigada a recorrer a medidas, que em circunstancias tão extraordinarias, e perigozas combinassem a sua propria segurança com as justas consideraçoens pelos reaes interesses

dos Estados visinhos. O Systema de inacção desarmada, unica neutralidade, que o Imperador Napoleão permittiria conforme as suas declaraçoens, era inteiramente inadmissivel por todas as solidas maximas de politica; e a final provaria sómente hum vão empenho de escoar-se do proximo trabalho. Huma Potencia tão importante como a Austria não podia renunciar a toda a participação dos interesses da Europa, nem pôr-se em huma situação, na qual igualmente inutil na paz, e na guerra, perdesse o seu voto, e influencia em todas as grandes negociaçoens, sem adquirir alguma garantia pela segurança da sua fronteira. Seria tão pouco conforme com a equidade, como com a prudencia, preparar-se para entrar em guerra contra a França nas circunstancias existentes. O Imperador Napoleão não havia dado a S. M. motivos pessoaes para procedimentos hostís, e a esperança de conseguir alguns beneficos resultados, empregando dextramente as relaçoens de amizade estabelecidas, representaçoens confidenciaes, e conselhos de reconciliação, ainda não havia sido abandonada, e relativamente ao interesse immediato do Estado semelhante revolução teria infalivelmente esta consequencia, que o territorio Austriaco viria a ser o primeiro, e principal theatro da guerra, que em breve tempo derribaria a Monarquia pela bem sabida mingoa de meios de defeza.

Nesta penosa situação S. M. não tinha outro recurso mais do que por-se em campo da parte da França. Tomar armas pela França no verdadeiro sentido da palavra haveria sido huma medida não só contraria aos deveres e principios do Imperador, mas ainda ás repetidas declaraçoens do seu Gabinete, que sem alguma reserva havia desaprovado aquella guerra. Na assignatura do Tractado de 12 de Março de 1812 S. M. caminhou sobre dous distintos principios: o primeiro, como provão as palavras do Tractado, era não esperdiçar hum só

meio, que podesse obter a paz cedo, ou tarde; o outro era por-se interior e exteriormente em huma posição, que, se fosse impossivel effeituar a paz, ou em caso, que a sorte da guerra tornasse necessarias nesta parte medidas decizivas, habilitasse a Austria a obrar com independencia, e em qualquer destes casos adoptar as medidas que huma politica justa, e prudente prescrevesse. Sobre este principio era que estava sómente destinada a cooperar na guerra huma parte do exercito determinada, e comparativamente pequena; os outros recursos militares que estavão naquelle tempo promptos, ou que ainda faltava a preparar, não erão chamados para a continuação desta guerra. Por huma especie de tacito consentimento entre os belligerantes, o territorio Austriaco era tractado como neutro. O fim real, e o fito do systema adoptado por S. M. não podia escapar á noticia da França, da Russia, ou dequalquer intelligente observador.

A Campanha de 1812 forneceu hum exemplo memoravel de mallograr-se huma empreza sustentada por Potencias gigantescas, conduzida por hum Capitão da primeira ordem, que confiado em grandes talentos militares, espezinha as regras da prudencia e salta as barreiras da natureza. A illusão da gloria levou o Imperador Napoleão ao coração do Imperio da Russia, e huma falsa vista politica das cousas o induzio a imaginar, que ditaria a paz em Moscow, estropearia o poder da Russia por meio Seculo, e então voltaria victoriozo. Quando a magnanima constancia do Imperador da Russia, as gloriosas acçoens dos seus guerreiros, e a inabalavel fidelidade do seu povo, pozerão termo a aquelle sonho, era muito tarde para arrepender-se com impunidade. Todo o exercito Francez estava dissipado e destruido: em menos de quatro mezes vimos o theatro da guerra transferido do Dnieper, e do Dwina para o Oder, e o Elbo.

Esta rapida e extraordinaria mudança de fortuna era o annuncio de huma importante revolução em todas as relaçoens politicas da Europa. A Confederação da Russia, Gran Bretanha; e Suecia offerecia hum ponto de união de todos os estados visinhos. A Prussia, que há muito havia declarado estar resolvida a arriscar tudo, a preferir ainda o perigo de immediata destruição politica aos longos soffrimentos de continua oppressão, lançou mão do momento favoravel, e correo ás armas dos Alliados: Alguns Principes da Allemanha, grandes e pequenos, estavão promptos a fazer o mesmo. Por toda a parte os ardentes dezejos do povo se anteciparão aos regulares procedimentos dos seus Governos. A sua impaciencia para viverem na independencia, e debaixo das suas Leys, o sentimento da honra nacional offendida, e o odio a hum dominio Estrangeiro tem por toda a parte arremeçado labaredas.

S. M. o Imperador muito intelligente para não considerar esta mudança de negocios como consequencia natural, e necessaria de huma previa, e violenta convulsão politica, e muito justo para ve-la de máo grado, se inclinou sómente a segurar o interesse real, e permanente das Potencias da Europa por medidas bem meditadas, e bem combinadas. Já no principio de Dezembro o Gabinete Austriaco havia dado consideraveis passos para dispor o Imperador Napoleão á politica tranquilla, e pacifica sobre bazes, que igualmente interessavão o Mundo, e o seu proprio bem. De tempos em tempos se renovarão, e reforçarão estes passos. Mantinhão-se esperanças de que a impressão da campanha do anno passado, a lembrança do infructifero sacrificio de hum immenso exercito, as crueis providencias de todo o genero, que serião necessarias para reparar aquella perda, a decidida repugnancia da França, e de todas as Naçoens com ella ligadas, a huma guerra, que esgotava, e arrui-

nava a sua força interior sem alguma esperança de futura indemnização, que finalmente ainda huma socegada reflexão sobre o duvidozo resultado desta nova, e imminentissima crise, moverião o Imperador a annuir ás representaçoens da Austria. Acomodou-se com disvello o tom destas representaçoens ás circunstancias dos tempos, serio como a grandeza do objecto, moderado como o dezejo de hum favoravel resultado, e como as relaçoens de amizade existentes requerião.

Certamente ninguem adevinharia, que serião decididamente regeitadas aquellas propostas, que nascião de hum tão puro motivo; mas a maneira com que ellas forão recebidas, e ainda mais o maravilhozo contraste entre os santimentos, que a Austria conservava, e toda a conduta do Imperador Napoleão até o periodo destes estereis esforços pela paz, depressa destruirão as melhores esperanças, que ainda se conservavão. Em vez de procurar por hum lingoagem moderada melhorar ao menos as nossas vistas do futuro, e diminuir a geral desesperação, em toda a occasião se declarava solemnemente em presença das maiores authoridades da França, que o Imperador não queria ouvir propostas de paz, que cerceassem a integridade do Imperio Francez no sentido Francez da palavra, ou que fizesse alguma pertenção ás Provincias incorporadas arbitrariamente.

Ao mesmo tempo se fallava em condiçoens accessorias com as quaes não parecia ter ainda alguma relação aquelle limite creado por elle mesmo, humas vezes ameaçando indignação, outras com azedo desprezo; como se não fosse possivel declarar em termos assaz distinctos a resolução do Imperador Napoleão, *não fazer ao descanço do Mundo hum sacrificio ainda nominal.*

Estas demonstraçoens hostis forão acompanhadas com esta particular mortificação para a Austria,

que ellas punhão ainda em hum ponto de vista falso, e altamente desacreditado os convites para a paz, que este Gabinete com o conhecimento, e apparente consenso da França fez ás Cortes. Os Soberanos unidos contra a França, em vez de responderem ás propostas da Austria para a negociação, e ás suas offertas de mediação, lhe appresentarão as públicas declaraçoens do Imperador Francez. E quando, no mez de Março, S. M. mandou o Ministro a Londres convidar a Inglaterra a tomar parte em huma negociação de paz, o Ministerio Inglez respondeu, que elle não cria que a Austria conservasse ainda algumas esperanças de paz, quando o Imperador Napoleão havia ao mesmo tempo expressado os sentimentos, que tendião sómente a perpetuar a guerra; declaração, que foi tanto mais penoza á S. M., quanto mais justa, e bem fundada ella era.

A Austria todavia não deixou por isso de assoalhar em termos os mais energicos e distinctos a necessidade da paz sobre o animo do Imperador da França; dirigindo-se em todas as suas medidas por este principio, que assim como a illimitada superioridade da França havia destruido toda a ordem, e balança de poder na Europa, assim tãobem não se devia esperar huma paz real sem diminuir aquella superioridade. S. M. entretanto adoptou todas as medidas necessarias para fortificar, e concentrar seus exercitos, sentindo, que a Austria devia estar preparada para a guerra, se a sua mediação fosse inteiramente inutil. S. M. Imperial estava além disso persuadida, que a probabilidade de huma immediata parte na guerra não seria por mais tempo excluida dos seus calculos. O actual estado das cousas não podia continuar; disto estava convencido o Imperador: esta convicção era a molla real das suas acçoens, e se vigorava naturalmente por serem frustrados todos os seus disvellos em procurar a paz.

O resultado era claro. Por hum meio, ou por outro, quer por negociação, quer á força d' armas se devia effeituar hum novo estado de cousas.

O Imperador Napoleão não só estava ao facto dos preparativos Austriacos para a guerra, mas até os reconhecia como necessarios, e os justificou mais de huma vez. Elle tinha sufficiente rasão para crer, que S. M. o Imperador, em huma época tão decisiva para a sorte de todo o Mundo, poria de parte todos os sentimentos pessoaes, e momentaneos, consultaria só o bem permanente da Austria, e dos Paizes, que a cercão, e só resolveria o que este grande motivo lhe imposesse como dever. O Gabinete Austriaco nunca se expressou em termos, que abonassem alguma outra interpretação; e até o Francez não só reconheceu, que a mediação da Austria sómente podia ser huma mediação armada, mas declarou em mais de huma occasião, que a Austria nas actuaes circunstancias não devia limitar-se a obrar como huma parte secundaria, mais sim aparecer em força sobre a scena, e decidir como huma Potencia grande, e independente. Qualquer cousa, que o Governo Francez ou esperasse, ou temesse da Austria, este reconhecimento era por si mesmo huma previa justificação de todas as medidas de S. M. Imperial, aé alli intentadas, e adoptadas.

Apenas se desenvolverão as circunstancias, o Iperador Napoleão deixou Pariz para fazer frente aos progressos dos exercitos alliados. Ainda os seus inimigos tem rendido homénagem ao valor das trops Russas, e Prussianas, nas sanguinarias acçoen do mez de Maio. Sem embargo o resultado deste primeiro periodo da campanha não lhes foi mais avoravel, parte pela grande superioridade numerica da força Franceza, e pelos talentos militares de seu Chefe geralmente reconhecidos, e parte pelas pliticas combinaçoens, que guiavão os Allia-

dos Soberanos em todas as suas emprezas. Elles obravão na justa supposição, que huma causa semelhante áquella, em que estavão empenhados não era possivel que se limitasse a elles sós; que tarde, ou cedo, ou felices, ou desgraçados, todos os Estados, que ainda conservassem huma sombra de independencia, se ajuntarião á sua Confederação, que todo o exercito independente cooperaria com elles. Portanto não deixarão á bravura das suas tropas mais desafogo do que o momento requeria, e conservarão huma parte consideravel da sua força para huma época, em que com meios mais extensos podessem attentar o desempenho de maiores objectos. Pela mesma causa, e com a mira no desenvolvimento dos acontecimentos, convierão no Armisticio.

Entretanto a retirada dos Alliados deu por hum momento huma face á guerra, que todos os dias se tornava mais interessante para o Imperador, porque, se ella continuasse, elle não poderia ficar hum tranquillo expectador. A sorte da Monarquia Prussiana era hum ponto, que particularmente attrahia a attenção de S. M., que conhecia que a restauração da Monarquia Prussiana era o primeiro passo para o restabelecimento de todo o systema politico do Europa; e elle via, que o perigo em que ella agora estava, igualmente o affectava. Já no mez de Abril o Imperador Napoleão havia sugerido ao Gabinete Austriaco, que elle considerava a dissolução da Monarquia Prussiana, como natural consequencia da sua defecção da França e da continuação da guerra, e que sómente depedia agora da Austria accrescentar aos seus Estado as mais importantes, , e mais florentes Provincias daquelle Reino; sugestão, que mostrava assaz distinctamente, que não cumpria desprezar hum só meio de salvar aquella Potencia. Se este grande objecto não podesse conseguir-se por hua justa

paz, era necessario sustentar a Russia e a Prussia com huma poderoza cooperação. Desta natural vista das cousas, sobre as quaes não podia a mesma França já enganar-se, S. M. continuou seus preparativos com incansavel actividade. Nos principios de Julho deixou sua residencia, e caminhou para a visinhança do theatro da guerra afim de trabalhar com mais efficacia na negociação da paz, que ainda continuava a ser objecto dos seus mais ardentes dezejos; e igualmente para estar mais prompto a dirigir os preparativos para a guerra, se não restasse á Austria ontro partido.

Pouco tempo antes, o Imperador Napoleão havia declarado, que elle havia proposto hum Congresso em Praga onde se devião encontrar por huma parte os Plenipotenciarios da França, os Estados Unidos da America Septentrional, a Dinamarca, o Rei da Hespanha, e os outros Principes Alliados, daquella massa hostil, e cimentrarem os alicerces de huma paz duravel. O Gabinete da Austria ignorou perfeitamente a quem se dirigia aquella proposta, em que maneira, em que fórma diplomatica, por cujo orgão havia ella sido feita, e sómente teve noticia desta circumstancia pelos papeis publicos. Era tão pouco comprehensivel como podia levar-se ao cabo hnm tal projecto, como se podia estabelecer huma negociação para a paz pela combinação de elementos tão heterogeneos, sem algum principio geralmente adoptado, sem algum plano combinado de antemão, que toda a proposta devia considerar-se mais como hum jogo de imaginação, do que como hum serio convite para a adopção de huma grande medida politica.

Conhecendo perfeitamente todos os obstaculos para huma paz geral, a Austria considerava há muito se aquelle objecto distante, e difficultozo não se conseguiria mais depressa passo a passo; e nesta opinião se expressou assim á França, como

á Russia, e á Prussia sobre o objecto de huma paz Continental. Não he que a Corte da Austria não comprehendesse ainda por hum momento a necessidade, e a importancia de huma paz universal entre todas as grandes Potencias da Europa, e sem a qual não havia esperança de segurança nem de felicidade, ou hovesse imaginado que o Continente podia existir se a separação da Inglaterra não se considerasse invariavelmente como hum mal mortifero! A negociação, que a Austria propunha depois da assustadora declaração da França havia destruido todas as esperanças, que a Inglaterra unisse os seus esforços no empenho de procurar huma paz geral, era huma parte essencial da grande proxima negociação para hum Congresso geral e effectivo para a paz: tentou-se como hum preparatorio rascunhar os artigos preliminares do antigo Tractado, preparar o caminho para huma negociação mais extensa e mais duravel por hum longo armisticio Continental. Se o principio sobre que a Austria caminhava fosse differente deste, nem a Russia nem a Prussia ligadas com a Inglaterra pelos laços mais fortes, condescenderião nunca com as propostas do Gabinete Austriaco.

Depois, que as Cortes Russa, e Prussiana, animadas de huma confiança em S. M., muito lisongeira para o Imperador, declararão o seu concurso no proposto Congresso debaixo da mediação da Austria, veio a ser necessario, para obter o formal assenso do Imperador Napoleão, determinar sobre que principios devião estribar-se as negociaçoens para a paz. Para este fim S. M. Imperial resolveo pelo fim do mez de Junho mandar a Dresden o seu Ministro dos Negocios Estrangeiros. O resultado desta missão foi huma convenção concluida a 30 de Junho, acceitando a mediação de S. M. Imperial na negociação de huma paz geral, e se esta se não podesse effeituar, de huma paz

Continental preliminar. Fixou-se a Cidade de Praga para séde do Congresso, e o dia 5 de Julho para a abertura. A fim de obter tempo sufficiente para a negociação, determinou-se pela mesma convenção, que o Imperador Napoleão não romperia o armisticio, que devia terminar a 20 de Julho, naquelle tempo existente entre elle e a Russia até 10 de Agosto, e S. M. Imperador tomou a seu cargo alcançar similhante declaração das Cortes da Russia e Prussia.

Os pontos, que se determinarão em Dresden, forão communicados ás duas Cortes. Ainda que se esperava, que a continuação do armisticio encontrasse algumas objeçoens, e muito serios inconvenientes, o dezejo de dar a S. M. Imperial outra prova da sua confiança, e para provar ao Mundo, que elles não engeitavão esperança alguma de paz por mais limitada, que ella fosse, que elles não recusarião diligencia alguma que podesse abrir-lhe o caminho para ella, sopeou todas as suas consideraçoens. A unica alteração, que se fez na convenção de 30 de Junho foi que o termo da abertura do Congresso, que as finaes determinaçoens não podião fixar tão cêdo, se demorassem até 12 de Julho.

Entretanto S. M. que não queria ainda abandonar todas as esperanças de pôr termo completamente, por huma paz geral, aos soffrimentos da humanidade, e ás convulçoens do Mundo politico, resolveo-se tambem a huma nova tentativa com o governo Britanico. O Imperador Napoleão não só recebeo a proposta com apparente aprovação, mas ainda offereceo voluntariamente abreviar a negociação dando ás pessoas para aquelle fim despachadas para a Inglaterra huma passagem pela França. Quando isto se devia pôr em effeito, levantarão-se difficuldades inesperadas; os passaportes forão demorados de tempos a tempos sob pretextos insignificantes, e a final inteiramente recusados. Este procedimento

deu hum novo e importante motivo para duvidar da sinceridade dos protestos que o Imperador Napoleão tinha mais de huma vez publicamente expressado da sua disposição para a paz, ainda que muitas das suas expressoens naquella época particular davão justa rasão para crer, que a paz maritima era o objecto de seus mais sofregos desvellos.

Durante aquelle intervallo, SS. MM. o Imperador da Russia, e o Rei da Prussia, nomearão seus Plenipotenciarios para o Congresso, e os munirão de instrucçoens muito decisivas. A 12 de Julho chegarão ambos a Praga assim como o Ministro de S. M. encarregado do negocio da mediação.

As negociaçoens não forão demoradas além de 10 de Agosto, excepto na esperança de tomarem ellas tal caracter, que produzissem huma confidente esperança de favoravel resultado. Até aquelle dia se estendeo o armisticio pela mediação da Austria: a situação politica e militar dos Alliados Soberanos, a condição dos Paizes, que elles occupavão, e os seus anciozos dezejos de terminar hum enfadonho periodo de incerteza estorvarão a sua extensão. O Imperador Napoleão o conhecia: elle bem sabia que o periodo do armisticio necessariamente determinava o das negociaçoens; e elle não podia esconder a si mesmo quanto as suas proprias determinaçoens influirião na feliz abreviatura, e prospero resultado das pendentes negociaçoens.

Portanto S. M. conheceo logo com verdadeira magoa, não só que a França não havia dado hum serio passo para acelerar aquella grande obra, mas pelo contrario parecia, que decididamente se havia intentado huma procrastinação das negociaçoens, e evasão de hum favoravel resultado. Havia na verdade no lugar do Congresso hum Ministro Francez, mas sem ordem alguma de tractar de negocios em quanto não apparecesse o primeiro Plenipotenciario.

Debalde se esperava de dia em dia a chegada

daquelle Plenipotenciario. A 21 de Julho se conheceu com certeza, que se havia feito uso de huma duvida, que occorreo na renovação do armisticio entre os Commissarios Francez, Russo, e Prussiano embaraço; de mui pouca monta, que não tinha influencia alguma sobre o Congresso, e que a intervenção da Austria removeria mui facil, e brevemente, como justificação daquella extraordinaria demora. E removido este ultimo pretexto ainda não chegou o primeiro Plenipotenciario Francez antes de 28 de Julho, 16 dias depois daquelle destinado para a abertura do Congresso.

Logo nos primeiros dias depois da chegada daquelle Ministro não ficou em duvida a sorte do Congresso. A fórma em que se havião de entregar os plenos poderes, e dirigir as reciprocas explicaçoens, ponto já tratado por todas as partes, veio a ser o objecto de huma disputa, que fez abortar todos os esforços da Potencia mediatriz. A insufficiencia apparente dos poderes confiados ao Negociador Francez occasionou hum silencio de muitos dias. Só a 6 de Agosto deu aquelle Ministro huma nova Declaração, pela qual nem se removião as difficuldades relativas ás formas, nem a negociação adiantava hum passo para o seu objecto. Depois de huma inutil troca de notas sobre questoens muito preliminares, chegou o dia 10 de Agosto. Os Negociadores Russo e Prussiano, não podião exceder aquelle termo: estava acabado o Congresso, e a resolução que a Austria devia tomar estava de antemão decidida, pelo progresso da negociação, pela actual convicção de impossibilidade da paz, pelo manifesto ponto de vista em que S. M. examinou a grande questão em disputa, pelos principios e intençoens dos alliados, nos quaes o Imperador reconhecia os seus proprios, e finalmente pelas precedentes declaraçoens positivas, que não davão azo a errada opinião.

O Imperador vê-se obrigado á acção, com sincera afflição, e unicamente consolado com a certeza de haver esgotado todos os meios de evitar a guerra. Trez annos trabalhou S. M. com incansavel perseverança, para alcançar com brandas e conciliatorias medidas, huma paz real e duravel para a Austria e para a Europa: falharão todos os seus esforços; agora não ha remedio, não ha recurso senão nas armas. O Imperador as toma sem algum rancor pessoal, por huma lamentavel necessidade, por motivos que todo o fiel cidadão do seu Reino, que o mundo, que o mesmo Imperador Napoleão, em hum momento de tranquilidade ha de reconhecer e justificar. A necessidade desta guerra está gravada no coração de todos os Austriacos, de todos os Europeos, em qualquer dominio que vivão, em caracteres tão legiveis, que não he mister arte para distingui-los. A nação e o exercito farão o seu dever. Huma união estabelecida pela necessidade commum, e pelo mutuo interesse de cada huma das Potencias, que estão em armas pela sua independencia, dará o devido pezo aos nossos esforços; e o resultado, com ajuda do Ceo, será tal que encha as justas esperanças de todos os amigos da ordem e da paz.

Leis publicadas nesta Corte.

DEcreto de 26 de Julho de 1813, Ordenando a reducção dos aforamentos actuaes incluidos na demarcação da Fazenda de S. Cruz, sejão de novo demarcados, e reduzidos a aforamentos perpetuos com laudemios de quarentena, exceptuando os matos virgens, quando os prazos excederem a quatrocentas braças em quadro; com condição de não derribar os matos virgens nos altos das serras, e

nos cumes dos morros: e outro sim a creação de huma nova povoação no sitio da Sepitiba para commodidade dos pescadores, e mais habitantes com hum modico reconhecimento por cada morador: Nomeando para Juiz das ditas Demarcaçoens o Desembargador João Ignacio da Cunha, que dará conta á Meza do Desembargo do Paço, e della receberá as Ordens necessarias.

Alvará com força de Lei de 29 de Julho de 1813, Creando na Cidade de N. S. das Neves da Parahiba do Norte e seu termo o lugar de Juiz de Fóra do Civel, Crime, e Orfãos, ficando-lhe unida a Provedoria das Fazendas dos Defuntos e Ausentes, Capellas, e Residuos no seu Districto, e mais empregos annexos, com o mesmo Ordenado, proes e precalços, que tem o Juiz de Fóra de Pernambuco.

Alvará com força de Lei de 25 de Agosto de 1813 Creando em Villa Bella, cabeça da Comarca da Capitania de Matto Grosso, hum Juiz de Fóra do Civel, Crime, e Orfãos com a mesma alçada, ordenado e propinas que tem o de Cuiabá; sendo considerado lugar de segunda entrancia; servindo o mesmo Ministro de Procurador da Corôa e Fazenda, e Deputado da Junta da Administração da Real Fazenda da mesma Capitania; de Intendente da Casa da Fundição; e de Deputado da Junta de Justiça; e Graduando o lugar de Ouvidor da Comarca de Matto Grosso com o Predicamento de primeiro banco, com Beca e posse na Relação da Bahia, podendo ser para elle nomeados Bachareis que tenhão servido só de primeira entrancia; e percebendo o Ordenado de tres mil cruzados, a fóra os emolumentos estabelecidos.

Decreto de 25 de Agosto de 1813, Extinguindo o Julgado estabelecido no Arraial de S. Pedro de El-Rei, e as Nomeaçoens de Juizes Ordinarios e de Orfãos, e Commissarios de Auzentes, e seus

respectivos Officiaes; e annexando-o outra vez ao termo da Villa do Cuiabá.

Alvará com força de Lei de 19 de Setembro de 1813, Creando huma Junta em Villa Bella, na Capitania de Matto Grosso, composta do Governador e Capitão General, do Ouvidor da Comarca, e do Juiz de Fóra; o qual se ajuntará huma vez cada mez no primeiro dia que não for de guarda ou feriado para decidir os negocios daquella Capitania abaixo especificados, e que pertencião á Meza do Desembargo do Paço, escrevendo os Despachos o Juiz de Fóra; e expedindo-se Alvarás, Cartas, e Provisoens em Nome de S. A. R. assignadas pelo Governador e Capitão General, e lavradas pelo Secretario do Governo, e passadas pela Chancellaria, servindo de Chanceller neste caso o Ouvidor da Comarca.

A Junta pode: 1.º nomear a Camara, 2.º apurar as pautas das mais da Capitania; 3.º conceder reformas de cartas de seguro não findo o livramento por justo impedimento; 4.º passar Alvarás de fiança, não sendo contra as Leis e Reaes Ordens: 5.º expedir Provisoens ao Procurador da Coroa em casos pertencentes á Real Coroa ou Fazenda; 6.º dar licença para citar os Conselhos e Provisão para accusar ou defender-se por Procurador; 7.º conceder os perdoens na Sexta feira Santa na fórma praticada, não encontrando o Alvará de dez de Setembro de mil oitocentos e onze: 8.º commutar as condemnaçoens em pecuniarias, excepto galés; 9.º conceder Alvarás em processos judiciaes alli explicados.

Alvará com força de Lei de 20 de Setembro de 1813, Izentando de quaesquer Direitos de entrada ou sahida em todas as Alfandegas dos Estados e Dominios Portuguezes as Manufacturas do Sabão do azeite de palma, e o mesmo azeite da Ilha de S. Thomé.

Carta Regia ao Conde de Palma, Governador e Capitão General de Minas Geraes de 22 de Setembro de 1813, Declarando abusiva a pratica seguida pela Junta de Justiça, e ordenando que se não pratique mais as remessas dos Réos de crimes capitaes, e que se observem as ordens Regias anteriores ao Aviso expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, e Dominios Ultramarinos ao Governador e Capitão General D. Rodrigo José de Menezes; sentenciando-se os delinquentes na fórma nellas estabelecidas e segundo for de Direito e Justiça.

Alvará com força de Lei de 23 de Outubro de 1813, Ordenando que em todas as terras do Reino de Portugal e Algarves, em que ha Juizes de Fóra, se lhes annexem desde já os Officios de Juizes dos Orfãos, que não tiverem Proprietarios, e os que os tiverem, quando forem vagando por fallecimentos delles, ou pelos haverem perdido por Sentenças.

Decreto de 27 de Outubro de 1813, Concedendo aos Professores de Filosofia, e das Escolas das Primeiras Letras a aposentadoria activa de que gozavão os Professores de Rhetorica e Grammatica Latina e Grega por Decreto de 3 de Setembro de 1759.

Decreto de 13 de Novembro de 1813, Louvando o valor das tropas Portuguezas na batalha de Victoria, e em particular dos regimentos de Infanteria, N. 9, 21, 11, e 23 aos quaes manda pôr nas bandeiras a seguinte inscripção — Julgareis qual he mais excellente — Se ser do Mundo Rei, ou de tal gente: e dos batalhoens de caçadores N. 7, e 11, aos quaes concede bandeiras com a epigraphe — Distintos vós sereis na Lusa Historia — C'os louros que colhestes na Victoria.

Alvará com força de Lei de 17 de Novembro de 1813, Ampliando a todos os mineiros o privilegio concedido pelo Decreto de 19 de Fevereiro de 1752 e Resolução de 22 de Junho de 1758, ainda que não

tenhão trinta escravos, e quaes quer que sejão as dividas; não excedendo ou igualando estas ao valor das fabricas, escravos, terras, e mais pertenças.

Alvará com força de Lei de 24 de Novembro de 1831, Regulando a arqueação dos navios empregados na conducção dos negros, que dos portos de Africa se exportão para os do Brazil, dando muitas saudaveis providencias a favor daquelles individuos assim na viagem, como no porto; determinando o estabelecimento de Lazaretos convenientes, em que sejão recebidos os negros enfermos, e outras muitas philantropicas medidas, filhas dos Incomparaveis Sentimentos de S. A. R.

Decreto de 26 de Novembro de 1813, Ordenando que os Magistrados empregados nos Lugares de Inspectores dos Transportes, e nos de Commissarios e Auditores do Exercito de Portugal, tenhão no fim de cada triennio os accessos, que lhes competirem nos Lugares, em que estiverem a caber até á Relação, e Casa do Porto.

Alvará de 6 de Dezembro de 1813, Annullando o Assento de 10 de Abril do corrente, em se dicidio que não podião os impetrantes das revistas embargar as sentenças contra elles proferidas ainda no caso de se lhes accrescentar alguma cousa de novo, e ordenando que daqui em diante seja licito a qualquer das partes embargar o Julgado em grão de Revista, quando lhe for contrario em todo, ou em parte, devendo os Juizes á vista da sua materia deliberar se merecem que delles se conheça.

Advertencia.

O Redactor, achando-se gravissimamente enfermo desde os fins de Novembro, e impossibilitado de trabalhos litterarios, foi obrigado a terminar este N.º (que já tinha 50 paginas no tempo do seu attaque) differentemente do que intentara. Pela mesma razão não pôde ainda ler as Obras que sahirão á luz neste mez, e muito menos analysalas, segundo o costume; o que promette fazer, logo que as suas forças o permittão, em o N.º seguinte, se huma breve convalescença o habilitar a lançar mão dos seus trabalhos litterarios. Entre as Obras publicadas existindo hum attaque ao mesmo Redactor, pelo Author do Juramento dos Numes, que foi dado á luz nos momentos mais arriscados da sua doença, o Redactor affiança huma proxima resposta no N.º annunciado; e quando não emprehenda aquelle trabalho, em folheto separado; porque está bem persuadido que a defeza contra hum semelhante attaque não vale o sacrificio da sua vida; e nem ainda de alguns dias do seu restabelecimento.

Continuação do Estado da athmosfera.

Novembro.

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo.*
	Graos.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
8	75	29	13	38	
9	74		13	10	
10	80		12	14	pezado
11	82		13	10	claro
12	82		13	2	
13	79½		12	30	chuvozo
14	78		12	4	claro
15	80		12	12	
16	80½		12	12	
17	81		12	20	
18	83½		12	14	chuva
19	82½		12	16	
20	76		14		pezado
21	71		16	14	
22	72		16	24	
23	75		12	20	claro
24	74		13	10	
25	73		14	42	
26	76		14		
27	77		13		
28	82		10	46	
29	83		11	22	
30	83		12	14	

Dezembro.

Dia.	*Ther.*	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	*Tempo.*
1	84	29	11	36	
2	87		11	30	chuva
3	87		11	36	
4	87		14		claro
5	77		11	24	

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo.*
	Graos.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
6	77	29	11	12	
7	78		12		
8	80		12	22	
9	78		12	40	
10	80		12		
11	81		10	42	chuva
12	77		11	30	claro
13	78		10		
14	82		11	20	
15	81		12	46	chuvozo
16	82		13	11	
17	79		12	40	trovoada e chuva
18	75		14	6	
19	74		13	10	claro
20	80		12	20	trovoada
21	85		12	14	
22	83		12		
23	82		11	46	chuva
24	82		11	12	claro
25	79		11	38	chuva
26	76		12	10	
27	75		12	6	
28	74		12	8	
29	76		11	38	

INDICE.

HYDRAULICA.

TOPOGRAFIA.

LITTERATURA.

POLITICA.

HISTORIA.

José da Silva Lisboa.
Isidoro Manoel Francisco Ferrugento.
* Intendente Geral da Policia.
Ildefonso José da Costa e Abreu.
Leandro José Rodrigues Machado.
Leão Cohn.
Luiz Joaquim Duque Estrada Furtado de Mendonça.
Luiz Joaquim dos Santos Marrocos.
Luiz Prates Almeida e Albuquerque.
Manoel Jacinto Nogueira da Gama.
Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.
Manoel Joaquim da Silva Porto.
Manoel Luiz Alvares de Carvalho.
Manoel Theodoro da Silva.
Manoel Vieira da Silva.
Mariano José Pereira da Fonseca.
Martiniano José de Andrade e Silva.
Nicoláo Viegas da Proença.
Paulo José Miguel de Brito.
Paulo Martin e filhos, em Lisboa, 25 Exemplares.
Pedro Francisco Xavier de Brito.
Pedro Maria Colona.
D. Ramon Nounell.
Raynaldo José da Silva
Roberto João Damby.
Ruttman, & Kalkman.
Simeão Estellita Gomes da Fonseca.
D. Thereza do O' de Almeida, Mello e Castro.
Thomé José da Silva.
Thomas March.
Fr. Tiburcio José da Rocha.

Lista des Subscriptores á segunda Assignatura de Patriota.

ANastacio Feliciano de Bastos.
Antonio de Araujo de Azevedo.
Antonio da Cunha.
Antonio Francisco Leal.
Antonio Homem do Amaral.
Antonio Joaquem de Oliveira.
Antonio Martins Bandeira.
Arcediago Antonio Nicoláo de Sousa Pereira Pinto.
Antonio Nunes de Aguiar.
Antonio Pereira de Sousa Caldas.
Antonio Pimentel do Vabe.
Barão do Rio Secco.
Barão de S. Lourenço.
Bernardino de Senna e Almeida.
Bento Correa.
Bento da Silva Lisboa.
Bernardo Carneiro Pinto de Almeida.
Bernardo da Costa Pacheco.
Bispo do Rio de Janeiro.
Camillo Luiz de Rossi.
Camillo Martins Lage.
Candido Lazaro de Moraes.
Carlos Antonio Napion.
Conde dos Arcos.
Conde de Caparica.
Conde de Cavalleiros.
Conde da Ponte
Diogo Duarte Silva.
D. Diogo de Sousa.
Diogo de Toledo Lara e Ordonhes.
Domingos Borges de Barros.
Domingos Carvalho de Sá.
Domingos Gomes Duarte.
Fernando Carneiro Leão.
Francisco Borges da Silva.

Francisco das Chagas Ribeiro.
Francisco Jaques de Araujo Bastos.
Francisco José Ferreira Rego.
Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.
Francisco Lobo.
Francisco Luiz Saturnino.
Francisco Manoel.
Francisco Pereira de Mesquita.
Fr. Francisco de S. João Baptista.
Francisco Xavier de Araujo.
Gaspar José de Mattos.
Gaspar Marques.
Guilherme Briggs.
Jacinto Teixeira da Cunha.
João Bandeira de Gouvea.
João Ferreira da Costa Sampaio.
João Lopes Baptista.
João José de Souza.
João Loureiro.
João Mazzoni.
João Marcos de Souza.
João Pinto Pereira.
João Ricardo.
João Rodrigues de Brito.
João Rodrigues Pereira de Almeida.
João Rodrigues da Costa.
João Soares de Oliveira.
Joaquim Antonio Alvares.
* José Albano Fragozo.
* José Antonio de Oliveira Silva.
José Bernardo de Campos.
José Bernardes de Castro.
José Gomes Morel Salgado.
José Ignacio da Silva.
José Maria de S. Anna.
José de Oliveira Pinto Botelho Mosqueira.
José Pereira Lopes Silva de Carvalho.
José de Rezende Costa.

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.
DO
RIO DE JANEIRO.

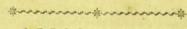
Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

TERCEIRA SUBSCRIPÇÃO.

N. 1.º

JANEIRO E FEVEREIRO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1814.
Com Licença de S. A. R.

A subscripção se faz na Loja da Gazeta, ou na de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, a 6$000 reis pelos seis numeros. Nas mesmas se vendem avulsos a 1$200 reis.

AGRICULTURA.

Sumario da Historia do descobrimento da Cochonilha no Brazil, e das observaçoens, que sobre ella fez no Rio de Janeiro o Dr. José Henriques Ferreira, Medico do Vice-Rei o Marquez do Lavradio.

ARTIGO I.

Descobrimento da Cochonilha no Brazil.

§ 1. HAvendo o Vice-Rei do Brazil, o Marquez do Lavradio, de saudoza memoria, approvado a proposta, que, em Dezembro de 1771, lhe fez o seu Medico o Dr. José Henriques Ferreira, sobre a importancia, que havia de conferir com outras pessoas entendidas a respeito de algumas materias de Historia natural, de Fysica, e Quimica, de Agricultura, de Medicina, de Cirurgia e de Farmacia, do interesse do Brazil, associarão-se logo muitas pessoas (1), e instituirão huma Academia debaixo da protecção do mesmo Vice-Rei.

a ii

(1) Os primeiros socios forão os Medicos Gonçalo José Muzzi, Antonio Freire Ribeiro; os Cirurgioens Mauricio da Costa, Ildefonso José da Costa Abreu, Antonio Mestre, Luiz Borges Salgado; os Boticarios Antonio Ribeiro de Paiva, e Manoel Joaquim Henriques de Paiva; e o curioso de Agricultura Antonio José Castrioto: a estes se associarão depois muitos outros tanto nacionaes, como estrangeiros; ligando-se em fim esta Academia com a Real das sciencias da Suecia, que se dignou de convidar por via do seu Secretario, Pedro Wargentin, e do Dr. Pedro Jonas Bergius.

§ 2. No dia 18 de Fevereiro de 1772 celebrou-se a primeira sessão publica da Academia no Palacio dos Vice-Reis, na presença do mesmo Vice-Rei, e de hum brilhante concurso de pessoas de differentes jerarquias. Nella recitarão o Presidente o Dr. José Henriques Ferreira huma eloquente, e erudita oração ácerca dos objectos da mesma Academia e da sua utilidade; o Director de Cirurgia Mauricio da Costa outra sobre a Anatomia e a Cirurgia; o Director de Historia natural Antonio Ribeiro de Paiva, outra sobre todos os ramos desta vastissima sciencia, e em particular sobre o da Botanica, e do proveito, que no Brazil se podia tirar da sua cultura; o Director de Fysica, de Quimica, de Agricultura, e de Farmacia, Manoel Joaquim Henriques de Paiva, outra ácerca destas sciencias, mormente da Farmacia; e ultimamente, o Secretario Luiz Borges Salgado, leo os Estatutos, em que todos os Socios tinhão concordado, para por elles se regerem.

§ 3. Tratando-se nas sessoens semanarias de diversos assumptos, o Cirurgião Mór do primeiro Regimento, Director da Academia, Mauricio da Costa, referio em huma dellas que, viajando pelo continente do Rio Grande de S. Pedro do Sul, quando se determinou a demarcação da America Portugueza e Hespanhola, hum Hespanhol, que hia na sua companhia, e que estivera no Mexico, lhe mostrou a cochonilha sobre os cardões, gerumbebas, urumbebas, que são variedades ou especies do *cactus* chamadas *opuntiæ*; mas que outros cuidados e embaraços fizerão que não attendesse muito a esta materia. Não perdendo nunca isto da memoria, procurou algumas vezes a mesma cochonilha sobre as referidas plantas, que crescem a orredor do Rio de Janeiro, mas não a encontrou.

§ 4. Esta narração (§ 3.) accendeo em todos os Socios o desejo de ver huma producção impor-

tante e preciosa do Brazil, e recommendarão ao dito Director que se empenhasse por consegui-la: elle desempenhou de tão boa mente esta commissão que, passados alguns mezes, apresentou huma pequena quantidade de cochonilha perfeita, que o Vice-Rei remetteo á Corte de Lisboa.

§ 5. Ainda que a distancia do lugar, e a difficuldade da conducção da planta com a cochonilha, fizerão quasi desesperar de a ver propagada no Rio de Janeiro; renovarão-se todavia as esperanças, quando Francisco José da Rocha, Sargento Mór de Dragoens do Rio Grande, remetteo ao Vice-Rei varios papeis pintados e escritos com huma tinta, de que os rapazes se servião, e tanto o Vice-Rei, como o Presidente lhe escreverão declarando que era da cochonilha, e que mandasse alguma desta.

§ 6. Neste comenos foi mandado retirar o dito Francisco José da Rocha para governar a fortaleza de Santa Cruz da barra do Rio de Janeiro, e chegado a esta Cidade, teve com elle o Presidente muitas conferencias a respeito da cochonilha e das suas utilidades, de sorte que, hindo depois para a Ilha de Santa Catharina, incumbido de varias deligencias ácerca da sua defensa, e viajando por ella, descobrio a cochonilha nas mesmas plantas, em que a vira no Rio Grande, e immediatamente mandou ao Vice-Rei hum caixão com a planta, que era o (*cactus tuna*), e a cochonilha pegada nella, e outro ao Presidente, o qual o mandou para o Jardim botanico da Academia, que era na cerca do Collegio, ou Hospital militar, e incumbio ao Socio Inspector do mesmo Jardim Antonio José Castrioto, não só a propagação da dita planta com a cochonilha, mas tambem a sua repartição por diversas partes.

§ 7. O referido Presidente, tendo mandado pôr a planta do Rio de Janeiro (*cactus opuntia*) ao pé da outra de Santa Catharina, (§ 6.), que era

pequena, e pouca, advertio que a cochonilha passou-se logo a ella, que se multiplicou muito mais, e por isso a fez espalhar por todas as plantas, que alli havia, nas quaes se propagou copiosamente.

§ 8. Em virtude desta observação (§ 7.), o Vice-Rei ordenou ao referido Francisco José da Rocha que promovesse a propagação das ditas plantas (§ 6. 7.) em Santa Catharina para se conseguir maior, e mais abundante criação, e colheita da cochonilha. A mesma ordem teve o seu Governador Pedro Antonio da Gama e Freitas, o qual continuou a remetter a mesma planta com a cochonilha ao Rio de Janeiro, onde se propagou sobremaneira. Além disto, o Vice-Rei mandou o Socio Luiz Borges Salgado, Secretario da Academia, com as instrucçoens escritas pelo Presidente, a fim de melhor averiguar esta materia, e remetteo alguma cochonilha tão bem secca e conservada, como a fina do Mexico. Dando-se a noticia deste descobrimento, e da sua importancia, ao Tenente Coronel do primeiro Regimento da Bahia José Clarke Lobo, depois Brigadeiro, com a recommendaçáo de inquirir se na Bahia haveria a cochonilha; passado pouco tempo, avisou ao dito Presidente que ella se tinha achado nos orredores desta Cidade.

§ 9. Eis-aqui (§ 1 8) em summa a fiel historia do descobrimento da cochonilha no Brazil: agora passo a recopilar as observaçoens, que sobre ella fez o Presidente da Academia, a fim de conhecer a sua natureza e geração.

ARTIGO II.

Observaçoens feitas sobre a cochonilha.

§ 10. ABrindo-se na presença do Vice-Rei, e de outras pessoas, huma caixa de cochonilha apanhada viva na planta, e que de Santa Catharina remettera Francisco José da Rocha, virão-se como mosquinhas vivas, e huns casulinhos vasios, donde ellas tinhão sahido, similhantes á cochonilha, que estava inteira e cheia: julgou-se por tanto que a cochonilha se transformava, e gerava, como outros insectos, e nisto assentou firmemente o Presidente, que communicou a sua opinião a diversas pessoas.

§ 11. De sorte que para ver esta transformação (§ 10.), pôs em sua casa hum vaso com a planta, e alguns bichos a ella pegados, e observava todos os dias bicho por bicho, até que, passado tempo consideravel, que não notou, começarão de apparecer infinitos bichinhos, huns andando por toda a parte, e outros junto dos maiores, de que nascião pela parte posterior, do tamanho de hum miudissimo piolho, nos quaes, vistos com o microscopio, se distinguia perfeitamente o corpo composto de rugas, ou divisoens transversaes, de cor vermelha escura, mal coberto de hum finissimo pelo branco; seis pés de cor de carne, e duas antennas brancas; e na parte posterior alguns pelos finissimos e mais longos que aquelle. Esta vista maravilhou o observador, que esperava a transformação (§ 10.).

§ 12. Vendo nascer os bichinhos, ou filhos das mãis (§ 11.), sem que estas mudassem de lugar, nem padecessem transformação, maior foi a sua vacilaçáo na conjectura, que fizera a respeito da geração, por quanto lhe faltaváo os machos fecundadores das femeas, lembrando-se todavia se aquellas mosquinhas (§ 10.), seriáo os machos; mas tendo morrido todos, além de terem vindo numa caixa, separados da planta, assentou que não podiáo ser os fecundadores daquellas femeas (§ 11), mâis dos recem-nascidos bichinhos. Conjecturou tambem que as femeas terião vindo já fecundadas de S. Catharina por outras similhantes mosquinhas (§ 10), re-

putando-as firmemente pelos machos, sem com tudo dissuadir-se que a tranformação nas mosquinhas era da cochonilha. Reparando porém que muitos dos ditos bichinhos se forão pegando á planta, que ficarão immoveis, mantendo-se, crescendo, e que, passados tres mezes, nascerão outros muitos da mesma maneira que os primeiros, saio do engano em que estava a respeito da transformação nas ditas mosquinhas (§ 10).

§ 13. Não obstante isto (§ 12.) permaneceo duvidoso, occorrendo-lhe algumas conjecturas, que não ousava de manifestar, sem que o tempo e novas observaçoens lhe descobrissem a verdade, e para alcançar esta, transplantou a planta limpa de bichinhos para hum vaso, e de outra planta tirou alguns recem-nascidos, que poz sobre aquella. Collocou o vaso em huma varanda, em que não havia outra alguma planta, e cobrio-o com huma grande manga de vidro exactamente tapada, que sómente abria para regar a planta, e dar entrada ao ar. Estes bichinhos começarão de andar pela planta, e alguns por fóra della, e em torno do vaso, e todos ficarão pegados e immoveis, tornando-se alvacentos, de maneira que não se via o corpo, nem os pés, nem as antennas.

§ 14. Ora huns destes bichinhos (§ 13.), que ficarão pegados em torno do vaso, e outros á mesma planta, erão similhantes a hum casulinho de bicho de seda summamente pequeno, sem que nelle se distinguisse nenhuma teia.

§ 15. Muitos porém dos mesmos bichinhos (§ 13), que ficarão pegados á planta, cobrirão-se de hum finissimo cotão, crescerão sem que se percebesse movimento algum, e adquirirão huma figura hemisferica.

§ 16. Esta differença (§ 14, 15) instigou o Presidente a proseguir as suas observaçoens até conseguir o seu intento, que era achar a causa da mesma differença. E para isso, e melhor e mais facilmente ver a cada instante as mudanças, que acontecessem, metteo em huma caixa de vidro alguns daquelles bichinhos (§ 14.), e tambem alguns dos outros (§ 15). Passante de vinte dias vio sahir de cada hum dos referidos casulinhos (§ 14.) huma mosquinha quasi invisivel, cujas principaes partes se distinguião. Vista ella com o microscopio tinha o corpo vermelho tirante a purpureo; duas antennas mais longas que antes da transformação, compostas de nove juntas como humas mininas contas enfiadas em hum fio branco (*moniliformes*), de cor vermelha clara; duas azas brancas pouco transparentes em razão de huma finissima poeira, que as cobre, com algumas ramificaçoens ou betas vermelhas, horisontalmente estendidas e hum pouco encruzadas sobre o corpo; seis pés de cor vermelha; duas sedas como dous finissimos cabellos na parte posterior do corpo, adelgaçadas, e nas pontas curvadas para fóra. Estas mosquinhas viverão dentro da caixa de vidro quatro até cinco dias, e depois morrerão: os outros bichinhos (§ 15) estavão mortos, e seccos.

§ 17. Na ponta dos casulinhos se via hum buraquinho por onde sahira a mosquinha (§ 16.). Estes casulinhos antes da sua sahida tingião de vermelho quando se esmagavão com os dedos, e se reduzião a hum pó branco subtilissimo como amydo ou farinha, misturado com hum cotão levissimo.

§ 18. A mesma transformação (§ 16.) aconteceo no mesmo tempo áquelles bichinhos, que tinha posto sobre a planta coberta com a manga de vidro (§ 13.), sahindo de huns (§ 14.) as mosquinhas (§ 16.), andando, saltando e voando por cima da planta, e dos bichinhos (§ 15.) a ella pegados.

§ 19. As mosquinhas e os casulinhos (§ 10), que vira antes de fazer estas observaçoens (§ 16, 18), nunca lhe despertarão de serem ellas os machos da cochonilha, sem embargo de saber que Antonio

Herrera, Ruussecher, Linneo e outros assim o affirmavão. Porém continuando as observaçoens, vio que os bichinhos (§ 15) crescião à medida do tempo, apparecendo-lhe na parte trazeira certa humidade transparente como huma gotta de orvalho de cor loura, que pouco e pouco se trocara com a vermelha, que reputou por excremento; e que, chegados ao tamanho de huma lentilha, ou carrapato (*acarus ricinus*), nascerão delles os filhinhos, da mesma sorte que os outros acima referidos (§ 11.), seguindo-se em tudo o mesmo progresso; o que depois observou constantemente em todas as plantas, e em todas as geraçoens dos bichos, notando ser maior o numero daquelles (§ 14), que nas mosquinhas (§ 16) se transformarão.

§ 20. Demais, observou que os ditos bichinhos (§ 15), que são as femeas, ou a cochonilha, que se apanha secca, e prepara para vender, e que tinhão, quando nascerão, seis pés sobre que andavão com maior presteza do que os outros bichinhos (§ 14.), e duas antenas, perderão estas partes, ou somirão-se, depois que ficarão pegadas á planta, e forão crescendo, por tal modo, que nem por meio do microscopio, se percebião; nem ellas verdadeiramente lhes são necessarias senão em quanto buscão o lugar para se pegarem e manterem, sendo este de ordinario o mais abrigado e escondido. Observou tambem que, não obstante o finissimo e branco cotão, que os envolve, percebia-se na sua parte superior e convexa, ou no *dorso*, os anneis ou divisoens do corpo, e na parte inferior do peito hum buraquinho ou boca triangular, com que chupa da planta o seu alimento, sahindo-lhe da parte posterior alguns pelos como cabellos mais compridos que os outros.

§ 21 Abrindo hum destes bichinhos (§ 15.) no seu maior crescimento (§ 19.), vio que estava cheio de hum liquido vermelho, que lhe impedia a vista das entranhas, mas, mediante o microscopio, distinguio innumeraveis bichinhos da mesma cor, que tem quando nascem. Vio tambem que os ditos bichinhos, no momento em que acabão de nascer, não se arredão da mãi, ficando debaixo ou apegados a ella, alguns entre o cotão, e outros em montinhos ao pé da mesma mãi, em quanto talvez ganhavão vigor para se espalharem pela planta, e poderem manter-se; morrendo então a mãi da qual resta só o cadaver secco e vasio.

§ 22. Das referidas observaçoens (§ 10 — 21) concluio 1.° que as mosquinhas (§ 10, 16, 18) são os machos fecundadores; 2.° que os outros bichinhos (§ 11, 15, 19, 20) são as femeas, as quaes parem animaes similhantes, e por tanto são viviparas, e não oviparas, como elle com muitos escriptores affirmou; 3.° que a cochonilha pertence aos *progallinsectes*, os quaes differem dos gallinsectos unicamente em ser viviparos, cobertos de pelo, dentro do qual, como de hum casulinho, vivem, nutrem-se, crescem, gerão, parem e morrem.

§ 23 A' vista de tudo o que fica dito (10 — 22) pareceo-lhe que a cochonilha foi mal classificada por Linneo na ordem *hemiptera*, cujo caracter he terem os insectos quatro azas, as superiores *semi-crustaceas*, e a cochonilha tem, segundo o mesmo Linneo, duas azas, as quaes são finissimas, pouco transparentes (§ 16.), e que, por tanto seria mais acertado classificalla na ordem *Diptera*, ou de duas azas, ou tambem guiando-nos pelas femeas, que vivem mais tempo na ordem *Aptera* ou sem azas. Pareceo-lhe finalmente imperfeita, e manca a descripção da cochonilha dada por Linneo.

§ 24. Demais, assevera que da cochonilha criada, e apanhada no Jardim Botanico do Rio de Janeiro, o Vice-Rei remettera á Corte de Lisboa huma grande quantidade, assim como huma porção de carmim finissimo, e de varias lacras, que della fez seu irmão Joaquim José Henriques de

Paiva; e que da Corte se respondera que a dita cochonilha era tão boa como a fina da America Hespanhola, e que tanto o carmim como as lacras erão de boa qualidade, como se conhecera por experimentos.

§ 25. Prescindo de fallar aqui no methodo de espalhar, ou, como se diz, de semear a cochonilha sobre as plantas, de a criar, apanhar, e preparar, porque este, além de andar escripto em todos os authores que fallão della, varía conforme a temperatura dos climas, e depende das observaçoens e das experiencias, as quaes, como diz o mencionado Presidente, devem ensinar os melhores meios de a obter perfeita, e de prevenir os futuros acontecimentos, para se conseguir abundantes colheitas: asseverando todavia, em consequencia das suas observaçoens, que no Rio de Janeiro não se carece de tantas cautelas como no Mexico, e que na Bahia se carecerá de muito menos.

§ 26 Outrosi me julguei dispensado de recopilar a minuciosa descripção das plantas, em que a cochonilha se cria, feita pelo dito observador, só com o fundamento de que seria trabalho baldado para quem desconhece a linguagem botanica, aos quaes basta dizer que são as plantas que se conhecem com os nomes de cardão, jerumbeba, orumbeba, figueira da India: e aos entendidos em Botanica basta indicar-lhes, que são *cactus opuntia*, *ficus indica*, *tuna*, *cochinillifer*; e porém não basta dizer *cactus iconsandria monogynia*, classe que já desappareceo do *systema naturæ* de Linneo, refundindo-se os seus generos na classe *Polyandria*, além de que o genero *cactus*, comprehende vinte e nove especies conhecidas.

§ 27. A este proposito só direi 1.º que sendo concordes todas estas observaçoens, as de Antonio Herrera (*Historia general de las islas e tierras firmes del mar oceano*), as de Ruussecher (*Dissertation*

sur la Cochenille), as de Menonville (*Traité de la culture du Nopal et de l'education de la Cochenille*), que corre em linguagem, as de D. José Antonio de Alzate (*Memoria sobre la Cochonilla*), impressa no Mexico; discrepão tanto de todas ellas as de Jacintho José da Silva Quintão, que se póde francamente affirmar que he singularissima a sua opinião; 2.º que além dos dois primeiros auctores acima citados serem conhecidos do Presidente, e dos outros socios, conhecião igualmente Degeer, Hernandes, Sloan, Reaum, e outros, que o dito Presidente cita na sua Memoria, e por tanto não foi a falta dos verdadeiros conhecimentos sobre esta materia a causa de não se realizarem os louvaveis trabalhos e dezejos da Academia, mas sim a mesma, que empeceo á propagação dos bichos de seda criados com as folhas da tataiba (*Morus tinctoria*), os quaes produzirão huma boa seda, que o Vice-Rei remetteo á Corte, a mesma, digo, que empeceo outros uteis estabelecimentos, que se proposerão; 3.º que não foi, como ousa dizer Jacintho José da Silva Quintão, o *methodo errado ensinado de então propagar a cochonilha, tirando parte da vermina, s. dos vermes ou bichinhos, de huns cardos, e pondo-a em outros*, a causa de ser totalmente abandonada a sua cultura; por quanto, além de se indicarem então todos os methodos praticados no Mexico, se escolheo o melhor, que se foi alterando, segundo as observaçoens, e experiencias, que se hião fazendo, e com effeito conseguirão-se abundantes colheitas da cochonilha tanto no Rio de Janeiro, como noutras partes, onde fora estabelecida.

7

TOPOGRAFIA.

Fim da Descripção Geographica da Capitania de Matto Grosso.

Rio Mamoré.

A Confluencia dos rios Guaporé, e Mamoré está na latitude de 11° 4′ 46″, e na longitude de 328° 28′ 30″. O Mamoré, rio de grande largura, e de maior cabedal de agoas, traz as suas origens da latitude de 18°, das serras, que existem entre Cochabamba, e a Cidade da Paz, e correndo de Sul a Norte, recebe por ambos os lados muitos rios, hum dos quaes he o Chaparé, que lhe entra por Oeste, de grande curso, e perigosa navegação, pelas muitas catadupas que tem. Outro, e o maior de seus braços, he o Rio Grande, ou Guapehy, que fazendo contravertentes nas serras dos Andes com o Pilco-Mayo, grande braço do Paraguay, pela latitude de 20°, corre a E, e depois a N, passando 10 leguas ao Nascente da Cidade de Santa Cruz, até entrar pelo NO na margem Occidental do Mamoré, com mais de 150 leguas de curso total.

Navegando-se desta foz pelo Mamoré acima a rumo geral do Sul, nas primeiras 16 leguas de navegação se encontra a bôca do rio Iruamé na margem Occidental, o qual communica com o Madeira pelo Lago de Cayuabas; e 15 leguas acima desta foz, sobre a mesma margem de Oeste do Mamoré, está a Missão da Exaltação, de 1000 almas.

Quatro leguas acima deste povo desagua na mesma margem Occidental do Guaporé o rio Jacuma, sobre o qual, 4 leguas acima da sua foz, está a Missão de Santa Anna, de 800 almas. Sobre hum braço de S. do dito Jacuma, existe tambem a Missão de S. Borja de 700 almas. Os Hespanhoes em

10 dias de navegação pelo Jacuma acima, e em 5 por estrada de terra chegão á Missão dos Santos Reis, que fica meia legua afastada da margem Oriental do rio Beny, ou Madeira: a sua população he de 800 almas.

Vinte leguas acima da boca do Jacuma, proximo á margem Oriental do Mamoré, está a Missão de S. Pedro de 3ↀ almas. No meio desta distancia, e na opposta margem do Mamoré, desagoa o rio Apére; e pouco abaixo de S. Pedro, entra pela mesma margem Occidental o rio Tyamuchy, sobre hum superior braço do qual existe a Missão de S. Ignacio de 1500 almas.

Doze leguas acima de S. Pedro desagoa na margem de Leste do Mamoré o rio Ibaré; e quatro leguas por elle acima está situada a Missão da Trindade de 3ↀ almas.

Em fim, 11 leguas distante desta Missão, existe a do Loreto de 1ↀ almas, sobre a mesma margem do Mamoré.

Estas Missoens do Mamoré, com as do Baures, Itonamas, e Beny, fórmão todas a Provincia de Mochos, habitada por 22 até 23ↀ almas; Provincia pouco saudavel, talvez por effeito dos seus inundados terrenos, interpolados de densos bosques, e largos campos, onde com o nimio calor se effeituão rapidamente immensas decomposiçoens animaes e vegetaes, cujas exhalaçoens podres e mephiticas inficionão a atmosfera. A Provincia de Moxos he abundante em mantimentos, caças, e pescados; tem muito gado Vacum e Cavallar: os Indios, que a povoão, são polidos, valentes, e industriosos, bons officiaes de Fundidores, Escultores, Organeiros, e outros misteres; as mulheres fazem os mais perfeitos panos de algodão. Fabrica-se nesta Provincia muito assucar, agoa ardente, vellas de sebo, e de cera, &c. Os Hespanhoes tem grande interesse nesta Provincia, pela sua immediata

communicação com o Forte do Principe da Beira, e mais extrema Portugueza, que limita o Guaporé; e he, igualmente com a Provincia de Chiquitos, hum proximo chamariz para a fuga dos nossos escravos, e hum refugio de pessimo effeito para os nossos criminosos. Se estas duas Provincias não existissem, com grande difficuldade nos faria esta Nação a guerra, faltando-lhe os mantimentos, gados, cavallos, canoas, remeiros, gastadores, praticos, e soldados, que ellas fornecem; e haveria hum vazio entre Santa Cruz e a extrema Portugueza, de quasi 200 leguas de extensão, que difficultaria os seus sinistros intentos.

O Mamoré, da sua confluencia com o Guaporé para baixo, corre a rumo geral de N. Navegadas as primeiras 11 leguas, se encontra a foz do pequeno rio Soterio, que lhe entra pela margem de Leste; e 12 leguas abaixo estão as duas pequenas Ilhas das Capivaras, na latitude de 11° 14'.

Nove leguas abaixo destas Ilhas, desagoa na mesma margem Oriental o rio Paca-nova, desde o qual continúa o Mamoré por espaço de 3 leguas até á cachoeira de Guajaramerim, ultima, ou a 17.ª para quem navega do Pará para Mato Grosso, e que se passa com facilidade. Huma milha abaixo desta cachoeira está a de Guajara-uaçu, tambem de curta extensão; porém de trabalhoso e difficil passo, porque o rio se desliza por hum plano assaz inclinado, e a sua velocidade he ainda augmentada pelas muitas e pequenas Ilhas, que neste lugar estreitão o seu alveo.

Tres leguas abaixo de Guaraja, a rumo de N, existe a grande catadupa da Bananeira, 15.ª desta navegação: a sua cabeça está na latitude de 10° 37', e a sua cauda na de 10° 35', tendo esta catadupa, pelas muitas voltas que faz o rio, e pelas repetidas pedras, e ilhotes, que cobrem estes dous termos, mais de huma legoa de extensão; es-

paço semeado de penedos, ilhas, saltos, remansos e canaes, derramados pela grande largura de quasi meia legua, que o rio tem neste lugar. Esta cachoeira he huma das maiores e mais famosas desta navegação, e equivale a muitas cachoeiras unidas: humas vezes se passa a sua cabeça varando as canoas por terra; outras porém se conduzem por canaes rapidissimos, vencendo huma corrente enorme, trabalho que dura muitos dias, com summa fadiga e perigo.

Duas leguas abaixo da Bananeira está a 14ª catadupa do Páo-Grande, de huma milha de extensão; e posto que para a passar se tire parte da carga das canoas, com tudo he vencivel com pouco trabalho.

Huma legua abaixo da precedente existe a 13.ª cachoeira das Lagens, que se passa facilmente, ainda que com algum trabalho.

Huma legua abaixo da cachoeira das Lagens está a barra do rio Mamoré, o maior dos braços do Madeira, e que este recebe pela sua margem Oriental. Esta junção fica na latitude de 10° 22' 30'', 33 leguas distante da foz do Guaporé, e 44 segundo as voltas e navegação do rio. A largura da boca do Madeira nesta confluencia he de 494 braças, e a do Mamoré de 440; e a largura total dos dous rios unidos he de 900 braças, e hum grande fundo,

Rio da Madeira.

O Rio da Madeira, desde as suas origens, até o lugar da sua junção com o Mamoré, he conhecido e habitado pelos Hespanhoes com o nome de rio Beny, e sendo dos maiores braços do maximo Amazonas, havia táo pouco conhecimento do canal das suas agoas, que todas as cartas geographicas publicadas até o anno de 1777 o fazião entrar no

Amazonas como braço do Porús, rio que entra nelle por muitas bocas, 60 leguas a Poente da foz do rio Madeira; de tal fórma que inda nos dous Tratados de Limites de 1750, e 1777, no art. 7.° do primeiro, e decimo do segundo, se considera não existir este grande rio Beny, ou da Madeira, bem que por si só seja muito maior que os outros dous Guaporé, e Mamoré, supponda-se nos ditos Tratados, que o canal formado pelas agoas destes dous ultimos rios, era o verdadeiro rio da Madeira, quando os outros são seus braços.

O ponto da junção dos rios Mamoré, e da Madeira, parece o mais natural para delle se lançar a linha recta de E a O até ao rio Javary, conforme o art. 11° do Tratado de Limites, tanto para a conservação das actuaes possessoens, e interesse das duas Naçoens confinantes, como por não terem os Hespanhoes delle agoas abaixo estabelecimento algum, com que possão communicar, e só o podem fazer descendo o Beny até esta confluencia, para della subirem o Mamoré, e deste o Guaporé, communicando por esta navegação com as suas Missoens, que ligão e formão a Provincia de Mochos, e que a dita linha projectada salva, deixando com esta commum navegação livres os estabelecimentos de cada hum dos confinantes.

O rio Beny, assim chamado pelos Hespanhoes, e da Madeira pelos Portuguezes, tem as suas remotas fontes pela latitude de 13°, passando huma dellas pela Cidade da Paz, e correndo de S a N por 150 leguas, corre mais 100 ao NE até a sua confluencia com o Mamoré, da qual com mais 245 leguas ao mesmo rumo de NE vai entrar no Amazonas com perto de 500 leguas de curso total.

Hum dos notaveis braços do Beny he o rio Tipoany, que lhe entra pela margem do Poente, o qual pela sua veloz correnteza gastão os Hespanhoes 40 dias em subir até as minas deste nome, on-

de achão muito ouro corrido entre as areias, havendo neste lugar hum povo tambem chamado Tipoany, do qual são seis dias de aspero caminho, atravessando altas montanhas, até á Cidade da Paz. A foz deste rio, que tem muitos braços, e que se desce em 5 dias, está dous dias de navegação acima da Missão dos Reis.

Logo abaixo da confluencia do Mamoré com o Madeira, principião mil penedos espalhados por toda a largura do rio, dos quaes hum, que está fronteiro á junção destes dous grandes rios, formado por huma só, e grande lage, tem capacidade para nelle se construir hum Presidio, que fecharia a entrada e a navegação destes dous rios: penedos, desde os quaes principia a 12.ª cachoeira, chamada do Madeira, formada de tres saltos, de meia legua de extensão, com grande largura e pezo de agoas. Na cabeça desta cachoeira se descarregão as canoas, passando as cargas por caminho de 300 braças, e as canoas pelo rio, vencendo os volumosos canaes, que fórmão as suas agoas. Resta dizer que o rio Beny, hum dia acima da sua junção com o Mamoré, tem huma grande cachoeira, que difficulta o poderem os Hespanhoes navegar desde as Missoens, que nelle tem, até esta larga foz; communicando-se com as do Mamoré, ou por terra, ou pelos rios lateraes, que elle recebe.

Meia legua abaixo da cachoeira do Madeira está a da Misericordia, que he a 11.ª; de curta extensão, mas de maior, ou de menor perigo, segundo o estado das cheias do rio.

Meia legua abaixo da precedente, existe a cabeça da 10.ª e grande cachoeira do Ribeirão, na latitude de 10° 14': a sua extensão he de 4 milhas, ficando a sua cauda em 10° 10'. He esta temivel, e trabalhosa cachoeira, formada por 5 diversos saltos, ou cachoeiras parciaes: as canoas se descarregão totalmente, conduzindo-se as cargas por

caminho de terra de [illegible] passos, até a sua cabeça, na qual as mais das vezes se varão as canoas por terra; porém quando o rio leva maior cabedal de agoas, fórma venciveis canaes, que se passão com bastante trabalho, e consumo de dias.

Inferior e contiguo á cabeça desta cachoeira, desagoa na margem Oriental do Madeira hum pequeno rio, chamado Ribeirão, que vem das serras dos Parecis; já visto, e transitado desde ellas pelos primeiros Descobridores da Capitania de Mato Grosso, o qual se devide em dous braços, dous dias e meio acima da sua foz, em hum dos quaes não só achárão grandes formaçoens de ouro, mas o mesmo metal em grande extensão de terra, em quantidade proporcionada a grandes jornaes, e maiores esperanças.

Quatro leguas abaixo da cauda do Ribeirão, espaço cheio de pedras e de correntezas, está a cachoeira das Araras, ou da Figueira, a 9.ª deste rio, formada por ilhotes e penedos: he de breve extensão, e de pouco trabalho.

Oito leguas abaixo desta cachoeira desagoa no Madeira pela sua Occidental margem, o rio Abuná, sendo esta foz o ponto mais de Occidente do rio da Madeira, e da Capitania de Mato Grosso. A distancia em linha recta, contada desde a boca do Abuná até o Araguaya, extrema Oriental desta Capitania, não tem menos de 300 leguas, que faz a sua largura, cuja linha continuada até ao Cabo de Santo Agostinho, faz a somma total de 620 leguas de hum inda impenetrado sertão.

A oitava cachoeira da Pederneira está quatro leguas abaixo da foz do Abuná, na latitude de 9° 31′ 21″, e supposto não seja de grande extensão, com tudo, como a largura do rio está toda semeada de hum sem numero de penedos, huns mergulhados, outros apenas sahindo á flor da agoa, esta repetida e perigosa alternativa augmenta o trabalho, passando-se as canoas vazias, e as cargas por terra, por caminho de 240 braças para se vencer a cabeça desta cachoeira, formada por dous saltos.

Meia legua abaixo desta cachoeira, faz barra na margem Occidental do Madeira o rio dos Ferradores, nome que tomou dos pequenos passaros assim chamados, cujo canto nada differe do som das alternadas pancadas, que dão os officiaes daquelle officio atarracando a ferradura.

Tres leguas abaixo desta foz, existe a 7.ª cachoeira do Paredão, assim denominada por formarem a sua cabeça huns unidos penedos fora do nivel das agoas, os quaes se estendem ao longo do rio por 15 braças, e 2 de largura, representando os restos de arruinadas muralhas, formando neste espaço hum estreito canal de pouco mais de 20 palmos de largo, de muito pezo e violencia de agoas, que as canoas vencem á sirga.

A sexta cachoeira he a dos Tres Irmãos, 6 leguas abaixo da antecedente, espaço cheio de pedras, e de correntezas, sendo a margem de Oeste do Madeira bordada de continuas colinas. Esta cachoeira tem hum quarto de legua de extensão, e he formada por varias, pequenas, e pouco distantes Ilhas: he vencivel com pouco custo; perto da cabeça desta cachoeira entra no Madeira pela sua margem de E o rio Mutumparaná, que vem com breve curso das serras dos Parecis.

Oito leguas de trabalhosa navegação abaixo desta cachoeira, está a do Salto do Girão, que he a 5.ª na sua ordem, na latitude de 9° 21′; e supposto seja de curta extensão, he huma das mais trabalhosas e formidaveis do Madeira, o qual, correndo neste lugar por entre montes, se estreita consideravelmente, o que lhe augmenta a velocidade. Esta cachoeira he formada por 5 diversos, altos, e pouco distantes saltos, de que o mais superior fórma a sua cabeça, sempre invencivel, e

que sómente se passa varando as canoas em terra; e conduzindo-as por hum espaço de 350 braças de extensão, com grande declivio na sua subida e descida; gastando-se sempre nesta cachoeira, 10, 15, e mais dias de assiduo trabalho.

Legoa e meia abaixo do Girão está a 4 a cachoeira do Caldeirão do Inferno, de huma legua de extensão, formada por muitos penedos, e pequenas ilhas espalhadas por toda a largura do rio, que aqui he bastante consideravel, tudo a oppostos e diversos rumos; o que a faz perigosa, passando-se de humas ás outras por 3 trabalhosas sirgas, de que a ultima fórma na cabeça desta cachoeira o chamado Caldeirão do Inferno, onde a queda das agoas, circulando com movimento voraginoso, atrahe as canoas ao centro a ponto de as despedaçar nas pedras, que cercão o sorvedouro; o que faz seja esta cachoeira huma das temiveis e perigosas do rio da Madeira; com tudo em tempo de poucas agoas passa-se com pouco custo, e trabalho.

Legua e meia abaixo desta cachoeira, entra pela margem de Oeste no Madeira o pequeno rio Maparana; e navegadas mais 6 leguas, desagoa na opposta margem, depois de 3 pequenas ilhas, o rio Yaci-parana, ao qual se segue, depois da Ilha de Santa Anna, de huma legua de comprido, com mais 6 leguas de navegação, a 3.ª cachoeira dos Morrinhos, formada por muitas e pequenas ilhas, que esparzidas por toda a largura do rio fórmão 3 canaes, e na cabeceira 2 sirgas, que se passão facilmente.

Defronte, e pouco distante da margem Occidental do Madeira, ha 3 pequenos morros, de que tirou o nome a cachoeira; os quaes estão cobertos de sarça parrilha, droga que com igual abundancia se encontra na mesma margem do Madeira, proximo da cachoeira e salto do Girão, entrando

com quatro leguas de navegação por hum Igarapé, que nella desemboca.

Pouco mais de quatro leguas abaixo dos Morrinhos, de enfadonha navegação pelas muitas pedras e correntezas que se encontrão, está a 2.ª e famosa catadupa do Salto do Theotonio, na latitude de 8° 52'. Esta cachoeira he formada por huma unida e alta corda de penedia, que atravessa o rio de margem a margem, quebrada em quatro diversas partes, pelas quaes se despenhão todas as agoas do caudaloso rio da Madeira, formando quatro volumosas columnas de bons 40 palmos de altura; e como da margem de E corre huma comprida restinga de pedra, parallela á dita corda de unidos penedos, que pelo seu comprimento encontra, e se oppoem ás agoas de 3 dos canaes, formando com o 4.° hum só canal, pelo qual sahe todo o pezo das agoas do rio, apertado entre a ponta desta restinga, e a margem do O. do Madeira, entre innumeraveis e nunca passadas correntezas, cachoens, e pedras; vem a ser esta cachoeira de grande trabalho, varando-se nella sempre as canoas por terra, por hum aspero varadouro de 250 braças de extensão, trabalho que leva muitos dias para se vencer.

O lugar desta cachoeira he por muitos respeitos o mais importante, e digno de attenção do grande rio da Madeira, merecendo por isso huma individuação particular.

Huma legua abaixo da cachoeira do Salto se encontrão grandes e multiplicados penedos, que abrangendo a largura do rio, fórmão hum pequeno salto, e huma trabalhosa sirga, que chamão do Macaco, e que equivale a huma mediana cachoeira.

Duas leguas abaixo da sirga do Macaco, está a cachoeira de Santo Antonio na latitude de 8° 48', a qual he a primeira que se encontra navegando o Madeira agoas arriba, formada por grandes ilhas

de soltas pedras, que dáo origem a 3 volumosos canaes, que se vencem com bastante fadiga, descarregando parte das canoas. Estas 17 cachoeiras occupão hum espaço de 74 leguas de navegação, as 12 primeiras no rio da Madeira, e as 5 ultimas no Mamoré. Os combois das canoas de commercio de 7 e 8 remos por banda, que viajão nas monçoens convenientemente, passão estas cachoeiras regularmente em 3 mezes, porém algumas vezes gastão mais tempo, segundo o estado em que ellas se achão, determinado pelo maior ou menor cabedal de agoas dos rios, que as formão. Dous palmos de mais, ou de menos, lhes occasionão huma alteração notavel, e basta esta pequena quantidade de agoa para diminuir as sirgas, e saltos, facilitando breves canaes em algumas dellas; ao mesmo tempo que em outras o maior pezo das agoas faz succeder tudo pelo contrario. Na maxima cheia do rio inda se difficulta mais esta longa navegação; cada arvore cahida, ou mesmo hum ramo copado, que mergulhe na agoa, he huma correnteza, hum perigo, huma sirga, e hum trabalho; por isso se deve buscar tempo proprio para esta carreira, e o melhor será principiar a passa-las desde Julho até aos fins de Setembro.

Na cachoeira de Santo Antonio termina pelo N a extrema da Capitania de Mato Grosso; e comparando este ponto com a foz do Ipané no Paraguay, sua extrema Austral, lhe resulta hum comprimento de 300 leguas de N a S.

Pouco mais de 4 leguas abaixo da cachoeira de Santo Antonio, existe a famosa, alta e grande praia do Tamandoá, onde pela sua altura e extensão vem depositar milhares de ovos para a sua procreação as muitas Tartarugas do rio da Madeira, escavando nesta praia fundas covas, em que os depoem; cada Tartaruga alli deixa de huma vez de 80 até 120 ovos, que tantos são os que em

si conserva até ao tempo da postura, cobrindo-os depois solidamente com a arêa, que escavarão. Este abundante deposito faz huma das riquezas deste lugar, vindo as canoas do Pará todos os annos a esta praia, e desenterrando os ovos, em poucas horas fazem delles manteigas, de que enchem muitos centos de potes; manteiga excellente, não só para luzes, mas para frigir peixe, e temperar muitas comidas. Esta facil fabrica nesta, e em outras praias do Madeira, rende 5 e 6☉ cruzados.

Da praia do Tamandoá são 12 leguas, depois de se passarem, além de muitas bahias, as ilhas Mariuahi, das Guaribas, e Mundibu, cada huma dellas de legua de extensão, até á foz do rio Jamary, o maior que desagua na margem Oriental do Madeira. Este rio traz as suas origens, conhecidas com o nome de rio das Candêas, da face Oriental das Serras dos Parecis, fazendo contravertentes com as do rio Curumbiará, e outros braços do Guaporé, e em huma dellas se julga existirem as minas de Urucumacuá. Tem este rio constante fama de aurifero, e diz-se que os Jezuitas daqui extrahirão muito ouro, vencida huma grande catadupa, que este rio tem, 2 dias de viajem acima da sua foz.

Duas leguas abaixo desta foz do Jamary, está a ilha Tucunaré, e o lago do mesmo nome na margem de E. do Madeira. Seis leguas abaixo da boca deste lago, está na opposta margem a boca do lago Puncá, depois de duas e não pequenas ilhas do mesmo nome, na latitude de 7° 34′ 17″, ponto, desde o qual, segundo o art. 11°. do Tratado de Limites de 1777, se deveria tirar a linha recta de Nascente a Poente, até encontrar o rio Javary, para extrema daquelles largos sertoens, entre Portuguezes e Hespanhoes, linha que daria á ultima Nação terrenos, que nunca vio, e que a primeira sempre trilhou com incontestavel posse.

Legua e meia abaixo da bahia Puncá, entra pela margem de E no Madeira, o rio Puanema; e 2 leguas mais abaixo pela margem opposta recebe aquelle rio o Macassipé, ambos de curta extensão.

Quasi 8 leguas mais abaixo, e 19 de navegação, contadas da foz do Jamary, desagua na mesma margem Oriental do Madeira, o rio Giparanã, ou Machado, de igual grandeza ao Jamary.

Do rio Machado, navegando pouco mais de legua, entra no Madeira pela mesma margem, o pequeno rio Machiní; e com 14 leguas de navegação total, em que se passão as ilhas das Flechas, e do Batuque, se chega á boca do rio das Arraias, de pouca extensão, o qual entra no Madeira pela sua margem de O. Pouco mais de legua abaixo do rio das Arraias, estão as ilhas deste nome, que são 3, e se comprehendem em 2 leguas de extensão; tres leguas abaixo das quaes está a das Parauybas de legua de extensão.

Quatro leguas abaixo da precedente está a ilha Piraya-nará de igual grandeza, defronte da qual desagua na margem Oriental do Madeira o rio do mesmo nome.

Duas leguas abaixo da foz deste rio existe a ilha dos Periquitos, de legua d'extensão; e logo a dos Pagoês de quasi igual grandeza; á qual se seguem, navegando tres leguas, as ilhas de Santo Antonio, que são 3 contiguas. Huma legua abaixo dellas principia a ilha das Minas, a maior deste rio, de 3 leguas de comprido, e mais de huma de largo, cuja ponta de N. está na latitude de 6° 34′ 16″, 25 leguas abaixo da foz do rio das Arraias.

Pouco mais de 6 leguas abaixo desta ilha, depois de passada outra pequena, entra pela margem de O. no Madeira, o pequeno rio Baetas; e delle, com mais 7 leguas de navegação, se chega á ilha e boca do rio Aruapiara, que desagua no Madeira pela sua margem Oriental.

Quatro leguas abaixo do antecedente, entra pela mesma margem, o rio Araxiá, ou Marmelos, de não pequena extensão, defronte de huma ilha de 2 leguas de comprido.

Duas leguas abaixo da foz do Araxiá, faz barra na mesma margem Oriental do Madeira, o lago Marucutuba, defronte de huma ilha, cuja latitude he de 6° 5′.

Duas leguas abaixo principião as ilhas de Urupé, de mais de legua de extensão, das quaes faz o rio huma apertada volta para o Poente de tres leguas de navegação, em cujo espaço lhe entra pelo dito rumo, o rio Capaná, o maior que desagua na margem Occidental do Madeira. O Capaná communica-se, com 10 dias de navegação, por hum lago commum, com o rio Porus, grande braço do Amazonas.

Duas leguas e meia abaixo do Capaná principião as 3 ilhas do Jatuáranas, que occupão o espaço de 2 leguas em apertada volta; e 3 leguas abaixo da ultima, entra no Madeira pela sua margem de E o rio Manicoré de pequeno curso.

Tres leguas abaixo do Manicoré, entra no Madeira pela sua Occidental margem, passada huma ilha, o ainda menor rio Maurassutuba; e huma legua abaixo, na latitude de 5° 37′, existe a ponto de S. da pequena ilha Matupiri.

Tres leguas abaixo deste ponto, faz barra na margem de E. do Madeira, o rio Anhangatiny; e 2 leguas abaixo desta foz, principia a ilha do Jenipaga de 2 leguas de extensão, 2 leguas abaixo de cuja ponta de N., desagua na mesma margem Oriental do Madeira o rio Mataurá, que communica com o rio Canamá.

Duas leguas abaixo do Mataurá está a ilha de Uruá, de 2 leguas de comprido; e outras 2 leguas inferior a ella, desagua na margem de E. do Madeira o pequeno rio das Araras, defronte de hu-

ma ilha do mesmo nome de 3 leguas de comprido; huma legua abaixo da qual entra pela mesma margem Oriental o pequeno rio Ariupanã.

Tres leguas abaixo do Ariupanã faz boca na mesma margem o lago Matary, abaixo do qual outras 3 leguas, estão as duas ilhas de José João, que comprehendem o espaço de 2 leguas.

A ilha do Jacaré está 2 leguas abaixo das antecedentes; e defronte della, na margem de Oeste do Madeira, está a boca do lago Ararany, do qual são 2 leguas ás duas parallelas ilhas de Carapunatuba: outra legua abaixo dellas existe a ilha Mandiuba de legua e meia de extensão.

Huma legua abaixo da ponta inferior desta ilha está a boca do Uautás, braço, ou furo do rio deste nome, que entra no Madeira pela sua margem Occidental. Navegando por este furo 11 leguas a Oeste, chega-se a hum grande lago, que fórma muitas ilhas, todas ellas cobertas de páo cravo em grande abundancia. Neste lago entra o rio Uautás, que além deste furo, e boca que faz para o Madeira, fórma outras duas differentes e semelhantes communicaçoens, porque desagua igualmente no grande Amazonas; a primeira 2 leguas a O. da que faz o Madeira no mesmo Amazonas, e a segunda 30 leguas ainda mais a Oeste, e 2 acima da confluencia do rio Negro no mesmo Amazonas.

Cinco leguas abaixo da dita boca do Uautás, está situada sobre a margem Oriental do Madeira, e defronte das ilhas das Onças, a Villa de Borba, na latitude de 24° 23', e longitude de 318° 7', unico e pequeno estabelecimento Portuguez neste grande rio.

De Borba navegão-se 12 leguas, em que se passão, situadas na mesma margem Oriental do Madeira, as bocas dos lagos Jatuaraná, Macacos, do Frechal, Taboca, Cauhintaú, Guaribas, e Ana-

mahá, e as ilhas Trucurané, Pipiuacá, e Uaximé, até á larga boca do furo Tupinambaranas, defronte da ilha Maracá. Este furo he hum braço, que se divide do Madeira, formando com elle, e com o Amazonas, a que sahe, huma ilha de 50 leguas de comprimento, e 20 de largo. Navegando por este furo a rumo geral de E., até sahir ao Amazonas, desagoão nelle seguidamente os rios Cunamá, Abacachiz, Apiuquiribó, Magueuaçú, que he de grande extensão, formado por muitos braços e largos, em que vive a valente Nação do mesmo nome; — Mogue-merim, Massari, Andiras, e Tupinambaranas: todos estes rios vem do S., e são habitados por outras tantas Naçoens, sendo abundantes em sarça, cravo, cacao, uaraná, e outros effeitos.

A Nação Magué, ou Maué, he a authora da celebre bebida do Guaraná. Este fructo nasce em hum arbusto ou sipó; e he da grandeza de hum grão de bico; he huma especie de pequeno coco, semelhante ás amendoas, com a pele delgada de cor roxo-escura, e a massa interna, ou coco, branca amarelada. Este fructo torrado, e depois pizado no pilão, se reduz a huma massa, de que se fazem huns páos redondos, como os de cocholate, que ficão durissimos, e se ralão regularmente na lingoa do Pirauruci; e lançada huma colher deste pó em agoa com assucar, fica preparada esta bebida, que se usa em Mato Grosso. Atribuem-se-lhe mil contraditorias virtudes; sendo hum grande amargo, he frigidissimo; passa como remedio aprovado para diarrheas, ou bebido, ou em cristeis; para dores de cabeça, e retenção de ourinas: em grande uso relaxa o estomago, causa insomnolencias, e dizem que produz effeitos, que se oppoem á propagação da especie.

A celebre, e valente Nação Tupinambá, que faz do seu idioma particular a lingoa geral do Brazil, e que habitava as costas de Paranambuco, Ba-

hía, Maranhão, e do Pará, depois de fazer mortal guerra aos primeiros Portuguezes, que povoavão aquellas largas costas, se retirarão para a alta e extensa serra da Ibiapava, da qual, perseguidos, mas não conquistados, emigrarão para os sertoens da America, vindo depois algumas Tribus estabelecer-se nesta ilha, a que derão o nome, tirando-se delles amigavelmente muito colonos para as povoaçoens primitivas do Estado do Pará.

Em fim, da boca do furo Tupinambaranas no Madeira, navegando 14 leguas, em que se passão, além do lago Massurany, as ilhas do Tenten, Carapaná, e outras menores, se chega á fóz de 1100 braças de largo, que este grande rio faz no Amazonas, na latitude de 3° 23′ 43″, e longitude de 313° 52′. O rio da Madeira, considerado por todos os lados, não cede a outro algum dos que se comprehendem no amplissimo paiz das Amazonas, e no extenso territorio Luzitano da America Meridional. Todos os expressados e lateraes rios, que recebe, são de facil e concentrada navegação, sendo alguns delles de não pequeno curso, communicando-se, como o Capaná, Uautás, e Mataurá, com outros igualmente grandes. Da mesma fórma, os muitos lagos, que lhe entrão, são de grande superficie. As margens do Madeira, dos seus confluentes, e dos lagos com que se enriquece, são povoadas de densos matos, habitadas por numerosas Naçoens de Indios, e riquissimas em sarça, cravo, baunilha, puxiri, e cacáo, e este ultimo na maior abundancia: muitos dias se navega o Madeideira, em que os arvoredos que bordão as suas margens são cacoáes. Neste grande rio se podem tirar todas as madeiras, em que abunda a soberba costa do Brazil, tanto para toda a qualidade de construcçoens, como para obras de marcenaria, e de delicada curiosidade, entre as quaes se encontrão as do maior cumprimento e largura: igualmente se

encontrão aqui os oleos, gomas, rezinas, e outros generos do reino vegetal, esperando que mão vivificadora lhes dê novo ser em vastas applicaçoens.

Nas 186 leguas, que se navegão desde a foz do Madeira no Amazonas até á primeira cachoeira de Santo Antonio, se comprehendem, além de outras menores, mais de 30 ilhas de huma, duas, e tres leguas de extensão, cobertas de altos e copados arvoredos; e grandes praias, em que se encontra pasmosa quantidade de ovos das muitas aves, que alli os vão depositar. Neste rio vi eu mais de 40 especies differentes de pescados, todos gratos ao paladar, e muitos de gosto delicado, entre os quas o peixe Boi, ou Manali, e a Paraiba, dão qualquer delles hum bom jantar para 30 homens; depois destes, são de não pequena corpulencia o Piracurucú, o Turuby, e o Jundiá. A abundancia de tartarugas, de 2 arrobas, e mais de pezo, he igualmente admiravel, e de outros amphibios de concha, como Tracajá, Matamatá &c. A caça rasteira, e do ar he do mesmo modo copiosa; o que mostra bem a singularidade deste grande rio, com terras firmes, altas, e proprias para huma abundante cultura; não faltando nelle os formidaveis Jacarés, que se encontrão aos bandos.

As margens, que fórmão as catadupas deste grande rio, ainda são mais vantajosamente situadas, por ser terreno mais solido, alto, e pingue, que fórmão as doces escarpas das extensas serras dos Parecis; e que guardando em si, além das riquezas privativamente derramadas pelo amplissimo paiz do Amazonas, muitas, e concentradas minas, parece convidar os homens, que se não contentarem com os lucrativos effeitos, que a Natureza alli espontaneamente cria e offerece, com o louro metal, que a avidez, ou a necessidade das Naçoens polidas constituio o primeiro valor de todas as cousas.

Finalmente, o rio da Madeira, cheio de tan-

tos e tão ricos effeitos, que gratuitamente offerece a quem os quizer aproveitar, — de facil navegação; — com excellentes terras para huma pingue cultura; — entrando no Amazonas no centro deste vastissimo, e importante Dominio Portuguez; — sendo em grande parte limitrofe entre Portuguezes, e Hespanhoes; — abrindo amplas portas até ao centro do riquissimo Perú, desde as immediaçoens da Cidade da Paz até á do Potosi; — offerecendo nas muitas e numerosas Naçoens, que o povoão, tranquillos colonos, e robustos braços, que coadjuvem, e ensinem a colher e prosperar tantas riquezas, logo que se reduzão a viver entre nós, com aquelle carinho e indulgencia conveniente ao seu ainda inculto estado: — sendo finalmente o rio Madeira o unico canal, por onde póde vir a prosperidade ás duas interessantes e amplas Capitanias do Grão-Pará, e de Mato-Grosso; — parece que este rio, attendendo a tantas poderosas rasoens, se acharia já povoado, ou pelo menos, que haveria vistas tendentes a tão importantes objectos; mas, (com quanta magoa o digo!) succede bem tudo pelo contrario, como se verá no seguinte discurso. (a)

(a) Da-lo-hemos no Numero seguinte.

Para a pag. 32.

17

Tabella

Para a pag. 32.

Tabella das Latitudes e Longitudes dos Lugares mais notaveis da Descripção Geographica da Capitania do Mato Grosso, observadas pelos Astronomos Portuguezes, que desde o anno de 1780 forão empregados nas Demarcaçoens de Limites.

	LUGARES.	*Latitudes M.*			*Longitudes.*			*Variação da agulha.*	
		°	'	"	°	'	"	°	'
Amazonas.	Cidade do Pará.	1	27	2	329	2		0	0
	Boca do Furo do Limoeiro.	1	52	41					
	Rio das Areias.	1	9	39					
	Gurupá.	1	23	37					
	Alter do Chão.	2	29						
	Santarem.	2	24	50	323	15			
	Pauxis.	2	55						
	Foz do rio Madeira.	3	23	43	318	52	5		
Rio Negro.	Forte da boca do Rio Negro.	3	9						
	Moura.	1	26	45					
	Poyares.	1	7	8					
	Carvoeiro.	1	23	20					
	Barcellos.	0	58		314	45			
	Coari.	4	9						
	Villa da Ega.	3	20		312	41			
	Nogueira.	3	18	30					
	Marco da boca do Avatiparaná.	2	31		310	18	30		
	Fonte-boa.	2	30						
Solimsens.	Foz do Madeira no Amazonas.	3	23	43	318	52	5		
	Villa de Borba.	4	23		318	7	15		
	Ponta do N. da Ilha dos Muras.	6	34	15					
	1.ª Catadupa de Santo Antonio.	8	48						
	2.ª Salto do Theotonio.	8	52						
	3.ª do Girão.	9	21						
	4.ª Pederneira.	9	31	21					
	Cauda do Ribeirão.	10	10						
	Cabeça do Ribeirão.	10	14						
Mamoré.	Confluencia do Mamoré no Madeira.	10	22	30					
	Cauda da Bananeira.	10	35						
	Cabeça da Bananeira.	10	37	0					
	Ilha das Capiváras.	11	14	30					
Guaporé.	Confluencia do Guaporé no Mamoré.	11	54	46	319	28	30		
	Boca do Cautarios.	12	13	30					
	Destacamento das Pedras.	12	52	35	314	37	30		
	Forte do Principe.	12	26		312	57	30		
	Guarajuz.	13	36	4	315	55	30		
	Boca do Paragaú.	13	33						
	Torres.	13	39						
	Boca do Rio Verde.	14							
	Porto do Cubatão.	14	31						
	Sararé.	14	51						
	Villa Bella.	15			317	42			
Terrenos contiguos a Villa Bella.	Cazal Vacco.	15	19	46					
	Morro das Salinas.	15	46						
	Baliza no Paragaú.	15	48						
	Passagem no Paragaú.	15	45						
	Engenho do Padre Fernando Vieira.	15	16						
	Borda da Serra do Agoapehy, 4 leguas acima de Santa Barbara.	15	52						
	Registo do Jaurú.	15	44	32					
	Salinas, Tapera do Almeida.	16	19						
	Páo-a-pique.	16	21						
	Borda Oriental do Mato, ou Estiva.	15	27	38					
	Arrayal do Pilar.								
	Santa Anna.	14	45						
	S. Vicente.	14	30						
	Chapada.	14	47						

Tabella das Latitudes e Longitudes dos Lugares mais notaveis da Descripção Geographica da Capitania de Mato Grosso, observadas pelos Astronomos Portuguezes, que desde o anno de 1780 forão empregados nas Demarcaçoens de Limites.

	LUGARES.	Latitudes M.			Longitudes.			Variação da agulha.	
		°	'	"	°	'	"	°	'
Paraguay.	Morro Escalvado.	10	42	58				zero.	zero,
	Ponta de N. da Serra da Incua.	17	33						
	Letreiro da Gaiba.	17	43					10	30
	Pedras de amolar.	18	1	44	320	13	30	10	30
	Povoação de Albuquerque.	19		8	320	3	15	10	15
	Presidio de Coimbra.	19	55		320	1	45	10	8
	Marco da foz do Jaurú.	16	23		320	10		11	44
	Villa Maria.	16	3	33	320	2			
	Fazenda de Sua Magestade da Caſsará.	15	4	43					
Cuyabá.	Confluencia do rio Caiba no de S. Lourenço.	17	19	48	320	50		10	
	Boca inferior do Pirahim.	16	28	52					
	Villa do Cuiabá.	15	36		321	35	15	9	55
	S. Pedro d' ElRei.	16	16		321	20	15	9	30
	Boca do Taquari.	19	15	16	320	28	18	3	
	Boca do Cochim.	18	33	58	322	37	18		
	Fazenda de Camapuam.	19	36	14	323	38	45		
	Salto do Corão.	20	5						

LITTERATURA.

Ode Pindarica à SUA ALTEZA REAL.

Vós, Principe Prestante,
Deveis olha-lo com sereno aspecto,
Como padrão constante
Da fé, da gratidão, do terno affecto.

Elp. Non. Od. 29. Ep. 5.

Estrophe 1.ª

AS refulgentes pennas
He tempo, ó Lyra! de soltar aos ventos,
Qu' approvão teus intentos
As filhas do Permesso, aureas Camenas:
De Cyrrha a Divindade,
Com impulsos divinos,
Em soberbo esquadrão de Dirceos hymnos,
A gloria nos promette, e a eternidade.

Antistrophe 1.ª

Qual nos campos d'Eléa
O Cantor das Olimpicas façanhas ....
A's terras mais estranhas
O Heroe levemos n'afogueada idéa:
De Regia estirpe seja:
Que nosso altivo canto
He digno de causar no mundo espanto,
Quando rolos de luz lança, e troveja.

Epodo 1.º

O Principe Immortal, qu' o Luso adora,
E paz celeste esteia,
E por quem Ullisséa
Suspira sem cessar, e afflicta chora:
Conduzamos luzente
Té onde vai brilhar Phlegonte ardente.

Estrophe 2.ª

Cheio de avita gloria,
Mais do que teve o Povo de Quirino,
O Ramo Bragantino
Egregio, occupa o Templo da Memoria:
No throno Lusitano,
João, delicias suas,
Tambem quebrar podera as meias luas
Ensopadas no sangue Tangitano.

Antistrophe 2.ª

Mas da Virtude ao mando
Do Grego Alcides não demanda o passo,
Que só hum peito de aço
De Marte segue o sanguinoso bando:
A Paz, só Paz sagrada
O Coração lhe alenta,
Té que vê rebentar Gallia tormenta,
Para que afia a cortadora espada.

Epodo 2.º

Bem que o vejamos em baixel veleiro,
Com hum denodo egregio,
Vir pôr seu Throno Regio
No tôpe do Brazilico Janeiro....
Da Patria aos ais, e aos gritos,
Lá deixa mais de mil Scipioens invictos.

Estrophe 3.ª

Os empoados arnezes,
Qu' outrora forão esplendente ornato....
Ao belicoso trato
De novo os vem indomitos Francezes:
Os golpes valerosos
Dos Luzitanos braços,
Já tem provado, retrogrando os passos,
Com que vinhão soberbos, e orgulhosos.

Antistrophe 3.ª

Junot tumido, e fero,
Arrogante Massena, e Soult astuto,
Sanguinoso tributo
Pagar vierão ao Lusitano, e Hibero:
Em vão Plaucio, Vitilio,
Contra Viriato assaltão,
Mais seu valor, e intrepidez esmaltão,
Qual a dos Gregos n' arruinada Ilio.

Epodo 3.º

Na Roliça, Vimeiro, e no Bussaco,
Ignivomos, ardentes
Heroes, virão valentes,
Dignos dos hymnos do Venusio Flacco:
Sua fama inda ressoa
Nos vastos reinos do flamigero Eôa.

Estrophe 4.ª

Arapiles, Victoria,
E as grandes praças, Badajoz, Rodrigo,
Do protervo inimigo
Na ruina, ganhão perennal memoria:
O Corso vacilante,
Na tenebroza testa
Tresdobra esforços, qu' a ambição lhe apresta,
E o coração forrado de diamante.

Antistrophe 4.ª

Porém do Norte correm
Mil bronzeos troncos, que o trovão vomitão,
E as hostes precipitão
Do feroz monstro, que raivando morrem:
As carnes se arrepião
A' vista dos estragos,
Vendo ferver os espumantes lagos,
Dos qu' em pedaços ao negro Orco envião.

Epodo 4.º

Já cem naçoens, qu' os ferros arrastavão,
O Macedonio jugo,
Livres do impio verdugo,
Reluzindo em prazer, despedaçavão;
Tal do Corso a despeito,
Cedo veremos seu grilhão desfeito.

Estrophe 5.ª

Talvez que vulgo insano
Nos julgue, ó Lyra! que perdido o rumo,
O tempo em vão consumo,
Ou qu' errado o baixel lhe largo o pano:
Mas os qu' em Pimpla tecem
Coroas d' alvas flores,
Bem sabem meus alados corredores
Que sujeitos, e promptos me obedecem.

Antistrophe 5.ª

Do horrido monstro em quanto
Na Hesperia as hostes tú, Artur, abrazas,
Sobre o Brazil em tanto
Abre João as fulgurantes azas:
Da provida Amalthea
Impetuosas correntes
Vão fecundar as venturosas gentes,
Que bafeja dos Ceos divina Astrea.

Epodo 5.º

Por entre bravos aquiloens gelados,
João, Luso Tonante,
A' não alta, e possante
Guardou robusto os combatidos lados;
Des qu' avistou veleiro
O scintilar do lucido Cruzeiro.

Estrophe 6.ª

A dextra costumada
A suster em bonança o leme de oiro,
O Colcido thesoiro
Não preza tanto, como a gloria herdada:
O brio, e a honra augusta,
Esmalte ao Luso Throno,
Tem nos Seculos fiel, constante abono,
Que ao Nume do Brasil lhe quadra, e ajusta.

Antistrophe 6.ª

Torpe ambição, e inveja,
Furias crueis, qu' as negras azas batem,
Em vão, em vão combatem,
S' he contra Lusos a infernal peleja:
João, dos astros mimo,
Aos viz monstros, e ao dólo
Lhe sopêa a cerviz, lhe calca o colo,
Sendo aos Vassallos perennal arrimo.

Epodo 6.º

Do aurifero Brasil no Solio ingente . . .
Detem, ó Lyra! o passo,
Que o vento sopra escaço
De Lybethra na limpida corrente,
Quando engrossar mais forte,
Meu Principe será meu Pólo, e Norte.

O Professor de Filosofia da Villa Rica.

Discurso offerecido aos Bahianos no dia da abertura do seu novo Theatro, aos 13 de Maio de 1812, Dia dos Annos de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor.

*por B.****

. . . . Des passions la sensible peinture
Est pour aller au coeur la route la plus sure.

Boileau Art. Poet.

ALterão-se as Naçoens, cahindo as eras,
Estas dos vicios solapada expira,
Est'outra o crime de seu pezo esmaga:
Azia outr'ora mandou o Mundo inteiro;
Mas hoje apenas no-lo conta a Historia:
Quem hoje habita o Egypto, e quem Athenas?
Das cinzas de Carthago surge Roma,
Roma, dos Reis terror, do Mundo espanto;
E a Patria dos Catoens, patria dos Fabios
Ao jugo aventureiro a cerviz dobra.
Qual a gangrena as carnes apodrece,
Pouco a pouco as Naçoens os vicios minão.
Anime o Patriotismo o Rei prudente
E jamais o Egoismo a Nação toque;
Nunca a deslumbrem da victoria os raios,
Dura hum momento da victoria o brilho.
Segue o fausto á Grandeza, ao fausto a queda;
Dos insultos dos Pais os filhos gemem,
E a Historia leva aos seculos vindouros
Ensovalhado nome apar dos crimes.
Destruidor Volcão na França estoira,
E a lava pestilenta a Europa infecta,
E das voragens novo monstro surge;
Tudo he devastação; horrores tudo;
Ao ver Napoleão, Protheo de crimes
As Bellas Artes, as Sciencias tremem;
Já da Grecia a rival se despovoa,

Do Genio as luzes, os prodigios d'arte,
Reunidas n'um ponto o Sabio vendo,
De Ptolomeo recorda o caso triste.
Não, não: debalde o Vandalismo tente
Fazer retrogradar do Espr'ito a marcha,
Co'a Imprensa Coster segurou-lhe os passos.
O Facho da Discordia o crime empunha
No ar esvoaçando guerra! brama
E os roucos sons rimbombão, guerra! guerra!
Do bronze os roncos, o tinir das lanças
Da Europa com a paz, espanca as Artes. . .
Mimozas Filhas do celeste Pindo,
Ceo mais ameno que o da Grecia, cobre
Carinhoso Brazil, que a vós se off'rece:
Qual a flor em terreno mais benigno,
Mais linda mais viçoza ao sol se ostenta,
Taes em seu seio brotareis mais bellas.
Hum do Vosso Diniz Ditozo Neto
O caminho vos mostra, eia segui-o;
Do Estro os voos desprendei afoitas.
Já de Neptuno a sanha, e a furia insultão
Soberbas quilhas, tremolando as Quinas.
Povos! Se os Luzos, com o invencivel Gama
Ao mando do seu Rei debelão Reinos,
Hoje o que farão por seu Rei guiados? . .
Não dos raios da guerra armada a dextra,
Não profugo demanda alheios climas,
O que as Esferas Rege, e os Reis Domina
Hum Novo Imperio levantar-lhe ordena,
Quer que nos coraçoens as bazes firme:
Que ao lado da pacifica Oliveira,
Estreitados em doce, amigo abraço,
Embelezem o throno Artes, Sciencias.
Do Amazonas ao Prata a Natureza
A nobre pompa sua patenteia,
Todas as regioens aqui se enleião:
Esta do Globo mais brilhante parte,
Do Grão Rei aos Dominios Cabral junta:

Dos Semideozes, que arvorando as Quinas.
Do mar remotos terminos quebrarão,
Os netos são que as portas lhe defendem,
O mesmo brio, e sangue inda os anima,
E ao aceno do Rei vereis ó Povos!
Albuquerques surgir, surgirem Castros
Encarai Portugal, vereis prodigios.
No Novo Mundo vistes a primeira,
O' mui feliz Bahia!, a face Augusta,
D'um Principe querido, e a regia planta
O teu brazão marcou, Bahia exulta!
De tão sublime gloria assoberbada,
He teu dever mostrar qu'es digna d'ella.
Ah! Se teu Pai, teu Principe te deixa,
Mora em seu coração terna saudade;
Conhece o seu amor na escolha digna
D'aquelle, em quem depoz a gloria tua!
He seu, he vosso amigo o Conde Illustre, (1)
A quem tu deves . . . quem ignora quanto!
Ao som da sua voz hoje, ó Bahianos!
Dos costumes a escola as portas abre;
Castigue os vicios aterrando, ou rindo,
Goste em Merope a Mãi, da Mãi extremos,
E de Medéa ao aspeito, os olhos volte:
Ao ver Atréo, de horror o Irmão se errice:
Do Amigo as faces Pylades alegre:
Amor chore d'Ignez a sorte infausta;
Manchando o filho em sangue parricida,
Do Fanatismo o horror Mafoma inspire;
Do ciume o furor Fayel ostente:
Que o rizo mofador opprima, e corra,
A Hipocrisia, a sordida Avareza
De baixos coraçoens, mais baixos vicios.
Em voz e gestos proprios declamada,
A boa Poezia ás almas fale;
Que d'armonia os sons o ouvido encantem,

(1) O Ex.mo Conde dos Arcos D. Marcos.

Que magico pincel a vista illuda.
N'um ar bizonho, em acanhados modos,
No máo pejo, a decencia não consiste,
Quadra sombrio rosto ao criminoso,
O refalsado ar á Hipocrisia,
Desenvoltura da licença he marca,
He grave, he lhana da decencia a face.
Nunca do honesto se transcenda a meta,
Nunca permitta maculada scena,
Que ofendido decoro afronte o pejo:
A punição do crime o criminoso,
E da virtude o premio o justo, veja;
Saiba o innocente da maldade as tramas.
Da boa sociedade o trato honesto,
Das Bellas-Artes polidor estudo,
Costumes escabrosos amaciem.
Nua do som didactico, a Virtude
Melhor ao coração no exemplo fala,
E a mente deleitando, a scena póde
As normas da moral gravar sem custo.

---

*Tradução de huma passagem do Livro 2.º das Georgicas de Virgilio. Por B.****

FEliz quem da natura as leis conhece,
Quem calca aos pés o medo, afronta a morte,
Desdenha as sombras de Acheronte avaro.
Venturoso o que segue as leis suaves
Das francas, das campestres Divindades.
A purpura dos Reis, varas do Povo,
A do interesse vóz, que enfrêa o sangue,
O Danubio em furor vomite armados,
Morrão estados mil, floreça Roma,
O dezejo importuno, o dó penoso
De seus dias a paz jámais perturbão.
Jámais aos tribunaes forão seus ecos

De vãos direitos disputar a posse,
Na terra, que regou, vê seus thesouros,
D'arvore, que plantou, se aquece, e nutre.
A Neptuno fatigue outro c'os remos,
Aviltem-se na Corte; o ferro amolem:
Que o terror das familias, o guerreiro,
Cidades mil saquêe, o sangue entorne
Para em oiro beber, dormir na purp'ra:
Seus thesouros o avaro enterre, e incube;
Na tribuna o orador, na scena o vate,
Do povo o incenso nutra-lhe a vaidade:
Tinto em sangue do Irmão, o Irmão blazone,
E vá durar, morrer da Patria longe.
Em paz o lavrador dirige o arado,
Com elle a Patria, os Filhos, seus rebanhos,
O boi de util trabalho companheiro,
Qual seu Pai sustentou, sustentar sabe.
Povoa-lhe o curral do armento a prole,
A seara os celeiros lhe enriquece,
De Pomona com os dons os cestos vergão,
E d'outono os calores bem fazejos
Os perguiçosos cachos lhe assucarão,
Na gelada estação ressente o outono,
Gratas, seus dons as arvores lhe of'recem,
Corre o azeite gostozo em fios de oiro.
Pendem do colo seu, beijos lhe pedem,
Sua maior riqueza, os seus filhinhos;
Reina o pudor na mui frugal familia.
O doce leite escuma entre os seus dedos:
Os cabritinhos com as nascentes pontas
Sobre a relva brincoens, saltando marrão.
Das festas repartir sabe o descanço
Entre o devoto culto, e prazer util:
Promete premios ao sagaz, ao forte,
Este mostra na luta ardil e força,
E na carreira aquelle alcança a meta,
Com grito vencedor os ares fere.
Na innocencia os Sabinos taes vivião:

Dos soberbos Toscanos a potencia
D'esta arte se augmentou, d'esta arte Roma,
Hoje dos homens arbitra, e do Mundo,
Deve ás rusticas mãos seu vasto imperio.
Dias da idade d'oiro, amenos dias!
O' costumes campestres, sãos costumes!
A grei sem dono, sem tirano os homens,
Em paz vivião; o clangor da tuba
Não conglobava furibundas hostes:
O' oiro corruptor, ferro homicida,
Motor, arma das guerras, vós não tinheis
Corrompido, assolado a madre terra.

Pela occasião de ser nomeado Vice-Rei dos Estados da India o Excellentissimo Senhor Conde de Palma, apparecerão os seguintes Sonetos em Villa Rica.

SONETO.

Qual, a quem ferio Jove, em pasmo fica,
Do ser da vida em horrido quebranto,
He d'est'arte, Senhor, que em magoa, e em pranto
De seus braços te sólta Villa Rica.

Nos labios prêsa a voz, que a dor explica,
O peito negro, qual da Noite o manto,
A tanta perda, a sacrificio tanto,
Em vão o allivio busca, em vão o applica.

Seu thesouro melhor se vai comtigo;
O Pai em ti lhe leva o Fado ingrato,
Em ti lhe leva o Bemfeitor, o Amigo.

Teu rosto, ah! sim nos rouba, e doce trato;
Mas não nos rouba tudo o fado imigo,
No peito inda nos fica o teu retrato.

Hœrent infixi pectore vultus.

Eneid. L. 4. V. 4.

Por A. da R. F.

SONETO.

Seculos tres, ou mais, já são passados,
Depois, que o claro Indo, em aurea fama,
Aos Lusos franqueou affoito Gama
„ Por mares nunca dantes navegados. „

Ainda os Louros, desde então cortados
Na magestosa Fronte Lysia enrama,
E ainda Delio n'alma Lyra acclama
„ As Armas, e os Varoens assignalados. „

Tu, Mascarenhas, d'Outro vens, que a Historia
N'alta Diu celebra, e que á porfia
„ Teve os troféos pendentes da Victoria. „

De ti o Indico Imperio o Augusto fia;
Saudosos te veremos hir com gloria
„ A ver os berços, onde nasce o Dia. „

1.ª, 25.ª, e 27.ª Oit. do Cant. 1.º das Lus.

Por J. J. da S. G.

GEOGRAFIA.

Memoria sobre a Capitania do Seará, Escrita de Ordem Superior pelo Sargento Mór João da Silva Feijó, Naturalista Encarregado por S. A. R. das Investigaçoens Filosoficas da mesma Capitania.

Introducção.

HE necessario ter muito pouco conhecimento do Fizico da Capitania do Seará para duvidar das immensas vantagens, que ella póde produzir em utilidade dos seus habitantes, augmento do seu Commercio, e prosperidade geral do Estado: assim me tem persuadido a continuada observação, que tenho feito, sobre o seu Fizico, e Moral, por espaço de onze annos successivos, em razão do meu officio: eu passo pois a discorrer sobre este importante objecto, o mais resumido que me for possivel, na presente Memoria, a que me proponho.

Para dirigir-me methodicamente nesta minha empreza, penso dever ter em vista estes tres pontos essenciaes: a Corografia do Pais; o seu Fizico; e o seu Politico; rezervando porém para hum mais extenso, e circunstanciado tratado, o particularizar cada hum delles; e eis-aqui pois o que vai a fazer o objecto de outros tantos artigos do prezente discurso, dictado não com outro fim, que o de apontar huma sabida verdade, para suscitar huma efficaz emulação á emprehender-se tudo quanto for para augmento, e prosperidade desta Capitania.

ARTIGO I.

Da Corografia do Seará.

§ 1. *Situação Topografica.*

O Seará he huma das extensas Capitanias do Continente do Brazil, situada ao ONO do Cabo de S. Roque, entre as Capitanias do Maranhão, Piauhi, e Rio grande do Norte, ente $2^{\circ}\frac{1}{2}$ e $5^{\circ}\frac{1}{4}$ pouco mais ou menos de latitude meridional, e as longitudes $336^{\circ}\ 50'$, e $344^{\circ}\ 50'$ pelo meridiano do Ferro.

§ 2. *Limites.*

Serve de limites, ao NO, huma dilatada costa de mar de 146 leguas, que decorre na direcção absoluta de ESE para ONO, desde a foz do Rio Monseró até a do Igaraçû, hum dos braços da Parnaiba; pelo SO, huma extensa cordilheira, denominada a Serra grande, que nascendo junto á costa do N, onde se diz Timonha, onze leguas a E do Igaraçû, se vai estendendo, em huma curva, para SE, segregando-a da Capitania do Piauhy até os Cariris novos, na Serra do Araripi, com a extensão talvez de cento e cincoenta e cinco leguas; e pelo lado SE em fim as costaneiras desta Serra do Araripi, conhecidas com os nomes de Serras de Luiz Gomes, de S. José, do Camará, e de S. Sebastião, e huma dilatada Mata espessa de pouca altura denominada = Catinga de Gois = que da Serra de Sebastião decorre até o Rio de Monseró; duas leguas pouco acima da sua foz, cuja linha limitrofe, que separa esta Capitania da do Rio grande, terá cento e dez leguas de extensão, e na direcção de ENE para OSO.

§ 3. *Extensão da superficie.*

Nesta posição pois, geometricamente considerada a sua superficie, pela comprehensão das tres linhas imaginadas, e produzidas dos tres pontos = foz do Igaraçû, foz de Monseró, e a Serra dos Cariris novos = ter-se-ha hum polygono, que reduzido trigonometricamente a leguas quadradas, dará por hum calculo de aproximação o resultado de seis para sete mil leguas de extensão.

§ 4. *Configuração do Terreno.*

Este terreno principiando baixo, e quasi alagado, em muitas partes da costa do mar, se vai elevando dalli a cinco para oito leguas, como em amphitheatro, á proporção que caminha para o interior, e se afasta da mesma costa, até chegar áquella cordilheira da Serra grande, tendo alli talvez de elevação absoluta, sobre a superficie do mar, de trezentas para quatrocentas toezas.

§ 5. *Direcção da Serra Grande.*

Persuado-me, e não sem fundamento, que esta mesma Serra, que desde a sua origem, na Timonha, até os Cariris, toma diversas denominaçoens, como Serra da Ibiapaba, de Biapina, dos Coccos, do Cratiux, e do Araripe, e continuando a decorrer até Pernambuco, vem a formar aquellas duas pontas de terra, ou cabos, que se conhecem com os nomes de S. Roque, e S. Agostinho.

§ 6. *Principaes Montanhas.*

Entre as montanhas, que povoão aquelle vasto terreno da Capitania do Seará, são as mais recomendaveis pela sua frescura, depois da Serra gran-

de, a de Bateritê, e suas adjacentes, a de Uruburetama, e a da Moruoca; e entre ellas se incontrão planices mais, e menos extensas, particularmente nas margens dos rios, e a que se chamão vargens; cobertas de Carnaubais, e algumas matas, mais ou menos dilatadas, entre as quaes de ordinario se notão muitas lagoas de agoas doces, e com especialidade, e mais abundantes, á beira mar.

§ 7. *Sorte de Solos.*

A' vista do que se póde dizer que esta Capitania compoem-se de tres partes de solos = Beira-mar, Montuozo, e Sertão, ou parte Central: e todos estes são retalhados por immensos vales ou ribeiras, e ainda que seccas, constituem com tudo os seus diversos rios; digo seccos, porque só levão agoa corrente na estação das chuvas, entrando porêm pelas suas bocas successivamente as marés até quatro ou cinco leguas acima da foz, sendo os principaes destes rios o de Monseró, o de Jagoaribe, o do Pacoti, o do Seará, o do Coru, e o do Cammossim.

§ 8. *Enseadas e Portos da Costa.*

A grande extensão da costa desta Capitania offerece muito boas, e vantajosas enseadas, e barras de rios para commodo surgidouro de embarcaçoens, ainda até hoje porém pouco examinadas, e sondadas, sendo entre ellas as de não pouca consequencia, a de Monseró, do Aracati, do Iguape, do Mucuripi, e Fortaleza, a do Parazinho, a de Tapagé, Curu, e Cammossim, onde os seus bons fundos, e os ventos, que soprão sempre ao correr da Costa, afianção a segurança dos seus ancoradoiros.

ARTIGO II.

Do Fizico.

§ 9.

SEM me cansar em discorrer agora sobre o que diz respeito ás marés, e correntes das agoas naquella costa, não posso deixar de tocar sobre a sua athmosfera, meteoros, climas &c. antes de passar a nomear as suas producçoens naturaes.

§ 10. *Do ar em geral.*

O ar he calido, e humido; porque a sua athmosfera he cheia de calorico, e de vapores aquosos; com tudo, porque estes se achão, por isso muito rarefeitos, e carregados de muita materia da luz em razão da elevação da Equionocial &c., as noites alli são claras, e o Luar encantador, particularmente no Verão, em que se observão repetidas exalaçoens.

§ 11. *Do Clima e Estaçoens.*

O clima alli em geral não he dos mais contrarios á saude, pois que constando de duas unicas estaçoens — Estio, e Inverno, ambas são de si mesmo suportaveis pelo equilibrio da economia animal, a pezar dos effeitos que se sentem.

§ 12. *Do Verão.*

O verão he sem duvida a estação a mais longa, porque começa commumente em Junho, e termina em Dezembro, he caracterizado pela falta absoluta de chuvas, a não serem alguns pequenos aguaceiros de pouco proveito; e he por isso muito

calido, e o Sol intensissimo, de maneira, que faz reduzir a pó, em poucos dias, a maior parte dos vegetaes; e seria insurpotavel aos animaes, a não ser a grande extensão, e frescura das noites, em que o orvalho he abundante, com particularidade nas serras, e montanhas, respirando-se então hum ar sereno, e agradavel, ainda mesmo no interior dos sertoens, onde chega muita parte daquella humidade da athmosfera da beira mar, levada, para moderar este rigor geral do clima, pelos ventos, que então soprão regulares, e rijos; sendo de notar que só aparecem estas ventanias, quando o Sol se vai aproximando a huma perpendicular, e que por isso o calor he mais intenso, quero dizer das nove horas da manhã, ás cinco da tarde.

§ 13. *Causas que moderão o seu calor.*

Não concorrem pouco tambem para moderar alli a grande intensidade do calor, e augmentar a humidade da athmosfera, as matas, de que he povoada grande parte do paiz, particularmente á Beira mar, e Serras, cuja folhagem sempre verde, e viçosa tem a propriedade de absorver muita parte dos raios do Sol, moderando assim o seu vivo effeito.

§ 14. *Do Inverno.*

A estação chamada do Inverno, porque he quando chove, ou he o tempo das chuvas, he a menos dilatada, por quanto começando commummente em Dezembro termina em Maio ou Junho: digo commummente, porque muitas vezes se passão estes mezes, sem chover, ou geralmente por toda a terra, ou em quantidade sufficiente para a perfeita vegetação, o que occasiona então as secas, e as fomes, e até mortandade de animaes de toda a especie.

§ 15. *Suas Chuvas.*

Nestes mezes comtudo, sendo bons Invernos, nem sempre chove, aparecendo dias claros, e bellos; particularmente no mez de Fevereiro he que se póde com muita propriedade dizer que he a Primavera do Paiz, sendo porém os outros mezes mais ou menos chuvozos, sobre tudo Janeiro, Março, e Abril, em que os Rios enchem de maneira que impedem o seu transito, arrancando, e levando em seus aluvioens grandiozas arvores, penedos pezadissimos, e quantidade de animaes, que encontrão.

§ 16. *Seu menor calor.*

Nesta estação pois do Inverno, he o calor menos activo, talvez porque está o Sol então mais obliquo, e quasi sempre entre nuvens, e o ár mais humido; porém como então faltão as ventanias do estio, por serem os ventos outros, e poucos, succede que ás vezes está tudo em calmaria, e sem a menor bafagem, sendo por isso o calor mais incommodo do que no verão.

§ 17 *Humidade da athmosfera, e seus effeitos.*

A grande humidade, de que a athmosfera está cheia, procede não menos do calor, que occasiona huma continuada evaporação, o que deverá fazer mudanças notaveis na economia organica, de que procedem certos males consideraveis, particularmente nas plantas, cuja vegetação, naquelle clima, he fraca, e debil, que por isso quando as chuvas são muitas ficão de ordinario como tostadas &c., e como succede nas superficies dos metaes, com especialidade do ferro, e do aço, que de continuo se enferrujão apezar de todas as precauçoens. Daqui vem a differença, que ali se observa no decurso

do anno, por exemplo á beira mar, no thermometro de Reaumur; sendo esta differença communmente em Setembro e Outubro, de 3 para 4°, visto que sobe de 27, para 28° quando o calor he mais forte, descendo, no Inverno a 23 e 24°, o que no sertão com tudo se verifica não só relativamente ás duas estaçoens, mas ainda, em os diversos pontos do dia, excedendo ás doze horas, pelo commum, ao termo de 28°, havendo estado pela madrugada, em 23° ½ com pouca differença; o que sem duvida se deve atribuir á extensão, e frescura das noites, em que se não deixa de sentir frio, a ponto de se buscar o calor das fogueiras, e muito mais sensivel nos lugares altos, e montanhozos e á margem dos Rios, com particularidade nos dous mezes de Maio e Junho.

§ 18. *Causa da differença do calor.*

Donde parece que se deve atribuir esta differença, a respeito dos gráos de calor, já á circulação livre que o ár ali tem, e já á irregularidade dos ventos que soprão, despidos daquelles principios salinos, e gazosos, que embeberão, e deixarão á beira mar, vindo por isso a produzir naquelles lugares do interior menos accidentes, e mudanças, sobre a economia animal, e vegetal, como he constante. Donde se vê que o clima do Seará hade ser em muitas partes mais temperado, e salutifero, do que se supoem, pela sua posição geografica.

§ 19. *E das doenças do Paiz.*

Do que se acaba de expender até aqui, collige-se, que a este calor quasi sempre o mesmo, á esta excessiva humidade do ár que se respira, e á natureza particular emfim dos alimentos, de que se usa no Paiz, são devidas certamente as suas

principaes enfermidades; o que deixo de mostrar por me não fazer tão difuzo.

§ 20. *Qualidade Fizica do Terreno.*

Tendo dito que em tres sortes de Solos se deve considerar o terreno da Capitania do Seará quanto á sua superficie, isto he em Beira mar, Montanhoso, e Sertão, discorrendo agora sobre o seu Fizico, digo que he em geral hum Terreno Volcanico, composto de massas irregulares de lavas; e outras sustancias terreas primitivas mais ou menos alteradas pela força do fogo, constituindo o seu amago ou nucleo universal huma rocha viva, azulada, saxoza, vitrescente, e durissima.

§ 21. *Sua construcção interior, e producçoens do Reino Mineral.*

Observão-se á beira mar, que disse era baixo, e quasi alagado, camadas argilozas de diversas cores, mais ou menos puras, sobrepostas em bancos de *cos*, ou pedras molares, e cobertas de ordinario de comoros de arêa solta, que os ventos de continuo movem, e transportão de huns para outros lugares, com não pequeno prejuizo das embocaduras dos Rios, onde communmente se formão bancos de arêa, que impedem ás embarcaçoens o seu transito.

§ 22.

Em outras partes se descobre este *cos*, ou pedra molar, mais ou menos consolidado, até mesmo no simo da Serra grande, e algumas vezes cheia de conglutinaçoens de fragmentos de ostras petrificadas; do mesmo modo se notão dispersas grandes massas de pedras, ou rocha viva, ou em pedaços ou em volumes immensos, constituindo a superfi-

cie da maior parte das montanhas *isoladas*, em cujos vertices se notão de ordinario antigas *cratéras* volcanicas afuniladas, que provão terem sido produzidas de irrupçoens subterraneas, encontrando-se nellas muitas sortes de lavas, basaltes, e schorls, huns vagos, e outros engastados em cristais de quartzos brancos &c.

§ 23.

Não são menos frequentes, nestas montanhas do interior do Paiz, entre as camadas das Argilas, os veios de Amiantos de muitas especies, terras bullares de diversas cores, a Mica, o Espato calcario, a pedra pezada, o Espato Fluor, os Christais montanos, as Amatistas, mais ou menos coradas, e apinhoadas, as granadas volcanicas, e por isso sem luzimento nem solidez.

Não são tambem raros nas abas da Serra grande os *Etites*, cheios de *oxides* de todas as cores.

§ 24. *Da Pedra Calcaria.*

Apezar de todas as minhas diligencias, já mais pude descobrir á beira mar vestigio algum de pedra calcaria, a não ser aquella conglutinação de ostras, sendo por isso alli precaria a cal para os edificios, com tudo para o interior na distancia de 6 a 20 leguas a encontrei em grossos bancos mui compacta, e da natureza da que chamão Pedra Porco.

§ 25. *Raras Petrificaçoens.*

Nota-se na Serra dos Cariris, onde se diz Milagres, oitenta leguas, para mais, longe do mar, e naquella elevação, as mais raras, e curiosas petrificaçoens vagas de peixes, e de muitos generos de amphibios, e alguns de grandeza de quatro

palmos, incluidos como em huma especie de Etites, de sustancia calcaria, em cujo amago se observa o animal totalmente perfeito; e reduzido interiormente a huma cristalização *spatoza*.

§ 26. *Ossada fossil.*

Não he menos para notar-se a grande quantidade de ossada fossil de grandioso tamanho, como vertebras, costelas, fomures, que se encontrão perto daquella Serra, para onde se diz *Cronzó*, em huma lagoa denominada da Catharina. Que exemplos pois para suas provas não deduzirão destes objectos os Sectarios do celebre Systema de Buffon; não menos para aquelles Naturalistas, que se persuadem que se não podem petrificar as sustancias moles, ou carnosas dos animaes?

§ 27. *Terra Vegetal.*

Por ultimo todo o terreno em geral he coberto mais ou menos de huma codea de terra vegetal, ainda mesmo á beira mar, donde provém a actual fecundidade daquelles terrenos areentos, á primeira vista aridos, e seccos; e á proporção que se caminha para o interior do Sertão, observa-se nas escavaçoens dos Rios que esta camada de terra vegetal se augmenta em espessura, e cor preta; a qual não póde deixar de ser devida á dissolução continuada da immensidade de folhagens, e das mesmas arvores, que pelos ventos, ou velhice, tem cahido, e apodrecido, visto que se não póde duvidar que huma tão grande quantidade ha tantos Seculos accumulada não possa produzir huma mais grossa camada.

§ 28. *Minas de Oiro.*

Nestas mesmas montanhas não são pouco communs vestigios de Ouro, pois que se encontra em algumas embetas de *taoás*, e Vieiros de Cristal, assim como solto, em particulas mais, ou menos subtis, pelos riachos, misturado com o Esmeril, e entre cascalho, e alguma vezes em folhetas de mais de ½ 8.ª de pezo, sendo o mais superior, em qualidade, o do lugar do Juré, perto da Villa de Sobral, e o das antigas lavras da Mangabeira, no Destricto da Villa do Icó, e o mais ordinario, pela côr desmaiada, o que se encontra no sitio denominado Curumatan; a falta porém de aguas correntes, he o maior dos obstaculos ao seu aproveitamento, quando este fosse permittido.

§ 29. *Minas de Ferro.*

O Ferro geralmente se encontra por infinitas partes da Capitania, e em muito ricas minas, assim como em lugares acommodados para o trabalho da sua extracção.

§ 30. *Minas de Cobre.*

Na Serra grande da Ibiapava, na ladeira que se diz Acape, ha humas antigas escavaçoens, donde se extrahia huma mina, que alli ha de Cobre, na persuasão de ser Prata, cujo trabalho decahio depois de conhecido o engano, e talvez por se haverem consumido dinheiros sem proveito, como he constante entre aquelles habitantes. Esta mina de Cobre se encontra em estado de *salfate*, em veeiros, em huma pedra cinzenta, vitrescivel, e rija, cujo banco decorre para o SE, até onde se chama Ubajara; e alli entranhando-se pela Serra, vai apparecer seis leguas ao O da Villa Nova de ElRei,

no lugar, que se chama *Carcandas*, já pertencente a Piauhi, donde os habitantes extrahem este metal, de que se servem para obras de arreios, ná persuasáo de ser prata: esta mina merece particular attenção pela sua qualidade, e importancia do metal, tanto mais porque com effeito me persuado conter tambem a matriz alguma porção de Prata.

§ 31. *Minas de Plumbagina.*

Da mesma sorte parece digna de se aproveitar outra Mina de *Plumbagina*, que, além de outras deste semi-metal, se encontra nas abas das Serras dos Coccos, onde se diz Descida da Mina, a qual he alli havida pelos habitantes por Mina de chumbo.

§ 32. *Nitreiras naturaes.*

Não sáo menos consideraveis as multiplicadas, e abundantes Nitreiras naturaes, que tem aquella Capitania, e tanto maiores, quanto se caminha para o Piauhy: da mesma sorte se encontrão outras de Pedra Humi, sendo a mais rica dellas, a do lugar do Taoha, Destricto da Villa Nova do Principe; porém distante da Capitania mais de oitenta leguas.

§ 33. *Salinas.*

Finalmente offerece a provida Natureza, por toda a extensão daquella costa, multiplicadas, e ricas Salinas naturaes, de que se não tira mais sal, que a porção, que se consome nó Paiz.

§ 34. *Producçoens vegetaes.*

O terreno da Beira mar, que eu disse ser baixo, e alagado em muitas partes, he cortado de vallas, a que chamão Camboas, povoadas de Man-

gues, que se cobrem, e descobrem successivamente, pelo fluxo, e refluxo do Mar: em muitas partes se notão matas, e em outras não ha huma *só* arvore, não se observando mais do que escalvados comoros de areias soltas, e em outros lugares em fim alagadiços muito cobertos de verdura.

§ 35. *Das Matas.*

Desde estas terras baixas, caminhando para o interior, se observa o terreno geralmente coberto de infinitos vegetaes, que servem de sustentar a milhares de animaes de toda a especie: estas plantas offerecem individuos infinitamente differentes entre si, e alguns tão novos, como exquisitos, e particulares. Do mesmo modo se discobrem as montanhas geralmente cobertas de matas, mais ou menos elevadas. Nota-se muitas vezes operar-se a vegetação nestes individuos, sem sensivel interrupção, pela uniformidade do clima, e temperança do paiz, por quasi todo o anno; sem embargo do que as grandes seccas do Verão não deixáo de diminuir, de alguma sorte, esta força de vegetação, com particularidade nas plantas herbaceas, que quasi todas perecem, não havendo a precaução de as regar; o que com tudo não succede ás arvores, ainda que nesta estação muitas dellas cheguem a perder de todo as suas folhas: mas ás primeiras chuvas do Inverno toda a Natureza se reanima, e toma hum novo vigor, cobrindo-se tudo de verdura até os lugares mais aridos.

§ 36.

Supposto que pareça esta vegetação mui activa, logo no começo do Inverno, com tudo estou certo que não he tão vigorosa, como na Europa, pois que sendo ella aqui quasi continuada, geralmente por todo o anno, deve ser mais fraca do que quan-

do he periodica, e por isso as plantas devem estar em hum estado de frouxidão, e fraqueza.

§ 37. *Frutificação das arvores e arbustos.*

Todas as arvores de ordinario frutificão huma só vez por anno, á excepção de algumas exoticas cultivadas, como as de Espinho, a Parreira, a Figueira, a Romanzeira &c., cujas tres ultimas especies prosperão como na Europa: as videiras sobre tudo, sendo bem podadas, dão uvas duas, e tres vezes por anno, mas estas nunca chegão a huma perfeita madureza; a figueira, que he de facil cultura, dá figos indistintamente todo o anno, mas a discuriosidade faz que todas estas plantas sejão alli raras: he provavel que tambem alli vegetem, e prosperem muitos dos outros arbustos da Europa; como a pera, o pessego, o marmelo, &c. assim como tenho visto prosperar algumas amoreiras.

§ 38. *Das Ortaliças.*

Não vem menos boa toda a sorte de hortaliças da Europa, até a mesma Batata Ingleza, o Aipo, o Celiri, a Pimpinela, a Senoura, &c, tudo em fim alli se cria táobem, como em Portugal, a excepção das cebolas, que são pequenas.

§ 39. *Producçoens das Plantas Indianas.*

As arvores e plantas fructiferas da India prosperão alli como se fosse aquelle o seu Paiz; taes são as Mangueiras, as Jaqueiras, o Caffé, a Caneleira, o Gingibre &c.

§ 40. *Arvores particulares.*

Nas matas se encontrão excellentes arvores, como Cedros, Angicos, Aroeiras, Paos de arco, Rabuges, Pequeás, Jucás, Gitahis, Massarandubas, &c. importantissimas pela qualidade das suas madeiras e cores; não só para a construcção, mas para todas as obras de Marcinaria, e Tinturaria, e para outras artes, ou sejão no aproveitamento de suas madeiras, ou de suas feculas corantes, ou finalmente suas gomas, rezinas, oleos &c.

§ 41. *Não são interessantes para construcção naval.*

As melhores e mais corpulentas madeiras, e por isso aptas para a construcção naval, são para isso inuteis pela grande distancia, em que se achão as melhores, longe dos Portos de mar, e a dificuldade de seus transportes; comtudo o Violete, o Gonçalo Alves, a Rabuge, e outros simillhantes deixar-se-hião aproveitar para o Commercio, subministrando-lhe lucrativo lastro para as embarcaçoens nacionais, que navegão para Europa carregadas de algodão, pois que por falta disso são obrigados a comprar para seus lastros o ferro em Inglaterra, e desta sorte aproveitar-se-hia immensa quantidade desses madeiros, que o fogo dos abusivos roçados annualmente consome, e de outras que se desperdição.

§ 42. *Prestimo de outros vegetais. E de suas producçoens.*

Além destas Madeiras, não são menos importantes outras producçoens vegetais, que tem o Paiz, e que podem ajudar a contribuir outros ramos de Commercio proveitozo, e de que até hoje de certo se não tem tirado partido algum, taes são muitas

substancias gomozas, rezinas e oleos, &c., que diffluem das arvores; e se perdem por aquellas dilatadas matas, e sertoens; muitas raizes, e cascas vegetaes utillissimas humas á Medicina, como a Soldanella, o Mechoaçan, a Purga de quatro patacas, o Vellame, a Hipecacuanha branca, o Barbatimão, a Quina quina do Paiz, a importante spigelia ou lombrigueira; outras para a Tinturaria, como seja o Marmeleiro branco, o Jatahi, a bem conhecida Tatajiba para o amarelo; o Pau branco, o Pau Pereiro para o vermelho, o Pau Ferro, e o Jucá para o preto, em lugar do Campeche &c.; outras para filaças, como sejão os diversos caroatás, muitas plantas das familias das malvaceas, e palmeiras, e embiratenha &c., sem comtudo esquecer-me da grande quantidade de Potaça, e Barrilha, que se póde ali preparar, e obter pela simples combustão de muitos vegetaes superfluos, e de mangues de todas as especies, que alli ha. He o que finalmente me persuado ser sufficiente dizer sobre este artigo, visto que quanto aos animaes he sabido que delles não he aquella Capitania menos abundante que as outras suas vizinhas, sobre tudo no que se diz Caça, e Pesca: por tanto passo ao ultimo Artigo.

Continuar-se-ha.

Exame da Resposta defensiva e analytica á Censura, que o Redactor do Patriota fez ao Drama intitulado o Juramento dos Numes, &c.

Nec semper feriet quodcumque minabitur arcus.
Horat.

SEndo as questoens litterarias de grande utilidade para o augmento dos conhecimentos, porque nellas se apura, e elucida a verdade, ellas se tornão absolutamente estereis, quando, em vez de tenderem a este fito, ostentão hum espirito de disputa, tão damnoso aos progressos da litteratura; e até vem a ser condemnaveis e puniveis, quando, dirigidas mais ao homem que ao escritor, attacão o respeito do Publico, e faltão á decencia, que segundo *Quinctiliano* faz a parte principal da arte, e dão o espectaculo ridiculo de litteratos, que se dilacerão em lugar de instruir-se. O Sabio *Fenelon* nos deu a norma de semelhantes contestaçoens nos seus excellentes dialogos sobre a eloquencia. As suas expressoens são as seguintes. ,, Evitaremos em primeiro lugar o espirito de disputa: examinaremos esta materia socegadamente, como homens que só temem o erro, e faremos consistir a nossa honra em desdizer-nos, apenas conhecermos que nos enganámos. ,, Se o meu adversario respondeu desta maneira o leitor decidirá. Quanto a mim, costumado a não abusar da indulgencia do Publico, e a guardar escrupulosamente o decoro nos meus escritos, seguirei quanto poder o preceito do illustre Arcebispo de Cambray, e se não conseguir a satisfação de agradar, terei o prazer de evitar o fastio.

Outro preceito, que me proponho ter em vista, he a brevidade. Questoens pela maior parte frivolas, e que apenas descobrem a acrimonia de quem

as estabeleceu, ou não merecem resposta, ou devem ser brevissimamente tratadas. O primeiro partido seria o melhor, se a ignorancia offendida não se prevalecesse desta circunstancia, para offuscar, não a minha reputação litteraria, que nenhuma he, mas as qualidades pessoaes de hum homem publico. Esta certeza me poem na penosa obrigação de dizer poucas cousas em resposta de huma Obra, que o Author julga bastar para sua gloria. Infelizmente para mim, os tristes effeitos de huma perigosissima enfermidade havendo suspendido a minha penna, esta forçada demora foi hum titulo mais para augmentar a philaucia daquelle Escritor, e dar azo a insulsos e repetidos sarcasmos. (1) Esta succinta resposta não tem por fim captar elogios estereis, nem tão pouco a admiração dos ignorantes. Folgarei de conseguir a indulgencia dos poucos, segundo o conselho de *Horacio*:

Neque te ut miretur turba labores,
Contentus paucis lectoribus. An tua demens
Vilibus in ludis dictari carmina malis?
Non ego. Nam satis est equitem mihi plaudere. &c.

Começa o Author, duvidando do numero dos Redactores do Patriota. E ainda que se dirija immediatamente a hum só, causão-lhe embaraço as expressoens *fixarmos*, *entraremos*, *podemos*, &c. O Poeta devia saber que he muito ordinario nos escritores empregarem o verbo no plural, quando fallão de si; e isto he tão vulgar que na Grammatica de Moraes se acha esta construcção no artigo da

(1) Of all the causes, which conspire to blind
Man's erring judgement, and misguide the mind,
What the weack head with strongest bias rules,
Is *Pride*, the never-failing vice of fools.
Pope.

Syntaxe de Regencia, e não no da figurada. O Poeta tem tanta noção dos classicos Portuguezes, que lhe faria injuria em apontar exemplos. A mesma *perturbação grammatical*, como elle diz, he frequente nos bons Authores. Lembro-me de Jacinto Freire — *Escreverei a vida . . . e ajudaremos com este pequeno brado, &c.* Vieira disse em huma carta — *a minha chegada verdadeiramente foi arriscadissima, mas já a Deus graças estamos livres de perigos de mar.* Destes exemplos se encontrão a cada passo.

Na sua affectada lingoagem declara que he empuxado a sahir a terreiro. Quem o empuxa? (1) Podia eu acaso ser mais comedido, ou mais indulgente? Pensa o Poeta que em menos de duas paginas caberião todos os seus defeitos? Obrigado a dar huma idéa da Obra em questão, que exposição mais vantajosa podia elle esperar? Não esperdiçarei o tempo, considerando as empoladas expressoens — *as imperiosas circunstancias, da minha escassa gloria* nenhumamente *abalada pelo seu reparo critico, &c.* (2).

Quid dignum tanto feret hic promissor hiatu?
Parturiunt montes, nascetur ridiculus mus.

Encontro logo huma falsidade; cousa bem ordinaria nesta Obra. O Poeta affirma que eu disse ser inutil o trabalho, que tomou na composição do seu Drama. Lea-se o segundo paragrafo da minha censura, e ver-se-ha que *este trabalho* não pó-

i

(1) At ev'ry trifle scorn to take offense,
That always shews great pride, or little sense.
Pop. Ess. on Crit.

(2) Aqui me parece que se póde bem applicar aquelle verso de Boileau.
Et ces riens enfermés en de grandes paroles.

de referir-se senão a *fixarmos á nossa attenção no seu desempenho*, e nenhumamente (aproveitemos este novo adverbio) á composição do Drama, a qual não posso chamar trabalho inutil, porque ignoro quaes fossem os seus fins, e quaes as suas vantagens. Não notarei o adjectivo Dramatical: he mais huma licença — *Pictoribus atque Poetis &c.*

Aperta-me o Poeta para que lhe explique o que entendo por Poema Dramatico e Lyrico, denominação, que tanto escandalisou os seus ouvidos. Nunca me pareceu que alguem compozesse, e *omnibus nervis* disputasse a immortalidade, em hum genero, que não conhece. Se eu tivesse abundancia de livros para cita-los sobre cousas muito sabidas, encheria agora muitas paginas, porém contento-me com hum só. Este he a *Encyclopedia Methodica*, na excellente parte da Litteratura, conhecida e respeitada pelos eruditos, e illustrada com os nomes de Sabios consumados. Leio o artigo *Poeme lyrique*. Tomo a liberdade de traduzir as passagens, que me parecem mais accommodadas, pela honra que o Poeta faz ás minhas traducçoens do Francez. ,, Os Italianos (começa o artigo) tem chamado ao Poema lyrico, ou espectaculo em Musica, Opera, e este termo foi adoptado em Francez. ,, Neste artigo se lem magistralmente tratados os dois momentos bem distintos do *drama lyrico*, a saber, o momento tranquillo e o momento apaixonado; situaçoens, que produzem o recitativo e a aria. E eu estou persuadido que alli se aprende como e quando tem lugar as arias, que de ordinario se semeão ao acaso: admirão-se os milagres de *Metastacio*; e á luz deste brilhante astro se vê a criação (para assim dizer) do *Poema lyrico*; estudão-se as importantes regras de evitar discursos extensos e ociosos, e a necessidade de imitar a Homero no *Semper ad eventum festinat*; e finalmente concorda-se com M. *Grimm* (author deste precioso artigo) que o *Poema*

lyrico deve ser huma cadêa de situaçoens interessantes, tiradas do fundo do assumpto, e terminadas por huma catastrophe memoravel. Lembrarei de passo que o estilo de simelhante Poema deve ser energico, natural e facil; com graça, mas fugindo da elegancia estudada.

Leio depois o artigo *Lyrique*, que he de M. *Marmontel*, a quem o Poeta concederá algum conhecimento na materia. Os modernos (diz elle) tem outra especie de *poema lyrico*, que os antigos não tinhão, e que merece melhor este nome, porque realmente he cantado; he o Drama chamado Opera. ,, No artigo *Opera* do mesmo Author se acha igualmente explicada esta especie de Drama. E o Author se refere á sua Poetica Franceza acerca das qualidades deste Poema.

Envergonho-me de ler, a pagina 8, o que o Poeta diz de J. J. *Rousseau!* Ignora acaso que este Filosofo escreveu alguns Dramas deste genero? Quem não conhece o *Devin du Village*, que tanta celebridade lhe deu? Se o Poeta não leu estas peças, muito menos mostra ter lido o que este grande homem escreveu sobre os theatros: e a prova he o asseverar (que afoiteza!) que o seu parecer vem muito pouco *ad rem*. He bem notavel que homens de cizudo criterio não ousem dicidir a contenda entre d'*Alembert* e *Rousseau*, respeitando dois tão sabios antagonistas, e que o Poeta de huma pennada decida que o Filosofo de Genebra sustentou paradoxos! Citarei com muito prazer huma Obra bem conhecida, e á qual ainda recorrerei outra vez: fallo do elogio de d'Alembert, escrito pelo Senhor *Stockler*, meu muito prezado Mestre, que sem duvida faz justiça ao Sabio em questão. Sómente direi (são expressoens do Senhor *Stockler*) que Rousseau arrebata-me, mas que d'Alembert convence-me; e que quanto a mim o Filosofo, que possuir o talento da Poesia, combinando os

escritos de hum e outro, poderá delles deduzir as verdadeiras regras de hum theatro capaz ao mesmo tempo de interessar os homens, e de corrigir os seus defeitos; de hum theatro, que seja juntamente o lugar de recreio e a escola da moral. ,,

He pois deste grande homem que o Poeta desvia o juizo! E com razão; pois que elle sabe quão pouco lhe será favoravel! O leitor porém exigirá de mim que desenvolva idéas apenas esboçadas na Censura, e eu aproveito esta occasião de mostrar a minha admiração aos sentimentos de J. J. Rousseau em materias de gosto.

,, A opera (diz este Sabio) he hum espectaculo *dramatico e lyrico*, no qual se procura reunir todos os encantos das bellas artes na representação de huma acção apaixonada, para excitar, com o soccorro de sensaçoens agradaveis, o interesse e a illusão. ,,

,, A intervenção da Musica (continúa elle) como parte essencial, deve dar ao *Poema lyrico* hum caracter differente do da Tragedia e da Comedia, e fazer huma *terceira especie de drama*, que tem suas regras particulares. ,,

Leia o Poeta o que diz aquelle Filosofo da harmonia da Musica com a Poesia; leia a historia deste novo genero de composiçoens; e talvez isto baste para não tornar a avançar que a *authoridade de Rousseau vem pouco ad rem.*

Ommitto a passagem, que não agradou ao Poeta, e demoro-me no seguinte paragrapho, que começa desta maneira. — ,, A energia de todos os sentimentos, a violencia de todas as paixoens, são o objecto principal do *drama lyrico;* e a illusão, que constitue o seu encanto, he sempre destruida logo que o author e o actor deixão por hum momento o espectador entregue a si mesmo. Taes são os principios sobre que se estabeleceu a Opera moderna. Apostolo-Zeno, o Corneille da Italia, e

seu terno discipulo, que he o Racine da mesma, abrirão e aperfeiçoarão esta nova carreira. ,,

Para não ser fastidioso ommitto os defeitos deste genero de composição. O Poeta ganharia maior odio ao Filosofo. Mas vem *ad rem* o que diz sobre a unidade do lugar, e por ultima vez copiarei as suas expressoens.

,, Eu não quero transportar á Opera essa rigorosa unidade de lugar, que se exige na Tragedia, e á qual só he possivel sugeitar-se á custa da acção, de maneira que o Poeta he exacto a certo respeito, para ser absurdo a outros mil. Demais isto fora perder a vantagem das mudanças de Scenas, que se fazem valer mutuamente; seria expor-se a huma viciosa uniformidade, a opposiçoens mal combinadas entre a scena sempre constante e as situaçoens mudaveis; seria estragar o effeito da musica pelo da decoração, e reciprocamente, como fazer ouvir symphonias voluptuosas entre rochedos, ou arias galantes nos palacios dos Reis. ,,

Veja agora o Poeta se ha Drama, que não he Comedia nem Tragedia; se existem *Poemas dramaticos e lyricos*, com regras distintas; por isso que tendem a hum fim diverso, e aprenda a não confiar que tudo sabe, e que os mais tudo ignorão. Talvez que o seu Poema não mereça a honra de ser contado apar dos de Zeno, Mestastacio, Quinaut, &c. Mas neste caso devia antes o Poeta agradecer-me este obsequio do que culpar-me de rigoroso.

Isto basta para responder aos paragraphos seguintes. Quem ignorava os preceitos deste genero de composiçoens, como as podia analysar?

O Poeta ostenta huma erudição vulgar aos novatos em Poetica sobre as tres unidades, que elle pretende faltarem nas peças de Voltaire e Moliére, que eu apontei. Ora já vimos que a unidade de lugar deve ser muito ampliada em similhantes dra-

mas, e quanto ás outras duas, parece que não merecerão a attenção do Poeta. Faz admirar o criterio, com que elle analysa tão preciosas composiçoens, e eu penso que seria injuriar tão grandes Mestres refutar o Poeta.

O Author do Juramento dos Numes decide *ex cathedra*, com aquelle conhecimento de causa que costuma, que Moliére e Voltaire são os dois mais distintos Poetas Dramaticos, que tem existido, *hum de baixo socco, outro de alto cothurno.* Para sentenciar esta causa, he necessario hum Juiz bem superior em conhecimentos. Lisonjêem-se porém com o voto do Poeta; e por toda a razão lhes baste o *Magister dixit.* O Poeta pergunta emphaticamente — *Não parecem estas peças os sonhos de hum enfermo?* Respondo affoitamente — Não. *Será acaso que estes grandes Mestres ignorassem os preceitos?* — Menos. E *porque os não cumprirão?* — Cumprirão: e elles agradecem muito a frivola resposta, que o Poeta poem na sua boca. Só este litterato entende como *peças monstruosas* são *alias bellas.*

Além deste novo genero de Poema Dramatico, bastava que houvesse a Comedia e a Tragedia, e cada huma destas recebesse differentes estilos para ser verdade o que disse na Censura. Horacio o diz expressamente.

Interdum tamen, et vocem Comædia tollit,
Iratus que Chremes tumido dilitigat ore;
Et Tragicus plerumque dolet sermone pedestri, &c.

Se quisermos ainda parar na Comedia, alli mesmo veremos diversidade de estilos correspondendo á variedade das pessoas. He ainda Horacio que falla

Intererit multum Davus ne loquatur an herus, &c.

Torno a remetter aos Poetas o exame do seu

estilo levantado. Não sei eu o que entende por este termo. Póde ser que seja o estilo sublime, ou, como fallão os Rhetoricos Francezes, magnifico, que Gibert define *aquelle que ostenta todas as riquezas, toda a pompa, toda a força, todos os ornatos da Eloquencia;* e neste caso he bem facil o exame. Em quanto os Poetas apurão seus engenhos, agradeço a sinceridade do *vulgus profanum.* Jámais me inculquei Poeta, e o Author o conheceria muito bem pela advertencia a huma das minhas Obras, que estão sujeitas á sua rijida censura. Devo de passo dizer-lhe *Nimium ne crede colori.* Lembre-se do que diz Boileau acerca de certo enfronhado Poeta, *qui pour rimer des mots pense faire des vers.* (1) Veja que ainda mesmo não basta fazer versos. Horacio não ousava contar-se n'aquelle numero, e devem fazer tremer as suas expressoens —

Primum ego me illorum dederim, quibus esse Poetas
Excerpam numero. Neque enim concludere versum
Dixeris esse satis; neque, siquis scribat, uti nos,
Sermoni propiora, putes hunc esse Poetam.
Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os
Magna sonaturum, des nominis hujus honorem.

Se o Author desempenha estas condiçoens, seja embora Poeta. Quanto a mim, sem disputar a gloria deste nome, aproveitar-me-hei dos versos de Virgilio

---

(1) Huma vez que citei este excellente Critico, repetirei ao Poeta tres versos da Sua Arte Poetica, que muito bem ajustão neste caso —

Ne vous enyvrez point des eloges flatteurs,
Qu' un amas quelquefois de vains admirateurs
Vous donne en ces reduits, promts a crier,
Merveille!

Sunt et mihi carmina: me quoque dicunt
Vatem Pastores; sed non ego credulus illis.

Porém apezar da authoridade do seu *Patrão da lancha*, sou inclinado a pensar que não he necessario ser Poeta para julgar do seu estilo. He bem sabido o *fungar vice cotis;* e há infinitos exemplos de excellentes criticos não Poetas: Aristoteles escreveu magistralmente da Poetica: e entre os modernos Le Bossu tratou excellentemente do Poema Epico, e D'Aubignac da pratica do Theatro, e o primeiro jâmais compoz hum Poema, e o segundo fez huma má Tragedia.

Bem pouco direi sobre a imitação de Camoens. Basta reflectir na differença entre imitar e traduzir. Horacio (perdoe o Poeta, se aproveito muitas vezes a authoridade deste grande Mestre) o declara nos versos tão lidos, e tão pouco entendidos

Publica materies privati juris erit, si
Nec circa vilem, patulumque moraberis orbem,
Nec verbum verbo curabis reddere fidus
Interpres.

Se o imitador não deve ser hum fiel Traductor, como lhe será licito ser hum máo Traductor? Para que he pois acarretar passagens, que os Commentadores tem apontado, e que só ellas encheriáo hum grosso volume? Onde está na minha Censura que imitar he hum crime? Será nas palavras *nos fez conhecer huma imitação, ou copia?* Qual he a expressão que indica esta supposta falta? O Poeta tem muitas vezes empregado a calumnia, em falta de boas razoens, e eu devo lembrar a judiciosa reflexão do celebre *Arnauld — Les guerres entre les Auteurs passent pour innocentes, quand elles ne s'attachent qu' à la Critique de ce qui regarde la Litterature, La Grammaire, La Poesie, L' Eloquence, et que l' on n'y mêle point des calomnies, et d' injures personnelles.*

Entramos agora em huma questão de Traducção. Compara o Poeta a sua traducção da passagem de Virgilio com as *dos quatro melhores Traductores;* e tudo versa sobre o *sunt mihi*, que elle traduz *que a meu cargo tenho.* O nosso Barreto contentou-se com dizer *tenho*, e estou bem persuadido que esta he a traducção litteral e genuina das duas palavras Latinas. O Poeta quer que o termo *mihi* seja expresso por *a meu cargo*, mas não sei se mostrará exemplo, em que o verbo *Sum* signifique *ter*, sem se lhe annexar o dativo da pessoa. Portanto a unica palavra Portugueza *tenho* he bastante para equivaler ás duas Latinas *sunt mihi*, e o acrescimo de ter a seu cargo não só não pertence a Virgilio, mas convém muito pouco á Poesia.

Não acha o Poeta redundancia no verso
Hão de ser para vós, hão de ser vossas!!
E allega o verso de Virgilio
Connubio jungam stabili, propriamque dicabo!

Dividamo-lo em hemistichios. *Connubio jungam stabili*: Hão de ser para vós. *Propriamque dicabo*: Hão de ser vossas. Será isto traduzir, ou imitar? Este verso (como alguns outros) se repetem no mesmo Poema: no Livro 4.° a mesma Juno fallando a Venus, o applica a Dido. Se a traducção he boa, deve tambem alli convir, e dizer-se *Ha de ser para elle, ha de ser sua.* Parece-me que aprendi a traduzir com o Poeta; e que tal? Confeço que, distinguindo muito bem as duas idéas, que se comprehendem no verso da *Eneida*, nenhuma differenca encontro nos hemistiquios do *Juramento.* Porém como isto poderia nascer de estar eu pouco versado em distinçoens deste genero, o Poeta me dá huma importante lição, dizendo que nas palavras — hão de ser vossas — se comprehende a promessa de que as Ninfas hão de amar os Cyclopes. Descoberta singular! Explicação genuina! Sem o Author, eu a ignoraria sempre, porque *Davus*

sum non Œdipus. Mas admittindo esta gloza, em bons trabalhos se mettia Venus! E quanto era efficaz o seu exemplo! O Poeta diz que *esta promessa está* implicita *no ultimo verso*

Tanto prometto e cumprirei bom grado.

comtudo por mais que estude a falla de Venus, vejo só a promessa da *posteridade das estrellas para esmaltar o solio magestoso ao Rei dos astros*, e cançado de lutar com a intelligencia de tão elevadas expressoens, repito os versos do *maior Mestre de baixo socco:*

Ce n'est que jeux de mots, qu' affectation pure;
Et ce n' est pas ainsi que parle la Nature.

Aqui notaria eu que Virgilio de quatorze Ninfas só dava huma a Eolo, e por isso tinha lugar o seu bello verso, mas o Poeta mais liberal, separando huma para Brontes, deixa 13 ou só para os dois Chefes (que fartura!), ou para todos os outros Cyclopes, e ficão 13 para 99; e o Poeta não fará a divisão facilmente, por mais que tenha estudado a arithmetica. Como qualquer dos casos dá entrada á polygamia, não sei como o Poeta arranjará o *Connubio jungam stabili, propriamque dicabo.*

Sou chegado á passagem, em que o Author assoalha de huma maneira triunfante a minha ignorancia; e munido de diccionarios e cartapacios, publica que estou de mãos atadas. Eu disse que a ethymologia *βροντη* indica que o singular he Bronte. De todos os termos, que deduzimos do Grego, hum só não ha que acrescentasse huma consoante á original; pelo contrario muitos a perdem, vindo a terminar em vogal: por exemplo, perdem o *s* dialogo, filosofo, analyse, periphrase, Poeta, Propheta &c.; e *n* metro, cerebro, diametro, &c.,

e outras muitas, que não expendo por brevidade. Dos nomes proprios he verdade que muitos conservão o *s* final, mas não se mostra hum que o ajunte á raiz. He certissimo que a raiz daquelle termo he a mencionada na Censura. Logo (segundo a ethymologia) o seu singular he Bronte. Eis-aqui a que se reduz o meu reparo, e nada mais. Garção era hum grande litterato: Gonzaga nada tinha de ignorante; e pensarão como eu. D'onde logo o riso? Isto se reduz a hum problema, que he resolvido differentemente por Authores. Demais, a Filosofia das linguas exigindo que o plural seja distincto do singular, e a ethymologia favorecendo esta distinção, nada parece mais arrazoado do que tomar para o singular a raiz Bronte, e deixar o plural Brontes.

A passagem de Barreto, traduzindo Virgilio, parece a mais terminante a favor do Poeta. Porém, se attentarmos seriamente, não se poderá entender, ao menos plausivelmente, que o termo Brontes, assim no Original, como na Traducção, está no plural? Sabemos pelo mesmo Virgilio que erão muitos os Cyclopes — *Vasta regna Cyclopum*; e difinidamente assigna cem no L. III Æn.

Centum alii curva hæc habitant ad litera vulgo
Infandi Cyclopes, et altis montibus errant.

E não póde ser que destes o Chefe fosse Pyracmon, e os officiaes se dividissem em fabricantes de raios *Steropes*, e forjadores de trovoens *Brontes*? Que cousa se opporá a esta lição? Os commentadores? Somos logo escravos da authoridade? Se Pyracmon (que se compoem de bigorna e fogo) se conserva com a mesma desinencia, e no mesmo numero, por que para se designar hum só homem se poem no plural a origem Bronte, ou Sterope? Eu bem sei que o Poeta he pouco affeiçoado a scien-

cias de razão, e que he mais barato citar Authores que imita-los: mas eu faço mais caso de hum periodo do Filosofo *Dumarsais* do que do voto de todos os Grammaticos antigos. Fique pois o Author persuadido que não he segundo os Scholiastes que eu arrisco esta opinião, mas por seria reflexão, e *non ut Pythius Appollo, . . . sed ut homunculus probabilia conjecturâ sequens.*

Muitos argumentos de probabilidade se poderião produzir a favor da minha opinião: todavia penso que basta o que tenho dito para se ver que o Poeta se espraiou debalde, e que lhe quadra bem o sentimento de *Despreaux*.

Tout ce qu' on dit de trop est fade et rebutant.

Ommito a feliz lembrança dos *livros comezinhos*: não entendo a *vergonha porque passou* (se com effeito lhe tocou alguma); e nenhuma parte quero tomar nas queixas, que fórma da architectura e pintura. Ouvi que o Poeta devia muito a esta ultima, e demais a dependencia destas duas artes he o caracter do *Drama Lyrico*.

Se o Poeta estranha que eu deixasse intacto quasi todo o seu Drama, *limitando* a minha *desgraçada critica* aos pequenos reparos que fiz, não devia antes conhecer o espirito de moderação, que regia a minha penna? Como se persuadio elle que eu não teria motivo para huma grande Censura, se eu não quizesse antes animar do que descorçoar os Escritores? Se o Poeta fosse animado de igual espirito, não hiria revolver as cinzas de hum sabio Ministro, para cevar a sua raiva. Se o Redactor do Patriota não fez justiça ao seu supposto merecimento, que tem com isto o amigo agradecido do Mecenas moderno? E que miseraveis reparos! Eu não responderia huma só palavra, se não fosse obrigado a relevar hum engano do Poeta. A pag. 15

me chamou *Vulgus profanum*, e agora affirma que *professo a Poesia*. Agradeço, e engeito a graça. He outra a minha profissão, outro o meu emprego. Nem basta para adquirir aquelle nome o fazer versos *Quales vel ego vel Cluvienus*. Se a minha penna copia algumas vezes sentimentos do coração, não he o amor da gloria, não he o interesse do ganho que a rege. A satisfação, que me resulta de fazer o meu dever, he muito superior aos louros, ou ao ouro, que os outros ambicionão . . .

O Leitor imparcial, lendo as primeiras linhas desta segunda parte do Poeta, me permittiria dar por toda a resposta

Aimez donc la Raison. Que toujours vos ecrits
Empruntent d' elle seule, et leur lustre, et leur prix.

Porém, como este Periodico chegará ás mãos de muitos, que condemnão a minha empreza, e acharião mais acertado perder inutilmente o tempo em frivolos elogios, e que de bom grado dirião

Quanto rectius hoc quam tristi lædere versu
Pantolabum scurram, Nomentanumque nepotem,
Cum sibi quisque timet, quanquam est intactus et odit,

farei algumas brevissimas reflexoens, para augmentar a gloria do seu triunfo (1).

---

(1) Nenhuma Obra parecia mais sobranceira á critica do Poeta do que o Epicedio. Feito em poucas horas para desafogo da minha dor, e testemunho da minha gratidão, elle me foi pedido por dois Sabios da mais solida reputação, que o fizerão imprimir á sua custa. Os Redactores do Investigador se apressarão a copia-lo no seu excellente Periodico, e o honrarão com a sua approvação, e elogios ao Author. Em Lisboa apenas appareceo o pri-

A palavra Epicedio quer dizer canto funebre feito á morte de alguem. Logo Epicedio á morte he redundancia. Se eu fizesse huma Ode, como Horacio a 22.ª do L. I. deveria acrescentar á morte; mas o termo epicedio expressa estas duas, assim como não seria necessario dizer Epithalamio ao Cazamento, Genethliaco ao nascimento, &c.

A nota á 1.ª Estrophe tem por fim mostrar os grandes conhecimentos do Poeta em Optica. Com effeito sabe que a luz he fluida, e que o bico ponteagudo embaraça a guia de libar... Que subtileza!

Boreas determina direcção e não intensidade de vento. Cansou-se o Poeta em accarretar passagens, em que se dá a Boreas o effeito de furioso; em quantas o acharia brando? Lembra-me Virgilio:

Ecce autem Boreas angusta a sede Pelori
Missus adest: vivo prætervohor ostia saxo
Pantagiæ... L. 3.

Hic tantum Boreæ curamus frigora... Ecl. 7

Spirante Boreâ... Georg. 2

e penso que a ultima expressão dista pouco de bafejar.

Muito pezar me fica de ter feito cansar a imaginação do Poeta tão esterilmente: não me succedeu outro tanto com o que não entendi do seu Drama.

Enche o Poeta as bochechas para dizer que eu não sei escrever o nome de *Bernoulli*. Isto he pro-

---

meiro Exemplar, foi logo reimpresso. A estes testemunhos publicos podia ajuntar louvoures de eruditos de bom gosto. Mas para que? *O Juramento dos Numes* terá igual sorte? O Poeta o decidirá

priamente attacar-me nas minhas trincheiras. Nenhum Mathematico (ainda que só em nome) deixa de saber que existio *Jacques Bernoulli*; que seu irmão e rival *João Bernoulli* foi igualmente profundo; que a sua Memoria sobre as marés foi premiada pela Academia das Sciencias de París, e anda impressa com o Livro dos Principios de *Newton*; e que hum sobrinho destes por nome *Nicolau Bernoulli* morreu na flor da idade, já distinto pela profundidade do seu engenho, durando porém até nossos dias o celebre *Daniel Bernoulli*, cujo nome o Poeta podia ter lido em todos os Catalogos dos Socios da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e até no Livro *mais comezinho* do Almanack de Lisboa.

Eu bem sei que o Poeta, contente com a gloria, que deste nome lhe resulta, renuncia á espinhosa carreira das mathematicas, e por isso lhe são absolutamente estranhas as Obras destes Sabios, e o grande numero de Memorias, com que elles enriquecerão as Sociedades Litterarias. Mas a historia das Mathematicas de Montucla, a de Bossut de mais facil accesso, o elogio de Jacques Bernoulli por Fontenelle, e de João Bernoulli por d'Alembert, são conhecidos por todos que cultivão a Litteratura. E se tudo isto lhe parece muito, eu lhe inculcarei huma obra bem conhecida, fallo do já citado elogio de d'Alembert pelo Senhor Stockler, impresso muitas vezes, e ultimamente em 1805 no 1.º Tomo das suas obras. Alli acharia o nome de *Bernoulli* escrito em quasi todas as paginas, e poderia estribar-se na sua authoridade. Mas em falta de todos estes conhecimentos, o Poeta recorreu a fonte limpa, abrio o Diccionario dos Homens Illustres, e por seu mal huma edição tão antiga, que nem trazia os ultimos *Bernoullis*, nem escrevia bem este nome. Applaudio-se da descoberta. — Erro! gritou logo: e sofregamente escreveu. Lamentamos sincera-

mente que os talentos do Poeta não fossem empregados no estudo de huma sciencia, na verdade arida, mas tão necessaria á sua profissão.

Não he menor a extravagancia, com que o Poeta pertende que hum homem não póde ser comparado com outro a certo ponto de vista, sem que o seja em todos os outros, quando hum Sabio critico chega a não exigir nos mesmos pontos de comparação huma perfeita correspondencia. As palavras de Boileau na 6.ª Reflexão sobre Longino são as seguintes. *C'est une verité universellement reconnue, qu'il n'est point necessaire, em matiere de Poesie, que les points de la comparaison se repondent si juste les uns aux autres, qu'il suffit d'un rapport general, et qu' une trop grande exactitude sentiroit son Rheteur.* „ Ora Cesar, nada julgando feito em quanto lhe restava que fazer, mostra hum genio laborioso e incansavel. O Senhor Conde de Linhares possuia estas mesmas qualidades. E não poderaõ compararse, sem que o segundo seja guerreiro, como o primeiro?

Comparar hum heroe á lua, he mais que extravagante. Ainda he mais não entender grammaticalmente o sentido dos versos, que condemna —

O Sabio,
Que brilhava qual Phebe entre as estrellas.

Hum Discipulo de Grammatica seria castigado, se entendesse o sentido, como o Poeta. Elle devia entender que brilhava qual brilha Phebe entre as estrellas. *He pensamento de Horacio.* Eu o accusei: *he bem improprio deste lugar*: só o Poeta o disse.

Minerva e Pallas representão as sciencias e as armas: e nem se póde applicar a primeira a estas, nem a segunda ás sciencias: e dois vocabulos, que convém a differentes sujeitos, não são synonimos.

Proximo a concluir este fastidioso empenho,

lembro ao Poeta que, havendo-me proposto sempre a Horacio por modelo, tremo quando leio a sua admiravel Ode a Pindaro, e longe de persuadir-me que sigo de perto hum Mestre tão insigne, contento-me de copiar seus pensamentos. Quanto porém ao acerto da applicação, appello para Juizes mais illustrados.

Renunciando a essa gloria litteraria, de que se gaba o Poeta, que me importa que os meus versos sejão ou não harmoniosos? Quando a amizade, ou o patriotismo accende o meu estro, corre a penna ligeiramente, e quaesquer que sejão os defeitos das minhas Obras, ellas tem o merecimento de não serem votadas á lisonja, nem ao interesse. O meu guia nas minhas composiçoens he o sentimento de Helvecio. — *Il suffit de sentir vivement pour bien exprimer.*

O adjectivo baço quer dizer moreno amarellado, e creio que huma face desta cor póde tornarse vermelha de pejo. Mas o Poeta não perdeu esta occasião de deitar a baixo a sua livraria.

Não respondo ás frivolas invectivas do Poeta, desprezo os frequentes sarcasmos, esqueço-me de quanto me toca pessoalmente, e para isto me recordo do meu Horacio

Virtus est vitium fugere, et sapientia prima
Stultitiá caruisse.

E para pôr fim a esta contestação, agradeço ao Poeta o cuidado, a que se propoem, de olhar para as minhas obras, inclusive traduçoens. Entre humas e outras achará algumas em materias, que lhe são inteiramente desconhecidas, e das quaes não será competente Juiz.

APPENDICE.

While pensive Poets painful vigils keep,
Sleepless themselves to give their readers sleep.
Pop. Dunc. L. I.

Stulta est clementia. . . .
. . . peritura parcere chartæ.
Juvenal Sat. 1.

A Primeira vez que li o Drama em questão, em reverencia ao objecto, não quiz apontar os defeitos, de que elle abundava, e me contentei de tocar muito levemente algumas passagens, para não incorrer na nota de *Montesquieu*; porém affligindo-se muito o Poeta de que a minha desgraçada critica se exercesse sobre tão leves cousas, julguei do meu dever tornar a ler a sua obra prima, e analysa-la com a maior brevidade. A primeira lembrança foi despi-la dos ornatos da Poesia, para mostrar o esqueleto tal e qual. E este conselho he de Horacio na 4.ª Satira do L. I.

. . . Eripias si
Tempora certa, modos que, et quod prius ordine verbum est
Posterius facias, præponens ultima primus,
Non ut si solvas &c.
Invenias etiam disjecti membra Poetæ.

A esta prova sem duvida o Drama não resistiria; e o Poeta ficaria bem longe de namorar-se da sua Obra, como Promotheu. Mas como isto daria ao seu genio hum vasto campo de espraiar-se em dicterios, quiz ser hum pouco mais miudo, e procurar as idéas entre aquella verbiagem. Permitta-me que cite outra vez Pope

How fluent nonsense trickles from his tongue!
How sweet the periods, neither said, nor sung!

Eu quisera passar a Advertencia e o Prologo, e de bom grado o fizera se não visse Horacio dizendo o que nunca disse. Os pomposos versos são os seguintes,

Onde a proficua mimica sciencia,
Q' o berço deve á portentosa Athenas, &c.

E a nota he que ,, todos sabem que os Filosofos Athenienses dezejando tornar mais persuasivas e suaves as verdades da sã Filosofia, derão principio ás composiçoens dramaticas, que se fazião representar em carros pelos lugares mais publicos das povoaçoens, como Horacio se explica nos seguintes versos

Ignotum tragicæ genus &c.

Alguns Commentadores tenho lido, e não sei que algum entendesse que nestes versos se encerrava a descoberta de serem os Filosofos Athenienses os que derão principio ás composiçoens Dramaticas, arranjando as que Thespis, e seus Companheiros representavão sobre os carros com os rostos tintos de fezes. Muito depois de organisados os theatros, e já no tempo de *Eschilo*, *Euripides*, e *Sophocles*, a Comedia antiga e a media attacavão as pessoas mais respeitaveis, a primeira pelos proprios nomes, e a segunda occultando-os, porém talvez mais licenciosa. E he bem sabido que o maior dos Filosofos Athenienses, *Socrates*, foi motejado e ludibriado pelo impudente Aristophanes na Comedia das Nuvens. Tão longe estava pois de serem os Filosofos os authores das Composiçoens Dramaticas, que elles erão victimas da liberdade do theatro, e isto em epoca muito mais polida que a de Thes-

pis. A Tragedia não era igualmente composição de Filosofos, e quasi se tocava com a Comedia, ao menos he este o parecer de muitos Sabios. Citarei Mr. *Dupuy* na Traducção de Sophocles. — *Il n'y avoit pas, chez les anciens, entre le cothurne et le brodequin, la même difference que parmi nous. L' intervalle, qui les separoit etoit bien moins grand: aussi ne faisoient ils pas difficulté d' introduire sur la scene tragique des personages, qui aujourd'hui l'aviliroient à nos yeux.*

Neste prologo requinta o estilo empolado do Poeta. Alli se vem *os cisnes do Tejo, candidos e graves, espalhando castalios brilhos co' as tubas bronzeadas:* (1) admira-se *hum artefacto rastejando as sombras de dois pomposos:* estranha-se o *mundo feichado em pequeno circulo*; louva-se o *Luso scenico farçante, esgarrado á natureza,* (2) *imitando esforços altaneiros*; respeita-se *hum elo prezo á Bragantina adoba*; e outros milagres da eloquencia, que assombrão seguramente a quem mais de huma vez leu em Longino que *não se deve por toda a parte fazer ostentação de palavras vanmente inchadas. Porque exprimir huma cousa baixa em termos grandes e magnificos he o mesmo que applicar huma grande mascara de theatro ao rosto de huma criança.*

---

(1) Cisnes espalhando brilhos com trombetas, he alegoria nova: o artefacto que rasteja a sombras he igualmente improprio: scenico farçante he rebaixar muito hum Actor: esgarrado á natureza não sei o que he. — *Adoba* he baixo, e Bragantina adoba he indigno. Cadeia he mais nobre, mas tambem menos vulgar, e por isso não agradou.

(2) Lembra-me huma bella comparação do nosso Vieira. As palavras devem ser como as estrellas: o ignorante se serve dellas para governar o tempo; e o Sabio tem nellas muito que aprender e estudar. De certo Vieira não fallou destas palavras.

Some by old words to fame have made pretence
Ancient's in phrase, meer moderns in their sense.
Such labour'd nothings, in so strange a style
Amaze th' unlearn'd, and make the learnead smile.

Pope. Es. on Crit.

Passo porém ao Drama, onde, deixando o Choro, apparece Vulcano convidando os Cyclopes a trabalhar com fervor nas armaduras dos Portuguezes. Acaba de dar as ordens, quando Venus baixa dos Ceos a pedir a Vulcano o mesmo que elle havia já ordenado. Portanto esta Scena nada augmenta ao enredo. Serve apenas para Venus desabafar em queixas contra Juno, e derreter-se em finezas com Vulcano, porque lhe foi concedida *a mais solida ventura na disputada gloria de goza-lo*; finezas tão estranhas ao bom marido, que se assombra de ouvi-las, e as engeita, dizendo á sua tão extremosa Consorte que *não tenha susto* (isto foi talvez para aproveitar o *depositá formidine*), e deixe as ambages que de nada servem. Começa então Venus a sua *narração sincera*, que se reduz a que sempre protegeu os Portuguezes com o seu *braço inerme*; e que na presente crise, em que a França os ameaça, compete a Vulcano dar-lhes soccorro; e se lhes for adversa a fortuna, que ao menos lhes conceda *repellir com força avantajada os duros golpes das hostes Francezas*; e logo para acabar o seu discurso como o que fez a Jupiter na Lusiada, diz muito enfadada

Acabem de huma vez, percão-se todos.
Acabem que são meus. Isto lhes basta.

E chora! Salta-nos olhos a escrupulosa e bem acertada imitação. Igual situação! E isto dito a Vulcano? Que destreza! (1)

---

(1) He hum preceito infallivel conservar ás per-

Mas o Deus coxo, não querendo ficar atraz, lhe annuncia que os Portuguezes lançaráõ seus inimigos além dos Pyrineus, o que Venus ignora, e lhe pergunta em bem sonoros versos que motivos mais a obrigão.

Porém quero saber que outros motivos,
Além desses que ha pouco me allegaste,
Tanto te obrigão, tanto te penhorão
A bemfazer aos Lusitanos povos . . .
Quero sabe-los pois, se acaso ha outros.

Venus para imitar o seu consorte na sublimidade do estilo, e não empregar a *locução rasteira vergonhosa na boca de huma Divindade*, responde

Sem duvida são muitas e mui graves
As causas, que me poem da parte delles;

as quaes se reduzem a huma só, á similhança com a *Teucra gente, que a idade sorvera, nos costumes, nas leis, no idioma, no trato, nos gestos, nas feiçoens, no garbo, e em tudo.* Cada huma destas cousas exigia huma sabia Dissertação. Não sei eu mesmo se toda a erudição do Poeta bastaria para mostrar a similhança entre o trato, o gesto, as feiçoens, o garbo, &c, dos Romanos e dos Por-

---

sonagens tiradas da historia ou da fabula caracteres proprios.

Aut famam sequere &c.,
Honoratum si forte reponis Achillem &c.

Ora Venus não foi a mais amante do seu Consorte. Testemunha Marte entre os Deozes, e entre os homens Anchyses e outros. Parece pois que o Poeta faltou ao preceito de Horacio.

tuguezes. Em fim os grandes thesouros de antiguidade, que elle possue, devem esgotar-se neste caso.

He celebre que Vulcano agora diz que já sabe tudo, e sò não sabe porque se lhe afogueia o rosto ao ouvir illustres feitos de eterno renome! Despede grosseiramente a Venus, que mais civil lhe dá hum abraço, e promette aos Cyclopes as quatorze Ninfas, que tem a seu cargo. Seguem-se as arias, em que Brontes bate o compasso, e finda o primeiro intervallo.

Começa então hum novo enredo independente do primeiro. A scena representa *hum bosque, onde há hum arbusto:* entra a paz declamando pior que Emilia no Cinna, e queixando-se de só achar guarida nos *brutos animaes, a que o Olimpo previdente nega razão aguçosa.* Depois de hum Soliloquio de 39 versos, responde de dentro o Coro, supponho que de Cyclopes. Continúa por mais 13 versos a Paz: e despoja-se das suas insignias. Vem então o Genio Lusitano ao mesmo bosque, e consola a paz com a esperança de que os Monarcas de Britania e Lysia hão de fazer levantar o seu templo sobre *imigos* sordidos cadaveres: adorna-a de novo das suas insignias, e convida-a a entrar no *sacrosanto alcaçar do supremo heroismo, para ver*

A scintillante effigie portentosa
Do Monarca maior, que hão visto as eras.

A paz pergunta se he Affonso 1.º, ou 5.º, ou João 3.º, ou Manoel; a que o Genio responde que he o *Sexto João.*

O Genio de passagem conduz a paz á forja de Vulcano; e pede ao Deus que lhe mostre as *armaduras* dos Portuguzes; que elle diz serem feitas a *pedido de Venus*, em quanto vimos que já antes Vulcano as havia ordenado. Finalmente, acompanhado de Vulcano e dos Cyclopes, leva as arma-

duras para o templo do Heroismo, no fim do qual apparece o Retrato de S. A. R. Alli se acha Venus, a quem na Scena 2.ª Vulcano havia dito *sobe ligeira aos Ceos*, e que parecia haver subido: vê-se hum coro de graças (que não se sabe como alli vierão) alternando com o dos Cyclopes: estes e as Ninfas (supponho que serião as que Venus prometteu) poem sobre as aras as *armaduras Portuguezas*, cantando, ao que se seguem arias, e depois o Juramento feito pelo Genio de que Portugal não seria vencido. Pyracmon recita huma arenga, e depois de algumas cantigas, se conclue o Drama.

Eis-aqui, nem mais nem menos, o Juramento dos Numes. Debalde se procura huma acção, que tenha justa grandeza, como falla Aristoteles, ou principio, meio e fim; em vão se quer ver desempenhado hum só preceito deste grande Mestre; he tempo perdido fazer dos diversos retalhos huma acção; não há ligação, nem nexo; não se achão senão palavras. Não sei para que entra a paz nesta Peça: parece-me huma personagem perfeitamente protatica. A que titulo apparece Pyracmon a comprimentar o Principe Regente? Tudo isto (creio eu) são delicadezas, que não alcança o *vulgus profanum*; transcendentes ás regras de Aristoteles, Horacio, Boileau, Vida, e outros: finalmente he hum novo caminho pera a gloria. (1)

Tenho sido mais demorado do que pertendera, pela difficuldade de analysar huma peça sem unidade. Direi muito pouco sobre a sentença e a dicção.

A falla de Vulcano he tirada do L. 8. de Virgilio —

(1) Com semelhante invenção que lugar pertenderá o Poeta? *Si paulum a summo discessit, vergit ad imum.* Ou em Francez. *Il n'y a point de degrez du mediocre au pire.* Sem duvida, não podendo aspirar ao *Summo*, toca-lhe o *imum*, ou o *pire*.

Tollite cuncta, inquit, cœptos que auferte labores,
Ætnei Cyclopes, et huc advertite mentem.
Arma acri facienda viro: nunc viribus usus,
Nunc manibus rapidis, omni nunc arte magistrâ:
Præcipitate moras, &c.

exceptuando as *fulgentes laminas do encoirado pavez, e o tremulo mortifero montante*, que são idéas do Poeta: e não brilha pouco a *polvorosa Erynnis.*

Não posso sofrer (apezar da nota) o termo *mando.*

Vulcano, descortinando futuros, prevê que as duas naçoens virão a ser hum dia. . ., e sem ser obrigado de alguma paixão vehemente, faz huma aposiopesis, que não deixa entrever o pensamento do Poeta. Distinguem-se aqui os versos

Não me posso esquecer da Lusa gente . . .
Aprontemos riquissimos arnezes . . .
Eu inda espero, eu que folheio apenas . . .
Que estas duas naçoens, que hão sustentado . . .
Não, não me toca, a Jupiter só cabe.

E finalmente *Vamos a trabalhar, que o tempo voa*, Verso verdadeiramente elevado!

Na Scena 2.ª, tambem imitação de Virgilio, doe-se Venus de que Juno consentisse que seu filho fosse precipitado do Ceo, e diz que Vulcano se vinga bem, armando a dextra de Jupiter, *duro Pai turbado e opresso.* Idéa bem digna do Rei dos Deuses! Apontaria os quatro versos

Graças aos teus serviços, que me derão, &c.

A locução rasteira he vergonhosa na boca de huma Divindade.

He bem forte a idéa, que se contém nos seguintes versos de Venus:

Verás então como insofridos fervem
Entre o *granizo* de fataes pelouros
Nadando em sangue imigo, que avermelhe
A verde relva do Vimeiro ovante.

Fervem nadando entre o granizo! Que galimathias!

Est brevitate opus, ut currat sententia, neu se
Impediat verbis lassas onerantibus aures.
Hor.

A fortuna, que ás cegas corre e para, nem he pensamento nobre, nem bom verso. Não são melhores

Merecão-te sequer o dom pequeno . . .
E se inda he muito o que hei pedido e peço . . .

Vulcano revolve arcanos do futuro. Não sei se se póde dizer *arremessa-los*, estando o relativo na falla de Venus alguns versos antes. Os Pyrineos *entonados de alcantis nivosos; o tropico orvalhoso* (tendo dito o Poeta a pag. 24 *tropicos chuvosos*) são idéas originaes, e que hão mister commentario. Parece que quem diz *os tropicos chuvosos* suppoem que ha outros, e aqui temos novas idéas de Geographia. E porque razão quadra aos tropicos este epitheto? A Arabia, e o Egipto, os desertos da Africa, o Mexico, e a California na America, a parte da India e da China, que ficão debaixo do tropico de Cancer são *chuvosas*? A Cafraria e a Ilha de S. Lourenço na Africa, e a parte da America Meridional debaixo do tropico de Capricornio, são *orvalhosas*?

Os versos, que se seguem, são a proza mais baixa que se póde imaginar, e Venus começa da mesma maneira. O Poeta pensou que para ser eloquente, basta satisfazer ao *projicit ampullas et sexquipedalia verba*. Que eloquentes são os Diccionarios!

Passo o Imperio do Brazil *atalaia e farol do*

mundo inteiro, e páro na promessa de Venus, que do cazamento de Diopéa (viuva de Eólo) com Brontes nascerião estrellas para esmaltar o Solio do Sol. Não sei como de hum Cyclope e huma Ninfa se gerão estrellas, nem como estas esmaltão o Solio do Sol, ou de quem quer que seja o Rei dos astros. *Pictoribus atque Poetis &c.*

He magnifica a aria. *A sorte de Portugal pende dos braços* dos Cyclopes, que *os Ceos defende. O braço nosso* não póde referir-se senão a todos, e isto junto com o *defende* mostra que havia hum só braço para todos. A quadra seguinte confirma isto mesmo pelo verbo *forjemos*; e a razão desta defeza he porque Venus *formosa e nua* nos proteje. Não sei a que vem o epitheto *nua*; salvo a fazer nascer huma idéa indecente. O resto diz respeito ao compasso dos malhos, que não entendo. Gosto muito do verso *tatatá, tatatá, tatatá*, e destes se podem fazer infinitos. Não entendo os dois

Oh! que bella, que doce harmonia,
De acertado compasso o melhor.

Cuidado nos golpes (diz Brontes): *quando hum for baixando, deve outro subir*: que? hum golpe?

Escandalisa ouvir a hum litterato (pag. 20) que as Sciencias e as artes são *peste, ruina e corrupção dos povos*? . . Feliz de quem as ignora!

Foge o tempo, e eu callo as *mortuosas sombras da luz*, o *cambro do sanguineo lago*, o *curtir as tormentas fadigosas*, o *Deus que espanca as trevas*, e outras muitas. *Varão* que *até dormindo estuda e vêla*, quer dizer varão que até dormindo não dorme. Não sei se he bem sustentada a allegoria

Templo do heroismo,
Q' as arcadas multiplices escora
Sobre os robustos bem formados hombros

Das prestantes virtudes, que encaminhão
O baixel dos mortaes no mar do mundo.

Para terminar estas duvidas, salto o excellente verso

Se dás que te acompanhe, vou comtigo:

e rio com a falla de Vulcano aos companheiros

Amigos, presto
Tirai, trazei as armas, que fizemos;
Vamos, mas de vagar.

Tenho concluido a tarefa, em que a meu pezar fui empenhado. Procurei quanto pude a moderação nos meus argumentos, e ainda mesmo quando tinha de repellir attaques indecentes. Todavia, se o Leitor se houver nauseado de tão impertinentes disputas, condemne embora a quem me provocou, e obrigou a imitar o procedimento de Horacio.

Sed hic stylus aut petet ultro
Quemquam animantem, et me veluti custodiet ensis
Vaginâ tectus. Quem cur distringere coner
Tutus ab infestis latronibus? O' pater et rex,
Jupiter, ut pereat positum rubigine telum:
Nec quisquam noceat cupido mihi pacis! at ille
Qui me commorit (melius non tangere clamo)
Flebit, et insignis totâ cantabitur urbe.

L. 2. Sat. 1.

POLITICA.

Discurso do Redactor.

DEsde o principio da nossa empreza, nos esmerámos em animar as esperanças dos leitores, assim pela face, que a Europa hia tomar, como por ver dilatar-se diariamente o horizonte da sua prosperidade. No N.º 1.º annunciámos proximo o termo das violentas usurpaçoens da França, e a aurora da liberdade politica das outras naçoens. No 5.º nos felicitámos do desempenho de huma parte daquella predicção; e a nossa penna tem corrido ligeira para traçar quadros lisonjeiros de successivas felicidades. Encarando a nosso pezar as rapinas, as traiçoens, os crimes mais atrozes reunidos no refalsado peito do Despota da França, observando como esta aguia descia das nuvens da sua soberba para empolgar os innocentes, que no seio da paz, e á sombra dos tratados mais sagrados, dormião tranquillos, não deixavamos de prever a curta duração daquella terrivel alluvião, e marcavamos de antemão o seu periodo. A ambição, que havia elevado á gloria o Conquistador, o precipitou na sua vergonha: e os passos, que dera para a tirannia universal, foi obrigado a retrogradar para propria segurança.

Tal foi com effeito o resultado da campanha da Russia, tão assignalada pelos extraordinarios esforços do aggressor, e pelo poderoso auxilio das Potencias, que arrastou aos gelos do Norte, como pela heroica resistencia de huma nação, primeiro accometida que armada, e que assim mesmo fazendo cara aos aguerridos exercitos, que a perseguião, finalmente os conduzio ao theatro da sua humiliação, a antiga capital da Russia. Aqui se coroou huma constancia a toda a prova. Ninguem recusou o sacrificio de suas propriedades á segurança publica; e o Despota da França não se pôde gabar de

possuir mais do que ruinas. Em vez de abundantes armazens, commodos quarteis, e copiosos armamentos, encontrou apenas labaredas, ou cinzas. Embora a sua hypocrita humanidade brade contra a barbaridade d'aquelles *Tartaros* (segundo a sua expressão); e escritores credulos e temerarios condemnem aquelle passo: a liberdade do Norte, e com ella a da Europa nascerão das cinzas de Moskow.

E não basta para provar esta proposição mostrar os exercitos até alli victoriosos agora em vergonhosa fugida? Descobrir as estradas da Russia juncadas de cadaveres, atulhadas de carros e de peças, que os suppostos conquistadores do Norte deixão a cada passo? Então seria mister vê-los na França humilhados, e corridos: ouvir os seus discursos, attribuindo os seus dezares ao rigor da estação intempestiva; e misturar vantagens com perdas, triunfos com fugida, gloria com abatimento.

Mas a ambição, irritando-se com os estorvos, que atalhavão seus progressos, á maneira de hum rio, que engrossa a sua corrente quando o pertendem reprezar, empenha todas as suas forças, excede ainda mesmo os seus esforços, e com requisiçoens violentas e excessivas, apronta hum corpo capaz de reconquistar a sua gloria. Marcado porém o termo da sua usurpação: o seu entendimento se perturba, as suas idéas se baralhão, e não apparece mais o vencedor de Marengo. Ou a pericia dos Generaes Alliados o assombrasse, ou a sua incorruptibilidade tornasse inutil o ouro seductor, que destramente manejava, as primeiras operaçoens marcão a falta de plano, a teima prepara a sua perda, e a imprudencia corôa a sua ruina. Factos ainda recentes na memoria de todos, não devem ser outra vez repetidos: virão todos este novo Annibal perder os seus alliados em consequencia dos primeiros revezes, e trilhar fugitivo o terreno, que antes calcara vencedor. As scenas desastradas, que rematarão as empre-

zas dos conquistadores, estampadas em cada pagina da Historia, se repetem todos os dias. A França, que ameaçava engolir o resto da Europa, póde mal defender-se. As suas fronteiras são invadidas, tomadas algumas das suas praças, occupadas muitas das suas bellas Cidades, e as cadêas, que ella levava aos paizes mais septentrionaes, pezão agora sobre ella. Graças aos empenhos da Peninsula, que servirão de modelo ás naçoens todas! Primeiro o immortal Wellington transpoem os Pyrenneus, ameaça o terreno Francez, leva o fogo e a morte aos Gascoens, e diante dos fortissimos Portuguezes recuão assustados os veteranos do Corso. Agora póde dizer-se com propriedade o que em outra occasião disse hum dos Monarcas mais illustres da França — *Já não ha Pyrineus.* Estereis planos de hum General astuto, disfarçados ardis, nada valem contra o furor de huma nação, que vinga os insultos mais atrozes, e castiga a usurpação mais injusta. Logo Russos, Prussianos, Suissos, Austriacos, e todas as Naçoens da Allemanha passão o Rheno, penetrão na Suissa, pospoem os Appeninos: o terreno Francez he alagado no sangue dos seus proprios filhos, e Brienne vê com assombro desbaratadas as suas tropas por hum só corpo dos Alliados commandado pelo immortal Blucher, guerreiro não sei se mais illustre pelos seus talentos militares e por hum valor intrepido, ou pelas mais relevantes qualidades moraes.

Quaes sejão as consequencias desta grande victoria he facil de pensar. Porém para nos guiar em nossos raciocinios, temos recopilado os Discursos assim do Tyranno, como de seus Satellites, já despidos daquelle orgulho, que pertendia assoberbar o Universo, respirando o abatimento e a consternação. He verdade que saltão algumas faiscas daquelle espirito de injustiça, com que calumnião os seus inimigos: algumas expressoens empoladas exa-

gerão as suas pertendidas qualidades moraes, e querem fazer reflectir sobre os Alliados increpaçoens iniquas, mas não apparecem logo em todo a sua extensão o terror e a consternação? *O nosso terreno he invadido: passarão as nossas fronteiras: o nosso paiz he ameaçado;* e outras expressoens de alarma se lem em todas as paginas: *não se trata já de conquistar: não cuidamos em conservar conquistas: a nossa defeza he o nosso empenho;* eis-aqui em summa a que se reduzem tantas ameaças, tantos gabos.

As aguias fugirão dos paizes estranhos; abaterão as azas, e procurarão debalde a segurança. Não despregão seus voos sobre Madrid e Lisboa; em Paris mesmo se não julgão seguras. Esvoaçarão por entre as chamas de Moscow, e de hum só voo passarão a Polonia, a Allemanha, a Suissa, e rastejarão o territorio Francez. Com igual sorte desamparão a Italia, e acolhem-se ao patrio ninho. Muitas dellas feridas e prezas assoalhão a gloria dos Vencedores, e annuncião a queda do Despota.

Dos Documentos, que apresentamos, se conclue o estado de fraqueza daquelle Estado: á violenta convulsão succedeu a extrema debilidade; e em vão se procurão os remedios, disfarçando a propria miseria, e exagerando chimericos recursos. Leão-se com attenção, e a travez de huma affectada grandeza se verá que a Nação reconhece a paz por ultimo recurso: a paz, que ella affugentou do Universo, para substituir-lhe a insaciavel sede de conquistas; a paz, objecto de todos os votos, huma vez que prometta a segurança e a prosperidade dos outros Estados.

Paris 19 de Dezembro.

HOje Domingo 19 do corrente, S. M. o Imperador e Rei sahio a huma hora do palacio das Thuilleries para hir ao Corpo Legislativo, onde havendo sido recebido com as ceremonias do costume, S. M. sentado, pronunciou o discurso seguinte. —

Senadores, Conselheiros de Estado, Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo.

,, Brilhantes victorias realçarão a gloria das armas Francezas nesta campanha; defecçoens sem exemplo tornarão inuteis aquellas victorias. Tudo se voltou contra nós, — a mesma França estaria em perigo, se não fosse a união e a energia do povo Francez. — Nestas arriscadas circunstancias, o meu primeiro pensamento foi chamar-vos em roda de mim, — o meu coração ha mister a presença e affeição dos meus vassallos.

Nunca me cegou a felicidade; a adversidade me achará sempre superior aos seus attaques.

Algumas vezes dei a paz ás naçoens, quando ellas havião perdido tudo. Sobre huma parte das minhas conquistas levantei thronos para Reis, que me desampararão.

Tinha concebido e executado grandes projectos para prosperidade e fortuna do mundo. Monarca e pai, sinto que a paz augmenta a segurança dos thronos, e das familias. Estão encetadas negociaçoens com as potencias alliadas. Annui ás bases preliminares, que ellas offerecerão. Esperava então que antes de se abrir esta Sessão estivesse junto o congresso de Manheim; porém novas demoras, que se não devem attribuir á França, tem desviado o momento, a que aspirão os votos ardentes do universo.

Tenho ordenado que todos os documentos originaes, que estão na pasta da minha repartição dos negocios estrangeiros, sejão postos á vossa vista,

Tomareis delles conhecimento por meio de huma Junta. Os oradores do meu conselho vos faráo conhecer a minha vontade a este respeito.

Da minha parte não ha obstaculo algum ao restabelecimento da paz. Conheço, e tomo parte em todos os sentimentos dos Francezes, — digo dos Francezes, porque nenhum quereria a paz á custa da honra.

A meu pezar exijo novos sacrificios a este povo generoso; mas os seus maiores, e mais caros interesses os requerem. Era necessario recrutar o meu exercito por numerosas levas; as naçoens só podem negociar com segurança, ostentando todas as suas forças. Tornou-se indispensavel hum augmento de impostos. O que o meu ministro da Fazenda vos propozer he conforme ao systema de finança, , que eu tenho estabelecido. Acodiremos a todas as necessidades sem emprestimo, que consuma o futuro, e sem papel moeda, o maior inimigo da ordem social.

Estou satisfeito dos sentimentos, que os meus povos da Italia me testemunhão nesta occasião. — Só a Dinamarca e Napoles tem perseverado fieis á sua alliança comigo. — A Republica dos Estados Unidos da America continúa com vantagem a sua guerra com Inglaterra. — Reconheci a neutralidade dos desenove Cantoens Suissos.

Senadores, Conselheiros de Estado, Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo.

Vós sois os orgãos naturaes deste throno; a vós toca dar o exemplo de energia, que faça a nossa geração recomendavel ás geraçõens futuras. Não digão ellas de nós: " Sacrificarão os maiores interesses de seu paiz! Receberão a lei que a Inglaterra havia querido debalde dictar á França, por espaço de quatro Seculos! ,,

Falla do Conde de Lacépede, Presidente do Senado recitada em presença do Imperador e Rei, a 30 de Dezembro ás duas horas da tarde.

SEnhor, o Senado vem offerecer a V. M. a homenagem de sua affeição, e de seu reconhecimento pelas ultimas communicaçoens, que recebeu pelo orgão de huma Junta. V. M. annuio ás mesmas propostas de seus inimigos, que lhes transmittio hum dos seus ministros na Allemanha. Que penhor mais forte poderia dar do seu dezejo sincero de paz?

Vossa Magestade pensa certamente que o poder se reforça sendo limitado, que a arte de adiantar a felicidade de hum povo he a melhor politica dos Reis. O Senado lho agradece em nome do povo Francez.

Em nome deste mesmo povo agradecemos todos os meios legitimos de defeza, que V. M. tomar para segurar a paz.

O inimigo tem invadido nosso territorio. Elle quer penetrar até ao centro de nossas provincias. Os Francezes unidos por sentimento e por interesse, debaixo de hum Chefe como V. M., não deixaráõ abatter sua energia.

Os Imperios, como os particulares, tem seus dias de luto e de prosperidade; nas grandes occasioens he que se mostrão as grandes naçoens.

Não, o inimigo não ha de despedaçar esta formosa e grande França, que por quatorze Seculos se conservou com gloria, atravez de tantas alternativas da fortuna, e que para interesse das mesmas naçoens visinhas deve sempre ter hum grande pezo na balança da Europa. Temos por fiadores vossa firmeza heroica e a honra nacional.

Combatteremos pela nossa amada patria, entre os sepulchros de nossos pais, e os berços de nossos filhos.

Senhor, obtenha V. M. a paz por ultimo esforço de Si, e dos Francezes; Sua mão tantas vezes victoriosa deponha as armas, depois de haver assignado o descanço do mundo.

Tal he, Senhor, o voto da França, o voto do Senado; o voto, e a necessidade da especie humana.

Resposta do Imperador.

SOU sensivel aos sentimentos que me exprimis.

Tendes visto pelos documentos, que mandei pôr á vossa vista, o que faço pela paz. Farei sem pezar os sacrificios indicados pelas bases preliminares, que o inimigo propoz, e que eu aceitei; a minha vontade tem por unico objecto a felicidade dos Francezes.

Entretanto, o *Bearn*, a *Alsace*, o *Franche-Comté*, o *Brabante*, estão invadidos. Os gritos desta parte da minha familia me rasgão o coração. Chamo os Francezes a soccorro dos Francezes. Chamo os Francezes de Paris, da Bretanha, da Normandia, da Champagne, e dos outros departamentos, ao soccorro de seus irmãos. Abandona-los-hão na sua angustia? A paz e a liberdade do nosso territorio devem ser o nosso grito de união. A' vista desta nação em armas, o inimigo fugirá, ou assinará a paz sobre as bases, que elle mesmo propoz.

Já não se trata de recuperar as conquistas, que havemos feito.

Senado Conservador.

Sessão de Segunda feira 27 de Dezembro, debaixo da presidencia de S. A. R. o Principe Archichanceller do' Imperio.

EM nome da Junta especial, nomeada na Sessão de 2 deste mez, — o Senador Conde Fontanes pedio licença, e fez á assemblea a seguinte participação. —

Monseigneur, — Senadores, — O primeiro dever do Senado para com o monarcha, e para com o povo he a verdade. A situação extraordinaria, em que a patria se acha, faz este dever ainda mais rigoroso.

O Imperador convidou todos os grandes Corpos do Estado a exprimirem livremente as suas opinioens, pensamento verdadeiramente leal! O saudavel desenvolvimento dessas instituiçoens monarquicas, em que o poder está concentrado nas mãos de hum só, he reforçado da confiança de todos, e dando ao throno a garantia da opinião nacional, dá tambem aos povos a consciencia da sua dignidade, e a justissima recompensa de seus sacrificios.

Intençoens tão magnanimas não devem ser malogradas. Em consequencia, a Junta nomeada na vossa Sessão de 22 de Dezembro, da qual eu tenho a honra de ser o orgão, tem feito o mais serio exame dos papeis officiaes sujeitos á sua inspecção por ordem de S. M. o Imperador, e communicados pelo Duque de Vicencia.

Começarão negociaçoens de paz; deveis conhecer os seus progressos; o vosso juizo não deve ser prevenido. Huma simples enumeração de factos, guiando vossa opinião, deve preparar a da França. Quando o Gabinete Austriaco depoz o caracter de mediador; quando tudo dava azo a julgar que o

Congresso de Praga estava-se dissolvendo por instantes, o Imperador se determinou a fazer hum ultimo esforço para a pacificação do Continente. O Duque de Bassano escreveu ao Principe de Metternich. Propoz neutralizar hum ponto nas fronteiras, e tornar alli ás negociaçoens de Praga, continuando ainda as hostilidades. Infelizmente estas primeiras propostas não tiverão effeito algum.

A epoca, em que se deu este primeiro passo pacifico, he importante. Foi a 18 de Agosto passado. Estava fresca a lembrança das batalhas de Lutzen e Bautzen. Póde-se por tanto dizer, que este dezejo, opposto á prolongação da guerra, he de alguma sorte da mesma data que estas duas victorias.

Os esforços do Gabinete Francez forão debalde; a paz se affastou mais, tornarão a começar as hostilidades; os acontecimentos tomarão huma nova face. Os soldados dos Principes Allemaens, ainda nossos alliados, tinhão mostrado mais de huma vez huma fidelidade muito duvidosa; subitamente deixarão de dissimular, e se ajuntarão a nossos inimigos.

Desde aquelle momento as combinaçoens de huma campanha tão gloriosamente começada não podião ter o exito esperado.

O Imperador vio que era tempo que os Francezes sahissem da Allemanha. Retrogradou com elles, combattendo quasi a cada passo, e na estreita vereda, em que tantas defecçoens declaradas e traiçoens surdas apertavão sua marcha, e os seus movimentos, novos tropheos assignalarão a sua volta.

Nós o seguimos com inquietação atravez de tantos obstaculos, dos quaes só elle podia triunfar; nós o vimos com prazer voltar sobre suas fronteiras, não com a sua felicidade costumada, mas não sem heroismo e sem gloria. De volta á sua Capital, affastou as suas vistas d'esses campos de batalha, em que o universo o admirou por quinze an-

nos; despegou até os seus pensamentos dos grandes projectos, que elle havia concebido. Emprego as suas mesmas expressoens; voltou-se para o seu povo, abrio-se o seu coração, e nelle nós lemos os nossos mesmos sentimentos.

Dezejou a paz, e apenas pareceu possivel a esperança de huma negociação, se apressou a lançar mão della.

Os acontecimentos da guerra conduzirão o Barão de St. Aignan ao quartel General das Potencias alliadas. Vio o Ministro Austriaco, o Principe Metternich, e o Ministro Russo, o Conde Nesselrode. Hum e outro, em nome de suas Cortes, poserão debaixo dos seus olhos a base de huma pacificação geral. O Embaixador Inglez, Lord Aberdeen, estava presente a esta conferencia. Notai este facto, Senadores: elle he importante.

O Barão de St. Aignan, havendo sido encarregado de informar a sua Corte de tudo quanto tinha ouvido, satisfez fielmente a esta commissão.

Ainda que a França tinha direito de esperar outras proposiçoens, o Imperador sacrificou tudo ao dezejo sincero da paz. Mandou ao Duque de Bassano que escrevesse ao Principe Metternich que elle admittia, como base da negociação, o principio geral contido na participação confidencial de M. de St. Aignan.

O Principe Metternich, em resposta ao Duque de Bassano, pareceu pensar que havia alguma cousa vaga na adhessão dada pela França.

Para dissipar todas as difficuldades, o Duque de Vicencia, depois de haver recebido as ordens de Sua Magestade, fez saber ao Gabinete da Austria que Sua Magestade adheria á base geral e summaria communicada por M. de St. Aignan. A carta do Duque de Vicencia he de 2 de Dezembro; foi recebida a 5 do mesmo mez. O Principe Metternich respondeu a 10. Cumpre reparar bem nestas

datas. Bem depressa vereis que ellas não são indifferentes.

Podem-se conceber justas esperanças de paz, lendo a resposta do Principe Metternich ao officio do Duque de Vicencia; sómente no fim da sua carta, annuncia que antes de encetar as negociaçoens, he necessario conferir com os alliados. Estes Alliados não pódem ser senão os Inglezes. Ora, o seu Embaixador esteve presente á conversação, de que M. de St. Aignan tinha sido testemunha. Não queremos excitar a desconfiança; recitamos.

Notámos com cuidado a data da ultima correspondencia entre os Gabinetes Francez e Austriaco. Dissemos que a Carta do Duque de Vicencia devia ter sido recebida a 5, e que a recepção foi accusada a 10. — Entretanto, huma gazeta actualmente debaixo da influencia das Potencias alliadas, publicou a toda a Europa huma declaração, que dizem estar revestida da sua sancção. Seria doloroso cre-lo.

Esta declaração he de huma natureza desusada na diplomacia dos Reis. Não expoem aos Reis seus iguaes as suas queixas, e lhes envião seus manifestos; dirigem-as aos povos, e porque motivos adoptão este novo modo de proceder? Para separar a causa dos povos da causa dos que os governão, ainda que o interesse da Sociedade os tenha reunido em toda a parte. Este exemplo não póde ser fatal? Deveria elle ser dado, mórmente nesta epoca, em que os povos, agitados por todos os males da vaidade, estão tão pouco inclinados a curvar sob a authoridade, que os protege, ao mesmo tempo que reprime a sua audacia? E quem he o objecto daquelle ataque indirecto? He feito a hum grande homem, que tem merecido o reconhecimento de todos os Reis, porque restabelecendo o throno da França, fexou a cratera do volcão, que os ameaçava a todos.

Não se deve dissimular que a certas vistas o tom daquelle manifesto extraordinario he moderado. Isto prova que a experiencia da Coalição se tem aperfeiçoado. Talvez se lembrão de que o manifesto do Duque de Brunswick attacou o orgulho de hum grande povo. Com effeito aquelles mesmos, que não abraçavão as opinioens então dominantes, ao ler aquelle manifesto insultante, se julgarão offendidos na honra nacional. Por isso se adoptou outra lingoagem. A Europa cançada precisa mais de descanço que de agitaçoens.

Mas se ha tanta moderação nos conselhos dos nossos inimigos, porque, fallando sempre de paz, ameação nossas fronteiras, que havião promettido respeitar, quando só tivessemos o Rhim por barreira? Se nossos inimigos são tão moderados, porque infringirão a capitulação de Dresde? Porque não attenderão ás justas queixas do General, que commandava naquella praça?

Se são tão moderados, porque não estabelècerão a troca dos prisioneiros, conforme todos os usos da guerra?

Em fim se os protectores dos direitos das naçoens são tão moderados, porque não respeitarão os Cantoens Suissos? Porque este governo prudente e livre, que á face da Europa se havia declarado neutro, vê agora os seus tranquillos valles e montanhas assoladas por todos os flagellos da guerra? Algumas vezes a moderação he só hum artificio diplomatico. Se quizessemos empregar o mesmo artificio, attestando tambem a justiça e a boa fé, quanto nos seria facil confundir nossos accusadores com as suas proprias armas!

A Rainha, que escapou da Sicilia, e que de hum lugar de desterro a outro tem fugido na sua adversidade para os Ottomanos, prova ao universo que os nossos inimigos tenhão tanto respeito á dignidade real?

O

O Soberano da Saxonia se entregou á discrição das Potencias alliadas. Achou elle as acçoens conformes ás seguranças dadas? Tristes boatos se espalhão na Europa; oxalá que não sejão realisados! Póde-se querer punir a fidelidade ao seu juramento pela vida de hum Soberano opprimido de annos e de afliçoens, e dotado de tantas virtudes!

Não se devem insultar os governos nesta tribuna, nem mesmo aquelles que tomão a liberdade de insultar-nos, mas deve ser-nos permittido avaliar por seu justo valor essas queixas antigas e bem conhecidas, contra todas as Potencias, que tem feito grande figura, desde Carlos V. até Luiz XIV, e de Luiz XIV até o Imperador.

O projecto de *invasão*, de *preponderancia*, de *monarquia universal*, tem sido sempre hum grito de união para todas as coaliçoens; e do centro dessas coaliçoens, assombradas da sua propria imprudencia, se tem levantado muitas vezes huma Potencia ainda mais ambiciosa que aquellas, contra cuja ambição se reclamava.

Os abusos de poder estão traçados em caracteres de sangue nas paginas da Historia, — todas as naçoens tem errado, — todos os governos tem commettido faltas, — deverião todos perdoar-se mutuamente.

Se, como queremos crer, as Potencias alliadas fórmão votos sinceros pela paz, não ha obstaculo ao seu restabelecimento. Temos demonstrado, pelo extracto das peças officiaes, que o Imperador dezeja a paz, e que até a comprará por sacrificios, nos quaes a sua grande alma esquecerá a sua gloria pessoal, para cuidar só nas necessidades da nação.

Quando lançamos hum golpe de vista sobre aquella coalição, composta de elementos, que se repellem huns aos outros, — quando vemos a estranha e monstruosa mistura de povos, que a natureza fez rivaes, — quando pensamos que muitos

delles por allianças inconsideradas se expoem a perigos, que não são quimericos, não podemos crer que huma tal reunião de interesses tão differentes possa ser de longa duração.

Não vemos nós nas filas do inimigo hum Principe nascido com todos os sentimentos Francezes, no paiz, em que elles são mais vivos?

O guerreiro, que antes defendeu a França, não póde persistir muito tempo contra ella.

Lembremo-nos tambem que hum Monarca do Norte, e o mais poderoso de todos, contava modernamente entre os seus titulos de gloria a amizade do grande homem, contra quem combatte agora.

Nossos olhos se voltão com confiança para esse Imperador, que tantos laços prendem ao nosso; que nos deu o mais bello presente em huma adorada Soberana, e que vê em seu neto o herdeiro do Imperio Francez.

Com tantos motivos de concordia e de reunião, poderá ser difficil a paz? Fixe-se immediatamente o lugar da conferencia; — apresentem-se Plenipotenciarios de huma e outra parte com o nobre dezejo de dar a paz ao mundo; — reine a moderação em seus conselhos como em sua linguagem! As Potencias estrangeiras mesmas o disserão, na declaração, que se lhes attribue, — " *Huma grande nação não perde o seu lugar por haver provado revezes, n'aquella luta custosa e sanguinaria, em que combatteu com o seu valor costumado.*

Senhores, — Não haveriamos enchido os deveres que esperaes da vossa junta, se provando, e até demonstrando as intençoens pacificas do Imperador, as nossas ultimas palavras não lembrassem ao povo o que elle deve a si mesmo, e o que elle deve ao monarca.

O momento he decisivo. As potencias estrangeiras fallão huma linguagem pacifica, mas algumas de nossas fronteiras estão invadidas, e a guerra está ás nossas portas.

Trinta e seis milhoens de homens não podem trahir a sua gloria, e o seu destino. Naçoens distintas nesta grande demanda, tem sofrido numerosos revezes; mais de huma vez tem sido postas fóra de combate; as suas feridas ainda vertem sangue: a França tambem recebeu feridas, mas ella está longe de se abatter; ella póde ensoberbecer-se de suas feridas, como dos seus triunfos passados. O abatimento na adversidade seria mais indisculpavel que o orgulho na prosperidade. Assim, ao mesmo tempo que fazemos a paz, abreviem-se os preparativos de guerra, e protejão as negociaçoens. Apinhemo-nos em roda do diadema, onde o esplendor de cincoenta victorias brilha atravez de huma nuvem passageira.

A fortuna não falta muito tempo ás naçoens, que não faltão a si mesmas. Este chamamento á honra nacional he dictado pelo amor da paz — d'aquella paz, que não se consegue por fraqueza, mas por firmeza, — d'aquella paz em fim, que o Imperador com hum novo valor promette conceder á custa de grandes sacrificios.

Temos a doce confiança, que os seus votos e os nossos serão realisados, e que esta brava nação, depois de tão longas fadigas, e tanto sangue derramado, achará o descanço sob os auspicios do throno, que tem bastante gloria, e que de hoje em diante sómente quer ser cercado de imagens da publica felicidade.

SICILIA.

Falla do Principe de la Cattolica á Camara dos Pares, por occasião de dissolver-se o Parlamento.

My Lords e Senhores.

SUA Alteza Real o Principe Vigario Geral, com a approvação do Seu Conselho, havendo-me escolhido para manifestar-vos os seus sentimentos, me ordena que vos diga que elle vos ajuntou neste Parlamento geral, plenamente persuadido que vós completerieis a obra começada o anno passado. Elle pensava que brevemente organisarieis os novos Tribunaes, segurando d'aquelle modo aos seus queridos e amados Sicilianos as suas propriedades e a sua pessoal segurança, debaixo da administração das leis, da qual se havião cortado os antigos abusos.

Fizerão-se preparativos em 1810 para hum systema de finanças, simples e saudavel, mas do qual o ultimo Parlamento não podia tomar conhecimento sufficiente, porque estava com o cuidado ainda mais importante de erigir a nossa Constituição pelo modelo da Constituição da Grã Bretanha. Sem embargo, o Parlamento decretou algumas concessoens provisionaes, e medidas financiaes, deixando a seus successores a conclusão d'aquelle ponderoso negocio; e Sua Alteza Real esperava com impaciencia que o vosso juizo tornasse completo o systema. Elle reflectia com prazer, e se applaudia, nos voluntarios sacrificios, que (com consentimento do Rei, seu Pai e nosso Senhor) elle havia feito de parte das antigas rendas hereditarias, e das prerogativas da Coroa, crendo que d'aquelle modo havia segurado a prosperidade do reino da Sicilia.

Mas ai! forão illusorias as esperanças, que em vós havia posto. Apenas vos applicastes a frivolos debates, e disparates. Ouvistes tranquillos as men-

sagens, que elle continuamente vos dirigio, e entre vós se levantou o maligno espirito de hostilidade e discordia. Em vão Sua Alteza Real por meio de prorogaçoens repetidas procurou trazer-vos á dezejada união. Foge o tempo, e o estado perece. Fostes admoestados, recusastes parar e reflectir. Reduzistes Sua Alteza Real á necessidade de adoptar huma medida dura e decisiva, que a Constituição authorisa; aquella Constituição, que elle vos deu, que prometteu, e de novo promette conservar. Sua Alteza Real sente-se obrigado a dissolver immediatamente o Parlamento, a fim de ajuntar, o mais brevo que for possivel, outro que, instruido por esta experiencia, dirija seus trabalhos a aperfeiçoar o Codigo Constitucional — ancora sobre que descança a publica segurança.

Approuve a Sua Alteza Real dizer-me que se havia resolvido a este procedimento com repugnancia, e com infinito pezar; que elle era indispensavel, e a nação não podia condemna-lo, porque na temeridade e rancor de seus debates, se havião feito e sustentado movimentos, que indicavão claramente que se dezejava huma Constituição, inteiramente differente da nossa, e da Constituição de Inglaterra. Os papeis impressos, que girão nesta metropole e nas provincias; o empenho que se tem feito repetidas vezes para usurpar o Poder Executivo, para destruir a Real Prerogativa, e para perpetuar a duração do Parlamento, ministrando subsidios só para hum mez; outros empenhos para usurpar, ao mesmo tempo, o poder judicial, cuja independencia he huma das columnas fundamentaes da Constituição; tudo isto mostra evidentemente aquella deploravel verdade.

Sua Alteza Real me mandou dizer-vos, My Lords, que esta dissolução do Parlamento vos dará descanço, por breve tempo, mas bastante para considerardes vossos interesses reaes; e a vós, Senho-

res da Camara dos Communs, que voltando para os vossos respectivos paizes, espera que não sejaes guiados por algumas das falsas idéas, que vos possão ser, ou ainda vos sejão suggeridas; e que, pelo contrario, nossos concidadãos receberão de vós a segurança de que as promessas de Sua Alteza Real são sagradas — que elle tem sanccionado, e de novo sancciona as nossas liberdades, como estabelecidas no Parlamento do anno passado — que para prevenir a dissolução do Governo e do Estado, continuará a regular a repartição da fazenda, segundo o plano provisional decretado no Parlamento de 1812, em quanto se não estabelece finalmente este negocio altamente interessante; acontecimento que, segundo se pensa, não se ha de demorar mais de hum anno; — que entretanto, Sua Alteza Real nomeará para aquellas Magistraturas e lugares, que lhe forão propostos o anno passado, e com seu beneplacito serão instituidos; — e que finalmente se ajuntará hum novo Parlamento o mais cedo possivel. Mas a este respeito, recomenda rigorosamente que façaes com que os vossos concidadãos estejão prontos, quando cumprir, a voltarem como Membros do novo Parlamento, aquelles sómente que forem animados de hum verdadeiro amor da patria; aquelles que não forem capazes de se desviarem do seu dever por sugestoens de pessoas mal intencionadas, inimigas da felicidade e verdadeira liberdade do povo Siciliano; aquelles que confiarem na lealdade de Sua Alteza Real, na lealdade daquelle, que lhes deu a liberdade, e só aspira a immortalisar o seu nome tornando feliz os seus fieis e prezados Sicilianos.

Proclamação de Lord Bentinck.

O Tenente General Lord Bentink, havendo contratado com S. M. e com o Principe Herdeiro, a obrigação de impedir que a sancção real dada á livre Constituição da Sicilia tenha consequencias, que possão comprometter a segurança da coroa e a tranquilidade publica, e por outras consideraçoens que a todos devem ser evidentes, faz saber, — que em quanto o Parlamento não tiver providenciado á conservação da boa ordem e a prosperidade desta Cidade; em quanto durar a confusão actual, que ameaça com huma funesta catastrophe, não só a liberdade dos vassallos, porém a mesma existencia do Estado; e em quanto a grande obra da Constituição, tão felizmente começada pelo Parlamento de 1812, não estiver regularmente consolidada, o Tenente General será obrigado a manter a tranquillidade publica, com a força militar, cujo commando lhe está confiado. Em consequencia, declara que fará castigar de morte, depois de hum processo marcial e summario, os perturbadores da boa ordem, os assassinos, e todos os outros inimigos da constituição, que de qualquer maneira poserem algum obstaculo ou opposição ás medidas do governo.

Palermo 31 de Outubro.

(Assignado) W. C. Bentinck.

Confederação Suissa.

NO'S Landamman e membros da Dieta dos 19 Cantoens da Confederação Suissa, — A vós, amados Confederados, saude: — A guerra, que ha pouco estava longe das nossas fronteiras, se approxima ao nosso paiz e ás nossas tranquillas moradas. Nestas circunstancias, era do nosso dever, como deputados dos Cantoens Confederados, deliberar maduramente sobre a situação do paiz, dirigir communicaçoens ás Potencias belligerantes, e fazer todas as disposiçoens ulteriores, que as circunstancias exigião. Fieis aos principios de nossos maiores, em virtude dos poderes e ordens do nosso governo, de huma voz e vontade unanimes, declarámos a neutralidade da Suissa. Himos transmittir e notificar, nas fórmas mais convenientes aos Soberanos dos Estados em guerra o acto solemne, que havemos lavrado com este fim. Graças á protecção divina, o desempenho de huma rigorosa neutralidade tem por seculos garantido a liberdade e o descanço do nosso paiz. Agora, como nos tempos antigos, esta neutralidade só convém á vossa posição e ás nossas precisoens. Por consequencia queremos estabelece-la, e faze-la respeitar por todos os meios, que estão em nossa mão. Queremos segurar a liberdade e independencia da Suissa, manter a sua actual constituição, e preservar o nosso territorio de qualquer attaque; tal he o unico fim de todos os nossos esforços. Para este effeito, nos dirigimos a vós, queridos Confederados de todos os Cantoens da Suissa, informando-vos sem demora da declaração que acabamos de fazer. A Dieta espera de cada hum de vós, qualquer que elle seja, que obrará nas mesmas vistas; contribuirá com todos os seus meios á causa commum; fará os esforços e sacrificios, que o bem da patria e a sua conservação requerem; e que assim a nação inteira se mostrará digna de

seus pais, e da felicidade de que goza. Queira o Supremo Senhor do Universo aceitar a homenagem de nosso vivo reconhecimento aos immensos beneficios, que até o presente tem derramado sobre o nosso paiz, e se digne de conceder ás nossas supplicas a conservação, a tranquillidade, e a felicidade deste Estado, posto debaixo da sua protecção.

Dado em Zurich, a 20 de Novembro.

O Landmman, Presidente da Dieta, J. De Reinhard.
O Chanceller da Confederação, Morisson.

Obra publicada nesta Corte.

ORação funebre, que nas exequias da Serenissima Senhora D. Maria Anna Francisca Josefa Antonia Gertudes Rita Joanna, Infanta de Portugal, mandadas fazer por Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor, recitou na Real Capella desta Corte, em o dia 14 de Junho de 1813, Fr. Francisco da Mãe dos Homens, Religioso Agostinho Reformado de Portugal.

A satisfação, que tivemos, ouvindo recitar esta eloquente Oração, cresceu sobemaneira quando lemos e considerámos suas bellezas. As virtudes da Serenissima Senhora Infanta merecião hum tão digno panegyrista. O seu exordio he energico e elegante, sem huma pompa affectada, e sem os vôos improprios deste lugar. He bellissima a introducção, na qual se dá huma brilhante idéa da Historia Ecclesiastica de Portugal. No corpo do Discurso assoalha com dignidade os talentos, os estudos e sobre tudo as virtudes da sua heroina: fazendo sobresahir a sua caridade, e a sua humildade. Toca delicadamente no ultimo periodo da sua existencia, com hum estilo proprio de Bossuet. Perora, recommendando a virtude como unico brazão da grandeza, o que prova com o seu mesmo objecto; e remata dirigindo ao Altissimo as preces, que a Igreja ensina na Sequencia da Missa.

Neste rapido esboço escapão as bellezas da dicção, certamente mui castigada, e pura dos gallicismos, que abastardão a nossa lingua; o ajustado emprego das figuras e tropos; a armonia dos periodos; e outras muitas cousas que o leitor intelligente lerá com satisfação.

Continuação do Estado da athmosfera.

Janeiro.

Dia.	Ther. Graos.	Bar. Pol.	Bar. Vint.	Bar. Mil.	Tempo.
1	80	29	21	44	
2	85		13	8	
3	83		12	40	
4	83		12	20	
5	84		11	36	
6	84		12	36	
7	83		11	33	chuvozo com trovoada
8	82		11	20	claro
9	84		11	30	
10	85		11	46	
11	85		11		chuviscou
12	84		10	44	pezado e chuva
13	85		11	10	
14	87		11	18	
15	84		10	44	
16	85		12	20	
17	79		11	40	claro
18	81½		11	34	
19	82		11	40	
20	85		12	20	
21	84½		11	40	
22	85		11	10	
23	91		11	42	
24	86		12	4	trovoada e chuva
25	83		13	30	
26	81		14	48	
27	79½		15	26	
28	81		13	20	claro
29	84		13	10	
30	85		12	32	
31	85½		12	16	

Fevereiro.

Dia.	Ther. Graos.	Bar. Pol.	Bar. Vint.	Bar. Mil.	Tempo.
1	87	29	12	28	claro
2	86		12	40	
3	85½		12	40	
4	85		12	20	
5	85½		12		
6	86		11	40	
7	86½		11	40	
8	85		12		
9	84½		12	40	
10	84½		11	42	
11	86½		12	30	
12	85		12		
13	85½		12		
14	88		12	30	pezado
15	87		14		
16	85		13	23	
17	88		12	14	chuviscou
18	85		12		claro
19	85		12		
20	88		12	30	
21	88		13	20	
22	85		12	40	
23	85		12	30	
24	85½		12	4	
25	89		12		
26	88½		11	40	pezado
27	89		11	46	
28	89		12	4	

60

INDICE.

AGRICULTURA.

TOPOGRAFIA.

LITTERATURA.

POLITICA.

61

62

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.
DO
RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

TERCEIRA SUBSCRIPÇÃO.

N. 2.°

MARÇO E ABRIL.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1814.
Com Licença de S. A. R.

A subscripção se faz na Loja da Gazeta, ou na de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, a 6$000 reis pelos seis numeros. Nas mesmas se vendem avulsos a 1$200 reis.

TOPOGRAFIA.

Discurso sobre a urgente necessidade de huma Povoação na cachoeira do Salto do Rio Madeira, para facilitar o utilissimo e indispensavel commercio, que pela carreira do Pará se deve fomentar para Mato Grosso, de que resulta a prosperidade de ambas as Capitanias. Author Ricardo Franco de Almeida Serra, Sargento Mór Engenheiro.

A Capitania do Mato Grosso, confinante com os Dominios Hespanhoes do riquissimo, amplo, e populoso Perú, pela longa fronteira de 500 leguas de extensão, que circundão, separão, e formão em profundo fosso os grandes rios Paraguay, Guaporé, Mamoré, e Madeira; sendo a mais remota Colonia do Principado Portuguez do vastissimo Brazil, e a mais distante a respeito dos seus portos maritimos, guardando em si ainda não tocadas e ricas minas; cobrindo as Capitanias interiores deste vasto Continente: sendo em fim as minas que nellas se descobrirão o attractivo, que as povoou, e o unico meio para a sua conservação e augmento em novos descobertos nos seus amplos e ainda não trilhados sertoens; parece por tantos motivos igualmente certo que os muitos e grossos effeitos indispensaveis para se trabalharem, e fazer prosperar e subsistir estas longiquas minas, devem ter no seu valor huma relativa proporção aos jornaes, que nellas se fazem, para que a igualdade dos interesses equilibre os mineiros e lavradores com a balança do commercio, a qual pendendo só para hum lado conduz o outro da decadencia a huma certa ruina; anniquilando em fim ambos, logo que falta a reci-

proca consistencia de cada classe, que só se enlaça e nutre nos seus proporcionados e mutuos lucros.

O Commercio para Mato Grosso se tem feito por duas differentes vias: huma que annualmente se frequenta por terra, desde as Cidades do Rio de Janeiro, e da Bahia de todos os Santos, por caminho de 600 leguas de distancia, em que empregão os Commerciantes 5 mezes de marcha com numerosa tropa de bestas, nas quaes só pódem conduzir, além de baetas e pannos de linho, e outras poucas fazendas grossas, e alguns escravos, as que são meramente de luxo, sem que possão conduzir por terra os muitos e grossos generos só necessarios e indispensaveis para a conservação e augmento das minas; porque pela dita estrada de terra, e pela dificuldade de trazer em bestas cargas grossas, de grande pezo e volume, a despeza de tão longa viagem as faria subir a tal preço, que em poucos annos causarião a ruina, e abandono total de todas as minas, unico nervo, e objecto que póde conservar esta concentrada e remota Capitania.

Estes generos, que são ferro, aço, foices, machados, alavancas, almocafres, cobre em folha, pregos, ferramentas para os officios mechanicos, ferragens para os edificios, polvora, espingardas, estanho, louça branca, vidros, vinho, vinagre, licores, taixos, caldeiras, remedios, facas, e mais quinquilharias, com o importantissimo effeito do sal, só pela carreira e navegação do Pará podem chegar por hum justo preço a Mato Grosso.

Emquanto se frequentou esta carreira, florecerão estas minas; porém enfraquecendo esta importante navegação consideravelmente, ha cousa de dez annos, tem experimentado os seus habitantes hum mortal golpe; a falta destes generos fez subir o valor de alguns, que interpoladamente apparecião, a hum preço extraordinario em comparação dos antigos preços, com damno ruinoso dos com-

pradores; basta ver a differença de alguns para se calcular o resto. Em quanto se frequentou a carreira do Pará, huma carga de sal custava de 8 até 10\$ reis, e na sua falta subio a 16, 20, 30 e 40\$ reis cada huma. A libra de ferro custava 150 reis; subio a 300. A libra de aço custava de 220 a 300 reis, a dita falta a elevou a 600. Hum frasco de vinho, vinagre, ou outro licor, valia de 1500 a 1800 reis, a sua falta dobrou, triplicou, quadruplicou, e ainda levou a maior excesso o seu valor: neste presente anno de 1797 se vendeu cada frasco a 6 e 7200 reis, e ultimamente subio a 7600; e á proporção referida subio a polvora, o papel, o ferro, aço, alavancas, e mais effeitos grossos, a que os mineiros dão hum grande e indispensavel consummo, e calculando-se esta necessaria despeza com os jornais das minas, já ha muitos annos decadentes da sua primitiva riqueza, vem a ficar estes por metade dos que se fazião ha dez annos; causa manifesta de huma constante decadencia, e de se abandonarem algumas minas, que, ainda que davão modicos jornaes, podião com a despeza do ferro, aço, alavancas, sal, &c, em quanto se vendião por proporcionado preço; mas dobrando pela ponderada carestia o valor destes effeitos, aquelle jornal modico, e que compensava a despeza, veio a ligar os mineiros a hum dobrado empenho, e a enfraquece-los; e a deixarem as suas antigas tarefas, faltando consequentemente a maior extracção do ouro. A maior Cidade do Universo, que compre os generos da primeira necessidade por preço dobrado, ou ainda a 50 por cento do seu antigo valor, cahirá necessariamente na decadencia, quanto mais huma colonia, que ainda se póde considerar na sua infancia, aonde o oiro, seu unico effeito, vale sempre o seu intrinseco e taxado valor.

A segunda via para importar o Commercio nesta Capitania, e para obstar á expressada carestia,

he a carreira, e navegação do Pará, a qual tem sido hum objecto, que mereceu sempre a cuidadosa attenção dos Excellentissimos Generaes do Mato Grosso, principalmente dos Excellentissimos Conde de Azambuja, e Luiz Pinto de Souza Coutinho, mandando cada hum delles fundar na cachoeira do Salto huma povoação, que servisse de escala a tão interessante Commercio, facilitando, e animando com ella tão importante navegação.

Porém como a Capitania de Mato Grosso naquellas épocas não tinha meios para fundar hum estabelecimento com força e população proporcionada para a sua conservação e augmento, e para se fazer suportar e acariciar as numerosas e valentes naçoens de Indios, que habitão nas immediaçoens daquella cachoeira, nem estes colonos concentrados em tão remoto lugar pelo seu pequeno numero podião colher as riquezas, que offerecem aquelles largos e ferteis terrenos, tudo concorreu para que desanimados abandonassem aquelles ricos lugares, não existindo ha muitos annos tão util estabelecimento.

A povoação da Cachoeira do Salto será por todas as diversas faces, com que se póde olhar hum estabelecimento, vantajoso a si mesmo, util ao Estado, e o unico meio para com hum reciproco e indispensavel commercio se augmentar a força, população, riqueza e effeitos das duas importantes Capitanias, do Grão Pará e Mato Grosso, ambas limitrophes com as vastas possessoens Hespanholas de toda a America Meridional por huma extrema de 1500 leguas de extensão, que circula o centro deste vasto e novo continente.

O lugar da cachoeira do salto, onde existe o seu varadouro, situado na latitude de 3° 52', 163 leguas acima da Villa de Borba, e 133 abaixo do Forte do Principe da Beira, he fortissimo por natureza; e como está sobre a extrema das duas

confinantes naçoens, a privativa posse deste lugar, não só será a chave do Rio da Madeira, e a segurança da sua navegação, e dos terrenos, que limitão por Sul a extrema da Capitania do Pará, e da maior e mais superior parte do Rio das Amazonas, mas servirá de grande estorvo á Nação, que não a possuir, e será hum ponto, pelo meio do qual se póde penetrar até ás suas possessoens. Huma povoação neste importante lugar será em poucos annos hum dos maiores estabelecimentos do centro do Brazil, logo que a sua população possa abranger os muitos ramos de negocio, que alli lhe offerece a Natureza. Ella fica no centro de hum vasto sertão, abundantissimo em salsa, cacáo, puxiri, e outros effeitos; as manteigas das tartarugas, a salga do peixe, as gommas, e muitas bellas e grandes madeiras, tudo he huma riqueza que a circunda.

Alli se podem fazer as maiores canoas de duas e tres mil arrobas de carga, que em 30 dias de navegação podem levar até á Cidade do Pará estes vendiveis effeitos, os quaes com maior e mais perigosa navegação vão os sertanistas d'aquella Cidade buscar ao alto Rio Negro e Amazonas, ou Solimoens, e aos seus grandes e lateraes braços, muitos delles em extremo doentios, o que não succede no Madeira, onde antigamente se fez grande commercio, mas que a traidora e guerreira nação Mura, já hoje nossa alliada, fez abandonar.

Além de outros effeitos naturaes do paiz, são aquelles terrenos formados pelas melhores terras fundaes, e as mais proprias para huma abundante cultura, que igualmente no Pará tem pronta venda, como tabaco, algodão, caffé, arroz, anil, e assucar; e este ultimo effeito faria huma positiva riqueza deste lugar; porque como os moradores do Pará só querem plantar nas margens e Ilhas do Amazonas visinhas d'aquella Cidade, cujos terrenos não são os mais proprios para a planta da cana,

por serem as terras insufficientes, pois são formadas por successivas camadas de lodo, ou nateiro, que pelo espaço de muitos seculos as agoas e cheias do Amazonas alli forão accumulando, de 8 até 12 palmos de altura, sobre fundo de tabatinga; terras que pela enchente e marés deste maximo rio ficão quasi ao livel das agoas, que filtrando pelas suas occultas veias, as ensopão e embebem de succo salino e salobre, de tal fórma que, cavando-se poucos palmos, se acha logo abundancia de agoa; não podem nem são nestes sitios as canas mais sucosas, nem doces, e com effeito o assucar chamado branco no Pará, quando se tira das fórmas he como o mascavado de Mato Grosso, e só depois de clarificado com trabalho e despeza, fica claro e proprio para o decente uso dos ricos particulares, vendendo-se sempre por dobrado preço do que custa na Bahia; nas terras pois das cachoeiras, e das suas immediaçoens firmes, solidas, altas e pingues se daria esta planta perfeita, e faria hum solido fundo de commercio áquelles colonos.

Outra vantagem desta povoação seria reduzir as muitas naçoens de Indios, que habitão as margens do Madeira, obra que não tem mais dificuldade do que saber attrahir com sofrimento, agrado, e docilidade estes homens selvagens, desconfiados dos Europeos, com a funesta idéa de cativeiro entre elles geralmente derramada, e que vivem em huma perfeita igualdade entre si, tão nus dos vestidos que não necessitão, como das maximas politicas, da propriedade, da jerarquia, das manufacturas, do luxo, e dos preciosos metaes, que desprezão, fundando os seus interesses em huma rede, e no seu arco e flecha, que os defende dos seus inimigos e das feras, e os sustenta, encontrando em qualquer parte do sertão, em que se achão, fructos e raizes, de que se alimentão, e fazem os seus vinhos, limitando a sua lavoura á planta da mandioca.

Bem se vê que para costumar no trabalho huns homens, que sem elle vivem largos annos, fartos e contentes á sombra dos frescos e saudaveis bosques da Zona torrida, he necessario hum methodo mais analogo ás suas idéas, até que costumados gradualmente aos nossos usos, virtudes, e vicios, venhão pela successão dos tempos a fazer huma nova natureza e huma maior precisão de necessidades: a permutação dos effeitos, que elles podem trazer do sertão, por facas, machados, espelhos, contas, e outras quinquilharias, e a boa fé neste commercio, seria meio suave, para que insensivelmente perdendo a natural desconfiança e ferocidade, se fossem com estes interesses aggregando a aquella povoação, e fazendo o fundo maior dos seus interesses.

Estes Indios e aquella povoação será hum facil meio para se acharem as sabidas minas do Jamary e do Ribeirão, que pela convexidade, que o Rio Madeira alli faz, não podem distar da Cachoeira do Salto mais de 20 até 30 legoas, e talvez outras mais, que indicão em toda a sua extensão as serras dos Parecis; descoberta, que augmentará a força e população d'aquella larga fronteira, facilitando pela maior concurrencia do commercio a cultura e exportação dos effeitos daquelles lugares, estabelecendo com elles a reciproca dependencia, que equilibra o negocio com a agricultura.

A povoação do salto he de urgentissima necessidade para a util navegação e indispensavel commercio, que desde o Pará se faz para Matto Grosso; já ficão ponderados os damnos, que resultão da sua falta; e para que se não experimentem, só este estabelecimento será hum solido meio.

Os commerciantes, que se destinão a esta carreira, gastão nella regularmente dez mezes de navegação, dos quaes tres e quatro mezes empregão em passar as cachoeiras, e fazem até Villa Bella

a despeza de 25 por cento: aquelle estabelecimento cortará esta despeza pelo meio, e o tempo total não passará de seis mezes.

Cada canoa de negocio se reputa, com os respectivos remeiros, piloto, pescadores, dono e agregados, a 20 pessoas de equipagem; e na Villa de Borba carregão para cada homem, além do peixe seco, 5 alqueires de farinha de mandioca, isto he, cem alqueires para cada canoa. Com a povoação do salto basta conduzirem 20, e os 80, que poupão, são outras tantas cargas de commercio; alli acharão todos os mantimentos, que necessitem, e huma prompta ajuda para passarem, com qualquer pequeno interesse, que fação áquelles moradores, as cachoeiras em metade do tempo, que nellas gastão; e trocarião alli os Indios doentes por outros de saude; além de que quando as canoas desta povoação fossem levar ao Pará os seus effeitos, podião trazer a frete grande parte das carregaçoens até aquelle lugar, e delle mesmo por hum novo frete até a cachoeira da bananeira, fretes que importarião menos do que a despeza total desde o Pará em canoas, remeiros e mantimento: na mesma bananeira podia a povoação do salto ter feito canoas proprias, que vendessem aos commerciantes com reciproca utilidade de todos, e desta Capitania: a mesma povoação conduzindo em retorno do Pará, alguns generos proprios para as Minas, as podião vir vender a Mato Grosso, conduzindo-os facilmente, quando as cachoeiras offerecem menos perigo e trabalho; esta ligada combinação de interesses, e a menor despeza não só poria as fazendas no seu pé antigo, mas as rebaixaria a mais modico preço; e animando assim mais e mais esta tão necessaria navegação, fará afrouxar a de luxo do Rio de Janeiro, que a falta da carreira do Pará levou a maior excesso.

A falta pois do commercio do Pará dobrou o

numero dos commerciantes de terra para os portos de mar; muitos homens de pouco, ou quasi de nenhum fundo, se animarão a elle, introduzindo-se em Villa Bella a usura de 10, 15, e 20 por cento, usura que os profundos Inglezes conhecerão ha hum seculo hia arruinando o seu commercio e povos, limitando-a com graves penas ao interesse de 5 por cento. Estes negociantes de pouco fundo para comprarem nos portos de mar escravatura, só empregão o dinheiro que lhes emprestarão com fiadores na terra, em fazendas de luxo, que com o maior preço das que trazem fiadas, usuras vencidas, e juros correntes, carregão necessariamente estas fazendas a mais 40 e 50 por cento d'aquelle valor, porque se podem vender, quando são compradas e conduzidas por homens, que com os seus proprios cabedaes fazem este commercio, verificando-se em Mato Grosso a infallivel maxima de que quando o commercio não dá a mão á agricultura, e á industria (que em Minas consiste só em minerar), em lugar de util he destructivo.

O certo he que estes negociantes, que principião com mais verdade e credito do que fundos, a pezar de pagarem as usuras graciosamente estabelecidas em Villa Bella, e o sobrecarregado das fazendas fiadas nos portos de mar, com os juros da lei em cima, tratando-se com decencia e fausto, todos em poucos annos adquirem grandes fundos á proporção das suas entradas, retirando-se com elles a Portugal, e que as minas, vendo fugir-lhes a sua substancia, não prosperão e se atrazão.

Sendo o commercio do Rio de Janeiro, ou da Bahia, só util pelo artigo de introduzir escravatura, e com ella os robustos braços, que desentranhem do seio da terra os preciosos metaes que occulta, e que são o attractivo, com que se povoou o centro do vasto Brazil, sem o qual, sim terião augmentado os muitos effeitos de agricultura, que

dão e pódem produzir em centupla quantidade as mil e cem leguas, que fórmão a amplissima costa do Brazil com grandes portos, e multiplicados ancoradouros, mas esta abundancia não rebaixaria o seu preço a ponto de arruinar o lavrador? O estrangeiro, que lhe dá hum grande consumo, não coarctaria as suas precisoens, os seus almoços, e a sua meza, abandonando o algodão pelas suas antigas e duraveis lans, não tendo no multiplicado giro da moeda os dobrados interesses com que os compre? Seria preciso reduzir a Europa ao tosco estado, em que se achava antes da descoberta da Asia e da America: a navegação, que pelo meio do seu grande commercio abraça as extremidades da terra, fazendo de todas as naçoens hum só povo, sem os metaes, o primeiro valor de todas as producçoens do globo terraqueo, limitar-se-hia ao seu antigo e precario estado, reduzindo-se á simples pesca dos arenques, do atum, das baleias e do bacalhao, e á incerta estabilidade de indigente permutação.

A Europa está tão inveterada, e empedernida neste vagamente chamado commercio, de riqueza apparente e de luxo, que ha toda a probabilidade que elle se augmente, e não diminua; e não he huma riqueza dobrada os muitos e valiosos effeitos da Costa do Brazil, juntamente com as pedras preciosas e o abundante oiro do seu centro?

Além de que, se os Portuguezes não povoassem estas minas, os Hespanhoes ha muitos annos estarião em Mato Grosso, e no alto, rico, e vedado Paraguay; e hirião gradualmente estendendo as suas possessoens até Goyaz, e Minas Geraes; se estas Capitanias não forão povoadas pelo oiro, que nellas achamos, elles ás descobririão: esta nação nossa rival, sobranceira á costa do Brazil, fronteira, e a mais recta via para a Europa, Africa, e Asia, não buscaria nella hum porto, que as indefezas, é largas veredas do sertão lhe abri-

rião? Por isso mesmo que a sua costa do mar do Sul he na maior parte esteril, e ainda que o não fosse, a longa e perigosa navegação de 8 e 10 mezes para a Europa lhe dificulta a exportação mutua da Capital com tão vastas Colonias. Estas reflexoens, que tem dado assumpto a diversos discursos de muitos politicos, me animarão a metter a foice em seara alheia.

A ponderada desigualdade da balança do Commercio para Mato Grosso, só a carreira do Pará, e a povoação do Salto póde equilibrar: hum negociante desta carreira com 3 ou 4$ cruzados carrega huma canoa dos generos que póde conduzir: esta canoa depois de carregada com sal, ferro, aço, frasqueiras, &c, ainda póde trazer, e traz 30 ou 40 fardos de fazenda, que valem até 12$ cruzados, sem augmentar a carga, nem fazer com elles huma particular despeza.

Os escravos, que comprão no Pará, ainda que custem mais caro 30 ou 40$ reis do que no Rio de Janeiro, vem a ficar em Mato Grosso pelo mesmo preço, pois se poupão pelo menos 20$ reis de hum remeiro, e 14 de entradas e direitos.

O Commerciante do Pará não póde vender os seus generos apressadamente, porque como são da primeira necessidade, só com ella se comprão. 100$ reis de fazenda de luxo não vestem hum homem de huma vez, e sustentão huma fabrica de 40 escravos hum anno, quando os preços são modicos.

He verdade, que os ganhos dos negociantes do Pará não são tão grandes, nem tão repentinos, pela dobrada demora da sua vinda, como os do Rio de Janeiro, e da Bahia.

Este facto constantissimo he a mais forte razão, que evidentemente demostra o quanto a carreira do Pará, que não fornece rapidas fortunas, he a mais propria, necessaria e equivalente para conservar o necessario equilibrio entre o commercio e as mi-

nas, ficando igualmente evidente quanto a navegação do Pará he propria e de urgente necessidade para prosperar a Capitania de Mato Crosso, merecendo por tantos motivos todo o auxilio e favor.

A mesma urgencia de maior commercio exige a Capitania do Pará; pois a pezar da privativa e abundante producção dos muitos effeitos, que lhe são proprios, derramados por toda a extensa amplitude do vastissimo Paiz das Amazonas, se acha ainda muito longe de encher as positivas esperanças, que conhecidamente promete, quando por ser huma fronteira a Francezes, Hollandezes, e Espanhoes, e hum porto de mar aberto, e de dificil defensão, e em fim huma chave, que fexa pelos rios Tocantins, Xingú, Topajós, e Madeira, a facil communicação, com que por estes grandes confluentes do Amazonas, se póde, navegando-os, penetrar até o interior da maior parte do Brazil, necessita por tantos motivos, que as suas forças e população se augmentem, o que só póde conseguir por hum maior fundo de commercio, que chamando áquelle porto maritimo o ouro destas minas, lhe facilite cazas de negocio de maior fundo, que possão importar, além dos generos que lhe são precisos, e a escravatura para a sua cultura, hum excedente de todo este commercio, com que possa fornecer a Capitania de Matto Grosso.

Comparando a situação geografica da Cidade do Pará com as duas da Bahia de todos os Santos, e do Rio de Janeiro, ambas ellas as mais florecentes, ricas e populosas de toda a costa do Brazil, e reflectindo que estas duas potentes Cidades não devem a sua grandeza e augmento unicamente aos effeitos das Capitanias, de que ellas são capitaes, mas tambem ao grande commercio, que fazem para todas as minas; commercio, que lhes facilita pela pronta venda dos muitos effeitos, que recebem da Europa a extracção dos proprios haveres, de que resulta animar-se a agricultura d'aquellas duas Capitanias, augmentando o negocio activo, que fazem com a costa d'Africa. E sendo certo, como he, que os muitos effeitos que exportão estas duas Capitanias para a Capital, não só os póde produzir o estado do Pará na maior abundancia, mas excede-las em outros muitos generos, que lhe são privativos, como são sarçaparrilha, cacao, cravo, baunilha, &c., fica, segundo parece, demonstrado que para o Estado do Pará se emparelhar á proporção da sua situação, e do relativo commercio, que póde pelo seu porto maritimo importar para as minas, só lhe falta o mesmo grande rumo do commercio, que tem levantado aquellas duas Cidades, sobre as outras suas visinhas da larga-costa do Brazil; commercio, que á proporção do Estado actual destas minas, e do que ellas promettem, só lhe póde facilitar a Capitania do Matto Grosso, e ainda o Cuyabá, da qual receberia annualmente em ouro em barras mais de duzentos mil cruzados, que segundo o calculo mercantil he fundo para negocio de hum milhão; e á proporção do giro deste maior fundo, será consequentemente reciproca a utilidade destas duas Capitanias, que exigia cada anno auxilios externos para a sua ordinaria despeza.

O commercio, esse vigoroso esteio das Monarquias, que arrostando *mares nunca d'antes navegados*, e ignotos e contrarios climas, liga as extremidades da terra, estabelecendo-se nos mais reconditos portos do vasto Oceano, e no centro das mais affastadas e estranhas naçoens, com o que suprindo as necessidades de todos os povos, e comprando-lhe o seu superfluo, anima as artes e a agricultura; não virá este commercio do Pará, e de Lisboa, estabelecer-se com maior segurança em 40 dias de tranquilla navegação, no seio de huma só importante colonia, fertil, saudavel e rica nos

effeitos, que a Europa consome, e no meio talvez dos seus patricios e parentes? Logo que o justo interesse, que guia a todos os homens, lhe segure com a constante certeza cada anno na Cidade do Pará as encantadoras barras de ouro, que Mato Grosso gostosamente lhe irá entregar? Eu não me persuado do contrario: o giro do commercio he hum canal que, superando huma vez as dificuldades que encontra, adquire nova força, e cada dia se amplia mais e mais.

Com elle podia Villa Bella vir a ser huma escala, por onde se podia levar o commercio até o Cuiabá, este maior consumo augmentará o seu giro e fundos, diminuindo pela mais pronta e maior venda os preços das importantes fazendas, logo que a povoação do salto aplane as difficuldades, que até hoje tem obstado a esta necessaria navegação.

Para a pag. 16.

Distancias dos lu[...] do Pará até			
	LUGA[...]	[...]g. a [...]ão.	Total das leguas de navegação.
Amazonas.	Da Cidade do Par[...] Moz na boca d[...]		100
	De Porto de Moz [...] boca dos Tapajo[...]		162
	De Santarem a Pa[...]		185
	De Pauxis á foz [...]		270
Madeira.	A primeira [...]		186
	Da foz do Madei[...] até á boca do A[...]		456
	Do Abuná até á [...] moré com o Ma[...]		245
Mamoré.	Da dita junção at[...] do Guaporé com[...]		44
Guaporé.	Da foz do Guapo[...] do Principe.		
	Do dito forte á G[...]		
	De Guarajús ás T[...]		
	Das Torres ás Pi[...]		
	Das Pitas á boca [...]		
	Do Rio Verde a [...]		205
	Somma tota[...]		764

Para a pag. 16.

Distancias dos lugares mais notaveis da Navegação da Cidade do Pará até Villa Bella, Capital de Mato Grosso.

	LUGARES.	Rumos.	Dist. em linha recta.	Dist. seg. a navegação.	Total das leguas de navegação.
Amazonas.	Da Cidade do Pará até Porto de Moz na boca do Xingu.	O	69	100	100
	De Porto de Moz a Santarem na boca dos Tapajos.	O	49	62	162
	De Santarem a Pauxis.	ONO	20	23	185
	De Pauxis á foz do Madeira.	O	74	85	270
Madeira.	A primeira Caxoeira.		186		186
					456
	Da foz do Madeira no Amazonas até á boca do Abuná.	SO	179	229	
	Do Abuná até á junção do Mamoré com o Madeira.	S	14	16	245
Mamoré.	Da dita junção até á confluencia do Guaporé com o Mamoré.	SSE	31	44	44
Guaporé.	Da foz do Guaporé até o forte do Principe.	SE	14	21	
	Do dito forte á Guarajús.	ESE	60	89	
	De Guarajús ás Torres.	E	20	33	
	Das Torres ás Pitas.	ESE	7	17	
	Das Pitas á boca do Rio Verde.	SE	4	8	
	Do Rio Verde a Villa Bella.	SSE	22	37	205
	Somma total da navegação de Villa Bella até o Pará.				764

effeitos, que a Europa consome ...

GEOGRAFIA.

Continuação da Memoria sobre a Capitania do Seará, continuada do N.° 1.° pag. 46.

ARTIGO III.

Do Politico do Seará.

§ 43. *Conclusão*

Á Vista do que se ha expendido atê aqui, he para admirar o atrazamento, em que tem estado esta Capitania, apezar de ser povoada a mais de duzentos annos; com tudo, como se vê, ha grandes recursos, e meios infinitos de se prosperar, e fazer rapidos progressos: as causas disto forão já conhecidas pelo Sabio Ministerio, a onze annos, sobre que se derão providencias as mais activas, e circunspectas, particularmente para remediar o desarranjo, em que se achavão as finanças Reaes, cujos resultados são os que se vão notando no progressivo interesse, que ella vai dando ao Estado. Vejamos agora entre tantos recursos Fizicos quaes serião os mais interessantes a promoverem-se em utilidade particular do mesmo Paiz, e augmento geral das rendas do Estado; e he sobre que passo a discorrer o mais succinto que me for possivel depois de dar huma idéa da sua População, sem porém entremeter-me em dizer cousa alguma sobre o aproveitamento em geral de suas ponderadas Minas, e Vegetaes.

§ 44. *Sua População.*

Sendo porém esta Capitania tão vasta, he de admirar a sua bem diminuta e desfalecida população, que apenas montará a cento e cincoenta mil habitantes de todas as classes, e estes pela maior

parte de pessima qualidade ; porque huns são Indios originarios do Paiz, Entes de si mesmo ineptos para se felicitarem, ou para fazerem a felicidade dos outros, ou seja por natureza e sua constituição fizica, ou por falta de educação, ou por algum capricho particular &c., outros são provenientes destes com os negros, cuja raça indigna constitue o maior numero della, conhecido com a vil denominação de *Cabras*, outros são nascidos dos mesmos Indios com os Brancos, que faz huma diminuta parte da população, verdadeiros Mamalucos, porque ha outra raça impropriamente assim chamada, proveniente da mistura de todas as outras classes entre si; a outra classe em fim a mais diminuta he a dos Brancos, oriundos de Portugal: huns, e outros, porque o Paiz lhes he favoravelissimo, por lhes subministrar com liberalidade multiplicados meios de facil subsistencia, na abundancia de raizes ou batatas, e de infinitos frutos silvestres, e de immensa Caça, e Pesca, por isso mesmo de ordinario muito preguiçozos, e indolentes, com particularidade os Indios, Cabras, e Mamalucos, que são em extremo vadios, disolutos nos costumes, e cheios dos vicios, que póde produzir no coração humano huma vida livre e licenciosa no centro da mais crassa ignorancia, donde provém nelles a falta de sentimentos, e de virtudes moraes, e outros vicios já pouco estranhados contra todos os direitos da natureza e da Sociedade.

§ 45. *Distribuição da população.*

He comprehendida esta população em dezoito Villas, cinco de Indios, e treze de não Indios, alem de algumas Povoaçoens; cada huma he governada por seus respectivos Capitaens Móres, e Juizes Ordinarios, e todos Subordinados ao Governo Geral da Capitania, Residente na Villa da Fortaleza, que he a Capital, e de hum Ouvidor e Corregedor &c.

§ 46. *Costumes em geral dos habitantes.*

Vivem estes habitantes pelo commum da caça, da pesca, e da pequena cultura da sua mandioca, de algum milho, e feijoens, juntamente com o que plantão tambem algodão para se vestirem; e para isto buscão as serras e os lugares alagadiços da beiramar: com tudo a demanda effectiva do Algodão os tem animado a esta plantação, sendo por isso hoje o unico genero de sua commutação: o maior cuidado porém nelles he a criação do gado vacum, objecto, que tem sido em outro tempo mui consideravel, e lucrativo naquella Capitania, pela grande extracção das carnes secas, hoje porém he muito diminuto, porque ha conduzido todo o seu gado vivo para Pernambuco, onde a necessidade, e circunstancias fazem reputar humas vezes bem, outras muito mal.

§ 47. *Seus trabalhos.*

Com esta mania da criação exclusiva do gado vacum, desprezão aquelles Habitantes muitos outros meios de se prosperarem, como seja a criação das ovelhas pelo importante objecto das lans (que aliás não he ali das mais inferiores), visto que se cria e se multiplica esta sorte de gado sem custo algum, e de que jámais elles aproveitão hum só vello.

§ 48. *Deve-se proteger a arte pastoril.*

A grande extenção de terreno inculto do sertão, e de que tarde ou nunca se poderá tirar partido pela Agricultura, e no qual pela abundancia de seus excellentes pastos se crião, e prosperão facilmente immenso gado, e outros animaes domesticos, parece persuadir o particular cuidado da criação destas duas sortes de gados vacum, e lanar, assim

como do cavallar, cuja raça pela robustez e valentia, com que são alli dotados, se faz recommendavel: o cuidado deste artigo he tanto mais serio, quanto he nelle que está o maior interesse actual das Rendas Reaes pelo annual embolço do producto dos Dizimos &c.

§ 49. *O mesmo da arte piscatoria.*

O mesmo que digo da arte pastoril penso da piscatoria: por quanto comprehendendo, como comprehende, aquella Capitania huma tão dilatada Costa de mar em muitas lagoas povoadas, como disse, de immensa quantidade, e de raridade de peixes, e tartarugas, parece incontestavel que este artigo não deve menos occupar o segundo lugar dos trabalhos publicos do Paiz, visto que seus habitantes, com especialidade os de beira mar, assás bem inclinados a este exercicio, (particularmente quando as secas, e a necessidade os obriga), acharião nelle relevantes recursos, e o Publico hum meio de os ter sempre occupados; pois que não sendo, para elles todo o tempo apto e conveniente nem para o cultivo das terras, nem necessario para huma effectiva vigia, e guarda dos seus gados, que felizmente vivem dispersos por toda a parte, no tempo da seca ou verão; suffocando-se pelo exercicio da pescaria a sua ordinaria e quasi innata propensão para a ociosidade; por huma parte augmentar-se-hia a massa geral dos livres, e com ella a população, visto que esta sempre está na razão directa da facil subsistencia, e de outra parte pondo-se em movimento outros muitos trabalhos publicos, e facilitando-se o consumo das suas producçoens, serviria isso não menos de escola e Seminario para a Marinha Nacional; razoens estas igualmente attendiveis até mesmo em contemplação da grande extensão, e situação local do Paiz, para se

prevenir, e remediar talvez as esterilidades, que muitas vezes sobrevem, não tanto pela falta das chuvas, como por huma mal regulada conducta de economia publica, e privada, faltando ordinariamente por negligencia, e perguiça o peixe quasi sempre nos povoados mais notaveis.

§ 50. *Aproveitamento das Salinas.*

Com este exercicio da pescaria de certo não se deixaria de sustentar o aproveitamento das multiplicadas, e ricas Salinas, que, como disse, ha por toda aquella Costa do Mar, e com ella augmentar-se-hia tambem o seu Commercio, e os interesses da Coroa.

§ 51. *Protecção da Agricultura em geral.*

Não deve ser menos attendido o que diz respeito a Agricultura do Paiz, pois que sem hesitação deve alli merecer o primeiro dos cuidados politicos, huma vez que he constantemente sabido ser a Mãi do Genero Humano, e a origem primaria, e inesgotavel de toda a prosperidade publica, pela dupla vantagem de contribuir mais do que nenhuma outra, tanto ao augmento da população, como a hum vantajozo, e activo Commercio.

§ 52.

A fecundidade das terras elevadas e montanhosas da Capitania, proveniente da natureza do seu torrão, de hum continuado orvalho matutino com que se cobrem, do estado de huma athmosfera constantemente humida, e carregada de gazes, e da maior abundancia de agoas, e vertentes; e não menos a dos terrenos de beira mar alagados e apaulados, e cheios de vertentes, e lagoas quasi peren-

nes, e profundas, como tenho mencionado, e onde por isso mesmo huma vegetação prompta, e activa trabalha com facilidade em quasi todos os entes do Reino Vegetal, efficazmente persuade o seu trabalho; promettendo os seus habitantes constantes, e fecundissimos recursos á publica felicidade: na abundancia de todos os generos necessarios, e importantes: donde parece que só este artigo será capaz de conduzir, e de elevar aquella Capitania ao maior auge de huma grandeza real, fazendo até escurecer as vantagens, que lhe podem produzir os outros dois ponderados Artigos.

§ 53. *Introdução da cultura de muitos vegetaes exoticos.*

Quem duvidará pois de quanto póde ser-lhes interessante, além da plantação do seu algodão, a introdução da cultura de muitos artigos de vegetaes exoticos, como o anil, o caffé, o cacao, o urucú, assim como o da cana de assucar, e do arroz, trabalhos estes ainda muito diminutos alli, porque todos estes generos vegetão felizmente nesta Capitania como se fossem indigenos? O mesmo que digo destes, digo de muitos da India como a canela, o cravo, a nozmoscada, a pimenta &c., visto que algumas destas plantas, que já alli ha, prosperão muito bem, taes são a canelleira, e o gengibre: estes habitantes porém, além do mao cultivo das suas mandiocas, e de alguns legumes, pouquissimas canas, algodão, e arroz, cuja colheita sem duvida já he consideravel, de nada mais fazem conta, na intelligencia de que fóra disto nada he interessante, destruindo e consummindo com os seus mal entendidos roçados annuaes para isso excellentes matas virgens, no que o estado por força ha de vir a ter incalculaveis perjuizos.

§ 54.

A' vista do que, persuado-me não seria desacerto se o Governo tivesse sobre tão importante objecto vistas mais circunspectas, impedindo-se de alguma sorte este pernicioso abuzo na destruição continuada das matas virgens, como para que se cuide em conservar e melhorar as poucas, que ainda ha perto do mar, e se promovão como he facil novas plantaçoens das mais preciosas arvores perto do mar, o que de certo para o diante daria immenso interesse á Real Fazenda.

§ 55. *Proteção ao commercio.*

Finalmente está bem sabida maxima — *Non omnis fert omnia tellus* — mostra que jámais paiz algum culto póde deixar de ter multiplicadas necessidades á proporção do seu augmento, e civilização, ainda que elle possua em si superabundancias de generos da primeira e segunda necessidade, e de avultados productos de seus trabalhos civis; porque então suas precisoens se estendem, e se multiplicão á proporção do seu crescimento.

§ 56.

Para satisfazer-se a estas precisoens nascidas humas vezes da mesma natureza do homem, outras de seus dezejos e apêtites, outras em fim de certos estimulos, ou necessários ou superfluos, que o obrigão com tanta força como as necessidades da primeira ordem, então he necessario valer-se dos sobrantes das producçoens dos trabalhos, se os tiver, para trocallos pelo que lhe falta: eis-aqui pois a necessidade do commercio, que será tanto maior, quanto mais for multiplicado o numero das precisoens; sendo com tudo certo que muitas vezes se

74

troca o mais necessario, pelo que he menos, ou só he util, e este pelo que he agradavel; mas isto mesmo he commutação, visto que desta sorte se obtem o que mais se precisa.

§ 57.

E de que servirá a aquelles habitantes o sobrante dos coiros dos seus gados, as lans das suas ovelhas, e as demais sobras do producto da sua cultura, que tiverem, senão buscarem facilitar pelo commercio o seu consumo, na sua prompta troca, a fim de promover o augmento progressivo da sua prosperidade? Todos sabem pois que o commercio he o unico canal, por onde se derrama em hum paiz a abundancia, as riquezas publicas e particulares, as luzes e os mais importantes conhecimentos, e em fim a geral satisfação dos povos, atraindo a si; pela necessaria concurrencia de diversos individuos, tudo quanto he util, e de proveito, para fazer o homem mais civil, polido, docil, pacifico, tractavel, e emprehendedor de grandes cousas, no que consistem as delicias das sociedades.

§ 58.

A' vista do que, quem não tem que trocar pelo que lhe falta, não póde certamente ter commercio algum, e por consequencia jámais será feliz, consumindo a sua existencia como selvagens no centro da mizeria e da ignorancia: donde parece que a nossa Capitania do Seará para crescer em população e prosperar-se deve ter em vista augmentar os trabalhos ponderados a fim de que possa ter sobrantes de tudo, e delles fazer a sua commutação, por meio ou de hum commercio interior, ou fazendo-os exportar para a Europa; no que não me canço mais em persuadir huma verdade

assás conhecida. Com tudo he necessario que nisto se interesse o Governo daquella Capitania fazendo introduzir, animar, e promover tão importante negocio, ainda mesmo repelindo todos quaesquer obstaculos que encontre; de outra sorte jámais ella será interessante, como póde ser ao Estado, nem seus habitantes melhores, nem mais felizes.

HISTORIA.

Extracto da Historia da Capitania de Goyaz, ordenada pelo Cirurgião Mór José Manoel Antunes da Frota.

NÃO querendo perder noticia alguma deste vastissimo Continente, aproveitamos de qualquer obra, que chega á nossa mão, qualquer conhecimento, que possa hum dia servir á Historia interessantissima deste novo mundo. Evitando porém aquellas difusoens, em que se espraião escritores mediocres, as apresentamos despidas de vãos ornatos e de superfluas reflexoens. Desta maneira conciliamos a utilidade com a brevidade.

Segundo o Author, a Cidade de S. Paulo he situada na latitude de 23° 5', e na longitude de 333° 50', e sendo pouco consideravel nos seus principios, os seus moradores forão descritos pelos escritores estrangeiros com infames caracteres. A severidade, com que forão tratados os Indios por estes primeiros habitantes os fez tão bravios e çafaros, que dahi proveio a dificuldade, com que tem sido reduzidos alguns poucos, e outros se tem absolutamente esquivado a todo o commercio e civilisação. A prudencia de alguns Generaes tem todavia dissipado este embaraço. O Excellentissimo D.

Francisco de Souza Coutinho, governando o Grão Pará, conciliou no rio Aragaya o gentio Carajá, que costumava infestar aquelle rio, e acometter aos viandantes, que subião para Minas, ou descião para o Pará.

Este sabio General havia então principiado a navegação do Rio Aragaya para as minas de Goiaz; e vendo que no rio dos Tocantins residia o feroz gentio Apinagé, o qual andava sempre de corso atravessando a parte do Norte para o Sul do rio Aragaya, insultando os que subião pelo rio Tocantins para o pontal do Norte, como os que navegão pelo Aragaya para a capital de Goiaz; e que chegarão ao arrojo de accommetter a Villa de Cametá, meia legoa em distantancia d'aquella, e huma das villas mais notaveis em exportação e população, que tem a Capitania do Pará, se applicou seriamente a domestica-los.

Para este fim mandou collocar na barra do rio Tocantins hum grande registro com perto de 300 homens, com primeiro e segundo Commandante, Cirurgião, Botica, e Capellão; e ordenou que se tratasse muito bem aquelle gentio Apinagé, acariando-os por todos os modos possiveis; roçando e plantando, não só para proverem á sua subsistencia, mas tambem para desafiarem os animos daquelles barbaros, mostrando-lhes a necessidade do trabalho para ser util a si e ao Estado.

Vio o Gentio com pasmo dentro das suas mesmas terras aquelle numero de homens, que lhe não empecião, antes abundavão de mandiocas, algodão, arroz, e fructos, como bananas, ananazes, &c.; e admirou a superioridade da cultura e dos instrumentos, que a facilitavão. Porque aquelles, de que usava aquelle gentio, em falta de ferro, se reduzem a huma especie de machado ou maço feito de pedra rija, com que vão amassando o páo até que de todo se contunde, e cahe. Feita assim

a roça, queimão só as folhas das arvores, deixando os ramos por queimar. Estas importantes liçoens, e o bom tratamento que receberão os Apinagés, os induzirão a descerem pelo rio Tocantins, e chegando á Capital do Pará pedirão a aquelle prudente General paz e protecção; e receberão as mais vivas demonstraçoens de ternura e gazalhado, segundo as tenues forças daquella Capitania.

O gentio Murá, que infestava todo o rio das Amazonas, tambem se pacificou durante aquelle mesmo governo; passando de attacarem os que navegavão o rio Solimoens a recebe-los risonhos e alegres; e situando suas malocas e choupanas nas margens daquelle rio.

A grande Villa de Santarem, huma das mais populosas do rio Amazonas, abundante em cacáo, cravo e sarsaparrilha; e a de Villa franca, que lhe fica immediata; erão accomettidas pelo gentio Monducurú, que nellas fazia grandes estragos. A ferocidade daquelles barbaros, que ouvião impavidos o estrondo dos tiros sem arredar pé, tinha embaraçado as lavouras daquellas duas Villas; e o mencionado General não podendo pela qualidade do local estabelecer alli hum registro, mandou ao Commandante daquella Villa, que então era o Tenente Coronel Salgado do Registro de Macapá, que juntasse huma grande tropa, e os perseguisse até os seus domicilios, sem que empregasse hum só tiro a mata-los, mas sim lhes fizesse ver a força e o poder que tinha. Bastou o terror, que infundio hum similhante armamento, para pedirem paz.

Manoel Correia, homem da plebe, foi o primeiro que no anno de 1719, vendo-se em S. Paulo, sua Patria, opprimido da indigencia, penetrou o sertão em demanda de gentios, que aterrados com o estrondo das armas compravão a vida a preço da liberdade. A ignorancia de Correia não nos deixou huma idéa perfeita da sua jornada; porque

sem embargo de que apparecerão alguns papeis escritos da sua mão, que erão como o seu roteiro, estes estavão tão desarranjados e confusos, que nada se póde bem conhecer delles.

Sabe-se porém que foi grande a preza que fez daquelles gentios, que vendeu na Cidade de S. Paulo e suas visinhanças, com lucro não pequeno. Quando porém todos esperavão que trouxesse huma grande porção de ouro, appareceu com dez oitavas, que naquelle tempo valia a 1500 reis. Esta pequena porção foi consagrada a N. S. do Pilar da Villa de Sorocaba, na comarca de S. Paulo, do qual ouro unido a maior quantidade se fez huma coroa para a mesma Senhora, a quem com razão se devião offerecer as primeiras descobertas de tão precioso metal. Esta noticia inflammou o animo daquelles habitantes, e indagando de que lugar o havia extrahido, para terem igualmente parte nos lucros, e nos trabalhos, affirmou que o extrahio do Rio dos Araes com hum prato de estanho, e que para hir a este rio, passara outro muito grande. Estas palavras, que são as formaes de Correia, mostrão bem o seu talento, pois sem marcar o rio e altura, em que o tirara, se recolheu tão ignorante, como sahio da sua Patria.

Esta foi a primeira noticia que vagou de haver ouro no sertão de Goyaz. Mas antes de passar adiante notarei a credulidade, com que se recebeu hum facto contrariado pela experiencia dos mineiros. Que Manoel Correia tirasse ouro, eu não duvido, pois he farta delle aquella Capitania, mas que mettendo hum prato achasse a quantidade que disse, he mais exageração que realidade, pois vemos todos os dias que este metal se entranha em veeiros pela terra, e por pedreiras, de sorte que á custa de duros trabalhos e consumição de muito ferro e aço, he feliz o mineiro que no fim da Semana recolhe huma oitava pelo jornal de cada escravo.

Nas memorias deste homem se encontrão incoherencias, que devo declarar para desabuso de muitos, que julgão as minas melhores do que são, cuja fama de riqueza he exagerada nos paizes remotos, como a Ophir de Salomão, sendo aliás tanto pelo contrario, que os agricultores das abas do Gerez e da Serra de Marão não vivem opprimidos de tantas miserias, como muitos naquelle Continente das minas.

Quem se capacitará que os Indios lhe mostrarão e derão folhetas de ouro, se elles ignorão o seu uso, o seu prestimo, a sua utilidade? A perguiça nelles he habitual, e para a extracção deste metal não só se necessita de trabalho, industria e arte, mas ainda de instrumentos, de que nunca tiverão o menor conhecimento.

Governava neste tempo a Cidade de S. Paulo, Rodrigo Cezar de Menezes, da Casa de Sabugoza; e como no animo deste fidalgo havia aquella nobreza, que lhe havião dado o berço e a educação, pôz todo o cuidado em augmentar os dominios da Coroa Portugueza, debilitada pelo jugo de 60 annos, e dilatando a vista por todos os que serião capazes de tentar as novas descobertas por impenetraveis sertoens, convocou á sua presença os moradores mais dignos, e que estavão em melhor estado de tentar huma jornada, que sem dispendio da Real Fazenda fosse proveitosa á nossa coroa, e fallando nesta materia lhes disse assim:

,, Senhores. — Vós sois Portuguezes, em quem
,, não está manchada a pureza daquelle generoso
,, sangue, que corre pelas nossas veias; não ten-
,, des o animo abatido de algumas guerras, em
,, que não ficasseis vencedores; a que tendes de
,, fazer he com gentios barbaros e sem disciplina
,, militar, que facilmente vos cederão o campo de
,, batalha ao primeiro estrondo das vossas armas,
,, que disparadas sem ballas assustem mais que

77

,, damnifiquem. A caridade deve ser toda a vossa lei na conquista destes homens, e supposto sejão vastos os Sertoens, que tendes de penetrar, comtudo a fama não se adquire sem grande trabalho; o serviço que fazeis he duas vezes recommendavel, huma porque reduzireis ao rebanho do Senhor tantas almas desviadas do caminho de Jesu Christo; outra porque fareis ao nosso Soberano hum serviço, que será todo do seu agrado; que eu da sua parte vos prometto a recompensa dos vossos trabalhos, e os agradecimentos do mesmo Senhor; augmentareis a vossa gloria, augmentando o numero de vassallos á Coroa de Portugal, e os seus futuros netos serão outros tantos padroens, que perpetuem de geração em geração a fama dos vossos nomes, que serão respeitados dos nossos com pasmo e dos estranhos com inveja. ,,

Dito isto, Bartholomeu Bueno, ou por mais intrepido, ou por menos experto nas difficuldades da jornada, se offereceu a si, e ao seu cabedal para a nova descoberta, que era tanto mais dificil, quanto menos entendia de Geographia para demarcação de tão dilatadas terras. Chegado o dia da sua partida, e feitos os obsequios, que a urbanidade inventou, despedio-se do Governador em 1721, e dos mais amigos, que sobre a sua ida fizerão diversos juizos; huns accusando a sua temeridade, por se expor a huns barbaros, que ignoravão os minimos estimulos da piedade; outros invejando as futuras felicidades, que a esperança promettia, e universalmente se discursava, segundo a opinião de cada hum.

Como as descobertas já passavão por mofa, levou Bartholomeu Bueno na sua companhia hum seu filho do mesmo nome, de 12 annos de idade, como se este fosse o patrimonio, que lhe deixava; e caminhando sem rumo por descarnados sertoens,

chegarão depois de longas e perigosas marchas ao lugar hoje denominado o arraial do Ferreiro, onde se demorarão, ou fatigados de tão prolixa jornada, ou desmaiados da empreza, em que se metterão.

Trazia Bartholomeu Bueno mais de seis mezes de viagem, perigosa na realidade pelo temor do gentio Caiapó, e temivel pelas feras, de que ainda hoje abunda este caminho de S. Paulo, apezar da frequencia dos viajeiros; e como já pela estrada de Minas Geraes, e pelos rios caudalosos, donde se fazia a navegação para as minas de Cuiabá, intentou Bartholomeu Bueno descobrir por Goyaz huma nova estrada mais facil e direita, que em menos tempo se transitasse para este novo Continente, de que não fallamos por ser nosso intento descrever sómente o de Goyaz.

Faltava-lhe porém mantimento e dinheiro para poder progredir. A esperança era nenhuma, pois os sertoens impossibilitavão as conduçoens, que se poderião enviar de S. Paulo, e ainda quando se podessem fazer, ignorava-se o rumo, porque viajavão, e o sitio em que se tinhão estabelecido; o que tudo fez desmaiar a Bartholomeu Bueno contentando-se com a descoberta de Goiaz, e não passando do lugar, de que acima fallámos, que denominarão o Ferreiro, por hum escravo, que Bueno trouxe deste officio, que por ordem delle armou alli a sua tenda para fabricar enxadas e outros utensis, de que havia não pequena necessidade.

Erão todas estas brenhas habitadas de gentios chamados Goyaz, donde tomou esta Capitania o nome: com elles tratou Bueno, falto de boa fé. Com capciosas apparencias alliciou os primeiros para melhor captivar os outros, e com fé Carthagineza se apossou do que pode, e conduzio encorrentados para S. Paulo a estes miseraveis, que não tinhão outro delicto mais que nascerem nestes climas. Muitos forão vendidos como escravos, outros ficarão

no seu serviço, experimentando as durezas do seu cativeiro.

Entrou Bueno por sua patria, levando apoz si tantos Indios, quantos serião bastantes para a povoação de huma villa mediana: os clamores dos vivas soavão pelas casas e pelas ruas, huns por paixão, outros por interesse, e como se estes ecos não coubessem nos recintos da Cidade, forão-se dilatando pelos campos, donde concorrerão os lavradores, que a troco de mantimentos achavão escravos para o seu serviço, á proporção das lisonjas que espalhavão.

Bem observava o Governador, como bom politico, a injustiça de taes procedimentos: mas conhecendo o animo dos povos que governava, e attenta a severidade, com que justamente devia suffocar estas acçoens, ou tolerou, ou affectou de não conhece-los reservando a seus successores cohibir aquelles excessos iniquos.

O Excellentissimo José de Almeida, Barão de Mossamedes, e depois Visconde da Lapa, que governou a Capitania de Goyaz, foi o primeiro que deu acertadas providencias para cathequizar n'aquella Capitania o Gentio Caiapó, de que abunda o seu Continente do Sul. Este gentio não he do mais feroz, mas he de muito corso, mais perguiçoso que os outros; não fazem roças, antes vagando aqui e alli roubão aos moradores as suas, e matão-lhes os gados. Este prudente General formou huma aldeia delles, a que deu o nome de S. José de Mossamedes, distante da Capital quatro leguas, por detraz de huma serra dourada; esta he abundante de ouro em pedra e em pó, e de muito boa conta, porém como he muito eminente, não tem agoa em cima para lavar o ouro, e fazer os seus desmontes; tem pedra jaspe, e abunda de arvores de papel verdadeiro. Nesta aldeia conseguio este General ter o numero de 800 a 900 arcos;

entende-se por cada arco hum gentio, além de muitas mulheres e crianças.

O Visconde da Lapa sujeitou o gentio Caiapó com toda a docilidade, não praticando força alguma de coacção, mas brindando-os, e agradando-os muito com differentes dadivas, já de machados, foices, facas, e outros utensis, já cobrindo a sua nudez e a suas mulheres e filhos, e os foi pondo nesta aldeia, ensinando-os a roçar e plantar, e ainda que este gentio, como já disse, he o mais perguiçoso, com tudo não consentia o General que fossem violentados, até que se forão domesticando e gostando do mesmo a que a sua inacção os tornava repugnantes.

Foi rende-lo o Excellentissimo Luiz da Cunha e Menezes; ao qual succedeu seu irmão Tristão da Cunha e Menezes. Este General olhou para esta qualidade de gente com commiseração, e procurou ter os povos em quietação, formando huma nova aldeia delles, no lugar chamado o Carretão; e a tempo que naquella Capitania já então se hia sentindo grande decadencia nas fabricas, tanto de ouro, como de engenhos. Este foi rendido pelo Excellentissimo D. João Manoel de Menezes. Este General tinha boas intençoens e dezejava acertar; porém infelizmente não sabia fazer escolha dos homens, e dava ouvidos a muitos que o illudião; e como neste tempo existia nesta Capitania seu antecessor, a intriga se dividio em dois partidos, hum por parte do General existente, outro do precedente.

Os resultados desta perniciosa intriga forão mandar o Governador a Camara para fazer sahir d'aquella Capital o seu antecessor; e depois de algum tempo ser pela mesma Camara prezo o mesmo General, sem para isto preceder ordem positiva de S. A. R.

Este General quiz dar algumas providencias aos

insultos, que fazia o Gentio Caiapó no Continente do Sul, porém foi illudido pelo Major. . . .

Este Major foi authorisado por huma Portaria do Excellentissimo D. João como Inspector Geral e Reformador das Aldeias dos Indios e Conquistador do Gentio Caiapó. Este falto de luzes e de pratica, enthusiasmado de hum poder absoluto, entrou a fazer a guerra ao gentio Caiapó, e a maltrata-lo de tal sorte que entrava pela Cidade cheio de ufania, trazendo os desgraçados gentios, huns prezos com grossas cadeias, outros ligados com as mãos para traz: alguns ainda feridos de tiros. Erão mandados estes infelizes huns para a Aldeia do Carretão, outros para a de S. José de Mossamedes, e em menos de dois mezes tudo desaparecia, e sentião os habitantes d'aquelle Continente tanto ou maiores roubos e vexames do Gentio, do que sofrião antes d'aquelle procedimento.

Parece-me não ter faltado á verdade, nesta minha narração sincera e desalenhada, como promette a minha ignorancia. &c.

POLITICA.

Papel que se offereceo ao Serenissimo Rey e Senhor D. João IV, em que se mostra ser conveniente para os augmentos do Reino conservar-se nelle a Gente da Nação. Pelo Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus.

SENHOR.

Ainda que a particular Providencia, com que Deos tem assistido á restauração, e conservação, de Portugal, e a boa fortuna de V. M., verdadeiramente grande, como em tão diversos casos se tem experimentado, nos estão prometendo a continuação de felicissimos successos, e parece, que estão segurando-nos a perpetuação do Reino; com tudo, como todas as coisas humanas estão sujeitas á inconstancia dos tempos, e nenhuma mais que as Monarchias, aquellas principalmente, que tendo inimigos visinhos, e poderosos, por estarem em seus principios, não tem ainda lançado firmes raizes; o amor da Patria, o zelo do Reino, o dezejo de que a Coroa de Portugal se perpetue sem fim na gloriosa Descendencia de V. M., e a mesma Providencia Divina, que sempre quer ser ajudada da diligencia, e industria humana, obrigão a hum muito leal, e muito obrigado Vassallo de V. M. a que, prostrado aos seus Reaes pés, represente a V. M. neste papel os perigos, que se podem temer neste Reino, e os meios eficazes, com que se lhe deve acodir, e procurar os seguros da sua Conservação.

O Reino de Portugal, Senhor, não melhorando do estado em que presentemente o vemos, póde-se duvidar da sua Conservação; porque, ou a consideremos fundada no poder proprio, ou no alheio, hum, e outro estão não prometendo aquella

firmeza, que he necessaria. O poder alheio, em que se funda a conservação de Portugal, he a diversão, que fazem a Castella as armas de França, e ainda que emquanto esta durar, parece, que estamos seguros, como até agora, por muitos, e mais eficazes razoens se deve considerar pouco duravel. Os successos da guerra são muito varios; e como as armas da França estão hoje victoriosas, o podem estar á manhã as de Castella, principalmente quando os damnos da guerra, e a experiencia do Imperio Francez (nunca bem sofrido de nenhuma Nação) vão já desafeiçoando os animos dos Castelhanos, e em muitos se conhece arrependimento.

A Nação Franceza naturalmente he inconstante, inquieta, amiga de novidades, facil de corromper com dinheiro, e se tantas vezes em nossos dias vimos rebelado o Duque de Orleans contra seu Irmão, hum Rey tão bellicoso, como se não receará que o mesmo Duque, ou outro Conde de Soissons, se atrevão contra hum Rey menino de seis annos, e que aspirem quando menos a perturbar a paz, que já não defendeo o respeito de hum tão grande Rey, nem a assistencia de hum tão prudente Privado, principalmente, que não se descuidarão as intelligencias de Castella de sollicitar, e comprar estas inquietaçoens de França, quando dellas depende o seu remedio, nem os Hereges Francezes duvidarão de as acceitar para melhorarem o seu partido.

Tambem não póde durar muito esta guerra, porque as rendas reaes da França, não são bastantes a sustentar tamanho numero de Exercitos, e Armadas: todos estes gastos carregão sobre os povos, que se vem molestados de gravissimos tributos, e os clamores de toda a França estão pedindo pazes; não se remediando esta impossibilidade com as victorias, que suas armas alcanção; porque estas não lhe acrescentão riquezas, antes as diminuem, multiplicando novos empenhos, como se vê na assistencia de Catalunha, e nas outras Praças, que este anno tem occupado em Italia, e Allemanha; pelo que nunca França esteve mais perto que hoje de fazer pazes com Castella, e com outros Principes de Europa, e a este fim se encaminhão tantos exercitos levantados este anno, e tanto numero de navios nos portos do Oceano, e Mediterraneo, pertendendo com esta superioridade serem os arbitros da Dieta, e ficarem nos concertos com avantajados partidos, sendo sem duvida que Castella acceitará todos os que lhe fizerem, pois delles depende sua quietação, como bem o mostrão as diligencias publicas, e secretas, com que sollicitão os meios desta paz.

E ainda que nas pazes, ou cumpridas tregoas (se se effeituarem), entre tambem o Reino de Portugal, he certo, que nos não durará mais o effeito dellas, que em quanto os Castelhanos prevenirem suas armas para as voltar sobre nós, sem por isso os Francezes, nem outro algum Principe romper guerra com Castella, por mais que o tenhão prometido, e jurado, porque nenhum segue mais leys, que as da conveniencia propria, e imaginar o contrario he querer mudar o mundo, negar a experiencia, e esperar impossiveis: antes se deve recear politicamente, que folgarão os Francezes de ver (o que nunca verão) entregado Portugal a huma desesperação, como a de Catalunha, para trocarem o nome de amigos no de Protectores, como já se pratica entre elles: para isso desenterrão Historias, fundão direitos, e acomodão ethimologias, e não seria muito, que á ambição Franceza se lhe antolhasse Portugal pela vizinhança, quando em vida do seu Cardeal tratavão da nossa Ilha de S. Lourenço, e outros lugares das Conquistas, como V. M. foi avisado.

Por todas estas razoens se conclue, que a diversão, com que França suspende as armas de Castella, quando menos he duvidosa, e pouco firme, e ainda que hajão outras razoens (que não podem ser forçosas) pela parte contraria, poderão os Francezes entende-las de outra maneira, e a conservação, que se funda no parecer, no poder, e na vontade alheia, bem se vê quão fraca he, e quão mal fundada: isto quanto ao poder estranho.

O poder proprio, em que se funda a conservação de Portugal, ou são as forças interiores do Reino, ou as exteriores das Conquistas, e nenhuma por si, nem ambas juntas são bastantes a o conservar naturalmente em caso que tenhamos guerra com Castella, de que se não ha de duvidar.

Posto que o poder militar conste de gente, armas, muniçoens, bastimentos, tudo isto se reduz a dinheiro, e he certo, que perseverando as coisas de Portugal no estado presente, nunca o Reino poderá soccorrer á V. M. com maiores sommas de dinheiro do que o fez este anno; porque alem dos direitos das decimas, e mais tributos, accrescerão donativos, confiscaçoens, cunho da moeda, e outros augmentos de fazenda, que se não podem esperar cada anno, e dispendendo-se isto em proveito do Reino, e estreitando V. M. com exemplo, verdadeiramente de Pai da Patria, os gastos da sua Real Pessoa, e Casa; vemos com tudo que as Fronteiras, e Cidades principaes estão sem fortificaçoens, as portas abertas, a Costa, e lugares maritimos desprovidos, o Rio de Lisboa quasi sem Armada, o Alentejo com pouca cavallaria, e as outras Praças sem nenhuma; não bastando a providencia de V. M., nem o cuidado dos Ministros a suprir com a industria os effeitos, a que não chega o cabedal; porque sendo precisamente necessarios dois milhoens, e duzentos mil cruzados para as lotaçoens das Praças, e mais adherentes forço-

sos para nossa defensa, não tem V. M. na contribuição das Decimas, e mais effeitos deputados para a guerra, hum milhão, e seiscentos mil cruzados.

Pois, Senhor, se o dinheiro de tres annos não foi bastante a fazer as prevençoens necessarias para a defensa, que thesouros tem Portugal para se soccorrer em hum subito, quando seja acomettido? Se todas as rendas, e tributos, sendo os maiores, que póde levar o Reino, apenas bastão para sustentar hum poderoso Exercito, para resistir ás forças de Castella, e com que se ha de fazer este Exercito em caso que se rompa, ou diminua? Se a pouca opposição, que hoje nos faz o inimigo, nos consome todo o cabedal, e ainda são necessarios emprestimos, que seria se arrimasse a Portugal todo o seu poder, que tem divertido em Catalunha, e que será quando o faça?

Esta razão, Senhor, he evidente, e ainda mais a força della, considerar que o dinheiro, com que o Reino serve, e assiste á V. M., não só não póde crescer, mas antes, procedendo da mesma maneira, cada vez será muito menos, porque as confiscaçoens, e cunho da moeda forão accidentes, que não se podem repetir, as rendas e comendas estão empenhadas para muitos annos; os juros, as tenças, e os salarios não se pagão; com o levantamento da moeda cresce o preço ás mercadorias, e os Estrangeiros trazem prata em vez de drogas, com que quebrão muito os direitos das Alfandegas. As terras das Fronteiras infestadas do inimigo deixão de se cultivar por muitas leguas, as lavouras, e artes, levando-lhes os Officiaes para a guerra, diminuem, o que tudo vai consumindo, e atenuando as forças do Reino a passos tão largos, que em poucos tempos não poderão os homens manter as vidas, quanto mais pagar tributos, e sustentar as despezas da guerra.

As Conquistas, que são a outra parte do nos-

so poder, estão reduzidas a tal estado, que nada melhorão esta esperança. De tres annos a esta parte tem V. M. mandado á India huma Náo, e nove Galeoens, e em retorno de todo este cabedal, temos visto tres caravellas da India, servindo-nos aquella conquista pela gente, navios, e dinheiro, que nos tira, de muito maior estorvo, e gasto, que proveito, e com pouca probabilidade se póde esperar melhoria a este damno, porque a pouca fé, e falsa amizade, com que os Holandezes nos tratão, bem mostra, que debaixo do nome de paz, nos querem fazer na India a mesma guerra, que nos fizerão em Angola, Maranhão, e S. Thomé, entretendo-nos com fingidas promessas de restituiçoens, e embaixadas, para mais nos divertirem, e senhorearem de todo.

O Brasil, que he só o que sustenta o Commercio, e Alfandegas, e chama aos nossos Portos esses poucos navios de estrangeiros, que nelles vemos, com a desunião do Rio da Prata não tem dinheiro, e com a falta de Angola, cedo não terá assucar, porque já este anno se não recolheo mais que meia safra, e nos seguintes será forçosamente cada vez menos, porque a falta de negros de Angola não se póde suprir com escravos de outra parte, por serem incapazes de aturar o trabalho dos canaviaes, e engenhos, como a experiencia mostra, nem o soccorro que vai a Angola, suposto o poder, e resolução, com que os Hollandezes a tomarão, promette mais effeitos, que mostrar V. M. a seus Vassallos o zelo, e dezejo que tem de os ajudar, e soccorrer por todas as vias.

Este he o pouco cabedal, com que se acha Portugal no estado presente da paz, o qual no tempo da guerra forçosamente será menos, porque com as entradas, e temor dos inimigos impedem-se as lavouras, suspendem-se os commercios, cessão as artes, cresce a gente nos lugares, seguem-se fo-

mes, carestias, e outras consequencias naturaes da guerra, com que serão mui dificultosos, e quasi impossiveis de pagar os tributos; e quando o zelo dos vassallos acuda com tudo o que possuir, e a necessidade ultima obrigasse a tirar a prata por todas as Igrejas, este soccorro, quando muito será bastante para o primeiro, ou segundo anno, e a guerra de Portugal não póde deixar de durar muitos; pois pelejamos dentro em Hespanha com o mesmo inimigo, que tão longe della faz guerra aos Hollandezes, ha mais de settenta annos.

De todo este discurso se colhe com evidencia, que a conservação do Reino de Portugal (em quanto se lhe não busca outro remedio) póde parecer duvidosa, e assim assentão todos os Politicos do mundo, que pezão fielmente as forças das Monarquias, e medem os sucessos pelo poder, e de o sentirem assim nasce a pouca correspondencia, que os Principes de Europa hão tido com este Reino.

O Papa não recebendo nosso Embaixador: Dinamarca não admittindo Confederação: Suecia não continuando o Commercio: Hollanda não guardando amisade, e ainda a França, que he a mais obrigada, não nos mandando Embaixador assistente, sendo cousa muito digna de reparo, e sentimento, que se não veja em *Lisboa* huma Embaixada de algum Principe da Europa, quando tem sahido desta Corte doze Embaixadores, e actualmente estão hoje sete em diversas partes, o que tudo he evidente demonstração do menos conceito, que os Principes fazem do nosso poder, e da pouca probabilidade, com que discursão sobre nossa conservação.

Esta mesma desconfiança tem todos os homens de negocio, cujos juizos fundados no proprio interesse, são sempre os mais seguros, e como de homens tão intelligentes do mundo, não são os menos acertados; e vemos que os mercadores estrangeiros receão metter suas fazendas nos portos de

Portugal, e os Mercadores Portuguezes passão seus cabedaes (e alguns as pessoas) a outras Praças; porque assim huns, como outros, não tem por segura sua fazenda neste Reino.

Este he, Senhor, o estado da nossa conservação, e esta a verdade de seu perigo, a qual V. M. deve ouvir, aceitar, e considerar, não como dita por hum vassallo particular; mas como representada a V. M. pelo zelo dos mais fieis, e intelligentes, e pela voz, e receio commum de todo o Reino, que assim o discursa, e pratica, e pela opinião geral de todas as Naçoens Estrangeiras, e desinteressadas, que emquanto não melhoramos os fundamentos de nossa Conservação, nos profetizão ruina.

Não considere V. M. estas razoens, como nascidas do temor, desaffeição, ou outro algum affecto menos nobre, e menos Portuguez, porque os que mais amão a V. M., os que mais adorão a conservação, e perpetuidade desta Coroa, os que não tem dependencia, nem pódem ter esperanças em Castella, e os que hão de dar a vida, e o sangue por V. M., são os que isto entendem, e dizem; e só o callão aquelles, a quem ou a neutralidade emmudece, ou cega a ambição, e lisonja.

Assim que, Rei e Senhor, V. M. tenha por suspeitosas as razoens apparentes, com que se persuadir a V. M. o contrario, porque são conselhos nascidos da pouca fé, ou de pouca intelligencia; e sendo a materia, que a V. M. se representa de tanta evidencia, e importancia, deve V. M., logo sem nenhuma dilação, mandar tratar de seu remedio, para o que se propoem a V. M. o mais efficaz, e effectivo, que he o seguinte.

Supposto, como se tem mostrado, que o perigo da conservação de Portugal se funda todo na limitação do nosso poder, e maioria do inimigo, bem claro fica, que se se achasse hum meio, que

diminuisse o poder de nossos inimigos, e acrescentasse juntamente o nosso, este seria o mais efficaz remedio para effeituar a segurança da nossa conservação. Tal he, Senhor, o que á V. M. se representa neste papel.

Por todos os Reinos, e Provincias de Europa está espalhado grande numero de Mercadores Portuguezes, homens de gravissimos cabedaes, que trazem em suas mãos a maior parte do Commercio, e riquezas do mundo: todos estes pelo amor, que tem a Portugal, como Patria sua, e a V. M., como a seu Rei natural, estão dezejosos de poderem tornar para este Reino, e servirem a V. M. com suas fazendas, como fazem aos Reis estranhos. Se V. M. for servido de os favorecer, e chamar, alentando o Commercio, como Rei que se intitula delle, será Lisboa o maior Imperio do mundo, crescerá brevissimamente em todo o Reino a grande opulencia, e seguir-se-hão infinitas commodidades a Portugal juntas com a primeira, e principal de todas, que he a sua conservação.

Porque primeiramente diminuir-se-ha a potencia de nossos dois inimigos, Hollandezes, e Castelhanos, porque os homens de negocio Portuguezes são os que em Madrid, Sevilha, e Anvers assistem aos assentos da fazenda Real, tomando, e respondendo sobre seu credito muitos milhoens, em quanto não chegão as Frotas, com que ainda na maior necessidade podem os Reis, que se servem delles, sustentar o pezo das guerras, e as despezas excessivas de grandes Exercitos, o que sem a assistencia destes homens lhes seria mui difficultoso, e quasi impossivel. Os Hollandezes da mesma maneira ficavão mui diminuidos no poder de suas Companhias, com que nos tem tomado quasi toda a India, Africa, e Brazil, porque ainda que os Mercadores Portuguezes não são as Pessoas immediatas da bolsa, com tudo entrão nas mesmas Compa-

nhias com grandes sommas de dinheiro, que divertido a Portugal, não só lhe fará grande falta, senão tambem grande guerra.

E não só viráõ para este Reino os Mercadores de Hollanda, e Castella, senão os de Flandres, França, Italia, Alemanha, Veneza, Indias Occidentaes, e outros muitos, com que o Reino se fará poderosissimo, e sua conservação ficará mais facilitada. Cresceráõ os direitos das Alfandegas de maneira que elles bastem a sustentar os gastos da guerra sem tributos, nem opressão dos povos, com que cessaráõ clamores, e descontentamentos; poder-se-ha pagar os juros, as tenças, os sallarios, a que as rendas Reaes hoje não chegão, e terão os vassallos com que poder hir servir, pois a impossibilidade retira a muitos da Campanha. Crescendo o Commercio, abaterá o pezo das Mercadorias estrangeiras; subiráõ a mais valor as drogas do Reino, e de nossas Conquistas: cresceerá gente, que he huma grande parte do poder: estará o Reino provido, e abundante de bastimentos. Os homens de negocio deste Reino, que com a desconfiança de pouco favorecidos, se diz, que são pouco confidentes, e que prejudicão ao Reino com as cisas, e diversoens de dinheiro, ficarão por este meio assegurados, e restituidos á maior confidencia. Razão porque quando não houverão tantas, era esta de muito pezo pelo muito numero, e importancia destes homens; e não sò se semeará a fidelidade delles, senão a de muitos Christãos velhos, que por julgarem pouco provavel a conservação de Portugal, ainda tem o animo em Castella, e he certo, que quanto o Reino crescer em poder, tanto mais firmes raizes lançará a fidelidade ainda dos mais zelosos Portuguezes.

Terá V. M. grande numero de poderosos Navios de seus vassallos sem os comprar, nem alugar aos estranhos, ou os conservar proprios, quan-

do queirà fazer Armadas, ou mandar soccorros ás Conquistas; engrossaráõ as Frotas do Brasil, restaurar-se-ha o Commercio da India, se os Hollandezes quizerem vir em alguma conveniencia sobre as Praças, que nos tem occupado.

Terá V. M. Vassallos, que possão emprestar quantidade de dinheiro, e esperar as consignaçoens, com que se resgatem. E quando os Hollandezes (como he certo) continuem na falsa paz, com que se vão senhoreando das nossas Conquistas, terá V. M. quem levante Companhias contra as suas, e poderá romper a tregoa, e aceitar a boa vontade do Conde de Nassau, e effeituar outros tantos tratos com os Capitães de suas fortalezas, mais faceis de vender pelo interesse, que pelas armas, e só desta maneira se póde restituir a India, Angola, e o Brasil: ajudar-se-ha tambem V. M. das intelligencias, e industrias destes homens, porque não só por sua industria se poderáõ trazer das Naçoens Estrangeiras por mui accomodados preços as coisas necessarias para a guerra, mas tambem por suas intelligencias segretas se poderáõ saber os designios, e grangear as noticias dos Reinos estranhos, sem os quaes se não póde bem governar o proprio.

Finalmente estes homens hão de metter neste Reino grande numero de milhoens, dos quaes se póde V. M. soccorrer em hum caso de necessidade, e sem opressão do Reino, nem ainda dos mesmos Mercadores, porque fintando-se os homens de negocio, que havia em Lisboa, para hum donativo, com que servião a ElRei D. Sebastião, achou-se pela finta da fazenda dos que havia nesta Praça subir a cincoenta milhoens, não chegando a dois o que hoje ha em todos os homens de negocio de Lisboa, e como toda esta fazenda está sempre entrando, e sahindo, he coisa averiguada, que em cada tres annos pagão os Mercadores de direitos,

quanto manejão de cabedal, e a este respeito se deixa bem ver quanto crescerão as rendas de V. M., admittindo os homens de negocio, que nunca forão tão ricos, e tão poderosos, como hoje estão no mundo.

Em fim, Senhor, Portugal não se póde conservar, sem muito dinheiro; para este dinheiro, não ha meio mais efficaz que o Commercio, e para o Commercio não ha outros homens de cabedal, e industria mais que os da Nação. Admittindo-os V. M. poderá sustentar a guerra contra Castella, ainda que dure muitos annos, como vemos no exemplo dos Hollandezes, que fundando a sua conservação na mercancia, não só tem cabedal para resistir, como hão resistido, a todo o poder de Hespanha, mas para senhorear os mares, e conquistar Provincias em todas as partes do mundo.

Por falta do Commercio se reduzio a opulencia e grandeza de Portugal ao miseravel estado, em que V. M. o achou, e a restauração do Commercio he o mais certo caminho de V. M. o restituir ao antigo, e ainda mais feliz estado. E se o Castelhano para reduzir Portugal a provincia, e lhe quebrantar as forças, tomou por arbitrio retirar-lhe os Mercadores, e chamar para as Praças de Castella os homens de negocio; chame-os V. M., e restitua-os outra vez a Portugal, que não póde ser boa razão de Estado para nossa conservação, e restauração continuar, e ajudar os mesmos meios, que nossos inimigos tomarão para nossa ruina.

E porque duas são as causas, que desnaturalizavão deste Reino aos homens de negocio, ou culpas de que estão acusados nas Inquisiçoens, ou receio do estilo, com que as causas da fé se tratão neste Reino, para que com segurança se possão tornar á elle, V. M. lhes deve dar sua Real palavra de admittir o perdão, que elles alcançarem do Papa acerça do passado, e para o futuro mo-

deração de estilo, que Sua Santidade julgar ser mais conveniente se guarde nas Inquisiçoens deste Reino, como se tem feito em todas as da Christandade, onde ha Inquisiçoens.

Mas porque haverão alguns, que com mais piedade, que bem fundado zelo, cuidarão que com esta permissão se encontra a pureza de nossa Santa Fé, e que no effeito, ou quando menos na apparencia, ficará parecendo Portugal menos Catholico, admittindo homens, ou que publicamente forão condemnados, ou que por fugirem do Reino se fizerão suspeitosos de Heresia, a este escrupulo se responde por muitas, e mui concludentes razoens, com que mais se persuade as conveniencias desta proposta.

Primeiramente favorecer os homens da Nação, e admitti-los neste Reino na fórma em que se representa, não he contra lei alguma Divina, nem humana, antes he mui conforme aos sagrados Canones, doutrina dos Padres, e resoluçoens de muitos Concilios geraes, e particulares, que não se poem aqui por não embaraçar este discurso, e se allegarão, sendo necessario.

He tambem conforme á sentença commum de todos os Theologos, os quaes ensinão, que para defensão, e conservação do Reino, podem os Principes confederar-se, chamar, e unir a si qualquer genero de Infieis, e se alguns Doutores limitão esta conclusão, he só em caso, que os taes Infieis fossem tão barbaros, e insolentes, que houvessem de destruir os Templos, profanar os Altares, affrontar os Sacerdotes, e Virgens consagradas á Deos, o que se não teme, que fação os Mercadores da Nação, antes he certo que enriquecerão, e augmentarão o Culto Divino, como sempre fizerão, e fazem neste Reino.

Confirma-se o mesmo com o exemplo das historias sagradas, em que os Principes, e Varoens mais

amigos de Deos se unirão muitas vezes com os Infieis, e Idolatras para fazerem guerra a seus inimigos, ou se conservarem na paz, aprovando estas acçoens o Espirito Santo antes das mesmas Escripturas; e assim temos que Abraham se confederou com Abimelech, David com ElRei Achis, e os Machabeos com os Romanos, que são exemplos forçosissimos, e de authoridade irrefragavel.

Tambem se funda esta verdade na doutrina do Evangelho, onde Christo Senhor nosso fallando em proprios termos, aconselha que se deve dissimular a zizania por sustentar as raizes do trigo, entendendo por zizania os Infieis, e por trigo os Catholicos, como affirmão os Doutores, e no mesmo lugar reprehendeo o Senhor o falso, e mal entendido zelo dos que com perigo da conservação do trigo querião arrançar a zizania, e mandou que a deixasse estar, e crescer juntos na mesma seara.

Isto mesmo julgão, aprovão, e aconselhão universalmente todas as Naçoens do mundo Catholicas, e Politicas, e o sentem assim os mesmos Portuguezes, tirando alguns poucos, que levados mais da aprehensão geral que de fundamentos solidos, e verdadeiros, o contradizem, sendo os que isto aprovão, e dezejão as pessoas mais qualificadas do Reino em limpeza de geração, letras, virtude, religião, intelligencia, experiencia de governo, e as mais zelosas da propagação da Fé, augmento, e conservação da Coroa, e honra da Nação Portugueza.

E quando nada disto houvera, bastava o exemplo, e consentimento universal de todos os Principes da Christandade, que assim o fazem; porque não podemos negar aos Reis Catholicos de Castella serem muito zelosos da Religião Christã, e sabemos que admittem, e favorecem os homens da Nação, e que os chamão, e convidão para os seus Reinos, como fizerão estes annos proximos á tan-

tas mil casas de Mercadores Portuguezes, a quem entregavão os assentos, e contrataçoens reaes por experimentarem nelles mais fidelidade, e menos interesse, que nos Genovezes. Os Reis de França, no nome, e nas obras Christianissimos, e particularmente em nossos dias Luiz XIII o Justo, e tão grande deffensor, e propagador da Fé, que por estender a religião Catholica quasi destruio seu Reino, arrazando tantas cidades de Hereges; tão longe esteve de despedir da França os Mercadores da Nação, que no mesmo tempo lhes estava fazendo grandes favores, se servia muito delles, e se ajudava de suas fazendas para sustentar os Exercitos, e Armadas nas emprezas, em que Deos o prosperou tanto, e no mesmo favor continua a Rainha Regente, e novo Rei de França. O Imperador, e Republica de Veneza, o Duque de Florença, e todos os Pontentados Catholicos guardão o mesmo estilo com a gente da Nação. E finalmente o summo Pontifice Vigario de Christo, verdadeiramente regra da Fé, não só admitte aos que nós chamamos Christãos novos (entre os quaes, e os velhos nenhuma differença se faz em toda a Italia), senão que dentro na mesma Roma, e em outras Cidades, consente Sinagogas publicas de Judeos, que professão a Ley de Moisés.

Pois se na cabeça da Igreja se consentem homens, que professão publicamente o Judaismo; porque não admittirá Portugal homens Christãos, e baptizados, de que só póde haver suspeita de que o não serão verdadeiros? E se os Principes Catholicos admittem, e favorecem os Mercadores Portuguezes por suas razoens, e conveniencias; como póde ser conveniencia, e razão, que nós os lancemos do nosso Reino? Isto he querermos ser demasiadamente justos contra o que aconselha o Espirito Santo = *noli esse nimis justus* =, e por seguirmos a virtude, virmos a dar nos extremos, em que a

mesma virtude se perde. Se os Mercadores Portuguezes forão Vassallos de outro Principe, devera Portugal chama-los pelas mesmas conveniencias, porque os outros Principes Christãos os dezejão. Pois que razão póde haver, para que lancemos de nós por serem nossos, os que se forão estranhos deveramos admittir, e convidar com premios?

Mas para persuadir, e convencer esta razão, não he necessario recorrer a exemplos de fóra, porque dentro em Portugal os temos tão evidentes, que se bem repararmos nelles, advertiremos, que admittimos por muitas vias o mesmo, que por esta difficultamos.

Pelas conveniencias do commercio admitte Portugal, como se vê em Lisboa, e em todas as Cidades maritimas muitos Hereges de Hollanda, Inglaterra, e França; que muito he logo que se admittão, e conservem os homens de Nação, sendo nelles muito maiores as razoens do nosso interesse, porque tudo o que ganhão os Mercadores Hollandezes, Francezes, e Inglezes, enriquece a Hollanda, França, e Inglaterra, e o que negoceão os Mercadores Portuguezes fica enriquecendo Portugal.

Verdadeiramente he difficultosissima de entender a razão de Estado de Portugal, porque sendo hum Reino fundado todo no commercio, os seos Mercadores Portuguezes lança-os para os Reinos estranhos, e os Mercadores estrangeiros admitte-os dentro em si; para que o proveito, e interesse da negociação, e commercio venha a ser todo dos estranhos, e nada nosso, e he evidente este augmento; porque o que os Mercadores Portuguezes ganhão nos Reinos estranhos lá fica, e o que os estranhos ganhão neste para lá vai.

Tambem vemos, que não só consente Portugal, antes chama á sua custa, e está sustentando com excessivos soldos muitos Hereges Hollandezes, e Francezes, e entre estes Hereges, e os Chris-

tãos novos ha muita differença, porque huns vem-nos levar o dinheiro; e outros vem-no-lo trazer. Huns publicamente são Calvinistas, e Luteranos, outros publicamente confessão a Fé Catholica. Huns profanão os Templos, e Altares, outros edificão-os, e enriquecem-nos. Huns, se delinquem contra a Fé, dissimulamos-lho, outros se delinquem, ainda que seja occultamente, queimamo-los, e tomamos-lhes as fazendas. E finalmente a heresia das outras Naçoens he muito mais contagiosa, que o Judaismo; porque o que está mais distante pega-se menos, e o Judaismo, como não confessa a Christo, dista mais da Fé Catholica, que as Seitas dos outros Hereges, que todas o confessão, e assim vemos que a França, Allemanha, Inglaterra, e quasi toda a Europa está inficionada da heresia, e o Judaismo não passa dos Homens da mesma Nação. Pois se a necessidade da guerra nos obriga a admittir entre nós as heresias mais contagiosas, porque não admittiremos as que o são menos?

Principalmente, que se com não admittirem estes Mercadores, se alimpara Portugal totalmente da Gente da Nação, parecia materia mais consideravel reparar em o chamar-mos; mas quando Portugal em todas as partes está tão cheio desta Gente, que importa, que sejão mais alguns, salvo, se he razão para termos huns, e não admittirmos outros, poderem estes ser de muita utilidade, e os outros de nenhuma? Se temos com nosco os que nos não podem ajudar; porque não admitteremos os que nos hão de ser de tão grande proveito?

Acrescenta-se, que os homens da Nação, que estão espalhados por toda a Europa, nós não os lançámos de Portugal. Elles se forão voluntariamente; porque difficultamos logo admittir os mesmos, que havião de estar com nosco se se não tiverão ido? Principalmente que os damnos que Portugal experimentou de sua auzencia nas quebras do commercio,

e a opulencia, a que com elles crescerão nossos inimigos, antes são motivos para os chamarmos, que razoens para os despedirmos.

E não só não he contra a pureza de nossa Santa Fé o admittir os homens de negocio nestes Reinos, como até aqui se tem mostrado; mas antes, bem consideradas as conveniencias, e utilidades da sua admissão, será obra de grande serviço de Deos, gloria da Christandade, e augmento da mesma Fé.

Porque estando, como estão por nossos peccados, occupadas pelos Hereges Hollandezes tantas partes de nossas conquistas, onde florecia a Fé Catholica, he tão certo, como digno de lastima, que não só nos Gentios, e Christãos daquellas Naçoens recem-convertidas, se tem ateado o fogo das heresias, e abrazado as novas Searas de Christo, senão que tambem pela vizinhança, conversação, largueza de vida, e falta de doutrina, e Sacramentos, se vão introduzindo os mesmos erros nos Portuguezes, e seos filhos, de que se tem achado mais exemplos em Pernambuco, e outras muitas partes, do que bastavão á dor, e á evidencia. Pois se admittindo a Gente de Negocio se espera, como fica mostrado, que terá forças o Reino com que conquistar, e restituir a V. M., e á Fé aquellas Praças do Brazil, e India, porque se engeitarão os meios tão efficazes de hum fim tão piedoso, e catholico? Se o dinheiro dos homens da Nação está sustentando as armadas dos Hereges, porque semeem, e estendão pelo mundo as Seitas de Calvino, e Luthero, não he maior serviço de Deos, e da Igreja, que sirva esse mesmo dinheiro ás armas do Rei mais catholico para propagar, e dilatar pelo mundo a Ley, e Fé de Christo?

Sirva-se V. M., Senhor, de considerar o pezo desta razão tão catholica, e forçosa, e não deze-

je maior gloria o piedoso zelo de V. M., que ser o David deste Gigante. Vença V. M. a infidelidade com suas proprias armas, degolando a Idolatria com a espada do Judaismo, assim como os mesmos Judeos, quando Deos os governava, conquistavão a terra de promissão com os thesouros dos Egypcios.

E não só nos Gentios de nossas Conquistas melhorará o partido da Fé, senão nos mesmos homens de Nação Hebrea fugitivos deste Reino; porque he certo nos estranhos, onde vivem com liberdade de consciencia, muitos delles são verdadeiros Catholicos, nos quaes se augmentará a Fé, e piedade; todos os seus descendentes morrerão baptizados, e salvar-se-hão tantas almas, que por falta de baptismo se perdem, e ainda os que interiormente forem infieis, vivendo entre Christãos, e á vista dos bons exemplos, verdade, e doutrina da nossa Santa Fé, terão occasião de se converterem a ella, que entre os hereges lhes falta; porque posto que a experiencia tenha mostrado, que ha fingimentos na Christandade de muitos, a mão de Deos não he abreviada, nem havemos de desconfiar dos poderes efficazes da sua graça; pois sabemos que desta mesma Nação ha, e houve em todas as Cidades da Igreja Catholica muitos homens santissimos, que com a pureza da vida, e verdade da doutrina a illustrarão, e muitos, que com o sangue a ajudarão a plantar, e defender; porque em fim desta Nação forão os sagrados Apostolos, e a Virgem Santissima, e este foi o sangue, que o Filho de Deos se dignou tomar para preço da nossa Redempção, e união da sua Divindade, que he huma razão entre todas, que muito deve mover a clemencia de V. M. a se compadecer da miseria desta gente, e procurar o remedio, ou de sua innocencia nos bons, ou de sua cegueira nos máos, devendo-se esperar com muito fundamento, que por

meio do favor, que V. M. fizer á estes homens se alcance delles o que pela severidade do rigor se não tem alcançado; porque alem de ser de fé, que toda esta Nação se ha de converter, e conhecer a Christo, as nossas Profecias contão esta felicidade entre os prodigiosos efeitos do milagroso reinado de V. M., porque dizem que ao Rei encoberto virão ajudar os Filhos de Jacob, e que por premio deste soccorro terão o conhecimento da verdade de Christo, a quem adoravão, e reconhecerão por Deos.

Supposto pois que esta materia, sendo de tanta importancia para a conservação do Reino, em nada encontra, antes póde ajudar muito ao bem da nossa Fé, a deve V. M. mandar resolver sem nenhum escrupulo de consciencia, nem receio de que Deos se desagrade desta acção verdadeiramente justa, e piedosa, e em prova deste seguro, allego só a V. M. a memoria dos Senhores Reis D. Manoel, D. João III, e D. Sebastião, em cujos differentes successos nos dá bem a conhecer a occulta disposição da Providencia Divina, que se não desagrada de que os Reis Catholicos uzem de piedade, e clemencia com estes homens.

O Senhor Rei D. Manoel de Gloriosa Memoria os admittio neste Reino, e lhes prometteo os favores, que se contém nas palavras seguintes, que são de huma Provizão Real Sua: — *E lhe prometemos, e nos apraz, que daqui em diante não faremos nenhuma ordenança, nem defesa, como sobre gente distincta, e apartada; mas assim nos apraz em todo sejão havidos, e favorecidos, e tratados como proprios Christãos velhos sem serem distinctos, e apartados em coisa alguma. &c.*

Isto mesmo confirmou depois o Senhor D. João III, o qual favoreceo muito os homens da Nação, e se servio delles em postos, e negocios de grande confiança, e he certo que estes dois Reis

forão os mais felizes de Portugal, e seus annos os mais prosperos, e gloriosos, assim espiritual, como temporalmente pelo muito, que dilatarão a Fé, e enriquecerão o Reino.

A ElRei D. João III, succedeu ElRei D. Sebastião, o qual revogou a lei, ou contracto, que os Reis seus antepassados tinhão feito com a gente da Nação, (a qual revogação por grandes fundamentos de direito julgarão muitos ser nulla, e invalida) e dos successos de Portugal no tempo de ElRei D. Sebastião são boas testemunhas as lagrimas de sessenta annos, que a feliz acclamação de V. M. nos enchugou. Não se infere, nem póde inferir daqui, que o mais, ou menos favor, com que os Senhores Reis tratarão a gente da Nação foi causa da desigualdade de seus successos; mas infere-se sómente, e prova-se com clareza, que nem o favor, com que os tratarão os dois primeiros Reis, lhes retardou o curso de suas felicidades; nem o rigor, com que procedeu contra elles o terceiro, bastou a melhorar os successos da sua fortuna.

Assim, que, Rei e Senhor nosso, não he materia esta de escrupulo, nem receio, principalmente quando V. M. (como se propoem) deixe a resolução della ao juizo, e disposição do Summo Pontifice, a quem como Vigario de Christo, e primeira regra de nossa Santa Fé pertence ordenar, variar, e dispôr o que, segundo os tempos, e estados da Igreja, parecer mais conveniente ao proveito das almas, e gloria Divina, á qual e á de V. M. se seguirão juntamente por este meio, lançando-se fundamentos solidos, e permanentes, a nossa conservação, e a da pessoa de V. M. principalmente, que he o principio, de que todas as nossas felicidades, e esperanças dependem.

O Padre Antonio Vieira.

ADVERTENCIA.

NÃO cabe em nosso coração o prazer, que temos ao escrever este artigo. Tudo quanto dissemos no N.º precedente foi apenas o preludio do que hoje nos interessa. Não he só a França invadida por differentes lados; o povo Francez sentindo os males, de que alagou a Europa; o Tyranno saltando de lugar em lugar, e em vão buscando a seguridade no seio das victimas illudidas da sua ambição: a capital da mesma França em poder dos Alliados, a despeito dos inuteis esforços do Despota; a voz da paz e da liberdade resoando dentro das muralhas de Pariz; nas Provincias do Norte, do Sul, e de Est retumbando os gritos de *Viva Luiz XVIII; morra o Tyranno!* he a Scena mais interessante, e ao mesmo tempo a mais inesperada. Não se podem ler sem alvoroço as demonstraçoens de alegria, que os Francezes tem dado ao sacódirem o jugo da Escravidão. Apresentando aos nossos Leitores o que se passou em Bordeaux, os poremos em estado de julgar quanto he odioso o despota e o despotismo, e em quanta ancia anelão os outros povos da França a quebrar as cadeias em que gemem. As proclamaçoens e instrucçoens, do Marquez de Chabannis e do Conde de Artois, que ajuntamos, serão novos argumentos da mais bem fundada esperança. A paz he quanto falta para rematar nossos dezejos, huma paz cimentada com o sangue do tyranno, sustentada sobre os principios generosos da independencia das naçoens, e dos legitimos governos. A Europa respirará depois de tantos annos de fadiga e de angustias, semelhante a hum doente, a quem os remedios mais agros e mais violentos restituirão a saude. As Sciencias, as Artes, e o Commercio quebrarão as suas prisoens, e farão o prazer e a abundancia da Sociedade.

Tal he a scena lisongeira que há tanto preparamos, e que tão rapidamente se tem approximado nestes ultimos tempos. Nossos vaticinios inspirados pelo nosso patriotismo se encherão, e julgaremos com a mais satisfação dahi em diante esteril a nossa tarefa.

Aclamação de Luiz XVIII em França.

(Jornal de Bordeaux, N.º 1.º — 2.ª feira 14 de Março de 1814.)

O Dia doze será para a Cidade de Bordeaux a epoca mais gloriosa, que será consagrada nos fastos da historia. Há muito tempo, que os Bordelezes se havião declarado contra o governo oppressor, que fez gemer a França; mas não tinhão ainda achado o momento favoravel para sacodir o jugo. Entretanto Cidadãos zelosos trabalhavão em segredo, ao restabelecimento do Governo paternal dos netos de Henrique IV. M. Lynch, que fora magistrado no parlamento de Bordeaux, que a Providencia havia escolhido para dar o sinal, se ajustava com Taffard de St. Germain, commissario de S. M. Luiz XVIII, para aproveitar o primeiro momento. A chegada do exercito Inglez ao territorio Francez, os sentimentos grandes e generosos d'aquella nação, que salvou a Europa da escravidão e da oppressão; tudo fazia esperar que estava proximo o dia da liberdade. Soube-se então que S. A. R., Mr. Duque de Angouleme tinha chegado ao exercito. O neto de Henrique IV, o esposo de S. A. R. a filha de Luiz XVI, havia entrado em S. João da Luz. O Conselho Real ordenou que M. de Laroche-Jacquelin e M. Queyriaux apparecessem a S. A. R., para receber as suas ordens, e conferir com Lord Wellington. Sua Senhoria, amante dos Bourbons, prometteu todos os soccorros necessarios para defender os verdadeiros realistas. Mr. Jorge

Bontemps du Barri, foi enviado para rogar a S. A. R. que se dignasse de hir a Bordeaux. Lord Wellington fez logo marchar huma columna sobre Bordeaux; confiou o commando della ao Marechal Beresford, tão inclinado como Sua Senhoria ao restabelecimento de Luiz XVIII. Logo que M. o Commissario do Rei e M. Linch estiverão certos da chegada dos generosos alliados, tudo se preparou para recebe-los de huma maneira digna delles, digna do Rei, que vinhão restituir-nos, e digna dos Bordelezes, que querião dar huma grande prova de sua lealdade. Mandarão-se estafetas ao encontro do Senhor Marechal, e partirão Deputados para levarem a S. A R. os votos dos Bordelezes. Que fortuna não he, bravos Gascoens! sermos nós os primeiros, que pozemos aos pés do Principe a homenagem do respeito e da fidelidade!

Logo que o Senhor Marechal chegou a Pont-de la Maye, o Coronel Vivian foi enviado a M. o Maire para lhe annunciar que elle cria entrar em huma cidade alliada, e sujeita a S. M. Luiz XVIII; logo recebeu a certeza, e M. Lynch, e os Senhores adjuntos, escoltados de huma guarda real sem uniforme, se apresentarão ao Senhor Marechal; arvorou-se logo o tope branco, a bandeira branca fluctuou sobre a torre de S. Miguel, e M. o Maire dirigio ao Senhor Marechal hum discurso, que, exprimindo todos os votos dos Bordelezes, penetrou de sensibilidade todos os coraçoens dos que o poderão ouvir: quanto era agradavel ver-lhe depor a sua banda, tomar o antigo emblema dos Francezes, e arvorar o tope branco, simbolo da paz e da felicidade! Os gritos de *viva ElRei*, que se repetião em echo, interromperão muitas vezes ao Senhor Maire e ao Senhor Marechal. Sua Senhoria repetio com hum tom affectuoso a promessa feita por Lord Wellington. A procissão se tornou a pôr em marcha para entrar no Hotel-de-Ville; o povo

corria em chusma a encontrar os libertadores; os gritos de *vivão os Bourbons; honra aos Inglezes; viva o Maire*, se succedião sem interrupção; o contentamento estava em todos os rostos; lagrimas de prazer corrião de todos os olhos; nascia a aurora da felicidade: M. o Marechal, chegando á Casa da Camara, recebeu MM. os adjuntos, e M. o Commissario do Rei, condecorado com a banda real, apresentados por M. o Maire. O Senhor General fez novos protestos da protecção da sua leal nação.

Mas as aclamaçoens do povo, mas todos os coraçoens pedião o Principe; cada hum queria ver o Sobrinho do Seu Rei; queria-se mostrar a elle mesmo todo o affecto que se lhe tinha; no mesmo instante chegou Mr. o Duque de Guiche para annunciar que S. A. R. estaria em Bordeaux antes de tres horas; que hiria immediatamente á Cathedral; esta noticia foi logo repetida por mil écos; de todas as partes e por toda a Cidade se levantárão novos gritos de *Viva ElRei*: foi geral a alegria; numerosos destacamentos de moços realistas partirão para se pôrem na presença de S. A. R., e M. o Maire entrou depois na sua carruagem com M. o Commissario do Rei. MM. os adjuntos e huma parte do Conselho Municipal os acompanhárão, era immensa a multidão; logo que se aviston S. A. R., Mr. Lynch, e todo o seu acompanhamento apeou-se; Mr. Lynch fez huma falla a S. A. R., e recebeu huma resposta digna do filho de Henrique IV.; o esquecimento do passado, a felicidade para o futuro, eis-aqui o que elle vinha trazer aos Francezes, estes os sentimentos dos Bourbons, este o voto do Rei, e de todos os Principes; S. A. R. se pôz em caminho para a Cathedral, mas a multidão enchia todas as ruas, querião ver o Principe; este parava a cada instante para deixar gozar os Francezes da felicidade de o contemplarem; o Senhor Arcebispo

esperava S. A. R na porta principal da Cathedral; toda a Igreja estava cheia, e gastarão-se tres quartos de hora antes de chegar ao Sanctuario; a Santidade do lugar não pôde suffocar as acclamações, os gritos de *Viva ElRei* suspendêrão a ceremonia; cantou-se o *Te Deum*, que foi repetido por todos os corações; S. A. R, querendo provar aos Bordelezes quanto estava tocado de seus sentimentos, foi á Camara para encarregar os Magistrados de serem os seus interpretes: os gritos de *Vivão os Bourbons*, *Viva El-Rei*, o precedêrão por toda a parte, e seguírão seus passos.

O Maire de Bordeaux a seus Concidadãos.

HABitantes de Bordeaux, o Magistrado paternal da vossa Cidade foi chamado pelas mais felices circunstancias a ser o interprete de vossos votos ha muito tempo reprimidos, e o orgão do vosso interesse, para agasalhar em vosso nome o sobrinho, o genro de Luiz XVI, cuja presença converte em Alliados póvos irritados, que até ás vossas portas tiverão o nome de inimigos.

Já, Bordelezes, as proclamaçoens, que pela impossibilidade da prensa, vossas pennas impacientes tem multiplicado, vos segurarão das tençoens do nosso Rei e dos projectos de seus Alliados.

Os Inglezes, os Hespanhoes e os Portuguezes não vierão sujeitar nossos paizes a hum dominio estrangeiro. Reunirão-se no Meio-dia, assim como outros povos no Norte, para destruir o flagello das naçoens, e pôr em seu lugar hum Monarca, Pai do povo. Só por elle he que podemos socegar o resentimento de huma nação visinha, contra a qual nos lançou o despotismo mais perfido.

Se eu não estivesse convencido de que a presença dos Bourbons, conduzidos pelos seus generosos Alliados, devia trazer o fim de nossos males, sem duvida eu nunca desampararia vossa Cidade; mas teria curvado a cabeça em silencio debaixo de hum jugo passageiro. Não me verieis arvorar esta cor, que presagia hum governo puro, se não me houvessem affiançado que todas as classes de Cidadãos gozarão desses beneficios, que os progressos do espirito humano prometrião ao nosso seculo.

As mãos dos Bourbons são limpas do sangue Francez. Com o testamento de Luiz XVI na mão, se esquecem de todo o resentimento: por toda a parte proclamão e provão que a tolerancia he a primeira necessidade de suas almas. Instruidos de que os ministros de huma religião differente da que elles professão, tem gemido sobre a sorte dos Reis e dos Pontifices, promettem huma igual protecção a todos os cultos, que invocão hum Deus de paz e de reconciliação.

Lamentando esses terriveis estragos da tyrannia, que a licença trouxe apoz si, se esquecem dos erros, que as illusoens da liberdade causarão. Longe de querer mal a aquelles, que com hum ardor já castigado de sobra correrão a poz do seu vão fantasma, elles vem restituir-lhes aquella verdadeira liberdade, que deixa ao mesmo tempo sem desconfiança o Rei e o povo. Todas as instituiçoens liberaes serão conservadas. Assombrado da facilidade dos Francezes em votar impostos, arrimos do despotismo, o Principe será o primeiro em ajustar com os vossos representantes o modo mais legal, a repartição mais justa, para que o povo não seja esmagado.

Estas breves e consoladoras palavras, que vos acaba de dirigir o Esposo da filha de Luiz XVI; *Nada mais de tyranno! nada de guerra! nada de conscripção! nada de impostos vexatorios!* tem já assegurado as vossas familias.

93

Já S. M. tem por duas vezes proclamado á face da Europa que o interesse do Estado lhe faria huma lei de consolidar vendas, que por mudanças innumeraveis tem interessado tantas familias em propriedades, que de hoje em diante ficão garantidas.

Bordelezes! Eu estou certo de que a firme vontade de S. M. he favorecer a industria, e reconduzir entre nós essa imparcial liberdade de commercio, que antes de 1789 tinha derramado a abundancia em todas as classes laboriosas. Vossas colheitas deixaráõ de ser ruinosas; as colonias, ha muito separadas da mãi patria, vos serão restituidas; o mar, que se havia tornado como inutil para vós, vai outra vez conduzir a vosso porto bandeiras amigas. O obreiro laborioso já não verá suas mãos ociosas, e o marinheiro restituido á sua nobre profissão, vai navegar de novo para comprar o descanço de sua velhice, e deixar em testamento a sua experiencia a seus filhos.

O esposo da filha de Luiz XVI está dentro de vossos muros; bem depressa elle mesmo vos fará ouvir a expressão dos sentimentos, que o animão, e dos do Monarca, de quem elle he o representante e o interprete.

A esperança dos dias de felicidade, que elle vos segura, tem muitas vezes sustentado minhas forças.

Não preciso convidar-vos á concordia. Não tendem todos os nossos votos á mesma meta, á destruição da tyrannia, debaixo da qual gememos todos igualmente? Mas cada hum de vós deve concorrer com tanta ordem como ardor. Amsterdam não esperou a presença de seus libertadores, para se declarar, e restabelecer o antigo governo, só capaz de resuscitar o seu commercio e prosperidade; ao patriotismo dos negociantes deveu o *Stathouder* o seu restabelecimento, e a pronta creação do exercito, que defende por suas mãos a liberdade Hollandeza.

Sereis os primeiros que déstes á França hum similhante exemplo. A gloria e o proveito, que a vossa Cidade daqui ha de colher, a farão para sempre celebre e feliz entre as Cidades.

Tudo nos promette esperar que ao excesso dos males vão a final succeder esses tempos dezejados pela prudencia, em que devem cessar as rivalidades das naçoens; e por ventura estava reservado ao grande capitão, que já mereceu o titulo de *libertador dos povos*, misturar o seu nome glorioso com a epoca deste feliz prodigio.

Taes são, ó meus concidadãos, os motivos, as esperanças, que tem guiado os meus passos, e me determinarão a fazer por amor de vós, se necessario fosse, o sacrificio da minha vida. Deos me he testemunha que nunca tive em vista mais do que a felicidade da nossa patria. *Viva ElRei!*

Bordeaux, Caza da Camara 12 de Março de 1814.

O Maire.

(Assignado) Lynch.

Em nome do Rei.

O Duque de Angoulême ao Exercito Francez.

Soldados! — Eu chego; estou em França; nesta França, que eu tanto prezo! Venho quebrar vossos ferros; venho desenrolar a bandeira branca, essa bandeira sem nodoa, que vossos Pais seguião com transporte. Ajuntai-vos a ella, bravos Francezes, e marchemos todos a derribar a tyrannia.

Generaes, officiaes e soldados, que vos alistardes debaixo da antiga bandeira dos lyzes, em nome do Rei, meu tio, que me encarregou de vos fazer

conhecer suas intençoens paternaes, eu vos seguro vossos grãos, vossos soldos e recompensas proporcionadas á fidelidade de vossos serviços.

Soldados Francezes! o neto de Henrique IV, o esposo de huma Princeza, cujas desgraças não têm par, mas que dirige todos os seus votos á felicidade da França; hum Principe, que se esquece de suas penas, ao exemplo de vosso Rei, para cuidar sómente nas vossas, vem com confiança entregar-se em vossos braços.

Soldados, a minha esperança não será enganada. Sou o filho de vossos Reis, e vós sois Francezes!

Luiz Antonio.

S. João da Luz, 11 de Fevereiro de 1814.

Por Ordem de Sua Alteza Real.

O Conde Estienne de Damas.

Falla do Maire de Bordeaux dirigida ao Marechal Beresford no dia 12 de Março de 1814 ao meio dia.

,, GEneral, — A generosa nação, que tem dado tantas provas decisivas da sua magnanimidade em ajudar com huma constancia inalteravel seus opprimidos alliados, se appresenta hoje ás portas da Cidade de Bordeaux, como alliada do nosso augusto Soberano Luiz XVIII.

Nós vimos, General, expressar-vos em nome de todos os nossos Concidadãos os sentimentos, que os animão.

Vós presenciareis os testemunhos, com que em toda a parte brilha o nosso amor ao nosso Rei. Es-

tes testemunhos serão tambem misturados com sentimentos de gratidão.

Não se offereça mais obstaculo algum á união de nossas patrias! Entrem os vossos navios francamente nos nossos portos, e os nossos sejão recebidos nos vossos, como amigos! Desta sorte gozaremos mutuamente dos beneficios da communicação commercial. A alliança da Inglaterra e França segura a paz e a felicidade do mundo. ,,

---

A's 2 horas o mesmo Maire fez a seguinte falla a Sua Alteza Real o Duque de Angouleme.

,, MOnseigneur, — Que dia para a Cidade de Bordeaux he aquelle, em que recebe em seu seio o sobrinho e o genro de Luiz XVI, e do nosso amado Rei Luiz XVIII! A França por tanto está a ponto de recobrar a sua felicidade! Ella só a póde gozar debaixo do governo paternal de hum descendente de Henrique IV, do Soberano, cuja distinta prudencia foi igualmente provada na prosperidade e na adversidade.

,, Que mais feliz presagio podiamos nós ter, Senhor, da nossa futura felicidade, do que a presença de hum Principe tão nomeado pela sua affabilidade, prudencia e firmeza?

,, Vinde, Monseigneur, entre os fieis vassallos do nosso Rei dar-lhes hum exemplo de todas as virtudes: vinde receber os mais notaveis testemunhos do nosso amor, do nosso affecto e profundo respeito. ,,

Falla do Arcebispo de Bordeaux ao Duque de Angouleme.

SEnhor, – Afflictos por huma longa serie de annos com calamidades de todo o genero, havemos gemido sobre as vossas miserias; e em quanto as nossas oraçoens supplicavão o termo dellas, eramos incessantemente agitados por esperanças e receios, que alternadamente prevalecião.

A estas magoadas emoçoens pôz silencio a presença de Vossa Alteza Real. Nós seremos felices! Em nome do meu Clero e do povo da minha diocese, tomo a confiança de rogar a V. A. R. que appresente a S. M. o sincero protesto de que nos seus dominios não se acharáõ vassallos mais fieis, nem mais constantes.

PROCLAMAÇÃO.

Aos Governadores, Generaes, Commandantes, Officiaes, Soldados, e habitantes de Cambray.

BRavos Francezes! — A sorte mais gloriosa se abre ante vossos olhos; o vosso Rei vos convida a reconhece-lo e recebe-lo; sêde os primeiros neste quartel de França á proclama-lo.

Sem dúvida vós sabeis que Bearn e Languedoc tem reconhecido sua authoridade; que Sua Alteza Real o Duque de Angoulême está marchando sobre Provence, Lyon, Limoges, e Bordeaux, onde todos os corações se lhe abrem.

Sem dúvida sabeis tambem que Monsieur, irmão d'ElRei sahio para o quartel general dos exercitos alliados.

Seguramente vós já não sois enganados pelas

mentiras, que todos os dias se accumulão no *Monitor.* Quantas victorias não vos tem elle annunciado de Moskow até París? E a perda de milhares de peças, 400$ Francezes prisioneiros, 500$ mil dos vossos filhos mortos, ou acabando de frio e fome entre Beresyna e o Rheno, a perda de vossos thesouros, hum terço da França conquistado, París em perigo de o ser; taes são os resultados das chamadas victorias do Monitor.

Qual de vós não terá dito hum cento de vezes que os boletins estão sómente cheios de falsidades e ridiculas exogerações? que todos os jornaes são meros instrumentos nas mãos da policia, e do governo para enganar-vos? Se isto haveis dito, se o haveis repetido, e ainda o julgaes assim, por qual cegueira continuareis ainda a mostrar que dais credito a aquellas reiteradas mentiras? Deixai de temer hum tyranno, cujo nome só vos atterra; e o mundo se livrará delle. Ah! 800$ soldados de todas as Nações, cuja vingança elle só desafia, estão no vosso territorio, ou promptos a entrar nelle. Milhares de Francezes perecem diariamente, e para que? Para defenderem hum tyranno, que elles detestão, porque elle tem a habilidade de persuadi-los de que as Potências Alliadas vierão com tenção de repartir a França; em quanto para livra-la, ó Francezes, vêm agora o vosso Rei em vosso soccorro. Elle voltará como hum pai entre seus filhos, e não como inimigo; elle voltará a vós debaixo da salva guarda do vosso amor, e da sua confiança, sem hum só soldado estrangeiro.

Elle só quer, elle só póde atalhar as formidaveis cohortes promptas a cahir sobre vós. Onde quer que o seu nome for proclamado, os moradores serão protegidos, os inimigos de Bonaparte são os amigos dos Bourbons, os protectores da especie humana.

A honra Franceza nunca vio a cara ao medo,

nem nos maiores perigos ; mas com os coraçoens verdadeiramente Francezes, nunca a honra consistirá em defender hum Corso, vosso algoz ; e em engeitar vosso legitimo Soberano, o descendente de 69 Reis.

Habitantes de Cambray, seja feliz e glorioso o vosso futuro destino! Nos vossos coraçoens, na vossa geral opinião he que Luiz XVIII dezeja restabelecer o seu governo : elle he o melhor, mais intelligente, mais indulgente dos homens, o mais terno dos pais, que dezeja voltar para o centro de seus filhos.

Emquanto elle não chegar, vossas portas ficarão fechadas. Os vossos arredores serão respeitados pelas tropas estrangeiras. A presença do vosso Rei em breve será para vos o sinal de felicidade, o dia de paz com Deus e com os homens.

O Marquez de Chabannes.

Proclamação da parte do Rei.

O Marquez de Chabannes, primeiro Ajudante de Campo do Rei, munido de plenos poderes nas provincias do Norte.

Francezes! he chegado o momento da vossa liberdade : o vosso Rei, acompanhado pela filha de Luiz XVI, e seguido pelo Principe de Condé, e o Pai do Duque de Enghien, está proximo a apparecer entre vós ; Monsieur, o irmão de Luiz XVIII, e seus illustres filhos, já o precederão a Est, ao Sul, e a Oest da França ; elles fazem conhecer as vistas paternaes do vosso Rei, e vos affiançāo em seu nome a restituição da felicidade e da paz, debaixo de hum governo, que será o protector das leis, e da publica liberdade.

O grito de Viva ElRei, tão caro a vossos antepassados, se levanta de toda a parte, e ressoa em todos os coraçoens! A bandeira branca fluctua sobre as vossas Cidades. Ella mostra aos habitantes que voltou a ordem, resuscitou o Commercio, a segurança das familias, e a união dos Francezes.

Não teremos mais que temer a guerra, a conscripção, os odiosos gravames de direitos consolidados ; tudo, que causa a miseria da nação, cessará com a existencia do Tyranno.

O Rei segurará ás guardas Imperiaes, e a todos os Generaes, Officiaes subalternos, e soldados, que se unirem á sua causa, a posse do seu posto, soldo, e emolumentos ; e a todos os magistrados, sejão administrativos ou judiciaes, que se declararem por elle, a posse dos seus postos : premiará honrosamente aquelles que lhe prestarem serviço. A Religião será restituida ao seu lustre, a propriedade á segurança, que lhe he devida. Nada perturbará a unanimidade, que deve unir os Francezes ; e o Rei, juntamente com sua familia, dando o exemplo dos sacrificios, combinará os direitos e vontades de todos em reciproca armonia.

Francezes! Tal he a contra-revolução, que se deve effeituar para vosso bem, e para tranquillidade do mundo. Toda a Europa zela a restauração de legitimos Soberanos ; sereis vós a unica nação, que quererá viver debaixo da mais vil tyrannia? *Viva o Rei!*

Bravos Flamengos, homens do Artois e Picardia, recebei a expressão daquelle respeito, de que está penetrado aquelle, que tem a felicidade de trazer-vos hoje a vontade e as vistas do Rei.

O Marquez de Chabannes.

lugar delles aquellas pessoas que parecerem mais aptas para effeituar as vistas paternaes do Rei.

14. O Rei ordena que os Francezes recebão as tropas dos illustres libertadores da tyrannia, com hospitalidade e attenção; e ainda que as ordens mais estreitas e a mais rigorosa disciplina não possa ser capazes de prevenir algumas desordens, ao menos com tudo estas serão as ultimas desgraças, que o tyranno nos ha da causar; e a paz debaixo do reino dos Bourbons, e do mais intelligente e benevolo dos Reis, restituirá a felicidade á desgraçada França.

O Marquez de Chabaunes.

Constituição da Hollanda. Haya 3 de Março de 1814.

NÓS Guilherme, por Graça de Deos, Principe de Orange Nassau, Principe Soberano dos Paizes Baixos Unidos, &c.

Aos que as presentes virem, saude.

Chamados á Soberania destes Estados pela vossa confiança, e lealdade, havemos declarado desde o principio que nos encarregavamos della debaixo da garantia de huma sabia Constituição, que pozesse a vossa liberdade a coberto de todos os abusos possiveis, e nunca depois deixamos de sentir a sua necessidade.

Portanto reputamos por hum dos primeiros e mais sagrados dos nossos deveres reunir homens de consideração, e encarrega-los do importante empenho de dirigir hum codigo fundamental, fundado em vossos costumes, e em vossos habitos, e accommodado ás necessidades dos tempos actuaes.

Depois de hum maduro exame desta obra, lhe

havemos dado a nossa approvação. Porém isto não satisfaz ao nosso coração. Ella interessa a todos os Paizes Baixos. Todo o povo Hollandez deve reconhecer-se nesta importante obra. Este povo deve receber a mais forte segurança de que nella se protegem sufficientemente os seus caros interesses; que a religião, fonte de todo o bem, he nella honrada e mantida, e a liberdade religiosa despegada de todo o interesse temporal, mas segura da maneira mais ampla; que a educação da mocidade e a propagação das sciencias serão desveladas pelo Governo, e isentas de todas esses regras vexativas, que opprimem o genio, e enervão o espirito; que a liberdade pessoal não será já hum nome vão, nem dependerá mais de huma policia desconfiada e aleivosa; que huma administração imparcial da justiça, guiada por principios fixos, segurará a cada hum a sua propriedade; que o commercio, a agricultura e as manufacturas não serão aljemadas, mas terão plena carreira, como preciosas fontes da prosperidade publica e individual; que em consequencia, não se porá mais restricção alguma á economia domestica das classes mais altas e mais baixas do Estado, mas se conformarão ás leis geraes, e ao governo geral; que a acção do governo geral não será paralisada por zelo demasiado pelos interesses locaes, mas ao contrario receberá maior impulso; que as leis geraes, por meio do concerto harmonioso dos dois principaes ramos do Governo, serão fundados sobre os verdadeiros interesses do Estado; que as finanças e os exercitos da nação, que fórmão as principaes columnas do edificio politico, serão estribados sobre este ponto central, onde se fixará firmemente o maior e mais precioso privilegio de todo o povo livre, — *a sua independencia.* Qual de vós póde duvidar desta verdade, depois da terrivel experiencia, que tivestes de huma tyrannia estrangeira, que não reconhecia direito algum,

quando precisava de meios para se sustentar pela violencia; depois de ter gemido, nestes ultimos annos, debaixo do jugo mais oppressivo, que jámais tem sido imposto depois do tempo dos Hespanhoes?

Agora ao menos vós conheceis todo o valor desses preciosos direitos, pelos quaes nossos pais sacrificarão os seus bens e o seu sangue; d'essa felicidade, que legarão a seus descendentes, e que as desgraças dos tempos nos roubarão.

Assim, animados por seu exemplo, he do nosso dever, á imitação daquelles de quem trazemos o nome, e do qual honrámos a memoria, restituir o que está perdido; cumpre a vós ajudar-nos com todos os vossos esforços, para que com a benção da Divina Providencia, que nos chama a este empenho, possamos deixar a nossos filhos a nossa amada patria inteiramente reconquistada e regenerada.

Para poder julgar se o Codigo constitucional assim recopilado póde satisfazer ao grande objecto acima indicado, havemos julgado conveniente sujeitar o dito Codigo, para hum exame mais sério, a huma numerosa assemblea das pessoas mais consideraveis e melhor qualificadas d'entre vós.

Para este effeito nomeámos huma Commissão particular; a qual escolherá, de huma numerosa lista, que nos foi entregue, seiscentas pessoas, em huma justa proporção com os departamentos actuaes.

Honrados com a vossa confiança, ellas se ajuntarão a 28 deste mez na metropole d' Amsterdam, para deliberarem sobre este importante negocio.

Ellas receberão tambem, com as cartas de convocação, o projecto de constituição, a fim de poderem formar a sua opinião com madureza, e na bonança da reflexão; e para este effeito se mandará de antemão huma copia a cada membro. E como he da mais alta importancia que aquelles membros possuão a confiança geral, ordenamos que seja publicada huma lista das pessoas escolhidas para

cada departamento, e que todos os habitantes, que são donos de casa, tenhão a facilidade, pondo a sua assignatura com alguma addição ou sem ella, em hum registro, que estará aberto por oito dias em cada cantão, de desaprovar aquellas pessoas, que não julgarem qualificadas.

Nenhum habitante he privado deste direito á excepção dos domesticos, criados, fallidos, e pessoas em estado de minoridade, ou de accusação.

Quando nos constar, pelo exame dos registros que a maior parte está satisfeita das pessoas, sujeitas desta maneira á sua escolha, nós os consideraremos com representantes de todo o povo Hollandez, ajunta-los-hemos, appareceremos no meio delles, os saudaremos como constituindo a grande assemblea, que representa os Paizes Baixos Unidos.

Então começarão livremente seus trabalhos; e dar-se-nos-ha conta dos seus progressos por huma Junta nomeada para este effeito, e logo que a adopção do Codigo constitucional houver sido o resultado de suas deliberaçoens, faremos as disposiçoens necessarias para prestar o juramento, que nos prescreve a Constituição, com toda a solemnidade conveniente, no meio de huma assemblea, e para serem installados em forma.

Devereis tambem estar convencidos, dignos compatriotas, que em todas estas providencias, o bem da nossa amada patria he o meu primeiro e unico objecto; que os vossos interesses são os mesmos que os meus; e podem elles mais claramente adiantar-se do que formando regulamentos constitucionaes, nos quaes achareis a garantia dos vossos direitos mais prezados? Elles nos procurarão a vantagem de exercer, segundo principios fixos, as funçoens e a responsabilidade do governo, com ajuda dos Cidadãos mais dignos e mais intelligentes; e elles nos segurarão a continuação dessa affeição, cujas expressoens alegrão nosso coração, animão nosso valor,

allivião o nosso pezo, e ligão para sempre a nós e a nossa casa á nossa patria regenerada.

Dado em Haya, a 2 de Março de 1814, e de nosso reinado o 1.º

(Assignado) Guilherme.
Por Ordem, A. R. Falck, Secret. de Est.

RUSSIA.

A Gazeta de Petersburgo de 20 de Janeiro contem o Tratado de Paz concluido entre a Russia e a Persia, que em substancia he o seguinte.

A Persia cede á Russia os Governos de Karabag, Ganshin, Schekin, Schirwan, Derbent, Kubin, Baku, Talischin, e todo o Daghestan. A Persia renuncia além disto a todas as suas pretenções á Georgia com a provincia de Schuragel; sobre Inseretta, Guria, Mingrelia, e Abchaise, e cede á Russia para sempre a Soberania sobre todos estes paizes. Só a bandeira Russa será admittida no mar Caspio, que a nenhuma outra potencia será permittido ter naquelle mar navios de guerra, ou mercantes.

Aʼ cerca do commercio entre as duas Potencias se fizerão as seguintes disposições. — Os vassallos Russos podem importar os seus generos não só na Persia, mas tambem nos Reinos visinhos; não pagaráõ mais de cinco por cento sobre todos os generos, que importarem na Persia, e o mesmo ácerca dos que exportarem. Os Russos em materias de commercio sómente serão demandados perante os Consules Russos, ou seus agentes, nas differentes Cidades da Persia.

Tratado entre a Suecia e a Dinamarca.

Kiel 14 de Janeiro.

Tratado de paz entre Sua Magestade ElRei da Suecia por huma parte, e Sua Magestade ElRei da Dinamarca por outra.

Em nome da Trindade Santissima e sempre adorada:

SUA Magestade ElRei da Suecia e Sua Magestade ElRei da Dinamarca, animados de pôr fim ás calamidades da guerra, que infelizmente tem subsistido entre elles, por meio de huma paz saudavel, e recuperar a boa intelligencia entre os seus Estados, para esse fim e sobre bases que segurem a duração da paz, respectivamente nomearão os seguintes plenipotenciarios, a saber: Sua Magestade ElRei da Suecia ao Barão Gustavo Von Wetteytedt, Chanceller de Corte, Commendador da Ordem Polaca da Estrella, Cavalleiro da Aguia Vermelha Prussiana da 1.ª Classe, Membro da Academia Sueca, e Sua Magestade ElRei de Dinamarca a Mr. Edmund Von Bourke, Grão Cruz da Ordem de Dannebrog, e Cavalleiro da Aguia Branca; os quaes depois de trocarem seus plenos poderes em boa e devida fórma, concordarão nos seguintes artigos: —

Art. I D'aqui em diante haverá paz, amizade e boa intelligencia entre Sua Magestade ElRei da Suecia, e Sua Magestade ElRei da Dinamarca; as altas partes contractantes farão quanto poderem para conservar perfeita armonia entre si, seus respectivos estados e vassallos, e evitar todas as medidas, que possão ser nocivas á paz felizmente restaurada entre elles.

II Tendo Sua Magestade ElRei da Suecia inalteravelmente determinado de maneira alguma separar os interesses dos Alliados dos seus proprios, e dezejando Sua Magestade ElRei da Dinamarca que seus vassallos gozem outra vez dos fructos da paz; e porque Sua Magestade recebeu por meio de Sua Alteza Real o Principe Herdeiro da Suecia positivas seguranças da parte das Cortes da Russia e Prussia, da sua amigavel disposição para tornarem aos antigos vinculos de amizade com a Corte Dinamarqueza, como existião antes de se romperem as hostilidades; de maneira que solemnemente se encarregão e estão resolutos da sua parte a não desprezar cousa alguma, que possa encaminhar-se a huma pronta paz entre Sua Magestade ElRei da Dinamarca, e Suas Magestades o Imperador da Russia e ElRei da Prussia: Sua Magestade ElRei da Suecia se obriga a empregar a sua Mediação com os Seus Altos Alliados, para que este saudavel objecto se consiga o mais breve possivel.

III Sua Magestade ElRei da Dinamarca para dar huma prova manifesta da sua vontade de renovar as apertadas relaçoens com os Altos Alliados de Sua Magestade Sueca, e plenamente convencido que da parte delles se nutrem os mais ardentes dezejos de se restituirem a huma pronta paz, como solemnemente declararão antes de romperem as hostilidades, se obriga a tomar huma parte activa na causa commum contra o Imperador dos Francezes, declarar guerra á aquella Potencia, e em consequencia ajuntar hum corpo auxiliar Dinamarquez no exercito do Norte da Allemanha, debaixo das ordens de Sua Alteza Real o Principe Herdeiro da Suecia; e tudo isto em conformidade e execução da convenção que se estabeleceu entre Sua Magestade ElRei da Dinamarca e Sua Magestade ElRei da Grãn Bretanha e Irlanda.

IV Sua Magestade ElRei da Dinamarca por si e por seus successores renuncia para sempre e irrevogavelmente todos os seus direitos e pretençoes ao Reino da Norwega, juntamente com a posse dos Bispados e Dioceses de Christiansand, Bergenhuus, Aggerhuus e Drontheim, além de Nordland e Finmarck, até as fronteiras do Imperio Russo.

Estes Bispados, Dioceses, e Provincias, que constituem o Reino da Norwega, com os seus habitantes, Cidades, Bahias, Fortalezas, Villas, e Ilhas, ao longo de toda a costa daquelle Reino, juntamente em suas dependencias (excepto Greenland, as Ilhas Ferroe, e a Islandia); bem como todos os privilegios, direitos, e emolumentos a elles pertencentes, pertencerão, como plena e soberana propriedade, a ElRei da Suecia, e farão parte do seu Reino Unido. Para este fim S. M. ElRei da Dinamarca se obriga da maneira mais solemne, tanto por si como por seus successores, e por todo o Reino, daqui em diante a não fazer reclamação, directa, ou indirecta, sobre o Reino da Norwega, ou seus Bispados, Dioceses, Ilhas, ou outro algum territorio a elle pertencente. Todos os habitantes, em virtude desta renuncia, são dispensados do juramento, que prestarão ao Rei, e á Coroa da Norwega.

V. Sua Magestade ElRei da Suecia se obriga por outra parte da maneira mais solemne, a fazer que os habitantes do Reino da Norwega, e suas dependencias, gozem para o futuro de todas as leis, franquezas, direitos, e privilegios, quaes até agora havião subsistido.

VI. Como toda a divida da Monarquia Dinamarqueza he contrahida tanto sobre a Norwega, como sobre as outras partes do Reino, por isso Sua Magestade ElRei da Suecia se obriga, como Soberano da Norwega a ser responsavel por huma parte daquella divida, proporcionada á população e

rendas da Norwega. Deve entender-se por divida publica aquella, que foi contrahida pelo Governo Dinamarquez, tanto dentro como fóra do paiz. A ultima consiste em obrigaçoens Reaes e do Estado, bilhetes de banco, e papel moeda anteriormente expedido debaixo da authoridade Real, que hoje circuláō em ambos os Reinos.

Commissarios nomeados por ambas as Coroas para este fim tomaráō huma exacta conta desta divida, e a calcularáō sobre huma justa divisão da população e rendas dos Reinos da Norwega e da Dinamarca. Estes Commissarios se ajuntaráō em Copenhagen, dentro de hum mez depois da troca da ratificação deste Tratado, e concluiráō este negocio o mais breve possivel, e ao menos antes de acabar o anno; bem entendido porém que ElRei da Suecia, como Soberano da Norwega, não será responsavel por outra parte da divida contrahida pela Dinamarca, senão daquella, a que a Norwega era obrigada antes da sua separação.

VII. Sua Magestade ElRei da Suecia por si e seus successores renuncia irrevogavelmente, e para sempre, a bem de ElRei da Suecia, todos os direitos e pertençoens ao Ducado da Pomerania Sueca, e ao Principado da Ilha de Rugen.

Estas Provincias, com todos os seus habitantes, Cidades, Portos, Fortalezas, Villas, e Ilhas, e todas as suas dependencias, privilegios, direitos e emolumentos, pertenceráō em plena soberania á Coroa da Dinamarca, e seráō encorporados com este Reino.

Para este fim Sua Magestade ElRei da Suecia se obriga, da maneira mais solemne, tanto por si como por seus successores, e por todo o reino da Suecia, a nunca fazer alguma reclamação, directa ou indirecta, a cerca das ditas Provincias, Ilhas, e territorios; por tanto em consequencia desta renuncia os habitantes ficão dispensados do juramento, que prestarão a ElRei e á Coroa da Suecia.

VIII. Sua Magestade ElRei da Dinamarca se obriga similhantemente a segurar aos habitantes da Pomerania Sueca as Ilhas de Rugen, e suas dependencias, suas leis, direitos, franquezas e privilegios, quaes actualmente existem, e se contém nos actos dos annos de 1810 e 1811.

Como nunca o papel moeda Sueco correu na Pomerania Sueca, por isso Sua Magestade ElRei da Dinamarca se obriga a não fazer alteração a este respeito, sem o conhecimento e consenso dos Estados da Provincia.

IX. Havendo-se Sua Magestade ElRei da Suecia, pelo VI Artigo do Tratado de Alliança, ajustado em Stockolm a 3 de Março de 1813, com Sua Magestade ElRei da Gran Bretanha e Irlanda, obrigado a abrir o porto de Stralsund, pelo periodo de vinte annos, contados da data da troca da ratificação do tratado, como hum *entreposto* para todas as producçoens coloniaes, mercadorias, e manufacturas, trazidas da Inglaterra e suas Colonias, em navios Suecos ou Inglezes, pagando hum por cento *ad valorem* sobre as fazendas deste modo introduzidas, e hum igual direito na sahida; Sua Magestade ElRei da Dinamarca se obriga a cumprir esta convenção existente, e a renova-la no Tratado com a Gran Bretanha.

X. A divida publica, contrahida pela Camara Real da Pomerania, fica a encargo do Rei da Dinamarca, como Soberano do Ducado da Pomerania, que toma sobre si as convençoens ajustadas para a reducção da dita divida.

XI. ElRei da Dinamarca reconhece as doaçoens, que ElRei da Suecia tem concedido sobre os dominios e rendas da Pomerania Sueca, e da ilha de Rugen, e que importarão annualmente na somma de 43∂ rixdollars Pomeranios; igualmente se obriga Sua Magestade a manter os donatarios em plena e inalteravel pósse dos seus direitos e

rendas, de maneira que possão receber, vender, ou traspassar os mesmos, e que tudo seja pago sem algum embaraço, ou sem direitos e custas, de qualquer denominação que sejão.

XII. Suas Magestades ElRei da Suecia e ElRei da Dinamarca mutuamente se obrigão a nunca desviar do seu original destino os dinheiros appropriados a objectos de beneficencia, ou de publica utilidade, no Reino da Norwega, e no Ducado da Pomerania Sueca, com as suas respectivas dependencias.

ElRei da Suecia, em conformidade desta mutua convenção, se obriga a sustentar a Universidade da Norwega, e ElRei da Dinamarca a de Greiswald.

O pagamento de todos os officiaes publicos, tanto na Norwega como na Pomerania, ficarão a cargo da Potencia adquiridora, contando do dia em que tomar posse.

Os pensionarios receberáõ as pensoens, que lhes estiverem assignadas pelo precedente Governo, sem interrupção ou alteração.

XIII. Querendo ElRei da Suecia, quanto for praticavel, e depender d'elle, que o Rei da Dinamarca receba compensação pela renuncia do reino da Norwega, do que Sua Magestade deu prova satisfactoria na cessão da Pomerania Sueca e da Ilha de Rugen, empregará igualmente Sua Magestade todos os seus esforços com as Potencias Alliadas, para que segurem em addição, na paz geral, hum pleno equivalente para a Dinamarca pela cessão da Norwega.

XIV. Immediatamente depois de assignado o presente Tratado, mandar-se-ha huma participação do mesmo, com a possivel brevidade, aos Generaes e exercitos, para que cessem inteiramente as hostilidades por ambas as partes, tanto por mar como por terra.

XV. As Altas Partes contractantes se obrigão a que cessem immediatamente depois da assignatura do presente Tratado todas as contribuiçoens e requisiçoens de qualquer genero e denominação, de maneira que não tenhão vigor ainda mesmo aquellas que houverem já sido ordenadas. Convém igualmente que todos os bens, que forão sequestrados pelo exercito do Norte da Allemanha, se restituão aos seus proprietarios. Exceptuão-se os navios e cargas pertencentes aos vassallos de ElRei da Suecia e Seus Alliados, que houverem sido levados para os postos dos Ducados de Sleswick e Holstein; estes ficarão nos seus presentes proprietarios, que disporáõ delles como quizerem.

(Este artigo dispoem tambem o modo, com que as tropas alliadas hão de despejar as praças de Holstein e Sleswick, de que estavão de posse.)

Immediatamente depois de assinado o presente tratado, as tropas Suecas entraráõ na Norwega, para tomar posse de todas as suas praças fortes. Sua Magestade ElRei da Dinamarca se obriga a dar as ordens necessarias para este effeito.

As tropas Suecas entregaráõ a Pomerania Sueca, e a ilha de Rugen ás tropas d'ElRei da Dinamarca, logo que as tropas Suecas houverem tomado posse das fortalezas de Frederickshall, Kongswinger, Frederickstadt e Aggerhaus.

Lé-se em hum periodico Inglez a seguinte narração debaixo do titulo de Principes da Caza de Bourbon.

SE ha algum periodo, em que esta desgraçada familia tem menos que nunca merecido a nota de falta de caracter activo, de energia, he certamente neste momento em que *Monsieur*, e o Duque de Angouleme, estão presentes em França em dois differentes cantoens, e quando o Duque de Berry está á mão, na costa oriental, e esperando sómente as armas necessarias para desembarcar com probabilidade de bom exito.

Luiz XVIII, o Principe de Condé, e o Duque de Bourbon, seguirão tambem para alli logo que a bandeira branca estiver desenrolada nas provincias, protegida por huma força Franceza Realista, armada e organisada.

Causas politicas, de que elles não podião dispor, forão a só causa, que os deteve aqui até esta hora.

He de sobra por agora. Durante os ultimos 26 annos da sua cruel revolução, no meio de tantos acontecimentos importantes, mais estrondosos do que os acontecimentos ordinarios de seculos, não he para admirar que os homens se esqueção, ou ignorem, o que estes infelizes Principes fizerão pela causa Real, sem se deixarem soçobrar hum momento pelas infinitas malignas circunstancias e obstaculos, que tem encontrado; e portanto póde-se julgar proveitoso nestas vistas, corrigir huma errada opinião, e dar huma idéa do honroso comportamento, que elles tem mostrado desde a sua partida da França; a fim de que os habitantes bem intencionados daquelle paiz opprimido, assim como outras naçoens, formem hum juizo justo, e lhes prestem aquella geral estimação, que elles merecem tão bem.

Quando os Principes da Casa de Bourbon acima nomeados conhecerão que não tinhão forças para resistir á torrente da revolução, que ameaçava as vidas do Rei Luiz XVI, e de toda a sua familia, e que a sua presença não podia atalhar, resolverão retirar-se da França; e dos fins de 1789 até os principios do anno seguinte, deixarão sua patria, e dirigirão-se á Corte de ElRei de Sardenha, cunhado de Luiz XVIII e de *Monsieur*, para alli procurar hum amparo contra huma insurreição produzida por huma falsa idéa de liberdade, e que ameaçava tambem o resto da Europa.

Elles implorarão a protecção de todas as testas coroadas, a favor de seu desgraçado irmão; e em consequencia do Tratado concluido por alguns delles em Pilnitz, em 1791, alcançarão consideraveis soccorros da Austria e da Prussia, que se unirão em Coblentz em 1792, debaixo das ordens do Duque de Brunswick, commandante das forças alliadas. Toda a nobreza de França se alistou debaixo da bandeira branca — Francezes de todas as classes correrão a ella do interior de França; e guiados pelos seus principios, penetrarão até muito perto de Chalons com os exercitos alliados, debaixo do commando do Duque de Brunswick, quando este foi induzido por Dumorier, que então commandava a força Franceza, a retirar-se para as fronteiras da França, affirmando o General Francez que a Municipalidade de Paris o havia informado que as vidas de Luiz XVI e de sua familia se poderião poupar, se elle consentisse em retirar-se. Sua Alteza Serenissima por humanidade, conveio na proposta, ainda que contra a opinião de hum Conselho de Guerra, no qual o maior numero se lhe oppoz; entre os quaes era o Marechal de Castries, encarregado de plenos poderes de Luiz XVI e Luiz XVIII, e que sabia que a proposta era hum estratagema; mas nada póde estorvar a retirada, que foi orde-

nada immediatamente, e a perda da parte dos exercitos alliados foi immensa. Daqui se seguirão desgraças de todo o genero, e as invasoens de Flandres e Allemanha. Os Principes de Bourbon não tinhão remedio senão seguir a retirada dos Alliados; e não querendo intrometter-se, quando não erão já respeitados, buscarão asylo em Ham, na Westphalia. Monsieur, esperando que no Brabante os Alliados podessem outra vez obrar pela offensiva; foi unir-se-lhes; mas frustradas as suas esperanças, voltou, e então resolveu hir para Petersburg, e sollicitar a Imperatriz Catherina a ajudar Luiz XVI a recuperar o throno. Alli foi recebido com a maior benignidade, e se lhe fizerão as promessas mais lisongeiras; mas não querendo fazer pessoalmente hostilidades, temendo comprometter seu irmão, se dicidio que o Principe de Condé, seu filho, e seu neto (o Duque d' Enghien), á frente de 12 ou 15ɔ Francezes Realistas, fidalgos e soldados servissem debaixo das ordens da Austria, segundo as circunstancias.

Os Duques de Angoulême e Berry, que havião acabado a sua educação, se lhes ajuntarão, e sempre na guarda avançada com os Duques de Bourbon e Enghien se distinguirão grandemente por seu valor em vinte diversas acçoens, ganhando a geral estimação, tanto dos Alliados como até dos proprios inimigos. O Duque de Bourbon, gravemente ferido no attaque do inimigo, foi obrigado a refugiar-se em Inglaterra (a cujo soldo estava então o exercito de seu Pai) até se restabelecer.

Apenas elle chegou, que a situação dos negocios em La Vendée chamando a sua presença, elle estava a ponto de partir com Monsieur para aquelle paiz, quando a fatal derrota em Quiberon poz fim ás suas esperanças.

Neste tempo Luiz XVIII tinha sido reconhecido pela Imperatriz Catharina, que lhe enviou o

Conde Romanzoff, em Ham; e depois a Inglaterra, cujo governo estava então debaixo da administração de Mr. Pitt, deu ordens a Lord Macartney, para hir como embaixador a Verona, onde então estava Luiz XVIII, e que pensou que nada podia fazer melhor do que seguir os seus pareceres, que tão bem concordavão com os seus dezejos, e caminhou para o exercito do Principe de Condé, então em Brisgau, sobre o Rheno: mas logo que o Imperador da Austria soube que elle alli estava, as vistas politicas do seu Gabinete differindo das do Rei Francez, que intentava conservar a integridade da antiga França, mandou successivamente tres ordens peremptorias ao Marechal Wurmser, para que fizesse civilmente retirar a Luiz XVIII, e se este recusasse, posesse na retaguarda o exercito do Principe de Condé, e em summa empregasse a força, se necessario fosse. Luiz XVIII, não podendo resistir a esta ordem positiva, e não querendo privar a nobreza Franceza da sorte ou possibilidade de entrar em França, e restabelecer-se, preferio o seu sacrificio pessoal, e retirou-se sem saber, onde havia de achar refugio. Toda a Allemanha estava então escrava de Bonaparte. Nenhum dos seus Principes lhe permittiria ficar nos seus dominios, temendo comprometter-se. Na sua viagem, tendo huma noite descançado em Dillingen, perto de Donawerlh, estando á janella para tomar ar, foi ferido na cabeça por huma balla de mosquete, atirada por hum Italiano, pago para este fim por Napoleão. O Maire da Cidade, temendo algum motim entre o povo, não só deixou escapar o assassino, mas pedio ao Rei que não se demorasse 24 horas na Cidade; desta maneira Sua Magestade, não obstante o perigoso estado, em que estava pela sua ferida, foi obrigado a sahir sem saber onde havia de encontrar descanço. Felizmente o Marechal de Castries conseguio, ainda que com muita

dificuldade, licença do seu amigo o Duque de Brunswick, para elle ficar em Blankenberg; dalli logo depois se refugiou em Varsovia, depois em Curland, e finalmente em Mittau, onde o Imperador Paulo consentio em recebe-lo, em quanto alli presistiu recebeu de hum Ministro Prussiano, subornado por Bonaparte, a proposta de renunciar a coroa da França por huma indemnidade. Sua Magestade engeitou huma tal proposta com o despreso, que ella merecia. Quando se effeituou o tratado de Tilsit, sabendo positivamente que a sua vida estava em perigo, embarcou sem hesitar com a sua familia para a Inglaterra, onde foi recebido com a maior hospitalidade, e com huma attenção e civilidade, que elle não havia encontrado em outra parte.

Durante este tempo a Inglaterra querendo ajudar os Realistas, que apparecião outra vez ao Oest da França, permittio que Monsieur embarcasse, e que o Duque de Angouleme o accompanhasse. Sir J. B. Warren, com huma pequena esquadra, o desembarcou em Noirmontiers, e na Isle de Dieu, da qual tomarão posse; mas Bonaparte, havendo suffocado aquelles disturbios, anniquilou-se toda a esperança, e Monsieur, depois de estar embarcado tres ou ou quatro mezes, foi obrigado a voltar a Inglaterra, e logo depois do Tratado de Amiens se retirou para a Escossia. Renovando-se outra vez a guerra, tornou para Londres, e naquelle estado de cousas só podia esperar alguma favoravel mudança de circunstancias que occoresse. Elle, bem como todos os Principes da Casa de Bourbon, nunca deixarão de propor a cada potencia, e a seus gabinetes, que os deixassem actuar. O Duque de Angouleme sahio de motu proprio para Hespanha, com tenção de passar dalli para a França: mas parou em Falmouth. Sem duvida motivos politicos o embaraçarão de proseguir.

Quando a Allemanha começou a sacodir o ju-

go do Corso, Monsieur embarcou para o Continente. Elle não pôde desembarcar, porque os Francezes havião tomado posse de Hamburgo, e tornou a embarcar em Heligoland, passando o Baltico para Stralsund; mas os alliados, havendo assignado hum armisticio, não lhe permittirão ficar alli, e foi obrigado a voltar para Londres. Agora finalmente conseguio entrar na França, onde foi recebido com as aclamaçoens do povo, nas differentes provincias, porque passou, como igualmente o Duque de Angouleme no Sul, onde pela bizarria das tropas Inglezas, e habilidade do seu General, os exercitos revolucionarios forão derrotados em Bordeaux, huma das mais populosas Cidades da França, saudou os Inglezes como libertadores, levantando os moradores com o maior alvoroço o tope branco, e declarando-se por huma antiga monarquia. De todas as referidas circunstancias, que são rigorosamente verdadeiras, se póde justamente asseverar que o Rei, e todos os Principes de Bourbon, tem feito tudo quanto está ao seu alcance para restabelecer a sua familia sobre o throno de seus antepassados, sem prejuiso dos interesses da sua patria; e pelo seu procedimento tem merecido universal auxilio na grande obra da destruição do Corso, só a qual póde segurar a paz e a seguridade da Europa.

Hum Realista, amigo da verdade.

N. B. O Editor do Periodico (Beel's Weekly Messenger) não affiança a verdade dos factos allegados, e nós copiamos o presente artigo debaixo da mesma condição.

Nova Constituição Franceza. Senado Conservador. Extrahido dos Registro do Senado Conservador de Quinta feira 6 de Abril.

O Senado Conservador, deliberando sobre o plano de Constituição, que lhe apresentou o Governo Provisional, em observancia do Decreto do Senado do 1.º do corrente: —

Depois de ouvir a informação de huma Commissão Particular de sete membros: decreta o seguinte: —

Art. 1. O Governo Francez he monarquico e hereditario de varão em varão, na ordem da primogenitura.

2. O povo Francez chama livremente ao throno de França Luiz Estanislau Xavier de França, irmão do ultimo Rei, e depois delle os outros Membros da Caza de Bourbon, na antiga ordem.

3. A antiga nobreza torna a tomar os seus titulos. A nova conserva os seus hereditariamente. Conserva-se a Legião de Honra com os seus privilegios. O Rei fixará a insignia.

4. O poder executivo pertence ao Rei.

5. O Rei, o Senado, e o Corpo Legislativo concorrem a fazer as leis.

Podem-se propor planos de leis, tanto no Senado, como no Corpo Legislativo.

As que dizem respeito ás contribuiçoens se podem sómente propor no Corpo Legislativo.

O Rei póde convidar igualmente os dois Corpos para se occuparem de objectos, que julgar convenientes.

He necessaria a sancção do Rei para complemento de huma lei.

6. Haverá 150 Senadores pelo menos, e 200 quando muito.

A sua dignidade he immovel, e hereditaria de varão em varão em ordem de primogenitura. São nomeados pelo Rei.

Os presentes Senadores, com excepção daquelles que renunciarem á qualidade de cidadão Francez, são conservados, e fórmão parte deste numero. As actuaes riquezas do Senado e dos Senadores lhes pertencem. As rendas são igualmente divididas entre elles, e passão a seus successores. Em caso de morte de hum Senador sem posteridade varonil directa, o seu quinhão volta ao thesouro publico. Os Senadores, que forem nomeados para o futuro, não podem participar desta riqueza.

7. Os Principes da Familia Real, e os Principes de sangue, são de direito Membros do Senado.

As funçoens de Senador não podem ser exercitadas por pessoa, que tenha menos de 21 annos.

8. O Senado decide os casos, em que a discussão de objectos perante elle for publica, ou particular.

9. Cada departamento enviará ao Corpo Legislativo o mesmo numero de Deputados, que mandava.

Os Deputados, que tinhão assento no Corpo Legislativo na epoca do ultimo adiamento, continuaráõ até serem substituidos. Todos conservaráõ seus ordenados.

Para o futuro seráõ eleitos immediatamente pelos Corpos Eleitoraes, que são conservados, com excepção das alteraçoens, que forem feitas por lei na sua organisação.

A duração das funçoens dos Deputados do Corpo Legislativo se fixa em cinco annos.

A nova Eleição terá lugar na Sessão de 1816.

10. O Corpo Legislativo se ajuntará de direito cada anno no 1.º de Outubro. O Rei póde convoca-lo extraordinariamente; póde adia-lo; póde tambem dissolve-lo; mas no ultimo caso deve formar-se outro Corpo Legislativo, dentro em tres mezes o mais tardar, pelos Collegios Eleitoraes.

11. O Corpo Legislativo tem o direito de

discussão. As Sessoens são publicas, salvo em casos que elle escolher formar-se em junta geral.

12. O Senado, Corpo Legislativo, Collegios Eleitoraes e Assembleas de Canteens elegeraõ seus Presidentes d'entre elles.

13. Nenhum Membro do Senado, ou Corpo Legislativo, póde ser preso sem ordem do Corpo a que pertence.

O processo de hum Membro do Senado, ou do Corpo Legislativo, pertence exclusivamente ao Senado.

14. Os Ministros podem ser Membros ou do Senado, ou do Corpo Legislativo.

15. A igualdade da proporção nos tributos he de direito: não se póde impor, ou receber tributo sem livre consentimento do Corpo Legislativo e do Senado. A jugada póde só estabelecer-se por hum anno. Os fundos do anno seguinte, e as Contas do anno precedente, são apresentados annualmente ao Corpo Legislativo e ao Senado, na abertura da Sessão do Corpo Legislativo.

16. A lei fixará o modo e quantidade da recruta do exercito.

17. A independencia do poder judicial he garantida. Ninguem póde ser removido de seus Juizes naturaes.

A instituição dos Jurys he conservada, bem como a publicidade de processo em materias crimes.

Fica abolida a pena de confiscação de bens.

O Rei tem o direito de perdoar.

18. As Cortes e Tribunaes ordinarios existentes são conservados; não se póde diminuir, ou augmentar o seu numero, senão em virtude de huma lei. Os Juizes são vitalicios e immoveis, excepto as Justiças de Paz e os Juizes de Commercio. As Commissoens e Tribunaes extraordinarios são supprimidas, e não podem restabelecer-se.

19. A Corte de Cassação, as Cortes de Apellação, e os Tribunaes de primeira instancia, propoem ao Rei tres candidatos para cada lugar de Juiz vago no seu corpo. O Rei escolhe hum dos tres. O Rei nomeia os Primeiros Presidentes e o Ministro Publico das Cortes e Tribunaes.

20. Os militares em serviço, os officiaes e soldados a meio soldo, as viuvas e pensionarios publicos conservão seus postos, honras, e pensoens.

21. A pessoa do Rei he sagrada e inviolavel. Todos os Decretos do Governo são assignados por hum Ministro. Os Ministros são responsaveis por tudo que estes decretos contém em infracção das leis, da liberdade publica e particular, e dos direitos dos Cidadãos.

22. A liberdade do culto e de consciencia he garantida. Os Ministros dos cultos são tratados e protegidos da mesma maneira.

23. A liberdade da prensa he inteira, com excepção da legal repressão de offensas, que resultem do abuso dessa liberdade. As Commissoens Senatorias da liberdade da prensa, e da liberdade individual são conservadas.

24. A divida publica he garantida.

As vendas dos dominios nacionaes são mantidas irrevogavelmente.

25. Nenhum Francez será perseguido por opinioens, ou votos, que houver dado.

26. Todas as pessoas tem direito de dirigir petiçoens individuaes a qualquer authoridade civil.

27. Todos os Francezes são igualmente admissiveis a todos os empregos civis e militares.

28. Todas as leis ao presente existentes ficão em vigor, em quanto não forem legalmente revogadas. O Codigo das Leis civis se intitulará *Codigo Civil dos Francezes*.

29. A presente Constituição será sujeita á acceitação do povo Francez, na fórma que se regular. Luiz Estanislau Xavier será acclamado Rei dos Francezes, logo que a houver assignado e ju-

rado, por hum acto que diga, *Acceito a Constituição: juro cumpri-la, e faze-la cumprir.*

Este juramento será repetido com solemnidade, quando elle receber o juramento da fidelidade dos Francezes.

(Assignados) Principe de Benevento, Presidente; Condes de Valence, e de Pastoret, Secretarios; o Principe, Archi-Thesoureiro; os Condes Abrial, Barbé Marbois, Emery, Barthelemy, Buldersbuch, Buernonville, Cornet, Carbonara, Le Grand, Chasseloup, Chollet, Coland, Davoust, de Gregory, Decroiy, Depere, Demberrere, Dhaubersaert, Destatt Tracy, d'Harville, d'Hedouville, Fabre (de l'Aude), Ferino, Dubois, Debais, de Fontanes, Garat, Gregoire, Herwyn de Neville, Jaucourt, Klein, Jouenu, Aubert, Lambrecht, Lanjuinais, Lejeas, Lebrun de Rochemont, Lemercier, Meerman, de Lespenasse, de Mautbadon, Lenoir Raroche, de Mailleville, Redon, Roger Ducos, Peré, Tascher, Porcher de Rechebourg, de Ponte Coulant, Saur, Rigal, St. Martin, de Lamotte, Sainte Suzanne, Sieyes, Schimmelpenninck, Vandigelder, Von de Pol, Venturi, Vaubois, Duc de Valmy, Villetard, Vimar, Vanzaylen, VanNycvelt.

DEpois de estar no Prelo quasi todo este periodico, chegou a esta Corte a mais alegre noticia, que podiamos esperar. Ha tempo dissemos que estava proxima a catastrophe da sanguinaria Tragedia; de que a Europa tinha sido o theatro. Viamos desde 1806 infatuados os conselhos do Usurpador, observamos nas traiçoens horrorosas de Bayona, nas convençoens escandalosas de Fontainebleau, e assignaladamente no barbaro decreto de Milão, delirios de hum insensato, que atropellando as leis mais sa-

gradas, e os tratados mais solemnemente jurados, hia desafiar com huma louca politica o valor e a desesperação de naçoens tão assignadas na Historia pelo seu heroismo, como pela sua fidelidade. Emquanto os outros povos da Europa dormião sobre os ferros, os Portuguezes e os Hespanhoes se irritavão com o seu pezo, e só procuravão despedaça-los. A prudencia assombrava-se ao olhar para os obstaculos, mas o patriotismo lhes ensinava que não havia impossivel, que huma firme resolução e huma decidida constancia não superem. Milhares de victimas immoladas ao furor dos Vandalos atiçavão a desesperada raiva dos Hespanhoes, que as scenas de Madrid não podião acalmar. Que milagres não offerece entretanto o pequeno Portugal? Junot, Massena, Marmont, Soult, e outros muitos famosos satellites do Despota, só colherão no seu terreno o opprobrio e a desesperação. O valor supre a disciplina, o patriotismo serve de numero, e o Bussaco admira os ensaios de tropas á primeira vista bisonhas. Por ventura a esta prova se deveu a cautela e o receio de Massena: a este golpe conheceu o experto General com que tropas tinha de pelejar. Então os seus projectos se suspendem, e huma feliz e habil retirada he quanto pode effeituar.

Este primeiro fructo da furia desacisada de Bonaparte acordou as naçoens do Norte, que a exemplo dos Portuguezes assentarão sacrificar tudo pela liberdade. Desta fonte de gloria rebentarão os assombrosos esforços, que porcima de estragos levavão a morte a quem trazia algemas, e menos huma constancia, que os revezes não entibiarão.

Saltemos por esses montoens de ruinas; fixemos os olhos aos horrores de huma carnagem sem exemplo, e fita a nossa attenção nos gloriosos successos d'agora, esqueçamos os estragos de hontem. Que scena tão interessante! Que mudança tão inesperada! Não he já Napoleão á testa de falanges

de assassinos que entra no Coração de Allemanha; são os Allemaens, que tranquillos descanção as armas em Paris. Não vêmos já ameaçado o throno do grande Frederico; vemos o discipulo e o camarada daquelle guerreiro conduzir hum exercito victorioso á capital da França. Os Russos não combatem já para desafrontar o seu paiz de huma irrupção barbara, do Don passarão ao Sena, de Moskow a Paris, e aquelle que abalou o solio de Pedro Grande, foge espavorido para Fontainebleau. Callarei os guerreiros de Carlos XII, e todos os outros generosos Alliados, que de mãos dadas sacodirão o throno do Corso, e o derribarão. A minha admiração se embebe em hum objecto sobranceiro, tão novo como illustre, e prospero em suas consequencias. Todos o previnem. Hum Bourbon apparece no meio daquella nação enganada: hum Bourbon! nome illustre que o barbaro Napoleão quizera não só fazer desapparecer do Universo, mas até riscar das paginas da Historia! Hum descendente de Henrique IV, trajando as nobres galas, que lhe deixarão seus maiores, apparece no meio dos Francezes, e os Francezes depoem a selvage ferocidade, que lhes communicara o indigno Chefe. Derribão-se as aguias, arvorão-se os lyzes, á tricolor bandeira succede a branca, que annuncia a todo o mundo a chegada da paz. A França toda, como unida em hum só corpo, brada de huma vez unanime. *Morra o Tyranno! Viva Luiz XVIII!*

Que tropel de factos todos singulares, prodigiosos todos, se desenvolvem de pancada! A historia se honra de transmittir á posteridade acçoens, que serão apenas cridas, quando faltar o enthusiasmo, que lhes deu o ser. Quem se persuadirá hum dia de huma tão subita mudança! Quem se lembrará de huma dynastia ephomera, que manchou os thronos da Europa, a despeito dos direitos mais sagrados! Quem se persuadirá que os legitimos Sobera-

nos esbulhados de suas Coroas, proscriptos, desterrados, virão em hum momento os seus antigos povos dobrarem ante elles o joelho, e acharem estreito o Coração para conter tanto jubilo! Sim eu não duvido affirmar que o Sceptismo será hum dia o juizo da posteridade, assombrada de tantos prodigios. Tão difficil he de crer aquillo que excede a nossa expectação!

Porém seria esteril a nossa admiração, se embriagados com os vivas e aclamaçoens das naçoens libertadas, não attentassemos ás vantagens, que dalli se derivão. Mas como poderei eu expressa-las todas? Dizer que a Europa constitue huma só familia, he empregar a fraze dos alliados. Que o sangue não correrá já em rios sobre terrenos estrangeiros e muitas vezes ingratos: que não vergaráõ as estradas com o pezo da bagagem e da artilharia: que o Lavrador descançará sobre o arado das fadigas da agricultura: que as artes tomaráõ a sua energia e elasterio: que as sciencias daráõ vôos rapidos de reino em reino, da terra ao Ceo, e assoberbarão outra vez os Estados, que o Vandalismo usurpara; isto he apenas huma pequena parte das vantagens da paz. Mais transcendentes são sem duvida as prosperidades da Europa; porque não se trata só de suspender o flagello da guerra, e de apagar o faxo da discordia. Dissipou-se da face do mundo politico hum monstro, que ameaçava a todos: secou aquella fonte, que parecia inexhaurivel, de calamidades, e de estragos. Não são já tregoas passageiras, cimentadas com as ruinas de hum Estado, e com o engrandecimento gigantesco daquelle formidavel colosso; he huma paz alicerceada sobre a independencia reciproca, sobre a mutua restituição de violentas usurpaçoens. Neste golpe de vista se descobre hum mais vasto horizonte politico, capaz de alvoroçar o coração mais gelado do mais indifferente Cidadão. Aquelle mesmo que, forrado

n

de bronze para qualquer outro sentimento, salvo hum interesse grosseiro e sordido, só encara os meios de augmentar huma fortuna, que he muitas vezes seu tormento e seu verdugo, verá em novos recursos á sua ambição hum novo motivo de prazer.

Receiamos soltar demasiado os vôos ao nosso espirito, sim abatido e quasi desfalecido pela força dos males physicos e moraes, que o opprimem, mas que por huma energia magica, que lhe inspira o patriotismo, se sente elevado acima da sua esfera, e esquecido da esterilidade de seus sentimentos e de seus esforços. Acabariamos portanto estas insipidas reflexoens, se podessemos hum instante esquecer-nos do alvo das nossas fadigas — *a prosperidade do Brazil.*

Para de huma só vez comprehender todas as idéas, basta mencionar a Ordem de S. A. R. para que em todos os Portos dos Seus Dominios se recebão navios de todas as naçoens, e dos mesmos portos possão sahir embarcaçoens para qualquer parte. Portuguezes! Já não tendes inimigos! O Oceano vos abre as portas, cortai-o com aquelle denodo, com que o assoberbastes no Seculo XVI. Os vossos generos são exportados, vendidos com vantagem! Abri a terra, e ajuntai copiosas colheitas. A lavoura, paralisada por falta de consumo, vai prosperar sem limites. Applicai a vossa industria. A vossa industria vos fará abastados. Portuguezes! Outra vez o digo. Já não tendes inimigos! A's abundosas messes de gloria vão succeder os doces prazeres da Sociedade, os copiosos fructos da abundancia! Que Scena para o meu Coração! Que consoladora Scena para hum Coração inflamado no amor da sua Patria!

Suspendamos já a nossa penna, e reservemos ao juizo do Leitor suprir idéas, que apenas deixamos entrever. Agora só nos resta enriquecermos este periodico com os maduros fructos da liberdade. O que porá termo á nossa tarefa.

LITTERATURA.

Aos Benemeritos da Patria em Monumento. Por A. da R. F. Em Villa Rica.

ODE.

Dignum laude Virum Musa vetat mori:
Cœlo Musa beat.
Horat. Ode 7.ª L. 4.º

Strophe 1.ª

EU fora delinquente, indigno eu fora
De meus labios tingir na Sacra Fonte,
Se tendo sempre em braços
A branda Lyra, não cantasse hum' hora,
Em honra da Virtude, os Bemfazejos
Semideozes da Patria.

Antistrophe 1.ª

He sagrado dever, que incumbe ao Vate,
Preparar aos Heroes, que a Patria illustrão,
A immarcescivel palma.
Ao Vate, e só ao Vate (1), o jus foi dado
De vestir aos Mortaes, terror do Lethes,
O arnez da Eternidade.

Epodo 1.º

Se a tal assumpto, e tanto,
Meus fracos hombros vergão
(Pois c' o pezo do Ceo Atlante accurva)
Tu, Virtude, me alenta.

Strophe 2.ª

Fernando, (2) Almeida, (3) e tu, Noronha (4) êgregios!
Mascarenhas preclaro (5)! O' nomes dignos
Do Vate, que no Tibre
Alçou a voz Divina! Dignos Nomes
Da Lyra, a cujo som Ceos, Astros trepa
O magestozo Elpino!

Antistrophe 2.ª

Sempre affaveis, benignos, sempre ternos
Ao queixume do Pobre, aos ais do Oppresso,
Hum padrão Vos erguestes (6)
Mais perennal que o bronze: a Patria o zela,
Guarda-o Virtude, e Fama não fallace
Nos hombros o levanta.

Epodo 2.º

Hum nunca ouvido canto
A minha Clio anhela,
Com que vos louve d'arte, que ao de Cesar (7)
Mais claros Astros junte.

Strophe 3.ª

Voemos, minha Musa, ah, sim voemos
Onde vivem perenne gloriosos
Os Immortaes da terra.
Aos briozos Ethontes bate as redeas,
E pelos longes campos da Memoria
Levemos della os dignos.

Antistrophe 3.ª

Meus olhos já descobrem guarnecido
De Palmas, e Loureiros bronzeo Templo
Nas nuvens esteiado.
Povo de Herões, que em paz, ou dura guerra
Façanhozos a Patria allumiarão,
Alli domina os Evos.

Epodo 3.º

Eis vejo . . . Mas quem vejo,
Que ao Rei o throno escora,
E á saude da Patria arrima os hombros!
Tu es, Nuno (8) invencibil.

Strophe 4.ª

Tu, que no claustro o morrião empoado
Pela Patria outra vez cinges, que he causa
De Deus, da Patria a causa.
[illegible]a, e com quanta palma ao grão Pacheco, (9)
E ao fragueiro Albuquerque (10) arreia o Indo
As frontes triunfozas!

Antistrophe 4.ª

Qual o Grego (11) terribil, que a victoria
Ao grão Medo encarenta, espavorido (12)
O tumido Hellesponto;
Ou qual da Patria Pai, Camillo ouzado,
Que ao Gallo, que oiro exige, o ferro objecta, (13)
Alli, Silveira, (14) assomas.

Epodo 4.º

E quem, ah! quem he este
Que a empenhos da perfidia
D'entre o espesso arvoredo de seus Louros
Vê brotar o Cipreste! (15)

Strophe 5.ª

Mas tu recuas, Musa, ao triste aspecto,
E o Ceo de Marte temeroza deixas!
Onde, onde me sobes?
Mais alto voas! Não, ah! não sejamos
Icaros atrevidos, que renome
A's patrias ondas demos.

Antistrophe 5.ª

E que alcaçar (ó Ceos!) ante meus olhos,
De roseas nuvens torreado assoma
Sobre argentados muros!
As portas de Diamante o dia affrontão;
O Rubí, a Esmeralda, o Oiro assoalhão
O penetral sagrado.

Epodo 5.º

He este, ah! sim he este
O Ceo d'alta Minerva: (16)
Aqui os Sabios, e os que ao Sabio honrarão,
Eternizados vivem.

Strophe 6.ª

Entre o Meonio Cisne, e o Mantuano,
Eis cinge o Luso a immarcescivel hera;
Que arreia as sabias frontes.
Dirceo suave, o Luso Anacreonte,
Dos mirtos, e das rozas, que o coroão,
Coroa seus Amores.

Antistrophe 6.ª

Ao frugal Hollandez assombro, e ao Tibre,
A' Lusitania esmalte, o grão Vieira (17)
Balda a sanha dos Evos.
Colosso d'honra, que assoberba os bronzes,
Tens na eterna memoria dos Vindouros,
Macedo (18) sobrehumano.

Epodo 6.º

Porém aqui Mecenas!
Aqui Luiz (19), e Augusto!
Outra vez Alexandre! O' quanto as Letras,
Quanto os Engenhos prestão!

Strophe 7.ª

Claro lugar, e honrozo alli Te aguarda,
De Colbert (20), e dos Medicis ao lado,
Almeida esclarecido.
Alli por torres cem, Fernando egregio,
Penhorados o Rei, e a Patria, te alção
Teus publicos esmeros.

Antistrophe 7.ª

Alli de Nectar te prepara o copo
Louçãa Prole de Jove, ó dos Engenhos
Honrador, Mascarenhas.
Não longe, a Patria diz, não longe, a Fama,
Que aurea séde Te cabe além dos Orbes,
Douto, affavel Noronha.

Epodo 7.º

Alli, alli hum' hora,
Ao Fañò, e ás Musas caros,
Que a fouce ruda aos pés vem submetter-vos,
Vereis o o Tempo, e a Morte.

Strophe 8.ª

Então a Terra indiciando ao longe,
A Terra, que hum Oiteiro alli se antolha,
Dos Reis o ser, e o nome
No ar vereis esvair-se; e esboroadas
As Choupanas, e os Tronos, só o Sabio,
Só existir o Justo.

Antistrophe 8.ª

Qual ante o dia a nevoa se desata,
As grandezas vereis delir-se, e as honras:
Mas como existe ainda
Parte de Nós! (direis de assombro cheios):
Ah! Certo existireis; não morre todo
Da Humanidade o Amigo.

Epodo 8.º

Quando já na garganta
Do Tempo, os bronzes forem,
De hum Taillit (21), de hum Henrique (22), de
hum Rei Homem (23)
Será viva a memoria.

Strophe 9.ª

Talvez profana plebe, que os caminhos
Presume de aventar, porque seu fogo
Ao Vate o Nume inspira,
Audaz vozêe que, á Verdade errando,
Co' a fementida côr da vil lizonja
Esmalto a minha Lyra.

Antistrophe 9.ª

Mas vós, de Jove Filhas, que os mysterios
Do sacro Monte aos olhos deslumbrados
Vedaes do vulgo insano,
Vós me sois testemunhas, que se ouzado
Rejo o esquadrão brilhante de meus hymnos,
He meu pendão verdade.

Epodo 9.º

Vós sim, que me dictastes
Que he só do templo d' Honra
Digno o Mortal, a quem o timbre adorna
De proprios aureos feitos. (24)

Notas.

(1) Muito antes de mim o disse Horacio na Ode 8.ª do L. 4.º a Lollio:

,, Vixere fortes* ante Agamemnona
Multi; sed omnes illachrymabiles
Urgentur, ignotique longâ
Nocte, carent quia Vate sacro. ,,

E trás de Horacio Mr. Boileau na Epistola 1.ª ao Rei, v. 169:

,, Non, á quelque hauts faits que ton destin t' appelle,
,, Sans le secours soigneux d' une Muse fidelle,
,, Pour t' immortaliser tu fais de vains efforts. ,,

(2) O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Fernando José de Portugal, Marquez de Aguiar, do Conselho de Estado, Ministro Assistente ao Despacho do Gabinete, Presidente do Real Erario, e nelle Lugar Tenente Immediato á Real Pessoa &c.

(3) O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. João de Almeida de Mello de Castro, Conde das Galveias, do Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha, e do Ultramar, Grão Cruz Honorario da Ordem da Torre Espada &c.

(4) O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Marcos de Noronha de Brito, Conde dos Arcos, Gentil Homem da Camara do Serenissimo Senhor Principe da Beira, Grão Cruz da Ordem de Avís &c.

(5) O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Francisco de Assiz Mascarenhas, Conde de Palma, do Conselho da Fazenda, Governador, e Capitão General da Capitanía de Minas Geraes &c.

(6) Nenhuma virtude ha certo, que mais chegue o Homem a Deus, que a beneficencia. ,, Homines

ad Deos nullâ re propius accedunt, quam salutem hominibus dando ,, disse Cicero pro Ligario. E no 1.º de Oratore. ,, Nihil est tam regium, tam liberale, tam que munificum, quam opem ferre supplicibus, excitare afflictos, dare salutem, liberare periculis homines. ,, Para as Almas bem organisadas o miseravel he hum objecto sacrosanto: e Tito, aquelle que mereceu ser chamado ,, O amor do genero humano ,, julgava perdido o dia, em que não fizera algum beneficio. Quão mingoado he o numero dos que com elle sentem! E quão crescido o daquelles, que aos seus titulos devião bem de ajuntar aquillo em Horacio, Ep. 9.ª do L. 1.º ,, Dissimulator opis propriæ, mihi commodus uni. ,,

(7) De quem aquillo em Ovidio Metam. L. 15, v. 748:

,, Resque domi gestæ, properataque gloria rerum
In sidus vertere novum.

(8) O sempre memoravel D. Nuno Alvares Pereira, Condestavel do Reino, que com admiravel resolução, e valor pugnou pela defensão da Patria no tempo do Senhor D. João I. Pouco tempo havia que se recolhera a hum Convento a fazer vida Religiosa, quando avizado por ElRei de que o de Tunes vinha pôr cerco a Ceuta, não duvidou sahir a campo, e pegar em armas em ajuda do Principe e da Nação; se bem que o inimigo desistio do intento. (Vê o Condestabre de Portugal, por Lobo, in fin.

(9) Duarte Pacheco, que no Oriente obrára façanhas quasi incriveis.

(10) Affonso de Albuquerque, appellidado por seus feitos o Grande (ardido, e fragueiro lhe chamou Barros). Os Soberanos do Oriente honrarão sua memoria, tomando por sua morte lucto publico.

(11) O briozo Leonidas, que com sós quatro mil Gregos investio com tal coragem, e abalroou nas Thermopylas o exercito immenso de Xerxes,

que lhe matou vinte mil Persas; preço porque lhe vendeo com a propria vida a victoria. A Patria lhe consagrou ahi hum monumento, e todos os annos se lhe recitava hum elogio.

(12) E justamente, pois tão extraordinario foi o numero dos combatentes, com que Xerxes invadio a Grecia ,, Ut non immerito (diz Justino L. 2.°, Cap. 10) proditum sit Græciam omnem vix capere exercitum ejus potuisse. ,, E Nepote: ,, Quantas (copias) neque antea, neque postea habuit quisquam. ,, Assim que a passar o Hellesponto (hoje Estreito de Gallipoli, ou braço de S. George) por huma ponte de barcas gastou o exercito de pé sete dias, e sete noites successivos; e occasioens houverão, em que beberão as fontes, e os rios, o que foi depois celebrado por Juvenal, Satira 10, v. 176:

Credimus altos
Defecisse amnes, epotaque flumina, Medo
Prandente.

(13) Segundo aquillo de Floscul. Historia. Cap. 8 ,, Aurum superbe reposcentibus (Gallis) ferrum objecit, ac certantes delevit penitus, nullo relicto qui Romam cepisset, Pater Patriæ, et alter Romulus merito dictus. ,,

(14) O Excellentissimo Marechal de Campo Francisco da Silveira Pinto, Conde de Amarante, que tanto se tem distinguido no serviço, e na defensão da Patria.

(15) O nosso insigne Viriato, que tendo por dez annos guerreado os Romanos, sempre victoriozo, como de outra sorte não podesse ser morto, á falsa fé o matarão os seus, peitados por Servilio Cepião, successor de Fabio. ,, Lusitanus Viriatus erexit (diz Floro Liv. 1.°, Cap. 17) Dux, atque Imperator; et si fortuna cessisset, Hispaniæ Romulus. ,, E accrescenta que morrera de traição. ,, Ut videretur aliter vinci non potuisse. ,,

(16) Armas, ou Letras são as duas brilhantes

veredas, que conduzem á Immortalidade. Elpino o tem na Ode 9.ª

,, A Virtude, que guarda o sancto Templo,
A entrada só reserva
A' quem, c'o alto exemplo
Da sublime Minerva,
Ou de Mavorte n'horrida campanha,
De esplendente suor as faces banha. ,,

(17) O famozo Antonio Vieira, hum dos Genios mais vastos em conhecimentos assim Litterarios, como Politicos, enviado Embaixador á Hollanda, e com negociaçoens á Roma em tempo do Senhor Rei D. João IV.

(18) Fr. Francisco de S. Agostinho de Macedo, homem extraordinario, e de profundo saber, que mereceo ser associado na embaixada á França ao Excellentissimo Marquez de Niza, que então lá era enviado com o caracter de Embaixador extraordinario por parte do mesmo Senhor Rei D. João IV.

(19) Luiz XIV de França, Homem de seculo, e sempre memoravel pelo apoio, que nelle encontrarão os Sabios, e as sciencias: taes forão entre os Gregos Alexandre, e Augusto em Roma, aos quaes digão outros se deverá ser associado o grande Frederico, Rei da Prussia. Assim he que as Letras não despontão a lança; e Pallas, esta Deoza, que preside aos successos das Armas, he a mesma que protege as Artes, e as Sciencias.

(20) Foi o Mecenas do seculo de Luiz IV. A' instancias suas o Rei assignou gratificaçoens aos Sabios da França, e mesmo a alguns estranhos. Foi o maior Ministro de Finanças, que teve a França, e o maior Patrono de homens de letras. Na Florença o forão igualmente os Medicis.

(21) Mr. Arnaud na sua obra ,, Recreaçoens do Homem sensivel, foi quem consagrou a memoria

deste, e outros Bemfazejos em Rouen. Veja-se a citada obra em lingoagem, Tom. 1, a fol. 122. „

(22) O Infante D. Henrique foi não menos amador das sciencias, que das virtudes. Entre estas foi notavel a sua beneficencia; assim que tinha por diviza de suas armas esta letra: „ Vontade de bem fazer. „

(23) Rei Homem chamou Ferreira á ElRei D. João III pela humanidade de que era dotado.

(24) „ Nam genus, et proavos, et quæ non fecimus ipsi,
Vix ea nostra voco — disse Ovidio no L. 14. das Metam. v. 140. E o nosso Elpino na Ode 3.ª
Que o laurel das grandes Almas
Jámais se tece das avitas palmas. „

*As desgraças da desconfiança, passagem do Poema da Imaginação por Dellile, traduzida verso a verso, por B.*** R.*

VES aquelle infeliz, que da Sicilia
O tirano convida a seu banquete!
Palido, amendrentado, reconhece
A perfida amizade ameaçadora;
Traidoras iguarias prova a medo,
Temendo leva a taça aos roxos labios;
Ergue aos doirados tectos vista incerta,
E encara sobre si pendendo a espada?
Da vida no banquete ah! que a suspeita
Tal he, tal nos oprime; eco! que digo!
O seu veneno azeda o doce nectar,
Dá projecto ao acazo, corpo ás sombras,
E mesma contra si punhaes aguça;
Nos termos innocentes fel derrama,
E das proprias quimeras se horroriza.
Taes nas florestas credulos humanos,
Deoses temião que formado havião.

Communicar os males, que soffremos,
Bem como os gostos, repartir as dores,
Seo coração, no coração do Amigo,
Ir franco derramar; deo-nos Natura
Precisão mais urgente, e mais gostoza?
Tu só, tu não conheces, tu não gozas
Da doce confidencia o doce alivio.
De teu segredo em vão te oprime o pezo;
Ao peito, de que amigo ouzas manda-lo?
Amigo! e qual terás, se amar não pódes?
Da côr do Inferno, a suspeitosa mente,
Torna celestes, candidas delicias.
Seu mel a Abelha faz do mór veneno,
E puro objecto venenoso tornas;
N'Amizade antevêz traição, calumnia,
De suspeita em suspeita o zelo marcha,

Rompe teus laços inimigo genio.
Tu Parentes não tens, tu não tens Patria,
Vives só; corre, foge, os homens deixa,
Co'as rochas e co'as plantas, eia habita
Nas solitarias, nas agrestes brenhas,
Onde os Ceos increpar á gosto possas
Para sempre dos homens te separa,
Vê-los não deves mais, nem mais ouvi-los,
Para a negra suspeita apenas vives
Aos vivos a saudade os mortos liga,
Entre elles, e entre nós, existe hum laço,
E os homens odiando rompes todos.

. . . .

O timido menino, o debil velho,
O Hospede, o Parente, o Amigo, tudo,
Tudo de susto de terror o assombra.
Que mortal jámais houve assaz mesquinho,
A que dado não foi na hora extrema,
D'Amizade nos braços reclinado,
Exhalar seu suspiro derradeiro?
Que lagrimas não vio banhar as faces,
D'um Irmão, d'uma Espoza, Amigo, ou Filho?
Infeliz! . . . espirando apenas soffre,
Que piedoza mão lhe cerre os olhos!
Outros não vê, não tem, que antes procurem
E que á tumba descer saudozo o animem.
O extremo adeus sómente o sol recebe! . . .
Só tens na morte azilo? oh desgraçado!
Da tumba, ao menos, ai! na paz descança.
Vós que saboreasteis seus escritos,
E vós que lhe deveis liçoens e lagrimas,
Do doce pranto, das liçoens em pago,
Sensiveis peitos, vinde, eu vo-lo entrego.

A' SAUDADE

*Cançoneta, por B.****

VEM cá minha companheira,
Vem triste, e mimoza flor,
Se tens da saudade o nome,
Da saudade eu tenho a dôr.

Aceita este frio beijo,
Beijo da melancolia,
Tem d'amor toda a doçura,
Mas não o ardor d'alegria.

Onde te pegou Marilia?
Dize, onde hum beijo te deu?
Mostra o lugar, n'elle quero
Tambem dar-te hum beijo meu.

Se Marilia quer que pintes
O que ella sente por mim,
Porque murchas? não me lembres
Que amor tambem passa assim.

Marilia em tudo te iguala,
Linda, delicada flor;
Mas infeliz, se em seu peito,
Quanto duras, dura amor!

Tu venturoza cuidavas,
Quando ella te colheo,
Que morreras em seu seio,
Qual morri outr'ora eu.

Longe d'haste onde Favonio
Hia com tigo brincar,
Em vêz d'orvalho, te sentes
Só de lagrimas banhar.

Flôr infeliz ! . . . porém eu
Quanto mais infeliz sou ! . . .
Marilia nada te disse ,
Quando ella a mim te mandou ?

Ah ! se tu saber podesses
Quanto amor , quanta ternura !
Se souberas as delicias ,
Julgaras da desventura.

Mas que digo ? não me creias ,
Não me vás atraiçoar ,
Saudade , he crime d'amor
Seus misterios divulgar.

Obra publicada nesta Corte.

*Bosquejo de hum quadro synoptico civil , mediante o qual poderemos conhecer , e avaliar os homens , e as naçoens com acerto e facilidade. Por *****

QUando lemos este apparatoso titulo nos pareceu ouvir hum alchymista inculcando a descoberta da pedra filosofal. Tão importante era a solução deste problema ! Muito mais quando este Lavatel tinha recopilado em huma pagina todos os differentes caracteres dos homens. Não he nossa tenção analysar huma obra de tal natureza , hum golpe de vista do Leitor descobre logo tudo quanto ella he. Huma taboa de duas entradas constitue toda a obra ; na columna vertical se marcão as classes , Nobre , Plebeo , Rico , Pobre , Cazado , Solteiro , Magistrado , Cortezão , Potentado , Gente de penna e fazenda , Eclesiastico , Soldado , Lavrador ; assalariado ou jornaleiro , ignorante , sabio ; na segunda Christão , hypocrita , desabusado , ignorante. Antes de passar adiante , já se vê que ha ignorante ignorante , e sabio ignorante. O Author se desembaraça gentilmente deste passo. Ouçamos as suas palavras *Sabio ignorante.* ,, Parece contraditorio ; mas chamando assim ao charlatão que se julga sabio , &c. ,, Esta explicação he singular , e inteiramente arbitraria. Seria preciso combina-la com as idéas de sabio e de ignorante , não digo já adoptadas por todos , mas ainda postas no mesmo Quadro Synoptico. Que diremos do *ignorante ignorante ?* ,, Entendemos denominado assim o homem mais estolido ; e então póde apenas ser , ou hum animal fagueiro , que vai a quem quer que o chama , ou hum tigre que tudo arrebata e despedaça. ,, Não sei se admire mais ainda a definição do que o *ignorante ignorante.*

O A. contrapondo Christão a Hypocrita, parece dar ao primeiro o sentido de religioso em geral, o que igualmente se conclue de todas as suas definiçoens. Mas se esta palavra tem aqui hum sentido mais extenso, outra ha na mesma Obra, (e que faz della huma parte essencial) que tem huma accepção contraria da que geralmente se lhe tem dado. Fallo da palavra desabusado, a que o A. annexa as idéas mais horrorosas. Debaixo do titulo *Ignorante desabusado* achamos o seguinte: o *Ignorante irreligioso ou atheu*, he hum malvado da primeira ordem, &c. D'aqui parece que se conclue, que desabusado quer dizer irreligioso ou atheu. E com effeito todas as extravagantes qualidades, que se achão debaixo deste titulo comprovão esta conclusão. Por exemplo: no artigo *Sabio desabusado* diz elle, ,, não merece chamar-se sabio, mas, por saber mais do que o vulgo e ser *immoral* faz-se tão temivel e *execravel*, quão digno de amor e respeito he o sabio religioso. ,, Eis-aqui outra vez desabusado opposto a religioso, e nada menos do que immoral. Ora os diccionarios de todas as linguas (ao menos das que conhecemos) dão a este termo o significado de livre de abusoens, de erros, de falsas crenças. D'aqui se seguiria evidentemente que o religioso (que segundo o pensamento do A. he opposto a desabusado) he o homem cheio de abusoens, de erros, de falsa crença, &c. Que blasfemia! Mas ella se conclue litteralmente das palavras do A.

Nada mais diremos desta Obra, para que a nossa Censura não seja maior que a mesma Obra.

Continuação do Estado da athmosfera.

Março.

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo.*
	Graos.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
1	90	29	13		chuva
2	87		12	28	claro
3	88		12	4	
4	88		12	20	
5	87½		12	40	
6	89		12	16	
7	89		13		
8	88		12		
9	89		13	32	
10	88		12	14	
11	86		13	12	
12	85½		13	24	
13	87		13	20	
14	86½		13	18	
15	87½		14	20	
16	85½		13	30	
17	87½		13	20	
18	86½		13	12	
19	87½		13	18	
20	84½		12	40	
21	84½		12	20	
22	86		12	40	
23	86½		12	30	
24	84		13	4	
25	83½		12	20	
26	83½		12	44	
27	82½		12	20	
28	86½		12	18	
29	86		14	20	
30	79		14	22	
31	74		14	16	

Abril.

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo.*
	Graos.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
1	70½	29	14	12	
2	68		16	22	
3	70½		16	16	
4	76		16	12	
5	76		16	22	
6	74		16	36	
7	74½		16	40	
8	79		16	20	
9	76		16	12	
10	76		16	40	
11	75		16	44	
12	68		16	26	chuvozo
13	69		17	36	
14	64		16	36	claro
15	69		15	20	
16	71½		16	26	
17	73		16	22	
18	74		14	30	
19	74½		13	22	
20	76		12	28	
21	77		12	10	
22	77½		10	36	
23	75½		11	20	pezado e chuvozo
24	76		15	8	
25	74		12	14	
26	74		12	20	
27	73½		13	16	
28	73		15	32	claro
29	72		13	34	
30	77		12	20	

INDICE.

Topografia.

Geografia.

Historia.

Politica.

LITTERATURA.

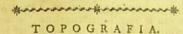
O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.
DO
RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

TERCEIRA SUBSCRIPÇAO.
N. 3.º
MAIO E JUNHO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1814.
Com Licença de S. A. R.

A subscripção se faz na Loja da Gazeta, ou na de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, a 6$000 reis pelos seis numeros. Nas mesmas se vendem avulsos a 1$200 reis.

TOPOGRAFIA.

Roteiro do Maranhão a Goyaz pela Capitania do Piauhi.

Advertencia.

NEste roteiro não só me propuz ajuntar aquellas noticias, que podessem servir para dar huma idéa circunstanciada do caminho, que elle dirige, mas me propuz tambem escreve-las debaixo do mesmo titulo, que me foi insinuado.

Não faço nelle expressa menção de todos os sitios, montes, valles, fontes, rios, e povoaçoens, porque não se offerecendo em muitos destes objectos mais differença do que aquella, com que em tudo se distingue a face da natureza, nada mais lhe acrescentaria eu do que huma longa, e fastidiosa expressão de nomes quasi todos barbaros e exquisitos.

Notei sómente quanto me pareceu necessario para fazer conhecer o diverso rumo, que se deve seguir, e a diversidade que ha mais essencial no Paiz, ou ella seja natural, ou civil; e para estes fins, separando o que respeitava ao tempo e direcção do caminho, ajuntei, como em notas, a descripção de tudo o mais que podesse ser interessante.

As leguas, com que mostro as distancias mathematicas, são as mesmas que contão os habitantes, os quaes as regulão arbitrariamente; e as dividem sempre com algum sinal remarcavel posto pela natureza. Além de ser impraticavel que similhantes balizas se achem por si mesmas accommodadas a huma justa dimensão: os habitantes terminão commummente as legoas antes de terem tres mil braças, que he a medida, de que judicialmente

se servem na demarcação das terras. De sorte que as ditas não só vem a ser irregulares, e desiguaes entre si, mas são todas diminutas; e nenhuma chega a fazer huma hora a passo cheio. Por isso não se achará enganado quem ao grande numero de legoas, em que acabo o roteiro, diminuir ao menos a quarta parte.

A falta, que nelle farão as observaçoens Astronomicas e Geometricas, será facilmente conhecida no exame de qualquer professor, mas não deve do mesmo modo ser increpada, quando ella he commettida por quem, trilhando a bem diversos fins o Paiz (ainda que repetidas vezes), apenas se pôde servir dos naturaes instrumentos para observar de huma maneira sensivel o que se lhe representava, e formar d'elle a idéa, que descreve.

Não consistindo pois só nesta idéa os conhecimentos necessarios para se formarem cartas geographicas, terei huma justa escusa de não ajuntar aqui a que se fazia precisa.

A Carta da Capitania do Piauhi, da qual no anno de 1758 foi encarregado Henrique Antonio Galúcci, e se ha de achar na Secretaria de Estado, pôde suprir muito bem esta falta: ainda que como elle não visitou a Capitania em todas as suas partes, nem seguio as diversas direcçoens dos rios, não he possivel que deixasse de tomar por huma mera estimativa, e que deixem na dita Carta de haver muitas posiçoens erradas, e ommissoens tão substanciaes, como he a de que fallo no numero 48 das Notas deste roteiro.

Devo com tudo dizer que em todos os conhecimentos, que descrevo, não dei attenção a carta alguma, porque a que acabo de indicar foi no anno de 1760 vista por mim muito de passagem, e nem a pude copiar para minha instrucção, nem conservar della todas as especies, que podessem servir para combina-la com as noticias, que depois

ocularmente adquiri; e pelo que respeita ás outras cartas, que correm estampadas, da nossa America, não haverá quem ignore que em passando das costas para o interior do paiz, ou nada dizem, ou são muito differentes do que nelle se descobre.

Acrescentarei por ultimo ingenuamente, que não sendo do meu instituto passar da natureza e estado actual do paiz a fallar dos seus interesses, eu não deixei com tudo de fazer de passagem no corpo das Notas algumas reflexoens, mas vim a faze-las em corpo separado sobre a materia dos numeros 28 até 43, assim como vão escritas e divididas em 15 Capitulos.

Se algum se persuadir que eu as fiz levado dos dezejos de ver florecer hum estado, onde tive a honra de servir a S. M., faz justiça á minha causa, e dá razão, que sobeja, para eu me attrever a expo-las ao desprezo, que merecem pela má ordem, longas digressoens, e fastidioso estilo, com que as escrevi. (*)

(*) Esta excellente Obra, huma das mais interessantes, que tem chegado á nossa mão, se attribue a hum grande Litterato, que a escreveu pelos fins do Seculo passado. Não duvidamos que algumas cousas se achem alteradas, mas temos o testemunho de pessoas muito verdadeiras, e que tiverão proporçoens de coteja-la com a experiencia, que nos segura da sua exacção. O Leitor decidirá da sua importancia, não só por este primeiro caderno, mas pelas outras partes, que enriquecerão os numeros seguintes.

ROTEIRO.

EMbarcando-se em canoas na Cidade de S. Luiz do Maranhão, depois de se atravessarem as bahias, estreitos, e rios, que separão a ilha do Continente pela parte do Sul, entra-se em distancia de 20 legoas na foz do rio Itapucurú (*a*).

Subindo por elle 90 leguas, termina-se toda esta navegação nas aldeias altas, ou lugar de Trezedellas, com dez ou doze dias de viagem, sem incommodo, nem risco algum consideravel (*b*).

Das aldeias altas marchando-se por terra, 21 legoas a rumo de SO, vai-se com jornada de tres dias á fazenda de S. Antonio sobre o rio Parnaiba (*c*), onde ha por contrato Real embarcação sempre pronta para a sua passagem.

Tendo-se passado o rio Parnaiba, já na Capitania do Piauhi (*d*), accompanha-se o mesmo rio contra a sua corrente, andando-se em quatro dias 28 legoas, para chegar-se á fazenda da Boa Esperança, ou barra de Calindé (*e*).

Deixando-se na barra do Calindé a estrada, que vai á Cidade de Oeiras, (*f*) entra-se logo pelas fazendas das Araras no districto da Villa.

De Jerumenha (*g*), e no mesmo rumo de SE, vai-se de Villa de Nossa Senhora do Livramento da Parnauá (*h*), com doze ou treze dias de jornada, por quasi 90 leguas de paiz povoado. Da Villa de Nossa Senhora do Livramento do Parnauá, muda-se o rumo, seguindo-se 15 leguas ao Sul, com declinação a SO; passa-se em tres dias a fazenda do Lustoza, sita nas margens do Rio Preto, e pertencente á Capitania de Pernambuco.

Depois de passar-se na fazenda do Lustosa o Rio Preto (*i*), sobe-se em tres dias outras 15 legoas de sertão inculto, declinando-se mais para O, até se passar outra vez o mesmo rio Preto nas suas cabeceiras.

Destas ultimas passagens do Rio Preto principia-se a subir a cordilheira de montes pela serra, a que dão o nome de chapada (*k*) das mangabeiras, e dirigindo-se dois dias a marcha pelo mesmo rumo, entra-se no registro, ou povoação chamada o Duro, (*l*).

Na mesma povoação do Duro, no lugar conhecido pelo nome de Formiga, dividem-se tres estradas; a direita, que se inclina mais ao Norte, vai em dois dias ao arraial da Natividade; a da esquerda, que se encosta mais ao Sul, vai a Trairas, e outros arraiaes; a do centro, que segue o mesmo rumo, vai em quatro dias ao arraial de S. Felis, donde a Villa Boa de Goyaz huns contão seis, outros oito dias de jornada.

NOTAS.

(a) 1. O rio Itapucurú tem os seus principios a SO no sertão ainda inculto, e habitado por diversas naçoens de Indios silvestres, todas conhecidas com o nome geral de Timbira. O seu curso não passa de 200 legoas, e a sua maior largura de 40 a 50 passos.

2. Até o lugar das aldeias altas, 98 legoas acima da sua foz, desce quasi 100 leguas, indo parallelo ao rio Parnaiba, que vem de mais longe, 20 a 30 legoas delle apartado pela parte de l' Est.

3. Todo o sertão, que ha entre estes dois rios, em quanto correm equidistantes, divide-se nos districtos da freguezia de Pastos Bons, e Aldeias Altas, ficando esta ao Norte, e aquella ao Sul.

4. A freguezia de Pastos Bons, ou de S. Bento das Balsas (como he tambem conhecida) principia quarenta legoas ao Sul do lugar das Aldeias Altas. Estende a sua povoação 60 legoas a SO por entre os dois rios Itapucurú, e Parnaiba. Póde dilata-la

muito mais a todos os rumos, andando de SO até Norte, e confinando sempre com a nação Timbira, numeros 41, 42, e 43.

5. O seu terreno he fertilissimo, e produz todos os generos do paiz: os seus gados excedem na bondade a quantos se crião, tanto na mesma Capitania do Maranhão, como nas outras Capitanias.

6. A distancia em que fica a Cidade de S. Luiz, sua Capital, sem a facilidade de navegação para o transporte dos seus generos, faz que ella não possa adiantar a cultura de quantos produz, e a restrinja em parte ao necessario para a sua subsistencia.

7. A criação do gado vacum he o unico objecto do seu commercio; e por isso só nella se tem adiantado. Até o anno de 1769 as suas boiadas hião vender-se á Bahia de todos os Santos com a difficultosa jornada de quasi 300 legoas por terra.

8. No anno de 1770, João Paulo Diniz, negociante da Villa de S. João da Barra da Parnaiba, abrio hum novo caminho para a extracção dos referidos gados; levantando officinas nas margens do dito rio Parnaiba, 80 legoas acima da sua foz, onde os reduz a carnes secas, que carrega em barcas pelo mesmo rio até á dita villa, para dahi serem reexportadas á Bahia, Rio de Janeiro, e Pará.

9. Em quanto o rio Itapucurú passa pela freguezia de Pastos Bons, recebe em si o das Alprecatas e o rio das balsas, nome a que deu occasião a preza a que os Indios silvestres seus habitantes fizerão em certas embarcaçoens, a que chamão balsas, das quaes se servirão os primeiros descobridores do dito sertão para atravessarem o mesmo rio. Desta união, e destes diversos nomes, nasce o erro de se persuadirem alguns que todos competem ao rio Itapucurú.

10. Balsas são verdadeiramente humas jangadas

feitas de madeira Boroti, ou outra qualquer igualmente leve e delgada, atada primeiro em faxina, e unida depois na figura quadrilonga; a sua construcção he facillima, e o seu uso frequentissimo, tanto para atravessar os rios, como para descer por elles, sem mais remos que as mesmas agoas, sem mais governo que huma vara, com que as desvião das ribanceiras.

11. Já nas aldeias altas principia o rio Itapucuru a apartar-se do rio de Parnaiba, e vai buscando a direcção de SE a NO, em que ultimamente acaba.

(b) 12. Aldeias altas he o lugar da matriz da mesma freguezia, 98 legoas da foz do dito rio, perto de todo o commercio da Cidade de S. Luiz, com a capitania do Piauhi, e arraiaes da Natividade e S. Felis, nas terras novas de Goyaz. Nelle se achão sempre quantos cavallos são necessarios para conducçoens, sendo comprados a preço de 10 até 12$ reis.

13. A navegação do rio Itapucurú pára nas aldeias altas, e não sobe ainda á freguezia de Pastos Bons.

14. Foi por muito tempo tão pouco conhecida, que Berredo nos seus annaes historicos do Estado do Maranhão, fallando do rio Itapucurú, diz: que subindo-se por elle, passados tres dias de viagem, até lhe falta fundo para a navegação de canoas grandes: o que hoje não dissera, porque desde a sua foz até aldeias altas se está frequentemente vendo navegar em canoas de todo o bordo, as quaes nestas 90 e 80 legoas do rio só achão pouco fundo em 5 cachoeiras, que todas juntas não occupão por mais de 600 passos.

15. Cachoeiras são os resaltos e giros, que impetuosamente forma a corrente dos rios, quando derepente se precipita de maior altura, ou acha resistencia em alguns penedos e eminencias, que se

levantão do plano do seu leito, e lhe tirão a igualdade. Desta segunda natureza são as 5, que se referem.

16. A primeira está logo na foz do dito rio, debaixo de hum pequeno forte, que ha na ribanceira da parte do Sul; a sua extensão he de menos de 100 passos com hum estreito canal encostado ao mesmo forte, por onde na maré cheia se navega sem perigo.

17. A segunda, 5 ou 6 dias de viagem distante da primeira, he conhecida pela cachoeira grande: não se dilata a mais de 150 passos; tem o canal encostado á ribanceira do Norte, mas quando o rio vai baixo, no mesmo canal por menos de 20 passos tocão as canoas, e se faz muitas vezes necessario levar parte da carga por terra, em quanto se vence a passagem.

18. A terceira, quarta e quinta se encontrão no mesmo dia sexto de viagem; seguem-se quasi contiguas humas ás outras, e se distinguem com os nomes de *gato*, *angical*, e *barriguda*. Esta ultima tem o seu canal pelo meio, as primeiras ao Norte.

19. Sendo Governador do Maranhão Gonçalo Pereira, quiz continuar a navegação do rio Itapucurú até a freguezia de Pastos Bons, e descendo para esse fim Vicente Diogo da dita freguezia de Pastos Bons em balças já carregadas de couros, que costumava extrahir por terra da dita freguezia para as fabricas de atanados da Cidade de S. Luiz, além da infelicidade que teve de perder no mesmo rio quanto transportava, perdeu tambem o seu pouco juizo, enfurecendo-se de maneira contra hum filho seu, que o accompanhava, que o obrigou a fugir para as matas, onde se suppoem haver miseravelmente perecido.

20. Este tragico successo, o qual talvez fizesse desanimar na execução de hum projecto tão interessante, foi (pelo que respeita ao naufragio) re-

petidas vezes visto na mesma navegação do rio Itapucurú, desde a sua foz até as Aldeias Altas, em quanto o necessario conhecimento, ainda que adquirido com funestas e casuaes experiencias, não segurou a dita navegação, parecendo hoje na verdade incrivel, que sem culpavel descuido, e sem se deixar como de proposito hir por agoa abaixo, só abandonado ao acaso (como fez Vicente Diogo), se houvesse de correr perigo em cachoeiras ou resaltos, cujos effeitos não se conhecem quando o rio vai cheio, nem são tão impetuosos, quando vai baixo, que não sofrão levarem os remeiros por dentro do mesmo rio as canoas ás mãos.

21. A freguezia de Pastos Bons he huma parte muito nervosa do corpo do Maranhão. A sua mesma situação, que lhe dá a vantagem de poder trazer tambem a si a troco dos seus gados o dinheiro de Bahia, Rio de Janeiro, e Pará, he tambem a mesma que retarda os interesses da sua Capital, e a tem como separada, fazendo-se o trajecto de huma a outra por terra. A natureza lhe dá no rio Itapucurú o meio de se poder com ella facilmente communicar; quando delle se souberem servir, a freguezia de Pastos Bons poderá augmentar a cultura dos mais generos, que póde produzir, e a Capitania do Maranhão receberá ainda maiores forças com as minas, que tem nos gados desta freguezia, tanto mais ricas, quanto mais certo he o dinheiro; que a troco dos mesmos gados costuma a dita freguezia, e póde haver das outras Capitanias.

22. As margens do rio Itapucurú, subindo-se por elle até á cachoeira grande, são por huma e outra parte cobertas de muito grossa e densa mata.

23. A parte, que fica ao Norte, tem sempre a largura de 4 até 5 legoas, e que fica ao Sul de 2 até 3, e a do Norte termina-se nos campos do Iguará; a do Sul nos campos dos Perizes.

24. Tanto por huma como por outra parte, se

achão hoje povoaçoens pela borda do dito rio até o sitio do Caruatá, 2 dias antes de chegar á dita cachoeira grande.

25. Da cachoeira grande até as Aldeias Altas, são as ditas margens abertas com campos, e povoadas com fazendas de gados.

26. Das Aldeias Altas para a freguezia de Pastos Bons principia outra vez a mesma mata por huma, e outra parte totalmente inculta, desde a fazenda do Seco, tres legoas acima do lugar de Trezedellas, até á mesma freguezia.

27. Trezedellas he povoação de Indios, defronte das Aldeias Altas, onde os Jezuitas tinhão huma caza ou telheiro com o nome de Seminario; e nelle principiavão a ensinar Grammatica Latina aos filhos dos moradores dos sertoens visinhos, e Capitania do Piauhi.

(c) 28. O rio Parnaiba nasce a SO nas fraldas da celebre cordilheira de montes, que se dilata e ramifica por toda a America, n.º 107.

29. Corre de SO a NE por mais de 250 legoas, e vai acabar no Oceano, 40 legoas a Est da Cidade de S. Luiz do Maranhão: a sua maior largura he 150 passos.

30. Principia logo abundante, e já navegavel; 15 ou 20 legoas antes de chegar ás primeiras fazendas da freguezia de Pastos Bons, recebe pela parte de l'Est o rio Irusui tambem navegavel, sem metter em si rio algum consideravel da parte de Oest, continúa recebendo de l'Est o Gorugueia, Calindé, Purí, e Longá, numeros 52, 53, 55, 57.

31. Sete legoas antes da sua foz, reparte-se a l'Est no braço, ou rio Igarusú: duas legoas abaixo, tornando-se a dividir, fórma á parte o braço Paramerim. Estas são as tres vias, por onde entra o rio Parnaiba no Oceano, ainda que as ilhas, que se descobrem já na costa, representem as seis que lhe dá Berredo.

32. Fórma o rio Parnaiba a sua barra na boca do Igarusú com tres braças e meia de fundo, e chegão a 4 nas grandes marés, quando os ventos, que nella são continuos, não fazem os mares cavados. Todas as outras bocas são muito baixas, e não admittem navegação.

33. Divide o rio Parnaiba a Capitania do Maranhão da Capitania do Piauhi, trazendo esta a l'Est, e aquella a Oest.

34. As suas margens pela Capitania do Maranhão principião a ser povoadas na freguezia de Pastos Bons com fazendas de gado, tres e quatro legoas distante huma das outras, e continuão até a sua foz pelas freguezias de Aldeias Altas, S. Bernardo e Anapurús.

35. Pela Capitania do Piauhi principião do mesmo modo a ser povoadas pouco acima da barra do rio Gorugueia, que distará 120 legoas da foz do dito rio Parnaiba, e continuão até a mesma foz pelos districtos das Villas de Jerumenha, Cidade de Oeiras, Villa de Valença, Campo Maior, e S. João da Parnaiba.

36. Da fertilidade do seu terreno por esta parte da Capitania do Piauhi, veja-se o numero 101.

37. O que pertence á Capitania do Maranhão, ainda que seja apto para todo o genero de cultura, não passa a sua fertilidade das visinhanças do mesmo rio, em quanto sobem a sua foz pelas freguezias dos Anapurús, S. Bernardo, e Aldeias Altas.

38. Na freguezia de Pastos Bons he geral, tanto por onde está já povoado, como por todo o sertão que corre, buscando o rio Tocantins, o qual vem pela parte de Oest da Capitania de Goyaz, na direcção de Sul a Norte, e desagoa no Amazonas pouco acima da sua boca.

39. Deste sertão entrão no rio da Parnaiba, e Tocantins, os rios Itapucurú, Cararú, Pindaré, Miarim, e quantos fertilizão as Capitanias de Cumá e Caité.

40. Pessoas, que na indagação de terras mineraes, descerão da Capitania de Goyaz pelas margens do rio Tocantins, e delle se apartarão a l'Est, buscando o rio Miarim, por onde sahirão ao Maranhão; outras que pela margem do rio Parnaiba, e cabeceiras de Itapucurú, penetrarão da freguezia de Pastos Bons em seguimento da nação Timbirá; segurão todas que os dois rios, Tocantins, e Parnaiba, correm por esta parte mais visinhos, que o dito sertão, que ha entre elles, póde ser em 15 dias atravessado, que não só he fertilissimo para todas as producoens do paiz, mas muito proprio á criação de gados, por ser aberto com largas campinas, cortadas de muitos e copiosos riachos, que acabão formando todos os rios, que vão desagoar no Oceano pelas referidas campinas do Maranhão, Cumá e Caité.

41. A maior proximidade dos dois rios mostra-se pelas suas diversas direcçoens, porque sendo a do rio Tocantins de Sul a Norte, e a do rio Parnaiba, de SO a NE, quanto mais se sobir pelo rio Parnaiba, mais perto se está do rio Tocantins.

42. A fertilidade do paiz mostra-se tambem pelos sertoens de Pastos Bons, ou Itapucurú, dos Perizes, Caiapó, Cursaqueira, Cararú, Miarim e Pindaré, que correm do Itapucurú até á Capitania do Cumá, accompanhando a costa do mar, ou enseada, que separa a ilha do Maranhão do Continente, e quanto mais vão subindo á referida altura, tanto mais ferteis e mais fecundos se vão mostrando.

43. Toda esta excellente, e dilatada porção de terra, he ainda hoje habitada de diversas e numerosas naçoens de Indios silvestres. A nação Timbira, que em si se divide em muitas outras differentes, occupa a parte da Parnaiba, e cabeceiras do Itapucurú. A do Acroá, que se divide tambem do mesmo modo, occupa a de Tocantins, e se

estende ao Sul sobre a Timbira; huma e outra confina ao Norte com os Cupajús, restos de Amanojós, Gamelas, e outras.

(d) 44. A Capitania do Piauhi principia na foz do rio Parnaiba, 40 legoas distante da Cidade de S. Luiz do Maranhão. Estende-se em figura triangular 240 legoas para o interior do sertão.

45. Pelo vertice do triangulo, ou principio da Capitania, tem ao Norte o mar Oceano com tres legoas de costa, que ha entre o rio Parnaiba e o seu braço Igarusú.

46. Pelo lado direito tem o Oest a Capitania do Maranhão, da qual a divide o rio Parnaiba, descrevendo com a sua corrente de SO a NE todo este lado, n. 28. E daqui se conhece que a Capitania do Piauhi não tem a l'Est a Capitania do Maranhão, como equivocadamente escreveu Berredo.

47. Pelo lado esquerdo do triangulo, que corre de NO a SE, tem a l'Est a Capitania do Seará, e della principia a dividir-se pelo rio, ou braço do mar, que entra da barra do Igarusú, 3 legoas para o sertão no mesmo rumo de SE.

48. O angulo externo, ou parte de terra, que fica entre o Oceano e o dito rio, ou braço de mar, pertence á Capitania do Seará. Delle não faz menção Henrique Antonio Galuci na sua carta geographica da Capitania do Piauhi; por isso lhe dá maior costa.

49. Continúa por este lado a dividir-se da mesma Capitania do Seará pela serra da Ibiapaba, e serra dos Cocos (partes da cordilheira de montes n. 108) pelos sertoens do Acaracú, Jagoaribe, Pontal, e Pilão Arcado; servindo-lhe de limites todas as Colonias, que separão as vertentes, que buscão para l'Est os rios Jagoaribe, Pontal, e S. Francisco (n. 90); para Oest o rio Parnaiba.

50. Pela base do triangulo, que corta de SO a SE, tem ao Sul a Capitania de Goyaz. Della se

divide por outro ramo da mesma cordilheira de montes, n. 109, desde as cabeceiras do rio Parnaiba até as cabeceiras do rio Preto. Das cabeceiras do rio até o P lão arcado, tem pela mesma parte do Sul para SE os sertoens da barra do rio Grande, pertencentes á Capitania de Pernambuco; e nelles se divide pelas vertentes do mesmo rio Preto, e vertentes, que descem ao rio Grande, e rio de S. Francisco.

51. O Longá, Puti, Sambito, Calindé, Piauhi, Gorugueia, Paraim, Irusui e Parnaiba são os rios mais notaveis da Capitania de Piauhi, o Gorugueia e Irusui, descem da base do triangulo, e os outros do lado esquerdo: todos acabão no Parnaiba, com maior ou menor inclinação ao Norte.

52. O Longá entra no Parnaiba, 11, ou 12 legoas acima da foz do mesmo rio. Sobe quasi 50 legoas, buscando a sua origem na Capitania, 20 legoas antes da sua boca he navegavel com a largura de quasi 100 passos.

53. O rio Puti traz carreira mais dilatada: forma-se do rio das Piranhas, e outros menos consideraveis, que nascem da serra dos Cocos, ou parte da cordilheira de montes, cujas vertentes fazem; para l' Est o rio Jagoaribe da Capitania do Seará, e para Oest o rio Puti, o qual atravessa toda a Capitania do Piauhi, e acaba na Parnaiba 50 legoas acima da foz do dito rio.

54. O rio Sambito nasce na mesma Capitania, 20 legoas ao Sul do Putí, e no mesmo se perde, 30 legoas antes delle unir-se ao Parnaiba.

(e) 55. O rio Calindé nasce nos sertoens, cujas vertentes para l' Est pertencem á Capitania de Pernambuco, formando o rio Pontal, que entra no de S. Francisco: desce 70 e tantas legoas até meter-se no Parnaiba, 118 legoas acima da foz do mesmo rio.

56. O rio Piauhi, celebre pelo nome, que deu

á Capitania, nasce nos mesmos sertoens vinte e tantas legoas ao Sul de Calindé; e com elle se ajunta, 4 legoas antes que elle forme a sua barra.

57. O rio Gorugueia entra no Parnaiba, 140 legoas acima da foz do mesmo Parnaiba: a sua corrente he dilatada: a sua origem no sertão ainda inculto, o qual se comprehende no angulo direito da base do triangulo: as suas agoas são turvas, e occasionão perniciosas sezoens.

58. O rio Paraim nasce do angulo esquerdo da mesma base, e corre a perder-se no Gorugueia.

59. O rio Irusui entra no Parnaiba quasi 200 legoas acima da foz do mesmo Parnaiba; he navegavel, e faz todo o seu curso por sertoens incultos, descendo entre o Sul e SO da cordilheira dos montes, ou angulo direito da base do triangulo.

60. Além destes rios tem a Capitania do Piauhi muitos lagos dignos de memoria: o das vargens, que chega ao rio da Parnaiba, 80 legoas distante da foz do mesmo rio, com o circuito de quasi 2 legoas: o de S. Domingos, ou S. José, nas visinhanças do rio Longá, com 5 legoas de circuito: o de Nazareth, por onde entra o rio Piauhi, com 2 ½; o do Parnauá com 3: entra tambem por elle o rio Paraim. Todos estes lagos e rios são abundantes de peixe.

61. O inverno, ou as chuvas, que nunca vem sem horrorosas trovoadas, e são ordinariamente de l' Est, principião no mez de Outubro, Novembro, ou Dezembro, e acabão em Abril.

62. Neste tempo, que os sertanejos só distinguem pelo tempo das agoas, he a Capitania do Piauhi fertilissima; o seu terreno todo aberto com largos campos, e povoado de dispersos arvoredos, apparece em bem poucos dias coberto de folhas, de flores e fructos silvestres, com tal variedade na cor, e tal diversidade na figura, que não só recreião a vista e o olfacto, mas tambem o gosto daquelles

que com elles são criados, ou a elles se costumão.

63. No mez de Abril, tanto que soprão de l' Est os ventos geraes, parão as agoas, e principia o tempo, em que tudo se poem em cadencia, e já em Agosto e Setembro muita parte dos campos apparece sem herva, das arvores sem folhas, e se acontece não principiarem logo as agoas no mez de Outubro, Novembro e Dezembro, sofrem-se todas as calamidades da maior seca.

64. Deste vasto e dilatado paiz foi descobridor Domingos Sertão, creador de gados nas fazendas, que possuia nas margens do rio de S. Francisco a casa da Torre da Bahia. Della auxiliado, depois de atravessar 30 ou 40 legoas de sertão asperrimo, entrou pelas cabeceiras do rio Piauhi, onde estabeleceu as primeiras fazendas com gados, que trouxe do rio de S. Francisco, e daqui vem o nome de Piauhi, que conserva ainda hoje a dita Capitania.

65. Divide-se esta nos districtos das Villas de S. João da Parnaiba, Campo Maior, Marvão, Valença, Cidade de Oeiras, Jerumenha, e Parnauá, todas erectas no anno de 1762.

66. A Villa de S. João da Parnaiba está sobre o braço do mesmo rio, ou rio Igarusú. O porto que tem de mar, onde entrão annualmente do Sul 16 e 17 embarcaçoens a commerciar em carnes sêcas, que exportão para as mesmas Capitanias, e tambem para o Pará, faz com que ella seja já hoje a maior e mais frequente Villa de toda a Capitania.

67. A Villa de Campo Maior, sita sobre o rio Longá, dista 14 legoas do rio Parnaiba, ou barra de Puti, e 60 legoas da Cidade de Oeiras, que lhe fica ao Sul.

68. A Villa de Marvão está mais chegada ao lado direito do triangulo; fica a NE para E 20 e tantas legoas da Villa de Campo Maior.

69. A Villa de Valença está situada 30 e tantas legoas a SO da Villa de Campo Maior, 15 ou 18 a S para SO da Villa de Marvão, 20 ou 21 ao N para NE da Cidade de Oeiras, dista ao S 7 legoas do rio Sambito.

(*f*) 70. A Cidade de Oeiras, antes Villa da Moucha, está em 6 para 7 gráos de latitude Austral, entre 336 e 338 de longitude, huma legoa ao N do rio Calindé, e 27 acima da barra do mesmo rio.

(*g*) 71. A Villa de Jerumenha está situada sobre o rio Gorugueia da parte de l' Est do mesmo rio, 10 até 14 legoas distante da barra, que elle faz no rio Parnaiba, e quasi 30 legoas ao S da Cidade de Oeiras.

(*h*) 72. A Villa de Nossa Senhora do Livramento de Parnauá está situada sobre o lago, que fórma o rio Paraim, quasi 90 legoas distante da Villa de Jerumenha, 120 legoas ao S da Cidade de Oeiras, e mais chegada a SE ao angulo esquerdo da base do triangulo, que forma a Capitania.

73. Além das referidas Villas comprehende a mesma Capitania os lugares e povoaçoens dos Indios Aruazes, Jaicós e Goguês. A povoação dos Aruazes, quasi inteiramente deserta, está situada 9 legoas ao N da Villa de Valença, no lugar da matriz de Nossa Senhora da Conceição dos Aruazes.

74. A povoação dos Jaicós, que apenas terá 200 e tantas almas, está situada quasi 300 legoas distante para o NE da Cidade de Oeiras.

75. A povoação dos Goguês, que não excede a 400 almas, foi no anno de 1765, em que veio a paz, estabelecida com o nome de S. João de Sende, 9 legoas para a parte do N da Cidade de Oeiras, sobre o rumo da cordilheira de montes, que atravessa toda a Capitania.

76. Quando Domingos Affonso Sertão e seus socios descobrirão estes sertoens, erão habitados de muitas e diversas naçoens de Indios silvestres, en-

tre ellas se forão estendendo as nossas povoaçoens, e diminuindo-se de tal sorte as ditas naçoens, que apenas se conservão hoje as referidas.

77. Nós temos povoado a maior parte do triangulo, que fórma a dita Capitania, e só nos resta pelo angulo direito da sua base a parte de O do rio Gorugueia até o Irusuí, e do Irusuí até o Parnahiba, sertoens confinantes ao Sul com a nação Acroá, e que ultimamente forão habitadas pela nação Goguí.

78. Pelo angulo esquerdo da mesma base o pequeno sertão, que corre buscando o rio de S. Francisco, onde existem alguns restos da mesma nação silvestre, e sem verdadeiramente conhecermos quaes ellas sejão, as distinguimos pelos Indios das Pimenteiras.

79. A Capitania do Piauhi sujeita ao governo do Maranhão, e tendo por cabeça a Villa de Moucha, foi no anno de 1758 erecta em governo separado: a Cidade de Oeiras he a sua Capital, e nella reside o Governador e o Ouvidor. A sua guarnição he de huma Companhia de dragoens de 60 praças, criada no anno de 1760, e que tambem tem ahi o seu quartel: o numero dos seus habitantes de todos os sexos, e de todas as idades não passa de 14000; contando hum regimento de cavalaria auxiliar com 10 companhias dispersas por toda a Capitania: hum terço de infantaria auxiliar, outro de cavalaria ordenança composta de misticos, e pretos ingenuos e libertos.

80. O seu governo espiritual pertenceu nos primeiros tempos ao Bispado de Pernambuco, sendo a Igreja da Moucha filial da Matriz de Cabrobó, hoje he Bispado do Maranhão; e reside na Cidade de Oeiras hum Vigario, a quem o Bispo commette alguns dos seus poderes; são tantas as suas freguezias, quantas as villas referidas.

81. As suas terras são repartidas aos moradores

em sesmarias, ou datas de 3 legoas, cuja cultura consiste na criação dos gados, mais vacum que cavallar: cada huma das sesmarias fórma huma fazenda, deixando-se huma legoa para divisão de huma e outra fazenda: na dita legoa entrão igualmente os visinhos a procurar os seus gados, sem com tudo poderem nella levantar cazas e curraes.

82. Isto, que he necessario para a criação dos gados (porque pela mudança que ha tão sensivel nas estaçoens do tempo, até chega a faltar em muitas partes o mesmo pasto seco, e toda a extensão do terreno muitas vezes não basta para que hajão alguns lugares, onde elle se conserve, e se mantenhão os gados) faz que os moradores vivão pela maior parte dispersos, e distantes 3, 4, e 5 legoas huns dos outros.

83. Concorre tambem para o mesmo o prejuizo, que recebem os Senhores das fazendas de haver nellas mais habitantes; porque além de occuparem com as suas moradas os melhores sitios, as fontes ou aguadas (como elles dizem) com as suas necessarias communicaçoens, com os caens que crião, e caçadas, que fazem, affugentão os gados para partes remotas, e fazendas diversas.

84. Huma fazenda no seu estado florente não póde annualmente produzir mais de 800 até 1000 crias; destas pelo calculo, que tem feito a experiencia, não se póde extrahir mais do que huma boiada de 250 ou 300 bois (deduzidos os dizimos, e o quarto, que he o estipendio do vaqueiro): as vacas, que pouco excedem ao numero conservão-se sempre para a multiplicação, sustento e mais despezas, que se fazem nas mesmas fazendas.

85. Toda a diminuição, que se vê no resto das 800 ou 1000 crias, provém dos muitos morcegos, que não só nos campos, mas nos mesmos curraes, tirão de tal sorte o sangue ás crias, que as fazem perecer: dos insectos, que semeão certas moscas em

qualquer parte do corpo, em que descubrão sangue; das onças, das cobras, de muitas hervas venenósas, e mais que tudo da falta, que experimentão na seca, de pastos, e agoa necessaria.

86. As mesmas boiadas não chegão á Bahia e Minas, para onde commummente são levadas daquella parte da Capitania que fica ao Sul, sem padecerem tambem pela mesma falta muito consideravel diminuição; tanto pelos sertoens, que medeião entre o rio de S. Francisco e a Capitania do Piauhi, como entre o mesmo rio de S. Francisco e a Cidade da Bahia.

87. O sertão, que corre entre o rio de S. Francisco e a Capitania de Piauhi, se alarga a 40 e 50 legoas; e se estreita a 15, 14, e 12 legoas. He sertão quasi todo ainda inculto, tão arido que nos mezes de Agosto, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, quando não chove (o que frequentemente acontece), secão as agoas que ficão estagnadas, e chega a faltar até a necessaria para saciar a sede dos viandantes; tendo já alguns acabado, e outros sustentado a vida com o succo, que extrahem de humas grandes batatas creadas debaixo da terra nas raizes dos Jambuzeiros, arvores crescidas e espessas, e que não só conservão a folha, com que reparão o ardor do Sol, mas se cobrem de fructos agradaveis no gosto, e muito similhantes na cor e figura ás ameixas brancas.

88. Com a mesma aspereza continúa este sertão pertencente a Pernambuco, desde a freguezia do Cabrobó ao Norte até á barra do rio Grande ao Sul; sem atravessa-lo por alguma parte, não se póde sahir da Capitania do Piauhi para a Bahia, Jacobina, rio das Contas, Fanado, Serro do Frio, Minas Geraes, Pitangui, e Paracatú. Ha já para esse fim varias estradas, a primeira se encaminha ao Norte do rio Calindé, e vai sahir ao rio de S. Francisco, por entre a freguezia de Cabrobó e o rio Pontal.

89. A segunda, conhecida pela travessia nova, accompanha o rio Calindé até as suas cabeceiras, as quaes se dividem com as do rio Pontal: a este segue até o rio de S. Francisco, sahindo tres legoas ao S da Missão do Joazeiro, no lugar da Passage.

90. A terceira, a que dão o nome de travessia velha, accompanha o rio Piauhi, e delle se aparta ao N das suas cabeceiras; e vai sahir ao rio de S. Francisco, 18 ou 20 legoas ao S da segunda.

91. A quarta segue tambem o Piauhi, sobe por elle mais acima do que a terceira, e vai sahir ao rio de S. Francisco na fazenda do Sobrado, 20 e tantas legoas ao S da terceira.

92. A quinta, que não he ainda tão frequentada, aparta-se tambem nas cabeceiras do Piauhi, e vai sahir ao rio de S. Francisco, 3 legoas ao S da dita fazenda do Sobrado. Esta he a parte, onde mais se estreita este sertão, que depois se torna a alargar, sem mais communicação alguma do que a que ha pelas fazendas do Parnaúa, e districto da Barra do Rio Grande.

93. A industria de alguns particulares tem feito por todas as referidas estradas alguns máos açudes, a que chamão tanques, nos quaes em algumas partes reprezão as agoas do rio Pontal, e outros similhantes, que inteiramente secão. Deste modo com as reprezas, que fazem, conservão algumas fazendas pelas estradas, não havendo de humas para outras mais communicação que as mesmas estradas, e sendo todo o mais sertão entre as ditas fazendas e as mesmas estradas até agora inculto pela referida falta de agoas no tempo da seca.

94. Este meio, que tem abraçado com seus açudes, ou tanques alguns particulares, e a mesma natureza nos ensina com as reprezas das agoas do inverno nos lugares mais baixos, como são as lagoas, que fazem habitaveis muitas partes do sertão, em que não ha fontes perennes, he o modo com

qualquer parte do corpo, em que descubrão sangue; das onças, das cobras, de muitas hervas venenósas, e mais que tudo da falta, que experimentão na seca, de pastos, e agoa necessaria.

86. As mesmas boiadas não chegão á Bahia e Minas, para onde commummente são levadas daquella parte da Capitania que fica ao Sul, sem padecerem tambem pela mesma falta muito consideravel diminuição; tanto pelos sertoens, que medeião entre o rio de S. Francisco e a Capitania do Piauhi, como entre o mesmo rio de S. Francisco e a Cidade da Bahia.

87. O sertão, que corre entre o rio de S. Francisco e a Capitania de Piauhi, se alarga a 40 e 50 legoas; e se estreita a 15, 14, e 12 legoas. He sertão quasi todo ainda inculto, tão arido que nos mezes de Agosto, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, quando não chove (o que frequentemente acontece), secão as agoas que ficão estagnadas, e chega a faltar até a necessaria para saciar a sede dos viandantes; tendo já alguns acabado, e outros sustentado a vida com o succo, que extrahem de humas grandes batatas creadas debaixo da terra nas raizes dos Jambuzeiros, arvores crescidas e espessas, e que não só conservão a folha, com que reparão o ardor do Sol, mas se cobrem de fructos agradaveis no gosto, e muito similhantes na cor e figura ás ameixas brancas.

88. Com a mesma aspereza continúa este sertão pertencente a Pernambuco, desde a freguezia do Cabrobó ao Norte até á barra do rio Grande ao Sul; sem atravessa-lo por alguma parte, não se póde sahir da Capitania do Piauhi para a Bahia, Jacobina, rio das Contas, Fanado, Serro do Frio, Minas Geraes, Pitangui, e Paracatú. Ha já para esse fim varias estradas, a primeira se encaminha ao Norte do rio Calindé, e vai sahir ao rio de S. Francisco, por entre a freguezia de Cabrobó e o rio Pontal.

89. A segunda, conhecida pela travessia nova, accompanha o rio Calindé até as suas cabeceiras, as quaes se dividem com as do rio Pontal: a este segue até o rio de S. Francisco, sahindo tres legoas ao S da Missão do Joazeiro, no lugar da Passage.

90. A terceira, a que dão o nome de travessia velha, accompanha o rio Piauhi, e delle se aparta ao N das suas cabeceiras; e vai sahir ao rio de S. Francisco, 18 ou 20 legoas ao S da segunda.

91. A quarta segue tambem o Piauhi, sobe por elle mais acima do que a terceira, e vai sahir ao rio de S. Francisco na fazenda do Sobrado, 20 e tantas legoas ao S da terceira.

92. A quinta, que não he ainda tão frequentada, apatta-se tambem nas cabeceiras do Piauhi, e vai sahir ao rio de S. Francisco, 3 legoas ao S da dita fazenda do Sobrado. Esta he a parte, onde mais se estreita este sertão, que depois se torna a alargar, sem mais communicação alguma do que a que ha pelas fazendas do Parnaúa, e districto da Barra do Rio Grande.

93. A industria de alguns particulares tem feito por todas as referidas estradas alguns máos açudes, a que chamão tanques, nos quaes em algumas partes reprezão as agoas do rio Pontal, e outros similhantes, que inteiramente secão. Deste modo com as reprezas, que fazem, conservão algumas fazendas pelas estradas, não havendo de humas para outras mais communicação que as mesmas estradas, e sendo todo o mais sertão entre as ditas fazendas e as mesmas estradas até agora inculto pela referida falta de agoas no tempo da seca.

94. Este meio, que tem abraçado com seus açudes, ou tanques alguns particulares, e a mesma natureza nos ensina com as reprezas das agoas do inverno nos lugares mais baixos, como são as lagoas, que fazem habitaveis muitas partes do sertão, em que não ha fontes perennes, he o modo com

que todos estes paizes virião a ser pelo tempo adiante povoados, e com que já agora se devem evitar todos os incommodos, que padecem os viandantes e diminuição, que tem as boiadas, e cavallarias, tanto nos referidos sertoens, como nos mais, que se seguem pela outra parte do rio de S. Francisco; modo que se poderá em grande parte conseguir só com a persuasão feita aos moradores por aquellas pessoas, que os governão e os dirigem.

95. Pela mudança total, a que se reduz a Capitania do Piauhi no tempo da seca, claramente se vê que por toda ella não póde florecer a cultura dos generos do paiz, principalmente daquelles, que para chegarem á sua perfeição necessitão de estar na terra hum anno e mais tempo; taes são as canas de assucar, e a maniba, ou mandioca, ordinario pão do Brazil.

96. Todos com tudo podem ser cultivados nas margens de alguns rios, nos brejos e lugares, que conservão o humido e frescura necessaria para os nutrir, e livrar do ardor do Sol.

97. Pela descripção dos seus rios se vê tambem, que em 240 legoas de paiz, sendo só 5 as mais notaveis, não póde deixar de ser a maior parte do terreno inteiramente inutil para a referida cultura, e muito mais quando bem se conhece, que nem ainda os mesmos rios a admittem por todas as suas margens, e que muitas vezes em 10 e 20 legoas não ha 100 braças de terra util.

98. O desprezo, que os primeiros povoadores fizerão da agricultura na Capitania do Piauhi, onde ella não podia então fazer o objecto do seu commercio, tão longe esteve de ser contrario aos interesses do estado, que antes concorreu muito a promove-los.

99. Elles se interessavão só na criação dos gados, e com ella concorrião para huma parte da subsistencia dos povos da marinha, os quaes se ve-

rião precisados a suprir a mesma parte com o equivalente de outros generos, cuja cultura diminuiria a applicação, que poderião fazer áquelles, em que commerciavão com a metropole.

100. Hoje porém que a Capitania do Piauhi não póde avançar com iguaes passos na criação dos gados, porque quasi toda se acha povoada, ou ao menos os seus melhores sitios, hoje que tem crescido a povoação, e que ha muitos individuos, que serião inteiramente inuteis ao Estado, sem o exercicio da agricultura, porque nem todos são habeis para o trato de gados, nem a este trato se deve mandar maior numero do que he necessario, está a Capitania do Piauhi em circunstancias de procurar, quanto lhe he possivel augmentar, a cultura dos mais generos, vendo-a não só como objecto da sua subsistencia, mas tambem como objecto do commercio com a metropole.

101. O rio Parnaiba he todo navegavel: as suas margens, ainda que se não estendem muito para o interior do paiz, são fertilissimas para a cultura do arroz, do tabaco, e de todos os mais generos. O rio Puti admitte em muitas partes a mesma cultura. O Gorugueia do mesmo modo. Todos os moradores das visinhanças destes rios, podem navegar para o porto da Villa de S. João da Parnaiba os seus generos, e commerciar directamente, ou pelo Maranhão, com a Metropole.

102. Os que vivem mais internados na Capitania do Piauhi, a podem tambem cultivar n'aquelles lugares, que nella ha de terreno util; e assim tirarão a utilidade de applicar ao trabalho aquella parte da familia, que se não póde apartar das mesmas fazendas, e que he nellas inteiramente inutil, sustentando-se, como feras, unicamente das carnes e fructos silvestres.

103. Além dos referidos generos, que faz produzir a cultura, ha na Capitania do Piauhi a Ju-

taisica conhecida nella, e em outras partes do Brazil; com o nome de Jatubá, e as resinas de anjico e cajueiro, que fazem os mesmos effeitos da goma arabia. No districto da Villa de S. João da Parnaiba ha a caparoza, a pedra hami, e minas de que se póde extrahir chumbo. Ha tambem pelas margens do rio Calindé na fazenda da ilha, 8 legoas a l' Est da Cidade de Oeiras, outras minas de que se póde extrahir ferro.

(*i*) 104. O rio Preto, que divide com as suas vertentes, por esta parte, a Capitania do Piauhi da Capitania de Pernambuco, e pelas suas cabeceiras da Capitania de Goyaz, desce da dita cordilheira de montes, buscando a SE, e corre já navegavel das fazendas do Lustoza a metter-se no rio Grande, que faz barra no Rio de S. Francisco. Por elle sobem, da barra do Rio Grande combois de fazenda, que entrão da Bahia para as minas de S. Felis.

(*k*) 105. A chapada das mangabeiras he ramo da celebre cordilheira de montes, de que fallão todos os escritores da America, e trazem todas as cartas geographicas, pondo-a ordinariamente cada hum a seu arbitrio, e apenas concordando n'aquellas partes, em que ella mais se avisinha ao mar. Ella principia por esta parte entre a barra do rio Parnaiba da Capitania do Piauhi; e a serra do rio Camosi da Capitania do Seará, com o nome de Serra da Ibiapaba, que quer dizer fim da terra; corre do Norte a S.; declinando a SE, fórma as minas dos Cariris, e continua com tanta diversidade de nomes, como forão as inclinaçoens de seus descobridores.

106. Busca o rio S. Francisco, que a corta, fazendo a grande cachoeira de Paulo Affonso, e passando-a, fórma para a parte da Bahia as minas da Jacobina, Rio das Contas, Fanado, Serro do frio, e Geraes.

107. Das Geraes volta para o N a O da ponta da Ibiapaba, e fórma o Paracatú, e todas as mais minas, de que se compoem a Capitania de Goyaz; continúa formando estas chapadas das mangabeiras, cabeceiras do rio Preto, Irussi, Parnaiba, e vai acabar entre o Pará e Maranhão, correndo não a O do rio Tocantins, como se vê em algumas cartas, mas sim a l' Est.

(*l*) 108. Duro he a primeira povoação da Capitania de Goyaz, onde está o registro para evitar os extravios do ouro. Todo o Sertão desde a ultima fazenda do Lustoza até o Duro, he sujeito aos assaltos da nação Acroá, e no tempo das secas falto de agoas.

Recapitulação das legoas e dias de jornada.

	Legoas	*Dias*
Da Cidade de S. Luiz do Maranhão ás Aldeias Altas.	118	12
Das Aldeias Altas á passagem do rio Parnaiba.	21	3
Da passagem do rio Parnaiba á barra do rio Calindé.	28	4
Da barra do rio Calindé á Villa de N. Senhora do Livramento do Parnauá.	90	13
Da Villa do Livramento á primeira passagem do rio Preto.	15	3
Da primeira passagem do rio Preto á segunda nas suas cabeceiras.	15	3
Da segunda passagem do rio Preto á Povoação do Duro.	16	2
	303	40
Do Duro ao arraial de S. Felis.		4
Do arraial de S. Felis a Villa Boa.		6
		50

GEOGRAFIA.

Ensaio Politico sobre as Ilhas de Cabo Verde para servir de Plano á Historia Filosofica das mesmas. Por João da Silva Feijó, Naturalista encarregado por Sua Magestade do exame physico das ditas Ilhas.

ARTIGO I.

Da população.

SECÇÃO 1.ª

§. 1. *Da origem de seus habitantes, e progresso de sua população.*

NA descoberta das Ilhas de Cabo Verde havendo-se unicamente encontrado povoada a de S. Tiago de Negros Jalofos, que alli tradicionariamente consta terem passado áquella Ilha por acaso, perseguidos pelos Falupos seus visinhos, e lançados pelas Brizas, e Correntes ao Oest, fez o Senhor Infante D. Henrique transplantar a esta, e á do Fogo algumas Familias do Algarve, e Alentejo, que convidadas pelas Reaes Munificencias do Senhor Rei D. Affonço V, alli se establecerão; as quaes depois pelo commercio, e trato com as Negras do Paiz, ou com as que vinhão de Guiné, forão-se propagando, e misturando principalmente na Capital, de sorte que hoje, a excepção de bem poucas casas, todas as mais são de Pardos, e Pretos.

§. 2.

A estes Colonos (§ 1.) forão-se agregando os exterminados, que para purgarem seus delictos, erão

(e são) para alli enviados pela Justiça de todas as Ordens, os quaes pelos tratos, e cazamentos com os descendentes das primeiras familias, vierão a formar com a escravatura, que se transportava de Guiné, hum grande numero de habitantes, de sorte que pelos annos de 1730, chegavão ao total de 25ϑ almas na Capital, e a 12 para 13ϑ na do Fogo, cuja quantidade se foi diminuindo á proporção da falta do seu commercio, e das repetidas esterilidades, que vierão, e vem a padecer; de sorte, que depois do ultimo flagelo de 1775, em que a antropophagia foi ordinaria, ficarão reduzidas ao terço daquelle censo.

§. 4.

A religioza piedade dos principaes moradores destas duas Ilhas (§ 3.) que persuadidos de fizerem huma obra meritoria, e de expiação para as suas almas, deixarão libertos huma grande porção de seus escravos, fez que estes para se não sugeitarem ao trabalho, e subordinação aos brancos, passassem a povoar as adjacentes, onde juntos com os escravos dos Donatarios daquellas Ilhas, que alli estes possuião para o cultivo das suas Herdades, constituirão as suas povoaçoens, onde todos de ordinario são pretos fullos, e alguns mulatos produzidos da communicação das suas pretas com os brancos Portuguezes, e Estrangeiros, que alli concorrem a commerciar diariamente: consta que forão assás povoadas até a grande fome de 1749, e a de 1775, hoje porém não são os seus habitantes em grande numero.

SEC. 2.ª

§. 5. *Classe dos habitantes.*

A' vista do expendido se vê, que a tres Classes se reduzem os habitantes daquellas Ilhas, brancos, naturaes e escravos. A primeira classe ainda que composta de Portuguezes, e Estrangeiros, he sem duvida a mais diminuta, e se acha complicada com a segunda; a vigesima parte destas duas classes he a que possue bens; sendo o restante o numero dos chamados vadios, principalmente na Capital, e Fogo.

SEC. 3.ª

§. 6. *Das suas habitaçoens, povoaçoens, edificios &c.*

Fazião em outro tempo estes povos as suas povoaçoens regulares. Na Capital houve huma sofrivel Cidade assás povoada, e com todas as commodidades precizas, cujos edificios, pelo que manifestão as actuaes ruinas, forão de pedra, e cal, e cobertos de telha. Alli residião os seus Bispos, Governadores, e Ministros; porém depois do ultimo saque, que alli fizerão os Francezes em 1713, toda se despovoou, vindo a ser consequencia a ruina dos seus edificios, de que apenas restão a Cathedral de instituição assás antiga, onde officião tres, ou quatro Conegos, com cinco, ou seis Capellaens; o Convento dos Frades Franciscanos da Provincia da Soledade, em que habitão tres, ou quatro com o titulo de Missionarios, a Santa Caza da Mizericordia, que por se achar mais miseravel, que os que para alli se hião curar, sem lhe valer o ser da Protecção Real, só existe a sua arruinada Igreja, sem mais enfermaria que as suas paredes, das que forão em outro tempo, com a forma-

lidade da sua meza para a arrecadação, e distribuição do seu rendimento, que assás ainda chega a hum conto de reis annual, e finalmente outras pequenas Igrejas, como a da Senhora do Rozario &c.; e algumas palhoças, em que habita o Clero, e poucas familias, que em razão de seus empregos Eclesiasticos, ou Civis, alli persistem.

§. 7.

Ao sul da Cidade, como disse, na distancia de tres legoas está a Villa da Praia, que por ser hoje o porto principal, em que relaxão todas as embarcaçoens, e de todas as naçoens, he onde residem o Governador da Capitania, o Ministro, e todos os brancos, que alli traficão. Na ilha do Fogo, tambem ha outra Villa denominada de S. Felippe, que sendo mui bem assentada, e em outro tempo assás povoada, hoje está como a Capital. Nas outras Ilhas ha suas respectivas povoaçoens com o titulo de Villas, que supposto serem compostas de palhoças, e longe dos portos de mar, comtudo estas habitaçoens são de ordinario assombradas, sendo geralmente todos os edificios, e em todas as Ilhas, construidas de Lavas.

SEC. 4.ª

§. 8. *Da Fortificação, Guarnição, e Governo.*

A excepção da Ilha Capital, e Fogo, não tem aquellas Ilhas outras fortalezas para a sua defeza, que o inaccessivel de suas montanhas, e o aspero dos seus caminhos. Na Cidade houve huma fortaleza, e cinco baluartes, em que montavão as precizas artelharias, ainda que de ferro; porém pela falta de zelo, tudo se acha na maior ruina, persistindo sómente, ainda que sem reparos, o baluarte de S. Verissimo, guarnecido com sete artilheiros, e hum condestavel, debaixo do commando do Sargento Mór da Praça, que tambem serve da Commarca, e seu Ajudante, e todos estes pagos. Na Villa da Praya, ainda que a fortaleza não tem formalidade alguma, com tudo ella tem sufficiente artelharia, que supposto ser tambem de ferro, e mal reparada, serve mais que a da Cidade. Na Ilha do Fogo finalmente ha dois chamados fortes, ainda que bem fracos por falta de tudo que os póde formalizar.

§. 9.

A guarnição actual da Capital consiste além de duas Companhias pagas (huma de brancos, e mulatos para a guarda do Governador, e outra de pretos para o prezidio da Villa da Praya) em tres regimentos de infantaria, e tres companhias de cavallaria milicianas de naturaes, cujos officiaes, a excepção dos Ajudantes, numero e supra, não são pagos. No Fogo, a excepção do condestavel, que he pago, a sua guarnição he toda tambem miliciana, como nas demais Ilhas adjacentes, de cujos corpos são chefes ou commandantes os mesmos respectivos capitaens móres daquellas Ilhas, que tambem servem sem soldo algum, excepto o do Fogo, e o da Villa da Praya, que são immediatamente nomeados por S. M.

§. 10.

Todos estes commandantes, juntamente com os das praças de Cacheo, Bissau, e outras no Continente de Guiné, são sujeitos ao Governador da Capitania, que reside em S. Tiago, o qual authorizado por antigos regimentos goza de amplos poderes, e regalias, sendo entre ellas a de prover quasi todos os postos militares e officios da Fazenda, e Justiça, ficando reservada ao Ministro,

que he ao mesmo tempo Ouvidor, Provedor do Crime, e Fazenda Real, a jurisdição civel, e criminal, com huma mui limitada acção sobre os negocios da Fazenda. Esta he toda a administração temporal, sendo a espiritual dirigida na Capital por onze Parochos de outras tantas Freguezias, no Fogo por tres, na Brava por hum, em S. Nicoláo por dois, em S. Antão por dois, na Boavista por dois, e no Mayo por hum, sujeitos todos ao Bispo, que hoje rezide na de S. Nicoláo.

SEC. 5.ª

§. 11. *Da actual subsistencia.*

Quando vivião aquelles povos unidos nas Cidades, e Villas, gozava-se geralmente de todas aquellas commodidades, que traz huma sociedade civil; porém as continuas invasoens dos Piratas, e inimigos, e as fomes os fizerão desunir, e afugentar para as vizinhas montanhas, onde até hoje persistem, e nesta situação se faz cada vêz mais precaria, principalmente para os Europeos, a subsistencia actual nos povoados, particularmente na Cidade, nas Villas da Praia e S. Filippe, onde a não serem os escravos, que com a superabundancia de suas lavouras, unida de ordinario com a porção, que elles furtão, alli concorrem a vender, certamente se não poderia viver, a não haver a laboriosa precaução de se mandar ao interior comprar, e dalli conduzir, o que mil inconvenientes muitas vezes fazem impraticavel.

SEC. 6.ª

§. 12. *Da sua moral, e maneira de viver &c.*

Nesta dispersão, adquirindo estes povos geralmente com o tempo hum espirito livre, e quasi

selvagem, vive cada hum em sua choupana, ou pequeno domicilio sem educação alguma, sem sugeição, e quasi sem Religião. Esta falta da devida educação popular, que faz distinguir o povo civilisado do barbaro, até mesmo nos primeiros elementos da Religião, ainda naquelles que se devião considerar perfeitos nestes importantes deveres, os faz supersticiosos, e quasi simillantes nos seus costumes, modo de viver, e de vestir, de fazer suas nupcias, funeraes, e criar seus filhos &c, ao Gentio de Guiné, de quem se póde dizer os herdarão, e atualmente recebem pelo tracto familiar com a escravatura.

§. 13.

A lingoa Portugueza, que tão facilmente se generalizou no Brazil, he entre elles desprezada, e o mais he pelos mesmos Portuguezes, que alli residem, que, em vez de a fazerem generalizar, a deixão para se costumarem ao ridiculo Crioulo do Paiz; e por este motivo não ha em todas as Ilhas huma perfeita escola, em que se ensine á ler, escrever e contar áquella mocidade, que se destina ao Clero, aos empregos do bem commum, officios &c.

§. 14.

O mesmo, que se passa na vida moral, se estende ás commodidades da animal, ou physica. Satisfeitos com hum pouco de milho, feijão, alguma mandioca, e agoardente, que tirão sem muito trabalho das suas canas, com pouca porção da carne das suas cabras, e com o leite dellas, a cuja criação entregão todo o seu cuidado, com a dos mais animaes domesticos, não tanto para o seu sustento, senão pelo interesse de os venderem, com os fructos do Paiz, aos Estrangeiros, para quem se póde dizer só trabalhão, desprezão tudo o mais, que

os poderia fazer felizes. Nesta consternação não conhecem, nem artes, nem manufacturas (á excepção da imperfeita dos seus panos de algodão para o vestuario das suas mulheres, e que a precizão de algum dos nossos generos os obrigava a vender aos Commerciantes da Costa de Guiné), nem huma verdadeira cultura não só para terem de sobra, e de rezerva os generos da primeira necessidade, e para acodirem ás futuras urgencias de huma fome infallivel, com que por isso mesmo a Justiça Divina os castiga de tempos em tempos, como tambem para introduzirem, ou reduzirem a cultura outros importantissimos generos naturaes, como o anil, o algodão, o tabaco, o sangue de Drago, e os exoticos, como o Caffé &c; e com que pudessem haver hum Commercio activo, e huma vida mais commoda, mais regular, e civilisada.

§. 15.

Sendo, como já disse, abundantes de peixes as costas daquellas Ilhas, a pescaria não he delles attendivel, senão quando o flagelo da fome busca destruillos para pagarem a sua innata ociosidade, e perguiça, então satisfeitos com huma cana, huma linha, e hum anzol, andão de pedra em pedra pelas costas, buscando a subsistencia.

ARTIGO II.

Da Cultura.

SECÇÃO 1.ª

§. 16. *Divisão do terreno.*

NA Capital, e Fogo, quasi todo o terreno está reduzido a vinculos, ou Capellas, a que alli

chamão Morgados, e a maior parte bem insignificantes, e como he huma mui pequena porção de habitantes que os possue, (§. 5.) succede que a maior parte dos individuos não tenhão terras proprias para trabalharem, o que não acontece nas adjacentes Ilhas, onde por serem hoje todas realengas, seus habitantes as possuem, em mais ou menos porção, como foreiros, e por isso são tambem as mais trabalhadas, e elles os mais activos.

SEC. 2.ª

§. 17. *Dos generos do actual cultivo.*

O milho, o feijão, e aboboras são os generos, que geralmente merecem o primeiro cuidado daquelles insulares, unicamente quanto basta para o seu presente passadio (§. 14.). Na Ilha de S. Tiago, além destes cultivão tambem pelas ribeiras a mandioca, chamada no Brazil Aipim, a batata das Ilhas, toda a especie de ortaliça, e bananas, o coco; toda a qualidade de fruta de arvore de espinho, e sobre tudo a cana de assucar para o fabrico da agoardente, e algum assucar, que por necessidade fazem em certas das suas ribeiras, onde a cana, que alli vegeta, não he propria, nem apta para outra cousa.

§. 18.

No Fogo tambem, além do milho, e feijão, tudo o mais alli se cultiva, que a pezar de ser o seu terreno bem seco, e composto de cinzas volcanicas, como tenho dito (parte 1.ª), e sem huma só ribeira corrente, tudo alli vegeta, até a mesma maçã, e pera, cresce, e chega a seu estado de madurez no tempo das chuvas.

§. 19.

Nas Ilhas de S. Tiago, de S. Antão, e Brava, em lugar da cana cultivão aquelles habitantes pelas ribeiras as vinhas, que, por serem mui regadas, e mal amanhadas, dão sufficiente, e proporcional quantidade de hum vinho verde, que facilmente se azeda, produzindo hum bom vinagre. Em S. Nicoláo ja se principia a cultivar o caffé, ainda que por curiosidade: em fim a cultura do tabaco he geral, e entre elle he o melhor o das Ilhas do Fogo e de S. Antão.

SEC. 3.ª

§. 20. *Do methodo de cultivar, e trabalhar o terreno.*

Ainda que o trabalho na cultura geral destas Ilhas não seja outro que o de queimar os matos, e restolhos no mez de Maio, ou Junho, para semear-se o grão em Julho, ou Agosto em pequenas covas, que no terreno se abrem, e em cada huma lançar-se dois, ou tres grãos de cada especie de semente, juntas todas, cobrindo-as de terra com os pés, e o de mondar depois; com tudo não deixa para isso mesmo de ser necessaria a força de braços para as enchadas, e estes, onde não ha jornaleiros, como alli succede, são na verdade bem caros, por se reputar hum escravo chamado lotado em cento e dez, e cento trinta mil reis, consequentemente o possuir naquellas hum terreno não he tão difficultoso, como he o trabalho pela falta, que hoje ha, de escravatura, e pelos vadios (§. 5.) se não sujeitarem ao trabalho alheio.

§. 21.

Eis-aqui o porque na Capital, e Fogo a maior parte da lavoura he feita pelos proprietarios, ou morgados, porque, como de ordinario são os que possuem escravos, que fazem huma parte do seu cabedal, ou do mesmo vinculo, empregando-os no trabalho de suas terras, e de seus trapiches, e criação de seus animaes, são os que poderião tirar maior proveito deste importante exercicio, do que os mais habitantes; porém habituados, como os vadios, a huma vida mole, ociosa, livre, e insociavel, no centro de suas herdades, onde tudo podião possuir em abundancia, e occupados unicamente na cultura das canas pelo interesse da agoardente, desprezão outra qualquer, que não seja a pequena porção de mandioca, e arroz para as suas mezas, e no tempo das agoas o milho e feijão, que suppoem bastante para o sustento da sua familia particular naquelle anno, donde nasce o viverem quasi todos na maior mediocridade imaginavel.

SEC. 4.ª

§. 22 *Da decadencia das herdades.*

Nesta situação se transmitte esta mediocridade (§. 21.) de pais a filhos, os quaes por não conhecerem outra educação, ficão vivendo na mesma sorte de libertinagem, e então concentrando-se neste ponto todas as suas principaes idéas, não buscão conhecer nada mais fóra delle, e desta fórma cercados de vicios, assim como de negros, ou escravos ou livres, todos os seus domesticos, e infatuados com o titulo de morgados, para se verem mais tranquillos, cedem desde logo nas mãos de algum daquelles seus mais privados domesticos a administração de suas fazendas, e haveres; o qual

feitor, orgulhozo com este pequeno poder, e ignorante, como seu amo, inteiramente de suas obrigaçoens, não faz mais que opprimir aos miseros escravos, segundo suas paixoens; e desta sorte a ruina daquellas herdades he infallivel, por todos os modos comtemplada.

§. 23.

Este abuzo (§ 22.) unido com outro ainda de maior consequencia, qual he o de não alimentarem, e vestirem os proprietarios os desgraçados escravos, permittindo-lhes para isso a injusta e irreligioza liberdade dos Domingos, e dias Santos, vem a fazer a total ruina daquellas familias, porque faltando aos escravos nos annos secos, e de fome o com que se mantenhão, por não terem aquelles Senhores das herdades precaucionado mantimentos de reserva, ou morrem, ou por desanimados, e descontentes desertão com os Estrangeiros, e desta sorte he indubitavel a decadencia dellas, como diariamente se observa em todas as Capellas, ou vinculos, que alli forão instituidos, e de que já se não vê hum só segundo o seu estabelecimento.

§. 24.

Parecerá incrivel na verdade que hajão homens, que, em vez de augmentarem a sua fortuna, obrem contra os proprios interesses: os que se considerão comtudo mais activos fatigão, e estafão os mizeraveis escravos em trabalhos intempestivos, quando a maior parte deixão ao arbitrio delles o trabalharem o que querem. Não sei agora qual destas opinioens será a melhor; o certo he que ambos os seus resultados, posto que differentes, todos tendem a arruinallos.

ARTIGO III.

Das Artes.

SECÇÃO 1.ª

§. 25. *Estado actual.*

Por isso mesmo que vivem dispersos aquelles Insulares, he que não ha entre elles hum só Artista de Officio algum, e por isso todos são para si ao mesmo tempo Çapateiros, Alfaiates, Carpinteiros, Pedreiros &c; donde provém a falta de todas as commodidades, a excepção das Ilhas do Fogo, Santo Antão, e S. Nicoláo, onde ainda se encontrão alguns curiozos, que comtudo não fazem nisso a sua subsistencia, ou modo de vida.

ARTIGO IV.

Das manufacturas, e Fabricas.

SECÇÃO 1.ª

§. 26. *Quaes ellas sejão.*

O mesmo, que acabo de dizer das Artes, se entende das Fabricas, e manufacturas; alli não ha outras, a excepção da dos panos de algodão, genero da primeira importancia no Commercio geral da Costa de Guiné, a da preparação do anil para o tingido dos mesmos panos, e a do cortume das peles das Cabras, e alguns couros de Bois, as quaes, geralmente fallando, não são mais que em o nome, pela imperfeição, falta de principios fundamentaes de Artes, regularidade nos seus trabalhos, e instrumentos proprios para a facilidade de seus fins.

SEC. 2.ª

§. 27. *Da manufactura dos panos de Algodão.*

Os panos, que constituem ao mesmo tempo o vestuario das mulheres do Paiz, e a moeda corrente, são fabricados a maior parte pelos Escravos em teares, os mais irregulares que se póde imaginar, por serem formados instantaneamente de pedaços de estacas, e canas atadas com cordas de cascas de bananeiras, que concluida a obra passão a servir de combustivel aos mesmos Teceloens, a excepção do pente, e orgão, sendo por isso o trabalho daquelles tecidos o mais grosseiro e irregular, porque os operarios não fazem nisso officio proprio, sendo a falta de economia, e o excessivo preço, porque são reputados aquelles panos, consequencias necessarias da falta de arte, e fabricantes.

§. 28.

Estes panos são formados de seis bandas, ou faixas, da largura pouco menos de hum palmo, sobre sete, até oito de cumprimento, cozidas humas ás outras pelas suas ourellas, para constituirem a largura total de quatro para cinco palmos, e conforme o seu obrado, ou trabalho, assim determinão a especie: huns são meramente de algodão, e outros com entreposição de seda, ou lan de tres cores, vermelha, amarella, e verde; huns e outros, ou são lizos, ou com lavores (a que chamão no Paiz *Bixo*), cuja diversidade concorre tambem a fazer o seu valor intrinseco no commercio, assim como na mesma especie varião de qualidade, conforme a Ilha, em que são fabricados.

§. 29.

Os panos que são meramente de algodão (§. 28), entre os lizos são chamados *pretos* os que são summamente de hum ferrete escuro, côr que lhes dão com o anil bem carregado: *Ordinarios Banei*, ou de Ley (por ser a moeda corrente do valor de 1[illegible] reis,) os que são listados de riscas azuis claras e brancas, de hum fio mui grosso, e mui mal trabalhados; quando porém o seu fio he fino, igual, o pano mais coxado, e as listas mais ferretes, e largas, e as brancas bem claras, se denominão *Lista fóra*, e entre os de *Bixo* se diz de *Bixo cortado* aquelle, cujo fio he fino, o pano mais coxado, o lavor regular, se chama *Boca branca*; e sendo todo o pano coberto de lavor, e sem algodão branco algum se denomina *Pano de vestir* ou *o Xó*, ha tambem entre os de *lista fóra* huma variedade, que leva algum lavor, e chamão *lista fóra de obra*. Os panos finalmente fabricados com algodão, e retroz, ou lan, se denominão da mesma maneira expendida, especificando-os com os titulos de *lan*, ou *seda*, os quaes tambem se chamão geralmente panos de obra.

§. 30.

Nas Ilhas de S. Tiago, e S. Antão manufacturão-se mais outras especies de panos, entre elles os chamados de *Agulha*, os quaes tambem são singelos. Na Ilha do Fogo ha mais outra especie particular, a que se denomina *Galans* de grande estimação entre todas as insulares. Nesta Ilha, na da Brava, na de S. Antão, e S. Nicoláo, além dos panos tambem se fabricão colxas de algodão branco, e amarello, de mais, ou menos estimação, segundo o seu trabalho, lavores, e especies, que entrão no seu tecido, ou seja a lan, ou

seda &c. ; e meias de algodão feitas de agulha mais, ou menos finas, entre as quaes são mais estimaveis pela qualidade as da Ilha do Fogo.

SEC. 3.ª

§. 31. *Do anil.*

He o anil, como tenho dito, a unica tinta de que uzão aquelles insulares, para o tingido dos seus panos (SEC. 2.ª). No methodo de a preparar seguem em tudo o trabalho de Madagascar, da Costa de Africa, e de alguns outros sitios da India. Tomão as folhas desta planta, colhida quando principia a florecer, e depois de a pilarem, fazem com a pasta huns bolos, que depois de secos perfeitamente os guardão para quando precizão; então para prepararem a sua tinta desfazem estes bolos em decoada de cinzas de purgueiras (1) ou de bananeiras, deixando esta dissolução chegar a huma perfeita putrefação então aparecendo esta dissolução com os signaes de perfeita tinta ferrete, passão a ensopar as meadas de algodão, ou os mesmos panos, que querem tingir, lavando-as, e repetindo huma e mais vezes esta manipulação, segundo pede a necessidade para se lhes dar hum azul mais, ou menos ferrete.

§. 32.

Na Capital houve pelos annos de 1711, por ordens positivas do Ministerio, huma fabrica real desta *fecula*. Na Ilha de S. Antão mandarão os seus Donatarios no mesmo tempo estabelecer outra, porém a primeira, ou porque fosse mal trabalhada, e dirigida, ou porque os seus lucros não correspondião às esperanças do interesse, veio a extin-

---

(1) Jalropha Curcas. Linn.

guir-se, persistindo com tudo até hoje a segunda por conta da Real Fazenda, ainda que sem lucro algum.

SEC. 4.ª

§. 33. *Dos costumes.*

Costumão finalmente aquelles insulares cortir algumas pelles de cabras, e poucos couros de bois, o quanto baste para o consumo de seu calçado, assás pouco uzado entre elles. He este costume feito com as cascas, e folhas das romeiras bravas, troncos de bananeiras, folhas de purgueira, com a semente, ou bagem do espinho preto, e com outras plantas de semilhante natureza adstringente, e finalmente com a cal, e cinzas, mistura que constitue na verdade o mais excellente, e commodo cortume que se póde considerar, e por isso são as pelles as mais bem curtidas, e amanhadas, que se podem encontrar, não sendo porém assim o atanado, talvez por falta de mão mestre.

ARTIGO V.

Do commercio.

SEC. 1.ª

§. 34. *Do antigo commercio das Ilhas de Cabo Verde.*

NOS primeiros tempos do estabelecimento daquella Colonia, foi esta Capitania de consequencia ao commercio geral, sendo a Ilha de S. Tiago o centro de todo aquelle trafico, e para onde concorrião nacionaes, e estrangeiros, que particularmente negociavão, ou para a costa da Nigricia, ou para as Colonias da America, convidados huns

e outros pela abundancia, particularidade, e bom preço das suas differentes, e importantes producçoens, pela liberdade, e franqueza de commercio, que alli achavão, e pelo bom acolhimento, com que erão por aquelles povos indifferentemente recebidos.

§. 35.

Do Senegal, de Goré, e de Benim, alli vinhão todos os dias os Francezes trazerem os seus escravos para levarem em troco as vitualhas, de que naquellas Praças necessitavão, ou a Tartaruga salgada, e ainda viva, para transportarem ás suas Colonias da America, com o gado, os Inglezes, os Hollandezes, os Dinamarquezes, e os Hespanhoes alli deixavão o seu dinheiro, e alguns effeitos para se proverem de todo o precizo ás suas longas viagens de huma e outra India.

§. 36.

A Panaria, o Algodão, o Pellame, o Gado, as Bestas, a Tartaruga, o milho, o Sangue de Drago, o Ambar, o Tabaco, a urzella, e finalmente os diversos, e abundantes fructos do Paiz, fazião outros tantos objectos do seu Commercio activo, e outros tantos canaes da sua riqueza, sem mencionarmos o sal, cuja exportação foi interessantissima. A urzella, e a Panaria não tardarão muito, que se não fizessem privativos, esta ao Commercio nacional, e aquella, com o Ambar, o Sangue de Drago e a Tartaruga, á Coroa.

§ 37.

A exportação do Algodão, por falta de providencias, veio a ser tão extraordinaria, que se fez sensivel, e prejudicial á manufactura dos panos, e

por isso foi outro genero defendido aos Estrangeiros, com pena capital, pelo Alvará de 28 de Outubro de 1721, sendo ao mesmo tempo por este mesmo authorizado a liberdade de todo o mais Commercio com elles.

§. 38.

Das pelles de Cabras era grande a quantidade, que sahia de todas as Ilhas em geral, pois consta por antigos assentos daquellas Feitorias serem exportadas em hum só anno da Ilha do Maio, 5∂, e da Ilha de S. Nicoláo unicamente das pertencentes aos rendimentos Reaes 3∂650 pelles, e á porporção se póde daqui calcular o total extrahido, ou fossem vendidas pelos habitantes, ou das pertencentes aos rendimentos dos seus Donatarios.

§. 39.

Do gado não era menor o numero, que sahia annualmente, ou fosse em natureza de refrescos, ou em carregaçoens, vivos, ou salgados, para differentes partes; porém esta liberdade mal entendida, e sem duvida dirigida sem a devida reflexão politica, deo occazião a se aproveitarem os Estrangeiros do nosso indisculpavel descuido para povoarem as suas Colonias com as nossas vacas, egoas, jumentas, cabras, ovelhas, e mais especies de animaes domesticos, que vindo alli reproduzirem-se com vantagem, como se vê em Cayena e Guaiana, fizerão quasi extinguir aquelle importante ramo do Commercio positivo daquellas Ilhas.

§. 40.

O milho, e o feijão não fazião em cada huma daquellas Ilhas pequeno objecto de interesse na annual exportação para as Canarias, Madeira,

&c, pois consta pelas entradas das Alfandegas virem alli positivamente carregar os Hespanhoes, os Francezes, e os mesmos nossos Portuguezes dos Açores, e Madeira.

§. 41.

O sal, esta inesgotavel fonte da principal riqueza daquellas Ilhas, ainda que actualmente o não pareça, foi para a do Maio, Boa Vista, e sal (então povoada) o primeiro objecto do seu activo Commercio na annual exportação de milhares de moios, que dalli fazião particularmente os Inglezes, e Francezes para America.

§. 42.

A urzella em fim, ainda que privativa, não deixava comtudo de concorrer para o augmento dellas pelo cabedal, que no seu apanho se fazia circular nas primeiras administraçoens deste Contrato, antes que a ambição, e a fraude entrassem a perder a reputação, que tinha este importante genero na Hollanda, e na Inglaterra.

SEC. 2.ª

§. 43. *Da sua commutação.*

Ainda que a commutação neste Commercio fosse nos primeiros tempos a dinheiro fizico, veio comtudo pouco a pouco a reduzir-se pela baixeza de espirito, e caracter dominante daquelles povos, a troco de quinquilharias, e fatos velhos, cujo vilissimo, e perniciosissimo uzo irrisorio aos mesmos Estrangeiros, que desta falta se aproveitavão para os seus interesses, veio a arreigar-se de tal sorte, que jámais se extinguio, sendo hoje por isso em qualquer daquellas Ilhas huma cazaca, hum colete, e calção velhos, hum chapeo roto, huma camiza remendada &c, a milhor moeda, porque tudo se obtem, e muitas vezes com preferencia ao dinheiro.

SEC. 3.ª

§. 44. *Da moeda.*

Não era menor então o abuzo introduzido no valor numerico de differentes moedas, que circulavão, e ainda hoje circulão naquelle Paiz, ou fossem nacionaes, ou estrangeiras, porque em humas Ilhas corrião humas, e outras pelo pezo, não sendo ellas sarrilhadas, em outras pezava-se qualquer moeda só de persi, ainda que fosse maior o pagamento, quando em outras porém se pezava toda a importancia do pagamento em hum só pezo de muitas moedas juntas, e finalmente em humas Ilhas valião por exemplo o real de prata Hespanhol dois vintens, e em outras quatro, resultando de tanta variedade, e confuzão mil inconvenientes, e perjuizos, não só ao Commercio positivo, como tambem ás contas das Feitorias Reaes. Estas desordens fizerão sem duvida produzir as multiplicadas e Reaes providencias, que sobre este ponto se derão, entre ellas as dos Alvarás de 22 de Março de 1711, e de 23 de Janeiro de 1712; porém estas não forão ainda bastantes para se desterrar todo o dolo e fraude, e precaver as más consequencias, continuando até hoje ainda muita confusão em todas as sortes de moedas.

§. 45.

Ainda havia outra não pequena confuzão em outra especie de commutação mercantil, representando

por patacas as varas de qualquer sorte de fazenda, e então pela sua reducção em quartos, e oitavos das sobreditas patacas se fazia tambem a conta das vendas, e não sendo esta estimação regular em todas as Ilhas, reputando-se em humas por 800 reis, e em outras a 750 reis, na reducção a dinheiro corrente, era grande a differença, que se encontrava, porque em humas Ilhas, se reduzia a 200 reis, quando em outras a 375, e a 400 reis, sendo por esta primeira computação o actual pagamento da urzella na Ilha de Santo Antão a aquelles miseraveis urzelheiros.

SEC. 4.ª

§. 46. *Do actual Commercio.*

Nesta desordem veio o Commercio positivo a fazer-se de todo precario, reduzindo-se á actual exportação de pouca Pannaria, e alguma agoardente para Guiné, de pequena porção de milhos para a Madeira, e Canarias de algumas peles, e couros para America, com o sal da urzella como Contracto ainda Real, e de algum refresco de fructos, e animaes, que levão os estrangeiros, que alli relaxão.

§. 47.

O algodão não he hoje muito, e nem temem bom preço regular: corre ordinariamente pelas Ilhas adjacentes de mil reis até mil e duzentos por arroba em rama, quando na Capital he reputado a 1500, até 2$ reis. Esta arroba, depois de descaroçada se reduz a oito libras, as quaes de ordinario produzem ao todo quatro panos, que conforme o seu trabalho assim he o seu valor, como disse (§ 29.); os chamados ordinarios, circulão a 1$ reis, com preferencia os obrados na Ilha do

Fogo, e Santo Antão, os de Bixo (ou de vestir, ou Oxós) sendo os mais estimados os do Fogo, custão os sem retrós de 2 até 3$ reis, e com elle valem, segundo o seu trabalho, de 4 até 20$ reis. Os denominados *de agulha*, cuja preferencia hoje tem os de Santo Antão, custão estes a 2$ reis, e os da Capital 2$400 reis: os *de lista fora* sendo singellos correm a 2$ reis, com retros porém a 6: os de *Bixo cortado* pagão-se a 2$ reis; e os de *fio de lan* a 4$ reis os *Galans* da Ilha do Fogo, sendo com renda a 1$500, e sem ella a 1$ reis. Os *pretos* segundo a sua mão de obra, custão de dois, até 6$ reis, com preferencia aos do Fogo. Os *bocas brancas* desta Ilha, onde são mais bem trabalhados, circulão os sem retrós a dois, e a 3$ mil reis, e com elle de seis até 12$ reis. As colxas tambem varião de custo, sendo as mais ordinarias de 8$ reis, e as mais subidas de vinte, e a 25$ reis. As meias finalmente de 1$500 a 3$ reis pelo par. Estas são as sortes dos panos de mais consumo, entre os nossos commerciantes das praças de Guiné, sendo no gentio os de maior consumo os *ordinarios*, os de *agulha*, os de *lista fóra*, e *oxós* simplices, e bem tratados, e geralmente huns por outros dão de interesse 80 por cento sendo bons.

§. 48.

A exportação actual dos panos chega hoje a ser hum anno por outro de quatro até cinco mil, apezar do continuado extravio, que delles se faz pelos Inglezes, conhecidos alli com o nome de costeiros, que navegão, e commerceião naquella costa para extrahirem a escravatura, a cera, o marfim, e o páo campexe, para cujo trafico precizão daquelles panos. A agoardente, que sahe da Capital para Guiné, chega a mil frasqueiras, pelo custo de 4$800 reis, sendo o daquellas praças de 12$800 reis por frasqueira.

§. 49.

A exportação do milho, que hoje unicamente se faz das Ilhas do Fogo, Brava, e de S. Nicoláo, pelo preço de 240 reis, até 400 por alqueire, chega a 800 moios com vantagem de 80 por cento para o comprador no augmento da medida, sendo a maior entre ellas a de S. Nicoláo; a das Pelles sobe huns anno por outro de duas a tres mil, pelo valor corrente de cem reis, e a dos Couros, ainda que hoje mui diminuta, deita a 1500, tendo sido nos annos de 1792, e 1793 de vinte para trinta mil, pela grande mortandade, que então houve de gados, e todos levados pelos Americanos, pelo preço de 750 reis huns por outros.

§. 50.

A extracção das cabras no annual refresco dos estrangeiros chega entre todas as Ilhas de quatro para cinco mil cabeças, no valor cada huma de 300 reis, até 750; sendo porém a dos bois, hoje bem diminuta, pois consta sahirem apenas da Capital, á seis annos a esta parte, duzentas para trezentas cabeças, pelo preço de 12 até 18 patacas, (9$ a 13$500 reis) sendo o corrente do paiz de dois até 3$ reis. A dos cavallos, e asnos tem sido ainda muito mais diminuta, e os que sahem, costuma ser pelo preço de dez, e doze patacas, quando aquelles no paiz custão a 6, a 8, e a 15$ reis, e os asnos, que se vendem a 3$, embarcão a 4, e a 6$ reis. Dos mais animaes com tudo ainda he grande a exportação, pagando os estrangeiros pelos porcos quatro até oito patacas, e pelos leitoens de huma até duas, sendo o ordinario preço entre os naturaes, destes de 200 até 400 reis, e daquelles de 2 até 3$ reis. As gallinhas, que no paiz custão de tres vintens até hum

tostão por cabeça, são levadas por elles a duas patacas (1$500 reis) por duzia, e os perús a pataca, quando na terra custão communmente os machos a 400 reis, e as femeias a 200, e a 240 reis. A fruta finalmente he muita, e muito barata, não passando o milheiro da mais bella laranja de 1$200 reis; e á proporção o mais refresco.

§. 51.

Na exportação do sal em fim he que ainda hoje consiste algum commercio, de consequencia, a pezar de ja não ser tão grande, e tão vantajoso, ou seja pela descoberta de outras salinas nas Ilhas d'Oest, ou porque pelo pouco zelo dos habitantes, principalmente da Ilha da Boa Vista, se tem destruido aquellas salinas com as inundaçoens das areias, e por isso, e por mal trabalhado o seu sal, nem o seu preço he regular, nem a concorrencia frequente, dirigindo-se todas as embarcaçoens á do Maio, com tudo sempre se computa a actual sahida daquella Ilha até mil e quinhentos moios, que vendidos pelo ultimo preço estabelecido de 1$800 reis, dá o annual rendimento 2:700$ reis a seus habitantes, e do Maio para cima de dois mil moios pelo preço corrente de 3$ reis, cujo annual interesse de seis contos de reis, he bem capaz de constituir a subsistencia de duzentos e tantos individuos, que de tantos he povoada esta Ilha, com o mais interesse das suas cabras, pelles &c., a não ser a sua principal commutação em fatos velhos, agoardente, e quinquilharias, assás bem reputadas pelos estrangeiros.

SEC. 5.ª

§. 52. *Cauzas principaes da decadencia do commercio.*

MIL desordens com o tempo forão as que vierão occasionar a notavel mudança tão prejudicial nos interesses, em particular daquellas desgraçadas Ilhas, que o referi-las todas ser-me-hia violento; basta que diga em summa, que depois que principiarão seus habitantes a viver dispersos (§. 11.); depois que o flagelo das fomes se fez ordinario pela falta de devidas providencias economicas (§. 14.); depois que os negros, e alguns brancos, que a mizeria, ou seus crimes alli conduzirão, tomarão o dominio das terras, aquelles com a sua innata indolencia, e estes com a sua ignorancia, perguiça, e libertinagem; depois que o commercio passou a ser privativo, e que seus Administradores, praticos egoistas, longe de fazerem executar as justas, e humanas intençoens de seus Directores, aproveitando-se da humanidade, necessidade, e mizeria daquelles desgraçados povos, esgotarão por huma vez o restante de seus cabedaes, escapados dos saques de seus inimigos, depois que finalmente se consentio o geral, e vilissimo uzo da troca dos seus generos, e producçoens pelos fatos velhos dos estrangeiros &c., todas aquellas vantagens desaparecendo, a mizeria, a necessidade, e a penuria tomarão o lugar das suas riquezas, a ociosidade, e a perguiça o do trabalho, e as terras por isso se reduzirão a incultas &c. Só esta Secção dar-me-hia na verdade amplissima materia para mais discorrer, a não ser o temor de passar por exagerador, e declamador, que me suspende a penna.

LITTERATURA.

ODE.

A' vaidade dos Tumulos.

FAtal mizeria! que a vaidade insana
Até domine com altivo aspecto
Na casa horrenda, que carcome ufana
Torpe esqueleto!

Ella nos seios d'asperas montanhas
Mendiga jaspes, alabastros puros;
Fomenta, alçando maquinas estranhas,
Pasmo aos futuros.

He limitado o liberal thezouro,
Que a terra offrece ao avido vivente,
Se Hebro, e Pactolo não lhe offertão d'ouro
Larga corrente.

Aqui se lavrão mil estatuas raras
D'altas virtudes para adorno, e gloria;
Alli se esculpe em inscripçoens preclaras
Eterna Historia.

Canção-se os Phidias nos cinzeis vaidozos,
Os Brontes suão na sonora incude;
Insta a vaidade, que às seus fins pompozos
Tod'arte estude.

Quando a fadiga attonito contemplo,
Digo, he Memoria á triunfo dedicada?
Ou he de illustre, venerando templo
Ara sagrada?

Se he (como inculca) Tumulo sublime,
He certamente d'alto Heroe celeste,
Cujo despojo, que á infecção se exime,
Já gloria veste.

Não: he encêrro (a verdade clama)
De cinzas torpes, d'horrida ossadura,
De quem pertende superar com fama
A Morte escura.

Ostenta morto cultos ter de Nume,
Quem vivo fora nos seus vicios bruto;
Immortal nome segurar presume
Na morte astuto.

Quanto te enganas, oh mortal vaidozo,
Nesse perdido, prodigo thezouro!
Essa Urna altiva, esse Epitaphio honrozo
He teu desdouro.

Quando no ufano tumulo effeituas
Tanta soberba, mais em toda a idade
Teu ser caduco louco perpetúas
Nessa vaidade.

Ninguem, só estatuas, a tua morte sente;
Ninguem, só versos, chora com espanto;
Qualquer que passa, quando os lê, prudente
Se ri do pranto:

E diz, tu vivo sempre desfructaste
Torpes delicias, prodigos prazeres;
A melhor cousa, que na vida obraste
Foi o morreres.

Se n'alta Urna a Fama lizongeira
Finge na tuba, que louvores soa,
Por bocas cento logo verdadeira
Vão te apregoa:

Sem cessar clama, tudo está mentindo
Nesta dolosa, lugubre morada;
Quem mil grandezas vos está fingindo
He pó, he nada.

Candido Lusitano.

O CARNAVAL.

Pelo Conego João Pereira da Silva.

JA' sobre as azas do voluvel Tempo
O gordo Carnaval se apressa, e corre:
A roliça cerviz, o enorme ventre,
Macissas carnes, torneadas roscas
Fazem que o velho encanecido gema:
A seo lado a Folia desgrenhada,
C' hum tenue veo cobrindo as partes, onde
Amor as chammas do Dezejo accende,
Co' os Prazeres se abraça ternamente:
Andão em torno os Rizos voltejando,
Ora a boca, ora as faces lhe beijando.
Alli já se prepara o fresco Entrudo:
Derrete os favos do sagaz insecto,
E breves globos cheios d'agoa fórma,
Para orvalhar a Deoza dos Amores.
Noutro lugar os Satyros applica
A triturar o talco reluzente,
E a loura espiga da formosa Ceres.
Pequenas bombas manuais fabricão
Da ferrea folha, que enriquece a Flandres,
E ás ocas canas calculando ajustão
De humida argilla as pegajosas ballas:
Os Enganos se próvem destramente
De obscenas pulhas, de irritantes peças,
Manchando as roupas da fiel verdade,

Com que vão revestidos, mascarados
Encher de enojo os simples descuidados.
A devorante Gula se arregaça,
E em brando silex amolando a fouce,
A donzella novilha, o gordo pato,
O cordeiro de mama, o porco immundo,
Sobre os lares degola, consagrando
A bruta offrenda á intemperança bruta:
O moço Deos, de duas mães nascido,
Da terrestre ambrozia as pipas abre:
Concavos tarros os pastores enchem,
E os refulgentes copos levantando,
Se vão em gratas libaçoens saudando.
Eu penso ver os Baccanaes antigos
Nos seculos Christãos resuscitados:
Furiosas Baccantes transportadas
Se croavão de pampanos viçosos,
Soltas as tranças, os vestidos soltos,
Altas as mãos, os thyrsos meneando,
= Evoé, evoé = Os ares dizem,
Trazendo os eccos de ululantes gritos:
Outras a branca espadua guarnecendo
Com toscas pelles de manchados Tigres,
Entre sonoros Cymbalos saltando,
Com torpes momos, com lascivos gestos,
Imitando as selvaticas Napéas
C' os pés ordenão desiguaes coréas.
Rugosa mão de tremula Canidia;
O melifluo bollo repartindo,
Com mil desconcertados movimentos
Os bocados offrece a cada instante
Ao nescio, estupefacto circunstante.
Bem depressa a Luxuria consagrada
Degenerou em sordida Lascivia.
Este monstro, quebrando o doce freio,
Com que o doma a pudica Natureza,
Os torpes membros sem pudor descobre
Ao incendio voraz, voluptuoso,

Que o almo licor nos coraçoens ateia,
Sem que aos olhos do Ceo, e gente os cubra
Outro manto, que o veo da clara noute.
Assim o pai dos tres irmãos contrarios
Cheio do mesmo sumo, que espremera
Acazo hum dia dos maduros cachos,
Jazia á luz do mundo descomposto;
E em quanto a Impudicicia o riso solta,
A Modestia c' o a mão os olhos tapa,
E tinta em rubra cor lhe lança a capa.
Assim do mesmo sumo embriagado,
Teve outro pai as filhas por espozas,
Cujos filhos, da mãi irmãos, sobrinhos
Forão, sendo do pai filhos, e netos.
Quem póde crer tão barbaros projectos!
Mas em vão, (*a*) ó Posthumio, e tu Philippo,
Pezando na balança da Justiça
Estes costumes vis, os ameaças
C' o a dura espada de terriveis penas.
As vossas Leis, e o vosso mesmo imperio
Cahio. Qual rocha sobre o mar pedente,
Que, pela mão do Tempo compellida,
As onda fere, erguendo as espadanas;
Mas sempre ficão sobre o mar boiantes
Os verdes troncos, que plantados nella
Desracinados são no precipicio:
Assim vossas virtudes, vossas forças
Perderão seos direitos, seos officios,
E só nos restão vossos mesmos vicios.
Eu vejo ainda nas funçoens sagradas
Ter a Dissolução ampla licença
Para nutrir no seu nefando seio
Os torpes filhos, que pario do Luxo:
Vejo dos proprios templos amparar-se,

(*a*) Dous Consules Romanos, que prohibirão os Baccanaes com grandes penas.

Para exercer seus sordidos costumes,
E ante (b) os mesmos altares, ante os pios,
Puros retratos do Author da vida,
Formar concertos de immodestas danças,
Ao som de impuras cytharas chulantes.
Que mais podem fazer ebrias Baccantes?
Vejo na Caballina das Sciencias,
Cujas sonoras agoas trasbordando
Do mundo os quatro membros fertilizão,
Voltar Minerva envergonhada o rosto,
Vendo a muitos dos seos espurios filhos
Nús, c'o as bellas Mondegides despidas,
Só c' hum breve sendal salvando o pejo,
E em ordenada Procissão devota, (c)
Que vai guiando a horrenda Hypocrisia,
E o cercilhado Phanatismo estulto,
A Luxuria levar ao Santuario:
Por menor crime delle expulsas forão
De hum Divinal flagello a golpes rijos,
N'outro tempo a Cubiça, e Avareza,
Alli tendo em symetricas fileiras
Postado as tendas de usurarias feiras.
Vejo, em fim, que no tempo destinado (d)
Para alimpar a estrada á Penitencia,
A mascara de todo os vicios tirão,
E sem disfarce pelas ruas andão
Acometendo á mizera Pobreza,
Que, debaixo de hum manto esfarrapado,
Talvez mendiga o pão, que a Gula entorna
Pelas bordadas, guarnecidas mezas
Da fina louça, que o Japão fabríca.
Mas que aproveita estar vociferando

(b) Os bailes de S. Gonçalo em S. Domingos em Lisboa.
(c) A Procissão dos Nús em Coimbra.
(d) O Jubileo das 40 horas.

De antigos erros aos ouvidos surdos?
Nós vemos hoje o que já outros virão;
E não poderão da razão armados
Do louro trigo separar a ervinha,
E os rudes cardos das mimosas flores.
Qual vil sendeiro, que na estrada embica,
Nem da aguda rozeta em sangue tinto,
Nem alanhando-o c' o asurrague forte
Calosa mão de barbaro Lacaio,
Adianta hum só passo do caminho:
Ou qual tortuoso rio encabeçado
Não perde o leito, em que se acama hum tempo,
Por mais que o Lavrador por novas valas
Diverti-lo pertenda, e encaminha-lo
Por onde não destrua as sementeiras:
Taes são dos homens os teimosos usos,
Que o sabio observa como vãos abusos,
E delles arrancar debalde intenta.
Deixemos pois a sepa, que já torta
Brotou do fertil chão da Natureza:
Querer torce-la para indireita-la,
Será só de a quebrar talvez o meio:
Consiste o seo direito na tortura.
Tal he do mundo a nescia formosura!

MEDICINA.

MATERIA MEDICA.

Plantas medicinaes indigenas de Minas Geraes. Pelo Doutor Luiz José de Godoy Torres, Physico das tropas daquella Capitania.

Nomes vulgares.	*Descripçoens.*	*Usos.*
	Tetrandia Monogynia.	
	N.º 1.	
Figueira terrestre.	DOrstenia Spec. contraerva officinalis.	Odore fragrans, antisp. diaf. tonic, in cathar. applic.
	Tetrandia. Tetragynia.	
	N.º 2.	
Congonha.	Ilex Spec. cassi ne varietas? Cal. 4 - partitus, persistens, inferus. Cor. rotata, subcampaniformis, 4 - partita. Sty. o. stig. peltatum, 4 - lobum. Bac. 4 - locularis, loculis 1 - spermis. Semina arillata, arillo sulcato. Spec. Foliis subcuneiformibus, ad apicem serratis, coriaceis; caule arboreo. Locus. silvis, campis, Flos. Octoberi.	Tinctura e foliis igne exsiccatis, contusis, præbet potum mate dict. Diuret. stomach. maxime ferro candenti calafect.

Nomes vulgares.	*Descripçoens.*	*Usos.*
	Pentrandia. Monogynia.	
	N.º 3.	
Poaia.	Psycothria Spec. Emetica, cipó officinalis; satis cognita.	Emetica.
	N.º 4.	
Subragi.	Ceanothus. Spec. Foliis ovato-oblongis, acutis, integerrimis, distichis, alternis, multinerviis, inferioribus nervis oppositis, ad apicem alternis; racemis axillaribus; caule arboreo. Loc. Silvis. Flos Mart. observ. Foliola calicis decidua; ungues petalor. breves: Stam. intro petala oblonga, inclinata.	Vis amara. Decoctum saponaceum in lue venerea, et rheumaticis doloribus applicat. prodest.
	N.º 5.	
Raiz preta.	Chiococea Spec. Racemosa? Cor. - 5 - gona; stam. basi connexa, medio pilosa. Stig. sub - 2 - fidum; semina arvillata. Spec. Foliis ovato-lanceolatis integerrimis, oppositis: floribus spicatis, axillaribus; caule scandente. Loc.	Vis corticis radicis emetica, purgans, diuretica; sapore et odore ipicacua. æmulatur. In Hydrop., me teste, valet.

Nomes vulgares.	*Descripçoens.*	*Usos.*
	campis arenosis, silvis. Flos Maio.	

N.º 6.

Ipû, ou batata purgante.	Convolvolus Spec. Hederac. varietas? Foliis cordatis, acuminatis, sub trilobisque: corol. indivisis, pedunculis incrassatis, unifloris, pentagonis, erectiusculis, longissimis; caule volubili. Loc. hortis, silvis humidiusculis. Observ. Calix, 5 - phyllus, inflatus, coloratus, magnus: cor. infundibuliformis; antheræ spirales: stig. 2 - lobum: caps. membranacea, operculo carnoso tecta. Infundibulum corollæ ipomææ, cœtera convolvoli sunt. Jeticucu Pisonis, seu Mechoacan.	Vis purgans, dosis a scropulis duobus ad drachmas duas.

Pentandria Digynia.

N.º 7.

Herva de S. Maria.	Chenopodium. Spec. Foliis lanceolatis, dentatis, subtus foveolis aureo-punctatis; spicis foliatis, axillaribus. Loc.	Pulvis seminum cum oleo ricini, necandis vermibus intestinorum.

Nomes vulgares.	*Descripçoens*	*Usos.*
	ad domos, cultis. Flos continua florescentia.	

Pentandria Trigynia.

N.º 8.

Andáaçû, ou fruta de Arara.	Joannesia. Spec. Principe. Vide Floram Alographicam Fr. Vellozo. Observ. Ad classem Monœciam et ordinem Monadelphiam pertinere hic observavimus.	Sub emulctionis formam applicat. gratissimum præbet potum, et suave purgans.

N.º 9.

Salsa parrilha.	Gen. cal. 6 - phyllus, persistens, Cor. o. Stam. 6 - filamentis basi dilatatis; antheræ didymæ. Stig. 3 - lobum. Caps. 3 - loculаris, loculis 1 - spermis, 3 - angularis; semi-membranaceo-alata. Spec. caule volubili, aculeato, tereti; foliis fasciculatis, lanceolatis, lineatis, inermibus: floribus racemosis, radicibus fasciculatis, carnosis. Loc. silvis, montibus lapidosis. Flos Januar. Observ. Racemi e centro fasciculi foliorum orti.	Usus radicis in lue venerea. In morbis stomach. debilitate maxime provenientibus.

Nomes vulgares.	*Descripçoens.*	*Usos.*
	Enneandria. Monogynia.	
	N.º 10.	
Páo de Quiábo.	Laurus. Spec. Foliis oblongis, coriaceis, annuis, subtus albicantibus, venosis: floribus racemosis, axillaribus, Loc. silvis. Flos Decemb. Obs. Cor. calycina, 6 – partita, laciniis, alternis minoribus: stam. 9, tria interiora extus glandula reniformi ad basin; glandulæ sagittatæ 3, internæ pedicellatæ; antheræ 4 in singulo filamento.	Mucillago corticis escolenta. Efficax dicitur antidotus in morsu colubri.
	N.º 11.	
Sassafraz.	Laurus? Fructificationem non vidi, ast habitus, odor, et sapor cum specie sassafraz conveniunt.	In lue venerea.
	Decandria. Monogynia.	
	N.º 12.	
	Gen. cal. 5 – fidus, laciniis acutis, coloratus, inferus, persistens. Pet. 5, linearia, cana-	Vis radicis amara. Usum pulveris in colica, in lienteria effi-

Nomes vulgares	*Descripçoens.*	*Usos.*
Calunga.	liculata obtusa. stam. basi compressa, pilosa. styl. subulatus: stigma capitatum, pilosum. Bac. 5, connexæ, receptaculo carnoso insertæ, siccæ, 1 – spermæ; seminibus 2 – cotyledonibus. Spec. Foliis pinnatis cum impari, 4 – 5 – jugis; pinnis oblongo-lanceolatis, ad apicem dilatatis, sub villosis marginibus revolutis: floribus racemosis, terminalibus. Loc. campis. Flos Octob.	cacem aliquoties vidimus.
	N.º 13.	
Cupauba.	Cupaifera spec. officinalis.	Ejus lignum perfuratum oleum præbet utilissimum. Externe applicatum in heresipelarum fine valde prodest, et interne in morsu colubri ad drachmas quatuor.
	N.º 14.	
Estoraque.	Styrax. Spec. Officinalis. Foliis ellipticis, integerrimis, inferioribus	Communiter cum resinis.

Nomes vulgares.	*Descripçoens.*	*Usos.*
	subtus tumentosis, albicantibus, superioribus rufis; calicibus appendiculatis; floribus racemosis; caule arboreo. Loc. silvis. Flos Jul. Resinam emmittit foraminibus ab insectis apertis.	
	N.° 15.	
Almecega da beira do rio.	Juca (Flora Guian.) Cal. 5 - partitus, persistens... Pet. 5 marginibus villosis, apice reflexa. Styl. minimus. Stig. depressum, 5 - lobum, lobis 2 - fidis. caps. 5 - locularis, loculis 2 - spermis, Spec. Foliis 3 - 4 - jugis cum impari; foliolis lato-lanceolatis, integerrimis, glabris, undatis: floribus racemosis, axillaribus: caule arboreo. Locus marginibus fluviorum. Flos Septemb.	Usus resinæ vulneribus curandis. *Vide Pisonem.*
	N.° 16.	
Jatobá.	Hymenæa Spec. Courbaril. officinalis.	Communiter cum resinis.

Nomes vulgares.	*Descripçoens.*	*Usos.*
	Polyandria. Polygynia.	
	N.° 17.	
Casca de anta.	Gen. Cal. 2 - partitus, concavus, marcescens. Cor. Pet. 10 - 14, interiora angustiora. Stam. 2 - antherifera, receptaculo cylindrico inserta. Bac. 5 - 9, 1 - loculares: sem. plura, reniformia. Spec. Foliis subcuneiformibus, marginibus revolutis, subtus albis; floribus subumbellatis: caule arboreo. Loc. silvis, montibus lapidosis. Flos Mart.	Vis seminum et corticis acris. Usus colicâ. Cœtera amaris.
	Didynamia. Angiospermia.	
	N.° 18.	
Caroba.	Bignonia. Spec. Cœrulea. Folia punctata.	Usus extracti ad unctiones decocti per potum, et in balneis in eruptione venerea *bobas* dicta.
	Gynandria. Pentandria.	
	N.° 19.	
	Passiflora. Spec. Foliis	Ejus foliorum

Nomes vulgares.	*Descripçoens*	*Usos.*
Maracujá grande.	indivisis, ovatis, integerrimis, bracteis dentatis, petiolis, 4 - glandulosis; caule tetragono-membranaceo. Loc. ad muros, silvis. Flos Maio. Sept. Bacca esculenta sapida.	extractum cum alue maritatum in marasmo utile vidimus.

Gynandria. Hexandria.

N.º 20.

Mil homens.	Aristolochia spec. Serpentar. ? Loc. montibus lapidosis., campis. Flos Mart.	In colicâ: antidotum venenis serpentum. Cœtera cum amaris.

Monœcia. Diandria.

N.º 21.

Capim cheiroso.	Gen. Glumæ exteriores distiche imbricatæ, aristatæ, extus pilosæ, marginibus membranaceis, interiores imbricatæ, membranaceæ, acutæ, coloratæ. Masc. Cor. O. Stam. 2, inter glandulas interiores. Anth. lineares, penicillo terminatæ. Fœm. 1, inter glumam exteriorem: cor. o. styl. 1, stigma 3, intus pilosa: sem. tec-	Vis aromatica, amara, sptitica, subacris. Qualitates Acori veri sunt, et similem effectum experientiâ ducti asserere non dubitamus.

Nomes vulgares.	*Descripçoens.*	*Usos.*
	tum, obtuse 3 - quetrum pedicellatum. Spec. culmo folioso, 3 - quetro, planis cavis; foliis vaginantibus ad apicem vaginæ extus glandula notatis, pilosis: spicis pediculo gibboso reflexis, compositis spiculis. Loc. Pratis humidiusculis. Flos Jan.	

Monœcia. Monadelphia.

N.º 22.

Mamono, ou Carrapato.	Ricinus, Spec. communis.	Oleum e seminibus leni igne exsiccatis, arillo denudatis, contusis, et in aqua lente coctis ad consumptionem hujus tuto, ad mediam unciam, adhibemus.

Monœcia. Syngnesia.

N.º 23.

Taioiá, ou abobora do mato.	* Brionia spec. cordatifol. varietas? Foliis cordatis, 5 - 7 - lobis, denticulatis, villosis. Loc. Ad muros, cultis silvis. Flos Jan.	Decoctum totius plantæ per potum et in balneis, in lue venerea. V. Maregr.

Nomes vulgares.	*Descripçoens.*	*Usos.*

Dioecia. Hexandria.

N.° 24.

Bicuiba redonda.	Gen. Mas. cor. o. Cal. campanulatus, 3 - fidus, villosus, laciniis reflexis. Filam. 1; antheræ 6, lineares, approximatæ. Fœm. coro. et Cal. Masculi. Stig. obliquatum, 2 - fidum, sessile. Drupa, capsularis, corticosa, 1 - locularis, 2 - valvis: Nux membrana carnosa, rubra, tecta; nucleo intus rubro, alboque variegato. Spec. Foliis ovato-oblonguis, acuminatis, integerrimis, glabris, basi utrinque reflexis, petiolis, tomentosis; capitulis racemosis, spathisque caducis, tomentosis: caule arboreo. Loc. silvis. Flos Decembris. Observ. Filam. medio incrassatum e fundo calicis emergens: antheræ in apice filamenti.	Vis seminum amara, usus in colica; oleum doloribus articulorum et in hemorrhoidis prodest.

Nomes vulgares.	*Descripçoens.*	*Usos.*

Diœcia. Monadelphia.

N.° 25.

Butua.	Cinampelos. Spec. Parreira officinalis.	Vis amara. Anthealmitica, tonica, maxime in morbis urinariis valet.

POLITICA.

ALLEMANHA.

Tratado de Alliança entre S. M. o Imperador de Austria, Rei de Hungria e Bohemia, S. M. o Imperador de todas as Russias, S. M. o Rei dos Reinos Unidos de Gran-Bretanha e Irlanda, e S. M. o Rei de Prussia: assignado em Chaumont a 1 de Março de 1814.

Em nome da Santissima e Indivisivel Trindade.

SUAS Imperiaes e Reaes Magestades, o Imperador d'Austria, Rei de Hungria e Bohemia, S. M. o Imperador de todas as Russias, S. M. o Rei dos Reinos Unidos de Gran-Bretanha e Irlanda, e S. M. o Rei de Prussia, tendo transmittido ao Governo Francez propostas para huma paz geral, estando ao mesmo tempo animadas do desejo, no caso de o Governo Francez rejeitar estas propostas, de reforçar a mutua obrigação entre ellas existentes para o vigoroso proseguimento de huma guerra, que destinada para alliviar a Europa de seus longos males, e segurar seu futuro reposo, pelo restabelecimento de hum justo equilibrio de poder; e pela outra parte, caso que a Providencia abençoe suas pacificas intençoens, querendo concordar nos melhores meios de segurar o feliz resultado de seus esforços contra qualquer ataque futuro:

Suas Imperiaes e Reaes Magestades, acima nomeadas, tem resolvido confirmar este duplicado ajuste por hum Tratado solemne, que será assignado por cada huma das quatro Potencias, separadamente, com as outras tres.

Tem por tanto ellas nomeado para seus Plenipotenciarios; S. M. Imperial Apostolica, para negociar as condiçoens deste Tratado com S. M. o Imperador de todas as Russias a Clemente Winzel Lothario, Principe de Metternich Winneberg Ochsenhausen, Cavalleiro do Tosão d'Ouro, etc. Ministro de Estado, e Ministro dos Negocios Estrangeiros; e S. M. o Imperador de todas as Russias, pela sua parte, a Carlos Roberto, Conde Nesselrode, seu Conselheiro Privado, Secretario de Estado, &c. os quaes tendo trocado seus plenos poderes concordarão nos seguintes artigos:

Art. I. As altas Potencias contractantes obrigão-se pelo presente Tratado, caso a França recuse acceder aos termos da paz proposta, fazer uso de toda a força dos seus dominios paaa hum vigoroso proseguimento da guerra contra a França, e empregallos com o mais perfeito accordo, a fim de por este meio alcançarem, para si e para toda a Europa, huma paz geral, debaixo da protecção da qual possão todas as naçoens conservar, e desfrutar com segurança a sua independencia e os seus direitos.

Dever-se-ha entender, que este novo ajuste não fará mudança alguma nas obrigaçoens já existentes entre as Potencias contratantes, relativamente ao numero de tropas, que se deve empregar contra o commum inimigo; pelo contrario, cada huma das quatro Cortes contratantes se obrigão novamente, pelo presente Tratado, a manter em campo hum exercito de 150$ homens, sempre completo em actividade contra o commum inimigo, e isto sem contar as guarnicoens das praças.

II. As altas Potencias contratantes mutuamente se obrigão a não entrar em negeciaçoens algumas separadas com o inimigo commum, e a não concluirem paz, cessação de hostilidades, nem convenção de qualidade alguma, senão por unido consentimento de todas.

Obrigão-se de mais a mais a não depôrem as

suas armas em quanto o objecto da guerra, conforme tem sobre isto concordado entre si, não tiver sido plenamente conseguido.

III. A fim de obter este grande objecto o mais depressa que ser possa, S. M. ElRei da Gran-Bretanha se obriga a fornecer hum subsidio de cinco milhoens de libras esterlinas para o serviço do anno de 1814, que será dividido igualmente entre as tres Potencias; e SS. MM. Imperiaes e Reaes se obrigão tambem a assentar antes do 1.º de Janeiro de cada anno futuro, no caso (o que Deos não permitta) de continuar tão longo tempo a guerra, qual ha de ser o adiantamento em dinheiro, que poderá ser preciso no decurso do anno subsequente.

O subsidio de cinco milhoens de libras aqui especificado será pago em Londres em pagamentos mensaes, e iguaes porçoens, aos Ministros das respectivas Potencias devidamente authorisados para os receber.

No caso de se concluir a paz entre as Potencias Alliadas e a França antes do fim do anno, os subsidios calculados nó preço de cinco milhoens de libras por anno, serão pagos até ao fim do mez em que for assignado o tratado definitivo; e promette S. M. Britannica, além dos subsidios aqui estipulados, pagar á Austria e á Prussia a somma de dois mezes, para costearem as despezas da marcha das tropas para os seus territorios.

IV. As Altas Potencias contratantes serão mutuamente authorisadas para terem Officiaes devidamente delegados junto dos Generaes Commandantes daquelles exercitos, os quaes livremente possão corresponder-se com os seus Governos, e noticiar-lhes os acontecimentos militares, e tudo o que for relativo ás operaçoens dos exercitos.

V. Ainda que as altas Potencias contratantes se tem reservado, quando se concluir a paz com a

França, o consultarem entre si sobre os meios, porque com maior certeza poderão segurar á Europa, e reciprocamente humas ás outras, a conservação da paz; tem comtudo julgado necessario para a defensão de seus dominios Europeos, no caso de se recear da parte da França algum intrometimento na ordem de cousas, que da dita paz resultar, fazerem immediatamente huma convenção defensiva.

VI. Para este fim mutuamente concordão que, se os dominios de alguma das altas Potencias contratantes forem ameaçados com alguma invasão pela França, não deixaráõ as outras de praticar meio algum de prevenir por mediação amigavel similhante invasão.

VII. Porém no caso de serem baldadas todas as deligencias, as altas Potencias contratantes se obrigão a enviar á que for atacada hum exercito auxiliar de 60ↀ homens.

VIII. Consistirá este exercito em 50ↀ infantes, e 10ↀ cavallos, e hum trem proporcionado de artilheria e muniçoens. Tomar-se-ha cuidado em que elle se ponha em campo o mais tardar até ao fim de dois mezes depois de ser pedido, e do modo mais effectivo para a Potencia assim atacada ou ameaçada.

IX. Como por causa da situação do theatro da guerra, ou por outras razoens, seria difficil á Grã-Bretanha fornecer o estipulado auxilio em tropas Inglezas dentro do tempo mencionado, e conservallas em completo estado de guerra, S. M. B. reserva para si o direito de fornecer o seu contingente á Potencia que o requerer, ou em tropas estrangeiras ao seu soldo, ou pagar huma somma annual, a razão de 20 lib. esterlinas por cada soldado de infantaria, e 30 lib. por cada hum de cavallaria, até á plena somma do contingente estipulado. O modo, com que a Grã-Bretanha ha de ministrar o seu auxilio em todos os casos particulares, será

arranjado por hum ajuste amigavel entre o Governo Britanico e a Potencia atacada ou ameaçada, logo que for requerido o auxilio. O mesmo principio se extenderá ao numero das tropas, que S. M. B. se obriga a fornecer pelo primeiro artigo do presente Tratado.

X. O exercito auxiliar fica debaixo do immediato commando do General em Chefe da Potencia requerente; porém será mandado pelo seu proprio General, e empregado em todas as operaçoens militares segundo as regras da guerra. O soldo do Exercito Auxiliar ficará a cargo da Potencia requerente. As raçoens e porçoens de viveres, forragens, &c, assim como os quarteis, será tudo fornecido, tão depressa o Exercito Auxiliar tiver passado das suas fronteiras proprias, pela Potencia requerente, e será abastecida pelo mesmo modo, que ella abastece as suas tropas, no campo, e nos quarteis.

XI. Os regulamentos e economia militares na interior administração das tropas dependerá totalmente do seu General. Os trofêos tomados ao inimigo pertenceráõ ás tropas, que os tomarem.

XII. As altas Potencias contractantes reserváõ para si o direito, no caso de se achar insufficiente o auxilio aqui estipulado, de fazerem, sem perda de tempo, novos ajustes para maior soccorro.

XIII. As altas Potencias contratantes promettem reciprocamente, que em caso de huma ou outra dellas ser arrastrada ás hostilidades por fornecer o soccorro aqui estipulado, nem a Parte requerente, nem a Parte empenhada em guerra como auxiliar, fará paz, senão com o consentimento da outra.

XIV. A obrigação contrahida por este Tratado, por modo nenhum derogará os que as altas Potencias contratantes possão já ter feito entre si; nem as estorvará de concluirem allianças com outros Estados, que tenhão por objecto o mesmo feliz resultado.

XV. A fim de dar maior effeito aos ajustes defensivos acima estipulados, pela união das Potencias mais expostas a huma invasão Franceza, para sua commum defeza, tem resolvido as altas Cortes contratantes convidar essas Potencias a unirem-se ao presente Tratado de Alliança defensiva.

XVI. Como o fim deste Tratado de Alliança defensiva he conservar o equilibrio do poder na Europa, segurar o repouso e independencia das diversas Potencias, e prevenir as violaçoens arbitrarias dos direitos e territorios de outros Estados, pelas quaes tem o Mundo padecido por tantos annos successivos, tem concordado as Potencias contratantes fixar a duração do presente Tratado por vinte annos, reservando para si, se as circunstancias o exigirem, proceder á prolongação delle tres annos antes de acabar.

XVII. O presente Tratado será ratificado, e trocadas suas ratificaçoens dentro de dois mezes, ou antes se for possivel. Em fé do que, os respectivos Plenipotenciarios assignarão o presente, e lhe pozerão os sellos de suas armas. Feito em Chaumont, no 1.º de Março (17 de Fevereiro, estilo antigo) de 1814 — (Assignado) Principe de Metternich. Conde de Nesselrode.

(Os Tratados assignados no mesmo dia com ElRei da Grã-Bretanha, e ElRei de Prussia, são palavra por palavra o mesmo que o acima. O primeiro he assignado por Rord Castlereagh, Ministro dos Negocios Estrangeiros de S. M. B., e o segundo pelo Barão Hardenberg, Chanceller de S. M. Prussiana.)

Chatillon sobre o Sena 16 de Março.

Declaração dos motivos, porque se dissolve o Congresso de Chatillon.

As Potencias Alliadas devem-se a si mesmas, a seus Povos, e á França, o annunciar publicamente, no momento em que se rómpem as conferencias de Chatillon, os motivos que tiverão para encetar huma negociação com o Governo Francez, e as causas do rompimento desta negociação.

Acontecimentos militares, quaes difficilmente poderá recolher a Historia em outros tempos, derribarão, no passado mez de Outubro, o monstruoso edificio denominado Imperio Francez; edificio politico fundado sobre as ruinas de Estados algum dia independentes e felices, engrandecido com Provincias arrancadas a antigas Monarquias, sustentado á custa do sangue, dos haveres e da commodidade de huma geração inteira. Conduzidos ao Rheno pela victoria, julgarão os Soberanos Alliados dever expor de novo á Europa os principios, que fórmão a base de sua alliança, seus votos, e a sua determinação. Longe de toda a ambição de conquista, animados unicamente do desejo de ver a Europa restabelecida sobre huma justa escalla de proporção entre as Potencias, decididos a não deporem as armas em quanto não tivessem conseguido o nobre fim de seus esforços, manifestarão a constancia das suas intençoens por hum acto publico, e não hesitarão explicar-se face a face do Governo inimigo, em hum sentido conforme á sua immutavel resolução. Valeo-se o Governo Francez das francas explicaçoens das Cortes Alliadas para testemunhar disposiçoens pacificas: precisava sem duvida servir-se de taes apparencias para aos olhos de

seus povos justificar os novos esforços, que não cessava de exigir delles. Tudo entretanto provava aos Gabinetes Alliados, que não queria senão tirar partido de huma negociação apparente, com o fito de dispor a opinião publica a seu favor, e que ainda estava longe de sua idéa a *paz da Europa.*

Penetrando suas miras secretas, decidirão-se as Potencias a irem conquistar mesmo na França esta paz tão desejada. Passarão o Rheno exercitos numerosos; e apenas havião franqueado as primeiras barreiras, logo o Ministro das relaçoens exteriores da França se apresentou nos postos avançados. — Não tiverão desde então por alvo todos os passos do Governo Francez senão fazer mudar a opinião, fascinar os olhos do povo Francez, e procurar fazer recahir sobre os Alliados o odioso das desgraças inseparaveis de huma guerra de invasão.

Tinha a este tempo a marcha dos acontecimentos feito conhecer ás Cortes Alliadas toda a força da *liga Europea.* Os principios, que dirigião os conselhos dos Soberanos desde a sua primeira reunião para o salvamento commum, tinhão recebido todo o desenvolvimento; já não havia cousa, que obstasse a exprimirem elles as condiçoens necessarias para a reedificação do edificio social: não devião já estas condiçoens, depois de tantas victorias, servir de obstaculo á paz. A unica Potencia chamada a pôr na balança compensaçoens a favor da França, que era Inglaterra, podia declarar miudamente quaes erão os sacrificios, que estava prompta a fazer para a pacificação geral. Podião finalmente esperar os Soberanos Alliados, que a experiencia dos ultimos tempos teria influido em hum Conquistador exposto ás maldiçoens de huma grande nação, e testemunha pela primeira vez, na sua mesma Capital, dos males que attrahio sobre a França. Esta experiencia podia te-lo feito conhecer, que a conservação dos thronos está essencialmente ligada á moderação e á

justiça. Não obstante isso os Soberanos Alliados, convencidos de que a tentativa, que fizessem, não devia comprometter a marcha das operaçoens militares, convierão em que estas operaçoens continuarião durante a negociação: a historia do passado e funestas lembranças lhe havião demonstrado a precisão desta medida; reunirão-se pois os seus Plenipotenciarios com o do Governo Francez.

Em breve avançarão os victoriosos exercitos até ás portas da Capital; e nesse momento só cuidou o Governo em preserva-la de ser occupada pelo inimigo. Recebeo ordem o Plenipotenciario de França de propôr hum armisticio fundado em bases conformes ás que as mais Cortes Alliadas julgassem necessarias para o restabelecimento da paz geral. Offereceo entregar immediatamente as praças fortes nos paizes, que a França havia de ceder, tudo com a condição de ficarem suspensas as operaçoens militares.

As Cortes Alliadas, convencidas por vinte annos de experiencia que, em negociaçoens com o Gabinete Francez, se deve cuidadosamente distinguir das intençoens as apparencias, substituirão a esta proposição a de immediatamente assignar os preliminares da paz. Tinha esta assignatura para a França todas as vantagens de hum armisticio, sem attrahir aos Alliados os riscos de huma suspensão de armas. Acabavão comtudo alguns successos parciaes de assignalar os primeiros passos de hum exercito formado, debaixo das muralhas de Paris, da flor da geração presente, ultima esperança da Nação, e restos de hum milhão de guerreiros, que tinhão acabado nos campos da batalha, ou que tinhão sido abandonados nas estradas, desde Lisboa até Moscow, sacrificados a interesses estranhos á França. Mudarão logo de caracter as conferencias de Chatillon: ficou sem instrucçoens o Plenipotenciario Francez, e sem poder responder ás proposi-

çoens das Cortes Alliadas. Encarregarão estas os seus Plenipotenciarios de apresentarem hum projecto de tratado preliminar, que abrangesse todas as bases, que ellas julgavão necessarias para o restabelecimento do equilibrio politico, e que, poucos dias antes, havia offerecido o mesmo Governo Francez, no momento em que julgava indubitavelmente compromettida a sua existencia. Neste projecto se achavão estabelecidos os principios da reorganisação da Europa. — A França restituida á extensão, que seculos de gloria e de prosperidade, debaixo do Governo de seus Reis, lhes havião segurado, devia participar com a Europa dos beneficios da sua liberdade, da independencia nacional, e da paz. Só do seu Governo dependia, com huma só palavra, pôr termo aos males da Nação, restituir-lhe, com a paz, as suas colonias, o seu commercio, e o livre exercicio da sua industria. Que mais queria elle? As Potencias tinhão-se offerecido a discutir, com espirito de conciliação, os seus desejos sobre objectos de posse de huma conveniencia mutua, que excederião os limites da França antes das guerras da Revolução.

Quinze dias se passarão sem resposta do Governo Francez. Insistirão os Plenipotenciarios Alliados em hum termo peremptorio, para acceitar ou recusar as condiçoens da paz. Deixou-se ao Plenipotenciario Francez a liberdade de apresentar hum contraprojecto, com tanto que este contraprojecto correspondesse ao espirito, e á substancia das condiçoens propostas pelas Cortes Alliadas, e de commum accordo se assignou para isso o dia 10 de Março. Não apresentou no dia aprazado o Plenipotenciario Francez senão algumas peças, cujas discussoens, longe de approximarem o fim, não fizerão senão prolongar estereis negociaçoens. Concedeo-se novo termo de poucos dias a rogos do Plenipotenciario Francez; até que finalmente a 15 de Março apresentou este Plenipotenciario hum contraprojecto, que

nenhuma duvida deixava de que ainda as desgraças da França não tinhão mudado as vistas do seu Governo. Tornando a fallar no que tinha proposto, pedio o Governo Francez em hum novo projecto que fizessem parte da França povos de hum genio mui differente, povos que nem seculos de dominação poderião identifica-los com a nação Franceza. Devia a França conservar extensão incompativel com o estabelecimento de hum systema de equilibrio, e sem proporção com os outros grandes corpos politicos na Europa; devia guardar as posiçoens e os pontos offensivos, por cujo meio tinha o seu Governo, por desgraça da Europa, e da França, arrastrado a queda dos thronos, e executado tantos transtornos; *devião membros da Familia reinante em França ser collocados em thronos estrangeiros:* em fim, o Governo Francez, esse Governo, que não tem ha tantos annos procurado menos reinar sobre a Europa por meio da discordia, do que pela força das armas, devia ficar sendo o arbitro das relaçoens interiores, e da sorte das Potencias da Europa.

Se continuassem debaixo de taes auspicios a negociação, terião faltado as Cortes Alliadas a tudo o que devem a si mesmas; terião desde este momento renunciado ao glorioso fim, que se tem proposto, ter-se-hião seus esforços voltado contra os seus povos. Assignando hum tratado sobre as bases do contra-projecto Francez, terião as Potencias deposto as armas nas mãos do inimigo commum; illudido a expectação das Naçoens, e a confiança dos seus Alliados.

He neste momento tão decisivo para o salvamento do Mundo, que os Soberanos Alliados renovão o solemne pacto de que não deporáõ as armas, em quanto não tiverem conseguido o grande objecto da sua alliança. Não póde a França pôr a culpa dos males que soffre senão ao seu Governo. Só a

paz poderá cicatrizar as chagas, que hum espirito de dominação universal, e sem exemplo nos annaes do Mundo, lhe tem aberto. *Esta paz ha de ser a da Europa;* qualquer outra he inadmissivel. Já he tempo em fim de poderem os Principes, sem influencia estrangeira, attentar á prosperidade dos seus Povos, de respeitarem as naçoens sua reciproca independencia, de se verem abrigadas de diarios transtornos as instituiçoens sociaes, asseguradas as propriedades, e livre o commercio.

Não fórma a Europa toda mais que hum voto, o de fazer participar destes beneficios da paz a mesma França, cujo desmembramento as Potencias Alliadas não desejão, não querem, nem hão de consentir. A fé de suas promessas está nos principios, pelos quaes ellas combattem: mas por onde poderáõ os Soberanos julgar que a França quer participar destes principios, que devem fundar a felicidade do Mundo, em quanto virem que a mesma ambição, que na Europa tem derramado tantos males, ainda he o unico movel do Governo; que prodigo do sangue Francez, e derramando-o em torrentes, sempre o interesse publico he sacrificado ao interesse pessoal? A' vista do expendido, onde estaria a fiança para o futuro, se hum systema tão destruidor não achasse hum termo na vontade geral da Nação? Desde esse momento ficaria assegurada a paz da Europa, e nada poderia perturba-la para o futuro.

FRANÇA.

Relação do Commisario Provisional das Repartiçoens da Fazenda e do Erario á Sua Alteza Real, Monsieur, Tenente General do Reino.

MOnsieur. — Os Decretos de 5 de Agosto e de 12 de Setembro de 1810, imposerão direitos exorbitantes sobre os productos colonaes; firmados em huma politica destructiva, que já não existe. A politica, a justiça aos presentes possuidores dos generos, que tem pago aquelles direitos, por ventura aconselharião sua gradual diminuição, se as circunstancias fossem taes, que a volta progressiva a huma tarifa racional podesse conservar as commodidades em taes preços, qual cumpria para favorecer os interesses dos seus proprietarios.

Acontecimentos militares tem occasionado a dissolução das linhas de Alfandegas estabelecidas sobre as fronteiras terrestres de Genebra até Dunquerque; e a presença dos exercitos alliados estorvarão por mais alguns mezes o seu restabelecimento.

O porto de Bordeaux, todos os do Gironda, os da costa de Gascogne, até S. João da Luz, estão occupados pelo exercito Inglez. Bordeaux já recebeu algumas ricas importaçoens, e esperão-se prontamente numerosas exportaçoens.

Desta sorte a França está aberta em huma extensão de mais de 150 legoas á livre introdução de mercadorias estrangeiras, e o Governo não póde embaraça-la. Esta situação extraordinaria não podia deixar de produzir huma subita e extrema depressão nos preços. Por consequencia os productos coloniaes se vendem já por muito menos do que im-

portão os direitos fixados pelas pautas, e o caffé, por exemplo, taxado a 44 soldos por libra, apenas acha compradores a 38 soldos.

Entretanto consideraveis quantidades de generos estão depositadas nas alfandegas, e o commercio sujeito a direitos mais altos do que os preços, porque elles se poderião vender, está reduzido á alternativa de deixa-los apodrecer nos armazens, ou de embarça-los como poder, seguro de aproveitar a abertura de nossas fronteiras para introduzi-los outra vez isentos de todos os direitos.

Por outra parte a abertura dos nossos portos a mercadorias prohibidas, he huma consequencia necessaria do presente estado das nossas relaçoens politicas, e Vossa Alteza Real a tem já authorizado. Brevemente serão importados novos generos coloniaes; se direitos moderados estorvarem o seu consumo, accumular-se-hão outra vez nos armazens com grande damno do commercio, e sem proveito algum do Erario.

Neste estado de cousas, nos parece indispensavelmente necessaria huma medida provisoria, e esperamos ver o commercio arruinado, o consummo exclusivamente suprido por fraude, e o Erario sem rendas, se não se estabelecerem para o presente direitos taes, que o commercio possa tirar mais proveito de paga-los, e seguir as medidas legitimas, do que em escoar-se a ellas pelos extravios facilitados pelo estado da nossa fronteira.

Por este calculo, achamos que o caffé agora levado a Londres póde importar-se na França a 28 soldos. Este he similhantemente o preço, que se offerece em Rotterdam e Amsterdam. Pondo-lhe hum direito de 6 soldos, fica ao importador por 34 soldos. O preço presente em Paris he 38 soldos. O commercio pagará de bom grado o direito de 6 soldos, porque he pouco mais do custo externo do transporte por terra da Hollanda para França, e o

164

segura ao menos contra os riscos e perdas annexas a este genero de transporte.

O mesmo calculo fixa os direitos, que o assucar em bruto póde pagar, em 8 soldos; o anil em 30 soldos, o cacáo em 10 soldos. A taboa junta mostra os outros generos, a que he necessario applicar regulaçoens provisionaes: he formada pelos mesmos principios.

Quando o Governo poder estabelecer hum systema completo e regular para as nossas alfandegas nas fronteiras, e costas, e tratados de paz houverem estabelecido as bases das nossas relaçoens commerciaes, haverá tempo bastante para cuidar em pautas definitivas. Nós então examinaremos, sem que nos embaracem consideraçoens accidentaes e imperiosas, que cessarão de existir, que direitos podem impor-se, compativeis com os interesses das rendas publicas, e a franqueza do commercio, sobre certos generos coloniaes, cujo consumo está principalmente limitado á classe mais opulenta da sociedade. Agora obedecemos aos mandados da necessidade, reservando para o Erario hum direito calculado de maneira, que o commercio não ache segurança em aproveitar-se dos canaes, que por toda a parte estão abertos para eximir-se a aquelles direitos.

Tal he o objecto, tal a base dos direitos provisionaes, que tenho a honra de sujeitar á approvação de Vossa Alteza Real.

O Art. 2.º Izenta os algodoens, e lans de todos os direitos de importação, e sujeita-os sómente ao direito especial chamado o direito da " balança do commercio ", imposto pela lei de 24 de Nivose do anno 5, sobre todos os generos, que gosão de absoluta liberdade de importação. — Este direito, sómente destinado a satisfazer o encargo de preparar meios de importação e exportação, não passa de 5 soldos por quintal.

Os algodoens são taxados pelo decreto de 5 de

Agosto da maneira seguinte. — Os da America de 3 até 4 francos por lib.; os de Levante de 1 até 3, segundo forem importados por terra ou por mar; e os de Napoles a 1 franco e 20 centimos.

Allivia-los inteiramente de direitos he voltar aos primeiros principios. Todavia não perdemos de vista a circunstancia de estarem nos nossos armazens e embarcaçoens, algodoens, que pagarão os direitos, cuja abolição propomos, e que os fabricantes particularmente ainda possuem consideraveis quantidades de fazendas, quer fabricadas, quer fabricando-se, producto de algodoens, sobre os quaes estes direitos já forão carregados.

Demoramo-nos a indagar se seria de interesse para ambos, e para facilitar o consummo das fazendas nos armazens, diferir acerca dos algodoens, e renovar o sistema de liberdade, dictado pela politica, e reter por hum tempo determinado huma porção dos presentes direitos. Mas examinando as nossas fronteiras a respeito dos armazens, não podemos deixar de ver que as perdas, que ameação os fabricantes, resultão particularmente da competencia inevitavel no momento de vestidos estrangeiros e pannos de algodão, cujo material cru não foi sugeito a direito algum; que nada faria para prevenir estas perdas conservar todo ou parte de hum monstruoso direito, cujo pagamento para as manufacturas actuaes poderia pelo contrario sómente agrava-las; que o conservar os direitos ainda por hum tempo, teria tambem só o effeito de fazer impossivel aos fabricantes continuarem ou voltarem aos seus trabalhos, que pelo contrario, fazendo-os immediatamente livres de direitos, esperamos sustentar, ou ajudar o commercio nas manufacturas, que trabalhão em algodão, e tambem dar meios de subsistencia a huma massa muito consideravel de artistas, que merecem o maior desvelo do Governo.

Depois de haver pezado deliberadamente estas consideraçoens, Mr. o Commissario do Interior e Eu temos pensado que a immediata suspensão dos direitos sobre algodoens e lans, era o unico meio de reconciliar a presente situação dos fabricantes com os seus futuros interesses, fornecendo-lhes meios de reparar desde este momento, as perdas, que as imperiosas circunstancias, em que elles se achão, os obrigão a sofrer nas fazendas já manufacturadas por hum novo desenvolvimento da sua industria.

(Assignado) O Conselheiro da Fazenda
Barão Luiz.

No Castello das Thuilleries 23 *de Abril de* 1814.

NÓs, Carlos Felippe de França, Infante de França, Monsieur, &c.

Vista a relação dos Commissarios de Fazenda, e ouvindo o Conselho de Estado Provisional, decretamos o seguinte: —

Art. I. Os direitos sobre a importação dos artigos abaixo nomeados são provisionalmente, e até nova ordem, regulados na maneira seguinte:

Caffé (por quintal metrico)	60	francos.
Assucar branco dito.	60	
Dito mascavado.	40	
Pimenta.	80	
Anil por kilogrammo.	3	
Cacáo dito.	5	
Baunilha dito.	20	
Cochonilha. dito	3	
Cinammomo de todas as sortes.	4	
Cravo da India.	2	50 cent.
Cha.	4	

Casca vermelha. dito De qualquer outrà qualidade. }	4
Madeira para tinta de todo o genero, por q.	10
Urucu. dito	6

II. Os algodoens e lans, qué estão agora em armazem, e os que forem importados para o futuro, da data da publicação do presente decreto, serão sujeitos sómente a hum simples *droit de balance.*

III. Os Commissarios de Finança, Thesouro e Departamentos Interiores, são encarregados da execução do presente.

Por Monsieur, Tenente General do Reino.

(Assignado) Carlos Felippe.
O Secretario General Provisional.
(Assignado) Barão de Vitrolles.

Paris 23 *de Abril.*

HOje ratificou Sua Alteza Real Monsieur, Tenente General do Reino, convençoens com cada huma das Altas Potencias Alliadas. Ellas são da maneira seguinte:

As Potencias Alliadas, unidas na resolução de pôr fim ás calamidades da Europa, e fundar o seu descanço em huma justa distribuição de poder entre os Estados, de que ella se forma; querendo dar á França restabelecida debaixo de hum governo, cujos principios offerecem as seguranças necessarias para manter a paz, provas do seu dezejo em reassumir as amigaveis relaçoens com ella; querendo igualmente que a França goze, quanto possivel for, dos beneficios da paz, ainda antes de firmados os termos da mesma, resolverão proceder de mãos dadas com Sua Alteza Real Monsieur Tenente General do Reino de França, a huma suspensão de

hostilidades entre suas respectivas forças, e a hum restabelecimento das antigas relaçoens de mutua amizade.)

Sua Alteza Real, Monsieur, por huma parte, e Suas Magestades, &c, &c, por outra, nomearão para este fim Plenipotenciarios para ajustarem hum Acto, que sem prejuizo das disposiçoens de paz, contenha estipulaçoens para huma suspensão de hostilidades, e que será seguido o mais breve possivel de hum Tratado de paz.

(Seguem-se as designaçoens das Altas Potencias Contratantes, e de seus Plenipotenciarios) que depois de trocarem seus plenos poderes, convierão nos artigos seguintes: —

Art. I. Estão e ficão suspendidas todas as hostilidades por terra e por mar entre as Potencias Alliadas, e a França, a saber: — Quanto ás forças de terra, logo que os Generaes, que commandão os Exercitos Francezes, e praças fortes, fizerem saber aos Generaes, que commandão as tropas Alliadas, que lhes fazem frente, que elles tem reconhecido a authoridade do Tenente General do Reino de França; e tanto por mar como nas praças, e portos maritimos, logo que as esquadras e portos do Reino de França, ou aquelles occupados por tropas Francezas, houverem feito a mesma sujeição.

II. Para certificar o restabelecimento de relaçoens amigaveis entre as Potencias Alliadas, e a França, e para que esta goze de antemão, quanto for possivel, as vantagens da paz, as Potencias Alliadas farão que os seus exercitos despejem o territorio Francez, qual era no primeiro de Janeiro de 1792, e aquelles entre o Rheno e os mesmos limites, no espaço de dez dias, contados da assignatura do presente Acto; as fortalezas do Piemonte e outras partes da Italia, que pertencerão á França, no espaço de 15 dias; os da Hespanha dentro de 20 dias; e todas as outras praças sem excepção, que

estão occupadas pelas tropas Francezas, de maneira que a sua completa entrega esteja effeituada no primeiro de Junho proximo. As guarniçoens daquellas fortalezas sahiráõ sem armas e bagagem, e os soldados e a gente de todas as classes conservaráõ sua propriedade particular. Levaráõ comsigo a artilharia de campanha na proporção de tres peças por cada mil homens, incluindo os doentes e feridos.

Tudo quanto pertence ás fortalezas, e propriedades não particulares, serão entregues inteiramente aos Alliados, sem se levar para fora hum só artigo. Nestes artigos se incluem não só os depositos de artilharia e munição, mas todos os outros petrechos de qualquer genero, e juntamente os archivos, mappas, planos, cartas, &c.

Logo depois da assignatura da presente Convenção, Commissarios das Potencias Alliadas e da França serão mandados ás fortalezas para se certificarem do estado, em que se achão, e regularem em commum a execução deste artigo.

As guarniçoens terão derrotas assignadas em differentes linhas, em que se convier, para voltarem para a França.

O bloqueio das fortalezas de França será immediatamente levantado pelos exercitos Alliados. As tropas Francezas, que fórmão parte do exercito de Italia, ou occupão as praças fortes daquelle paiz, ou do Mediterraneo, serão immediatamente chamadas por Sua Alteza Real.

IV. A estipulação do precedente artigo será igualmente applicada ás praças maritimas; reservando porém as Potencias contratantes para si a regulação definitiva, no Tratado de Paz, da sorte dos arcenaes, vasos de guerra, armados ou desarmados que estão n' aquellas praças.

V. As esquadras e navios da França ficarão em suas situaçoens respectivas, a excepção da partida de embarcaçoens encarregadas de missoens; mas o

immediato effeito do presente Acto, a respeito dos portos Francezes, será o levantar todo o bloqueio, por terra ou por mar, a liberdade da pesca, e do commercio costeiro, particularmente aquelle que he necessario para o fornecimento de Paris, e o restabelecimento das relaçoens commerciaes, conforme as regulaçoens internas de cada paiz; e o effeito immediato acerca do interior será o livre fornecimento das Cidades, e a franca passagem dos transportes militares ou commerciaes.

VI. Para prevenir todo o motivo de queixa e de disputa, que possa levantar-se, em consequencia de prezas feitas no mar depois da assignatura da presente convenção, conveio-se reciprocamente que os navios e mercadorias tomadas na costa do Canal e no mar do Norte, doze dias depois da troca das ratificaçoens do presente acto, serão mutuamente restituidos; que o periodo será hum mez do Canal e do Mar do Norte até ás Canarias e ao Equador; e em fim seis mezes nas outras partes do Globo sem excepção, ou alguma outra distinção de tempo ou lugar.

VII. Por ambas as partes todos os prisioneiros, officiaes e soldados por terra e por mar, ou de qualquer natureza que sejão, e especialmente os refens, serão immediatamente mandados para os seus respectivos paizes, sem resgate ou troca.

VIII. A administração dos departamentos e das cidades ao presente occupadas pelas forças dos co-belligerantes, serão entregues, immediatamente depois da assignatura do presente Acto, aos Magistrados nomeados por Sua Alteza Real o Tenente General do Reino. As Authoridades Reaes cuidarão na subsistencia e misteres das tropas, até que ellas despejem o territorio Francez; as Potencias Alliadas querendo por effeito da sua amizade á França fazer cessar a requisição militar, logo que tiver effeito a entrega das cidades, &c. ao legitimo poder.

Todo quanto diz respeito á execução deste artigo, será regulado por huma Convenção particular.

IX. Em virtude do artigo II., entrar-se-ha em intelligencia acerca dos caminhos, que as tropas dos Alliados tomarão na sua marcha, a fim de que alli se attente aos meios de subsistencia; e nomear-se-hão commissarios para regularem todas as disposiçoens de detalhe, e accompanharem as tropas até o momento, em que deixarem o territorio Francez.

Em testemunho do que, os respectivos Plenipotenciarios assignarão a presente Convenção, e lhe affixarão os sellos de suas armas. — Feito em Paris a 23 de Abril de 1814.

(Seguem-se as assignaturas.)

Artigo addicional.

O Termo de dez dias concedido pela estipulação do Artigo III para despejar as praças sobre o Rheno, e entre aquelle rio e as fronteiras da França, se estende ás praças fortes, e estabelecimentos militares de qualquer natureza que sejão nas provincias unidas dos Paizes Baixos.

O presente artigo addicional terá o mesmo vigor e effeito, como se fosse actualmente inserido no corpo da Convenção.

(Assignado como acima.)

STATISTICA.

1813.

A Capitania de Ceará contém 16 Villas, a saber.

AQuiraz, Aracati, Campo Maior, Crato, Fortaleza (Capital), Granja, Icó, S. Bernardo, S. João do Principe, Sobral, Villa nova d' ElRei, Montemor o Novo, Villa Viçosa Real, Aronches, Mecejana, Soure.

População.

Homens.			*Mulheres.*		
Solt.	*Cazad.*	*Viuv.*	*Solt.*	*Cazad.*	*Viuv.*
Brancos.					
12645	7[illegible]9	694	12800	7318	1183
Indios.					
2442	1743	341	2552	1762	356
Pretos.					
3860	1466	276	5751	1446	398
Pardos.					
21115	7067	918	28946	7922	1517

Soma total dos homens livres.	60126
Dita das mulheres.	71951
Geral.	132077

Escravos.

Homens.			*Mulheres.*		
Solt.	*Cazad.*	*Viuv.*	*Solt.*	*Cazad.*	*Viuv.*
Pretos.]					
4062	925	315	4249	934	387
Pardos.					
2101	685	239	2228	800	283

Homens.	8327
Mulheres.	8881
Soma.	17208

Total Geral.	Homens.	68453	149285
	Mulheres	80832	

N. B. O Mappa copiado he extrahido das contas, que derão os Capitaens Móres dos Districtos; pelos roes das freguezias se achão defeituosas as resenhas, e o resultado he

	Homens.	*Mulheres.*
Brancos.	17794	18254
Indios.	5383	5507
Pretos.	5113	5386
Pardos.	25669	27977
Total.	53959	57124
Homens e Mulheres.		111083

Escravos.

	Pretos.	
5763		5820
	Pardos.	
4511		4463
10274		9783
Total.	20057	
Total Geral.		131140
Menos que a dos Capitaens Móres.		18145

Exportação das 4 Villas Fortaleza, Aracati, Sobral, Camoci no mesmo anno.

Algodão. arrobas.	39245
Milho. sacos.	1008
Farinha. ditos.	2066
Vaquetas. meios.	108629
Coiros. salgados.	2469
Ditos secos.	4
Ditos de Cabra e Carneiro.	40618
Sabão. barris.	34
Páo Violete. quintaes.	1955
Peixes secos.	1:017541

Além de grande numero de gado, tanto vacum como cavallar, para as Capitanias dos Rio Grande do Norte, Paraiba e Pernambuco.

Minas Geraes.

Pelo Mappa do Bispado de Marianna consta, que a população das 53 freguezias, que o compoem,

chega a 425281; nascerão 13995, morrerão 11550; differença a beneficio da população 2445.

Este resultado, sendo extrahido dos Roes das Freguezias, he sujeito a hum defeito proporcionado ao antecedente; e por tanto póde levar-se a população daquelle Bispado a 480[illegible] almas sem medo de errar para mais.

N. B. O Bispado de Mariana não se extende tanto como a Capitania de Minas Geraes, que em terreno lhe excede quasi em metade, e em população em hum terço. O Arcebispado da Bahia, os Bispados de Pernambuco e S. Paulo tem vastas extençoens de terreno na mesma Capitania. As Comarcas do Rio das Mortes, Sabará, ou Rio das Velhas, e Serro do Frio, não pertencem inteiramente ao Bispado de Marianna; antes fica fóra da sua jurisdição parte mui consideravel dellas. Unicamente a Comarca de Villa Rica pertence toda e privativamente a este Bispado.

Ilha de Santa Catharina.

População dos 9 Districtos.

Homens.		*Mulheres.*
	Brancos.	
11495		13311
	Pardos e Pretos.	
312		358
	Total dos Livres.	25471
	Escravos.	
4905		2673
Total.		7578
População total.		33049

Embarcaçoens.

	Entradas.	*Sahidas.*
Galeras.	5	5
Bergantins.	32	39
Sumacas.	63	58
Penque.	1	1
Lanchas.	37	38
Hiates.	12	11
Soma.	150	152

Mappa das Producçoens, Exportação, e Consumo da Ilha de S. Catharina no anno de 1812.

Producçoens.	*Unidades.*	*Producçoens.*	*Consumo.*	*Exportação.*
Agoardente	Med.	63241	11915	51326
Algodão	Quint.	2250	1513	737
Alhos	Rest.	16506	4884	11622
Arroz	Quint.	18723	5532	13191
Assucar		712	332	380
Atanados	N.	721	219	502
Betas de Imbé gr.	Duz.	141	14	127
— peq.		235	11	224
Caffé	Quint.	12592	8836	3756
Canhamo		5		5
Couros	Cent.	359	130	229
Favas	Alq.	327	160	167
Farinha		388361	160234	228131
Fejão		9832	6640	3192
Goma	Quint.	18		18
Gravatá	Ar.	118	97	21
Linho	Quint.	1798	277	1521
Madeira	Duz.	2553	241	2312
Melado	Med.	7118	2992	4126
Mendobi	Alq.	872	321	551
Milho		16968	7847	9121
Peixe	Ar.	377	151	226
salgado	Milh.	9985	6465	3520
Sebolas	Rest.	10472	4525	5947
Sevada	Alq.	20	15	5
Tabaco	Quint.	165	14	151
Trigo	Alq.	3365	2618	747

CORRESPONDENCIA.

Recebemos a Carta seguinte, que damos ao Publico, segundo nella nos he pedido.

Senhor Redactor.

CAzualmente veio á minha mão huma Medalha da qual dezejo muito a explicação; para este fim a tenho mostrado a algumas pessoas do meu conhecimento, sem que até agora tenha encóntrado nem mesmo conjecturas; isto mesmo tem acendido mais a minha curiosidade, e portanto rezolvi-me a pedir a Vm. para que quizesse inserir no seu estimavel Periodico esta carta na esperança de que alguem quererá por esta mesma via fazer-me saber a sua decifração.

A Medalha he de cobre; a sua Modula são 13 linhas de diametro; o seu volume hum pouco mais de duas; o seu Cunho he o busto de ElRei D. João V N. S. coroado de Loiro em bom relevo; a sua exerga 1747, e as letras KIR com alguma coisa mais, que não distingo porque, como as tres letras, não tem bom typo; a sua legenda traz — JOANES. V. D. G. PORT. ET. ALG. REX., e no campo do reverso opposta á cabeça a Coroa, que se vê em outros cunhos, sobre as Armas Reaes Portuguezas com a Tarja, que as orna pelos lados, e no lugar destas a Inscripção bem legivel em Inglez TREE. POUND. TWELVE; na circunferencia nada tem, e he liza.

Se a Modula, e Volume fossem mais diminutos, poder-se-hia dizer, que esta, e mais algumas haverião sido cunhadas para marcas de jogo, para o que muito mal serviria, atendendo ás suas dimensoens. He quanto tenho a dizer a vm. de quem sou

Muito atento venerador

Rio 4 de Julho de 1814.

J. S. R.

Leis promulgadas nesta Corte no 1.º Semestre de 1814.

25 de Fevereiro.

ALvará da creação de huma Villa no sitio da Barra da Palma, da Capitania de Goyaz, com a denominação de Villa de S. João da Palma, a qual fica sendo cabeça da Comarca de S. João das duas barras; concedendo a qualquer pessoa, que na mesma Villa edificar caza para sua habitação, ou estabelecer de novo roça, ou fazenda dentro do termo que lhe for designado, a isenção de pagar decima e dizimos por tempo de dez annos; graça de que goza igualmente a Villa de S. João das duas barras.

9 de Março.

Alvará com força de Lei, que erige em Villa o arraial das Novas Minas do Cantagallo, com a denominação de Villa de S. Pedro de Cantagallo, e cria os officios respectivos á dita Villa, determinando tambem os termos e rendimentos, que lhe hão de pertencer.

5 de Maio.

Alvará, que amplia e determina o de 21 de Janeiro de 1809, comprehendendo nos privilegios conferidos aos Proprietarios dos Engenhos de Assucar e Lavradores de Canas as dividas e execuçoens da Real Fazenda.

5 de Maio.

Alvará que declara que das doaçoens *in solutum* se deve ciza como verdadeiras compras e vendas: excita as providencias do Capitulo 39 §. 1.º do Regimento das Cizas, e ordena que estas se paguem de similhantes contratos celebrados desde a data do Alvará de 3 de Junho de 1809.

Continuação do Estado da athmosfera.

Maio.

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo.*
	Graos.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
1	74	29	14	16	claro
2	70½		14½	12	
3	68		16	22	
4	70½		16	16	
5	76		16	12	
6	76		16	22	
7	74		16	36	
8	74½		16	46	
9	79		16	20	
10	76		16	12	
11	74½		16	16	
12	70		16	20	
13	68		16	26	chuvozo
14	69		17	36	
15	64		16	36	claro
16	69		15	20	
17	71½		16	26	
18	73		16	22	
19	74		14	30	
20	74½		13	22	
21	76		12	28	
22	77		12	10	
23	77½		10	36	
24	75½		11	20	pezado e chuvozo
25	76		15	8	
26	74		12	14	
27	74		12	20	
28	73½		13	16	
29	73½		15	32	claro
30	72		13	34	
31	77		12	20	

Junho.

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo.*
	Graos.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
1	77	29	11	28	
2	78		10	24	chuva
3	75		13	40	
4	74		14	30	claro
5	76		13	20	
6	73½		16	34	chuva
7	72½		17	22	claro
8	72½		14	20	
9	71		17		
10	74		17	36	pezado e chuvozo
11	74½		17	34	claro
12	74		17	38	
13	73		17	30	
14	77		16	32	nebrina
15	76		15	30	
16	76		13	18	
17	77		12	18	chuvozo
18	75		14		
19	76		14	30	
20	75		12	48	
21	74		11	10	chuva e trovoada
22	68½		13		claro
23	65		14	20	
24	67		17	12	
25	68		16	34	
26	68		13	6	
27	70		11	20	
28	70		10	28	chuvoso e vento
29	77		10	44	claro
30	64		12	30	

Reflexoens sobre as observaçoens meteorologicas desde o primeiro de Fevereiro de 1813, até o ultimo de Janeiro de 1814.

A Minima altura do thermometro foi de 63°, que teve lugar nos dias 20, 21 e 22 de Agosto; em 4 dias de Julho, 4 de Agosto, e 3 de Setembro se achou em 64°; e as variaçoens successivas chegarão a 91° no dia 23 de Janeiro de 1814.

No mez de Janeiro esteve o thermometro entre 79 e 87°; sendo o unico salto no dia 23 já mencionado: sendo mais permanente em 84 e 85°.

Em Fevereiro subio de 76 a 84°; e a maior permanencia foi em 80 e 81.

Em Março a temperatura variou pouco da de Fevereiro; esteve o thermometro entre 75 e 85; e em 77° foi a sua maior permanencia.

Em Abril variou de 68 a 80, mas nunca esteve nas alturas intermedias de 69, 72, 78 e 79; a maior permanencia foi em 74 e 75.

Em Maio subio de 68 a 77; porêm mais constante de 70 a 74; e a maior persistencia foi em 72°.

Em Junho andou entre 65 e 71; sendo os dois primeiros e o ultimo em que se demorou menos tempo; a maior permanencia foi em 69 e 70.

Em Julho esteve entre 64 e 73; a maxima estada em 68.

Em Agosto variou desde 63 a 76 com bastante irregularidade; pois; por exemplo, no dia 14 estando em 69, a 15 se achava em 75; esteve mais vezes de 63 a 67, e em 70 e 71.

Em Setembro de 64 a 76, a menor demora em 71°.

Em Outubro de 65 a 81; mais frequente de 70 a 76, e 4 dias na maxima altura, que forão os ultimos deste mez.

Em Novembro de 71 a 87; mais tempo de 74 a 76, e de 80 a 84.

Em Dezembro de 74 a 85; mais vezes em 81.

Vê-se pois que, de Abril a Setembro inclusive, as alturas do thermometro raras vezes passarão de 70°.

De Janeiro a Março quasi nunca desceu de 76, e tem lugar as maiores alturas.

O mez de Outubro he o mais variavel, tendo em alguns dias menos de 70°, e em outros mais de 80.

Em Novembro e Dezembro, vio-se subir de 70 a 87, havendo no primeiro mais variaçoens que no segundo.

Póde-se approximadamente dizer que as alturas medias neste anno forão as seguintes: Janeiro 84¼; Fevereiro 80; Março 78; Abril 74, Maio 72; Junho 69; Julho 68; Agosto 66; Setembro 70; Outubro 73; Novembro 77; Dezembro 80.

Quanto ao barometro as suas alturas forão as seguintes.

Mezes.	*maxima.*			*minima.*			*media.*		
	p.	*v.*	*m.*	*p.*	*v.*	*m.*	*p.*	*v.*	*m.*
Janeiro.	29	15	26	29	10	44	29	13	10
Fevereiro.	29	19	6	29	17	10	29	18	8
Março.	29	18	20	29	14	16	29	16	18
Abril.	29	17	26	29	15	12	29	16	19
Maio.	30	0	10	29	12	10	29	16	10
Junho.	30	2	8	29	11	38	29	16	48
Julho.	30	1	0	29	15	34	29	18	17
Agosto.	30	0	18	29	16	26	29	18	22
Setembro.	29	17	18	29	12	0	29	14	34
Outubro.	29	17	18	29	13	0	29	15	9
Novembro.	29	16	24	29	10	46	29	13	35
Dezembro.	29	14	16	29	10	0	29	12	8

INDICE.

TOPOGRAFIA.

GEOGRAFIA.

LITTERATURA.

MEDICINA.

POLITICA.

STATISTICA.

CORRESPONDENCIA.

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO,

POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

TERCEIRA SUBSCRIPÇÃO.

N. 4.º

JULHO E AGOSTO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1814.
Com Licença de S. A. R.

A subscripção se faz na Loja da Gazeta, ou na de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, a 6$000 reis pelos seis numeros. Nas mesmas se vendem avulsos a 1$200 reis.

MEDICINA.

MATERIA MEDICA.

Mappa das Plantas do Brazil, suas virtudes, e lugares em que florecem. Extrahido de officios de varios Medicos e Cirurgioens.

Plantas.	*Descripção e qualidades.*	*Lugares.*
Abutua.	HA duas qualidades, huma mais grossa, solida e nodosa; outra delgada, liza e branda; a primeira he melhor; a segunda he chamada ciparabo pelos naturaes. He aperitiva, desobstruente, e resolutiva. Tambem se diz parreira brava.	Espirito Santo, Minas.
Acaya.	(*Spondeas luteas*). Cozimento dos caroços contusos, na dose de huma oitava para cada libra de agoa, cura a diarrhea antiga, e flores brancas.	Dito.
Açapeixe	(*Eupatorium altissimum*). A raiz he diuretica, antifebril: dá-se em cozimento na dose de meia oitava até huma.	Dito.
Agoapé.	Serve para banho nas affecçoens hemorroidaes.	Capitania
Alcaçuz.	Bem conhecido.	Minas.
Alfavaca silvestre.	(*Balota suave olens*). Tambem chamada erva canudo. A infusão he antispasmodica,	Dito.

Plantas.	*Descrição e qualidades.*	*Lugares.*
	cefalica, e resolutiva; exteriormente applicada em fomento ou banho, abranda e dissipa as dores reumaticas.	
Almecega	Já descrita.	Sertoens do Rio Doce, S. Francisco, &c.
Ambauba	(*Cecropia peltata*). Produz no cimo hum grelo avermelhado, de cujo sumo na dose de huma colher dado em leite, ou cozimento de cevada com assucar, cura a diabetes, diarrhea antiga, e flores brancas.	Dito.
Andá acú.	Já descrita.	Dito.
Andorinha.	Em cozimento, bebido ou applicado em clisteres, he util nas diarrhéas, e desintherias, e ainda nas affecçoens pleuriticas.	Dito.
Angelim.	(*Geofroya inermis*). Produz huma drupa, cuja amendoa mata os vermes intestinaes.	Dito.
Angico.	(*Mimosa gomifera*). Distilla huma goma similhante a arabia, e com as mesmas propriedades.	Minas.
Bacamarte.	Aperiente e resolutiva.	Capitania
Barbatimão.	(*Mimosa cochleocarpus*). Excellente adstringente: suppre a casca de carvalho e sumagre.	Minas

Plantas.	*Descripção e qualidades.*	*Lugares.*
Buxa de Paulista.	(*Memordica operculata*). O fructo de infusão em agoa fria por 12 horas, agitando-o algumas vezes até formar espuma, e coado, ministrado gradualmente ás colheres até haver vomito, purga e move as urinas: usa-se mui frequentemente nas cachexias, e anasarca.	Minas.
Calumba.	Bem conhecida.	Dito.
Caninana.	Raiz de sabor amargo, acre, inherente, e cheiro nauseoso, he estimulante, e hum poderoso urinario, e purgante drastico: tem curado algumas hydropisias em principio, tanto acites, como anasarcas; dá-se em cozimento de meia onça até seis oitavas em seis onças de agoa; e em pó até huma oitava diluida em vehiculo conveniente: seu extracto aquoso obra com mais efficacia na dose de hum escropulo até dois; porém irrita mais.	
Carqueja das Minas.	(*Cacalea amarga*). O cozimento reduzido á consistencia de extracto, se tem usado na dose de meia oitava nas obtrusoens do figado e baço, e na hydropisia anasarca, e acites, quasi sempre com bom effeito; em pequena dose usa-se como tonico e antacido.	Minas.

Plantas.	*Descripção e qualidades.*	*Lugares.*
Caroba.	(*Bignonia Chelonoides*). As folhas são o remedio geral de todo o sertão para curar o virus venereo bobatico : usa-se em cozimento, que he amargo, por bebida ordinaria, e do pó das mesmas folhas para curar as chagas. O extracto he antivenereo.	Ubiq.
Casca de anta.	(*Uvintera aromatica*) Arvore, cuja casca he de sabor acre e cheiro aromatico; mediocre estimulante. Usa-se da infusão para excitar as forças vitaes e musculares abatidas, contra a colica originada pela impressão dos corpos frios, e contra as enfermidades suppurosas: dá-se em substancia até dois escropulos em vehiculo conveniente, e em infusão de duas oitavas até meia onça.	Minas.
Catinga de mulata.	(*Stachys recta*) Herva vivaz de sabor amargo e cheiro aromatico, muito resolutiva, alexifarmaca, e nervina: suas flores em infusão são sudoriferas e carminativas: o cozimento de toda a planta usada em fomento ou banho, allivia e desvanece as dores das articulaçoens.	Dito.
Cipó de chumbo.	Vulnerario, resolutivo: uza-se em cozimentos nas quedas, pancadas, e contusoens,	Dito.

Plantas.	*Descripção e qualidades.*	*Lugares.*
	e ainda nos casos de abscessos internos, e nas vomicas do bofe.	
— de Carijo.	He hum violento purgante, util contra a mania pituitosa: dá-se na dose de meia oitava em pó em maceração em vinho por 24 horas.	Dito.
Cabaço amargoso.	Os Indios usão de suas folhas applicadas exteriormente sobre o ventre e cadeiras das mulheres para provocar o parto e expulsar as secundinas. O fruto he muito acre, e irritante corrosivo, e o applicão em cozimento, de que formão clisteres, como purgante, nas obstrucçoens e cores pallidas.	Ubiq.
Caculucage, ou Quitoco.	Erva resolutiva, carminativa, e anthisterica, usada em banhos.	
Camaratinga.	Arbusto. Dizem os Indios que o suco das folhas bebido com assucar branco aproveita para romper as vomicas, ou apostemas internas.	Minas, Capit.
Cataia ou erva do bixo.	He a persicaria. A sua qualidade he ser acre, estimulante, e apariente: usão della em cosimento os Indios como diuretica, nas suppressoens de urinas; he contra as podridoens gangrenosas, e tem outras virtudes.	Ubiq.

Plantas.	*Descripção e qualidades.*	*Lugares.*
Centaurea menor.	Conhecida.	Minas.
Crista de gallo.	Emprega-se na cura das chagas.	
Fava de S. Ignacio.	(*Sterculea Balanghes*) Arvore, cujos fructos produzem huma amendoa, que desfeita em agoa na dose de huma oitava, cura a colica flatuosa, e faz purgar.	Sabará.
Fedegoso bravo.	(*Cassia planisilique*). A casca da raiz he hum bom antifebril, alexifarmaco; e tambem he remedio polycresto.	Ubiq.
Fumo bravo.	(*Erigeron*). As raizes e toda a planta são sudorificas expectorantes e febrifugas; usão-se no pleuriz espurio, febres podres, e bexigas confluentes. Os certanejos usão do çumo desta herva em cozimento de raiz de contraerva e fedegoso para curar as febres podres e malignas.	Ubiq.
Guaiabeira.	A casca he mui forte adstringente.	Ubiq.
Guararema.	O páo tem hum cheiro nauseativo, muito semelhante ao da goma assafetida; abunda em saes lixiviaes aperientes e resolutivos: a sua lixivia serve para a purificação do assuçar, e para a factura do sabão: as suas folhas são empregadas em banhos nas af-	Minas.

Plantas.	*Discripção e qualidades.*	*Lugares.*
	fecçoens hemorroidaes e reumaticas.	
Guayambé.	Arbusto, cujas folhas os Indios empregão em cosimento para dores reumaticas.	Cap.
Japicanga.	(*Smilax pseudochina.*) Erva rasteira, que tem huma raiz grossa semelhante á raiz da China, e dizem ter as mesmas virtudes, e usos medicinaes: com as folhas curão as chagas sordidas e indigestas.	Ib. Minas.
Jarabandi.	(*Piper reticulatum*). Erva vivax, cuja raiz he de sabor acre inherente, e cheiro aromatico: usa-se como diuretica, sudorifica, e alexifarmaca nas febres adnomeningas remittentes; dá-se em infusão de duas oitavas até meia onça em seis de agoa: em pó de dez gráos até meia oitava.	Minas
Jatubá.	O páo: o amago he semelhante ao lenho Guayaco, e tem as mesmas virtudes, sudorifica e antivenerea.	Espirito Santo.
Jeticucu, ou Batata de purgar.	Já descrita.	
Joapitanga.	Erva rasteira em fórma de vergonteas, ou braços: sudorifica e antivenerea. Em cozimento se lhe attribuem as mesmas virtudes da sarsaparrilha.	Ib.

Plantas.	*Descripção e qualidades.*	*Lugares.*
Ipecacuanha.	Bem conhecida.	Margens do Rio Doce.
Ipeuva, Cinco folhas.	(*Bignonia foliis pauperrima digitatis*). Arvore cujas folhas são diureticas e depurantes : contém hum amargo agradavel : usão-se em cozimento ou infusão em agoa fervendo para curar as dores das juntas originadas de virus venereo.	Minas.
Jurupeba ou Jeroveva.	(*Solanum paniculatum*). As virtudes da raiz deste arbusto são conhecidas por huma grande parte dos habitantes das Minas. He desobstruente : dissolve os grumos de sangue, que occasionão as inflamaçoens ; expelle as impuridades pelas urinas : resolve as concreçoens causadas pelo virus escorbutico : está acreditada por hum dos melhores diureticos. Dá-se de infusão ou cozimento de meia onça até huma para cada libra de agoa.	Minas.
Maimbá.	Herva rasteira, em forma de cipó, que nasce nas praias, e dizem os nacionaes, que em cozimento tem a mesma virtude que a caroba na affecção bobatica.	Capitania.
Maravilha.	(*Mirabilis jalapa*) erva vivaz, cuja raiz he tuberosa, que seca e dada em pó na	Minas.

Plantas.	*Descripção e qualidades.*	*Lugares.*
	dose de huma oitava purga e cura a leucorréa, ou flores brancas.	
Matapasto.	Bem conhecida. Usa-se nas erisipelas, sarnas, e em toda a affecção scabiosa.	Ubiq.
Mentrasto.	Muito conhecida. Emprega-se em banhos para dores, e no frio das accessoens.	
Pacari (unha de anta chapa[illegible].)	A raiz he amarga, inodora, reputada por hum febrifugo infallivel : he tonica, util na colica, flatuosa, e antidoto contra o veneno da cobra cascavel : tem-se experimentado ser hum grande remedio para deter os progressos da morfea, usando-a em cozimento por bebida ordinaria na dose de meia onça para cada libra de agoa, e tomando banhos do mesmo.	Minas.
Paratudo, cravo das Minas.	A raiz desta planta está acreditada em todo o sertão por hum grande especifico para curar as febres podres e malignas : usa-se não só como antifebril nas febres, mas tambem para dissipar as colicas flatuosas : dá-se em pó na dose de hum escropulo até huma oitava diluido em qualquer infusão cordial.	Minas.
Pariparoba.	(*Piper decumanum.*) Seus usos são bem conhecidos.	Dito.
Picão.	(*Bidens bullata*). A raiz	Dito.

Plantas.	*Descripção e qualidades.*	*Lugares.*
	he desobstruente, atenuante e resolutiva: o çumo da folha na dose de huma colher cura a ictericia, não havendo febre, ou inflammação no figado; do mesmo çumo, misturado com agoardente, folhas de Tricociana, e gema d' ovo, fazem os certanejos hum digestivo, com que curão todas as chagas.	
Pé de gallinha.	Especie de relva. O cozimento he muito resolutivo nas intumescencias inflammatorias.	Capitania
Pitanga.	Arbusto muito conhecido; cujo cozimento se emprega em banho para todas as dores, sejão reumaticas, gotosas, ou venereas.	Ubiq.
Queimadeira.	Pizada e applicada em massa dizem aproveitar nos tumores carbunculosos, e esfregando a mesma massa nas manchas da pele, as cura.	
Quina do Brazil.	(*Cinchona lutescens*). Bem conhecida.	Minas.
Dita do Sertão.	Arvóre, que só differe da quina do Perú em produzir huma baga seca em lugar de capsula.	Sabará e Goyaz.
Erva de S. Elena.	Em banhos quentes he applicada para as constipaçoens, a que chamão resfriado.	Capitania
Tapiá.	Arvore fructifera silvestre; o cozimento das folhas dizem	

Plantas.	*Descripção e qualidades.*	*Lugares.*
	prestar para as dores reumaticas e gotosas.	
Tariríqui	Erva, que dizem aproveitar nas paralysias, esfregando com as suas folhas cozidas as partes padecentes; e a sua raiz em cozimento serve para desmanchar tumores.	
Tipi.	Arbusto, cujas folhas e raizes em cozimento para banho nas febres intermittentes, usado na occasião do frio, dizem aproveitar.	Capitania
Trapomonga.	Erva, que serve para curar chagas, usando della seca e em pó.	Capitania
Tustão.	Em cozimento bebida ou em banho, cura as gonorrhéas.	Dito.
Velame.	(*Croton lacciferum*). Esta planta tão recomendada pelos curiosos para os doenças venereas, tem sabor amargo, acido, sem cheiro sensivel. Usa-se como diuretica e depurante, em infusão, ou cozimento.	Capitania, Bahia, &c.

HISTORIA.

Historia dos Indios Cavalleiros, da Nação Guaycurú, escrita no Real Prezidio de Coimbra no anno de 1795, por Francisco Alves do Prado, Commandante do mesmo, em que descreve os seos usos, costumes, leis, allianças, ritos, governo domestico: as hostilidades feitas a differentes Naçoens barbaras, e aos Portuguezes, e Hespanhoes, males, que ainda são presentes na memoria de todos.

HE a Nação Guaycurú errante, como todas as outras naçoens selvagens, que não cultivão a terra, nem permutão dos outros povos os seos generos, e fructos; ella sempre habitou nas margens do rio Paraguay, que tendo suas primeiras fontes pela latitude austral de 13°, e fazendo contravertentes com as cabeceiras do rio Tapajós (grande braço do Amazonas) corre a Sul na extensão do seu curso total de 600 legoas, até ir entrar no mar com o nome de rio da Prata, donde tem 40 legoas de boca pela latitude de 35°'. Esta nação habita prezentemente pelo lado Oriental do Paraguay, desde a latitude de 19° e 28', até 23° e 36'.

Todo este vasto terreno he cortado de pequenos rios navegaveis por algumas legoas, que vão desagoar no Paraguay, que são o Imbótatiú, hoje chamado Mondego, que está na latitude de 19°, e 28'; o rio Queima, que podemos suppor foi chamado pelos antigos certanistas Teriri, o rio Tipohi, o rio Branco, o da Lapa, o Quidavan, e o Ipané, que está na latitude de 23° e 36'.

Pela latitude de 21° e 29' está o lugar propriamente chamado fêcho dos morros, porque pelo lado Oriental, desde a margem do rio, principia huma cadêa de montanhas, que se estende para o

centro do paiz, fazendo em partes algumas pequenas quebradas, que facilitão aos Guaycurús irem fazer guerra ao gentio chamado por elles, Cayavába, e por nós *coroados*, que habitão nas cabeceiras do Mambaya, rio, que vai misturar as suas pobres agoas com o rio Grande, ou Paraná: outras vezes os Cavalleiros, investem aos gentios Caupezes, que morão em cazas subterraneas, e conta-se, que desde a primeira idade começão a puchar a pelle da barriga, até que lhes chega a cahir pelas coxas, e he este o unico vestido, que usão para cobrir as partes que a natureza, e o pudor mandão ocultar. Tambem perseguem aos gentios, que apellidão o Pacaleque, e os certanistas Cambeva, os quaes tem a cabeça á maneira de mitra, e morão nas cabeceiras do rio Imbatetuí; perto delle, e pouco apartado das serranias, que fórmão o fecho dos morros, está hum alto monte, que pela sua figura conica chamarão na demarcação passada, pão de assucar. De outro lado do rio segue por alguma distancia huma serie de montes, que acabão de formar o feixo do Paraguay.

Os campos são abundantes em pastagens, nelles se crião muitos servos, veados, e porcos, que lhes servem de alimento, lobos, onças, e alguns animaes de raça pequena, que de todos aproveitão os couros para camas, e vestidos; tem poucos matos, e as serras são cobertas de huma penedia calcaria, entre a qual se vem pedras distinctas, e de ramificaçoens, cria sem cultura o carmim, de que se servem para tingirem as pennas dos seos enfeites.

As aves aquaticas são de diversas classes, e tantas, que escurecem os ares quando voão, e cobrem a terra, se nella pouzão; de qualquer fórma fazem huma agradavel vista com a diversidade de cores de suas pennas; a carne de muitas he delicioza ao paladar. Pelo lado Ocidental habitão os Cavalleiros á margem do Paraguay, por não ter

rio, que penetre o interior, desde a latitude de 20°, até abaixo da cidade de Correntes. Estes Guaycurús ou cavalleiros, são conhecidos com differentes nomes; aos que habitão na latitude de 21° os Hespanhoes lhe chamão Cambás, o seo principal Capitão, que terá 60 annos de idade, tem seis pés e meio de altura. Os que vivem nos terrenos, que fazem frente com Villa Real, e com a cidade d'Assumpção se denominão Lingoas, e quando vão infestar a cidade de Santa Cruz de la Sierra, são alli conhecidos por Xiriquanos.

Antigamente os cavalleiros senhoreavão mais vasto terreno, o qual pouco a pouco forão perdendo com as povoaçoens, que formarão os Portuguezes, e Hespanhoes; estes forçando as correntes do Paraguay, e aquelles acompanhando as suas agoas. Os primeiros, que derão noticias destes barbaros, forão os antigos Paulistas, e já os encontrarão senhores de grandes manadas de gado vacum, cavallar, e lanigero. Não se sabe o tempo, em que houverão estes animaes, pode bem suppor-se, que os não houverão, por terem na sua lingoa nomes proprios, tendo aquelles, que tem havido de Naçoens civilizadas, conservado o nome proprio, que tem entre os de quem houverão.

Com os Cavallos se fizerão temiveis aos outros selvagens; os mesmos Paulistas, que não sahião ao sertão, senão com grande levada, receavão encontra-los em campo limpo, pelo modo com que erão acomettidos. Tanto que os Guaycurús os vião, ajuntavão os cavallos, e bois, e abrindo os lados os apertavão de sorte, que com a violencia com que hião, rompião e atropelavão os inimigos, e elles com lanças matavão quanto encontravão diante. O unico remedio, que tinhão os Paulistas de escaparem, era o metterem-se no mato, e amparados das arvores, a tiro os derribavão a seu salvo. No que praticavão os Guaycurús, seguião o

uzo da antiguidade, pois o gado foi causa de Amilcar ser vencido pelos Vetoens, e a salvação de Annibal nos desfiladeiros junto a Caselino, quando estava cercado pelo Dictador Fabio; nem era mais domestico o dos negros d'Agoada de Saldanha, que matarão o primeiro Vice Rei da India D. Francisco de Almeida; pois estando os animaes dos Guaycurús soltos a pastarem, com hum certo assobio se juntão de tropel para a parte donde o ouvem.

A Nação Guaycurú se divide em tres partes: a primeira he dos nobres, a que chamão Capitães, e as mulheres destes Donas, titulo, que tambem tem as Filhas: a outra parte chamão soldados, que obedecem de Pais a Filhos; e a terceira, que he mais consideravel, he a dos captivos. Assim chamão a todos aquelles, que apanhão na guerra, e a seus descendentes, aos quaes tratão com muito amor, sem os obrigar a fazer trabalho algum. Ha porém o desprezo de reputar-se vileza cazar com escravos, de sorte que o Filho despreza a Mãi, que cazou com escravo. A pezar de ser visinho desta Naçío, e de alguma familiaridade, e correspondencia, que com ella tenho, não pude ainda calcular o seu numero; por isso só direi que ella não he tão numeroza como se suppunha.

São os Cavalleiros de huma cor mais escura, que a de cobre, de estatura alta, tanto que entre elles ha homens de seis pés e meio de altura, bem feitos, envoltos em carnes, capazes de resistir á fome, e á sede, e endurecidos ao trabalho de huma maneira inefavel; notaveis pelo costume de arrancarem as sobrancelhas e pestanas; no gesto de todos respira robustez, e hum estado de perfeita saude.

Talvez se deve atribuir a saude, que gozão, á summa dieta, que guardão nas suas enfermidades, comendo sómente muito pouco do amago de huma especie de Palmeira chamada por elles carandá. A

sua digestão he perfeita, para o que concorre muito o vagar, com que mastigão o comer, levando por este motivo muitas particulas de saliva; assim muitos delles chegão á extrema velhice. No anno de 1793, vi no Presidio de Coimbra hum velho tão carregado do pezo dos annos, que mal se tinha em pé encostado em hum bordão, porém com a memoria tão fresca de quanto tinha visto e passado na vida, que parecia outro João do tempos. Não se sabe entre elles o que seja o escorbuto, nem tem lembrança de mortes repentinas, o que póde provar que todas são cauzadas por constipação, visto que estes povos nascem e vivem ao ar, sempre desarroupados. São raros os defeitos do corpo; vê-se algum cego, porém nenhum calvo; os cabellos huns tem crespos, outros lizos e corredios; os dentes são mal postos, e denegridos, porém a maior parte delles os conservão até a morte. Pensando eu qual seria a cauza da má posititura dos dentes, vim a conhecer, que he por não tirarem os dentes aos meninos ao mudar, o que não fazem pelo demaziado mimo, com que os tratão.

Este povo conserva, em hum ar de simelhança, o que já se observou entre os Judeos, os Guebros, nos Vandalos &c. Todos conservão estando quietos hum semblante melancolico, como bem observou o Illustrissimo Senhor Balsemão dos outros selvagens da America, como refere Robertson.

As mulheres envelhecem muito breve em carnes, e tanto ellas como os homens ficão na idade avançada com a pelle muito enrugada. Vivem os homens nús, e são os seos enfeites plumas de pennas, que trazem na cabeça, nos pulsos, e nas pernas; usão cinta de algodão tinto da largura de hum palmo, e depois que tiverão communicação com os Hespanhoes, as cobrem de contas de diversas côres, com as quaes fazem differentes lavores: elles tem o beiço debaixo furado, e nelle metido

hum páo da grossura d'ametade de huma penna de escrever, do comprimento de hum terço de palmo; os mais ricos trazem de prata, e nas orelhas tambem trazem meias luas de prata, isto ha perto de 200 annos, tempo em que matarão a hum filho do Portuguez Aleixo Garcia, com mais alguns, que deixou, com bastante prata, nas margens do baixo Paraguay, quando vinha o dito Garcia dos serros do Potosí, o que deo cauza ao engano, que os Hespanhoes tiverão de chamarem rio da Prata, por toparem os Indios com algumas porçoens d'ella.

Pintão todo o corpo com a tinta de duas frutas silvestres chamadas urucû, e genipapo, e na pintura goardão bastante symetria: no cabello os moços não tem uso certo, mas todos os velhos trazem a cabeça rapada em roda á similhança dos Leigos Franciscanos. As mulheres nada tem daquella graça ingenua da Eva de Milton; a cara larga, e as grossas tintas com que se pintão, as fazem desagradaveis á nossa vista: ellas se mandão picar com espinhos na testa, formando linhas, que principiando na raiz do cabello, vem acabar sobre as palpebras dos olhos, na face, e na barba, onde fazem hum xadrez, dão logo com tinta de genipapo, com o que se conservão toda a sua vida pintadas de côr cinzenta, e as Donas tambem fazem nos braços huns quadrados; soffrendo em todas estas occasioens crucis dores: ellas andão envoltas dos pés até o pescoço em hum grande pano de algodão, o pezo do qual lhes faz cahir cedo os peitos; são tintos de côr avermelhada com listas brancas, negras, e roxas: as mais asseadas trazem nelles muitas rodinhas de conchas postas com a madreperola para fóra, seguros com linhas, formando differentes vistas, trazendo bem debuxada a marca do seo cavallo, o que fazem ainda no proprio corpo: antigamente usavão de pelles de veados: debaixo do pano trazem huma especie de

larga, o que na sua tosca lingoa chamão = ayulate = couza que desde que nasce huma menina, nunca se verá sem ella.

Os adornos são canudos de prata enfiados em linhas, que trazem no pescoço, contas nos pulsos, e nas pernas, e huma chapa de prata no peito, para factura da qual lhe serve huma pedra de safra, e outra de martello: na sua primitiva usavão os canudos, contas, e meias luas de páo, como ainda hoje algumas trazem. Usão a cabeça rapada até as entradas toda em roda, ficando coberta de cabellos a parte a que chamão moleira, cabellos, que cortão de menor a maior, que terá tres dedos de alto no cimo cabeça. Com estes rusticos enfeites mostrão que este sexo, ainda no centro da barbaridade brutal, parece se não póde escuzar de ser tributario do luxo e da vaidade. Por sempre andarem embarcadas, ou a cavallo, tem os pés mimozos: o animo he terno e compassivo, tanto, que estando de visita os Guaycurús no Presidio de Coimbra no anno de 1791, vendo subir á corda hum volantim, começarão hum excessivo pranto, suppondo que aquelle homem violentado se punha em tanto risco. Crião toda a especie de animaes, e passaros bravios com tanto cuidado e disvelo, como póde ser que não tenhão no Hospital dos passaros de Cambaya. Tem este Povo huma grande propensão para tecer, e contra a antipatia dos mais selvagens, mostra hum summo prazer em ver couzas estranhas, e com muita attenção examina até a minima circunstancia.

O Guaycurú, faz escolha da mulher com quem quer cazar, e depois pede-a ao Pai, que, se lha concede, o faz dormir com a noiva a primeira noite junto a si, sem que tenha ajuntamento carnal, e ao outro dia entrega a filha sem mais dote, que seos poucos enfeites, tendo ella de ser herdeira em igual parte com os Irmãos nos cavallos e

captivos, que o pai deixar por sua morte. He costume entre elles, vir o marido para a caza da mulher, e o pai e mãi nunca mais fallar ao genro: seguem no matrimonio aos antigos Romanos, isto he, cazão-se com huma só mulher, e fica o alvedrio livre a ambos os consortes para separar-se, e poder contrahir nova alliança, quando não são contentes hum do outro; mas estas separaçoens bem raras vezes se vem; parece que o receio de ver desfazer hum vinculo, a que acompanha a inclinação, e o gosto faz agradavel, deve faze-lo indissoluvel: este receio faz lizongeiro o sonho do amôr, talvez necessario para a dita dos primeiros annos.

O marido ama ternamente a mulher. He verdade, que bem pago fica, pois ella tem hum disvelo excessivo em lhe agradar, tanto que em sentindo-se pejada mata a criança no ventre, para que no tempo da gravidação e criação da prole, não o incommode; isto em quanto ellas não passão da idade de 30 annos, que depois d'ella, se concebem, e felizmente parem, os crião. Dizem, que este costume he entre elles antigo, mas eu penso pelo contrario, pois conhecendo 22 capitaens, que terão cada hum 40 annos de idade, e sendo todos cazados, só hum tem huma filha; razão, que me faz suppor que esta nação vai a acabar-se, e que nella está esquecido hum dos primeiros sentimentos da Natureza, porque todas as couzas tem tanto amor á conservação do seo proprio ser, que quanto lhe he possivel, trabalhão em seo modo por se fazerem perpetuas: as naturaes cada huma dellas em si mesmas tem huma virtude generativa, com que ficão conservadas em sua propria especie, e os animaes se deleitão, digamos assim, em verem-se reproduzidos nos filhos, e netos. Póde ser tambem que a cauza de matarem os filhos no ventre, seja o costume, que este povo há, de não ter commu-

nicação o marido com a mulher durante a prenhez, e criação dos filhos.

A anecdota seguinte dará a conhecer o excesso, com que as mulheres amão a seus maridos. Entre os Guaycurús, que habitão do lado Oriental do Paraguay, vivem dois Capitaens, que forão muito amigos; hum delles tem hum filho chamado Panioxe, o outro huma filha, que se chamava Nonine; estas duas crianças desde a primeira idade mostravão inclinação huma para a outra: o tempo, em vez de enfraquecer, avigorou as paixoens, e por fim tiverão o prazer de se verem unidos: assim viverão alguns annos, e no de 1791, vierão ao Prezidio da Nova Coimbra, onde o moço Paninioxe se distinguia pelo seu talhe e presença engraçada, e a rapariga Nonine por sua formozura e genio jovial, mas seguindo a ordem das cousas humanas, em que nada he permanente, Paninioxe se disgosta de sua amada, e se aparta: ella o procura, mostra-lhe a sua semrazão, sua pouca fé, e comtudo elle persiste na resolução, e se retira para a Aldeia do Capitão Negro, que mora do lado occidental do Paraguay. Desde aquella hora cobrio-se Nonine de huma mortal melancolia; seus olhos sendo sempre chorozos, procurava encobri-los até das suas mais intimas amigas; assim passarão-se tres mezes, quando hum dia estando deitada na sua cama, lhe derão a noticia, que o seu desleal marido se tinha cazado com huma rapariga de menos esfera: senta-se então Nonine na cama como arrebatada, chama para junto de si hum pequeno Indio, que era seu captivo, e diz-lhe na presença de varios: Antecrices, és meu captivo; dou-te liberdade com a condição de que te chamarei toda a vida Paninioxe. Então seus olhos deixarão correr diluvios de lagrimas pelas suas tristes faces, que ella de envergonhada quiz occultar, e o amor offendido não permittindo parasse esta violenta contenda de duas pode-

rosas paixoens, lhe motivou huma febre ardente, com a qual ao outro dia perdeo a vida. Já quando o espirito fazia os ultimos esforços para despedir-se do ergastulo do corpo, as ultimas palavras que se lhe ouvirão dizer forão — *Lacáquebielle Paninoxe* — que quer dizer: ingrato Paninoxe! Pouco tardou que o rumor desta immaturada morte não chegasse aos ouvidos do desleal marido, que não deixou nessa occazião de dar mostras, de que tinha hum coração.

Entre os Guaycurús, ha homens, que affectão todos os modos das molheres; vestem-se como ellas, occupão-se em fiar, tecer, fazer panelas, &c. A estes chamão Cudinas, nome que dão a todo animal castrado. Vive cada parcialidade em casas portateis cobertas de esteiras de huma especie de junco abertas pelos lados; quando chove, a esteira começa a vazar; esfregão-na por dentro com vaçoiras, e assim vedão de alguma sorte a agoa. Dormem sobre pelles de animaes, e de dois pequenos feixes de palha, que servem de cella ás mulheres; fazem travesseiros, e cobrem-se com o pano, com a esteira de entrecascos de certas arvores, ou coiros de veados. Comem todos os animaes silvestres, Jacarés, Sucurís; todos os pescados, e sevandijas; castanhas, palmitos, e algumas batatas bravias, tudo açado, ou cozinhado com bastante sordidez, sem outro tempero, que o que lhe dá a fome. Nesta mizeravel vida vivem satisfeitos, sem apetecerem as delicias de Capua, nem os thezouros de Cresso. As moças não comem muitos animaes, que os homens, velhas, e meninos comem. Os homens cuidão na caça, na pesca, e em tirar carandás e palmitos, nos cavallos, e na guerra; as mulheres fião algodão, tecem panos, cintas, fazem cordas, louça, e esteiras. No mister da cozinha são occupados os dois sexos igualmente: comem quatro ou cinco vezes desde que nasce o Sol, té

que he posto, e passão toda a noite sem comer. Os intervallos de huma a outra comida, levão no regaço das mulheres; ellas se occupão em arrancar-lhes os cabelos da barba, das sobrancelhas, e pestanas, e em pintar-lhes o rosto, e o corpo; outras vezes os maridos fazem ás mulheres os mesmos serviços. São fieis, e verdadeiros nos seus contratos.

Quando a noite he clara, ajuntão-se os rapazes e raparigas na frente de seus pobres toldos a brincarem: brilha nos divertimentos huma candida alegria, tendo elles alguma cousa de ferozes, como passo a descrever. Seis homens forçozos pegão em hum pano, daquelles em que se involvem as mulheres, e estendido mandão assentar-se em cima hum menino, depois começão a sacodir o pano, e todos dão sacoloens a hum tempo, impellidos dos quaes vai o rapaz aos ares com summa violencia, e com a mesma volta abaixo cahindo sobre o pano na posição que succede, e ao mesmo tempo torna a hir acima, movendo a hum coração humano mais lastima, que divertimento. As mulheres pegando humas nas mãos das outras, feixão hum circulo, e depois sahe huma a correr em roda com muita ligeireza; no meio da carreira, huma das do circulo estendendo hum pé para traz, embaraça a outra, e a faz ás vezes levar lastimoza queda; a que cahe vem para o lugar da que a derribou, e esta vai levar hum tombo talvez ainda maior.

Algumas vezes dividem-se as mulheres em dois bandos, e de cada hum delles sahe huma a discompor de razoens ao outro bando, e aquella que diz mais nomes injuriosos, fica vencedora, e applaudida por grandes rizadas. Depois passão ao pugillato, com o qual os homens acabão as suas contendas, e jámais usão de armas nas brigas domesticas.

Nenhum uso fazem do canto, mas a ouvirem

aos Portuguezes cantar com melodia, ficão quasi extaticos, e nos cantos saudozos muitas vezes as mulheres deixão correr lagrimas: tal he o poder da Muzica ainda naquelles povos, em que só obra pelo estimulo do ouvido! Nas festas correm cavalhadas: as mulheres que são asseadas, botão sobre pequenos feixes de palha, que lhes serve de sella, hum pano de cinco palmos em quadra, pintado com contas, e conxas, o qual serve de xairel e capeladas, a cabeça toda guarnecida de pedaços de arame de bacia, que tem tres dedos de largura, com guizos, e huma chapa de prata na testeira. Como não usão de estribos, na acção de montar a cavallo, a mulher pega nas crinas, e ergue o pé esquerdo para traz, o marido segurando-lhe no pé a ajuda a cavalgar. Os homens andão em pello, e juntos os dois sexos, correm ora em huma fileira, outra em duas, fazendo algumas escaramuças, e correndo parelhas, acabão a função, acompanhando a hum, que aparece em figura burlesca. Os outros brinquedos são humas vezes com azas de passaros nas mãos, parecendo querer imitar os Perús, outras com as mãos no chão investem como touros, ou saltão como çapos. Em todos aturão pouco tempo, e nelles esmerão-se mutuamente os dois sexos por agradar hum ao outro; pelo que devemos crer, que o galanteio nasce em todos os povos. Cheio de gosto vê o pai, e a mãi saltar em roda de si os tenros filhos, aos quaes quasi adorão, sendo em moças o seo cruel verdugo antes de nascerem. Os filhos nenhum respeito tributão aos pais, e até dão provas de pouco amor.

Estando os Guaycurús juntos, quando querem separar-se, o mais abalizado delles levanta-se, e a cada hum de per si diz, vamos, e depois de todos lhe responderem que sim, he que se apartão. Todo este povo faz uso excessivo do tabaco; os ho-

mens caximbáo, e as mulheres trazem sempre masca entre o beiço de baixo, e a gengiva. Elles não conhecem Deos, e por isso nas suas calamidades a nada sobrenatural recorrem. Festejão o apparecimento das sete Estrellas, não como Divindade, mas por ser precursor do tempo de sazonarem huns cocos chamados Bocayuvas, que lhes servem de precizo alimento.

A respeito da sua origem, dizem mil desatinos, mas longe de pertenderem descender dos Ceos, como os Japonezes, nem affectarem como os Romanos o seo Romulo e Remo criados por huma Deosa na figura de Loba, nem emfim como os Incas descenderem do Sol, antes contão esta humilde historia: dizem que depois de serem creados os homens, e com elles repartidas as riquezas, huma ave de rapina, que no Brazil chamão Caracará, se lastimara de não haver no mundo Guaycurús, que os creara, e lhes dera o porrete, a lança, o arco e as flexas, e dissera, que com aquellas armas farião a guerra ás outras naçoens, das quaes tomarião os filhos para captivos, e roubarião o que podessem: mas a este seo creador não tributão culto algum, antes o matão as vezes que podem. Sabem, que ha hum Deos bom, porém dizem, que com elles nada se embaraça, e que ha Demonios, que tentão os mortaes; mas ignorão os premios e castigos da vida futura, sabem que a alma he immortal; crem que depois da morte as dos seos capitaens, e dos cirurgioens se divertem e passeão pelas Estrellas; que as do povo ficão errando junto do cemiterio.

Parece-me ver em huma das suas historias huma noção e noticia confusa de Adão. Dizem alguns, que sempre entre elles houvera lembrança de huma grande chuva, que alagara o Universo. (1)

---

(1) Isto certamente he do Author.

Ao Sol, á Lua, Venus, Mercurio, em fim a todas as Estrellas, que por sua grandeza ou figura se fazem recomendaveis á vista, dão nomes differentes do que geralmente dão a todas as Estrellas juntas. Distinguem com nomes os quatro ventos geraes; e nas suas viagens se governão pelo Sol. Contão os annos pelas vezes que dão fructos as arvores silvestres, e assinalão nos troncos com cortes os mezes por Luas; as horas pela altura do Sol: explicão os numeros mostrando os dedos das mãos, e dos pés, e quando ha muito do que querem explicar, esfregão as mãos huma na outra; e sendo a cousa do genero masculino, dizem na acção de esfregar as mãos — Ony, e se do femenino dizem — elcó. —

Este Povo selvagem se ama affectuozamente, e vive entre si em huma doce armonia, sustentada desta amizade terna, que faz a formozura da vida. Nas suas enfermidades, não uzão mais que carregarem com as mãos, e chuparem com a boca a parte dolorida, e nenhuma noticia ou conhecimento tem da virtude dos tres reinos, vegetal, animal, e mineral. Os seus Cirurgiões uzão de varios enganos; pegão em huma cabaça com bastantes pedrinhas dentro, começão a sacodir, e a cantar noites inteiras com voz desabrida, contrafazendo quasi ao mesmo tempo o canto de diversos passaros, fazem crer aos seus, que naquella occazião lhes vem fallar a alma do enfermo, e dizem se ha de morrer, ou não; e quando querem vaticinar alguma cousa, cantão da mesma forma, e com mil movimentos, que fazem com a cabeça, ficão tontos, e naquella especie de embriaguez, predizem desatinos, quaes outros Laponios correndo apressados em voltas para as suas casas subterraneas.

Quando morre alguma moça rica, pintão-na como se estivesse viva; botão-lhe contas nos pulços e nas pernas, chapa e canudos de prata no pesco-

ço, envolvem-na toda em hum pano pintado com conchas, e depois a cobrem com huma esteira fina, e assim a leva a cavallo hum dos parentes até o cemiterio geral, que he huma casa coberta com esteiras, e aberta pelos lados, onde cada familia tem dividido com estacas a parte que serve de jazigo aos seus. Alli a enterrão, e sobre a sepultura lhe deitão o fuzo, a cuia, e outras cousas do seu uzo, e se he homem lhe deitão o arco, as flexas, o porrete, e lança, em fim as armas, e trastes de que uzava, e matão junto do cemiterio o cavallo em que o falecido foi levado, que he o melhor que elle possuio; e se em vida foi guerreiro, enfeitão-lhe as armas com flores e plumas de diversas cores, que todos os annos renovão. Mudão o nome todas as vezes que lhe morrem parente ou escravo, (2) e toda a parentella faz hum excessivo pranto: as molheres chorando e cantando (3) com voz lugubre repetem os passeios, os divertimentos, e os trabalhos em que juntos assistião. O que bem mostra ser o uzo das carpideiras geral entre povos incultos. Ellas à imitação dos Egypcios se privão dos melhores alimentos; não lavão o rosto e o corpo; não rapão a cabeça, nem se pintão até que os parentes, vendo a muita maceração, lhes pedem repetidas vezes queirão abandonar tanto sentimento; e com pouca differença fazem o mesmo pelos captivos.

O jargão do Guaycurú he a maior parte collocado, abundante em frazes, e nomes: as mulheres se explicão quasi sempre differentes dos homens, como por exemplo, para dizerem os homens – morreo, — dizem — *aleo*, — e as molheres — *gemá*: para dizerem vou para a minha terra, dizem elles

(2) Parece-me sem fundamento esta noticia.

(3) Aqui se contradiz o Author, porque antes dice que elles desconhecião a muzica.

Saragigoypilo, e ellas *Seragigoysi*: ao beber dizem os homens — *jaguipa*, — e as mulheres dizem — *jauca*: — elles para dizerem homem, dizem — *hulegre*, — e ellas — *aguina*. — Muitas couzas respondem no figurado. A pronuncia he mais gutural, que nazal: á proporção do que querem encarecer, carregão sobre a voz, e com as mãos e gestos acompanhão o discurso.

Em quanto o seo governo, mostra ter principio com as outras naçoens na infancia do mundo: nos primeiros tempos, cada pai era o natural Legislador da sua familia, e arbitro da pequena sociedade que lhe era sugeita, cujos interesses considerava como proprios do amor Paternal. Fez o tempo, que os filhos destes Guaycurús os condecorassem com o titulo de capitaens; e por independente que seja a sua authoridade, usão della com moderação: a necessidade, em que se vem de associarem os outros nos seus trabalhos domesticos, os obriga a não serem altivos com os seos, porém são guerreiros. Todos os annos sahem a matar os outros selvagens, e prender para cativos as mulheres, e crianças; a estas, que tem a necessidade de precizar de leite, e sem mãi, a mulher daquelle que as apanhou as cria em seos proprios peitos, ainda que seja de idade de mais de 50 annos, e nunca tenha criado. (4)

Os Guaycurús, são tão soberbos, que a todos os gentios confinantes tratão com desprezo, e elles de alguma sorte os respeitão: assim succede á nação Guaxi habitante das margens do rio Imbotatiú, com a nação Guana, que muitas vezes he maior que a dos seus opressores. Prezentemente vão conhecendo a superioridade do seo numero, e sacodindo o jugo tiranico, a que estavão sub-

(4) Isto dá indicios de pouco versado o author nos usos deste povo.

mettidos, tanto que no anno de 1793 no mez de Junho vierão ao Prezidio da nova Coimbra, pedir proteção aos Portuguezes, mais de trezentos conduzidos por hum sobrinho do chefe da sua nação, ao qual chamão capitão Guacû, que em lingoa geral quer dizer Grande. Este sobrinho do capitão Guacû, foi mandado com mais cinco á capital de Mato Grosso, aonde o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor General o mandou fardar á sua custa com farda encarnada agaloada de ouro, dar-lhe çapatos, fivelas de prata, botas, camizas de punhos, bastão, e outras couzas de valor, sustentando-o em seo palacio todo o tempo, que se demorou em Villa Boa. Depois disto continuão a vir a Coimbra independentes dos Guaycurús, os quaes tem nas suas Aldeias Indios de diversas naçoens, como são Goaxis, Quanás, Guatós, Cayvabas, Bororós, Ooroas, Cayapós, Xiquitos, e Xamococos. Esta nação, pela summa necessidade que tem, vende os filhos aos Guaycurús por machados e facas. A todas estas naçoens fazem os Guaycurús guerra cruel, e delles são temidos pela vantagem que tem nos cavallos e armas de que usão, a saber; os porretes, que he hum páo de 4 até 5 palmos de comprido, e huma polegada de diametro, a lança, que tem pouco maior grossura, e 18 palmos de comprimento incluida a choupa, o terçado, ou facão: estas duas armas ultimas tem sido tomadas aos Portuguezes e Hespanhoes, e algumas compradas a estes, que inadvertidamente lhas tem vendido, e o arco e flexas. De todas estas armas se servem quando andão de cavallo pela fórma seguinte: ata o Indio em volta do corpo huma corda, e com ella se cinge cada vez mais á proporção que lhe falta o alimento, e entre ella e o corpo prende o porrete no lado direito, o terçado e a faca no esquerdo; com a mão esquerda governa o cavallo por huma delgada corda, que traz atada na boca

do cavallo, no qual anda em pello (á maneira dos Numidas, ou Tartaros, de que segundo hum Author moderno descendem os selvagens da America) e com a mão direita menêa a lança, sendo que não usa della o que traz arco e flexa. Andando embarcados, o remo lhes serve de arma por ser apontado em ambas as extremidades. Todas as armas de páo, dizem elles, que antes de conhecerem o uso do ferro, cortavão com pedras, e lavravão com dentes de animaes; por sepilho lhes serve até hoje hum caracol, ao qual quebrão nas costas, e carregando na madeira a aliza admiravelmente.

Quando estão para sahir para a guerra, elegem ao capitão mais moço, que está em idade de tomar as armas para chefe, e os capitaens antigos os acompanhão como conselheiros: o seo maior ardil he a traição, para o que são destrissimos. No dia da partida sentado na sua pobre cama sem as ceremonias, que a vaidade inventou em similhantes actos, espera o adolescente por todos os que o hão de acompanhar, e cada hum de per si, segundo a sua graduação, vem render obediencia á mãi, e á nutrice daquelle, que he a primeira vez que sahe a similhantes emprezas. Com voz alta e entoada, e os olhos nadando em lagrimas, começão a repetir as acçoens famozas dos seos antepassados, exhortando a imitallos, e que antes morrão do que fujão.

Vejão agora se as matronas Romanas, se a Grega Arxilonide, ou Argelona, como lhe chama Plutarco, se D. Catharina de Vilhena armando os filhos para a restauração da Patria, mostrarão mais valor, que estas barbaras. Ellas fazem, a meo ver, maior sacrificio á honra em dezejarem antes a morte a seos filhos, do que sobrevivão á infamia, do que a mãi de Nero em querer que o filho reinasse ainda que disso se lhe originasse a morte. Quando os Indios Cavalleiros vão á guerra, e tem de

passarem por algum terreno occupado por povo parente ou amigo e alliado, mandão sete soldados adiante a darem parte da cauza delles por alli passarem, os quaes chegados á prezença do capitão amigo, fórmão-se em huma fileira, e o do centro, que he o mais abalizado, dá hum passo a frente, e voltando aos seos diz a cada hum; quero dar o recado dos nossos capitaens, e depois de todos lhe dizerem que dê, he que voltando-se ao chefe, encruzando os braços, com o rosto grave, dá a sua embaixada, e ouve, e dá resposta, que tambem fia dos companheiros: volta a elles e diz-lhes: já dei o recado: então se retirão. Na occasião do combate todos os que tem vestem huma camiza de pelle de onça, que lhes dá pelos joelhos, a qual julgão impenetravel a todas as armas offensivas, mesmo ás ballas. Em quanto dura o ataque, tocão algumas vezes huma grande buzina, e fazem grandes algazarras.

Em voltando da guerra, sahem as mulheres, e os cativos a encontrallos na estrada da Aldeia, tomão-lhes as armas, e as prezas; e se forão bem succedidos, fazem-lhe muitas festas. Ao rapaz, que prizionou, ou matou pela primeira vez, he obrigada a mãi a fazer maiores festas, e dar regalo aos outros; e por esta vez, todos se embriagão com huma especie de agoardente, que fazem do mel de abelhas, e agoa. Usavão os Samnites mandarem ler todos os annos em praça publica as boas acçoens, que os seos tinhão feito em favor da Patria: não sei julgar qual destes dous costumes anima mais a mocidade.

Corria a era de 1719, pouco mais, ou menos, quando os Guaycurûs se aliarão com os outros selvagens denominados Payagoas, os quaes podem-se ter por amphibios, pelo grande uso, que fazem das agoas, e pelo muito que nella são destros. Depois desta alliança he que os Cavalleiros

aprenderão o uso das canoas, que são de hum só tronco mal lavrado: juntos, fizerão nos commerciantes, que vinhão de S. Paulo para as Minas do Cuyabá embarcados em canoas, os estragos, que entro agora a referir, e descrever. Com accelerada pena, não contarei o modo, com que os Portuguezes forão sempre atacados, nem individuarei os particulares acontecimentos, porque as unicas lembranças, que encontrei destes successos, forão tirados dos Annaes da Camara da Villa de Cuyabá, onde se achão bastantemente informes, e me forão communicados pelo seo Doutor Juiz de Fora Manoel de Moura Cabral.

(*Continuar-se-ha.*)

Memoria sobre o Descobrimento, Governo População, e cousas mais notaveis da Capitania de Goyaz.

MEnos o amor da gloria, e o desejo de ser util, que o interesse proprio, e aquella ambição, que leva muitas vezes os homens por incalculaveis perigos ás mais arduas, e mais importantes emprezas, foi o motivo do descobrimento de Goyaz, huma das Capitanias do Dominio Portuguez, na extensão do Brasil, que menos tem aproveitado a sua situação vantajosa, e que tendo as melhores proporçoens para se engrandecer, e felicitar os seus Colonos, correo em menos de hum seculo do esplendor do seu principio para a crise da decadencia, seja por se desprezarem os meios mais proprios, e mais energicos de promover o seu augmento, seja, o que me parece mais provavel, por se ter enervado nos braços da ociosidade aquelle amor do trabalho, e patriotismo, que prefere ao interesse proprio o bem commum, aquella affouteza dos

primeiros Descobridores, que sem mais aprestos, que hum animo superior a todas as fadigas, quasi desprovidos de tudo, expostos á fome, ás feras, e ás naçoens selvagens entranharão-se por terras incognitas, até mostrarem aos olhos de Portugal, da Europa, e do Universo, as preciosidades desta porção do mundo novo por tantos seculos escondida ao conhecimento dos outros homens, que não fossem os mesmos barbaros nacionaes.

Entre todas as Capitanias Generaes do Estado do Brasil he huma das mais extensas, e das menos povoadas, sendo ao mesmo tempo a mais interior de todas. Situada entre 6°, e 22' de latitude, e 326, e 335 de longitude, estende-se de Norte a Sul muito mais de 300 legoas, contadas da nova situação, que se destina cabeça de Comarca, e Villa de S. João das duas Barras na margem do rio Araguaya, até o Registro, e Passagem do rio Grande na estrada do Cuiabá: abrangendo de Leste a Oeste longo espaço de terreno inculto, só trilhado de feras, e de Naçoens brutas. Está no centro das Capitanias do Gram Pará, Bahia, Pernambuco, São Paulo, Geraes, e Cuiabá, com as quaes se communica, e em differentes pontos confina. O seu clima he saudavel, á excepção de alguns lugares paludosos, e visinhos de rios, que na sua enchente arrastrão os despojos das arvores, e muitas impurezas, que arrojadas á margem, e corrompidas inficionão o ar: não se sentem nelle os rigores do Inverno, e as maiores calmas são modificadas por brandas viraçoens: o seu terreno em partes montanhoso, em partes plano abunda de matas, e de campinas: onde se cultiva, he sobre maneira fertil; produz com facilidade a vinha, o assucar, café, algodão, trigo, e todo o genero de grão, que se lhe planta. Tem montes ricos de ouro ainda intactos, minas preciosas só lavradas na superficie da terra, rios piscosos, e que se podem navegar, sa-

nas, que mal se aproveitão: he finalmente toda a Capitania cortada da mesma cordilheira de Serras, que erguendo-se na costa do mar Brasilico, depois de atravessar com differentes nomes outras Provincias, entra por esta, e dominando sobre todas as terras do contorno, no lugar dos Perineos, junto ao Arraial de Meia Ponte, desentranha os rios, que vão ao Paraguay, Gram Pará, e Sertoens do rio de S. Francisco: corre a Mato Grosso, entra pelos Dominios Hespanhoes, e se inclina para o mar pacifico: cordilheira estimavel, onde se tem descoberto, e nas suas visinhanças, a mais consideravel riqueza de diamantes, ouro, prata, e outras preciosidades do Brasil.

DESCOBRIMENTO.

ASsim como, mais, ou menos abundantes, os rebanhos de gado, que derão o nome á primeira moeda, forão a primitiva riqueza do Universo; desde o descobrimento do Brasil a sua riqueza se considerou consistir no maior numero de escravos; pois só com estes he que se fazem ainda hoje todos os serviços uteis da Lavoura, e Mineração. Os habitantes da recente Capitania de S. Vicente, hoje incluida na de S. Paulo, sendo este o modo mais facil de locupletar-se (por não ter ainda o commercio da Africa abastecido, ou inficionado de escravos pretos as Capitanias do Brasil), abusando dos santos fins da Lei, que só permittia o captiveiro dos Indios tomados em justa guerra, e em certos casos expressos, a pretexto de rebater a sua natural ferocidade, conter hostilidades, e de os trazer ao gremio da Santa Igreja, entrarão a penetrar os mais desconhecidos sertoens com o particular designio de os captivar. Consta por tradição antiga, que Manoel Correia foi o primeiro, que ambicioso deste lucro chegou até o lugar dos famigerados Araés

desta Capitania, a que depois o Gentio Goyá, habitante no lugar da maior riqueza, fez dar o nome, que ainda conserva, de Goyaz: e nem o ouro acaso encontrado, e extrahido sem industria, que na Villa de Sorocaba offereceu em Donativo para a Corôa da Imagem da Senhora do Pilar, foi o principal motivo das suas fadigas, bem que depois com o seu esplendor captivou os animos dos que em tropel vierão a formar esta nova Colonia. Outros se empregarão no mesmo exercicio, tendo em vista menos descobrir o terreno, e contemplar as suas maravilhas, que locupletar-se com este trafico odioso, que as circunstancias então toleravão. Traspassavão os justos fins da Lei, illudião, ou surprehendião os selvagens, e depois de captivos com manha, ou á força, os conduzião, como em triunfo, ás povoaçoens visinhas do mar, onde os vendião, ou os empregavão no cultivo das terras, e todos os ministerios servís, havendo casa em São Paulo, que chegou a contar 600, e ainda mais destes miseraveis escravos.

Entre os aventureiros desta especie se distinguio Bartholomeu Bueno da Silva, natural da Villa de Parnaiba, que os seus conterraneos contão entre os seus heróes. Este homem naturalmente afouto, astucioso, e avezado a trabalhos desta natureza, a quem o Gentio deo o nome de Anhanguera, que conservão os seus descendentes, e que na lingoagem do Paiz quer dizer — Diabo velho — pelo estratagema de accender agua ardente em huma vasilha, com ameaça de abrazar todos os rios, e todos os Indios, que se lhe não rendessem, seguido de hum filho do mesmo nome, de idade de doze annos (que veio a ser o Descobridor desta Capitania) e outros aggregados, chegou pouco mais, ou menos em 1682 ao domicilio do pacifico Gentio Goyá, que agora habitamos: e demorando-se algum tempo no meio das suas correrias, que com-

prehenderão grande parte destes Sertoens a plantar roça, que melhorasse a sua sustentação, reconheceo a riqueza do lugar, vendo folhetas de ouro bruto pendentes ao colo das Indias: e com esta certeza, confirmada de algumas indagaçoens, regressou ao seu Paiz natal, seguido da numerosa presa, que tinha feito, a utilizar-se do fructo dos seus trabalhos.

Outros da mesma Capitania de S. Paulo pelos mesmos motivos já se tinhão arrojado a huma navegação penosa, e desconhecida, de perto de seiscentas legoas, descendo por huns, e sobindo por outros rios, despenhando-se por caxoeiras, varando algumas vezes por terra, conduzindo á força de braços de huma para outra parte os vasos do seu transporte, que erão canoas, e todo o seu trem, até descobrirem com insano trabalho Cuyabá, Mato Grosso, e as suas preciosas minas. O ouro (descoberto primeiramente em Piauhy, Parnapanema, e Jeraguá, pertencentes a S. Paulo, depois em Geraes) começou a fazer a sua importancia: a estimação, que tinha, a gloria dos que o descobrirão, e mais que tudo a recompensa, que affiançava o Throno, e já tinha conseguido Manoel da Silva Velho, Capitão Mór de Taboaté, e Provedor dos Quintos desta Villa, nomeado por Sebastião Paes de Sande, que governava o Rio de Janeiro, em remuneração de ter descoberto algum ouro, ainda que pouco, eisaqui os estimulos, que excitarão a muitos, e que tocarão o animo de Bartholomeu Bueno da Silva, filho do primeiro, em quem fallamos (quando voltava das Geraes, e da deligencia de descobrir a casa da casca por morte de Antonio Rodrigues Arzão) para manifestar o que tinha presenciado em companhia de seu Pai; e com effeito procurou para este fim o Senhor Rodrigo Cezar de Menezes, Governador de S. Paulo, que dando conta a Sua Magestade o Senhor D. João V, ag-

provou esta resolução, mandando que se consignassem em seu Real Nome os premios, que receberia o Descobridor, no caso de realizar, o que promettia: e no anno seguinte, como se infere do Regimento dado pelo mesmo Governador, registrado na Secretaria do Governo a fol. 4 do livro 4, apromptou-se, como pôde, cheio de esperança, e animado de louvores, para entrár na empreza, que tinha premeditado.

Mas não bastando para tanto as suas possibilidades, que erão poucas, convidou para companheiro dos seus trabalhos, e da sua gloria João Leite da Silva Hortiz, seu genro, e associados com huma comitiva de duzentas pessoas, trazendo dous Religiosos de S. Bento, e S. Francisco, Fr. George, e Fr. Cosme, para lhes ministrar os soccorros espirituaes, com alguns artifices, com armas de fogo, quarenta cavallos, entrarão pelo Sertão em dias depois de Paschoa, e não tendo outra bussola, que a sua vista, e a eminencia dos montes, estando de alguma sorte apagadas as idéas, que tinha adquirido do Paiz, vagando por huma, e outra parte em dilatado giro, depois da incommoda marcha de muito tempo, chegou, e a sua comitiva, ao Ribeirão, que se chama hoje de Meia Ponte, (1) nas visinhanças do Arraial do Bomfim: daqui procurou a Bocaina velha, da parte de Anicuns, onde seu Pai tinha feito roça, e demorando-se algum tempo a plantar, continuou depois a examinar a Campanha visinha, que he vasta; mas perdendo o Norte, voltejando não muito longe do lugar, que demandava, foi ter perdido a hum rio, que chamou de Piloens, ou por fabricarem aqui os seus companheiros estes instrumentos, para facilitarem a sua grosseira sustentação, ou por se acharem ainda hoje no rio Claro algumas pedras concavas com a mesma configuração.

Reconhecendo o engano, em que estava, e

descobrindo por algumas provas ouro neste lugar, João Leite da Silva Hortiz intentou formar alguma especie de estabelecimento, porém constante Bueno, longe de annuir a esta pertenção, affirmou não ser aquelle o lugar, que tinha promettido descobrir: e depois de algumas contestaçoens marcharão para a parte do Oeste, onde falsamente julgava Bueno ficar o terreno, que procurava. Continuando a marcha de muitos dias (2) encontrarão hum rio, que das tristes circunstancias, em que estavão, chamarão da Perdição. Este entra em outro maior, e seguindo a sua correnteza encontrarão hum braço similhante ao primeiro, que do seu fundo chamarão das Arêas: adiante mais descobrirão terceiro braço com optima formação, e sucavando-o descobrirão copia de ouro, que lhe fez dar o nome de rio Rico, que ainda hoje he famoso nos Roteiros antigos, porém incognito, por não chegarem ao fim algumas expediçoens, que, para o descobrir, se tentarão.

A intriga, e desigualdade de sentimentos, que desordenão quasi sempre os mais bem concebidos projectos, começarão a influir nos coraçoens. Queria Bueno, succumbido de tantas fadigas, fazer alto naquelle lugar: não annuia o capricho de Hortiz, em desforço da sua pertenção frustrada de ficar no rio de Piloens, e chegarão a ponto de tomar armas hum contra outro, sendo necessaria toda a prudencia dos religiosos e das pessoas mais sensatas para conter, e pacificar huns homens, de quem a desesperação chegava a furor desatinado. Cedeo em fim Bartholomeu Bueno, e retrocedeo com toda a comitiva a procurar ainda o sitio de Goyaz, que lhe parecia fugir ás suas deligencias; mas atravessando as suas vizinhanças, sem as conhecer, procurando os primeiros arranchamentos, onde tinha plantado, traspassou todo o cordão de Matto Grosso, (3) e se alongou até o rio Para-

ná, (4) onde de todo se julgou perdido, vendo vestigios de gado, que se conheceo depois terse trasmalhado das margens do rio de S. Francisco, já então povoadas de Paulistas, que se tinhão retirado das Geraes: (5) chegou até o lugar chamado agora Arraial de S. Felis, e aqui prevaleceo a tudo a intriga, ou a desesperação: tumultuarão fazendo partidos os companheiros, e não bastou para os conter a authoridade, de que Bueno estava munido: huns em balsas, que fabricarão, descerão pelo rio, e forão ter ao Gram Pará, onde se diz, que forão prezos, até se conhecer o motivo da sua viagem, outros se ausentarão fugitivamente, e ficou o Descobridor na extremidade de não poder continuar nas suas deligencias.

Tinhão-se inutilmente consumido tres annos: tinha visto os seos companheiros, parte nas mãos dos barbaros, parte nas garras das feras exhalar a vida: tinha perdido vinte dos seus escravos; cançado de calamidades, desprovido de gente, e do necessario, que podia Bueno fazer? Voltou sobre os mesmos passos até o Ribeirão do Cabrinha em distancia de 4 legoas do lugar da Villa, e sem ter conservado mais que 30 oitavas de ouro, seguio com os poucos, que restavão, para S. Paulo, onde envergonhado se escondeu á vista do Governador, que conhecendo o seu espirito, e fidelidade, o procurou, animando-o a proseguir n'huma empreza, que interessava tanto á sua gloria.

A lembrança dos trabalhos, e das fadigas não diminuío a constancia de Bartholomeu Bueno: logo que se vio reforçado do que lhe foi possivel, e soccorrido do Governador com hum sequito não inferior ao da primeira expedição, sem o conter o peso de mais de 50 annos, entrou de novo em 1726, trazendo em sua companhia o Padre Antonio de Oliveira Gago, o Engenheiro Manoel de Barros, Manoel Pinto Guedes, e outros, associado da mes-

ma sorte com seu genro Hortiz: e depois de seis mezes de marcha mais bem dirigida, ainda que com muitos rodeios, chegou ás vizinhanças do terreno dos seus desejos, e das suas esperanças.

Aqui diversificão os monumentos, que pôde conseguir a minha diligencia: huns tem, que chegou á planicie do Ouro fino, e poucos dias depois delle Antonio Ferraz de Araujo, que em S. Paulo contrariou esta segunda entrada, e que este foi empregado por Bueno em examinar aquelle contorno, até descobrir o lugar de antigas roças, o que conseguio depois de sete dias de deligencia: outros affirmão ter chegado Bueno a huma bocaina, que dista do lugar de Villa Boa 2½ legoas, onde o achado de huma caimba de freio já corroida do tempo, e alguns vestigios mais o convencerão de estar em lugar trilhado por outros, que não fossem os nacionaes, e que mandando alguns dos companheiros na deligencia de caça, e de mel, que fazião huma grande parte do seu sustento, apprehenderão dous Indios idosos, de nação Goyá, que trazidos, e perguntados do modo possivel, mostrarão o lugar do Arraial do Ferreiro, em que se formou o primeiro arranchamento, Como quer que seja, aqui se preencherão os fins do Anhanguera, chegou á meta dos seus trabalhos, vio, e venceu. Naquelle mesmo lugar, em que quarenta annos antes tinha estado em companhia de seu Pai, formou huma especie de povoação; e posto que se não achem escritos authenticos, que abonem este facto, existe a tradição, que nos chegou, e he confirmada por pessoas veridicas, que ouvirão de viva voz a Urbano de Couto, socio desta expedição, falecido no Corrego de Jeraguá em 1772.

Feitas as demonstraçoens possiveis de alegria, passou Bueno a fazer novo arranchamento sobre os vestigios do antigo de seu Pai junto ao rio Vermelho, no lugar das casas de Manoel Pires Neves,

hoje do Padre Lucas (este o principio do Arraial de Santa Anna, e de Villa Boa) e entrando em exames descobrio muito ouro no lugar da Ponte do meio, chamada a do Telles, e consta que entre outras, só em huma bateada de terra extrahio meia libra, e que ainda encontrou maior grandeza no lugar do Batatal entre Ouro Fino, e Ferreiro (hoje lavras do Capitão Passos), onde sem custo fazia cada trabalhador o jornal de 4, e 5 oitavas por dia, e que depois destas indagaçoens voltou a S. Paulo a dar conta dos seus trabalhos, levando, como he constante, para mostra 8:000 oitavas de ouro, annunciando ao Governador mais cinco Corregos, em que tinha descoberto abundancia deste metal, como se vê da conta dada a Sua Magestade no anno de 1726, que está registrada nos livros daquella Secretaria.

Voltou Bueno a Goyaz com o titulo de Capitão Mór Regente com a promessa do Rendimento das passagens dos rios; munido de jurisdicção, que lhe conferio o Governador, e muitos privilegios, e entre elles o de conferir Sesmarias, que se collige da Ordem Regia de 14 de Março de 1731, registada no Livro 1.º da Ouvedoria a fol. 181, em que se manda a todos, os que estão empossados de terras a este titulo, requeirão a sua confirmação no prefixo tempo de dous annos.

Continuou na mesma deligencia, e ao mesmo tempo para proseguir mais livremente, cuidou em pacificar os Gentios Goyaz, que circulavão o lugar descoberto; porém estes, temendo os ferros da escravidão, que se lhes preparavão, quizerão resistir, e se fizerão fortes no lugar, onde o rio Vermelho se encorpora com o dos Bugres; prevaleceu comtudo o estratagema do Capitão Mór Regente, que lhes prendeu as mulheres, e prendendo-as triunfou, e os fez mostrar os lugares, em que tinhão achado as folhetas de ouro, que servião de adorno ás suas mulheres.

Adiantou-se na mesma pertenção de descobrir, e extrahir ouro até o lugar, onde formou o Arraial da Barra, e erigio alli a primeira Casa de Oração, depois de descobrir minas riquissimas. Soou ao longe a noticia desta grandeza, e a Fama ainda lhe deu os accrescimos, que costuma: correrão das outras Capitanias os homens, e em menos de dous annos era immenso o povo, que se tinha ajuntado: revezavão-se as tropas de viveres, e de fazendas, e não bastavão. He verdade, que podemos chamar a este tempo a idade de ouro de Goyaz; mas desde então começarão a evaporar-se as suas grandezas. O ouro fugio do seu centro, e não tornou: com a mesma facilidade, com que se adquiria, se lhe dava consummo, e sem fallar no luxo desregrado, que veio depois a consumar a decadencia, em quanto se não povoou o caminho de S. Paulo, o unico, que então havia, em quanto a Agricoltura imperfeita ainda hoje não ministrou mantimentos, as cousas mais necessarias para a vida se vendião a peso de ouro, chegando a custar o alqueire de milho 6, e 7 oitavas, e de farinha 10; o primeiro porco, que appareceu 80, a primeira vaca de leite 2 libras de ouro, e tudo o mais á proporção.

Comtudo concorrião cada vez mais os homens: os primeiros, que entrarão, os que vierão ao depois, alongarão-se a fazer novas observaçoens, e forão povoando o terreno: a nação Goyá fugio aos seus perseguidores; morrerão huns, alongarão-se outros, extinguirão-se, e já não existem. Os habitantes de Minas Geraes, de Cuaiabá, de Pernambuco, e Bahia abrirão por Sertoens incultos estradas para a communicação: o ouro animava a emprehender tudo; tinha feito fundar o Arraial da Barra, de Santa Cruz, de Meia Ponte, tinha levado os homens a Crixá, Natividade, e Pontal por meio de incommodos, e de naçoens ferozes: e a quanto não obriga a sede de ouro! No entanto Barthol-

meu Bueno da Silva, debaixo das ordens do Governador de S Paulo, reconcentrava todas as jurisdicçoens, e não podendo só conter os homens em grande parte immoraes, e turbulentos (6), fez Commandante no Araial de Santa Anna, Antonio Ferraz de Araujo, em quanto rezidia nas suas Lavras do Arraial da Barra; mas tendo este novo Commandante hum genio inflamado, motivou no povo algumas perturbaçoens, que exigirão a presença do Descobridor, que veio a fixar a sua residencia no lugar, onde agora está fundada a Capella de Nossa Senhora da Boa Morte.

João Leite da Silva Hortiz, já condecorado com o titulo de Guarda Mór Geral das minas de Goyaz, voltou a S. Paulo a requerer a remuneração dos seus serviços, e de seu sogro Bueno, e a realidade das promessas, que lhe tinhão sido affiançadas com o Augusto Nome de Sua Magestade, mas nada pôde conseguir, tendo já succedido no Governo o Senhor Antonio da Silva Caldeira Pimentel. Com este desengano voltou a Goyaz, e se aprompton para levar pessoalmente os seus requerimentos aos Pés do Trono, e a este fim se entranhou pelos Sertoens, acompanhado de Francisco Bueno da Silva, seu Cunhado, e descendo pelas margens do rio de S. Francisco, passando da Bahia a Pernambuco, onde intentava embarcar, dizendo em toda a parte na sua viagem (como lhe ouvio o Capitão Francisco Pereira Pinto, que a este tempo vinha para Goyaz) que se destinava a manifestar novos, e mais preciosos descobertos de Ouro, que tinha encontrado; mas tudo se frustrou adoecendo, talvez de tantas fadigas; e he de notar, que levando, como he constante, duas arrobas de ouro extrahidas do novo rio Vermelho, por seu falecimento em Pernambuco, nada se lhe achou: seu companheiro, e Cunhado, ainda que chegou a Lisboa, faleceu, sem conseguir a sua pertenção. E assim se

perdeu a noticia dos Descobrimentos, que tinha feito, e não tinha revelado, e a certeza do lugar das correntes, (7) que affirmão ser preciosissimo.

Continuava o Capitão Mór a exercitar a sua jurisdicção com toda a plenitude de poderes, até que paulatinamente se lhe foi coarctando, primeiramente com a chegada do Ouvidor de S. Paulo, Gregorio Dias da Silva, que veio com o titulo de Superintendente, e arrogou mais jurisdicção, do que lhe competia: depois com a vinda do Senhor Conde de Sarzedas, que nomeou hum Commandante, que foi o Capitão de Dragoens José de Moraes Cabral: com tudo conservou o nome de Capitão Mór Regente, Guarda Mór Geral, e foi sempre respeitado, mantendo huma correspondencia effectiva, e honrosa com os Governadores do seu tempo; e nem mesmo, quando por demasiadas profusoens se diminuirão as suas ordens, e direcção, fez sahir o seu genro Domingos Rodrigues do Prado a fazer exploraçoens no terreno de Crixaz, mandando depois huma escolta insinuada por elle a descobrir o rio de Piloens, em que tinha estado perdido. Porém esta, correndo pela parte do Norte a grande Serra, que Bueno tinha costeado de Leste a Oeste da parte do Sul, em distancia de vinte legoas, encontrou o rio, que chamarão Piloens, ainda que por averiguaçoens muito posteriores se conheceu ser outro rio chamado a Fartura, e então se assentou ser o rio Claro, o verdadeiro rio de Piloens noticiado pelo Descobridor; porém isto he huma conjectura: neste lugar se descobrio ouro, e em pouco tempo se erigio hum opulento Arraial com o nome de Bom Fim, que se despovoou logo pelas invasoens do Cayapó, e pela prohibição dos Diamantes, que se descobrirão, chegando a patrulhar naquelle continente, para atalhar os estravios, a companhia de Dragoens de Capitão, Tenente, e Alferes, e juntamente toda a companhia de Pedestres,

Mas ainda restava, para vencer, hum obstaculo, que se oppunha ao augmento da população, que era a furia dos Cayapós da parte do Sul, e do Norte os Chavantes, Acroás, e Chacriabás, que a cada passo fazião roubos, incendios, e mortes, ou por sua congenita ferocidade, ou em vingança dos primeiros Sertanistas, que entrarão nas suas aldeias, cobrirão os campos de cadaveres, conduzindo, como em triunfo, empacotadas as orelhas do grande numero, que tinhão morto, que mostravão com prazer, e com vangloria. Sua Magestade tinha providenciado a este respeito, mandando empregar os meios da brandura, determinando se assistisse pelo rendimento dos Dizimos aos Missionarios da Companhia, que promovessem a sua civilisação: tinha mandado, que se introduzissem entre elles Missionarios sem attenção a alguma despeza, como se vê das ordens registradas nesta Provedoria: tinha feito devassar, e proceder contra João Leme, e outros pelas barbaridades praticadas com elles, mas nada bastou, e foi preciso declarar-lhes guerra, que se poz em praça por ordem de 23 de Maio de 1744, mandando depois por Provisão de 8 de Maio de 1746, que se ajustasse a guerra contra o Cayapó, e Acroá, que se fazia inevitavel, com Antonio Pires Camargo, ou outro capaz de a fazer com promessa de Habito de Christo com 60$ reis de tença, e a Propriedade vitalicia de Escrivão da Ouvedoria, em que se encartou hum descendente do Capitão Mór João de Godoy, Manoel Affonso, mas não se aproveitou, por morrer cego pouco depois de tomar posse por seu Procurador, Luiz Henriques da Silva.

Cheio de dias o Capitão Mór Regente, Bartholomeu Bueno da Silva, pagou á natureza o tributo, que lhe devia; e chegou ao fim da sua carreira a 19 de Setembro de 1740, e posto que ao principio em companhia de seu Pai entrou por es-

tes Sertoens, e girou como hum aventureiro, tornou-se hum Cidadão util, fez assignalados serviços ao Estado: a elle, ás suas fadigas, e sobre tudo á sua constancia he, que se deve o vantajoso descobrimento de Goyaz: e he de admirar, que o Descobridor de tanta riqueza, que possuio as melhores lavras, que extrahio grossas sommas na primitiva abundancia, cahio por demasiada franqueza em decadencia tal, que para sua subsistencia conseguio do Senhor D. Luiz Mascarenhas, a titulo de remuneração, huma arroba de ouro da Real Fazenda, e não sendo approvada esta despesa, para a restituir, depois de a ter despendido, foi preciso despojar-se das joias de sua mulher, casas, e escravos, que forão rematados, ficando ainda mais pobre, que antes de receber aquelle subsidio. Com tudo obteve a graça das Passagens, de que já se não utilizou, renunciando por sua morte em verba de testamento esta mercê em seu filho o Coronel Bartholomeu Bueno da Silva, que não podendo obter o seu encarte do Senhor D. Marcos de Noronha, se dirigio á Corte, e mereceu a piedade da Senhora Rainha D. Marianna d'Austria, que lhe mandou dar vinte mil crusados de ajuda de custo, e conseguio por tres vidas o rendimento das passagens do Rio Grande, das Velhas, Corumbá, Jaguarimirim, e Atibaya, de que se empossou em virtude da Carta Regia de 18 de Maio de 1746, reservando-se as outras passagens para os descendentes de Hortiz, e destes só existia Estevão Rapozo Bocarro, que faleceu sem successão. Mas sem se acautelar este primeiro Donatario com os exemplos domesticos, fez no seu regresso largas despesas, conduzindo comsigo consideravel comitiva, trazendo oito peças de Artilharia para horrorizar o Cayapó, (de que duas ainda servem nesta Villa) differentes Officiaes, para fabricarem quarteis, e barcas, sessenta escravos, que vestidos, e armados

emportarão naquelle tempo em S. Paulo 60$ cruzados, que ficou devendo, e não pôde pagar. Por seu falecimento forão estes rendimentos para a Coroa, até que seu filho Bartholomeu Bueno de Campos Leme e Gusmão conseguio o seu encarte por Carta Regia de 27 de Julho de 1784, e por sua morte, depois de estarem em arrendamento por conta da Real Fazenda, seu filho, bisneto do Descobridor, que se assigna Bartholomeu Bueno da Camara Leme e Gusmão, se acha na Corte do Rio de Janeiro a requerimentos, para confirmação desta graça, sendo o ultimo, a quem foi concedida.

Governo.

AInda que com pouca reflexão algumas pessoas chamão a Bueno o primeiro Governador de Goyaz, comtudo este terreno desde o principio se considerou como huma Provincia do Governo de S. Paulo, commandada por elle debaixo das ordens daquelle Governador, ainda que em attenção aos seus serviços, e em razão da distancia autorisado para providenciar nos casos occorrentes; nem obsta o titulo de Capitão Mór Regente, que tambem tiverão no Arraial de Meia Ponte Agostinho de Azevedo e Albuquerque, e Clemente Simoens da Cunha, como se vê no registro das suas Patentes no liv. 3 da Camara a fol. 171, porque o tempo assim o permittia, e em quasi todos os Arraiaes descobertos erão nomeados: e sem duvida da Capitania de São Paulo dimanarão as primeiras ordens, foi enviado o primeiro Ministro, a primeira guarnição Militar, e os mesmos Governadores vierão exercitar aqui a sua jurisdicção até o tempo, em que foi desmembrada esta Capitania por Alvará de 8 de Novembro de 1744, estabelecendo-se as dimensoens feitas pelo Senhor Gomes Freire, sendo o primeiro Governador privativo de Goyaz o Senhor D. Marcos

de Noronha, Ex Governador de Pernambuco, continuando com independencia do Governo de S. Paulo os seus successores, como vou a mostrar com a possivel ordem.

Governadores de Goyaz.

1.º O Senhor Rodrigo Cezar de Menezes foi o primeiro Governador de S. Paulo, que governou a Goyaz desde o seu Descobrimento até o anno de 1728.

2.º O Senhor Antonio da Silva Caldeira Pimentel tomou posse do Governo de S. Paulo em Abril de 1729, e governou a Goyaz até 19 de Agosto de 1732. No seu tempo, que foi o da infancia de Goyaz, nada encontro memoravel. O seu governo, pouco mais ou menos, foi de tres annos, e cinco mezes.

3.º O Senhor Conde de Sarzedas D. Antonio Luiz de Tavora tomou posse do Governo de S. Paulo em 19 de Agosto de 1732.

Fez destacar da Villa de Santos para Goyaz huma companhia de Infanteria, de que o Capitão na sua retirada foi morto de hum tiro no sitio do Catallão: á sua instancia veio succeder a esta huma companhia de Dragoens de Minas Geraes, commandada pelo Capitão José de Moraes Cabral, que estiverão á soldo da Provedoria de Santos, emquanto não foi estabelecida a de Goyaz.

Tendo Ordem Regia, para crear huma Villa, dirigio-se a Goyaz, chegou ao Arraial de Meia Ponte, trazendo em sua companhia o Tenente General Luiz Antonio de Sá Queiroga, o Ajudante Tenente Antonio da Silva e Mota, e o Secretario Antonio da Silva, e Almeida.

Em 4 de Fevereiro de 1737 fez neste Arraial huma Junta, em que deliberou sobre a regularidade dos pagamentos da Capitação, e censo, porque

se pagou annualmente de cada escravo 4 oitavas e 3 quartos, de cada loja, Botica, e Córte grande 60; de cada huma das medianas 30; das pequenas 15; de cada venda 20; cada mestre de Officio 8; cada Official 5. Determinando Sua Magestade, por Carta de 22 de Março de 1734, que aos Governadores, Ministros Seculares, e Ecclesiasticos, Pessoas Ecclesiasticas, e Officiaes de Guerra se lhes entregasse annualmente a importancia da matricula dos escravos, que lhe fossem necessarios para o seu uso domestico, para ninguem ficar isento da Capitação, e não sentirem o peso do Imposto as pessoas referidas: o que tudo foi ao depois regulado pelo systema de Minas Geraes por Ordem de 21 de Julho de 1739.

Tratou ao mesmo tempo da situação da Villa, que alguns quizerão fosse no Arraial de Meia Ponte: e determinou á instancia do Superintendente, Agostinho Telles Pacheco, que se nomeassem em cada hum dos Arraiaes dous Juizes Ordinarios annuaes, e Tabellião, Alcaide, e Porteiro, o que foi confirmado por Ordem de 31 de Outubro de 1739.

Dirigio-se daqui ás novas povoaçoens do Norte a pacificar algumas perturbaçoens, que se tinhão suscitado no Descoberto de Carlos Marinho (S. Felis), de que o Governador do Maranhão disputava a posse, tirando-se devassas, e criminando-se de desobediencia por huma, e outra parte, até o ponto de haverem mortes, em quanto por Ordem de 31 de Maio de 1736 se não declarou pertencer a Goyaz este descobrimento, restituindo á liberdade os criminosos de huma, e outra jurisdicção.

Nesta viagem adoeceo gravemente, e falleceo. Sua Magestade em attenção á despesa, que fez, lhe concedeo a ajuda de custo de 12$ cruzados, que receberão nesta Provedoria os Procuradores da Sua Excellentissima Consorte. O seu Tenente General teve a Ajuda de Custo de 800$000 réis,

e Ajudante, Tenente, e Secretario 600$000 réis, cada hum, que forão pagas.

Não me consta de certo o dia do seu fallecimento: foi sepultado na Igreja do Arraial de Trahiras, e os seus ossos forão depois trasladados por hum Religioso Trino de Lisboa ao jazigo de seus Maiores.

4.º O Senhor Dom Luis de Mascarenhas succedeo no Governo de S. Paulo, e me não consta o dia da sua posse; porém encaminhou-se a Goyaz com grande comitiva de Officiaes Militares em 25 de Julho de 1739; demarcou o lugar da Villa, que veio crear, a que chamou Villa Bôa de Goyaz em attenção a Bueno, seu Descobridor, e ao gentio Goyá; fez erigir o Pilourinho, designou o lugar da Praça, da Matriz, da Camara, da Cadeia, e dos edificios principaes, e não se dedignou de pegar na ponta da corda, e servir de pião, para se marcarem os logradouros publicos: estabeleceo o Senado, e escreveo ao Superintendente, Agostinho Pacheco Telles para eleger dous Vereadores, e Procurador do Conselho, os quaes forão eleitos, e tomarão juramento, fazendo a sua primeira Vereança no 1.º de Agosto de 1739. O que tudo se fez em conformidade da Ordem Regia expedida ao Senhor Conde de Sarzedas, de 11 de Fevereiro de 1736, que, posto que tinha desapparecido o Livro do seu Registo da Camara, tive a felicidade de encontrar huma Certidão authentica extrahida do mesmo, que declara todo o referido.

Teve o seu Quartel General nas cazas hoje rezidencia do Major Seixo. Promoveo os Descobrimentos, e por sua ordem se fizerão exploraçoens na Serra Dourada, em distancia de quatro legoas da Villa, onde se descobrio muito ouro, e teve a sua rezidencia por alguns mezes.

Fez huma expedição a descobrir o Rio Rico, e os Araés, de que já fallamos, commandadas por

João da Veiga Bueno, e Amaro Leite, que por informaçoens dadas pelo Descobridor da Capitania, marcharão ao Sudoeste até o Rio Cayapó, em que descobrirão ouro, e aqui, não sei porque motivo, se deshouverão os Commandantes. João da Veiga se meteo ao Sertão, e Amaro Leite desceo em canôas, que fez, pelo Rio Grande, guiado por dous Indios Araés, até a Barra do Rio, a que as muitas enfermidades, que soffrerão os de outra expedição, fez dar o nome de Rio das Mortes, e já destroçado, subindo pela sua correnteza, descobrio ouro em pedreiras, e se demorou, ainda que os guias lhe affirmavão serem os Araés muito mais abaixo. Daqui pedio soccorro a Goyaz, e não teve resposta. Recorreo a Cuyabá, e pouco recebeo, e com tudo a este titulo lhe ficou pertencendo este descobrimento feito por esta Capitania, ainda que o Vigario da Anta se empossou primeiro, e em quanto houve ouro continuou a fazer as desobrigaçoens Quaresmaes. Amaro Leite deixando o seu nome a este lugar morreo pobre em 1768, morrerão os guias, e ficou incompleta esta expedição. (*)

Girou toda a Capitania, e assistio pessoalmente aos Descobrimentos de Arraias, Conceição, Cavalcante, que derão immenso ouro.

(*) Neste lugar se formou o Arraial de Amaro Leite dos Araés, que foi rico, ainda que o seu ouro foi de muito baixo toque. O Capitão Thomaz de Souza o examinou muito depois, e ainda vio 11 pedreiras, que tinhão dado muito ouro; e hum veieiro de cristal, em que se fizerão jornaes de 6 oitavas por dia, affirmando-lhe alli o Alferes José Pereira da Silva ter encontrado no papo de algumas perdizes granites de ouro de pezo de huma oitava, e menos, pelo que suppunha haver algum campo rico, que ainda se não examinou.

Occorreo ás desordens do Descobrimento da Natividade, em que se innovarão as pertençoens do Governador do Maranhão, que chegou a nomear Intendente, Guarda-Mor, e Officiaes para estas minas, até que Sua Magestade declarou serem da competencia de Goyaz, e lhe ficarem pertencendo os descobrimentos, que se seguissem, por Provisão de 24 de Maio de 1740, registrada no Liv. 1.º da Ouvedoria a fl. 273.

Creou duas Companhias de Pedestres com o titulo de Aventureiros, que depois se reduzirão a huma, que Sua Magestade approvou, e mandou conservar, em quanto fosse precisa, por Ordem de 26 de Março de 1743.

Depois de tres annos se recolheo a S. Paulo, deixando instrucçoens ao Ouvidor Manoel Antunes da Fonceca, que estão registradas a fl. 67 do Liv. 4.º da Secretaria.

No seu tempo a rogo da Camara veio de Cuyabá acompanhado de 500 Bororós o Coronel Antonio Pires de Campos, a desinfestar do Caiapó este terreno, pelo ajuste de huma arroba de ouro, que foi tirada do povo a meia pataca por cabeça de cada escravo, e rendeo a primeira, e segunda matricula desta contribuição voluntaria, como consta do Liv. 1.º do Registro da Camara a fl. 74, 4357 oitavas e 54 grãos de ouro, de que as sobras se applicarão para a obra da Matriz. Consta, que fez barbaridades espantosas, e grande mortandade, chegando até a Aldeia grande do Caiapó, que dizem fica na visinhança de Camapuan, em que não se animou a entrar, por serem innumeraveis os seus habitantes; mas allivicu de alguma sorte o povo, e tornou mais praticavel o caminho de S. Paulo, fundando as Aldeias de Santa Anna, Rio das Pedras, e Lanhoso, que forão ao principio povoadas de Bororós; e recebeo por este serviço, além do preço estipulado, a titulo de emprestimo, da Provedoria

800 oitavas, cuja despeza Sua Magestade approvou por Ordem de 9 de Dezembro de 1750. O Capitão Mór João de Godoy Pinto da Silveira succedeu na mesma diligencia com as mesmas promessas, porém não resultou das suas entradas mais utilidade, que a preza de 100 Tapirapez, que todos morrerão, talvez á mingoa, nesta Villa.

Escreveo instrucçoens para o regulamento das novas Aldêas, que forão enviadas de S. Paulo ao mesmo Coronel Antonio Pires, e estão registradas nos Livros da Secretaria.

Recebeo a ajuda de custo de 12$ crusados pela viagem de Goyaz, que lhe forão pagos por ordem de 7 de Maio de 1753.

Governou, pouco mais ou menos, oito annos, e teve licença para se retirar por carta do Secretario de Estado, Marcos Antonio de Azevedo Coutinho, de 17 de Maio de 1748, que lhe communicou ao mesmo tempo a creação das Capitanias de Goyaz, e Cuyabá, que está registrada no 1.º livro da Ouvedoria a fol. 375.

5.º O Senhor Gomes Freire de Andrade, que governava neste tempo o Rio de Janeiro, e Minas Geraes, teve ordem para estender o seu Governo á Capitania de S. Paulo, e Minas da sua repartição, e assim abrangeo todas as Capitanias do Sul.

Tomou posse em S. Paulo em 1748, e no anno seguinte veio a Goyaz estabelecer o Contracto dos Diamantes no Rio Claro, e de Piloens, juntamente com o Intendente do Serro Frio Belchior Izidoro Barreto do Rego, e com effeito deu posse aos Contractadores, Joaquim Caldeira Brant, e Felisberto Caldeira Brant, que tinhão arrematado este Contracto, com a condição de estabelecerem aqui hum serviço de 200 escravos; o que se realizou; mas não correspondendo os Diamantes á sua esperança, ainda que acharão o jornal de 2 oitavas por

dia, pouco depois se retirarão, demorando-se algum tempo a minerar na Serra Dourada, onde encontrarão muito bons jornaes, antes de se recolherem para Minas Geraes.

Prohibio por hum bando naquelle districto de Piloens 40 leguas de terras mineraes, que comprehendeo na Demarcação Diamantina, e deixou, para se evitarem os extravios, as mais positivas ordens. Governou, pouco mais ou menos, 1 anno.

6.º O Senhor D. Marcos de Noronha, primeiro Governador Privativo desta Capitania, veio de Pernambuco em companhia do primeiro Governador de Mato Grosso; desembarcou no Rio de Janeiro, e seguio a Minas Geraes, recebendo na passagem do rio de S. Francisco do Senhor Gomes Freire, a quem encontrou na sua retirada de Goyaz, as instrucçoens necessarias para o novo Governo, conforme as ordens, que trazia, e depois de se demorar dous dias, proseguio a sua marcha, e tomou posse nesta Villa a 8 de Novembro de 1749.

Fixou os limites da Capitania pelas dimensoens feitas por seu Antecessor, separando-a de Minas Geraes pelo Ribeirão de Arrependidos, de S. Paulo pelo Rio Grande, de Cuyabá pelo rio das Mortes, como consta da informação dada a Sua Magestade, e registrada na Secretaria do Governo a fol. 3a do Livro 1 (8).

Abolio por Ordem Regia a Capitação, e censo, que durou, pouco mais ou menos, quatorze annos, que rendeo immenso cabedal, e consta haver anno de 40 arrobas, e mais, e fazendo hum calculo do rendimento do anno de 1747, que unicamente pude encontrar, e que foi dos menos importantes, chega a muito mais de 200 arrobas de ouro.

Estabeleceo duas Casas de Fundição, em Villa Boa, e no Arraial de S. Felis, e deu o methodo de se governarem, correndo de então o ouro a

1200 reis cada oitava, que até este tempo teve o valor de 1500 reis.

Viajou toda a Capitania, e duas vezes foi ao Duro, e S. Felis, deixando na commandancia da Villa o Tenente General, João de Abreu, e o Ajudante do Tenente General, Antonio Francisco Barriz.

No seu tempo pertendeu Francisco Tossi Columbina, e Companhia, abrir huma estrada de carros, e carretas de S. Paulo a Goyaz, e daqui a Cuyabá, querendo o privilegio do rendimento dos carretos por 10 annos, e huma Sesmaria de tres em tres legoas na estrada, o que lhe foi concedido por Provisão de 6 de Dezembro de 1757, porém esta pertenção não passou de enthusiasmo, e ficou na ordem daquelles projectos, que só se emprehendem, e nunca se executão.

Metterão-se de paz em 1751 as naçoens Acroá, e Cacriabá, e para ellas fez formar as Aldêas do Duro, e Formiga, em que se dispenderão enormes sommas, que Sua Magestade approvou, ficando regendo as mesmas Aldêas o Coronel Venceslau Gomes da Silva, que foi empregado nesta Conquista, juntamente com Gabriel Alvares, e Manoel Alvares. Cinco annos depois fazendo grande mortandade na Aldêa, os mesmos Indios se rebellarão, e metterão ao sertão, attacando os viajantes, principalmente os do sertão da Bahia, com as mesmas armas de fogo, de que os nossos lhes tinhão ensinado o uso. Imputão esta rebellião aos Jesuitas Missionarios, que até então governavão a seu gosto as Aldêas, e sendo-lhe introduzida guarnição militar, descontentarão os Indios, dizendo-lhes que até alli erão governados por Ministros da Igreja, e que passavão a ser governados por Dragoens.

No seu tempo se descobrio o Coral, que em menos espaço que hum oitavo de legoa, deu 150 arrobas de ouro, rendendo as suas datas de preferencia 5;000 oitavas.

Teve além do soldo de 8ϑ crusados, desde o seu embarque 4ϑ crusados annuaes de ajuda de custo em todo o tempo do seu Governo.

Nesta Capitania teve o titulo de Conde d'Arcos na Acclamação do Senhor D. José em 7 de Setembro de 1750.

Governou 5 annos, 8 mezes, e 22 dias, e passou a Vice Rei da Bahia. (9)

7.º O Senhor Conde de S. Miguel, Alvaro Xavier Botelho, tomou posse a 30 de Agosto de 1755, e foi o primeiro, que trouxe Ajudantes de Ordens da Praça do Rio de Janeiro, em conformidade do Decreto de 2 de Agosto de 1748; que forão o Capitão João Pinto, e o Tenente Antonio Gomes Barboza.

Cuidou em congraçar, e attrahir os Acroás, e Chacriabás rebelados, empregando nesta diligencia o mesmo Coronel Venceslau Gomes da Silva, e tornarão ás Aldêas alguns cazaes, e familias, que se conservarão. Este Regente ficou alcançado em 90ϑ crusados na conta da despesa das Aldêas, foi remettido preso para a Côrte, e na viagem falleceo.

No seu tempo foi o Descoberto das Thezouras, que foi vantajoso.

Livrou a Capitania do Subsidio Voluntario, que se exigio por occasião do terremoto, representando a Sua Magestade a situação deste Paiz, que já afrouchava, e perguntando em que devia ser posto este tributo, sobre o que não teve resposta.

Governou tres annos, onze mezes, e nove dias, e demorou-se mais quarenta dias depois da posse do seu Successor.

8.º O Senhor João Manoel de Mello tomou posse a 7 de Julho de 1759, trazendo em sua companhia o Ajudante de Ordens, Thomaz de Souza, no lugar de João Pinto, que passou a Sargento Mór de Infantaria da Cidade da Bahia, e o Ouvidor, Francisco da Atouguia Bitancurt, que logo

por Ordem Regia publicou hum Edital, para devassar.

Vizitou toda a Capitania, e chegou até S. Felis; recolheo-se, e tendo considerado as desordens, que havião, as representou a Sua Magestade, e em consequencia da sua representação, teve ordem, para fazer levantar a forca, crear a Junta da Justiça, em que os criminosos se sentenceassem sem appelação, nem aggravo, o que tudo se executou, refreando-se assim os insultos, e fazendo-se respeitar a Justiça, enforcando-se quasi de dous em dous mezes a mais assassinos, do que ladroens.

Formou a Junta da Real Fazenda, por Ordem de 23 de Outubro de 1761, de que foi Presidente, composta do Ouvidor da Comarca, Provedor da Fazenda, e dous Vereadores mais antigos da Camara, servindo de Escrivão o Secretario do Governo; sem receberem por este exercicio algum particular emolumento. Estabeleceo com tres chaves o Cofre, na boca do qual se recebia, e pagava: estando até este tempo todo o ouro da Real Fazenda em poder de hum Thesoureiro.

Creou em 1763 o Regimento de Cavallaria auxiliar com dez companhias, sendo que o Sargento Mór Antonio Thomaz da Costa, e o Ajudante José Rodrigues Freire forão da nomeação do Senhor Conde de Bobadella.

Promoveo por Ordem Regia, e pelas Rendas do Conselho, a obra da Cadeia desta Villa, em que se dispenderão mais de trinta mil crusados.

Soccorreo em 1764 a Capitania de Mato Grosso com 200 homens, e enviou outros tantos em 1766, commandados pelo Ajudante de Ordens Thomaz de Souza.

Expedio huma Bandeira commandada pelo Padre Posso, do Arraial do Pillar, que estando estabelecido com grande fabrica, vendeo tudo, para se empregar neste exercicio. Procurou este com grande

comitiva a riqueza dos Araés, e a Ilha do Bananal: guerreou algumas vezes com o Chavante, e adoecendo nas vizinhanças do Pontal, veio a fallecer, retrocedendo os seus companheiros sem algum fructo.

Fez outra expedição á custa do povo desta Villa, que concorreo com 20 mil crusados, contra o Cayapó, commandada pelo Pedestre Victo Antonio, que mostrou nesta occasião ser tão valente, como barbaro: atacou duas grandes Aldêas, em que fez a maior carnagem, sem perdoar aos mesmos, que se rendião, e lhe pedião a vida, sem resultar desta empreza outro fructo, que alguns prisioneiros, que se venderão em proveito dos mesmos empregados na expedição.

Fez prender dous Jesuitas, o Padre Pedro de tal, e o Padre Manoel da Silva, que vindo do Pará se suppunha quererem fugir para terras de Castella.

No seu tempo, e á sua instancia, chegou em Julho de 1762 do Rio de Janeiro o Sindicante, Desembargador Manoel da Fonceca Brandão, que tres dias depois prendeo o Ouvidor Francisco de Atouguia, embargou na cadeia o Contractador das Entradas, João Alves Vieira, até repor nos Cofres noventa e seis mil crusados. Em consequencia desta devassa forão presos, e remettidos ao Limoeiro de Lisboa o Secretario do Governo, Thomé Ignacio, todos os Thesoureiros, que tinhão servido na Fazenda Real, e outras pessoas mais, fazendo-se toda a despeza da alçada pelos bens sequestrados dos mesmos presos, com o que se arruinarão muitas casas desta Villa. Fez apear do lugar de Provedor Antonio Mendes de Almeida, por ter cazado occultamente, e sem licença de Sua Magestade.

Governou dez annos, nove mezes, e seis dias, fallecendo a 13 de Abril de 1770, de hum violento ataque apopletico. Jaz na Capella Mór da Matriz de Villa Boa.

9.° Os Senhores do Governo forão nomeados por sua morte, e do modo seguinte: — Convocou-se a Camara, e os homens bons do povo; propo-serão-se exemplos semelhantes do Rio de Janeiro, e Bahia, e se criou o Triumvirato, composto do Ouvidor da Comarca, Antonio José Cabral de Almeida; do Sargento Mór da Cavallaria auxiliar, Antonio Thomaz da Costa; e do Capitão de Dragoens, Damião José de Sá Pereira, que tomarão logo posse, e governarão até 4 de Julho, em que os reprehendeo por Carta o Senhor Vice Rei do Estado de crearem hum Governo sem Ordem Regia, mandando de sua nomeação hum novo Governador.

10. O Senhor Antonio Carlos Furtado de Mendonça, Brigadeiro, e Coronel do Regimento de Moura, por nomeação do Senhor Vice-Rei do Estado, que appresentou á Camara, tomou posse a 17 de Agosto de 1770. Sahio no 1.° de Setembro do mesmo anno para o Arraial de S. Felis, deixando na commandancia da Villa o Sargento Mór de Auxiliares, e se recolheo em Outubro do mesmo anno. Logo fez prender o Capitão de Dragoens, Damião José de Sá Pereira, por queixas, que teve a seu respeito, o qual 3 dias depois da sua chegada fugio da prisão, de que resultou ser preso o Ajudante da Cavallaria Auxiliar, o Alferes de Dragoens, hum Cabo, e a sentinella, aos quaes depois de huma devassa, que mandou tirar, deo baixa, por serem comprehendidos na fuga. Fez seguir, e prender o mesmo Damião José, que se conservou encarcerado até o anno de 1773.

Promoveo os Descobridores de Ouro, persuadindo a sahir do Corrego de Jeraguá huma grande Bandeira, formada á custa do Capitão Francisco Soares de Bulhoens, commandada pelo mesmo, e dirigida pelo Ilheo, Urbano de Couto, Socio das expediçoens do Descobridor desta Capitania, o qual adoecendo logo, e não podendo seguir, deo a Bu-

lhoens hum distincto roteiro, porque se governou, sem discrepar, em 67 dias de marcha. Dirigirão-se a hum lugar chamado o Fundão. Depois de atravessarem serradas matas, e extensas campinas, entre as quaes se distinguia huma de bellissima extensão, por ter no meio hum monte de pedras, que parecem arranjadas por arte, a que os primeiros derão o nome de Torre de Babel; chegarão a hum rio, em que desagoão muitos ribeiroens, onde Urbano de Couto annunciava riqueza, e fazendo algumas provas se encontrou bastante ouro, e ao mesmo tempo, conferenciando com os seus companheiros, assentou estar aquelle lugar nas vertentes do rio Claro, comprehendido nas terras Diamantinas; e por isto como fiel Vassallo suspendeo as sucavaçoens, que principiava, e voltou chegando no Governo seguinte á sua casa, tendo perdido a grande despeza, que tinha feito com muitos homens, e hum Capellão, que o acompanharão.

Governou 1 anno, 11 mezes, e 9 dias, e Sua Magestade lhe mandou dar o mesmo ordenado dos seus Antecessores. (10)

11 O Senhor José de Almeida de Vasconcellos de Sovral e Carvalho chegou a esta Villa em companhia do Governador de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque Mello e Caceres, e tomou posse a 26 de Julho de 1772.

Fez examinar se com effeito o lugar do Fundão estava nas terras vedadas Diamantinas, o que se comprovou pelas deligencias, que mandou fazer pelo mesmo Capitão Francisco Soares de Bulhoens, e o Ajudante de Ordens Thomaz de Souza.

Providenciou a esterilidade do primeiro anno do seu governo, obrigando até com pena de prizão os monopolistas, e roçeiros ambiciosos a não alterarem o preço dos mantimentos.

Promoveo as Juntas da Justiça, em que se aliviarão todos os criminosos do tempo do seu Ante-

cessor, á excepção do Capitão Damião José, que teve degredo para Santa Catharina, ainda que o não soffreo, por se estabelecer nas visinhanças do Arraial de S. Romão.

Reformou a Junta da Fazenda por Ordem de 20 de Agosto de 1771 na forma, que hoje existe, com pouca alteração, á excepção de alguns Escripturarios, que exigio depois o expediente, e que se augmentarão, ou diminuirão, segundo a necessidade.

Fez huma expedição a descobrir a hum tempo o rio Rico, e procurar a sociedade dos Gentios por meio de brandura, que foi commandada pelo mesmo Capitão Bulhoens, e prompta á sua custa. Este seguio com grande comitiva, e entrou pelas terras domiciliarias do Cayapó, chegando a encontrar arranchamentos de 400 camas, e mais do mesmo: alongou-se quanto lhe foi possivel, consumio os seus provimentos, e possibilidades, e porque não fazia estas deligencias, como os primeiros Sertanistas, a pé descalço, e sustentadas á boca da arma, não póde chegar ao seu fim, e depois de mais de seis mezes voltou. Em attenção a estes serviços, seu filho, o Capitão Ignacio Soares de Bulhoens, obteve a Propriedade do Officio de Escrivão da Intendencia, e Conferencia, de que se empossou em virtude da Ordem Regia de 2 de Outubro de 1791.

Quiz auxiliar a mineração do Morro do Clemente no Districto de Santa Cruz, que he riquissimo, ainda que falto de agoa. Mandou o seu Ajudante de Ordens, Thomaz de Souza, a ver o modo de a introduzir, o qual nivelando achou que podia ser conduzida ao meio do Morro, ainda que com o serviço de hum assude, e rego de 9 legoas, que se avaliava na despesa de 5:000 oitavas. Animou a entrar neste trabalho o Alferes Pedro Rodrigues de Moraes, que administrava 300 pretos, mas logo ao principio adoeceo este de huma maligna, e com a sua morte ninguem se animou a continuar.

Visitou no primeiro verão a Capitania, e os seus Julgados, deo providencias tententes ao socego publico, e a cohibir as violencias dos Dizimeiros, que em grande parte procuravão a ruina de Goyaz.

Chegando ao Pontal fez pelo rio Tocantins a primeira expedição, para se examinar a navegação para o Gram Pará, e se effeituou a 7 de Setembro de 1773, commandada por Antonio Luiz Tavares Lisboa, que chegou com trabalho, e risco de vida ao lugar do seu destino; porém foi prohibido de regressar sem Ordem Regia pelo Governador, sendo-lhe preciso passar á Cidade de S. Luiz do Maranhão, para voltar a esta Capitania. Esta navegação se continuou ao depois, e ainda hoje he frequentada. (*)

Formc , pelos Arraizes da Capitania differentes Companhias de Ordenanças de homens brancos, e pardos, e accrescentou em 1773 duas Companhias ao Regimento de Cavallaria auxiliar, que só tinha dez desde o seu principio.

Depois de cinco mezes se recolheo á Capital, e continuou a animar os Descobrimentos de ouro, e a reducção dos Gentios, assistindo-se unicamente com polvora, e balla á custa da Real Fazenda; e a este fim fez sahir as expediçoens seguintes.

A do Districto desta Villa, commandada pelo Padre José Simoens da Mota, com grande despesa de Francisco Soares de Bulhoens, que já não pôde seguir, a qual se dirigia a descobrir o rio Rico. E este Padre, promettendo ao povo grandes vantagens, voltou sem nada conseguir, e só elle se

---

(*) Ainda que neste tempo foi tentada a navegação de Tocantins, por parte do Gram Pará por vezes se tinha feito, subindo algumas Missoens de Jesuitas 250, e 300 legoas, e fazendo descer muitos mil Indios Topinambás, Catingás, como se vê das Cartas do Padre Antonio Vieira.

utilizou de algum ouro, que, dizem, tirou, e das recompensas, que conseguio de Sua Magestade.

A do Arraial de Pilar á custa do povo, commandada pelo valeroso Capitão Maximiano, que para este fim foi convidado do interior do sertão, dirigio-se ás portas do Pontal. Os differentes ataques, que teve, do Chavante, o não deixarão fazer exploraçoens mineraes, e quando se tinha arranchado, para passar a força do inverno, e depois continuar, em occasião, que tinha espalhados os companheiros a differentes fins, estando só, e hum companheiro, foi atacado pelos Chavantes, atraiçoado por hum Indio domestico da mesma nação, que tinha creado, e depois de lhe resistir todo o dia, fazendo-lhe fogo, foi morto de hum tiro, que lhe fez o mesmo Indio, que tinha creado: com a su morte todos os companheiros fugirão, e se recolherão.

A do Arraial de Trahiras, formada á custa do povo, foi commandada pelo Capitão José Machado, e se dirigio ás margens do Araguaya, e depois de alguns mezes voltou sem outra vantagem, que a de ter affagado alguns Indios, que lhe prometterão amisade.

Em consequencia desta no anno seguinte fez nova expedição commandada pelo Alferes de Dragoens, José Pinto da Fonceca, a quem deo instrucçoens particulares; e seguindo o mesmo Norte, se communicou com as Naçoens Javaés, e Carajás, de que trouxe alguns, que sendo affagados vierão depois a residir na Aldêa de Santa Anna.

No anno seguinte mandou á nova Beira (este o nome, que se deo ao lugar do Javaés, e Carajás na grande Ilha do Bananal) o Ouvidor da Comarca, Antonio José Cabral de Almeida, e o mesmo Alferes José Pinto, a descobrir os Araés, e o lugar chamado dos Martirios (11) (outra encantada grandeza de Goyaz, que ainda se não póde descobrir), os quaes entrarão, e se communicarão com

algumas Naçoens, indo ás suas Aldêas, fizerão huma especie de Presidio, para que forão enviadas mulheres ociosas, e algumas pessoas inuteis. O Ouvidor voltou desgostoso da morte de hum Primo neste lugar; voltou o Alferes antes do tempo preciso, e alguns annos depois se desamparou o Presidio, e Povoação, que hoje podia ser vantajosa para a navegação do Araguaya.

Fez erigir com grande despesa a Aldêa de São José, além da Serra Dourada, para onde forão transportados os Indios Acroás, que vierão da Aldêa, e Sertão do Douro, que se aquietarão depois de hum levante, de que os barbaros Cabeças soffrerão a pena ultima por Sentença.

Fez mudarem-se para a Aldêa de Santa Anna do rio das Velhas os Chacriabás.

No seu tempo se descobrio o Bomfim, em cujas Lavras se estabeleceo huma Sociedade, que extrahio não pouco ouro.

Aperfeiçoou a Villa com calçadas, e Pontes, e promoveo a obra do Chafariz do largo da Cadeia, de que tanto se necessitava em utilidade publica.

Teve licença, para se recolher, e deo posse ao Governo de Successão na forma do Alvará de 12 de Setembro de 1770.

Governou cinco annos, nove mezes, e vinte hum dias.

12 Os Senhores do Governo, o Ouvidor Antonio José Cabral de Almeida, o Tenente Coronel da Cavallaria auxiliar João Pinto Barboza Pimentel, e o Vereador mais antigo, Alferes de Ordenança Pedro da Costa, tomarão posse a 7 de Maio de 1778.

Governarão, sem fazer cousa notavel, cinco mezes e dous dias.

13 O Senhor Luiz da Cunha Menezes chegou inesperadamente depois de meia noite do dia 16 de Outubro de 1778, e no dia seguinte tomou posse.

Promoveo a mineração, que lhe pareceo capaz de felicitar mais que tudo a Capitania, e tendo noticia da riqueza do rio Maranhão (que em 1732 attrahio doze mil pessoas, que voltarão o rio, e fizerão avultados jornaes nas poucas horas, que pode subsistir o cerco, ainda que com o desconto de huma epidemia occasionada pela putrefação do fundo do rio, em que houve dia de 50 mortos) mandou em 1779 o Major de auxiliares, Thomaz de Souza, a persuadir aos Mineiros daquelle Districto para este trabalho, segurando-lhes a sua protecção, porém nada se concluio pela debilidade, em que já estava a Capitania incapaz de novos esforços, e de novas tentativas.

Emprehendeo no anno seguinte com melhor successo a Conquista do Cayapó indomavel desde as primeiras entradas dos Paulistas. O Pedestre, José Luiz, que tinha por vezes guerreado com esta Nação, e que era intrepido, foi eleito para commandar esta expedição, e tendo recebido instrucçoens para seu governo, partio da Aldêa de S. José com cincoenta companheiros, hum Indio, que tinha creado, de Nação Cayapó, Feliciano José Luiz, e dous cazaes de Indios, que estavão na mesma Aldêa em 15 de Fevereiro de 1780. Chegarão ao rio Claro, e se entranharão tres mezes de marcha pelo Sertão, sustentados de mel, e de caça, como os primeiros aventureiros, e encontrando alguns Indios, por meio de lingoa os affagou, e lhes deo os presentes, que levava, persuadindo-os a virem ver o Capitão Grande, que os enviava. E de facto vierão hum Indio idoso, seis homens de guerra com suas mulheres, e filhos, que chegarão por todos ao numero de trinta e seis, e entrarão na Villa a 21 de Setembro de 1780. A magnificencia, com que forão recebidos, o arranjo das Tropas, que salvarão, a Acção de graças, que se fez no Templo, o agazalho, que tiverão, lhes fez perder o horror,

que nos tinhão. E depois de verem as Aldêas, e o tracto de seus semelhantes, que se conservavão em paz, tiverão licença, para se recolher. O Velho não quiz passar do rio Claro, demorando-se com as mulheres, e crianças, mandou os mais convocar os da sua Aldêa, ordenando-lhes, que voltassem dentro em oito Luas, (oito mezes) ao que não faltarão. A 29 de Maio de 1781 chegarão a esta Villa 237 Cayapós commandados de dous Caciques, que forão da mesma sorte tratados, e recebidos. A 12 de Junho se baptizarão 113 meninos com assistencia de todas as pessoas de consideração, e se concluio esta ceremonia com a Acção de graças. He de notar, que huma India assaz idosa no meio disto começou a exclamar pela sua lingua, que queria ser baptizada, e fazendo-se saber que era preciso o conhecimento dos rudimentos da nossa Fé, chorou, impacientou-se, e não descançou sem ser baptizada com o nome, que se lhe deu, de D. Maria. Esta foi a expedição de menos apparato, e a mais proveitosa.

Formou para seu alojamento a Aldêa Maria junto ao rio Tartaruga, 11 legoas ao Sudoeste da Villa, cuja obra foi feita por hum risco da sua mão.

Em consequencia desta primeira expedição vierão depois 88 Cayapós, e depois conduzidos pelos Pedestres, João Ribeiro, e Antonio Lopes 200, que vierão a esta Villa, e se baptizarão, sendo Sua Excellencia Padrinho de todos os filhos dos Caciques, e convidando para os outros as pessoas mais qualificadas. Recolherão-se todos á sua Aldêa, e chegarão ao numero de 600.

Fez aviso ás Capitanias confinantes da amisade do Cayapó, para o não tratarem como inimigo.

Fez conduzir da nova Beira 700 Javaés, e Carajás para a Aldêa de S. José de Mossamedes, de que alguns aprenderão officios, e se mostrarão habeis principalmente as mulheres para cozer, e fiar.

Animou o trabalho das Salinas, que será mais util, quando for mais vigoroso, querendo antes os habitantes da Capitania ir comprar em maior distancia o sal da terra em Campo largo, e em São Romão, que trabalhar nas Salinas, que temos no Paiz.

Cuidou em alinhar as ruas, e aperfeiçoar os edificios, escrevendo ao Corregedor a este respeito, que deixou em Capitulo de Correição que se observasse á risca a regularidade do prospecto, que se tinha estabelecido.

Creou a Companhia dos Pardos, que unida á outra, que já existia, formou o Regimento de Infanteria, nomeando-lhe Sargento Mór, e Ajudante pagos na forma do Regulamento de 1763.

Creou a Companhia de Henriques desta Villa com exercicio na Artilharia, e a este exemplo a de Crixaz, Pilar, e Trahiras.

Annexou a doze Companhias, que tinha o Regimento de Cavallaria, mais quatro, com que formou dous Regimentos. Foi Coronel do 1.°, e fez hum Mestre de Campos Commandante, e nomeou Coronel do 2.° o Capitão mais antigo.

Regulou as Ordenanças, e os seus Uniformes. Augmentou o Patrimonio da Camara, mandando fazer a Casa do Açougue para seu rendimento. Estabeleceo para este fim huma Loteria, que rendeo 1:000 oitavas. Principiou-se a obra por hum risco da sua mão, e alterou-se muito na execução.

Fez prender, e castigar a alguns, que illudião a ignorancia, principalmente das mulheres, inculcando-se feiticeiros, e dando fortuna. Desabusou o povo a este respeito.

Nomeou em Janeiro de 1783 os Juizes, e Vereadores da Camara, por ter a antecedente em ausencia do Corregedor, e na falta de pelouros, nomeado os mesmos, que existião.

Fez reedificar promptamente as tres pontes da

Villa, arruinadas pela grande cheia de Janeiro de 1782.

Formou huma alameda, e passeio publico no largo do chafariz, e para isto se plantarão por ordem as arvores, que depois forão cortadas por se dizer, que as suas raizes damnavão as agoas.

Governou quatro annos, oito mezes, e onze dias; e passou a governar a Capitania de Minas Geraes. (12)

(Continuar-se-ha.)

N o t a s.

(1) Os Paulistas chegando a este Ribeirão em occasião da cheia, para o passarem, fabricarão huma especie de ponte de dous páos, dos quaes hum foi levado pela corrente, e por este incidente derão o nome de Meia Ponte ao Ribeirão, e depois ao Arraial.

(2) Nesta viagem tiverão differentes ataques do Cayapó, e em hum lugar, que lhes chamarão lençoes, lhe aprisionarão algumas mulheres, das quaes huma por nome Thereza viveo em Cabassaco.

(3) Matto Grosso, chama-se a grande mata, que atravessa de Norte a Sul a Capitania, em nove legoas, e em parte mais: para o Norte he extensissima, e para o Sul não se lhe conhece fim.

(4) Paranã se chama não só o Rio, mas o Sertão de 80 legoas, que existe entre Serras, povoado de Fazendas de gado, e o mais accomodado para a creação.

(5) Os Paulistas por morte de D. Rodrigo de tal, que se propunha a descobrir as esmeraldas, se retirarão para as margens do rio de S. Francisco, e se estabelecerão em fazendas de gado.

(6) Na alluvião dos homens, que concorrerão ao Descobrimento de Goyaz, vierão pessoas de toda a qualidade, e até Estrangeiros, e entre estas muitos sem costumes, que cometterão crimes horroros; *verbi causa*: huma mulher Paulista, que suffocou em

humma toalha, e sepultou nas suas Lavras do Ouro-fino a duas filhas, só por serem vistas, e louvada a sua formosura: a mesma frenetica de zelos matou o filhinho de huma escrava, julgando ser obra do marido, e lho apresentou assado em hum espeto a horas da comida. Os assassinios erão frequentes, e por qualquer motivo. O Capitão de huma Companhia, que veio de Minas Geraes por bem pouco foi morto de hum tiro no sitio do Catallão, á vista dos seus soldados, pelo Descobridor do Crixá. O Descobridor de Pillar em huma Procissão publica do Arrayal de Santa Luzia, disputando com o Juiz Ordinario a precedencia, lhe tirou a cabelleira, e com ella lhe deo na cara, e se concluio o acto Religioso com muitas cutiladas, que derão os partidistas de huma, e outra parte: o Descobridor de S. Felis morreo fazendo resistencia á Justiça. Os Juizes Ordinarios a cada passo torcião a vara da Justiça, e abusavão da jurisdicção. O Senhor Dom Luiz de Mascarenhas se vio obrigado a cohibir excessos de hum em Arrayas, e não havendo ainda cadeia, o fez prender a huma arvore, e assim mesmo preso enthusiasmado da sua jurisdicção queria fazer audiencia, chamando as partes ao som de hum tambor na fórma do seu costume. Os primeiros habitantes de Santa Cruz, fazendo hum tumulto suscitado por José Teixeira de Andrade, que alli servia de Provedor, fizerão retirar o primeiro Vigario, que lhe foi enviado, o Padre Diogo Barboza Rebelo, logo que chegou, apesar de estar enfermo; e o mais galante he, que tomando-se conhecimento deste facto, ficou o Vigario criminoso. Os do Pontal fizerão o mesmo ao primeiro Vigario Geral do Norte, obrigando-o a mudar-se para a Natividade. Os do Dezemboque em seu principio não ouvião Missa, sem estarem armados de pistolas, e facas. E que direi dos Sacerdotes, e Frades? Poucos tinhão differença dos

seculares. O Padre José Caetano Lobo Pereira, estabelecido junto a Meia Ponte, fazia despejar da sua visinhança com huma Carta os que lhe parecia, ameaçando-os de morte; e recebeo hum Juiz Ordinario, que hia ao rio do Peixe a algumas averiguaçoens, com oitenta armas de fogo, que começou a mandar descarregar sobre os Officiaes, o que motivou o conhecimento, que se tomou por Provisão de 6 Julho de 1748. O Padre Antonio de Oliveira Gago, e João Gago, imputão-se-lhes mortes, açoutes, e muitos excessos, de que se tomou conhecimento por Provisão de 17 de Novembro de 1734. O Padre Posso de Pillar passeava á vista do Corregedor a cavallo com pagens armados de bacamartes. Em summa só de huma vez forão exterminados sete por Ordem do Bispo do Rio de Janeiro. Taes erão os tempos, e os costumes.

(7) Os Descobridores derão o nome das correntes a certo lugar, em que descobrirão ouro, e que marcarão com huma corrente de ferro pendurada em huma arvore, que jámais poderão encontrar, ou por não chegarem ao mesmo lugar, ou porque a tirarão os selvagens.

(8) Os limites da Capitania tiverão depois alteração, e ao presente são a Oeste da parte do Cuyabá o Rio Grande, ao Norte de S. João das duas Barras, e ao Sul o Rio Grande da Estrada de S. Paulo, pela parte do Desemboque a Palestina, serra do Castanho, e da Parida, pelo Leste Arrependidos, não tendo limites demarcados da parte do Rio das Mortes, em que medeia hum vasto Sertão até o Rio Negro, nem da parte de Lessueste, que tem da mesma sorte hum grande terreno despovoado.

(9) O Senhor D. Marcos teve o Ordenado de oito mil crusados, e mais quatro de ajuda de custo annual por duas Provisoens de 15 de Setembro de 1748; e de 11 de Março de 1751, além de quatro

mil crúsados d'ajuda de custo da viagem de Pernambuco. E o mesmo Ordenado, e ajuda de custo tiverão seus Successores até o Senhor José de Almeida.

(10) Recebeo quatro mil crusados de ajuda de custo pela viagem do Rio de Janeiro, e soldo a razão de doze mil crusados sem as duas Provisoens, que erão precisas neste tempo. A Junta fez hum assento, para que desse fiança ao excesso de oito mil crusados até determinação de Sua Magestade. Porém nem prestou a fiança, nem deo conta a este respeito.

(11) Sobre Araés, e Martirios vi á poucos dias hum Roteiro, que póde ser algum dia sirva, e por isso o transcrevo, feito em Cuyabá pelo Capitão Mór Antonio Pires de Campos, ao Capitão Mór Antonio Rodrigues Villares, o qual he o seguinte.

Depois de se seguir o Morro de S. Jeronimo seguiráõ ao Nascente até o Rio da Casca, e dahi seguiráõ ao Norte, e o maior Rio, que acharem, desceráõ em Canôas, por ser a marcha mais breve, e qualquer Rio, que encaminhe a sua corrente para o Nascente, dá no Araguaya, que he grande: desção por elle abaixo, que nelles se metem muitos Rios, e Riachos bem figurados para terem ouro, e vertem de serras muito grandes, O Rio Araguaya faz barra no Paracubeba, que corre do Sul quasi ao Norte, e pouco abaixo desta barra tem grandes pedrarias, que passão o Rio de huma a outra parte, e visto de longe parece que se subverte por debaixo, porém tem bons canaes, por onde passão as canôas. Seguindo pelo mesmo abaixo, até onde se acha hum morrinho de Taguá para a parte esquerda ao pé do Rio todo escalvado, com trabalho subirão por elle arriba, olhando entre Poente e Norte, se avistaráõ huns morros azues, que distão daqui sete, ou oito dias de Sertanista, e nestes acharáõ a Tapera dos Araés, onde chegamos com

meu Pai, que Deos haja, e achamos varias Cunhans com folhetas pelo pescoço, e braços, e destas folhetas mandou meu Pai fazer hum Resplendor para huma Imagem de vulto de Nossa Senhora do Rozario, que na nossa Caza tinhamos, e tambem huma Corôa do mesmo ouro, que pezava quarenta e tantas oitavas para a Senhora do Carmo do Hospicio de Itú. E perguntando aos ditos Indios, onde tinhão achado aquellas folhetas, respondeo o Cacique, que naquelles morros depois de chover. E isto foi, o que eu ouvi, e não são historias contadas.

Na volta, que fizemos, encontrámos com o Pai do Capitão Mór Bartholomeu Bueno, e ouvindo a meu Pai todo o referido, foi nas mesmas visinhanças, onde tinhamos deixado huma Aldêa de Gentios da mesma Nação Araés, por não podermos conduzir duas Aldêas, por serem numerosas, e o dito Bartholomeu Bueno aleivosamente os conduzio, e por isso não se logrou delles, que lhes deo a peste, e quasi acabarão todos, e o dito entrou por Goyaz, e nós para Cuyabá, e na volta que fizemos para Cuyabá subimos todos o Rio para cima, para vermos os Martirios.

E por cima da Barra do Araguaya achámos muita Gentilidade, e o Rio com má navegação por ter muitas Caxoeiras, e onde estão os Martirios fica subindo Rio acima da parte esquerda com apparencia de Galo, Cruz, Cravos, Lança, e mais cousas, e he difficultosa esta navegação, até sahir a ponta da Ilha dos Carajás, e na ponta de riba fica hum Rio á mão direita, que he o Rio das Mortes, pelo qual subimos até as cabeceiras, e depois sahimos por terra, e pozemos vinte e tantos dias á Villa do Cuyabá. E tudo isto, que digo, affirmo com a verdade, que costumo, e jurarei aos Santos Evangelhos, se necessario for. São formaes palavras da copia, que vi assignada.

(12) Foi o primeiro, de quem a Patente taxou o Ordenado de 12ф crusados, e assim a dos seus Successores.

TOPOGRAFIA.

Reflexoens sobre a materia dos numeros 28 até 43, que servem de Notas ao Roteiro do Maranhão, dado no N.º antecedente paginas 3.

Index dos Capitulos que nellas se contém.

prejuizo: propoem-se a necessidade de se regular a agricultura das Minas nas suas producçoens, exemplificando as regras, que se estabelecem, e dando as suas excepçoens.

CAP. 9.

Em que se mostra a necessidade do regulamento da agricultura na applicação, que se deve fazer dos habitantes.

CAP. 10.

Em que pelo estado das Minas, e seus habitantes se mostra a particular necessidade de regulamento na applicação dos mesmos habitantes.

CAP. 11.

Em que se pondera como o regulamento se deve fazer, pezando a populaçāo pela extracção do ouro; e se acaba de convencer o segundo prejuizo, pelo que respeita á agricultura.

CAP. 12.

Em que se acaba de convencer o segundo prejuizo pelo que respeita ás Artes e ao Commercio.

CAP. 13.

Em que se mostra como no Maranhão se verificão os principios estabelecidos; e como he interessante á mesma Capitania a execução do projecto.

CAP. 14.

Em que se mostra como na Capitania do Pará se verificão os principios estabelecidos antes da ex-

tinção do cativeiro dos Indios, e da administração temporal, que nelles exercitarão os Regulares.

CAP. 15.

Em que se mostra como na Capitania do Pará se verificão, depois da extinção do cativeiro dos Indios, e mais se podem verificar, os principios estabelecidos; e como he interessante á mesma Capitania a execução do projecto.

Reflexoens sobre a materia dos Numeros 28 até 43, que servem de notas ao roteiro.

CAP. 1º

Em que se propoem hum novo estabelecimento de povoação, que communique pelo interior do paiz, do rio Parnaiba da Capitania do Maranhão ao rio Tocantins da Capitania do Pará, como projecto interessante á reducção de Naçoens silvestres, á povoação e cultura das referidas Capitanias.

§. 1. O meio mais facil de reduzir grande parte das ditas naçoens a huma firme e util sujeição he procurar do Maranhão dilatar as povoaçoens de Pastos Bons, buscando o rio Tocantins; e fazer o mesmo das margens do dito rio Tocantins por aquella altura mais conveniente ao fim de se unirem, e communicarem as referidas povoaçoens. Este projecto, ainda que pareça conter alguma difficuldade pela extensão do paiz e multidão de Indios silvestres, que o habitão, não parecerá com tudo quimerico, ou impraticavel a quem conhecer bem no fundo o caracter destas naçoens, a natureza do paiz, e o trabalho, que demanda a sua cultura.

§. 2. Pelo que respeita ao caracter, não he

dizivel o valor, com que ellas fazem a guerra en-
tre si, e a resolução, com que se abandonão aos
lances mais custosos, e a constancia, com que so-
frem os accidentes mais funestos: porém no meio
de todas estas cousas, que parecem muitas vezes
excêder as forças do homem, e que não podem
deixar de encher de admiração a quem as vê com
os olhos racionaes, ellas se deixão possuir de hum
tão desordenado medo dos brancos, que qualquer
leve opposição, por mais insubsistente que seja,
as perturba, e poem em fugida. Ellas trocão com
facilidade o seu paiz natural, muitas vezes mais
fertil, por outro esteril, com tanto que se per-
suadão que nelle podem viver seguros de brancos:
daqui nasce:

Que as povoaçoens de Indios nas suas mesmas
terras, ou com adito livre a ellas, ou outras re-
motas, e a nós incognitas, são quasi sempre pouco
permanentes na nossa sujeição, e expostas a tan-
tas rebellioens, quantas nós temos até agora expe-
rimentado:

Que pelo contrario só os achamos firmes e
subsistentes n'aquellas, em que elles conhecem, ou
se persuadem que os brancos (como elles dizem)
os rodeião, e que já se acabarão as suas terras.

§. 3 Isto posto, he facil de conhecer que cor-
tado todo este paiz com huma linha de povoaçoens
nossas, desde os Sertoens da Parnaiba até Tocan-
tins, as naçoens que ficassem ao Norte, vendo
que nós por toda a parte as cercavamos, não só
virião com mais facilidade á nossa sujeição; mas
sem as largas despezas e funestas enfermidades, que
padecem os Indios nos seus descimentos, ou novos
estabelecimentos, que se poderião conservar no seu
mesmo paiz natural, aproveitando-nos nós tambem
delles mesmos para continuarmos a cultura das mar-
gens dos rios Miarim, Pindaré e dos mais, que
descem por esta parte ás referidas capitanias do

Maranhão, e Caité, e tirarmos dellas não só as
excellentes drogas, mas todos os mais generos, que
faz produzir a cultura.

§. 4. Pelo que respeita á natureza do paiz, e
trabalho, que demanda a sua cultura, não he tão
impraticavel o referido projecto, porque ainda que
o dito paiz seja extenso (pois só o consideramos
menos dilatado por esta parte em comparação do
que se lhe segue ao Sul), a experiencia tem mos-
trado que os paizes aptos para a creação de gados,
taes quaes estes são, todos abertos e cheios de
campinas (como fica dito), são por onde em menos
tempo se adiantão as povoaçoens. Não ha nelles
aquelle horroroso trabalho de deitar grossas matas
abaixo, e romper as terras á força de braço, como
succede nos engenhos do Brazil, nas roças das mi-
nas, e por este mesmo Estado do Pará e Maranhão
na cultura dos seus generos. Nelles pouco se muda
a superficie da terra; tudo se conserva quasi no
mesmo primeiro estado; levantada huma caza, co-
berta pela maior parte de palha, feitos huns cur-
raes, e introduzidos os gados, estão povoadas tres
legoas de terra, e estabelecida huma fazenda, n.º
84 até 89.

§. 5. Em cada huma fazenda destas não se
occupão mais de 10 ou 12 escravos, e na falta
delles os mulatos, mistiços, e pretos forros, raça
de que abundão os Sertoens da Bahia, Pernambuco
e Seará, principalmente pelas visinhanças do Rio
de S. Francisco. Esta gente perversa, ociosa e inu-
til, pela aversão que tem ao trabalho da agricultura,
he muito differente empregada nas ditas fazendas de
gados. Tem a este exercicio huma tal inclinação,
que procura com empenhos ser nelle occupada,
constituindo toda a sua maior felicidade em merecer
algum dia o nome de vaqueiro. Vaqueiro, creador,
ou homem de fazenda são titulos honorificos entre
elles, e synonimos, com que se distinguem aquelles,

a cujo cargo está a administração e economia das fazendas.

§. 6. O uso inalteravel nos Sertoens de fazer o vaqueiro sua a quarta parte dos gados, sem poder entrar nesta partilha antes de cinco annos, não só faz que os ditos vaqueiros se interessem, como senhores, no bom trato das fazendas, mas faz tambem que com os gados que lucrão, passem a estabelecer novas fazendas, e que hum morador do Maranhão, Pará e Piauhi possa mandar estabelecer fazendas em lugares remotos, e possui-las sem deixar a sua habitação e outras culturas, que mais exigem a sua assistencia e industria, tanto para traçar as lavouras, como para conservar com humanidade, e applicar com proveito, hum maior numero de escravos.

As mesmas 3 legoas de terra; que sendo aptas para a criação de gados, não carecem de mais de 10 ou 12 pessoas, sendo proprias e destinadas ás lavouras das canas de assucar, do tabaco e mais generos do paiz, não chegarião a ver a sua cultura em hum estado de perfeição com os braços de 800 a 1000 escravos: esta differença mostra bem em quanto menos tempo, com quanto menos despeza, e menos individuos se póde adiantar a povoação e cultura do referido paiz.

CAPITULO 2.

Em que se propoem os meios de reduzir-se á pratica o mesmo projecto.

§. 7 Para reduzir-se á pratica o referido projecto, nada mas seria necessario do que estabelecerem-se tres arraiaes. O primeiro e segundo pela Capitania do Maranhão nas margens do rio Parnaiba e Miarim. O terceiro pela Capitania do Pará nas margens do rio Tocantins, com a força cada hum

de 80 até 100 homens, comprehendendo-se no mesmo numero aquella parte de tropa, que se julgasse necessaria para se fazerem respeitados e obedecidos os Chefes de huns corpos, que forçosamente serião compostos de Indios, sem disciplina alguma militar, ou de paizanos libertinos e vadios.

§. 8. As principaes fançoens dos ditos serião estabelecerem-se de modo que, sem desperdicio do sangue das miseraveis naçoens silvestres, evitassem os estragos de qualquer opposição, que ellas pela sua ignorancia e barbaridade houvessem de fazer-lhes.

Trabalhar logo em lavouras dos generos comestiveis, para que mais depressa cessassem com a colheita as despezas da subsistencia n'aquella parte, a que não chegasse a voluntaria contribuição dos moradores das referidas Capitanias.

Abrir estradas de huns para outros arraiaes, para assim melhor animar os futuros povoadores, dos quaes seria infallivel a concurrencia, tendo abertos os caminhos para os seus estabelecimentos, e apoiados com as forças dos ditos arraiaes.

Não attacar povoação algum das naçoens silvestres; e transitando-se por ellas, deixar intactos os seus domicilios e as suas plantaçoens, para que esta nossa nova conducta, e desusado modo de as tratar, mova a que ellas não fujão da nossa communicação, e se persuadão mais facilmente que os nossos intentos só são o viver com ellas em boa armonia, sem destruir os seus pobres haveres, nem tirar-lhes as proprias vidas: impiedade em outro tempo tantas vezes commettida pelas Capitaens das conquistas, os quaes fazendo abuso das leis, e sem se conformarem ás ordens dos seus superiores (talvez porque repartião tambem com elles a falsa e abominavel gloria das suas impias e barbaras acçoens) merecerão ou ficar impunidos nos seus horrorosos delictos, ou virem a ser por elles premiados.

§. 9. A entrega, que os ditos Capitaens nos fazião, de paizes vasios do mais precioso, que erão os Indios assassinados pelas suas sanguinolentas bandeiras; e o passo, que com ellas nos franqueavão, para sermos testemunhas dos miseraveis restos das referidas naçoens, todos ainda cheios de temor das mais violentas atrocidades, bem longe de merecerem honradas recompensas, só podião servir de convincentes provas, para que fossem tratados como inimigos do Estado huns tão indignos e tão barbaros conquistadores.

Elles extinguirão muitas naçoens, que virião a fazer huma grande parte do mesmo estado, e das quaes hoje até faltão os proprios nomes. Elles radicarão nas que existem com temor e desconfiança da nossa communicação os principios mais fecundos de quantos obstaculos se estão encontrando na reducção das ditas naçoens, povoação e cultura dos mesmos paizes. Mas deixando esta parte, passaremos só a ponderar aquelles obstaculos, que podem fazer melhor conhecer as utilidades, que se seguem do referido projecto.

CAP. 8.

Em que se ponderão e convencem dois obstaculos, que se podem oppor á execução do projecto, e se mostra não existir a abundancia de gados, cuja supposição dá lugar ao segundo.

Primeiro obstaculo.

§. 10. O primeiro obstaculo, que se oppoem, versa sobre o caracter das mesmas naçoens silvestres, e vem a ser: que, posto se conseguisse com a dita linha de povoaçoens sujeitar todas as naçoens, que ficassem ao Norte, não se sujeitarião tambem as que ficão ao Sul; antes reputando-se

estas seguras nos seus vastos sertoens, não cessarião de inquietar as novas povoaçoens com repetidos e inopinados insultos. Obstaculo, que em nada destroe o referido projecto; porque, ainda que elle tambem tende a facilitar os meios de sujeitar as mesmas naçoens do Sul, só as naçoens do Norte he que fazem o seu primeiro objecto.

O mesmo obstaculo se tem encontrado, e se encontrará sempre, em todos os estabelecimentos, que se fizerem no meio das referidas naçoens. Em quanto nós não observarmos fielmente os meios, que tantas vezes nos são recommendados, para podermos entre ellas com brandura e suavidade amortecer as idéas, que se conservão bem vivas, das nossas tiranias; e em quanto não sofrermos com moderação alguns leves damnos por muitos, que lhes havemos feito; nunca teremos a gloria de as ver sujeitas.

§. 11. Todas as nossas povoaçoens com ellas confinantes, principiárão e subsistirão até hoje com as mesmas hostilidades. Ellas nunca passão das primeiras e mais proximas fazendas: são feitas sempre a medo e de emboscada. As naçoens remotas não nos vem accommetter; as confinantes só o fazem depois de observarem bem a nossa fraqueza e o nosso descuido; e como muito temem as nossas armas, qualquer resistencia e vigilancia nossa as poem em fugida.

Sem buscarmos paizes mais remotos, nem voltarmos a tempos mais antigos, a mesma freguezia de Pastos Bons, hostilizada pela nação Timbará, dá de tudo hum bom exemplo: ella sofreu sempre as invasoens da dita nação, e sofre ainda hoje como a pé firme, sem pertender mais que a conservação das suas povoaçoens existentes. Não seria melhor que procurasse tirar maiores vantagens, e adiantando a sua cultura, e sugeitando as naçoens visinhas? Com ellas se acharão os meios de su-

jeitarmos tambem com a mesma brandura e suavidade as referidas naçoens do Sul; e poderemos communicar por esta parte com a Capitania de Goyaz.

Segundo obstaculo.

§. 12. O segundo obstaculo versa sobre a natureza, povoação e cultura do paiz, e vem a ser, que, ainda que os paizes aptos para a creação de gados, mais facilitem a povoação e cultura; não basta esta facilidade para estabelecer a linha de povoaçoens, que se propoem como meio na pratica do referido projecto; he preciso que haja algum objecto mais particular, que excite e promova a concurrencia de povoadores necessaria para o estabelecimento da dita linha de povoaçoens.

Este objecto não póde ser outro mais que o interesse particular, que achará cada hum dos mesmos povoadores na creação dos gados; interesse que não póde existir sem haver extracção e consumo dos gados, que crearem.

Não podendo pois haver a dita extracção e consumo; não poderá haver tambem a concurrencia necessaria para se estabelecer a linha de povoaçoens, nem se fará praticavel o referido projecto.

§. 13. Os gados, que na Capitania do Maranhão se crião pelas margens do rio Parnaiba, tem a sua extracção para a Cidade da Bahia, e porto da mesma Parnaiba na barra do Igaruçû pertencente á Capitania do Piauhi: os do Piauhi para os portos do Seará, Pernambuco, Bahia, e Minas. Os gados do Seará e Rio Grande para Pernambuco e Bahia: os de Pernambuco e Bahia, creados nos sertoens do Rio de S. Francisco, para as suas capitaes, e tambem para as Minas pertencentes a S. Paulo, para o Rio de Janeiro, para onde se extrahem tambem por mar reduzidos a carnes secas de todas as outras referidas Capitanias; e para onde

no anno de 1765 descerão tambem de Minas. Tudo mostra huma tal abundancia de gados nas mesmas Capitanias, que se faz necessario procurarem humas nas outras o seu consumo, o que posto, por esta mesma abundancia, faltará todo o consumo, que poderião ter os gados creados nas novas povoaçoens, e faltará todo o interesse, que poderia mover a concurrencia dos povoadôres.

§. 14. Para remover este obstaculo he necessario ponderarmos, donde provenha esta abundancia: ella ou provem da diminuição na povoação das ditas Capitanias, ou de se criarem nellas tantos, ou mais gados dos que são necessarios. Nem huma, nem outra cousa existe, ou póde existir.

Quanto á primeira parte, não existe a diminuição na povoação, porque o n.º dos habitantes, seja da propagação ou de concorrerem para as referidas Capitanias os habitantes de outros paizes, em nenhum destes principios se póde considerar decadencia. Na propagação não, porque o clima do paiz he tão fecundo, que bem poucas vezes se vê nelle a esterilidade. Não na concurrencia; porque a facilidade com que no mesmo paiz se dilatão e multiplicão as occupaçoens na agricultura, minas, navegação, e commercio interior, faz com que frequentemente se esteja vendo concorrerem muitos das ilhas, e Portugal, a fim de serem nellas empregados, e se aproveitarem das utilidades, que no dito paiz offerecem todos os referidos objectos: concurrencia, que quando de algum modo se diminuisse por maior interesse da metropole, nem poderia absolutamente faltar, porque sempre serião para o mesmo paiz mandados aquelles que, ou pela sua inutilidade, ou pelos seus delictos servissem de pejo á mesma metropole; além da multidão dos pretos, que bem contra sua vontade se introduzem da Africa, não a se utilisarem das commodidades do paiz, mas a supportarem nelle o mais penoso tra-

balho, e serem pela maior parte tratados com maior rigor e severidade por aquelles mesmos, que sem a miseravel condição de escravos tiverão no seu paiz natural quasi igual exercicio.

§. 15. Quanto á segunda parte, não existe tambem a abundancia, que consiste em se criarem nas ditas Capitanias mais gados do que ellas necessitão para a sua subsistencia. A promiscua e reciproca introducção, e extracção, que ellas fazem entre si dos seus gados, bem longe de provar a referida abundancia, só póde servir para mostrar que segundo a situação, extensão e divisão das ditas Capitanias, dependem humas dos gados das outras, para a sua subsistencia: que cada particular vai vender as suas boiadas onde tem maior commodidade e interesse, ou por serem melhores as estradas, ou mais curta a marcha, ou maior o preço, porque as reputão, que he o primeiro objecto do vendedor.

§. 16. Em quanto em Minas foi vantajoso o preço dos gados, de todas as Capitanias visinhas (fallamos só das que lhe ficão ao Norte) se introduzião nellas muitas e numerosas boiadas: depois que as Minas se poserão em melhor estado de subsistencia com os gados, que crião em si, e lhe fornecem os mais sertoens adjacentes; e depois que se reduzio o valor das boiadas, que se extrahião das referidas Capitanias, a huma tal diminuição, que computadas as despezas das conduçoens e direitos das entradas, havia igual interesse em venderem-se em Minas, ou em outra qualquer Capitania, pára desta sorte a extracção para Minas, que desceo a menos de ametade. Ora esta parte, que se deixou de extrahir para Minas, e cresceo para o consumo das ditas Capitanias, deixaria por isso de o ter? Sempre o teve até agora nas mesmas Capitanias.

§. 17. A extracção, que deste, ou daquelle paiz se faz de qualquer genero da sua primeira necessi-

dade, não póde provar a abundancia, que nelle ha do mesmo genero; porque nos paizes de liberdade, póde ser esta extracção mal regulada pelo interesse de alguns particulares, ficando o paiz, que o produz, na falta e indigencia do mesmo genero, mas o consumo, que neste ou naquelle paiz se faz do mesmo genero, bem prova a falta ou necessidade que delle ha. Por isso o consumo, que se fazia nas Minas, das ditas boiadas mostra a falta, que nellas havia de gados; e o consumo, que nas referidas Capitanias, donde se extrahião para Minas, se fez daquella parte, que se deixou de extrahir, mostra tambem a necessidade, em que ellas ficavão.

§. 18. Viajando-se por todo o Estado do Brazil, ha de se achar que só naquelles paizes, onde a creação de gados faz toda a sua cultura, he que os seus habitantes indistinctamente se sustentão dos mesmos gados; e que naquelles paizes destinados á cultura, que demandão maior numero de individuos (como carecem de mais gados do que crião, ou recebem das ditas Capitanias) elles estão na precisão de buscar outro modo de subsistencia.

Nas Minas todos os escravos se sustentão de legumes: o milho, e fejão he o seu unico e ordinario alimento. O mesmo acontece a respeito dos mais habitantes, que não vivem nas Villas, ou arraiaes, em que costuma haver açougues: os mais abundantes ajuntão ao mesmo mantimento as carnes salgadas de muitos porcos, que crião, nutridos não em montados, mas com os mesmos legumes. Com elles se sustentão tambem os escravos dos engenhos e roças, tanto do Rio de Janeiro, como da maior parte das Capitanias de Pernambuco e Bahia.

As povoaçoens de Indios, e quasi todos os moradores pobres, que vivem dispersos pelas margens dos rios, e mais entranhados nos sertoens, e ainda os que vivem nas praias do mar, apartados das Villas e Cidades, sustentão-se da pesca, da caça, do

mel das abelhas brabas, das raizes e fructos silvestres. Quem depois de ter viajado por todo o Estado do Brazil, examinado a particular subsistencia de cada hum dos seus habitantes, e adquirido todos estes conhecimentos, deixará de ter por van a abundancia de gados, que se oppoem á execução do referido projecto?

§. 19. Assentando pois que não ha a pretendida abundancia de gados, tornaremos ás mesmas Capitanias, para mostrarmos as utilidades, que se seguirião á metropole destas Colonias, se nellas se estabelecesse, e mostraremos depois como ainda estabelecida a abundancia de gados, não serviria de obstaculo á execução do referido projecto.

C A P. 4.

Em que mais se convence o segundo obstaculo, mostrando-se as utilidades, que resultarião, se existisse a supposta abundancia de gados.

§. 20. Das minas, paiz fertilissimo, e que tanto produz os generos e fructos da America, como da Europa, pela situação no interior do sertão, a metropole não extrahe ainda mais do que o ouro e pedras preciosas. Emquanto nellas não se multiplicarão as familias, e cresceu a povoação, o ouro, que dellas se extrahia, pagava muito bem as mercadorias, e mais generos, que pelos portos de Pernambuco, Bahia, e Rio de Janeiro se introduzião da metropole. Depois que com o referido augmento se fez preciso para a conservação, tanto natural como civil, destinar á agricultura, aos officios, ao commercio, ou mercancia interior, e mais occupaçoens, hum consideravel numero de individuos, que não trabalhão em Minas, vio-se crescer desordenadamente o consummo, que ellas fazião das ditas mercadorias, e mais generos das Capitanias visinhas: como porém á proporção não se vio cres-

cer tambem o numero dos mineiros, o valor do consumo, que se faz das ditas mercadorias, e mais generos excede a extracção do ouro.

§. 21. Daqui se segue que tanto as mais Capitanias, como a metropole, perdem não só no equivalente do mesmo consumo, mas na multidão dos individuos, que, entretidos largos annos em procurar com as suas traficancias e mercancias o ouro, que se não extrahe, vem pela falta de pagamentos a falir, mudando-se de huns para outros portos, de humas para outras minas; e tendo em todas representado a mesma figura, para não pagarem no corpo o que lhe falta em ouro, vão por ultimo refugiar-se nos mais remotos sertoens. Frequentemente se está vendo vagar por elles a muitos destes individuos, sustentados á custa dos sertanejos, que nem se aproveitarão das suas mercancias, nem de algum modo concorrerão para serem condemnados a manter humas figuras inteiramente inuteis.

§. 22. Reduzir pois a equilibrio, ou fazer pezar mais o ouro, que se tira das Minas, do que o valor das mercadorias que se consomem, seria descobrir o meio de dar o equivalente do mesmo consumo, e procurar os interesses da metropole. Ella estabeleceu para este fim as colonias: tem direito de poder restringir, e regular este ou aquelle commercio, esta ou aquella occupação, e agricultura, que nellas se oppozer aos mesmos interesses; e com muita maior razão a respeito das referidas Colonias, para onde nós não temos só visto sahir tudo quanto nada vale; Portugal tem-se despovoado em beneficio das mesmas Colonias, e nós vemos nellas povoadores de toda a condição.

§. 23. Não fallando em restringir o commercio, nem pelo que respeita ao numero dos sujeitos, que nelle se occupão, nem a certas mercadorias, e mais generos: não discorrendo tambem pelas outras classes, nem ponderando a multidão de gente,

que faltando o ouro para pagar as mercadorias, que consomem, inutilmente nellas se entretem a respeito da metropole: hum dos meios de reduzir a equilibrio o ouro, que se extrahe, com o valor das referidas mercadorias, consiste em regular-se a agricultura; não pelo que respeita á quantidade das suas producçoens, porque em Minas, onde ella só se limita á subsistencia, não póde haver superfluo; mas sim ao modo de haver a mesma quantidade, e maior, sendo necessaria; modo, que se deve procurar por huma parte facilitando e diminuindo o trabalho da agricultura, e por outra parte substituindo a huns generos outros, que demandem menos cultura.

§. 24. A primeira parte, em hum paiz como o de Minas, se conseguiria estabelecendo o uso das maquinas, que não só facilitão a cultura, mas diminuem o numero de braços, no estado presente necessarios para ella. O uso commum de cultivar nas ditas Minas, he procurar como mais ferteis as terras cobertas de densas matas, corta-las com machados, e depois de secca a folha, consumi-la a fogo; e por entre raizes, troncos, e madeiras, que ficão, fazer a sementeira; isto he a que chamão roçados. No anno seguinte passão a fazer do mesmo modo novos roçados em outros lugares; os que deixão, como conservão os mesmos troncos e as mesmas raizes, em pouco tempo fórmão novas matas, a que chamão capoeiras, as quaes vem a ser quasi com o mesmo trabalho outra vez cultivadas.

§. 25. Aqui ha dois vicios que emendar: o primeiro he a escolha, que indistintamente fazem das matas, havendo em muitas partes campos capazes de admittir a mesma cultura: o segundo he o estado, em que deixão as terras, depois de feitos os roçados. Hum terreno tão occupado, não póde admittir arados, porém se logo no primeiro rompimento o prepararem melhor, arrancando as raizes,

que no referido paiz são tão chegadas á superficie da terra, que muitas vezes não sustentão as arvores, com este maior trabalho, ficando as terras dispostas para o uso dos arados, se diminuiria nos mais annos o numero dos trabalhadores.

§. 26. A segunda parte se conseguiria tambem da abundancia de gados, que mostrámos não haver, pelo consumo, que fazem os seus habitantes de outros generos. Esta abundancia, facilitando mais a subsistencia, faria diminuir em huma grande parte o consumo das carnes de porco; faria diminuir outra parte muito consideravel dos legumes necessarios (como fica dito) para o sustento dos pobres, dos escravos, e nutrição dos mesmos porcos.

§. 27. Faltando o consumo dos referidos generos pela substituição dos gados, que fazião huma subsistencia mais commoda, o roceiro não achando utilidade em occupar na agricultura o mesmo numero de escravos, de necessidade applicaria a parte que restasse á extracção do ouro. Eisaqui como na Capitania de Minas se augmentaria o numero dos mineiros: crescendo o numero dos mineiros, seria maior a extracção do ouro. Eisaqui como a abundancia dos gados concorreria para pôr em equilibrio o valor do ouro com o valor das mercadorias, que nellas se consomem, para sustentar o commercio, que faz a metropole com as ditas Colonias, ou para evitar nellas a perda de tantos negociantes, quantos por falta de pagamentos continuadamente se estão vendo fallir.

§. 28. Nas outras Capitanias, fazendo-se tambem superflua grande parte de trabalhadores, destinados á cultura dos generos necessarios para a sua subsistencia, mais se poderião applicar á cultura dos generos, que se costumão exportar para a mesma metropole, e deste augmento se seguiria tambem augmentar-se o commercio e a navegação. Estas são as utilidades, que se seguirão á metropole

de se estabelecer a referida abundancia de gados. Vejamos agora como, ainda existindo em todas as referidas Capitanias, não póde servir de obstaculo á execução do projecto.

C A P. 5.

Em que se acaba de convencer, mostrando-se que, ainda que existisse a abundancia de gados, não serviria de obstaculo á execução do projecto.

§. 29. Estabelecida a dita linha de povoaçoens, os seus gados, além da extracção, que terião em grande parte commua com a freguezia de Pastos Bons pelo rio Parnaiba, para as Capitanias da Bahia e Rio de Janeiro, fornecerião ao Pará pelo rio Tocantins os que lhe faltão para a sua subsistencia.

A Ilha de Joanes he sim creadora de muitos gados, porém ella não póde bastar para criar os necessarios.

A povoação do Pará tem crescido tanto, que em menos de 16 annos tem dobrado o consumo, que fazia dos seus gados; e apezar de todos os raciocinios, e de todas as providencias, não he comprehensivel como a Ilha de Joanes, cujos limites se não podem exceder, crescendo a povoação, possa suprir para o futuro os gados, que ha dous annos temos visto faltar.

§. 30. A Capitania do Pará he toda regada de muitos e caudalosos rios, cujas margens se dilatão em grandes matas: nellas, como temos dito, não se póde facilmente estabelecer a creação de gados; seria pois necessario hir buscar no interior do Paiz os sertoens abertos. Não fallando nos sertoens da parte do Norte, os quaes ainda que sejão abertos, além da pouca fertilidade dos seus pastos, podem conter outras razoens, que obstem a se hirem descobrindo com as povoaçoens tão pouco populosas,

como são as fazendas de gados dos sertoens abertos, estes, que dão lugar ao referido projecto, não são os que lhe ficão mais visinhos? E não serião tambem por isso os mais proprios para nelles se estabelecer a criação de gados, de que já necessita, e mais necessitará para o futuro o Pará?

Logo além dos fins, que tem o referido projecto, de reduzir á nossa sujeição huma grande parte das naçoens silvestres, de procurar com ella adiantar a cultura das Capitanias do Maranhão, Pará, Piauhi, e Goyaz; deve-se tambem ter por fim do mesmo projecto o procurar-se a subsistencia do Pará. E assim fica mostrado, que ainda que existisse a referida abundancia de gados nas outras Capitanias, não serviria de obstaculo á execução do projecto.

C A P. 6.

Em que se estabelecem principios para affirmar a necessidade, e mostrar melhor as utilidades da execução do projecto, com demonstracçoens tiradas da povoação, cultura, e commercio de outras Capitanias.

§. 31. Nas razoens, com que acabamos de persuadir a execução do projecto, que temos proposto, considerámos a necessidade que ha de procurar-se a subsistencia da Capitania do Pará com novos estabelecimentos de creação de gados: agora para continuar-mos a persuadir a mesma execução do projecto, não só mostraremos as utilidades, que della se seguirião á povoação, cultura, e commercio do Maranhão e Pará; mas mostraremos tambem a necessidade, que ha de evitar-se a extracção, que os portos da Parnaiba e Seará estão fazendo do dinheiro da dita Capitania do Pará com a importação, que nella fazem dos seus gados reduzidos a carnes secas. As Capitanias do Rio de Janeiro, Espirito Santo, Porto Seguro, Ilheos, Bahia, Pernambuco,

e quantos se seguem ao Norte darão os principios para mostrar o que pertendemos dizer.

1.ª *Demonstração.*

§. 32. Todas as referidas Capitanias tem portos de mar; são os melhores os do Rio de Janeiro, Bahia, e Pernambuco.

Todas são pelo interior do paiz rodeadas de outras Capitanias, e povoaçoens, com as quaes não se communicão as do Espirito Santo, Porto Seguro, e Ilheos.

Comparadas entre si na fertilidade do terreno, ella he maior e mais continua nas Capitanias do Espirito Santo, Porto Seguro, e Ilheos.

Comparadas na povoação, na cultura, e no commercio, excedem muito as do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

Este excesso, sendo, como temos dito, mais ferteis as Capitanias do Espirito Santo, Porto Seguro e Ilheos, parece que só poderá provir, ou da excellencia dos portos de mar das ditas Capitanias do Rio de Janeiro, Bahia, e Pernambuco, ou da communicação, que ellas tem com as Capitanias e povoaçoens do interior, com as quaes não se communicão as Capitanias do Espirito Santo, Porto Seguro e Ilheos. Para mostrarmos pois donde provenha, mostraremos primeiro, que não póde só provir da excellencia dos portos.

§. 33. As Colonias, como dissemos no §. 22, são estabelecidas em utilidade da Metropole. Por maxima fundada nesta utilidade os habitantes das Colonias devem occupar-se em cultivar e adquirir as producçoens naturaes, ou materias primeiras, para que sendo exportadas á Metropole, esta não só dellas se sirva; mas aperfeiçoando-as, possa tambem tirar das Colonias o preço da mão de obra, e possa commerciar no superfluo com as naçoens estrangeiras. Donde se segue:

1.º Que nas Colonias se deve suppor a acquisição das producçoens naturaes, e a necessidade de commerciar nellas com a Metropole.

2.º Que nas Colonias, ou se recebão as ditas producçoens immediatamente da natureza, ou pelos meios da cultura, ellas devem ser sempre objecto commum e principal da povoação, e a materia do commercio; e o valor das ditas producçoens deve ser tambem o objecto particular, e interesse do povoador, ou seja agricultor, ou commerciante.

3.º Que todo o povoador, ou seja agricultor, ou commerciante, para se estabelecer nas colonias, ha de procurar aquelles lugares, onde possa adquirir as ditas producçoens, e possa nellas commerciar com proveito.

§. 34. Já sabemos que em todas as referidas Capitanias ha portos de mar: supponhamos agora que só por elles se faz a extracção das suas respectivas producçoens. Pela primeira e segunda deducção do §. antecedente devemos conceder que os portos de mar nas ditas Capitanias serão o lugar da feira das suas producçoens, e a boiça de todo o commercio das ditas Capitanias. Pela segunda e terceira deducção do mesmo paragrapho devemos conceder tambem que o povoador, ou seja agricultor, ou commerciante, de nenhuma maneira extenderá a povoação, cultura, ou commercio para o interior do paiz, indo-se estabelecer n'aquelles lugares, dos quaes sendo-lhe conduzidas as producçoens aos ditos portos, não possão com o valor, que nelles tiverem, pagar tanto o trabalho da acquisição, como as despezas das conducçoens, e transportes. D'aqui se segue

1.º Que o valor, que tiverem nos portos respectivos as producçoens das ditas Capitanias, será a regra, que fixe os limites da extensão, povoação, cultura e commercio para o interior do paiz.

2.º Que n'aquellas Capitanias, onde as produc-

çoens tiverem o mesmo valor, será tambem igual a extensão da povoação, cultura, e commercio para o interior do paiz, á proporção das despezas nas conducçoens e transportes.

§. 35. Já sabemos tambem que humas Capitanias tem melhores portos do que outras, e que nellas he a maior povoação, a cultura e commercio; seguir-se-ha por ventura que este excesso só provenha ás ditas Capitanias da excellencia dos seus portos? A povoação, cultura, e commercio póde ser intensiva, ou extensivamente maior. Demos que, sendo melhores os portos, seja nas ditas Capitanias maior a concurrencia de habitantes, e por isso intensivamente maior, isto he, mais numerosa a povoação, e mais importante a cultura e commercio; nunca d'aqui se póde seguir que seja por isso tambem nellas maior a extensão da povoação, da cultura e commercio para o interior do paiz.

1.º Porque sendo, como são, em todas as referidas Capitanias quasi da mesma natureza e valor as producçoens, que nellas se podem cultivar e adquirir, pela segunda deducção do paragrapho antecedente não poderião exceder humas Capitanias as outras na extensão da povoação, da cultura e do commercio.

2.º Porque pelas regras estabelecidas na primeira deducção do dito paragrapho, humas Capitanias não poderião exceder as outras na extensão da povoação, da cultura e do commercio para o interior do paiz, sem que excedessem tambem no valor das produçoens, excesso que não devemos conceder, vendo como temos dito nos §§. 22 e 23, que o fim das Colonias he utilisar a Metropole, e que o commercio, que esta faz com as referidas Capitanias, não póde admittir muito differente calculo no valor das producçoens.

§. 36. Isto posto, claramente se vê que, ainda

que o excesso que as Capitanias do Rio de Janeiro, Bahia, e Pernambuco levão na intensão da povoação, da cultura, e do commercio, ás outras Capitanias, do Espirito Santo, Porto Seguro e Ilheos, provenha da excellencia dos seus portos, o que ellas tem na extensão da mesma povoação, cultura, e commercio para o interior do paiz, excedendo os limites prefixos pelo valor das producçoens, não póde provir do mesmo principio. Vejamos agora donde provém.

2.ª *Demonstração.*

§. 37. Temos já dito que o Rio de Janeiro, a Bahia, e Pernambuco, são as Capitanias, que mais florecem, tanto na intensão como na extensão da povoação, da cultura, e do commercio.

Que ellas e as que se seguem ao Norte de Pernambuco, communicão-se com as povoaçoens e capitanias do interior do paiz, o que não fazem as capitanias do Espirito Santo, Porto Seguro, e Ilheos.

Temos mostrado como da excellencia dos seus portos não lhe póde provir todo o excesso, que ellas levão ás outras na povoação, na cultura e no commercio.

Vemos que não lhes provém da fertilidade do terreno, porque ellas cedem nesta parte ás do Espirito Santo, Porto Seguro, e Ilheos.

Resta-nos examinar a differença, que ha em quanto se communicão com as Capitanias e povoaçoens do interior, porque desta differença tiraremos o principio da maior extensão da povoação, da cultura e do commercio das referidas Capitanias.

Vejamos para isso primeiro quaes são as Capitanias e povoaçoens do interior, em que consiste a sua natureza, que relação ha entre ellas e as que se dizem Capitanias da Marinha, e como nellas influem.

§. 38. As Capitanias e povoaçoens do interior

do paiz são as Minas Geraes, Serro Frio, Pitangui, Paracatú, Goyaz, Fanado, Rio de Contas, Jacobina, Sertoens de S. Francisco, e Capitania do Piauhi. Consistem em minas de ouro, pedras preciosas, e creação de gados, tanto vacum, como cavallar.

§. 39. A relação, que ha entre ellas e as Capitanias da Marinha, he huma reciproca e effectiva dependencia. As Minas dependem das Capitanias da Marinha para receberem as manufacturas, e mais generos, que nellas se introduzem da Metropole, e com que satisfazem ás suas necessidades, tanto reaes, como de opinião, principalmente as que respeitão ao vestir; para haverem os escravos d'Africa necessarios para a cultura dos generos do paiz, com que satisfazem á sua nutrição, e para o trabalho das minas, donde tirão o ouro, com que pagão as mesmas manufacturas, os mesmos generos, e os mesmos escravos.

§. 40. As Capitanias e povoaçoens, que só consistem na criação de gados, excedendo a multiplicação dos mesmos gados ao necessario para a sua subsistencia, e não podendo dar dentro dellas mesmas o consumo ao superfluo, procurão as Capitanias da Marinha, como mais povoadas para ahi os venderem; e dellas dependem para a troco dos mesmos gados, ou dinheiro, que por elles recebem, haverem as manufacturas, e mais generos da Metropole; os escravos de Africa tambem necessarios para a cultura dos generos comestiveis do paiz, e trato da mesma criação de gados.

§. 41. As Capitanias da Marinha dependem das minas, para haverem o ouro e pedras preciosas a troco das manufacturas, e mais generos da Metropole, e escravos da Africa.

Dependem das Capitanias e povoaçoens, em que se crião gados, para satisfazerem com elles mais commodamente a huma grande parte da sua subsistencia, e pouparem-se ao trabalho de procurarem ou o

mesmo genero, cuja criação he nellas mais custosa, ou o equivalente com a cultura dos outros, que diminuiria a acquisição, que fazem daquelles, em que commerceião com a Metropole.

§. 42. Segundo o principio estabelecido no § 34 sobre a extensão da povoação, cultura e commercio das Capitanias da Marinha, parece que esta dependençia, em que estão humas Capitanias das outras, não poderia ser effectiva; porque na communicação, que ellas fazem dos referidos objectos, se excedem aos limites prefixos á extensão da povoação, da cultura, e commercio das ditas Capitanias da Marinha; mas como a distancia, ou extensão, não he no dito principio considerada absolutamente, mas sim regulada segundo o valor das producçoens e mais circunstancias, ellas podem fazer que a povoação das Capitanias da Marinha, não passe de certos limites, e que a communicação das ditas Capitanias com as do interior exceda os referidos limites, e vá muito adiante.

§, 43. Pelo que respeita ás minas, o ouro, que ellas produzem, e communicão, he o metal mais precioso, e mais commodo, que os homens acharão para representar todas as outras producçoens, tanto da natureza, como da industria; e sendo proprio, será phenomeno bem raro apparecer hum homem que se queixasse do trabalho e despezas, que faz nesta condução.

Os gados, que crião as outras Capitanias, e povoaçoens do interior, para serem communicados ás Capitanias da Marinha, não necessitão de quem os carregue; elles são só os que sentem nas longas marchas todo o pezo do seu corpo, e apenas se faz necessario que haja quem os encaminhe.

§. 44. Pelo que respeita ás Capitanias da Marinha, nos miseraveis escravos, que por ellas se introduzem de Africa, dá-se a mesma razão, que se acaba de ponderar nos gados: nas manufacturas e

mais generos da Metropole augmenta tanto a industria o valor, que com as mesmas despezas, que se farião, conduzindo-se o capital de oito, ou vinte mil reis em generos do paiz, ou materias primeiras, se póde conduzir o capital de 800, dois contos, ou mais, em manufacturas, ou materias segundas.

§. 45. Eisaqui como, segundo o mesmo principio, ainda que as Capitanias da Marinha não possão exceder a certos limites na povoação, e cultura dos generos do paiz, que se exportão á Metropole, podem as mesmas Capitanias, e as do interior, não obstante a consideravel distancia que ha entre ellas, communicarem-se, e servirem-se mutuamente nas suas dependencias, introduzindo humas nas outras os generos, que por si se movem, o ouro, as pedras preciosas, as manufacturas da Metropole, e quanto a industria com a mão d'obra tem augmentado no valor, e reduzido á classe das materias segundas.

§. 46. Desta communicação pois, e deste commercio, que temos mostrado poder subsistir entre as referidas Capitanias, e que faz effectiva a dependencia, em que se achão humas das outras, nasce o influxo, que recebem as Capitanias da Marinha na povoação, cultura e commercio intensiva e extensivamente.

O ouro, quem não sabe que circulando no corpo politico, faz dentro delle os mesmos effeitos, que o sangue no corpo fisico? Elle corre por todas as suas partes, vivificando-as, e dando calor á agricultura, e ao commercio, tanto interior como exterior, tanto activo como passivo.

Os gados com o pronto alimento, que offerecem aos povos da Marinha, não só fazem diminuir a cultura de muitos generos, que só servirião para a nutrição dos mesmos povos, mas fazem crescer a cultura, e quantidade daquelles, que se exportão

á Metropole; estabelecem com as suas peles as fabricas de atanados; e tanto o ouro, como os gados, servem de promover a agricultura, e augmentar o commercio.

§. 47. Estes são os influxos, que as Capitanias da Marinha recebem da communicação com as Capitanias do interior intensivamente, e dentro dos limites prefixos á sua povoação, e cultura. Para vermos agora o que recebem extensivamente, ou fóra dos prefixos limites, daremos a razão dos principios, que temos estabelecido, tirando por consequencia o estado, em que estarião os paizes medios ás referidas Capitanias. Isto servirá para conhecermos melhor a causa da differença em que alguns se achão, e para descobrirmos nesta causa o principio da maior extensão da povoação e cultura das Capitanias do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, e quantas lhes ficão ao Norte, em comparação das do Espirito Santo, Porto Seguro, e Ilheos; que he o que vamos mostrar.

3.ª *Demonstração, e conclusão das precedentes.*

§. 48. As producçoens das referidas Capitanias, ou consistem em generos, que pelo seu maior valor e facilidade de condição são, como temos mostrado, communicaveis sem grandes despezas a paizes remotos, ou generos, que pelo volume, pezo, pouco valor, e duração dependem de grandes fretes e despezas, e não podem ser levados a consideraveis distancias.

§. 49. Pelos vinculos da Sociedade, ou ordem admiravel da Providencia, que estabelece entre todos os homens huma dependencia ou necessidade de se communicarem huns com os outros, nenhum particular póde só pelo seu trabalho e industria cultivar e fazer quanto lhe he necessario, para satisfazer ás suas necessidades, assim reaes, como de opinião. Esta impossibilidade de subsistir qualquer

individuo sem alheios soccorros, ou lei universal que liga os homens entre si, tem a Policia ampliado nas Colonias para maior utilidade e dependencia, em que devem estar da Metropole; e nellas, como temos dito, os habitantes só se devem occupar em adquirir as materias primeiras, e haver a troco dellas da mesma Metropole as manufacturas necessarias para satisfazer a aquella parte, que respeita ao vestir.

§. 50. D'aqui se segue: 1.º Que a agricultura nas Colonias não póde ser só considerada como objecto de subsistencia, deve de necessidade ser vista como objecto de commercio, tanto exterior a respeito da Metropole, como interior e economico a respeito dos habitantes.

2.º Que nenhum agricultor poderá subsistir sem vender, ou permutar parte dos effeitos da sua cultura, para assim poder haver o que necessita para se vestir.

3.º Que não podendo o agricultor conseguir pela cultura os dois fins, de que depende a sua subsistencia, ou porque o paiz não produz os generos, de que os outros necessitão; ou porque os generos, que produz, pelo volume, pezo, pouco valor, e duração não podem ser conduzidos a partes distantes, para serem nellas vendidos e permutados; nós veremos os paizes incultos, ou os seus habitantes nús, como as naçoens silvestres, ou como aquelles, que entranhados nos mesmos paizes vivem da caça, da pesca, e dos poucos generos, que apenas cultivão meramente para se alimentarem.

§. 51. Esta he a razão do principio, no qual estabelecemos que nas Capitanias da Marinha, fazendo-se só pelos portos respectivos a extracção das suas producçoens, não passaria a povoação e cultura daquelles limites, dos quaes conduzidas aos mesmos portos as ditas producçoens, com o valor, que nelles tivessem, pagassem o trabalho da acquisição, e as despezas, que se fazem em conduzi-las: deduzindo que o valor, que terião os generos nos ditos portos, fixaria os limites da povoação, e cultura para o interior do paiz, limites que a excellencia dos portos nunca faria exceder.

§. 52. Na contraria desta razão, fundada na natureza dos objectos, da dependencia, que ha entre as referidas Capitanias da Marinha e interior, ou interesse, que acharia o agricultor e commerciante nos generos, que pelo seu maior valor e facilidade de conducção, podem ser communicados com proveito a maiores distancias, para serem vendidos e permutados, como mostrámos, he que estabelecemos o principio da communicação, que ha entre as ditas Capitanias com a communicação, que faz povoar as Capitanias, do interior, e faz effectiva a dependencia, em que se achão humas Capitanias das outras.

§. 53 Destes principios deduzimos agora por infallivel consequencia que os paizes medios, isto he, todos aquelles, que entre as referidas Capitanias excedessem os limites prefixos á povoação das Capitanias da Marinha, e não produzissem os generos da natureza daquelles, que produzem as Capitanias do interior, serião inteiramente incultos. Taes são os que vemos entre as Capitanias do Espirito Santo, Porto Seguro, Ilheos e Minas Geraes; e taes serião tambem todos os que se dilatão entre as outras Capitanias, se huma razão intrinseca não removesse as difficuldades, em que os consideramos pela remota situação e natureza das suas producçoens, e não facilitasse os meios de se poder tirar delles algum proveito. O transito, que pelos ditos paizes fazem as pessoas, que se entretem na communicação e commercio dos referidos objectos da dependencia entre as ditas Capitanias da Marinha, e interior, he a razão, que ponderámos: os meios serão tambem os que vamos referir.

4.ª Demonstração e conclusão do Capitulo.

§. 54. Existindo incultos, taes quaes serião, os paizes medios, os viandantes e commerciantes das Capitanias externas, não podendo por elles transitar sem o necessario para a sua subsistencia, além dos generos que, como temos dito, são o objecto da referida dependencia, e materia desta communicação e commercio; generos, como temos mostrado, pela sua natureza communicaveis a distancias consideraveis; conduzirião tambem aquelles generos, que pelo volume, pezo, pouco valor, e duração, não são communicaveis sem maiores despezas que o valor do capital, como ordinariamente são os comestiveis, para suprirem com elles as suas necessidades pessoaes, e alimentarem a multidão de bestas, que serve nesta communicação e commercio; de sorte que ou augmentarião consideravelmente as despezas, que fazem nos seus combois, conduzindo em humas bestas não só o que seria necessario para alimentar as outras, mas tambem as mesmas, que para esse fim accrescessem, ou se exporião a experimentar os funestos effeitos da fome, e perda total dos seus combois.

§. 55. Isto, que augmentaria consideravelmente as despezas da condução, introduziria nas capitanias do interior a carestia dos objectos da sua dependencia, restringiria o commercio, e faria muitas vezes impraticavel a communicação, he o mesmo que promove a povoação e cultura dos ditos paizes medios.

§. 56. O novo povoador, vendo que o viandante e commerciante, se achassem nos ditos paizes medios os generos necessarios para a sua propria existencia, e dos seus combois, ainda a mais alto preço, os comprarião para evitar os incommodos e maiores despezas, que farião em conduzir os que lhe fossem precisos; e vendo tambem que nos mes-

mos paizes póde com a cultura dos generos comestiveis satisfazer aos dois fins, porque nella se deve interessar, nelles se vai estabelecer, e onde pela distancia não póde cultivar aquelles generos, que tem extracção para a Metropole cultiva os comestiveis, e desta cultura tira não só o necessario sustento para a sua familia, mas o superfluo, que vende aos viandantes e commerciantes, e com cujo producto compra as manufacturas para se vestir.

§. 57. Estabelecido o agricultor, crescendo a familia, e dividindo-se em ramos, o natural amor aos parentes, e a congenita inclinação aos paizes, em que nascerão, faz que por elles se vão dilatando, e constituindo novas familias. Depois disso o pratico exacto conhecimento, que ellas adquirem dos mesmos paizes, vai aplanando as dificuldades, que ha para a communicação, dando melhor direcção ás estradas, e se achão muitas vezes em estado de poderem conduzir aos portos os generos cultivados em muitos lugares, donde terião por impraticavel esta extracção, quando nelles se forão estabelecer.

§. 58. Eis-aqui o que tem acontecido nos paizes, que ficão entre o Rio de Janeiro e Minas Geraes, pelas estradas da Estrella, do Coto, que lhe fica ao Sul, e caminho novo, tambem ao Sul do Coto; estradas, que todas se ajuntão antes dos rios Paraiba e Paraibuna, onde está o registro, e paizes, que sendo todos cobertos de densas matas, até faltaria nelles pasto para as bestas, se a cultura não tivesse aberto o necessario.

§. 59. Além destas razoens graves e communs a qualquer nova povoação, nos paizes, que pela outra parte estão entre a Bahia, Pernambuco, mais Capitanias ao Norte, e as Minas, povoaçoens e Capitanias, em que se achão gados, ha de particular que das numerosas boiadas, que se vão vender aos ditos portos, ficão pelas estradas muitas rezes; hu-

mas porque se apartão para os campos, outras por fracas e incapazes de continuar a marcha: desorte que, calculando-se a diminuição, que vem a ter as boiadas, chega a mais da terça parte.

§. 60. Esta parte, que seria inteiramente perdida, serve tambem de promover a povoação e cultura dos ditos paizes medios; para della utilisarem-se, vão nelles estabelecer-se muitos povoadores, os quaes a comprão nas estradas por baixo preço aos conductores das boiadas postos na precisão de as deixarem, e sem esperança de a poderem mais haver; ou porque pereceria em muitos lugares á sede, ou porque, recuperadas as forças, se internarião pelos sertoens, ou porque acharião quem della se utilisasse, sem fazer desembolço algum, como he bem frequente pelas ditas estradas.

§. 61. Os novos povoadores sustentando-se daquellas rezes, de que não esperão outro interesse, cuidão em que se restabeleção as que lhes sobrão, para as hirem no anno seguinte vender aos mesmos portos; e para este fim como os ditos paizes são por sua natureza aridos, e parecem pela falta de agoa em muitas partes inhabitaveis; não só aproveitão das que descobrem em alguns lugares mais remotos, mas procurão com industria fazer tanques, onde a conservão de inverno, e por este modo utilisando-se dos gados, que se crião nas Capitanias do interior, passão tambem a estabelecer novas criaçoens em sitios, que serião inteiramente despovoados, se este primeiro interesse não os levasse a elles.

§. 62. Eis-aqui tambem como vemos povoada muita parte dos sertoens, que correm da Bahia á Jacobina, da Jacobina ao Rio de S. Francisco, do Rio de S. Francisco á Capitania do Piauhi, andando de Est a Oest, e buscando tanto ao Sul as minas do rio das Contas, Fanado, Serro do Frio, e Geraes, como para o Norte as ditas Capitanias, que se seguem por esta parte a Pernambuco.

§. 63. Sendo pois estes os meios, porque vemos povoados em muitas partes os paizes intermedios ao Rio de Janeiro, e Minas Geraes, intermedios á Bahia, Pernambuco, mais Capitanias ao Norte, e as mesmas Minas e povoaçoens do interior, devemos concluir que por isso não se achão povoados os paizes entre as Capitanias do Espirito Santo, Porto Seguro, Ilheos, e as Minas Geraes, e Serro do Frio: porque lhes falta esta communicação das Capitanias da Marinha com as do interior, e que desta communicação provem a maior extensão da povoação, da cultura, e commercio das Capitanias do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, e quantas lhe ficão ao Norte, que he o que pertendiamos mostrar.

§. 64. Para combinar-mos o que vamos a dizer da povoação, e cultura do Maranhão e Pará, com o que temos mostrado, estabeleceremos agora como principios já demonstrados:

1.º Que as povoaçoens e Capitanias do interior do paiz, sendo dependentes das Capitanias da Marinha; e tendo com ellas communicação, concorrem para o augmento, tanto intensivo como extensivo da povoação, cultura, e commercio das Capitanias da Marinha.

2.º Que sem esta communicação, as Capitanias da Marinha não excederião na povoação, cultura e commercio a certos limites; e dentro dos mesmos limites não serião tão bem povoados. Antes de passarmos á dita combinação, ponderaremos dois prejuisos tão vulgares como oppostos aos principios, que temos estabelecido.

(Continuar-se-ha.)

POLITICA.

Nova Constituição de França.
Paris 4 de Junho.

O Rei foi hoje em Estado ao Palacio do Corpo Legislativo. Descargas de artilharia annunciarão ás duas e meia a chegada de Sua Magestade.

O Marquez de Dreux-Brezé, Grão Mestre de Cerimonias, e MM. de Watrouville, e S. Felix, Assistentes das Cerimonias, precedidos por vinte e cinco Deputados, receberão Sua Magestade ao pé da escada do grande portico.

O Rei depois de hum grande intervalo de descanço no seu quarto, seguio para a Camara das Sessoens. A' entrada de Sua Magestade, toda a assemblea se poz em pé, entre gritos mil vezes repetidos de *Viva ElRei! Vivão os Bourbons!* acclamados com hum enthusiasmo e energia, que fora impossivel exprimir.

Sua Magestade sentou-se no throno, tendo á sua direita Sua Alteza Real o Duque de Angouleme, e á esquerda o Duque de Berri. A' direita do Duque de Angouleme, estava Sua Alteza Real o Duque de Orleans, e á esquerda do Duque de Berri o Principe de Condé. — O Chanceller, o Grão Mestre, o Mestre e Assistentes das Cerimonias occupavão os seus lugares costumados.

Dois Pares Espirituaes, e seis Pares Temporaes; os Ministros, Secretarios de Estado; os Ministros de Estado; os Marechaes de França; os Inspectores Generaes; huma deputação dos Grandes Officiaes da Legião de Honra, huma deputação dos Tenentes Generaes, e Marechaes de Campo estavão em bancos abaixo e de cada lado do throno. Os Senadores, os Membros da Caza dos Lords, convidados por Cartas de Sua Magestade, e os

Deputados dos Departamentos estavão postos em hum circulo em frente do throno.

A assemblea estava em pé e descoberta. O Rei sentou-se, poz o chapéo, e por hum aceno de mão convidou a assemblea a tomar os seus assentos..

Sua Magestade fez a seguinte falla. —

,, Senhores. — Quando pela primeira vez me vejo cercado neste lugar pelos grandes Corpos do Estado, pelos Representantes de huma nação, que me tem dado os mais sinceros testemunhos da sua affeição, me sinto feliz em ser o dispenseiro dos beneficios, que a Divina Providencia se dignou de conceder ao meu povo. Fiz com a Austria, a Russia, a Inglaterra, e a Prussia, huma paz, em que estão incluidos os seus alliados; isto he — todos os Principes da Christandade. A guerra foi universal, a reconcilação he igualmente universal.

O lugar, que a França sempre sustentou entre as naçoens, não foi transferido a alguma outra, e fica com ella só, sem divisão alguma. Tudo quanto os outros Estados adquirirão em materia de segurança he igualmente possuido por ella, e por consequencia augmenta o seu poder real. O que ella não conserva de suas conquistas não se deve considerar como diminuindo cousa alguma da sua força real.

A gloria dos exercitos Francezes não tem sofrido diminuição; os monumentos do seu valor sempre existem, e a perfeição nas artes nos pertence por direitos mais estaveis e sagrados do que os da victoria.

Os canaes de commercio, ha tanto tempo fechados, agora nos estão abertos. O commercio da França não se limitará já ás producçoens do seu sólo e da sua industria. Aquellas, que longo habito tem tornado necessarias, ou são mister para as artes, que ella exercita, serão fornecidas por aquel-

sas possessoens, que recobrou agora. Não será reduzida á situação de carecer daquellas producçoens, ou de só pode-las obter com ruinosas condiçoens. As nossas manufacturas vão outra vez florecer; as nossas cidades maritimas renovarão o seu commercio; e tudo nos promette que huma dilatada bonança exteriormente, e huma permanente felicidade interna, serão os felices fructos da paz.

Penosas lembranças perturbão frequentemente a minha alegria. Eu nasci, e esperava ter persistido toda a minha vida o mais fiel vassallo do melhor dos Reis; e agora occupo o seu lugar! Mas elle não morreu inteiramente: elle ainda vive n'aquella obra, que elle destinava para instrucção do augusto e desgraçado menino, a quem succedemos! Com os olhos fitos n'aquella obra immortal — penetrado dos sentimentos que a dictarão — guiado pela experiencia, e sustentado pelos conselhos de muitos dos vossos Membros — tracei a Carta Constitucional, que ouvireis agora ler, e que fixa sobre huma sólida base a prosperidade do Estado.

O meu Chanceller vos informará das minhas partenaes intençoens. ,,

O tom e maneira, com que o Rei se expressou, bem como os sentimentos, que elle declarou, fizerão a mais profunda impressão na Assemblea, e foi acompanhado de novas acclamaçoens de *Viva ElRei!*

Então o Chanceller, depois de hum discurso preliminar, passou, em consequencia da Ordem de Sua Magestade, a communicar a Carta Constitucional; que devia firmar os direitos e privilegios da nação. O Chanceller entregou a Mr. Ferrand, Ministro de Estado, a Real Declaração relativa á Carta Constitucional, que foi lida pelo Ministro. Ella concluia com as seguintes palavras: —

Nós voluntariamente, e por livre exercicio da nossa Real authoridade, havemos dado, e damos,

havemos concedido aos nossos vassallos, por nós e por nossos Successores, e para sempre a seguinte CARTA CONSTITUCIONAL: —

Artigos da Constituição.

Direitos publicos dos Francezes.

Art. I. Os Francezes são todos iguaes em presença da lei, quaesquer que sejão alias seus titulos e dignidades.

II. Elles contribuem, sem distinção, em proporção das suas posses, para as despezas do Estado.

III. Todos são igualmente admissiveis aos empregos civis e militares.

IV. Sua liberdade individual he igualmente garantida; ninguem será sujeito á demanda ou prisão, excepto nos casos que a lei determina, e da maneira que ella prescreve.

V. Cada hum professa a sua Religião com igual protecção para o seu culto.

VI. Não obstante, a Religião Catholica, Apostolica e Romana he a Religião do Estado.

VII. Os Ministros da Religião Catholica, Apostolica e Romana, e os das outras Religioens Christãs somente, são sustentados pelo Thesouro Real.

VIII. Os Francezes possuem o direito de publicarem e imprimirem suas opinioens, conformando-se ao mesmo tempo ás leis, que reprimirão o abuso daquella liberdade.

IX. Toda a propriedade he inviolavel, sem alguma isenção da que se chama nacional, porque a lei não conhece differença entre ellas.

X. O estado póde requerer o sacrificio da propriedade, a bem do publico interesse legalmente provado, mas precedendo huma indemnidade.

XI. Toda a devaça sobre opinioens e votos dados a cerca da restauração he prohibida. O mesmo

esquecimento se impoem a todos os tribunaes e cidadãos.

XII. A Conscripção he abolida. O modo de recrutar o exercito e a marinha he determinado por huma lei particular.

Fórmas do Governo Real.

XIII. A pessoa do Rei he inviolavel e sagrada. Os seus Ministros são responsaveis. Ao Rei sómente pertence o poder executivo.

XIV. O Rei he a Suprema Cabeça do Estado; Commandante em Chefe das forças, por mar e por terra; declara a guerra, conclue tratados de paz, alliança, e commercio; nomêa a todos os empregos da publica administração, e dirige todas as regulações e ordenanças necessarias para execução das leis, e segurança do Estado.

XV. O Poder Legislativo he collectivamente exercido pelo Rei, Casa dos Pares, e Casa dos Deputados dos Departamentos.

XVI. O Rei propoem as leis.

XVII. A proposta das leis he posta perante a Camara dos Pares, ou a dos Deputados, conforme a vontade do Rei, excepto as leis de impostos, que devem ser em primeira instancia sujeitas á Camara dos Deputados.

XVIII. Cada lei se discutirá livremente, e votar-se-ha pela maioridade de cada huma das duas Camaras.

XIX. As duas Camaras possuem o poder de requerer ao Rei que proponha relativamente a qualquer objecto, que julguem conveniente, e suggerir tudo quanto lhes parecer acertado que a lei contenha.

XX. Este requerimento póde ser feito por cada huma das duas Camaras, mas sómente depois de ter sido discutido em Junta Secreta. Não será man-

dado á outra Camara, por aquella que o houver proposto, antes de seis dias.

XXI. Se a proposta for adoptada pela outra Camara, será sujeita ao Rei; se rejeitada, não se tornará a toma-la na mesma Sessão.

XXII. O Rei sómente sanciona e promulga as leis.

XXIII. A lista civil he fixada por toda a duração do Reino, pela Assemblea Legislativa, desde a accessão do Rei.

Da Camara dos Pares.

XXIV. A Camara dos Pares he huma parte essencial do Poder Legislativo.

XXV. He convocada pelo Rei ao mesmo tempo que a Camara dos Deputados dos Departamentos. A Sessão de ambas começa, e acaba ao mesmo tempo.

XXVI. Qualquer ajuntamento da Camara dos Pares, que tenha lugar fóra do periodo da Sessão da Camara dos Deputados, ou que não seja ordenado pelo Rei, he illegal, e fica nullo.

XXVII. A creação dos Pares de França pertence ao Rei. O seu numero he illimitado. Elle póde variar suas dignidades, nomea-los vitalicios, ou faze-los hereditarios, segundo sua vontade.

XXVIII. Os Pares tomaráõ assento na Camara de idade de vinte e cinco annos, e não podem ter voto deliberativo antes de trinta.

XXIX. A Camara dos Pares he presidida pelo Chanceller de França, e em sua ausencia por hum Par nomeado pelo Rei.

XXX. Os Membros da Real Familia, e os Principes do Sangue, são Pares por direito de nascimento. Elles se sentão immediatamente depois do Presidente, mas não exercem voto deliberativo antes da idade de vinte e cinco annos.

XXXI. Os Principes não podem tomar seus as-

sentos na Camara senão em consequencia da ordem do Rei, expressa em cada Sessão por huma mensagem, com pena de nullidade a tudo quanto se fizer em sua presença.

XXXII. Todas as deliberaçoens dos Pares são secretas.

XXXIII. A Camara dos Pares toma conhecimento dos crimes de alta traição e attentados contra a segurança do Estado, que serão sentenciados pela lei.

XXXIV. Nenhum Par póde ser prezo senão por authoridade da Camara em materias criminaes.

Da Camara dos Deputados dos Departamentos.

XXXV. A Camara dos Deputados será composta dos Deputados eleitos pelos Collegios Eleitoraes, cuja organisação será determinada pelas leis.

XXXVI. Cada Departamento terá o mesmo numero de Deputados, que ao presente possue.

XXXVII. Os Deputados serão eleitos por cinco annos, e de maneira que a Camara seja renovada em hum quinto todos os annos.

XXXVIII. Nenhum Deputado póde ser admittido á Camara, que não tenha trinta annos de idade, e pague huma contribuição directa de 1000 francos.

XXXIX. Porém se no Departamento não houverem cincoenta pessoas da idade declarada, que paguem ao menos 1000 francos de contribuiçoens directas, completar-se-ha o numero d'entre outras pessoas, que paguem mais abaixo de 1000 francos; mas estes não podem ser eleitos conjuntamente com os primeiros.

XL. Os Eleitores, que se unem na nomeação dos Deputados, não podem ter direito de voto, se não pagarem huma contribuição directa de 300 francos, e tiverem menos de trinta annos de idade.

XLI. Os Presidentes dos Collegios Eleitoraes serão nomeados pelo Rei, e serão de direito Membros do Collegio.

XLII. Metade, ao menos, dos Deputados serão eleitos da classe dos *elegiveis*, que tenhão o seu domicilio politico no Departamento.

XLIII. O Presidente da Camara dos Deputados he nomeado pelo Rei, por huma lista de cinco Membros appresentados pela Camara.

XLIV. As Sessoens da Camara são publicas; mas requerendo-o cinco Membros, deve resolver-se em huma Junta particular.

XLV. A Camara se divide em Mezas para discutir os Bills, que lhe são appresentados da parte do Rei.

XLVI. Não se póde fazer emenda a huma lei, sem ser proposta em huma Junta pelo Rei, e referida, e discutida pelas respectivas Mezas.

XLVII. A Camara dos Deputados recebe todas as proposiçoens para impostos; estas proposiçoens não podem ser levadas á Camara dos Pares, sem haverem sido aprovadas.

XLVIII. Não se imporá, ou alliviará tributo, sem que primeiro seja approvado pelas duas Camaras.

XLIX. O imposto sobre as terras será só approvado por hum anno. Tributos indirectos podem existir por muitos annos.

L. O Rei convoca as duas Camaras todos os annos; proroga-as, e póde dissolver a dos Deputados dos Departamentos; mas neste caso he obrigado a convocar huma nova assemblea dentro do espaço de tres mezes.

LI. Não se póde fazer violencia á pessoa de algum Membro da Camara durante a sessão, e seis semanas antes e depois da sessão.

LII. Nenhum Membro da Camara, poderá, durante a Sessão, ser perseguido, ou prezo por al-

gum crime, excepto no caso de flagrante delicto, e depois que a Camara der licença para se lhe fazer o processo.

LIII. Cada petição a qualquer das Camaras deve ser apresentada por escrito. He prohibido pela lei appresentar petiçoens em pessoa, e na grade.

Dos Ministros.

LIV. Os Ministros podem ser Membros da Camara dos Pares, ou da Camara dos Deputados. Além disto tem a liberdade de estar presentes a qualquer das Camaras, e terão direito de serem ouvidos quando o requererem.

LV. A Camara dos Deputados tem direito de suspender os Ministros, e leva-los á Camara dos Pares, que só tem direito de julga-los.

LVI. Podem sómente ser suspensos por actos de traição, ou roubo. Leis particulares especificaráõ a natureza destes crimes, e determinaráõ o modo de os processar.

Da Ordem Judicial.

LVII. Toda a justiça emana do Rei; será administrada em seu nome pelos Juizes, que o Rei nomear.

LVIII. Os Juizes nomeados pelo Rei são immudaveis.

LIX. As Cortes e Tribunaes ora existentes serão conservados: não se lhes fará mudança salvo em virtude da lei.

LX. A presente instituição de Juizes de Commercio he conservada.

LXI. O systema respectivo á Justiça de Paz tambem se conserva. Os Juizes de Paz, ainda que nomeados pelo Rei, não serão removidos.

LXII. Ninguem será privado de seus Juizes naturaes.

LXIII. Consequentemente não se crearáõ Commissoens Extraordinarias, ou Tribunaes. A jurisdicção dos *Prebostes*, se o seu restabelecimento parecer necessario, não será comprehendida nesta denominação.

LXIV. As discussoens em processos criminaes serão publicos, com tanto que esta publicidade não infrinja a boa ordem, e maneiras; e neste caso o tribunal o declarará por sua authoridade.

LXV. A instituição dos Jurados he conservada; as mudanças que pela experiencia se julgarem necessarias, sómente podem ser feitas por huma lei.

LXVI. Fica abolida a pena do confisco de bens; e não poderá ser restabelecida.

LXVII. O Rei possue o direito de perdoar, e de commutar os castigos.

LXVIII. O Codigo Civil e as Leis actualmente existentes, que não são contrarias á presente Carta, continuaráõ em vigor, em quanto se não fizer legalmente a alteração necessaria.

Direitos dos particulares garantidos pelo Estado.

LXIX. Os Soldados em actual serviço, officiaes e soldados reformados, viuvas pensionadas, officiaes, e soldados, conservaráõ seus postos, honras, e pensoens.

LXX. Affiança-se a divida publica. He inviolavel toda a sorte de obrigação, que o Estado contrahio com os seus crédores.

LXXI. A antiga *Nobreza* toma outra vez os seus titulos. O Rei cria Nobres a seu sabor; mas confere-lhes sómente postos e honras, sem isenção alguma dos encargos e direitos da Sociedade.

LXXII. Conserva-se a Legião de Honra. O Rei determinará a sua condecoração e regulaçoens internas.

LXXIII. As Colonias serão governadas por leis e regulaçoens particulares.

LXXIV. O Rei e seus Successores juraráõ, na solemnidade da sua sagração, observar fielmente a presente Carta Constitucional.

Artigos transitorios.

LXXV. Os Deputados dos Departamentos da França, que tinhão assento no Corpo Legislativo no tempo do ultimo adiamento, continuaráõ a te-lo na Camara dos Deputados, até serem substituidos.

LXXVI. A primeira renovação de hum quinto da Camara dos Deputados, terá lugar, o mais tardar, no anno de 1816, segundo a ordem estabelecida nas series respectivas.

Ordenamos que a presente Carta Constitucional sujeita ao Senado e a Corpo Legislativo conforme a nossa Proclamação de 2 de Maio, seja immediatamente enviada á Camara dos Pares e á dos Deputados.

Dada em Paris no anno da Redempção de 1814, e do nosso reinado e decimo nono.

(*Assignado*) Luiz.
(Contra-assignado)
O Abbade de Montesquiou.

INDICE.

MEDICINA.

HISTORIA.

TOPOGRAFIA.

POLITICA.

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO,

POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

TERCEIRA SUBSCRIPÇÃO.

N. 5.°

SETEMBRO E OUTUBRO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1814.
Com Licença de S. A. R.

A subscripção se faz na Loja da Gazeta, ou na de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, a 6$000 reis pelos seis numeros. Nas mesmas se vendem avulsos a 1$200 reis.

HISTORIA.

Continuação da Memoria sobre o Descobrimento, Governo, População, e cousas mais notaveis da Capitania de Goyaz, continuada do N.° antecedente, paginas 33.

14. O Senhor Tristão da Cunha e Menezes, irmão do antecedente, tomou posse a 27 de Junho de 1783.

Emprehendeo a conquista do Chavante, a cujo fim fez huma expedição de cincoenta pessoas, commandada por Miguel de Arruda e Sá, que seguio com grande comitiva, até onde pôde, e depois se meteo ao Sertão a pé, e os seus companheiros, levando ás costas algum mantimento, e depois de alguns mezes conduzio a esta Villa 17, que affagados voltarão a conduzir os mais, que chegarão ao numero 3500.

Fez erigir para seu domicilio a Aldêa de Pedro 3.° do Carretão, em que se empregarão na cultura das terras, e viverão na abundancia, debaixo da direcção do Ajudante Fernando José Leal.

Promoveo a navegação do rio Araguaya para o Gram Pará, que depois se conheceo ser de 732 legoas, descoberta por ordem do Ministerio, á expensas do Coronel Ambrozio Henriques, e outros negociantes daquella Praça. Começou em 1791, sendo empregado nella o Capitão Thomaz de Souza Villa Real, que embarcou no rio do Peixe no Arraial de Santa Rita, e voltou depois de tres annos. Continuou-se esta navegação, ainda que com pouca frequencia, por se encontrarem no seu principio muitos obstaculos, que só o tempo póde aplanar, fazendo-se o embarque já no mesmo rio do Peixe, já no rio Vermelho, que vão dar ao mesmo Araguaya.

Tendo Ordem para soccorrer ao Gram Pará com 800 homens, quiz aproveitar esta occasião, para descobrir huma nova navegação, que lhe pareceo mais util, por ser pelo interior da Capitania, e pela visinhança dos Arraiaes. E a este fim se expedirão a 20 de Março de 1789 no porto de Santa Anna no Capimpuba pelo rio Uruû dous botes grandes, tres Ubás, e nove garittes, que se fabricarão, sendo Piloto o mesmo Capitão Thomaz de Souza Villa Real, e commandando a guarnição de 16 Pedestres o Sargento José Luis, o mesmo empregado na Conquista do Cayapó. Seguirão, ainda que encontrarão grande difficuldade na alcantilada caxoeira do Facão na visinhança de Agoa Quente, onde foi preciso conduzir por terra em carros todas as embarcaçoens, recebendo pelos Arraiaes as recrutas até o Pontal, onde, segundo as ordens, devia José Luis com a mesma gente atacar o Gentio Canoeiro, que tinha feito despovoar grande parte das Fazendas da visinhança do rio Maranhão, e com effeito entrou pelo rio Paranan, e Tocantins em seu seguimento; e em alguns encontros, que teve, ainda que sahio ferido, fez grande mortandade, resistindo-lhe denodadamente esta Nação, investindo as mesmas mulheres, e hum grande sequito de caens bravos, que trazião. Continuou Miguel de Arruda a commandar a expedição para o Pará, chegando só 80 invalidos, por terem desertado todos os mais. Esta navegação, ainda que se avaliou mais breve, nunca mais se continuou.

Fez prender o Intendente do ouro, José Ignacio Alvares de Castro Silva da Ribeira a 13 de Septembro de 1794, em consequencia da prisão, que tinha feito a Antonio Pereira da Costa, Official da Fundição: esteve preso nesta Villa nove annos, e depois se recolheo á Côrte debaixo de fieis Carcereiros. Nomeou em seu lugar, para Procurador da Fazenda, o Bacharel Francisco Xavier de Lima a 4 de Outubro do mesmo anno.

No seu tempo se descobrio por alguns faiscadores a riqueza de Arrayas em terras pertencentes a D. José Mathias, a que se chamou o Descoberto do Ouro podre em razão de ser de má côr, e denegrido. Suscitarão-se algumas desordens, a que occorreo o Corregedor Antonio de Liz, não querendo os trabalhadores suspender batêas por ordem do Guarda Mór do Districto, procedeo-se á devassa, e forão presos, e remettidos á esta Villa 14, que forão depois livres em Junta de Justiça. Este Descoberto foi riquissimo: estava toda a sua grandeza em huma segunda formação em terras já lavradas, em vieiros de cristal, que atravessavão a pissarra em bastante profundidade. Houverão bateadas de terra, que derão 60 oitavas, e calcula-se, que em huma noite tirarão os mesmos trabalhadores levantados tres arrobas de ouro.

Em Março de 1796 fez mudar para o Arraial de Cavalcante a Casa da Fundição, que desde o principio foi estabelecida no Arraial de S. Felis, empregando nesta deligencia o Sargento Mór Alvaro José Xavier.

Suscitarão-se no seu tempo algumas perturbaçoens sobre limites da Capitania com Minas Geraes pela parte do Desemboque: estando da parte da outra Capitania o Coronel Ignacio Correia Pamplona, e desta o Sargento Mór Alvaro José Xavier, que com a sua prudencia evitou que houvessem maiores desordens. E dando-se a este respeito contas, não sei que houvesse decisão.

Com o supposto descobrimento de ouro no ribeirão das Egoas quasi se suscitarão as mesmas desordens do Descoberto da Natividade: o Ouvidor da Jacobina disputava a posse, e o Major Alvaro José Xavier foi enviado por parte desta Capitania, munido de jurisdicção para sustentar os seus Direitos, e providenciar; porém como o ribeirão era pobre, tudo se socegou.

Economisou a Real Fazenda, não provendo os Postos, que vagarão, por algum tempo; e conservou por morte do Capitão Manoel José d' Almeida hum só Ajudante de Ordens no expediente da Salla.

No seu tempo se estabeleceo o Correio em 1799, que actualmente rende, pouco mais ou menos, 100$ reis.

Fez dar balanço a todos os Cofres da Capitania postos nas contagens, e Registros, em cuja diligencia empregou o Sargento Mór Alvaro José Xavier.

Fez fundar os Registros das Salinas, do ribeirão das Egoas, e do ouro podre.

Governou 16 annos, 9 mezes, e 27 dias, e se demorou nesta Villa todo o tempo do Governo seguinte.

15. O Senhor D. João Manoel de Menezes, vindo embarcado do Gram Pará pelo Araguaya até o Arraial de Santa Rita, tomou posse a 25 de Fevereiro de 1800, trazendo em sua companhia o Ajudante de Ordens Marcelino José Manso, e o Capitão de Pedestres José Luiz da Costa, que depois foi promovido a Sargento Mór de Cavallaria.

Principiou o seu Governo pacificamente; estabeleceo Sociedades, que frequentou, e se mostrou benefico aos seus subditos; porém pessoas mal intencionadas, e caprixos particulares fazendo-lhe ver suppostos crimes, e infidelidades, que não existião, perturbarão a boa ordem de todas as cousas. Ferveo a dissensão entre os Grandes, e gemeo o resto do povo. Em consequencia desta enviou com queixas o seu Ajudante de Ordens á Côrte. Fez devassar pelo Ouvidor de Mato Grosso do Ouvidor Antonio de Liz, e outros, e obrigou a algumas reposiçoens o mesmo Liz, o Padre Domingos da Motta Teixeira, que tinha servido de Secretario do Governo, de Professor da Filosofia, e Vigario

da Igreja: fez prender o Thesoureiro, e Escrivão da Junta da Real Fazenda, o Thesoureiro da Fundição, e outros. Exterminou a huns para fora da Capitania, a outros para differentes lugares, e fez prender ao Intendente do Ouro, Manoel Pinto Coelho.

Em consequencia desta prisão, não podendo a Camara com rogos obter a sua soltura, emprehendeo o maior absurdo, que nem deve ser lembrado. E na mesma noite foi cercada a Casa do Senado de tropa militar, prendendo-se dous, e fugindo os mais ao merecido castigo; de que os livrou a Piedade do Principe Regente Nosso Senhor, que julgando proceder este erro de hum mal entendido zelo da Justiça, lhes concedeo o perdão, annunciado pelo Senhor Vice Rei do Estado em Carta de 28 de Março de 1804, estranhando no Real Nome o desacordo de não conhecerem que todas as Camaras do Brasil são subordinadas aos Governadores, a quem Sua Magestade manda todos os Officiaes da Fazenda, da Justiça, e de Guerra obedecer, sendo só responsaveis das suas acçoens ao Soberano, a quem jurão homenagem, tendo os mais Vassallos o recurso de se queixarem, quando se julgarem opprimidos.

No meio destas perturbaçoens promoveo as Milicias, creou muitos Officiaes, e fez exercitar a Infanteria, e Cavallaria.

Accrescentou o numero dos Soldados Dragoens, que chegarão a oitenta por Aviso conseguido á sua instancia da Secretaria dos Negocios Ultramarinos de 25 de Abril de 1801.

Fez erigir hum Registro, ou Presidio na carreira do Araguaya entre a barra da Itacahiuna, e Tocantins, e fez huma expedição a este fim, em que foi empregado Braz Martinho de Almeida, e huma guarnição militar. Esta povoação, que se principiou, alguns annos depois foi desamparada.

Nó seu tempo, por Ordem do Real Erario de 10 de Setembro de 1801, depois de hum assento da Junta, e os exames necessarios, se franquearão as terras de Piloens, e rio Claro, com a condição de se recolherem os Diamantes, que se encontrassem, em hum Cofre, que se estabeleceo com tres chaves. Este terreno, emquanto vedado, foi o objecto dos dezejos, e das esperanças, o motivo de muitas representaçoens, que se fizerão ao Trono, avaliando-se como a unica resurça da Capitania no estado da sua languidez; porém não succedeo assim. As suas mais preciosas minas estavão sangradas, ou pelos Caldeiras, Contractadores dos Diamantes, ou pelos extraviadores, que desta, e outras Capitanias tinhão occultamente entrado pelos Sertoens. Conserva-se huma pequena guarda militar, e hum pequeno numero de faiscadores, que chegarão a 50; e ainda que tem muitas terras em ser, e talvez riquissimas, a pobreza dos habitantes, e a falta de braços não animão a fazer especulaçoens, que muitas vezes se perdem, e serviços, que são dispendiosos.

Fez preparar o caminho, que segue para Santa Barbara, do modo, que se conserva, mandando que se alinhassem as arvores, que se plantarão, e já não existem.

Consertarão-se por sua ordem as calçadas da carioca na entradada da Villa, que então estiverão no melhor estado possivel.

Soccorreo a Capitania de Mato Grosso com alguns homens de Infanteria, commandados pelo Tenente Antonio José Dantas Barboza. Governou 4 annos completos.

16. O Senhor D. Francisco de Assis Mascarenhas tomou posse a 26 de Fevereiro de 1804, trazendo comsigo huma alçada, que tinhão exigido as perturbaçoens da Capitania, sendo Juiz da mesma o Desembargador Agravista Antonio de Souza Leal, e Escrivão Francisco José de Freitas.

Teve a dexteridade de restituir a tranquillidade publica, e ainda quando o seu governo não fosse por outros motivos louvavel, isto bastava para fazer o seu elogio.

Calculou o estado da Capitania, vio o *deficit*, em que estavão as finanças, e fez o plano economico, para se coarctarem as despezas, extinguindo-se a Casa da Fundição de Cavalcante, diminuindo-se o Ordenado dos empregados na Casa da Fundição desta Villa, abolindo algumas Cadeiras de instrucção publica, diminuindo o Ordenado dos Professores, resumindo o numero dos Soldados.

Em virtude deste mesmo Plano, por Alvará de 18 de Março de 1809, se extinguio o Lugar de Intendente da Fundição desta Villa, como desnecessario nas actuaes circunstancias, substituindo-lhe os Fiscaes, que se nomeassem, no mesmo exercicio.

Creou-se hum Juiz de Fóra do Civel, Crime, e Orfãos, vencendo Ordenado, Propina, e Emolumentos do de Cuyabá: competindo-lhe servir de Procurador da Fazenda com o Ordenado estabelecido, tirar a Devaça do Extravio, e exercer a mais jurisdicção, fóra da Casa da Fundição, que competia aos Intendentes, sem perceber Ordenado por este respeito.

Fez crear a nova Comarca de S. João das Duas Barras na repartição do Norte, que comprehende os Julgados de Porto Real, Natividade, Conceição, Arrayas, S. Felis, Cavalcante, Flores, e Trahiras, com a mesma jurisdicção do Ouvidor da Comarca do Sul de Goyaz, a quem ficarão pertencendo os Julgados de Villa Bôa, Crixaz, Pillar, Meia Ponte, Santa Luzia, Santa Cruz, Araxás, e Desemboque: determinando-se ao mesmo tempo, que o Ouvidor da Comarca de S. João residisse interinamente em Natividade, ou onde mais conviesse ao Real Serviço, emquanto não se estabelecesse a sua residencia na cabeça da sua Comarca: ficando

pertencendo a nova povoação de S. João a Göyaz, não obstante ter guarnição militar da Capitania do Pará: competindo a este mesmo Ouvidor tirar as Devaças da Provedoria Commissaria de Cavalcante, tudo por Alvará da mesma data de 18 de Março de 1809.

Fez agitar as cobranças da Contribuição Voluntaria, que exigirão as circunstancias do Estado, por Ordem Regia, e rendeo 20:123$326 reis.

Promoveo a navegação do Araguaya, fazendo duas expediçoens, persuadindo a fazerem carregaçoens os negociantes, assistindo pessoalmente ao embarque; e então esteve em perigo a sua vida, e a de todos os que tiverão a honra de o acompanhar, voltando-se hum barco, em que descia pelo Rio do Peixe, em que se não podia tomar pé.

Soccorreo a Capitania de Matto Grosso no anno de 1808 com alguns homens commandados pelo Ajudante Manoel Seixo de Brito, os quaes de caminho tiverão ordem para retroceder.

Fez abrir a estrada por esta Capitania, para transitarem os Correios e Paradas do Rio de Janeiro para o Grão Pará.

Em seu tempo se descobrirão as Minas de Anicuns, que tinhão sido conhecidas pelos Descobridores da Capitania, e que por vezes tinhão sido procuradas, forão repartidas pelo Superintendente, Joaquim Theotonio Segurado: o acaso depois fez descobrir ao pardo Lucianno de tal huma pedreira muito rica, que corria de Norte a Sul pelo interior da terra. Estabeleceo huma Sociedade, e fez o plano da sua organisação. (*)

Fez por Ordem Regia o arrolamento dos ha-

(*) Estas Minas são ricas, ainda que o seu ouro he de baixo toque: a falta de conhecimentos, e muitas desordens as tem feito menos vantajosas, do que podião ser.

bitantes da Capitania, e organizou as Tabellas Statisticas.

Procurou abrir a nova navegação de Anicuns para S. Paulo, e a este fim fez huma expedição á sua custa, que sahio do Ribeirão dos Bois, commandada por Estanislao da Silveira Guterres, com o designio de descer pelo Rio Pardo até o Rio Grande, e entrar por algum dos Rios daquella Capitania. Os companheiros desta expedição, alguns voltarão logo da Campanha do Neiva, e Estanislao seguio só com seis em huma canoa, e não voltou, nem consta, que chegasse ao seu fim. Dizem passageiros de S. Paulo, que deo em huma catadupa, em que se perdeo a canoa, e se salvarão as vidas: que continuarão em huma jangada, que fizerão, e que dando em outra só se salvarão Estanislao, e dous companheiros, e que entranhados por huma mata, sustentados de raizes, desfaleceo Estanislao, e já moribundo ficou junto a huma arvore, tendo os companheiros a deshumanidade de o deixarem neste estado, e depois de tempo sahirão em Sertoens da Curitiba. Porém isto ainda precisa de confirmação.

Vizitou as Aldêas de S. José de Mossamedes, e Maria.

Conseguio de S. A. R. o subsidio de tres arrobas de ouro do Real Quinto para as despezas da Capitania.

Governou cinco annos, oito mezes, e vinte e nove dias, e passou ao Governo de Minas Geraes.

17. O Senhor Fernando Delgado Freire de Castilho, que actualmente governa, tomou posse a 26 de Novembro de 1809.

Desde o principio do seu Governo tendo o prazer de adoptar os Planos do seu Antecessor, mantem a tranquilidade publica, procura a felicidade dos seus subditos, administrando-lhes com imparcialidade, e inteireza a Justiça.

Encontrando arruinado do tempo, e sem a decencia conveniente á Autoridade, e Representação do seu Emprego, o Quartel General, o reduzio á melhor fórma, fazendo aprômptar as commodidades precisas, não só pora as funçoens publicas, mas para decente acolhimento dos seus Successores. Mudou, e fez ordenar a Caza da Secretaria do Governo, que desd' o seu principio se conservava em lugar escuro, e improprio, e igualmente fez levantar o edificio do Corpo da Guarda, em que estão os Soldados abrigados das inclemencias das Estaçoens; dispendendo á sua custa em todas estas obras dezeseis mil e tantos cruzados.

Regulou as Companhias de Dragoens, e Pedestres, abolindo o Posto de Capitão destes, e ficando ambas sujeitas a hum Commandante; economisando-se assim á Real Fazenda 2:444$ reis, e evitando-se ao mesmo tempo as ethiquetas, que se podião seguir de residirem duas Companhias em hum Quartel com differentes Chefes. O que tudo foi confirmado por Ordem Regia de 27 de Agosto de 1811.

Dirigio na parte, que toca a esta Capitania, a marcha dos Correios, e Paradas da Corte para o Grão Pará, dando providencias, para seguirem promptamente de Arrependidos á Cavalcante, e daqui a Porto Real.

Em utilidade da Capitania tem animado a Navegação do Araguaya, e Tocantins: e em consequencia das suas representaçoens, concedeo o Principe Regente a todos os que de novo se estabelecerem nas margens destes Rios a isempção de Dizimos por dez annos, a moratoria de seis annos aos mesmos, que deverem á Real Fazenda, além do Direito das Entradas livre nas carregaçoens, que se fizerem, tambem por dez annos, e pelo mesmo tempo a sujeição dos Indios, que se tomarem em justa guerra, e fazendo resistencia.

Abrio o novo Porto do Rio Grande em distancia de 25 legoas de Santa Rita, onde em todo o tempo podem sobir as Canoas sem os embaraços, que na seca encontravão no Rio do Peixe, e Vermelho, podendo chegar até a passagem do mesmo Rio na estrada do Cuyabá.

Tem dado as necessarias providencias para a fundação do novo Presidio na Foz do Rio Manoel Alvares no Tocantins, fazendo Commandante o Alferes Antonio José Gomes de Oliveira Tição, de huma guarnição de Praças fixas de pé de Castello, que desinfeste de Indios a Navegação, e providencêe as necessidades dos Navegantes.

Para facilitar a mesma navegação, e ministrarlhe os soccorros necessarios fez huma expedição de 80 homens, e alguns Cazaes para a fundação do novo Presidio de Santa Maria, no meio do grande deserto despovoado, que existia entre o Porto da Piedade, e S. João das duas Barras; nomeando Commandante da mesma o Tenente Francisco Xavier de Barros; Capellão Luiz da Gama; e Cirurgião Manoel Alvares.

Estabeleceo dous Inspectores dos novos Presidios do Araguaya, e Tocantins, para providenciarem quanto fosse preciso em beneficio dos mesmos, e da navegação: residindo hum no Porto da Piedade em Salinas, e outro no Porto Real.

Ameaçando a Capitania o contagio das Bexigas, que já lavravão em Meia Ponte, acautelou que o mal não passasse além do lugar infectado, fazendo pôr Guardas no rio das Almas, Ouro fino, e Mato Grosso, para evitar a communicação, e em consequencia das suas ordens se salvou a Capitania do mal, que não conhecia, havia 40 annos, e que trazia a morte de hum grande numero de habitantes.

Procura estabelecer huma sociedade, ou companhia mercantil entre esta Capitania, e a do Gram

Pará com hum fundo de cem mil crusados por tempo de quinze annos, tendo conseguido do Principe Regente Nosso Senhor o privilegio de se cobrarem as dividas desta Sociedade com o mesmo executivo da Real Fazenda, e conferindo-se hum Posto de accesso até Coronel, e Capitão Mór inclusive, a todos os que entrarem com huma acção de hum conto de reis.

No seu tempo vierão de paz alguns Indios Cherentes do Sertão do Duro, que forão affagados, e voltarão para as suas terras.

Igualmente vinhão de paz os Indios da Nação Carajahi, residentes nas margens do Araguaya, e que já tinhão deixado algumas mulheres em Salinas, porém a imprudencia de hum Pedestre desordenou esta empresa, e os fez retroceder para as suas terras com perda de alguns Pedestres da nossa parte, que forão assasinados.

O resultado de tão felices principios, e a continuação do seu feliz Governo não he da minha Provincia; deve ficar para a posteridade.

GOVERNO ECCLESIASTICO.

Esta Capitania em seu principio pertenceo ao Bispo do Rio de Janeiro pelo direito da primeira posse, e por se não terem ainda creado os Bispados de S. Paulo, e Marianna, e as Prelazias isemptas de Goyaz, e Cuyabá; o que se fez por Bulla do Papa *Benedicto decimo quarto*, que começa — *Candor Lucis æternæ* — no anno de 1746.

E ainda que em virtude desta foi nomeado o Senhor D. José Nicolao de Azevedo Coutinho Gentil Prelado de Goyaz, e Bispo de Zoára, por parte deste nunca se tomou posse até passar a Deão de Villa Viçoza, ficando a Prelazia encorporada no Bispado do Rio de Janeiro, que comprehendia hum immenso terreno, e por esta parte forão feitos os primeiros Provimentos Ecclesiasticos, nomeando-se

Visitadores, não só os Vigarios da Villa, como o de Tocantins, que tinha então o titulo pomposo de Vigario Pleno, e os de outros lugares. E neste estado se conservou até 20 de Março de 1805, em que se tomou posse por parte do Prelado o Senhor Bispo de Titopoli, mandando Sua Magestade que se conservasse vaga a Igreja de Villa Bôa, para fazer parte da sua Congrua, que se annexasse a esta Prelazia toda a porção dos habitantes da Comarca do Norte pertencente até então ao Bispado do Gram Pará, por onde erão providas as Igrejas, e apresentado hum Vigario Geral daquella repartição, perfazendo o Prelado de Goyaz, além das Chancelarias, e emolumentos da sua Camara, de congruas, casas de rezidencia, para Provisor, Vigario Geral, e Esmolas: 1:000$000 reis.

Bispos, que governarão no Espiritual a Capitania.

1.º O Senhor D. Fr. Antonio de Guadalupe, em cujo tempo foi descoberta a Capitania.

2.º O Senhor D. Fr. João da Cruz.

3.º O Senhor D. Fr. Antonio do Desterro. Não me consta o principio, e o fim do seu Governo Espiritual, nem dos seus Antecessores.

No seu tempo foi a celebre prisão do Vigario Perestrello pelo Ouvidor Manoel Antunes da Fonceca. Desconfianças particulares derão motivo: cresceo a intriga com a denegação da licença para a exposição do Santissimo no lado da Imagem do Senhor dos Passos, sendo o Ouvidor Provedor da Irmandade, convocou-se a Camara, escreveo, e teve resposta do Vigario, e encadeando-se humas em outras desordens, foi o Vigario preso em huma corrente dentro da Matriz, e enviado para o Rio como louco no meio de Officiaes de Justiça, de que o livrarão os Bunfantes, moradores em Matto Grosso, que investindo mascarados á quadrilha, o

libertarão, e o forão levar até Paracatú por caminhos occultos. Tomou-se conhecimento deste facto no Desembargo do Paço da Relação Ecclesiastica da Bahia, veio hum Sindicante Ecclesiastico a conhecer disto mesmo, prendeo ao Ouvidor, depois de acabar o seu Lugar, mas escapou da Cadeia; criminou a muitos, que forão compellidos a livrar-se, e absolver-se das Censuras no Rio de Janeiro, no que gastarão o que possuião, e arruinarão as suas Casas.

4.º O Senhor D. José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castello Branco, eleito Bispo Coadjutor do Rio de Janeiro, entrou no Porto a tempo, que se fazião as Exequias ao seu Antecessor, e tomou posse do Bispado, e governou a Goyaz até 20 de Março de 1805.

5.º O Senhor D. Vicente Alexandre de Tovar, Bispo de Titopoli, e Prelado de Goyaz, tomou posse por seu Procurador o Senhor Vicente Ferreira Brandão a 20 de Março de 1805, e governou até Outubro de 1808, em que falleceo em Paracatú, antes de chegar a esta Capitania, sem nomear Vigario Capitular.

6.º O Senhor Vicente Ferreira Brandão ficou servindo de Vigario Capitular *in Sede Vacante*, por Provisão do Bispo mais visinho, que he o Senhor D. Luis Pereira de Castro, Bispo de Ptolomaida, Prelado de Cuyabá, em conformidade do Concilio Tridentino.

7.º O Senhor D. Antonio Ferreira de Aguiar, Bispo eleito *in partibus infidelium*, Prelado de Goyaz, tomou posse por seu Procurador, o Senhor Vicente Ferreira Brandão, a 13 de Janeiro de 1811, e falecendo este a 10 de Maio de 1812, em virtude das Ordens do Prelado, de que se achava munido, nomeou antes da sua morte por huma Portaria ao Senhor José Vicente de Azevedo Noronha e Camara, actual Governador da Prelazia.

Ouvidores de toda a Capitania.	*Annos da sua posse.*
1. Gregorio Dias da Silva, Ouvidor da Comarca de S. Paulo.	1735
2. Agostinho Pacheco Telles, Ouvidor de Goyaz.	1737
3. Manoel Antunes da Fonceca.	1741
4. Agostinho Luiz Ribeiro Vieira.	1749
5. Sebastião José da Cunha Soares.	1752
6. Antonio da Cunha Souto Maior.	1756
7. Francisco de Atouguia Bitancurt e Lira.	1759
8. O Desembargador Antonio José de Araujo e Souza.	1762
9. Antonio José Cabral de Almeida.	1769
10. Joaquim Manoel de Campos.	1779
11. Diogo Miguel Freire da Silva.	1783
12. Salvador Pereira da Costa, falecido no lugar.	1789
13. Antonio de Liz.	1793
14. Manoel Joaquim de Aguiar Mourão.	1799
15. Joaquim Theotonio Segurado.	1805
16. Joaquim Ignacio Silveira da Mota.	1808

Depois de creada a nova Comarca de S. João das duas Barras na repartição do Norte por Alvará de 18 de Março de 1809.

1.º Ouvidor do Norte, Joaquim Theotonio Segurado.	1809

Intendentes, e Provedores da Real Fazenda.

1. Sebastião Mendes de Carvalho.	1736
2. Manoel Caetano Homem de Macedo.	1744
3. Luiz de Moura Coutinho, morto no Lugar.	1749
4. Anastacio da Nobrega.	1751
5. Luiz Antonio Rozado da Cunha.	1757
6. Antonio Mendes de Almeida.	1761

7. Joaquim José Freire de Andrade. 1770
8. Bernardo Miguel de Souza Magalhaens. 1777
9. José Carlos Pereira. 1785
10. José Ignacio Silva da Ribeira. 1791
11. Manoel Pinto Coelho. 1799
12. Florencio José de Moraes Cid. 1803

Abolido o Lugar de Intendente, se estabeleceo o Lugar de Juiz de Fóra, e ficou a Fundição debaixo da inspecção dos Fiscaes.

1. Juiz de Fóra do Districto da Villa, Manoel Ignacio de Mello e Souza. 1809
2. Lucio Soares de Gouvêa, foi nomeado. 1812

1.º Fiscal Vitalicio, Manoel de Santa Barbara Garcia. 1811

Vigarios da Igreja de Villa Bôa, que ao principio todos forão tambem foraneos.

1. O Doutor Pedro Ferreira Brandão. 1729
2. Alexande Marques do Vale. 1735
3. Matheus Machado Homem. 1737
4. O Doutor Gonçalo José da Silva. (*) 1741
5. O Doutor Miguel da Costa Ribeiro. 1741
6. O Doutor Gonçalo da Silva Guedes. 1742
7. O Doutor João Perestrello de Vasconcellos. 1748
8. O Doutor João Pereira de Araujo. 1749
9. O Doutor Felipe da Silveira e Souza. 1753
10. João Lopes França. 7157
11. O Doutor Manoel de Andrade Varnek, Chantre da Sé do Rio de Janeiro. 1762
12. Domingos Rodrigues de Carvalho 1767
13. João Antunes de Noronha, collado 1772
14. José Manoel Coelho. 1791

(*) Consta de huma conta registrada nos Livros da Camara, que o segundo Vigario em 3 annos levou daqui 100$ cruzados, e o quarto 80 em 5 annos.

15. O Doutor Domingos da Mota Teixeira. 1795
16. João Pereira Pinto Brabo, collado. 1798
17. Felipe Neri da Silva. 1802
18. José Gomes da Silva. 1804

Em 1805 se tomou posse da Igreja por parte do Prelado, e começou a ser administrada por seus Procuradores por meio de Coadjutores.

População.

Villa Bôa de Goyaz he a Capital de toda a Capitania, assim chamada do nome de Bueno, seu Descobridor, e da Nação Goyá; está situada na latitude meridional de 16° e 20', e na longitude de 320° e 40' do meridiano da Ilha do Ferro, segundo as observaçoens do Padre Diogo Soares: fundada em huma baixa cercada de oiteiros, sendo que a intenção do Fundador era que se estabelecesse além do terreno da Cadeia na planicie do Rio da Prata: he cortada pelo rio Vermelho, que tem tres pontes para a communicação.

He a residencia do Governo General, e do Prelado, que se espera, Cabeça da Comarca do Sul, depois da divisão feita em 1809. Tem o Tribunal da Junta da Real Fazenda, e da Justiça, a Intendencia do ouro, Caza do Senado e Cadeia Publica, Quartel das Companhias de Dragoens, e Pedestres.

A sua Matriz foi erecta em 1743 á custa do Povo, desfazendo-se a Capella de Santa Anna, que era no mesmo lugar, exigindo para isto hum donativo o Ouvidor, o que Sua Magestade estranhou ao mesmo, declarando que tinha excedido a sua jurisdicção, exigindo contribuiçoens: mandando com tudo que este rendimento se guardasse em hum cofre de tres chaves, e se fizesse a despeza desta Obra por ordem da Camara, e com approvação do Ouvidor, enviando a planta para o Edi-

ficio, por ser muito imperfeita, a que tinha vindo da Cidade de S. Paulo, por Ordem de 26 de Abril de 1745. Sua Magestade concorreo para esta obra com cinco mil cruzados pelo rendimento dos Dizimos, por Ordem de 4 de Outubro de 1758. A Camara concorreo com 800 oitavas, como consta do seu Livro 3.º de Registros, com a condição de serem restituidas, se Sua Magestade não Approvasse esta despeza: tambem se applicou o acrescimo do Donativo livre, que deo o Povo, de huma arroba de ouro ao Coronel Antonio Pires, para desinfestar a Capitania do Cayapó. Cahio o seu tecto todo no anno de 1759, servindo então de Matriz o Rozario: depois de estar muito tempo deixada, a ponto de crear mato no seu interior, foi concertada pelos devotos.

Capellas filiaes.

Senhora do Rozario dos Pretos, erecta por Antonio Pereira Bahia em 1734, por Provisão do Senhor D. Frei Antonio de Guadalupe.

Boa Morte, Confraria dos homens pardos, erecta em 1779 na Capella militar de Santo Antonio, que se principiou, e não foi da approvação de Sua Magestade, que foi dada a esta Confraria, que teve a sua Capella até este tempo no largo do Chafariz.

Nossa Senhora da Lapa, em Outubro de 1749, por Vicente Vaz Roxo.

Nossa Senhora do Carmo, principiada pelo Secretario do Governo, Diogo Luiz Peleja, e por não ter patrimonio, nem rendimentos, concedida á Confraria de S. Benedicto dos Crioulos, que a occupão desd' o anno de 1786.

S. Francisco de Paula, erecta por Antonio Thomaz da Costa, e outros, em 1761.

Santa Barbara, fundada por Christovão José Ferreira, no anno de 1780.

Senhora da Abadia, fundada com esmolas do povo pelo Reverendo Doutor Salvador dos Santos Baptista em 1790.

Senhora das Barracas, Capella Publica do Cirurgião Mór Lourenço Antonio da Neiva, erecta no anno de 1793.

Intendencia, e Real Casa da Fundição.

Foi estabelecida em 1752; na sua construcção, casas, e officinas, por conta da Real Fazenda se dispenderão 9:026 oitavas e 6 grãos de ouro. O Real Quinto rendeu em o anno mais pingue, que foi em 1753 169:080 oitavas, em 1807 só rendeo 11:899½ oitavas, e actualmente está reduzido a muito pouco. Foi regida esta Casa por hum Intendente, e quatro Fiscaes por anno, que servirão aos trimestres com o vencimento cada hum de 100$ reis, até que foi abolido em 1809 o Lugar de Intendente, ficando em seu lugar hum Fiscal vitalicio com o Ordenado de 500$ reis.

Do rendimento do Real Quinto forão applicados 300 marcos de ouro para as despezas de Matto Grosso, e presentemente só está applicado o accrescimo das 3 arrobas, que Sua Alteza Real Destinou para o Subsidio desta Capitania.

Tem esta Casa actualmente empregados no seu expediente hum Thesoureiro, e Fundidor com 400$ reis; Escrivão da Receita com o Ordenado de 400$ reis; hum Ensaiador com o Ordenado de 400$ reis: Escrivão da Intendencia, e Conferencia com o vencimento de 500$ reis: hum Ajudante de Ensaiador, e Fundidor 300$ reis; hum Porteiro com o Ordenado de 200$ reis.

A Intendencia, e Fundição do Norte, foi creada em 1754 no Arraial de S. Felis; teve o maior rendimento o Real Quinto em 1755, que chegou a 59:569 oitavas e meia. Teve a maior diminuição

em 1805, que rendeo 3:308 oitavas e ¼. Foi o Intendente desta repartição autorisado para approvar os Fiscaes, e lhes dar juramento, não estando o Ouvidor em sete legoas de distancia por Provisão de 6 de Abril de 1761. Foi transferida para o Arraial de Cavalcante em 1796; foi suprimida em 1807.

Junta da Real Fazenda.

Foi estabelecida por Ordem de 23 de Outubro de 1761, presidindo desde a sua instituição o Senhor Governador da Capitania, assistindo o Ouvidor, e o Provedor da Fazenda, dous Vereadores da Camara os mais antigos, e servindo de Escrivão o Secretario do Governo, estabelecendo-se então hum Cofre de tres chaves, das quaes tinha huma o Ouvidor, outra o Provedor da Fazenda, e outra o Vereador mais antigo. Foi depois reformada por Ordem de 20 de Agosto de 1771, com a mesma Presidencia, assistindo como Ministros o Provedor da Fasenda, e Procurador da mesma, Thesoureiro Geral, e Escrivão Deputado. Forão depois nomeados por Ordem de 24 de Novembro de 1773 hum Thesoureiro, e Escrivão das despesas miudas com o vencimento de 400$ reis cada hum. Foi igualmente nomeado hum Escripturario Contador com o Ordenado de 600$ reis por Ordem de 10 de Outubro de 1777: Continuo, e Porteiro por Ordem de 16 de Maio do mesmo anno: segundo Escripturario, com o Ordenado de 300$ reis, por Ordem de 19 de Agosto de 1788. (1)

Forão compradas as Cazas do Capitão Mór

(1) Além das pessoas empregadas na Contadoria, de que já fiz menção, o Escrivão Deputado da Junta da Real Fasenda tem de Ordenado 1:000$ reis, o Thesoureiro Geral 800$ reis, e quatro Escripturarios extranumerarios 250$ reis cada hum.

Francisco Xavier Leite Velasco para a Contadoria, por 6 mil cruzados, por ordem de 23 de Dezembro de 1773.

Rendimentos da Real Fazenda.

Entradas.

Em principio da Capitania andarão por arrematação, que se fazia na Corte, assim como a de todos os officios, e na Corte he, que prestavão contas os Thesoureiros da Real Fazenda. Eu acho o triennio de 1738 arrematado por oito arrobas de ouro por Manoel Pires Neves, cuja arrematação se annullou por Ordem de 8 de Outubro de 1738. No triennio de 1762 chegou a 40:400$ reis: no sexenio de 1776 a 25:977$876 reis: no de 1782, 26:529$583 reis: no de 1788, 22:624$ reis. Por administração renderão do anno de 1765 até 1774 96:760$762 reis, e diminuindo progressivamente tem chegado a 14:000$ reis.

Dizimos.

Forão arrematados no Conselho Ultramarino por 3 annos, que começarão em 1738, por 50 mil cruzados, e 150$ reis. O triennio de 1766 chegou a 19:195$050 reis, o de 1771 chegou a 24:913$333 reis, o de 1789 foi de 17:843$367 reis. Por administração rendeo o triennio de 1765, 21:816$ reis, e no anno de 1795 diminuio até ao ponto de render sómente 14:000$ reis.

Passagens.

Arrematadas em 1771 renderão 363$600 reis, administradas no triennio de 1762, 2:434$100 reis, tendo a maior diminuição depois do anno de 1797, que chegarão a 240$ reis.

Officios.

Renderão, no anno de 1764, 21:201$614 reis, Depois do anno de 1783 chegou a sua diminuição no triennio a 3:600$ reis.

Carnes verdes.

Rendem, pouco mais ou menos, 1:800$ reis, que estão por Ordem Regia applicados para os Presidios do Norte.

Decima, Selos, e Cizas.

A Decima rende, pouco mais ou menos, 2:000$ reis, as Sizas 500$ reis, os Selos 1:000$ reis. Sendo applicado o rendimento destes tres ultimos impostos para as despezas da Capitania de Mato Grosso,

Sendo a despeza total da Real Fazenda nesta Capitania de 40:000$ reis, e a receita de 32:000$ reis, com o subsidio de 3 arrobas, que Sua Alteza Concedeo, do Real Quinto, para as despezas da Capitania, equilibrava a receita com a despeza; mas depois do Plano da Reforma accrescerão novas despezas, que se não podem equiparar com a receita.

Senado da Camara.

Foi estabelecido com Presidencia de hum Juiz Ordinario, no mesmo tempo da creação da Villa, nomeando o Ouvidor, Agostinho Pacheco Telles, por Ordem do Governo, dous Vereadores, que tomarão posse, e derão juramento a 25 de Julho de 1739; fizerão a primeira Vereança no 1.º de Agosto do mesmo anno. Foi depois accrescentado hum Vereador por Provisão de 4 de Fevereiro de 1741. O seu cofre foi estabelecido por Ordem Regia diri-

gida ao Desembargador Sindicante Brandão de 27 de Outubro de 1761. Foi depois presidido pelo Juiz de Fóra desta Villa, abolindo-se aqui o Lugar dos Juizes Ordinarios no anno de 1809. As suas rendas consistem em Foros de duas legoas, e meia de terras de Sesmaria, que tem em torno dos Logradouros da Villa, afferiçoens, cabeças, talhos, açougue, curral, coimas, que tudo montará a 1:000 oitavas. As Cazas da Camara, e Cadeia forão feitas pelo rendimento da Camara, e importarão em mais de 30$ cruzados, por Ordem de 25 de Outubro de 1761.

Quarteis.

Forão compradas Cazas para sua construção por Ordem de 9 de Janeiro de 1751, estando até este tempo aquartelados os Soldados em cazas de aluguer.

Teve principio a Companhia de Dragoens no Governo de Minas Geraes, e foi para aqui destacada no anno de 1736, commandada pelo Capitão José de Moraes Cabral: esteve em principio a soldo da Provedoria da Villa de Santos, e depois desta Provedoria, por Ordem do Conselho Ultramarino de 27 Agosto de 1738, ficando sujeitos ao Governo de Goyaz por Ordem de 2 de Agosto de 1748. O seu numero ordinario foi de sessenta Praças de soldo de 300 reis, vencendo o dobro, quando sahião em deligencia; elevou-se a 80 por Aviso de 25 de Abril de 1801: forão diminuidos pelo Plano de 1809, e o seu estado actual he de setenta Praças de Soldo de seis vintens de ouro.

A Companhia de Pedestres foi creada no Governo do Senhor D. Luis de Mascarenhas: em seu principio forão duas Companhias com o titulo de Aventureiros, que se reduzirão a huma, e foi approvada por Sua Magestade, em quanto fosse conve-

nente: o seu estado actual he de oitenta Praças, de soldo de tres vintens de ouro.

Tem Villa Bôa 699 fogos, quatro Companhias de Cavallaria, quatro ditas de Infantaria, duas de Ordenanças, e huma de Henriques com exercicio de Artilharia.

Tem o seu julgado, pelo calculo feito em 1804, Homens brancos cazados 106, solteiros 504, Pretos cazados 25, solteiros 388, Pardos cazados 118, solteiros 1:090, Mulheres brancas cazadas 84, solteiras 525, Pretas cazadas 28, solteiras 571. Pardas cazadas 137, solteiras 1:466, Escravos 2:637, Escravas 1:795.

(Continuar-se-ha.)

Continuação da Historia dos Indios Cavalleiros, continuada do N.º antecedente, paginas 14.

SOmos entrados nos successos de huma época, que nos desafia as attençoens, para vermos de hum golpe de vista a figura tragica, que se nos principia a representar. Entramos a ver os Portuguezes, que nas quatro partes do Mundo tem sido a admiração, e o terror dos seus habitantes, feitos agora o alvo da inconstancia da fortuna, e a irrisão dos Selvagens. Entramos no ponto mais trabalhozo desta historia, onde tenho de caminhar contra o sentir antigo, que só fazia aos Payagoas authores dos males, que sofremos sobre as agoas do Paraguay, e seus confluentes; erro, que nascia de suppor-se as duas Naçoens sem alliança alguma, e os Guaycurús totalmente ignorantes do uso das canoas, como muitos annos forão. Porém, sabido que não fomos insultados nos rios antes da alliança, que fizerão estes dous Povos, devemos dar o primeiro lugar aos Guaycurús, principalmente sendo os Payagoas

tão poucos, como são, pois que no anno de 1792 jndo eu em deligencia á Provincia de Paraguay, aonde elles prezentemente se achão aldeados, disseme o Excellentissimo General daquella Provincia, que então era D. João Alves, que não excedião a mil pessoas, contando homens, mulheres, e crianças.

Estas duas Naçoens no anno de 1725 destruirão huma frota de canoas, que vinhão do povoado, e matarão perto de 600 pessoas, desprezando todo o negocio, que vinha nas canoas, como muito tempo fizerão, menos os facoens, facas, e machados; e esta grande perda não foi mais que o ensaio do muito, que sofremos destes Barbaros. No anno de 1726, fizerão grande mortandade nos Mercadores, que vinhão para o Cuyabá: no de 1728, matarão no rio Paraguay a muitos Portuguezes e Indios Parecis, que vinhão do sertão. Porém maior foi o estrago, que fizerão no anno de 1730, quando no Mez de Julho sahirão da Villa de Cuyabá para S. Paulo algumas canoas, e nellas entre muitos hia o Doutor Antonio Alves Linha Peixoto, que acabava de ser Ouvidor, e no rio Paraguay, que pela sua natural mansidão prometia huma feliz viagem, forão investidos repentinamente pelos Gentios, que dando hum horrivel grito, atemorizarão a todos de tal sorte, que quasi extaticos morrerão 400 pessoas, e só escaparão oito, que tiverão o acórdo de saltarem em hum pequeno reducto de terra, donde virão a cruel carnagem, que desapiedadamente fazião nos seus companheiros estes barbaros, que trazião 8 canoas, e nellas mais de 500 homens, dos quaes dizem perderão 50. Tanto que os Indios se virão senhores das canoas de seus inimigos, começarão a lançar na agoa os corpos semivivos, com o sangue dos quaes se mudou a côr das agoas do rio. A' vista deste horrorozo espectaculo, que se fazia grato á vingança, e da-

lorozo á humanidade, só almas inhumanas não derramarião lagrimas. Depois desta lastimoza tragedia, fizerão os Barbaros mão baixa em todo o ferro de uzo, que toparão, e o mais lançarão ao rio, tendo o mesmo destino mais de 60 arrobas de ouro, que hia para o Commercio, desprezando a sua barbaridade este custozo metal, que a tantos traz expatriados, e algum, que por casualidade levarão, o derão aos Payagoas na Cidade da Assumpção, por tão baixo preço, que com huma molher chamada D. Quiteria de Banhos trocarão 6 libras por hum prato de estanho. Depois disto logo no anno seguinte chegarão os Guaycurús, e Payagoas ao Arraial velho, poucas legoas distantes da Villa de Cuyabá, que está na Latitude de 16° e $36'$, onde achando muita gente, que lá estava fazendo pescaria, matarão a maior parte, e levarão o resto. No anno de 1733 investirão no Districto de Carandá a 50 canoas de negocio: forão tantos os Barbaros, tão repentino o assalto, e com tantos alaridos, que atemorizados os Portuguezes se deixarão matar sem resistencia, escapando unicamente quatro pessoas.

Estes continuados insultos fizerão repetir os seus écos nos ouvidos de Sua Magestade, e movido de compaixão dos seus Vassallos, mandou Ordem ao General de S. Paulo para mandar á custa da Sua Real Fazenda fazer guerra aos Gentios: por essa razão sahio huma armada do Porto geral da Villa do Cuyabá no primeiro de Agosto de 1734, a qual se compunha de 28 canoas de guerra, 80 de bagagem, e 3 balças, que erão casas portateis armadas sobre canoas, onde celebravão os Capellaens da Tropa, que se compunha de 842 homens, entre brancos, pretos, e pardos: governava em chefe esta expedição o Tenente General Manoel Rodrigues de Carvalho; com elle vierão da Capitania de S. Paulo 400 homens, aos quaes derão por ajuda de custo patentes, que os obrigarão á paga con-

forme as suas graduaçoens. Rodando esta numerosa esquadra, consta que em huma das Ilhas do Paraguay encontrarão os Gentios, nos quaes fizerão grande estrago, mas não foi bastante para que os mesmos Gentios no dia 19 de Março de 1736, no mesmo lugar do Carandá, não accometessem aos Negociantes, que vinhão para o Cuyabá, dos quaes matarão bastantes, e levarão duas canoas carregadas de fazendas. Este o primeiro raio da esperança, que houve, do Gentio cedo procurar a alliança, por começarem a gostar das mesmas cousas, que antes desprezavão, porém ainda assim continuarão os seus insultos.

Passados quatro annos, vindo a monção, foi accometida no Mez de Janeiro pelos Indios, que matarão a muitos, e levarão quatro canoas de fazenda, e escravos. No anno de 1743 chegarão ao reducto do Sapé, nas visinhanças da Villa de Cuyabá, e encontrando alli pescadores, matarão alguns, e levarão vinte; neste mesmo anno, hindo gente do Cuyabá tratar amizade com os Guaycurús, estes na occazião do negocio matarão atraiçoadamente a 50. No anno de 1744 accometterão os Guaycurús as canoas de negocio, e sómente matarão a hum negro com huma flexada. No mesmo anno, deo o Gentio em alta noite no sitio de hum João de Oliveira na passagem do Paraguay, onde matou parte da gente. Em 1752, vindo os Commerciantes de S. Paulo, adiantou-se a canoa de hum Padre por nome Vito Antonio de Madureira, e no lugar chamado Chané deo-lhe o Gentio, levou-lhe a canoa, e os escravos, deixando-o semivivo em huma canoinha, na qual hia á vontade das agoas, e sendo achado dos companheiros, teve tão grande alegria, que tomado de hum accidente, ficou privado dos sentidos.

Em 1753 derão os Guaycurús no lugar de Figueiras, onde matarão bastantes pescadores, que

ahi se achavão, e o resto cativarão. Logo depois deste assalto, fugirão ao Capitão Mór (que então era da Villa de Cuyabá) Francisco Lopes de Araujo alguns escravos embarcados, e mandando sobre elles a varios brancos e pretos, forão accomettidos do Gentio, que a huns matarão, e levarão a outros. No anno de 1768, separarão-se os Guaycurús, e Payagoas, sem que para isso tivessem causa alguma, segundo elles dizem, porém tão inimigos huns dos outros, que se fazem mutuamente os damnos, que podem, por cuja causa, e por temor dos Portuguezes, forão viver os Payagoas abaixo da Cidade da Assumpção, Capital da Provincia do Paraguay, e com os habitantes della conservão paz.

Já separadas estas duas aguerridas Naçoens, os Guaycurús em 1771, derão no lugar de Croará, onde prisionarão alguns escravos, e Indios, que acharão; e no anno de 1774, forão duas vezes a cavallo á Praça dos Prazeres, que está na latitude de 23° e 42′ sobre o Rio Igoatimy, que faz barra no Paraná, e nas suas visinhanças queimarão algumas cazas, e matarão os seus moradores. Em Maio de 1775, tiverão vinte canoas destes Indios a ouzadia de sobirem pelo Paraguay até junto a Villa Maria, que está na latitude de 16° e 3′, aonde prisionarão algumas pessoas, e matarão 16 na Fazenda de hum Domingos da Silva, a quem tambem deixarão morto, e a hum seu filho, sem embargo de distar esta paragem mais de 100 legoas das suas verdadeiras terras.

Estes repentinos, e amiudados assaltos, que soffrerão os Cuyabanos, sobre quem cahião todos os damnos, que os Gentios cauzarão, humas vezes nos seus lavradores, outras nos commerciantes, que de S. Paulo, e Rio de Janeiro lhes trazião os generos necessarios á sua subsistencia, os obrigavão a derramarem continuas lagrimas; que chegarão aos

ouvidos do Excellentissimo Senhor Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, que então governava a Capitania de Matto Grosso e Cuyabá, e começando o seu ardente zelo, e natural compassivo, a pensar no grande damno, que cauzavão aquelles selvagens, pois avalião-se os Portuguezes mortos por elles em mais de 4[illegible], e a perda, que cauzarão, em mais de tres milhoens, e nos meios de livrar os seos afflictos subditos de similhantes males, mandou sahir de Villa Bella a 9 de Maio de 1775 o Capitão de auxiliares Mathias Ribeiro da Costa para na Villa de Cuyabá receber poderosa escolta, e com ella descer pelos Rios Cuyabá, e Parados, até se meter no Paraguay, e passando as pantanosas e variaveis bocas, que de ordinario offerecem os Rios Taucary, e Imbatetui, hir fundar hum Prezidio no lugar, chamado pelos antigos Sertanistas Fêxo dos morros, onde se estreita o Rio por canza de huma pequena Ilha, que o divide; lugar já descrito no principio desta Obra.

Deo o sobredito Capitão as instruçoens mais sabias, e este homem mais obrigado dos seos fracos companheiros, que timido e inexperto, parou 16 legoas abaixo da foz do Rio Tacuary em hum lugar, em que dous montes, que estão lateralmente ao Rio, seguem paralellos hum pequeno espaço, onde formão na encosta do monte do lado occidental huma fraca estacada, á qual denominarão o Real Prezidio da Nova Coimbra na latitude de 19° e 55′, ultimo, e mais austral estabelecimento Portuguez sobre o Paraguay.

Este lugar he insufficiente para a agricultura, incapaz para a criação dos animaes, por ser alagado quasi todos os annos sete mezes, e algumas vezes passão-se dous annos sem que os campos se vejão isentos de agoas, como aconteceo nos annos de 1791, e 92: pouco póde elle servir para embaraçar a passagem dos Hespanhoes, e nada a fu-

ga dos Portuguezes; os primeiros fizerão grande destroço na guarnição da Nova Coimbra, que descreverei agora.

Antes de me apartar deste lugar, contarei, que no monte, cujas fraldas occupa o Prezidio, está huma grande gruta &c., (*Veja-se o N.º 2.º da 2.ª Subscripção deste Jornal.*

Em outro monte, que fica algumas legoas apartado do Prezidio estão seis grutas; porém todas muito menores do que a que fica descripta.

Depois desta fundação mandou o Excellentissimo Senhor General ao Sargento Mór de Auxiliares da Villa de Cuyabá, que então era Marcelino Rodrigues Camponez, e lhe determinou o seguinte a respeito dos Guaycurús: estas são as formaes palavras tiradas das proprias Ordens, que se conservão neste Real Prezidio, onde actualmente estou. ,, Pelo
,, que toca a estes Indios não só confirmo a V. M.
,, de novo as mesmas positivas Ordens, e instru-
,, çoens dirigidas ao Capitão Mathias Ribeiro da
,, Costa com a data de 9 de Maio do presente
,, anno, para os não offender em nada, mas antes
,, tratar com a possivel boa intelligencia e ami-
,, zade, e tentar se elles não aborrecem tanto,
,, como até agora fazião, ao commercio, trato, e
,, communicação dos Portuguezes, que a barbarida-
,, de, e tirannia dos antigos Sertanistas lhes fazião
,, detestar, mas antes estabelecer, como huma das
,, obrigaçoens principaes, em que V. M. deve em-
,, pregar-se, e procurar por todos os caminhos;
,, fazer aos sobreditos Indios o nosso commercio,
,, que sempre póde haver modo de representar util,
,, e vantajoso, principalmente distribuindo-lhe de
,, quando em quando alguns pequenos mimos de
,, resgates, de que pela relação, que remetto in-
,, clusa, conhecerá V. M., que faço conduzir á sua
,, disposição huma certa quantidade; mas sem em-
,, bargo de toda a eficacia das minhas ordens, que

,, são huma consequencia precisa, util e providen-
,, tissima das que Sua Magestade me tem dado,
,, verá V. M. sempre, que eu não pertendo, que
,, se deixe offender impunemente, nem tal poderia
,, caber nunca no mesmo direito, que a natureza
,, estabeleceo a repulsar com força a quem nos in-
,, tenta fazer mal. ,, Depois da chegada do novo Commandante a 29 de Novembro de 1770, chegarão de cavallo ao Presidio da Nova Coimbra varios Indios Guaycurús, dizendo em lingoa Castelhana que querião paz: o Commandante os foi receber fóra da estacada levando duas pistolas no cinto, e huma esquadra de soldados armados: alli mesmo os brindou com varias cousas, algumas suas, e a maior parte dos Reaes Armazens, e os despedio. Os Indios contentes prometerão voltar dahi a hum mez com bastantes couzas para negocio. Vendo alguns officiaes Militares, que em Coimbra erão subordinados, passar-se o tempo, em que disserão os Cavalleiros havião de voltar, começarão a dizer, que o Commandante tinha a culpa dos Indios não voltarem, por have-los amedrontado com a guarda e armas, que levou, quando lhes foi fallar, e tanto murmuravão, que chegarão a fazer assignados contra elle. No tempo que isto se urdia, chegarão os Guaycurús a 6 de Janeiro de 1771, trazendo em sua companhia algumas mulheres, e para resgate carneiros, perús, pelles de veados, e outras bagatellas. Sendo o Commandante avisado disto, mandou que parassem em hum lugar, que dista mais de 300 passos do Prezidio, onde farião as permutaçoens; e para guarda dos que hião faze-las, ordenou ao Ajudante de Auxiliares Francisco Rodrigues Tavares fosse assistir com 12 soldados armados, e que tivesse toda a cautela. Com effeito foi o dito Ajudante, e mandou formar corpo de armas, onde pôz huma sentinella. Então veio o Capitão dos Indios, e hum Indio lingua para dentro da estacada

fallar com o Commandante. Em quanto estes se detiverão dentro succederão entre os Indios e os Portuguezes algumas couzas notaveis. Disserão os Guaycurús ao Ajudante que mandasse retirar, e cobrir com huma tolda as armas de fogo, e tirar-se dalli a sentinella, porque as mulheres se temião de ver huma e outra couza, visto elles tambem não terem armas; na verdade só tinhão porretes e facas, de que os nossos não temião. O Ajudante por agradallos fez quanto lhe pedirão, e bem pago ficou da demaziada condescendência, que teve. Começarão os Indios a chegarem-se mais para os Portuguezes, e a convidarem alguns a descançarem no regaço das mulheres, o que aceitarão; depois principiou-se o negocio, e muitos brindarão a algumas Indias, das quaes varias lhes pagarão com lagrimas, que derramarão, por verem o desastrado fim, que os aguardava; os nossos entendião, que ellas choravão por se verem violentadas pelos maridos a fazer-lhes mimos; mas aquelle pranto era por aquelles, que liberaes, e desinteressados as obsequiavão, e ao mesmo tempo temião descobrir a maldade dos maridos pelos não sacrificar. A formoza Osmia se não vio em maior aperto entre o Marido, e o Romano a quem amava. Deo hum Pedestre a huma India hum facão por hum carneiro, depois de á sua vista o não ter querido dar por outro, do que agradecida a India lhe pedio se recolhesse, e vendo que o não fazia, com lagrimas, e por acenos lho tornou a pedir, pelo que o Pedestre se despedio, entendendo que o carneiro era furtado, e por isso a selvagem tanto instava, e assim escapou á morte.

Os Guaycurús chegavão-se aos nossos, e pondo-lhes as mãos nos hombros, como por amizade, os sacodião, e conforme a sustancia, que encontravão, assim ficavão junto a elle aquelles, que julgavão necessarios para os matar. Tantas demonstraçoens não dispertavão nos Portuguezes a lembrança

das grandes perdas, que os Barbaros lhes tinhão feito sofrer: o interesse de comprarem as bagatellas, que os Gentios trazião, lhes entorpeceo o entendimento. Entretanto estava o Capitão, e o Lingoa dentro com o Sargento Mór, o qual os tratou grandemente, e cuidando ter livre a sua gente, que estava entre os Indios, os despedio dando-lhe mimos. Tanto que elles se virão em meio caminho, derão hum assovio, com o qual todos se entendem; com este signal cada Gentio foi matando aquelle, que lhe cahio em sorte: alguns dos Portuguezes morrerão no mesmo regaço das Indias, e estas com os maridos os degolavão. Emquanto huns se occupavão em matar, outros despião aquelles, que envoltos no seu proprio sangue inda não tinhão acabado de exalar os derradeiros alentos vitaes. O Ajudante, que era hum homem agigantado e forçozo, defendeo-se com huma espada, que tinha na mão, mais de 40 passos, e não o matarião, se hum dos Indios por detraz lhe não desse huma pancada pelas pernas, com a qual o derribou, e outros o degolarão: isto foi quasi ao mesmo tempo, que os do Presidio chegavão em soccorro dos da revolta, pela terem sentido, e ainda perceberão ao Ajudante dizer: Jezus! pelo ar que lançava pela ferida da garganta. Com tanta ligeireza, e tanto a seu salvo matarão, e roubarão, que quando os Portuguezes chegarão, já se tinhão auzentado os Guaycurús, levando as armas, e a roupa, parte della gotejando sangue dos seus donos, que parecia hir pedindo vingança de tanta aleivozia.

Neste fatal dia morrerão dos nossos 45 homens, sem os Cavalleiros soffrerem o menor damno. Com este desastrado successo, foi indizivel o sentimento, que tiverão os Portuguezes, por não poderem soccorrer os miseros companheiros, aos quaes enterrarão em duas grandes sepulturas; e recolhidos ao Presidio, logo os Officiaes rasgarão os assignados,

que tinhão feito contra o Comandante, como já fica dito, e fizerão outro, no qual o culpavão de laxo, e frouxo, e de outros defeitos, que na verdade não tinha, sendo só as suas paixoens particulares o movel de tudo isto; mas elles tambem recebêrão da ambição os premios vulgares, que ella costuma repartir.

Neste mesmo anno pedirão licença dous soldados Dragoens, que servião no Presidio para hirem caçar ao outro lado do rio em huma canoa com mais oito pessoas; o Comandante concedeo, e passando elles o rio, saltarão os dous Dragoens, e huma ordenança em terra, onde a poucos passos encontrarão alguns Guaycurús, que os investirão: os dous soldados dispararão as armas, e derribarão morto a hum Capitão, e aleijarão outro de hum braço, porém a hum dos soldados derão huma lançada pelos peitos, com a qual perdeo a vida, e o mesmo succedeo ao ordenança de duas flexadas; o outro soldado, sentindo-se ferido em hum braço por huma flexa, fogio procurando a canoa: os que nella estavão, vendo que vinhão os Gentios juntamente com elle, afastarão-se para o meio do rio, e vendo-se o pobre soldado desamparado dos fracos companheiros, e perseguido dos inimigos, lançou-se á agoa, e começando a nadar, espalhou-se o sangue da ferida, ao qual acodirão huns peixes, a que chamão Tezouras, ou Piranhas, pelo muito que cortão os seus dentes, e investindo contra o miseravel e afflicto nadador, em hum instante o desfizerão todo, vindo a acabar com este genero de morte. Passarão-se depois onze annos, sem que estes Barbaros fizessem aos Portuguezes damno algum; nem ousassem chegar á falla, até que no mez de Março de 1789, em que comandava o Presidio hum Cadete de Dragoens, apparecerão do outro lado do rio em frente da Estacada, e bradarão varias vezes, o que visto pelo Commandante, mandou lá

algumas pessoas, com as quaes não quizerão chegar á falla, e depois no mez de Julho do mesmo anno tornarão a bradar, e hindo os nossos, fallarão, e recebendo algumas dadivas, prometerão voltar dalli a cinco dias, como com effeito vierão, e hindo hum soldado, e varios Pedestres, fallarão com o Capitão Queima debaixo de toda a cautella, e assim mesmo continuarão a praticar até o mez de Dezembro do mesmo anno, em cujo tempo venderão os Guaycurús alguns cavallos, carneiros, perús, e outras cousas insignificantes, por baetas, machados, facas, bacias, fumo, pratos de estanho, e facoens. Este ultimo genero foi prohibido pelo Senhor General. E o Cadete Commandante lhes mandou dar varias cousas do Armazem.

Por este mesmo tempo veio commandar o Presidio da Nova Coimbra o Sargento Mór Engenheiro Joaquim José Ferreira, pelas positivas ordens, que trazia do Illustrissimo e Excellentiissimo Senhor João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, actualmente Governador e Capitão General das Capitanias de Matto Grosso, e Cuyabá, mandou o dito Sargento Mór a hum Cabo de Esquadra de Dragoens com quatro canoas bem armadas a ver se encontrava os Gentios Cavalleiros, e os persuadisse a virem ao Presidio, os quaes já por causa da inundação não apparecião. Partio o Cabo de Esquadra, e com effeito na segunda viagem fallou amigavelmente com os Indios, e lhes rogou o acompanhassem, e viessem ver o Commandante, o que elles não quizerão, porém mandarão tres cativos seus, como por espias, os quaes vinhão com tanta repugnancia, como tem aquelles, que caminhão para o patibulo. O Sargento Mór os tratou com grandeza; vestio-os de pano de algodão, e baeta; deo-lhes facas, e anzoes, e os mandou fartos e contentes; o que visto pelos seus Senhores, e sabendo delles do bom agazalho, que tiverão, rezolverão-se

a virem dous Capitaens, hum velho, e outro mo-
ço, trazendo quatro dos seos soldados em sua com-
panhia, os quaes entrarão todos tremendo no Pre-
sidio, onde o Commandante os recebeu fardado, e
todos os Officiaes e Guarnição; hospedou-os, deo-lhes
dadivas, com que se forão satisfeitos, e começarão
dahi por diante a virem com menos receio, sendo
todos sustentados, em quanto se demoravão, á custa
da Fazenda Real, e os Capitaens e suas mulheres
na meza do Commandante, como ainda hoje succe-
de, e a todos se mandou dar facas, anzoes, fitas,
contas, veronicas, figas, machados, e outras cou-
zas, de que para semelhante fim estava o Armazem
Real provido, e se proveo ainda mais depois desta
alliança, para segurança da qual forão a Matto
Grosso o Capitão Emavidi Xané, que agora se
chama Paulo Joaquim José Ferreira, e o Capitão
Queima, que he conhecido pelo nome de João
Queima de Albuquerque: he este ultimo dos prin-
cipaes dos Guaycurús por sua mãi, e dos Paya-
goas por seu pai, e o outro respeitado pelos mui-
tos soldados e captivos, que tem. Levarão elles á
Capital 17 dos seus subditos, e forão todos alli
tratados com muita grandeza pelo Excellentissimo
Senhor General, o qual mandou vestir a todos, e
aos Capitaens dar farda, veste, calção, e chapeo
fino agaloado de prata, e tambem lhes mandou dar
fivelas, e muitas couzas de valor; e no Palacio
de Sua Excellencia assignarão o termo seguinte,
que ponho por extenso, para que os curiosos o
possão ver, e juntamente a Carta Patente, que
lhes passou, que conservão com o maior cuidado
possivel.

,, Dezejando a Nação do Gentio Guaycurú,
,, ou Cavalleiro, que habita os terrenos, que fór-
,, mão a margem oriental do Paraguay, desde o
,, Rio Mondego, antes denominado Imbotatiú, e
,, mais Rios intermedios, até a margem boreal do

,, Rio Ipané, dar não só huma evidente prova do
,, seu reconhecimento, gratidão e sensibilidade, pelo
,, bom tratamento, e repetidos beneficios, que ul-
,, timamente tem recebido dos Portuguezes, em
,, consequencia de muito recommendadas ordens do
,, Senhor General desta Capitania de Matto Grosso,
,, e Cuyabá, dadas para o dito fim ao Sargento
,, Mór Engenheiro Joaquim José Ferreira, Com-
,, mandante do Presidio da Nova Coimbra, que
,, elle tem desempenhado com todo o zelo, e activi-
,, dade, distribuindo com a dita Nação, além dos
,, donativos gratuitos, que lhe tem sido determina-
,, dos por conta da Real Fazenda de Sua Mages-
,, tade, tambem outros seus proporcionados á sua
,, possibilidade; dezejando a minha Nação dar iguaes
,, provas do grande respeito, e fidelidade, que tri-
,, butão a Sua Magestade Fidelissima, e de quanto
,, são os mesmos Gentios afeiçoados aos Portugue-
,, zes, espontanea, e anciozamente, vierão a esta
,, Capital de Villa Bella os Capitaens João Queima
,, de Albuquerque, e Paulo Joaquim José Ferreira,
,, dous dos principaes Chefes da dita numerosa Na-
,, ção, com dezesete dos seus subditos, e a preta
,, Victoria, crioula Portugueza, sua captiva, que
,, serve de lingua, onde depois de terem sido rece-
,, bidos, e hospedados com as maiores, e mais
,, sinceras demonstraçoens de amizade, e agazalho,
,, e de serem brindados com alguns donativos de
,, Sua Magestade, e outros do dito Excellentissimo
,, Senhor Governador, e Capitão General, e das
,, principaes pessoas desta Villa, no 1.º dia do mez
,, de Agosto de 1791, no Palacio da Residencia do
,, mesmo Excellentissimo Senhor Governador e Ca-
,, pitão General, estando prezente por huma parte
,, o mesmo Excellentissimo Senhor com os officiaes
,, da Camara desta Capital, Officiaes Militares, e
,, mais principaes pessoas desta dita Villa Bella, e
,, pela outra os sobreditos Capitaens, e Chefes da

,, sua Nação João Queima de Albuquerque, e Paulo
,, Joaquim José Ferreira, com os mencionados seos
,, soldados, e a crioula Victoria, sua captiva, e
,, interprete, disserão; que em seos Nomes, e no
,, de todos os outros Chefes da sua Nação, seos
,, compatriotas, e mais subditos, e no de seos fi-
,, lhos, e mais descendentes, protestavão, e prome-
,, tião de hoje para todo o sempre nas mãos do
,, dito Excellentissimo Senhor Governador e Capitão
,, General João de Albuquerque de Mello Pereira
,, e Caceres, de manter com os Portuguezes a
,, mais intima paz e amizade, e de inviolavelmente
,, guardarem, e tributarem a Sua Magestade Fide-
,, lissima a mais respeituosa fidelidade e obedien-
,, cia, assim e da mesma fórma, que lhe tribu-
,, tão todos os seos vassallos. E sendo-lhes pergun-
,, tados de Ordem do mesmo Senhor pelo Sargen-
,, to Mór de Engenheiros Ricardo Franco de Al-
,, meida Serra, se era nascida de sua livre vonta-
,, de, e moto proprio a obediencia, que prestavão
,, a Sua Magestade Fidelissima, como tambem se
,, querião ficar sugeitos ás Leis da mesma Augusta
,, Soberana, ficando amigos dos seos amigos, para
,, desta fórma gozarem livres, e seguramente de
,, todos os bens, commodidades, e privilegios, que
,, pelas Leis de Sua Magestade Fidelissima são
,, concedidos a todos os Indios: a tudo responde-
,, rão que sim uniformemente ambos os Capitaens
,, referidos. Protesto, que o mesmo Excellentissimo
,, Senhor General aceitou em nome de Sua Ma-
,, gestade Fidelissima; prometendo tambem em no-
,, me da mesma Soberana Senhora, de sempre pro-
,, teger a dita Nação, a fim de perpetuar entre
,, elles, e os Portuguezes a mais intima paz, e
,, reciproca amizade, concorrendo sempre para tudo,
,, que se dirigir á felicidade espiritual, e temporal
,, dos mesmos Gentios. E para firmeza de todo o
,, referido, e estipulado, eu Joaquim José Caval-

,, cante de Albuquerque e Lins, Secretario do
,, Governo, lavrei o presente Termo por ordem do
,, mesmo Excellentissimo Senhor Governador e Ca-
,, pitão General, o qual assignarão Sua Excellen-
,, cia, e a rogos dos ditos Capitaens e Chefes, o
,, Tenente Coronel de Infantaria, com exercicio
,, de Ajudante das Ordens deste Governo Antonio
,, Felipe da Cunha Ponte, e o Doutor Alexandre
,, Rodrigues Ferreira, Naturalista, encarregado da
,, expedição filosofica, por Sua Magestade nesta
,, Capitania; e a rogo dos mais Guaycurús, o
,, Doutor Provedor da Fazenda Real e Intendente
,, do Ouro Antonio Soares Calheiros Gomes de
,, Abreu; e da sua Interprete, o Sargento Mór
,, Engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra; e
,, tambem assignarão os Officiaes da Camara, sendo
,, testemunhas presentes deste acto as principaes
,, pessoas desta Villa Capital, que todos igual-
,, mente assignarão. E eu o Secretario do Governo
,, Joaquim José Cavalcante de Albuquerque Lins o
,, escrevi. Com o signal de Sua Excellencia, e dos
,, mais circunstantes.

A Carta Patente he a que se segue:

,, João de Albuquerque de Mello Pereira e
,, Caceres, do Conselho de Sua Magestade, Ca-
,, valleiro da Ordem de S. João de Malta, Go-
,, vernador e Capitão General das Capitanias de
,, Matto Grosso, e Cuyabá, &c.

,, Faço saber aos que esta minha Carta Pa-
,, tente virem, que tendo a Nação dos Indios
,, Guaycurús, ou Cavalleiros, solemnemente con-
,, tratado perpetua paz, e amizade com os Portu-
,, guezes, por hum termo judicialmente feito, no
,, qual os dous Chefes, João Queima de Albu-
,, querque, e Paulo Joaquim José Ferreira, em
,, nome da sua Nação, se sujeitarão, e protestarão
,, huma cega obediencia ás Leis de Sua Magestade,
,, para serem de hoje em diante reconhecidos como

„ vassallos da mesma Senhora: Mando, e ordeno a
„ todos os Magistrados de Justiça, e de Guerra,
„ Commandantes, e de mais pessoas de todos os
„ Dominios de Sua Magestade Fidelissima, os re-
„ conheção, tratem, e auxiliem com todas as de-
„ monstraçoens de amigos. E para firmeza do refe-
„ rido lhe mandei passar a presente Carta Patente
„ por mim assignada, e sellada com o sinete das
„ minhas armas nesta Capital de Villa Bella aos
„ 30 de Julho de 1791. — João de Albuquerque
„ de Mello Pereira e Caceres. — „

Acabado este solemne acto, deo o Illustrissimo
e Excellentissimo Governador e Capitão General
hum esplendido banquete a todas as pessoas, que
assistirão á ceremonia, e depois despedio aos Capi-
taens, tendo gasto muito da sua propria fazenda,
e continúa a gastar até hoje.

Chegados em fim ao Presidio de Coimbra os
novos vassallos de Portugal, o Sargento Mór Com-
mandante, os recebeo com festas, e os mandou
levar á sua Aldêa, onde ao chegar levantou-se hu-
ma grita de alegria entre os Gentios, aos que res-
ponderão os estrondos dos nossos arcabuzes.

Depois disto, continuão elles a vir em mago-
tes ao Presidio da Nova Coimbra nas canoas em
tempo de agoas, e a cavallo na seca, onde sempre
são bem recebidos, e tratados, entrando em virtude
das ordens, que para isso ha, e arranchando-se
fóra da estacada em suas cazas de esteiras, entrão
dentro de dia desarmados, e depois do toque das
Trindades sahem para fóra, e só entrão os Capi-
taens, tendo em todo este tempo dado provas de
huma sincera amizade, e tanto, que no anno de
1793 restituirão dous escravos, que do Presidio ti-
nhão fugido para as suas terras.

Com accelerados passos tenho decorrido quasi
hum seculo, que a Nação Guaycurú tem sido fatal
aos Portuguezes, e me acho no ultimo ponto, que

prometi tratar no principio desta Historia, o qual
pertence aos Hespanhoes, por elle porém passarei
abreviadamente, como couza estranha. Pelo meio do
seculo passado acabarão os Guaycurús de arruinar a
pequena Cidade de Gera, que os Paulistas tinhão
dado principio a destruir. Os Hespanhoes, que esca-
parão, forão fundar a Villa de Teguego nas mar-
gens do Paraguay, donde tambem fugirão perse-
guidos dos mesmos inimigos. Os Guaycurús os
perseguirão na Villa de Curumboty, que fundarão
em Villa Rica sua Colonia, em Belém, e nos mes-
mos suburbios da Cidade da Assumpção, Capital da-
quella grande Provincia, humas vezes abrazando as
cazas, e matando os seos habitantes, outras rou-
bando-lhes os cavallos e gados, e destruindo-lhes as
sementeiras. Na Provincia de Xiquitos, fizerão
maiores males, depois que o Cura do Povo do San-
to Coração, haverá 35 annos, debaixo de paz pren-
deo a muitos, e usou com elles de bastante rigor,
de cujo cativeiro fugirão alguns, e dahi he que
obrigarão no anno de 1785 a mudar o dito povo do
Santo Coração 25 legoas mais para hum lado, e
lhes roubarão os gados, cavallos, e gente, que con-
servão por cativos, passando desta sorte os misera-
veis habitantes daquella Provincia ao Barbarismo,
de que seos pais felizmente tinhão sahido.

Desde então foi que os povos do Santo Cora-
ção, Sant-Iago, e S. João, ficarão no estado de
abatimento, em que hoje se vêm: as Aldêas ermas,
as cazas reduzidas a huns pardieiros, os campos
sem cultura, tudo em fim faz suppor a hum viajante,
que aquella Provincia acaba de sofrer huma devo-
rante peste, huma guerra de Religião, ou hum
monstro, que com o seo corrupto halito tem in-
ficionado a todo o sensivel.

Os Guaycurús, que assistem do Feixo dos
Morros para baixo, tem paz com os Hespanhoes
da Provincia do Paraguay desde o anno de 1774;

esta alliança fizerão por via de hum Padre, que levado das suas inclinaçoens, soube introduzir-se entre os selvagens, dos quaes seguio todos os costumes, deixou arrancar as sobrancelhas, e pestanas, cazou-se entre elles, e teve filhos: por esta fórma livrou a sua Patria das continuas hostilidades, que soffria destes barbaros, e adquirio o nome de justo entre a plebe Hespanhola.

A este Padre, a quem já tratei por duas vezes, devo a noticia das eras, em que se alliarão os Guaycurús e Payagoas, e a em que se separarão, como tambem da maior parte dos seos extravagantes costumes. Os Guaycurús, que habitão do Feixo dos Morros para cima, fazem aos Hespanhoes todos os damnos, que podem, e são os que conservão hoje fiel amizade com os Portuguezes.

TOPOGRAFIA.

Reflexoens sobre as notas do Roteiro de Maranhão, continuadas do Numero antecedente, paginas 74.

CAPITULO 7.

Em que se ponderão, e convencem dous prejuizos vulgares, que resistem ao fim dos principios estabelecidos.

Primeiro Prejuizo.

§. 65. HE o primeiro dos ditos prejuizos; que o Estado perde todo aquelle individuo, que manda aos sertoens. Esta proposição, que nem ainda nos Paizes Dominantes póde ser admittida, he bem contraria nas Colonias á conservação da dominação, que nellas tem a Metropole; e contraria aos fins, porque ella os estabeleceu.

Contraria á conservação da dominação, porque estando as Colonias expostas a serem attacadas por qualquer potencia inimiga, e muito nas circunstancias de se verem surprehendidos alguns dos seus portos da Marinha, não he necessario buscar exemplos nas Colonias estranhas, nem valernos do que achariamos nas nossas, tanto pela parte do Norte, como do Sul, para conhecermos que as povoaçoens do interior do paiz são como huns corpos de reserva postos em seguro para defensa das Capitanias da Marinha, corpos, que não podem ser attacados antes que lhes chegue a noticia da guerra, e se disponhão a esperar e remover os seus effeitos; sendo mais facil ao invasor dispor todos os approches para o attaque de huma praça bem fortificada, e mesmo rende-la, quando mais bem defendida, do

que conservar huma marcha bem ordenada, e guardar todas as forças para penetrar, e hir sugeitar paizes remotos, que dão todas as vantagens aos seus habitantes.

§. 66. Depois disso concorrem tambem muito para o mesmo fim, as dependencias, em que estão, para poderem subsistir, algumas Capitanias da Marinha, das Capitanias, e povoaçoens do interior. Sujeitas que ellas fossem, não serião tantas as forças inimigas, que ao mesmo tempo podessem guarnecer com segurança os postos vencidos, e constranger as povoaçoens do interior a que lhes fornecessem o necessario, e levantassem o sitio, em que as terião posto, não tendo com ellas communicação.

§. 67. Deixando outras ponderaçoens, bem evidentemente se vê quanto podem nas Colonias cooperar as povoaçoens do interior para a conservação da dominação, que nellas tem a Metropole, e como esta razão de todo se verifica nas partes, que essencialmente a compoem.

§. 68. Com a mesma evidencia, que de huma razão geral se desce á particular, que he parte essencial da mesma geral, se vê tambem que qualquer individuo das povoaçoens do interior occupado na acquisição dos geraes do Paiz, e em fazer effectiva pela communicação e commercio a dependencia, que deve haver entre ellas e as Capitanias da Marinha, em utilidade da Metropole, coopera para os fins, para que ella estabeleceu as Colonias.

Segundo prejuizo.

§. 79. O segundo dos ditos prejuizos he tambem: que as minas são a ruina de Portugal, e o ouro a perdição das Minas. Deixada a primeira parte desta cantilena, vejamos primeiro o sentido, que tem a segunda, e as razoens, em que se funda, e depois mostraremos como ella se oppoem aos principios, que temos estabelecido.

§. 70. A Agricultura, as Artes, e Commercio são as partes essenciaes do corpo politico do Estado: nellas se occupão os seus individuos, com ellas se sustentão, e sem ellas não podem subsistir: com a differença porém que o Commercio não existe sem a agricultura e as artes; as artes sem a agricultura, a qual (para assim dizer) he a origem de tudo, ou o modo pelo qual com menos trabalho se adquirem todas as producçoens, que a terra nos offerece, tanto na sua superficie, como nas suas entranhas, e que aperfeiçoadas pela industria, não só nos sustentão, mas sobem com o maior valor a enriquecer-nos.

§. 71. Admittida pois a proposição, de que o ouro he a perdição das minas, sendo tão natural fugir á ruina, como procurar a conservação; de necessidade se ha de admittir tambem que os mineiros se devem abster do exercicio de minerar, e occuparem-se tanto nos mais objectos da agricultura, como nas artes e commercio. Este he o sentido da dita proposição, o qual, ou se póde estender a huma total abstenção do exercicio de minerar, ou se póde restringir só a parte.

§. 72. A primeira razão, em que se funda, he que pelo incansavel trabalho das minas, não se adquire mais do que ouro; pela applicação com mais suave trabalho aos mais objectos da agricultura, das artes, e do commercio, não só se adquirião todas aquellas producçoens, de que depende a subsistencia do homem, e sem as quaes elle não póde existir, mas se poderia avançar a hum estado de abundancia e riqueza, estado, a que o ouro não poderia conduzir por hum puro effeito de representação.

§. 73. A segunda he tambem que deixar de procurar com mais suave trabalho as mesmas producçoens necessarias em hum paiz fertilissimo, para procurar com trabalho mais custoso no mesmo

paiz o ouro, como representação das ditas producçoens, he deixar de possuir independente huma riqueza real, para haver huma riqueza de opinião; riqueza, que nada póde servir, faltando os objectos, que representa. Ultimamente he trocar hum estado de abundancia e riqueza por hum estado precario, estado de dependencia e necessidade.

§. 74. Deixando confirmadas todas estas razoens com a indigencia de muitos estados, em que ha minas, e abundancia de outros, que não fazem dellas uso: vamos a ver como a dita proposição nem indeterminada, nem determinada, se póde sustentar em toda a sua extensão; e veremos depois como, ainda mais restricta, e no exposto sentido, he inteiramente contraria aos ditos principios.

§. 75. Fallando indeterminadamente: a força, a abundancia, e riqueza do estado não consiste só no numero dos habitantes, quantidade, e qualidade das suas producçoens, tanto naturaes, como da industria; consiste tambem em que estas producçoens estejão em tal ordem, tal positura, e tal disposição, que se possa verificar o fim, para que forão creadas, servindo-se os homens delles, e utilisando-se. De outra sorte se poderião dizer já ricos todos os moradores do Pará, e abundantes de todos os precisos generos, que a terra lhes offerece na sua superficie, ainda que espalhados por sertoens, que lhes são por ora inaccessiveis; ou se contaria tambem já sobre thesouros de finas esmeraldas, e outras preciosidades, que a mesma terra occulta nas suas entranhas por todo o paiz, que ha entre as minas e as Capitanias do Espirito Santo, Porto Seguro, e Ilheos.

§. 76. Convencidos os homens pela experiencia de que, faltando a referida ordem e disposição, naquelles mesmos paizes abundantes em todo o genero de producçoens, e onde ellas se vião já entre mãos, elles gemião muitas vezes na falta e indi-

gencia; porque estando as ditas producçoens dispersas, a elles repartidas pelos lugares, em que se produzem, segundo a situação dos mesmos lugares, e natureza das mesmas producçoens, elles não podião ter todas, nem de todas fazer uso, sem que huns houvessem de outros a parte, que lhe viesse a faltar, ou porque sendo natural soccorrerem-se mutuamente com ellas com huma simplice troca, ou permutação, se fazia muitas vezes impraticavel, tanto pelas indicadas circunstancias, como pela dificuldade, que haveria muitas vezes, de se effeituar racionavelmente esta troca, a qual, ainda que a respeito de diversos sujeitos, requeria na mesma especie ao mesmo tempo a abundancia, e a falta: por todas estas razoens acharão os homens que devia haver hum sinal, pelo qual representassem as ditas producçoens, e podesse cada hum com elle alcançar mais commodamente o que lhe faltasse, e vierão por ultimo a concordar que dos metaes se fizesse este sinal. Ora além dos differentes usos, porque os metaes servem aos homens; estando os homens convencidos que sem este sinal não podem commodamente utilisar-se das producçoens, de que depende a sua subsistencia, em quanto elles convém que os metaes as representem, e sejão os meios de as poderem haver, o ouro, que entre todas as naçoens civilisadas tem sempre feito esta representação, por este mesmo valor de opinião não mostra no seu effeito alguma cousa de real.

§. 77. Os homens estão na necessidade de possuirem os metaes para commodamente poderem subsistir. Esta necessidade, que existe tanto nos homens de hum estado, como no resto dos mais homens, e que he reconhecida por todas as naçoens civilisadas, as quaes procurão por todos os modos remedia-la, parece persuadir a que, não havendo em todos os paizes minas, fação dellas uso aquelles, que as tiverem, não só para que não falte aos seus habitantes este meio de poderem commodamente sub-

sistir; mas para que depois de se verem no florecente estado de abundancia e riqueza; e depois de terem cheias todas as vistas, porque as leis politicas prohibem a extracção do ouro para fora dos proprios dominios; elles o possão communicar tambem em reciproco beneficio ao resto dos mais homens, aos quaes nestas plausiveis circunstancias talvez assistisse algum direito para delles o exigirem.

§. 78. A ordem da natureza nos obriga a communicarmos aos que necessitão o superfluo do que nos he necessario para viver, e a mesma ordem parece deve tambem de alguma sorte obrigar-nos a que communiquemos aos que vivem com incommodo o superfluo do que he necessario para vivermos com maior commodidade. Vindo pois entre todos os metaes a ser o ouro pela sua geral aceitação e que mais facilita o dito uso, e por isso mais necessario, não só para o bem particular de qualquer individuo, mas para o bem universal dos homens civilisados; e sendo necessario que hajão minas, para que possa haver o ouro: quem poderá sustentar a proposição que o ouro he a perdição das Minas; estendendo-se o seu sentido a huma total abstenção do exercicio de minerar?

§. 79. Fallando determinadamente, temos já dito, e repetimos sempre: Que as Colonias são estabelecidas em beneficio da Metropole: Que o primeiro interesse de Metropole ha de forçosamente ser conserva-las na sua dominação: o segundo tirar dellas as possiveis utilidades.

§. 80. Temos ponderado que, devendo as Colonias occuparem-se só na acquisição das materias primeiras, das Minas, pela situação no interior do paiz, sem rios navegaveis, que possão facilitar a condução dos generos aos portos da Marinha, para serem exportados á Metropole, não póde esta (a excepção do ouro) tirar pela agricultura iguaes interesses aos que recebe das Capitanias da Marinha.

§. 81. Temos já mostrado qual seja o influxo do ouro na povoação, na cultura, e no commercio das Capitanias da Marinha; quaes os reciprocos objectos das dependencias entre as Minas, Metropole, e Capitanias da Marinha; e ultimamente que o ouro he o equivalente, que a Metropole, e as ditas Capitanias recebem do que introduzem em Minas.

§. 82. Admittida pois em toda a sua extensão a dita proposição, e faltando inteiramente o ouro, pela total abstenção, em que se porião os Mineiros do exercicio de minerar, como as povoaçoens e Capitanias de Minas, pela sua situação no interior do paiz, não podem ter outro equivalente, para pagar as manufacturas, e mais generos, que recebem da Metropole, e Capitanias da Marinha, he evidente que nem poderia haver commercio entre ellas e as Capitanias da Marinha; nem ellas poderião satisfazer a estes objectos da sua dependencia, nem as Capitanias da Marinha experimentarião na sua povoação, cultura, e commercio, os influxos do ouro, e nem a Metropole tiraria dellas todas as possiveis utilidades.

§. 83. Vejamos agora a mesma proposição em sentido mais restricto, em quanto os habitantes de Minas se devem abster só em parte do exercicio de minerar.

§. 84. Todas as expostas razoens, em que se funda a dita proposição, e outras talvez mais nervosas, tendem a persuadir as vantagens de hum Paiz, que tendo em si quanto necessita póde subsistir independente de qualquer outro. Este estado de verdadeira abundancia, e riqueza, a que deve aspirar o Paiz dominante, poderá por ventura ser pertendido por huma Colonia, sem que esta contravenha aos fins para que foi estabelecida? O paiz dominante nunca se poderia considerar em melhor estado, mais abundante, mais rico, e mais poderoso do que quando fosse para a sua subsistencia mais

indèpendente de paizes estranhos: huma Colonia nunca se deve considerar em melhor estado a respeito da Metropole do que quando della for mais dependente. Idéas tão diversas devem ser diversamente conduzidas: no paiz dominante, havendo nelle minas, poderia ter lugar a dita proposição, no restricto e exposto sentido; em Colonias estabelecidas no interior dos sertoens, como são as povoaçoens e Capitanias das nossas minas, postas nas circunstancias de não poderem utilisar a Metropole, com outras producçoens que não seja o ouro, he evidente que de nenhuma maneira deve ser admittida.

§. 85. Em vou a dize-lo mais claramente, já que me dá lugar o chegar a esta materia depois de ter passado por Minas, e presenciado como por huma inadvertida tolerancia se póde nellas introduzir a independencia, que promove a dita proposição.

CAP. 8.

Em que pelas consequencias da proposição, que o ouro he a perdição das Minas, mostra-se a sua insubsistencia, e mais se convence o segundo prejuizo: propoem-se a necessidade de se regular a agricultura de Minas nas suas producçoens, exemplificando-se as regras, que se estabelecem, e dando-se as suas excepçoens.

§. 86. Applicando-se, como o vão fazendo, os habitantes de Minas a todos os objectos da agricultura, em hum paiz, que não só produz os generos da America, mas tambem os da Europa: passando do mesmo modo a aperfeiçoarem as manufacturas, a que se vão inclinando; chegando por ultimo a ter todo o necessario physico: que caminhos restarião á Metropole para haver d'elles o ouro? Teria ella por ventura por equivalente a introducção de hum luxo em mercadorias, accommoda-

das ao genio dos mineiros, para assim haver delles por condescendencia o ouro, que elles de necessidade lhe devião dar? De qualquer outro meio, que para esse fim se servisse a Metropole, ella, e as Capitanias da Marinha, não poderião tirar as vantagens, que perderião, do commercio estabelecido em generos da primeira necessidade.

§. 87. Os dizimos, os impostos serião só os canaes, por onde correria o ouro das Minas á Metropole, mas serião sempre copiosos e perennes, descendo de hum Paiz já della independente para a sua subsistencia? De hum Paiz, em cujos habitantes tanto predomina a ambição, e tanto cresce o orgulho, que admiravelmente os instrue na rebeldia, e opposição a toda a authoridade? Muitas vezes varião os calculos mais exactos da Arithmetica Politica; porém estes acontecimentos não devem entrar em consideração, para que de erradas premissas se possão esperar boas consequencias.

§. 88. Se fora possivel que todos os habitantes de Minas se occupassem só na extracção do ouro, e que todo o necessario fisico se lhes introduzisse da Metropole, e Capitanias da Marinha; deste estado total de dependencia, que utilidade não tiraria a Metropole? Ella nada teria que recear do orgulho dos Mineiros. Ella veria notavelmente crescer a povoação e cultura das Capitanias da Marinha, augmentar-se o seu commercio, e pagarem as Minas por este modo o equivalente dos generos, que pela sua situação no interior do paiz não póde de outra sorte a Metropole delles esperar.

§. 89. Sendo porém impraticavel este estado de huma omnimoda dependencia; primeiramente porque a razão da distante situação, e circunstancias das conduçoens, que faz com que a Metropole não se possa utilisar da agricultura das Minas, seria de alguma sorte a mesma, que faria tambem com que as Minas não fossem fornecidas do necessario fisico

para a sua subsistencia; digo de alguma sorte, porque o Mineiro poderia, por exemplo, pagar por maior preço huma arroba de assucar conduzida a Minas dos Portos da Marinha, do que dos ditos portos pagaria o Commerciante a mesma arroba de assucar, sendo conduzida de Minas; o qual, tendo de exporta-la com mais fretes, para a vender á Metropole, sempre se deveria regular na compra pelo preço, que poderia alcançar na venda.

§. 90. Depois disso, porque seria necessario occupar muitos individuos, (para que não fossem inteiramente inuteis) os quaes não tendo forças para se empregarem no trabalho das Minas, e constituindo parte das familias dos mineiros, dellas sem violencia não se poderião apartar.

§. 91. Ultimamente, porque para segurar o interesse no trabalho das Minas, he necessario facilitar a subsistencia, o que de nenhum modo se poderia conseguir, se todo o necessario fisico entrasse de fora, e os mineiros se não aproveitassem da fertilidade do paiz, fazendo lavouras, e procurando a mais commoda subsistencia.

§. 92. Sendo pois por todas estas razoens impraticavel que todos os habitantes de Minas só se empreguem no trabalho das minas, servirá esta nossa reflexão, para que não pareça paradoxo o dizermos agora que nas Minas, para maior interesse da Metropole, nem se deve animar, nem promover a agricultura; antes de tal maneira se deve regular que só se admitta a daquelles generos, que absolutamente forem da primeira necessidade, e não possão vir de fora, como he todo o genero de pão, e legumes, restringindo-se não a qualidade dos ditos generos, porque a abundancia he necessaria para facilitar a subsistencia dos trabalhadores das Minas, mas sim as especies, e o numero de individuos empregados nesta cultura, como fica dito no §. 23.

§. 93. O gado vacum, ainda que seja genero

da primeira necessidade, e pela facilidade, com què se conduz a lugares distantes, deve ser reservado ás Capitanias e povoaçoens, em que não ha minas; e onde elle faz o objecto da cultura e commercio; ha razoens que persuadem esta creação tambem em Minas. He a primeira a necessidade que ha de abundancia deste genero para se evitar a criação dos porcos, como ponderámos no §. 86. A segunda he tambem que, ainda que se criem em Minas, nunca nellas deixão de ter consummo os que se introduzem das outras Capitanias; porque a necessidade que ha em Minas de dar annualmente sal ao gado, faz que não possão haver fazendas muito avultadas. (1)

§. 94. A criação das ovelhas não occupa muitos individuos; póde contribuir em Minas para a mesma abundancia: as suas lans apenas serião uteis n'aquelles lugares mais proximos á Marinha, donde podessem ser exportadas á Metropole, sendo-lhe assim conveniente.

§. 95. Aquelles generos porém, que não forem da primeira necessidade, ainda que o uso os tenha já posto na mesma ordem, podendo com o seu valor pagar as despezas da condução, e serem

---

(1) O paiz das Minas Geraes se acha já hojè muito povoado, e sendo muitos os creadores, ainda que cada hum crie pouco, poderá resultar abundancia; porém nós nunca poderemos affirmar a que dezejamos em Minas, em quanto não virmos que indistintamente todos os habitantes de Minas se sustentão deste genero; e delle fazem o seu ordinario alimento: fim, a que as Minas não poderião chegar independentes dos Sertoens. Para que a elle mais apressadamente caminhem, poderá conduzir muito o fazerem as Camaras com que não só nas Villas mais notaveis, mas em todos os arraiaes, se estabeleção açougues.

introduzidos tanto das Capitanias da Marinha, como das outras povoaçoens, em que não ha minas, devem ser reservados para que nellas se cultivem, como por exemplo, o assucar, as agoardentes, e o gado cavallar.

§. 96. Que utilidades se podem seguir á Metropole de que em Minas hajão, e se augmentem os engenhos de assucar, occupando-se nelles hum numero consideravel de individuos, que serião mais interessantes empregados na extracção do ouro, e diminuindo-se por este modo o augmento, que poderião ter os mesmos engenhos nas Capitanias da Marinha, onde com maior interesse se devem promover? Hum mineiro, que deixa o trabalho das minas, para se empregar dentro das mesmas minas em levantar similhantes fabricas, embaraça que por esta via desça o ouro a promover a agricultura das Capitanias da Marinha, diminue a sua extracção, e restringe tanto a dependencia, em que as Minas devem estar das Capitanias da Marinha, como o Commercio, que ellas podem fazer com a Metropole.

§. 97. Os mesmos, e maiores damnos, não occasionão tambem os que levantão e conservão officinas de agoas ardentes? Este terrivel genero, que, como ordinariamente o fazem, estraga a saude dos que a elle se affeiçoão, entretem outro consideravel numero de individuos, tanto na sua factura, como na vendagem multiplicada por infinitas tavernas, que são outras tantas palestras da ociosidade, dos vicios, e desordens. O estado, em que se achão as Minas, não admitte que se extinga a cultura e fabrica destes effeitos: porém bastará evitar que se levantem de novo, ou se augmentem as que houver.

§. 98. O gado cavallar deve ser reservado ás Capitanias e povoaçoens, em que não ha minas, principalmente as do sertão, porque além deste genero constituir toda a cultura e commercio das di-

tas Capitanias, he necessario que as Minas estejão assim dellas dependentes, e lhes communiquem por este meio ou caminho o ouro, de que necessitão para promoverem a mesma cultura e commercio. (1)

---

(1) Os nossos Sertoens, e mais Capitanias, assim do Sul como do Norte, não podem fornecer ainda quanto as Minas carecem neste genero. Pelo Sul entrão de Hespanha muitas bestas muares, os mineiros achando maior utilidade em se servirem dellas, as preferem aos nossos cavallos; e daqui se segue a somma consideravel do ouro, que passará á Hespanha, e o baixo preço, em que estão pelo Sertão do Norte os cavallos, como são os da Bahia, Pernambuco, Seará e Piauhi.

Não se póde duvidar que para conduçoens excedem as bestas muares aos cavallos; mas tambem ninguem duvidará que a utilidade, que nas ditas conduçoens achão os Mineiros, servindo-se de bestas muares de Hespanha, deva ceder á utilidade do Estado, a qual pede que não saia delle para mãos estranhas o ouro; e que dentro de si mesmo se promova nos lugares mais convenientes, emquanto for necessaria, a criação deste genero, tanto em huma como em outra especie.

Para se conseguirem estes deus fins, devem-se consideravelmente augmentar pela parte do Sul os direitos, que pagão as bestas muares e cavallos, que entrão de Hespanha, e ao mesmo tempo evitar que em Minas subão no preço. Desta sorte os que costumão negociar neste genero, não achando mais interesse em introduzirem em Minas as bestas muares de Hespanha do que em introduzirem os cavallos e bestas dos nossos sertoens, irão a elles busca-los; e vendo os criadores que são procurados, se esforçarão a fazerem maiores creaçoens.

O augmento dos direitos deve ser tão bem regulado que, ainda que o commerciante ache alguma

§. 99. Produzindo as Minas alguns generos, que pelo seu valor e natureza sejão communicaveis, e uteis á Metropole, por exemplo, se a plantação das amoreiras tiver ahi melhor successo do que tem tido em Maranhão, o que he muito provavel, pela differença do paiz, e grande similhança, que as Minas tem nas suas producçoens á Europa, deve a cultura dos ditos generos, conforme o que temos mostrado, ser não só admittida, mas animada.

§. 100. A seda creada em Minas poderá ser conduzida nos mesmos combois, que continuadamente descem vazios a receber nos portos da Marinha as manufacturas e mais generos da Metropole, a sua

---

utilidade em introduzir as bestas de Hespanha, seja muito maior a que possa tirar, tanto dos cavallos, como das mesmas bestas creadas nos nossos Sertoens. Desta sorte só entrarão de Hespanha na falta das nossas, e não veremos o que succede, que he entrarem as bestas de Hespanha, e ficarem os nossos cavallos pelos Sertoens.

Como ao mesmo tempo se deve promover a creação das bestas muares, não pagarão o acrescimo dos direitos as que se crearem nas nossas fazendas. E como tambem algumas das ditas fazendas ficarão antes dos registros, e pela mesma parte que entrarão as de Hespanha, para que não se confundão, e entrem muitas da Hespanha por nossas, haverá a cautela de se saber a creação annual de cada fazenda, e o numero que poderão vender, o qual será em tempo competente participado ao Registro para se conferir com a guia, que devem trazer as que entrarem, não se permittindo que possão sahir das ditas fazendas, ou nellas vender-se sem a dita guia, passada pelas Camaras das Villas, ou Magistrados dos respectivos districtos. Isto póde fazer-se com facilidade, e exacção.

creação e preparo occupará tambem as familias, e ellas terão mais este equivalente para pagar o que recebem da Metropole.

C A P. 9.

Em que se mostra em geral a necessidade do regulamento da agricultura na applicação, que se deve fazer dos habitantes.

§. 101. O regulamento da agricultura se faz necessario, não só em Minas, mas em todas as nossas Colonias. Nós não estamos no caso de consentirmos que nesta ou n'aquella Capitania se appliquem os habitantes sem discrição a este ou aquelle objecto de agricultura, com tanto que delle possão subsistir.

§. 102. A nossa America he dilatadissima, e comparada a vastidão com o numero dos habitantes, sendo este já muito consideravel, ella se nos appresenta ainda deserta. He necessario accommodar os individuos aos objectos mais convenientes á Metropole: o que he util em huma Capitania, não o será em outra, porque nella haverá diversas producçoens, das quaes a Metropole possa tirar maiores interesses. Por exemplo, o Pará além de ser apto para produzir todos os generos do Brazil, produz o cacáo, caffé, cravo, sarsaparrilha, e muitas outras drogas. Seria por ventura util á Metropole que os habitantes do Pará se empregassem só nas lavouras do assucar e tabaco, que fazem o commercio do Brazil, e deixassem inteiramente aquellas produçoens, que lhe são particulares, e que a Metropole não póde haver de outra parte? Não se diminuirião os ramos do commercio? Humas Capitanias não arruinarião o commercio das outras? E a Metropole não desceria da abundancia e independen-

cia, em que pela diversidade dos seus generos póde estar das naçoens estrangeiras ?

§. 103. O ouro em Minas já temos mostrado ser até o presente só interessante á Metropole, e por isso quanto for possivel devemos cuidar que na sua extração se occupe o maior numero dos seus habitantes. Os mais objectos da agricultura são convenientes nas Capitanias da Marinha, e naquellas do interior, que pela natureza dos seus generos, e a beneficio dos seus rios, podem conduzi-los aos portos do mar, para ahi serem vendidos e exportados á Metropole. Nellas mais do que nas Minas se devem occupar os que são destinados á agricultura; e nellas se verificaria bem a regra que a agricultura deve ser animada e promovida, a qual havendo-se respeito á Metropole não pode ainda em Minas ter lugar.

§. 104. Se a povoação e cultura das referidas Capitanias tivesse já chegado a tal estado, que depois de cultivadas todas as suas terras com quantas producçoens podessem utilisar á Metropole, segundo a natureza e situação dos paizes, e depois de se calcular a quantidade e qualidades das ditas producçoens, se achasse que nem as ditas terras, segundo a sua extensão e fertilidade, mais poderião produzir, nem a sua agricultura subir a maior perfeição, occupando a mais individuos do que os que nella se empregassem; nestas circunstancias, crescendo o numero dos habitantes, de necessidade seria permittido a este acrescimo procurar indistintamente pela agricultura a sua subsistencia, onde mais commoda a podesse haver; porque neste caso só poderia a Metropole aspirar á conservação do maior numero de individuos. Mas emquanto se virem tantas costas e sertoens desertos; emquanto nem nós sabemos bem responder a quem nos perguntar que generos produz a nossa America, e que uso se póde fazer de tantas produçoens, quantas a nature-

za nella offerece, não deve ser livre a cada hum occupar-se a seu arbitrio, e dirigir-se meramente ao fim da sua subsistencia, liberdade, que tem dado occasião a seguir-se quanto vamos ponderar.

C A P. 10.

Em que pelo estado das Minas e seus habitantes mostra-se a particular necessidade do Regulamento na applicação dos mesmos habitantes.

§. 105. He tão frequente vender-se em Minas tudo fiado, como será raro apparecer algum vendedor embolçado de todo o preço da cousa vendida. He já como certo deixar-se sempre de cobrar parte do que se fia; de sorte que quem calcular o que vende e cobra o agricultor e commerciante, ha de achar que o agricultor perde annualmente parte dos fructos, que colhe; porque, ainda que a venda, nunca vem a cobra-la; e que o commerciante, deixando tambem em todos os giros, que faz o capital do seu negocio, de embolçar o valor da parte das mercadorias, que vende, vem por ultimo a perder do mesmo capital, e reduzir-se a termos de fallir; fim commum a todos os commerciantes de Minas. Esta falta de solução he manifesto que não provem senão da falta de ouro. Ora tragamos á memoria que a Metropole não tira das Minas mais que o ouro, e concluamos de que utilidade será em Minas á Metropole todo o grande numero de habitantes, que se sustenta, e veste da parte dos fructos e mercados, que nunca pagão por não terem ouro ?

§. 106. Tanto esta gente não póde ser util em Minas á Metropole, que he summamente prejudicial ás mesmas Minas, ás outras Capitanias, e á Metropole.

§. 107. Prejudicial ás mesmas Minas, porque

repartindo-se ella por todos os empregos e occupaçoens, que necessariamente se multiplicão com a mesma povoação, resulta que não chegando o ouro para pagar os ordenados, os salarios, os jornaes, as produçoens, os effeitos, as obras, as mercancias, se não falta inteiramente a cada hum, falta em parte a todos, e vem todos por este modo a viverem na falta, huns porque lhes não pagão, e outros porque não tem para pagar.

§. 108. Prejudicial ás outras Capitanias, porque esta mesma falta de solução se faz mais certa, e mais penosa aos que dellas vem a Minas vender os seus generos; e as suas mercancias, os quaes não tendo todo o conhecimento dos compradores, nem se livrão muitas vezes de se confiarem de sujeitos faltos inteiramente de credito, nem, apezar de todas as demoras e deligencias para o embolço, são estas tão efficazes, como serião se elles não forão estranhos. Resultando tambem de tudo que, depois de perderem a paciencia e o tempo, entretidos, e enganados, e depois de terem muitas vezes consumido mais do que lucrarião nas suas negociaçoens, huns voltão lamentando já mais o damno, que receberão fóra das suas cazas, do que a fazenda, que deixão aos Mineiros, outros envergonhados de apparecerem aos seus socios, ou áquelles que delles fiarão o capital da negociação, sujeitão-se a ficar pelas Minas, querendo antes despovoarem as ditas Capitanias, perdendo as mulheres e os filhos, do que apparecerem outra vez nellas sem satisfação aos seus credores.

§. 109. Finalmente prejudicial á Metropole; a qual não só vem a perder no seu commercio direoto, e no commercio, que a ella relativo fazem as outras Colonias, mas perde tambem todos os interesses, que poderia ter, se a toda esta gente inutil se desse differente applicação.

CAP. 11.

Em que se pondera como o Regulamento se deve fazer, pezando a povoação pela extracção do ouro, e se acaba de convencer o segundo prejuizo, pelo que respeita á Agricultura.

§. 110. Já dissemos, no Cap. 4., que seria procurar em Minas os interesses da Metropole, reduzir a equilibrio o ouro, que dellas se extrahe, com o valor das mercadorias, e mais generos, que nellas se introduzem. Agora diremos tambem que para applicar em Minas utilmente os habitantes, e regular a agricultura, as artes, o commercio e as mais occupaçoens, se deve pezar o augmento da povoação pela balança do ouro; quero dizer, fazer que tanto cresça a povoação quanto o ouro, que della se extrahe chegar para pagar todo o necessario fisico e commodo aos seus habitantes.

§. 111. He principio indubitavel que, quanto mais cresce a povoação, tanto mais se augmentão as forças e riquezas do Estado: apura-se a industria, e vem-se admiraveis effeitos: povoão-se os mares, terrenos estereis produzem mimosas plantaçoens: os homens accommodando com variedade a differentes usos, assim as proprias, como as estranhas materias, por diversas, uteis, e agradaveis fórmas, inventão meios de subsistirem, e de se fazerem respeitados.

§. 112. Todas estas vantagens, bem dignas de serem pretendidas e invejadas, e de que gosão alguns Estados, por effeito da sua maior povoação, farião com que a nossa asserção, emquanto tende a restringir a povoação de Minas, não parecesse menos paradoxa que a que já fizemos sobre a agricultura, se do que temos até agora mostrado não se manifestassem as solidas razoens, em que ella se funda.

§. 113. Temos mostrado como da agricultura de Minas não póde a Metropole tirar utilidade alguma, que não seja a subsistencia dos Mineiros, e por isso ella só deve ser rejeitada a esse fim, e de nenhuma maneira promovida, porque não póde ser vista como objecto de commercio, nem com a mesma Metropole, nem com as outras Colonias.

§. 114. Temos visto como não só as producçoens da industria devem ser reservadas á Metropole; mas algumas naturaes ás outras Colonias: reservadas á Metropole para conservar as Minas na dependencia, e servir de caminho, por onde lhe possa vir o ouro: reservadas algumas naturaes ás outras Capitanias, para que estas entretenhão as Minas na mesma dependencia relativa aos interesses da Metropole, e possão haver dellas o ouro necessario para promover a sua povoação e cultura.

§. 115. Pois se os habitantes de Minas pela agricultura nada mais devem procurar que huma parte do necessario fisico, em ordem ao sustento dos mineiros: se elles não devem applicar-se ás producçoens da industria, porque devem receber da Metropole a outra parte do necessario fisico, que respeita ao vestir: se elles não tem outro equivalente para haverem o que necessitão de fóra, senão o ouro, como tambem he manifesto; segue-se que a Povoação de Minas, para poder subsistir com utilidade da Metropole, deve ser regulada pela extracção do ouro, e que tanto que o ouro não chegar para pagar, não só o necessario fisico, mas o commodo, ou os habitantes de Minas hão de viver na falta, ou hão de procurar na falta os meios de subsistirem independentes da Metropole e Colonias, como vão fazendo, pela agricultura e pelas artes: o commercio, que com elles fazem, ha de perder, e que pelo contrario, regulando-se a povoação pela extracção do ouro, subsistirão as Minas na dependencia da Metropole, e o Commercio subsistirá tambem com proveito.

§. 116. O trabalho das minas he violento; os pobres escravos, não só os condemnados a elle, os que constituem o resto da povoação, todos procurão o ouro; mas não nas minas, querem tira-lo das mãos dos mineiros com mais suave trabalho; elles não calculão se o ouro chegará a todos; só procura cada hum que a elle chegue. Eis-aqui como á discrição vai crescendo a povoação de Minas, sem a proporção, que deve haver entre o numero dos habitantes e a extracção do ouro. Eis-aqui tambem a razão, porque sem este regulamento não se deve esperar que, crescendo a povoação, cresça á proporção a extracção do ouro.

§. 117. Os novos descobrimentos confirmão de algum modo o que acabamos de dizer: no principio, em quanto ha nelles extracção do ouro, como sempre succede, maior do que a povoação, lucra o agricultor, e lucra o Commerciante; tanto porém que nesta balança vai pendendo mais a povoação, conhecem-se logo todos os referidos effeitos, e ainda vendidos os generos, e as mercadorias por alto preço, perde o agricultor, e perde o negociante, porque as faltas nas cobranças contrapezão aos avanços no preço.

§. 118. Disse de algum modo, porque quando a diminuição na extracção do ouro provem de se empobrecerem as Minas, que principiarão riquissimas, e nada della se extrahir, nenhum calculo sahirá exacto, e nenhum regulamento produzirá effeito algum, senão for a indagação de muitos descobrimentos, para os quaes a historia dos que tem havido nos abrirá os caminhos mais adequados: porém quando as Minas descendo da sua maior opulencia, se conservão admittindo poderem-se calcular os jornaes dos mineiros, como succede ainda, e succederá sempre nas Minas Geraes, não póde haver razão, porque se não peze a povoação pela extracção do ouro, e se proporcionem os meios de

haver a Metropole dellas todos os possiveis interesses.

§. 119. Ainda que he evidente que toda esta gente, que mostrámos inutil empregada na agricultura, acharia maiores utilidades nas outras Capitanias; não he o fim destas reflexoens querer aparta-la de Minas: fique a seu arbitrio seguir cada hum o exemplo da multidão já estabelecida pelas outras Capitanias, e gozando nellas pela agricultura e commercio as utilidades, que perderão, em quanto viverão em Minas. O fim, que se propoem, he só mostrar que tanto o ouro não he a perdição das Minas, que antes no estado, em que ellas se achão, para que mais floreção, se deve procurar augmentar a extracção do ouro, dispondo e promovendo todos os meios, que podem conduzir a que penda para a parte do ouro a balança, em que com prejuizo da Metropole peza muito mais a povoação.

CAP. 12.

Em que se acaba de convencer o segundo prejuizo pelo que respeita ás artes e commercio.

§. 120. Não será necessario mostrar quanto as Artes e manufacturas, a que tambem se applicarião os habitantes de Minas, pela abstenção do exercicio de minerar, e a que já se vão inclinando, serão prejudiciaes á Metropole. He principio estabelecido, e comprovado apezar de alguns estados, que ellas não são convenientes nas Colonias. Por todas as Minas, principalmente Geraes, ouve-se com frequencia fallar de manufacturas, e deve causar espanto, que conhecendo já os Mineiros estas idéas, e tendo tido bastante tempo para as reduzirem á pratica, não tenhão feito nellas notaveis progressos. As Minas produzem linho, lan, algodão, e produzirão tambem seda; se se consentir que de to-

das estas materias usem a pleno arbitrio, que se poderá esperar para o futuro? Os mineiros não tem ainda passado de imitar no interior de suas casas com as suas familias os toscos e rudes teares de Guimaraens, das Ilhas, e dos pretos de Guiné: a impericia, que até agora lhes tem detido os progressos, não persistirá sempre: Portugal vai com felicidade abundando em artifices, se lhes não for defendido passarem-se ás Colonias, com elles passarão as manufacturas, e não será tão facil obscurecer os conhecimentos, que se adquirem, depois de radicados na pratica

§. 121. Próhibir todo o genero de fabricas e manufacturas nas Colonias, seria reduzir a parte debil e necessitada dos seus habitantes á mais insuportavel miseria; faltar a protecção, que elles devem esperar da Metropole; e perder a mesma Metropole no uso-fructo do seu dominio. Permitti-las tambem indistintamente será cooperar a mesma Metropole para que se enfraqueça o vinculo da dependencia, que sempre vigoroso deve atar as Colonias.

§. 122. As fabricas, que só preparão as materias, ou fazem apparecer de novo, dando-lhes aquella consistencia, sem a qual não poderião receber o beneficio das artes; as mesmas manufacturas, que não diminuem a dependencia, e sem as quaes não avultarião tanto os interesses da Metropole, devem ser admittidas; e assim vemos as fabricas de atanados, e nova fundição de ferro procurada pela parte do Sul, e as tentativas que pelo Pará se tem feito para a factura do anil.

§. 123. Vemos, desde os primeiros estabelecimentos das ditas Colonias, admittido sempre o pano de algodão, até chegar a correr por moeda, manufactura, sem a qual andarião nús os Indios, os pobres e os escravos; e faltaria este meio, com que muitas familias, que não se accommodão á sua aspereza, adquirem daquelles, que della não podem

passar, o equivalente, com que pagão as manufacturas; que consomem da Metropole: permittir porém que em Minas se possão adiantar as artes e manufacturas, e saião da vileza, em que nascerão, e se tem conservado pelas outras Capitanias; seria permittir que caminhem as Minas a fazerem-se independentes, e a diminuirem nas Colonias os interesses da Metropole.

§. 124. Pelo que respeita ao Commercio fica tambem superfluo mostrar que, não sendo elle outra cousa mais que a reciproca communicação, que os homens fazem entre si do que lhe he necessario; ou absolutamente não poderia existir entre as Minas e as outras Capitanias, ou existiria restricto. Absolutamente não existiria, se os habitantes de Minas se pozessem na total abstenção do exercicio de minerar, porque sendo o Commercio na sua essencia huma troca, faltaria para ella o ouro, unico objecto da dependencia das outras Capitanias; e só o equivalente, que as Minas tem para dellas haverem o que necessitão. Existiria restricto, porque pela applicação, que farião os habitantes de Minas á agricultura e ás artes, ainda que não lhes faltasse o ouro (a excepção das producçoens do mar) se diminuirião todos os mais objectos da sua dependencia.

(Continuar-se-ha.)

LITTERATURA.

Discurso remettido de Macau por J. J. L. Professor das linguas Portugueza e Latina no Collegio de S. José daquella Cidade.

COnsta-me ter sido dado no seu Patriota hum escrito meu sobre Nomenclatura; mas não o tendo visto, não sei se foi o mais emendado, tendo enviado dois, sem que a pressa me permittisse deixar copias fieis. Os motivos, que eu dava, ou n'hum delles, ou na Carta que acompanhava, erão a singular necessidade agora de dar nomes ás innumeraveis novas coizas, que no Brazil se vão a vêr, e tratar. Agora ha de se viajar scientificamente, examinar cursos de rios, dirigir estradas; e levantar mapas, falando de montes, lagos, lugares, animais, vegetais, culturas, manufacturas, instrumentos, artificios, objectos em muita parte até hojè não nomeados, ou nomeados impropria, ou barbaramente. E os que nisso entenderem se verão a cada passo embaraçados, ou timidos, para aventurar novas vozes, como dezejarião, com tino, e o melhor acerto: ou omittirão fazer á sua lingua hum inestimavel beneficio, quando dependia só da sua penna. Com effeito; de que servirá a occazião, e vontade, se não se vêm livros de algum soccorro, nem já he tempo?

Era meu intento dispertar outros a concorrer a tão consequente empreza; para mais, e mais se proporcionarem as luzes competentes a este objecto tão pouco até agora tratado. Achando-se de mais o pouco, que sobre isso se tem dito, mui disperso por livros, muitos delles difficeis de se haverem: e o peior; tudo ensinado com confuzão tal, com opinioens tão vacilantes, e contradiçoens tão aparentes, que basta a desanimar a qualquer a quem

viesse ao pensamento de no ponto se instruir; tomando por melhor não sacrificar o muito tempo necessario, para obter pouco. O que então disse, e agora direi, assim mesmo como fraco ensaio, de que conheço que não passa, será de mui valiozo auxilio, não só aos escritores das novidades Brazilicas, mas ainda a quaisquer em qualquer parte. Com estas primeiras luzes, que se poem diante em distancia mui accessivel, já verão os escritores para onde, e como dirigir os passos, e com bastante confiança, como de quem, sabendo por onde vai, não teme errar seu caminho.

E ainda entra aqui agora hum particular motivo; por quanto, sendo no Brazil mais necessaria a cultura da lingua, he onde ella, sendo bem dirigida, póde até muito melhorar: pois por isso mesmo, não estão táo arraigados os vicios; e ahi não attribuindo muito a si neste ponto, ouviráõ sem desdem, e receberáõ qualquer melhoramento, á preferencia da Europa, onde fiados os Portuguezes em que sabem a sua lingua, e que crem immudavel, não se podem mover do trilho velho, quer bom, quer máo.

Direi aqui coizas talvez já ditas, mas antes isso, que ficar sem se lembrarem; e por ora taes materias não perdem por mui inculcadas.

Para dar novas palavras, não como quem obra ás cegas, senão com bom tino, e conveniente acerto, deve o Escritor ter diante luzes que seguir, não falsas, e sinistras, que mais sirvão em induzi-lo no erro, ou inutilmente o assustar; mas legitimas, solidas, e claras, que mostrando-lhe o fim, igualmente lhe mostrem os caminhos direitos de lá chegar.

Este fim não póde ser outro do que a maior perfeição da lingua; deste inestimavel orgão da falla, pelo qual principalmente se mostrão os homens racionaes, e podem communicar seus pensamentos.

Os Anjos entre si n'hum instante communicão seus pensamentos: e sendo o homem hum meio entre o bruto, e o Anjo, tanto mais se assemelha a hum, ou a outro, quanto menos, ou mais he Sabio; e tanto mais sua lingua terá de Angelica, quanto com mais breve clareza se explicar.

Apparece pois evidente consistir a perfeição da lingua na sua clareza, e brevidade: tudo o mais he ou superfluo, ou menos necessario. Só não se deve desprezar o agrado da armonia; sendo assim que na ordem da natureza a tudo o necessario, e util, ligou seu Author huma propria, e nativa graça: mas nativa, e aquella que não he postiça, e superflua, mais nociva, do que conducente ao fim proprio; devendo aqui nascer daquella mesma breve clareza, ou clara brevidade. Certamente estas tres virtudes, ou atributos da mais perfeita lingua, Clareza, Brevidade, e Armonia, sendo entre si distinctas, mui bellamente se ligão, e mutuamente ajudão. Ve-se isso até entre as duas, que podião parecer as mais contrarias, como Clareza, e Brevidade; certo sendo, que o que se diz n'huma boa palavra, fica mais claro, que o que se significa por muitas. E que? não dá huma idéa mais limpa e viva do seu objecto a unica palavra *Tejo*, do que todas est'outras juntas *Rio grande do Sul, no Brazil*? Não vemos os Mathematicos pelo mesmo instinto natural de buscar a clareza em suas delicadas explicaçoens, empregarem muitas abreviaturas? Que se alguma vez he preciso fazer desvio da brevidade para obter clareza, succede isso por achaque da lingua: he hum caso, em que dita a prudencia recorrer ao menor mal, por evitar outro maior.

A armonia tambem ajuda a clareza; sendo que por ella se procura que sejão as palavras mui faceis de pronunciar, e os sons syllabicos deslindados, e notaveis: demais que o que gratamente se ouve, mais atentamente se escuta, e retem melhor. Nem se

contradiz com a brevidade ; trazendo não pouco agrado com energia , tudo o que brevemente se diz.

Entendido por tanto já o Fim , e em que elle consiste , não poderá errar o Escritor , se tambem não desconhecer como se obtem aquellas virtudes. Por isso se dirá aqui dellas , se não tudo quanto se póde dizer , certamente quanto baste para que o escritor possa hir seguro ; pois que só com estas regras , ou advertencias , poderá fazer muito bem ao seu idioma , e nos parece poderáõ sufficientemente servir ao menos até que appareça hum dezejado bem entendido Compendio sobre a materia , com que os bons , e uteis escritores , quasi sem se destrahirem das suas sabias indagaçoens , e com simples lance de olhos sobre o tal compendioso livrinho , procedão confiados de evitar muitos erros de dicção ; e concorrer a melhorar a lingua.

A Clareza he a primeira e mais essencial virtude da lingua ; fallamos para ser entendidos ; e nada ha mais prejudicial ao adiantamento nas Sciencias , e ao bem na sociedade , do que não serem bem claros , e distinctos os sinaes das nossas idéas ; e estes principalmente são as palavras. Por tal defeito que disputas , contendas , demandas , e guerras ; cuidando cada hum ter razão , por formarem idéas differentes dos mesmos termos ? E os mal intencionados quanto não abuzão , e envolvem nas sombras dos equivocos ? Que livros , e livros ; dissertaçoens , e dissertaçoens tem inutilmente occupado homens de letras sobre questoens , que em fim desaparecerão , quando os differentes partidos chegarão a entender-se ? A belleza de estilo , sua sublimidade , quanto não padece ou se não restringe , temendo falta de clareza ! E isto tanto mais , ou menos succederá , quanto mais , ou menos perfeita for a lingua.

Obtem-se a clareza evitando 1.º o equivoco no significado : 2.º o equivoco no som da palavra : 3.º a inintelligencia da sua significação : tres vicios a

evitar. O 1.º se evitará tanto mais , quanto a palavra for mais propria ao seu objecto , sem que se possa aplicar igualmente a outro. E a palavra tanto mais será tal , quanto mais particularizar. Assim *olival* he melhor palavra , do que *pomar* , pois a 1.ª está entendida só com se ouvir ; e a 2.ª deixa duvida , sendo necessario acrescentar de *espinho* , ou de *caroço* &c. E esta propriedade em significar he tambem estimavel pela energia ; sendo assim que quanto a palavra mais propria , e distintamente de qualquer outro , indica seu objecto como apontando-o com o dedo , tanto mais vivamente fere a imaginação , e se imprime. Daqui vem aquelle instincto , com que naturalmente fugimos de dizer por seu nome proprio algumas coizas , que por serem ou asquerozas , ou indecentes , só se querem , quando isto he necessario , levissimamente indicar ; e por isso nos servimos então de palavras generalissimas applicaveis a infinitos objectos.

Daqui veio que ou fosse por tino dos Sabios , ou instincto natural do mesmo vulgo , se melhorarão algumas palavras na passagem do Latino para nosso idioma , fazendo d'uma duas , para distinguir seus differentes objectos , ficando assim mais proprias , taes são : *florido* , e *flórido* , *delgado* , *delgadeza* , e *delicado* , *delicadeza* : *tenro* , *tenrura* , e *terno* , *ternura* , dizendo-se humas no sentido fizico , e natural ; e outras no figurado , ou espiritual ; industria que se estendeu a alguns nomes de Santos , ou homens , v. g. *Thomaz* , *Thomé* , *Antonio* , *Antão* , *Joanne* , *João* : o contrario succedeu com o nome *Luiz* , ficando atraz , quando poderamos não só igualar , mas ir a diante do Latim : poderamos ter não só *Luiz* , mas *Ludovico* , e *Aloisio*.

O 2.º vicio , que he o equivoco nos sons , facilmente se entende quanto seja contrario á clareza das idéas. A palavra *conta* v. g. já he nome , já he verbo ; isto he que sendo o som o mesmo , são

duas palavras: ou antes ainda peior, são 4, dois nomes, e dois verbos: pois já he *numeração* já *glebozinho* do rozario: já he *refere*, já *numéra*. Viciosa pois he a palavra em ser aplicavel propria a tantos objectos; ou antes deffeituoza he a lingua em não ter as proprias para esta ficar a hum só objecto. E o mesmo vicio existe, ainda quando na escrita se distingão, pois que a palavra mais he o som, do que a escrita, que só he sua pintura.

Por tanto entre as palavras *cem*, e *sem* se dá o mesmo vicio. E ainda he bem se entenda que seja a differença bem sensivel, e marcada. E se não? quantas pessoas mesmo instruidas, pronuncião, e até escrevem *carneiro*, por *craneiro*, lugar de sepultura!

O 3.º vicio de inintelligencia se dá na palavra, cujo significado ou se ignora, ou só obscuramente se atinge: e para evitar, he a cautella recommendada por Horacio, de moderação em semear novas palavras; e aquella maxima de as trazer de fonte Latina, ou Grega, ou de outras linguas sabias.

Aquella moderação em dar palavras novas exige algumas prudentes attençoens. Se empregassemos só palavras uzuaes, e bem conhecidas, melhor ordinariamente seriamos entendidos: mas por fins prudentes, e louvaveis, nos resolvemos a sacrificar algumas partesinhas de clareza; e muitas vezes para bem da mesma clareza nos servimos de vozes menos conhecidas; mas que por serem mais proprias, e expressivas do que outras uzuaes; ou por evitar rodeios de frazes, com bom tino se aplicão. Mas em taes cazos, pelo sempre devido respeito á clareza, de modo se dispoem o discurso, que do contexto se possão entender: e ás vezes até se define o novo termo, ou em notas á parte se explica.

E assim como as virtudes não se oppoem humas ás outras espiritualmente entendido; tambem a deligencia em aperfeiçoar a lingua por novas palavras,

e novas frazes se não oppoem á clareza, e se alguma leve sombra se sente ao principio, a seu tempo quantas mais boas palavras tivermos, tanto mais clara será a linguagem. A's vezes, por ora, será como o semear; e o lavrador não chama perda a semente, que lança.

São mui prudentes motivos de admittir novas palavras: 1.º a necessidade, prezentando-se novos objectos como taes ainda não nomeados. Gravissimos damnos ao bem das linguas tem cauzado o não se terem dado nomes novos ás novas coizas; mas só por alguma semelhança dando-lhes nomes já d'outros objectos, se ha semeado huma infinidade de equivocos. Não se póde fazer idéa justa quando se lê, v. g. *legoa*, *onça*, *alqueire*, *pé*, e mil outros. N'uma terra he *alqueire* o que n'outra tal não he; mas ou mais, ou menos, &c. Para que até o fim do mundo nos havemos estar enganando, ou equivocando huns a outros? Ou afadigar-nos sempre com as mesmas explicaçoens, *pé inglez*, *pé de Rei de Paris*, *legoa portugueza de dezoito ao grão*, *legoa maritima de vinte &c.*; 2.º Por utilidade para mais aperfeiçoar, e enriquecer a lingua com termos proprios, e bellos. 3.º Para formosura e gala do estilo, singularmente em peças de Eloquencia; sendo da natureza das coisas, que huma moderada novidade dá prazer, como o muito uzado enfastia. Daqui he que justamente se concede mais nisto aos Poetas, e depois aos Historiadores; e menos destes aos Oradores; e ainda menos á communicação epistolar. No que tudo entra mais de prudencia, doque de regras fixas, que nisto se possão dar. Pois o Orador em aldeia, lá no fundo d'huma provincia, de outra sorte se deve explicar, do que na Corte: e poderá huma carta ser sobre objecto tal, e escrita a pessoa tal, que admitta com muita graça alguma novidade; e pelo contrario, no mesmo ou outro genero.

A maxima de tomar as novas palavras de outras linguas, sempre foi reconhecida, e he judicioza, não em quanto se queira dar ás palavras nobreza de ascendencia; mas em quanto he o mais plano meio de ficarem desde logo intelligiveis aos que tem algum conhecimento de linguas. Assim como os Latinos apreciavão a fonte Grega, assim apreciamos nós a Latina; sendo que quasi não se achará em nação culta pessoa de alguma educação, que não tenha desta lingua alguma noticia. E posto que pelo actual adiantamento das sciencias, e artes, e mil novos inventos, se vejão em terras muito mais ricas as sabias linguas vivas; comtudo quanto as frazes, ao menos, ainda ha muito que aproveitar daquella de todas Mãi. Demais sendo de necessidade o estudo desta lingua á juventude educada, quanto mais se assimilhar o nosso áquelle idioma, mais se lhe aplana este estudo.

E mui attendivel he isto: que quanto mais tomarmos das linguas sabias, mais irão ellas coincidindo com a nossa, tirando entraves á communicação dos homens, e adiantamento das luzes. Tempo venha, em que as linguas Europeas mais sejão mutuos dialectos, do que linguas entre si differentes! Então o preciozo tempo, que agora nos levão as linguas, poderá ser empregado com mais solido proveito. Daqui se póde colligir não ser mui atinado o empenho de fazer reviver nossas velhas palavras, salvo se aliás são bellas, e tem esta qualidade de pertencerem a alguma outra sabia lingua.

Talvez do dito se infira que só pessoas mui eruditas, e especialmente em linguas, estão em termos de introduzir novas palavras: porém ainda que seja verdade que taes pessoas estão para isto com muita vantagem situadas, não cremos, que deva ser privilegio só seu exclusivo. Muitas pessoas terão de escrever, e por genio escreverão utilmente sobre diversidade de materias, e até sobre os offi-

cios, e artes mais communs; e se verão em circunstancias de nomear varios instrumentos, materiaes, e artificios, no que poderão muito concorrer para melhoramento do patrio idioma: e concorrerão, se souberem, como podem agora saber, o fim a que muito se deve apontar, e as qualidades das novas boas palavras.

Em objectos totalmente novos, ou de novo tratados, não ha que indagar na propria, ou mais alheias linguas os idoneos vocabulos: os nomes novos se aprenderão simul com os novos objectos. Isto sim, que será andar longe de equivocos; e o escritor em toda sua liberdade poderá criar breves, lindas palavras. Quasi não tendo mais a que attender do que a alguma armonia imitativa; ponto de não excessivo escrupulo; e que em muitos objectos nem lugar ha. Certamente não seria atinado pôr nome imitativo a hum rio, attendendo v. g. á sua braveza, ou a seu apparente socego; pois que esse mesmo rio será em muitos lugares o contrario do que onde primeiro o Escritor o notou; e poderá pelo tempo adiante em razão de grande fundação em sua margem, vir a ser celebrado, em lugar onde o tal nome imitativo lhe fosse contraditorio.

O unico inconveniente para hum tal escritor seria a coincidencia da nova palavra com outra da propria, ou alheia lingua, de que não soubesse, ou se não lembrasse. Mas este perigo he bastante remoto, e leve, para que se haja por isso de inquietar o escritor; com tudo não seria pouco prudente que a tal obra, ou ao menos as taes novas palavras, passassem pela vista de algumas pessoas entendidas na materia; com disposição de serem mui docilmente ouvidas em quaesquer, ainda minimos, reparos. Obrar-se-hia pois sabiamente offerecendo, quando menos, huma lista dessas palavras a alguns amigos na materia intelligentes.

Brevidade he a 2.ª virtude, e bem caracteristica

de lingua sabia: pois distintivo he do ignorante fallar muito para dizer mui pouco, ou nada. O estilo difuzo he o mais frouxo. Porém, que preciosa não he esta qualidade por nos remir precioso tempo! Se tivessemos meio de dizer em 2 o que outros dizem em 4; nossa escrita, nossa leitura, tudo se nos economisava; e tambem o pezo do volume, e despeza.

Para obter tão preciosa qualidade faz serem breves as palavras, e serem proprias. Tambem pelas frazes se póde obter bastante brevidade; mas destas aqui não tratamos: e mais provém do genio dos bons escritores, singularmente Poetas; e pelas imitaçoens nos bons tradutores. Com tudo quasi quanto se diz das palavras, póde dar luzes para as boas frazes; que talvez não são mais do que huma nova significação dada a hum verbo ja nosso, mas não uzado ainda naquella força.

Evidente he que compondo-se a lingua de palavras, quanto estas forem mais breves, mais breve será a lingua. Nunca pois, por escolha, se adopte palavra excedente a trisilaba. As disilabas deverão ser as mais; sendo que monosilabas não se poderão formar tão varias para eliminar até as sombras de equivoco. Verbos porém em quanto ser possa, sejão monosilabos; pois destes poucos temos, só 10, creio: *dar*, *crer*, *ler*, *ser*, *ter*, *ver*, *ir*, *rir*, *vir*, *pôr*, e muitos se podem formar só com antepor consoantes varias, a qualquer dos 3 finaes *ar*, *er*, *ir*; supppondo não se extender huma quarta declinação em *ôr*, v. g. em *dar*, se pelo *d* se põe *b* fica *bar*, que póde ser outro verbo; e assim por todas as outras consoantes. E se podem variar pela addição de *l*, ou *r*, que sós ligão com outras consoantes, seguindo: e *s* que só liga, precedendo. Sem pois passar do *b* podem-se formar todos estes: *bar*, *blar*, *brar*: *sbar*, *sblar*, *sbrar*. De que se vê quantos verbos monosilabos se po-

dem fazer, mesmo omittindo combinaçoens de má pronuncia: correndo não só por todas as consoantes, mas por todos os tres differentes finaes das 3 declinaçoens. Verbos disilabos já se podem reputar não breves; sendo que na declinação até o monosilabo dá vozes quadrisilabas, v. g. *dariamos*, *leriamos* &c.: e nos verbos singularmente se sente o inconveniente de palavras compostas, que não podem ser breves; posto se não possão desprezar, muitas vezes até pela graça, e clareza que trazem, dando a entender as primitivas; e até podem talvez conciliar alguma brevidade em falta de termo proprio.

Pois por aquelle motivo ainda devem as palavras novas ser brevissimas, que he huma perfeição da nossa lingua, que melhor se deverá cultivar, e sistemar; a derivação de muitas palavras de huma: v. g. de Terra vem *terrado*, *terrão*, *terrasso*, *terreno*, *terrestre*, *terreal*, *terreo*, *territorio*, *terreiro*, *terraqueo*, *terremoto*, *terrina*, *terrapleno*, *terraplenar*, *terraplanar*, &c. *enterrar*, *desenterrar*, *soterrar*, *desterrar*, e talvez outros, cujas derivaçoens sistemadas dever-se-hião ter por legais, como as declinaçoens dos verbos; e destes nenhum ser tido como defectivo.

Quanto contribua para a brevidade haver muitas palavras proprias, de si se entende; não precizando as tais de ser ajudadas de outras para determinar, e pôr fóra de equivoco o seu objecto. Se dizemos *lanceta* não se preciza de mais: mas se dizemos *navalha* pelo instrumento de barbeiro, são necessarias de mais estoutras duas palavras *de barba*. E peior *faca*, havendo tantas variedades de facas, e para tão differentes usos; e até certos cavalos se chamão facas. Da mesma sorte quando se ouve *mandou calafetar o navio*, dito está; mas se não tivessemos aquelle verbo *calafetar*, posto que não breve em si, proprio; precisariamos para di-

zer a mesma coisa de todas estas palavras: *mandou tapar com estopa, e breu as fendas, e juncturas do Navio, para não entrar agua.*

Não são pois só necessarias palavras novas para novos objectos agora no Brazil: tambem para objectos mui velhos se precizão novos nomes, se queremos lingua breve, clara, e energica. Sem fallar de verbos; não temos nomes proprios para *agulha de marear, agulha de meia, pedra de amollar, ferro de engomar, maço rodeiro, foice roçadeira*, e quantos outros!

Se este principio fosse melhor conhecido, e como devera apreciado, não estarião quasi esquecidas hoje as brevissimas, e uteis palavras, *al*, *algo* correspondentes ás latinas *aliud*, *aliquid*: e que juntamente são hespanholas, duas linguas sabias, e da nossa tão parentas. Certamente *al não disse*: *Nunca está sem fazer algo* expressoens são bem mais concisas, e energicas, e variadas, evitando a repetidissima palavra *coisa*, do que quaesquer que se lhe possão substituir. O mesmo succede com a prepozição *sob*, que quasi só ficou no Credo: e o que mais he que he esta huma das maiores faltas as poucas prepoziçoens, que temos: o Latim tendo os cazos mais as escusaria, e comtudo quantas mais tem! E que engenhosamente formadas algumas, como *a*, *e*, que para evitar hiato quando precedem vogal, a 1.ª he então *ab*, e a outra *ex*. Huma só prepozição nos deve servir para infinitos sentidos, e só da significação dos verbos se podem elles colligir: v. g. fallando de *de*: *veio de Lisboa, homem de Lisboa, cheio de vinho, fallão de guerra, riscão de dedo, compoem de imaginação*. Em latim sem dependencia de verbo sabemos que he possuidor *Antonii* v. g. Pode-se dizer que por esta falta a Sintaxe da nossa lingua pouco mais he que huma giria, e depende mais do contexto; donde vem ficar mui acanhada para collocar, o que no Latim tanta gravidade concilia em Prosa, e em Verso.

Mas aonde chegou a ignorancia dos verdadeiros principios! até haver escritores graves, que seriamente ridicularisavão as palavras abreviadas do latim para Portuguez, chamando-as fanadas, trocas de palavras; quando por isso mesmo renascião melhoradas em nosso clima. Este errado principio; e a opinião de que as palavras compridas são mais graves, e elegantes, forão de pessimas consequencias. He bem ordinario que a meia sciencia faz mais mal que a mesma ignorancia. O Vulgo ignorante por instincto natural abrevia, e adoça as palavras, mas os que lerão nos livros que as palavras bem silabicas são formosas, e chamavão corrupção a qualquer mudança na palavra tomada do Latim, constantemente se oppunhão; e prevenidos por suas erroneas doutrinas, e opinioens, crião achar mais grave elegancia ás grandes palavras *ante-sala*, *compassados*, do que nestoutras 4 pequenas, *ante*, *sala*, *compa*, *sados*, (suppondo que houvessem estas 2 palavras.) Mas o ouvido certamente não póde achar differença ao ouvir ler as primeiras ou as outras; quando se leião seguida, e naturalmente. Ora elle ouvido aqui he o só juiz; tudo o mais he incompetente; ou pura imaginação. Certo que, se não fossem tão mal fadadas doutrinas, com o, nisto mais bem atinado, vulgo, só se ouviria, e só se escreveria como se falla, *Surgião*, *Duke*, a par de huma lingua das sabias, a Ingleza.

Harmonia em fim he o verniz e colorido da perfeita lingua: foi ella que singularmente distinguio o idioma Grego; o mais excellente que jâmais houve. ¿ E quanto não contribue ella aos fins da falla? ¡ Que energia, que persuação, que sublimidade não concilia para triunfar o orador; admirar, e enlevar o Poeta; attrahir, e conciliar-se respeito o Historiador! Pela harmonia entra gratamente a palavra, e conserva-se melhor. Onde singularmente muito brilha a harmonia he na Poezia. ¿ Que coiza

presenta mais vivamente os objectos, e os fáz estaveis na memoria, do que os bons versos?

Esta harmonia muito depende de que a palavra seja grata ao ouvir, por seus sons bem claros, e distinctos, suaves, e sonoros, de mui facil pronuncia. E não só isto; mas sendo filha da razão, requer que as palavras sejão como imagens, ou digamos, os seus sons huns geroglificos dos objectos; sendo por isso, que muitas vezes contribuem para a harmonia palavras asperas, horrorosas, terriveis, por taes serem os objectos significados.

Para se obter he necessario fugir dos 2 vicios, hiato, e collisão. O 1.º nasce de certo encontro de vogaes; o 2.º d'outros encontros de consoantes, que fazem dificil, ou má pronuncia. Destes vicios nasce o que se chama dureza, que se não deve confundir com a aspereza, pois esta não dificulta a pronuncia, e os sons asperos, quando convém ao objecto como imitativos, antes são virtudes. Dureza se póde dar ou na palavra em si, ou na passagem d'uma para outra, e as regras são as mesmas.

O encontro de vogaes, que produz o verdadeiro hiato sempre vicioso, he da vogal com sigo mesma, principalmente sendo das mais sonoras, quaes são *a*, *o*, *e*, e com o assento alto: chama-se hiato, que quer dizer abertura de boca, porque fica aberta notavel espaço na tal pronuncia, como se vê nestas palavras *irá á Asia.*

Entre differentes vogaes, principalmente não sendo ellas bem sonoras, póde ser toleravel.

Entre algumas he suave; o que succede sendo huma dellas, *i*, ou *u*: e o certo he que os ditongos (1), singularmente onde entra *i*, são graciosos. Já se escreveu que ás vezes até he mui suave o encontro

(1) Falando do modo usual; sendo assim que se por ditongo se entende hum só som, entre nós taes não ha. Pois se pronuncião as duas vogaes huma depois da outra. O que se evidencêa melhor

cantando hum tal sillaba por notas seguidas; pois o canto segue na primeira até passar á segunda, e na segunda já a outra mais se não ouve. A differença mais essencial da vogal he poder-se continuar no seu som á differença das consoantes: e por isso se comparão humas ao som da flauta, que póde continuar, e outras ao do martello, que acaba com a mesma pancada. Por isso já se advertiu não dever contar-se entre as consoantes o som nasal, que se póde continuar, assim como não se conta o som agudo, e circumflexo. Ora se o ditongo fosse som, seria vogal, e esse som vogal combinado de dois sons vogaes, nem possivel parece. Nos ditongos latinos, como hoje se pronuncião, só sôa a segunda vogal, por tanto he isso omittir huma vogal de duas, e não de dois sons fazer hum. Em fim advirto o que já alguem disse, ser injusta a reprehensão, ou irrisão, com que se tratão os Portuguezes do Norte por pronunciarem em vez de *a agua*, *aiagua*. Mas não só nisto; porque, que o seu tom, ou posição de boca se reprehendesse, para que ao menos os litteratos dali o tomassem melhor, racionavel seria; pois mais gracioso he o dos mais visinhos da Corte: e ainda, se se quer, quando dizem *binho*, *berde*, que posto seja melhor á pronuncia do que *vinho*, *verde*, he mui pequena essa vantagem comparada com o contrario uzo da mais polida parte da Nação, juntamente mais chegada á origem Latina. (Quando aqui dou attenção á origem, quero ser entendido, que não he por hum respeito supersticioso, que tanto damno tem cauzado; mas quando sem ser a despeza d'outra qualidade melhor, ha essa conformidade, ficão essas palavras accessiveis a quantos tem noticia da Lingua Latina, e das mais

de vogaes, não sendo com sigo mesmas em *Danae*, *Iha*, *Leandro*, *Meleagro*, *Leucothoe*, *Acteon*, e outros. Mas, se bem se vê, isto cae na nossa regra. Destas palavras, por exemplo, se se tira a ultima, onde com tudo o *e* penultimo sendo mudo, quasi se confunde com *i*; nas outras attendido o som, e não as figuras no papel, só ha *i*, ou *u* nos encontros, pois ouve-se como se escrito estivera *Danai*, *Liandro*, *Meliagro*, *Leucothue*; o que he tanto mais sensivel, se, querendo-se fazer experiencia, se ler de modo que soem os *e*, ou *o*, e já se sentirá esfórço na pronuncia. E confirma esta doutrina o natural instincto da gente rustica, que não prevenida, ou prejudicada por figuras de letras, que nem talvez conhecem, ou por doutrinas alheias, sempre tendem a adoçar os taes encontros com *i*, ou *u*: e até o fazem os litteratos, onde não o advertem. Os que não sabem, e os que sabem letras, e escrevem *idea*, *cea*, *menea*, todos não pronuncião senão *ideia*, *ceia*, *meneia*. Escrevem *toa*, *soa*, *voa*, *Lisboa*; mas só dizem *toua*, *soua*, *voua*, *Lisboua*.

---

sabias da Europa; que como irmans todas herdárão similhança daquella Mãi. E isto he muito apreciavel. E pela mesma consideração; ainda que tenho, que conformar totalmente nossa escrita á pronuncia he como passar da barbaridade á civilisação; com tudo sempre quizera, que se tivesse por licito, e como a libito v. g. dobrar huma letra para que a palavra ainda nova mais conspicua fique, pela mais sensivel similhança á fonte.) Mas não são para reprehender aquelles Portuguezes quando dizem *labrador*, *debes*, *staba*, *labrando*. O Dialecto d'uma provincia não se deve contar por erro; e muito menos quando he mais original; e sobre tudo mais suave. E aqui não he o dialecto d'uma só provincia, mas de metade da Nação.

Collisão.

Este vicio dá-se sempre que se tem de pronunciar duas vezes seguidamente a mesma consoante; não se podendo sem parar, como para desligar huma da outra: o que incommóda a pronuncia, e a faz dura. O natural instinto, que inclina a evitar equivocos, he que obriga a isso; aliás antes se omitiria a repetição. Sendo assim, que sempre que, sem ser por distinção de sentidos, como ás virgulas, e pontos, ou fim de versos, se he forçado a parar, he como tropeçar no caminho; succede aquelle tropeço, quando huma consoante dando fim a huma palavra dá principio á seguinte, como se se diz: *Sol luzente*, *Ver vir*, *Seus sustos*: sendo assim que, lendo-se seguidamente, nada offenderia a orelha, mas as finaes *l r s* ficarião sem se pronunciar; e haveria equivoco, podendo-se tomar por estoutras palavras: *Só luzente*, *Vê vir*, *Seu sustos*. Sendo as tres consoantes ditas que entre nós ordinariamente podem ser finais, por isso com ellas póde acontecer a collisão.

Sei que se tem mettido na mesma conta *m e z*; mas *m* final ordinariamente não ha entre nós; e quando se escreve val só o som nazal, *ou ?* quanto a *z* sendo seu som, que he o que aqui faz, similhante, ou identico ao de *s*; sem que se diga, se entende; e da mesma sorte quando se encontre com *ç* ou *c* ferindo *e*; ou *i*. Se vê: *Seus zelos*; *Nossas Cidades*. O mesmo succede com *x*: *duas xaves*, *ou chaves*.

Ha ainda a evitar os encontros, ou associaçoens rudes de certas consoantes: assim observa-se que *l* seguido de *r* são trabalhosos, como em *Melro*, *Palrar*: ao mesmo tempo que ficão faceis, e por isso doce a pronuncia, se precede o *r* a *l*, v. g. em *Berlinda*, *Parlamento* &c. Diz ainda o Livrinho, que aqui temos em vista: veremos que duas

labiais não se enleião entre si, como nem ás vezes duas dentais. Por exemplo *sobprender*, que alguns affectão por observancia da analogia portugueza, he duro, e por isso se adoptou *surprender* com analogia do Francez. Será duro *obviar*, não adoçando na pronuncia, lendo como se escrito fosse *oviar*: como diriamos *sopprender*; e assim em outros á imitação dos Latinos, quando dizião *Meridiem*, *Pomeridianas*, *Aufero* &c, por *Medidiem*, *Postmeridianas*, *Abfero*. Ahi está, que não se acha dureza em *Abdicar*, *Obter*, *Apto* &c. E são graves, e sonoras as palavras, em que o som nazal de sorte vem disposto, que aperfeiçoa, e arrima as vogais, deixando livre o tranzito das outras consoantes com as suas vogais: como em *Tronco*, *Campo*, *Encanto*, *Triunfo*, &c. (1)

Nota-se ainda alli, que duas labiaes successivas, ainda mesmo que não immediatas em dicçoens vizinhas, são penosas a pronunciar, como nos exemplos *Rara vez brilha o ouro, que não cegue. En-*

(1) Parece hum pouco misteriozo. Claro he, que do som nazal se deve discorrer como do som vogal, devendo-se fugir o hiato entre este som, e a vogal seguinte. Bellamente se evita entre nós na propozição *Em*, quando seguindo-se-lhe varios pronomes, que principião por vogal, ou os artigos *o*, *a*, *os*, *as*, convertendo-se *Em* em *n*, que se lhes une: ficando *Nele*, *Neste*, *Nesse*, *Naquele*, *No*, *na*, *nos*, *nas*. E quando aos finaes nazais de verbos, segue o Artigo, este se separa por *n*, que parece imitação Grega. Vê-se: *Mandarão-no Buscar. Buscassem-no.* He regra para a melodia que entre sí se misturem, e enleiem vogais, e consoantes, de sorte que se forme huma cadeia, ou corrente de sons continua, e agradavel. Esta então se dá quando acabando as palavras em consoante, principião as seguintes por vogal.

treva brilhante a Aurora. &c. Onde *vêz*, *bri*: *va*, *bri* são interrompidas, porque o intervalo insensivel que as vogaes *e u* deixão entre as consoantes duras *v b* e o som fraco dessas mesmas vogais, não he bastante para deslindar o conflito das consoantes; de sorte que se possão articular distintamente huma depois da outra. Pela mesma razão (continũa (1)) dizem os Poetas *Grã fortuna*: *Grã cubiça*: *Grã penuria*: *Grã disvelo* &c., porque duas labiais, e duas dentais concorrendo de perto aqui na passagem de huma palavra a outra faria o mesmo máo effeito, que costumão fazer na continuação das sillabas de huma mesma palavra; sendo precizo pronunciar *Grande penuria*, *Grande disvelo* &c.

Tambem se deve evitar a repetição dos mesmos sons, e articulaçoens vizinhas huma doutra: como: *Infame morte*: *Sorte terrivel*: *Agreste terra.* E sons similhantes, como: *O destino do Latino*: *A mais formoza roza*: ou *N'huma victoria tão afortunada, nada ha que* &c. Porque nunca ha boa continuação das palavras, quando a silaba, ou silabas ultimas de huma são as mesmas, com que principia a dicção seguinte.

Semelhantes advertencias são humas miudezas, não para ignoradas, e menos desprezadas: mas tambem não para supersticiozamente ligar o escritor; ou por ellas attender menos ao mais essencial. Hum Camoens, ou outro de grande genio, não emendaria os versos — Chorarão-te Tomé o Gange, e o Indo — Chorou-te toda a terra qua pizaste — &c.

(1) Não asseguro a exactidão de quanto aqui se diz; e menos creio, que o motivo daquella licença fosse o alegado. Se em *Grande cubiça* v. g. ha dureza, he tão invisivel, que mais prudente séria desprezar-se. Comtudo *Grã cubiça* mais sonora he, e mais breve.

Se por evitar os *tè Tho te to* devesse de padecer a summa elegancia desta poezia.

Ultimamente ficão ditas algumas coisas da passagem de huma a outra palavra, que não he aqui do nosso objecto, que são só as palavras em si; comtudo póde-se perdoar, em attenção á mui proxima união de huma a outra coisa; e porque o que de huma se diz, se póde quasi sempre entender de outra; sendo que os encontros máos entre palavra e palavra não podem ser bons dentro da mesma. Póde-se tambem inferir que a palavra, que principie por vogal, e finde por consoante, será propriissima a ligar com os antecedentes, e com os consequentes. Póde comtudo isso ter seus inconvenientes; pois como nossos nomes e adjectivos no singular, e muitas vezes dos nossos verbos fenecem em vogal, principiando muitas palavras por vogal serião muitos os hiatos; e demais, as consoantes, que entre nós costumão ser finais posto que só sejão 3, *l r s*, de que o *s* não convém ser aplicado a final, pois de mais de ser aspero, he já frequentissimo em todos nossos pluraes de nomes, e adjectivos, e muitas vozes dos verbos; só ficão aplicaveis *l*, *e r*: póde-se porém advertir que os nomes acabados em *e* mudo são mui commodos; sendo que o tal *e* sempre que encontre vogal se omitte mui naturalmente não ocasionando hiato; ao mesmo tempo, que como vogal separa o encontro de consoante com consoante.

O que tem occazionado damnos consequentissimos á perfeição das linguas, he não se ter bem advertido o que no caso he real, ou o que he imaginario; tendo-se dado enorme vulto ao fantasma uzo. Não se tem bem advertido como succede com as palavras o mesmo que com as modas no vestir. A fórma de hum vestido no auge da moda parecerá mui bella, e até mui grave, porém quando a seu tempo a moda já for outra, parecerá sem graça, e

até ridiculo. O Juiz da boa, ou má fórma do vestido são os olhos; mas não são elles os que julgão, senão a imaginação, nascida da vulgar opinião.

Deve-se pois estabelecer a bondade das palavras em principios racionaveis, e certos: e quanto ao que pende da imaginação, conspirar contra ella, porque só vem a fazer mal: ou servir-se della para antiquar as palavras em si menos boas. Emquanto se não caminhar por esta direção, a lingua não prosperará quanto podera: andarão os escritores enredados com idéas confusas, e sem poderem espalhar luzes uteis, se contradirão huns a outros, e até a si mesmos; pois apenas haverá materia, onde sejão mais amiudadas as contradiçoens, e equivocaçoens.

Quando pois a palavra não excede a trisilaba, e significa seu objecto, mui propria, e particularizadamente: e demais he mui facil a pronunciar com silabas bem deslindadas, e notadas; bem distante de se equivocar com o som de outra palavra: sem final em *ão*, e ainda sem outro final nazal: demais suas silabas variadas, principalmente nas vogaes, e de assento: seu final não dos mais frequentes para evitar monotonia: e muito melhor ainda se seu som he imitativo; sonoro, aberto, ou escuro, aspero, ou suave, e de mimo, segundo he o objecto: se coincide em fim com alguma, e melhor, com muitas das linguas sabias; mui especialmente com Latina, e Hespanhola: tal palavra não deve perder-se. Os escritores formem hum prejuizo em seu favor.

Festa de Alexandre: ou o poder da Musica. Ode de Dryden composta para o dia de Santa Cecilia. (*)

1.

ERA a festa Real, que ao bellicozo
Macedonio, da Persia glorioso
Vencedor aclamava:
Excelso o Eroe brilhava
No solio magestozo:
Valentes Pares seus o rodeavão,
Que de rozas, e murta a frente ornavão,
(Como ao valor compete se croavão.)
Thais mostrava ao regio lado airoza,
Qual outra Oriental florente espoza
Juventude, e beldade radioza.
Feliz, feliz donzela!
Ninguem senão o Eroe,
Ninguem senão o Eroe,
Ninguem senão o Eroe merece a bela.

(*) Esta Ode he bem conhecida pela obra prima de Dryden: traduzi-la em Portuguez era hum grande serviço á litteratura. Mas o Sabio, que dedicou a este grande trabalho os momentos, que lhe restavão de empregos tão illustres, como importantes, não só fez corresponder verso a verso, mas até empregou a mesma versificação e a mesma rima: difficuldades, que parecem quasi insuperaveis, quando se ajunta huma escrupulosa fidelidade. Todas estas razoens fazem a presente Traducção hum modelo do modo de traduzir os Poetas, que será mais depressa admirado do que imitado. E por tanto a transcrevemos, segundo foi impressa em Hamburgo no anno de 1799, ommittindo o texto inglez, porque será bem conhecido dos que podem julgar da perfeição da traducção.

CÔRO.

Feliz, feliz donzela!
Ninguem senão o Eroe,
Ninguem senão o Eroe,
Ninguem senão o Eroe merece a bela.

2.

Lá no alto dos soantes
Coros Thimoteo tira
Co' a voadora mão da eroica lira
Notas, que ao Ceo se elevão tremulantes,
E doce encanto inspira.
Altisono começa em Jove o canto,
Jove, que deixa o alcaçar sacrosanto,
(Porque a força d'amor obriga a tanto.)
A fórma toma o Deos de Drago ardente
Sublimado se enrosca reluzente,
A bela Olimpia abraça,
E tanto que lhe enlaça
Gentil cintura, e peito, estampa ufano
Retrato seu do mundo soberano.
Da ouvinte chusma o aplauzo aos ares voa;
Aclamação ao Deos prezente soa;
Deos prezente, no tecto ao largo ecoa:
E o gran Monarca atento
Ao sonorozo accento,
Se arroga a Divindade,
Nuta com magestade,
E parece abalar o Firmamento.

CORO.

E o gran Monarca atento
Ao sonorozo accento,
Se arroga a Divindade,
Nuta com magestade,
E parece abalar o Firmamento.

3.

A Baco louva o Muzico famozo,
A Baco juvenil, sempre formozo:
Vem triunfante o Deos; vivas reboão;
Rufão tambores já, trombetas soão;
Já se avista o jucundo
Semblante rubicundo:
Chega, chega, os clarins já o apregoão.
Foi Baco juvenil, sempre formozo,
Quem prazeres nos deo ebrifestantes:
Valem de Baco os dons mais que divicias;
Do soldado beber faz as delicias:
Gratas divicias,
Doces delicias,
Depois d'aspera lida mais prestantes.

C O R O.

Valem de Baco os dons mais que divicias;
Do soldado o beber faz as delicias
Gratas divicias,
Doces delicias,
Depois d'aspera lida mais prestantes.

4.

O Rei desvanecido se arrebata,
As batalhas recorda, e desbarata
O imigo, e vezes tres ao morto mata.
Mas vendo o Mestre o frenezi tumente,
Das faces o fulgor, e a vista ardente,
Que feroz contra a terra, e Ceo se anima,
Muda de tom, que a audacia lhe reprima.
Funerea Muza prova,
Que a compaixão lhe mova:
Canta Dario o grande, o bom, exangue,
Que por tão duro fado

Cahio, cahio, cahio,
Cahio do excelso estado,
E envolto em proprio sangue
Deixado foi, que sem amparo espira,
De quantos seu favor d'antes nutrira;
Exposto o corpo jaz em nua terra,
Nenhum amigo, não, seus olhos cerra.
O vencedor se inclina triste, e brando,
Mil lembranças, cuidando
Na humana instavel sorte, o perturbarão,
Suspiros exhalou de quando em quando,
E as lagrimas brotarão.

C O R O.

Mil lembranças, cuidando
Na humana instavel sorte, o perturbarão,
Suspiros exalou de quando em quando,
E as lagrimas brotarão.

5.

Em tanto o egregio tangedor sorria,
Porque a chamma de amor tão perto via;
E só parente som mover falece,
Que a compaixão p'r'amar nos embrandece.
Logo a alma lhe amacia o doce plectro
Pulsando molemente em Lidio metro.
A guerra he só tribulação, fadiga;
A gloria nome vão do estrago amiga,
Infinda sempre, e sempre renovada,
Que tanto avança mais quanto arruina.
Vê que se a terra val o ser domada,
Oh! vê que de gosar-se inda he mais dina.
Junto a ti resplandece Thais bela,
Toma o bem, que te dá propicia estrela.
Ascendem vivas mil, e mil ao Ceo;
Croou-se amor, a Musica venceo;

Que a ternura não mais dissimulando
O Eroe a bela admira,
Que intenso ardor lhe inspira;
Suspira, e olha absorto, olha, e suspira,
E com ancia mais viva suspirando
De Baco, e amor emfim cae oprimido
No amado seio o vencedor vencido.

CORO.

Que a ternura não mais dissimulando
O Eroe a bela admira,
Que intenso ardor lhe inspira;
Suspira, e olha absorto, olha, e suspira,
E com ancia mais viva suspirando,
De Baco, e amor emfim cae oprimido
No amado seio o vencedor vencido.

6.

Mas de novo a doirada lira fere:
Alto tom, e mais alto, e mais desfere.
Rompe o letargo a vibração, que estala,
E qual trovão ruidozo ao Rei abala;
Que bem como da morte
Ressurge arrebatado
Ao som orrendo, e forte,
E em roda olha assombrado.
Vingança vezes tres Thimoteo clama;
Vê do Averno sair as furias, brama,
Que assanhão as girantes
Serpentes sibilantes,
E dos olhos dardejão rubra chama!
Olha esqualido bando
As tédas agitando!
Sombras dos Gregos são que batalharão,
E insepultos ficarão
No chão, que ensanguentarão.

Deves vingança onroza
A' turma belicoza.
Vê como as tochas alção de indignadas;
Como mostrão as Persicas moradas,
E os inimigos Templos refulgentes.
Dos Pares soão jubilos furentes;
Hum facho empunha o Rei, o estrago emprende;
Thais iroza o guia,
Adiante lhe alumia
Qual outra Helena, que outra Troya acende.

CORO.

Hum facho empunha o Rei, o estrago emprende;
Thais iroza o guia,
Adiante lhe alumia
Qual outra Helena, que outra Troya acende.

7.

Assim Timoteo antes,
Que nos orgãos os foles palpitantes
Soubessem derramar grata armonia,
Co' a respirante flauta difundia,
E co' a sonora lira
Brandos dezejos n'alma, ou chamas d'ira.
Emfim Cecilia santa se apresenta,
Que o gran regulador vocal inventa,
E sublime voando a mente pura (*)

(*) Os ultimos versos desta strophe contém defeitos taes que, se poderia cuidar não haverem sahido da concepção sublime, que produzio esta Ode. Johson, Critico minuciozo, e ás vezes mais que severo, pressentio alguns destes defeitos, ainda que não dá a verdadeira razão deles; outros lhe escaparão, como a redundancia, que se acha nos dois

Nos tezoiros celestes se arrebata,
Do canto sacro os terminos dilata
Com arte, que aprendeo d'alma natura.
Ceda o antigo cantor, que se imagina
Hum mortal colocar no etereo assento,
Quando Cecilia solta a voz divina
Hum anjo a ouvi-la vem do Firmamento.

GRANDE CORO.

Emfim Cecilia santa se aprezenta,
Que o gran regulador vocal inventa,
E sublime voando a mente pura
Nos tezoiros celestes se arrebata,
Do canto sacro os terminos dilata
Com arte, que aprendeo d'alma natura.
Ceda o antigo cantor, que se imagina
Hum mortal colocar no etereo assento,
Quando Cecilia solta a voz divina
Hum anjo a ouvi-la vem do Firmamento.

---

seguintes versos, tanto mais indisculpavel, que hum deles he meramente impletivo

Enlarg'd the former narrow bounds,
And added length to solemn sounds.

Daqui verá o Leitor, porque a tradução desta strophe não he tão escrupulozamente fiel, como a das precedentes. *Nota do Traductor.*

POLITICA.

FRANÇA.

Camara dos Deputados.

Sessão de 11 de Agosto.

O Abbade de Montesquiou hoje dirigio-se á Camara, em defeza do plano de lei, que lhe havia sujeitado. Observou que elle tinha sido discutido com tanto cuidado, tinhão-se desenvolvido tão bem suas vantagens e inconvenientes, que não havia hum só, que não podesse deliberar com acerto sobre hum ponto de legislação, que parecia de huma natureza delicada. Nesta feliz situação he que tinhão de dicidir sobre o plano da lei. Elle tinha a maior razão para confiar que elles lhe serião favoraveis, porque, ainda que divididos em opinião, erão todos unidos em sentimentos. O bem publico era o unico objecto, que os animava, e a disputa de opinioens necessariamente tenderia á utilidade publica, cujos interesses lhes estavão confiados.

Alguns de vós, continuou elle, tendes expressado os vossos receios, de que o plano de lei tendesse a embargar os progressos dos conhecimentos; mas não he o saber a gloria da nação Franceza? As outras naçoens tem ciumes de nós a este respeito, mas nunca nos hão de igualar. Temos essencialmente o imperio das letras — a gloria, que os nossos celebres escritores derramarão sobre a França, será sempre o nosso magnifico patrimonio. Os nossos Reis se approuverão em conserva-lo, e augmenta-lo. Hum delles mereceu o titulo de Pai das Letras; e foi principalmente pela protecção das letras que Luiz XIV illustrou o seu Reino, e communicou o seu nome ao Seculo, em que viven. Senhores, eu vos peço que ponhaes de parte todas as

idéas desagradaveis, que não tem fundamento. O plano da lei foi dictado com o fito de servir aos bons authores, e áquelles escritores, que são dignos da nobre profissão, que elles tem adoptado Eu accrescentarei que a censura, que tanto susto tem inspirado, he vantajosa á verdadeira doutrina: não vos lembraes de que em Roma quando deixarão de existir Censores, desapparecerão tambem os bons costumes?

Nos bellos dias de Luis XIV não existia a censura? Tendes lido com que rigor alguns authores, que escreverão sobre materias politicas, forão perseguidos perante os tribunaes da justiça: muito bem! embaraçou isto a nossa litteratura de tocar o mais alto cume da gloria?

Logo a Censura nunca póde ser perniciosa ás letras, nem penosa a aquelles, que as cultivão. Como está encorporada no plano da lei, a sua unica tendencia he favorecer os bons authores. Na França, obras de alguma importancia geralmente se estendião a mais de hum volume, porque alli commummente se consideravão as questoens profundamente, para que se podesse sobre ellas espalhar mais luz. Por este motivo se julgou conveniente fixar hum numero de folhas, sobre que a censura exercesse a sua vigilancia, sem temer perturbar os authores dedicados a meditaçoens, que erão verdadeiramente uteis. Sem embargo, se vós julgaes o numero de folhas fixado demasiadamente grande, e que será acertado reduzi-lo a vinte, estou encarregado por Sua Magestade, para assentir da sua parte a esta reducção.

Em summa, eu não escrupuliso em affirmar que o 1.º artigo do plano da lei, he perfeitamente conforme á Constituição, util á liberdade, e accomodado ás circunstancias. As leis penaes, que se tem recommendado, não podião suprir o seu lugar.

Quanto ás differentes opinioens, que se tem as-

soalhado acerca da verdadeira intelligencia do 8.º artigo da Carta, eu perguntaria quem está mais habilitado para interpreta-lo? E se elle não admittir differentes intelligencias, quem as decidirá entre si? Não posso arrojar-me a suppor que não penseis que he o Rei.

As cautelas annunciadas pela Carta Constitucional tem em vista dois objectos — authores e particulares. Julgareis vós obviar aos abusos da prensa com leis repressivas? — he hum grande erro. Que farieis se hum author vos dicesse: ,, Provai que eu commetti hum crime; onde está a lei, que eu infringi? ,, Elle exigiria que se procedesse contra elle de huma maneira positiva, como por huma culpa de roubo: isto era absolutamente impossivel. Todo o nosso codigo legal não conteria huma descripção das varias circunstancias, que o abuso da prensa póde produzir; e se nós não podemos definir o crime, como havemos de proporcionar-lhe o castigo? ,,

Aqui M. de Montesquiou citou o caso de hum calumniador conduzido perante os Tribunaes, onde elle accrescenta com a sua defeza o ultraje, que fez, e o seu advogado lhe empresta todos os seus talentos para condemnar ainda mais a victima da calumnia original. Alludindo á pertenção de hum direito para pôr limites aos nossos pensamentos, elle diz: Que he direito? He aquillo, que não faz injuria a outro. Mas não ha direitos no estado da natureza: elles são o fructo das nossas leis sociaes. Antes da existencia destas leis, o homem está em hum estado de perfeita guerra, e o direito do mais forte he a lei.

A liberdade da prensa se disse que era a mais verdadeira salva-guarda da Constituição e da liberdade. A Constituição garantia a liberdade; cumpria aos Deputados nomeados pelo povo manter o governo; nunca huns poucos de folheteiros podião ser as suas guardas.

A Inglaterra tem sido muitas vezes citada por exemplo; eu pararei hum momento nesta objecção.

A Constituição Ingleza he huma especie de phenomeno em seus resultados He o Governo mais forte do mundo; e todavia he huma composição, que parece que só o acaso ajuntou, porque o espirito do homem nunca podia concebe-la. O Parlamento exercita huma plena authoridade, diante da qual todos se callão, e tudo cede. Este poder he exercido pela pluralidade; he a pluralidade que dá a lei — ella lança mão de todos os lugares, e engrossa todo o poder.

Que força póde ser maior do que aquella, que apanha tudo, que quer conservar tudo, que escapa de toda a responsabilidade, porque sempre a pluralidade faz a lei, a accusnção, e a sentença, e que finalmente a executa. He necessario dar ao povo huma especie de compensação contra tal energia de authoridade — contra hum Governo tão vigoroso, que, se não fosse comprimido por outra força, sem duvida o destruiria a final. Eu admitto que a moral daquelles, que compoem este poder, e que são dignos de commandar huma tal nação, he hum perfeito modelo de inteireza; e que tem hum Governo tão poderoso que temer desta gabada liberdade da prensa? Estão neutralisados os folhetos — a responsabilidade escapa de suas vans declamaçoens. Ellas não tem poder algum contra a força do governo; servem para divertir o publico: e nada mais.

A Inglaterra conserva a liberdade da prensa por meios, que nós não podemos imitar. Alli o preso vive, e morre em prisão desamparado de todos. Vós, Senhores, não deveis invejar taes costumes. Aqui o preso he hum objecto de interesse; recebe as visitas e as consolaçoens da amizade; em França a liberdade he mais moderada, e as nossas maneiras mais macias. Deixemos aos Inglezes essas

maneiras, que o nosso caracter nacional repelle. N'aquelle paiz as leis repressivas de infamia são sustentadas por meios terriveis. O libello he punido por sentenças, que arruinão os particulares, o que os faz morrer em prisão: porque os offensores são muitas vezes sujeitos a multas, que excedem toda a proporção com os seus haveres. Na França os juizes são mais brandos: algumas vezes attendem só ao accusado, considerão a deploravel situação da sua familia.

Disserão que a liberdade da prensa, se fosse permittida, a final nos faria insensiveis aos abusos. Seria hum mal terrivel: quando a calumnia não nos enoja, o que será da moral e da honra?

Que he o que querem os advogados contra a lei? — Proteger as sciencias? Não! jornaes despreziveis, folhetos magros, como os livros das Sybillas — eisaqui as frioleiras, pelas quaes debatem hoje os representantes do povo. Eu me figuro Luis XIV, e os Ministros, que illustrarão o seu reinado, agora presentes nesta Assemblea, dando attenção a estes vivos debates por amor de jornaes, folhetos, abortos do cerebro! e a estes sacrificaes a segurança do Estado! Quando o Rei vos libertou da mais terrivel tyrannia, e vos introduzio em hum reino brando, e pacifico — quando elle effeituou esta mudança por huma revolução á maneira de Henrique IV, á maneira dos Bourbons, não tem elle direito de exigir de vós que concedais alguma cousa á segurança do throno, e á conservação da boa ordem?

O Ministro então observou que era importante deixar ao Rei a liberdade de permittir a publicação de escritos periodicos, como huma medida, que dava huma segurança dobrada; porque, diz elle, os Ministros então ficão responsaveis pela influencia dos jornaes authorisados. A Camara exigiria delles huma conta desta influencia, participaria deste mo-

do da garantia, de que elle fallou, e contribuiria a ser-lhe dada huma racionavel extensão. Mas se ficassem em absoluta independencia, a quem vos poderieis queixar das desordens, que causasse a sua licença?

Mr. Montesquiou concluio concedendo da parte do Rei certas emendas, para que a censura não se applicasse a huma obra de mais de 20 folhas, e que a lei não tivesse effeito depois da Sessão de 1816. Então perguntou se os Deputados querião que a lei declarasse que as opinioens não serião sujeitos a censura alguma. Os Membros a huma voz responderão pela negativa, considerando-o como desnecessario.

(A Lei passou com 217 votos contra 137.)

Roma 10 de Agosto.

Domingo 7 do corrente, Sua Santidade foi á Igreja de Jesus celebrar Missa no altar de S. Ignacio. Depois de ouvir outra Missa, Sua Santidade seguio para o proximo oratorio da Congregação dos Nobres, onde se sentou em hum throno preparado para elle. Então entregou ao Mestre das Ceremonias, e mandou-lhe que lesse em voz alta, a seguinte Bulla, que restabelece os Jesuitas: —

PIO, Bispo, Servo dos Servos de Deus.

Ad perpetuam rei memoriam.

O cuidado de todas as Igrejas confiado á nossa humildade pela Divina vontade, não obstante a baixeza de nossos merecimentos e conhecimentos, faz do nosso dever empregar todos os soccorros, que

estão em nosso poder, e que nos fornecer a mercê da Divina Providencia, a fim de que possamos, quanto permittirem as circunstancias de tempos e de lugares alliviar as necessidades espirituaes do mundo Catholico, sem alguma distinção de povo e naçoens.

Dezejando encher este dever do nosso Apostolico Ministerio, logo que Francisco Karen (que então vivia) e outros clerigos seculares residentes por muitos annos no vasto Imperio da Russia, e que tinhão sido membros da Companhia de Jesus supprimida por Clemente XIV de feliz memoria, supplicou licença para unir-se em hum corpo, a fim de poderem mais facilmente applicar-se, conforme a sua instituição, a instruir a mocidade na religião e bons costumes, entregarem-se á predica, á confissão, e á administração dos outros sacramentos, julgâmos do nosso dever mais cordial condescender com a sua supplica, porquanto o Imperador Paulo I, que então reinava, recommendou os ditos Padres no seu benigno despacho de 11 de Agosto de 1800, no qual depois de affirmar a sua particular consideração para com elles, nos declarava que lhe seria grato ver a Companhia de Jesus estabelecida no seu Imperio, debaixo da nossa authoridade; e nós por nossa parte considerando attentamente as grandes vantagens, que dahi derivarião aquellas vastas regioens; considerando quanto aquelles ecclesiasticos, cuja moral e doutrina estavão igualmente provadas, serião uteis á Religião Catholica, julgámos acertado annuir aos dezejos de hum Principe tão grande e tão benefico.

Em consequencia, por nosso breve, datado de 7 de Março de 1801, concedemos ao dito Francisco Karen e seus collegas residentes na Russia, ou que alli concorressem de outras provincias, poder para se formarem em corpo, ou congregação da Companhia de Jesus; dando-lhes liberdade para unirem-se em huma ou mais casas, que forem desti-

nadas pelo seu superior, huma vez que essas casas fiquem situadas dentro do Imperio da Russia. Nomeámos o dito Francisco Karen geral da dita Congregação: authorisamo-lo para reasumir, e seguir a regra de Santo Ignacio de Loyola, approvada e confirmada pelas constituiçoens de Paulo III, nosso predecessor, de feliz memoria, para que os companheiros, em religiosa união possão livremente empregar-se em instruir a mocidade na religião e bellas letras, dirigir seminarios e collegios, e com consentimento do Ordinario, confeçar, pregar a palavra de Deus, e administrar os Sacramentos. Pelo mesmo breve recebemos a congregação da Companhia de Jesus debaixo da nossa immediata protecção e dependencia, reservando para nós, e para nossos successores a prescripção de qualquer cousa, que nos pareça conveniente para consolidar, defender, e limpar dos abusos, e corrupção, que nella se introduzir; e para este fim expressamente derogámos todas as constituiçoens apostolicas, estatutos, privilegios, e indulgencias concedidas em contrario destas concessoens, especialmente as letras apostolicas de Clemente XIV nosso predecessor, que começão por estas palavras *Dominus ac Redemptor Noster*, sómente emquanto são contrarias ao nosso breve, que começa *Catholicæ*, e que foi concedido sómente para o Imperio da Russia.

Pouco tempo depois que ordenámos o restabelecimento da Ordem dos Jesuitas na Russia, julgámos do nosso dever conceder o mesmo favor ao Reino da Sicilia, a vivas sollicitaçoens do nosso querido filho em Jesu Christo, ElRei Fernando, que pedio que a Companhia de Jesus se restabelecesse nos seus dominios e estados, como estava na Russia, convencido de que naquelles deploraveis tempos os Jesuitas erão os mestres mais capazes de formarem a mocidade para a piedade Christã, e o temor de Deus, que he o principio da sabedoria,

e instrui-los nas sciencias e letras. O dever do nosso cargo pastoral incitando-nos a annuir aos pios dezejos daquelles illustres monarcas, e tendo sómente em vista a gloria de Deus, e a salvação das almas, pelo nosso breve, que começa *Per alias*, e datado a 30 de Julho de 1804, estendemos ao Reino das duas Sicilias as mesmas concessoens feitas ao Imperio da Russia.

O mundo Catholico pede com voz unanime o restabelecimento da Companhia de Jesus. Diariamente recebemos para este effeito as mais urgentes petiçoens de nossos veneraveis irmãos, os Arcebispos e Bispos, e das pessoas mais distintas, especialmente depois que se conhecerão geralmente os abundantes fructos, que a Companhia tem produzido nos paizes referidos. Além disto a dispersão das pedras do sanctuario naquellas recentes calamidades (que he melhor agora lamentar do que repetir); a anniquilação da disciplina das ordens regulares (gloria e arrimo da Religião e da Igreja Catholica, a cujo restabelecimento se dirigem agora todos os nossos pensamentos e cuidados) requerem que nós annuamos a huma vontade tão justa e geral.

Julgar-nos-hiamos réos de hum grande crime para com Deus, se entre estes perigos da Republica Christã, desprezassemos os soccorros, que a providencia particular de Deus pôz á nossa disposição; e se, collocados na barca de Pedro, agitados e assaltados por continuas tormentas, recusassemos empregar os vigorosos e expertos remeiros, que offerecem seus serviços, para quebrar as ondas de hum mar, que ameaça a cada momento naufragio e morte. Decididos por motivos tão numerosos e tão fortes, resolvemos fazer agora, o que dezejariamos ter feito no principio do nosso pontificado. Depois de havermos por fervorosas oraçoens implorado o Divino auxilio, depois de tomarmos o parecer e conselho de grande numero dos nossos vene-

o

veis irmãos os Cardeaes da Santa Igreja Romana, havemos decretado, com pleno conhecimento, em virtude da plenitude do poder Apostolico, e com perpetua validade, que todas as concessoens e poderes concedidos por nós sómente ao Imperio da Russia, e ao Reino das Duas Sicilias, de hoje em diante se estendão a todos os nossos estados ecclesiasticos, e igualmente a todos os outros estados. Portanto damos, e concedemos ao nosso amado filho, Thaddeo Barzozowski, agora Geral da Companhia de Jesus, e aos outros Membros daquella Companhia legitimamente delegados por elle, todos os poderes convenientes e necessarios, para que os ditos estados possão livre e legitimamente receber todos aquelles, que quizerem ser admittidos á ordem regular da Companhia de Jesus, os quaes, debaixo da authoridade do Geral *ad interim* serão admittidos e distribuidos, segundo a opportunidade, em huma ou mais cazas, hum ou mais collegios, e huma ou mais provincias, onde conformarão seu modo de vida ás regras prescritas por S. Ignacio de Loyola, approvadas e confirmadas pelas Constituiçoens de Paulo III. Declaramos além disto, e concedemos poder, para que livre e legitimamente se appliquem á educação da mocidade nos principios da fé Catholica para os encaminhar aos bons costumes, e dirigir Collegios e Seminarios; authorisamo-los para ouvir confiçoens, pregar a palavra de Deos, e administrar os Sacramentos nos lugares de sua residencia, com o consentimento e approvação do Ordinario. Tomamos debaixo da nossa tutela, debaixo da nossa obediencia immediata, e da S. Sé, todos os collegios, cazas, provincias e membros desta Ordem, e todos aquelles, que a ella se ajuntarem; reservando sempre para nós, e para os Romanos Pontifices nossos Successores, prescrever, e dirigir tudo, que julgarmos do nosso dever prescrever, e dirigir para consolidar cada vez mais a dita Companhia, faze-la

mais forte, e limpa-la de abusos, se alguma vez se introduzirem, o que Deos não permitta. Resta-nos exhortar de todo o coração, em nome do Senhor, a todos os Superiores, Provinciaes, Reitores, Companheiros, e Pupillos desta restabelecida Companhia, que se mostrem em todos os tempos e em todos os lugares fieis imitadores de seu Pai; que observem exactamente a regra prescrita pelo seu grande fundador; que obedeção com hum zelo sempre em augmento aos uteis avisos e saudaveis conselhos, que elle deixou a seus filhos.

Em fim recomendamos fortemente no Senhor a Companhia, e todos os seus membros, aos nossos queridos filhos em Jesus Christo os illustres e nobres Principes e Senhores temporaes, bem como aos nossos veneraveis irmãos os Arcebispos e Bispos; e a todos aquelles que estão collocados em authoridade; exhortamo-los, e conjuramo-los não só a não consentirem que estes religiosos sejão de alguma maneira molestados, mas que vigiem que elles sejão tratados com toda a urbanidade e caridade devida.

Ordenamos que as presentes lettras se observem inviolavelmente segundo sua fórma e theor, em todo o tempo futuro: que gozem pleno e inteiro effeito; que nunca sejão sujeitas ao juizo ou revisão de algum juiz, de qualquer poder que esteja revestido: declarando nullo e de nenhum effeito qualquer attaque ás presentes regulaçoens, quer com conhecimento, quer por ignorancia; e isto sem embargo de quaesquer constituiçoens apostolicas e ordenanças, e particularmente o breve de Clemente XIV de feliz memoria, que começa pelas palavras *Dominus ac Redemptor noster*, expedido debaixo do annel do Pescador aos 22 de Julho de 1773, que expressamente revogamos no que for contrario á presente ordem.

Tambem he nossa vontade que ás copias, quer manuscritas, quer impressas, do nosso presente

Breve, se preste o mesmo credito, que ao proprio original, com tanto que tenhão o sinal de algum tabelião publico, e o sello de algum dignatario ecclesiastico; para que ninguem ouse infringilo, ou por huma arrojada temeridade oppor-se a alguma parte desta ordenança; e aquelle que o tentar, saiba que por isso incorre na indignação de Deos Todo Poderoso, e dos Santos Apostolos Pedro e Paulo.

Dado em Roma em Santa Maria Maior a 7 de Agosto do anno de Nosso Senhor de 1814, e 15º do nosso Pontificado.

(Assignado)

Cardeal Prodatario.
Cardeal Braschi.

Depois de lida a Bulla, todos os Jesuitas presentes forão admittidos a bejar o pé do Papa; á sua frente estava o Padre Panizoni, que fará interinamente as funçoens do Geral, que se espera da Russia.

Depois leu-se hum Decreto acerca da restituição dos fundos, patrimonio dos Jesuitas ainda em ser, e compensaçoens temporarias pelas propriedades alienadas.

NECROLOGIA.

O Excellentissimo e Reverendissimo D. Antonio de S. José e Castro, Bispo do Porto, Patriarca eleito de Lisboa, faleceo no dia 12 de Abril do corrente anno, pelas 8 horas e meia da manhã, na Capital do Reino, deixando com tanta edificação, como saudade dos bons, huma e outra Diocese, que presenciarão suas virtudes, talentos, e importantes serviços. Daremos brevemente noticia da molestia, que pôz termo aos seus dias.

Attenuado de forças pelas suas incessantes fadigas, se vio attacar de huma catarral no dia 1.º de Abril, e havendo tido alguns intervallos, a 5 deu audiencia (mesmo na cama), e despachou. Recahio nesse mesmo dia á tarde, sobrevindo hum crescimento, que chamou a maior attenção. No dia 6 pedio os Sacramentos, que recebeu á noite: pedio os officios da agonia, que tambem resou, bem como outras Oraçoens, que mandou ler.

No dia 11 ratificou a sua profissão religiosa, e pedio que o seu corpo fosse entregue ao seu Prior da Cartuxa, e crescendo a doença, com 22 horas de agonia passou á eternidade, no mencionado dia 12.

Foi conduzido á Cartuxa no dia 14 á noite, onde ficou depositado, e teve no dia seguinte Officio, e Missa da Communidade. O Governo accompanhou o corpo: a infanteria esteve postada até Alcantara, e dalli em diante accompanhou a cavalleria até fazer a entrega ao sobredito Mosteiro, intermeando-se varios parques de artilheria em diversos sitios, que derão as competentes descargas.

O Author deste artigo, que admirou de muito perto as suas relevantes virtudes, se espraiaria de bom grado em apontallas, se hum tal assumpto fosse proprio deste lugar.

Obras publicadas nesta Corte.

Discurso fundamental sobre a população. Economia Politica Moderna por Mr. Herrenschwand. Traduzido em vulgar por Luis Prates de Almeida e Albuquerque.

Esta Obra nos parece muito systematica: os seus principios claros e luminosos; bem deduzidas as suas consequencias. O Traductor copiou escrupulosamente os pensamentos do Author em huma linguagem castiça, e não se lhe deve por isto pequeno louvor.

Recenseamento ao Pseudo-exame, que o Redactor do Patriota fez á resposta defensiva, e analytica do Author do Juramento dos Numes, descripto no Periodico de Janeiro e Fevereiro do presente anno.

There is a woman's war declar'd against me by a certain Lord: his weapons are the same, wich women and children use, a pin to scratch, and a squirt to bespatter, &c.

Pope's Letters vol. 3. Lett. 70.

Continuação do Estado da uthmosfera.

Julho.

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo.*
	Grãos.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
1	62	29	13	4	claro.
2	65		10	26	
3	68		15	10	
4	67		18	30	
5	67		30	38	nebrina.
6	68	29	19	30	
7	66½		18	20	claro.
8	68		17	18	
9	69		16	30	
10	69		14	28	
11	70		13	30	
12	72		12	30	
13	74½		11	34	
14	76		11	4	vento e chuva.
15	76		11	4	pezado.
16	76		11	20	claro.
17	73		14	10	pezado.
18	76		13	10	ventozo.
19	74½		13	28	pezado.
20	68		16	36	claro.
21	69		14	30	
22	68		17	20	chuvozo.
23	67		19	18	pezado.
24	66½		16	26	claro.
25	69½		15	30	chuvozo.
26	67		16	36	muita chuva.
27	68		16		claro.
28	70		14		choviscou.
29	72		19	8	claro.
30	70		19	22	

Agosto.

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
	Grãos.	Pol.	Vint.	Mil.	
1	68	29	29	28	claro.
2	73		17	30	
3	72		18	20	
4	73		17	12	
5	74		17	12	
6	74		16	30	
7	72		16	20	
8	70		17	4	pezado.
9	72		16	40	claro.
10	74		13	42	nebrina.
11	75		12	12	ventozo.
12	74		12	24	
13	75		18	4	choviscou.
14	73		15	18	claro.
15	71		17	20	chuvozo.
16	70		18	24	pezado.
17	68		16	30	claro.
18	71		17	30	chuvozo.
19	70		19	40	pezado.
20	69		19	4	claro.
21	74		14	20	
22	75		14	12	
23	75		13	44	
24	77		11	42	pezado.
25	78		14	20	
26	77½		13	30	
27	77½		13	20	
28	73		13	4	choviscou.
29	74		11	26	claro
30	72		14	30	
31	75		15	24	choviscou.

Setembro.

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
	Grãos.	Pol.	Vint.	Mil.	
1	77	29	16	28	claro.
2	77		12	10	
3	75		12	4	trovoada, e chuva.
4	75		12	20	choviscou.
5	69		14	30	claro.
6	69		18	20	
7	71		16	10	
8	72		14	20	
9	76		13	30	choviscou.
10	74		13	2	
11	74		13	6	
12	73		14	30	chuvozo.
13	69	30		4	
14	68½			36	
15	70	29	17	40	claro.
16	70½		13	42	
17	73		11	36	
18	75		12	10	chuvozo.
19	74		11	30	
20	75		19	20	
21	74		12	40	
22	75		11	40	claro.
23	73		11	40	
24	74		12		pezado e chuvozo.
25	72		16	16	
26	74		15	20	
27	75		14	6	claro.
28	76		14	34	
29	76½		11	48	
30	78		11	40	

Outubro

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo.*
	Gráos.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
1	77	29	13	10	
2	78½		12	12	pezado e chuvozo.
3	80		11	30	claro.
4	81		11	38	
5	79½		13	46	
6	77½		14		pezado e chuva.
7	78		12	40	
8	74		15	10	chuva.
9	71		14	10	claro.
10	75		11	40	
11	73		10	24	chuvozo.
12	72		11	30	
13	72		12	32	
14	70		12	28	claro.
15	69		13	24	
16	71		13	10	
17	72		13	28	
18	72		12	6	
19	73		11	2	chuvozo.
20	73		11	14	
21	72		11	12	
22	76		12	30	claro.
23	69		13	34	
24	67		15	10	
25	71		14	4	
26	76		11	20	chuvozo.
27	78		10	30	
28	76		11	20	muita chuva.
29	73		13	30	
30	72		14	39	
31	73		14	20	

INDICE.

Historia.

Topografia.

Litteratura.

Politica.

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

TERCEIRA SUBSCRIPÇÃO.

N. 6.º

NOVEMBRO E DEZEMBRO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1814.
Com Licença de S. A. R.

A subscripção se faz na Loja da Gazeta, ou na de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, a 6$000 reis pelos seis numeros. Nas mesmas se vendem avulsos a 1$200 reis.

HISTORIA.

Conclusão da Memori sobre o Descobrimento, Governo, População, e cousas mais notaveis da Capitania de Goyaz, continuada do N.º antecedente, paginas 3.

Povoaçoens desta Capitania da Correição de Villa Bôa.

Barra, Arrayal da — pequeno, cinco legoas a Oeste da Villa, descoberto por Barthdlomeu Bueno, logo depois do descobrimento de Goyaz; tem Capella de Nossa Senhora do Rozario, Filial de Villa Bôa, e huma Companhia de Ordenança. As suas Lavras são ricas, porém faltas de agoa, que não póde ser introduzida sem muita despeza.

Anta, Arrayal da — pequeno, assim chamado por corrupção do Vocabulo de Dantas, sobrenome de hum dos primeiros moradores, em cujas terras foi fundada a Igreja, em seu principio Filial de Villa Bôa, depois erecta em Freguezia em 1753, com o titulo do Senhor Bom Jesus; tem Capella do Rozario dos Pretos, e huma Ermida de Nossa Senhora da Bôa Hora, suas Filiaes. São ricas as suas Lavras, e as do morro de S. José, cujo ouro apparece em folhetas de excellente toque, e a decantada pedreira chamada do Taveira de difficil extracção, por ser profunda, e fazer muita agoa. Tem huma Companhia de Cavallaria, huma de Infantaria, e huma de Ordenança. Foi descoberto nos primeiros annos da Capitania, está doze legoas em distancia da Villa, situada a 16°, e 14′ de longitude.

Santa Rita, Arrayal de — pequeno, em 3 legoas de distancia d' Anta, pouco povoado, com Capella Filial da mesma Freguezia, com denomina-

ção desta Santa, em que se venera a perfeita Imagem da Senhora das Dores; foi descoberto algum tempo antes do Arrayal d'Anta. Tem huma Companhia de Infanteria.

Thezouras, Arrayal de — pequeno, assim chamado da abundancia dos Passaros deste nome, que alli se encontrarão; descoberto no Governo do Senhor Conde de S. Miguel, de quem tomou o nome a Freguezia, que foi erecta em 1757, sendo o seu primeiro Vigario o Doutor Simão Guedes: as suas lavras falharão, e está quasi deserto, tornando a Freguezia a ser Capella Filial d'Anta. Está 10 legoas ao Norte do Arrayal de Santa Rita em 15', e 16' de longitude.

Ferreiro, Arrayal do — quasi despovoado, assim chamado de hum Ferreiro, que alli viveo no principio, a primeira povoação da Capitania a huma legoa de distancia ao Les-nordeste da Villa, de quem he Filial a sua Capella de S. João, erecta por deligencia do Tenente José Gomes em 1761.

Ouro fino, Arrayal do — pequeno, assim chamado pela qualidade do seu ouro, tres legoas em distancia da Villa, de quem he Filial a sua Capella de Nossa Senhora do Pilar: descoberto no principio da Capitania pelos primeiros povoadores; as suas Lavras ainda são ricas em parte, onde não estão trabalhadas por falta de agoa, que não póde chegar ao Morro, que se diz ter cabedal. Tem huma Companhia de Ordenança.

Curralinho, pequeno Arrayal do — sete legoas ao Leste da Villa; não me consta o seu estabelecimento, que foi feito por alguns roceiros, que povoarão aquelle lugar. Tem Capella de Nossa Senhora da Abadia Filial de Villa Bôa.

Pillsens, Arrayal de — muito pequeno, e pouco povoado ao Oeste de Villa Bôa na estrada do Cuiabá em distancia de 18 legoas; conserva huma guarnição militar; tem Capella do Senhor Bom

Jesus, Filial de Villa Bôa, está situada a 16° de longitude.

Anicuns, Arrayal de — ou Descoberto de S. Francisco d'Assis em distancia de 12 legoas ao Oes-Sudoeste da Villa, muito povoado em razão das suas minas, que são ricas, em que se tem estabelecido huma sociedade mineral, que em 3 annos tem extrahido mais de 8 arrobas de ouro; forão descobertas as suas minas por Salvador Marianno, e a sua rica Pedreira por Luciano de tal no anno de 1809. (1)

Julgado de Meia Ponte da mesma correição tem de habitantes brancos cazados 124, solteiros 462; pretos cazados 57; solteiros 248; pardos cazados 184; solteiros 734; brancas cazadas 120; solteiras 362; pretas cazadas 40; solteiras 364; pardas cazadas 200; solteiras 796. Escravos 1$356; escravas 926.

Meia Ponte, Arrayal de — grande, e povoado, em distancia de 26 legoas da Villa, junto ao Rio das Almas, assim chamado de hum Ribeirão deste nome, descoberto em 1731 por Manoel Rodrigues Thomaz, Freguezia de Nossa Senhora do Rozario, com as Capellas Filiaes do Senhor do Bomfim, da Senhora do Rozario, do Carmo, e da Lapa no seu recinto, e Capella de S. Antonio em tres legoas de distancia do Rio do Peixe. Tem tres Companhias de Cavallaria, duas de Infantaria, duas

---

(1) A sociedade mineral de Anicuns he constante de seus Livros que extrahio no anno de 1809 — 20:946$735 reis. Em 1810 — 8:058$187 reis. Em 1811 — 7:843$500 reis. Em 1812 — 3:615$000 reis até o mez de Setembro; e calcúlo, que desde o seu principio se terá extraviado outro tanto, e que tenhão dado estas minas duzentos mil crusados.

de Ordenança, huma de Henriques. Está situada á 15°, e 50'.

Corrego do Jaraguá, Arrayal do — pequeno, e muito povoado, descoberto por pretos faiscadores em 1737; tem as Capellas de Nossa Senhora da Penha, e do Rozario Filial de Meia Ponte. Tem huma Companhia de Cavallaria, duas de Infanteria, e huma de Ordenança. Está situado a 15°, e 38'.

Corumbá, Arrayal do — pequeno, e muito povoadas as suas visinhanças de Lavradores, que abastecem a Capitania de toucinhos, fumos, e pannos de algodão, ao sul de Meia Ponte em distancia de 3 legoas, tem a Capella de Nossa Senhora da Penha, Filial de Meia Ponte.

Julgado de S. Luzia, da mesma Correição, tem de habitantes brancos cazados 40, solteiros 214; pretos cazados 18; solteiros 174; pardos cazados 110; solteiros 493; brancas cazadas 40; solteiras 236; pretas cazadas 19; solteiras 282; pardas cazadas 209; solteiras 796; escravos 768; escravas 496.

Santa Luzia, Arrayal de — bem situado, Freguezia collada da Santa, que deu o nome ao Arrayal, descoberto em 1746 por Antonio Bueno de Azevedo, com huma Capella de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos. Tem duas Companhias de Cavallaria do 2.° Regimento, duas de Infantaria, duas de Ordenança, e huma de Henriques. Está situado a 18°.

Montes Claros, Arrayal de — pequeno, e despovoado, em hum vistoso oiteiro, com Capella de S. Antonio, Filial de S. Luzia, descoberto em 1757, consta, que lavando-se as fezes do ventre de qualquer animal neste terreno, se encontrão particulas de ouro, o que faz suppor riqueza na visinhança.

Tem a repartição do Norte de habitantes, pessoas livres 8590; escravos 5376; homens capazes de tomarem armas 735. Fogos 12520.

Sendo o total dos habitantes de toda a Capitania 50365.

Aldêas.

Rio das Pedras, fundada em 1741 pelo Coronel Antonio Pires de Campos, e povoada em seu principio por Indios Barorós vindos do Cuyabá, para desenfestar a estrada de S. Paulo dos Cayapós; 35 legoas ao Sul de Santa Cruz.

Pissarão, pequena Aldêa, para onde se passarão alguns cazaes, que se mudarão do Rio das Pedras, de que dista seis legoas.

Rio das velhas, fondada em 1750 pelo mesmo Coronel Antonio Pires, habitada por Barorós até o anno de 1775, em que se mudarão para o Lanhoso, estabelecendo-se aqui os Chacriabás. Freguezia de Santa Anna.

Lanhoso, assim chamada do nome do primeiro habitante daquelle lugar; em distancia 12 legoas do Rio das Velhas.

Todas estas Aldêas supra mencionadas forão regidas em seu principio por Jesuitas, até que por Ordem Regia se mandarão recolher. Fizerão de despesa á Real Fazenda até o anno de 1810 — 19:534$224 reis.

Duro, *e Formiga*, em distancia do Arrayal das Almas doze legoas, fundadas no anno de 1751, e regidas no seu principio por Jesuitas, habitadas, por Acroás, e Chacriabás. Fizerão de despesa até o mesmo anno 84:490$249 reis.

São José de Mossamedes, formada em 1755, e Freguezia erecta em 1780, habitada por Acroás, Javaés, e Carajás vindos do Duro, que já se extinguirão, e depois por Cayapós, que ainda existem.

Fez de despesa á Real Fazenda até o mesmo anno 67:316\$066 reis.

Nova Beira, formada em 1778 na grande Ilha do Bananal, e deixada depois de se ter feito a despesa de 4:582\$196 reis.

Aldêa Maria, fundada em 1780 junto ao Rio Fartura, doze legoas distante da Villa, habitada por Cayapós, importando a sua despeza até o mesmo anno 13:684\$021 reis.

Carretão de Pedro Terceiro, fundada em 1784, em distancia da Villa 22 legoas, habitada de Chavantes, emportando a despeza feita no mesmo anno 24:652\$131. (1)

Naçoens selvagens habitantes na Capitania de Goyaz.

Cayapós, nação bravissima, e muito numerosa, que com os seus ataques obstou em principio ao augmento da Capitania, e hoje residentes nas Aldêas Maria, e de São José, ainda que existem muitos ao sul de Villa Bôa, tendo differentes Aldêas, sendo a maior, a que está nas visinhanças de Camapuan: allongão-se nas suas caçadas, e correrias até os sertoens da Curitiba em distancia de 300 legoas: são valentes, e guerreiros: usão além do arco, e frexa, em que são destrissimos, de certos páos tostados, e rijos, com que pelejão de perto: tem alguns ritos Judaicos: admittem a polygamia, e o divorcio; contão os mezes por Luas: fazem Festas, e ajuntamentos nocturnos, em que em confuzo procurão a propagação: fazem

---

(1) Além da despeza feita por Sua Magestade com as Aldêas, pelo povo, pela repartição da Junta da Justiça, pelos Conselhos dos Julgados se dispenderão na sua Conquista, e Reducção 17:600\$811 reis, como se vê de hum calculo feito em tempo do Senhor José de Almeida.

Coures, Arrayal de — pequeno, e quasi despovoado, 24 legoas ao Nordeste de S. Luzia; foi em outro tempo cabeça do Julgado; tem huma Capella, que por direito de posse he Filial de Paracatú. Tem huma Companhia de Ordenança.

Julgado de S. Cruz da mesma Correição, tem de habitantes brancos cazados 122; solteiros 344; pretos cazados 17; solteiros 71; pardos cazados 79; solteiros 324; brancas cazadas 118; solteiras 339; pretas cazadas 21; solteiras 110; pardas cazadas 85; solteiras 322; escravos 324; escravas 380.

Santa Cruz, Arrayal de — pequeno, e despovoado, descoberto no principio da Capitania por Manoel Dias da Silva, que passou a Cuiabá, e nas desmarcaçoens entrou por terras de Castella, e levantou huma Cruz com esta inscripção — Viva ElRei de Portugal —, e teve por este serviço a Mercê do Habito de Christo com Tença de 80\$ reis. Freguezia Collada de Nossa Senhora da Conceição. Tem huma Companhia de Cavallaria, huma de Infantaria, e huma de Ordenança. Fica ao sul de Meia Ponte 33 legoas. Está situada a 17°, e 54'.

Bom-fim, pequeno Arrayal de — descoberto pouco mais, ou menos no anno de 1774, tem a Capella do Senhor do Bom-fim, Filial de Santa Cruz. Tem huma Companhia de Cavallaria, huma de Infanteria, huma de Ordenança.

Julgado do Dezemboque, emquanto comprehendia o Araxá tinha de habitantes brancos cazados 200; solteiros 410; pretos cazados 8; solteiros 30; pardos cazados 85; solteiros 161; brancas cazadas 209; solteiras 384; pretas cazadas 2; solteiras 28;

pardas cazadas 84 ; solteiras 118 ; escravos 413 ; escravas 247.

Dezemboque , Arrayal do — pequeno , e muito povoadas as suas vizinhanças de Lavradores , e Creadores , descoberto , e povoado por alguns Geralistas , augmentando-se depois pela concorrencia dos mesmos attrahidos pelo Coronel José Manoel da Silva e Oliveira , que decedidamente os protegia. Freguezia de N. S. do Desterro. Tem huma Companhia de Cavallaria , e huma de Ordenança.

Araxá , Arrayal do — povoado à poucos annos por Geralistas , que se alongarão de Minas Geraes , e aqui se estabelecerão em roças , e creaçoens. Freguezia com o Orago de S. Domingos , com as Filiaes de N. S, do Patrocinio no Salitre , e S. Pedro de Alcantara ; Julgado novamente creado. Tem huma Companhia de Ordenanças. (1)

Julgado de Pillar , da mesma correição tem de habitantes brancos cazados 33 , solteiros 173 ; pretos cazados 32 ; solteiros 290 ; pardos cazados 48 ; solteiros 365 ; brancas cazadas 33 ; solteiras 126 ; pretas cazadas 40 ; solteiras 470 ; pardas cazadas 49 ; solteiras 395 ; escravos 1307 ; escravas 538.

Pillar , Arrayal de — grande , e povoado , em seu principio chamado da Papuan , pela abundancia deste capim , descoberto em 1741 por João de Godoes Pinto da Silveira , Freguezia de N. S. do Pillar , com as Capellas Filiaes do Rozario , de S. Gonçalo , e da Senhora das Mercês. Tem duas Companhias de Cavallaria do 2.º Regimento , duas

(1) Tem o Districto do Araxá tres mananciaes de agoa salitrada , que os moradores chamão bebedouros , aos quaes concorrem os gados , e todos os animaes , sendo-lhes muito vantajosos para a nutrição.

de Infanteria , duas de Ordenança , huma de Henriques. As suas Lavras forão ricas , e he riquissimo o seu Morro , ainda que sem agoa : o Desembargador Segurado animou os habitantes para este serviço , que he vantajoso , porém prevaleceo a intriga , e depois de principiados os bicames para a conducão d' agoa forão queimados , ou por acaso , ou por malicia. Está situado a 14º , e 15'. (1)

Lavrinhas , pequeno Arrayal das — sete legoas distante de Pillar , e quasi despovoado ; tem Capella de S. Sebastião Filiar de Pillar.

Coarinos , pequeno Arrayal de — e com Capella Filial de Pillar , quasi despovoado.

Julgado de Crixá , da mesma Correição , tem de habitantes brancos cazados 8 ; solteiros 40 ; pretos cazados 15 ; solteiros 153 ; pardos cazados 25 ; solteiros 174 ; brancas cazadas 8 ; solteiras 23 ; pretas cazadas 19 , solteiras 256 ; pardas cazadas 26 ; solteiras 222 ; escravos 422 ; escravas 212.

Crixá , Arrayal de — assim chamado do Gentio deste nome , que aqui residio , em distancia de 10 legoas ao Norte de Thesouras , Freguezia Collada de N. S. da Conceição , com duas Capellas Filiaes do Rozario , e da Abbadia , descoberto em 1734 por Domingos Rodrigues do Prado ; as suas Lavras são ricas , e de bom ouro , porém faltão trabalhadores. Tem huma Companhia de Cavallaria , hu-

(1) Calcula-se ter dado o Morro de Pillar mais de 100 arrobas de ouro , e daria muito mais , se lhe introduzissem agoa. Junto ao Arrayal deste nome perto da estrada se encontrão abertas em pedra algumas figuras imperfeitas de face humana , que huns querem seja obra da natureza , outros deviza de terras de Gentio.

ma de Infanteria, huma de Ordenança, e huma de Henriques. Está situado a 14°, e 42'.

Contém esta repartição do Sul 9850 fogos; habitantes de todas as classes 36399. Em estado de pegar em Armas 1334.

Julgado de Trahiras, da Correição do Norte, tem de habitantes brancos cazados 49; solteiros 149; pretos cazados 114; solteiros 428; pardos cazados 268; solteiros 787; brancas cazadas 14; solteiras 160, pretas cazadas 108; solteiras 650; pardas cazadas 250; solteiras 802; escravos 1$624; escravas 1$118.

Trahiras, Arrayal de — grande, povoado, em boa situação. Foi descoberto por Antonio de Souza Bastos, e Manoel Rodrigues Thomar em 1735, e se lhe deu este nome da abundancia deste pescado, que tem o seu Ribeirão. Freguezia de Nossa Senhora da Conceição, para a qual concorreu Sua Magestade em seu principio com cinco mil crusados; tem dentro em si duas Capellas, do Senhor Bom Jesus, e Nossa Senhora do Rozario. Tem huma companhia de Cavallaria do 2.° Regimento, huma de Infantaria, huma de Ordenança, e huma de Henriques. Está situado em 14°, e 15'.

Agua-quente, Arrayal de — assim chamado de hum lago deste nome, descoberto em 1732 por Manoel Rodrigues Thomar, e povoado pelos que fugirão da epidemia do Maranhão. Tem duas Capellas de Nossa Senhora das Mercês, e de S. Sebastião, Filiaes de Trahiras. Tem huma Companhia de Cavallaria, e huma de Infantaria. Neste lugar he que se achou a folheta de 43 libras de ouro, que motivou o grande pleito entre o dono do terreno, e aquelle que a encontrou, cuja folheta foi remettida ao Erario de Lisboa. Está situado na margem Oriental do Maranhão a 14°, e 25'.

Cocal, Arrayal do — assim chamado da abundancia de côcos do lugar, quatro legoas em distancia dé Agua-quente, descoberto em 1749 por Diogo de Gouvêa Ozorio, e pelo Coronel Felix Caetano; foi riquissimo no seu Descobrimento, e está quasi despovoado pela falta das suas Lavras. Tem Capella de S. Joaquim, Filial de Trahiras.

Maranhão, Arrayal do — despovoado por huma epidemia; em outro tempo riquissimo pelo ouro, que se extrahia no Rio deste nome; foi descoberto no anno de 1730. Tem havido lembrança de se renovar este serviço vantajoso, para o que he preciso voltar do seu leito o Rio, mas não se tem effeituado: trabalha-se com tudo nas suas Etaypabas, e no meio do Rio em Canôas com certo instrumento de ferro, e hum grande saco de couro, com que extrahem alguma terra, em que encontrão ouro, e algumas folhetas de pezo importante.

São José de Tocantins, pequeno Arrayal de — em legoa, e meia de distancia de Trahiras; Freguezia Collada deste Santo, cuja Matriz he das melhores da Capitania, ainda que lhe falta a altura proporcionada, tem a Irmandade do Senhor dos Passos privilegiada pelo Papa Clemente decimo terceiro; e as Capellas Filiaes do Rozario, Bôa Morte, e Santa Efigenia. Foi descoberto em 1735 por Antonio de Souza Bastos, e Manoel Rodrigues Thomar. Tem duas Companhias de Infantaria, e huma de Henriques.

Cachoeira, pequeno Arrayal da — distante de S. José quatro legoas, e meia, descoberto em 1736 por Antonio da Silva Cordovil. Está despovoado.

Santa Rita, pequeno Arrayal de — com Capella desta Santa, Filial de S. José, de quem dista seis legoas, descoberto no mesmo anno pelo mesmo.

Moquem, pequeno Arrayal do — distante de Santa Rita nove legoas, com Capella Filial de S. José do Orago da Senhora da Abbadia, que se festeja a 15 de Agosto com grande solemnidade, e concurso de Romeiros desta, e de outras Capitanias.

Piedade, Arrayal da — descoberto do Gunga: com Capella Filial de S. José.

Amaro Leite, ou Lavrinhas, pequeno Arrayal de — 16 legoas ao Oeste de Trahiras. Não me consta o anno do seu descobrimento por outro Amaro Leite, que não he o mesmo, em quem tenho fallado no descobrimento dos Araés. Tem Capella de Santo Antonio, Filial de S. José. Conserva huma Companhia de Infantaria, e duas de Ordenança.

Julgado de Cavalcante, da mesma Correição, tem de habitantes brancos cazados 66; solteiros 128, pretos cazados 68; solteiros 183; pardos cazados 158; solteiros 418; brancas cazadas 58; solteiras 86; pretas cazadas 67; solteiras 198; pardas cazadas 178; solteiras 383; escravos 753; escravas 456.

Cavalcante, Arrayal de — assim chamado de Fulano Cavalcante, que alli residio, descoberto em 1740 por Domingos Pires; 19 legoas em distancia do Morro Chapeo. Tem huma pedreira riquissima; porém muito rija, e profunda, que os mesmos moradores entulharão. Tem a Freguezia da Senhora Santa Anna, com as Capellas Filiaes do Rozario, e Bôa Morte. Conserva huma Companhia de Cavallaria, huma de Infantaria, duas de Ordenança, e huma de Henriques. Está situado a 13°, e 30'.

Flores, pequeno Arrayal das — na ribeira do Paranã: não me consta a sua fundação: Freguezia de Nossa Senhora do Rozario, e Capella da mesma Senhora da Confraria dos Pretos; foi cabeça de Julgado, que se transferio para Cavalcante, e agora tornou a ser novamente Julgado. Esta ribeira toda offerece os melhores pastos para a creação do Gado, que faz hum commercio consideravel com a Capital, e os Portos de Mar.

Santa Roza, pequeno Arrayal de — na mesma ribeira com Capella desta mesma Santa; Filial das Flores.

Matto Grosso, Arrayalejo de — da mesma ribeira, com Capella de Nossa Piedade, Filial das Flores.

Julgado de S. Felix da mesma repartição do Norte; tem de habitantes brancos cazados 10; solteiros 29; pretos cazados 25; solteiros 142; pardos cazados 60; solteiros 243; brancas cazadas 10; solteiras 29; pretas cazadas 26; solteiras 196; pardas cazadas 60; solteiras 310; escravos 331; escravas 310.

São Felix, em seu principio, Carlos Marinho — Arrayal de — em distancia do Arrayal de Santa Rita do Norte 25 legoas, descoberto por Carlos Marinho em 1736; Freguezia de S. Felix, com as Capellas Filiaes de Santa Anna, e do Rozario. Foi assento da Caza da Fundição até ser transferida para Cavalcante. Tem huma Companhia de Cavallaria, huma de Infantaria, huma de Ordenança, e huma de Henriques. Está situado a 13°, e 30'.

Carmo, Arrayal do — pequeno, e despovoado.

Chapada de S. Felix, Arrayal pequeno, — com Capella Filial do mesmo S. Felix; não me consta o seu principio.

Julgado de Arrayas da mesma Correição; tem de habitantes brancos cazados 42; solteiros 32; pretos cazados 32; solteiros 92; pardos cazados 154; solteiros 184; brancas cazadas 42: solteiras 23; pretas cazadas 42; solteiras 172; pardas cazadas 154: solteiras 213; escravos 232; escravas 187.

Arrayas, Arrayal pequeno de — rico em seu principio, e no descobrimento do ouro podre; foi assim chamado da abundancia deste pescado, que tem o seu ribeirão, que entra na Palma; foi descoberto em 1740; o Senhor D. Luiz de Mascarenhas assistio á sua repartição, e alinhou as suas ruas. Tem a Freguezia de Nossa Senhora dos Remedios. Conserva huma companhia de Cavallaria, duas de Infantaria, e huma de Ordenança. Está situado a 12°, e 42'.

Morro do Chapeo, pequeno Arrayal do — em sete legoas de distancia de Arrayas; assim chamado do Morro, em que se descobrio ouro, que tem a semelhança de hum chapeo desabado; tem Capella Filial de S. Domingos, foi descoberto em 1769.

São Domingos, Arrayal de — pequeno, e despovoado; 16 legoas ao Leste do Morro do Chapeo; Freguezia do mesmo Santo; não me consta o seu descobrimento.

Julgado da Barra de Palma, que outros denominão da Conceição, e he da mesma repartição; tem de habitantes brancos cazados 46; solteiros 51; pretos cazados 44; solteiros 235; pardos cazados 94; solteiros 274; brancas cazadas 46; solteiras 56; pretas cazadas 43; solteiras 245; pardas cazadas 95; solteiras 181; escravos 804; escravas 380.

Barra da Palma, Arrayal da —, que floreceu

nos principios da Capitania, e nelle tiverão algumas propriedades os Padres da Companhia; foi despovoada pelas invasoens do Gentios. Estava situada na Barra do Rio, que deu nome a este lugar a 12°, e 26'.

Conceição, pequeno Arrayal da — descoberto em 1741, em distancia da Natividade 15 legoas; Freguezia de Nossa Senhora da Conceição. Tem hum Companhia de Cavallaria, huma de Infantaria; huma de Ordenança: e huma de Henriques.

Principe, pequeno Arrayal do — com Capella Filial da Conceição.

Julgado da Natividade da mesma Correição; tem de habitantes brancos cazados 37; solteiros 71; pretos cazados 72; solteiros 58; pardos cazados 88; solteiros 421; brancas cazadas 18; solteiras 72; pretas cazadas 91; solteiras 433; pardas cazadas 94; solteiras 410; escravos 925; escravas 604.

Natividade, Arrayal da — em seu principio chamado de S. Luiz em obsequio ao Senhor D. Luiz de Mascarenhas, vinte e quatro legoas em distancia do Carmo; Freguezia de Nossa Sehora da Natividade, com as Capellas da Chapada, da Natividade, e do Bom-fim, suas Filiaes, residencia d'antes de hum Vigario Geral apresentado pelo Bispo do Gram Pará, e agora do Vigario Geral da repartição desta Prelazia; serve actualmente de interina residencia do Corregedor do Norte. Foi descoberto em 1734 por Manoel Ferraz de Araujo. Tem duas Companhias de Cavallaria, huma de Infantaria, huma de Ordenança, e huma de Henriques. Está a 11°, e 22.

Chapada da Natividade, Arrayal da — pequeno, e pouco povoado.

Duro, Arrayal do — pequeno, e pouco povoado.

Julgado do Porto Real tem de habitantes brancos cazados 18; solteiros 32; pretos cazados 25; solteiros 170; pardos cazados 50; solteiros 182; brancas cazadas 19; solteiras 12; pretas cazadas 30; solteiras 204; pardas cazadas 26; solteiras 225; escravos 625; escravas, 219.

Porto Real, Arrayal do — na margem do Tocantins, com Capella, residencia de hum Official militar Commandante encarregado da inspecção dos Presidios, e do expediente dos Correios, e communicação com o Gram Pará.

São João das duas Barras, Villa de —, Novo estabelecimento na união de Tocantins, e a Araguaia, destinado Cabeça da Comarca do Norte, ainda que o Corregedor tem escolhido para este fim o lugar de Itacahiuna, e sobre a fundação da cabeça da Comarca pendem requerimentos feitos pelos povos a Sua Alteza, de que se espera a decisão.

Carmo, Arrayal do —, pequeno, e povoado em razão da utilidade das suas Minas, descoberto por Manoel de Souza Ferreira em 1746, Freguezia de Nossa Senhora do Carmo, que em seu principio foi Filial da Natividade. Conserva huma Companhia de Infantaria, huma de Cavallaria, e huma de Henriques. Está situado a 10°, e 56'.

Pontal, Arrayal do —, assim chamado de huma ponta do Rio Tocantins, de que dista quatro legoas; Freguezia de Santa Anna; descoberto em 1738, por Antonio Sanches. Tem huma Companhia de Infantaria, e huma de Ordenança. Está situado a 11°, e 30'. (1)

---

(1) Em quatro legoas de distancia do Pontal estão as ricas Lavras chamadas da matança, que quatro vezes se quizerão aproveitar, e quatro vezes forão amassados os trabalhadores pelo Gentio.

as exequias dos seus mortos com danças, e se tingem de negro em as occasioens do seu sentimento: nas visinhanças da Paschoa pintão em si com tinta de Jenipapo botinas, peitos de armas, e fazem então com grande vozeria as suas Festas, e jogos, sendo o mais celebre, o que chamão de touro, em que disputão huns com os outros as forças na carreira, tomando huns do hombro de outros hum grande tronco, que empregão neste ministerio.

Chavantes, nação feroz, e numerosa, residente na Aldêa do Carretão, ainda que em grande numero, andão dispersos pelos bosques entre o Rio Araguaia, e Tocantins: uzão de arco, e frexa: são crueis, e roubadores.

Goyaz, nação mais branca que o ordinario dos Indios desta Capitania, e domiciliaria no lugar da Villa, e pelas visinhanças da Serra Dourada; pacifica, e já extinta.

Crixaz, nação feroz, que habitava no lugar, onde se fundou o Arrayal deste nome: extinguirão-se, ou alongarão-se de sorte, que não ha noticia.

Araês, nação, que habitava abaixo do Rio das Mortes, em cujas terras entrarão os primeiros Sertanistas, que affirmarão ser abundantissimas de ouro, e terem algumas particularidades, como veados brancos; porém depois delles não se tem chegado a este lugar, nem ha noticia desta nação.

Canoeiros, nação cruelissima, bellicosa, e que não sabe fugir, resistindo nos seus combates até morrer, investindo furiosamente as mesmas mulheres, e caens bravos, que trazem com sigo: girão em canôas, que fazem, pelos Rios Tocantins, Paraná, Manoel Alvares, Barra da Palma, onde tem feito muitos estragos, ainda que se diz terem a sua principal Aldêa entre as serras, que ficão ao lado do Duro, onde tem estabelecimento, a que da nossa parte se não tem chegado. Usão, além de arco, e frexa, de lanças de mais de vinte

palmos dentadas nas extremidades; e são amicissimos de carne cavallar, que he o seu mais saboroso alimento.

Apinagés, situados em cinco Aldêas junto á Cachoeira de Santo Antonio no Araguaya, de hum talhe grande, e cabello comprido; girão por terra, e navegão em Ubás, que elles mesmos fabricão. Esta nação estava de paz, porém encontrando algumas pessoas da Guarnição do Presidio do Pará, que destruião as suas roças, os matarão: e em consequencia disto forão cercadas as Aldêas de guarnição militar, que até conduzio para este fim artilharia, e forão assolados.

Capepuxis, nação indolente, e preguiçosa, que não planta, e só vive de roubos, que faz a seus visinhos: tem duas Aldêas junto ao Araguaia no lugar, que chamão estreito: são pouco ferozes.

Coroá, e Coroámerim, nação visinha dos mencionados acima, que vive de caça, pesca, e roubos; girão em terra, e atravessão os rios em balsas. São pouco ferozes.

Temimbós, nação, que existe defronte a hum morro agudo junto ao lugar de Pastos-bons: tem cinco Aldêas; e são pacificos.

Cherentes e Cherentes de quá, nação, que existe acima da Cachoeira do Lageado no Tocantins, e se estende até os sertoens do Duro entre o Rio Preto, e Maranhão, onde tem sete Aldêas. São valentes e trabalhadores.

Tapirapez, nação situada junto ao Rio Grande, antes de ter o nome de Araguaia; são pacificos; plantão, fião, e tecem. Consta, que vierão para este lugar dos sertoens do Rio de Janeiro. No Governo do Senhor Tristão da Cunha vierão alguns desta nação de paz; affirmarão serem as suas terras abundantes de ouro, e prometterão voltar, trazendo tacoaras cheias do mesmo, mas não voltarão.

Carajás, e Carajais, naçoens, que existem no

mesmo Rio, e nas visinhanças, onde dizem tem sete Aldêas.

Gradaús, Tessemedús, Amadús, e Guaya-gussús, são naçoens, que existem nas visinhanças do Araguaia perto da Ilha do Bananal, e alguns Barorós dispersos do Cuyabá.

Registros da Capitania.

Da parte do Sul.	*Da parte do Norte.*
Salinas.	S. Domingos.
Desemboque.	Taguatinga.
Rio das Velhas.	Duro.
S. Marcos.	Bôa Vista.
Arrependidos.	S. João das Duas Barras.
Lagôa-fêa.	
Santa Maria.	
Rio das Egoas.	

Contagens da Capitania.

Sul.	*Norte.*
São João das tres Barras.	S. Felix.
São Bartholomeu.	Chapada de S. Felix.
Extrema.	Cavalcante.
Moquem.	Arrayas.
Tocantins.	Descoberto do Ouro-podre.
Amaro Leite.	Conceição.
Descoberto d'Amaro Leite.	Itaóca.
	Almas.
	Principe.
	Natividade.
	Chapada da Natividade.
	Carmo.
	Pontal.

Rios consideraveis, que vão ao Norte.

A nota (n) diz navegavel.

	A sua origem.		*E a sua Barra.*
Araguaya.	Serra do Cayapó.	(n)	Tocantins.
Rio das Mortes.	Tombador.	(n)	Araguaya.
Rio Grande.	Na estrada do Cuyabá; he o mesmo Araguaya.		
Rio Claro	na Serra do Cayapó.		Araguaya.
Rio de Pilloens.	Serra Dourada.		Rio Claro.
Rio Vermelho.	Morros do Ouro fino.	(n)	Araguaya.
Rio Terreiro.	Cabassaco.		Araguaya.
Rio do Peixe.	Dito.	(n)	Thesouras.
Rio de Thesouras.	No lugar deste nome.	(n)	Araguaya.
Rio Bugres.	Bom bocado.		Rio Vermelho.
Rio Uruhú.	Sobradinho do Neiva.	(n)	Maranhão.
Rio Crixá.	Morro do Carretão.	(n)	Araguaya.
Rio Soberbo.	Dito.		Dito.
Rio Branco.	Morro agudo de Pillar,		R. das Almas.
Rio Taquarussú.	Lavrinhas.		Maranhão.
Rio Verde.	Perineos.	(n)	Dito.
Rio das Almas.	Lagoa do Pai José.	(n)	Dito.
Rio Maranhão.	Lagoa de Felis da Costa.	(n)	Amazonas.
Rio Cristalino.	Sertoens do Cuyabá.	(n)	Araguaya.
Rio Bacalhão.	Ao Norte de Trahiras.		Maranhão.
Rio Bagagem.	Chapada dos Veadeiros.		Dito.
Rio Tocantins,	he o mesmo Maranhão, que toma este nome abaixo do Pontal.		
Rio Gameleira Grande.	Chapada dos Veadeiros.		Tocantins.
Rio Preto.	Dito.		Dito.
Rio das Caldas.	Lagoa deste nome.		Dito.
Rio Paraná.	Couros.	(n)	Dito.
Rio Pardo.	Serra das Canastras.		Maranhão.

	Origem.		*Barra.*
Rio do Peixe.	Perineos.		Maranhão.
Rio Paranatinga.	Lagoa dos golfos.		Tocantins.
Rio da Palma.	Serra da Taguatinga.	(n)	Paranã.
Rio Escuro.	Ao Sul da Palma.		Dito.
Rio Manoel Alvares.	Serra do Duro.	(n)	Tocantins.
Rio Salobro.	Ao Leste de Manoel Alves.		Dito.
Rio Taguatinga. (a)			Dito.
Rio de S. Domingos. (b)			Paranã.
Rio das Almas.	Chapada dos Viadeiros.		Dito.

Rios que correm para o Sul.

Rio Corumbá.	Cocal dos Perineos.	(n)	Parnahiba.
Rio Capivari.	Vertentes do Corumbá.		Corumbá.
Rio Piracanjuba.	Corta a estrada de S. Paulo.		Dito.
Rio Braço do Verissimo.	Dito.		Verissimo.
Rio Verissimo.	Dito.		Parnahiba.
Rio Parnahiba.	Minas Geraes.		R. das Velhas.
Rio Furnas.	Corta a estrada de S. Paulo. (c)		Dito.
Rio das Velhas.	Serra das Canastras.	(n)	Parnahiba.
Rio Uberabaverde.	Farinha podre.		R. das Velhas.
Rio Uberabafalsa.	Dito.		Rio Grande.
Rio Grande.	S. João d'ElRei. (d)	(n)	Paraguay.

(a) Fórma huma catadupa admiravel, precepitando-se com estrondo junto ao Registro deste nome.

(b) Corre subterraneo por huma legoa junto ao Registro deste nome.

(c) He admiravel o seu salto junto a passagem: falta-lhe a terra, e se despenha da altura de 20 braças, borrifando na sua queda o contorno, e formando abaixo do salto huma caverna, onde se ajuntão, e se aninhão muitos passaros.

(d) Consta que muito ao Sul da Passagem tem hum longo disfiladeiro, em que de nenhum modo se póde vencer a correnteza, e que depois se es-

	Origem.	*Barra.*
Rio Anicuns pequeno.	Ao Sul do Descoberto.	Rio Grande.
Rio Anicuns grande.	Dito.	Dito.
Rio Turvo dito.		(n) Rio Grande.
Rio Ponte-alta.	Chapada de S. João.	Corumbá.
Rio Montes-claros.	Vendinha.	Dito.
Rio S. Bartholomeu.	No Mestre de armas.	(n) Rio Grande.
Rio Preto.	Na Lagôa Fêa.	Rio S. Francisco.
Rio S. Marcos.	Chapada do Embirussu.	Parnaiba.

Caldas.

A hum lado do Arrayal de S. Felix, em distancia de tres legoas da estrada, estão cinco vertentes destas agoas Calibaes, que são tão proveitosas na Medicina, e tão uteis em muitas enfermidades; hum manancial he summamente quente, e os mais são tepidos á proporção. Chamão-lhe Caldas de Frei Reinaldo.

A hum lado do Arrayal de Santa Cruz, estão as Caldas deste nome, que dizem ser sulphureas; tem differentes origens na mesma visinhança, e differentes gráos de calor: tem sido uteis a muitos, principalmente em molestias cutaneas; fórmão hum ribeirão deste nome, que a pouca distancia perde o calor.

No Districto de Pilloens, na margem oriental do Rio Grande, nasce na abertura de huma pedra hum Ribeirão, que tem em circumferencia da sua origem differentes mananciaes de Caldas, que dizem, são muito uteis, e se encorporão com o mesmo

---

tagna junto a huns morros, e forma hum longo alagadiço, que se póde vadiar; que desapparece por algumas legoas porbaixo da terra, e que surge depois com toda a abundancia das suas agoas, e corre a formar o Rio da Prata.

Ribeirão, mas ainda não forão examinadas, e nem se sabe o seu principio, e a sua virtude.

Seis, ou sete legoas ao Nascente das Terras novas do Descoberto de Nossa Senhora da Piedade, existem Caldas junto a hum lago do mesmo nome, donde sahe o Ribeirão, que se diz tambem das Caldas, e estas se chamão do Moquem.

Lagos mais consideraveis.

Hortigas, ou Alagôa do Padre Aranda na margem do Rio Grande junto á estrada do Cuyabá; entra pela abertura de dous Morros, e se estende pelo interior da terra, e não se sabe até onde, porque se não tem examinado. Nelle residem muitos monstros aquaticos, como Sucuriz, Jacarés, e Minhocoens prodigiosos de extraordinaria grandeza, que tragão hum Cavallo, ou hum Boi; estes se communicão ao Rio Grande, e se conservão nelle em poçoens, e ainda á pouco tempo devorarão duas bestas a hum passageiro.

Lagôa-fêa, digna deste nome pela sua situação medonha, com mais de huma legoa de extensão, e de huma profundidade, que se não tem podido sondar; as suas agoas em razão do fundo parecem pretas, e são cobertas de certo musgo, povoadas de Jacarés enormes, e outros monstros, e tambem de excellente pescado, principalmente Trahiras. He origem do Rio Preto.

Lago da Agoa-quente, em huma legoa, e quarto de distancia do Arrayal deste nome, em lugar superior ao Arrayal, e em situação, que horroriza, e não deixa examinar as suas cavernas. O seu fundo conhece-se, que he irregular, e que tem baixios, e profundidades. As suas agoas, que nunca tem diminuição, são quentes, salobras, e de hum cheiro quasi sulphurco, e fórmão hum grande Ribeirão.

Lagôa dos Golfos, meia legoa antes do Paranatinga, nas vazantes do Maranhão, habitação de muitos monstros.

Lago do Poção grande, na Ribeira do Paranã, junto á Fazenda do Boqueirão além da dos Macacos; he profundissimo, e abundante de peixe.

Entre a Fazenda da Caissara, e Jaburú da mesma ribeira, se encontra hum grande Lago, a que os habitantes chamão Ipocita, muito profundo, e abundante de peixe.

Na Ilha do Bananal, que está no Araguaya, e que se calcula de mais de cem legoas de comprimento, e trinta de largo, ha hum famoso Lago, em que se entra por hum pequeno sangrador, pelo qual se communica com o Rio, e navegando-se por elle dentro parece hum mar, porque se perde de vista toda a terra, e com o vento se levantão tempestades.

Grutas mais notaveis.

A de Trahiras em huma legoa de distancia do Arrayal deste nome, tem capacidade grande, e profundidade, a que se não tem chegado: de sua cupula destila certo humor, que se petrifica, e fórma colunas, pias floreadas, e outras muitas differentes fórmas, e estas pedras, que se fórmão, feridas tem o som de metal.

A do Morro dos Macacos na estrada de Anta ao Sul do caminho, nos mezes de Agosto e Setembro destila certa materia acre, e bituminosa, que por averiguaçoens feitas por hum Cirurgião de Macapá se assentou ser enxofre, porém verdadeiramente não se conhece, o que seja.

A do Ouro-fino, em huma legoa de distancia do Arrayal, em a cavidade do Morro se gela certa materia branca, e friavel, que se suppoem Salitre,

ainda que por averiguaçoens feitas na Caza da Fundição se assentou ser o Alumen.

A de S. Felix começa na ponta de huma serra, que tem a fórma de huma trompa negra, fica duas legoas antes do Arrayal, e junto da estrada; fórma huma concavidade, de que se não conhece o fundo, e que o pavor não deixa, nem tem deixado examinar.

A do Duro, a huma legoa de distancia deste Registro, he da mesma sorte na ponta de huma serra, e se faz notavel pelos diversos repartimentos, que tem no seu interior, á maneira de cubiculos.

A do Paranã junto á Santa Roza, perto da Fazenda de Santa Rita, dizem que he vasta, e nella se fórmão as mesmas petrificaçoens, como na de Trahiras.

Serras mais consideraveis.

A Serra do Estrondo, na estrada de Amaro Leite para o Bananal, corre de Nascente ao Poente, além do Arrayal, e os Sertanistas, que tem girado este lugar, affirmão ter ouvido nella por vezes grande estampido, o que lhe fez dar o nome, que conserva.

A Dourada entra pelos Sertoens do Rio das Velhas, corta toda a Capitania, e vai a Mato Grosso.

Perineos he a mesma Serra Dourada em distancia de quatro legoas de Meia Ponte, onde se julga o lugar mais alto da Capitania, e d'onde nascem para todos os lados Rios caudalosos, que correm a differentes rumos.

A das Caldas he admiravel, porque se levanta da terra em tres legoas de distancia do Rio Corumbá, e fórma como hum edificio de quatro faces, para os quatro rumos cardeaes, tendo cada face a distancia de quatro legoas, cercada por todos os lados de pastagens excellentes, e de Ribei-

ros, que della nascem, e todos tem ouro. Na sua summidade, que he plana, se achão lagos, e se crião muitos cervos, e outras caças.

A dos Cristaes em 15 legoas ao Leste de Santa Luzia, entre S. Marcos e S. Bartholomeu, assim chamada dos cristaes de differentes cores, que nella se encontrão.

Serra de José Machado, onde estão as Fazendas deste, estende-se dos Sertoens de Amaro Leite até este lugar, e he altissima.

A do Fanha está entre Crixá, e Amaro Leite, e tambem he summamente alta.

A de Miguel Ignacio fica junto ao Rio Verde, entre Meia Ponte, e Pilar, e tambem he alta, e extensa. Corre de Leste ao Oeste.

A do Duro, Taguatinga, e S. Domingos, he a mesma cordilheira; cerca as terras do Norte da Capitania, e he muito alta, tendo só algumas bocainas, por onde se póde passar, e onde se estabelecerão os Registros.

A estas se devem ajuntar alguns grandes montes de huma eminencia pasmosa, que tem servido de baliza aos primeiros Sertanistas: a saber, o dos picos junto ás Fazendas de Antonio *Luiz* Tavares, que acaba em tres pontas muito elevadas, e que se vêm de muita distancia: o Morro do Pico, no Districto da Barra da Palma, onde forão as Fazendas de S. Felix de Cantalicio, e de João de Godoi de Mello: o Morro do Moleque, na estrada de S. Domingos, junto á cordilheira no Districto de Arrayas: o Morro do Chapeo no mesmo Districto, e outro, que ainda não tem nome muito ao Sul da Campanha do Neiva, que he altissimo, e aquelles, que o tem subido, antes de chegarem ao cume, affirmão que todas as montanhas da circumferencia parecem que se abatem, e se aplainão.

Producçoens naturaes.

Ouro, encontra-se em quasi todas as terras da Capitania com mais, ou menos abundancia, e ainda existem lavras riquissimas, que se tem deixado por alguma difficuldade do seu serviço, e por falta de escravos, que se occupem neste exercicio, e nem he crivel que toda a riqueza deste Paiz tão vasto, e tão incognito, estivesse só nos lugares, que estão lavrados dos primeiros, e que os montes, que se devem considerar como matrizes do Ouro, que se acha nos Ribeiros, que estão quasi todos intactos, não sejão o deposito de muitas preciosidades.

Prata, se diz, que foi encontrada neste terreno, logo depois do seu descobrimento, e Marcos de Azevedo, que morreo em huma prisão na Cidade da Bahia, sem revelar o lugar, em que a tinha encontrado, assim o affiançava.

Ferro, se encontra em abundancia quasi em todos os lugares da Capitania, principalmente na repartição do Norte, e já por vezes José da Maya o tem extrahido em pequenas fundiçoens, e juntamente aço.

Estanho, se diz, que foi encontrado nas visinhanças do Corumbá, de que hum Caldeireiro fizera alguns pratos, e não he de presumir, que o houvesse só naquelle lugar.

Chumbo, ouvi dizer ao falecido Coronel José Manoel da Silva e Oliveira, que havia em abundancia nesta Capitania, mas não revelou o lugar das suas minas.

Diamantes, se encontrão no Rio Claro limpissimos, e em Lavras da Barra, e em outros lugares se encontrão os Cativos, que são infalivel indicio desta preciosidade.

Rubins, appareceo hum em Portugal, que se dizia extrahido, ou encontrado entre Santa Cruz,

e Corumbá, e sendo procurados por Ordem Regia de 15 de Dezembro de 1781, se não encontrarão.

Ametistas, se tem encontrado a hum lado da estrada de S. Paulo, no lugar das Furnas, e eu vi hum grupo dellas lindissimo, formadas no interior de huma pedra na apparencia bruta, que o acaso fez quebrar, ficando como em huma concha, em cujo interior estavão como apinhadas, e faceadas por natureza.

Cristaes brancos, amarellos, mais ou menos escuros, e alguns verdes, se encontrão no Morro dos Cristaes, nas Furnas, e em lugares da Serra Dourada.

Agathas se achão em huma Ilha, que está no Rio Grande junto á passagem de S. Paulo, de que já no Rio de Janeiro se tem feito caixas de tabaco, e he provavel, que tambem se achem no mesmo Rio.

Amianto, ou pedra incombustivel, se encontrou d'antes nas *Lavras* da Barra do Capitão José Ribeiro da Fonceca.

Pedra do Narigão: dou este nome a certas pedras, que se encontrão no lugar deste nome na estrada velha de Meia Ponte, que tem no interior certos veios grossos, e negros, que se separão, tão rijos, que cortão o vidro como o diamante.

Granadas, ainda que pequenas, se tem encontrado em Lavras de Santa Cruz, e nos Sertoens de S. Domingos.

Iman, ha em abundancia no Districto de Pilloens, junto ao Morro do Tuba.

Pedras elasticas, ou melhor flexiveis, se encontrão junto a Meia Ponte, que por vezes forão pedidas de Portugal, as quaes se curvão, até ficarem em semicirculo, e depois se tornão rectas. Os moradores se servem dellas para fornos de fazer farinha.

Pedras de afiar, se achão na Barra da Palma,

Arrayas, Trahiras, e em varias partes, tão finas como as do Norte.

Pederneiras de espingarda, se achão em abundancia nos ditos Arrayaes, e tambem junto á Contagem da Extrema, na Serra de Miguel Ignacio, e de boa qualidade.

Pedras de toque, em quasi todas as Lavras, e muitas em Rio Claro.

Alumen, se presume haver na Gruta do Ourofino.

Salitre, se extrahe em muitos lugares da Capitania.

Salgema em abundancia nas Sallinas.

Itans, certas conchas, que se crião nas alagôas do Paraná, e as maiores são as da Barra da Palma, que tem hum palmo de diametro com a mesma côr, e lustro da Madreperola, de que se tem feito excellentes marchetados, e tambem colheres.

Malacaxetas, mais limpas, e maiores, que as de Veneza, e de Allemanha, que já forão pedidas para lanternas das Nãos, e que suprem a falta do vidro para as janellas, as ha em o districto de Trahiras: e já vi sobre ellas applicado o aço, e formado hum espelho, que tinha a vantagem de se não quebrar.

Arvore de papel, de que os Asiaticos o fórmão, que lhe dão o nome de Moreira, ha na Serra Dourada.

Pedras Metalicas, Pyrites, tanto Agirites, que tem a côr de prata, como Chrisistes, que tem côr de Ouro, em todas as Lavras principalmente do Maranhão.

Poaya, em todos os campos, e ainda nos desta Villa.

Quina branca em todos os campos, de que se servem nas suas enfermidades os Camponeos, e lhe achão as mesmas virtudes da Casca Peruviana.

Herva do Paraguaya, que faz hum Commercio

lucroso entre os Americanos Hespanhoes, nas visinhanças da roça do Neiva, na Barra, e no Desemboque.

Rhaa, de que se extrahe o sangue de Drago, em muitos lugares.

Pireto, he muito vulgar.

Ruibarbaro da terra, assim chamão a certa raiz, de que ha abundancia, e que tem a mesma virtude do Ruibarbaro da India.

Cupaiba, oleo que he de tanta virtude na Medicina, em todas as matas se encontrão Arvores, que o produzem.

Manà se tem encontrado em certa planta silvestre, com a mesma virtude purgativa.

Balsamo, encontrão-se as suas arvores principalmente no Districto de Santa Luzia.

Sene, em todos os campos.

Baonilha, nas margens, e em abundancia no Sertão de Amaro Leite, que só he aproveitada pelos passaros, e Macacos.

Sarsa Parrilha em todos os campos.

Indigo nasce espontaneamente, e de differentes qualidades.

Insenso, foi encontrada a sua arvore no Morro do Feixo d'Anta.

Rezinas, e gommas differentes, e de boa qualidade, que se podem empregar em vernizes, e outros usos.

Campeche, no districto de Pilloens, e outros muitos páos, de que se podem extrahir tintas, de que se não sabem os fixantes.

Nos campos do Arrayal de Santa Rita, d'Anta, e nos Sertoens do Norte, se encontra certa aranha, que fabrica huma têa mais forte que a ordinaria, de cor gemmada, e que tem o mesmo lustro da seda.

Estrada do Nascente, e legoas de Povoação a Povoação.

		Legoas.
Da Villa ao Ferreiro.		1
Ao Ouro-fino.		2
Ao Corrego de Jeraguá.		15
A Meia Ponte.		8
A Santo Antonio de Montes Claros.		13½
A Santa Luzia.		9
A S. Bartholomeu, Contagem.		5
A Arrependidos, Registro.		9
	são	62½

Estrada do Sul.

Da Villa a Meia Ponte.		26
A Bom Fim.		18
A Santa Cruz.		15
Ao Rio das Pedras,	Aldêa.	35
Ao Pissarrão	dita.	4
A Santa Anna	dita.	6
Ao Rio das Velhas,	Registro.	1
Ao Lanhoso, Aldêa.		12
Ao Rio Grande.		10
		127

Estrada do Norte.

Da Villa a Barra.	5
A Anta.	8
A Santa Rita.	3
A Thesouras.	10
A Crixá.	10
A Goarinos.	6
A Pillar.	3
A Lavrinhas.	7
A Agoa-quente.	9
A Cocal.	4

Transporte.	65
A Trahiras.	4
A S. José.	$1\frac{1}{2}$
A Cachoeira.	3
A Santa Rita.	$1\frac{1}{2}$
A Cavalcante.	22
A Arrayas.	20
A Conceição.	17
Ao Principe.	10
A Natividade.	5
A Chapada.	2
Ao Carmo.	22
Ao Porto Real.	6
Ao Pontal.	3
A S. João das Duas Barras.	100
	282

Estrada da Bahia.

A Meia Ponte.	26
Ao Rasgão.	3
A Severina.	4
A Guarirobas.	4
A S. João das Tres Barras.	$6\frac{1}{2}$
Ao Mestre de Armas.	$2\frac{1}{2}$
Ao Sitio Novo.	$3\frac{1}{2}$
A Lagôa-fêa.	5
Ao Bezerra.	4
A S. Domingos.	$7\frac{1}{2}$
Ao Cruz.	$2\frac{1}{2}$
Ao Silva.	8
	$76\frac{1}{2}$

Estrada do Correio do Rio para o Gram Pará.

Do Rio de Janeiro a Arrependidos.	201
A Cavalcante.	40
Ao Porto Real.	78
	319

Estrada do Poente.

Da Villa a Pilloens.	18
Ao Rio Grande.	20
	38

Eis-aqui tudo o que a respeito de Goyaz pude descobrir no curto espaço de pouco mais de dous mezes, no meio da confuzão, em que estavão estas noticias; e nem devo duvidar, que, apesar da minha deligencia, em alguns pontos me falte a exacção. Mas quem reflectir, que não sahi da Capital, que não entrei na Secretaria, e nos Archivos, que dezejava, e que apenas mendiguei noticias, dos que viajavão com os olhos menos fechados, de Livros de alguns Cartorios, e papeis, que sem critica existião em differentes mãos particulares, conhecerá o trabalho, que tive; que fiz, quanto me foi possivel, e que assim mesmo talvez sirva ao Publico, estimulando a outros mais habeis para escreverem a este respeito.

Mas isto mesmo, que encontrei, he quanto basta, para fazer conhecer a vantajosa situação de Goyaz, que ainda mesmo na maior decadencia, em que se considera, e a que differentes motivos derão principio, tem proporçoens para se levantar, para resurgir, logo que se possão applicar a seu beneficio os Paternaes cuidados do Principe Regente, Nosso Senhor.

E que quadro tão brilhante se apresenta agora á minha imaginação! Eu vejo reduzidos á sociedade

civil tantos milhoens de habitantes selvagens, que nos rodeão, tornados em Cidadãos uteis, e laboriosos; vejo povoadas as margens de tantos Rios navegaveis, girando por todas as partes as Embarcaçoens com as produçoens do Paiz, e ao mesmo tempo empregadas as agoas em mover pesadas Maquinas, que poupem o trabalho dos homens: vejo adiantadas as Artes, e as Sciencias, promovida a industria, animado o Commercio; penetrados os Sertoens, e descobertas as suas preciosidades: vejo marchar de hum passo igual a Agricultura, e a Mineração; cobertas de rebanhos as campinas; coroados de vinhas os Oiteiros; crescerem as Povoaçoens; fundarem-se Cidades. He verdade, que para tudo isto he preciso tempo, são precisos dispendiosos sacrificios; mas nada he impossivel. Os grandes Reinos tiverão o seu principio em pequenas Sociedades: em dous homens principiou a população do Universo.

Nós temos a vantagem de vermos fundada no nosso Continente a Côrte do mais Piedoso, mais Justo Principe do Universo: temos quem promova os nossos interesses, e represente as nossas necessidades; logo que das espadas se possão forjar arados, e que se restabeleça a paz; logo que as Sabias Providencias do Principe Regente Nosso Senhor de mais perto attendão ás nossas necessidades, Goyaz florecerá, augmentará o esplendor do Throno, e se tornará a mais brilhante porção dos Dominios Portuguezes. Villa Bôa 30 de Setembro de 1812.

TOPOGRAFIA.

Conclusão das Reflexoens sobre as notas do Roteiro do Maranhão, &c.

CAPITULO 13.

Em que se mostra como no Maranhão se verificão os principios estabelecidos, e como he interecsante á mesma Capitania a execução do projecto.

§. 125. SEndo excellentes todas as terras da Capitania do Maranhão, e sendo manifesto que as do Miarim e Cumá são sem controversia as melhores, vê-se que a povoação e cultura se tem adiantado, e estendido mais pela parte de l'Est, desviando-se do rio Itapucurú, desde a sua foz até a Freguezia de Pastos Bons, por entre os dois rios Itapucurú e Parnaiba, e buscando-se ao Norte a costa do mar; sertão, em que se comprehendem os rios Iguará, Preá, Preguiça, e Tutoya, e todas as freguezias, que por esta parte bordão o rio Parnaiba; e que pela parte do Sul, correndo-se do rio Itapurucú ao Oeste pelos Perizes, Pindaré, Miarim, Maracú, e Cumá, pouco passa a povoação da costa do mar; e apenas mais se dilata para o interior pelas margens do rio Miarim com algumas fazendas, buscando a povoação dos Gamellos.

§. 126. Vê-se que da parte de l'Est rodeião a Capitania do Maranhão as freguezias de Pastos Bons, Aldeias Altas, e as mais, que estão sobre o rio Parnaiba, descendo á foz, o qual separa a dita Capitania do Piauhi, que tambem a rodeia pela mesma parte.

E que pela parte do Sul, buscando do rio Itapucurú a Oest, a que chamaremos parte de Oest, não ha povoação alguma interior, e he o

Sertão, que vai terminar a Goyaz, e dá lugar ao projecto.

§. 127. Não havendo pois outra razão, a que se possa attribuir a maior extensão da povoação pela parte de l'Est, que não seja a existencia das ditas freguezias de Pastos Bons, Aldeias Altas, e das mais, que descem até a foz do Rio Parnaiba, com povoaçoens do interior da mesma Capitania do Maranhão, a que são sujeitas: a dependencia, em que estão para della receberem os panos de algodão, as manufacturas, e mais generos da Metropole: o mesmo Commercio, que o Maranhão por ellas faz com a Capitania do Piauhi, e terras novas de Goyaz: o commercio, que nos gados das ditas freguezias faz tambem o Maranhão, por terra, e pelo rio Parnaiba, com as Capitanias da Bahia, e Rio de Janeiro; commercio, que traz ao Maranhão por equivalente dos ditos gados o dinheiro do Brazil; não havendo pois (digo) outra razão além das referidas, fica evidente que por esta parte se verifica no Maranhão o principio estabelecido que as *povoaçoens do interior, sendo dependentes das Capitanias da Marinha, e tendo com ellas communicação, concorrem para o augmento tanto intensivo, como extensivo, da povoação e cultura das Capitanias da Marinha.*

§. 128. Não havendo tambem pela parte de Oest razão alguma para não ter passado a povoação e cultura das visinhanças da costa, que não seja a falta de povoaçoens no interior, e communicação por ellas com as outras Capitanias, he evidente que se verifica tambem por esta parte no Maranhão o principio: *que sem esta communicação, e commercio com as Capitanias e povoaçoens do interior, não excederião as Capitanias da Marinha na povoação e cultura a certos limites.*

§. 129. Do que acabamos de mostrar segue-se claramente: que o Maranhão pela parte de l'Est

póde com dobrada força augmentar a sua povoação e cultura: porque concorre não só com as suas proprias faculdades, mas com as alheias, que são as que partecipa das Capitanias do Piauhi, Goyaz, Bahia, e Rio de Janeiro.

Póde utilisar a Metropole, não só com os generos, que se costumão a ella exportar, mas com o dinheiro, que recebe das Capitanias do Piauhi e Goyaz, a troco dos seus panos de algodão, das manufacturas, e mais generos da Metropole, e com o dinheiro, que recebe da Bahia e Rio de Janeiro a troco dos seus gados, generos que não exporta a Metropole.

§. 130. Segue-se tambem que pela parte de Oest, nem a Capitania do Maranhão, nem a Metropole podem ter iguaes interesses aos que temos ponderado, tanto porque a povoação e cultura não podem ser augmentadas com forças alheias, como porque os generos, que produz, além dos que exporta a Metropole, não podem exceder ao necessario para a sua subsistencia, porque não póde por elles receber equivalente de fóra.

§. 131. Os factos, que passamos a referir, confirmão em parte o que acabamos de dizer. No anno de 1767 para 68, principiando a Capitania do Pará a sentir grande dificuldade na sua subsistencia pela falta de gados, procurou remedia-la, introduzindo-os do Maranhão e Piauhi, tanto por terra, como por mar; e parecendo ambas estas vias difficultosas (1); foi mais facil que hum negociante da

---

(1) Difficultosa a de terra, porque entrando-se nella do Maranhão nos campos do Maracú, além de ser preciso atravessar toda a matta, que corre até o rio Guamá, sem mais povoaçoens que a do Toriacú, ultima do Maranhão, Gorupi, primeira do Pará, e Porto Grande sobre o mesmo rio Gua-

Villa de S. João da Parnaiba intentasse a mais arriscada, e com a perda de huma embarcação sua

---

má, e além de ser necessario descer pelo dito rio, e transportar quasi tres dias os gados em canoas, para chegar á Cidade, he nos mezes de inverno inteiramente impraticavel, tanto pelo consideravel numero de rios, que se atravessão, os quaes ainda que de verão não embaracem a passagem, não a admittem, quando vão cheios, e inundão as suas margens; como porque a estrada, nem se achava aberta, mas antes occupada com grandes troncos e arvores, que com os ventos e inundaçoens cahem da mesma matta que a cobre, nem poderião por ella passar numerosas boiadas sem experimentarem falta de pasto na mesma estrada, nas margens do rio Guamá, e nos suburbios da Cidade, onde de necessidade se havião deter, em quanto se transportassem, ou em quanto não entrassem no talho; sendo impossivel o poder-se de tal modo regular a introducção das boiadas, que em huma ou outra parte não tivessem de parar.

Difficultosa a do mar; porque, ainda que as sumacas, em que se faz o transporte das carnes secas, como embarcaçoens de maior bordo, não podião fazer a mesma navegação, que terra a terra fazem as canoas do Maranhão para o Pará; e sahindo do porto da Parnaiba principiarião logo por montar ao largo a coroa grande, e todos os mais baixos, que, como se sabe, defendem esta costa; com tudo não se apresentava esta viagem para o Pará tão difficultosa, porque he favorecida dos ventos e correntes das agoas, como se representava a tornaviagem, para a qual julgavão necessario hir primeiro buscar a altura de doz grãos ao Norte da Linha, para poder vencer os ditos baixos sempre com ventos e agoas contrarias.

chegasse depois a introduzir no Pará gados, tanto do Piauhi, como da parte de l'Est do Maranhão, que no Maranhão se consentisse que pela via de terra se extrahissem os gados da parte de Oest, vendo-se prudentemente que o Maranhão por esta parte não soccorreria ao Pará, sem se reduzir á mesma falta. Falta que, sem huma boa direcção, não deixa muitas vezes de acontecer, naquelles generos comestiveis do paiz, até o excesso de ver perecer á fome muitos individuos; não sendo a causa desta miseravel consternação outra que não fosse o desprezo, que imprudentemente havião feito os agricul-

f

Evaristo Rodrigues, natural de Pernambuco, foi mandado do Pará abrir a estrada de terra, e introduzir por ella gados, como tinha promettido; com effeito depois de a desembaraçar dos troncos e arvoredos, chegou a introduzir algumas rezes creadas da parte de l'Est do Maranhão, a que se seguirão outras da Capitania do Piauhi, mas como subsistem todos os mais obstaculos das inundaçoens e falta de porto, e subsistirão de novo tambem os mesmos, que elle moveu, pela facilidade, com que costumão cahir das matas as mesmas arvores e madeiros, nunca esta estrada se fará praticavel em quanto a dita matta não for por toda ella povoada.

João Paulo Diniz, negociante da Villa de S. João da Parnaiba foi o que primeiro se attreveo á viagem do mar com infeliz successo, porque perdeu huma embarcação sua com toda a carga, perda, que chegaria a vinte mil cruzadas. A elle se seguio o Piloto Francisco Carvalho, o qual foi tão feliz, que não passando na torna-viagem da altura de dois grãos ao Norte da Linha, se achou com dezesete dias de navegação defronte da barra do rio Parnaiba, tendo sempre tido ventos de servir, e vencido com bordos a corrente.

teres da cultura dos ditos generos, para haverem em maior quantidade aquelles, em que commerceião com a Metropole.

§. 132. Sendo pois a falta de povoaçoens no interior do paiz dependentes do Maranhão, que o rodeiem pela parte de Oest, e tenhão commercio com as outras Capitanias, o principio, porque o Maranhão não tem por ella as vantagens da parte de l'Est, e sendo a materia do exposto projecto o estabelecimento das mesmas povoaçoens, fica tambem evidente que da execução do mesmo projecto dependem não só os interesses, que nella ponderámos, mas tambem ter o Maranhão pela parte de Oest todas as vantagens, que tem pela parte de l'Est, e tirar com ellas a Metropole muito maiores utilidades.

CAPITULO 14.

Em que se mostra como na Capitania do Pará se verificavão os principios estabelecidos, antes do captiveiro dos Indios, e da administração temporal, que nelles exercitavão os Regulares.

§. 133. A Capitania do Pará he notavel entre todas as outras Capitanias, assim por muitos e grandes rios, que a regão e fertilisão, como pela variedade dos preciosos e particulares generos, em que abunda. Posta pela Natureza nesta admiravel disposição, ella parece que podia levar a sua povoação e cultura mais adiante que todas as outras Capitanias; mas não tendo este sido o successo, para della fallarmos com os principios estabelecidos, veremos primeiro, em quanto nos for necessario, a situação, a origem, e estado da mesma povoação e cultura.

§. 134. Lançando pois a esse fim os olhos por toda a vasta extensão do seu paiz, todas as povoa-

çoens, que nelle se descobrem, estão postas á borda dos rios, e pela maior parte distantes entre si. O Paiz, que resta, ou he habitado de naçoens silvestres, ou inteiramente despovoado e inculto.

§. 135. As povoaçoens, que vemos mais apartadas da Capital, são todas de Indios naturaes do paiz, os quaes vierão á nossa sujeição, ou conservando-se nos mesmos lugares, em que forão conquistados, ou mudando-se para aquelles, que mais agradarão aos seus conquistadores.

As povoaçoens, que vemos mais chegadas á Capital, são aquellas, em que vivem, e entre as quaes se estabelecerão os brancos, ou os que não são Indios legitimos.

§. 136. A sua cultura poderia ser de todas as producçoens do Brazil; porque de todas he capaz o seu fertilissimo terreno, mas os seus habitantes, applicando-se mais a cultivar, e a extrahir os generos, que lhe são particulares, apenas cultivão dos outros o que julgão necessario para a sua subsistencia.

§. 137. A extracção dos generos e drogas, que a natureza produz sem os auxilios da agricultura, a que chamão commercio do sertão, fazião antigamente os brancos, ou mandando canôas ao sertão remadas por Indios, extrahindo com elles os mesmos generos e drogas, ou havendo pelas povoaçoens as que os Indios ja tinhão extrahido a troco de quinquilharias, e outras mercadorias pouco importantes. Este era ordinariamente o commercio dos Missionarios, e daquelles que merecião o seu favor, e he talvez ainda hoje em parte, a pezar de toda a vigilancia, dos Directores, Vigarios, e seus favorecidos.

§. 138 De duas maneiras se podem considerar as ditas povoaçoens, ou cada huma por si separadamente, ou todas juntas constituindo o corpo da Capitania.

Se todas estas povoaçoens, assim dispersas, separadas, e postas sobre as margens dos grandes

rios, considerar-mos como outras tantas povoaçoens da Marinha, posto que unidas na sua Capital, com a qual se communicão pela navegação, vendo-se por huma parte que ellas não passão das visinhanças dos seus portos, bem se póde dizer que por isso era tenue a sua cultura, e não se estendia para o interior, porque nelle faltavão ontras povoaçoens, que fossem delles dependentes, e tivessem com ellas communicação, e que desta sorte se verificava nellas o principio que as Capitanias da Marinha não tendo communicação com as Capitanias do interior, não passaria a sua povoação, e cultura de certos limites, e dentro dos mesmos limites não serião bem povoadas; mas vendo por outra parte que as ditas povoaçoens em si mesmo não tinhão ainda chegado a aquelles limites, a que poderião chegar independentes das povoaçoens do interior, limites, que se regularião pelo valor, que tivessem as suas producçoens, quer nos portos respectivos, ou na Capital relative á Metropole, como ja estabelecemos por principios, dos quaes deduzimos o que acabamos de ponderar, de necessidade devemos conceder que nestas povoaçoens houve outra razão, ou vicio, que obstasse ao seu augmento, tanto intensivo como extensivo.

§. 139. Considerando-se porém as mesmas povoaçoens como partes, que constituem unidas a Capitania do Pará; pelo que temos dito ja sabemos que ellas não forão todas povoadas com gente, que de fóra concorresse, mas que a maior parte foi estabelecida com gente, que ja existia no mesmo paiz, o qual por beneficio da navegação dos seus rios póde ser penetrado, os seus habitantes, com mais facilidade do que aconteceu nas outras Capitanias, procurados nas suas mesmas habitaçoens, conquistados, e reduzidos á nossa sujeição.

Separemos na mesma Capitania esta parte dos habitantes ja existentes, a que chamaremos parte

da conquista, da parte que nella entrou de fóra, a que chamaremos da Colonia, e vejamos o estado, em que huma e outra se achava, tanto na povoação como na cultura.

§. 140. Por hum argumento tirado das outras Capitanias, nas quaes havendo muitos Indios sem comprehender-mos a multidão, que se extinguio a ferro e a fogo, a parte conquistada, sendo muito consideravel, se foi anniquilando, e se acha hoje em algumas quasi extinta, bem nos deviamos persuadir qual seria o seu estado na Capitania do Pará á proporção da sua antiguidade, sendo quasi o mesmo paiz, os mesmos conquistadores e conquistados; nós temos porém decisão positiva, e pela qual devemos estar: as leis, que temos havido sobre este objecto, claramente nos instruem que tanto esta parte da conquista não se achava augmentada, que ella se via no numero dos individuos muito decadente daquelle estado, em que tinha vindo á nossa sujeição.

§. 141. As mesmas leis nos dão tambem a conhecer, pelo que respeita a esta parte da conquista, a razão ou o vicio, que na combinação, que acabamos de fazer, tomando a cada huma das povoaçoens sobre si, concedemos ter havido, e de tal sorte nos prescrevem os meios para o podermos delles apartar, que nós veriamos como de novo crescer o numero de individuos, e florecerem as povoaçoens, se na execução das mesmas leis apparecesse a actividade, a prudencia, a probidade, o zello e desinteresse, que ellas requerem, e que nestes nossos felizes tempos encontrando-se com frequencia nos Governadores, muito raras vezes se achão nos Directores, e Vigarios das mesmas povoaçoens.

§. 142. Passemos á parte da Colonia. Mallograda a boa disposição, que temos ponderado na fertilidade desta Capitania, na preciosidade, abundancia, e especialidade dos seus generos, em muitas e largas estradas, que se vião abertas, nos

grandes rios, para com a facilidade, que permitte a navegação, penetrar-se o paiz, e conquistarem-se as naçoens silvestres, servindo-se delles os conquistadores na mesma navegação, na acquisição e conducção dos generos, com todas estas vantagens, achava-se a sua povoação e cultura em tal estado, que apenas se podia comparar ás Capitanias do Espirito Santo, Porto Seguro e Ilheos.

§. 143 A Capitania do Pará, ainda que foi descoberta pelo interior do paiz, e conquistada com os auxilios das Capitanias do Brazil, tinha-se posto dellas em total separação, communicando-se só com a Metropole. Nestas circunstancias he evidente que esta parte da Colonia, pelo que respeita á povoação, não podia ter augmento, sem que este proviesse, ou directamente da Metropole, ou da alliança com a parte da conquista; não tendo pois sido consideravel, como he notorio, a concurrencia da Metropole; tambem não poderião ser os cazamentos, com a parte da conquista, unico meio desta alliança, e muito mais quando se sabe que a parte da Colonia vio sempre com tal desprezo a da conquista, que toda a mistura, em que ella ultimamente se poz, nasceu nos primeiros tempos culpavelmente do acaso, e sem as benção do matrimonio.

§. 144. Do pouco progresso, que acabamos de mostrar na parte da Colonia, e da decadencia, em que as leis nos confirmão a parte da conquista, tirariamos agora por infallivel consequencia que a cultura desta Capitania, não fazia grandes avanços. Esta conclusão, posto que seja verdadeira, não chega a dar huma justa idéa do miseravel estado da cultura. Para o conhecermos ainda mais miseravel unamos estas duas partes, que vimos separadas, e formalisemos o corpo da Capitania com a parte da conquista, que em todas as suas obras lhe servio sempre de braços.

§. 145. Nos principios desta Capitania, em

quanto os seus conquistadores e povoadores, conservando as idéas, que tinhão adquirido na cultura das Capitanias do Brazil, não só fazião lavouras dos generos comestiveis, mas levantavão engenhos de assucar; chegarão a ter nestes effeitos mais do necessario para a sua subsistencia; tanto porém que faltou a concurrencia das ditas Capitanias do Brazil, obscurecendo-se as idéas, com que tinhão principiado, familiarizarão-se a viver quasi á maneira dos mesmos Indios.

A caça e a pesca fez o principal da sua subsistencia, e os effeitos da cultura entravão nella como accessorio.

§. 146. Além de ser a caça contingente, e fazer-se cada dia mais custosa, porque se vai cada dia affugentando e extinguindo (1): além de ser tambem a pesca contingente pelas mesmas razoens; e por muitos outros acontecimentos, que resultão da inconstancia do tempo, ella he nesta Capitania muitas vezes infructifera, entretendo inutilmente o tempo, como he ordinario, á cana, á flexa, á fisga, e com outros semelhantes inventos; sendo certo que feita com mais industria póde construir hum ramo de commercio (2). Applicados os habitantes destas

---

(1) Isto he tão evidente que hum dos signaes para em qualquer sertão se conhecer que habitão naçoens silvestres he a falta que se encontra de caça, tanto quadrupede, como volatil, e ainda mesmo dos insectos, porque tudo devorão, e de tudo se mantem.

(2) A pesca das tartarugas he a mais proveitosa: ella faz a nutrição dos habitantes das margens do rio Negro, e dos outros rios, em que ha dellas abundancia. Os Indios as pescão, ou cação, estando occultos até que ellas saião d'agua, e venhão a pôr em covas, que fazem na areia, os seus ovos: então

Capitanias a estes exercicios já quasi por costume; e incitados pelo recreio, que nelles achão nos dias de fortuna, antes se querião expor a todas as contingencias, e remedia-las com o uso das raizes e fructos silvestres, do que segurar pelo trabalho da cultura huma melhor subsistencia. Eis-aqui neste barbaro modo de subsistir nova razão para conhecermos ainda mais atrazados os avanços da cultura.

§. 147. Os generos e drogas, que a natureza liberalmente produz nos sertoens desta Capitania, sem os auxilios da industria, sendo huma das suas mais consideraveis vantagens, forão tambem no modo, com que se adquirirão, outra nova razão para nos confirmarmos no mesmo conhecimento.

As canôas, que fazião a extracção, ou commercio destas admiraveis producçoens, sahião quasi todas da Capital, servidas e navegadas por Indios

---

correm a ellas, e a toda a pressa as vão pondo immoveis, virando-as com o casco superior para baixo. Isto a que os Indios chamão viração, he perigoso fazer-se, porque as extremidades dos cascos na carreira, com que fogem as tartarugas, se tocão as pernas com as mãos, he golpe certo; o que evitão facilmente os Indios, virando-as com os remos das canôas, que são accommodados a isso, por terem a figura das pás de tirar a terra, com a superficie da parte larga plana por huma e outra face. Postas assim immoveis as tartarugas, as conduzem depois com muito socego ás canôas, e nellas as levão para as suas povoaçoens, onde as conservão em curraes em quanto as vão comendo.

As tartarugas não chocão os seus ovos: depois de os cobrirem com areia, os deixão. He admiravel ver como esta criação se explica com o calor do Sol; e como estando em estado perfeito, rompe a areia, que a cobre, e vai logo como a fugir metter-se n'agoa.

os unicos capazes deste trabalho, tanto pela experiencia, que tinhão da navegação, como pelo conhecimento das mattas dos mesmos generos, e lugares, em que ellas se produzião.

Estas canoas, ou hião logo providas de mantimentos necessarios, e affiançadas, ou delles se provião em algumas povoaçoens de Indios a troca de quinquilharias e outras mercadorias de pouco valor, e algumas inuteis e prejudiciaes, como o tabaco e as agoardentes. O nosso equivalente recebião tambem os Indios, que não erão escravos, pelo trabalho desta extracção, ou por aquella porção de generos, que lhes vinha a pertencer, segundo os ajustes com a parte da Colonia, por quem se fazia este Commercio.

Indo as canoas providas do necessario, e afiançadas tambem na caça, e na pesca, passavão sem tomar os portos de muitas povoaçoens, e humas vezes por não precisarem dos seus generos, outras por lhes serem defendidos pelos Missionarios. Feita a extracção, em que se gastava grande parte do anno, erão os generos conduzidos á Capital, e nella guardados até se exportarem á Metropole.

§. 148. Do que acabamos de expor vê-se que a acquisição dos generos, e drogas do sertão, era toda feita com o trabalho da parte da conquista, e só dirigida pela parte da Colonia.

Vê-se que o equivalente tanto deste trabalho, como dos poucos effeitos commutaveis da cultura pertencente á parte da conquista, era insignificante.

Vê-se que ainda deste insignificante equivalente não se aproveitavão aquellas povoaçoens, a que não apportavão as canoas.

Vê-se ultimamente que na mesma acquisição se

Os Indios se utilisão tambem dos ovos, e fazem delles manteiga, que serve de condimento ás suas iguarias, e de azeite, com que se allumião.

consumia grande parte do anno, e que os generos adquiridos não tinhão consumo na Capitania, e erão exportados á Metropole.

§. 149. Não entrando pois nesta acquisição mais do que as partes já existentes da conquista, e colonia, nem tendo as canoas necessidade de apportar a todas as povoaçoens, e consumir os effeitos da sua cultura, segue-se que por influxo desta acquisição nunca se levantarião novas povoaçoens, nem haverião todas as que existem remotas da Capital, se não fossem, como ponderámos, outros os principios dos seus estabelecimentos. Eis-aqui outra nova razão para conhecermos como na causa retardados os avanços da cultura.

§. 150. Consumindo-se na mesma acquisição dos generos grande parte do anno; não tendo elles consummo nesta Capitania, e sendo exportados á Metropole; segue-se que a cultura perdia todo o tempo, que se empregava na dita acquisição, e só poderia nella influir com o equivalente dos generos, e do tempo, que consumia.

Sendo pois o equivalente, que recebia a parte da conquista, tanto do tempo como dos generos, que adquiria e cultivava, não só insignificante mas muitas vezes inutil e prejudicial; segue-se que nem ella tirava deste equivalente a sua subsistencia, nem elle lhe dava forças para poder augmentar a cultura, mas antes a diminuia com o tempo, que se perdia. Ora se ajuntassemos tambem que a parte da conquista era a mais numerosa nesta Capitania, que novas razoens não se acharião para conhecermos os poucos avanços, que teria feito a cultura?

§. 151. A parte da conquista, tanto neste commercio do sertão, como em todas as outras applicaçoens, se houve sempre nesta Capitania á maneira daquellas maquinas, que paradas, ainda que não utilisão, conservão-se; mas tanto que se poem em movimento ellas vão arruinar-se, e nada do que

laborão lhes pertence. A parte da colonia parece seria aquella, que se aproveitaria na ruina da parte da conquista, e que, ainda que se não adiantasse na povoação, se adiantaria nos haveres. Esta inferencia não se verificou em geral, porque a maior parte dos seus individuos com os costumes dos Indios participava tambem da mesma sorte, porém ella foi evidente nos que tiverão a administração temporal dos Indios, ou o seu dominio, que era o mesmo.

§. 152. De quanto temos dito da povoação, ou cultura desta Capitania, vê-se concludentemente que nella a concorrencia dos habitantes de fóra era muito pouco consideravel; que o consumo dos generos comestiveis, não só era restricto á subsistencia, mas que dentro destes estreitos limites, se achava ainda mais restricto na causa, e, pelo diverso modo de subsistir, nos effeitos pelo insignificante equivalente do trabalho, e dos generos extrahidos e cultivados.

Sendo estes os principios do augmento da povoação e cultura, e não havendo pela separação, em que esta Capitania estava das outras, nem concorrencia dos habitantes consideravel, nem consummo significante do superfluo da subsistencia, como era necessario para que, tanto na povoação, como na cultura, houvesse augmento, fica evidente que na mesma Capitania se verificava o principio estabelecido, que sem huma reciproca communicação, e commercio com as Capitanias do interior, não passaria a povoação e cultura das Capitanias da Marinha de certos limites, e que dentro dos mesmos limites não serião tão bem povoadas.

CAPITULO 15.

Em que se mostra como na Capitania do Pará se verificão depois da extinção do captiveiro dos Indios, e mais se podem verificar, os principios estabelecidos; e como he interessante á mesma Capitania a execução do projecto.

§. 153. No estado, que acabamos de mostrar, se achava a Capitania do Pará até a feliz época da sua restauração, até o Alvará com força de Lei de 7 de Junho de 1755, que veio abolir a administração temporal, que tinhão os Regulares, nas povoaçoens dos Indios, ou para melhor dizermos, que veio tirar das mãos dos mesmos Regulares a principal parte do governo de toda a Capitania, porque sendo os Indios, como temos dito, os unicos braços deste corpo, todas as suas operaçoens pendião do concurso dos Regulares, que os dirigião, e que com mil affectados pretextos illudião a cada instante as ordens dos Governadores, apartando os Indios de tudo, que se oppunha aos seus illicitos e particulares interesses.

§. 154. Sem esta providencia, nenhum effeito teria a declaração, que se fez, da liberdade dos Indios, pela qual com simulado zelo clamavão os Regulares: não a fim de procurarem, como membros do Estado, as utilidades, que della se requerião, mas só a fim de sujeitarem tambem á sua administração aquella parte dos Indios, que della se achava desmembrada, e dominada pela parte da Colonia; persuadidos de que este era o meio de mais promoverem os seus ambiciosos interesses, e de conserva-la com diverso titulo na mais rigorosa escravidão. Assim manifestarão as declamaçoens, as praticas, e suggestoens, que contra a referida declaração da liberdade dos Indios fizerão os mesmos Regulares entre o resto da Colonia; logo que acaba-

rão de conhecer que elles não ficavão na condição pertendida.

§. 155. São bem dignas de reflexão as acertadas medidas, com que esta lei foi executada no meio de hum povo, que os Regulares, ainda dos lugares mais sagrados, tinhão excitado e movido, para verem della nascer a figura, que levantavão eminente da mais triste, e lastimosa pobreza: certos, pelo que com elles tinha em outro tempo acontecido, de que nenhum fantasma era capaz de espanta-lo, e metter em desordem.

§. 156. A notoria falta de humanidade, com que na nossa America são tratados os escravos, cria nelles huma tal aversão aos Senhorios, que muitas vezes se termina em horrorosos assassinios. He bem raro hum delicto destes, que não seja concebido na mesma causa. Desta aversão nasceu tambem a repugnancia, com que os Indios, que até aquelle tempo tinhão supportado o pezado jugo do cativeiro, se accommodavão a servir aquelles, dos quaes acabavão de ser escravos. Elles querião plenamente usar do ocio, de que são amigos, e sendo compellidos a servir, huns para logo desertavão, e outros subtrahindo-se ao trabalho, davão occasião a serem reprehendidos e admoestados por aquelles, que tinhão de lhes pagar os jornaes. Destas admoestaçoens e reprehensoens, feitas communmente com o tiranno ar, que a parte da Colonia conservava ainda de Senhora, se originavão as queixas, com que os Indios hião continuadamente aos Governadores.

§. 157. Sendo difficultoso alcançar a verdade em factos domesticos, que não podem ser attestados por pessoas imparciaes, não podião as decisoens das referidas queixas serem sempre as mais ajustadas, mas (ou justas ou injustas) ellas produzião alguns máos effeitos. Produzião nos Indios a facilidade de se subtrahirem ao trabalho, o orgulho,

com que respondião, quando erão increpados, e as ameaças, que fazião com o recurso aos Governadores; não conhecendo aquelles miseraveis, que ainda que elles merecessem huma especial protecção, nunca a poderia merecer a sua ociosidade; e muito mais quando não faltavão exemplos da justiça, com que alguns delles tinhão sido punidos. Produzião na parte da Colonia, que era a que lhes pagava os jornaes, precipitarem-se alguns com o orgulho dos Indios, e delictos, que terião talvez principiado justas e necessarias advertencias, e fugirem outros ainda mais orgulhosos de se aproveitarem do trabalho dos Indios, antepondo aos seus interesses o pundonor de não soffrerem as reprehençoens dos Governadores, a que elles chamavão descortezias, e ás quaes se sujeitarião pelas queixas dos Indios.

§. 158. Quem não vê que nestes, e outros maiores abusos e desordens, tinha maior parte a ignorancia dos Indios, e o máo animo, com que a parte da Colonia via a declaração da liberdade, do que as decisoens dos Governadores, as quaes não erão tão irregulares, que não tivessem por objecto hum fim virtuoso e politico: tal era defender, levantar e favorecer os miseraveis Indios opprimidos, tirannisados e abatidos: para, segundo o espirito da mesma declaração, promover com a sua elevação os interesses do Estado, fim que a parte da Colonia não podia ver, tão cega como ella estava da sua ambição, e costumada a tratar sempre os Indios como se forão feitos de huma rija e nova massa, a qual podia soffrer todos os tractos mais violentos, sem estalar, ou gemer.

§. 159. Quando da liberdade restituida aos Indios não se seguissem outras vantagens nas circunstancias de poder ficar a parte da Colonia utilisando-se do trabalho dos Indios por hum equivalente tão insignificante, como erão quatrocentos reis por mez,

os quaes apenas poderião chegar para se vestirem os Indios de algodão tecido no mesmo paiz, era pois esta restituição huma admiravel providencia, para que a parte dos Indios destinada a este serviço fosse tratada com mais humanidade, e tirasse do seu trabalho o necessario fisico á sua subsistencia, o qual, como por via de regra, impia e tirannamente lhes faltava, em quanto erão escravos.

§. 160. Com esta pratica entre nós desusada principiámos a ver promoverem-se os interesses do Estado, promovendo-se a felicidade dos Indios. E na verdade nós não tinhamos achado na nossa America o Imperio de Montezuma, os Reinos de Mocoacam, dos Incas, e as republicas de Tlascala, e Tlanala, e nem da Religião, nem das leis, nem dos costumes, nem das forças sempre desunidas dos nossos Indios, poderiamos receiar affectos, que os movessem a huma formal opposição, ou poder, que a sustentasse, para assim nos justificarmos do abatimento, em que os tinhamos posto. Principiamos a apartarmos das vulgares maximas, com que a Politica trata as conquistas, e a procurarmos fazer cidadãos daquelles, que até alli tinhão sido considerados no canto da plebe dominada e invilecida.

§. 161, O Directorio, que no anno de 1758 foi mandado observar nas Povoaçoens dos Indios do Pará e Maranhão, he huma evidente prova do que acabamos de dizer, e nós tirariamos delle ainda mais afortunadas consequencias na felicidade dos Indios, e interesses do Estado, se a falta, que já considerámos nos Directores, não detivesse os seus progressos. A jurisdição directiva, unica que compete aos Directores, tem passado a coactiva. Os Indios só no nome conservão o governo temporal das suas povoaçoens: a sua simplicidade vê-se continuadamente invadida e perplexa com as pretençoens, com que os Parocos e Directores querem

transgredir os limites do seu Ministerio; de sorte que, ou entre estes rivaes ha de apparecer huma indigna condescendencia em prejuiso dos interesses dos Indios, ou se ha de ver huma opposição escandalosa perturbadora da paz necessaria, para que floreção as povoaçoens, e inquietadora dos Governadores, que a deixão muitas vezes impunida pela falta, que experimentão de sujeitos habeis para exercerem os referidos Ministerios.

§. 162. Promovida a parte da Conquista, vio-se tambem promover a parte da Colonia de huma maneira bem accommodada ao seu genio costumado até então a dominar, e persuadido que a escravidão influia na cultura. Erigio-se a companhia geral do Commercio de todo o Estado, para que podesse introduzir nelle os escravos d'Africa, vende-los a credito, e receber o preço em generos do paiz: o que não se poderia esperar, posto este commercio em liberdade, tanto pela divisão do seu capital, como porque preferindo-se nelle os interesses particulares aos do Estado, procuraria cada hum dos commerciantes augmentar a parte, que tivesse no mesmo capital, de que muitos serião meros commissarios; e não se sujeitarião a conserva-la por largo tempo, como tem feito a companhia, parada em mãos alheias, exposta a mil contingencias.

§. 163. As utilidades, que desta providente obra se tem seguido, são bem manifestas. A povoação tem crescido tanto com a introducção dos escravos, como com a concorrencia de habitantes promovida da Metropole. O consumo, que nesta Capitania se faz hoje dos generos comestiveis cultivados, he dobrado: e elles faltarião ao menos pela ametade, assim como acontece a respeito dos gados, se pela ametade não tivesse tambem augmentado a cultura.

§. 164. Parecerá com tudo menos racionavel este calculo, vendo-se que a exportação annual,

que faz a Metropole, do cacáo desta Capitania, montara em outro tempo a setenta, e oitenta mil arrobas: e que no presente tem descido de quarenta. Para se conhecer que podia descer esta exportação, sem se diminuir a cultura, bastará saber-se que ainda que este genero tambem se cultiva, quasi todo o que se exporta he extrahido das mattas, onde, como já dissemos, a Natureza liberalmente o produz. Antes de descer a exportação melhor se poderia suppor augmentada a cultura, ou no mesmo genero, ou em outros; porque se poderião nella empregar os individuos, que faltassem á extracção, sendo porém esta a causa da decadencia da exportação, não he a do augmento da cultura.

§. 165. A extracção do cacáo e outros generos he toda feita com Indios, como tambem já dissemos. Os Indios, segundo o § 15 do Regimento das Missoens, e o §. 63 do Directorio, devem-se dividir em duas partes: huma para se conservar nas povoaçoens, occupar-se no serviço da Fazenda Real, e defeza do Estado: outra para se distribuir aos moradores, que della se servião, na cultura do paiz, e na extracção dos ditos generos: faltando pois a applicação, que se fazia desta segunda parte, pela diversão, que della se tem feito, para as obras da Cidade, do Macapá, expediçoens do Rio Negro, Matto Grosso, cortes de madeiras, e muitos outros objectos, que se tem multiplicado com as funçoens do Governo, que admiração póde causar que falte a exportação pela ametade, e que não seja esta a causa do augmento da cutura?

§. 166. He á introducção dos escravos que se deve o grande augmento, que tem tido esta Capitania na cultura dos generos comestiveis: elles não só chegão para sustentar a parte da povoação, que tem crescido com a mesma introducção, e com a concurrencia da Metropole, mas para sustentar a parte dos Indios tirada das suas povoaçoens, e

occupada nos referidos objectos do Governo. Augmento, que se fará ainda mais evidente a quem souber que todo o que tem tido a povoação menos costumado a viver da caça, e da pesca, procura alimentar-se dos generos cultivados; e quem souber tambem que destes mesmos subsidios da caça, e da pesca, não se podem utilisar os Indios occupados nos referidos objectos do Governo, como farião empregados na extracção dos generos.

§. 167. Ultimamente do que temos ponderado conheceremos agora qual seja a razão, porque á proporção das respectivas faculdades he maior a exportação, que a Metropole está fazendo dos generos cultivados no Maranhão, do que dos cultivados no Pará. O Maranhão póde-se dizer que só tem augmentado a sua povoação com a introducção dos escravos; o Pará a tem augmentado com os mesmos escravos, e com a numerosa concorrencia de habitantes da Metropole, a qual he sustentada pelo trabalho dos ditos escravos; e sendo com o mesmo trabalho tambem sustentada em grande parte a multidão de Indios apartada da cultura, he evidente que será no Pará maior o consummo dos generos cultivados do que no Maranhão, e que póde á proporção ser no Maranhão maior a quantidade do superfluo, que he o que se exporta, do que no Pará, sem nos persuadirmos pela exportação que o Maranhão tem feito maiores progressos na cultura do que tem feito o Pará.

§. 168. Em todo este Estado se tem augmentado a cultura, não só nos seus effeitos, como temos mostrado, mas na disposição de os procurar; quero dizer, no genio para a mesma cultura. Os habitantes, que se vião obrigados á satisfação dos escravos, que recebem a credito, apartarão de si a sua antiga ociosidade, e difficultosamente se encontra hoje hum só, que nestas circunstancias se não tenha tornado hum incansavel agricultor. Este he

sem duvida outro effeito bem admiravel da providente obra da Companhia. Effeito, que se comprova com a pessima ociosidade daquelles, que não são considerados pela mesma Companhia, dos quaes huns vivem errantes sem certa habitação; outros aggregando-se ás honestas familias, e importantes ao Estado, lhes servem quasi sempre de pezo, e discredito; e muitos em fim, tendo apenas levantado huma choça de palha, em que algumas vezes se mettem, a que dão o nome de caza, são reputados agricultores, sem que o Estado perceba os fructos das suas lavouras.

§. 169. Hum mappa geographico, civil, e economico de todo este Estado; no qual não só se notassem distintamente todas as povoaçoens, e moradas, mas se descrevesse com exactidão o numero e condição de cada hum dos habitantes, as suas occupaçoens e faculdades, tanto naturaes como adquiridas, seria huma boa prova do que acabamos de dizer; e se os Governadores ornassem com similhantes taboas os seus gabinetes, não para huma simples instrucção, mas para hirem nellas notando o que de novo acrescesse, ou faltasse, combinando a cada instante, não só em todo este corpo, mas em cada huma das partes, que o compoem, as forças preteritas com as presentes, ainda vendo-as muitas vezes augmentadas no todo, elles não se persuadirião ter satisfeito ao seu officio, em quanto não vissem que todas as referidas partes tinhão á proporção corrido para este augmento; elles se horrorisarião de ver o grande campo, que apparecia vazio com a perda de hum deligente e abundante agricultor; e ao mesmo tempo se contristarão tambem de ver que persistião neste corpo, ameaçando maior ruina as aberturas, que elles tinhão a seu cargo encher como material dos ociosos.

§. 170. Para mais promover-se tanto a parte da Conquista, como a da Colonia, passou-se a estabe-

lecer novas povoaçoens; taes são as do Rio Negro, e da parte do Norte. Tendo-se com todas as referidas providencias augmentado, como temos dito, a povoação e cultura desta Capitania, poderemos por ventura esperar que ella faça iguaes progressos ao Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, e Maranhão pela parte de l' Est? Poderia acontecer, se a concorrencia dos habitantes da Metropole, e introducção de escravos de Africa, fosse igualmente continua, e numerosa; sendo porém impraticavel esta continuação, para a qual he preciso forcejar, nunca esta Capitania se poderá considerar em igual disposição, emquanto, além do immediato concurso da Metropole, ella por si mesma voluntaria e insensivelmente não augmentar a sua povoação, e cultura; porque de outra maneira, tanto que cessar a concorrencia da Metropole, e se diminuir a introducção dos escravos, he evidente que não só se deteráõ os progressos da povoação, e cultura, mas que desceráõ do estado, em que estiverem. Só restaria para sustenta-los a propagação. Em que parte nascente da nossa America não foi sempre maior a concorrencia do que a propagação? Os fructos humanos são tardios, e serião necessarios quinze e dezeseis annos para que elles principiassem a encher os vasios, que em todo esse tempo tivessem feito os estragos da morte. A fecundidade e benignidade do Paiz admittem nesta parte o calculo mais favoravel; mas como poderia elle sahir vantajoso sem se promoverem os cazamentos, tanto da parte da Colonia dominante, como da dominada.

§. 171. Esta disposição, que temos ponderado, e que falta em toda esta Capitania, falta tambem nas suas partes, ou novas povoaçoens. Cessando nellas o immediato concurso da Capital, veremos pararem, e mesmo diminuírem-se os seus progressos, principalmente n'aquellas, que ficarem mais remotas; porque produzindo-se nellas os mesmos gene-

ros, que se produzem no resto da Capitania, pelos principios, que temos estabelecido e demonstrado, os seus habitantes as despovoarião insensivelmente, e virião fazer as mesmas lavouras mais proximas á Capital, para que sendo menor a distancia e despeza nas conduçoens dos generos, podessem delles tirar maiores interesses.

§. 172. E qual será pois esta feliz disposição, em que voluntaria e insensivelmente se possa augmentar a povoação e cultura desta Capitania, que não seja a que já fica demonstrada a respeito das outras Capitanias? Estabelecer huma reciproca dependencia e communicação com as Capitanias do interior. Só nesta disposição o Pará augmentará a sua povoação e cultura, pelo que respeita á parte da Colonia, não só com as suas proprias faculdades, quero dizer, com a concurrencia da Metropole, com a introducção dos escravos, e com a propagação, que de huma e outra resultar, mas tambem com as faculdades alheias, com a concorrencia dos habitantes, que a si atrahirá das outras Capitanias, e com o influxo dos generos, em que entre si commerciarem.

§. 273. A communicação, que vemos estabelecida com o Matto Grosso, tende a este fim; ella he importantissima; mas della não tirará o Pará todas as vantagens, em quanto todas as mercadorias da Metropole, que se consomem no Matto Grosso, não forem exportadas do Pará.

A communicação com Goyaz pelo Rio Tocantins, por onde já houve quem descesse, contribuirá para o mesmo fim; e esta communicação não será menos vantajosa que a primeira, porque se póde fazer em menos tempo; e porque abrirá o caminho a novos descobrimentos. Por ambas estas vias descerá ao Pará o ouro das Minas, a troco das mercadorias da Metropole, dos panos de algodão, assim dos que se fizerem no Pará, como dos

que actualmente se fazem no Maranhão. As Povoaçoens de Indios, postas á borda dos respectivos Rios, virão com mais facilidade á nossa sujeição. Ellas e toda a Capitania receberão os influxos do ouro na povoação e cultura.

§. 174. Sendo porém certo que o ouro tanto influe na povoação e cultura, quanto se detem girando pelo corpo, que anima, e promove: elle não poderá influir do mesmo modo, se passar sem demora a outras Capitanias; passagem, que será mais ou menos rapida, conforme a natureza do equivalente, e se for em generos da primeira necessidade, será sobre todas a mais violenta e instantanea.

Consideremos agora a todas as Capitanias relativamente á Metropole: se nós nos persuadirmos que só no ouro consistem as pertençoens, que nellas tem a Metropole, acharemos ser indifferente a sua extracção por esta, ou aquella Capitania; e que quanto mais rapidamente chegar o ouro á Metropole, mais se adiantarão os seus interesses, mas se nós nos persuadirmos, como devemos, que as pertençoens da Metropole não se restringem só ao ouro; e que ella interessa muito em que se promova a povoação, e cultura do Pará, tanto pela situação desta Capitania, como pela especialidade das suas producçoens, acharemos tambem que a instantanea passagem do ouro por esta Capitania he prejudicial aos progressos da sua povoação, e cultura, e que este dano e prejuizo não se repara tornando a Metropole ao Pará o ouro, que lhe tirarão as outras Capitanias, se a mesma Metropole o tem outra vez de receber pelas ditas Capitanias; porque he evidente que neste circulo o ouro não se detem no Pará, onde não póde influir sem demora, e que o Pará perde todos os influxos, que receberia do ouro, se o tempo, em que gira por todas as Capitanias, vai á Metropole, e torna ao Pará, se detivesse girando

pela mesma Capitania, até sahir directamente para a Metropole.

§. 175. Isto he o que está ha tres annos acontecendo no Pará com a passagem, que pelo equivalente das carnes secas está fazendo o ouro por mãos dos commerciantes da Bahia, Pernambuco, e Rio de Janeiro para as ditas Capitanias, pelos portos da Parnaiba e Seará, donde não póde tornar ao Pará. Virão-se sahir ha dois annos borrachas de ouro no mesmo estado, em que tinhão descido do Matto Grosso. E que influxo recebeu deste ouro a Capitania do Pará? O mesmo que recebe de quasi vinte e cinco contos de reis, que tem por este commercio extrahido della as referidas Capitanias. E esta he toda a força da razão, que no principio do Capitulo 6. dissemos ser attendivel para a execução do projecto.

§. 176. Sendo pois, por quanto fica dito e demonstrado, necessario estabelecer nesta Capitania communicaçoens pelo interior com as outras Capitanias, para que ella como voluntaria e insensivelmente floreça trazendo a si das ditas Capitanias não só a concurrencia de habitantes, mas tambem o ouro:

Sendo necessario applicar os meios, que evitem a instantanea passagem do ouro pelo equivalente dos generos da primeira necessidade, como são as carnes secas:

E sendo tambem a execução do projecto não só o meio de estabelecer communicaçoens desta Capitania com todas as que a cercão do Sul para Est, mas sendo a dita execução (como já dissemos) o mesmo estabelecimento da criação do dito genero, fica tambem demonstrada a necessidade que ha da execução do projecto.

§. 177. E quando, executado este projecto, nós virmos principiar a girar da Capital para os Sertoens a troco da parte dos gados necessaria para a sua subsistencia, o dinheiro, e o ouro, que nella

entrar, e o virmos descer outra vez para a mesma Capital por equivalente das mercadorias da Metropole, com giros intrinsecos, influindo na povoação e cultura; quando a troco do superfluo dos mesmos gados, que, como dissemos no §. 29, terão a extracção commua com a freguezia de Pastos Bons para o Porto da Parnaiba, virmos entrar tambem nesta Capitania o dinheiro da Bahia e Rio de Janeiro, e utilisar-se com este equivalente á Metropole, que não exporta o referido genero:

Quando virmos tambem concorrer para esta Capitania, como ponderámos no §. 172, os habitantes das outras Capitanias, facilitar-se por ellas a communicação com Goyaz pelo rio Tocantins, augmentar-se a conquista das naçoens silvestres: Quando em fim virmos a esta Capitania como ligada e unida pelo interior ás Capitanias do Maranhão, Piauhi, e Goyaz, servindo-se, e utilisando-se pela communicação e commercio das forças das Capitanias do Brazil, das quaes existe em total separação: veremos tambem que por nenhum outro estabelecimento poderia esta Capitania ao mesmo tempo unir todos os fins ponderados, e que em todas as referidas vantagens se verifica nella o principio, pelo qual estabelecemos — que as Capitanias e povoaçoens do interior dos paizes, sendo dependentes das Capitanias da Marinha, e tendo com ellas communicação, concorrem para o augmento tanto intensivo como extensivo da povoação, cultura, e commercio das Capitanias da Marinha — assim como faltando as referidas vantagens, temos até agora visto verificar-se tambem nella o principio contrario.

Da Perlassa, e da Potassa.

HAvendo no Brazil tanto de que fazer cinzas, e sendo tão facil extrahir destas hum artigo de commercio chamado Perlassa, e depois de calcinado, Potassa; pareceu-me bem escrever a este respeito aquillo, que eu sei, o que talvez utilisará até que alguem escreva couza melhor.

A America do Norte exporta annualmente duzentas mil arrobas destes generos, Dantzick, Petersbourg, e o resto do Baltico quatrocentas mil pelo menos, aggregando o que sahe da Hungria, e outros lugares, não se póde avaliar a menos de hum milhão de arrobas, que entrão annualmente no commercio; o preço medio nos lugares do consumo pòde estimar-se a dois mil e quatrocentos reis; por tanto parece ser hum ramo de industria, a que se podem applicar algumas pessoas, e tanto mais facilmente que para obter a Perlassa não he precizo fazer previamente grandes despezas: algumas formas de barro como as que servem nos engenhos, e huma caldeira de ferro são todos os petrechos, que se necessitão para fazer este sal com muita facilidade; he verdade que huma fabrica em ponto grande será de algum custo, mas tambem será productiva em proporcão.

A Perlassa reduzida a Potassa pela calcinação he ingrediente de primeira necessidade para muitas fabricas, e para as operaçoens chimicas.

Definiçoens.

Todos sabem que a *Decoada* he o liquido, que resulta da filtração da agua pelas cinzas.

Perlassa he o residuo, que no fundo da caldeira deixa a decoada evaporada ao fogo, o qual

esfriando toma a apparencia de sal de differentes côres, segundo às cinzas, de que foi feita a decoada; o de côr amarellada he a melhor.

Potassa he este mesmo sal calcinado ao fogo, por cuja operação se torna esbranquiçado.

Este sal alkalino não se extrahe só das cinzas das plantas; muitas terras tem este sal, e algumas pedras tambem.

Todas as plantas tem mais ou menos deste sal, (exceptuando as que nascem em terrenos empapados de sal marinho, as quaes dão soda assim como o sal commum,) as ervas tem mais do que os arbustos, estes mais do que as arvores; as folhas dão mais do que os ramos, estes mais do que os troncos, que dão muito pouco: as raizes de Pinheiro dão alguma Perlassa: quanto mais amargo tiver a planta, tanto mais deste sal contém communmente.

Methodos simplices de fazer a Perlassa.

Tirada a decoada das cinzas, como se tira para servir nos engenhos, e para fazer sabão, &c. e conhecendo-se pelo acre do sabor que está bem forte, bote-se na caldeira, e faça-se evaporar, mexendo-se depois que principia a engrossar, para que se não pegue á caldeira; de tempo em tempo faça-se esfriar huma porção pequena, logo que coalhar facilmente está a Perlassa feita; procure-se que lhe não toque a humidade, embarrile-se, e está prompta para a venda: neste estado vale metade, e não he tão procurada como a Potassa, por isso que a calcinação he trabalhoza, e tem quebras.

Outro Methodo.

Tenha-se hum coche com alguns boracos em huma extremidade posto de sorte, que esta extre-

midade esteja sobre a caldeira; logo depois de ferver a decoada, com huma escumadeira tire-se do fundo o sal, que se vai depositando, e deite-se no coxe, d'onde escorre para a mesma caldeira; este sal assim feito he Perlassa feita d'outra sorte, e de melhor venda.

Não ha hum só Roceiro, que não possa cada dia fazer alguma Perlassa, e isto pela agencia até dos rapazes; do que póde tirar lucro vantajoso do emprego de bem modico capital: deve haver cuidado de fazer a evoporação em dias secos a fim de que a humidade não destrua o sal.

Methodo de fazer Perlassa, e Potassa, que poderá servir em huma fabrica grande.

Edificio.

Levantar-se-há huma caza com capacidade, e com pilares intermedios a fim de que não se precizem para formar o telhado madeiras de grandes dimensoens, como talvez inconsideradamente se uza nos engenhos: a grandeza, e figura da caza depende do local, e da extensão, que se quizer dar ao trabalho; havendo capacidade para hum fogão, supponhamos com duas caldeiras, para hum forno como o de cozer pão, para duas tinas grandes, e espaço para se menearem os trabalhadores, será a caza sufficiente; junto a esta deve haver outra para o Tanoeiro fazer os Barris, e se embarrilar a Perlassa, ou Potassa; esta ultima caza dividida, servirá a parte mais bem tapada para Almazem dos Barris promptos: hum edificio assim feito cuido que será sufficiente.

Das Tinas, e do modo de fazer Decoada em grande.

Tenhão-se duas Tinas de seis pés de altura e

de diametro proporcionado, as aduellas devem ter pelo menos quatro pollegadas de grosso embaixo, e huma e meia emcima, afim de que os arcos não corrão, e portanto que não gotejem facilmente; cada huma terá huma torneira quasi ao nivel do fundo; sobre este ponha-se huma camada de travessas de qualquer madeira branca, como suponhamos caixeta; despois outra de seixos bem lavados; mais acima pollegada e meia de carvão miudo, mas não em pó; (o carvão faz com que a Decoada saia mais clara;) sobre estas tres camadas, a das travessas, a dos seixos, e a do carvão, lance-se a cinza, de que se quer extrahir a Decoada, de sorte que fique palmo e meio da Tina por encher de agoa, que estará fervendo, lance-se sobre a cinza até que fiquem duas polegadas por encher; deixe-se a agoa duas horas na cinza, tire-se despois pela torneira, e torne-se a lançar sobre a cinza, esta operação deve repetir-se tres vezes; a ultima he decoada: depois deite-se agoa fria sobre a cinza, que se deixará estar vinte e quatro horas, ou mais; esta agoa serve para ferver depois, e para extrahir novas decoadas de novas cinzas.

Do que está dito se vê, que as duas tinas devem estar cada huma posta sobre hum tanque, que terá dois pés de fundo, ou ambas sobre hum, tanque, que terá tanto diametro, quanto tiverem as duas tinas.

Fornalhas para a evaporação da decoada.

A construção de fornalhas para evaporar os liquidos com pouco fogo he já sabida por alguns; no engenho da Oitreira acha-se hoje huma feita, que póde servir de modello para todas; eis-aqui huma breve descripção.

A fornalha deve servir de cinzeiro, de fogão, e de chaminé; sobre o fogão he que se assentão

as caldeiras: o cinzeiro, parte inferior da fornalha, deve ter porta com diametro igual ao da grelha, sobre que se faz o fogo; esta porta não deve estar exposta á corrente de ar muito violenta; no tecto do cinzeiro, que fica servindo de pavimento ao fogão, se assenta a grelha, sobre que se ha de fazer o fogo; a grelha, como se disse, deve ter tanta abertura, quanta he a da porta do cinzeiro; as barras de ferro, de que deve ser feita a grelha, estarão postas em cruz, ou horizontalmente, mas não pregadas humas nas outras; porque o ferro quente, ou frio, occupa differentes espaços.

Das Caldeiras.

As caldeiras, sendo de ferro coado, devem ter ao menos tres pés de diametro, e dois de fundo; a primeira se assentará de sorte, que o seu ponto central não corresponda ao centro da grelha, porém sim mais para dentro, de sorte que a chamma, que sobe primeiro verticalmente, toque o lado da caldeira, e vá depois rodeando-a, antes que passe á segunda: a segunda deve estar assentada em linha horizontal com a primeira; entre as duas se levantará huma parede, que tenha de grosso a largura de hum tijolo com huma abertura vertical, que chegue ao pavimento do fogão; por esta passagem vai o fogo de huma para outra caldeira; bastará, que a passagem tenha de largura a sexta parte do diametro da porta do cinzeiro: as caldeiras estarão assentadas de sorte, que tenhão livres das paredes duas terças partes.

Da Chaminé.

A chaminé terá a sua entrada junto aonde se une a segunda caldeira á parede; o seu diametro deve ser metade do diametro da porta do cinzeiro; a sua

figura será quadrada por ser a mais facil a construir; na parte superior, que deve apparecer por cima do telhado, se porá huma porta de dobradiças, de sorte que debaixo se abra, ou feixe, segundo convier mais, ou menos calor no fogão. Como o ar he quem alimenta muito o fogo, he vizivel, que pela porta do cinzeiro basta que entre tanto, quanto pòde passar pela grelha, e fogo, e que pela chaminé basta que saia a porção inflammada, de que já se não preciza, e tendo empregado nas caldeiras todo, ou quasi todo o calor.

O fogão terá a sua porta sempre fechada; serve para a introdução da lenha, e importa pouco que esteja vertical ou lateral á do cinzeiro.

Evaporação.

Opere-se, como se disse no modo simples de fazer a Perlassa.

Calcinação da Perlassa, e da Potassa.

Para operar a calcinação, far-se-ha hum forno como para cozer pão, com o maior diametro possivel, e a menor altura da abobeda; deve ter duas portas, por huma se fará o fogo, e estará sempre aberta, pela outra se ha de introduzir a Perlassa, e ajudar a calcinação; esta estará bem fechada em quanto se aquece o forno; huma vez quente, o que se conhece pela côr dos tijolos, puxe-se o brazido para a porta, e se continuará a fazer fogo alli, se se julgar precizo; pela outra porta então se introduz a Perlassa, a qual se seca, e muda para côr branca; haverá todo o cuidado de a mexer, e quando parecer que está seca, tire-se hum pedaço, que se quebrará; logo que appareça branca por dentro, está feita Potassa; que se embarrilará quanto antes, para que não apanhe humidade, que a decompoem ainda mais do que ao assucar.

Ha outros modos de construir os fornos para a calcinação, porém este, como já sabido, e facil, póde ser usado, até que se familiarize o modo de fazer os outros, que he mais complicado.

Em algumas par.es usão agoa de charcos, aonde tenhão apodrecido plantas, para fazer a decoada; he possivel que esta agoa esteja saturada de algum sal, com tudo parece-me, que os gazes desenvolvidos em tal cazo perjudicaráõ mais á saude dos que trabalharem na fabrica, do que utilisará o pouco sal, que renda.

As cinzas amontoadas por algum tempo antes de servirem, adquirem pela fermentação, segundo a opinião de alguns, mais facilidade em largar o sal; por tanto bom será ter sempre grande provisão de cinzas; he verdade, que outros dizem, que a Perlassa he menos pura.

Huma fabrica em ponto grande, póde ter huma ordem de caldeiras, como tem qualquer engenho.

As pessoas, que poderem, faráo bem, para provar, se a decoada tem sufficiente sal, de fazer uso do Aerometro; quando o de Baumé se mergulha entre doze, e quinze gràos, está a decoada bem saturada.

As cinzas, depois de tirada a decoada, nem por isso ficáo inuteis; são hum precioso estrume para as terras humidas, que se querem reduzir a pastos; servem para se fazerem copellas, ou copelhas, em que se funde o ouro; e partes iguaes destas cinzas, e de areia volcanica, sáo materiaes, de que se faz optimo vidro de garrafas ordinarias, sendo a areia volcanica composta de hum terço de areia quartzoza, e de dois de productos volcanicos.

MINERALOGIA.

Algumas observaçoens Barometricas, e Geognosticas, &c, feitas na Capitania de Minas Geraes por G. L. de E.

DEsde que cheguei ao Brazil, forão sempre os meus desejos visitar a Capitania de Minas Geraes, Provincia dos Estados da America, a mais digna da attenção de hum Mineralogista, e Geologista, pois que deu, desde o seu descobrimento, immensos cabedaes, em ouro, diamantes, e outras pedras preciosas; e de certo, ainda esconde maiores nos seus leitos antigos até agora intactos e desconhecidos (1).

O zelo, com que o actual Governador, o Excellentissimo Conde de Palma, se presta ao serviço do melhor dos Principes, e a bondade, com que procura esclarecer os Povos desta Capitania, sendo-lhes deste modo o mais util possivel, me tem facilitado extremamente os meus passos, e a este respeito nada me resta a dezejar. Seria objecto de huma extensa memoria, mas apenas poderei apresentar agora extractos de algumas observaçoens principaes, e conclusoens geraes.

Não será desagradavel ao Publico dizer eu alguma cousa da elevação desta Capitania sobre o nivel do mar, e do seu terreno Mineral, e Vegetal. Hum Viajante alguma cousa observador, logo que passar o Rio Paraibuna, na estrada do Rio de Janeiro para Minas, não deixará de conhecer, que, apezar dos frequentes morros, que sobe, e desce,

(1) O Quinto do ouro importou no anno de 1753 em 118 arrobas, e desde o descobrimento de Minas até o anno proximo passado, importou em mais de 6:895 arrobas, ou quasi 85 milhoens de cruzados. Hoje está reduzido a pouco mais de 20 arrobas por anno.

por pessimos caminhos, em fim se acha cada vez mais elevado, observação, que chega a ponto de certeza, combinando-se o estado do Barometro em diferentes lugares ao longo desta estrada. Deste meio he que me serví para levantar hum perfil exacto dos altos, e baixos dos terrenos.

Observei no Rio de Janeiro o estado medio de dous Barometros por espaço de hum anno, e sobre estas observaçoens calculei todas as seguintes, cujos resultados são.

O Ponto mais elevado da Serra dos Orgãos-pés	3606 (1)
Corrego Seco.	2405
Somidouro.	1838
Rio Paraiba, na passagem.	610

Huma altura pouco importante para hum rio, que corre ainda trinta, e mais legoas até a sua embocadura, e que se podia fazer navegavel com facilidade por este motivo; mais difficultoso se faz o Rio Paraibuna, que corre na sua passagam com huma queda de 890 pés, e conseguintemente, até onde se une ao Paraiba, com hum terço de rapidez mais, se corre por hum plano inclinado, e senão, cahe sobre grandes Cachoeiras, sendo a sua união com o Paraiba só 6 legoas distante do Registro.

Sobe-se agora consideravelmente para a

Vargem.	pés 1470
Juiz de Fora.	2040
Chapeo de Uvas.	2210
João Gomes.	2670
Serra da Mantiqueira.	3160

Esta Serra, faz huma das principaes divisoens nesta Capitania nos Reinos Mineral, e Vegetal; ella corre quasi de Sul a Norte, desde a Capitania de S. Paulo, e fórma huma consideravel Cordilhei-

(1) Todos estes calculos são feitos, segundo as graduaçoens dos meus Barometros em pés Inglezes.

ra debaixo de differentes nomes até Minas Novas, cujas vertentes para Este até o mar consistem de hum terreno montuoso, cheio das mais bellas florestas, e, segundo o estilo barbaro deste paiz, proprio para a cultura de grãos, e plantas. Parece-me que a decomposição das rochas primitivas, como são o Granito, Gneis, e Sienito, de que se achão formadas estas montanhas, e com algumas camadas de Pedra Horblendica, e Pedra Verde sobrepostas, produz em geral huma terra vegetal mais forte que as outras rochas secundarias: observação, que tambem já fiz por muitas vezes em Portugal.

O Terreno para Oest desta Cordilheira he mormente calvo, e com grandes planicies altas, cortadas de fundos Valles, e ornadas de altos morros isolados, cujas bordas unicamente são cobertas de alguns matos de pouca consideração. A terra vegetal he de pouca espessura, e sua base he de ordinario hum Chisto argiloso, Chisto Chlorites, camadas de manganez, e Pedra de Sabão; os morros altos consistem de pedra arenoza Chloritica, ou são montanhas ferreas; isto he minas de ferro micaceo, magnetico, e especular, com huma camada de mina de ferro vermelho sobrepostas.

Da Serra da Mantiqueira passa-se depois por huma planicie alta, e calva para a Borda do Campo. pés 3570

Barbacena. 3530

Gama. 3530

Queluz. 3130

Até Congonhas do Campo. 2800

Aqui são os confins da planicie, que está rodeada de altos morros, como o de — Deus te livre — braço da Cordilheira, que corre da Serra da Mantiqueira de L'Est a Oest; e a alta Serra de Tapanhuacanga, continuação de huma Cordilheira, que vem de Sabará. Atravessão-se muitos morros, e baixos até esta Villa onde está o Palacio dos Governadores em 3780

sobre o nivel do mar, ainda 174 pés acima do ponto mais elevado da Serra dos Orgãos.

Estando esta Villa n'huma posição tão alta, e cercada de montes ainda muito maiores, entre os quaes o escabroso Itacolomi se distingue com huma altura de 2000 pés sobre a Villa, e 5780 sobre o nivel do mar, he muito natural, que a temperatura esteja muito baixa, a athmosfera mui humida, assim como os ventos inconstantes.

Ha anno e meio, observei que o Thermometro de Fahrenheit não tem subido a 78°, nem descido a 54° nas horas, em que o sol passa pelo Meridiano. O Barometro se conservou sempre entre 26 — 564, e 26 — 90; huma differença de 0 — 474, que faz huma differença na altura, e baixa da athmosfera de 437 pés; o pezo, ou a elasticidade, he maior desde o mez de Maio até fim de Outubro, pela metade, do que desde Outubro por diante até o mez de Abril. Os Hygrometros de Deluc se conservão entre 60 e 80.°

Cabe agora dizer tambem alguma cousa sobre a força magnetica, que observei nesta Villa, com o Inclinatorio magnetico de Borda, que me deu em repetidas observaçoens no Rio de Janeiro huma inclinação da agulha marear para o Sul — 28° 44' 30'', e n'hum minuto 21 oscilaçoens verticaes. Nesta Villa achei a inclinação 29° 30', e 20 $\frac{1}{3}$, oscilaçoens n'hum minuto; huma differença de 46' 30'' mais na inclinação, e quasi 1 oscilação menos. E daqui se conclue que a força magnetica he maior em Villa Rica do que no Rio de Janeiro, e que ella está em certa proporção com a inclinação; assim como corresponde com as observaçoens do celebre Humbold, ser a inclinação para Oeste maior do que para L'Este.

Descendo-se de Villa Rica para o Ribeirão do Carmo abaixo até a barra do Rio Gualaxo ao pé de S. José, acha-se este lugar 1117 pés sobre o

nivel do mar, huma altura consideravel em tão pouca distancia do mar, que poem grandes dificuldades á navegação do Rio Doce, nome, que toma poucas legoas abaixo de S. José. Atravessando-se d'aqui algumas vinte legoas para o Norte os Rios do Peixe, Prata, Tanque, Santa Barbara, e mais outros menores, (sobre terreno primitivo de Granito, Gneis, e Chisto micaceo) encontra-se o Rio Santo Antonio, segundo braço principal do Rio Doce. Tambem neste se não apresentão melhores esperanças para a navegação, estando elle ao pé do Quartel de Cubas, penultimo destacamento da 1.ª divisão — 1165 pés sobre o nivel do mar. D'aqui para o Serro do Frio, por obscuros mattos habitados pelo antropophago Botecudo, se vai subindo pouco e pouco pelo Arrayal de Nossa Senhora do Porto de Guanhãs, que está 1965 pés sobre o nivil do mar, Serra do Quilombo 2955 pés, e Villa do Principe 3085 pes, Milho verde 3471, até Tejuco 3715 pés. Está este bello arrayal quasi no mesmo nivel de Villa Rica, e ambos quasi nos extremos oppostos de huma longa Cordilheira, na qual se destingue ao pé de Villa Rica, como já disse, o alto Itacolomi, e na visinhança de Tejuco a calva serra do Itambé, que he ao meu parecer ainda mais alta que o Itacolomi.

O coração do viajante fica desafogado, sahindo do triste, escuro, e fechado sertão do Rio Doce para os alegres campos da Villa do Principe, mas entristece-se com o aspecto esteril da Demarcação Diamantina. Montes crespos, e escabrosos, quasi sem terra vegetal alguma; rochedos de Grés elevados nas planicies altas, formando, ora pyramides, ora ruinas de castellos velhos, e outras figuras, ás quaes a imaginação facilmente dá alguma applicação, offerecem-se á vista de longe, e de perto.

Acho aqui proprio para notar que a Villa do Principe, segundo as minhas observaçoens, está 1°

8′ de longitude occidental do Rio de Janeiro, e 17° 38′ 40″ de latitude. Tejuco 1° 25′ 30″ de longitude, e 17° 13′ 20″ de latitude, huma differça consideravel das observaçoens dos Padres da Companhia, que pozerão Tejuco do Serro em 18° 13′ de latitude, assim como Villa Rica em 20° 21′ 7″ de latitude, quando se acha em 19° 52′ 15″ de latitude, e 1° 26′ de longitude do Rio de Janeiro.

Retrocedendo-se de Tejuco pelo caminho chamado de Matto dentro, passa-se sempre ao longo de huma grande cordilheira n'huma consideravel altura, que nunca he menor de 2000 pés, cujo ponto mais alto será a serra da Lapa, que dizem ser calcarea, em quanto as outras são de Granito, Gneis, e Grés, e nas baixas as formaçoens auriferas. Passa-se por differentes Arrayaes, como Parauna, Congonhas, Conceição, Morro de Gaspar Soares, e mais outros.

Cazas cahidas, outras fechadas sem moradores, e o estado de pobreza dos que ainda se achão, são provas da maior decadencia possivel: grandes escavaçoens, terras mechidas, e cascalhos amontoados em roda destas povoaçoens, são indicios da antiga opulencia, em que estiverão.

Hoje em dia dizem que já não ha ouro para desculpar a decadencia. Será verdade que agora se não encontre tanto á flor da terra como o que tirárão; mas outro tanto se achará, e ainda mais, onde os mineiros do Páiz nunca procurárão, nem sabem procurar.

Tomando-se da Fazenda de Domingos Affonso para Caeté, e Sabará, atravessa-se a grande cordilheira junto á fazenda do Arião, que está n'huma altura de 2785 pés. O paiz se torna mais calvo na outra banda da Serra; mas o que a natureza destribuio mesquinhamente no reino vegetal, parece ter supprido com abundancia no reino mineral. Nestes

districtos se tem achado as mais ricas minas de ouro, entre as quaes se tem distinguido principalmente a de Felix Pereira, que deu tambem o grande, e magnifico exemplar de ouro maciço, e cristalizado, que se achava no Real Muzeo da Ajuda em Belem. Examinei a dita mina, que está inteiramente abandonada; vi com espanto só hum buraco cheio d'agoa, que me disserão, segundo me parece, tinha 150 palmos de fundo, e donde havião tirado todas as riquezas, mas que se não continuara por não haver meios de tirar as agoas, e por falta do ar para a respiração (que miseria !).

A Villa do Sabará está n'huma altura de 2300 pés sobre o nivel do mar, altura consideravel, mas, não obstante isso, estando ella situada, e rodeada de montes calvos, o calor vem a ser bem forte, de modo que em 7 de Novembro de 1811 de manhã antes das 7 horas o Thermometro de Fahreneit estava em 74°.

Além da margem esquerda do Rio das Velhas corre outra cordilheira debaixo do nome de Serra do Curral d'ElRei, pelo Sul, interrompida pelo Rio Paraupeba, e corre depois debaixo do nome de Serra de Ititiaiaçu até a Capitania de S. Paulo.

Desta cordilheira para Oeste he o paiz plano, com poucos altos, e baixos, dos quaes se elevão em algumas partes morros, e montes isolados, como o de Matheus Leme, e os montes de Pitanguí. O Rio Paraopeba na ponte das Almorreimas tem huma queda até o nivel do mar de 2295 pés. O Arrayal das Bicas está 3095 elevado: Matheus Leme 2475: A Villa de Pitanguí 1985: Do alto da estrada sobre Pitanguí, goza-se huma das melhores vistas, que se póde ter diante: os olhos se estendem até não differençar a terra da athmosphera, que está sobre ella: fallo do extenso sertão do Rio de S. Francisco. Mais perto estão entre pequenas cordilheiras as bellas fazendas de S. Joanico, e Pompeo,

que de longe parecem amenos campos plantados, e rodeados de arvoredos e de fructos: e esta primeira vista me transportou á minha Patria.

A fantasia não fica porém muito tempo illudida; descendo-se para os Campos não se acha cousa, que se assemelhe a alguma cultura; pastos magros, e miseraveis arbustos, e de vez em quando meia duzia de cabeças de gado, que se encontra, he tudo o que se vê. Chamão a estas fazendas de crear, mas são tão grandes (como por ex. a do Pompeo, que tem 162 legoas quadradas) e em comparação tão limitada a creação, que não ha dez cabeças de gado para cada legoa quadrada.

Mas que bello paiz para a agricultura! que grandes povoaçoens não podião existir na visinhança do navegavel Rio de S. Francisco! Este Rio encravou-se profundamente na extensa planicie, obra do seu antigo curso, que accompanha as suas margens, e cujo terreno consiste de hum chisto argilloso secundario, mormente ferruginoso, e que passa em muitas partes a argilla chistosa corada por differentes gráos de oxidação. Na passagem do Rio de S. Francisco, deixando a Fazenda do Pompeo, achei a sua queda até o mar 1:655 pés, altura pouco importante para hum curso de mais de 300 legoas até a sua embocadura, logo que se construão barcos proprios para isso, e que se providenceem os incommodos dos transportes por terra, motivados pelo grande salto de Paulo Affonso. Hoje em dia, pobres, desgraçados pescadores, e vadios são os moradores das margens deste rio, dos quaes os primeiros vivem miseravelmente do peixe, e do pequeno negocio do sal, que vão buscar nas salinas, e os outros, cujo numero he mui grande, e que de ordinario são matadores refugiados para estes sertoens, vivem do furto do gado nas fazendas visinhas.

Passado o Rio de S. Francisco, para a mar-

gem esquerda se entra na nova demarcação Diamantina do Sertão do Indaiá, que verdadeiramente não se póde chamar sertão, visto que já se acha muito povoada a margem direita do Indaiá; a margem esquerda sim está ainda inteiramente despovoada. Pequenas Cordilheiras acompanhão os rios Indaiá, Borrachudo, Tiros, e Abaeté, que todos correm parallelamente, n'hum espaço de 14 legoas, para o Rio de S. Francisco, e que nascem da mais alta Cordilheira chamada — Matta da Corda. — Os Rios Indaiá, e Abaeté, com pouco trabalho, e despezas, podem tornar-se navegaveis, tendo só a pequena queda de 300 a 350 pés até o Rio de S. Francisco. Este terreno diamantino se distingue muito do do Serro Frio. A perspectiva differe inteiramente: lá os montes são escabrosos; aqui arredondados: lá a terra em geral he esteril; aqui fructifera; lá abundão pedras arenosas, ou grés; aqui quasi tudo he Chisto argilloso, poucas vezes pedra arenosa forma algumas cabeças; e além do Abaeté acha-se a formação de pedra calcarea grisea densa com o vieiro de galena, e boas esperanças de se formar aqui hum estabelecimento para fundir Chumbo, e extrahir-se a prata, que nelle se acha com bastante conta. São estas terras coroadas das mais bellas matas, e as margens do Abaeté dotadas dos melhores pastos. As florestas deste paiz, como na maior parte do Brasil, se distinguem muito das da Europa. Lá são mui simples, consistindo de Pinheiros, Sobreiros, ou Carvalhos inteiramente unidos segundo suas especies: aqui pelo contrario são as florestas mui compostas, de tal modo que n'hum espaço de poucas braças quadradas se encontrão cem arvores de differentes especies.

Eis-aqui, hum esqueleto das terras da Capitania, por onde passei; e torno agora a fazer algumas reflexoens sobre a mineração do ouro, e da decadencia das suas minas.

A apparencia do ouro nesta Capitania vem debaixo de differentes fórmas, ou em vieiros, ou camadas, ou empregando por toda a formação de montes auriferos, como principalmente a de huma argilla chistosa ferruginosa pouco endurecida, e nas terras de aluvião ou cascalho dos antigos, e presentes leitos dos rios. Há mais de hum seculo, que muitos mil braços tem sido occupados em extrahi-lo, e o mineiro estrangeiro viajante, que vem a este paiz em justas esperanças de ver grandes minas para observar o interior das montanhas; de vêr methodos vantajosos de minerar, methodos para segurar a mineração para o futuro, engenhos bem applicados, perfeição da apuração mechanica, e chimica do ouro; que espera ver veneraveis corporaçoens de mineiros, que vão de madrugada para os seus trabalhos, alternando os lugares com os seus cansados camaradas, recomendando-se primeiro, debaixo da direcção do Mestre das minas, as suas almas a Deos, de tudo isto nada vê absolutamente; debalde se procura por todas as partes. Vem-se montes arruinados; terras revolvidas; morros cahidos, e para cahir; calhaos amontoados; agoas turvas, e rios atterrados; vê-se nas chamadas lavras, rebanhos de escravos meio nús, muitas vezes cheios de fome, debaixo da disciplina de hum Feitor encostado a hum formidavel chicote, e nas visinhanças destas lavras poucos faiscadores, que aproveitão o que as agoas da lavra com sigo levão; vêm-se os braços e a cabeça do negro applicados como unica maquina, dando-se-lhe huma pesada alavanca, hum almocafe, e hum carumbé, com que trabalha; vê-se de vez em quando hum pesado rosario, unico engenho para esgotar as agoas, que os mineiros do paiz conhecem; poucas vezes se vê hum perguiçoso monjolo a soccar pedras, e mais raros são os engenhos de soccar com duas mãos.

Os vieiros em geral se podem dizer intactos;

a sua dureza os tem protegido. As camadas vêm-se mal tratadas, ou por pequenas minas mal dadas, que abatem logo, ou ficão cheias d'agoa, ou nas quaes falta em pouco espaço a respiração; ou por trabalhos de tallio aberto, ruina para todas as minas, e rios, que lhes ficão inferiores. O ouro empregnado nas formaçoens de terras não se aproveita pela maior parte: os antigos leitos dos rios vêm-se hoje sepultados 50 a 100 palmos debaixo da terra novamente conduzida, e depositada dos desmontes, por meio d'agoa, nas terras mais elevadas. Vê-se fazer as apuraçoens de hum modo para se lamentar: em fim se vê tudo o que se não esperava encontrar. Não se deve reconhecer n'hum mineiro do paiz, mais do que hum roubador, que sempre na esperança de tirar hoje, ou amanhã grandes riquezas, não se lembra de regular a sua mineração, para que os filhos, ou netos possão trabalhar, e continuar com as mesmas vantagens. He afferrado aos seus antigos costumes; e nenhuma cousa o póde dissuadir: — elle antes dará 200$000 reis para hum escravo, que se arrisca a morrer a manhã, do que 20, ou 30$ reis para hum engenho util, que lhe poupe 10 escravos: — elle empregará antes meia duzia de escravos, para acarretar terra á cabeça, do que mandará fazer hum carrinho de mão, com o qual huma só pessoa conduziria de huma vez o que conduzem os 6, assim se vêm muitas outras couzas dignas de compaixão.

Reflectindo sobre todas estas cousas, nenhuma pessoa formada na sciencia montanistica se admirará da decadencia das minas deste paiz. Os nacionaes dizem, por huma parte, que a falta de braços, carestia dos escravos, e por outra a falta de ouro, e a carestia do ferro, demandas sobre terras mineraes, pobreza, &c., são causas da decadencia das minas: tudo isto confesso terá alguma influencia nas actuaes circunstancias, mas não he o principal

objecto. Na ignorancia dos mineiros, e na falta de leis montanisticas adequadas he que se deve procurar toda a origem da actual miseria. Minas ainda abunda em ouro, e poucos paizes haverão no mundo, que se possão comparar com ella, basta dizer que os mais pequenos corregos, nos quaes se acha ouro, e que forão mil vezes mechidos, e remechidos, ainda sustentão muitos pobres, que de hum modo mais material o aproveitão. Minas algum dia ha de florecer, ainda mais do que tem florecido; ha de dar ainda mais ouro do que tem dado, logo que seus trabalhos não sejão feitos por escravos; logo que o mineiro estude, tome por exemplo outras naçoens, introduzindo methodo regular, trabalhando nos vieiros; seguindo as camadas; segurando as galerias, aproveitando as terras impregnadas; introduzindo, e applicando engenhos, e maquinas, e principalmente unindo-se em grandes sociedades mineiras, que devão trabalhar debaixo da Inspecção Regia, como se tem adoptado em outros paizes, onde particulares as explorão, e a isto he precizo accodir em tempo, para se não perder tudo.

Muito mais do que levo dito teria a dizer, se me permittisse o tempo, e se não receasse enfastiar; reservo por tanto para outra occasião as mais reflexoens, e concluo por agora asseverando que he este hum objecto assás digno da Real Attenção, e que sem duvida póde cooperar muito para o lustre da Nação, e prosperidade do Estado. Villa Rica 1.º de Novembro de 1813.

G. B. d' E.

Ensaio sobre algumas propriedades fysicas de differentes madeiras. Pelo Tenente General Carlos Antonio Napion.

OS Fysicos, que sabem unir a Theorica á Practica convém unanimamente que em geral se devem contemplar as consequencias, que se tirão das experiencias fysicas, como aproximaçoens do que he na realidade; mas convém tambem que estas aproximaçoens são preciosas para a practica; porque sem esta guia se não deixaria de cahir em grandes erros.

He debaixo desta consideração, que me atrevo a apresentar as experiencias seguintes sobre a força, e outras propriedades fysicas de differentes madeiras, e a pezar de que esteja impossibilitado de as levar a hum mais alto grão de exactidão, espero com tudo que ellas poderão ser de huma utilidade real para toda a casta de Architectos, e Constructores.

Se se considerar com effeito quantas circunstancias influem sobre as qualidades fysicas da madeira, e quanto tempo, trabalho, e despeza custarão ao celebre Buffon as experiencias desta natureza, que elle fez sómente sobre a madeira de Carvalho, he precizo confessar, que resta muito a dezejar sobre as experiencias, que eu apresento de tantas, e tão diversas qualidades de madeiras, das quaes 12 são da Europa, e as outras 24 d'America; mas a este respeito farei tambem observar, que poucos Fysicos na Europa se acharão em circunstancias tão favoraveis como Mr. de Buffon para emprehenderem experiencias, conforme elle fez, sobre muitas madeiras; e alem disto, como a maior parte das madeiras, que eu experimentei nos vem do Brazil, e algumas do Norte, me vi aqui na impossibilidade de emprehender procedimentos analogos aos que practicou Mr. de Buffon. Occupado porém na inspecção

das obras de hum Arcenal, aonde se trabalha continuamente em huma quantidade consideravel das ditas madeiras, era da minha obrigação examinar as suas qualidades fysicas, tanto quanto as circunstancias mo permettião, e a pezar de que me não tenha sido possivel alcançar todos os meios, e todas as noçoens necessarias para dar ás minhas experiencias hum maior grão d'exactidão, tenho com tudo conhecido em algumas, que ellas combinão com o que os operarios por huma dilatada practica tinhão observado sobre as qualidades de muitas especies de madeiras, e sobre as obras, a que as destinavão.

Huma das maiores duvidas, que podem ter sobre a utilidade destas experiencias, he a confusão, que reina na nomenclatura das madeiras, que vem do Brazil; por que, segundo me affirmão, ora vem de varias Capitanias madeiras differentes debaixo do mesmo nome, ora se lhe applicão cá na Europa denominaçoens differentes das que tem n'America, e tambem a mesma madeira terá differentes denominaçoens em diversas Capitanias, sem fallar das muitas variedades de madeiras, que ás vezes pertencem ao mesmo genero, e a que se dão differentes nomes, ou que se não distinguem bem entre si: mas a isto respondo: que, a pezar de todas estas difficuldades, o que interessa directamente á pratica he conhecer por ora as qualidades fysicas das madeiras, que nos vem do Brazil, e do Norte, debaixo dos nomes triviaes, porque se distinguem nos Arcenaes, sejão verdadeiros, ou falsos; além disto, como nas minhas experiencias tenho examinado não só a resistencia relativa, mas tambem varias muitas outras propriedades fysicas das mesmas madeiras, os Naturalistas poderão com o tempo, e com o soccorro destes caractéres, vir a descobrir se as madeiras, que eu examinei, tem as suas verdadeiras denominaçoens, ou se será precizo mudallas. Em fim creio, que a pezar de todas estas objecçoens, não deve-

mos deixar de continuar as nossas indagaçoens, sobre materiaes, que temos entre mãos, e dos quaes he precizo servir-mo-nos continuamente; e responderei a todos os que exigirem huma maior exacção: *Si quid novisti rectius istis candidus imperti, si non his utere mecum.*

Entre tanto o Coronel Carlos Julião, que tem feito hum estudo particular sobre as madeiras, e que possue huma rica collecção dellas, teve a bondade de prestar-se ás minhas instancias, e communicar-me algumas observaçoens interessantes a respeito de diversas madeiras, as quaes se acharáõ no fim desta memoria.

Nestas experiencias me ajudarão tambem os Officiaes da Companhia d' Artifices, não só na execução dellas; mas tambem no calculo, e redução dos mappas.

Para melhor examinar, e comparar entre si os resultados, que obtive nas minhas experiencias, arranjei-os todos em fórma de Mappa.

Na primeira columna do primeiro Mappa se indicão as forças respectivas das madeiras; isto he os pezos, que quebrarão os páos, postos em progressão crescente, e expressos em arrateis. A base de fractura destes páos era exactamente de huma pollegada em quadro, e a distancia entre os dois pontos, onde os ditos páos se apoiavão livremente, era de 33 pollegadas, e 7 linhas. Estes sarrafos erão cortados seguindo, quanto foi possivel, a direcção das fibras, e exactamente no meio se lhe punhão os pezos, marcando as flexas de curvatura por meio de huma regoa dividida em linhas disposta como se vê na primeira figura, que não exige explicação alguma. Estas mesmas flexas de curvatura marcadas no momento de se quebrarem os ditos sarrafos fórmão a segunda columna do primeiro Mappa.

A terceira encerra os pezos especificos de cada huma das madeiras examinadas com a balança hydros-

tatica. Nada omitti, que podesse contribuir para a possivel exacção destas experiencias. As balanças erão muito sensiveis, e sempre me servi de agoa destillada, estando o Thermometro de Reaumur entre 11 e 13 gráos acima do ponto da neve, que se derrete, e a altura do Barometro em 30 pollegadas Inglezas, pouco mais, ou menos.

Não sei se até agora tem havido alguem, que tenha feito experiencias sobre a rigeza relativa das madeiras, a pezar de que este conhecimento possa muitas vezes ser util na practica.

Na segunda figura MOP representa a maquina, de que me servi para achar a rigeza relativa das madeiras, que experimentei. He precizo que a grossura dos sarrafos *ed*, e a grossura da punção *z*, sejão reguladas de modo, que o maço de metal chumbado A, apoiando sobre o punção fique na posição horizontal.

O quadrante DCX póde levantar-se, e abaixar-se á vontade, por meio do parafuzo X, para pôr sempre em zero o ponteiro *n* D, quando o seu braço mais curto *nb* se apoia sobre a parte inferior do braço do martello.

O mechanismo *y*, que sustenta por meio de huma molla o maço levantado, he construido de modo, que se póde fixar em diversas alturas por meio de hum forte parafuzo de compressão; e puxando para si a molla, cahe o maço sobre o punção. He precizo por tanto ter a precaução de levantar antes o ponteiro e pollo na posição *n*C, com o parafuzo de compresão *u*, antes de deixar cahir o dito maço. Depois de se fazer a immersão torna-se a abaixar o ponteiro, e marcão-se os gráos, a que se elevou, e como estas immersoens conicas estão entre si na mesma razão dos cubos dos seus lados homologos, e que os eixos destas immersoens são representados pelos senos dos arcos indicados pelo ponteiro, segue-se que as ditas immersoens se-

vão proporcionaes aos cubos destes mesmos senos, que tomados em proporção inversa representarão as durezas relativas das differentes madeiras. He deste modo, que tem sido calculadas as ditas durezas relativas das madeiras da 4.ª columna: tendo-me servido das mesmas madeiras, que servirão nas experiencias sobre a força e tendo feito sobre as quatro faces lateraes de cada huma dellas huma immersão para tomar a media.

O Conhecimento da força com que os pregos estão pregados ás madeiras, em que se achão cravados, podendo servir tambem de alguma utilidade na practica, imaginei o aparelho ABCD, representado na figura 3.ª, por meio do qual se póde arrancar hum prego, que esteja cravado na madeira C*n*, servindo-se de pezos, que se vão pondo pouco a pouco em huma concha de balança E. A figura mostra o prego, de que me tenho servido em todas as experiencias, nas suas verdadeiras dimensoens. O comprimento *ai* da parte do dito prego, que entrava na madeira, era de tres linhas, e a sua maior grossura na parte superior *a* era de huma linha, e tres pontos em quadro. Pela construção do mesmo prego, se vê que não podia entrar na madeira, senão pelo seu comprimento *ai*; e que a cabeça *cc* servia de preza para ser atracado pelo tenaz, e arrancado pelos pezos postos sobre a concha da balança E.

Os numeros da 5.ª columna exprimem em arrateis os pezos, que foi precizo pôr sobre a dita concha da balança, para arrancar o dito prego das differentes madeiras experimentadas.

Para examinar se das minhas experiencias sobre a força relativa das madeiras se podião tirar consequencias applicaveis na pratica a madeiras de maiores dimensoens, fiz a experiencia sobre duas vigotas de pinho da terra de 5 ½ pollegadas em quadro, livremente sustentadas em dois pontos de apoio, que

se achavão na distancia de 19 palmos exactos entre si. Por meio destes dados, e do resultado da experiencia N.º 4, servindo-me da formula tirada da hypothese de Galileo (1), e de Leibnitz, achei pelo calculo, que as ditas vigotas devião suportar no meio do seu comprimento o pezo de 7ↀ835 libras; e procedendo a fazer a experiencia achei, que huma destas vigotas levou o pezo de 7ↀ038 libras e a outra de 6ↀ805 ditas antes de se quebrarem; de modo, que, tomando a media destas differenças, as sobreditas vigotas supportarão 914 libras menos do que dá o calculo, differença que não chega a ⅛ do pezo, que as mesmas vigotas deverião levar; mas se se considerar que he muito difficultozo achar páos das ditas dimensoens, que não tenhão alguns defeitos, e que pelo contrario para fazer as experiencias em pequeno, se escolherão sempre com mais facilidade sarrafos de alguma madeira sá, e mais bem cortada, segundo a direcção longitudinal das fibras; se se considerarem, torno a dizer, todas estas circunstancias, não devem admirar estas differenças para menos; tanto mais, que no calculo fiz abstracção do pezo das mesmas vigotas.

As differenças achadas entre os pezos, que dava o calculo e os que quebrarão as vigotas nas experiencias, que Mr. de Buffon fez em páos de 6 pollegadas em quadro, e de 12 a 14 pés de comprimento, não forão menores das que eu achei acima; comtudo o Author do 1.º Volume da Architectura da Encyclopedia Methodica diz a este respeito, que ,, Como nas obras de Carpinteria huma viga não deve nunca sustentar mais do terço do pezo, que he precizo para a quebrar, resulta que

m

(1) Veja-se a elegante demonstração desta formula na excellente obra de Mr. Girard intitulada *Traité Analytique de la Resistance des solides, et des solides d'égale resistence*, Paris 1798 pag. 10.

o calculo se póde seguir rigorosamente em todos os casos ,, (1).

Comparando os numeros da 1.ª Columna do 1.º mappa com os da 3.ª columna, ver-se-ha que em geral se póde dizer, que a força relativa das madeiras vai crescendo como os pezos especificos, a pezar de algumas excepçoens, que alli se observão, as quaes podem nascer as mais das vezes da disposição das fibras: confrontando v. g. a força do sobro com o seu pezo especifico, se póde deduzir, que a sua força he muito menor do que deveria ser; mas se se der attenção a que as fibras desta madeira são muito entrelaçadas, ver-se-ha a razão por que não póde supportar maior pezo.

A respeito do grão de elasticidade dos sarrafos de madeira se vê que não tem alguma analogia, (2) nem com a força, nem com o pezo especifico destas mesma madeiras; e os que quizerem achar a maior extensão de que são susceptiveis as fibras de cada huma das sobreditas madeiras experimentadas, poderão servir-se da formula $b = \sqrt{f^2 (r+s)^2 - f^2}$ dada pelo douto (3) Mr. Girard, onde a quantidade f indica o comprimento das fibras; r a sua maior extensão, e b a flecha de curvatura, observada nestas experiencias.

Examinando a columna dos pezos especificos se vê, que os das madeiras do Brazil são geralmente maiores que os das madeiras da Europa, e que muitos excedem o pezo especifico da agoa. Qual he pois a razão deste fenomeno? Certamente não he só o clima; porque muitas madeiras das Regioens Sep-

(1) Veja-se a Encyc. M. *Architecture* — Art. *bois* Tom. 1 pag. 294. Edic. de Liege.

(2) Isto deve provir de não terem a elasticidade proporcional á compressibilidade.

(3) No mesmo Tratado citado acima.

tentrionaes da America tem a mesma propriedade, como se póde ver nos mappas dos pezos especificos, feitos por muitos Fysicos, e principalmente nos de Mussembroek, e de Brisson. He verdade, que Mr. de Buffon dá o pezo especifico do carvalho maior que o da agoa; mas he preciso observar, que éste Author fez as suas experiencias sobre a madeira de carvalho ainda verde, como elle mesmo diz. He por tanto hum erro, que tem feito muitos Fysicos, e Mussembroek mesmo, de atribuir á madeira de carvalho hum pezo especifico tamanho, sem notarem, que isto se entende quando ella não está seca.

Por outras experiencias feitas em França (1) se achou que o pezo especifico da madeira de carvalho secca está para o da agoa :: 0,857:1,000, e pelas que se fizerão no Arcenal de Turim (2) o seu maior pezo especifico foi :: 0,912:1,000.

No 2.º mappa arranjei na 1.a columna as durezas relativas das madeiras em progressão, e vê-se que esta concorda pouco mais, ou menos com a dos pezos especificos, e tambem de algum modo com a adhesão relativa dos pregos.

Parece-me em fim admiravel, que hum prego com tão pequenas dimensoens, possa pregar-se em tantas madeiras com tamanha força.

Pela grande dureza, e resistencia, de que em geral são dotadas as madeiras do Brazil, se lhes deve dar sem duvida a preferencia em muitos casos ás madeiras da Europa; mas comtudo he precizo considerar que estas não são ordinariamente tão vidracentas, nem tão pezadas como as do Brazil; circunstancias, que algumas vezes fazem com que se prefirão para varias obras as madeiras da Europa.

(1) *Aide Memoire a l'usage des Off. d'Art. T.* 2 *pag.* 666.

(2) *Antoni Instit. Fysico-Mec.* T. 2.º pag. 440.

Observaçoens feitas pelo Coronel Carlos Julião, sobre algumas madeiras do Brazil.

N.º 5. *Oleo Amarello.*

O Oleo amarello, he huma arvore, que se acha
em quasi todos os districtos da nossa America. O
Oleo Caporaiba, e da Cupahiba com as variedades de
Vermelho, Branco, Pardo, Macho, e Oleo Fe-
mea, que he o Cupiiba. O Oleo amarello da Cupa-
hiba dá troncos de 80 palmos de alto, com 5 ditos
de diametro, e he huma das melhores madeiras pa-
ra qualquer obra, por ser incorruptivel, e muito
oleoza. Os Arsenaes fazem della hum grande con-
summo, serve no da Marinha para mastros, madres
de lemes, vaos, pranchoens, e mais obras do
mar; e no do Exercito para maquinas, engenhos,
reparos de Artilheria, coronhas de armas, e obras
de carros. Serve nos edificios para vigas, portas,
frechaes, e mais obras de cazas, e de Igrejas. Na
marcenaria serve para moveis preciosos, por ser bo-
nito, receber bom polimento, e ser de muita du-
ração.

N.º 7. *Mangue Bravo.*

Do Mangue Bravo os synonimos são Mangue
Guaparambo, e Guaparaiba. As variedades do Man-
gue são Mangue Sereibuno, ou Ceribuna, ou Ce-
reiba, estes tres não crescem muito. Ha o Mangue
Vermelho, o Çapateiro, o Branco, o Bastardo, e o
do Brejo; estes crescem a grande altura, assim co-
mo o Mangue Bravo, que chega a 90 palmos de
altura com 5 de diametro; e serve para taboa-
dos, Vigas, Caibros, páos apique, e de prumo,
pernas de machado, e cabos de ferramentas &c.

N.º 10. *Triptrapes.*

Do Carvalho do Norte, ou Triptrapes, ou Bordo do Hamel, se distinguem 23 variedades. A America Septentrional distingue 17, de que se servem os Naturaes na construcção dos seus Navios, e para estacarias. Ha Carvalhos na nossa America, que dão troncos de 40 palmos, e mais, com 4 de diametro. Ha o Cuticahem vermelho na nossa America, a que dão o nome de Carvalho, e he boa madeira.

N.º 12. *Cupiiba.*

A madeira de Cupiiba he huma das variedades do páo de oleo de Cupahiba, *veja-se oleo amarello.* He ao que chamão oleo femea, ou Cupiiba. Cresce á altura de 60 palmos, com 3 de diametro: ha na Bahia grande abundancia desta madeira, e he mais macia no lavrar, que a do oleo amarello, mas he sugeita ao caruncho, e por isso os naturaes a empregão só em taboados inferiores, e caixas para assucar.

N.º 13. *Vinhatico.*

O Vinhatico he huma arvore, que se acha em quasi todos os districtos da nossa America; e em alguns lhe dão o nome de Subigambuga, e em outros Aranhagato. Ha huma qualidade de vinhatico bravo, a que dão o nome de cacundá. O vinhatico he das maiores arvores do Brazil. Na Bahia se tem achado destas arvores de 100 palmos de circumferencia; mas ordinariamente são ocas por dentro. O vinhatico he incorruptivel dentro, e fora d'agoa, e a sua madeira differe conforme as especies, e o clima onde cresce, porém sobre todos os vinhaticos o melhor he o do Pará, que he sem duvida menos porozo, mais pezado, e muito oleozo, de cor de ocre. Dá taboados de extraordinaria largura. O Vi-

nhatico tem grande consummo nos Arsenaes, para a construcção dos reparos de Artilheria, e immensas obras semelhantes. No Brazil se servem do Vinhatico para canoas de hum só pedaço, serve para obras de mar, de cazas, e de marceneiro. O Vinhatico das Ilhas he mais claro, e he das melhores madeiras para moveis de cazas. Ha Vinhatico Amarello, Preto, Vermelho, e Bravo.

N.º 14. *Gurandirana.*

A Gurandirana, ou Gorandirana, he arvore da Bahia, que cresce pouco, e de que no Brazil não ha grande quantidade: a sua madeira he muito revessa, e por estas razoens he que julgo que se não faz grande uzo della.

N.º 15. *Murta.*

A Murta he arvore, que se acha em alguns districtos do Rio de Janeiro, e principalmente no Pará. Varía esta madeira no tamanho, cor, e consistencia, conforme o clima: as maiores chegão a 50 palmos de alto, com dois de diametro na parte superior do tronco; o póro he muito fechado, e recebe bem o polimento. Serve para obras de marcineiros; mas tem o defeito de não ser de muita duração; e serve tambem para vigas, frechaes, e cabos de ferramentas, e mais obras de cazas. A Murta brava pouco differe da precedente.

N.º 18. *Pequim*

O Pequim, ou Pequi, ou Piqui, he arvore muito grande, que cresce em varias partes da nossa America. As variedades são o Pequim Amarello, e Branco, o Vermelho, o Preto, e o Meri; o seu tronco chega a 80, e mais palmos de alto,

com a $\frac{3}{2}$ de diametro, e tem grande uzo nos Arsenaes. No da Marinha para construcçoens dos Navios, para curvas, chaves, taboados e madeiras de costado, e seus esgalhos para cavernas; e no do Exercito para falcas, pinas, &c.

N.º 19. *Louro.*

O Louro he madeira, que tem immensas variedades. Deixaremos os muitos Louros do nosso continente, de que a maior parte são arbustos: os que tem maior uzo nos Arsenaes são os da nossa America; assim como o Louro amarello, o branco, o preto, e o pardo, a que dão o nome de Lourotil, que he de grande elevação. Ha Louro macho, Inhahiba, Ingá, Giboia, de Cheiro, Batata, o Louro Salsafras, Barruga, Canella, e Louro Sabão. A maior parte destas variedades dão troncos muito grandes, e a sua madeira he muito macia, e facil de lavrar, leve, e na sua qualidade não desmerece do vinhatico; e delles se faz muito uso nos Arsenaes. No da Marinha para mastros, e vergas por ser muito grande e leve, e não quebrar facilmente. Dá excellente taboado para forros, barrotes, e linhas de cazas, e serve tambem para adoellas dos toneis, e pipas, e remedeia para remos. Ha Louro na Ilha da Madeira com igual prestimo.

N.º 20. *Caroba Vermelha.*

A Caroba Vermelha he arvore do Rio de Janeiro, que o seu tronco cresce 20 palmos com 1 de diametro, he ordinariamente poroza, e leve, e de pouca estimação. A que se experimentou he da Bahia, que achei hum tanto melhor, porém ignoro o seu prestimo nos Arsenaes.

N.º 21. *Landim.*

O Landim, ou Landy, he arvore de Santa Catharina: a sua madeira chega a 40 palmos de alto com 2 ½ de diametro na parte superior do tronco. Os Naturaes se servem della para mastros de embarcaçoens pequenas, vigas, caixas para assucar, canôas, e aduellas.

N.º 23. *Paroba.*

A Paroba, ou Uperoba, he huma das melhores madeiras, que se conhecem para toda a qualidade de obras; he muito macia no trabalhar, e se acha com abundancia, e facilidade em quasi todos os districtos do nosso Brazil. As variedades são Paroba amarella, amargosa, branca, miri, e a paroba vermelha; esta ultima dá troncos de 90 palmos de alto, com 3 de diametro, as mais parobas crescem de 20 palmos para cima conforme o terreno. Serve na construcção das Nãos em taboas de costado, cobertas, e forros dos Navios, e para muitas obras do mar. No Arcenal do Exercito tambem se faz grande consumo desta madeira, porque he empregada nos engenhos, maquinas, falcas dos reparos d'Artilheria, e obras de carros. Serve nos edificios para cossoeiras, vigas, pranchoens, esteios, e mais obras de cazas; e até serve para adoellas de seco, e de molhado.

N.º 24. *Araçá Piroca.*

O Araçá Piroca he arvore, que se acha em quasi todos os districtos do nosso Brazil, de que ha muitas variedades. Ha o araçá do campo, araçá dos grandes, miri, do mato, o araçá peri, e o da praia. Os maiores troncos d'Araçá são de 30 a 40 palmos de alto, com 2 de diametro, mas a

maior parte são mais pequenos. He madeira, que tem o poro muito fechado, e serve para mastros d'embarcaçoens pequenas, estacarias, cabos de ferramentas, caibros, frechaes, pernas de machados, e mais madeiramentos de cazas.

N.º 25. *Mangue.*

Desta madeira já se fez menção. Veja-se á setima experiencia do Mangue bravo.

N.º 26. *Páo Ferro.*

Ao Páo ferro nos nossos Brazis dão o nome de Ibiraeta, e Antenilha, e ha muita quantidade de madeiras, a que chamão páo ferro, que todas diferem na cor, e pezo, e algumas são tão leves, que se ignora a razão de lhes chamarem páo ferro; porém quasi todas as qualidades tem pouco uso; porque apezar da sua dureza he muito sujeito ao caruncho, e fica sendo pouco duravel. Ha porém huma qualidade de páo ferro, que he pardo escuro na côr, e tão pezado, que vai ao fundo d'agoa, e de que os Chinas se servem para ancoras das suas embarcaçoens, e este nos vem do Rio de Janeiro, do Districto de Guaratiba. Dá o seu tronco de 60 palmos, e mais de alto, com 2 ½ de diametro, e he o mais pezado. Serve para lanchas de levantar, pontes, vigas, frechaes, linhas de cazas, e carretas d'Artilheria, e serve na construcção dos navios para algumas peças.

N.º 27. *Gandaru.*

O Gandaru, ou Gondaru, he madeira fina, que serve para moveis de cazas, e obras delicadas de marcenaria.

N.º 28. *Roxo.*

O Roxo he madeira, de que ha varias especies differentes, ha roxo urubu, e barubu; estas são as de que se faz maior uzo nos Arcenaes, das quaes o tronco cresce a altura de 45 palmos, e mais, com 3 de diametro na parte superior. Estas madeiras nos vem da Paraiba, da Bahia, e do Rio de Janeiro, e servem na construcção das náos, para cintas, vaos, e outras peças semilhantes, e tambem para rodas de reparos d'Artilheria, varaes, &c., e verga bem; serve em toda a ordem de edificios para vigas, frechaes, &c., os mais roxos são madeiras finas, como o que nos vem do Pará, chamado roxo fino, que he empregado em obras delicadas de marcenaria, porque recebe hum brilhante polimento.

N.º 29. *Espinheiro,*

O Espinheiro, a que algumas especies dão o nome de Jauba, de Tapagiba, e de Tauba, em quasi todos os districtos da nossa America o ha amarello, branco, e bravo. O espinheiro amarello cresce a altura de 70 palmos, com 3 de diametro, e he excellente madeira para a construcção das náos, e para falcas de reparos d'Artilheria, obras de engenhos, ferramentas miudas de carpinteiros, e para qualquer obra de marcenaria.

N.º 30. *Angelim.*

O Angelim tem por synonimos, *Andirá*, *Andurababajari*, e ao Angelim amargoso chamão *Aracuy*. O Angelim he arvore muito grande, que se acha na maior parte dos Districtos da nossa America, que differe no seu tamanho, e forças, conforme as especies. As variedades são numerosas; porque ha o Angelim amarello, o urarema chamado

do coco, que he dos maiores, e dos mais fortes, e se emprega na construção, para cavername, e taboados grandes de costado. Ha o Angelim vermelho, o verdadeiro, e que tem maior uso para os reparos d'artilharia, e principalmente para raios de rodas. Ha o Angelim pintado, e Angelimnema, o Angelim branco do Pará, que cresce muito, e que serve aos naturaes para canôas. Ha o Angelim do campo, o pardo, que cresce pouco. Ha o Angelim pedra, o roza, o roxo, e o Angelim de tentos. Servem os Angelins para muitas obras nos Arcenaes, e para edificios, por ser madeira de muita duração.

N.º 31. *Secupira.*

A Secupira tem os synominos *Sipipira*, *Sepepira*, *Sucupira*, *Supipira*, as suas variedades são Secupira amarella, Acari, branca, do brejo, menor, parda, da praia, preta, e Secupira apés da horta. Ha tambem a Secupirana, e Secupiruna, e ainda que algumas variedades destas cheguem a 80 palmos de alto, a maior parte não passão de 20 até 40; porém quasi todas são corpolentas, e algumas com o diametro de 5 palmos. He a Secupira a melhor madeira, que se tem descoberto, para a construcção das náos, por soffrer bem a pregadura, ser tenaz, e incorruptivel n'agoa, e serve para cavernames, curvas, chaves, taboados, e madeiras de costado; a Secupira de miri da Parnaiba he das melhores madeiras, para a Architectura naval, por ser forte, rija, limpa, geitoza, e oleosa, e de maior duração do que as mais; no Arcenal do Exercito serve para cabos do rodame, carretas d'Artilheria, &c. serve tambem para obras de cazas, vigas, frechaes, esteios, &c.

N.° 32. *Morerengá.*

A' Morerenga dão-lhe os nomes de *Muserengue*, e *Mulerenga* : he arvore da Bahia, da qual a sua madeira he excellente, para obras de marcenaria.

N.° 33. *Rabuge.*

A Rabuge he huma madeira, de que se acha tão grande e diversa quantidade, que faz julgar que he nome generico, que varios carpinteiros dão a algumas madeiras revessas, e dificeis de lavrar, das quaes lhe não sabem os nomes, do Brazil não tenho recebido nenhuma com similhante nome, e tendo examinado isto, parece-me, que a maior parte são os jacarandátam, ou cabovento, com tudo he madeira, que tem consumo nos Arsenaes pelas suas qualidades, principalmente na construcção das náos.

N.° 34. *Itapicuro.*

O Itapicuro, ou Itapicura, ou Tapicura, ou Tupicuru, he arvore de Pernambuco, cuja madeira he excellente para obras de marceneiros, porque recebe hum bom polimento, e se não fora hum tanto poroza podia passar por madeira fiña: ignoro o seu prestimo nos arcenaes.

N.° 35. *Páo da Rainha.*

O Páo da Rainha, ou Madeira da Rainha, a que os Naturaes dão o nome de Itirápitanga, ou Brazilete, cresce a altura de 40 até 60 palmos, com 2 ½ de diametro, distinguem-se as suas variedades por branco, preto, macho, e femea; a sua madeira he fina, mas ainda que seja huma das melhores, e mais bonitas madeiras para marcenaria, como he cara, fica reservada para tinta.

N.° 36. *Arco Verde.*

O Arco Verde he arvore, que se acha na maior parte dos Districtos do nosso Brazil, onde lhe dão differentes nomes, conforme o lugar, o mais commum he Ipe, e em alguns districtos Guiraparíba, Urupari, e Talajupoca, no Maranhão Pimba, e Arapari, no disticto da Villa da Laguna Upeuna, ou arco de pipa: dão o nome de Ape, Assu, e ao arco de pipa preto Mariquitia; as suas variedades são immensas, porque, além do arco verde, ha o arco assu, de que ha troncos de 80 a 90 palmos de alto, com 3, e mais de diametro, ha arco de flor amarella, de flor felpuda, o arco do brejo Miri, do campo, de capoeira, arco molle, roxo, grande, &c., de que todas differem no seu tamanho, e consistencia, mas geralmente he constante ser huma das mais singulares, e das melhores madeiras do nosso Brazil, tanto pela sua duração, por não ser sujeita a caruncho, como pela resistencia, de que se faz hum grande consumo nos Arcenaes, principalmente no da marinha, onde he empregada nas quilhas, cadastes, mastros, vergas, taboados de costado, rodas de poleame, &c., e no do Exercito em toda a qualidade de engenhos, maquinas, carros de campanha, varaes, e eixos, reparos d'Artilheria, raios do rodame &c. nas obras de caza serve para vigas, frechaes, esteios, caibros, pernas de machados, páos a pique &c., e até he procurado para varas de lagares, em huma palavra serve para todas as obras, até onde chega o seu cumprimento, e grossura.

MAPPA 1.º

N.º	*Nomes triviaes das Madeiras.*	*Força das Madeiras.*	*Elasticidade.*	*Pezo Especifico.*	*Dureza.*	*Força dos pregos.*	*Observaçoens.*
1	Amieiro.	220 ¼	24	0,537	3,715	41,13	Das Rilvas.
2	Sobro.	224 ½	20	0,809	1,600	76,13	
3	Pinho de Riga (entre casca.)	236 ½	24	0,420	5,689	14,13	He o Sapin femelle dos Francezes.
4	Dito da Terra.	237 13/16	23	0,569	4,065	25,13	Pinheiro Bravo.
5	Oleo Amarello.	241 ¼	14	0,690	1,888	63,13	
6	Pinho da Pederneira.	254 23/32	28	0,657	3,192	29, 9	Do Pinhal de Leiria.
7	Mangue Bravo.	280 ¼	22	0,803	1,784	66,13	
8	Ulmo.	286 ¼	60	0,665	2,094	60, 1	
9	Castanho.	286 ¼	25	0,617	3,081	50, 9	De São Verão.
10	Triptrapes.	288 ¼	36	0,612	2,990	50, 5	
11	Pinho de Riga.	310 ¼	16	0,573	4,153	26, 5	Especie de Carvalho do Norte.
12	Cupiiba.	312 ¼	20	0,580	4,293	39, 5	He o Sapin Male dos Francezes.
13	Vinhatico.	316 ¼	27	0,672	3,044	51,13	
14	Gurandirana.	320 ¾	20	0,690	2,955	52,12	
15	Freixo.	326 ¼	40	0,823	1,385	70, 5	
16	Murta.	338 ¼	29	0,740	1,280	77,13	
17	Faia do Norte.	349 ¼	36	0,707	2,468	54,13	
18	Pequim.	356 ¼	27	0,822	1,407	29, 5	
19	Louro.	386 ¼	29	0,960	1,342	73,13	
20	Caroba Vermelha.	386 ¼	13	0,941	1,332	88,13	
21	Landim.	407 ¼	22	0,892	1,280	90,13	
22	Nogueira.	412 ¾	30	0,695			
23	Paroba.	424 ¾	28	0,786	1,697	66, 5	
24	Araçá Piroca.	443 ¼	17	0,988	0,642	91,13	
25	Mangue.	470 ¼	31	0,926	1,301	76, 5	
26	Pão ferro.	470 ¼	21	0,911	0,880	97, 9	
27	Gandara.	472 ½	19	1,108	0,617	129,13	
28	Roxo.	480 ¼	25	0,981	0,630	86,13	
29	Espinheiro.	484 ¼	18	0,846	1,396	70,13	
30	Agelim.	489 ¼	22	1,119	0,803	98, 1	
31	Secupira.	541 6/16	19	0,903	1,114	79, 9	
32	Morerenga.	568 ¼	17	1,076	0,897	112,13	
33	Rabuge.	605 ½	24	1,166	0,659	93, 5	
34	Itapicuro.	646 ¾	23	1,263	0,379		
35	Pão da Rainha.	784 ¼	26	1,040	0,675	134, 5	
36	Arco Verde.	808 ¼	22	1,215	0,623	109,13	

MAPPA 2.º

He o mesmo que o precedente, tendo na 3.ª caza a Dureza; na 4.ª a Elasticidade; na 5.ª a Força das Madeiras; na 6.ª o Pezo Especifico; na 7.ª a Força dos pregos.

LITTERATURA.

Epistola a Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor. Por Alfeno Cynthio.

COMO em teus hombros validos sustenhas,
Pai da Patria, João, o Luso Athlante,
O pezo desta vasta Monarquia:
E com providas leis, castos exemplos
Em paz, e sãos costumes, nos mantenhas:
Contra o publico bem eu peccaria,
Se com longo discurso nauseante
Te consumisse o tempo precioso,
Em que vais a fazer algum ditoso.
    Graças te damos, Principe excellente,
Fructo egregio do Ceo abençoado,
De arvore em mil virtudes florecente:
Graças te dá o povo ajoelhado,
As pias mãos a Jehová erguendo,
E alvoroçadas lagrimas vertendo
Pelos grandes perennes beneficios,
Mil e mil bens, que com a mão profusa,
Senhor, entornas sobre a gente Lusa.
    Os dotes da tua alma singulares,
Justiça imparcial, sabia clemencia,
Alto aviso, sollicita prudencia
Que para nosso bem véla contino,
Ha muito, amado Principe, te fazem,
Mais que o sangue Real, do throno dino.
Onde seguindo de José o rasto,
De inextinguivel luz, como Elle brilhas
Na esfera da honra venturosa estrella,
Accesa pela mão da vera Gloria,
Cantada pelas filhas da memoria.
    Mal soltas a lucifera carreira,
Alegrou-se o gentil merecimento,
E c'roouse de fausta amendoeira.

Surge a Sciencia, e prospera viceja,
Abrolhada de flores cento e cento.
Emmurchesce o fatuo pedantismo
Co'a folhuda ignorancia: a vesga inveja
As serpes arrepella da cabeça,
Em vão bramindo, ao ar as arremessa.
Deixemo-la raivar debalde. Em tanto
Conspicuo a tua orbita descreves,
Dissipando efficaz do Ceo sublime (1)
Com os teus rastos o nublado manto,
Em que se envolve o multiforme crime.
Seu hediondo vulto amostra ás claras;
E com o teu influxo em toda a parte
Brotão contra elle armigeras searas.
Graças aos teus desvelos! já seguro
O Cidadão pacifico vagueia;
E as nocturnas rapinas mais não teme.
Nem a calçada lubrica tenteia (2)

---

(1) Allude ao saudavel Decreto de 10 de Dezembro de 1801, da creação das Guardas Reaes da Policia, com o qual se obviou á desordem e perturbação, em que se achava esta Capital, por causa do enxame de ladroens, e assassinos, que mais e mais grassava: instaurando-se pelo sobredito Decreto o socego publico, de maneira que não tem que invejar presentemente ás Cidades mais bem policiadas. Providencia esta, que por si só (a não haver outras muitas dignas da nossa gratidão) bastava para immortalizar a Regencia do Nosso Augusto Principe.

(2) Como para se conseguirem os fins, que se propoz n'aquelle nunca assaz louvado Decreto, se fizesse indispensavel a concurrencia dos meios, que facilitassem a sua execução; Sua Alteza Real accompanhou immediatamente a sua publicação com duas efficacissimas Providencias, a illuminação, e a limpeza geral da Cidade: impondo de huma vez

Debaixo de medonha escuridade
A pudica donzella e a casta esposa (1),
Por cumprir co'os officios de amizade,
Ou com pio dever Religioso,
Com o cizudo Pai e o noivo ao lado,
Dos insultos brutaes caminha isenta
De lascivo mancebo dissoluto.
Já o uivo da morte não escuto, (2)
Que de horror me estremece e magoa interna,
Que ressoa na lobrega taverna,
Ou no vil lupanar do triste exangue

o

---

silencio ás mofas e dicterios dos estrangeiros a este respeito, e restaurando a moderna formosura, e nativa salubridade da Capital.

(1) Não se póde exprimir o auge de devassidão de costumes, a que chegara a mocidade desta Capital, pois não sómente de noite affrontavão com gracetas licenciosas, e ainda ás vezes enxovalhavão com acçoens da mais brutal sensualidade, a Donzella sizuda, e a Matrona honrada, até na presença de seu Pai, e Consorte; mas tambem de dia nos Templos, e respectivos adros, insultavão com as mesmas profanidades e torpezas, demasiando-se com maior escandalo aquella porção da Milicia, que se diz nobre, a quem conseguintemente incumbia o generoso dever, e pelo sangue, e pela profissão, de proteger e honrar a inerme delicadeza de hum sexo amavel. Graças ao Nosso Augusto Principe, que se vai d'entre nós extinguindo esta peste da decencia publica, que tanto importa aos Estados, que se conserve illesa e intemerata.

(2) Igualmente se deve á exacta disciplina daquelle Corpo, e á vigilancia do seu Chefe o desapparecerem as scenas horrorosas, que tão frequentes erão, de ferimentos e mortes nos prostibulos, e hospicios sordidos de Bacho, com armas curtas perpetrados.

Sobre o chão revolvendo-se em seu sangue,
Que murmurando aos borbotoens lhe mana
Do roto peito, ou do escalado ventre,
Por infame punhal, triadora chôpa.
Longe de nós: João assim o ordena,
Longe de nós te affasta, horrenda scena.
Assim o grande Alcides emulando,
E da Asia o domador invicto Bacho,
Principe eximio, sempre decantando
Pelas Rainhas do Helicon o paço;
Em lyra de ouro, em Apollineo verso;
A Capital de monstros purificas,
Como elles expurgarão o Universo.
Donde alcanção aquelle inclito nome,
Que ao tempo escapa, e á sua voraz fome.
Mas inda fulminar te resta hum monstro,
Parto do Averno, horror da Natureza,
Que as hydras, e os Pythoens vence em veneno,
D'Astréa o templo enchendo de torpeza,
Que voou co'a balança ao Ceo sereno,
Eu fallo de Centicepe trapaça,
Olha como amamenta feia raça!
A cega peita, o hibrico suborno,
Com a adherencia de impeto rompente,
Tortuosa calumnia serpentina,
A mentira versatil e impudente,
A prevaricação venal, traidora,
A vil cavillação crocodelina;
Co'a servil ambição devoradora!
Cem e cem fraudes de hediondo vulto,
Que á propriedade fazem crebro insulto.
Sobre o seu pedestal jamais constante,
Mas fugitiva sempre, e sempre errante.
Ah! que nas garras das crueis harpias
Vejo empolgada a minha avita herdade,
No seio da frondifera Ranhollas,
Resto das faldas dos Cintrenses montes.
Os viçosos pomares de aureas frutas;

As cristallinas e pequenos fontes,
Sombreadas de tremulos ulmeiros;
E os redondos floridos azereiros
Que nas suas aerias verdes grutas
Acolhem a sonora variedade
Dos doces rouxinoes, rolas gementes,
Quando as femeas nos ninhos vem jazentes.
Oh! parte de minha alma saudosa,
Do meu sensivel coração delicias!
Emquanto me surrio sorte ditosa,
Vos vistes inda infante o Vate Alfeno
Pagando grato as paternaes caricias:
Manso e manso soltando-se dos braços,
Estampar sobre o rustico terreno
Os seus primeiros vacillantes passos!
Vós depois vistes, mal em seu semblante
A juvenil lanugem lhe apontava,
Febo (por vos pospondo a lympha undante
Do Permesso mordaz, da frescos Tempe
Os fragrantes vergeis deliciosos,
E os auritos loureiros do arduo Pindo)
Nos seus misterios Febo inicia-lo,
E ao seu virgineo coro presenta-lo.
Thalia então, engrinaldada a coma
De madresilva, pompa das florestas,
Da flor do endro, que exhala doce aroma,
Campainhas azues, e da assucena;
Aos labios lhe applicou a tenue avena,
Com que outr'ora o Pastor do Sacro Mincio,
Resonando entre bastos arvoredos,
A corrente enfreou co'os seus accentos,
Fez as azas fechar aos roucos ventos.
Nella a Deosa lhe adestra os rudes dedos;
E para elle plantando hum verde louro,
Lhe entornou na risonha fantasia
O seu campestre armonico thesouro.
Dos hedorosos troncos vem subindo,
Das musgosas cavernas gotejantes

As Dryades e os Satyros saltantes,
Leves danças em torno delle urdindo.
Dos seus sons pendem Nymphas e Pastores;
As abelhas não zumbão entre as flores:
Té se me antolha do visinho bosque
Que do adunco nariz a Pan cahia
A colera severa, quando o ouvia.
    Vós o vistes então, que do regaço
Da Irman ao seu Calliope divina
O trasladava, e a frauta campesina
Trocando pela lira altisonante,
A' virtude e Heroismo consagrada;
As cordas d'ouro a ferir o ensina
Co' eburneo arco, e o spirito anelante
De gloria não vulgar, ardido voa
Pela estellante Olympica morada.
Onde com pasmo escuta, como entoa
Os hymnos immortaes perante Jove,
A Musa augusta, que as Esferas move.
Insolita armonia ávido bebe:
E ufano ouve que os Deoses soberanos
Ora encostados á nectarea meza,
Ora votando no Concilio augusto
Sobre a futura sorte dos humanos,
Entre si voar fazem alternados
Os numerosos sons articulados,
Que o estro ardente por maneira ignota
Por entre os seus melifluos labios brota.
    Oh! bosques paternaes, eu vos saudo.
Amenas hortas, laranjaes formosos,
Propicuos renascentes limoeiros:
Vós n'outro tempo mattos espinhosos,
E cascalho infeliz, brejos lodosos,
A's puras mãos de meus Avós devestes
O serdes hoje hospicios sussurrantes
Do almo Vertumno, de Pomona e Bacho.
Vós lhes deveis as lynfas murmurantes,
Em cuja riba os lassos caminhantes

Gozão do choupeiral o fresco opaco,
E sobre a relva entre as nativas flores
Os seus gados sesteião os Pastores:
Ou folgão de matar a sede ardente
Na crespa veia da sadia fonte.
Vós lhe deveis tambem a firme ponte,
Que sobreposta ao charco impervio soa
Co' as ferreas unhas dos ronceiros bois,
E co' o chiante carro, que o ar atroa.
De nada vos valeo o inaccessivel
Forte abrigo Real, que a seu despeito
Por entre elle se escoa o monstro horrivel:
Quando hum tempo presentes vos honrarão
E a par do tanque em roda florescente
Vossas linfas e fructos já gostarão
A nossa Augusta Mãi e Soberana,
O seu Regio Consorte, e o excellente
Principe D. José, ambos estrellas
No convexo do Impyreo refulgente;
E o nosso unico Amor, nossas Delicias,
João, Nome feliz e caro aos Lusos:
Já com o pezo do seu vasto Estado
Para allivio do espirito accurvado;
Já por dar tregoas ás perdizes varias,
Que pelas Cereaes campinas pascem,
Que em vão rufando com fulmineas azas
Para fugir os infalliveis damnos,
Com que as alcanção os certeiros canos,
Buscão sumir-se nas ethereas casas,
E eis semivivas com horrendo estoiro
As precipita do ar cruel pelouro.
    Florestas de meus Pais, vergeis avitos,
De longe vos saudo, e hum eterno....
Ah! que de dor a lingoa se entorpece,
E solluçoso pranto me suffoca!
Não, o termo fatal de despedida
Não posso articular, ao peito desce,
Se antes não morre na gelada boca....

Mas que improvisa luz no ar se accende,
Que atravez de atras nuvens do Desgosto
Sinto banhar-me o lagrimoso rosto,
E aos penetraes do coração descendo,
Delle a dor, e as tristezas afugenta,
E as murchas esperanças aviventa!
Já subito alvoroço me estremece . . .
Novo sangue girar nas veias sinto . . .
Ah! cobra animo, Alfeno, goza, e exulta.
Inda feliz serás. Inda. Não minto;
Se ao vate caro a Febo, acceito ás Musas,
Cysne canoro das ribeiras Lusas,
He dado ler no livro do Futuro,
Envolto em denso véo: o raio puro
Do Favor, que volveu a ti agora,
Do Soberano a Estrella bemfeitora,
A vindoura te augura immensa dita
De vires a cobrar a herdade avita.
Em pacifico porto então surgindo,
Apezar das procellas do impio Fado,
No seio da innocencia reclinado,
Velho plebeu acabarás contente,
Grato com as dulcissimas Camenas,
João sempre cantando, e o teu Mecenas.

ODE

Aos Annos do Illustrissimo e Excellentissimo Conde da Ponte, Governador e Capitão General da Capitania da Bahia.

Tu regere imperio populos, Romane, memento.
Virg. L. 6.

NO espaço immenso hum ser, que tudo póde,
Milhoens d'astros seméa, e providente
As diversas funçoens, os fins diversos
A cada qual prescreve.

Este, da propria luz enriquecido,
He dos corpos opacos firme centro,
Empresta-lhes calor e luzimento,
E sem cessar os pucha.

Estes em giro instavel revolvidos,
Reflectem liberaes quanto recebem:
Das ellipses tocando os varios pontos,
Que tem commum o fóco.

D'hum a abrazada cauda o povo aterra:
Olha brilha, e por seculos se esconde,
Tremem os astros, se de perto avistão
A curva não fechada.

Outros soes, muito longe collocados,
A grandeza consumem na distancia,
Da noite o manto tenebroso esmaltão
Sem o favor de Febo.

Tal dos Saldanhas o destino honroso:
Estes encarão de Neptuno a sanha,
Vem Eólo em furor volver ondas:
Não tremem, não desmaião.

Aquelles ouvem de Vulcano os raios,
E mais irosos ao combate voão:
Sobem ao muro em fendas mil aberto,
Arrombão bronzeas portas.

Qual em raza campina, peito a peito,
Braço a braço defende o patrio ninho,
Já dos rios engrossão as correntes
Co' o sangue dos imigos.

Qual as quinas levando a novos climas,
A selvages boçaes entrega a vida,
Qual, de Marte rival, a Lusa gloria
Sustenta denodado.

Hum tem na firme dextra o certo prumo
Da politica astuta entre os encolhos,
Outro o patrio esplendor conserva, e augmenta
Em brilhante congresso.

Tal o manso rebanho pastorêa,
Que o Chefe divinal lhe confiara.
Tal a *purpura* adorna mais sublime,
Qual a dourada mitra.

Mais liberal o fado te concede,
Generoso João, o alto destino
De menear o leme do governo
No Brazil venturoso.

Soltou o inferno os monstros furiosos,
A injustiça e a ambição, monstros sedentos
De sangue, estragos, de ruinas, mortes:
Tremem do mundo os pólos.

Emtanto o Bahiense socegado
Do teu possante braço vê pendente
De Themis a balança; vê na dextra
Brilhar bofdo ferro.

Trasborda o coração em doce gozo,
E seus votos fieis ao Ceo supplicão
Que o venturoso dia dos teus annos
Mil vezes se renove.

Bahia 4 de Dezembro de 1807.

M. F. A. G.

STATISTICA.

Mappa comparativo da população de S. Paulo nos annos de 1811, 1812, e 1813: e das alteraçoens, que soffreu aquella Capitania, depois de formado o mappa, copiado no N.º 3. da 1.ª Subscripção pag. 100 e seg.

O Numero das freguezias se acha neste periodo augmentado de 8; a saber — 5 na Comarca de S. Paulo: — 2 na de Paranaguá: — 1 na de Itú.

Na 1.ª as mudanças são: Cidade de S. Paulo 12; Mogy das Cruzes e Lorena 4, Taibaté e Jacarehy, 2; o que faz o referido augmento de 5.

Na Comarca do Paranaguá apparece a Villa de Coritiba com 3 freguezias: e Antonina com 2; tendo cada huma augmentado 1 freguezia: ao todo 2.

N. B. No Jornal citado lêa-se Lages, em vez de Lagos.

Na Comarca de Itú, Porto feliz se acha ter 3 freguezias, o que dá 1 de augmento.

Total das freguezias em 1811, 62, em 1813, 70.

População em 1813.

I. Comarca.

Brancos.		Pretos.		Pardos.	
H.	M.	H.	M.	H.	M.
31579	35517	1026 l.	1311 l.	11409 l.	13200 l.
		12476 c.	9882 c.	3108 c.	3275 c.
				Total.	122742

Nascerão 5387, Morrerão 2685: Cazamentos 1141.

II. Comarca.

Brancos.		Pretos.		Pardos.	
H.	M.	H.	M.	H.	M.
9289	10060	409 l.	533 l.	4024 l.	4617 l.
		2585 c.	2258 c.	1103 c.	1227 c.
				Total.	36104

Nascerão 1321 : Morrerão 657 : Cazamentos 644.

III. Comarca.

Brancos.		Pretos.		Pardos.	
H.	M.	H.	M.	H.	M.
12795	13725	336 l.	336 l.	5641 l.	5162 l.
		6206 c.	4196 c.	947 c.	968 c.
				Total.	50372

Nascerão 2372 : Morrerão 1109 : Cazamentos 681.

Resumo total.

	Livres	Cativos.
Brancos.	112964	
Pretos.	3951	37602
Pardos.	44053	10648
Soma.	160968	48250

Nascimentos.	9020
Cazamentos.	2466
Obitos.	4451

Comparação.

	Brancos.	Pretos.		Pardos.		
		Livr.	Cat.	Livr.	Cat.	Total.
1811.	105964	3899	34679	45163	10703	200408
1812.	109618	3750	35900	45408	10995	205667
1813.	112964	3951	37602	44053	10648	209218

Leis publicadas nesta Corte no 2.º Semestre de 1814.

19 *de Julho.*

ALvará, que Determina os limites do Termo da Villa da Campanha da Princeza; Cria as Villas de Santa Maria de Baependy, e de S. Carlos de Jacuhy; e Determina o territorio, que fica pertencendo ao Termo da Villa de S. João d'ElRei.

5 *de Agosto.*

Decreto de perdão aos Desertores dos differentes Corpos do Exercito do Brazil.

30 *do Dito.*

Alvará, erigindo a Povoação da Barra do Jardim na Capitania do Seará Grande, com a denominação de Villa de Santo Antonio do Jardim, Desmembrando-a do Termo da Villa do Crato, Creando as Justiças, e Officiaes necessarios; e Concedendo-lhe para seu patrimonio huma Sesmaria de huma legoa de terra em quadro, conjuncta ou separadamente.

16 *de Setembro.*

Alvará, ampliando o de 13 de Maio do anno passado, e Mandando elevar ao tresdobro as multas, penas a dinheiro, e taixas da Lei do Reino, e Dar outras providencias a fim de simplificar a administração da Justiça.

24 *do Dito.*

Alvará, concedendo ás dividas do Banco do Brazil o privilegio executivo para serem cobradas como dividas Fiscaes.

24 *de Outubro.*

Alvará, que manda pôr em effectiva execução as providencias a bem dos Orfãos desamparados estabelecidas no Regimento dos Juizes delles; Nomeando para Provedor Mór hum dos Desembargadores da Meza do Desembargo do Paço, e dando outras muitas providencias para o amparo e educação dos mesmos Orfãos.

10 *de Dezembro.*

Decreto, alliviando da imposição de 4800 reis, ordenada no Alvará de 20 de Outubro de 1812, todas as canoas de serviço particular e de pescaria, e declarando quaes ficão sujeitas á mesma imposição.

Continuação do Estado da athmosfera.

Novembre.

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
	Grãos.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
1	73	29	14		claro.
2	74		14	40	
3	79		11	42	
4	76		12	40	
5	82		10	40	pezado.
6	82		13	16	pezado, e chuvozo
7	78		13	40	claro.
8	75		14		
9	73		11		
10	76		11	40	
11	81		11	34	
12	80		11	22	
13	80		11	10	
14	84		11		
15	82		11	20	
16	81		11		
17	79		12	10	
18	77		12	4	
19	75		11	42	
20	79		11		
21	79		10	28	
22	84		7	20	chuva.
23	76		11	4	claro.
24	79		11	4	pezado.
25	78		11		choviscou.
26	79		9	38	
27	73		14	44	muita chuva.
28	71		15	4	claro.
29	73		14	4	
30	77½		13	38	

Dezembro.

Dia.	Ther. Grãos.	Bar. Psl.	Bar. Vint.	Bar. Mil.	Tempo.
1	77	29	11	16	chuvozo.
2	77		11		
3	77		10	16	
4	81		10		claro.
5	88		9	22	
6	81½		10	20	
7	79		10	30	chuvozo.
8	89		9	20	claro.
9	80		9	20	
10	81		9	10	
11	83		8	22	chuvozo trevoada.
12	79½		9		claro.
13	80		12	6	
14	80½		11	38	
15	79		9	40	
16	85½		10		
17	85		9	36	
18	83		13	20	chuvozo.
19	79½		13	10	
20	78		13		
21	78		13	40	
22	77		9	26	
23	81½		9	20	claro.
24	81		9	48	
25	82		10		
26	83		11	8	chuvozo.
27	82		11		
28	82½		11	6	
29	83		10	12	pezado.
30	82		10	40	
31	83		11	36	

INDICE.

Historia.

Topografia.

Mineralogia.

Litteratura.

STATISTICA.

INDICE GERAL DO PATRIOTA.

O primeiro n.º marca a Subscripção, o segundo o Numero, o terceiro a Pagina.

SCIENCIAS.

Mathematica.

Navegação, e Hydrographia.

Hydraulica.

Botanica e Agricultura.

Chimica.

Medicina.

Mineralogia.

ARTES.

LITTERATURA.

Grammatica.

Eloquencia.

Poesia.

HISTORIA.

Bibliographia.

POLITICA.

Statistica.

Commercio.